

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO



DIANA GABALDON



VISIT...

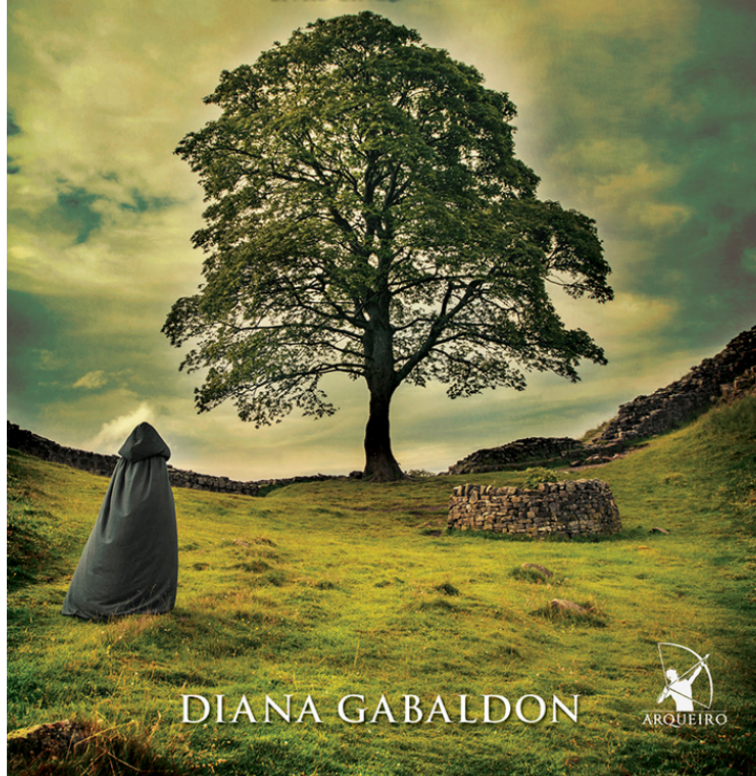
LANZAROTE
Caliente.COM

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO



DIANA GABALDON



A CRUZ DE FOGO

OUTLANDER  VOLUME V

Star Books Digital

Créditos

Tradução: Editora Rocco

Formatação:

Star Books Digital

A graphic element located below the text "Star Books Digital". It consists of a teal-colored horizontal bar that tapers at both ends, resembling an open book. To the right of this bar are two small, solid-colored squares: a purple one and a pink one.

*Este livro é para minha irmã,
Theresa Gabaldon,
para quem eu contei
as primeiras histórias.*

PARTE I

In Medias Res



A NOIVA EM QUEM BRILHA O SOL

*Mount Helicon Colônia Real da Carolina do Norte Final de Outubro de
1770*

Acordei com o barulho da chuva na lona, a sensação do beijo do meu primeiro marido nos lábios. Pisquei, desorientada, e por reflexo levei os dedos aos lábios. Para guardar a sensação ou para escondê-la?, perguntei-me, no mesmo momento em que o fazia.

Jamie remexeu-se e balbuciou em seu sono ao meu lado, o movimento levantando uma nova onda de aroma dos galhinhos de cedro embaixo da colcha sobre a qual dormíamos. Talvez a passagem do fantasma o tivesse perturbado. Franzi a testa para o ar vazio do lado de fora de nossa tenda. Vá embora, Frank, pensei severamente.

Ainda estava escuro lá fora, mas a neblina que se erguia da terra úmida era de um cinza perolado. O amanhecer não tardaria. Nada se movia, nem dentro, nem fora, mas eu tinha a nítida sensação de uma ironia divertida sobre a minha pele como um toque muito delicado.

Eu não deveria vir para vê-la se casar?

Eu não saberia dizer se as palavras haviam se formado em meus pensamentos ou se elas — e aquele beijo — eram simplesmente produto de meu próprio subconsciente. Eu adormecera pensando nos preparativos do casamento; não era de admirar que acordasse com sonhos sobre casamentos. E noites de núpcias.

Alisei a musselina amassada da minha combinação, desconfortavelmente consciente de que ela estava embolada em volta da minha cintura e de que minha pele estava afogueada não só pelo sono. Eu não me lembrava de nada concreto a respeito do sonho que me acordara; apenas um amontoado confuso de imagens e sensações. Achei que provavelmente fosse melhor assim.

Virei-me sobre as folhagens farfalhantes, aconchegando-me no corpo de Jamie. Ele estava quente e cheirava agradavelmente a fumaça de madeira e uísque, com um toque leve e subjacente de sonolenta masculinidade, como a nota grave de um acorde prolongado. Espreguicei-me, bem lentamente, arqueando as costas de modo que minha pélvis acomodasse seu quadril. Se ele estivesse profundamente adormecido ou pouco disposto, o gesto era bastante sutil para passar despercebido; se não estivesse...

Não estava. Ele sorriu levemente, os olhos ainda cerrados, e uma enorme mão deslizou devagar pelas minhas costas, parando em minha nádega com um aperto firme.

— Hummm? — murmurou. — Hummmm. — Suspirou e relaxou de novo em seu sono, sem soltar a mão.

Aninhei-me junto a ele, reconfortada. A reação física imediata de Jamie era mais do que suficiente para banir o toque de sonhos persistentes. E Frank — se realmente era Frank — tinha razão. Se tal coisa fosse possível, tenho certeza de que Bri iria querer seus dois pais em seu casamento.

Eu estava completamente acordada agora, mas confortável demais para me mover. Chovia lá fora; uma chuva leve, mas o ar estava frio e úmido o suficiente para tornar o aconchegante ninho de colchas mais convidativo do que a distante perspectiva de café quente. Particularmente, porque o café exigiria uma caminhada até o córrego para buscar água, avivar a pequena fogueira do acampamento — oh, meu Deus, a madeira estaria úmida, ainda que o fogo não tivesse se extinguido completamente, — moer os grãos de café num moedor de pedra e prepará-lo, enquanto o vento soprava folhas molhadas ao redor dos meus tornozelos e gotas caíam dos galhos de árvore deslizando pelo meu pescoço.

Estremecendo diante do pensamento, puxei a coberta sobre meus ombros nus e retomei o catálogo mental dos preparativos com o qual eu havia adormecido.

Comida, bebida... felizmente, eu não precisava me preocupar com isso. A tia de Jamie, Jocasta, cuidaria dos arranjos; ou melhor, seu mordomo negro, Ulysses, o faria. Convidados — nenhum problema com isso. Estávamos no meio da maior reunião de escoceses das Highlands nas colônias, e havia abundância de comida e bebida. Convites impressos não seriam necessários.

Bri teria um vestido novo, ao menos; presente de Jocasta, também. Lã azul-escura — a seda era cara demais e pouco prática para a vida no campo. Estava muito longe do cetim branco e das flores de laranjeira com que um dia eu a visualizara usando em seu casamento — mas, por outro lado, este certamente não era o tipo de casamento que alguém poderia ter imaginado na década de 1960.

Imaginei o que Frank teria pensado do marido de Brianna. Provavelmente o teria aprovado. Roger era um historiador — ou fora um dia — como o próprio Frank. Era inteligente e divertido, um músico talentoso e um homem amável, totalmente dedicado a Brianna e ao pequeno Jemmy.

O que de fato é muito admirável, pensei na direção da neblina,

considerando as circunstâncias.

Você admite isso, então? As palavras formaram-se no meu ouvido interno como se ele as tivesse pronunciado, ironicamente, zombando tanto de mim quanto de si mesmo.

Jamie franziu o cenho e apertou a mão em minha nádega, fazendo pequenos ruídos em seu sono.

Você sabe que sim, eu disse silenciosamente. Sempre admiti, e você sabe disso, portanto caia fora, está bem?!

Voltei as costas decididamente para o ar lá fora e pousei a cabeça no ombro de Jamie, buscando refúgio no linho macio e amarrado de sua camisa.

Eu achava que Jamie estava menos inclinado do que eu — ou talvez Frank — a reconhecer o mérito de Roger em aceitar Jemmy como seu próprio filho. Para Jamie, era apenas uma questão de dever; um homem honrado não poderia agir de outra forma. E eu sabia que ele tinha dúvidas quanto à capacidade de Roger de sustentar e proteger uma família nas terras selvagens da Carolina. Roger era alto, forte e capaz — mas "gorro, cinto e espada" eram tema de canções para Roger; para Jamie, eram instrumentos de trabalho.

A mão no meu traseiro comprimiu-se e eu me assustei.

— Sassenach — Jamie disse sonolentemente, — você está se contorcendo como um sapo na mão de um garoto. Você precisa se levantar e ir à privada?

— Ah, você está acordado — eu disse, sentindo-me ligeiramente tola.

— Agora estou — ele disse. A mão soltou-se e ele espreguiçou-se, gemendo. Seus pés descalços apontaram na outra extremidade da colcha, os dedos longos abrindo-se como um leque.

— Desculpe-me. Não pretendi acordá-lo.

— Ah, não se preocupe — tranquilizou-me. Limpou a garganta e passou a mão pelas madeixas ruivas de seus cabelos soltos, pestanejando. — Eu estava sonhando como um demônio; sempre acontece quando durmo com frio. — Levantou a cabeça e espreitou por cima da colcha, meneando os dedos dos pés com desagrado. — Por que eu não dormi com minhas meias?

— É mesmo? Com o que você estava sonhando? — perguntei, com uma pequena pontada de mal-estar. Esperava que ele não tivesse tido o mesmo tipo de sonho que eu.

— Cavalos — ele disse, para meu alívio imediato. Eu ri.

— Que tipo de sonhos demoníacos você poderia ter com cavalos?

— Ah, meu Deus, foi terrível. — Esfregou os olhos com ambos os punhos e sacudiu a cabeça, tentando tirar o sonho de sua mente. — Tinha a ver com reis irlandeses. Sabe o que Mackenzie estava dizendo sobre isso, junto à fogueira ontem à noite?

— Reis irlan... Ah! — Lembrei-me, e ri novamente com a lembrança. — Sim, sei.

Roger, entusiasmado com o triunfo de seu recente noivado, brindara o grupo reunido em torno da fogueira na noite anterior com canções, poemas e divertidas anedotas históricas — uma das quais dizia respeito aos rituais com que se dizia que os antigos reis irlandeses haviam sido coroados. Uma dessas envolvia o bem-sucedido candidato copular com uma égua branca diante da multidão reunida, presumivelmente para provar sua virilidade — embora eu particularmente achasse que seria uma prova maior ainda do sangfroid do cavaleiro.

— Eu era o responsável pelo cavalo — Jamie informou-me. — E tudo deu errado. O sujeito era baixo demais e eu tive que encontrar alguma coisa onde ele pudesse subir. Encontrei uma pedra, mas não consegui erguê-la. Depois, um banquinho, mas a perna saiu na minha mão. Então, tentei empilhar tijolos para fazer uma plataforma, mas eles esboroaram-se em areia. Finalmente, eles disseram que estava tudo bem, iriam simplesmente cortar as pernas da égua, e eu estava tentando impedi-los de fazer isso; o homem que deveria se tornar rei puxava as calças e se queixava de que os botões da braguilha não se abriam. Então alguém notou que a égua era preta e não poderia servir de maneira nenhuma.

Eu ri, abafando a risada nas dobras de sua camisa, com receio de acordar alguém acampado perto de nós.

— Foi então que você acordou?

— Não. Por alguma razão, eu fiquei muito ofendido com isso. Eu disse que serviria, sim, na realidade os cavalos pretos eram muito melhores, pois todo mundo sabia que os cavalos brancos tinham olhos fracos, e eu disse que a prole seria cega. E eles disseram não, não, o preto dava azar, e eu insistia que não, e... — Parou, limpando a garganta.

— E?

Deu de ombros e olhou de soslaio para mim, um leve rubor subindo pelo pescoço.

— Sim, bem. Eu disse que iria servir muito bem, que eu lhes mostraria. E eu acabava de agarrar os flancos da égua para imobilizá-la, e estava me preparando para... ah... me tornar o rei da Irlanda. Foi aí que eu acordei.

Resfoleguei, respirando ruidosamente, e senti o lado de seu corpo vibrar com seu próprio riso contido.

— Ah, agora eu realmente sinto muito por tê-lo acordado! — Enxuguei os olhos na ponta da colcha. — Tenho certeza de que foi uma grande perda para os irlandeses. Muito embora eu me pergunte como as rainhas da Irlanda se sentiam a respeito dessa cerimônia em particular — acrescentei, refletindo melhor.

— Não creio que as mulheres tenham sofrido — Jamie disse. — Apesar de ter ouvido falar de homens que preferem...

— Eu não estava pensando nisso — eu disse. — Referia-me mais às implicações de higiene, se entende o que quero dizer. Colocar a carroça na frente do cavalo é uma coisa, mas colocar o cavalo antes da rainha...

— O... ah, sim. — Ele estava corado com a risada, mas ficou ainda mais vermelho. — Você pode dizer o que quiser a respeito dos irlandeses, Sassenach, mas eu realmente acredito que eles se lavam de vez em quando. E nessas circunstâncias, o rei provavelmente até encontrou utilidade para um pouco de sabão no... no...

— In medias res? — sugeri. — Claro que não. Quero dizer, afinal, um cavalo é bem grande, relativamente falando...

— É uma questão de estar pronto, Sassenach, mais do que de espaço — ele disse, com um olhar repressivo em minha direção. — E posso compreender que um homem precise de um pouco de encorajamento nessas circunstâncias. Embora seja in medias res, de qualquer modo — acrescentou. — Nunca leu Horácio? Ou Aristóteles?

— Não. Nem todos podem ser cultos. E nunca tive muito tempo para Aristóteles, depois de saber que ele colocava as mulheres em algum lugar abaixo dos vermes em sua classificação do mundo natural.

— O sujeito não deve ter sido casado. — A mão de Jamie deslizou lentamente pelas minhas costas, tateando as vértebras de minha espinha dorsal por cima da combinação. — Ele certamente teria notado os ossos.

Sorri e ergui a mão até a sua maçã do rosto, projetando-se nitidamente acima de uma onda de pelos ruivos e espetados da barba por fazer.

Ao fazê-lo, vi que o céu lá fora havia se iluminado com o alvorecer; sua cabeça estava recortada em silhueta pela lona clara de nossa barraca, mas eu podia ver seu rosto claramente. Sua expressão lembrou-me exatamente por que ele havia tirado as meias na noite anterior. Infelizmente, estávamos tão cansados após as prolongadas

festividades que havíamos adormecido em meio ao nosso abraço.

Achei essa lembrança tardia bastante reconfortante, já que oferecia alguma explicação tanto para o estado da minha combinação quanto para os sonhos dos quais eu acordara. Ao mesmo tempo, senti um sopro de vento frio enfiar seus dedos por baixo da coberta e estremeci. Frank e Jamie eram homens muito diferentes e não havia nenhuma dúvida em minha mente quanto a quem havia me beijado, pouco antes de eu acordar.

— Beije-me — disse repentinamente a Jamie. Nenhum de nós havia escovado os dentes ainda, mas ele obedientemente tocou meus lábios com os seus, e depois, quando o segurei por trás da cabeça e o puxei para mim, mudou o peso do corpo sobre uma das mãos, a fim de melhor ajeitar o emaranhado de cobertas em torno de nossos membros inferiores.

— Oh! — exclamou, quando o soltei. Sorriu, os olhos azuis apertando-se em triângulos escuros na penumbra. — Bem, sem dúvida, Sassenach. Mas eu só preciso dar um pulo lá fora por um instante.

Atirou a colcha para trás e levantou-se. De minha posição no chão, eu tinha uma visão pouco ortodoxa que me proporcionava alentadores vislumbres por baixo da barra de sua comprida camisa de linho. Eu esperava que o que eu estava vendo não fosse o resultado prolongado de seu pesadelo, mas achei melhor não perguntar.

— É melhor se apressar — eu disse. — O dia está clareando, logo as pessoas estarão andando por aí.

Ele assentiu e abaixou a cabeça para sair. Fiquei deitada imóvel, ouvindo. Alguns pássaros trinavam debilmente a distância, mas estávamos no outono; nem mesmo a plena luz do dia provocaria os roucos coros da primavera e do verão. A montanha e seus inúmeros acampamentos ainda descansavam, mas eu já podia perceber pequenos movimentos ao redor, quase inaudíveis.

Passei os dedos pelos cabelos, ajeitando-os sobre os ombros, e rolei sobre o corpo, procurando a bilha de água. Sentindo um ar frio nas minhas costas, olhei por cima do ombro, mas o dia amanhecera e a neblina se desfizera; o ar lá fora estava cinzento, mas parado.

Toquei a aliança de ouro em minha mão esquerda, devolvida a mim na noite anterior, e ainda estranha após a longa ausência. Talvez tenha sido sua aliança que evocara Frank aos meus sonhos. Talvez esta noite, durante a cerimônia do casamento, eu a tocasse outra vez, deliberadamente, e esperasse que de algum modo ele pudesse ver a felicidade de sua filha através dos meus olhos. Por enquanto, entretanto, ele fora embora, e eu estava satisfeita com isso.

Um pequeno som, não mais alto do que os trinados distantes dos pássaros, flutuou pelo ar. O breve choro de um bebê acordando.

Em certa ocasião, eu pensara que, quaisquer que fossem as circunstâncias, na verdade não deveria haver mais do que duas pessoas na cama de um casal. Ainda pensava assim. Entretanto, era mais difícil afastar um bebê do que o fantasma de um antigo amante; a cama de Brianna e Roger devia forçosamente acomodar três.

A borda da lona levantou-se e o rosto de Jamie apareceu, agitado e alarmado.

— É melhor você se levantar e se vestir, Claire — ele disse. — Os soldados estão reunidos junto ao córrego. Onde estão minhas meias?

Sentei-me num salto, e lá embaixo da encosta da montanha os tambores começaram a soar.

Um nevoeiro frio espalhava-se como fumaça por todos os recantos. Uma nuvem havia se assentado sobre Mount Helicon como uma galinha zelosa sobre seu único ovo, e o ar estava denso de umidade. Pisquei os olhos, fitando a extensão de capim, até um destacamento do 672 regimento das Highlands ter se reunido em completo esplendor junto ao córrego, os tambores retumbando e a flauta assobiando, o flautista majestosamente impávido diante da chuva.

Eu estava com muito frio e mais do que ligeiramente irritada. Eu fora para a cama na expectativa de acordar para um lauto e quente café da manhã, a ser seguido por dois casamentos, três batizados, duas extrações de dente, a remoção de uma unha do pé infeccionada e outras formas divertidas e saudáveis de interação social regadas a uísque.

Em vez disso, fora acordada por sonhos perturbadores, levada a jogos amorosos e depois arrastada para um chuvisco frio in medias res, aparentemente para ouvir algum tipo de proclamação. Nada de café, tampouco.

Foi necessário um certo tempo para os escoceses em seus acampamentos levantarem-se e se arrastarem pela encosta abaixo, e o flautista já havia ficado roxo antes de finalmente soprar o último acorde e encerrar com um assobio dissonante. Os ecos ainda ressoavam na montanha quando o tenente Archibald Hayes deu um passo à frente de seus homens.

O sotaque anasalado típico de Fife do tenente Hayes era carregado pelo ar e o vento estava a seu favor. Ainda assim, eu tinha certeza de que as pessoas mais no alto da montanha podiam ouvir bem pouco. No entanto, parados ao pé da encosta, não estávamos a mais de vinte metros do tenente, e eu podia ouvir cada palavra, apesar da trepidação dos meus dentes.

— "De Sua Excelência, William Tryon, capitão-geral de Sua Majestade, governador e comandante-em-chefe da referida província" — Hayes lia, elevando a voz a um berro, para ser ouvida acima do barulho do vento e da água, e dos murmúrios premonitórios da multidão.

A umidade envolvia as árvores e as rochas em uma neblina gotejante, as nuvens lançavam uma chuva enregelada e intermitentes granizos, e ventos erráticos reduziram a temperatura em muitos graus. Minha perna esquerda, sensível ao frio, latejava no ponto onde eu tinha quebrado a tíbia havia dois anos. Uma pessoa dada a presságios e metáforas poderia se sentir tentada a fazer comparações entre o clima insuportável e a leitura da Proclamação do Governador, pensei — ambos igualmente frios e portadores de maus presságios.

— "Considerando que" — estrondou Hayes, olhando furiosamente para a multidão por cima de seu papel — "eu recebi informações de que um grande número de pessoas infames e desordeiras reuniu-se na cidade de Hillsborough, nos dias 24 e 25 do mês passado, durante a sessão do Tribunal Superior de Justiça daquele distrito, para se opor às justas medidas do governo e, em franca violação das leis de sua província, audaciosamente atacar os magistrados de Sua Majestade no desempenho de suas funções e barbaramente espancar e ferir diversas pessoas durante a sessão da referida Corte, bem como proferir enormes insultos e afrontas ao governo de Sua Majestade, cometer os mais violentos ultrajes às pessoas e propriedades dos habitantes da referida cidade, beber à danação de seu soberano legítimo, rei Jorge, e ao sucesso do Pretendente..."

Hayes parou, inspirando ar suficiente para a leitura da próxima cláusula. Inflando o peito com uma tragada de ar audível, ele continuou a leitura:

— "Para que as pessoas envolvidas nos referidos atos ilícitos possam ser levadas à Justiça, eu, por recomendação e consentimento do Conselho de Sua Majestade, público está Proclamação, exigindo e estritamente determinando a todos os juízes de paz de Sua Majestade neste governo que façam uma diligente investigação sobre os citados crimes e recebam o depoimento dessa pessoa ou pessoas, as quais deverão comparecer diante deles para prestar declarações e dar informações concernentes aos referidos crimes; tais depoimentos deverão ser transmitidos a mim, a fim de serem apresentados na Assembleia Geral, em New Bem, no próximo dia 30 de novembro, ficando a questão prorrogada até a data para despacho jurídico imediato."

Uma inalação final; a essa altura, o rosto de Hayes está quase tão roxo quanto o do flautista.

— "Publicada por mim, sob o Grande Selo da Província, em New Bem, no dia 18 de outubro do 10º ano do reinado de Sua Majestade, Anno Domini de 1110."

— Assinada, William Tryon — Hayes concluiu, com uma baforada final de vapor do seu hálito.

— Sabe — comentei com Jamie, — acho que tudo fazia parte de uma única frase, salvo o encerramento. Surpreendente, até mesmo para um político.

— Silêncio, Sassenach — ele disse, os olhos ainda fixos em Archie Hayes. Ouvia-se um abafado rumor da multidão atrás de mim, de interesse e consternação — com uma certa dose de humor diante do trecho referente a brindes traiçoeiros.

Esta era uma Assembleia de escoceses das Highlands, muitos deles exilados para as colônias no rastro do Levante dos Stuart, e caso Archie Hayes tivesse resolvido registrar oficialmente o que fora dito sobre as canecas de cerveja e uísque passadas de mão em mão ao redor das fogueiras na noite anterior... por outro lado, ele possuía apenas quarenta soldados com ele e, quaisquer que fossem suas opiniões pessoais do rei Jorge e da possível danação daquele monarca, sabiamente guardou-as para si.

Cerca de quatrocentos escoceses cercaram a pequena área de ocupação de Hayes na margem do córrego, convocados pelo toque dos tambores. Homens e mulheres abrigavam-se entre as árvores acima da clareira, xales e arisais apertados ao redor do corpo para se protegerem do vento crescente.

Eles também estavam reunindo seu próprio conselho, a julgar pelas fileiras de rostos graves e empedernidos visíveis sob cachecóis esvoaçantes, toucas e gorros. Claro, a expressão de seus rostos podia se dever ao frio tanto quanto a uma cautela natural; minhas próprias faces estavam rígidas, a ponta do meu nariz ficara dormente e desde o amanhecer eu não sentia os meus pés.

— Qualquer pessoa que desejar fazer uma declaração concernente a essas graves questões pode depositar essas declarações em minha confiança — Hayes anunciou, o rosto redondo impassivelmente oficial. — Permanecerei em minha tenda com meu funcionário pelo resto do dia. Deus salve o rei!

Ele entregou a Proclamação ao cabo, dispensou a multidão com uma reverência e virou-se vivamente para uma grande barraca de lona que fora erguida perto das árvores, os estandartes do regimento tremulando loucamente de uma base ao lado.

Tremendo, enfiei a mão por dentro da capa de Jamie e por cima da curva de seu braço, meus dedos frios confortados pelo calor de seu

corpo. Jamie apertou o cotovelo rapidamente junto à lateral do corpo, em reconhecimento do toque gelado de minha mão, mas não olhou para mim; ele estudava as costas de Archie Hayes se afastando, os olhos estreitados contra a aguilhoada do vento.

Um homem sólido e compacto, de altura irrelevante, mas de considerável presença, o tenente movia-se com grande deliberação, como se alheio à multidão na encosta da montanha. Ele desapareceu dentro de sua tenda, deixando a aba da porta convidativamente presa no alto.

Não pela primeira vez, relutantemente admirei os instintos políticos do governador Tryon. Esta Proclamação estava obviamente sendo lida nas cidades e vilarejos em toda a colônia; ele podia ter confiado a um magistrado ou xerife local para levar essa mensagem de fúria oficial a esta Assembleia. Em vez disso, deu-se ao trabalho de enviar Hayes.

Archibald Hayes lutara em Culloden ao lado do pai, aos doze anos de idade. Ferido em combate, fora capturado e enviado para o sul. Confrontado com a opção de ser exilado ou de se unir ao exército, aceitara o soldo do rei e fizera o melhor possível. O fato de ter subido a oficial com trinta e poucos anos, numa época em que a maioria dos postos era comprada e não conquistada, era testemunho suficiente de suas habilidades.

Ele era tão elegante quanto profissional; convidado a compartilhar nossa comida e fogueira na noite anterior, passara metade da noite conversando com Jamie — e a outra metade indo de fogueira em fogueira sob a égide da presença de Jamie, sendo apresentado aos chefes de todas as famílias importantes presentes.

E de quem fora essa ideia?, perguntei-me, olhando para Jamie. Seu nariz reto e comprido estava avermelhado pelo frio, os olhos, protegidos do vento, mas seu rosto não dava nenhuma pista do que ele estava pensando. E isso, pensei, era uma boa indicação de que ele estava pensando em algo perigoso. Ele teria sabido da Proclamação?

Nenhum oficial inglês, com uma tropa inglesa, poderia ter trazido tais notícias a uma Assembleia como está, com qualquer esperança de colaboração. Mas Hayes e seus escoceses das Highlands, robustos em seu tartã... não me passou despercebido o fato de que Hayes montara sua tenda com os fundos dando para um cerrado bosque de pinheiros; qualquer um que quisesse falar com o tenente em segredo poderia se aproximar pelo bosque, sem ser visto.

— Será que Hayes espera que alguém surja repentinamente da multidão, corra para sua tenda e se entregue no ato? — murmurei para Jamie. Eu pessoalmente sabia de pelo menos uma dúzia de

homens entre os presentes que haviam tomado parte nos tumultos de Hillsborough; três deles estavam à distância de um braço de nós.

Jamie viu a direção do meu olhar e colocou a mão sobre a minha, apertando-a num pedido silencioso de discrição. Olhei-o com contrariedade; certamente ele não podia achar que eu iria denunciar alguém inadvertidamente. Dirigiu um leve sorriso para mim e um daqueles irritantes olhares conjugais que diz, mais claramente do que palavras, você sabe como você é, Sassenach. Qualquer um que vê seu rosto sabe exatamente o que você está pensando.

Deslizei para mais perto dele e chutei-o discretamente no tornozelo. Eu podia ter um rosto transparente, mas certamente não levantaria comentários numa multidão como aquela! Ele nem piscou, mas o sorriso alargou-se um pouco mais. Ele enfiou um braço por dentro de minha capa e puxou-me para junto de si, a mão em minhas costas.

Hobson, MacLennan e Fowles estavam juntos bem à nossa frente, conversando baixinho entre si. Os três vinham de um minúsculo assentamento chamado Drunkard's Creek, a cerca de vinte e cinco quilômetros de nossa própria fazenda em Fraser's Ridge. Hugh Fowles era cunhado de Joe Hobson, e muito jovem, não mais do que vinte anos. Estava fazendo o possível para manter a calma, mas seu rosto ficara branco e suado enquanto a Proclamação era lida.

Eu não sabia o que Tryon pretendia fazer com alguém que comprovadamente participara do tumulto, mas eu podia sentir as correntes de intranquilidade criadas pela Proclamação do governador percorrendo a multidão como os turbilhões de água correndo pelas pedras no córrego próximo.

Vários prédios públicos haviam sido destruídos em Hillsborough e diversos funcionários arrastados para a rua e atacados. Diziam os boatos que um deles, ironicamente intitulado juiz de paz, perdera um olho com um golpe violento desferido com um chicote. Sem dúvida levando a sério essa demonstração de desobediência civil, o chefe do tribunal de justiça, juiz Henderson, escapou por uma janela e fugiu da cidade, assim efetivamente impedindo a sessão da Corte. Era evidente que o governador ficara muito aborrecido com o que acontecera em Hillsborough.

Joe Hobson olhou para trás, para Jamie, depois desviou o olhar. A presença do tenente Hayes em nossa fogueira na noite anterior não passara despercebida.

Se Jamie viu o olhar, não o devolveu. Encolheu os ombros, inclinando a cabeça para baixo para falar comigo.

— Não, não imagino que Hayes espere que alguém se entregue.

Deve ser seu dever pedir informações; graças a Deus que não é meu dever fornecê-las. — Ele não falara alto, apenas suficientemente alto para alcançar os ouvidos de Joe Hobson.

Hobson virou a cabeça e fez um breve aceno com a cabeça para Jamie, em sinal de irônico agradecimento. Ele tocou o braço de seu cunhado e eles se afastaram, galgando a encosta em direção aos acampamentos espalhados acima, onde as mulheres cuidavam do fogo e das crianças menores.

Era o último dia da Assembleia. Esta noite, haveria casamentos e batizados, a bênção formal do amor e de seus frutos barulhentos, concebidos pela multidão que não frequentara uma igreja no ano anterior. Depois as últimas canções seriam entoadas, as últimas histórias narradas e haveria dança em meio às chamas saltitantes das inúmeras fogueiras — com ou sem chuva. Pela manhã, os escoceses e suas comitivas domésticas se dispersariam, de volta aos seus lares, espalhadas das margens colonizadas do rio Cape Fear até as montanhas selvagens a oeste — levando a notícia da Proclamação do governador e dos acontecimentos em Hillsborough.

Contorci os dedos dentro dos meus sapatos molhados e me perguntei apreensivamente quem entre a multidão acharia seu dever atender ao convite de Hayes à confissão ou incriminação. Não Jamie, certamente. Mas outros, talvez. Muita gente andara se vangloriando sobre os tumultos em Hillsborough durante a semana da Assembleia. Mas nem todos os ouvintes estavam dispostos a ver os desordeiros como heróis, de modo algum.

Eu podia sentir, assim como ouvir, o murmúrio de conversas irrompendo no rastro da Proclamação; cabeças se virando, famílias se reunindo, homens indo de grupo em grupo, conforme o conteúdo do discurso de Hayes era transmitido para cima da encosta, repetido para aqueles que estavam distantes demais para ouvir.

— Vamos? Ainda há muito o que fazer antes dos casamentos.

— Sim? — Jamie olhou para mim. — Pensei que os escravos de Jocasta estavam cuidando da comida e da bebida. Dei a Ulysses os barris de uísque, ele será soghan.

— Ulysses? Ele trouxe sua peruca? — Sorri diante da ideia. O soghan era o homem responsável pela distribuição da comida e da bebida em um casamento das Highlands; o termo na verdade significava algo como "camarada amável e jovial". Ulysses era provavelmente a pessoa mais digna que eu já vira — mesmo sem seu uniforme e peruca de crina de cavalo, coberta de pó de arroz.

— Se trouxe, é provável que esteja grudada em sua cabeça até a tarde. — Jamie ergueu os olhos para o céu carregado e sacudiu a

cabeça. — Feliz a noiva em quem brilha o sol — citou. — Feliz o cadáver em que a chuva cai.

— Isso é o que eu gosto nos escoceses — eu disse secamente. — Um provérbio adequado para todas as ocasiões. Não ouse dizer isso diante de Bri.

— Quem você pensa que eu sou, Sassenach? — ele perguntou, lançando-me um meio sorriso. — Eu sou o pai dela, não?

— Definitivamente, sim. — Reprimi o pensamento repentino sobre o outro pai de Brianna e olhei por cima do ombro, para me certificar de que ela não estivesse ouvindo.

Não havia nenhum sinal de sua chamejante cabeleira entre as pessoas próximas. Sem dúvida, era filha de seu pai, com seu um metro e oitenta, descalça; quase tão fácil de identificar em uma multidão quanto seu pai.

— De qualquer forma, não é com a festa de casamento que eu tenho que lidar — eu disse, virando-me para Jamie. — Tenho que preparar o café da manhã, depois atender uns doentes com Murray MacLeod agora de manhã.

— Ah, é? Achei que você tinha dito que o pequeno Murray era um charlatão.

— Eu disse que ele era ignorante, teimoso e uma ameaça à saúde pública — eu o corriji. — Não é a mesma coisa... quase.

— Quase — Jamie disse, rindo. — Você pretende educá-lo, então, ou... envenená-lo?

— O que for mais eficaz. No mínimo, posso pisar acidentalmente em sua lanceta e quebrá-la; provavelmente é a única maneira de fazê-lo parar de sangrar as pessoas. Mas vamos embora logo, estou congelando!

— Sim, vamos, então — Jamie concordou, com um olhar na direção dos soldados, ainda em formação ao longo da margem do rio, em posição de descanso. — Sem dúvida, o pequeno Archie pretende manter seus rapazes ali até o pessoal ir embora; eles estão ficando um pouco azulados nas extremidades.

Embora completamente armados e uniformizados, a fileira de escoceses das Highlands estava relaxada; imponentes, sem dúvida, porém não mais ameaçadores. Alguns garotos — e não poucas meninas — saltitavam de um lado para o outro entre eles, impudentemente dando um peteleco na barra dos kilts dos soldados ou arremetendo-se, com grande ousadia, para tocar os reluzentes mosquetes, os cantis pendurados e os punhos das espadas e adagas.

— Abel, a charaid! — Jamie parara para cumprimentar o último

dos homens de Drunkard's Creek. — Já comeu hoje?

MacLennan não levava sua mulher à Assembleia e, assim, comia onde pudesse. A multidão se dispersava ao nosso redor, mas ele se mantinha impassivelmente no lugar, segurando as pontas de um lenço de flanela vermelha protegendo sua cabeça calva contra os pingos da chuva. Provavelmente, esperando um convite para o café da manhã, pensei cinicamente.

Analisei sua compleição robusta e atarracada, mentalmente comparando seu possível consumo de ovos, mingau e torradas com os minguanes suprimidos em nossos cestos. Não que a simples escassez de alimentos fosse impedir um escocês das Highlands de oferecer hospitalidade — certamente não Jamie, que estava convidando MacLennan para se juntar a nós, enquanto eu mentalmente dividia dezoito ovos por nove pessoas em vez de oito. Não fritos, portanto; transformados em fritadas com batatas raladas, e era melhor eu pegar emprestado mais café no acampamento de Jocasta antes de continuar a subida da montanha.

Nos viramos para ir embora e a mão de Jamie deslizou repentinamente sobre meu traseiro. Emiti um som indignado em protesto e Abel MacLennan virou-se, olhando espantado para mim. Exibi um sorriso radiante para ele, resistindo à necessidade de chutar Jamie outra vez, de forma menos discreta.

MacLennan virou-se para o outro lado e começou a subir penosamente a encosta à nossa frente com vivacidade, as abas do casaco batendo nas calças surradas. Jamie segurou meu cotovelo para me ajudar a passar pelas pedras, inclinando-se ao fazê-lo para murmurar em meu ouvido.

— Por que diabos você não está usando anágua, Sassenach? — sussurrou. — Você não está usando nada por baixo da saia, vai morrer de frio!

— Nisso você tem razão — eu disse, tremendo apesar da minha capa. Eu, na verdade, usava uma combinação de linho sob o vestido, mas era uma peça fina, surrada, própria para acampar no verão, porém totalmente insuficiente para barrar as rajadas de vento gelado que sopravam através da minha saia como se ela fosse uma gaze de algodão.

— Você tinha uma boa anágua de lã ontem. O que aconteceu com ela?

— Não vai querer saber — assegurei-lhe.

Suas sobranceiras ergueram-se diante disso, mas antes de poder fazer novas perguntas, um grito soou atrás de nós.

— Germain!

Virei-me e vi uma cabecinha loura, os cabelos esvoaçando conforme o dono escorregava pela ladeira abaixo das pedras. Germain, de dois anos, aproveitara a preocupação de sua mãe com sua irmã recém-nascida para escapar de sua vigilância e disparar na direção da fileira de soldados. Evitando ser capturado, precipitou-se pela descida, ganhando velocidade como uma pedra rolando.

— Fergus! — Marsali gritou. O pai de Germain, ouvindo seu nome, virou-se de sua conversa, bem a tempo de ver seu filho tropeçar numa pedra e voar de cabeça. Um acrobata nato, o garotinho não fez nenhum movimento para se salvar, mas deixou-se cair graciosamente, encolhendo-se numa bola como um ouriço ao bater na ladeira coberta de capim com um dos ombros. Ele rolou como uma bala de canhão pelas fileiras de soldados, foi arremessado da borda de um ressalto de rocha e espatifou-se na água do riacho com uma grande profusão de respingos.

Ouviu-se um suspiro geral de consternação e diversas pessoas arremessaram-se ladeira abaixo para ajudar, mas um dos soldados já havia corrido para a margem. Ajoelhando-se, enfiou a ponta de sua baioneta pelas roupas flutuantes da criança e rebocou a trouxinha encharcada para a margem.

Fergus entrou correndo nas águas rasas e geladas, estendendo o braço para resgatar seu filho ensopado.

— Merci, mon ami, mille merci beaucoup — ele disse para o jovem soldado. — Et toi, toto — ele disse, dirigindo-se com uma pequena sacudidela ao seu rebento que arfava e cuspia. — Comment ça va, cabecinha de vento?

O soldado pareceu espantado, mas não sei se por causa do inigualável patois de Fergus ou da visão do gancho brilhante que ele usava no lugar da mão esquerda.

— Está tudo bem, senhor — ele disse, com um sorriso tímido. — Não sofreu nada, eu acho.

Brianna surgiu repentinamente de trás de uma amendoeira, o pequeno Jemmy de seis meses no ombro, e habilmente pegou o bebê Joan dos braços de Marsali.

— Aqui, me dê Joan — ela disse. — Vá cuidar de Germain.

Jamie tirou a pesada capa dos ombros e colocou-a nos braços de Marsali, no lugar do bebê.

— Sim, e diga ao rapaz que o salvou para vir comer em nossa fogueira — ele lhe disse. — Temos comida para mais um, Sassenach?

— Claro — eu disse, rapidamente refazendo meus cálculos mentais.

Dezoito ovos, quatro pães dormidos para fazer torradas — não, eu devia guardar um para a viagem de volta amanhã — três dúzias de bolachas de aveia, se Jamie e Roger já não as tivessem comido, meia jarra de mel...

O rosto fino de Marsali se iluminou com um sorriso constrangido, compartilhado entre nós três, e ela partiu apressada para socorrer seus homens encharcados e trêmulos.

Jamie ficou vendo-a se afastar com um suspiro de resignação, enquanto uma rajada de vento inflava as mangas largas de sua camisa com um sopro abafado. Ele cruzou os braços no peito, encolhendo os ombros contra o vento, e sorriu de esguelha para mim.

— Ah, bem. Acho que devemos nos congelar juntos, Sassenach. Mas tudo bem. Eu não iria mesmo querer viver sem você.

— Ah — eu disse afavelmente. — Você poderia viver num bloco de gelo flutuante, Jamie Fraser, e derretê-lo. O que fez com seu casaco e xale? — Ele não estava usando nada além do kilt e da camisa, salvo os sapatos e meias, e suas altas maçãs do rosto estavam vermelhas do frio, assim como as pontas de suas orelhas. No entanto, quando enfiei a mão na curva do seu braço, ele estava quente como sempre.

— Você não vai querer saber — ele disse, rindo. Cobriu minha mão com a palma grande e calejada. — Vamos, estou morrendo de fome.

— Espere — eu disse, soltando-me. Jemmy não estava disposto a compartilhar o abraço de sua mãe com o bebê recém-chegado e berrava e se contorcia em protesto, o rostinho redondo vermelho de fúria embaixo do gorro azul de tricô. Estendi os braços e tomei-o de Brianna, enquanto ele se torcia e empurrava as cobertas em que estava enrolado.

— Obrigada, mamãe. — Brianna sorriu brevemente, levantando a pequenina Joan para uma posição mais segura junto ao seu ombro. — Mas tem certeza de que quer esse aí? Esta é mais sossegada... e tem a metade do peso.

— Não, ele está bem. Calma, querido, venha com a vovó. — Sorri ao dizer isso, ainda com a sensação nova, um misto de surpresa e deslumbramento, de que eu pudesse realmente ser a avó de alguém. Reconhecendo-me, Jemmy abandonou sua tempestade em copo d'água e prontamente retomou sua rotina de mexilhão-agarrado-à-pedra, os dedos gorduchos agarrando com força aos meus cabelos. Soltando seus dedos, espregitei por cima de sua cabecinha, mas os acontecimentos lá embaixo pareciam sob controle.

Fergus, calças e meias encharcadas, a capa de Jamie ao redor dos ombros, torcia a frente de sua camisa com a única mão, dizendo alguma coisa ao soldado que resgatara Germain. Marsali arrancara seu

arisaíd e enrolara o menino nele, seus cabelos louros e soltos esvoaçando por baixo da touca como teias de aranha ao vento.

O tenente Hayes, atraído pelo barulho, espreitava pela aba da entrada de sua tenda como um caramujo de sua concha. Ele levantou os olhos e deparou-se com meu olhar; acenei brevemente, depois me virei para seguir minha própria família de volta ao nosso acampamento.

Jamie dizia alguma coisa a Brianna em gaélico, enquanto a ajudava a galgar uma parte pedregosa no caminho à minha frente.

— Sim, estou pronta — ela disse, respondendo em inglês. — Cadê seu casaco, papai?

— Eu o emprestei ao seu marido — ele disse. — Não vamos querer que ele pareça um mendigo no seu casamento, não é?

Bri riu, afastando da boca, com a mão livre, uma esvoaçante mecha de cabelos vermelhos.

— Melhor um mendigo do que um suicida.

— Um o quê? — Alcancei-os quando emergimos da proteção das rochas. O vento zunia pelo espaço aberto, metralhando-nos com pequenos granizos e afiadas lasquinhas de cascalho. Puxei o gorro tricotado de Jemmy ainda mais sobre suas orelhas, depois joguei o cobertor por cima de sua cabeça.

— Ufa! — Brianna arqueou-se sobre a trouxinha do bebê que carregava, protegendo-a da rajada de vento. — Roger estava se barbeando quando os tambores soaram, quase cortou a garganta. A frente do seu casaco está toda manchada de sangue. — Ela olhou para Jamie, os olhos lacrimejando com o vento. — Então, você o viu hoje de manhã. Onde ele está agora, você sabe?

— O rapaz está a salvo — ele assegurou-lhe. — Eu disse a ele para ir falar com o padre Donahue, enquanto Hayes estava lendo a Proclamação. — Ele lançou-lhe um olhar penetrante. — Você deveria ter me dito que o rapaz não era católico.

— Devia — ela disse, sem se perturbar. — Mas não o fiz. Não é um problema para mim.

— Se com isso você está querendo dizer que não faz a menor diferença... — Jamie começou com uma perceptível contundência na voz, mas foi interrompido pelo aparecimento do próprio Roger, resplandecente num kilt verde e branco do tartã dos Mackenzie, com o xale do mesmo padrão drapeado sobre o casaco e o colete de Jamie. O casaco ajustava-se bem — ambos eram corpulentos, de membros longos e ombros largos, embora Jamie fosse uns cinco centímetros mais alto — e a lã cinza combinava tão bem com os cabelos escuros e

a pele cor de oliva de Roger quanto com a coloração castanho-avermelhada de Jamie.

— Você está muito elegante, Roger — eu disse. — Onde você se cortou? — Seu rosto estava rosado, com a irritação comum à pele recém-barbeada, mas sem nenhuma outra marca visível.

Roger carregava o xale de Jamie sob o braço, de tartã vermelho e preto. Entregou-o e inclinou a cabeça para o lado, mostrando-me o corte profundo logo abaixo do maxilar.

— Bem aqui. Não muito grave, mas sangrou bastante. Não é à toa que chamam essas lâminas de navalhas degoladoras, hein?

O corte já havia cicatrizado em uma perfeita linha escura, com uns sete centímetros de comprimento, em ângulo do canto de seu maxilar até a garganta. Toquei de leve a pele junto ao corte. Nada mal; a lâmina da navalha produziu um corte limpo, sem nenhuma pele solta precisando de sutura.

Mas não era de admirar que tivesse sangrado muito; parecia mesmo que ele havia tentado cortar a própria garganta.

— Um pouco nervoso esta manhã? — caçoei. — Não está tendo dúvidas de última hora, está?

— Um pouco tarde demais para isso — Brianna disse sarcasticamente, surgindo ao meu lado. — Tem um garoto que precisa de um nome, afinal de contas.

— Terá mais nomes do que saberá o que fazer com eles — Roger assegurou-lhe. — Você também... sra. Mackenzie.

Um pequeno rubor iluminou o rosto de Brianna e ela sorriu para ele. Ele inclinou-se e beijou-a na testa, pegando a trouxinha do bebê dos braços dela ao beijá-la. Um repentino olhar de choque atravessou o rosto dele ao sentir o peso da trouxinha em seus braços, e olhou-a espantado.

— Esse não é o nosso — Bri disse, rindo diante do olhar consternado de Roger. — É Joan, de Marsali. Mamãe está com Jemmy.

— Graças a Deus — ele disse, segurando a trouxinha com muito mais cuidado. — Achei que ele tivesse evaporado ou algo assim. — Ergueu a ponta do cobertor, expondo o rostinho adormecido da pequena Joan, e sorriu — como as pessoas sempre fazem — ao ver seu cômico tufo de cabelos castanhos, espetado como o de uma boneca Kewpie.

— Sem chance — eu disse, grunhindo enquanto erguia um Jemmy bem-nutrido, agora pacificamente inconsciente em sua própria trouxa, para uma posição mais confortável. — Acho que ele ganhou um quilo durante a subida até aqui. — Eu estava corada com o esforço físico e

segurei o bebê um pouco distante de mim mesma, quando uma repentina onda de calor afogueou minhas faces e o suor irrompeu por baixo das ondas dos meus cabelos desgrehados.

Jamie pegou Jemmy dos meus braços e colocou-o habilmente sob um braço como uma bola de futebol, a mão segurando a cabeça do bebê.

— Falou com o padre, então? — ele disse, examinando Roger com ceticismo.

— Falei — Roger respondeu secamente, retribuindo o olhar. — Ele está satisfeito que eu não seja o Anticristo. Desde que eu concorde em batizar o bebê como católico, não há empecilho ao casamento. Eu disse que concordo.

Jamie grunhiu em resposta e eu reprimi um sorriso. Apesar de Jamie não ter grandes preconceitos religiosos — ele havia comandado, convivido e lutado com muitos homens de todo tipo de formação, — a revelação de que seu genro era presbiteriano — e não tinha nenhuma intenção de se converter — provocara alguns comentários.

O olhar de Bri encontrou-se com o meu e ela me deu um sorriso de esguelha, seus próprios olhos contraindo-se maliciosamente em triângulos azuis com um ar divertido.

— Muito sábio de sua parte não mencionar a questão da religião antes da hora — murmurei, com cuidado para não falar alto o suficiente para Jamie me ouvir. Os dois homens caminhavam à nossa frente, ainda pouco à vontade em suas atitudes, apesar de que a formalidade de seus comportamentos estivesse um pouco prejudicada pelas cobertas dos bebês que carregavam e que iam se arrastando atrás deles.

Jemmy emitiu um guincho repentino, mas seu avô girou-o para cima sem sequer perder o passo, e ele se acalmou outra vez, os olhos redondos fixos em nós, por cima do ombro de Jamie, protegido sob o capuz de seu cobertor. Fiz uma careta para ele e ele abriu um sorriso largo e desdentado.

— Roger queria contar, mas eu lhe disse para ficar calado. — Bri mostrou a língua para Jemmy, depois fixou um olhar de esposa nas costas de Roger. — Eu sabia que papai não iria fazer um estardalhaço com isso se esperássemos até pouco antes do casamento.

Notei sua astuta avaliação do comportamento de seu pai e a facilidade com que usava o escocês. Ela se parecia com Jamie em bem mais do que a questão óbvia da aparência e cor; ela possuía o talento dele para julgar as pessoas e sua fluência para línguas. Ainda assim, alguma coisa continuava me importunando, algo a ver com Roger e religião...

Havíamos nos aproximado suficientemente dos homens para ouvir a conversa.

— ...sobre Hillsborough — Jamie dizia, inclinando-se para perto de Roger para poder ser ouvido acima do barulho do vento. — Pedindo informações sobre os baderneiros.

— Ah, é? — Roger pareceu tanto interessado quanto desconfiado. — Duncan Innes vai ficar interessado em saber disso. Ele estava em Hillsborough durante o tumulto, sabia?

— Não. — Jamie pareceu mais do que interessado. — Mal falei com Duncan esta semana. Eu vou perguntar a ele, talvez depois do casamento, se ele sobreviver. — Duncan iria se casar com a tia de Jamie, Jocasta Cameron, à noite, e estava nervoso a ponto de ficar prostrado diante da perspectiva.

Roger virou-se, protegendo Joan do vento com o seu corpo, enquanto falava com Brianna.

— Sua tia disse ao padre Donahue que ele pode realizar os casamentos em sua barraca. Isso vai facilitar.

— Brrrr! — Bri encolheu os ombros, tremendo. — Graças a Deus. O dia não está nada apropriado para se casar sob uma árvore do bosque.

Uma enorme castanheira acima lançou uma chuva molhada de folhas amarelas, como se concordasse. Roger parecia um pouco inquieto.

— Imagino que não seja bem o casamento com que você sonhou — ele disse. — Quando era pequena.

Brianna olhou para Roger e um sorriso largo e demorado espalhou-se pelo seu rosto.

— Nem foi o primeiro — ela disse. — Mas eu gostei.

O rosto de Roger não costumava enrubescer e suas orelhas já estavam vermelhas, de qualquer modo. Ele abriu a boca como se fosse responder, viu o olhar perfurante de Jamie e fechou-a outra vez, parecendo embaraçado, mas inegavelmente satisfeito.

— Sr. Fraser!

Virei-me e vi um dos soldados subindo a encosta em nossa direção, os olhos fixos em Jamie.

— Cabo MacNair, seu criado, senhor — ele disse, arquejante, quando nos alcançou. Cumprimentou Jamie com uma brusca inclinação da cabeça.

— Saudações do tenente. Ele pergunta se poderia fazer a gentileza de ir falar com ele em sua barraca. — Ele me viu e inclinou-se outra vez, menos bruscamente. — Sra. Fraser. Meus cumprimentos, senhora.

— Seu criado, senhor. — Jamie retribuiu o cumprimento do cabo. — Minhas desculpas ao tenente, mas tenho deveres que exigem a minha presença. — Falou educadamente, mas o cabo olhou-o incisivamente. MacNair era jovem, mas não imaturo; um rápido olhar de compreensão atravessou seu rosto magro e moreno. A última coisa que qualquer homem iria querer era ser visto entrando na tenda de Hayes sozinho, imediatamente depois daquela Proclamação.

— O tenente me ordenou que solicitasse a presença do sr. Farquard Campbell, sr. Andrew MacNeill, sr. Gerald Forbes, sr. Duncan Innes e sr. Randall Lillywhite, bem como a sua, senhor.

Uma parte da tensão deixou os ombros de Jamie.

— É mesmo? — disse secamente. Então, Hayes pretendia se reunir com os homens poderosos da região: Farquard Campbell e Andrew MacNeill eram grandes proprietários de terras e juizes locais; Gerald Forbes, um proeminente procurador de Cross Creek e juiz de paz; Lillywhite, um magistrado do tribunal itinerante. E Duncan Innes estava prestes a se tornar o maior dono de plantação no oeste da colônia, por força de seu iminente casamento com a tia viúva de Jamie. O próprio Jamie não era nem rico, nem um funcionário da Coroa, mas ele era o proprietário de uma enorme, ainda que em grande parte vazia, concessão de terras no interior da colônia.

Ele encolheu ligeiramente os ombros e passou o bebê para o outro lado, tranquilizando-se.

— Sim. Então está bem. Diga ao tenente que irei vê-lo assim que for conveniente.

Sem se deixar intimidar, MacNair fez uma reverência e partiu, provavelmente em busca dos outros cavalheiros em sua lista.

— E para que será tudo isso? perguntei a Jamie. — Upa! — Levantei a mão e limpei um brilhante fio de saliva do queixo de Jammy antes que caísse na camisa de Jamie — Um dentinho novo despontando, não é?

— Tenho todos os dentes — Jamie assegurou-me — e você também, pelo que eu sei. Quanto ao que Hayes pode querer comigo não sei ao certo. E também não vou procurar saber antes da hora. — Levantou uma sobrancelha ruiva para mim e eu ri.

— Ah uma certa fiabilidade na palavra "conveniente", hein?

— Eu não disse que era conveniente para ele — Jamie ressaltou. — Agora, quanto à sua anágua, Sassenach, e por que você está saltitando aí pela floresta com o traseiro despido. Duncan, a charaid! — A expressão irônica em seu rosto desfez-se em genuíno prazer ao ver Duncan Innes vindo em nossa direção através de um pequeno

aglomerado de comisos desfolhados.

Duncan saltou por cima de um tronco caído, um gesto meio sem jeito pela falta de seu braço esquerdo, e aproximou-se de nós no caminho, sacudindo gotas de chuva de seus cabelos. Ele já estava vestido para seu casamento numa camisa limpa de babados, lenço de linho engomado acima de seu kilt e um casaco de lã vermelha de alta qualidade, debruado de renda dourada, a manga vazia presa com um broche. Eu nunca vira Duncan tão elegante e disse isso a ele.

— Oh bem — ele disse, envergonhado. — Foi a srta. Jô quem quis. — Ele sacudiu-se descartando o elogio juntamente com a chuva, e cuidadosamente limpou as agulhas secas e os pedacinhos de cascas de pinheiros que haviam grudado em seu casacão ao atravessar o bosque.

— Brrr! Que dia horrível, Mac Dubh. — Ergueu os olhos para o céu e sacudiu a cabeça. — Feliz a noiva em quem brilha o sol; feliz o cadáver em que a chuva cai.

— Só me pergunto exatamente como esperar que um cadáver seja feliz — eu disse — quaisquer que sejam as condições meteorológicas. Mas tenho certeza de que Jocasta estará muito feliz mesmo assim — acrescentei apressadamente, vendo um ar de perplexidade espalhar-se pelas feições de Duncan. — E você também, é claro!

— Oh sim — ele disse, um pouco hesitante. — Sim, claro. Obrigado, senhora.

— Quando eu o vi saindo do bosque, achei que talvez o cabo MacNair estivesse nos seus calcanhares — Jamie disse. — Você não está indo encontrar-se com Archie Hayes está?

Duncan pareceu completamente surpreso.

— Hayes? Não, o que o tenente iria querer comigo?

— Você esteve em Hillsborough em setembro, não? Tome, Sassenach, leve este esquilinho. — Jamie interrompeu-se para me entregar Jemmy, que resolvera prestar mais atenção aos acontecimentos à sua volta e tentava escalar o torso de seu avô, enfiando os dedos dos pés em seu corpo e emitindo sonoros grunhidos. A súbita atividade, entretanto, não era o principal motivo para Jamie querer livrar-se do fardo, como descobri ao aceitar Jemmy.

— Muito obrigada — eu disse, franzindo o nariz. Jamie riu para mim e virou-se para Duncan, retomando a conversa.

— Humm — eu disse, respirando com cautela. — Terminou? Não, achei que não. — Jemmy fechou os olhos, ficou vermelho e emitiu um estalo como um tiro de arma de fogo abafado. Desfiz o embrulho de cobertas apenas o suficiente para dar uma olhada abaixo de suas costas.

— Epa — eu disse, e apressadamente desenrolei o cobertor, bem a tempo. — O que foi que sua mãe andou lhe dando para comer?

Feliz por ter escapado dos panos que o enrolavam, Jemmy sacudia as pernas como um moinho de vento, fazendo com que uma repugnante substância amarelada fluísse pelas pernas largas de sua fralda.

— Uuh! — exclamei sucintamente e, segurando-o com os braços estendidos à minha frente, saí do caminho, rumo a um minúsculo arroio que serpenteava pela encosta da montanha abaixo, pensando que embora eu pudesse não sentir falta de comodidades como a água encanada e automóveis, havia ocasiões em que eu realmente lamentava a falta de coisas como fraldas com elástico nas pernas. Para não falar de papel higiênico.

Achei um bom lugar na beira do arroio, com uma grossa camada de folhas mortas. Ajoelhei-me, estendi uma ponta da minha capa e coloquei Jemmy sobre ela, apoiado nas mãos e nos joelhos, puxando o pano encharcado sem me dar ao trabalho de abrir os alfinetes.

— Uiiii! — ele exclamou, surpreso, quando o ar frio atingiu-o. Ele contraiu as nádegas gorduchas e pequeninas e arqueou as costas como um pequeno sapo cor-de-rosa.

— Ha-ha — eu disse a ele. — Se você acha que um vento frio no bumbum é ruim, espere só. — Peguei um punhado de folhas amareladas e molhadas e limpei-o energicamente. Sendo uma criança bastante estoica, ele contorceu-se e remexeu-se, mas não berrou, apenas emitindo uns ruídos agudos enquanto eu escavava suas dobrinhas.

Virei-o agilmente e, com uma das mãos profilaticamente colocada sobre a zona de perigo, administrei um tratamento semelhante às suas partes privadas, provocando um sorriso largo e sem dentes.

— Ah, você é um homenzinho das Highlands, não é? — eu disse, devolvendo o sorriso.

— E exatamente o que você quer dizer com esta observação, Sassenach? — Ergui os olhos e deparei-me com Jamie apoiado em uma árvore do outro lado do arroio. As cores vibrantes de seu tartã e a camisa de linho branco destacavam-se em meio à desbotada folhagem de outono; no entanto, o rosto e os cabelos o faziam parecer uma espécie de habitante da floresta, ruivo e bronzeado, com o vento agitando seus cabelos de maneira que as pontas soltas dançavam como as folhas vermelhas dos bordos acima.

— Bem, tudo indica que ele seja impermeável ao frio e à umidade — eu disse, concluindo meu trabalho e descartando o punhado final de folhas sujas. — Além disso... bem, não tenho muita experiência

com bebês do sexo masculino, mas isso não é um pouco precoce?

Um dos cantos da boca de Jamie curvou-se para cima, enquanto ele espreitava sob a minha mão. O pequeno apêndice projetava-se para cima, rígido como meu polegar, e mais ou menos do mesmo tamanho.

— Ah, não — ele disse. — Já vi muitos meninos nus. Todos eles fazem isso de vez em quando. — Deu de ombros e o sorriso alargou-se. — Agora, se são apenas os garotos escoceses, eu não saberia dizer...

— Um talento que melhora com o tempo, ousou dizer — comentei sarcasticamente. Atirei o pano sujo do outro lado do arroio, onde aterrisou aos seus pés, lançando alguns respingos. — Tire os alfinetes e dê uma lavada, sim?

Ele franziu o nariz reto e comprido, mas se ajoelhou sem reclamar e pegou o pano imundo cuidadosamente entre dois dedos.

— Ah, então foi isso o que você fez com sua anágua — ele disse. Eu havia aberto o grande saco que usava pendurado na cintura e extraí um retângulo de tecido limpo e dobrado. Não o linho escuro do pano que ele segurava, mas uma flanela de lã grossa, macia e já lavada muitas vezes, tingida num tom de vermelho-claro com o suco de groselhas.

Dei de ombros, verifiquei Jemmy para a probabilidade de novas explosões e instalei-o na nova fralda.

— Com três bebês, todos de fralda, e o tempo tão chuvoso que não se consegue secar nenhuma roupa direito, ficamos desprovidas de panos limpos. — Os arbustos ao redor da clareira onde havíamos erguido o acampamento da família estavam todos embandeirados com fraldas tremulantes ao vento, a maioria ainda molhada, devido às condições climáticas inoportunas.

— Tome. — Jamie esticou-se por cima dos trinta centímetros de água e pedras do arroio e me entregou os alfinetes extraídos da fralda suja. Peguei-os, com cuidado para não os deixar cair na água. Meus dedos estavam rígidos e gelados, mas os alfinetes eram valiosos; Bri os fizera com arame incandescente e Roger esculpira a proteção da ponta em madeira, seguindo os desenhos que ela fizera. Eram excelentes alfinetes de segurança, ainda que um pouco maiores e mais grosseiros do que a versão moderna. O único defeito verdadeiro era a cola usada para fixar as cabeças de madeira ao arame; feita de leite fervente e aparas de casco, não era inteiramente à prova d'água, e periodicamente era preciso colar as cabeças dos alfinetes de fralda outra vez.

Enrolei a fralda confortavelmente em volta dos quadris de Jemmy e enfiei um alfinete no tecido, sorrindo diante da visão da cabeça de

madeira. Bri pegara um conjunto dessas cabeças e gravara uma pequena e cômica rã — cada qual com um sorriso largo e desdentado — em cada uma delas.

— Muito bem, rãzinha, prontinho. — Com a fralda bem presa, sentei-me e coloquei-o no meu colo, alisando sua bata e tentando enrolá-lo de novo no cobertor.

— Aonde Duncan foi? — perguntei. — Desceu para falar com o tenente? Jamie sacudiu a cabeça, inclinada sobre sua tarefa.

— Eu disse a ele para não ir agora. Na verdade, ele estava em Hillsborough durante os tumultos que ocorreram por lá. É melhor ele esperar um pouco; depois, se Hayes perguntar, ele pode jurar honestamente que nenhum homem aqui tomou parte na confusão. — Ergueu os olhos e sorriu, com um ar divertido. — Não haverá nenhum mesmo, ao cair da noite.

Observei suas mãos, grandes e hábeis, torcendo a fralda lavada. As cicatrizes em sua mão direita geralmente eram quase invisíveis, mas destacavam-se agora, linhas brancas irregulares contra a pele vermelha de frio. A questão toda me deixava ligeiramente desassossegada, apesar de não ter nenhuma relação direta conosco.

Geralmente, eu podia pensar no governador Tryon apenas com uma leve inquietação; afinal, ele estava instalado com segurança em seu belo e novo palácio em New Bern, separado de nosso minúsculo assentamento em Fraser's Ridge por uns quinhentos quilômetros de cidades costeiras, plantações no interior, florestas de pinheiros, piemontes, montanhas sem trilhas e imensas extensões de terras incultas. Com tudo que ele tinha que se preocupar, como os supostos "Reguladores" que haviam aterrorizado Hillsborough, além de xerifes e juízes corruptos que haviam espalhado o terror, eu achava que dificilmente ele teria tempo para pensar em nós. Assim eu esperava.

Entretanto, permanecia o fato desconfortável de que Jamie detinha o título de proprietário de uma grande extensão de terras nas montanhas da Carolina do Norte como concessão do governador Tryon — e Tryon, por sua vez, guardava no bolso do colete um fato pequeno, mas importante: Jamie era católico. E concessões reais de terras somente podiam ser feitas a protestantes, por lei.

Devido ao insignificante número de católicos na colônia e à falta de organização entre eles, a questão da religião raramente importava. Não havia igrejas católicas, nenhum padre católico residente; o padre Donahue fizera a árdua viagem desde Baltimore, a pedido de Jocasta. A tia de Jamie e seu falecido marido, Hector Cameron, haviam sido pessoas influentes na comunidade escocesa por tanto tempo que ninguém pensaria em questionar sua formação religiosa, e eu achava

provável que poucos dos escoceses com quem estivéramos festejando durante toda a semana soubessem que éramos papistas.

No entanto, era provável que logo viessem a saber. Bri e Roger, comprometidos havia um ano em um casamento pagão, deveriam se casar na religião católica pelo padre naquela noite, juntamente com dois outros casais católicos de Bremerton — com Jocasta e Duncan Innes.

— Archie Hayes — eu disse de repente. — Ele é católico?

Jamie pendurou a fralda molhada em um galho próximo e sacudiu a água das mãos.

— Não perguntei a ele — Jamie disse — mas acredito que não. Isto é, seu pai não era; eu ficaria surpreso se ele fosse, ainda mais sendo um oficial do exército.

— É verdade. — As desvantagens de ser de origem escocesa, pobre e um ex-jacobita já eram suficientemente perturbadoras; já era surpreendente que Hayes tivesse conseguido superar tudo isso e alcançado sua atual posição, sem o fardo adicional da mancha de papista.

Entretanto, o que me perturbava não era o tenente Hayes e seus homens; era Jamie. Externamente, ele se mostrava calmo e confiante como sempre, com aquele leve sorriso sempre escondido no canto da boca. Mas eu o conhecia muito bem; eu vira os dois dedos rígidos de sua mão direita — aleijados em uma prisão inglesa — remexerem-se contra a lateral de sua perna enquanto trocava piadas e histórias com Hayes na noite anterior. Mesmo agora, eu podia ver a ruga fina que se formava entre suas sobrancelhas quando ele estava preocupado, e não era preocupação com o que ele estava fazendo.

Seria simplesmente preocupação com a Proclamação? Não podia ver por que deveria ser, já que nenhum de nós esteve envolvido nos tumultos de Hillsborough.

— ...presbiteriano — ele dizia. Olhou para mim com um sorriso irônico.

— Como o pequeno Roger.

A lembrança que me incomodara anteriormente se tornou clara de repente.

— Você sabia disso — eu disse. — Você sabia que Roger não era católico. Você o viu batizar a criança em Snaketown, quando ele... pegou-a dos índios.

— Tarde demais, eu vi uma sombra de tristeza atravessar seu rosto e mordi a língua. Quando resgatamos Roger — e deixamos o adorado sobrinho de Jamie, Ian, em seu lugar.

A sombra se dissipou rapidamente e ele sorriu, afastando a lembrança de Ian.

— Sim, sabia — ele disse.

— Mas Bri...

— Ela se casaria com o rapaz ainda que ele fosse um hotentote — Jamie interrompeu. — Qualquer um pode ver isso. E não posso dizer que eu faria grande objeção ao pequeno Roger ainda que ele fosse um hotentote — acrescentou, um pouco para minha surpresa.

— Não?

Jamie encolheu os ombros e atravessou o arroio para o meu lado, enxugando as mãos na ponta do seu xale.

— Ele é um rapaz corajoso e é generoso. Ele assumiu o bebê como seu próprio filho, sem dizer uma palavra a Bri sobre isso. Não é nada mais do que um homem de verdade deveria fazer..., mas nem todos o fariam.

Abaixei os olhos involuntariamente para Jemmy, confortavelmente aconchegado em meus braços. Eu mesma tentava não pensar nisso, mas de vez em quando não podia deixar de procurar em suas feições agradavelmente neutras algum indício que pudesse revelar sua verdadeira paternidade.

Brianna e Roger haviam realizado um casamento pagão, deitaram-se por uma noite — e dois dias depois ela fora estuprada por Stephen Bonnet. Não havia como saber com certeza quem era o pai e até agora Jemmy não dava absolutamente nenhuma indicação de se parecer com nenhum dos dois homens. No momento, ele mordida a mãozinha fechada, a testa ferozmente franzida em concentração, e com sua penugem macia vermelho-dourada, não se parecia tanto com ninguém que não o próprio Jamie.

— Humm. Então, por que tanta insistência em ter Roger aprovado por um padre?

— Bem, eles se casarão de qualquer modo — ele disse logicamente.

— Mas eu gostaria que o pequeno Jemmy fosse batizado como católico. — Colocou a mão enorme delicadamente na cabeça de Jemmy, o polegar alisando as minúsculas sobrancelhas ruivas. — Assim, achei que, se eu fizesse um pouco de confusão por causa do Mackenzie, eles concordariam em atender meu desejo sobre angille ruadh aqui, hein?

Eu ri e cobri as orelhas de Jemmy com uma dobra do cobertor.

— E eu que pensei que Brianna é que tinha enganado você!

— Ela também pensa — ele disse, com um largo sorriso. Ele inclinou-se repentinamente e beijou-me.

Sua boca era macia e muito quente. Ele tinha gosto de pão com manteiga e cheirava fortemente a folhas novas e odor masculino, além de um leve traço de emanações de fralda.

— Hum, que bom! — eu disse com aprovação. — Faça de novo.

O bosque à nossa volta estava tranquilo, como é próprio dos bosques. Nenhum pássaro, nenhum animal selvagem, apenas o sussurro das folhas acima e a corrente de água aos nossos pés. Movimento constante, som constante — e, no centro de tudo isso, uma paz perfeita. Havia muita gente na montanha e boa parte não muito longe dali — no entanto, exatamente ali, exatamente agora, era como se estivéssemos sozinhos em Júpiter.

Abri os olhos e suspirei, sentindo gosto de mel. Jamie sorriu para mim e tirou uma folha amarela dos meus cabelos. O bebê descansava em meus braços, pesado e quente, o centro do universo.

Nenhum de nós dois falou, não querendo perturbar o silêncio. Era como estar na ponta de uma haste giratória, pensei — um redemoinho de acontecimentos e pessoas ocorrendo à nossa volta e um passo em uma ou outra direção nos fariam mergulhar de volta naquele louco rodopio, mas ali, no verdadeiro centro, havia paz.

Estendi o braço e limpei algumas sementes de bordo espalhadas pelo seu ombro. Ele segurou minha mão, levou-a à sua boca com uma impetuosidade que me surpreendeu. E no entanto seus lábios eram ternos, a ponta de sua língua quente na base do meu polegar — o monte de Vênus, como é chamada.

Ele ergueu a cabeça e eu senti o frio repentino em minha mão, onde a antiga cicatriz mostrava-se branca como osso. Uma letra "J", cortada na carne, sua marca em mim.

Ele colocou a mão em meu rosto e a pressionei ali com a minha própria mão, como se eu pudesse sentir o descorado "C" que ele ostentava na palma da própria mão, contra a pele fria do meu rosto. Nenhum de nós dois falou, mas a promessa foi feita, como já havíamos feito uma vez antes, num santuário, nossos pés num fragmento de rocha firme nas areias movediças de uma guerra anunciada.

Não estava próxima; ainda não. Mas eu a ouvi se aproximar, no som dos tambores e na Proclamação, eu a vi no brilho do aço, reconheci o medo dela nas minhas entranhas quando olhei nos olhos de Jamie.

O frio passara e o sangue quente latejava em minha mão como se quisesse abrir a velha cicatriz e fazer meu sangue jorrar por ele outra vez. Ela viria, e eu não poderia impedi-la.

Mas desta vez eu não o deixaria.

Segui Jamie para sairmos do bosque, através de um terreno difícil de pedras, areia e tufo de capim, até a trilha bem delineada que conduzia para cima até nosso acampamento. Eu fazia as contas mentalmente, recalculando os reajustes necessários para o café da manhã à luz da revelação de Jamie de que havia convidado mais duas famílias para se unir a nós na refeição.

— Robin McGillivray e Geordie Chisholm — ele disse, segurando um galho de árvore para que eu pudesse passar. — Achei que devíamos fazê-los se sentir à vontade, pois pretendem se estabelecer na Ridge.

— É mesmo? — eu disse, agachando-me enquanto o galho voltava bruscamente à sua posição original atrás de mim. — Quando? E quantos são?

Eram perguntas cruciais. O inverno estava próximo — perto demais para se pensar em construir ainda que a mais rústica das moradias. Qualquer um que fosse para as montanhas agora provavelmente iria ter que viver na casa grande conosco ou se apertar com os colonos em uma das pequenas cabanas que pontilhavam a Ridge. Os escoceses das Highlands eram capazes de viver até em grupos de dez num mesmo aposento quando necessário. Com o meu menos desenvolvido senso inglês de hospitalidade, esperava que não fosse necessário.

— Seis McGillivray e oito Chisholm — Jamie disse, sorrindo. — Mas os McGillivray irão na primavera. Robin é armeiro e vai ter trabalho em Cross Creek durante o inverno. Sua família ficará com parentes em Salem — a mulher dele é alemã — até o tempo esquentar.

— Ah, ainda bem. — Portanto, mais catorze para o café da manhã, mais eu e Jamie, Roger e Bri, Marsali e Fergus, Lizzie e seu pai — Abel MacLennan, não posso me esquecer dele — oh, e o soldado que resgatou Germain, isso perfazia vinte e quatro...

— Vou pegar emprestado um pouco de café e arroz da minha tia, está bem? — Jamie andara lendo a crescente expressão de consternação em meu rosto. Ele riu e estendeu os braços para pegar o bebê. — Me dê o garoto. Vamos fazer uma visita e deixar suas mãos livres para cozinhar.

Observei-os se afastar com uma leve sensação de alívio. Sozinha, ainda que por alguns instantes. Inspirei bem fundo o ar úmido, só então percebendo o suave barulho da chuva no meu capuz.

Eu adorava assembleias e ocasiões sociais, mas era obrigada a admitir para mim mesma que o esforço da permanente companhia de outras pessoas durante dias a fio me enervava. Após uma semana de visitas, mexericos, atendimento médico diário e as pequenas, mas

constantes, crises que ocorrem quando um grande grupo familiar vive em condições precárias, eu estava pronta para cavar um buraco embaixo de um tronco caído e me enfiar nele, só para desfrutar de um quarto de hora de solidão.

Neste exato momento, entretanto, parecia que eu seria poupada do esforço. Ouviam-se gritos, chamadas e sons espasmódicos de flautas mais acima da montanha; perturbada pela Proclamação do governador, a Assembleia estava retomando seu ritmo normal e todos voltavam às fogueiras de suas famílias, para a clareira onde as competições tinham lugar, para os cercados de animais do outro lado do córrego, para as carroças arrumadas para vender tudo, de fitas e batedeiras de manteiga a argamassa em pó e limões frescos — bem, relativamente frescos. Ninguém precisava de mim no momento.

Iria ser um dia muito atarefado e está talvez fosse minha única chance de ficar sozinha por uma semana ou mais — a viagem de volta levaria pelo menos esse tempo, avançando devagar com um grupo grande, inclusive bebês e carroças. A maioria dos novos arrendatários não possuía cavalos nem mulas e iria fazer a viagem a pé.

Eu precisava de um momento comigo mesma para reunir minhas forças e colocar meus pensamentos em foco. Mas meu pensamento não estava focalizado na logística do café da manhã ou dos casamentos, nem mesmo na iminente cirurgia que iria realizar. Eu estava olhando mais para diante, para depois da viagem, ansiosa para chegar em casa.

Fraser's Ridge ficava no alto das montanhas a oeste, longe de qualquer cidade — ou mesmo de qualquer estrada. Sendo um lugar remoto e isolado, recebíamos poucas visitas. Havia poucos habitantes também, embora a população em Ridge estivesse crescendo; mais de trinta famílias haviam se assentado como arrendatários em pequenos terrenos nas terras concedidas a Jamie, sob seu patrocínio. A maioria era de homens que ele conhecera na prisão, em Ardsmuir. Eu achava que Chisholm e McGillivray também eram ex-prisioneiros. Jamie havia divulgado um convite para esses homens e o mantinha, independentemente das despesas envolvidas na ajuda que tivesse que dar a eles — ou sem sequer pensar se tínhamos ou não condições para isso.

Um corvo passou voando silenciosamente, lento e pesado, as penas carregadas de chuva. Corvos eram portadores de presságios; perguntei-me se aquele significaria um bom ou um mau presságio para nós. Era raro qualquer pássaro voar com aquele tempo — isso devia significar que se tratava de um presságio especial.

Bati a base de minha mão contra a testa, tentando afastar a superstição da minha mente. Viva muito tempo com o povo das Highlands e cada maldita rocha e árvore significarão alguma coisa!

Mas talvez significassem. Havia gente em toda a minha volta na montanha — eu sabia disso — e, no entanto, eu me sentia completamente sozinha, protegida da chuva e da neblina. O tempo ainda estava frio, mas eu não estava. O sangue latejava perto da superfície da minha pele e eu senti o calor tomar conta das palmas das minhas mãos. Estendi a mão para um pinheiro ao meu lado, gotas de chuva trêmulas em cada agulha, a casca do tronco preta da umidade. Respirei seu aroma e deixei a água tocar minha pele, fria como vapor. A chuva caía silenciosamente ao meu redor, molhando minhas roupas até elas se grudarem suavemente em minha pele, como nuvens na montanha.

Jamie me dissera certa vez que ele precisava morar numa montanha e compreendi a razão disso naquele instante — embora não fosse capaz de colocar essa sensação em palavras. Todos os meus pensamentos desconexos recuaram, enquanto eu ouvia a voz das pedras e das árvores — e ouvia o sino da montanha soar uma vez, em algum lugar bem fundo sob meus pés.

Devo ter ficado ali, encantada, durante algum tempo, todos os pensamentos a respeito do café da manhã esquecidos, mas as vozes das pedras e das árvores silenciaram e desapareceram com o ruído de passos no caminho próximo.

— Sra. Fraser.

Era Archie Hayes em pessoa, resplandecente em gorro e espada apesar da chuva. Se ficou surpreso ao me ver parada sozinha ao lado do caminho, não demonstrou, mas inclinou a cabeça num educado cumprimento.

— Tenente. — Cumprimentei-o também, sentindo minhas faces enrubescerem como se ele tivesse me flagrado no meio do banho.

— Seu marido está por perto, senhora? — ele perguntou, num tom de voz casual. Apesar do meu embaraço, senti uma pontada de cautela. O jovem cabo MacNair viera buscar Jamie e não conseguira. Se a montanha viera a Maomé agora, a questão não era irrelevante. Hayes estaria tentando arrastar Jamie para alguma espécie de caça às bruxas em relação aos Reguladores?

— Creio que sim. Não sei realmente onde ele está — eu disse, conscientemente sem olhar para o alto da montanha onde a grande barraca de Jocasta exibia o topo de sua lona entre um grupo de castanheiras.

— Ah, imagino que deva estar ocupado — ele disse serenamente. — Há muito a fazer para um homem como ele e sendo hoje o último dia da Assembleia.

— Sim. Creio... hã... que sim.

A conversa morreu e eu me vi num estado de crescente desconforto, imaginando como iria escapar sem ter que convidar o tenente para o café da manhã. Nem mesmo uma inglesa podia arcar com a indelicadeza de não oferecer comida sem provocar comentário.

— Hã... o cabo MacNair disse que o senhor queria falar com Farquard Campbell também — eu disse, segurando o touro a unha. — Talvez Jamie tenha ido falar com ele. Com o sr. Campbell, quero dizer. — Acenei prestativamente na direção do acampamento da família Campbell, que ficava do outro lado da encosta, a uns quatrocentos metros da barraca de Jocasta.

Hayes pestanejou, gotas de chuva escorrendo pelo rosto.

— Sim — ele disse. — Talvez. — Demorou-se mais um instante, depois fez uma espécie de continência para mim. — Bom-dia, então, senhora. — Virou-se e começou a subir a trilha, em direção à barraca de Jocasta. Fiquei observando-o, toda a sensação de paz destruída.

— Droga — exclamei entre dentes e fui preparar o café da manhã.

A MULTIPLICAÇÃO DE PÃES E PEIXES

Havíamos escolhido um local bem afastado do caminho principal, mas situado numa clareira pequena e rochosa com uma bela vista das amplas margens do córrego lá embaixo. Olhando para o sopé da montanha, através de uma cortina de arbustos de azevinho, eu podia ver o lampejo de tartãs pretos e verdes conforme os últimos soldados se dispersavam. Archie Hayes encorajou seus homens a se misturarem com as pessoas da Assembleia e a maioria ficou mais do que feliz em obedecer.

Eu não sabia se essa política de Hayes era movida por astúcia, penúria ou simplesmente humanitarismo. Muitos dos soldados eram jovens, longe de casa e da família; estavam felizes de ouvir vozes escocesas outra vez, ser recebidos junto a uma fogueira doméstica, ser contemplados com sopa e mingau e se deleitar no momentâneo calor da convivência familiar.

Quando saí do meio das árvores, vi que Marsali e Lizzie estavam fazendo um pequeno alvoroço em torno do jovem e tímido soldado que pescara Germain do riacho. Fergus estava parado junto ao fogo, filetes de vapor erguendo-se de suas roupas molhadas, murmurando em francês enquanto esfregava a cabeça de Germain energicamente com uma toalha, com sua única mão. O gancho estava apoiado contra o ombro do menino para mantê-lo parado e a cabecinha loura sacudia-se de um lado para o outro, o rosto de Germain absolutamente tranquilo, completamente alheio à repreensão de seu pai.

Roger e Brianna não estavam em nenhum lugar à vista, mas fiquei alarmada ao ver Abel MacLennan sentado do outro lado da clareira, beliscando um pedaço de pão torrado em uma vareta. Jamie já estava de volta com os suprimentos emprestados, que desembrulhava no chão junto à fogueira. Estava com o cenho franzido, mas o ar carrancudo desfez-se num sorriso ao me ver.

— Aí está você, Sassenach! — ele disse, levantando-se. — Por onde andava?

— Oh... encontrei-me com um conhecido no caminho — eu disse, com um olhar significativo na direção do jovem soldado. Evidentemente, não foi suficientemente significativo, já que Jamie franziu a testa, intrigado.

— O tenente está procurando por você — sussurrei, inclinando-me

junto a ele.

— Bem, isso eu sei, Sassenach — ele disse, num tom normal de voz. — Logo ele me encontrará.

— Sim, mas... ahã. — Limpei a garganta e ergui as sobrancelhas, olhando contundentemente de Abel MacLennan para o jovem soldado. As noções de Jamie de hospitalidade não admitiriam ter seus convidados arrastados para fora da proteção do seu teto e eu imaginava que o mesmo princípio se aplicava ao seu acampamento. O jovem soldado poderia achar estranho prender MacLennan, mas eu tinha certeza de que o tenente não teria essa hesitação.

Jamie parecia achar graça. Erguendo suas próprias sobrancelhas, tomou meu braço e conduziu-me até o rapaz.

— Minha cara — ele disse formalmente, — posso apresentá-la ao soldado Andrew Ogilvie, proveniente da aldeia de Kilburnie? Soldado Ogilvie, minha esposa.

O soldado Ogilvie, um garoto corado de cabelos escuros e encaracolados, enrubesceu e inclinou-se numa mesura.

— Seu criado, senhora!

Jamie apertou meu braço levemente.

— O soldado Ogilvie estava me dizendo que o regimento está a caminho de Portsmouth, na Virgínia, para embarcar de lá para a Escócia. Deve estar ansioso para voltar para casa, não é, rapaz?

— Oh, sim, senhor! — o garoto disse fervorosamente. — O regimento se dispersará em Aberdeen e de lá irei para casa, o mais rápido que puder!

— O regimento vai ser dispersado? — Fergus perguntou, vindo se juntar à conversa, uma toalha pendurada no pescoço e Germain nos braços.

— Sim, senhor. Com os franceses acalmados — hã, perdoe-me, senhor — e os índios a salvo, não temos mais nada a fazer aqui, e a Coroa não vai nos pagar para ficarmos parados em casa — o rapaz disse pesarosamente. — A paz pode ser uma bênção, pensando bem, e fico contente com isso, é claro. Mas não se pode negar que é muito difícil para um soldado.

— Quase tão difícil quanto a guerra, hein? — Jamie disse secamente. O rapaz ficou vermelho; jovem como era, não podia ter visto uma verdadeira batalha. A Guerra dos Sete Anos já terminara havia quase uma década, quando então o soldado Ogilvie ainda devia ser um garotinho descalço em Kilburnie.

Ignorando o constrangimento do rapaz, Jamie virou-se para mim:

— O rapaz me disse que o 672 Regimento é o último que restou nas Colônias.

— O último regimento das Highlands? — perguntei.

— Não, senhora, o último das tropas regulares da Coroa. Há guarnições aqui e ali, eu imagino, mas todos os regimentos permanentes foram chamados de volta à Escócia ou à Inglaterra. Somos o último, e já atrasado. Pretendíamos embarcar em Charleston, mas as coisas andaram mal por lá, e agora vamos para Portsmouth, o mais rápido que pudermos. O ano já vai bem avançado, mas o tenente teve notícia de um navio que poderá arriscar a viagem para nos levar. Se não... — Encolheu os ombros, sombriamente filosófico. — Então teremos que passar o inverno em Portsmouth, imagino, e nos ajeitar como for possível.

— Então a Inglaterra pretende nos deixar desprotegidos? — Marsali pareceu chocada com a ideia.

— Ah, não creio que haja grandes perigos, senhora — o soldado Ogilvie garantiu-lhe. — Resolvemos definitivamente os problemas com os franceses e os índios não vão se dispor a fazer muita coisa sem os franceses para atirá-los. Tudo tem andado bem tranquilo já há algum tempo e certamente vai continuar assim. — Fiz um pequeno ruído no fundo da minha garganta e Jamie apertou levemente meu cotovelo.

— Você não pensou em talvez ficar? — Lizzie estava descascando e ralando batatas enquanto ouvia a conversa; colocou no chão junto ao fogo a tigela de brilhantes lascas brancas e começou a untar a chapa de ferro. — Permanecer nas Colônias, quero dizer. Ainda há muita terra para ocupar no oeste.

— Oh. — O soldado Ogilvie olhou para ela, seu lenço branco modestamente inclinado sobre seu trabalho, e ele ficou vermelho outra vez. — Bem, posso dizer que já ouvi perspectivas piores, senhorita. Mas creio que vou seguir com meu regimento.

Lizzie pegou dois ovos e quebrou-os habilmente contra a beirada da tigela. Seu próprio rosto, em geral pálido como soro de leite, exibia um leve rosado em reflexo ao forte rubor do soldado.

— Ah. Bem, é uma pena que deva partir tão depressa — ela disse. Suas pestanas claras adejaram sobre as maçãs do rosto. — De qualquer modo, não vamos dispensá-lo de estômago vazio.

O soldado Ogilvie ficou um pouco mais rosado nas orelhas.

— É... muita gentileza sua, senhorita. Muita gentileza.

Lizzie ergueu os olhos timidamente e ficou ainda mais ruborizada. Jamie tossiu levemente e pediu licença, conduzindo-me para longe da

fogueira.

— Santo Deus — ele disse num sussurro, inclinando-se para que eu pudesse ouvi-lo. — E não faz nem um dia que ela se tornou mulher! Você andou lhe dando umas aulas, Sassenach, ou as mulheres já nascem assim?

— Talento natural, eu acho — respondi com ar sério.

O inesperado advento da menstruação de Lizzie depois do jantar na noite anterior fora, na verdade, a gota d'água no que dizia respeito a panos limpos e o acontecimento que precipitara o sacrifício da minha anágua.

Lizzie obviamente não tinha panos para sua menstruação e eu não queria constrangê-la a usar as fraldas dos bebês.

— Mmmhum. Então acho que é melhor eu começar a procurar um marido para ela — Jamie disse resignadamente.

— Um marido! Ela mal completou quinze anos!

— Sim, e daí? — Ele olhou para Marsali, que secava os cabelos escuros de Fergus com uma toalha, depois novamente para Lizzie e seu soldado, e ergueu uma sobrancelha cinicamente para mim.

— Sim, e daí? — eu disse, um pouco irritada. — Tudo bem, Marsali tinha apenas quinze anos quando se casou com Fergus. Isso não significa...

— A questão é que... — Jamie continuou, descartando Lizzie por enquanto — ...o regimento parte para Portsmouth amanhã. Eles não têm nem tempo nem disposição para se ocupar com a questão de Hillsborough, isso é problema de Tryon.

— Mas o que Hayes disse...

— Oh, se alguém lhe disser alguma coisa, tenho certeza de que ele enviará o depoimento para New Bern, mas, quanto a ele mesmo, creio que não se importaria muito se os Reguladores ateassem fogo ao palácio do governador, desde que isso não atrasasse sua viagem.

Dei um longo suspiro, tranquilizada. Se Jamie estivesse certo, a última coisa que Hayes pretenderia era fazer prisioneiros, independentemente das provas que tivesse à mão. Portanto, MacLennan estava a salvo.

— Mas o que você acha que Hayes quer com você e os outros, então? — perguntei, inclinando-me para vasculhar um dos cestos de vime à cata de outro pão. — Ele está atrás de você, pessoalmente.

Jamie olhou para trás por cima do ombro, como se esperasse que o tenente fosse aparecer a qualquer instante pelo meio dos arbustos de azevinho. Como a cortina verde e espinhosa permanecesse intacta,

virou-se novamente para mim, franzindo ligeiramente a testa.

— Não sei — ele disse, sacudindo a cabeça, — mas não tem nada a ver com esse assunto de Tryon. Se fosse isso, ele teria me dito ontem à noite. Aliás, se ele se importasse com essa questão, teria de fato me dito ontem à noite — acrescentou. — Não, Sassenach, pode acreditar, os arruaceiros são apenas uma questão de dever para o pequeno Archie Hayes.

Ele inclinou-se sobre meu ombro para passar o dedo pela boca do pote de mel.

— Quanto ao que ele possa querer comigo, não pretendo me preocupar com isso antes da hora. Ainda me restam três barris de uísque e pretendo transformá-los em uma relha de arado, uma ceifadeira, três machados, cinco quilos de açúcar, um cavalo e um astrolábio antes desta noite. O que é uma mágica que pode requerer alguma atenção, não é? — Passou o dedo melado delicadamente sobre meus lábios, depois virou meu rosto para ele e beijou-me.

— Um astrolábio? — eu disse, sentindo o gosto de mel. Retribuí o beijo.

— Para quê?

— E depois quero voltar para casa — sussurrou, ignorando a pergunta. Sua testa estava pressionada contra a minha, e seus olhos, intensamente azuis.

— Quero levá-la para a cama, na minha cama. E pretendo passar o resto do dia pensando no que farei com você quando estiver lá. Portanto, o pequeno Archie pode ir jogar gude com suas bolas.

— Excelente ideia — sussurrei em resposta. — Se importa de dizer isso a ele você mesmo?

Meus olhos haviam captado um lampejo verde e preto do outro lado da clareira, mas quando Jamie se empertigou e girou nos calcanhares, vi que o visitante, na verdade, não era o tenente Hayes, mas John Quincy Myers, que usava o xale de um soldado ao redor da cintura, as pontas tremulando alegremente ao vento.

Isso acrescentava mais um toque de cor ao já exuberante esplendor das vestes de Myers. Extremamente alto e decorado de cima a baixo, com um chapéu de aba larga espetado com várias agulhas e uma pena de peru, duas esfarrapadas penas de pavão presas nos seus longos cabelos pretos, um colete de espinhos de porco-espinho tingidos sobre uma camisa enfeitada de contas, suas costumeiras calças em forma de tanga e perneiras amarradas com fileiras de sininhos, o montanhês dificilmente passaria despercebido.

— Amigo James! — John Quincy abriu um largo sorriso ao ver

Jamie e adiantou-se apressadamente, a mão estendida e os sininhos tilintando. — Achei que o encontraria em seu café da manhã!

Jamie piscou ligeiramente diante daquela visão, mas animadamente retribuiu o entusiástico aperto de mão do homem das montanhas.

— Sim, John. Junte-se a nós!

— Hã... sim — fiz coro, com um olhar sorrateiro para o cesto de comida.

— Por favor!

John Quincy inclinou-se cerimoniosamente para mim, fazendo um gesto largo com o chapéu.

— Seu criado, senhora, e agradeço muito. Talvez mais tarde. No momento, entretanto, vim buscar o sr. Fraser. Ele é solicitado, em caráter urgente.

— Por quem? — Jamie perguntou cautelosamente.

— Robbie McGillivray, ele diz se chamar. Conhece o sujeito?

— Sim, conheço. — O que quer que Jamie soubesse de McGillivray o fez enfiar a mão na pequena arca onde ele guardava suas pistolas. — Qual é o problema?

— Bem. — John Quincy coçou meditativamente a barba preta e cheia. — Foi a mulher dele que me pediu para vir buscá-lo e ela não fala bem inglês, de modo que talvez eu tenha confundido um pouco a história. Mas o que acho que ela me disse foi que um caçador de recompensas agarrou seu filho, dizendo que o rapaz era um dos baderneiros de Hillsborough e pretendendo levá-lo para a prisão em New Bern. Só que Robbie diz que ninguém vai levar seu filho a lugar nenhum e... bem, depois disso, a pobre mulher ficou arroxeadada e eu não consegui entender mais nada do que ela dizia. Mas acredito que Robbie gostaria que você fosse até lá e o ajudasse com o caso.

Jamie pegou o casaco verde manchado de sangue de Roger, que estava pendurado num arbusto aguardando a lavagem. Vestindo o casaco, enfiou a pistola recém-carregada no cinto.

— Aonde? — perguntou.

Myers gesticulou brevemente com o grande polegar e partiu para dentro dos arbustos de azevinho, com Jamie em seus calcanhares.

Fergus, que estava ouvindo a conversa, com Germain nos braços, colocou o menino aos pés de Marsali.

— Tenho que ir ajudar o grandpère — ele disse a Germain. Pegou uma varinha da pilha de lenha e colocou-a nas mãos do garoto. — Fique aqui, proteja mamãe e a pequena Joan das pessoas malvadas.

— Oui, papa. — Germain fez uma carranca feroz sob a franja loura e segurou a vareta com força, preparando-se para defender o acampamento.

Marsali, MacLennan, Lizzie e o soldado Ogilvie haviam observado a cena um pouco apalermados. Quando Fergus pegou outro pedaço de madeira e mergulhou decididamente no meio dos arbustos, o soldado Ogilvie pareceu despertar, movendo-se nervosamente.

— Hã... — disse. — Talvez eu... acha que eu devo ir chamar o sargento, senhora? Se houver alguma confusão...

— Não, não — eu disse apressadamente. A última coisa de que precisávamos era que Archie Hayes e seu regimento surgissem em massa. Parecia-me o tipo de situação que seria muito melhor se mantida em caráter extraoficial.

— Tenho certeza de que tudo vai se resolver bem. Deve ter sido apenas um mal-entendido. O sr. Fraser resolverá tudo sozinho, não receie. — Enquanto falava, eu ia dando a volta na fogueira, em direção ao lugar onde estavam meus suprimentos médicos, protegidos da chuva sob um pedaço de lona. Enfiando a mão pela borda, peguei meu pequeno estojo de emergências.

— Lizzie, por que não serve ao soldado Ogilvie um pouco da geleia de morangos para a torrada dele? E tenho certeza de que o sr. MacLennan gostaria de um pouco de mel em seu café. Queira me dar licença, sr. MacLennan, preciso ir... hã... — Com um sorriso forçado, fui me afastando para dentro dos arbustos. Quando os ramos farfalharam e estalaram atrás de mim, parei para me situar. Um leve soar de sinos me alcançou no vento chuvoso. Virei-me na direção do som e comecei a correr.

Foi uma boa distância. Eu já estava sem fôlego e suando da corrida, quando os alcancei perto do campo de competições. Os acontecimentos se desenrolavam; eu podia ouvir o zumbido de conversa da multidão de homens reunidos, mas nenhum grito de incitação ou exclamações de decepção ainda. Alguns espécimes musculosos andavam pesadamente de um lado para o outro, nus da cintura para cima e agitando os braços para flexioná-los; os homens mais fortes de vários assentamentos, ali reunidos para a competição de força física.

A chuva fina recomeçara; a umidade brilhava nos ombros vigorosos e emplastrava os anéis de pelos corporais escuros contra a pele clara de peitos e braços. Mas eu não tinha tempo para apreciar o espetáculo; John Quincy abria caminho habilmente pelos grupos de espectadores e competidores, acenando cordialmente para um e outro conhecido conforme passava. Do outro lado da multidão, um homenzinho

destacou-se do agrupamento e veio correndo ao nosso encontro.

— Mac Dubh! Você veio, então... isso é bom.

— Não se preocupe, Robbie — Jamie assegurou-lhe. — O que houve? McGillivray, visivelmente transtornado, olhou para os competidores e seus torcedores, depois sacudiu a cabeça indicando as árvores próximas. Nós o seguimos, sem ser notados pela multidão reunida ao redor de duas grandes pedras enroladas com cordas, que eu presumi que alguns dos competidores presentes iriam tentar levantar e assim provar sua aptidão física.

— É seu filho, Rob? — Jamie perguntou, esquivando-se de um galho de pinheiro cheio de água.

— Sim — Robbie respondeu, — ou era.

Aquilo pareceu sinistro. Vi a mão de Jamie roçar o cabo de sua pistola; a minha procurou o estojo médico.

— O que aconteceu? — perguntei. — Ele está ferido?

— Ele, não — McGillivray retrucou enigmaticamente, agachando-se para passar por baixo de um galho de castanheira pendente, coberto com uma trepadeira vermelha.

Logo depois havia um pequeno espaço livre, não suficientemente grande para ser considerado uma clareira, coberta de tufo de capim morto e pontilhado de mudas de pinheiro. Quando Fergus e eu nos agachamos por baixo da trepadeira, atrás de Jamie, uma mulher corpulenta, com um vestido de tecido rústico fiado em casa, virou-se bruscamente em nossa direção, os ombros arqueando-se enquanto erguia o pedaço de galho que segurava em uma das mãos. No entanto, ao ver McGillivray, ela relaxou um pouco.

— Wer ist das? — perguntou, desconfiada, olhando-nos de cima a baixo. Mas quando John Quincy surgiu de baixo da trepadeira, ela abaixou o porrete, as feições fortes e bonitas relaxando ainda mais.

— Ha, Myers! Você trrrazer Jamie, oder? — Lançou-me um olhar curioso, mas estava ocupada demais olhando de Fergus para Jamie para me inspecionar detalhadamente.

— Sim, querida, este é Jamie Roy... Sheu Mac Dubh. — McGillivray adiantou-se para receber o crédito pela presença de Jamie, colocando a mão respeitosamente em sua manga. — Minha mulher, Ute, Mac Dubh. E o filho de Mac Dubh — ele acrescentou, gesticulando vagamente em direção a Fergus.

Ute McGillivray parecia uma Valquíria numa dieta de carboidratos; alta, muito loura e vigorosa.

— Seu criado, senhora — Jamie disse, inclinando-se.

— Madame — Fergus disse, fazendo uma medida com uma perna à frente.

A sra. McGillivray, por sua vez, respondeu com uma profunda reverência, os olhos fixos nas flagrantes manchas de sangue na frente do casaco de Jamie — ou melhor, de Roger.

— Mein Herr — ela murmurou, parecendo impressionada. Virou-se e acenou para um rapaz de dezessete ou dezoito anos, que ficara espreitando a distância. Ele se parecia tanto com o pai pequeno, magro e vigoroso, de cabelos escuros, que não podia haver dúvidas quanto a sua identidade.

— Manfred — sua mãe anunciou orgulhosamente. — Mein menino. Jamie saudou-o com uma grave inclinação da cabeça.

— Sr. McGillivray.

— Ah... seu c-criado, senhor? — O rapaz parecia em dúvida, mas estendeu a mão a Jamie.

— Prazer em conhecê-lo, senhor — Jamie afirmou, apertando-a. Uma vez devidamente observadas as normas de cortesia, ele olhou rapidamente ao redor do tranquilo cenário, erguendo uma das sobrancelhas.

— Ouvi dizer que estava sofrendo alguma inconveniência com relação a um caçador de recompensas. Devo entender que a questão já foi resolvida? — Olhou interrogativamente de McGillivray filho para McGillivray pai.

Os três McGillivray trocaram olhares entre si. Robin McGillivray tossiu com ar de quem se desculpava.

— Bem, não podemos dizer que esteja resolvida, exatamente, Mac Dubh. Quero dizer... — Sua voz definhou, o olhar transtornado voltando ao seu rosto.

A sra. McGillivray lançou-lhe um olhar severo, depois se virou para Jamie.

— Ist kein se preocupar — disse a ele. — Ich haf den bola de estrume bem seguro. Mas nós só quer saber como serrria melhor esconder den Korpus?

— O... corpo? — eu disse, fracamente.

Até mesmo Jamie pareceu um pouco perturbado.

— Você o matou, Rob?

— Eu? — McGillivray pareceu chocado. — Pelo amor de Deus, Mac Dubh, quem pensa que sou?

Jamie ergueu uma das sobrancelhas outra vez; evidentemente a ideia de McGillivray cometer violência não era muito improvável.

McGillivray teve a dignidade de parecer envergonhado.

— Sim, bem. Acho que poderia... e fiz... bem, mas Mac Dubh! Esse negócio de Ardsmuir foi há muito tempo e já está encerrado, hein?

— Sim — Jamie disse. — Tem razão. E quanto a essa história com o caçador de recompensas? Onde ele está?

Ouvi uma risadinha abafada às minhas costas e girei nos calcanhares, notando que o restante da família McGillivray, em silêncio até agora, estava ainda assim presente. Três meninas adolescentes sentavam-se em fileira num tronco caído por trás de uma cortina de pinheiros novos, todas exibindo imaculadas toucas e aventais brancos de linho, apenas ligeiramente murchos com a chuva.

— Meine meninas — a sra. McGillivray anunciou, com um aceno na direção das jovens — desnecessariamente, já que todas as três pareciam versões menores dela mesma. — Hilda, Inga und Senga.

Fergus inclinou-se elegantemente para as três.

— Enchanté, mes demoiselles.

As garotas sacudiram-se com uma risadinha e balançaram a cabeça em resposta, mas sem se levantar, o que me pareceu estranho. Então, vi algum movimento ocorrendo embaixo da saia da mais velha; uma espécie de arfada, acompanhada por um gemido abafado. Hilda lançou o calcanhar contra o que quer que fosse, o tempo todo sorrindo luminosamente para mim.

Ouviu-se novo gemido — bem mais alto desta vez, — proveniente de baixo de sua saia, o que fez Jamie virar-se em sua direção.

Ainda sorrindo animadamente, Hilda abaixou-se e delicadamente levantou a barra de sua saia, sob a qual pude ver um rosto desvairado, dividido por uma tira preta amarrada em sua boca.

— É ele — disse Robbie, compartilhando o talento de sua mulher em declarar o óbvio.

— Sei. — Os dedos de Jamie torceram-se ligeiramente ao lado de seu kilt. — Ah... será que podíamos tirá-lo daí?

Robbie gesticulou para as meninas, que se levantaram ao mesmo tempo e deram um passo para o lado, revelando um homenzinho deitado contra o tronco caído, as mãos e os pés atados com uma seleção do que pareciam ser meias femininas, e amordaçado com o lenço de alguém. Ele estava molhado, enlameado e ligeiramente surrado na aparência geral.

Myers inclinou-se e içou o homem para cima, colocando-o de pé e segurando-o pela gola.

— Bem, ele não parece grande coisa — o montanhês disse com ar

crítico, estreitando os olhos para o homem como se avaliasse uma pele de castor de má qualidade. — Acho que caçar criminosos não paga tão bem quanto se poderia pensar.

O homem de fato era magricela e um tanto maltrapilho, assim como desgrehado, furioso — e assustado. Ute fungou com desprezo.

— Saukerl! — ela disse, cuspidando com precisão nas botas do caçador de recompensas. Em seguida, virou-se para Jamie, graciosamente:

— Então, mein Herr. Qual a melhor maneira de nós acabar com ele? Os olhos do caçador de recompensas se esbugalharam, e ele contorceu-se na mão de Myers. Ele investia e torcia-se, gargarejando por trás da mordaca. Jamie analisou-o de cima a baixo, esfregando a junta de um dedo nos lábios, depois olhou para Robbie, que encolheu o ombro ligeiramente, com um olhar apologetico na direção de sua mulher. Jamie limpou a garganta.

— Mmmhuh. Teria alguma coisa em mente, talvez, senhora?

Ute ficou radiante com essa demonstração de simpatia para com suas intenções e retirou uma longa adaga do cinto.

— Eu pensar talvez em estripar ele, wie ein Schwein, já? Mas ver bem... — Ela cutucou o caçador de recompensas escrupulosamente entre as costelas; ele deu um gritinho por trás da mordaca e uma pequena mancha de sangue surgiu em sua camisa esfarrapada.

— Blut demais — ela explicou, com um beicinho de decepção. Gesticulou na direção da cortina de árvores, por trás da qual o levantamento de pedras parecia estar em andamento. — Die Leute vai sentir a cheira.

— Cheira? — Olhei para Jamie, achando que se tratava de alguma expressão alemã desconhecida. Ele tossiu e passou a mão sob o nariz. — Ah, o cheiro — exclamei, devidamente esclarecida. — Hã, sim, acho que sim.

— Então acho que não devemos atirar nele — Jamie disse ponderadamente. — Quero dizer, já que não queremos chamar atenção.

— Acho melhor quebrar o pescoço dele — Robbie McGillivray disse, estreitando os olhos judiciosamente para o caçador de recompensas amarrado. — Isso é bastante fácil.

— Você acha? — Fergus também estreitou os olhos, em concentração. — Eu sugiro uma faca. Se você esfaquear no ponto certo, não há tanto sangue. No rim, logo abaixo da costela, nas costas... hein?

O prisioneiro não parecia concordar com as sugestões, a julgar

pelos sons urgentes que vinham de trás de sua mordança, e Jamie esfregou o queixo pensativamente.

— Bem, isso não é muito difícil — ele concordou. — Ou estrangulá-lo. Mas ele vai soltar seus intestinos. Se for uma questão de cheiro, até mesmo esmagar seu crânio... mas me diga, Robbie, como é que esse homem veio parar aqui?

— Hein? — Robbie pareceu não compreender.

— Você não está acampado por aqui? — Jamie abanou a mão brevemente para a minúscula clareira, deixando claro o que queria dizer. Não havia nenhum sinal de fogueira de acampamento; na verdade, ninguém acampara daquele lado do córrego. E, no entanto, todos os McGillivray estavam ali.

— Ah, não — Robbie disse, a compreensão surgindo em suas feições magras. — Não, estamos acampados um pouco para cima. Nós só viemos dar uma olhada nos grandalhões — sacudiu a cabeça, indicando o campo de competições — e o maldito abutre ficou espionando nosso Freddie e agarrou-o, para levá-lo daqui. — Lançou um olhar hostil para o caçador de recompensas e eu vi que um pedaço de corda pendurava-se como uma cobra do cinto do sujeito. Um par de algemas estava no chão ali perto, o metal escuro já coberto de ferrugem por causa da umidade.

— Nós vimos quando ele agarrou nosso irmão — Hilda acrescentou. — Então nós o agarramos e o arrastamos até aqui, onde ninguém poderia ver. Quando ele disse que pretendia levar nosso irmão para o xerife, eu e minhas irmãs o derrubamos e nos sentamos em cima dele, e mamãe chutou-o algumas vezes.

Ute deu uns tapinhas orgulhosamente no ombro robusto da filha.

— Elas ser gut, fortes Mädchen, meine meninas — disse a Jamie. — Nós komm ver hier die Wettkämpfer, talvez escolher marido para Inga ou Senga. Hilda hat einen Mann já prometido — acrescentou, com um ar de satisfação.

Ela examinou Jamie abertamente, os olhos demorando-se com aprovação em sua altura, na largura dos ombros e na prosperidade geral de sua aparência.

— Ele ser bonito, grande, seu Mann — ela me disse. — Vocês ter filhos homens, talvez?

— Não, receio que não — eu disse, em tom pesaroso. — Hã... Fergus é casado com a filha do meu marido — acrescentei, vendo seu olhar mudar especulativamente para Fergus.

O caçador de recompensas pareceu sentir que a conversa estava se desviando e atraiu a atenção de volta sobre si mesmo com um

indignado grito abafado pela mordação. Seu rosto, que empalidecera diante das especulações sobre sua morte, voltara a ficar completamente vermelho, e seus cabelos estavam espetados e grudados na testa.

— Oh, sim — Jamie disse. — Talvez devêssemos deixar o cavalheiro dizer uma palavra?

Robbie estreitou os olhos diante disso, mas assentiu relutantemente. As competições estavam animadas agora e ouvia-se uma considerável algazarra emanando do campo; ninguém iria ouvir um grito isolado vindo dali.

— Não deixe que me matem, senhor! Sabe que isso não é direito! — Rouco por causa de suas provações, o homem fixou seu apelo em Jamie assim que a mordação foi retirada. — Só estou fazendo o que devo fazer, entregando um criminoso à justiça!

— Ha! — todos os McGillivray exclamaram ao mesmo tempo. Apesar do sentimento parecer unânime, a sua expressão imediatamente se desintegrou em uma confusão de imprecações, opiniões e uma saraivada aleatória de pontapés dirigidos às canelas do cavalheiro por Inga e Senga.

— Parem! — Jamie disse, erguendo a voz o suficiente para ser ouvido acima da confusão. Como isso não surtiu efeito, ele agarrou McGillivray filho pela nuca e berrou a plenos pulmões: — Ruhe! — Isso os fez silenciar momentaneamente, com olhos culpados por cima dos ombros em direção ao campo de competição.

— Muito bem — Jamie disse, com firmeza. — Myers, traga o cavalheiro, por favor. Rob, Fergus, acompanhem Myers. Bitte, senhora. — Fez uma mesura para a sra. McGillivray, que pestanejou, mas depois balançou a cabeça, aquiescendo relutantemente. Jamie revirou os olhos para mim, depois, ainda segurando Manfred pela nuca, saiu marchando à frente do contingente masculino, em direção ao córrego, deixando-me a cargo das mulheres.

— Seu Mann... ele salvar meu filho? — Ute voltou-se para mim, as sobrancelhas louras franzidas de preocupação.

— Ele vai tentar. — Olhei para as moças, amontoadas atrás da mãe. — Sabem se seu irmão realmente estava em Hillsborough?

As meninas se entreolharam e silenciosamente elegeram Inga para responder.

— Bem, já, estava — ela disse, com um certo ar de desafio. — Mas ele não estava fazendo baderna, nem um pouco. Ele só estava lá para mandar consertar uns arreios e foi envolvido na confusão.

Percebi um rápido olhar trocado entre Hilda e Senga e deduzi que

talvez essa não fosse toda a história. Ainda assim, não me cabia julgar, graças a Deus.

Os olhos da sra. McGillivray estavam fixos nos homens, que murmuravam entre si a uma certa distância. O caçador de recompensas fora desamarrado, a não ser pelas mãos. Estava de costas contra uma árvore, parecendo um rato encurralado, exibindo os caninos num rosnado ameaçador. Jamie e Myers assomavam acima dele, enquanto Fergus ficava a postos, atento, com o cenho franzido, o queixo apoiado no gancho. Rob McGillivray sacara um punhal, com o qual distraidamente arrancava lascas de madeira de um galho de pinheiro, olhando de vez em quando para o caçador de recompensas com um ar de más intenções.

— Tenho certeza de que Jamie será capaz de., hã... fazer alguma coisa — eu disse, esperando comigo mesma que isso não envolvesse muita violência. Ocorreu-me o pensamento indesejável de que o pequenino caçador de recompensas provavelmente caberia num cesto de comida vazio.

— Gut. — Ute McGillivray balançou a cabeça devagar, ainda observando. — É melhor eu não matar ele. — Seus olhos voltaram-se repentinamente de novo para mim, azul-claros e muito brilhantes. — Mas, se necessário, eu matar.

Acreditei.

— Compreendo — eu disse cautelosamente. — Mas, e peço que me desculpe, ainda que esse homem tivesse levado seu filho, vocês não poderiam ir ao xerife também e explicar...

— Nein, senhora. Ver bem, não ser tão ruim se esse caçador de recompensas nos atacar no acampamento. Mas aqui embaixo — ela arregalou os olhos, sacudindo a cabeça na direção do campo de competições, onde um baque surdo e um urro de aprovação assinalavam algum esforço bem-sucedido.

A dificuldade, aparentemente, era o noivo de Hilda, um tal de Davey Morrison, de Hunter's Point. O sr. Morrison era um fazendeiro importante e um homem de valor, assim como um atleta perito nos mistérios de lançamento de pedra e arremesso de mastro. Ele tinha família também — pais, tios, tias e primos, — todos do mais nobre caráter e — pelo que percebi — de atitudes um tanto críticas.

Se Manfred tivesse sido preso por um caçador de recompensas diante de tal multidão, repleta de parentes de Davey Morrison, a notícia se espalharia à velocidade da luz e o escândalo resultaria no imediato rompimento do noivado de Hilda — uma possibilidade que obviamente perturbava Ute McGillivray muito mais do que a ideia de cortar a garganta do caçador de recompensas.

— Ruim, também, se eu matar e alguém ver — ela disse com franqueza, gesticulando para a fina cortina de árvores que nos escondia do campo de competições. — Davey Morrison não gostar.

— Imagino que não — murmurei, perguntando-me se Davey Morrison fazia alguma ideia de onde estava se metendo. — Mas você...

— Vai casar meine filhas muito bem — ela disse com firmeza, balançando a cabeça repetidamente para reforçar a ideia. — Vai encontrarei homens furtes, homens bonitos e fortes, mit terras, mit dinheiro. — Ela passou o braço pelos ombros de Senga e abraçou-a com força. — Nicht wahr, Liebchen?

— Já, mamãe — Senga murmurou, afetuosamente repousando a cabeça cuidadosamente enfeitada com uma touca no amplo peito da sra. McGillivray.

Algo estava acontecendo do lado dos homens; as mãos do caçador de recompensas haviam sido desamarradas e ele esfregava os pulsos, o rosto já desanuviado, mas ouvindo o que Jamie dizia com uma expressão de cautela. Ele relanceou os olhos para nós, depois para Robin McGillivray, que lhe disse alguma coisa e balançou a cabeça enfaticamente. O caçador de recompensas trabalhou os maxilares, como se estivesse remoendo uma ideia.

— Então, vocês todos vieram ver as competições esta manhã e procurar candidatos adequados? Sei, compreendo.

Jamie enfiou a mão em seu sporran e retirou alguma coisa, que colocou debaixo do nariz do caçador de recompensas, como se o convidasse a sentir o cheiro. Não pude descobrir do que se tratava, àquela distância, mas o rosto do caçador de recompensas mudou repentinamente, passando da cautela para uma alarmada repugnância.

— Já, apenas olhar. — A sra. McGillivray não estava observando os homens; deu uns tapinhas em Senga e soltou-a. — Nós ir agora para Salem, onde ist meine Familie. Talvez nós achar um bom Mann lá também.

Myers havia recuado do local de confronto agora, os ombros arqueando-se, relaxados. Ele enfiou um dedo sob a borda de sua tanga, coçou as nádegas confortavelmente, e olhou ao redor, evidentemente não mais interessado nos procedimentos. Vendo-me olhar em sua direção, avançou desengonçadamente pelo bosque de pinheiros novos.

— Não precisa mais se preocupar, senhora — assegurou à sra. McGillivray. — Eu sabia que Jamie Roy cuidaria disso, e assim ele fez. Seu garoto está salvo.

— Já? — ela disse. Olhou em dúvida para o bosque, mas era

verdade; as atitudes de todos os homens estavam relaxadas agora, e Jamie devolvia ao caçador de recompensas seu par de algemas. Vi a maneira como ele as segurava, com grande repugnância. Ele usara grilhões, em Ardsmuir.

— Gott sei dank — a sra. McGillivray disse, com um explosivo suspiro. Sua figura maciça pareceu diminuir repentinamente conforme ela soltava o ar.

O homenzinho estava indo embora, afastando-se de nós, na direção do córrego. O som das algemas em seu cinto alcançava-nos num fraco tilintar de metal, ouvido entre os gritos da multidão atrás de nós. Jamie e Rob McGillivray estavam juntos, conversando, enquanto Fergus observava a partida do caçador de recompensas, a testa ligeiramente franzida.

— Exatamente o que Jamie disse a ele? — perguntei a Myers.

— Oh. Bem. — O aventureiro das montanhas lançou-me um largo sorriso, com falhas nos dentes. — Jamie Roy disse-lhe com ar muito sério que sem dúvida fora muita sorte do caçador de recompensas — o nome dele é Boble, aliás, Harley Boble — que nós tivéssemos chegado aqui a tempo. Ele deu a entender que se não tivéssemos, então está senhora aqui — ele fez uma mesura para Ute — provavelmente o levaria para casa em sua carroça e o mataria como um porco, longe da vista de todos.

Myers esfregou ajunta de um dedo sob o nariz de capilares vermelhos e riu à socapa, por trás de sua barba.

— Boble disse que não acreditou nela, achou que só estava tentando amedrontá-lo com a faca. Mas Jamie Roy inclinou-se para perto dele, confidencialmente, e disse que ele poderia pensar o mesmo, só que já ouvira falar muito da reputação de Frau McGillivray como uma famosa fazedora de salsichas e tivera o privilégio de lhe servirem um pouco hoje no café da manhã. Neste momento, Boble começou a ficar pálido e, quando Jamie Roy retirou um pedaço de salsicha para lhe mostrar...

— Oh, meu Deus — eu disse, com uma vívida lembrança do cheiro daquela salsicha. Eu a comprara no dia anterior de um vendedor ambulante na montanha e só depois descobri que não fora adequadamente curada e, uma vez cortada, tinha um cheiro tão forte de sangue estragado que ninguém conseguira comê-la no jantar. Jamie embrulhara o que sobrara da ofensiva salsicha em seu lenço e a colocara em seu sporran, pretendendo obter um reembolso ou enfiá-la pela garganta do vendedor. — Compreendo.

Myers balançou a cabeça, virando-se para Ute.

— E seu marido, senhora — Deus o abençoe, Rob McGillivray é um

verdadeiro mentiroso nato, — sacudia a cabeça solenemente, concordando com tudo, e dizendo como moldara seu trabalho a fim de abater bastante carne para a senhora.

As meninas deram uma risadinha.

— Papai não consegue matar nada — Inga disse baixinho para mim. — Nem consegue torcer o pescoço de uma galinha.

Myers ergueu os ombros num gesto bem-humorado, enquanto Jamie e Rob vinham em nossa direção pelo capim molhado.

— Então, Jamie deu sua palavra de cavalheiro que protegeria Boble da senhora e Boble deu a palavra dele... bem, ele disse que ficaria longe do jovem Manfred.

— Hum — Ute disse, parecendo um tanto desconcertada. Ela não se importava nem um pouco em ser considerada uma assassina comum e ficou muito satisfeita por Manfred estar fora de perigo — mas ficou um pouco aborrecida ao ver manchada sua reputação de fazedora de salsichas.

— Como se eu jamais fazer uma coisa dessas! — protestou, torcendo o nariz com desprezo para o malcheiroso pedaço de salsicha que Jamie ofereceu para sua inspeção. — Uuugh! Ratzfleisch. — Abanou a mão num gesto desdenhoso, depois se virou para o marido e disse alguma coisa suavemente, em alemão.

Em seguida, respirou fundo e inflou-se outra vez, reunindo todos os filhos como uma galinha protegendo os pintinhos, e instou-os a agradecer a Jamie adequadamente por sua ajuda. Ele enrubesceu ligeiramente diante do coro de agradecimentos e fez uma medida.

— Gern geschehen — ele disse. — Euer ergebener Diener, Frau Ute.

Ela exibiu-lhe um sorriso radiante, a serenidade restaurada, enquanto Jamie se virava para se despedir de Rob.

— Um Mann tão gentil, tão grande — ela murmurou, sacudindo a cabeça ligeiramente enquanto o olhava de cima a baixo. Depois, virou-se e me viu olhar de Jamie para Rob — pois, embora o armeiro fosse um homem bonito, de cabelos curtos, escuros e cacheados, e traços bem delineados, também possuía uma estrutura óssea delicada como a de um pardal, e era alguns centímetros mais baixo do que a mulher, alcançando apenas a altura de seus ombros robustos. Não pude deixar de me perguntar, considerando sua aparente admiração por homens grandes...

— Oh, bem — ela disse, dando de ombros de forma apologetica. — Amor, sabe. — Falou como se o amor fosse um mal necessário.

Olhei para Jamie, que embrulhava a salsicha cuidadosamente antes

de enfiá-la de novo no sporran.

— Bem, sim — eu disse. — Eu sei.

Quando por fim retornamos ao nosso acampamento, os Chisholm estavam se despedindo, tendo sido adequadamente alimentados pelas meninas. Felizmente, Jamie trouxera bastante comida do acampamento de Jocasta, e eu finalmente me sentei para uma agradável refeição de fritadas de batata, pãozinhos untados de manteiga, presunto frito e — finalmente! — café, perguntando-me o que mais poderia acontecer naquele dia. Havia bastante tempo; o sol mal surgira acima das árvores, quase invisível por trás das nuvens carregadas de chuva fina.

Um pouco mais tarde, agradavelmente alimentada e com uma terceira xícara de café nas mãos, aproximei-me e atirei para trás a lona que cobria o que eu considerava meus suprimentos médicos. Já era hora de começar a me organizar para o atendimento médico da manhã; examinando os jarros de suturas, renovando o estoque das jarras de ervas medicinais na minha arca, enchendo novamente a grande garrafa de álcool e preparando os remédios que tinham que ser feitos na hora.

Um pouco desfalcada das ervas mais comuns que trouxera comigo, meu estoque fora aumentado pelos bons ofícios de Myers, que me trouxera várias plantas raras e úteis das aldeias indígenas ao norte e pela criteriosa permuta com Murray MacLeod, um jovem e ambicioso boticário que se mudara para o interior e abrira sua loja em Cross Creek.

Mordi o interior de minha bochecha, pensando no jovem Murray. Ele acolhia o tipo comum de detestáveis noções que passavam por conhecimento médico atualmente — e não tinha escrúpulos em afirmar a superioridade de métodos científicos como sangria e ventosas diante da fitoterapia antiquada que bruxas velhas como eu estavam dispostas a praticar!

Ainda assim, ele era um escocês e, portanto, possuía uma veia forte de pragmatismo. Ele dera uma olhada na poderosa compleição física de Jamie e apressadamente engoliu suas opiniões mais insultuosas. Eu possuía cento e cinquenta gramas de losna e uma jarra de raiz de gengibre silvestre, e ele as queria. Ele também era bastante sagaz para ter observado que muito mais pessoas na montanha que se sentiam mal de alguma forma vinham me procurar, em vez de recorrer a ele — e que a maioria que aceitava meu tratamento melhorava. Se eu tinha segredos, ele os queria também — e eu ficava mais do que feliz em atendê-lo.

Ótimo, ainda me restava bastante casca de salgueiro. Hesitei diante

da pequena fileira de frascos na prateleira superior direita da arca. Eu tinha vários emenagogos — acteia azul, ergotina e poejo, — mas peguei os mais suaves tanaceto e arruda, colocando um punhado numa tigela e despejando água fervendo em cima para a infusão. Além de seus efeitos em facilitar a menstruação, o tanaceto tinha a reputação de acalmar os nervos — e uma pessoa mais naturalmente nervosa do que Lizzie Wemyss seria difícil de imaginar.

Olhei para trás, para a fogueira, onde Lizzie empurrava o restante da geleia de morangos para o soldado Ogilvie, que parecia dividir sua atenção entre Lizzie, Jamie e sua fatia de torrada — a maior parte voltada para a torrada.

A arruda, ainda por cima, era um ótimo vermífugo. Eu não sabia se Lizzie tinha vermes, mas muitas pessoas na montanha tinham, e uma dose certamente não iria lhe fazer mal.

Olhei disfarçadamente para Abel MacLennan, imaginando se não deveria colocar uma pequena dose de laxante em seu café também — ele tinha o ar anêmico, depauperado, de alguém com parasitas intestinais, apesar da compleição robusta. No entanto, talvez o ar de pálida inquietação em suas feições se devesse mais ao seu conhecimento de caçador de recompensas nas vizinhanças.

Joan berrava de fome outra vez. Marsali sentou-se, enfiou a mão embaixo de seu arisaid para desabotoar o corpete e colocou o bebê no peito, o lábio trêmulo preso entre os dentes. Ela contraiu-se, soltou uma arfada de dor, depois relaxou um pouco, quando o leite começou a fluir.

Mamilos rachados. Franzi a testa e retomei o exame atento da minha arca de remédios. Lanolina, obtida da gordura da lã de carneiro. Eu teria trazido o unguento de lanolina? Droga, não. Eu não queria usar gordura de urso, com Joan mamando; talvez óleo de girassol...

— Um pouco de café, minha cara? — O sr. MacLennan, que estivera observando Marsali com perturbada simpatia, estendeu-lhe sua nova xícara de café. — Minha mulher dizia que café quente amenizava a dor de amamentar um bebê. Com um pouco de uísque, melhor ainda — suas bochechas tristonhas animaram-se um pouco, — mas ainda assim...

— Taing. — Marsali pegou a xícara com um sorriso agradecido. — Estou enregelada esta manhã. — Bebericou o líquido fumegante cautelosamente e um leve rubor afluiu às suas faces.

— Vai voltar a Drunkard's Creek amanhã, sr. MacLennan? — ela perguntou educadamente, devolvendo-lhe a xícara vazia. — Ou vai viajar a New Bern com o sr. Hobson?

Jamie ergueu o olhar incisivamente, interrompendo sua conversa com o soldado Ogilvie.

— Hobson vai para New Bern? Como você sabe disso?

— Foi a sra. Fowles quem disse — Marsali respondeu prontamente. — Ela me disse quando fui pedir emprestada uma camisa seca para Germain, ela tem um menino do mesmo tamanho. Ela está preocupada com Hugh, o seu marido, porque o pai dela, o sr. Hobson, quer que ele o acompanhe, mas ele está com medo.

— Por que Joe Hobson está indo para New Bern? — perguntei, espreitando por cima da tampa de minha arca de remédios.

— Para entregar uma petição ao governador — Abel MacLennan disse. — Não vai adiantar nada. — Sorriu para Marsali, um pouco melancolicamente. — Não, menina. Não sei para onde vou, para dizer a verdade. Mas não será para New Bern.

— Nem de volta para a sua mulher em Drunkard's Creek? — Marsali olhou para ele, preocupada.

— Minha mulher morreu, menina — MacLennan disse à meia-voz. Alisou o lenço vermelho sobre o joelho. — Faz dois meses.

— Oh, sr. Abel. — Marsali inclinou-se para frente e apertou a mão dele, os olhos azuis pesarosos. — Eu sinto muito!

Ele bateu levemente em sua mão, sem levantar os olhos. Gotículas de chuva brilhavam nos fios ralos de seu cabelo e um filete de água escorria por trás de uma grande orelha vermelha, mas ele não fez nenhum movimento para removê-los.

Jamie havia se levantado ao se dirigir a Marsali. Agora, sentava-se no tronco caído, ao lado de MacLennan, e delicadamente colocou a mão nas suas costas.

— Eu não soube, a charaid — ele disse serenamente.

— Não. — MacLennan olhava fixamente para as chamas transparentes sem realmente vê-las. — Eu... bem, a verdade é que não contei a ninguém. Não, até agora.

Jamie e eu nos entreolhamos por cima do fogo. Drunkard's Creek não devia abrigar mais do que duas dúzias de almas, em umas poucas cabanas espalhadas ao longo das margens do córrego. No entanto, nem os Hobson, nem os Fowles haviam mencionado a perda de Abel — evidentemente, ele de fato não havia contado a ninguém.

— O que aconteceu, sr. Abel? — Marsali ainda segurava a mão dele, embora ele a apoiasse frouxamente, a palma para baixo, sobre o lenço vermelho.

MacLennan, então, ergueu os olhos, piscando.

— Oh — disse vagamente. — Tanta coisa aconteceu. E no entanto... na verdade, não muita coisa, afinal de contas. Abby — Abigail, minha mulher — ela morreu de uma febre. Ela pegou uma gripe e... morreu. — Ele soou levemente surpreso.

Jamie serviu um pouco de uísque numa xícara vazia, pegou uma das mãos inertes de MacLennan e envolveu-a na xícara, mantendo os dedos dele no lugar com os seus próprios, até a mão de MacLennan segurar a xícara com mais força.

— Beba, homem — ele disse.

Todos ficaram em silêncio, observando, enquanto MacLennan obedientemente provava o uísque, tomava um pequeno gole, tomava outro. O jovem soldado Ogilvie remexeu-se desconfortavelmente em sua pedra, parecendo querer voltar ao regimento, mas continuou no mesmo lugar, como se temesse que uma partida brusca pudesse de algum modo ferir MacLennan ainda mais.

A própria imobilidade de MacLennan atraiu cada olhar, congelou qualquer conversa. Minha mão pairou constrangidamente acima dos frascos em minha arca, mas eu não tinha nenhum remédio para aquilo.

— Eu tinha o suficiente — ele disse, repentinamente. — Eu tinha. — Ergueu os olhos de sua xícara e olhou ao redor da fogueira, como se desafiasse qualquer um a contradizê-lo. — Para os impostos, sabe? Não tinha sido um ano tão bom quanto se esperava, mas eu fora cuidadoso. Eu tinha dez alqueires de milho guardados e quatro boas peles de cervo. Valiam mais do que os seis xelins do imposto.

Mas os impostos devem ser pagos em moeda corrente, não em milho, peles e blocos de índigo, como os fazendeiros costumavam negociar. O escambo era a forma de comércio comum, eu sabia disso muito bem, pensei, olhando para a sacola de materiais diversos que as pessoas me traziam em pagamento pelas poções e ervas medicinais. Ninguém pagava nada em espécie, a não ser os impostos.

— Bem, isso é razoável — MacLennan disse, piscando nervosamente para o soldado Ogilvie, como se o rapaz tivesse protestado. — Sua Majestade não pode lidar com um rebanho de porcos, ou um bando de perus, não é mesmo? Não, sei muito bem por que tem que ser em dinheiro vivo, qualquer um pode ver. E eu tinha o milho, poderia render seis xelins facilmente.

A única dificuldade, é claro, estava em transformar dez alqueires de milho em seis xelins de impostos. Havia aqueles em Drunkard's Creek que poderiam comprar o milho de Abel e estavam dispostos a isso, mas ninguém em Drunkard's Creek tinha dinheiro. Não, o milho teria que ser levado ao mercado em Salem, era o lugar mais perto

onde se podia obter dinheiro. Mas Salem ficava a quase setenta quilômetros de Drunkard's Creek — uma viagem de uma semana, ida e volta.

— Eu tinha cinco acres em cevada passada — Abel explicou. — Madura e amarelada, pedindo para ser ceifada. Eu não podia deixá-la se estragando, e minha Abby... ela era uma mulher pequena, franzina, não podia ceifar e debulhar.

Sem poder dispor de uma semana antes de fazer sua colheita, Abel procurou a ajuda dos vizinhos.

— São boas pessoas — afirmou. — Um ou dois podiam me arranjar um ou outro penny, mas eles tinham seus próprios impostos para pagar, certo? — Ainda esperando conseguir juntar o dinheiro necessário sem ter que fazer a difícil viagem a Salem, Abel se atrasara no pagamento — e se atrasara demais.

— Howard Travers é o xerife — ele disse, limpando inconscientemente a gota que se formara na ponta de seu nariz. — Ele chegou com um papel e disse que tinha que nos despejar porque os impostos não foram pagos.

Diante da necessidade, Abel deixara sua mulher na cabana e partira apressadamente para Salem. Mas quando retornou, com os seis xelins no bolso, sua propriedade havia sido confiscada e vendida — para o sogro de Howard Travers, — sua cabana estava habitada por estranhos e sua mulher fora embora.

— Eu sabia que ela não teria ido longe — ele explicou. — Ela não deixaria as crianças.

E de fato foi lá que ele a encontrou, enrolada numa colcha esfarrapada e tremendo de frio sob um enorme abeto, na colina que abrigava as sepulturas dos quatro filhos de MacLennan, todos mortos no primeiro ano de vida. Apesar de suas súplicas, Abigail se recusou a descer para a cabana que fora deles, não quis buscar a ajuda daqueles que a destituíram de tudo. Se era loucura da febre que tomara conta dela ou apenas teimosia, ele não sabia; ela se agarrara aos galhos da árvore com uma força tresloucada, gritando os nomes de seus filhos — e lá morreu à noite.

Sua xícara de uísque estava vazia. Depositou-a cuidadosamente no chão aos seus pés, ignorando o gesto de Jamie na direção da garrafa.

— Eles haviam lhe dado permissão para levar o que pudesse. Ela tinha uma trouxa com ela e dentro estavam suas roupas para o enterro. Lembro-me bem de vê-la sentada no dia seguinte ao nosso casamento, fiando sua mortalha. Tinha pequeninas flores em toda a volta, que ela mesma fizera; ela era muito boa com uma agulha.

Ele envolvera Abigail em sua mortalha bordada, enterrou-a ao lado do filho mais novo e depois desceu três quilômetros de estrada, pretendendo, ele achava, contar aos Hobson o que acontecera.

— Mas eu cheguei à casa deles e encontrei todo mundo zumbindo como marimbondos, Hugh Fowles recebera uma visita de Travers, que fora coletar o imposto, e não havia dinheiro. Travers riu como um macaco e disse que para ele não fazia diferença. De fato, dez dias mais tarde, ele voltou com um papel e três homens e os despejou.

Hobson raspava todo o dinheiro que conseguira para pagar seus próprios impostos e os Fowles estavam amontoados ali em segurança, com o resto da família, mas Joe Hobson estava espumando de raiva com o tratamento dado a seu genro.

— Ele estava vociferando, Joe, enlouquecido de fúria. Janet Hobson disse para eu entrar e me sentar, ofereceu-me o jantar, e lá estava Joe berrando que iria tirar o preço da terra do couro de Howard Travers, e Hugh, abatido como um cão enxotado, sua mulher me cumprimentando, as crianças gritando pelo jantar como uma ninhada de porquinhos esfomeados, e... bem, eu pensei em contar a eles, mas depois... — Sacudiu a cabeça, como se estivesse novamente confuso.

Sentado no canto da chaminé, quase esquecido, fora tomado por uma estranha espécie de fadiga, que o deixou tão exausto que sua cabeça oscilava sobre o pescoço, a letargia dominando-o. Estava bem aquecido ali e ele sentiu uma sensação de irrerealidade. Se o confinamento da apinhada cabana de um único cômodo dos Hobson não era real, a tranquila encosta da colina e sua sepultura mais recente sob o abeto também não eram.

Ele dormiu embaixo da mesa e acordou antes do amanhecer, descobrindo que a sensação de irrerealidade persistia. Tudo ao seu redor não parecia mais do que um pesadelo. O próprio MacLenann parecia ter deixado de existir; seu corpo levantou-se, lavou-se e comeu, balançou a cabeça e falou sem seu conhecimento. Nada do mundo exterior existia mais. E foi assim que, quando Joe Hobson levantou-se e anunciou que ele e Hugh iriam a Hillsborough buscar compensação no Tribunal de Justiça, é que Abel MacLennan viu-se marchando pela estrada com eles, balançando a cabeça e respondendo quando falavam com ele, sem mais vontade própria do que um morto.

— Realmente me ocorreu, quando descíamos a estrada, que estávamos todos mortos — ele disse, como em um sonho. — Eu, Joe, Hugh e os demais. Devo dizer que estivemos em um e outro lugar; eu estava apenas avançando até que chegasse a hora de descansar meus ossos ao lado de Abby. Eu não me importava.

Quando chegaram a Hillsborough, ele não deu muita atenção ao que Joe pretendia fazer; apenas seguiu os demais, obediente e sem pensar. Seguiu e andou pelas ruas enlameadas, brilhando com cacos de vidro das janelas estilhaçadas, viu as tochas e os arruaceiros, ouviu os gritos e berros — tudo impassivelmente.

— Todos me pareciam mortos, chacoalhando os ossos uns contra os outros — ele disse, encolhendo os ombros. Ficou imóvel por um instante, depois virou o rosto para Jamie e olhou fixamente para seu rosto, longa e ansiosamente.

— É isso mesmo? Você também está morto? — Sua mão inerte e calejada flutuou do lenço vermelho e pousou de leve na maçã do rosto de Jamie.

Jamie não recuou ao toque da mão de MacLennan, mas segurou-a e a levou para baixo, mantendo-a entre as suas.

— Não, a charaid — ele disse suavemente. — Ainda não. MacLennan balançou a cabeça devagar.

— Sim. Dê tempo ao tempo — ele disse. Libertou sua mão e permaneceu sentado por um instante, alisando seu lenço. Sua cabeça não parava de balançar, devagar, para frente e para trás, como se a mola de seu pescoço tivesse sido esticada demais.

— Dê tempo ao tempo — ele repetiu. — Não é tão ruim. — Levantou-se, então, e colocou o lenço vermelho quadrado sobre a cabeça. Virou-se para mim e balançou a cabeça educadamente, os olhos vagos e perturbados.

— Obrigado pelo café da manhã, senhora — ele disse e foi embora.

HUMORES BILIARES

A partida de Abel MacLennan pôs um fim abrupto ao café da manhã. O soldado Ogilvie agradeceu e pediu licença, Jamie e Fergus saíram em busca de foices e astrolábios, e Lizzie, murchando na ausência do soldado Ogilvie, declarou que não se sentia bem e deixou-se cair palidamente em uma das tendas, fortalecida com uma grande xícara de decocção de arruda e tanaceto.

Felizmente, Brianna resolveu aparecer nesse momento, sem Jemmy. Ela e Roger tomaram o café da manhã com Jocasta, afirmou. Jemmy adormecera nos braços de Jocasta e, como ambas as partes pareciam satisfeitas com esse arranjo, ela o deixara lá e voltara para me ajudar com o atendimento médico da manhã.

— Tem certeza de que quer me ajudar hoje? — Olhei para Bri, em dúvida. — Afinal de contas, é o dia do seu casamento. Acho que Lizzie ou talvez a sra. Martin poderiam...

— Não, eu vou ajudar — assegurou-me, estendendo um pano sobre o banco alto que eu usava no consultório improvisado. — Lizzie está se sentindo melhor, mas não creio que esteja pronta para pés infeccionados e estômagos pútridos. — Encolheu ligeiramente os ombros, fechando os olhos à lembrança do cavalheiro idoso com uma úlcera no calcanhar, que eu havia desbridado no dia anterior. A dor o fizera vomitar copiosamente em suas calças esfarrapadas, o que por sua vez fizera várias pessoas à espera de atendimento vomitarem também, num reflexo solidário.

Eu mesma me senti um pouco nauseada diante da recordação, mas eliminei o enjoo com um gole final de café amargo.

— Não, acho que não — concordei com relutância. — Ainda assim, seu vestido ainda não está inteiramente pronto, está? Talvez você deva...

— Está tudo bem — ela me garantiu. — Phaedre está fazendo a bainha do meu vestido e Ulysses está dando ordens em todo mundo lá, como um sargento. Eu só iria atrapalhar.

Concordei sem mais objeções, apesar de estranhar um pouco sua disposição. Embora Bri não fosse melindrosa em relação às exigências da vida normal, como tirar a pele de animais ou limpar peixes, eu sabia que a proximidade de pessoas em condições desfigurastes e

doenças visíveis a incomodava, embora ela fizesse o melhor possível para disfarçar. Não era repugnância, eu achava, mas uma espécie de empatia incapacitante.

Levantei a chaleira e despejei água fervente em uma vasilha grande, parcialmente cheia de álcool destilado, apertando os olhos contra as nuvens quentes de vapor alcoólico.

Era realmente difícil ver as pessoas sofrendo de problemas que poderiam facilmente ser tratados numa época de antissépticos, antibióticos e anestesia, mas eu aprendera a me distanciar nos hospitais de campanha de uma época em que tais inovações médicas não só eram muito recentes, como raras, e sabia da necessidade e do valor desses avanços da medicina.

Eu não poderia ajudar ninguém se meus próprios sentimentos atrapalhassem. Era uma constatação simples. Mas Brianna não tinha esse conhecimento para usar como escudo. Ainda não.

Ela terminou de limpar os bancos, caixas e outros equipamentos do consultório e empertigou-se, uma pequena ruga entre as sobrancelhas.

— Lembra-se da mulher que você atendeu ontem? Aquela com o menino retardado?

— Não é algo que se possa esquecer — eu disse, da maneira mais descontraída possível. — Por quê? Poderia me ajudar com isso aqui? — Indiquei a mesa portátil que eu costumava usar e que teimosamente se recusava a fechar adequadamente, as juntas tendo inchado com a umidade.

Brianna franziu a testa ligeiramente, estudando a mesa, depois deu uma pancada na junta emperrada com a lateral de sua mão. A junta cedeu e encaixou-se obedientemente na mesma hora, reconhecendo uma força superior.

— Pronto. — Ela esfregou o lado da mão distraidamente, a testa ainda franzida. — Você estava tentando por todos os meios lhe dizer para não ter mais filhos. O menino... era um problema hereditário, então?

— Pode-se dizer que sim — respondi secamente. — Sífilis congênita. Ela ergueu os olhos, empalidecendo.

— Sífilis? Tem certeza?

Balancei a cabeça confirmando, enquanto enrolava uma atadura de linho fervido. Ainda estava úmida, mas não havia nada que pudesse ser feito quanto a isso.

— A mãe ainda não exibia sinais evidentes dos últimos estágios da doença, mas são inconfundíveis numa criança.

A mãe a procurara apenas para ter um abscesso na gengiva

lancetado, o menino agarrado às suas saias. Ele possuía o característico nariz côncavo, ou em sela, com o cavalete arqueado para dentro, assim como uma malformação tão grande no maxilar, que não me surpreendi com seu estado de subnutrição; ele mal podia mastigar. Eu não sei quanto de seu evidente retardamento devia-se a danos cerebrais e quanto à surdez; ele parecia ter ambos, mas eu não testei a extensão, já que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer para remediar os dois problemas. Eu aconselhei a mãe a lhe dar caldo de carne e de legumes, o que poderia ajudar com a desnutrição, mas não havia mais nada que pudesse ser feito por ele, pobrezinho.

— Eu não vejo isso aqui com tanta frequência quanto via em Edimburgo ou Paris, onde havia muitas prostitutas — eu disse a Bri, jogando a bola de ataduras dentro da sacola de lona que ela mantinha aberta para mim. — Mas de vez em quando, eu vejo. Por quê? Você não acha que Roger tenha sífilis, acha?

Ela olhou para mim, boquiaberta. Seu olhar de espanto foi obliterado por um fluxo imediato de ardente rubor.

— Não acho! — exclamou. — Mãe!

— Bem, eu achava que não — eu disse suavemente. — Mas acontece nas melhores famílias... e você estava perguntando.

Ela resfolegou furiosamente.

— Eu estava perguntando sobre contracepção — ela disse, entre dentes. — Ou ao menos era o que pretendia, antes de você começar com o Guia Médico de Doenças Venéreas.

— Ah, isso. — Olhei-a pensativamente, notando as manchas secas de leite materno em seu corpete. — Bem, o aleitamento materno é bastante eficaz. Não inteiramente, de modo algum, mas razoavelmente eficaz. Menos, depois dos seis primeiros meses — Jemmy estava agora com seis meses, — mas ainda assim eficaz.

— Mmmhum — ela disse, soando tão semelhante a Jamie, que eu tive que morder o lábio inferior para não rir. — E exatamente o que mais é eficaz?

Eu não havia realmente discutido contracepção — ao estilo do século XVIII — com ela. Não me parecera necessário quando ela surgiu em Fraser's Ridge e, depois, realmente não era necessário, já que ela estava grávida. Então ela agora estava achando necessário?

Franzi a testa, lentamente arrumando os rolos de ataduras e as trouxinhas de ervas na minha sacola.

— O mais comum é algum tipo de barreira. Um pedaço de seda ou esponja, encharcada com qualquer coisa de vinagre a conhaque. Mas, se você tiver óleo de tanaceto ou óleo de cedro, parece que funciona

melhor. Eu ouvi falar de mulheres nas Antilhas que usavam meio limão, mas essa obviamente não é uma boa alternativa aqui.

Ela soltou uma curta risada.

— Não, creio que não. Acho que o óleo de tanaceto também não funciona tão bem assim, era o que Marsali estava usando quando ficou grávida de Joan.

— Oh, ela estava mesmo usando? Achei apenas que ela tivesse se descuidado alguma vez, e uma vez é suficiente.

Senti, mais do que vi, ela se retesar, e mordi o lábio outra vez, dessa vez mortificada. Uma única vez havia sido suficiente... só não sabíamos qual vez. No entanto, ela arqueou os ombros e relaxou-os outra vez, descartando deliberadamente quaisquer lembranças que minha observação irrefletida tivesse evocado.

— Ela disse que estava usando..., mas que podia ter se esquecido. Mas não funciona sempre, não é?

Pendurei a sacola de bandagens cirúrgicas e ervas secas no ombro e peguei a arca médica pela tira de couro que Jamie fizera para ela.

— A única coisa que sempre funciona é o celibato — eu disse. — Imagino que esta não seja uma opção satisfatória no momento, não é?

Ela sacudiu a cabeça, os olhos fixos pensativamente num agrupamento de rapazes, visível através das árvores mais abaixo, revezando-se em atirar pedras do outro lado do córrego.

— Era o que eu temia — ela disse e inclinou-se para pegar a mesa portátil e dois banquinhos.

Olhei ao redor da clareira, refletindo. Mais alguma coisa? Não era preciso se preocupar em deixar o fogo aceso, ainda que Lizzie adormecesse; nada na montanha pegaria fogo com aquele tempo; até mesmo os gravetos e a lenha que havíamos armazenado no fundo de nossa tenda no dia anterior estavam úmidos. Mas alguma coisa estava faltando... o quê? Oh, sim. Larguei a caixa por um instante e engatinhei para dentro da tenda. Vasculhei a confusão de colchas, finalmente encontrando minha sacolinha de couro.

Fiz uma rápida oração a santa Brígida e pendurei-a no pescoço, enfiando-a para dentro do colete do meu vestido. Estava tão habituada a usar o amuleto quando saía para atender doentes que eu quase deixara de me sentir ridícula a respeito desse pequeno ritual — quase. Bri me observava, um olhar um pouco estranho no rosto, mas não disse nada.

Nem eu; apenas peguei meus apetrechos e a segui pela clareira, contornando cuidadosamente uma ou outra poça d'água. Não estava chovendo agora, mas as nuvens haviam se assentado no topo das

árvores, prometendo mais chuva a qualquer momento, e filetes de névoa erguiam-se de troncos caídos e arbustos gotejantes.

Por que Bri estaria se preocupando com contracepção?, eu me perguntava. Não que eu não achasse uma ideia sensata, mas por que agora? Talvez tivesse a ver com a iminência de seu casamento com Roger. Ainda que estivessem vivendo como marido e mulher nos últimos meses — e estavam — a formalidade dos votos feitos diante de Deus e dos homens era suficiente para trazer uma nova sobriedade até mesmo ao mais leviano dos jovens. E nem Bri nem Roger eram levianos.

— Há uma outra possibilidade — eu disse para a sua nuca, conforme ela caminhava à minha frente pela trilha escorregadia. — Ainda não tentei em ninguém, de modo que não posso dizer até que ponto é confiável. Naya-wenne, a velha índia tuscarora que me deu a sacolinha de couro de remédios, disse que havia "ervas de mulheres". Misturas diversas, mas uma planta em particular para esse fim. Ela disse que as sementes dessa planta impediriam que o espírito de um homem dominasse o de uma mulher.

Bri parou, virando-se parcialmente para mim quando me aproximei.

— É assim que os índios veem a gravidez? — Um dos cantos de sua boca curvou-se ironicamente. — O homem vence?

Eu ri.

— Bem, de certa forma. Se o espírito da mulher for forte demais para o do homem, ou não ceder a ele, ela não pode conceber. Assim, se uma mulher quer um filho, mas não consegue conceber, geralmente a xamã tratará o marido, ou ambos, em vez de tratar apenas a mulher.

Ela fez um pequeno ruído gutural, parcialmente achando graça — apenas parcialmente.

— Qual é a planta... a erva das mulheres? — ela perguntou. — Você conhece?

— Não tenho certeza absoluta — admiti. — Não tenho certeza do nome, quero dizer. Mas ela me mostrou tanto a planta quanto as sementes secas, e tenho certeza de que a reconheceria, mas não era uma planta que eu conhecesse por um nome em inglês. Uma das Umbelliferae, eu acho — acrescentei.

Ela me lançou um olhar austero que me lembrou outra vez Jamie, depois se afastou para o lado, a fim de deixar uma fileira de mulheres dos Campbell passar, chocalhando chaleiras e caldeirões vazios, cada qual balançando a cabeça educadamente para nós enquanto seguiam a caminho do córrego.

— Bom-dia, sra. Fraser — uma delas disse, uma bonita jovem que eu reconheci como uma das filhas mais novas de Farquard Campbell. — Seu marido está por perto? Meu pai gostaria de dar uma palavrinha com ele.

— Não, ele saiu — eu disse, com um gesto vago. Jamie poderia estar em qualquer lugar. — Mas eu direi a ele, se o vir.

Ela balançou a cabeça e continuou seu caminho, cada uma das mulheres que a acompanhavam parando para desejar felicidades a Bri pelo seu casamento, suas saias e capas de lã provocando pequenas chuvas dos arbustos de murta que ladeavam o caminho naquele ponto.

Brianna aceitava os votos de felicidades com educada cordialidade, mas eu via a pequena ruga que se formara entre suas espessas sobrancelhas ruivas. Alguma coisa definitivamente a incomodava.

— O quê? — perguntei sem rodeios, assim que as Campbell já não podiam nos ouvir.

— O que é o quê? — ela perguntou, espantada.

— O que a está perturbando? — perguntei. — E não diga que não é nada, porque eu sei que é. Tem a ver com Roger? Está em dúvida com relação ao casamento?

— Não exatamente — ela respondeu, parecendo preocupada. — Eu quero me casar com Roger, quero dizer... não há nada errado com isso. É só que... que eu... pensei uma coisa... — Sua voz definhou e um ligeiro rubor subiu às suas faces.

— Sim? — perguntei, um pouco alarmada. — O quê?

— Doença venérea — ela soltou de uma vez. — E se eu tiver? Não Roger, ele não, mas... de Stephen Bonnet?

Seu rosto estava tão afogueado que me surpreendia não ver as gotas de chuva chiarem e se evaporarem ao atingir sua pele. Meu próprio rosto estava frio, o coração apertado no peito. A possibilidade me ocorrera — vividamente — na época, mas eu não quis sequer sugerir tal coisa, se ela mesma não tivesse pensado nisso. Lembro-me das semanas que passei observando-a disfarçadamente, à cata de qualquer sinal de doença, mas as mulheres em geral não mostravam nenhum sintoma no começo de uma infecção. O nascimento saudável de Jemmy fora um alívio em mais de um aspecto.

— Oh — exclamei suavemente. Estendi a mão e apertei seu braço. — Não se preocupe, querida. Você não tem.

Ela inspirou fundo e soltou o ar de uma vez, numa nuvem de vapor, um pouco da tensão abandonando seus ombros.

— Tem certeza? — ela disse. — Você pode saber? Eu me sinto bem, mas pensei... as mulheres nem sempre têm sintomas.

— É verdade — eu disse, — mas os homens certamente têm. E se Roger tivesse contraído alguma doença de você, eu já teria sabido há muito tempo.

Seu rosto havia empalidecido um pouco, mas o tom rosado voltou depois disso. Ela tossiu, a névoa elevando-se de seu hálito.

— Bem, isso é um alívio. Então Jemmy está bem? Tem certeza?

— Absoluta — assegurei-lhe. Eu havia pingado algumas gotas de nitrato de prata — conseguido a um alto preço e com muita dificuldade — em seus olhos ao nascer, por via das dúvidas, mas eu realmente tinha certeza. Além da ausência de qualquer sinal específico de doença, Jemmy tinha um ar robusto de saúde que fazia a mera ideia de infecção inacreditável. Ele irradiava bem-estar como um caldeirão de ensopado de carne.

— Foi por isso que você perguntou sobre contracepção? — perguntei, cumprimentando o acampamento da sra. MacRae com um aceno ao passar por ele. — Você estava preocupada em ter mais filhos, caso...

— Oh. Não. Quero dizer... eu nem tinha pensado em doença venérea até você mencionar sífilis, e então ocorreu-me a terrível ideia de que eu poderia ter contraído... de que ele... — Ela parou e limpou a garganta. — Hã, não. Eu só queria saber.

Um trecho escorregadio do caminho colocou um ponto final na conversa naquele momento, mas não em minhas especulações.

Não que a mente de uma jovem noiva não se voltasse um pouco para ideia de contracepção — mas, nas circunstâncias... o que seria?, me perguntei. Medo por si mesma, ou por um novo bebê? Dar à luz podia ser perigoso, é claro — e qualquer um que tivesse visto as pacientes no meu consultório ou ouvido as conversas das mulheres ao redor das fogueiras à noite não teria dúvidas quanto aos perigos para bebês e crianças pequenas; era rara a família que não tivesse perdido no mínimo uma criança de febre, inflamação da garganta ou diarreia incontrollável. Muitas mulheres haviam perdido três, quatro ou mais filhos. Lembrei-me da história de Abel MacLennan e um calafrio percorreu minha espinha.

Entretanto, Brianna era muito saudável e, apesar de não podermos contar com recursos importantes como antibióticos e instalações médicas sofisticadas, eu lhe dissera para não subestimar o poder da simples higiene e boa nutrição.

Não, pensei, observando a curva vigorosa de suas costas enquanto levantava o pesado equipamento por cima de uma raiz tortuosa que atravessava o caminho. Não era isso. Ela devia ter alguma razão para estar preocupada, mas ela basicamente não era uma pessoa medrosa.

Roger? Neste caso, pareceria que o melhor a fazer era engravidar logo outra vez, com um filho que definitivamente seria de Roger. Isso sem dúvida ajudaria a cimentar seu novo casamento. Por outro lado... e se ela o fizesse? Roger ficaria mais do que satisfeito, mas e quanto a Jemmy?

Roger fizera um juramento de sangue, aceitando Jemmy como seu próprio filho. Mas a natureza humana era a natureza humana, e, embora eu tivesse certeza de que Roger jamais o abandonaria ou negligenciaria, era bastante provável que ele se sentisse de modo diferente — e de uma maneira óbvia — em relação a um filho que sabia ser seu. Bri se arriscaria a isso?

Pensando bem, eu achava que ela faria bem em esperar, se pudesse. Dar a Roger tempo para estabelecer fortes laços com Jemmy, antes de complicar a situação familiar com outra criança. Sim, muito sensato — e Bri de fato era uma pessoa eminentemente sensata.

Somente quando chegamos, finalmente, à clareira onde as consultas da manhã eram realizadas é que uma outra possibilidade me ocorreu.

— Podemos ajudá-las, sra. Fraser?

Dois dos garotos mais novos dos Chisholm apressaram-se a nos ajudar, aliviando a mim e a Brianna de nossos pesados fardos, e, sem que fosse necessário lhes pedir, começaram a armar a mesa, ir buscar água limpa, acender um fogo e se mostrar úteis de toda maneira possível. Não tinham mais do que oito e dez anos e, vendo-os trabalhar, percebi novamente que nesta época um garoto de doze ou catorze anos poderia ser essencialmente um adulto.

Brianna sabia disso também. Ela jamais deixaria Jemmy, eu sabia — não enquanto ela precisasse dele. Mas... e mais tarde? O que aconteceria quando ele a deixasse?

Abri minha arca e comecei lentamente a arrumar o material necessário para o trabalho da manhã: tesouras, sonda, fórceps, álcool, bisturi, ataduras, alicates de dentes, agulhas de sutura, unguentos, bálsamos, panos lavados, abluções, purgantes...

Brianna tinha vinte e três anos. Não teria mais do que trinta e poucos até Jemmy ser completamente independente. E se ele já não precisasse de seus cuidados... ela e Roger poderiam voltar. De volta à sua própria época, à segurança — à vida interrompida que lhe pertencia de direito.

Mas somente se não tivessem outros filhos, cuja dependência a prenderia aqui.

— Bom-dia, senhora. — Um cavalheiro baixo, de meia-idade, parou

à minha frente, o primeiro paciente da manhã. Ele estava com uma barba de pelo menos uma semana, mas notoriamente pálido ao redor da papada, com um ar doentio e olhos injetados, tão vermelhos de fumaça e uísque, que sua enfermidade era discernível instantaneamente. A ressaca era endêmica nas consultas matinais.

— Estou com uma pequena dor de estômago, senhora — ele disse, engolindo em seco, com ar infeliz. — Teria alguma coisa para acalmá-lo, talvez?

— Tenho o remédio certo — assegurei-lhe, pegando uma xícara. — Ovo cru e um pouco de ipecacuanha. Solte bem o vômito e será um novo homem.

As consultas eram realizadas à beira de uma grande clareira ao pé da colina, onde a grande fogueira da Assembleia ardia à noite. O ar úmido carregava o cheiro de fuligem e o odor mais ácido de cinzas molhadas, mas o pedaço de terra enegrecida — de uns três metros de diâmetro, pelo menos — já estava desaparecendo sob um cruzamento de novas toras e gravetos. Teriam dificuldade de acender a fogueira esta noite, pensei, se a garoa continuasse.

Uma vez resolvido o caso de ressaca, houve um curto período de calma e eu pude dar atenção a Murray MacLeod, que montara sua loja a uma pequena distância dali.

Murray havia começado cedo, percebi. O chão aos seus pés estava escuro, as cinzas que haviam sido espalhadas estavam empapadas de sangue. Ele também já tinha um paciente à mão — um cavalheiro robusto, cujo nariz vermelho e esponjoso e papadas flácidas testemunhavam uma vida de excesso de álcool. Ele fizera o homem ficar apenas de camisa, apesar da chuva e do frio, a manga levantada e o torniquete no lugar, a tigela da sangria segurada sobre os joelhos do paciente.

Eu estava a uns dez metros de onde Murray realizava seu trabalho, mas podia ver os olhos do paciente, amarelos como mostarda mesmo à luz turva da manhã.

— Doença do fígado — eu disse a Brianna, não me dando ao trabalho de abaixar a voz. — Dá para ver a icterícia daqui, não é?

— Humores biliares — MacLeod disse em voz alta, abrindo sua lanceta com um estalido. — Um excesso de humores, claro como água. — Pequeno, moreno e bem-arrumado em seu traje, Murray pessoalmente não causava grande impressão, mas certamente era um homem de opinião.

— Cirrose devido à bebida, eu diria — disse, aproximando-me e olhando o paciente de cima a baixo, impassivelmente.

— Uma condensação da bílis, devido a um desequilíbrio da fleuma!
— Murray olhou-me com raiva, obviamente achando que eu fosse roubar seu espetáculo, se não seu paciente.

Ignorei-o e inclinei-me para examinar o paciente, que pareceu alarmado diante do meu escrutínio.

— Você tem uma massa dura logo abaixo das costelas à direita, não é? — eu disse, amavelmente. — Sua urina é escura e, quando evacua, as fezes são escuras e sanguinolentas, estou certa?

O homem confirmou balançando a cabeça, boquiaberto. Estávamos começando a atrair atenção.

— Mãeee. — Brianna estava de pé atrás de mim. Balançou a cabeça para Murray e inclinou-se para sussurrar no meu ouvido. — O que você pode fazer para tratar a cirrose, mamãe? Nada!

Parei, mordendo o lábio. Brianna tinha razão. Na urgência de me exhibir fazendo o diagnóstico — e impedir que Murray usasse sua lanceta manchada e parecendo enferrujada no homem, — eu negligenciei o fato de que não tinha nenhum tratamento alternativo a oferecer.

O paciente olhava de um para o outro, obviamente inquieto. Com esforço, sorri para ele e balancei a cabeça para Murray.

— O sr. MacLeod tem razão — eu disse, forçando as palavras entre meus dentes. — Doença do fígado, sem dúvida... causada por um excesso de humores. — Suponho que seja possível considerar o álcool um humor, afinal; as pessoas que bebiam o uísque de Jamie na noite anterior evidentemente o achavam hilariante.

O rosto de Murray estivera tenso de desconfiança; com a minha capitulação, ficou comicamente apalermado de perplexidade. Dando um passo diante de mim, Brianna aproveitou o momento.

— Há um feitiço — ela disse, sorrindo encantadoramente para ele. — Ele... hã... afia a lâmina e facilita o fluxo dos humores. Deixe-me mostrar-lhe. — Antes que ele pudesse agarrar a lanceta com mais força, ela arrancou-a de sua mão e virou-se para a pequena fogueira da clínica, onde um caldeirão de água fumegava, pendurado em um tripé acima do fogo.

— Em nome de Miguel, o senhor das espadas, defensor das almas — ela entoou. Achei que usar o nome de São Miguel em vão não era realmente uma blasfêmia — ou, se fosse, que Miguel não faria objeção, em se tratando de uma boa causa. Os homens que preparavam a grande fogueira haviam parado para observar, assim como alguns pacientes que chegavam ao consultório.

Ela ergueu a lanceta e fez um amplo e lento sinal da cruz com ela,

olhando de um lado para o outro, para se certificar de que tinha a atenção de todos os espectadores. Tinha; estavam ansiosos. Assomando acima da maioria dos espectadores boquiabertos, os olhos azuis estreitados em concentração, ela me recordava fortemente Jamie em alguns de seus melhores desempenhos. Eu só esperava que ela fosse tão boa nisso quanto ele.

— Abençoe está lâmina, para a cura de seu criado — ela disse, erguendo os olhos para o céu e segurando a lanceta acima do fogo à maneira de um padre oferecendo a Eucaristia. A água borbulhava, mas ainda não atingira o ponto de ebulição.

— Abençoe o corte, para a retirada do sangue, para o derramamento do sangue, para o... hã... para a eliminação do veneno do corpo de seu mais humilde suplicante. Abençoe a lâmina... abençoe a lâmina... abençoe a lâmina na mão de seu humilde criado... Agradecemos a Deus pelo brilho do metal. — Agradecemos a Deus pela natureza repetitiva das orações gaélicas, pensei cinicamente.

Graças a Deus, a água estava fervendo. Ela abaixou a lâmina curta, curva, até a superfície da água, lançou um olhar penetrante significativamente para a plateia e declamou:

— Que a limpeza das águas abençoadas por Jesus Cristo, nosso Senhor, esteja com esta lâmina!

Ela mergulhou o metal na água e segurou-o ali até o vapor que se elevava sobre o cabo de madeira avermelhar seus dedos. Ergueu a lanceta e transferiu-a apressadamente para a outra mão, elevando-a no ar, enquanto disfarçadamente sacudia a mão escaldada às suas costas.

— Que a bênção de Miguel, defensor dos demônios, recaia sobre esta lâmina e sobre a mão de quem a brandir, para a saúde do corpo, para a saúde da alma. Amém!

Deu um passo à frente e apresentou a lanceta cerimoniosamente a Murray, pelo cabo. Murray, que não era nenhum tolo, lançou-me um olhar em que uma aguçada suspeita misturava-se a uma relutante admiração pelas habilidades teatrais de minha filha.

— Não toque a lâmina — eu disse, sorrindo graciosamente. — Quebraria o encanto. Oh, e repita o ritual toda vez que usar a lâmina. Mas, veja bem, tem que ser feito com a água fervendo.

— Mmmhum — ele disse, mas pegou a lanceta cuidadosamente pelo cabo. Com um sinal de cabeça para Brianna, ele virou-se para seu paciente, e eu, para a minha — uma garotinha com uma erupção causada por urtiga. Brianna me seguiu, limpando as mãos na saia e parecendo satisfeita consigo mesma. Ouvi o leve grunhido do paciente atrás de mim e o sonoro gotejamento de sangue dentro da tigela de metal.

Senti-me um pouco culpada em relação ao paciente de MacLeod, mas Brianna tinha toda razão; não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer por ele nas circunstâncias. Um cuidadoso tratamento de longo prazo, associado com uma excelente nutrição e uma completa abstinência de álcool, poderia prolongar sua vida; as chances dos dois primeiros eram pequenas, as da terceira, inexistente.

Brianna o havia salvo brilhantemente de uma potencialmente perigosa infecção sanguínea — e aproveitara a oportunidade para fornecer uma proteção semelhante a todos os futuros pacientes de MacLeod, — mas eu não podia deixar de sentir uma incômoda sensação de culpa por não ser capaz de fazer mais, eu mesma. Ainda assim, o primeiro princípio médico que eu aprendera como enfermeira nos campos de batalha da França ainda era válido: trate o paciente que está à sua frente.

— Use este unguento — eu disse severamente para a menina com a irritação de urtiga — e não coce.

PRESENTES DE CASAMENTO

O dia não clareara, mas a chuva parara por enquanto. Fogueiras fumaçavam como os aquecedores a óleo usados no campo para proteger os pomares das geadas, enquanto as pessoas apressavam-se para aproveitar a trégua momentânea da chuva para alimentar o fogo com seus carvões cuidadosamente guardados, empurrando lenha úmida para dentro das chamas num esforço apressado para secar roupas e cobertores molhados.

Uma dessas nuvens de fumaça inundou a trilha à sua frente e Roger virou-se para contorná-la, passando por tufo de capim molhado que ensopavam suas meias e galhos pendentes de pinheiro, que deixavam manchas escuras de umidade nos ombros de seu casaco conforme ele avançava. Ele não prestava nenhuma atenção à umidade, concentrado em sua lista mental de incumbências a realizar no dia. Primeiro, nas carroças dos vendedores de todo tipo de objeto, para comprar um presente de casamento para Brianna. Do que ela gostaria?, perguntava-se. Uma pequena joia, uma fita? Ele tinha bem pouco dinheiro, mas sentia a necessidade de marcar a ocasião com algum tipo de presente.

Ele teria gostado de colocar seu próprio anel no dedo dela quando fizessem os votos, mas ela insistira que o cabochão de rubi que pertencera ao seu avô serviria plenamente; ajustava-se perfeitamente ao seu dedo e não havia necessidade de gastar dinheiro com outro anel. Bri certamente era uma pessoa pragmática — às vezes, até de uma forma desconcertante, em contraste com sua própria veia romântica.

Algo prático, mas ornamental, então — como uma daquelas cadeiras de urinol, pintada? Sorriu consigo mesmo diante da ideia, mas a noção de praticidade permanecia, com um quê de dúvida.

Ele tinha uma lembrança vívida da sra. Abercrombie, uma matrona prática e digna, da congregação do reverendo Wakefield, que chegara à mansão completamente histérica certa vez, no meio do jantar, dizendo que havia matado o marido e perguntando o que deveria fazer. O reverendo deixara a sra. Abercrombie sob os cuidados temporários de sua governanta, enquanto ele e Roger, então um adolescente, correram à residência dos Abercrombie para ver o que havia acontecido.

Encontraram o sr. Abercrombie no chão da cozinha, felizmente ainda vivo, embora atordado e sangrando profusamente de um pequeno ferimento no couro cabeludo, ocasionado por ter sido golpeado com o novo ferro elétrico com que presenteara sua mulher por ocasião do vigésimo terceiro aniversário de casamento.

— Mas ela disse que o ferro velho queimava as toalhas de chá! — o sr. Abercrombie repetia a lastimosos intervalos, enquanto o reverendo habilmente fazia um curativo em sua cabeça e Roger limpava o assoalho da cozinha.

Foi a vívida lembrança das manchas de sangue no linóleo gasto da cozinha dos Abercrombie que o fez se decidir. Bri podia ser pragmática, mas aquele era o casamento deles. Para o melhor ou para o pior, até que a morte nos separe. Seria romântico — ou tão romântico quanto se poderia ser com um xelim e três pennies.

Viu um lampejo de vermelho entre as agulhas de abeto próximas, como o vislumbre de um galo-de-campina. Porém, maior do que o pássaro médio; ele parou, inclinando-se para espreitar através de uma abertura nos galhos.

— Duncan? — ele disse. — É você?

Duncan Innes saiu do meio das árvores, balançando a cabeça timidamente. Ele ainda usava o tartã escarlate dos Cameron, mas abandonara o esplêndido casaco e, em vez disso, enrolara a ponta de seu xale como um xale por cima dos ombros, ao velho e confortável estilo das Highlands.

— Uma palavra, a Smeòraich? — ele disse.

— Sim, claro. Estou a caminho das carroças dos latoeiros, acompanhe-me. — Voltou novamente para o caminho, agora livre da fumaça, e caminharam como bons companheiros pela montanha, lado a lado.

Roger não disse nada, esperando educadamente que Duncan iniciasse a conversa. Duncan era tímido e reservado por natureza, mas observador, perceptivo e teimoso de uma maneira muito tranquila. Se ele tivesse alguma coisa a dizer, ele o diria — no devido tempo. Finalmente ele respirou fundo e começou.

— Mac Dubh me disse que seu pai era um ministro. É verdade, não é?

— Sim — Roger disse, surpreso com a natureza do assunto. — Ou ao menos... meu verdadeiro pai foi morto e o tio de minha mãe me adotou; ele que era ministro. — Enquanto falava, Roger se perguntou por que sentia a necessidade de se explicar. Durante quase toda a sua vida, ele pensara e falara do reverendo como seu pai, e sem dúvida

isso não fazia a menor diferença para Duncan.

Duncan balançou a cabeça, estalando a língua em solidariedade.

— Mas você mesmo era presbiteriano, não é? Eu ouvi Mac Dubh falar sobre isso. — Apesar das boas maneiras usuais de Duncan, um leve sorriso surgiu no canto do seu bigode desgrenhado.

— Imagino que tenha ouvido — Roger retrucou secamente. Ficaria surpreso se toda a Assembleia não tivesse ouvido Mac Dubh falar disso.

— Bem, a questão é que eu também sou — Duncan disse, num tom quase de desculpas.

Roger olhou-o espantado.

— Você? Achei que fosse católico!

Duncan emitiu um pequeno ruído embaraçado, erguendo o ombro do braço amputado, num gesto de resignação.

— Não. Meu bisavô, por parte de mãe, era um partidário da reforma protestante na Escócia, um pessoal muito fervoroso em suas crenças, sabe? — Sorriu, um pouco timidamente. — Mas, na época em que eu nasci, isto já havia se diluído bastante. Minha mãe era religiosa, mas papai não era um grande adepto da igreja, nem eu. E, quando eu conheci Mac Dubh... bem, não é que ele tenha me convidado para ir à missa com ele, sabe?

Roger balançou a cabeça, com um pequeno grunhido de compreensão. Duncan conhecera Jamie na prisão de Ardsmuir, depois do Levante. Embora a maior parte das tropas jacobitas tivesse sido de católicos, ele sabia que havia protestantes de diferentes grupos entre eles também — e a maioria provavelmente se calara a respeito disso, estando rodeada de católicos em maior número. E era bem verdade que a carreira posterior de Jamie e Duncan no contrabando teria oferecido poucas ocasiões para o discurso religioso.

— Sim, é verdade. E seu casamento com a sra. Cameron esta noite... Duncan balançou a cabeça e mordeu o canto da boca, mastigando contemplativamente a beirada de seu bigode.

— É isso. Você acha que devo dizer alguma coisa?

— A sra. Cameron não sabe? Nem Jamie?

Duncan sacudiu a cabeça silenciosamente, os olhos na lama pisoteada da trilha.

Roger percebeu que era a opinião de Jamie que importava ali, e não a de Jocasta Cameron. A questão de religiões diferentes obviamente não parecera importante a Duncan — e Roger nunca soube que Jocasta fosse de algum modo devota, — mas, ao ouvir a

reação de Jamie ao presbiterianismo de Roger, Duncan se assustara.

— Você foi falar com o padre, Mac Dubh disse. — Duncan olhou para ele de viés. — Ele... — Limpou a garganta, enrubescendo. — Quero dizer, ele o obrigou a se... batizar ao estilo de Roma?

Uma perspectiva atroz para um protestante devoto e obviamente uma perspectiva desconfortável para Duncan. Era, Roger compreendeu, uma ideia desconfortável para ele também. Ele teria feito isso, se fosse obrigado, para se casar com Bri? Imagina que teria, finalmente, mas admitia ter sentido um profundo alívio com o fato de o padre não ter insistido em nenhum tipo de conversão formal.

— Ah... não — Roger disse, e tossiu quando outra baforada de fumaça os cobriu repentinamente. — Não — repetiu, limpando os olhos lacrimejantes.

— Mas eles não o batizam, sabe, se você já foi batizado. Você foi, não?

— Oh, sim. — Duncan pareceu encorajado com isso. — Sim, quando eu... isso é... — Uma leve sombra atravessou seu rosto, mas qualquer que tenha sido o pensamento que o causou foi descartado com outro gesto dos ombros.

— Sim.

— Está bem, então. Deixe-me pensar um pouco, sim?

As carroças dos latoeiros já estavam à vista, amontoadas como gado, a mercadoria coberta por lonas e cobertores contra a chuva, mas Duncan parou, obviamente querendo que a questão fosse resolvida antes de prosseguir.

Roger esfregou a mão na nuca, pensando.

— Não — disse, finalmente. — Não acho que precise dizer nada. Veja bem, não vai ser uma missa, apenas uma cerimônia de casamento, e esta é exatamente igual. Aceita esta mulher, aceita este homem, na riqueza ou na pobreza, tudo isso.

Duncan balançou a cabeça, atento.

— Sim, isso eu posso dizer — concluiu. — Embora tenha sido uma situação difícil, a parte da riqueza e da pobreza. Você também sabe bem disso.

Ele falou inteiramente sem qualquer noção e ironia, meramente como alguém apenas afirmando um fato óbvio, e ficou claramente desconcertado ao ver a expressão no rosto de Roger em reação ao comentário.

— Não tive a intenção de insinuar nada — Duncan apressou-se a dizer. — Isto é, eu só quis dizer...

Roger abanou a mão, tentando descartar a questão.

— Não foi nada — ele disse, a voz tão seca quanto a de Duncan havia sido. — Quem diz a verdade não merece castigo, certo?

E era verdade, embora ele tivesse de algum modo conseguido fazer vista grossa a isso até este momento. De fato, ele compreendeu com uma sensação acabrunhante, sua situação era um paralelo exato à de Duncan: um homem sem um centavo, sem propriedade, casando-se com uma mulher rica — ou potencialmente rica.

Ele nunca havia pensado em Jamie Fraser como um homem rico, talvez por causa da simplicidade natural de Jamie, talvez simplesmente porque ele não fosse rico — ainda. Mas a verdade é que Fraser era o proprietário de dez mil acres de terra. Se uma grande parte dessas terras ainda era inculta, isso não significava que iria permanecer assim. Havia colonos nestas terras agora; logo haveria mais. E quando esses arrendatários comessem a pagar aluguel, quando houvesse serrarias e moinhos nos riachos, quando houvesse assentamentos e lojas e tavernas, quando o punhado de vacas e porcos e cavalos tivesse se multiplicado em gordos rebanhos de uma bem-sucedida criação de animais, sob a administração cuidadosa de Jamie... Jamie Fraser seria realmente um homem muito rico. E Brianna era a única filha natural de Jamie.

E depois, havia Jocasta Cameron, notoriamente já uma mulher muito rica, que declarara sua intenção de fazer de Brianna sua herdeira. Bri se recusara enfaticamente a aprovar a ideia — mas Jocasta era tão naturalmente teimosa quanto sua sobrinha e tinha mais prática nisso. Além disso, independentemente do que Brianna dissesse ou fizesse, as pessoas iriam supor...

E era isso que estava realmente pesando no fundo do seu estômago como uma pedra. Não apenas a percepção de que ele de fato estava se casando bem acima dos seus meios e posição — mas a percepção de que todo mundo na colônia inteira já percebera isso havia muito tempo, e provavelmente o viam cinicamente — e cochichavam a seu respeito — como um raro aproveitador, se não um absoluto aventureiro. A fumaça deixara um gosto amargo de cinzas no fundo de sua boca. Engoliu em seco e deu a Duncan um sorriso enviesado.

— Sim — ele disse. — Bem. Para o melhor ou para o pior. Imagino que devam ver alguma coisa em nós, não? As mulheres?

Duncan sorriu, com certa melancolia.

— Sim, alguma coisa. Então você acha que está tudo bem, sobre a religião? Eu não iria querer que a srta. Jo ou Mac Dubh pensassem que agi de má-fé ao não falar nada. Mas eu não gostaria de fazer um escarcéu a respeito disso, e não há necessidade.

— Não, claro que não — Roger concordou. Respirou fundo e afastou os cabelos molhados do rosto. — Não, acho que está tudo bem. Quando eu conversei com o... o padre, a única condição que ele impôs foi que eu batizasse meus filhos na religião católica. Mas como isso não é problema para você e a sra. Cameron, eu suponho... — Deixou a frase morrer educadamente, mas Duncan pareceu aliviado diante da ideia.

— Oh, não — ele disse e riu, um pouco nervosamente. — Não, acho que não estou preocupado com isso.

— Muito bem, então. — Roger forçou um sorriso e deu um tapinha nas costas de Duncan. — Boa sorte para você.

Duncan roçou o dedo sob o bigode, balançando a cabeça.

— Para você também, a Smeòraich.

Esperava que Duncan fosse embora cuidar de seus próprios afazeres, uma vez respondida a sua pergunta, mas o sujeito, em vez disso, continuou a acompanhá-lo, vagando devagar entre as fileiras de carroças no rastro de Roger, examinando as mercadorias em exposição com a testa ligeiramente franzida.

Após uma semana de pechinchas e escambo, as carroças estavam tão cheias como no início da Assembleia — ou até mais, empilhadas com sacos de grãos e lã, barris de cidra, sacas de maçãs, pilhas de peles de animais e outras miscelâneas aceitas na troca. O estoque de artigos atraentes havia minguado consideravelmente, mas ainda havia o que comprar, como evidenciado pela multidão de pessoas aglomeradas ao redor das carroças, como pulgões em uma roseira.

Roger era suficientemente alto para espreitar por cima das cabeças da maioria dos fregueses e percorreu lentamente a fileira de carroças, examinando um artigo ou outro, tentando visualizar a reação de Brianna a cada um deles.

Ela era uma bela mulher, mas não era inclinada a fazer alarde de sua aparência. Na realidade, ele a impedira por pouco de cortar sua gloriosa cabeleira ruiva por impaciência com as mechas que caíam por cima do olho e com Jemmy puxando-as teimosamente. Talvez uma fita fosse realmente algo prático. Ou um pente decorado? Mais provável um par de algemas para o garoto.

Parou junto a um vendedor de artigos de tecido e inclinou-se para espreitar por baixo da lona, onde gorros e fitas vistosas penduravam-se em segurança, fora da chuva, agitando-se na fria penumbra como os tentáculos de uma brilhante medusa. Duncan, o xale levantado até as orelhas para se proteger das rajadas de vento, aproximou-se, para ver o que ele estava olhando.

— Procurando alguma coisa em particular, senhores? — Uma vendedora inclinou-se para frente, por cima dos artigos, o peito pousado nos braços cruzados, e dividiu um sorriso profissional entre eles.

— Sim — Duncan disse, inesperadamente. — Um metro de veludo. Você teria isso? De boa qualidade, veja bem, mas a cor não é importante.

As sobranceiras da mulher arquearam-se — mesmo em suas melhores roupas, Duncan não pareceria um janota para ninguém, — mas ela virou-se sem comentários e começou a vasculhar o seu minguado estoque.

— Acha que a srta. Claire ainda teria um pouco de lavanda? — Duncan perguntou, virando-se para Roger.

— Sim, sei que tem — Roger respondeu. Seu espanto deve ter transparecido em seu rosto, pois Duncan sorriu e abaixou a cabeça timidamente.

— Foi uma ideia que eu tive — ele disse. — A srta. Jo sofre de enxaqueca e não dorme tão bem quanto deveria. Minha mãe tinha um travesseiro de lavanda e dizia que adormecia como um bebê assim que encostava a cabeça naquele travesseiro. Então, eu pensei que talvez um pedaço de veludo — de modo que ela pudesse senti-lo contra a pele, hein? — e talvez a srta. Lizzie o costuraria para mim...

Na doença e na saúde...

Roger balançou a cabeça com aprovação, sentindo-se emocionado — e ligeiramente envergonhado — com a consideração de Duncan. Ele tivera a impressão de que o casamento de Duncan e Jocasta Cameron fosse principalmente uma questão de conveniência e negócios — e talvez fosse. Mas uma louca paixão não era necessariamente um pré-requisito para ternura ou consideração, não é?

Duncan, terminada a compra, despediu-se e partiu com o veludo protegido sob seu xale, deixando Roger para fazer um lento percurso pelas carroças restantes, mentalmente selecionando, considerando e descartando, enquanto quebrava a cabeça tentando descobrir que item daquela miríade agradaria mais à noiva. Brincos? Não, o garoto os puxaria. O mesmo para um colar — ou uma fita de cabelos, agora que pensava nisso.

No entanto, sua mente se fixava em uma joia. Normalmente, ela usava bem poucos enfeites. Mas ela usava o anel de rubi de seu pai — o que Jamie lhe dera, o que ele dera a Brianna quando ela o aceitara para sempre — tudo durante a Assembleia. Jem babava nele de vez em quando, mas nada conseguia realmente danificá-lo.

Parou de repente, deixando a multidão fluir ao seu redor. Podia ver o ouro com os olhos da mente, e o forte vermelho-rosado do cabochão de rubi, vívido em seu dedo longo e pálido. O anel de seu pai. Claro, por que não vira isso antes?

É verdade, Jamie dera a ele o anel, mas isso não o tornava seu para dar a outra pessoa. E ele queria, de repente e muito intensamente, dar alguma coisa a Brianna que fosse realmente sua.

Virou-se decididamente e voltou a uma das carroças cujos artigos de metal brilhavam e cintilavam, mesmo sob a chuva. Ele sabia por experiência que seu dedo mínimo era exatamente do tamanho do dedo anelar de Brianna.

— Este — ele disse, segurando um anel. Era barato; feito de fios entrelaçados de cobre e latão, sem dúvida deixaria seu dedo verde em questão de minutos. Tanto faz, pensou, entregando o dinheiro. Quer ela o usasse o tempo todo ou não, seria a marca de que ela lhe pertencia.

Por esta razão, uma mulher deve deixar a casa de seu pai e apegar-se ao seu marido, e os dois se tornarão uma só carne.

PERTURBAÇÃO DA ORDEM

Ao fim da primeira hora, eu tinha um considerável ajuntamento de pacientes à minha espera, apesar do chuvisco intermitente. Era o último dia da Assembleia, e aqueles que aguentaram uma dor de dentes ou a dúvida de uma irritação na pele decidiram que deveriam aproveitar a oportunidade de ser tratados.

Despachei uma jovem com um bócio incipiente, advertindo-a para que adquirisse uma boa quantidade de peixe seco, já que ela vivia no interior e não podia obter peixe fresco todos os dias, e comesse um pouco todos os dias por causa do iodo que contém.

— Próximo! — chamei, afastando algumas mechas de cabelos úmidos dos meus olhos.

A multidão abriu-se como o mar Vermelho, revelando um homenzinho idoso, tão magro, que mais parecia um esqueleto ambulante, vestido em trapos e carregando uma trouxa de pelo nos braços. Conforme ele arrastava os pés em minha direção através das fileiras de pacientes que recuavam, eu descobri a razão para tanta deferência da multidão; ele fedia como um racum morto.

Por um instante, eu achei que o monte de pelos cinzentos poderia ser um racum morto — já havia uma pequena pilha de couros e peles de animais junto aos meus pés, embora meus pacientes em geral se dessem ao trabalho de separá-los de seus detentores originais, antes de presenteá-los a mim — mas, então, a pele se remexeu e um par de olhos brilhantes espreitou do meio da massa de pelos emaranhados.

— Meu cachorro está ferido — o homem anunciou bruscamente. Colocou o cachorro na minha mesa, empurrando o amontoado de instrumentos para o lado, e apontou para um rasgão irregular no flanco do animal. — Cuide dele.

Isso não foi dito como um pedido, mas, afinal, o cachorro é que era meu paciente, e ele parecia bastante civilizado. De porte médio e pernas curtas, de pelos ásperos, malhado e de orelhas irregulares, ele permaneceu placidamente ofegante, sem fazer nenhuma tentativa de fugir.

— O que aconteceu com ele? — Afastei do perigo a bacia cambaleante e inclinei-me para procurar a jarra de suturas esterilizadas. O cachorro lambeu minha mão de passagem.

— Foi uma briga com uma racum fêmea.

— Huum — eu disse, examinando o animal em dúvida. Considerando seu improvável parentesco e sua evidente amabilidade, achei que qualquer proposta feita a um racum fêmea era provavelmente inspirada pela luxúria, e não ferocidade. Como para confirmar essa impressão, o animal ejetou alguns centímetros de equipamento reprodutor úmido e rosado em minha direção.

— Ele gostou de você, mamãe — Bri disse, mantendo o rosto impassível.

— Muito lisonjeiro — murmurei, esperando que o dono do cachorro não se sentisse motivado a fazer qualquer demonstração semelhante de consideração. Felizmente, o velho não parecia gostar nem um pouco de mim; ignorou-me completamente, os olhos fundos fixos pensativamente na clareira lá embaixo, onde os soldados faziam algum tipo de treino.

— Tesouras — eu disse, resignada, estendendo a mão.

Cortei os pelos emaranhados próximos ao ferimento e fiquei satisfeita de não encontrar nenhum inchaço significativo ou outros sinais de infecção. O corte secara bem; evidentemente já se passara algum tempo desde a lesão. Imaginei se o cachorro teria encontrado sua nêmesis na montanha. Não reconheci o homem, nem ele tinha a fala de um escocês. Talvez nem estivesse participando da Assembleia, pensei comigo mesma.

— Hã... poderia segurar a cabeça dele, por favor? — O cachorro podia ser amistoso, mas isso não significava que seu bom temperamento se manteria inalterado quando eu enfiasse uma agulha através de sua pele. No entanto, seu dono continuou mergulhado na melancolia e não fez nenhum esforço para me atender. Olhei ao redor, à procura de Bri, buscando ajuda, mas ela desaparecera subitamente.

— Aqui, a bhalaich, vamos — disse uma voz tranquilizadora ao meu lado, e eu me virei, surpresa, deparando-me com o cachorro cheirando interessadamente as juntas dos dedos oferecidas por Murray MacLeod. Vendo meu olhar de surpresa, ele encolheu os ombros, sorriu e inclinou-se sobre a mesa, agarrando o perplexo cachorro pelo focinho e pela nuca.

— Devo avisá-la para agir bem rápido, sra. Fraser — ele disse. Segurei com firmeza a perna mais perto de mim e comecei a sutura. O cachorro reagiu exatamente como a maioria dos seres humanos em circunstâncias semelhantes, debatendo-se freneticamente e tentando escapar, as garras raspando a madeira rústica da mesa. Em dado momento, ele conseguiu livrar-se de Murray, após o que saltou imediatamente da mesa e lançou-se com todas as forças na direção do

espaço aberto, os fios de sutura voando atrás dele. Lancei-me de corpo inteiro sobre ele e rolei pelas folhas e pela lama, espalhando espectadores em todas as direções, até que uma ou duas das almas mais corajosas me deram assistência, prendendo o animal sarnento no chão para que eu pudesse terminar o trabalho.

Dei o último nó, cortei o fio encerado com a lanceta de Murray — que na verdade fora pisoteada na luta, embora infelizmente não tenha sido quebrada — e tirei o joelho dos flancos do cachorro, ofegando quase tanto quanto o próprio cachorro.

Os espectadores aplaudiram.

Fiz uma mesura, um pouco zozna, e afastei punhados de cachos desgrenhados do meu rosto com ambas as mãos. Murray não estava em melhores condições, o rabo de cavalo desfeito e um rasgão no casaco coberto de lama. Ele abaixou-se, agarrou o cachorro por baixo da barriga e levantou-o, colocando-o na mesa, ao lado do dono.

— Seu cachorro, senhor — ele disse, respirando com dificuldade.

O velho virou-se, colocou a mão na cabeça do cachorro e franziu a testa, olhando de mim para Murray, como se não soubesse o que pensar desta forma de tratamento médico que mais parecia uma luta livre. Olhou para trás, por cima do ombro, para os soldados lá embaixo, depois se virou para mim, as sobrancelhas ralas franzidas acima do nariz adunco.

— Quem são eles? — disse, num tom de profunda perplexidade. Sem esperar uma resposta, deu de ombros, virou-se e foi embora. O cachorro, a língua para fora, saltou da mesa e saiu trotando ao lado do seu dono, em busca de mais aventuras.

Respirei fundo, tentei limpar a lama do meu avental, sorri para Murray em agradecimento e virei-me para lavar as mãos antes de lidar com o paciente seguinte.

— Ha! — Brianna exclamou, baixinho. — Peguei-o! — Ela ergueu ligeiramente o queixo, indicando alguém por cima do meu ombro, e eu me virei para olhar.

O paciente seguinte era um cavalheiro. Um verdadeiro cavalheiro, quero dizer, a julgar pelos trajes e pela postura, ambos bem superiores aos do restante da fila. Eu já o tinha notado pairando junto à beira da clareira havia algum tempo, olhando de um lado para o outro entre meu centro de operações e o de Murray, obviamente em dúvida sobre qual médico deveria ter o privilégio de tê-lo como paciente. Evidentemente, o incidente com o cachorro do caçador de peles inclinara a balança a nosso favor.

Olhei para Murray, que parecia claramente contrariado. Um

cavalheiro provavelmente pagaria em dinheiro. Encolhi levemente o ombro para Murray em sinal de desculpas, em seguida exibi um agradável sorriso profissional e fiz um gesto indicando o banco ao meu paciente.

— Sente-se, por favor, senhor — eu disse, — e diga-me onde é que dói. O cavalheiro era o sr. Goodwin, de Hillsborough, cuja principal queixa, ao que parecia, era uma dor no braço. No entanto, vi que esse não era seu único problema; uma cicatriz em ziguezague, recentemente cicatrizada, ao longo de uma das faces, a marca pálida puxando para baixo o canto de seu olho e conferindo-lhe um olhar feroz. Uma leve descoloração na face mostrava, também, onde algum objeto pesado o atingira em cheio acima do maxilar, e suas feições possuíam a aparência inchada e embotada de alguém que havia levado uma surra num passado bem próximo.

Os cavalheiros eram tão capazes de se envolver em brigas quanto qualquer pessoa comum, com a devida provocação, mas este parecia já avançado em idade para tais diversões, parecendo ter cinquenta e poucos anos, com uma barriga próspera pressionando o colete abotoado com botões de prata. Talvez ele tivesse sofrido uma emboscada em algum lugar e tivesse sido assaltado, pensei. Mas não a caminho da Assembleia; aqueles ferimentos tinham várias semanas.

Apalpei cuidadosamente seu braço e ombro, fazendo levantar e mover ligeiramente o braço, fazendo rápidas perguntas enquanto examinava. O problema era bastante óbvio; ele deslocara o cotovelo e, embora o deslocamento felizmente houvesse se reduzido, achei que ele havia rompido um tendão, que agora estava preso na articulação do cotovelo, entre o olecrânio e a cabeça da ulna, o ferimento se agravando com o movimento do braço.

Não que isso fosse tudo; continuando a apalpar cuidadosamente seu braço, descobri nada menos do que três fraturas simples parcialmente curadas nos ossos do antebraço. Os danos não eram apenas internos; eu podia ver os descolorados remanescentes de duas grandes manchas roxas no antebraço, acima dos locais das fraturas, cada qual uma nódoa irregular verde-amarelada, com o vermelho-preto mais escuro de uma profunda hemorragia no centro. Marcas de autodefesa, pensei, ou eu não me chamava Claire.

— Bri, encontre uma boa tala para mim, sim? — Bri assentiu silenciosamente e desapareceu, deixando-me para untar as contusões do sr. Goodwin com unguento de cajepute.

— Como sofreu esses ferimentos, sr. Goodwin? — perguntei descontraidamente, escolhendo um pedaço de atadura de linho. — Parece que esteve envolvido numa grande briga. Espero que ao menos o outro sujeito esteja pior!

O sr. Goodwin sorriu debilmente diante da minha tentativa de gracejo.

— Na verdade, foi uma batalha, sra. Fraser — ele respondeu, — e ainda por cima não era uma luta minha. Uma questão de má sorte: estar no lugar errado na hora errada, como se costuma dizer. Ainda assim... — Ele apertou os olhos em reflexo quando eu toquei a cicatriz. Um serviço grosseiro de quem quer que tivesse dado os pontos, mas perfeitamente sarado.

— É mesmo? — eu disse. — O que aconteceu?

Ele resmungou, mas não pareceu contrariado por ter que me contar.

— A senhora certamente ouviu o oficial hoje de manhã, lendo as palavras do governador com relação ao comportamento atroz dos revoltosos, não?

— Acho que as palavras do governador não escaparam à atenção de ninguém — murmurei, puxando delicadamente a pele com a ponta dos dedos.

— Então, o senhor estava em Hillsborough, é isso que está me dizendo?

— Sim, é isso mesmo. — Suspirou, mas relaxou um pouco, vendo que eu não estava machucando-o com minhas sondagens. — Eu moro na cidade de Hillsborough, na verdade. E, se eu tivesse permanecido tranquilamente em casa, como minha mulher me implorou para fazer — deu um sorriso pesaroso, — sem dúvida teria escapado.

— Bem, dizem que a curiosidade matou o gato. — Eu localizara alguma coisa quando ele sorriu e pressionei delicadamente com o polegar a área descolorida em sua face. — Alguém bateu em seu rosto aqui, com bastante força. Quebraram algum dente?

Ele pareceu ligeiramente surpreso.

— Sim, senhora. Mas não é nada que possa consertar. — Ele levantou o lábio superior, revelando uma lacuna onde faltavam dois dentes. Um pré-molar fora completamente arrancado, mas o outro quebrara na raiz; eu podia ver uma linha irregular do esmalte amarelado, brilhando contra o vermelho-escuro da gengiva.

Brianna, chegando neste momento com a tala, fez um ligeiro barulho engasgado. Os outros dentes do sr. Goodwin, apesar de essencialmente inteiros, exibiam uma pesada crosta de tártaro amarelo e manchas marrons de mascar tabaco.

— Oh, acho que posso ajudar um pouco — garanti-lhe, ignorando Bri. — É doloroso mastigar aí, não é? Não posso consertar o dente, mas posso arrancar o pedaço que ficou do dente quebrado e tratar a

gingiva para evitar uma infecção. Mas quem foi que o atingiu?

Ele encolheu ligeiramente os ombros, olhando com um interesse levemente apreensivo conforme eu arrumava os brilhantes alicates e o bisturi de lâmina reta para tratamento odontológico.

— Para dizer a verdade, minha senhora, eu nem sei. Eu tinha ido à cidade para visitar o palácio de justiça. Estou processando um sujeito na Virgínia — ele explicou, franzindo o cenho diante dessa lembrança — e tenho que apresentar documentos que embasem essa ação judicial. Entretanto, não pude fazer o que precisava, pois encontrei a rua do tribunal completamente apinhada de homens, muitos armados com porretes, chicotes e outros implementos do tipo.

Vendo a multidão revoltada, ele pensara em ir embora, mas, naquele exato momento, alguém atirou uma pedra numa das janelas do tribunal de justiça. O barulho de vidro quebrado teve o efeito de um sinal para a multidão, e eles se lançaram para frente, quebrando portas e gritando ameaças.

— Eu fiquei preocupado com meu amigo, sr. Fanning, que eu sabia que estava lá dentro.

— Fanning... seria Edmund Fanning? — Eu só estava ouvindo com um ouvido, enquanto decidia a melhor maneira de extrair o pedaço de dente, mas reconheci aquele nome. Farquard Campbell mencionara Fanning, enquanto contava a Jamie os detalhes sangrentos das violentas manifestações que se seguiram à Lei do Selo havia alguns anos. Fanning fora indicado o administrador dos correios na colônia, uma posição lucrativa que provavelmente lhe custara um bom dinheiro para conseguir e custara-lhe ainda mais quando fora obrigado a renunciar à força. Evidentemente, sua impopularidade aumentara nos cinco anos que se passaram desde então.

O sr. Goodwin comprimiu os lábios, transformando-os numa linha de desaprovação.

— Sim, senhora, é esse mesmo. E qualquer que seja o escândalo que as pessoas espalham a respeito dele, ele sempre foi meu amigo. Assim, quando ouvi sentimentos tão dolorosos sendo expressos em ameaça à sua vida, resolvi que tinha que ir em sua ajuda.

Nessa cavalheiresca empreitada, o sr. Goodwin não tivera nenhum sucesso.

— Tentei abrir caminho à força pela multidão — ele disse, os olhos fixos em minhas mãos conforme eu ajeitava seu braço sobre a tala e colocava a bandagem de linho sob ela. — Mas não consegui avançar muito e, mal tinha colocado o pé nas escadas, quando se ouviu um grito lá de dentro e a multidão recuou, levando-me com ela.

Esforçando-se para se manter em pé, o sr. Goodwin ficara horrorizado de ver Edmund Fanning ser arrastado pela porta do tribunal de justiça, derrubado e depois puxado pelos pés escada abaixo, sua cabeça batendo em cada degrau.

— Que barulho horrível isso fazia — ele disse, estremecendo. — Eu podia ouvi-lo acima da gritaria, batendo como um melão rolando por uma escada.

— Santo Deus — murmurei. — Mas ele não morreu, não é? Não ouvi falar de nenhuma morte em Hillsborough. Relaxe o braço, por favor, e respire fundo.

O sr. Goodwin respirou fundo, mas apenas para emitir uma sonora arfada de desdém. A isso sucedeu-se uma arfada muito mais funda, quando virei seu braço, liberando o tendão preso e alinhando corretamente a articulação do cotovelo. Ele ficou muito pálido e uma película de suor formou-se em suas bochechas flácidas, mas ele piscou algumas vezes e recobrou-se com galhardia.

— É, se não foi morto, não foi por piedade dos arruaceiros — ele disse. — Foi apenas porque eles acharam melhor se divertir com o presidente do tribunal, e assim deixaram Fanning inconsciente na terra, enquanto corriam para dentro do tribunal. Outro amigo e eu erguemos o pobre homem e procuramos sair dali com ele para um abrigo próximo, quando ouvimos um berro às nossas costas e fomos imediatamente atacados pela turba. Foi assim que isso aconteceu — ele levantou o braço na tipóia — e isso. — Tocou a cicatriz junto ao olho e o dente estilhaçado.

Franziu a testa para mim, as sobrancelhas grossas arriadas.

— Acredite-me, senhora, espero que algumas pessoas aqui tenham a sensibilidade de dar os nomes dos arruaceiros, para que sejam punidos por atos tão bárbaros, mas, se eu visse aqui o sujeito que me atingiu, eu não me sentiria inclinado a entregá-lo à justiça do governador. Realmente, não me sentiria!

Seus punhos cerraram-se devagar e ele olhou furiosamente para mim, como se suspeitasse de que eu tivesse o canalha em questão escondido sob a mesa. Brianna remexeu-se desconfortavelmente atrás de mim. Ela sem dúvida estava pensando, como eu, em Hobson e Fowles. Já Abel MacLennan eu estava inclinada a considerar um espectador inocente, independentemente do que tivesse feito em Hillsborough.

Murmurei alguma coisa ininteligível em solidariedade e peguei a garrafa de uísque não refinado que usava para desinfecção e como arremedo de anestesia. A visão do uísque pareceu animar o sr. Goodwin consideravelmente.

— Um pouco disto... hã... para fortalecer o espírito — sugeri, servindo-lhe uma generosa xícara. E também para desinfetar o terrível ambiente de sua boca. — Mantenha-o na boca por um instante antes de engolir, vai ajudar a entorpecer o dente.

Virei-me para Bri, enquanto o sr. Goodwin obedientemente tomava um grande gole da bebida e ficava parado com a boca cheia, as bochechas infladas como as de um sapo, prestes a explodir numa cantoria. Ela parecia um pouco pálida, embora eu não soubesse ao certo se tinha sido a história do sr. Goodwin ou a visão do seu dente que a afetara.

— Acho que não vou precisar mais de você está manhã, querida — eu disse, com um tapinha em seu braço para convencê-la. — Por que não vai ver se Jocasta está pronta para o casamento esta noite?

— Tem certeza, mamãe? — Mesmo enquanto perguntava, ela já desamarrava o avental manchado de sangue, enrolando-o numa bola. Vendo seu olhar na direção da cabeça da trilha, olhei na mesma direção e vi Roger espreitando por trás de uma moita, os olhos fixos nela. Vi seu rosto se iluminar quando ela se voltou para ele e senti uma emoção agradável aquecer meu coração. Sim, eles iriam ficar bem.

— Muito bem, então, sr. Goodwin. Tome mais um gole disso e acabaremos de lidar com esse probleminha. — Voltei-me novamente para meu paciente, sorrindo, e peguei o alicate.

PELOS VELHOS TEMPOS

Roger esperava na borda da clareira, observando Brianna ao lado de Claire, enquanto ela triturava ervas, media líquidos em pequenos frascos e rasgava ataduras. Ela havia enrolado as mangas do vestido para cima, apesar do frio, e o esforço de rasgar o linho resistente fazia os músculos de seus braços nus flexionarem e avolumarem-se sob a pele sardenta.

Pulsos fortes, ele pensou, com uma lembrança ligeiramente perturbadora de Estella, em *Grandes esperanças*, de Dickens. Notoriamente forte no corpo todo; o vento achatou sua saia contra a curva sólida dos quadris e uma coxa longa pressionou-se rapidamente contra o tecido quando ela se virou, lisa e arredondada como o tronco de um amieiro.

Ele não era o único a notar. Metade das pessoas que aguardavam a sua vez com um dos dois médicos estava observando Brianna; algumas — a maioria mulheres — com a testa ligeiramente franzida, intrigadas, outras — todos homens — com uma disfarçada admiração e um toque de especulação física que provocou em Roger a vontade de sair para o meio da clareira e afirmar seus direitos sobre ela naquele mesmo instante.

Bem, que olhem, ele pensou, acalmando o impulso. Só importa se ela estiver correspondendo aos olhares, não é?

Saiu de trás das árvores, apenas um pouco, e a cabeça de Brianna virou-se imediatamente ao avistá-lo. A leve carranca em sua expressão dissolveu-se instantaneamente, seu rosto iluminando-se. Ele retribuiu o sorriso, em seguida sacudiu a cabeça num convite e começou a descer a trilha, sem esperar resposta.

Ele seria suficientemente mesquinho para querer mostrar ao bando de admiradores embasbacados que sua mulher largaria tudo para atender ao seu chamado? Bem... sim, era. O constrangimento com essa constatação foi amenizado por uma sensação de posse agradavelmente brutal ao som de seus passos no caminho acima; sim, ela atenderia ao seu chamado.

Ela deixará seu trabalho para trás, mas carregava alguma coisa na mão; um pequeno pacote, embrulhado em papel e amarrado com um fio de linha. Ele estendeu a mão e conduziu-a para fora do caminho, descendo na direção de um pequeno bosque, onde uma tela de folhas

de bordo desgastadas, amarelas e vermelhas, oferecia um arremedo decente de privacidade.

— Desculpe-me tirá-la de seu trabalho — ele disse, embora não lamentasse.

— Tudo bem. Fiquei contente de poder sair dali. Acho que não sou muito boa com sangue e entranhas. — Mostrou um ar desolado diante da admissão.

— Tudo bem — ele assegurou-lhe. — Não é um dos atributos que eu estivesse procurando numa mulher.

— Talvez devesse — ela disse, lançando lhe um olhar taciturno. — Aqui neste lugar, você pode precisar de uma mulher que possa arrancar seus dentes quando eles se estragarem e costurar seus dedos de volta no lugar quando decepá-los cortando lenha.

O dia cinzento parecia ter contaminado seu estado de espírito — ou talvez fosse o trabalho que estava fazendo. Um rápido olhar à fila de pacientes de Claire era suficiente para deixar qualquer um deprimido — qualquer um, exceto Claire — com seu desfile de deformidades, mutilações, feridas e doenças medonhas.

Ao menos, o que ele pretendia dizer a Brianna poderia tirar sua mente dos detalhes mais escabrosos da vida no século XVIII por alguns instantes. Colocou a mão em seu rosto e alisou uma sobrancelha grossa e ruiva com o polegar. Seu rosto estava frio, também, mas a pele atrás da orelha, embaixo dos cabelos, estava aquecida — como outras partes ocultas.

— Eu tenho o que quero — ele disse com firmeza. — Mas, e você? Tem certeza de que não quer um homem que possa escalar um índio e colocar o jantar na mesa com sua arma de fogo? Sangue também não é meu ponto forte, hein?

Uma centelha de humor iluminou os olhos dela e o ar de preocupação desapareceu.

— Não, não creio que eu queira um homem sanguinário — ela disse. — É como mamãe chama papai, mas só quando está com raiva dele.

Ele riu.

— E do que você vai me chamar quando estiver com raiva de mim? — ele perguntou, caçoando. Ela olhou para ele especulativamente e o brilho da centelha intensificou-se.

— Oh, não se preocupe, papai se recusa a me ensinar palavras em gaélico, mas Marsali me ensinou um monte de palavras realmente diabólicas em francês. Sabe o que un souldard significa? Un grand gueule?

— Oui, ma petite chou, não que eu já tenha visto um repolho com um nariz tão vermelho. — Bateu de leve com o dedo em seu nariz e ela esquivou-se, rindo.

— Maudit chien!

— Guarde alguns para depois do casamento — ele avisou. — Talvez venha a precisar. — Segurou sua mão, para puxá-la a uma rocha conveniente, depois notou novamente o pequeno pacote que ela segurava.

— O que é isso?

— Um presente de casamento — ela disse, estendendo-o para ele com dois dedos, com repugnância, como se fosse um rato morto.

Ele segurou-o cuidadosamente, mas não sentiu nenhuma forma sinistra através do papel. Balançou-o na palma da mão; era leve, quase sem peso.

— Seda bordada para enfeite — ela disse, em resposta ao seu olhar inquisitivo. — Da sra. Buchanan. — A ruga entre suas sobrancelhas voltara, bem como aquele olhar de... preocupação? Não, alguma outra coisa, mas ele não conseguia identificar o quê.

— O que há de errado com seda bordada?

— Nada. É para o que ela se destina. — Ela pegou o embrulho da mão dele e enfiou-o no bolso que usava amarrado sob a anágua. Seus olhos estavam abaixados, arrumando as saias, mas ele podia ver seus lábios comprimidos. — Ela disse que é para nossas mantas mortuárias.

Assim dito na estranha versão de Brianna do escocês de Boston, Roger levou algum tempo para entender.

— Mantas mor... oh, quer dizer, mortalhas?

— Sim. Evidentemente, é meu dever de esposa sentar-me no dia seguinte ao casamento e começar a tecer a minha mortalha. — Ela falou entre dentes, as palavras entrecortadas. — Assim, eu a terei pronta e bordada quando morrer de parto. E, se eu trabalhar rápido, terei tempo de fazer uma para você também, caso contrário sua próxima mulher terá que terminá-la!

Ele teria soltado uma risada, se não fosse claro que ela estava realmente angustiada.

— A sra. Buchanan é uma grande tola — ele disse, segurando suas mãos. — Não devia se aborrecer com as tolices dela. — Brianna olhou para ele por baixo das sobrancelhas abaixadas.

— A sra. Buchanan — ela disse com precisão — é ignorante, estúpida e sem tato. Só que ela não está errada.

— Claro que está — ele disse, com presumida certeza, mas

sentindo, ainda assim, uma pontada de apreensão.

— Quantas mulheres Farquard Campbell enterrou? — ela perguntou. — Gideon Oliver? Andrew MacNeill?

Nove, entre os três. MacNeill iria se casar pela quarta vez naquela noite — uma jovem de dezoito anos de Weaver's Gorge. A pontada veio outra vez, mais funda, mas ele ignorou-a.

— E Jenny ban Campbell deu à luz oito filhos e despachou dois maridos para o cemitério — ele rebateu com firmeza. — Aliás, a própria sra. Buchanan tem cinco filhos pequenos e com certeza ainda vai ter mais. Eu os vi, parecem uns espantalhos, mas são todos saudáveis.

Isso lhe rendeu um relutante esboço de sorriso, e ele continuou, encorajado.

— Você não precisa se preocupar, querida. Você não teve nenhum problema com Jemmy, não foi?

— Ah, é? Se você acha que não foi nenhum problema, da próxima vez você pode fazer isso! — ela retrucou, mas o canto de sua boca curvou-se ligeiramente para cima. Ela tentou puxar a mão, mas ele continuou prendendo-a, e ela não resistiu.

— Então, está disposta a que haja uma próxima vez? Apesar da sra. Buchanan? — Seu tom de voz era deliberadamente descontraído, mas ele puxou-a para mais perto e abraçou-a, o rosto escondido em seus cabelos, por medo de que ela pudesse ver o quanto a pergunta significava para ele.

Ela não se deixou enganar. Afastou-se um pouco e seus olhos, azuis como água, buscaram os dele.

— Você se casaria comigo e viveria celibatário? — ela perguntou. — Esse é o único modo garantido. O óleo de tanaceto nem sempre funciona... veja Marsali! — A existência de Joan era testemunha eloquente da ineficácia daquele método de controle de natalidade em particular. Ainda assim...

— Há outras formas, suponho — ele disse. — Mas se você preferir o celibato... então, sim, eu concordo.

Ela riu porque a mão dele se apoderara possessivamente de seu traseiro, no mesmo momento em que seus lábios renunciavam a ele. Depois, a risada esmoreceu e o azul de seus olhos escureceu, anuviando-se.

— Você fala sério, não é?

— Sim — ele disse, e era verdade, embora a ideia pesasse em seu peito, como se ele tivesse engolido uma pedra.

Ela suspirou e passou a mão pelo rosto dele, percorrendo a linha do seu pescoço, o côncavo de sua garganta. Seu polegar pressionou sua pulsação latejante, de modo que ele sentiu o batimento de seu coração, ampliado em seu sangue.

Ele falava a sério, mas inclinou-se e beijou-a, com tanta falta de ar, que precisava do hálito dela, precisando tão intensamente se unir a ela, que o faria como pudesse — mão, respiração, boca, braços; sua coxa pressionou entre as dela, abrindo suas pernas. Ela espalmou a mão no peito dele, como se fosse empurrá-lo — depois contraiu-se convulsivamente, agarrando a camisa e a carne. Seus dedos afundaram-se profundamente no músculo do peito dele e logo estavam agarrados, arfando, arranhando-se dolorosamente na excitação do desejo.

— Eu não... nós não... — Ele libertou-se por um instante, a mente turvamente buscando as palavras. Então a mão de Brianna deslizou por baixo de seu kilt, um toque firme, frio, em sua carne afogueada, e ele perdeu todo o poder da fala.

— Mais uma vez antes de pararmos — ela disse, e seu hálito envolveu-o em calor e névoa. — Pelos velhos tempos. Ela caiu de joelhos nas folhas amarelas e úmidas, puxando-o para si.

Recomeçara a chover, os cabelos dela espalhavam-se ao seu redor, raiados de umidade. Seus olhos estavam fechados, o rosto voltado para o céu chuvoso, e gotas de chuva atingiam seu rosto, rolando pelas suas faces como lágrimas. Não sabia se ria ou chorava, na verdade.

Roger estava deitado com ela, parcialmente sobre ela, seu peso um conforto quente e sólido, seu kilt espalhado sobre suas pernas nuas e entrelaçadas, proteção da chuva. A mão de Brianna segurava a cabeça de Roger por trás, acariciando seus cabelos, molhados e escorregadios como o pelo preto de uma foca.

Ele remexeu-se, com o gemido de um urso ferido, e ergueu-se. Uma corrente de ar frio atingiu o corpo exposto de Brianna, úmido e quente onde haviam se tocado.

— Sinto muito — ele murmurou. — Meu Deus, sinto muito. Eu não devia ter feito isso. — Ela abriu um dos olhos numa fenda; ele ficou de joelhos acima dela, cambaleando, e inclinou-se para ajeitar sua saia recatadamente. Ele havia perdido a meia e o corte sob o maxilar reabriria. Ela rasgara sua camisa e seu colete pendurava-se, aberto, metade dos botões arrancados. Ele estava sujo de lama e de sangue e havia folhas mortas e fragmentos de frutos do carvalho nas ondas de seus cabelos pretos e soltos.

— Está tudo bem — ela disse, sentando-se. Ela não estava em

melhor estado; seus seios estavam pesados de leite que vazara através da combinação e do corpete, formando enormes manchas encharcadas e congelando sua pele. Roger viu e pegou sua capa do chão, envolvendo-a delicadamente em torno de seus ombros.

— Sinto muito — ele disse outra vez, estendendo a mão para afastar os cabelos do rosto dela; sua mão estava fria contra o rosto de Brianna.

— Tudo bem — ela disse, tentando reunir todos os fragmentos esparsos de si mesma que pareciam estar rolando pela minúscula clareira como bolinhas de mercúrio. — Só se passaram seis meses, e eu ainda estou amamentando Jemmy. E... quero dizer, acho que ainda é seguro. — Porém, por quanto tempo mais?, ela se perguntou. Pequenos solavancos de desejo ainda percorriam seu corpo, misturados a jorros de pavor.

Precisava tocá-lo. Pegou uma ponta de sua capa e pressionou-a no ferimento sob o maxilar dele, ainda sangrando. Celibato? Quando a sensação do seu corpo, o seu cheiro, a lembrança dos últimos instantes a faziam querer derrubá-lo nas folhas e fazer tudo de novo? Quando a ternura que sentia por ele brotava nela como o leite que fluía sem peias para os seus seios?

Seus seios doíam de desejo não saciado e ela sentia o leite gotejar e escorrer pelas suas costelas por baixo do tecido. Tocou um dos seios, pesado e inchado, sua garantia de segurança — por enquanto.

Roger afastou a mão dela e tocou o corte.

— Não é nada — ele disse. — Já parou de sangrar. — Seu rosto exibia a mais estranha expressão — ou expressões. Normalmente, seu rosto era agradavelmente reservado, até mesmo um pouco austero. Agora, suas feições pareciam incapazes de se acalmar, mudando a todo instante de um olhar de inegável satisfação a outra de inegável consternação.

— Qual é o problema, Roger?

Ele lançou-lhe um rápido olhar, depois desviou os olhos, um leve rubor assomando às suas faces.

— Oh — ele disse. — Bem. É apenas que nós... hã... não estamos realmente casados no momento.

— Bem, claro que não. O casamento só será à noite. Por falar nisso... — Ela olhou para Roger e uma risada elevou-se da boca de seu estômago. — Oh, meu Deus — ela exclamou, contendo um ataque de riso. — Você está com uma aparência de quem foi pego de jeito no bosque, sr. Mackenzie.

— Muito engraçado, sra. Mac — ele disse, examinando o próprio

estado desalinhado dela. — Pelo visto, você também parece ter saído de uma briga. Mas o que eu quis dizer é que estivemos casados, pelo casamento pagão, durante este ano que passou, e isso é uma união legal, ao menos na Escócia. Mas o período de um ano e um dia já se passou, e não estaremos formalmente casados até à noite.

Ela estreitou os olhos para ele, limpando a chuva do rosto com as costas da mão, e novamente deu vazão à vontade de rir.

— Nossa, você acha que isso importa?

Ele devolveu o sorriso, com certa relutância.

— Bem, não. É que eu sou filho de um pastor. Sei que não tem importância, mas é que, em algum lugar lá no fundo, há um velho escocês calvinista murmurando que isso não está muito certo, me agarrar assim com uma mulher que não é realmente minha esposa.

— Ah — ela disse, colocando os braços confortavelmente sobre os joelhos erguidos. Inclinou-se para o lado e cutucou-o de leve.

— Velho escocês calvinista, pois sim! O que é, realmente?

Ele não a fitava diretamente, mas mantinha os olhos abaixados, olhando para o chão. Gotículas de chuva cintilavam em suas pestanas e sobrancelhas escuras, grossas e bem delineadas, tingindo a pele das maçãs do rosto de prateado. Inspirou fundo e soltou o ar lentamente.

— Não posso dizer que você não tenha razão de ter medo — ele disse serenamente. — Eu não havia percebido... não tinha realmente pensado nisso até hoje... o quanto o casamento é perigoso para uma mulher. — Ele ergueu os olhos e sorriu, embora o ar de preocupação permanecesse nos olhos verde-musgo.

— Eu a quero, Bri, mais do que possa imaginar. É que eu estava pensando no que acabamos de fazer e no quanto foi bom e compreendendo que eu talvez... não, que eu estarei arriscando sua vida se continuar com isso. Mas eu não quero parar!

Os pequenos fios de medo haviam se unido em uma cobra fria que percorreu sua espinha e se enroscou no fundo de sua barriga, contorcendo-se em volta do seu útero. Ela sabia o que ele queria, e não era apenas o que haviam acabado de compartilhar, por mais poderoso que fosse. Mas sabendo o que ele desejava — e por que, — como poderia negar-lhe?

— Sim. — Ela inspirou fundo como ele e soltou o ar numa nuvem branca. — Bem, é tarde demais para se preocupar com isso, eu acho. — Olhou para ele e tocou em seu braço. — Eu o quero, Roger. — Ela puxou sua cabeça e beijou-o, consolando-se de seus temores com a força do braço dele ao seu redor, com o calor do corpo dele junto ao seu.

— Oh, Deus, Bri — ele murmurou em seus cabelos. — Quero lhe dizer que vou mantê-la segura, vou salvar você e Jemmy de qualquer coisa que possa ameaçá-los, sempre. É terrível pensar que eu possa ser a ameaça, que eu possa matá-la com meu amor... mas é verdade.

O coração dele batia sob seu ouvido, forte e regular. Ela sentiu o calor retornar às suas mãos, agarradas com força aos ossos das costas dele, e o calor atingiu mais fundo, desfazendo alguns dos fios de medo, congelados em suas entranhas.

— Está tudo bem — ela disse finalmente, querendo oferecer-lhe o conforto que ele não podia lhe dar inteiramente. — Tenho certeza de que tudo vai dar certo. Tenho os quadris certos para isso, é o que todos dizem. Cadeiruda, é o que eu sou. — Ela passou a mão melancolicamente pela voluptuosa curva de um quadril e ele sorriu, seguindo a mão de Brianna com a sua própria.

— Sabe o que Ronnie Sinclair me disse à noite passada? Ele estava observando-a inclinar-se para pegar um pedaço de lenha para o fogo, suspirou e disse: "Sabe como escolher uma boa rapariga, Mackenzie? Comece de baixo e vá subindo!" Uuui! — Ele encolheu-se, rindo, enquanto ela o socava.

Então ele inclinou-se e a beijou, muito delicadamente. A chuva continuava a cair, tamborilando na camada de folhas mortas. Seus dedos estavam grudentos com o sangue do ferimento dele.

— Você quer um filho, não é? — ela perguntou suavemente. — Um que saiba que é realmente seu?

Ele manteve a cabeça abaixada por um instante, mas finalmente ergueu os olhos para ela, deixando que visse a resposta em seu rosto; uma imensa vontade, misturada a uma ansiosa preocupação.

— Não quero — ele começou, mas ela colocou a mão sobre sua boca para impedi-lo de continuar.

— Eu sei — ela disse. — Eu compreendo. — E compreendia... quase. Ela era filha única, assim como ele; conhecia a ânsia por conexão e proximidade, mas a dela fora saciada. Não tivera apenas um pai amoroso, mas dois. Uma mãe que a amava além dos limites do tempo e do espaço. Os Murray de Lallybroch, aquela família que fora uma dádiva inesperada. E acima de tudo, seu filho, sua carne, seu sangue, um peso pequeno e confiante que a prendia firmemente, como uma âncora, ao universo.

Mas Roger era um órfão, sozinho no mundo por tanto tempo. Seus pais falecidos antes que ele os conhecesse, seu velho tio morto — ele não possuía ninguém para reclamá-lo, ninguém para amá-lo apenas por seu sangue e sua carne — ninguém, a não ser ela. Não era de admirar que ele ansiasse pela certeza que ela embalava nos braços

quando amamentava seu filho.

Ele limpou a garganta repentinamente.

— Eu... hã... eu pretendia lhe dar isso esta noite. Mas talvez... bem.
— Enfiou a mão no bolso interno de seu casaco e entregou-lhe um objeto macio, embrulhado em tecido.

— Uma espécie de presente de casamento... — Ele sorria, mas ela podia ver a incerteza em seus olhos.

Abriu o tecido e um par de olhos negros de botão olhou para ela. A boneca usava uma bata simples de morim verde e tinha cabelos de fios de lã vermelha que explodiam de sua cabeça. Seu coração bateu com força no peito e sentiu um nó na garganta.

— Achei que o bebê iria gostar... para mastigar, talvez.

Ela se moveu e a pressão do tecido encharcado em seus seios os fez latejarem. Tinha medo, é verdade, mas havia coisas mais fortes do que o medo.

— Haverá uma próxima vez — ela disse, colocando a mão em seu braço. — Não sei dizer quando... mas haverá.

Ele colocou a mão sobre a dela e apertou-a, sem olhar para ela.

— Obrigada, Cadeiruda — ele disse finalmente, baixinho.

O tempo piorara, chovia a cântaros agora. Roger afastou os cabelos molhados dos olhos e sacudiu-se como um cachorro, espalhando gotas da lã grossa do casaco e do xale. Havia uma mancha de lama na frente da lã cinza; tentou limpá-la, sem sucesso.

— Santo Deus, não posso me casar deste jeito — ele disse, tentando melhorar o estado de ânimo entre eles. — Pareço um mendigo.

— Ainda não é tarde demais, sabe — ela disse. Ela sorriu, caçoando um pouco tremulamente. — Você ainda pode desistir.

— É tarde demais para mim desde o dia em que a vi — ele disse, irritado. — Além do mais — acrescentou, erguendo uma das sobrancelhas, — seu pai me estriparia como a um porco se eu dissesse que estava tendo dúvidas a respeito.

— Ha! — ela exclamou, mas o sorriso oculto veio à tona, fazendo uma covinha em uma de suas faces.

— Maldita mulher! Você bem que gostou da ideia!

— Sim. Quero dizer, não. — Ela ria novamente agora; era o que ele pretendia. — Não quero que ele o estripe. Só que é bom saber que ele o faria. Um pai tem que ser protetor.

Sorriu-lhe outra vez, tocando-o de leve.

— Como você, sr. Mackenzie.

Isso lhe deu um estranho aperto no peito, como se seu colete tivesse encolhido. Em seguida, um toque de frio, ao se lembrar do que tinha que dizer a ela. Pais e suas noções de proteção variavam, é claro, e ele não tinha certeza de como ela iria reagir.

Tomou seu braço e afastou-a dali, saindo da chuva para o abrigo de um aglomerado de cicutas, onde as camadas de agulhas permaneciam secas e aromáticas sob os pés, protegidas pelos galhos das amplas copas acima.

— Venha sentar-se comigo por um instante, sra. Mac. Não é importante, mas há uma coisa que eu queria lhe contar antes do casamento. — Puxou-a para sentar-se ao seu lado em um tronco caído, coberto de líquen. Limpou a garganta, pegando o fio da meada de sua história.

— Quando eu estava em Inverness, antes de segui-la através das pedras, passei algum tempo remexendo nos papéis do reverendo e me deparei com uma carta para ele, escrita por seu pai. Por Frank Randall, quero dizer. Não é nada importante, agora não, mas eu achei... bem, achei que talvez não devesse haver segredos entre nós, antes de nos casarmos. Contei a seu pai sobre isso ontem à noite. Então deixe-me lhe contar agora.

A mão de Brianna repousava quente na sua, mas os dedos contraíram-se conforme ele falava, e uma ruga profunda surgiu entre as sobrancelhas dela enquanto ouvia.

— De novo — ela disse, quando ele terminou. — Conte-me de novo. Obedientemente, ele repetiu a carta — como a memorizara, palavra por palavra. Como dissera na noite anterior para Jamie Fraser.

— Aquela lápide na Escócia com o nome de papai é falsa? — Sua voz ergueu-se um pouco, espantada. — Papai... Frank... fez o reverendo colocá-la lá, no cemitério da igreja de St. Kilda, mas papai não está... não estará, quero dizer... não estará sob ela?

— Sim, foi o que ele fez, e não, não estará — Roger disse, respondendo com cuidado a cada parte da pergunta. — Ele... Frank Randall, quero dizer... imaginou a lápide como uma espécie de reconhecimento, imagino; uma dívida para com seu pai... seu outro pai, Jamie Fraser.

O rosto de Brianna estava coberto de manchas de frio, as pontas das orelhas e do nariz pinceladas de vermelho, conforme o calor da sessão de amor que tiveram se desvanecia.

— Mas ele não tinha como saber que a encontraríamos, mamãe e eu!

— Não sei se ele queria que vocês a encontrassem — Roger disse.

— Talvez ele também não soubesse. Mas ele achou que tinha que fazer o gesto. Além do mais — acrescentou, com uma lembrança repentina, — Claire não disse que ele pretendia trazê-la à Inglaterra, pouco antes de morrer? Talvez ele pretendesse levá-la até lá, fazer com que você encontrasse a lápide... e depois deixar você e Claire decidirem o que fazer.

Ela permaneceu imóvel, remoendo o assunto.

— Então ele sabia — ela disse lentamente — que ele... que Jamie Fraser havia sobrevivido a Culloden. Ele sabia... mas não disse nada?

— Acho que não pode culpá-lo por não dizer nada — Roger disse delicadamente. — Não seria apenas por egoísmo, sabe?

— Não? — Ela ainda estava chocada, mas não com raiva. Podia vê-la repensando a questão, tentando vê-la por todos os ângulos antes de decidir o que pensar, como se sentir.

— Não. Pense bem, querida — ele disse. O abeto era frio às suas costas, a casca do tronco caído úmida sob sua mão. — Ele amava sua mãe, sim, e não queria se arriscar a perdê-la outra vez. Isso talvez seja egoísta, mas ela foi sua mulher primeiro, afinal. Ninguém poderia culpá-lo por não querer desistir dela para outro homem. Mas isso não é tudo.

— O que resta, então? — Sua voz era calma, mas os olhos azuis, diretos e imperturbáveis.

— Bem... e se ele tivesse contado a ela? Lá estava ela, com você, uma criança pequena... e lembre-se, nenhum dos dois teria imaginado que você também pudesse atravessar as pedras.

Os olhos continuavam diretos, mas novamente anuviados de inquietação.

— Ela iria ter que escolher — ela disse num sussurro, os olhos fixos nele. — Ficar conosco... ou ir ficar com ele. Com Jamie.

— Deixá-la para trás — Roger disse, balançando a cabeça — ou ficar e viver sua vida, sabendo que Jamie estava vivo, talvez acessível, mas fora do seu alcance. Quebrar seus votos — agora de propósito — e abandonar sua filha... ou viver com saudades. Não creio que isso teria feito muito bem à sua vida familiar.

— Compreendo. — Suspirou, o vapor do ar exalado desaparecendo como um fantasma no ar frio.

— Talvez Frank tivesse medo de lhe dar a escolha — Roger disse, — mas ele, na realidade, salvou sua mãe, e você, da dor de ter que fazer essa escolha. Ao menos na época.

Ela contraiu e afrouxou os lábios, relaxada.

— Imagino qual teria sido a escolha dela, se ele tivesse lhe contado — ela disse, um pouco desoladamente. Ele colocou a mão sobre a dela, apertando-a de leve.

— Ela teria ficado — ele disse, seguro do que falava. — Ela fez a escolha uma vez, não foi? Jamie a enviou de volta, para manter você a salvo, e ela foi. Ela saberia que essa teria sido a vontade dele e ela teria ficado... enquanto você precisasse dela. Ela não teria voltado, mesmo quando o fez, se você não tivesse insistido. Você certamente sabe disso, não é?

Seu rosto descontraiu-se um pouco, aceitando esse fato.

— Acho que tem razão. Mas ainda assim... saber que ele estava vivo e não tentar encontrá-lo...

Ele mordeu a parte interna da bochecha, para não perguntar: E se fosse sua escolha, Brianna? E se fosse o bebê ou eu? Pois como um homem poderia forçar uma escolha como essa numa mulher que ele amava, ainda que hipoteticamente? Se por ela ou por ele próprio... não iria perguntar.

— Mas ele colocou a lápide lá. Por que fez isso? — A ruga entre suas sobrancelhas continuava funda, porém não mais reta; torcia-se com uma crescente perturbação.

Ele não conhecera Frank Randall, mas sentia uma certa empatia pelo sujeito — e não apenas uma simpatia desinteressada, tampouco. Ele não havia compreendido inteiramente por que sentia que devia contar-lhe sobre a carta agora, antes do casamento, mas seus próprios motivos estavam ficando cada vez mais claros — e mais perturbadores para ele — a cada instante.

— Acho que foi por obrigação, como eu disse. Não somente para com Jamie ou com sua mãe... mas para com você. Se... — ele começou, depois parou e apertou sua mão, com força. — Olhe. Veja Gemmy. Ele é meu, tanto quanto você é... ele sempre será. — Respirou fundo. — Mas, se eu fosse o outro homem...

— Se você fosse Stephen Bonnet — ela disse, e seus lábios estavam cerrados com força, lívidos e frios.

— Se eu fosse Bonnet — ele concordou, com uma repentina náusea diante da ideia, — se eu soubesse que o filho era meu e estivesse sendo criado por um estranho... eu não iria querer que a criança soubesse a verdade um dia?

Seus dedos remexeram-se na mão de Roger e seus olhos se anuviaram.

— Você não pode contar a ele! Roger, pelo amor de Deus, prometa-me que você jamais contará para ele!

Ele fitou-a, atônito. Suas unhas cravavam-se dolorosamente na palma de sua mão, mas ele não fez nenhum movimento para libertar-se.

— Bonnet! Santo Deus, não! Se algum dia eu vir o sujeito de novo, não vou perder tempo falando!

— Bonnet, não. — Ela estremeceu, se de frio ou de emoção, ele não saberia dizer. — Meu Deus, fique longe daquele homem! Não, é de Jemmy que estou falando. — Ela engoliu em seco e agarrou suas duas mãos. — Prometa-me, Roger. Se você me ama, prometa que nunca contará a Jemmy sobre Bonnet, nunca. Ainda que alguma coisa me aconteça...

— Nada vai acontecer a você!

Ela olhou para ele e um leve sorriso de ironia formou-se em seus lábios.

— O celibato não é para mim, tampouco. Pode acontecer. — Engoliu com força novamente. — E, se acontecer... prometa-me, Roger.

— Sim, eu prometo — ele disse, com relutância. — Se é o que você realmente quer.

— Sim, é!

— Então, você não iria nunca querer saber... sobre Jamie?

Ela mordeu o lábio diante disso, os dentes penetrando fundo o suficiente para deixar uma marca roxa na carne rosada e macia.

— Jamie Fraser não é Stephen Bonnet!

— Concordo — ele disse secamente. — Mas eu não estava falando de Jemmy. O que eu queria dizer é que, se eu fosse Bonnet, eu iria querer saber e...

— Ele sabe. — Ela retirou a mão bruscamente e se levantou, virando-se de costas.

— Ele o quê? — Ele alcançou-a com duas passadas e agarrou-a pelo ombro, virando-a de frente para ele. Ela encolheu-se ligeiramente e ele soltou a mão. Ele respirou fundo, lutando para manter a voz calma. — Bonnet sabe a respeito de Jemmy?

— Pior do que isso. — Seus lábios tremiam; ela pressionou-os com força para estancar o tremor, depois os abriu apenas o suficiente para deixar a verdade escapar. — Ele acha que Jemmy é dele.

Ela recusou-se a sentar-se com ele outra vez, mas ele passou o braço dela pelo seu e apertou-o com força, fazendo-a caminhar a seu lado pela chuva e pelas pedras caídas, pela correnteza do riacho e das árvores oscilantes, até que o movimento a acalmou o suficiente para

falar, para contar-lhe sobre os dias em que ficou sozinha em River Run, prisioneira de sua gravidez. Sobre lorde John Grey, amigo de seu pai, e dela também; como havia confidenciado a lorde John seus temores e suas lutas.

— Eu tinha medo de que você estivesse morto. Todos vocês, mamãe, papai, você. — O capuz de sua capa havia caído para trás e ela não fez nenhum esforço para recuperá-lo. Seus cabelos vermelhos caíam em mechas gotejantes pelos ombros e gotículas de chuva agarravam-se às sobranceiras ruivas e espessas.

— A última coisa que papai me disse... ele nem mesmo disse, ele escreveu, ele teve que escrever, eu me recusava a falar com ele... — Ela engoliu em seco e passou a mão sob o nariz, limpando uma gota pendente. — Ele disse que eu tinha que encontrar um meio de... perdoá-lo. B-Bonnet.

— Fazer o quê? — Ela puxou um pouco o braço e ele percebeu como seus dedos estavam cravados em sua carne. Afrouxou os dedos com um grunhido de desculpas, e ela fez um breve sinal com a cabeça para ele, compreendendo.

— Ele sabia — ela disse e parou. Virou-se para encará-lo, seus sentimentos agora sob controle. — Você sabe o que aconteceu a ele... em Wentworth.

Roger confirmou, com um movimento ríspido, curto, da cabeça. Na realidade, ele não sabia exatamente o que acontecera a Jamie Fraser — e não tinha nenhuma vontade de saber mais do que já sabia. No entanto, ele vira as cicatrizes nas costas de Jamie e sabia, pelo pouco que Claire lhe dissera, que elas não eram mais do que uma débil lembrança.

— Ele sabia — ela disse, com firmeza. — E sabia o que tinha que ser feito. Ele me disse... se eu quisesse ser... inteira... outra vez, tinha que encontrar um modo de perdoar Stephen Bonnet. Foi o que fiz.

Ele segurava a mão de Brianna, segurava-a com tanta força, que sentiu o pequeno movimento dos ossos de seus dedos. Ela não lhe contara, ele não perguntara. O nome de Stephen Bonnet nunca fora mencionado entre eles, não até agora.

— Foi o que fez. — Ele falou com a voz rouca e teve que parar para limpar a garganta. — Então você o encontrou? Falou com ele?

Ela afastou os cabelos molhados do rosto, balançando a cabeça. Grey disse-lhe que Bonnet havia sido capturado e condenado. Enquanto aguardava transferência para Wilmington para a execução, era mantido no porão sob o armazém da Coroa em Cross Creek. Foi lá que ela foi vê-lo, levando o que esperava ser uma absolvição, para Bonnet, para ela mesma.

— Eu estava enorme. — Sua mão desenhou no ar à sua frente o volume da gravidez avançada. — Eu disse a ele que o bebê era dele; ele iria morrer, talvez isso servisse de consolo para ele, saber que... restaria alguma coisa.

Roger sentiu o ciúme apertar seu coração, tão repentino em seu ataque que por um instante pareceu-lhe que a dor fosse física. Restaria alguma coisa, ele pensou. Alguma coisa dele. E quanto a mim? Se eu morrer amanhã — e isso pode acontecer, menina! A vida aqui é tão arriscada para mim quanto para você — o que restará de mim, diga-me!

Ele não devia perguntar, sabia disso. Ele jurara nunca externar o pensamento de que Jemmy não era filho dele, nunca. Se havia um verdadeiro casamento entre eles, então Jemmy era fruto desse casamento, independentemente das circunstâncias do seu nascimento. E, no entanto, ele sentiu as palavras vazarem, queimando como ácido.

— Então você tinha certeza de que a criança era dele?

Ela parou bruscamente e virou-se para fitá-lo, os olhos arregalados de choque.

— Não. Não, claro que não! Se eu soubesse disso, eu teria lhe dito! A queimação em seu peito arrefeceu apenas um pouco.

— Oh. Mas você disse a ele que era. Não disse a ele que havia dúvida sobre isso?

— Ele ia morrer! Eu queria lhe dar algum consolo, não lhe contar a história da minha vida! Não era da conta dele saber a seu respeito, ou sobre nossa noite de núpcias, ou... droga, Roger! — Ela chutou-o na canela.

Ele cambaleou com a força do pontapé, mas agarrou seu braço, impedindo-a de fugir.

— Desculpe-me! — ele disse, antes que ela o chutasse de novo, ou o mordesse, o que parecia preparada para fazer. — Desculpe-me. Tem razão, ele não tinha nada com isso, e nem cabe a mim, tampouco, fazê-la pensar em tudo isso outra vez.

Ela inspirou profundamente pelo nariz, como um dragão preparando-se para transformá-lo em cinzas. A centelha de fúria em seus olhos diminuiu ligeiramente, embora suas faces ainda ardessem. Ela livrou-se da mão dele, mas não fugiu.

— Cabe, sim — ela disse. Lançou-lhe um olhar direto, sombrio. — Você disse que não deveria haver segredos entre nós e tinha razão. Mas, quando se conta um segredo, às vezes há outro por trás, não é?

— Sim. Mas não é... eu não quero...

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, o barulho de passos e

conversa o interrompeu. Quatro homens saíram da névoa, conversando descontraidamente em gaélico. Portavam varas aguçadas e redes, e todos estavam descalços, molhados até os joelhos. Fiadas de peixes recém-fisgados brilhavam indolentemente na claridade da chuva.

— A Smeòraich! — Um dos homens, espreitando por baixo da aba encharcada de seu chapéu, avistou-os e abriu um largo sorriso, conforme os olhos astutos percorriam o estado de desalinhamento de ambos. — É você mesmo, Melro! E a filha do Ruivo, hein? O que foi, não conseguem se conter até a noite?

— Não resta dúvida de que fruta roubada é mais doce, melhor do que esperar a bênção de um padre encarquilhado. — Outro homem empurrou seu gorro para trás, encolhendo-se para demonstrar o que queria dizer com "encarquilhado".

— Ah, não — disse o terceiro, limpando gotas de chuva da ponta do nariz enquanto examinava Brianna, bem enrolada em sua capa. — Ele só está cantando uma canção de casamento para ela, não é?

— Eu também conheço essa canção — disse seu companheiro, o sorriso ampliando-se o suficiente para mostrar a falta de um molar. — Mas eu canto ainda mais docemente!

As faces de Brianna começaram a queimar outra vez; seu gaélico era menos fluente do que o de Roger, mas ela certamente era capaz de compreender o sentido de uma brincadeira grosseira. Roger colocou-se à frente dela, protegendo-a com seu corpo. Mas os homens não pretendiam lhes fazer nenhum mal; eles piscaram e riram apreciativamente, mas não fizeram mais nenhum comentário. O primeiro homem tirou o chapéu e bateu-o contra a coxa, removendo a água. Em seguida, disse:

— Estou contente de tê-lo encontrado, a Oranaiche. Minha mãe ouviu sua música junto à fogueira ontem à noite e contou às minhas tias e primas como sua música fez o sangue dançar em seus pés. Agora elas só querem saber que você vá cantar na festa em Spring Creek. É o casamento de minha prima mais nova e ela é a única filha do meu tio, que é dono do moinho de farinha.

— Vai ser um festão! — acrescentou um dos homens mais jovens, filho do primeiro a falar, a julgar por sua semelhança com ele.

— Ah, é um casamento? — Roger disse, num gaélico lento e formal. — Ah, então teremos um arenque extra!

Os dois homens mais velhos desataram numa risada, mas os filhos ficaram meramente olhando, sem compreender.

— Ah, os rapazes não sabiam o que é um arenque, ainda que lhe

batessem com um molhado no rosto — disse o homem de gorro, sacudindo a cabeça. — Nasceram aqui, os dois.

— E onde era sua casa na Escócia, senhor? — O homem sobressaltou-se, surpreso com a pergunta, colocada num gaélico claro e preciso. Olhou fixamente para Brianna por um instante, depois seu rosto mudou ao responder.

— Skye — ele disse brandamente. — Skeabost, ao pé do Cuillins. Sou Angus MacLeod e Skye é a terra dos meus antepassados. Mas meus filhos nasceram aqui.

Ele falou serenamente, mas havia um tom em sua voz que calou a hilaridade nos mais jovens, como se um manto úmido tivesse sido estendido sobre eles. O homem de chapéu encharcado olhou para Brianna com interesse.

— E você nasceu na Escócia, a nighean?

Ela sacudiu a cabeça sem dizer nada, fechando mais a capa em torno dos ombros.

— Eu nasci — Roger disse, em resposta a um olhar interrogativo. — Em Kyle of Lochalsh.

— Ah — disse MacLeod, a satisfação espalhando-se pelas feições castigadas pelo tempo. — Então é por isso que você conhece todas as canções das Highlands e das ilhas?

— Não todas — Roger disse, sorrindo. — Mas muitas, e vou aprender mais.

— Faça isso — MacLeod disse, balançando a cabeça devagar. — Faça isso, cantor... e ensine-as a seus filhos. — Seu olhar pousou em Brianna e um leve sorriso curvou seus lábios. — Que eles cantem para os meus filhos, para que saibam de onde vieram, apesar de que jamais verão o lugar.

Um dos rapazes deu um passo à frente, timidamente estendendo uma fiada de peixes, que presenteou a Brianna.

— Para você — ele disse. — Um presente de casamento.

Roger pôde ver um dos cantos da boca de Brianna torcer-se levemente — de humor ou incipiente histeria?, perguntou-se, — mas ela estendeu a mão e aceitou a fiada gotejante com grave dignidade. Ela segurou a ponta de sua capa com uma das mãos e fez uma ampla medida para todos eles.

— Chaneilfacal agam dhuibh ach taing — ela disse, em seu gaélico vagaroso e com um estranho sotaque. — Não tenho palavras a não ser muito obrigada.

Os rapazes ruborizaram-se e os homens mais velhos pareceram

imensamente satisfeitos.

— Muito bem, a nighean — MacLeod disse. — Deixe seu marido ensiná-la então, e ensine o Gaidhlig a seus filhos. Que tenham muitos! — Retirou o gorro e inclinou-se numa extravagante reverência para ela, os dedos nus dos pés afundando-se na lama para ele não perder o equilíbrio.

— Muitos filhos, fortes e saudáveis! — acrescentou seu companheiro.

E os dois rapazes sorriram e balançaram a cabeça, murmurando timidamente:

— Muitos filhos para você, senhora!

Roger fez os arranjos para a festa escocesa automaticamente, sem ousar olhar para Brianna. Permaneceram em silêncio, a uns dois passos de distância um do outro, enquanto os homens partiam, lançando olhares curiosos por cima dos ombros. Brianna, a cabeça abaixada, fitava a lama e o capim onde estavam, os braços cruzados sobre o peito. A queimação permanecia no peito de Roger, mas agora era diferente. Ele queria tocá-la, desculpar-se outra vez, mas achou que isso só iria piorar a situação.

Por fim, ela foi a primeira a se mover. Aproximou-se dele e colocou a cabeça em seu peito, o frio de seus cabelos molhados roçando o ferimento em sua garganta. Seus seios estavam enormes, duros como pedras contra seu peito, empurrando-o, querendo afastá-lo.

— Preciso de Jemie — ela disse suavemente. — Preciso do meu bebê. As palavras ficaram presas em sua garganta, emboladas entre desculpas e raiva. Ele não havia percebido o quanto era doloroso pensar em Jemmy como pertencendo a outra pessoa — não a ele, mas a Bonnet.

— Eu também preciso dele — ele murmurou finalmente, beijando-a rapidamente na testa, antes de tomar sua mão para atravessarem a campina outra vez. A montanha acima permanecia envolta em neblina, invisível, embora gritos e murmúrios, fragmentos de conversas e música flutuassem até eles, como ecos do Olimpo.

ESTILHAÇOS

Pelo meio da manhã, a chuva havia cessado e rápidos vislumbres de um céu azul pálido surgiam entre as nuvens, dando-me alguma esperança de que a noite fosse límpida. Provérbios e presságios à parte, eu não queria que as cerimônias do casamento ocorressem sob chuva, por Brianna. Não iria ser na St. James com arroz e cetim branco, mas podia ao menos ser seca.

Esfreguei a mão direita, distendendo as contrações musculares causadas pelo alicate; a extração do dente quebrado do sr. Goodwin fora mais complicada do que eu esperava, mas eu havia conseguido retirá-lo com raiz e tudo, liberando-o com uma pequena garrafa de uísque não refinado e instruções para fazer um bochecho com ele de hora em hora para evitar uma infecção. Engolir ou não era opcional.

Estiquei-me, sentindo o bolso sob minha saia balançar contra a minha perna com um pequeno, mas gratificante tinido. O sr. Goodwin de fato pagará em dinheiro vivo; imaginei se seria suficiente para um astrolábio e por que cargas d'água Jamie queria um. Minhas especulações, no entanto, foram perturbadas por uma pequena tosse, mas obviamente intencional, atrás de mim.

Virei-me e me deparei com Archie Hayes, olhando-me com um ar ligeiramente intrigado.

— Oh! — exclamei. — Ah... posso ajudá-lo, tenente?

— Bem, talvez possa, sra. Fraser — ele disse, olhando-me de cima a baixo com um leve sorriso. — Farquard Campbell disse que seus escravos estão convencidos de que a senhora é capaz de levantar os mortos, então é possível que um pequeno estilhaço de metal não seja um grande desafio às suas habilidades de cirurgia?

Murray MacLeod, ouvindo a conversa, resfolegou sonoramente com desdém e voltou-se para seus próprios pacientes que o aguardavam.

— Oh! — exclamei novamente, esfregando um dedo sob o nariz, embaraçada. Um dos escravos de Campbell havia sofrido um ataque epiléptico quatro dias atrás, recuperando-se abruptamente no exato instante em que coloquei a mão em seu peito. Em vão, eu tentei explicar o que havia acontecido; minha fama espalhou-se pela montanha como fogo no mato.

Mesmo agora, um pequeno grupo de escravos permanecia

agachado junto à borda da clareira, jogando três-marias e esperando até que todos os demais pacientes tivessem sido atendidos. Olhei atentamente para eles, por via das dúvidas; se um deles estivesse morrendo ou gravemente doente, sei que não fariam nenhum esforço para me dizer — tanto por deferência aos meus pacientes brancos, quanto por sua absoluta convicção de que, se alguma coisa drástica acontecesse enquanto estavam esperando, eu simplesmente ressuscitaria o cadáver segundo as minhas conveniências e então lidaria com o problema.

No entanto, todos pareciam firmemente em pé no momento e devendo permanecer assim no futuro imediato. Voltei-me novamente para Hayes, limpando as mãos enlameadas no avental.

— Bem... por que não me deixa ver o pedacinho de metal e verei o que pode ser feito?

Sem nenhuma relutância, Hayes tirou gorro, casaco, colete, meias e camisa, juntamente com o gorjal de prata de seu ofício. Entregou suas roupas para o ajudante de ordens que o acompanhava e sentou-se no meu banco, sua plácida dignidade em nada abalada pela nudez parcial, pela pele arrepiada das costas e dos ombros, nem pelo murmúrio de espanto e surpresa que elevou-se dos escravos à espera, diante do que viam.

Seu peito era liso, quase sem pelos, com a cor de pele pálida e sebácea que havia anos não era exposta ao sol, em flagrante contraste com as mãos, rosto e joelhos, bronzeados e castigados pelo clima. Mas os contrastes iam além disso.

Sobre a pele leitosa, do lado esquerdo do peito havia uma grande área negro-azulada que o cobria das costelas à clavícula. E, embora o mamilo direito tivesse uma cor normal marrom-rosado, o da esquerda era espantosamente branco. Pestanejei diante daquela visão e ouvi um suave "A Dhia!" atrás de mim.

— "A Dhia, tha etionndadh dubh!" — disse outra voz, um pouco mais alto. Meu Deus, ele está ficando negro!

Hayes pareceu não ouvir nada disso, apenas recostou-se para que eu pudesse examiná-lo. Um exame mais minucioso revelou que a coloração escura não era pigmentação natural, mas uma mancha causada pela presença de inumeráveis grânulos escuros incrustados na pele. O mamilo desaparecera inteiramente, substituído por uma cicatriz larga, brilhante e branca, do tamanho de uma moeda de seis pence.

— Pólvora — eu disse, passando os dedos de leve sobre a região escurecida. Eu já vira aquilo antes; causado por uma falha no disparo ou por um tiro à queima-roupa, que lançava partículas da pólvora — e

em geral partículas de forro e tecido — nas camadas mais fundas da pele. E de fato havia pequenas elevações sob a pele evidentes às pontas dos meus dedos, fragmentos escuros do traje que usava quando foi atingido.

— A bala ainda está em você? — Eu podia ver onde ela havia penetrado; toquei na cicatriz branca, tentando visualizar o caminho que a bala devia ter percorrido a partir dali.

— Metade dela está — ele respondeu tranquilamente. — Ela se estilhaçou. Quando o cirurgião foi retirá-la, ele me deu os pedaços. Quando os juntei depois, só pude reconstituir metade da bala, de modo que o resto deve ter ficado.

— Estilhaçou? É de admirar que os pedaços não tenham penetrado em seu coração ou seu pulmão — eu disse, agachando-me, a fim de examinar mais minuciosamente o ferimento.

— Ah, mas penetraram — ele me informou. — Ao menos, imagino que sim, porque entraram pelo meu peito, como pode ver... e agora um está saindo pelas minhas costas.

Para assombro da multidão — e meu próprio — ele tinha razão. Eu não só podia sentir uma pequena protuberância, logo abaixo da beirada externa da omoplata esquerda, como, na verdade, podia vê-la; um inchaço escuro pressionando contra a pele branca e macia.

— Que diabo é isso? — exclamei, e ele deu um pequeno grunhido de humor, não sei se pela minha surpresa ou pela minha linguagem.

Apesar de estranho, o estilhaço não apresentava nenhuma dificuldade cirúrgica. Mergulhei um pano na tigela de álcool destilado, limpei cuidadosamente a área, esterilizei um bisturi e cortei rapidamente a pele. Hayes permaneceu sentado, absolutamente imóvel, enquanto eu trabalhava; ele era um soldado e um escocês e, como as marcas em seu peito testemunhavam, já suportara coisas bem piores.

Abri dois dedos e pressionei-os de cada lado da incisão; os lábios do pequeno corte se abriram, depois um pedaço de metal irregular, escuro, repentinamente projetou-se como uma língua de dentro da incisão — o suficiente para eu pegá-lo com o fórceps e retirá-lo. Soltei o pedaço de metal descorado na mão de Hayes, com uma pequena exclamação de triunfo, depois pressionei uma compressa embebida em álcool em suas costas.

Ele expeliu uma longa respiração pelos lábios franzidos e sorriu para mim por cima do ombro.

— Muito obrigado, sra. Fraser. Este sujeitinho me acompanha já há algum tempo, mas não posso dizer que lamento me separar dele. —

Olhou para a palma da mão suja de sangue, examinando o fragmento de metal com grande interesse.

— Há quanto tempo isso aconteceu? — perguntei, curiosa. Eu não acreditava que o estilhaço tivesse realmente atravessado seu corpo completamente, embora certamente causasse essa ilusão. O mais provável, pensei, é que tivesse permanecido na superfície do ferimento original e viajado lentamente pelo torso, impelido entre a pele e o músculo pelos movimentos de Hayes, até atingir a presente localização.

— Oh, há mais de vinte anos, senhora — ele disse. Ele tocou a área branca, rígida e entorpecida, que já fora um dos pontos mais sensíveis do seu corpo. — Aconteceu em Culloden. — Falou descontraidamente, mas eu senti a pele dos meus braços se arrepiar diante daquele nome. Mais de vinte anos... vinte e cinco, praticamente. Quando então...

— Você não devia ter mais do que doze anos! — eu disse.

— Não — ele respondeu, uma das sobrelanceiras erguidas. — Onze. Mas meu aniversário foi no dia seguinte.

Reprimi o que quer que teria dito em resposta. Pensei que já tivesse perdido a capacidade de ficar chocada com as realidades do passado, mas era evidente que não. Alguém lhe dera um tiro — um menino de onze anos — à queima-roupa. Sem chance de erro, nenhuma bala perdida no calor da batalha. O homem que atirara nele sabia que era uma criança que ele pretendia matar — e atirara, ainda assim.

Meus lábios pressionaram-se com força enquanto eu examinava a incisão. Não mais do que dois centímetros e meio de comprimento, e rasa; a bala estilhaçada permanecera logo abaixo da superfície. Ótimo, não iria ser necessário dar pontos. Pressionei uma nova compressa no ferimento e posicionei-me à sua frente, para amarrar a atadura de linho que a manteria no lugar.

— Um milagre você ter sobrevivido — eu disse.

— É verdade — ele concordou. — Eu estava caído no chão e o rosto de Murchison acima do meu, e eu...

— Murchison! — A exclamação escapou dos meus lábios e eu vi um lampejo de satisfação atravessar o rosto de Hayes. Tive uma breve e repentina aflição premonitória, lembrando-me do que Jamie dissera a respeito de Hayes na noite anterior. Ele pensa mais do que fala, o pequeno Archie — e ele fala muito. Cuidado com ele, Sassenach. Bem, um pouco tarde demais para cautela, mas eu duvidava que pudesse fazer diferença; ainda que tivesse sido o mesmo Murchison...

— Conhece o nome, pelo que vejo — Hayes observou amavelmente. — Eu ouvi dizer na Inglaterra que um sargento

Murchison do 26— tinha sido enviado para a Carolina do Norte. Mas a guarnição militar de Cross Creek havia desaparecido quando chegamos a Cross Creek. Um incêndio, não foi?

— Hã, sim — eu disse, um pouco nervosa com essa referência. Ainda bem que Bri tinha saído; somente duas pessoas sabiam toda a verdadeira história do que acontecera quando o armazém da Coroa em Cross Creek incendiou-se, e ela era uma delas. Quanto à outra — bem, não era provável que o caminho de Stephen Bonnet cruzasse com o do tenente num futuro próximo — se o próprio Bonnet ainda estivesse vivo.

— E os homens da guarnição — Hayes continuou, — Murchison e o resto, para onde eles foram, a senhora sabe?

— O sargento Murchison está morto — disse uma voz suave e grave atrás de mim. — Infelizmente.

Hayes olhou além de mim e sorriu.

— A Sheumais ruaidh — ele disse. — Eu pensei mesmo que você viria ter com sua mulher, mais cedo ou mais tarde. Estive à sua procura hoje de manhã.

Surpreendi-me com o nome, e Jamie também; um olhar de surpresa atravessou suas feições, depois desapareceu, substituído por um ar de cautela. Ninguém o chamava de "Jamie, o Ruivo" desde os dias do Levante.

— Eu soube — ele disse, secamente. Sentou-se no meu banco extra, de frente para Hayes. — Vamos conversar, então. Do que se trata?

Hayes pegou seu sporran, pendurado entre os joelhos, vasculhou dentro dele por um instante e retirou um quadrado de papel dobrado, preso com um selo de cera vermelha, marcado com uma insígnia que eu reconheci. Meu coração desfaleceu um pouco à vista do selo; eu duvidava que o governador Tryon estivesse me mandando cumprimentos atrasados pelo meu aniversário.

Hayes revirou o papel nas mãos, verificou cuidadosamente para ver que o nome inscrito na frente era o de Jamie e entregou-o a ele. Para minha surpresa, Jamie não o abriu de imediato, mas ficou segurando-o, os olhos fixos no rosto de Hayes.

— O que o trouxe aqui? — ele perguntou abruptamente.

— Ah, o dever, sem dúvida — Hayes respondeu, as sobranceiras finas arqueadas num espanto inocente. — Um soldado faz alguma coisa por qualquer outra razão?

— Dever — Jamie repetiu. Bateu o papel de leve contra a perna. — Sim, bem. O dever pode levá-lo de Charleston à Virgínia, mas há maneiras mais rápidas de chegar lá.

Hayes começou a dar de ombros, mas desistiu imediatamente, quando o movimento perturbou o ombro que eu estava enfaixando.

— Eu tinha a Proclamação a trazer, do governador Tryon.

— O governador não tem nenhuma autoridade sobre você ou seus homens.

— É verdade — Hayes concordou, — mas por que eu não faria um favor ao sujeito, se eu podia?

— Sim, e ele lhe pediu que fizesse o serviço ou isso foi ideia sua? — Jamie disse, um claro tom de cinismo na voz.

— Você se tornou um pouco desconfiado com a idade, Sheumais ruaidh — Hayes disse, sacudindo a cabeça com ar de reprovação.

— É por isso que cheguei até essa idade — Jamie retrucou, sorrindo ligeiramente. Parou, examinando Hayes. — Você diz que foi um homem chamado Murchison que atirou em você no campo de Drumossie?

Eu terminara com as bandagens; Hayes mexeu o ombro experimentalmente, testando a dor.

— Ora, certamente você sabe disso, a Sheumais ruaidh. Não se lembra do dia, homem?

A expressão do rosto de Jamie mudou sutilmente e eu senti um pequeno tremor de inquietação. O fato é que Jamie não tinha quase nenhuma lembrança do último dia dos clãs, do massacre que deixara tantos sangrando na chuva — inclusive ele próprio. Eu sabia que pequenas cenas desse dia de vez em quando voltavam à sua mente durante o sono, fragmentos de pesadelo — mas, se era pelo trauma, pelo ferimento ou simplesmente por força de vontade, a Batalha de Culloden estava esquecida para ele — ao menos, até agora. Eu não acreditava que ele a quisesse de volta.

— Muita coisa aconteceu naquele dia — ele disse. — Eu não me lembro de tudo, não. — Ele inclinou a cabeça de repente e enfiou o polegar sob a dobra da carta, abrindo-a tão bruscamente, que o selo de cera estilhaçou-se em pequenos fragmentos.

— Seu marido é um homem modesto, sra. Fraser. — Hayes balançou a cabeça para mim enquanto chamava seu ajudante de ordens com um gesto rápido da mão. — Ele nunca lhe contou o que fez naquele dia?

— Houve muita bravura naquele dia — Jamie murmurou, a cabeça inclinada sobre a carta. — E bastante do contrário. — Achei que ele não estava lendo; seus olhos estavam fixos, como se visse outra cena, para além do papel que segurava.

— Sim, houve — Hayes concordou. — Mas vale a pena lembrar

quando um homem salvou sua vida, não?

A cabeça de Jamie ergueu-se rispidamente, com surpresa. Atravessei a distância entre nós e me coloquei atrás dele, a mão pousada de leve em seu ombro. Hayes pegou a camisa das mãos do seu ajudante de ordens e vestiu-a devagar, sorrindo de um modo estranho, alerta.

— Não se lembra de como golpeou Murchison na cabeça, no momento em que ele estava pronto para fincar a baioneta em mim, estendido no chão? E então você me pegou no colo e me carregou para fora do campo de batalha, até um pequeno poço próximo? Um dos chefes estava estendido na grama lá e seus homens banhavam sua cabeça na água, mas eu pude ver que ele já estava morto, absolutamente imóvel. Havia alguém lá para cuidar de mim; queriam que você ficasse também, porque você estava ferido e sangrando, mas você se recusou. Desejou-me boa sorte, em nome de são Miguel, e voltou para o campo de batalha.

Hayes prendeu a corrente de seu gorjal, ajustando a pequena meia-lua de prata embaixo do queixo. Sem o lenço, seu pescoço parecia nu, desprotegido.

— Você parecia um bárbaro enlouquecido, homem, o sangue escorria do seu rosto e seus cabelos estavam soltos ao vento. Você tinha guardado a espada para me carregar, mas sacou-a de novo quando se afastava. Achei que jamais o veria de novo, pois se eu já vi um homem resolvido a ir ao encontro de sua morte...

Sacudiu a cabeça, os olhos semicerrados, como se visse não o homem sóbrio, controlado, diante de si, não o Fraser de Fraser's Ridge — mas Jamie, o Ruivo, o jovem guerreiro que não voltara por bravura, mas porque queria jogar sua vida fora, considerando-a um fardo — porque ele me perdera.

— É mesmo? — Jamie murmurou. — Eu havia... esquecido. — Eu podia sentir a tensão em seu corpo, tinindo como um arame esticado sob minha mão. Sua pulsação batia rápido na artéria atrás da orelha. Havia muita coisa que ele esquecera, mas não isso. Nem eu.

Hayes inclinou a cabeça, enquanto o ajudante de ordens amarrava o lenço ao redor de seu pescoço, depois se empertigou e agradeceu-me com um sinal da cabeça.

— Obrigada, senhora, foi muita bondade sua.

— Não há de quê — eu disse, a boca seca. A chuva recomeçara; os pingos frios atingiam meu rosto e minhas mãos, e a umidade brilhava nos ossos fortes do rosto de Jamie, prendiam-se em gotículas trêmulas em seus cabelos e em suas espessas pestanas.

Hayes enfiou-se com dificuldade em seu casaco e prendeu o xale com um pequeno broche dourado — o broche que seu pai lhe dera, antes de Culloden.

— Então Murchison está morto — ele disse, como se falasse consigo mesmo. — Mas ouvi dizer — seus dedos atrapalharam-se um pouco com o fecho do broche — que havia dois irmãos com este nome, parecidos como duas ervilhas.

— Sim, havia — Jamie disse. Ergueu os olhos e fitou diretamente os de Hayes. O rosto do tenente não mostrou mais do que um leve interesse.

— Ah. E o senhor saberia, então, qual deles era?...

— Não. Mas não importa, ambos estão mortos.

— Ah — Hayes disse outra vez. Ficou parado por um instante, como se estivesse pensando, depois fez uma reverência para Jamie, formalmente, o gorro seguro contra o peito.

— Buidheachas dhust, a Sheumais mac Brian. E que o abençoado Miguel o proteja. — Ergueu o gorro levemente para mim, colocou-o na cabeça e virou-se para partir, o ajudante de ordens seguindo-o em silêncio.

Uma rajada de vento soprou pela clareira, carregando com ela uma gélida explosão de chuva, muito semelhante à chuva gelada de abril em Culloden. Jamie estremeceu repentinamente ao meu lado, com um tremor profundo e convulsivo que amassou a carta que ele ainda segurava na mão.

— O quanto você se lembra? — perguntei, vendo Hayes se afastar, escolhendo o caminho no chão ensopado de sangue.

— Quase nada — ele respondeu. Levantou-se e virou-se para olhar para mim, os olhos escuros como o céu nublado. — E ainda assim é muito.

Entregou-me a carta amassada. A chuva havia manchado a tinta aqui e ali, mas ainda era bastante legível. Em contraste com a Proclamação, continha duas frases, mas o parágrafo adicional não diminuía seu impacto.

New Bem, 20 de outubro

Coronel James Fraser

Embora a Paz e a boa Ordem deste Governo ultimamente tenham sido violadas e muitos danos causados às pessoas e às propriedades dos habitantes desta Província por um grupo de indivíduos que se autodenominam Reguladores, eu, por instrução do Conselho de Ordem de

Sua Majestade, ordeno-o que imediatamente convoque um grupo de tantos homens quantos considerar necessário para servir num Regimento de Milícia e reporte a mim o mais breve possível sobre o número de voluntários dispostos a se apresentar ao serviço de seu Rei e da Pátria, quando solicitados, e ainda o número de efetivos que pertençam ao seu regimento que possam entrar em ação numa emergência e no caso de os insurgentes tentarem cometer novas manifestações violentas. Sua obediência diligente e pontual a essas ordens será bem recebida por

Seu humilde criado,

William Tryon

Dobrei cuidadosamente a carta manchada de chuva, notando distraidamente que minhas mãos tremiam. Jamie tomou-a de mim, segurando-a entre o polegar e o indicador, como se fosse um objeto desagradável — como de fato era. Sua boca torceu-se ironicamente quando nossos olhos se encontraram.

— Eu esperava ter um pouco mais de tempo — ele disse.

O FEITOR

Depois que Brianna foi pegar Jemmy na barraca de Jocasta, Roger começou a subir lentamente a colina em direção ao seu próprio acampamento. Ele trocou cumprimentos e aceitou felicitações de pessoas que passavam, porém mal ouvia o que lhe diziam.

Haverá uma próxima vez, ela dissera. Rememorava as palavras, revirando-as em sua mente como um punhado de moedas no bolso. Ela não falara levianamente. Falara sério e era uma promessa que no momento significava ainda mais para ele do que as que ela dissera na primeira noite do seu casamento.

A ideia de casamentos o fez lembrar, finalmente, que na verdade havia outro a caminho. Olhou para si mesmo e viu que Bri não exagerara a respeito de sua aparência. Droga, e era o casaco de Jamie, além do mais.

Começou a limpar as agulhas de pinheiros e manchas de lama, mas foi interrompido por um cumprimento do alto do caminho. Ergueu os olhos e viu Duncan Innes descendo cautelosamente a trilha íngreme, o corpo inclinado para compensar o braço que faltava. Duncan vestira seu esplêndido casaco, vermelho-escarlata com adornos azuis e botões de ouro, e seus cabelos estavam cuidadosamente trançados sob um novo e elegante chapéu preto. A transformação de pescador das Highlands a próspero proprietário de terras era surpreendente; até a atitude de Duncan parecia ter mudado, muito mais confiante.

Duncan estava acompanhado por um cavalheiro idoso, magro e alto, muito bem-arrumado, mas com uma aparência surrada, os escassos cachos brancos amarrados para trás de uma fronte alta e calva. Sua boca murchara pela falta de dentes, mas mantivera a curva bem-humorada, e seus olhos eram azuis e brilhantes, cravados num rosto cuja pele estava tão esticada sobre os ossos, que mal sobrava um pouco para as rugas ao redor dos olhos, apesar das linhas profundas na boca e na testa. Com um nariz comprido e adunco, trajando roupas pretas surradas e desbotadas, ele parecia um abutre cordial.

— A Smeòraich — Duncan saudou Roger, com ar satisfeito. — Exatamente o homem que eu queria encontrar! E você está bem preparado para o seu casamento? — acrescentou, os olhos recaindo inquisitivamente no casaco sujo de Roger e nos cabelos desgrehados.

— Ah, sim. — Roger limpou a garganta, convertendo a limpeza do

seu casaco em uma curta batida no peito, como se quisesse liberar o muco da tosse. — Tempo chuvoso para um casamento, hein?

— Feliz o cadáver sobre o qual a chuva cai — Duncan concordou e riu, um pouco nervosamente. — De qualquer modo, não pretendemos morrer de pleurisia antes de nos casar, hein, rapaz? — Ajeitou melhor o casaco escarlata nos ombros, limpando um imaginário grão de poeira do punho.

— Você está muito elegante, Duncan — Roger disse, na esperança de distrair a atenção do seu próprio estado deplorável com um pouco de caçoadas. — Até parece a noiva!

Duncan enrubesceu um pouco por trás dos bigodes caídos e sua única mão ficou brincando com os botões decorados de seu casaco.

— Ah, bem — ele disse, parecendo levemente embaraçado. — A srta. Jo disse que não iria querer ficar ao lado de um espantalho. — Tossiu e virou-se abruptamente para seu companheiro, como se a palavra o tivesse feito se lembrar repentinamente da presença do sujeito.

— Sr. Bug, este é o genro do sr. Fraser, Roger Mac, de quem eu lhe falei. — Ele virou-se novamente para Roger, abanando a mão vagamente na direção do seu companheiro, que deu um passo à frente, estendendo a mão com uma mesura rígida, mas cordial. — Este é Arch Bug, a Smedraich.

— Seu criado, sr. Bug — Roger disse educadamente, ligeiramente surpreso ao observar que a mão grande e ossuda que segurava a sua não possuía os dois primeiros dedos.

— Umm — replicou o sr. Bug, sua maneira indicando que o sentimento era sinceramente recíproco. Ele podia ter tido a intenção de se estender mais no assunto, mas, quando abriu a boca, uma voz aguda, feminina, um pouco entrecortada com a idade, pareceu emergir.

— É muita bondade, senhor, do sr. Fraser, e tenho certeza de que ele não vai ter nenhum motivo para se arrepender, realmente não, como eu mesmo disse a ele. Não sei como lhe dizer a bênção que é, nós sem sabermos de onde viria nosso próximo pedaço de pão ou como iríamos manter um teto sobre nossas cabeças! Eu disse a Arch, eu disse, agora nós só temos que confiar em Cristo e Nossa Senhora e, se tivermos que passar fome, nós o faremos num estado de graça, e Arch, ele me diz...

Uma mulher pequena e roliça, idosa e pobremente vestida como o marido, mas igualmente asseada e bem remendada, surgiu diante deles, ainda falando. Baixa como era, Roger não a vira, escondida atrás das amplas abas do antigo casaco de seu marido.

— Sra. Bug — Duncan murmurou para mim, desnecessariamente.

—...e nem uma moedinha de prata para nos abençoar e eu imaginando o que seria de nós, e então essa Sally McBride dizia como ouvira falar que Jamie Fraser precisava de um bom...

O sr. Bug sorriu por cima da cabeça de sua mulher. Ela parou no meio da frase, os olhos esbugalhando-se de assombro diante do estado do casaco de Roger.

— Ora, olhem só para isso! Por onde é que você andou, rapaz? Sofreu um acidente? Parece que alguém o derrubou e arrastou pelos calcanhares por um monte de estrume!

Sem esperar respostas, retirou com estardalhaço um lenço limpo do volumoso saco amarrado à sua cintura, cuspiu nele e começou a limpar laboriosamente as manchas de lama do peito do casaco de Roger.

— Oh, não precisa... quero dizer... hã... obrigado. — Roger sentiu-se como se tivesse ficado preso em algum tipo de máquina. Olhou para Duncan, na esperança de ser resgatado.

— Jamie Roy pediu ao sr. Bug para ser o feitor em Ridge. — Duncan aproveitou a trégua momentânea fornecida pela preocupação da sra. Bug para dar uma breve explicação.

— Feitor? — Roger sentiu um baque diante da palavra, como se alguém tivesse lhe dado um soco na boca do estômago.

— Sim, para quando ele próprio estiver fora ou ocupado com outros negócios. Pois é bem verdade que lavouras e arrendatários têm que ser administrados.

Duncan falava com um certo tom de pesar; antes um simples pescador de Coigach, ele frequentemente achava onerosas as responsabilidades de administrar uma grande plantação e agora olhou para o sr. Bug com um pequeno lampejo de cobiça, como se tivesse pensado momentaneamente em enfiar esta pessoa útil no bolso e levá-la para River Run. Claro, Roger refletiu, isso significaria levar a sra. Bug também.

— Foi uma grande sorte e justamente ontem eu dizia a Arch que o melhor que poderíamos esperar era encontrar trabalho em Edenton ou Cross Creek, talvez Arch trabalhando nos barcos, mas essa é uma forma de vida perigosa, não é? Molhado até os ossos a maior parte do tempo e tremedeiras mortais elevando-se dos mangues como fantasmas e o ar tão denso de miasma que não serve nem para respirar, e eu talvez lavando roupa na cidade enquanto ele estava fora na água, embora eu tenha certeza de que iria detestar isso, pois não estivemos separados nem uma noite desde que nos casamos, não é,

querido?

Ela lançou um olhar de devoção para cima, para o seu alto marido, que sorriu gentilmente para ela. Talvez o sr. Bug fosse surdo Roger pensou. Ou talvez só estivessem casados havia uma semana?

No entanto, sem que precisasse perguntar, foi informado de que os Bug eram marido e mulher havia mais de quarenta anos. Arch Bug fora um pequeno arrendatário de Malcolm Grant of Glenmoriston, mas os anos após o Levante tinham sido difíceis. A propriedade que ele arrendava de Grant havia sido confiscada pela Coroa Inglesa, e Bug sobreviveu durante alguns anos como um pequeno lavrador, mas fora obrigado pelas dificuldades e pela fome a pegar a mulher e o pouco que restara do dinheiro e buscar uma vida nova na América.

— Pensamos em nos fixar em Edimburgo... — disse o idoso cavalheiro, a fala amável e vagarosa, com um leve cadenciado das Highlands. Então ele não era surdo, Roger pensou. Ainda.

— ...porque eu tinha um primo lá que trabalhava num banco e pensamos que talvez ele pudesse dar uma palavrinha com alguém...

— Mas eu era velho demais e não tinha o conhecimento suficiente...

— ...e muita sorte eles teriam se tivessem ficado com ele! Mas não, palermas como eram, não quiseram nem saber, e assim tivemos que vir embora e por mais que tentássemos...

Os olhos de Duncan encontraram-se com os de Roger e ele disfarçou um sorriso por baixo do bigode caído, enquanto a história das aventuras dos Bug despejava-se daquele modo sincopado. Roger devolveu o sorriso, tentando simultaneamente afastar uma incômoda sensação de desconforto.

Feitor. Alguém para supervisionar os trabalhos em Ridge, preocupar-se com o plantio, cuidar da colheita, lidar com as preocupações dos arrendatários quando Jamie Fraser estivesse fora ou ocupado. Uma necessidade óbvia, considerando-se o recente influxo de novos arrendatários e o conhecimento do que os próximos anos reservavam para eles.

Foi somente nesse momento, entretanto, que Roger percebeu que havia subconscientemente presumido que ele seria o braço direito de Jamie nesses assuntos. Ou o esquerdo, ao menos.

Fergus, até certo ponto, dava assistência a Jamie, saindo de Ridge em alguma missão e trazendo informações. Mas a falta de uma das mãos de Fergus limitava o que ele podia fazer fisicamente, e ele não sabia lidar com a contabilidade ou a documentação; Jenny Murray ensinara o órfão francês que seu irmão adotara a ler — de certo modo,

— mas fracassara completamente em torná-lo hábil com números.

Roger olhou de viés para a mão do sr. Bug, agora afetuosamente pousada no ombro roliço de sua mulher. Era grande, calejada e de aparência forte, apesar da mutilação, mas os dedos remanescentes eram muito tortos de artrite, as juntas nodosas e de aparência dolorosa.

Então Jamie achava que mesmo um homem de idade, meio aleijado, era mais apto do que Roger para lidar com os negócios de Fraser's Ridge? Esse era um pensamento inesperadamente amargo.

Ele sabia que seu sogro tinha dúvidas sobre sua capacidade, mais do que a desconfiança natural de qualquer pai em relação ao homem que está dormindo com sua filha. Ele próprio totalmente desprovido de ouvido musical, naturalmente Jamie não valorizava o dom musical de Roger. E, apesar de Roger ser de bom tamanho e trabalhador, era desafortunadamente verdade que ele tinha pouco conhecimento prático de criação de animais, caça ou o uso de armas mortais. E, era verdade, ele não tinha muita experiência com fazenda ou com a administração de uma grande propriedade — o que o sr. Bug obviamente possuía. Roger seria o primeiro a admitir tudo isso.

Mas ele era o genro de Jamie, ou prestes a ser. Droga, Duncan acabara de apresentá-lo assim! Ele podia ter sido criado em outra época, mas era um escocês das Highlands, com tudo isso, e tinha plena consciência de que sangue e parentesco contavam acima de tudo.

O marido de uma filha única normalmente seria considerado o filho da casa, vindo em segundo lugar apenas para o chefe da família em autoridade e respeito. A menos que houvesse algo drasticamente errado com ele. Se ele fosse reconhecidamente um bêbado, por exemplo, ou um bandido. Ou débil mental... Santo Deus, era isso que Jamie pensava dele? Um idiota imprestável?

— Sente-se, meu jovem, e eu cuidarei desta sujeira — a sra. Bug interrompeu essas obscuras reflexões. Puxou-o pela manga, estalando a língua em sinal de desaprovação ao ver as folhas e galhinhos em seus cabelos.

— Olhe só para você, todo sujo e amarrotado! Andou brigando, é? Oh, bem, espero que o outro sujeito esteja em pior estado, é só o que posso dizer.

Antes que ele pudesse protestar, ela já o fizera sentar-se numa pedra, retirara um pente de madeira do bolso e a tira de couro dos cabelos dele e já lidava com as mechas embaraçadas de uma maneira tão enérgica, que parecia calculada para arrancar alguns fios de seu couro cabeludo.

— Eles o chamam de Melro, não é? — A sra. Bug fez uma pausa em

sua atividade de cabeleireira, segurando para cima uma mecha preta e lustrosa e examinando-a desconfiadamente, como se procurasse piolhos.

— Oh, sim, mas não é por causa de suas belas madeixas pretas — Duncan interpôs, rindo do evidente embaraço de Roger. — É por causa do canto. Melodiosa como a de um rouxinol, a voz de Roger Mac.

— Canto? — exclamou a sra. Bug. Soltou a mecha de cabelo, encantada. — Então foi você que ouvimos ontem à noite? Cantando "Ceann-ràra" e "Loch Ruadhainn"? E acompanhando com o bodhram?

— Sim, deve ter sido — Roger murmurou modestamente. A ilimitada admiração da senhora — profusamente extravasada — lisonjeou-o e o deixou envergonhado do momentâneo ressentimento contra seu marido. Afinal, pensou, vendo a pobreza de seu avental muitas vezes remendado e as rugas em seu rosto, os dois certamente haviam passado tempos difíceis. Talvez Jamie os tivesse contratado tanto por caridade quanto pela sua própria necessidade de ajuda.

Isso o fez sentir-se um pouco melhor, e ele agradeceu à sra. Bug amavelmente por sua assistência.

— Vocês vêm para a nossa fogueira agora? — ele perguntou, com um olhar inquiridor ao sr. Bug. — Imagino que ainda não conheçam a sra. Fraser ou...

Ele foi interrompido por um barulho semelhante à sirene de um carro de bombeiros, distante, mas obviamente se aproximando. Perfeitamente familiarizado com aquele tipo de algazarra, não ficou surpreso ao ver seu sogro emergir de uma das trilhas que cruzavam a montanha, Jemmy debatendo-se e berrando como um gato escaldado em seus braços.

Jamie, parecendo um pouco atormentado, entregou a criança a Roger. Roger segurou-o e — por falta de qualquer outra inspiração — enfiou o polegar na boquinha escancarada. O barulho cessou instantaneamente e todos relaxaram.

— Que doçura! — A sra. Bug ficou na ponta dos pés para arrulhar sobre Jemmy, enquanto Jamie, parecendo extremamente aliviado, virou-se para cumprimentar o sr. Bug e Duncan.

"Doçura" não era a palavra que o próprio Roger teria escolhido. "Frenético" parecia mais apropriado. O rosto do bebê estava vermelho, as bochechas marcadas de lágrimas, e ele sugava furiosamente o polegar recebido, os olhos fechados com força, num esforço para fugir de um mundo evidentemente insatisfatório. O pouco cabelo que possuía estava espetado em espigões e espirais suados, e ele conseguira sair das cobertas em que antes estava enrolado e que agora

pendiam vergonhosamente em pontas arrastadas pela lama. Ele também cheirava a privada suja, por razões absolutamente óbvias.

Como pai experiente, Roger imediatamente instituiu medidas de emergência.

— Onde está Bri?

— Só Deus sabe, e Ele não quer me contar — Jamie disse sucintamente. — Já procurei na montanha toda por ela desde que o menino acordou nos meus braços e decidiu que não estava satisfeito com a companhia. — Cheirou com desconfiança a mão com que estivera segurando seu neto, depois limpou-a na saia de seu casaco.

— Ele também não parece muito satisfeito com a minha. — O menino mordia o polegar de Roger impacientemente, baba escorrendo pelo queixo e pelo pulso de Roger, emitindo gritinhos de frustração. — Viu Marsali, por acaso? — Ele sabia que Brianna não gostava que ninguém alimentasse Jemmy senão ela mesma, mas está sem dúvida era uma emergência. Olhou ao redor, esperando localizar alguma mãe que estivesse amamentando nas proximidades e que pudesse ter pena da criança, senão dele.

— Deixe-me segurar o pobrezinho — disse a sra. Bug, estendendo os braços para o bebê e imediatamente mudando sua condição de intrometida tagarela para anjo da luz, na visão de Roger.

— Pronto, vamos, a leu man, pronto, pronto. — Reconhecendo uma autoridade superior quando via uma, Jemmy prontamente se calou, os olhos redondos de temor fitando a sra. Bug. Ela sentou-se com a criança no colo e começou a lidar com ela da mesma maneira firme e eficiente com que acabara de lidar com o pai. Roger achou que talvez Jamie tivesse contratado o Bug errado para ser feito.

Arch, no entanto, exibia tanto inteligência quanto competência, fazendo perguntas sensatas a Jamie com referência a animais de criação, lavouras, arrendatários e assim por diante. Mas eu poderia fazer isso, Roger pensou, seguindo atentamente a conversa. Em parte, consertou honestamente, quando a conversa repentinamente se desviou para uma discussão sobre parasitas. Talvez Jamie tivesse razão em procurar alguém mais experiente... mas Roger podia aprender, afinal...

— E quem é esse rapazinho bonito, hein? — A sra. Bug havia se levantado, arrulhando sobre Jemmy, agora respeitavelmente transformado em um casulo firmemente enrolado. Ela percorreu a linha de uma bochecha rechonchuda com um dedo grosso e curto, depois olhou para Roger. — Sim, sim, ele tem os olhos do pai, hein?

Roger ficou vermelho, esquecendo-se dos parasitas.

— Oh? Eu diria que ele se parece mais com a mãe.

A sra. Bug contraiu os lábios, estreitando os olhos para Roger, depois sacudiu a cabeça com decisão e deu uns tapinhas no topo da cabeça de Jemmy.

— Não os cabelos, talvez, mas a forma, sim, é igual a você, rapaz. Esses belos ombros largos! — Fez um leve sinal com a cabeça para Roger e beijou Jemmy na fronte. — Ora, eu também não ficaria surpresa se seus olhos ficassem verdes enquanto ele crescer. Preste atenção no que estou dizendo, rapaz, ele vai ser a sua cara quando crescer! Não é, homenzinho? — Ela roçou o nariz carinhosamente em Jemmy. — Você vai ser um rapaz grande, valente, como seu pai, não é?

É o que as pessoas costumam dizer, ele lembrou a si mesmo, tentando sufocar o absurdo fluxo de satisfação que sentiu com as palavras da mulher. As mulheres mais velhas, elas sempre dizem com quem um bebê se parece. Ele descobriu de repente que tinha medo até de admitir a possibilidade de que Jemmy pudesse ser realmente dele — ele desejava demais que isso fosse verdade.

Disse a si mesmo com firmeza que não tinha importância; se o menino era seu de sangue ou não, iria amá-lo e cuidar dele como seu filho. Ele o faria, é claro. Mas realmente importava, ele descobriu — ah, importava, sim.

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa à sra. Bug, entretanto, o sr. Bug virou-se para ele, para incluí-lo educadamente na conversa dos homens.

— Mackenzie, não é? — ele perguntou. — E é um dos Mackenzie de Torridon, então, ou de Kilmarnock?

Roger enfrentara perguntas semelhantes durante toda a Assembleia; explorar os antecedentes de uma pessoa era a maneira normal de um escocês iniciar qualquer conversa — algo que mudaria um pouco nos duzentos anos seguintes, ele pensou, temperada com cautela pela confortável familiaridade do processo. Mas, antes que pudesse responder, a mão de Jamie apertou seu ombro.

— Roger Mac é meu parente pelo lado de minha mãe — ele disse descontraidamente. — Ele é Mackenzie de Leoch, sabe?

— Ah, é? — Arch Bug pareceu impressionado. — Você está muito longe de casa, então, rapaz!

— Oh, não mais do que o senhor mesmo, tenho certeza, ou do que qualquer pessoa aqui, aliás. — Roger acenou brevemente para a encosta da montanha, de onde os sons de gritos em gaélico e a música de gaitas de foles flutuavam pelo ar úmido.

— Não, não, rapaz! — A sra. Bug, com Jemmy apoiado no ombro, uniu-se novamente à conversa. — Não é isso que Arch quer dizer — ela explicou. — É que você está muito longe dos outros.

— Outros? — Roger trocou um olhar com Jamie, que deu de ombros, igualmente intrigado.

— De Leoch — Arch interpôs, antes que sua mulher retomasse o fio da conversa.

— Nós ouvimos sobre isso no navio, hein? Havia um bando deles, todos Mackenzie, todos das terras ao sul do antigo castelo. Eles haviam permanecido lá depois que o senhor das terras foi embora, ele e o primeiro lote, mas agora pretendiam se juntar ao que restara do clã e ver se conseguiam melhorar sua sorte, porque...

— O chefe do clã? — Jamie interrompeu-a abruptamente. — Seria Hamish mac Callum?

Hamish, filho de Colum, Roger traduziu para si mesmo e parou. Ou melhor, Hamish mac Dougal, mas só havia cinco pessoas no mundo que sabiam disso. Talvez apenas quatro, agora.

A sra. Bug balançava a cabeça enfaticamente.

— Sim, sim, ele mesmo, era assim que o chamavam. Hamish mac Callum Mackenzie, senhor de Leoch. O terceiro senhor. Eles disseram isso, exatamente isso. E...

Jamie evidentemente aprendera o truque de lidar com a sra. Bug; por meio de uma brusca interrupção, ele conseguiu extrair a história em menos tempo do que Roger teria julgado possível. O Castelo Leoch fora destruído pelos ingleses, na limpeza das Highlands que se seguiu a Culloden. Disso Jamie ficara sabendo, mas, estando ele mesmo aprisionado, não soube mais da sorte daqueles que viviam lá.

— E nem tinha coragem de perguntar — ele acrescentou, com uma desalentada inclinação da cabeça. Os Bug entreolharam-se e suspiraram em uníssono, nos olhos o mesmo laivo de melancolia que sombreava a voz de Jamie. Era uma expressão à qual Roger já estava bem acostumado agora.

— Mas, se Hamish mac Callum ainda vive... — Jamie não tirara a mão do ombro de Roger e, com isto, apertou-o com força. — São notícias que aquecem o coração, hein? — Sorriu para Roger com tanta alegria, que Roger sentiu um sorriso inesperado irromper em seu próprio rosto em resposta.

— Sim — ele disse, sentindo o peso em seu coração se aliviar. — Sim, é mesmo! — O fato de que ele não distinguiria Hamish mac Callum Mackenzie de um buraco no chão não importava; o sujeito era de fato seu parente — parente de sangue — e isso era um bom

pensamento.

— Para onde eles foram, então? — Jamie perguntou, retirando a mão. — Hamish e seus seguidores?

— Para Acádia — para o Canadá, os Bug disseram. Para Nova Escócia? Para o Maine? Não, para uma ilha, decidiram, depois de uma complicada conferência. Ou seria talvez...

Jemmy interrompeu a conversa com um uivo indicando estado iminente de inanição, e a sra. Bug deu um salto como se tivesse sido cutucada com uma vara.

— Precisamos levar o pobrezinho para a mãe dele — ela disse com ar de reprovação, dividindo imparcialmente um olhar de censura entre os quatro homens, como se os acusasse coletivamente de conspiração para assassinar a criança. — Onde fica o seu acampamento, sr. Fraser?

— Eu a levarei até lá, senhora — Duncan disse apressadamente. — Venha comigo.

Roger começou a seguir os Bug, mas Jamie o reteve colocando a mão em seu braço.

— Não, deixe que Duncan os leve — ele disse, despachando os Bug com um sinal da cabeça. — Conversarei com Arch mais tarde. Tenho uma coisa a lhe dizer, a chliamhuinn.

Roger sentiu-se um pouco tenso com o termo formal com que Jamie se dirigiu a ele. Então era neste ponto que Jamie lhe dizia quais eram exatamente os defeitos de formação e caráter que o tornavam inadequado a assumir responsabilidades na administração de Fraser's Ridge?

Mas não, Jamie retirava um papel amarrotado de seu sporran. Entregou-o a Roger com uma leve careta, como se o papel queimasse suas mãos. Roger leu-o rapidamente, depois ergueu os olhos da breve mensagem do governador.

— Milícia? Quando?

Jamie ergueu um dos ombros.

— Ninguém sabe dizer, porém mais cedo do que qualquer um de nós gostaria, eu acho. — Esboçou um sorriso fraco e melancólico para Roger. — Ouviu os rumores em torno das fogueiras?

Roger balançou a cabeça gravemente. Ele ouvira as conversas nos intervalos das canções, entre os espectadores nas competições de arremesso de pedras, entre os homens bebendo em pequenos grupos sob as árvores no dia anterior. Tinha havido uma escaramuça no arremesso de troncos — rapidamente abafada e sem nenhum dano causado, — mas a raiva pairava no ar da Assembleia, como um mau cheiro.

Jamie passou a mão pelo rosto e pelos cabelos, depois deu de ombros, suspirando.

— Foi sorte eu ter me encontrado com o velho Arch Bug e sua mulher hoje. Se houver luta — e haverá, imagino, mais tarde, se não agora — então Claire irá conosco. Eu não gostaria de deixar Brianna para lidar com tudo sozinha e assim ela terá ajuda.

Roger sentiu o pequeno e incômodo peso da dúvida se desfazer, quando tudo se tornou repentinamente esclarecido.

— Sozinha. Quer dizer... você quer que eu o acompanhe? Para ajudar a reunir homens para a milícia?

Jamie lançou-lhe um olhar perplexo.

— Sim, quem mais?

Ele ajeitou as pontas de seu xadrez mais altas nos ombros, curvando-se contra o vento cada vez mais forte.

— Vamos, então, capitão Mackenzie — ele disse, um tom irônico na voz. — Temos trabalho a fazer antes de você se casar.

O GERME DA DISCÓRDIA

Espreitei dentro do nariz de um dos escravos de Farquard Campbell, metade da minha mente no pólipo nasal que obstruía a narina e a outra metade no governador Tryon. Dos dois, eu me sentia mais benevolente em relação ao pólipo e pretendia cauterizá-lo, eliminando sua existência com um ferro em brasa.

Parecia tão desgraçadamente injusto, pensei, franzindo o cenho enquanto esterilizava o bisturi e colocava o menor ferrete de cauterização numa tigela de brasas incandescentes.

Seria este o começo? Ou um deles? Era final de 1770 e daqui a cinco anos todas as treze colônias estariam em guerra. Mas cada colônia chegaria a esse ponto por um processo distinto. Tendo vivido em Boston por tanto tempo, eu sabia pelos livros escolares de Brianna como tinha sido o processo — ou seria — para Massachusetts. Impostos, o massacre de Boston, a batalha do Porto, Hancock, Adams, a Batalha do Chá ou Festa do Chá, tudo isso. Mas e a Carolina do Norte? Como acontecera — como iria acontecer — aqui?

Poderia estar acontecendo agora. A discórdia vinha cozinhando em fogo brando havia vários anos entre os grandes e prósperos fazendeiros do litoral da costa leste e os pequenos lavradores dos terrenos pouco produtivos no interior da colônia, a oeste. Os Reguladores vinham principalmente dessa última classe; os primeiros eram fervorosos partidários de Tryon — ou seja, partidários da Coroa.

— Tudo bem agora? — Eu dera ao escravo uma boa dose de uísque medicinal para fortalecê-lo. Sorri de modo encorajador e ele balançou a cabeça, parecendo em dúvida, mas resignado.

Eu nunca ouvira falar dos Reguladores, mas ali estavam eles, de qualquer modo — e já vira o suficiente até agora para saber o quanto os livros de história omitiam. As sementes da revolução estariam sendo semeadas debaixo do meu próprio nariz?

Murmurando de maneira tranquilizadora, enrolei um guardanapo de linho na minha mão esquerda, segurei o queixo do escravo firmemente com ela, enfiei o bisturi em sua narina e cortei o pólipo com um movimento rápido e hábil da lâmina. Sangrou profusamente, é claro, o sangue jorrando quente através do pano em volta da minha mão, mas evidentemente não foi muito doloroso. O escravo pareceu surpreso, mas não angustiado.

O ferro de cauterização tinha a forma de uma minúscula pá, um pouco quadrada, um pedaço de metal achatado na ponta de uma haste delgada com um cabo de madeira. A parte chata fumegava no fogo, as bordas vermelhas, incandescentes. Pressionei o pano com força contra o nariz do escravo para estancar o sangue, retirei-o e, na fração de segundo antes que o sangue jorrasse outra vez, pressionei o ferro quente dentro da narina, contra o septo, esperando ter atingido o lugar certo.

O escravo fez um som estrangulado na garganta, mas não se moveu, embora as lágrimas escorressem pelo seu rosto, quentes, molhando meus dedos. O cheiro de carne e sangue queimados era semelhante ao que se erguia das fogueiras de churrasco. Meu estômago roncou audivelmente; os olhos injetados e arregalados do escravo encontraram-se com os meus, atônitos. Minha boca contorceu-se num sorriso e ele deu uma risadinha surda através das lágrimas e do muco do nariz.

Retirei o ferro, o pano no lugar. Nenhum sangue vivo escorreu. Inclinei a cabeça do paciente bem para trás, estreitando os olhos para ver, e fiquei satisfeita de encontrar a marca pequena, limpa, alta na mucosa. A queimadura deveria estar vermelha, em carne viva, eu sabia, mas, sem a luz de um instrumento próprio para investigação nasal, parecia negra, uma pequena crosta escondida como um carrapato nas sombras peludas da narina.

O sujeito não falava nada de inglês; sorri para ele, mas dirigi-me a sua companheira, uma jovem que segurara a mão dele durante toda a provação.

— Ele vai ficar perfeitamente curado. Diga-lhe, por favor, para não futucar a crosta. Se houver inchaço, pus ou febre — parei, pois a frase seguinte deveria ser "procure imediatamente o seu médico", e essa não era uma opção — ...procure sua patroa — eu disse, relutantemente. — Ou encontre uma mulher que saiba usar ervas. — A atual sra. Campbell era jovem e um tanto atrapalhada, pelo pouco que pude ver. Ainda assim, qualquer patroa de fazenda devia ter o conhecimento e os meios para tratar uma febre. E, se passasse de uma simples infecção, transformando-se em septicemia... bem, nesse caso, não haveria muita coisa que alguém pudesse fazer.

Dei um tapinha no ombro do escravo e o despachei, acenando para chamar o próximo na fila.

Infecção. Era o que estava fermentando. De um modo geral, as coisas pareciam calmas — afinal, a Coroa estava retirando todas as suas tropas! Mas dezenas, centenas, milhares de minúsculos germes de discórdia permaneciam, formando bolsões de conflito por todas as colônias. O movimento dos Reguladores era apenas um deles.

Um pequeno balde de álcool destilado estava junto aos meus pés, para desinfetar instrumentos. Mergulhei o ferro de cauterização no líquido, depois atirei-o de novo no fogo; o álcool pegou fogo com umpiff!, rápido e sem luz.

Eu tinha a desagradável sensação de que o bilhete que agora queimava um buraco no sporran de Jamie era uma chama semelhante, tocada em uma de um milhão de espoletas. Algumas iriam ser pisoteadas e extintas, outras iriam emitir um chiado e apagar por conta própria — mas muitas iriam queimar e continuar queimando, abrindo a fogo seu caminho destrutivo através de lares e famílias. O final de tudo isso seria uma excisão limpa, mas muito sangue correria antes que o ferro em brasa das armas pudesse cauterizar a ferida aberta.

Será que nunca teríamos um pouco de paz, Jamie e eu?

— Lá está Duncan MacLeod, ele possui trezentos acres perto do rio Yadkin, mas não tem ninguém lá, a não ser ele e o irmão. — Jamie esfregou a manga da camisa no rosto, limpando a película de umidade que penetrava nos ossos. Pestanejou para clarear a visão e sacudiu-se como um cachorro, espalhando gotas que haviam se condensado em seus cabelos.

— Mas — continuou, gesticulando na direção da pluma de fumaça que assinalava a fogueira de MacLeod — ele é parente do velho Rabbie Cochrane. Rabbie não veio à Assembleia, por causa de um edema, pelo que ouvi dizer, mas ele tem onze filhos crescidos, espalhados pelas montanhas como grãos de milho. Portanto, não tenha pressa com MacLeod, certifique-se de que ele terá prazer em comparecer, depois lhe diga para informar Rabbie. Nós nos encontraremos em Fraser's Ridge dentro de quinze dias, diga a ele.

Ele hesitou, uma das mãos no braço de Roger para impedi-lo de partir abruptamente. Estreitou os olhos, espreitando dentro da neblina, avaliando as possibilidades. Havia visitado três acampamentos juntos e receberam a promessa de quatro homens. Quantos mais poderiam ser encontrados na Assembleia?

— Depois de Duncan, vá até os cercados de carneiros. Angus Og está lá, com certeza. Conhece Angus Og?

Roger balançou a cabeça num sinal afirmativo, esperando lembrar-se do Angus Og correto. Ele conhecera ao menos quatro homens com esse nome na semana passada, mas um deles tinha um cachorro nos calcanhares e fedia a lâ não processada.

— Campbell, hein? Curvado como um anzol e vesgo de um olho?

— Sim, ele mesmo. — Jamie balançou a cabeça em aprovação, relaxando o aperto de sua mão. — Ele também é mal-humorado

demais para lutar, mas fará seus sobrinhos virem e espalhará a informação pelos assentamentos próximos a High Point. Portanto, Duncan, Angus... oh, sim, Joanie Findlay.

— Joanie? Fraser riu.

— Sim, a velha Joan, como a chamam. O acampamento dela fica perto da barraca da minha tia, ela e o irmão, Iain Mhor.

Roger balançou a cabeça, em dúvida.

— Sim. Mas é com ela que eu devo falar, não é?

— É o que terá que fazer — Fraser disse. Iain Mhor não fala. Mas ela tem mais dois irmãos normais e dois filhos com idade suficiente para lutar. Ela os fará vir.

Jamie lançou um olhar para cima; o dia esquentara um pouco e não chovia, era mais uma garoa — um chuvisco, como diziam na Escócia.

As nuvens haviam se adelgado o suficiente para mostrar o disco do sol, uma bolacha pálida e embaçada, ainda bem alta no céu, mas caindo inexoravelmente. Mais duas horas de boa luz, talvez.

— Vai dar tempo — ele resolveu, enxugando o nariz na manga da camisa. — Volte para o acampamento quando terminar com a velha Joan e faremos uma pequena ceia antes do seu casamento, sim? — Arqueou uma das sobrancelhas para Roger e esboçou um sorriso, depois se virou. Antes que Roger partisse, ele se virou outra vez.

— Apresente-se logo como capitão Mackenzie — ele aconselhou. — Vão dar-lhe mais atenção. — Virou-se outra vez e partiu a passos largos em busca dos provavelmente mais recalcitrantes de sua lista.

Na neblina, a fogueira de MacLeod queimava como um desses queimadores a óleo de pomar. Roger virou-se na direção da fogueira, repetindo os nomes baixinho como um mantra.

— Duncan MacLeod, Rabbie Cochrane, Angus Og Campbell, Joanie Findlay... Duncan MacLeod, Rabbie Cochrane... — Não era problema; três vezes, e ele já saberia de cor, quer fosse a letra de uma nova canção, fatos em um livro didático ou instruções para a psicologia de potenciais recrutas de milícia.

Fazia sentido encontrar o maior número possível de escoceses do interior ali na Assembleia, antes que se espalhassem para suas fazendas e cabanas. E sentia-se encorajado pelo fato de que os homens que Fraser havia abordado até agora haviam aceitado a convocação da milícia com não mais do que um sobrolho carregado ou um pigarro na garganta de resignação.

Capitão Mackenzie. Sentiu uma espécie de orgulho constrangido com o título que Fraser havia lhe conferido tão displicentemente.

— Soldado instantâneo — murmurou desdenhosamente consigo mesmo, endireitando os ombros em seu casaco encharcado. — Basta acrescentar água.

Ao mesmo tempo, tinha que admitir uma ligeira empolgação. Podia não vir a ser mais do que brincar de soldado, na verdade — mas a ideia de marchar com um regimento de milícia, mosquetes nos ombros e o cheiro de pólvora nas mãos...

Dali a menos de quatro anos, ele pensou, e os membros da milícia estariam no gramado em Lexington. Homens que não eram mais soldados do que estes homens com quem ele falava na chuva — não mais do que ele. A consciência do fato percorreu sua pele com um tremor e assentou-se em sua barriga com um estranho peso de significado.

Estava a caminho. Santo Deus, estava realmente a caminho.

MacLeod não foi problema, mas levou mais tempo do que ele imaginara encontrar Angus Og Campbell, mergulhado até o traseiro no meio dos carneiros e mal-humorado por estar sendo perturbado. "Capitão Mackenzie" produziu pouco efeito no velho filho da mãe; a invocação do "Coronel Fraser" — dita com certo tom de ameaça — já surtiu um pouco mais de efeito. Angus Og mastigou o longo lábio superior com pensativa concentração, balançou a cabeça com relutância e voltou aos seus negócios com um ríspido: "Sim, eu mandarei avisar."

O chuvisco havia cessado e as nuvens começavam a se dispersar quando ele subiu de novo a encosta da montanha até o acampamento de Joan Findlay.

A "velha Joan", para sua surpresa, era uma mulher atraente de trinta e poucos anos, com penetrantes olhos castanhos claros que o olharam com interesse sob as pregas de seu arisaid úmido.

— Então já chegou a esse ponto, hein? — ela disse, em resposta à sua breve explicação do motivo de sua presença. — Eu realmente imaginei, quando ouvi o que aquele soldado tinha a dizer hoje de manhã.

Ela deu umas pancadinhas nos lábios, pensativamente, com o cabo de sua colher de pau.

— Tenho uma tia que mora em Hillsborough, sabe? Ela tem um quarto no King's House, bem em frente à casa de Edmund Fanning... ou onde era a casa. — Deu uma curta risada, embora sem nenhum humor real. — Ela me escreveu. A turba desceu a rua num tumulto, brandindo forcados como um bando de demônios — ela disse. — Cortaram a casa de Fanning dos alicerces e puseram tudo abaixo com cordas, bem diante dos olhos dela. Então agora nós devemos mandar

nossos homens para tirar as castanhas de Fanning do fogo, não é?

Roger mostrou-se cauteloso; ouvira muita conversa sobre Edmund Fanning, que não era nada popular.

— Não sei dizer nada quanto a isso, sra. Findlay — ele disse. — Mas o governador...

Joan Findlay deu um expressivo muxoxo.

— Governador — ela disse e cuspiu no fogo. — Bah. Os amigos do governador, é mais provável. Mas é sempre assim: os pobres têm que derramar seu sangue pelo ouro dos ricos. E sempre será, não é?

Virou-se para duas meninas que haviam se materializado atrás dela, pequenos e silenciosos fantasmas de xale.

— Annie, vá chamar seus irmãos. Joanie, mexa a panela. Não deixe de raspar bem o fundo para não queimar. — Entregando a colher para a menina menor, virou-se, acenando a Roger para que a seguisse.

Era um acampamento pobre, com não mais do que um cobertor de lã estendido entre dois arbustos para fornecer uma espécie de abrigo. Joan Findlay agachou-se diante do recesso semelhante a uma caverna e Roger seguiu-a, abaixando-se para espreitar por cima de seu ombro.

— A bhràthair, este é o capitão Mackenzie — ela disse, estendendo a mão para o homem estendido numa cama improvisada, forrada de palha seca, sob o abrigo de cobertor. Roger sentiu um choque repentino diante da aparência do homem, mas reprimiu-o.

Um espasmofílico, era como o chamariam na Escócia da época de Roger; como chamariam esta condição agora? Talvez nada em particular; Fraser dissera apenas: "Ele não fala."

Não, nem movimentos adequados, tampouco. Seus membros eram ossudos e definhados, o corpo torcido em ângulos impossíveis. Uma colcha esfarrapada fora estendida sobre ele, mas seus movimentos espasmódicos a haviam retirado, de modo que a coberta estava embolada, enrolada entre suas pernas, e a parte superior de seu corpo ficara exposta, a camisa surrada também amarrotada e parcialmente puxada para fora por causa dos seus movimentos bruscos. A pele pálida sobre os ombros e as costelas brilhava fria e azulada na penumbra.

Joan Findlay colocou a mão na face do irmão e virou sua cabeça para que ele pudesse olhar para Roger.

— Este é meu irmão Iain, sr. Mackenzie — ela disse, a voz firme, desafiando-o a reagir com surpresa.

O rosto também era distorcido, a boca repuxada para o lado, babando, mas um par de belos olhos castanhos claros — e inteligentes — fitou Roger do rosto arruinado. Ele controlou seus sentimentos e

suas próprias feições com firmeza e estendeu a mão, tomando na sua mão deformada do irmão de Joan. A sensação era horrível, os ossos pontiagudos e frágeis sob uma pele tão fria, que parecia a de um cadáver.

— Iain Mhor — ele disse suavemente. — Já ouvi seu nome. Jamie Fraser manda lembranças.

As pálpebras abaixaram-se num gracioso ato de reconhecimento e levantaram-se outra vez, fitando Roger com calma luminosidade.

— O capitão veio recrutar homens para a milícia — Joan disse por trás do ombro de Roger. — O governador enviou ordens, hein? Parece que se cansou de tumultos e desordens, ele diz; vai acabar com isso pela força. — Sua voz carregava um forte tom de ironia.

Os olhos de Iain Mhor mudaram para o rosto de sua irmã. Sua boca moveu-se, lutando para tomar forma, e seu peito estreito contraiu-se de esforço. Algumas sílabas arranhadas emergiram, espessas de saliva, e ele caiu para trás, respirando com dificuldade, os olhos fixos em Roger.

— Haverá recompensa em dinheiro, ele pergunta, capitão? — Joan traduziu.

Roger hesitou. Jamie abordara essa questão, mas não havia nenhuma resposta definitiva. Ele podia sentir a ansiedade subjacente, tanto na mulher atrás dele quanto no homem deitado à sua frente. Os Findlay eram extremamente pobres; isso era óbvio pelas batas puídas e pés descalços das meninas, pelas cobertas e roupas surradas que pouco protegiam Iain Mhor do frio. Mas a honestidade o compelia a responder.

— Não sei. Nada foi dito sobre isso ainda... mas deve haver.

O pagamento de uma recompensa dependeria da resposta ao chamado do governador; se uma simples ordem produzisse tropas insuficientes, o governador poderia achar melhor dar mais incentivos para os homens atenderem à convocação.

Uma expressão de decepção atravessou os olhos de Iain Mhor, quase imediatamente substituída por resignação. Uma renda seria bem-vinda, mas, na realidade, não era esperada.

— Muito bem, então. — A voz de Joan mostrava a mesma resignação. Roger sentiu que ela recuou e virou para o lado, mas ele ainda estava preso pelos olhos castanhos claros, de longas pestanas. Os olhos fitaram os dele, curiosos e destemidos. Roger hesitou, sem saber se deveria simplesmente se despedir. Gostaria de oferecer ajuda, mas, por Deus, que tipo de ajuda poderia oferecer? Ele estendeu a mão para a camisa aberta, a colcha embolada. Muito pouco, mas já era alguma

coisa.

— Permite-me?

Os olhos castanhos claros fecharam-se por um instante, em seguida abriram-se com aquiescência, e ele iniciou a tarefa de arrumar o lugar. O corpo de Iain Mhor era emaciado, mas surpreendentemente pesado e difícil de levantar daquele ângulo.

Ainda assim, não precisou mais do que alguns instantes e logo Iain estava decentemente coberto e, ao menos, mais aquecido. Roger fitou os olhos castanhos claros outra vez, sorriu, cumprimentou desajeitadamente com um sinal da cabeça e recuou para fora do ninho forrado de palha, sem palavras, como o próprio Iain Mhor.

Os dois filhos de Joan Findlay vieram; posicionaram-se ao lado da mãe, rapazes fortes de dezesseis e dezessete anos, fitando Roger com cautelosa curiosidade.

— Este é Hugh — ela disse, levantando o braço para colocar a mão em um ombro, depois em outro. — E este é Iain Og.

Roger inclinou a cabeça educadamente.

— Seu criado, cavalheiros.

Os rapazes entreolharam-se, depois olharam para os pés, contendo o riso.

— Então, capitão Mackenzie — a voz de Joan Findlay enfatizou rispidamente a palavra. — Se eu lhe emprestar meus meninos, você me promete mandá-los de volta para casa sãos e salvos?

Os olhos castanhos claros da mulher eram tão vivos e inteligentes quanto os do irmão — e igualmente destemidos. Ele se conteve para não desviar os seus.

— No que depender de mim, senhora, zelarei pela segurança deles.

O canto da boca de Joan ergueu-se levemente; ela sabia muito bem o que dependia dele e o que não dependia. No entanto, balançou a cabeça, deixando as mãos penderem ao lado do corpo.

— Eles irão.

Ele se despediu e se afastou, o fardo da confiança que ela depositara nele pesando em seus ombros.

OS PRESENTES DA VOVÓ BACON

Uma vez atendido o último dos meus pacientes, fiquei na ponta dos pés e espreguicei-me voluptuosamente, com uma gratificante sensação de dever cumprido. Apesar de todos os problemas que eu não podia realmente tratar, todas as doenças que não podia curar... ainda assim, eu fiz o que pude e fiz benfeito.

Fechei a tampa da minha arca médica e peguei-a nos braços. Murray gentilmente se oferecera para levar de volta o resto dos meus equipamentos — em retribuição por um saquinho de folhas secas de sene e pela minha placa sobressalente de preparar remédios. O próprio Murray atendia seu último paciente, franzindo o cenho enquanto examinava o abdômen de uma velhinha miúda de touca e xale. Acenei para ele em despedida e ele abanou a cabeça distraidamente para mim, virando-se para pegar sua lanceta. Ao menos, ele se lembrou de mergulhá-la em água fervente; eu vi seus lábios se moverem enquanto ele recitava o feitiço de Brianna num sussurro.

Meus pés estavam dormentes de ficar em pé no chão frio e minhas costas e ombros doíam, mas não estava realmente cansada. Havia pessoas que iriam dormir esta noite, a dor aliviada. Outras que iriam sarar bem agora, as feridas tratadas e com curativos limpos, articulações no lugar. Alguns sobre os quais eu podia afirmar ter salvado da possibilidade de infecção grave ou mesmo da morte.

E eu dera ainda uma outra versão do meu próprio Sermão da Montanha, pregando o evangelho da nutrição e da higiene às multidões reunidas.

— Abençoados aqueles que comem verduras, pois manterão seus dentes — murmurei para um cedro-vermelho. Parei para arrancar algumas aromáticas frutinhas e esmaguei uma com a unha do polegar, apreciando o perfume pungente e límpido.

— Abençoados aqueles que lavam as mãos depois de limpar o traseiro — acrescentei, apontando um dedo de advertência para uma gralha azul que pousara num galho próximo. — Pois não adoecerão.

O acampamento estava à vista agora e, com ele, a deliciosa perspectiva de uma xícara de chá quente.

— Abençoados os que fervem a água — eu disse à gralha, vendo uma nuvem de fumaça erguer-se da pequena chaleira pendurada sobre

nossa fogueira. — Pois serão considerados salvadores da humanidade.

— Sra. Fraser? — Uma vizinha soou ao meu lado, interrompendo meus devaneios, e eu olhei para baixo, deparando-me com Eglantine Bacon, de sete anos, e sua irmã mais nova, Pansy, um par de meninas de rostinho redondo e cabelos louros, abundantemente salpicadas de sardas.

— Oh, olá, queridas. Como vão? — perguntei, sorrindo para elas. Muito bem, a julgar pela aparência de ambas. A doença em uma criança geralmente é visível ao primeiro olhar, e as duas pequenas Bacon estavam visivelmente vendendo saúde.

— Muito bem, senhora, muito obrigada. — Eglantine fez um rápido cumprimento com a cabeça, depois estendeu a mão e empurrou a cabeça de Pansy para que ela também fizesse uma mesura. Uma vez observadas as cortesias — os Bacon eram pessoas da cidade, de Edenton, e as meninas eram educadas com boas maneiras, — Eglantine enfiou a mão no bolso e entregou-me um objeto de tecido.

— A vovó Bacon lhe mandou este presente — ela explicou orgulhosamente, enquanto eu desdobrava o tecido, que era uma enorme touca, alta, do tipo que se amarra debaixo do queixo, generosamente enfeitada com rendas e debruada de fitas na cor lilás. — Ela não pôde vir à Assembleia este ano, mas disse que devíamos trazer isto para a senhora e agradecer pelo remédio que mandou para ela para seu... reu-ma-tis-mo. — Pronunciou a palavra com cuidado, o rosto contraído em concentração, depois relaxou, radiante de orgulho por ter conseguido dizer a palavra corretamente.

— Ora, obrigada. Que linda! — Segurei a touca no alto para admirá-la, internamente atribuindo uma série de adjetivos à vovó Bacon.

Eu conhecera essa terrível senhora alguns meses atrás, na fazenda de Farquard Campbell, onde ela visitava a mãe idosa e antipática de Farquard. A sra. Bacon era quase tão idosa quanto a velha sra. Campbell e igualmente capaz de aborrecer seus descendentes, mas também possuía um extraordinário senso de humor.

Ela desaprovava, em alto e bom som, diversas vezes, e finalmente na minha cara, o meu hábito de andar sempre com a cabeça descoberta, sendo sua opinião que não era apropriado para uma mulher da minha idade não usar uma boina ou um lenço, condenável para a mulher de um homem da posição do meu marido — e mais ainda, que somente "vagabundas caipiras e mulheres de má reputação" usavam os cabelos soltos nos ombros. Eu ri, ignorei-a e lhe dei uma garrafa do uísque de qualidade inferior de Jamie, com instruções para que ela tomasse um pequeno gole no desjejum e outro após o jantar.

Sendo uma mulher capaz de reconhecer uma dívida, resolvera retribuir bem à sua moda.

— Não vai colocar? — Eglantine e Pansy olhavam-me com confiança. — Vovó nos disse para ver a senhora colocando a touca para nós podermos dizer a ela como ficou.

— É mesmo? — Não tinha jeito, então. Sacudi o objeto, enrolei meus cabelos para cima com uma das mãos e enfiei a touca. Ela sucumbiu sobre a minha testa, quase alcançando o cavalete do meu nariz e cobriu minhas faces com um drapeado de fitas, fazendo-me sentir como um esquilo espreitando de seu esconderijo.

Eglantine e Pansy bateram palmas num acesso de satisfação. Achei ouvir sons abafados de risada de algum lugar atrás de mim, mas não me virei para ver.

— Por favor, digam à sua avó que eu mandei agradecer o lindo presente, sim? — Dei uns tapinhas gentis nas cabecinhas louras, ofereci a cada menina uma bala de melado do meu bolso e enviei-as de volta à sua mãe. Eu já estava erguendo a mão para retirar aquela excrescência da minha cabeça, quando percebi que a mãe delas estava presente — na realidade, provavelmente estivera ali o tempo todo, espreitando por trás de um caquizeiro.

— Oh! — exclamei, convertendo meu gesto num ajuste do chapéu frouxo. Segurei a aba caída com um dedo para poder ver melhor. — Sra. Bacon! Eu não a vi aí.

— Sra. Fraser. — O rosto de Polly Bacon estava corado com um delicado tom róseo — sem dúvida, devido ao ar frio do dia. Tinha os lábios cerrados, mas seus olhos dançavam sob os babados da sua própria e muito adequada touca.

— As meninas queriam lhe dar a touca — ela disse, diplomaticamente desviando os olhos da minha cabeça, — mas minha sogra na verdade lhe mandou um outro presentinho. Achei melhor eu mesma lhe entregar.

Eu não sabia se queria outro presente da vovó Bacon, mas aceitei o embrulho oferecido com toda a gentileza que pude reunir. Era uma sacolinha de seda tratada com óleo, estufada com alguma planta, com um aroma ligeiramente oleoso e levemente adocicado. Na frente, via-se o tosco desenho de uma planta pintado com uma tinta marrom; algo com um talo reto e o que pareciam ser umbelas. Pareceu-me ligeiramente familiar, mas não consegui identificar. Abri o cordão e despejei uma pequena quantidade de minúsculas sementes marrom-escuras na palma da minha mão.

— O que são? — perguntei, levantando os olhos para Polly, intrigada.

— Não sei como são chamadas em inglês — ela disse. — As índias as chamam de dauco. A própria avó da vovó Bacon era uma xamã da tribo catawba, sabe? Foi assim que ela aprendeu a utilizar a planta.

— É mesmo? — Agora eu estava mais do que interessada. Não era de admirar que o desenho me parecera familiar; devia ser a planta que Nayawenne me mostrara uma vez — a planta da mulher. Para ter certeza, entretanto, eu perguntei.

— Qual a utilidade dela?

As faces de Polly ruborizaram-se e ela olhou ao redor da clareira para se certificar de que ninguém estava perto o suficiente para ouvir, antes de se inclinar para frente e sussurrar para mim:

— Impedem que uma mulher engravide. Toma-se uma colher de chá todo dia, num copo d'água. Todo dia, veja bem, e a semente de um homem não consegue se fixar no útero. — Seus olhos encontraram os meus e, embora a luminosidade do riso ainda continuasse no fundo deles, algo mais sério também estava lá.

— Vovó disse que você é uma curandeira, ela podia ver. E que, sendo assim, muitas vezes precisa ajudar mulheres. E, quando é um caso de aborto, criança natimorta ou febre puerperal, sem falar do sofrimento de perder um bebê vivo... ela me disse que eu precisava lhe dizer que é melhor prevenir do que remediar.

— Agradeça à sua sogra por mim — eu disse sinceramente. As mulheres da idade de Polly têm em média cinco ou seis filhos; Polly tinha duas meninas e não apresentava aquele aspecto exaurido de uma mulher desgastada com várias gestações indesejadas. Evidentemente, as sementes funcionavam.

Polly balançou a cabeça, o sorriso irrompendo em seu rosto.

— Sim, eu direi a ela. Oh, e ela também disse que a avó dela dizia que era uma mágica das mulheres, não devia ser mencionada aos homens.

Olhei pensativamente para o outro lado da clareira, para onde Jamie conversava com Archie Hayes, Jemmy piscando sonolentemente na curva do seu braço. Sim, eu podia muito bem ver que alguns homens podiam fazer objeção ao remédio da vovó Bacon. Roger seria um deles?

Despedindo-me de Polly Bacon, levei minha arca para nossa tenda e guardei a sacolinha de sementes cuidadosamente no fundo. Um acréscimo muito útil para a minha farmacopeia, se Nayawenne e a avó da sra. Bacon estivessem certas. Era também um presente que vinha a calhar, considerando minha conversa anterior com Bri.

Mais valioso até do que a pequena pilha de peles de coelho que eu

acumulara, embora fossem mais do que bem-vindas. Onde eu as colocara? Olhei ao redor do entulho espalhado pelo acampamento, ouvindo parcialmente a conversa dos homens atrás de mim. Lá estavam eles, logo abaixo da borda da lona. Levantei a tampa de um dos cestos de comida vazios para guardá-los para a viagem de volta.

— ...Stephen Bonnet.

O nome atingiu meu ouvido como a picada de uma aranha e eu deixei a tampa cair com um baque. Olhei rapidamente ao redor do acampamento, mas nem Brianna, nem Roger estavam por perto. Jamie estava de costas para mim, mas fora ele quem falara.

Tirei a touca da cabeça, pendurei-a cuidadosamente em um galho de corniso e, com passos decididos, fui me juntar a ele.

Sobre o que quer que os homens estivessem falando, pararam ao me ver. O tenente Hayes agradeceu-me educadamente mais uma vez pela minha assistência cirúrgica e despediu-se, seu rosto redondo e inexpressivo nada revelando.

— O que é que tem Stephen Bonnet? — perguntei, assim que o tenente se afastou o suficiente.

— Isso era o que eu estava perguntando, Sassenach. O chá já está pronto? — Jamie fez um movimento na direção do fogo, mas eu o fiz parar colocando a mão em seu braço.

— Por quê? — eu quis saber. Não soltei minha mão e ele relutantemente virou-se de frente para mim.

— Porque eu quero saber onde ele está — ele disse sem se alterar. Não fez nenhuma tentativa de fingir que não tinha me entendido, e uma sensação fria adejou pelo meu peito.

— Hayes sabia onde ele estava? Ele ouviu alguma coisa sobre Bonnet? Ele sacudiu a cabeça, em silêncio. Estava me dizendo a verdade. Meus dedos afrouxaram-se com alívio e ele retirou o braço da minha mão — não com raiva, mas com um sentimento de tranquilo e absoluto distanciamento.

— Isso é, sim, da minha conta! — eu disse, em resposta ao gesto. Mantive a voz baixa, olhando ao redor para ter certeza de que nem Bri, nem Roger podiam ouvir. Não vi Roger; Bri estava de pé junto ao fogo, absorvida numa conversa com os Bug, o casal idoso que Jamie contratara para ajudar na administração da fazenda. Virei-me novamente para Jamie.

— Por que está procurando o sujeito?

— Não faz sentido querer saber onde o perigo pode estar? — Ele não estava olhando para mim, mas diretamente por cima do meu ombro, sorrindo e balançando a cabeça para alguém. Olhei para trás e

vi Fergus dirigindo-se para a fogueira, esfregando a mão vermelha do frio embaixo do braço. Ele acenou alegremente com seu gancho e Jamie ergueu um pouco uma das mãos, retribuindo, mas virou-se um pouco, ainda de frente para mim, numa manobra bem-sucedida para evitar que Fergus viesse se unir a nós.

A sensação fria retornou, aguda como se uma pessoa tivesse perfurado meu pulmão com um estilhaço de gelo.

— Oh, claro — eu disse, o mais friamente possível. — Você quer saber onde ele está para poder se esforçar para não ir lá, é isso?

Algo que poderia ter sido um sorriso perpassou pelo seu rosto.

— Oh, sim — ele disse. — Sem dúvida. — Considerando a escassez da população da Carolina do Norte em geral e a distância e o isolamento de Fraser's Ridge em particular, as chances de tropeçarmos em Stephen Bonnet por acaso eram mais ou menos equivalentes a sair pela porta da frente de casa e pisar numa água-viva — e Jamie sabia muito bem disso.

Estreitei os olhos para ele. O canto de sua larga boca retraiu-se por um instante, depois relaxou, os olhos voltando à seriedade. Havia exatamente uma única razão para ele querer localizar Stephen Bonnet — e eu sabia muito bem qual era.

— Jamie — eu disse e coloquei a mão em seu braço outra vez. — Deixe-o em paz. Por favor.

Ele colocou a própria mão sobre a minha, apertando-a, mas não me senti tranquilizada com o gesto.

— Não se preocupe, Sassenach. Andei perguntando por toda a Assembleia, durante a semana inteira, falando com homens de Halifax a Charleston. Não há nenhuma notícia do sujeito em nenhum lugar da colônia.

— Ótimo — eu disse. E era, mas não me passou despercebido que ele andara caçando Bonnet com persistência — e não me dissera nada a respeito. Como também não me passou despercebido que ele não prometeu parar de procurar.

— Deixe-o em paz — repeti serenamente, os olhos fixos nos dele. — Há muitos problemas a caminho, não precisamos de mais. — Ele se aproximara de mim, para melhor evitar interrupção, e eu pude sentir a sua força onde ele me tocava, seu braço sob minha mão, sua coxa roçando a minha. Força e paixão, tudo envolvendo um núcleo de vontade de aço, que o tornavam um projétil mortal uma vez disparado.

— Você diz que é da sua conta. — Seus olhos estavam fixos, o azul clareado pela luz do outono. — Eu sei que da minha é. Você está

comigo, então?

O gelo floresceu em meu sangue, agulhões de pânico glacial. Desgraçado! Ele falava a sério. Havia uma única razão para procurar Stephen Bonnet, e apenas uma.

Girei nos calcanhares, puxando-o comigo, de modo que ficamos pressionados um contra o outro, os braços entrelaçados, olhando na direção da fogueira. Brianna, Marsali e os Bug agora ouviam extasiados enquanto Fergus narrava algum caso, o rosto iluminado de frio e humor. O rosto de Jemmy estava virado para nós por cima do ombro da mãe, os olhos redondos e curiosos.

— Eles são da sua conta — eu disse, a voz baixa e trêmula de intensidade. — E da minha. Stephen Bonnet já não causou mal suficiente a eles, a nós?

— Sim, mais do que suficiente.

Puxou-me para mais junto dele; eu podia sentir o calor de seu corpo através das roupas, mas sua voz era fria como a chuva. Fergus relanceou o olhar em nossa direção; sorriu calorosamente para mim e continuou com sua história. Para ele, sem dúvida parecíamos um casal compartilhando um breve instante de afeto, as cabeças unidas num gesto de intimidade.

— Eu o deixei ir embora — Jamie disse serenamente. — E todo o mal veio daí. Posso deixá-lo andar livre por aí, sabendo o que ele é e que eu o soltei para que ele espalhasse a desgraça? É como perder um cachorro infectado com raiva, Sassenach. Você certamente não iria querer que eu fizesse isso.

Sua mão era pesada, os dedos frios sobre os meus.

— Você o soltou uma vez; a Coroa capturou-o novamente, e ele está livre agora, não é culpa sua!

— Talvez não seja minha culpa que ele esteja livre — ele concordou, — mas certamente é meu dever não deixar que continue assim... se eu puder.

— O seu dever é para com sua família!

Ele tomou meu queixo na mão e inclinou a cabeça, os olhos fixos nos meus.

— Acha que eu os colocaria em risco? Alguma vez?

Retesei-me, resistindo por um longo instante, depois deixei os ombros relaxarem, minhas pálpebras cerrarem-se em capitulação. Respirei longa e tremulamente. Eu não iria ceder completamente.

— Há risco na caça, Jamie — eu disse brandamente. — Você sabe disso. O aperto de sua mão relaxou, mas sua mão ainda segurava meu

rosto, o polegar traçando o contorno dos meus lábios.

— Eu sei — ele murmurou. O vapor do seu hálito tocou minha face. — Mas sou um caçador há muito tempo, Claire. Não vou colocá-los em perigo, eu juro.

— Só vai colocar a si mesmo? E o que você pensa que acontecerá conosco se você...

Percebi um rápido olhar de Brianna pelo canto do meu olho. Ela se virara parcialmente, nos vira e agora olhava com radiante ar de aprovação a cena do que julgava ser uma demonstração de carinho dos pais. Jamie também a viu; ouvi uma leve arfada de humor.

— Nada vai me acontecer — ele disse de forma decisiva e, puxando-me firmemente para si, calou a discussão com um beijo de encerramento. Ouviram-se aplausos vindos da direção da fogueira.

— Encore! — gritou Fergus.

— No — eu disse a ele quando me soltou. Falei num sussurro, mas com toda veemência possível. — Não encore. Não quero ouvir o nome de Stephen Bonnet nunca mais!

— Vai dar tudo certo — ele murmurou de volta, apertando minha mão. — Confie em mim, Sassenach.

ORGULHO

Roger não olhou para trás, mas pensamentos sobre os Findlay o acompanharam depois de deixar o acampamento deles, enquanto descia a encosta, através de moitas e de mato pisoteado.

Os dois garotos eram louros, de pele clara, baixos — embora mais altos do que sua mãe — e de ombros largos. As duas crianças menores eram morenas, altas e esbeltas, com os olhos castanhos claros da mãe. Considerando a lacuna de anos entre os rapazes mais velhos e as irmãs menores, Roger concluiu que a sra. Findlay provavelmente tivera dois maridos. E, ao que parecia agora, era viúva outra vez.

Talvez ele devesse mencionar Joan Findlay a Brianna, ele pensou, como nova prova de que o casamento e a gravidez não eram necessariamente mortais para as mulheres. Ou talvez fosse melhor simplesmente deixar o assunto de lado por enquanto.

Além dos pensamentos sobre Joan e seus filhos, entretanto, ele estava assombrado pelos olhos suaves e brilhantes de Iain Mhor. Que idade ele teria? Roger perguntou-se, agarrando-se ao galho flexível de um pinheiro para não escorregar por um trecho de cascalhos soltos. Impossível dizer pela aparência; o rosto pálido, contorcido, era marcado de rugas e acabado — mas pela dor e pelo esforço, não pela idade. Ele não era maior do que um garoto de doze anos aproximadamente, mas Iain Mhor era mais velho do que seu homônimo, obviamente — e Iain Og tinha dezesseis anos.

Ele era, provavelmente, mais novo do que Joan; mas talvez não. Ela o tratara com deferência, levando Roger até ele como uma mulher naturalmente levaria um visitante ao chefe da família. Mas não muito mais novo — digamos trinta ou mais?

Santo Deus, pensou, como um homem naquelas condições conseguia sobreviver tanto tempo em tempos como estes? Mas quando ele se afastava desajeitadamente de Iain Mhor, uma das meninas agachara-se para dentro do rústico abrigo, levando uma tigela de pudim de leite, e sentara-se sem maiores preocupações junto à cabeça de seu tio, a colher na mão. Iain Mhor tinha membros e dedos suficientes — ele tinha uma família.

Esse pensamento fez Roger sentir um aperto no peito, algo entre dor e alegria — e uma sensação desalentadora mais abaixo, ao se lembrar das palavras de Joan Findlay.

Traga-os de volta sãos e salvos. Sim, e, se ele não o fizesse, Joan ficaria sozinha com duas meninas pequenas e um irmão indefeso. Ela teria alguma propriedade?, imaginou.

Ele ouvira muitas conversas sobre os Reguladores desde a Proclamação da manhã. Considerando que a questão obviamente não fora suficientemente importante para ser registrada nos livros de história, ele achava que esse negócio de milícias provavelmente não daria em nada. Mas, se viesse a se agravar, prometeu a si mesmo que encontraria algum modo de manter Iain Og e Hugh Findlay longe do perigo. E, se houver dinheiro de recompensa, eles teriam a sua parte.

Enquanto isso... ele hesitou. Acabara de passar pelo acampamento de Jocasta, fervilhante como uma pequena aldeia, com um aglomerado de tendas, carroças e barracas. Em preparação para seu casamento — agora dois casamentos, — Jocasta trouxera quase todos os escravos da casa e muitos dos trabalhadores da fazenda. Além dos animais, tabaco e mercadorias trazidas para comercializar, havia baús de roupas, cobertas e louças, cavaletes, mesas, barris de cerveja e montanhas de comida destinadas às comemorações após a cerimônia. Ele e Bri haviam tomado o café da manhã com a sra. Cameron em sua tenda naquela manhã, em louça de porcelana pintada com rosas: fatias de suculento presunto frito, salpicado com cravos-da-índia, mingau de aveia com creme e açúcar, uma compota de frutas, panquecas de farinha de milho assadas na brasa, com mel, café jamaicano... seu estômago contraiu-se com um ronco de prazer diante da lembrança.

O contraste entre essa fartura e a recente cena de pobreza do acampamento dos Findlay era demais para suportar com complacência. Girou nos calcanhares com súbita determinação e começou a curta subida de volta à tenda de Jocasta.

Jocasta Cameron estava em casa, por assim dizer; ele viu suas botas sujas de lama do lado de fora da tenda. Apesar de cega, ela ainda se aventurava a sair para visitar amigos, escoltada por Duncan ou seu mordomo negro, Ulysses. Mais frequentemente, no entanto, ela deixava que a Assembleia viesse até ela e sua própria tenda fervilhava de companhia o dia todo, toda a sociedade escocesa de Cape Fear e da colônia iam desfrutar de sua famosa hospitalidade.

No momento, entretanto, felizmente ela parecia estar sozinha. Roger viu-a de relance através da aba levantada da tenda, reclinada em sua cadeira de assento de ratã, os pés calçados em chinelos e a cabeça inclinada para trás em aparente repouso. Sua criada pessoal, Phaedre, estava sentada em um banco junto à entrada aberta da tenda, agulha na mão, apertando os olhos na luz turva sobre um pedaço de tecido azul que enchia seu colo.

Jocasta o pressentiu primeiro; sentou-se ereta em sua cadeira e sua

cabeça virou-se abruptamente quando ele tocou a aba da tenda. Phaedre somente então ergueu os olhos, reagindo mais ao movimento de sua senhora do que à presença de Roger.

— Sr. Mackenzie. É o Melro, não é? — a sra. Cameron disse, sorrindo em sua direção.

Ele riu e agachou-se para entrar na tenda, obedecendo ao gesto de Jocasta.

— Sim, sou eu. E como sabia disso, sra. Cameron? Eu não disse nem uma palavra, quanto mais cantar. Será que eu tenho uma maneira melodiosa de respirar? — Brianna lhe falara da excepcional capacidade de sua tia de compensar sua cegueira com os outros sentidos, mas ele ainda se surpreendia com sua acuidade.

— Ouvi seus passos e depois senti cheiro de sangue — ela disse sem rodeios. — O corte se abriu de novo, não foi? Venha, rapaz, sente-se. Podemos lhe oferecer um chá ou um trago de bebida? Phaedre... um pano, por favor.

Os dedos dele tocaram involuntariamente o corte em sua garganta. Esquecera-se inteiramente dele na correria dos acontecimentos do dia, mas Jocasta tinha razão: sangrara novamente, deixando uma mancha endurecida no lado do seu pescoço e na gola de sua camisa.

Phaedre já estava de pé, arrumando uma bandeja da fileira de bolos e biscoitos alinhados sobre uma pequena mesa junto à cadeira de Jocasta. Se não fosse pela terra e pelo capim sob seus pés, Roger pensou, ele nem notaria que não estavam na sala de estar da sra. Cameron em River Run. Ela estava envolvida em um arisaia de lã, mas até mesmo isto estava preso por um bonito broche de quartzo amarelo.

— Não é nada — ele disse, acanhado, mas Jocasta pegou o pano das mãos de sua criada e insistiu em limpar o corte ela mesma. Seus longos dedos eram frios na pele e surpreendentemente hábeis.

Ela cheirava a fumaça de madeira queimada, como todos na montanha, e ao chá que estava tomando, mas não havia nada do odor rançoso e canforado normalmente associado a senhoras de idade.

— Hum, tem sangue na sua camisa também — ela informou a ele, segurando o tecido enrijecido com desaprovação. — Quer que a lavemos para você? Embora eu não saiba se vai querer usá-la molhada; não vai secar de maneira nenhuma até o cair da noite.

— Ah, não, senhora. Obrigado, eu tenho outra. Para o casamento, quero dizer.

— Está bem, então. — Phaedre apresentou um pequeno pote de pomada; ele reconheceu como um dos remédios de Claire, pelo cheiro

de alfazema e acariçoba. Jocasta retirou um pouco da pomada com a ponta do dedo e espalhou-a cuidadosamente sobre o ferimento, os dedos firmes em seu maxilar.

Sua pele era bem tratada e macia, mas mostrava os efeitos não só da idade, mas do tempo. Havia manchas avermelhadas em suas faces, redes de minúsculos capilares rompidos que, de uma certa distância, lhe emprestavam um ar de saúde e vitalidade. Suas mãos não apresentavam nenhuma mancha senil — claro, ela era de uma família rica; deve ter usado luvas fora de casa durante toda a sua vida, — mas as articulações eram nodosas e as palmas, ligeiramente calejadas do manejo de rédeas. Não era uma flor de estufa, está filha de Leoch, apesar do ambiente que a cercava.

Uma vez terminado, ela passou a mão de leve pelo seu rosto e sua cabeça, tirou uma folha seca de seus cabelos, depois limpou o rosto dele com o pano úmido, surpreendendo-o. Ela largou o pano, depois tomou sua mão, envolvendo seus dedos com os dela.

— Pronto. Novamente apresentável! E agora que está em condições de fazer companhia, sr. Mackenzie... veio falar comigo ou só estava de passagem?

Phaedre colocou uma vasilha de chá e um pratinho de bolo a seu lado, mas Jocasta continuou a segurar sua mão esquerda. Ele achou estranho, mas a inesperada atmosfera de intimidade tornava um pouco mais fácil para ele iniciar seu pedido.

Colocou a questão de forma bem simples; ele ouvira o reverendo fazer solicitações de doações de caridade anteriormente e sabia que era melhor deixar que a situação falasse por si mesma, deixando a decisão final à consciência do ouvinte.

Jocasta ouviu cuidadosamente, um pequeno sulco entre as sobrancelhas. Ele esperava que ela fizesse uma pausa para pensar quando ele terminasse, mas, em vez disso, ela respondeu imediatamente.

— Sim — ela disse, — eu conheço Joanie Findlay e seu irmão também. Tem razão, seu marido morreu de tuberculose, há dois anos. Jamie Roy falou-me dela ontem.

— Ah, falou? — Roger sentiu-se um pouco tolo.

Jocasta balançou a cabeça. Inclinou-se um pouco para trás, contraindo os lábios pensativamente.

— Não se trata apenas de oferecer ajuda, sabe — ela explicou. — Fico feliz com a oportunidade. Mas ela é uma mulher orgulhosa, Joan Findlay... ela não aceita caridade. — Sua voz denotava um leve tom de crítica, como se Roger devesse ter percebido isso.

— Talvez ele devesse, pensou. Mas agira no impulso do momento, movido pela pobreza dos Findlay. Não lhe ocorrera que, se tinha tão pouco, era ainda mais importante para Joan Findlay agarrar-se ao seu único bem de valor — seu orgulho.

— Compreendo — ele disse devagar. — Mas certamente... deve haver algum modo de ajudar que não a ofendesse, não?

Jocasta inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro, num pequeno maneirismo que ele achou peculiarmente familiar. Claro — Brianna fazia isso de vez em quando, quando estava avaliando alguma coisa.

— Pode haver — ela disse. — A festa desta noite... do casamento, hein? Os Findlay estarão lá, é claro, e serão muito bem alimentados. Não custaria nada a Ulysses fazer um pacote de comida para eles levarem na viagem de volta para casa, afinal impediria que a comida se estragasse. — Sorriu brevemente, depois o ar de concentração retornou às suas feições. — O sacerdote — ela disse, com um repentino ar de satisfação.

— Sacerdote? Quer dizer, o padre Donahue?

Uma sobrançelha grossa, escovada, ergueu-se para ele.

— Você conhece outro na montanha? Sim, é claro que é ele. — Ela ergueu a mão livre e Phaedre, sempre atenta, aproximou-se de sua patroa.

— Sim, srta. Jo?

— Procure algumas peças nos baús, menina — Jocasta disse, tocando o braço da empregada. — Cobertores, gorros, um ou dois aventais; calças e camisas simples, os cavaleiros podem ceder algumas.

— Meias — Roger acrescentou rapidamente, lembrando-se dos pés descalços e sujos das meninas.

— Meias. — Jocasta balançou a cabeça. — Simples, mas de lã boa e bem remendadas. Ulysses tem minha bolsa. Diga a ele para lhe dar dez xelins de prata e embrulhar em um dos aventais. Depois faça uma trouxa de tudo e leve para o padre Donahue. Diga que é para Joan Findlay, mas ele não deve dizer quem mandou entregar. Ele saberá o que dizer. — Balançou a cabeça outra vez, satisfeita, e deixou a mão cair do braço da criada, mandando-a embora com um pequeno gesto.

— Vá, então. Providencie isso agora.

Phaedre murmurou com anuência e deixou a tenda, parando apenas para sacudir a peça azul que ela andara costurando e dobrá-la cuidadosamente sobre o banco. Era um tipo de corpete decorativo para o vestido de casamento de Brianna, ele viu, feito com um

elegante entrelaçado de fitas. Teve uma visão repentina dos seios brancos de Brianna, avolumando-se acima de um decote cavado do vestido índigo escuro, e retornou à conversa com alguma dificuldade.

— O que disse, senhora?

— Eu perguntei se isso basta. — Jocasta sorria para ele, com uma expressão sagaz, como se tivesse sido capaz de ler seus pensamentos. Seus olhos eram azuis, como os de Jamie e de Bri, mas não tão escuros. Estavam fixos nele — ou ao menos direcionados para ele. Ele sabia que ela não podia ver suas feições, mas ela, na verdade, dava a estranha impressão de ser capaz de ver através dele.

— Sim, sra. Cameron. Isso... é muita bondade sua. — Ele se preparou para levantar e ir embora. Esperava que ela soltasse sua mão no mesmo instante, mas em vez disso ela apertou-a ainda mais, retendo-o.

— Não tão depressa. Tenho uma ou duas coisas para lhe dizer, meu jovem.

Acomodou-se novamente no banco, à espera.

— Claro, sra. Cameron.

— Eu não tinha certeza de se deveria falar agora ou esperar até depois do fato consumado, mas como você está aqui agora... — Inclinou-se para ele, decidida.

— Minha sobrinha lhe disse, rapaz, que eu pretendia torná-la herdeira de minha propriedade?

— Sim, disse.

Ele ficou imediatamente em guarda. Brianna havia realmente lhe contado — deixando bem claro, sem margem de dúvida, o que ela pensava dessa proposta em particular. Ele preparou-se para repetir as objeções dela, esperando fazê-lo de maneira mais diplomática do que ela própria deve ter feito. Limpou a garganta.

— Tenho certeza de que minha mulher tem plena consciência da honra, sra. Cameron — ele começou cautelosamente, — mas...

— Tem mesmo? — Jocasta perguntou secamente. — Eu não pensaria assim, ouvindo-a falar. Mas certamente você sabe o que ela pensa melhor do que eu. Seja como for, no entanto, pretendo dizer a ela que eu mesma mudei de ideia.

— Oh? Bem, tenho certeza de que ela...

— Eu disse a Gerald Forbes para redigir um testamento, deixando River Run e tudo que existe na fazenda para Jeremiah.

— Para... — Levou um instante para seu cérebro fazer a conexão. — Como, para o pequeno Jemmy?

Ela continuava um pouco inclinada para a frente, como se espreitasse o rosto dele. Depois reclinou-se para trás, balançando a cabeça, ainda segurando sua mão com firmeza. Ocorreu-lhe, finalmente, que, sendo incapaz de ver seu rosto, ela pensava ler seus pensamentos por meio desta conexão física.

Ela era bem-vinda a qualquer coisa que seus dedos lhe dissessem, ele pensou. Estava perplexo demais diante dessas notícias para ter qualquer noção de como reagir a elas. Santo Deus, o que Bri iria dizer?

— Sim — ela disse, sorrindo com satisfação. — Ocorreu-me, sabe, que a propriedade de uma mulher se torna do marido quando ela se casa. Não que não haja maneiras de restringir a posse apenas a ela, mas é difícil, e eu não queria envolver mais advogados do que o necessário. Acho que é sempre um erro recorrer à justiça, não concorda, sr. Mackenzie?

Com uma sensação de absoluto espanto, ele compreendeu que estava sendo deliberadamente insultado. Não apenas insultado, mas advertido. Ela pensou... ela teve coragem! Ela achou que ele estava atrás da suposta herança de Brianna e estava avisando-o para não recorrer a nenhum artifício legal para obtê-la. Uma mistura de choque e indignação calou sua língua por um instante, mas, em seguida, ele logo encontrou as palavras.

— Ora, isso é a mais... então a senhora se preocupa com o orgulho de Joan Findlay, mas acha que eu não tenho nenhum? Sra. Cameron, como ousa sugerir que...

— Você é um belo rapaz, Melro — ela disse, continuando a prender sua mão. — Eu senti seu rosto. E tem o nome de Mackenzie, que é bom, sem dúvida. Mas há muitos MacKenzies nas Highlands, não é? Homens honrados e homens sem honra. Jamie Roy chama-o de parente, mas isso talvez seja porque você está informalmente casado com a filha dele. Acho que eu não conheço sua família.

O choque estava dando lugar a um impulso nervoso de rir. Conhecer sua família? Não era provável; e como ele iria explicar que ele era o neto — muitas gerações à frente — do próprio irmão dela, Dougal? Que ele era, na realidade, não só sobrinho de Jamie, mas dela também, ainda que um pouco mais longe na árvore genealógica do que se poderia esperar?

— Nem ninguém com quem conversei esta semana na Assembleia — ela acrescentou, a cabeça inclinada para um lado, como um falcão observando a presa.

Então era isso. Ela andara perguntando a respeito dele entre seus conhecidos — e não conseguira encontrar ninguém que soubesse

alguma coisa de seus antepassados, por razões óbvias. Uma situação suspeita, sem dúvida.

Ele se perguntou se ela achava que ele era um impostor que conseguira enganar Jamie ou se talvez ele estivesse envolvido em algum complô com Jamie. Não, dificilmente seria isso; Bri lhe dissera que Jocasta quisera originalmente deixar a propriedade para Jamie — que recusara, cauteloso quanto ao envolvimento muito próximo com a velha traçoieira. Sua opinião sobre a inteligência de Jamie foi reafirmada.

Antes que pudesse pensar em algo digno para revidar, ela deu uns tapinhas em sua mão, ainda sorrindo.

— Então eu pensei em deixar tudo para o menino. É uma maneira melhor de resolver isso, não é? Brianna terá o controle do dinheiro, é claro, até que o pequeno Jeremiah atinja a maioridade... isto é, a não ser que alguma coisa aconteça à criança.

Sua voz tinha um inconfundível tom de advertência, embora sua boca continuasse a sorrir, os olhos inexpressivos ainda arregalados e fixos no rosto de Roger.

— O quê? O que, em nome de Deus, a senhora quer dizer com isso? — Ele empurrou seu banco para trás, mas ela continuou a segurar sua mão com força. Ela era muito forte, apesar da idade.

— Gerald Forbes será meu testamenteiro e há três administradores para gerenciar a propriedade — ela explicou. — Mas, se Jeremiah for alvo de qualquer mal, então tudo irá para meu sobrinho Hamish. — Seu rosto estava absolutamente sério agora. — Você não veria um centavo.

Ele girou seus dedos nos dela e apertou, com força suficiente para sentir os ossos de suas juntas pressionarem uns aos outros. Que ela lesse o que quisesse nisso! Ela soltou uma arfada, mas ele não afrouxou.

— Está me dizendo que acha que eu faria mal a Jemmy? — Sua voz soou rouca aos próprios ouvidos.

Ela empalidecera, mas manteve a dignidade, os dentes cerrados e o queixo erguido.

— Eu disse isso?

— A senhora disse muita coisa, e o que não disse fala mais alto ainda. Como ousa insinuar tais coisas para mim? — Ele soltou a mão de Jocasta, praticamente a lançando em seu colo.

Ela esfregou os dedos vermelhos devagar com a outra mão, os lábios contraídos, pensativa. As laterais de lona da tenda batiam e estalavam com a força do vento.

— Muito bem, então — ela disse finalmente. — Eu lhe peço desculpas, sr. Mackenzie, se o ofendi de alguma forma. Mas achei melhor que soubesse o que se passa em minha mente.

— Melhor? Melhor para quem? — Ele estava de pé e virou-se na direção da saída. Com grande dificuldade, conteve-se para não pegar os pratos de porcelana de bolos e biscoitos e estilhaçá-los no chão como um gesto de despedida.

— Para Jeremiah — ela disse sem se alterar, atrás dele. — E Brianna. Talvez, rapaz, até mesmo para você.

Ele girou nos calcanhares, fitando-a com raiva.

— Para mim? O que quer dizer com isso? Ela encolheu levemente os ombros.

— Se você não puder amar o menino por ele mesmo, pensei que poderia tratá-lo bem por causa do que ele vale.

Ele continuou a fitá-la, as palavras presas na garganta. Seu rosto queimava e o sangue latejava em seus ouvidos.

— Oh, eu sei como é — ela garantiu-lhe. — É compreensível que um homem possa não se sentir tão apegado a uma criança que sua mulher gerou de outro. Mas se...

Ele deu um passo à frente e agarrou-a com força pelos ombros, assustando-a. Ela sobressaltou se, piscando, e as chamas da vela refletiram-se no broche de quartzo.

— Senhora — ele disse, falando muito devagar e brandamente em seu rosto. — Eu não quero o seu dinheiro. Minha mulher não quer o seu dinheiro. E meu filho não vai querê-lo. Enfie-o no rabo, ouviu?

Soltou-a, virou-se e saiu da tenda a passos largos, passando por Ulysses, que ficou olhando-o se afastar, perplexo.

As pessoas se movimentavam pelas sombras do final de tarde, em visita a um e outro acampamento, como haviam feito todos os dias, mas agora havia uma sensação diferente na montanha.

Em parte, era a doce tristeza da despedida; o adeus aos amigos, a separação de amores recém-descobertos, a certeza de que alguns rostos seriam vistos esta noite pela última vez neste mundo. Em parte, era expectativa; a saudade de casa, dos prazeres e perigos da viagem que teriam pela frente. Em parte, puro cansaço; crianças irritadas, homens perturbados pela responsabilidade, mulheres exaustas pelo trabalho de cozinha numa fogueira ao ar livre, manter as roupas e a saúde e alimentação da família com o que tinham nos alforjes e fardos de mulas.

Eu mesma podia compreender e me solidarizar com as três atitudes. Além do puro entusiasmo de conhecer novas pessoas e ouvir novas conversas, eu tivera o prazer — porque para mim era definitivamente um prazer, apesar dos aspectos mais escabrosos — de atender novos pacientes, vendo doenças desconhecidas e curando o que podia ser curado, lutando com a necessidade de encontrar uma maneira de tratar o que não podia.

Mas a saudade de casa era forte; minha espaçosa lareira, com seu enorme caldeirão e seu espeto giratório de assar carnes, a paz de meu consultório bem iluminado, com os aromáticos maços de urtiga e alfazema seca, e uma poeira dourada ao sol da tarde. Minha cama com colchão de penas, macia e limpa, lençóis de linho cheirando a alecrim e milefólio.

Fechei os olhos por um instante, evocando uma anelante visão desse céu de prazeres, depois os abri para a realidade: uma chapa de assar, cheia de crostas pretas, remanescentes de pães de aveia queimados; sapatos molhados e pés congelados; roupas úmidas que rangiam com areia e pedrinhas; cestos de comida cuja fartura definhara a um único pão — bem mordiscado pelos ratos dez maçãs e um naco de queijo; três bebês berrando; uma jovem mãe esgotada, com seios doloridos e mamilos rachados; uma noiva ansiosa com sinais de nervosismo; uma criada pálida com cólicas menstruais; quatro escoceses ligeiramente embriagados — e um francês em condições similares — que entravam e saíam do acampamento como

ursos e que não iriam ser de nenhuma ajuda na arrumação esta noite... e uma dor profunda, excruciante na parte baixa da minha barriga, que anunciava a má notícia de que minha própria menstruação — que felizmente se tornara bem menos frequente nos últimos tempos — resolvera fazer companhia à de Lizzie.

Rangi os dentes, arranquei um trapo frio e úmido de um amontoado de arbustos e comecei a descer, os pés chapinhando no solo encharcado, pela trilha que levava à vala que servia de latrina feminina, as coxas pressionadas com força.

O primeiro evento a saudar meu retorno foi o cheiro forte de metal queimado. Eu disse algo bem expressivo em francês — um exemplo útil da fraseologia adquirida no Hôpital des Anges, onde o linguajar pesado em geral era o melhor instrumento médico disponível.

O queixo de Marsali caiu. Germain olhou-me admirado e repetiu a expressão, corretamente e com um belo sotaque parisiense.

— Desculpe-me — eu disse, olhando para Marsali. — Alguém deixou a chaleira vazia no fogo.

— Não tem importância, mamãe Claire — ela disse com um suspiro, balançando a pequena Joanie, que começara a berrar outra vez. — Não é pior do que o pai dele lhe ensina de propósito. Tem um pano seco?

Eu já procurava freneticamente um pano seco ou algo com que pudesse pegar a alça de arame, mas não havia nada à mão, senão fraldas molhadas e meias úmidas. Mas chaleiras eram um luxo difícil de encontrar e eu não estava disposta a sacrificar aquela. Enrolei a mão numa prega da minha saia, segurei a alça e arranquei a chaleira das chamas. O calor atravessou o pano úmido como um raio e eu larguei a chaleira.

— Merde! — Germain disse, num eco feliz.

— É — eu disse, levando à boca meu polegar empolado. A chaleira sibilou e fumegou nas folhas molhadas e eu a chutei, fazendo-a rolar para uma poça de lama.

— Merde, merde, merde, merde — Germain entoou, numa boa semelhança com a melodia de "Rose, Rose" — uma manifestação precoce de sensibilidade musical que passou lamentavelmente despercebida nas circunstâncias.

— Fique quieto, menino — eu disse.

Ele não ficou. Jemmy começou a berrar em uníssono com Joan, Lizzie — que começara a ter uma recaída devido à partida relutante do soldado Ogilvie — começou a gemer embaixo de um arbusto e começou a chover granizo, pequenas bolinhas brancas de gelo

dançando no chão e ricocheteando com força no meu couro cabeludo. Arranquei a touca molhada de um galho e enfiei-a na cabeça, sentindo-me como um sapo desconsolado debaixo de um cogumelo particularmente feio. Só faltavam verrugas, pensei.

A chuva de granizo teve vida curta. No entanto, quando a barulhada diminuiu, ouviu-se o ruído de botas enlameadas subindo a trilha. Jamie, trazendo o padre Kenneth Donahue, crostas de gelo nos cabelos e nos ombros.

— Eu trouxe o bom padre para o chá — ele disse, entrando na clareira com um sorriso radiante.

— Não, não trouxe — eu disse, com ar ameaçador. E, se ele achava que eu tinha esquecido a respeito de Stephen Bonnet, estava errado a respeito disso também.

Virando-se ao som da minha voz, deu um salto numa reação exagerada de choque e surpresa à visão da minha figura de touca.

— É você, Sassenach? — ele perguntou com fingido alarme, inclinando-se para frente e espreitando por baixo da aba da minha touca. Em consideração à presença do padre, contive-me para não lhe dar uma joelhada num ponto bem sensível, contentando-me com a tentativa de transformá-lo em estátua de pedra com um olhar fulminante, estilo Medusa.

Ele pareceu não notar, distraído com Germain, que agora dançava em pequenos círculos, cantando o tema e variações da minha expressão francesa inicial com a melodia de "Row, Row, Row your Boat". O padre Donahue estava ficando cada vez mais vermelho com o esforço de fingir que não entendia nada de francês.

— Tais toi, crétin — Jamie disse, enfiando a mão no sporran. Ele falou com bastante cordialidade, mas num tom de voz cuja expectativa de ser obedecido era tão absoluta, que não admitia questionamento. Germain parou instantaneamente, a boca aberta, onde Jamie prontamente enfiou um docinho. Germain fechou a boca e começou a se concentrar em comer, as canções esquecidas.

Peguei a chaleira, usando novamente a bainha de minha saia como pegador de panela. Jamie inclinou-se, pegou uma varinha firme e com grande habilidade fisgou a alça da chaleira da minha mão.

— Voilà! — ele disse, estendendo-me a varinha.

— Merci — eu disse, com visível má vontade. Mesmo assim, aceitei a varinha e me dirigi ao regato mais próximo, a chaleira fumegante levada à minha frente como uma lança.

Ao chegar a um remanso do riacho, forrado de pedras, deixei a chaleira cair com um fragoroso baque, arranquei a touca, atirei-a num

aglomerado de juncos e pisei em cima, deixando uma pegada grande e enlameada no linho.

— Eu não estava caçoando de você, Sassenach — disse uma voz sorridente atrás de mim.

Levantei uma sobrancelha fria em sua direção.

— Também não estava elogiando, não é?

— Não. Faz você ficar parecendo um cogumelo venenoso. Bem melhor sem ela — garantiu-me.

Puxou-me para si e inclinou-se para beijar-me.

— Não que eu não aprecie a ideia — eu disse, e o tom da minha voz o fez parar, a poucos centímetros da minha boca. — Porém mais uma fração de centímetro e eu acho que vou arrancar um pedaço do seu lábio.

Movendo-se como um homem que acabou de perceber que a pedra que ele pegou distraidamente é na verdade um ninho de marimbondos, empertigou-se e muito lentamente começou a tirar as mãos da minha cintura.

— Oh — ele disse, inclinando a cabeça para um lado, os lábios contraídos enquanto me examinava. — Você realmente parece um pouco irritada, Sassenach.

Isso, sem dúvida, era verdade, mas tive vontade de desatar a chorar ao ouvi-lo. Evidentemente, a vontade transpareceu, porque ele me tomou — muito delicadamente — pela mão e conduziu-me a uma rocha.

— Sente-se — ele disse. — Feche os olhos, a nighean donn. Descanse um pouco.

Sentei-me, os olhos fechados, os ombros arriados. Ruídos de água e um retinido abafado de metal anunciaram que ele estava lavando e enchendo a chaleira.

Ele colocou a chaleira cheia junto aos meus pés com um som metálico amortecido, depois se sentou silenciosamente nas folhas ao lado. Eu podia ouvir o leve suspiro de sua respiração e um ou outro rumor, conforme ele enxugava o nariz gotejante na manga da camisa.

— Desculpe-me — eu disse finalmente, abrindo os olhos.

Ele se virou, esboçando um sorriso, e ergueu os olhos para mim.

— Por que, Sassenach? Não é como se tivesse recusado a minha cama... ao menos, espero que não tenha chegado a isso ainda.

A ideia de fazer amor naquele momento estava absolutamente no fim da minha lista, mas eu devolvi o sorriso.

— Não — eu disse, pesarosamente. — Após duas semanas

dormindo no chão, eu não recusaria a cama de ninguém. — As sobranças dele ergueram-se abruptamente e eu ri, pega desprevenida.

— Não — eu repeti. — Só estou... irritada. — Meu ventre contorcia-se de cólica. Fiz uma careta e pressionei as mãos em cima da dor.

— Oh! — ele exclamou outra vez, subitamente compreendendo. — Esse tipo de irritação.

— Esse tipo de irritação — concordei. Cutuquei a chaleira com a ponta do pé. — É melhor eu levar isso de volta, preciso ferver água para uma infusão de casca de salgueiro. Leva muito tempo. — Era verdade— levaria uma hora ou mais, quando então as cólicas estariam bem piores.

— Para o inferno com a casca de salgueiro — ele disse, retirando um frasco de prata dos recessos de sua camisa. — Tente isto. Ao menos, não tem que ferver primeiro.

Abri a tampa e inalei. Uísque, e uísque muito bom.

— Eu adoro você — eu disse sinceramente, e ele riu.

— Eu também adoro você, Sassenach — ele disse, e tocou meu pé delicadamente.

Tomei um grande gole e deixei a bebida descer lentamente pela garganta. Ela penetrou agradavelmente pelas membranas mucosas, atingiu o fundo e ergueu-se num sopro de fumaça tranquilizante, cor de âmbar, que preencheu todas as minhas fissuras e começou a se expandir, lançando gavinhas quentes e reconfortantes ao redor da fonte do meu desconforto.

— Uuuuuu — exclamei, suspirando e tomei outro gole. Fechei os olhos, para melhor apreciar a bebida. Um irlandês que eu conhecia certa vez me garantiu que um uísque verdadeiramente bom era capaz de levantar um morto. Eu não estava disposta a questionar.

— Isso é maravilhoso — eu disse, quando reabri os olhos. — Onde o consegui? — Aquele era um scotch de vinte anos, se eu conhecia alguma coisa de uísque, muito diferente do puro álcool que Jamie andara destilando na montanha atrás de nossa casa.

— Jocasta — ele disse. — Devia ser um presente de casamento para Brianna e seu rapaz, mas achei que você estava precisando mais dele.

— Nisso você tem razão.

Permanecemos sentados em silêncio na companhia um do outro, enquanto eu bebericava devagar, a ânsia de perder o controle e assassinar qualquer um à vista aos poucos diminuindo, juntamente

com o nível de uísque no frasco.

A chuva se afastara outra vez e a folhagem gotejava pacificamente ao nosso redor. Havia um grupo de abetos ali perto; eu podia sentir o aroma refrescante de sua resina, pungente e límpido acima do cheiro mais pesado de folhas mortas e úmidas, fumaça das fogueiras e tecidos molhados.

— Já faz três meses desde a sua última menstruação — Jamie observou descontraidamente. — Pensei que talvez já tivessem cessado.

Eu sempre ficava um pouco desconcertada ao ver a precisão com que ele observava tais coisas — mas ele era um fazendeiro, afinal de contas. Estava intimamente familiarizado com o histórico ginecológico e o ciclo do cio de cada fêmea dos seus animais; imaginei que não havia razão para achar que ele faria uma exceção simplesmente porque não era provável que eu fosse parir ou entrar no cio.

— Não é como uma torneira que você simplesmente fecha, sabe — eu disse, um tanto mal-humorada. — Infelizmente. Apenas se torna errático e finalmente para, mas não se tem a menor ideia de quando isso vai acontecer.

Ele inclinou-se para frente, os braços cruzados em cima dos joelhos, indolentemente observando galinhos e folhas seguindo pelas ondulações da corrente do regato.

— Imagino que deva ser um alívio quando tudo isso acaba. Menos sujeira, não é?

Contive a vontade de fazer comparações ofensivas com fluidos corporais masculinos.

— Talvez seja — eu disse. — Eu o informarei, está bem?

Ele esboçou um sorriso, mas teve o bom senso de não insistir no assunto diante do tom áspero em minha voz.

Tomei outro pequeno gole do uísque. O grito agudo de um pica-pau-do tipo que Jamie chamava de pica-pau verde — ecoou na floresta e depois silenciou. Poucos pássaros estavam ao ar livre com este tempo; a maioria simplesmente se aninhava sob qualquer abrigo que conseguisse encontrar, embora eu pudesse ouvir o grasnido de um pequeno bando de patos migratórios mais abaixo no riacho. Eles não se incomodavam com a chuva.

Jamie esticou-se repentinamente.

— Ah... Sassenach? — ele disse.

— O que foi? — perguntei, surpresa.

Ele abaixou a cabeça, estranhamente acanhado.

— Não sei se agi errado ou não, Sassenach, mas, se errei, peço-lhe

que me perdoe.

— Claro — eu disse, um pouco hesitante. De que eu o estava perdoadando? Provavelmente não de adultério, mas podia ser praticamente qualquer outra coisa, até e inclusive assalto, incêndio criminoso, roubo e blasfêmia. Meu Deus, eu esperava que não tivesse nada a ver com Bonnet.

— O que você fez?

— Bem, eu mesmo, nada — ele disse, um pouco timidamente. — Trata-se apenas do que eu disse que você faria.

— Ah, é? — exclamei, desconfiada. — E o que foi? Se disse a Farquard Campbell que eu visitaria sua terrível mãe outra vez...

— Oh, não — assegurou-me. — Nada disso. Prometi a Josiah Beardsley que você talvez tirasse as amígdalas dele hoje.

— Que eu o quê? — Fitei-o com os olhos arregalados. Eu conheci Josiah Beardsley no dia anterior, um rapaz com as amígdalas mais inflamadas que eu já vira. Eu havia ficado tão impressionada com o estado pustulento de suas adenóides que o descrevi com detalhes para todo mundo durante o jantar, — fazendo Lizzie ficar verde e dar sua segunda batata a Germain — e mencionando na ocasião que a cirurgia era realmente a única cura eficaz possível. Mas não esperava que Jamie fosse sair por aí alardeando meus serviços.

— Por quê? — perguntei.

Jamie balançou-se um pouco para trás, erguendo os olhos para mim.

— Eu quero ele, Sassenach.

— Quer? Para quê? — Josiah mal completara catorze anos — ou ao menos ele achava que tinha catorze; não sabia ao certo quando tinha nascido e seus pais já haviam morrido havia muitos anos. Ele era pequeno até para catorze anos e desnutrido, com as pernas ligeiramente arqueadas de raquitismo. Ele também exibia evidências de diversas infecções parasitárias e chiava com o que podia ser tuberculose ou meramente um caso grave de bronquite.

— Como um colono, é claro.

— É? Na verdade, pensei que você tivesse mais candidatos do que poderia aproveitar.

Eu não só pensava assim, eu tinha certeza. Não tínhamos absolutamente nenhum dinheiro, embora as vendas que Jamie fizera na Assembleia tivessem praticamente — ainda que não inteiramente — saldado nossas dívidas com vários comerciantes de Cross Creek pela compra de ferragens, arroz, ferramentas, sal e outras mercadorias. Tínhamos terras em abundância — a maior parte de florestas, — mas

não tínhamos meios de ajudar as pessoas a se estabelecerem nelas ou cultivá-las. Os Chisholm e os McGillivray já significavam ir muito além de nossos limites, em termos de adquirir novos arrendatários.

Jamie simplesmente balançou a cabeça, descartando essas complicações.

— Sim. Mas Josiah é um bom rapaz.

— Humm — eu disse, sem muita certeza. É bem verdade que o rapaz parecia resistente — o que provavelmente era o que Jamie queria dizer com "bom rapaz". O simples fato de ter sobrevivido tanto tempo sozinho era prova disso. — Talvez. Assim como muitos outros. O que ele tem para que você queira especificamente ele?

— Ele tem catorze anos.

Olhei para ele, uma das sobrelanceiras erguidas inquisitivamente, e sua boca torceu-se num sorriso irônico.

— Qualquer homem entre dezesseis e sessenta deve servir na milícia, Sassenach.

Senti uma pequena e desagradável contração na boca do estômago. Eu não havia esquecido a indesejada convocação do governador, mas, com uma coisa e outra, não tive tempo livre para refletir sobre quais seriam exatamente as consequências práticas.

Jamie suspirou e alongou os braços, flexionando as articulações dos dedos até estalarem.

— Então é isso que você vai fazer? — perguntei. — Formar uma milícia e partir?

— É o que tenho que fazer — ele disse simplesmente. — Tryon está com minhas bolas na mão e não estou disposto a ver se ele vai apertá-las, entende?

— Era o que eu temia.

A pitoresca avaliação de Jamie da situação infelizmente era exata. Procurando por um homem leal e competente, disposto a se estabelecer em uma grande área de terras incultas do interior, o governador Tryon oferecera a Jamie uma Concessão de terras exatamente a leste da Linha do Tratado, sem exigência de impostos por um período de dez anos. Uma oferta justa, embora, se considerarmos as dificuldades de assentamento nas montanhas, não tão generosa quanto possa parecer.

O problema é que exigia-se legalmente que os detentores de tais concessões fossem homens brancos protestantes de bom caráter, acima de trinta anos. E embora Jamie atendesse às demais exigências, Tryon sabia muito bem que Jamie era católico.

Faça como o governador mandar e... bem, o governador era um político bem-sucedido; ele sabia manter a boca fechada em questões inconvenientes. Mas basta desafiá-lo e não será necessário mais do que uma simples carta de New Bern para privar Fraser's Ridge de seus colonos Fraser.

— Humm. Então, você está pensando que, se levar os homens disponíveis de Ridge... não pode deixar alguns?

— Para começar, nem tenho tantos assim, Sassenach — ele ressaltou. — Posso deixar Fergus, por causa de sua mão, e o sr. Wemyss, para cuidar de nosso lugar. Ele é um escravo, até onde se sabe, e apenas homens livres são obrigados a se juntar às milícias.

— E somente homens fisicamente capazes. Isso deixa o marido de Joanna Grant de fora; ele tem um pé de madeira.

Ele balançou a cabeça, concordando.

— Sim, e o velho Arch Bug, que deve ter uns setenta anos. Isso perfaz quatro homens, e talvez oito rapazes abaixo de dezesseis, para cuidar de trinta propriedades e mais de cento e cinquenta pessoas.

— As mulheres provavelmente poderão se arranjar razoavelmente bem sozinhas — eu disse. — Afinal, é inverno; nenhuma lavoura para cuidar. E não deve haver nenhuma dificuldade com os índios, não atualmente. — Minha fita se soltara quando eu arranquei a touca. Meus cabelos escapavam das tranças desfeitas em todas as direções, espalhando-se pelos meus ombros em cachos úmidos. Retirei a fita e tentei pentear meus cabelos com os dedos.

— O que é tão importante a respeito de Josiah Beardsley, de qualquer modo? — perguntei. — Afinal, um único rapaz de catorze anos não pode fazer tanta diferença.

— Beardsley é um caçador — Jamie respondeu — e um bom caçador. Ele trouxe uma enorme quantidade de peles de lobos, cervos e castores para a Assembleia, todos caçados por ele sozinho, segundo ele. Eu mesmo não conseguiria fazer melhor.

Isso era um verdadeiro elogio, e eu contrai os lábios em silenciosa apreciação. Peles de animais eram a principal — na realidade, a única — colheita de inverno de algum valor nas montanhas. Não tínhamos nenhum dinheiro agora — nem mesmo o dinheiro de papel denominado Dinheiro da Proclamação, no valor apenas de uma fração de libra esterlina — e, sem peles para vender na primavera, teríamos dificuldade de obter as sementes de milho e de trigo de que precisaríamos. E, se todos os homens tivessem que passar uma boa parte do inverno percorrendo a colônia para amansar os Reguladores em vez de caçar...

A maioria das mulheres de Ridge sabia usar uma arma, mas quase nenhuma poderia caçar com eficácia, presas a seus lares pelas necessidades dos filhos. Até mesmo Bri, que era uma ótima caçadora, não poderia se aventurar mais do que meio dia de viagem longe de Jammy — o que era absolutamente insuficiente para lobos e castores.

Passei as mãos pelos meus cachos úmidos, tentando desembaraçar as mechas.

— Tudo bem, compreendo esta parte. Mas onde é que entram as amígdalas?

Jamie ergueu os olhos para mim e sorriu. Sem responder imediatamente, levantou-se e deu a volta para ficar atrás de mim. Com mãos firmes, ele juntou as mechas extraviadas, capturou os fios esvoaçantes e fez uma trança grossa e apertada na base do meu pescoço. Inclinou-se por cima do meu ombro, pegou a fita do meu colo e amarrou-a com um belo laço.

— Pronto. — Sentou-se aos meus pés novamente. — Bem, quanto às amígdalas, você disse ao rapaz que ele precisava tirá-las ou sua garganta iria continuar piorando.

— Isso mesmo.

Josiah Beardsley acreditara em mim. E, quase tendo morrido no inverno anterior depois que um abscesso em sua garganta quase o sufocara antes de arrebentar, ele não estava ansioso para se arriscar a outra ocorrência como aquela.

— Você é a única cirurgiã ao norte de Cross Creek — Jamie ressaltou. — Quem mais poderia fazê-lo?

— Bem, sim — eu disse, em dúvida. — Mas...

— Assim, fiz uma oferta para o rapaz — Jamie interrompeu. — Uma faixa de terra — Roger e eu o ajudaremos a erguer uma cabana quando chegar a hora — e ele dividirá ao meio comigo tudo que conseguir em termos de peles de animais nos próximos três invernos. Ele está disposto a aceitar, desde que você remova suas amígdalas como parte da transação.

— Mas por que hoje? Não posso operar as amígdalas de uma pessoa aqui! — Gesticulei, apontando para a floresta encharcada.

— Por que não? — Jamie ergueu uma das sobrancelhas. — Você não disse ontem à noite que era um problema simples, apenas alguns pequenos cortes com a menor de suas faquinhas?

Esfreguei o nó de um dedo sob o nariz, fungando de exasperação.

— Olhe, só porque não é um trabalho grande e sangrento como amputar uma perna, não significa que seja simples! — Era, de fato, uma operação relativamente simples, cirurgicamente falando. Era a

possibilidade de infecção em seguida à cirurgia e a necessidade de assistência cuidadosa no pós-operatório — uma pobre substituta de antibióticos, porém muito melhor do que a negligência — que apresentavam complicações.

— Não posso simplesmente arrancar as amígdalas dele e mandá-lo embora — eu disse. — Mas quando chegarmos a Ridge...

— Ele não pretende voltar conosco diretamente — Jamie interrompeu.

— Por que não? — perguntei.

— Ele não disse, apenas que tinha um negócio a resolver e que iria a Ridge até a primeira semana de dezembro. Ele pode dormir no sótão do barracão de ervas — ele acrescentou.

— Então você e ele esperam que eu simplesmente corte as amígdalas dele, dê alguns pontos e o mande em seu alegre caminho de volta? — perguntei sarcasticamente.

— Você se saiu bem com o cachorro — ele disse, rindo.

— Oh, já soube da história, hein?

— Oh, sim. E do garoto que cortou o pé com o machado, das crianças com brotoejas, da dor de dentes da sra. Buchanan e de sua discussão com Murray MacLeod sobre os dutos biliares de um cavaleiro...

— Foi realmente uma manhã movimentada. — Estremeci brevemente diante da lembrança e tomei mais um gole do uísque.

— A Assembleia inteira está falando de você, Sassenach. Eu realmente pensei na Bíblia, na verdade, vendo toda aquela multidão clamando ao seu redor esta manhã.

— A Bíblia? — Devo ter parecido perplexa com a referência, porque o riso ampliou-se.

— "E todos da multidão procuravam tocá-lo" — Jamie citou. — Porque dele emanava a virtude, e curava a todos.

Eu ri melancolicamente, interrompendo-me com um pequeno soluço.

— Receio que toda a virtude se esgotou.

— Não se preocupe. Há muita no frasco.

Assim relemburada, ofereci-lhe o uísque, mas ele declinou com um aceno da mão, as sobranceiras abaixadas, imerso em pensamentos. O gelo derretido deixara faixas molhadas em seus cabelos e elas espalhavam-se como fitas de bronze derretido sobre seus ombros — como a estátua de algum herói militar, exposta ao tempo e brilhando num parque público.

— Então você opera as amígdalas do rapaz quando ele chegar a Ridge? Pensei por um instante, depois assenti, engolindo. Ainda haveria riscos e normalmente eu não elegia a cirurgia como primeira opção. Mas a condição de Josiah era realmente terrível e as contínuas infecções poderiam acabar matando-o se eu não tomasse medidas para curá-lo. Jamie balançou a cabeça, satisfeito.

— Vou cuidar disso, então.

Meus pés haviam descongelado, apesar de molhados como estavam, e eu começava a me sentir aquecida e flexível. Quanto à minha barriga, ainda parecia que eu tinha engolido uma grande rocha vulcânica, mas eu já não me importava tanto.

— Eu estava pensando uma coisa, Sassenach.

— Sim?

— Por falar na Bíblia...

— Está com as Escrituras na cabeça hoje, hein?

Um dos cantos de sua boca curvou-se para cima enquanto ele olhava para mim.

— Sim. Bem... É só que eu estava pensando. Quando o Anjo do Senhor aparece para Sara e lhe diz que ela terá um filho no ano seguinte, ela ri e diz que essa é uma grande piada, uma vez que para ela já cessou aquilo que é próprio das mulheres.

— A maioria das mulheres nessa situação provavelmente não iria achar graça nenhuma nesta ideia — garanti-lhe. — Mas eu sempre achei que Deus tem um senso de humor muito peculiar.

Ele abaixou os olhos para a larga folha de bordo que ele esmigalhava entre o polegar e o indicador, mas eu percebi o leve esboço de um sorriso.

— Eu mesmo tenho pensado nisso de vez em quando, Sassenach — ele disse, um pouco secamente. — Seja como for, ela de fato teve o filho, não é?

— A Bíblia diz que sim. Não sou eu quem vai dizer que o livro do Gênesis está mentindo. — Considerei a ideia de beber outro gole ou não, mas resolvi economizar para um dia chuvoso — bem, um dia mais chuvoso — e coloquei a tampa de volta no frasco. Pude ouvir uma certa movimentação na direção do acampamento e meus ouvidos captaram uma pergunta, trazida pela brisa gelada.

— Alguém está procurando por você — eu disse. — Outra vez.

Jamie olhou por cima do ombro e fez uma leve careta, mas não fez nenhum movimento imediato de atender ao chamado. Limpou a garganta e eu vi um leve rubor subir pelo seu pescoço.

— Bem, a questão é que — ele disse, cuidadosamente evitando olhar para mim, — até onde eu saiba, se seu nome não for Maria e o Espírito Santo não estiver envolvido no caso, só há uma maneira de engravidar. Estou certo?

— Até onde eu saiba, sim. — Levei a mão à boca para reprimir um soluço iminente.

— Sim. E sendo assim... bem, isso tem que significar que Sara ainda estava se deitando com Abraão na época, certo?

Ele continuava a evitar meu olhar, mas suas orelhas haviam ficado cor-de-rosa e eu percebi tardiamente o motivo dessa discussão religiosa. Estendi a ponta do pé e cutuquei-o delicadamente no lado do corpo.

— Estava achando que talvez eu não fosse mais querer você?

— Você não me quis agora — ele ressaltou logicamente, os olhos nos remanescentes esmigalhados da folha.

— Sinto como se minha barriga estivesse cheia de vidro quebrado, estou encharcada e com lama até os joelhos, e quem quer que esteja procurando por você está prestes a irromper dos arbustos com um bando de cães de caça a qualquer momento — eu disse, com certa aspereza. — Você está realmente me convidando a participar de uma orgia carnal com você neste monte de folhas encharcadas? Porque, se estiver...

— Não, não — ele apressou-se a contestar. — Não quero dizer agora. Eu só quis dizer... eu só estava imaginando se.... — As pontas de suas orelhas haviam se tornado roxas. Ele levantou-se abruptamente, limpando folhas mortas do seu kilt com uma força exagerada.

— Se — eu disse pausadamente — você me engravidasse nesta altura dos acontecimentos, Jamie Fraser, eu comeria suas bolas em brochette. — Virei para trás, erguendo os olhos para ele. — Mas quanto a ir para a cama com você...

Ele parou o que estava fazendo e olhou para mim. Sorri para ele, deixando os meus pensamentos se exibirem claramente em meu rosto.

— Quando você tiver uma cama outra vez — eu disse, — prometo que não a recusarei. -

— Oh — ele disse. Respirou fundo, parecendo repentinamente muito feliz. — Bem, então está certo. É apenas que... estive pensando, sabe.

A uma agitação repentina e barulhenta nos arbustos, seguiu-se o aparecimento do sr. Wemyss, cujo rosto fino e ansioso projetou-se de uma moita.

— Ah, é o senhor — ele disse, com evidente alívio.

— Imagino que seja — Jamie disse, resignado. — Algum problema, sr. Wemyss?

O sr. Wemyss não pôde responder imediatamente, tendo ficado inextricavelmente embaraçado na moita e eu fui obrigada a ir ajudá-lo a se soltar. Um ex-contador que fora obrigado a se vender para trabalho escravo, o sr. Wemyss era completamente inadequado para a vida em regiões agrestes.

— Peço-lhe desculpas por vir importuná-lo, senhor — ele disse, ruborizado. Nervosamente, tentava arrancar um galhinho espinhento que se agarrara a seus cabelos louros e esvoaçantes.

— É que... bem, ela disse que pretendia rachá-lo ao meio, da cabeça ao meio das pernas, com seu machado, se ele não a deixasse em paz, e ele disse que nenhuma mulher ia falar com ele daquela maneira, e ela de fato tem um machado...

Acostumado aos métodos de comunicação do sr. Wemyss, Jamie suspirou, estendeu a mão para o frasco de uísque, destampou-o e tomou um longo e reconfortante gole. Abaixou o frasco e fixou um olhar penetrante no sr. Wemyss.

— Quem? — ele quis saber.

— Oh! Hã... eu não disse? Rosamund Lindsay e Ronnie Sinclair.

— Mmmhum.

A notícia não era boa. Rosamund Lindsay realmente tinha um machado; ela estava assando vários porcos em um fosso escavado junto ao riacho, sobre brasas de nogueira. Ela também pesava uns cem quilos e, apesar de normalmente bem-humorada, possuía um gênio terrível quando provocada. De sua parte, Ronnie Sinclair era absolutamente capaz de irritar o anjo Gabriel, quanto mais uma mulher tentando cozinhar sob a chuva.

Jamie suspirou e devolveu-me o frasco. Endireitou os ombros, sacudindo as gotas de chuva de seu xale enquanto o ajeitava.

— Vá e diga-lhes que já estou indo, sr. Wemyss — ele disse.

O rosto fino do sr. Wemyss demonstrou a mais viva apreensão à ideia de chegar a uma curta distância do machado de Rosamund Lindsay, mas seu temor de Jamie era ainda maior. Balançou a cabeça numa concordância apressada, virou-se e se enfiou direto na moita de doce viburno novamente.

Uma sirene como uma ambulância que se aproximava anunciou o surgimento de Marsali, Joan nos braços. Ela arrancou um galhinho agarrado na manga do casaco do sr. Wemyss, balançando a cabeça para ele num cumprimento, enquanto se desviava dele

cuidadosamente.

— Pai — ela disse, sem preâmbulos. — Você precisa vir. O padre Kenneth foi preso.

As sobrancelhas de Jamie ergueram-se num salto.

— Preso? Agora mesmo? Por quem?

— Sim, neste instante! Um homem gordo horrível, que disse ser o xerife do condado. Chegou com dois homens e eles perguntaram quem era o padre e quando o padre Kenneth se apresentou, eles o agarraram pelos braços e o levaram imediatamente, sem sequer pedir licença!

O sangue aflorava ao rosto de Jamie e seus dois dedos rígidos tamborilaram rapidamente contra a coxa.

— Eles o levaram do meu acampamento? — ele disse. — A Dhia!

Isso obviamente era uma pergunta retórica e, antes que Marsali pudesse responder, um barulho de folhas esmagadas veio da outra direção, e Brianna surgiu de trás de um pinheiro.

— O que foi? — ele gritou para ela. Brianna piscou, desconcertada.

— Hã... Geordie Chisholm disse que um dos soldados roubou um presunto de sua fogueira e perguntou se você podia ir falar com o tenente Hayes.

— Sim — ele respondeu prontamente. — Mais tarde. Enquanto isso, volte lá com Marsali e descubra para onde levaram o padre Kenneth. E, sr. Wemyss... — Mas o sr. Wemyss havia finalmente se livrado das garras do arbusto. Um estardalhaço distante assinalou sua pressa em ir cumprir suas ordens.

Um rápido olhar ao rosto de Jamie convenceu as duas jovens de que uma retirada rápida era a ordem do dia e, dentro de poucos segundos, estávamos sozinhos outra vez. Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente através dos dentes.

Tive vontade de rir, mas não o fiz. Em vez disso, aproximei-me; apesar do frio e da umidade, eu podia sentir o calor de sua pele através do xale.

— Ao menos, são apenas os doentes que desejam me tocar — eu disse. Estendi o frasco para ele. — O que você faz quando toda a virtude se esvaiu de você?

Ele olhou para mim e um lento sorriso se espalhou pelo seu rosto. Ignorando o frasco, ele parou, segurou meu rosto nas mãos e me beijou, muito delicadamente.

— Isso — ele disse.

Depois, virou-se e começou a descer a encosta a passos largos, aparentemente cheio de virtude outra vez.

FEIJÃO E CHURRASCO

Levei a chaleira de volta ao nosso acampamento, apenas para encontrá-lo momentaneamente deserto. Vozes e risos a distância indicavam que Lizzie, Marsali e a sra. Bug — aparentemente com as crianças a reboque — estavam a caminho da privada das mulheres, uma fossa que servia de latrina, cavada convenientemente atrás de uma cortina de zimbro, a uma certa distância dos acampamentos. Pendurei a chaleira cheia acima do fogo para ferver, depois parei por um instante, imaginando em que direção meus esforços poderiam ser dirigidos com mais proveito.

Embora a situação do padre Kenneth pudesse ser a mais grave a longo prazo, não era onde a minha presença poderia fazer alguma diferença. Mas eu era uma médica — e Rosamund Lindsay de fato tinha um machado. Ajeitei meus cabelos e minhas roupas úmidas o melhor que pude e comecei a descer a montanha em direção ao córrego, abandonando a touca à sua própria sorte.

Jamie evidentemente chegara à mesma conclusão sobre a importância relativa das emergências em andamento. Quando abri caminho pelo bosque de salgueiros novos que beirava o riacho, encontrei-o junto ao braseiro do churrasco, numa tranquila conversa com Ronnie Sinclair — enquanto isso, apoiando-se naturalmente no cabo do machado, do qual ele conseguira, de algum modo, se apossar.

Relaxe um pouco ao ver a cena e não tive pressa em me juntar ao grupo. A menos que Rosamund resolvesse estrangular o marido com as próprias mãos ou espancá-lo até a morte com um presunto — nenhuma dessas contingências sendo de modo algum impensáveis, — meus serviços médicos poderiam não ser necessários, afinal de contas.

O buraco para churrasco era enorme, um declive natural escavado na margem do riacho por alguma remota enxurrada e depois aprofundada por um criterioso trabalho de pás nos anos subsequentes. A julgar pelas pedras enegrecidas e pedaços de carvão espalhados por perto, estava em uso havia um bom tempo. Na realidade, diversas pessoas o usavam agora; os cheiros misturados de aves, carne de porco, carneiro e gambá erguiam-se numa nuvem de fumaça de brasas de macieira e de nogueira, um apetitoso incenso que me deu água na boca.

A visão do buraco era um pouco menos apetitosa. Da madeira

úmida, nuvens de fumaça branca subiam em ondas pelos ares, obscurecendo parcialmente diversas figuras que se debruçavam sobre suas piras fumegantes — muitas delas parecendo ligeiramente humanas, e arrepiantes, através do nevoeiro. Fez-me lembrar, vividamente demais, os crematórios na Jamaica, onde os corpos dos escravos que não sobreviveram aos rigores da travessia do oceano eram queimados, e eu engoli com dificuldade, tentando não me lembrar do macabro cheiro de carne queimada daquelas piras funerárias.

Rosamund trabalhava no churrasco no momento, a saia presa acima dos joelhos gordos e as mangas enroladas, deixando ver os braços fortes e roliços, enquanto ela espalhava um molho avermelhado sobre as costelas expostas da carcaça de um enorme porco. A sua volta, havia mais cinco formas gigantescas, envoltas em aniagem molhada, com tênues filetes de fumaça aromática enroscando-se ao redor e desaparecendo na suave garoa.

— É veneno, isso é o que é! — Ronnie Sinclair dizia furiosamente, quando me aproximei por trás dele. — Ela vai estragar a carne. Não vai servir nem para dar aos porcos quando ela tiver terminado!

— Mas são porcos, Ronnie — Jamie disse, com considerável paciência. Revirou os olhos para mim, depois olhou para o churrasco, onde a gordura fervente pingava sobre as plataformas de carvão e brasas de nogueira embaixo. — No que me diz respeito, não acho que se possa fazer alguma coisa com um porco — na maneira de cozinhar, quero dizer — que o torne imprestável para se comer.

— Isso é verdade — concordei prestativamente e sorri para Ronnie. — Toucinho defumado, costeletas grelhadas, lombo assado, presunto cozido, patês, linguças, miúdos, chouriço... alguém disse certa vez que se pode aproveitar tudo de um porco, exceto os berros.

— Sim, bem, mas isso é um churrasco, certo? — Ronnie disse teimosamente, ignorando minha fraca tentativa de pilheriar. — Todo mundo sabe que se tempera um porco no espeto com vinagre, essa é a maneira correta de preparar o churrasco! Afinal, você não colocaria cascalho na carne de sua salsicha, não é? Nem cozinaria o toucinho com os dejetos do galinheiro, não é? Ora! — Lançou o queixo na direção da tigela de cerâmica branca debaixo do braço de Rosamund, deixando claro que o seu conteúdo se incluía na mesma categoria de agentes adulterantes não comestíveis, em sua opinião.

Minhas narinas captaram uma saborosa baforada quando o vento mudou de direção. Até onde eu podia saber apenas pelo cheiro, o molho de Rosamund parecia incluir tomates, cebolas, pimenta e açúcar suficiente para deixar uma crosta espessa e escura na carne e um irresistível aroma de caramelo no ar.

— Acho que a carne vai ficar bem succulenta cozida desta maneira — eu disse, sentindo o estômago começar a roncar sob meu colete de cadarços.

— Sim, e são um belo lote de porcos gordos — Jamie disse lisonjeiramente, quando Rosamund ergueu os olhos para eles, furiosa. Ela estava preta até os joelhos e seu rosto quadrado estava manchado de chuva, suor e fuligem. — Eram porcos selvagens, senhora, ou domésticos?

— Selvagens — ela disse, com certa dose de orgulho, empertigando-se e afastando uma mecha de cabelos grisalhos, molhados, da testa. — Cevados com castanhas, nada se iguala a isso para dar um sabor especial à carne!

Ronnie Sinclair fez um ruído escocês indicativo de desdém e escárnio.

— Claro, o gosto é tão bom, que você precisa escondê-lo sob uma camada do seu molho horrendo, que faz parecer que a carne ainda não está assada, mas sangrenta!

Rosamund fez um comentário um tanto grosseiro com relação à suposta masculinidade de pessoas melindradas à simples ideia de sangue, que Ronnie pareceu disposto a levar para o campo pessoal. Jamie, com uma hábil manobra, interpôs-se entre os dois, mantendo o machado bem fora de alcance.

— Oh, tenho certeza que está muito bem cozida — ele respondeu de forma apaziguadora. — Ora, a sra. Lindsay está trabalhando muito desde o amanhecer, pelo menos.

— Muito antes disso, sr. Fraser — ela respondeu, com uma certa satisfação lúgubre. — Se quiser um churrasco decente, tem que começar pelo menos no dia anterior e cuidar dele a noite toda. Estou cuidando destes porcos desde a tarde de ontem. — Ela aspirou com força a fumaça que se desprendia da carne, com uma expressão de bem-aventurança.

— Ah, isso é que é comida! Pena que uma carne tão saborosa seja desperdiçada com vocês, malditos escoceses — Rosamund disse, recolocando a aniação e ajeitando-a no lugar com uns tapinhas suaves. — Vocês temperam suas línguas com baldes de vinagre que despejam em todas as suas comidas. Só consigo impedir que Kenny o coloque no seu pão de milho e no seu mingau da manhã.

Jamie ergueu a voz, abafando a inflamada resposta de Ronnie a essa calúnia.

— E foi Kenny quem caçou os porcos para a senhora? Porcos selvagens são traiçoeiros. Certamente é perigoso ficar espreitando

bichos desse porte. Como o javali que caçávamos na Escócia, hein?

— Ha. — Rosamund lançou um olhar de bem-humorado desdém para o barranco acima, onde seu marido — quase da metade do seu tamanho — aparentemente se dedicava a perseguições menos extenuantes. — Não, na verdade, sr. Fraser, eu mesma matei este lote. Com esse machado — ela acrescentou incisivamente, indicando com a cabeça o instrumento em questão e estreitando os olhos de modo sinistro para Ronnie. — Afundei o crânio deles com um só golpe!

Ronnie, pouco perspicaz, não entendeu a insinuação.

— São os tomates que ela está usando, Mac Dubh — ele sibilou entre dentes, puxando a manga da camisa de Jamie e apontando para a tigela com uma crosta vermelha. — Maças do diabo! Ela vai envenenar todos nós!

— Oh, acho que não, Ronnie. — Jamie segurou o braço de Ronnie com força e sorriu sedutoramente para Rosamund. — Pretende vender a carne, eu suponho, não é, sra. Lindsay? Seria um mau comerciante aquele que envenenasse os fregueses, não é?

— Até hoje nunca perdi nenhum, sr. Fraser — Rosamund concordou, virando para cima outro pedaço de aniagem e inclinándose para derramar molho de uma concha de madeira sobre um quarto de traseiro fumegante. Também nunca tive nenhuma reclamação do sabor — ela disse, — embora, é claro, isso é em Boston, de onde eu venho. Onde as pessoas têm bom gosto, seu tom de voz deixava claramente implícito.

— Eu conheci um homem de Boston, da última vez que fui a Charlottesville — Ronnie disse, as sobrançelhas espetadas abaixadas com ar de desaprovação. Ele tentou libertar o braço da mão de Jamie, sem sucesso. — Ele me disse que tinha o costume de comer feijão no café da manhã e ostras no jantar, e assim ele fazia desde pequeno. Fiquei admirado de não ter explodido como uma bexiga de porco, se empanturrando com um negócio horrível como esse.

— "Feijão, feijão, feijão, faz bem ao coração" — cantarolei alegremente, aproveitando a oportunidade. — "Quanto mais você come, mais você peida. Quanto mais peida, melhor se sente. Então, vamos comer feijão em toda refeição!" "

Ronnie me fitou boquiaberto, assim como a sra. Lindsay. Jamie soltou uma estrondosa gargalhada, e o ar de assombro da sra. Lindsay desfez-se numa sonora risada. Após um instante, Ronnie relutantemente se uniu ao resto, um amplo sorriso levantando os cantos de sua boca.

— Eu morei em Boston durante algum tempo — eu disse serenamente, quando as risadas arrefeceram um pouco. — Sra.

Lindsay, isso está com um cheiro maravilhoso!

Rosamund balançou a cabeça com dignidade, gratificada.

— Ora, é verdade, senhora, posso afirmar. — Inclinou-se para mim, abaixando a voz — ligeiramente — de seu tom retumbante normal. — É minha receita particular que faz isso — ela disse, com uma batidinha possessiva na tigela de cerâmica. — Realça o sabor, sabe?

A boca de Ronnie se abriu, mas apenas um gritinho escapou, resultado evidente da mão de Jamie apertando seu bíceps com mais força. Rosamund ignorou o fato, iniciando uma amistosa discussão com Jamie que terminou com ela concordando em reservar uma carcaça inteira para ser servida na festa de casamento.

Olhei para Jamie ao ouvir isso. Considerando que o padre Kenneth, no momento, devia provavelmente estar a caminho de Baltimore ou da prisão em Edenton, eu tinha minhas dúvidas quanto à celebração de algum casamento naquela noite.

Por outro lado, eu também aprendera a nunca subestimar Jamie. Com uma palavra final de elogio à sra. Lindsay, ele arrastou Ronnie para longe do churrasco, parando apenas o suficiente para enfiar o machado em minhas mãos.

— Guarde em lugar seguro, sim, Sassenach? — ele disse, beijando-me rapidamente. Riu para mim. — E onde foi que você aprendeu tanto a respeito da história natural do feijão?

— Brianna aprendeu na escola quando tinha uns seis anos de idade — eu disse, retribuindo o sorriso. — Na verdade, é uma pequena canção.

— Diga-lhe para cantá-la para seu marido — Jamie aconselhou. O riso ampliou-se. — Ele pode anotá-la em seu livrinho de música.

Virou-se, passando um braço amistoso, mas firme, pelos ombros de Ronnie Sinclair, que mostrava sinais de tentar escapar de volta em direção ao churrasco.

— Venha comigo, Ronnie — ele disse. — Tenho que dar uma palavrinha com o tenente. Ele quer comprar um presunto da sra. Lindsay, eu acho — acrescentou, pestanejando para mim naquele seu jeito de coruja que ele considerava uma piscadela. Virou-se novamente para Ronnie: — Mas sei que ele vai querer ouvir o que você tiver para lhe contar sobre o pai dele. Você era muito amigo de Gavin Hayes, não?

— Oh — Ronnie disse, a testa franzida relaxando ligeiramente. — Sim. Sim, Gavin era um homem decente. Uma vergonha o que aconteceu. — Sacudiu a cabeça, obviamente referindo-se à morte de Gavin alguns anos atrás. Ergueu os olhos para Jamie, os lábios

contraídos. — O filho dele sabe o que aconteceu?

Uma pergunta delicada. Gavin, na verdade, fora enforcado em Charleston, por roubo — uma morte desonrosa, pelos padrões de qualquer pessoa.

— Sim — Jamie disse serenamente. — Tive que lhe contar. Mas vai ser bom, eu acho, se você lhe contar um pouco sobre o pai dele antigamente. Conte-lhe como foi para nós, lá em Ardsmuir. — Algo, não exatamente um sorriso, tocou seu rosto quando olhou para Ronnie, e eu vi uma suavidade no rosto de Sinclair, em resposta.

Jamie havia segurado os ombros de Ronnie com mais força, e então os soltou. Começaram a subir a encosta, lado a lado, as sutilezas do churrasco esquecidas.

Como foi para nós... Observei-os ir, ligados pela invocação daquela simples e única frase. Quatro palavras que lembravam o companheirismo forjado por dias e meses e anos de compartilhado sofrimento; uma proximidade negada a qualquer um que não a tivesse vivenciado também e sobrevivido. Jamie raramente falava de Ardsmuir; nem os outros homens que saíram de lá para o trabalho forçado aqui no Novo Mundo.

A neblina erguia-se dos recôncavos da montanha agora; dentro de poucos instantes, eles teriam desaparecido de vista. Da floresta enevoadada acima, o som de vozes escocesas masculinas flutuava para baixo, na direção do braseiro fumegante, cantando alegremente em uníssono: "Feijão, feijão, feijão, faz bem ao coração..."

Ao retornar para o acampamento, vi que Roger havia retornado de suas andanças. Estava de pé junto à fogueira, conversando com Brianna, um olhar transtornado no rosto.

— Não se preocupe — eu disse a ele, aproximando-me para pegar a chaleira de água fervente. — Tenho certeza de que Jamie vai dar um jeito. Ele foi lá resolver isso.

— Foi? — Pareceu ligeiramente surpreso. — Ele já sabe?

— Sim, assim que ele encontrar o xerife, acho que tudo vai se resolver. — Emborqueei o bule de chá lascado que eu usava no acampamento com uma das mãos, sacudi as folhas de chá velhas no chão e, colocando o bule na mesa, despejei um pouco de água fervente da chaleira para aquecer o bule. Fora um longo dia, e tudo indicava que seria uma longa noite também. Eu ansiava pelo conforto de uma xícara de chá bem feito, acompanhada de uma fatia do bolo de frutas que uma de minhas pacientes me dera durante o atendimento médico da manhã.

— O xerife? — Roger lançou um olhar desnorteado a Brianna,

ligeiramente alarmada. — Ela não mandou o xerife no meu encalço, mandou?

— Mandar o xerife no seu encalço? Quem? — eu disse, unindo-me ao coro de perplexidade. Pendurei a chaleira de volta no seu tripé e peguei a lata de folhas de chá. — O que você andou fazendo, Roger?

Um leve rubor transpareceu nas altas maçãs de seu rosto, mas, antes que ele pudesse responder, Brianna resfolegou com desdém.

— Disse poucas e boas a tia Jocasta. — Ela olhou para Roger e seus olhos estreitaram-se em triângulos de maliciosa diversão ao imaginar a cena. — Nossa, quisera ter estado lá!

— O que você disse a ela, Roger? — perguntei, interessada. O rubor aumentou e ele desviou os olhos.

— Não quero repetir o que eu disse — retorquiu laconicamente. — Não é o tipo de coisa que se diz a uma mulher, quanto mais uma senhora, e particularmente alguém que está prestes a se tornar minha parente pelo casamento. Eu estava justamente perguntando a Bri se eu deveria ir pedir desculpas à sra. Cameron antes do casamento.

— Não — Bri disse sem hesitação. — Que audácia a dela! Você teve toda razão de dizer o que disse.

— Bem, não me arrependo do conteúdo dos meus comentários — Roger lhe disse, com o esboço de um sorriso irônico. — Só da forma.

— Veja bem — ele disse, virando-se para mim. — Só estou achando que talvez eu deva pedir desculpas, para que não haja constrangimentos esta noite, não quero estragar o casamento de Bri.

— O casamento de Bri? Acha que eu vou me casar sozinha? — ela perguntou, abaixando as sobrancelhas espessas e ruivas para ele.

— Oh, bem, não — ele admitiu, sorrindo um pouco. Tocou seu rosto, delicadamente. — Estarei ao seu lado, é claro. Mas, desde que sejamos casados, não me importo muito com a cerimônia. Só que você vai querer que seja uma bonita cerimônia, não é? Se eu estragar a ocasião, sua tia é capaz de rachar minha cabeça com um pedaço de pau antes que eu possa dizer "Sim".

A essa altura, eu estava consumida de curiosidade para saber exatamente o que ele havia dito a Jocasta, mas achei melhor tratar da questão mais imediata, que até a última notícia, parecia que não haveria casamento para ser estragado.

— Assim, Jamie está procurando padre Kenneth agora — concluí a história. — Mas Marsali não reconheceu o xerife que o levou, o que dificulta as coisas.

As sobrancelhas escuras de Roger ergueram-se, depois uniram-se num ar de preocupação.

— Será... — ele começou a dizer e, em seguida, virou-se para mim.
— Sabe, acho que eu o vi, há alguns instantes.

— Padre Kenneth? — perguntei, a faca suspensa acima do bolo de frutas.

— Não, o xerife.

— O quê? Onde? — Bri girou nos calcanhares, olhando ao redor com os olhos arregalados. Cerrou o punho e eu achei uma felicidade que o xerife não estivesse por perto. Ter Brianna presa por agressão iria realmente ter um efeito desalentador sobre o casamento.

— Ele foi naquela direção. — Roger gesticulou para baixo da montanha, na direção do riacho... e da tenda do tenente Hayes. — Nesse momento, ouvimos o ruído de passos chafurdando na lama e, no instante seguinte, Jamie apareceu, parecendo cansado, preocupado e extremamente irritado. Obviamente, ele ainda não havia encontrado o padre.

— Pai! — Bri chamou-o entusiasticamente. — Roger acha que viu o xerife que levou o padre Kenneth!

— Ah, é? — Jamie animou-se imediatamente. — Onde? — Sua mão esquerda fechou-se na expectativa e eu não pude deixar de sorrir.
— Qual é a graça? — ele quis saber, ao me ver.

— Nada — garanti-lhe. — Tome, coma um pedaço de bolo. — Estendi-lhe uma fatia, que ele prontamente enfiou na boca, voltando sua atenção novamente para Roger.

— Onde? — perguntou, indistintamente.

— Não sei se é o homem que está procurando — Roger disse-lhe.
— Era um homenzinho malvestido. Mas conduzia um prisioneiro; levava um dos homens de Drunkard's Creek algemado. MacLennan, eu acho.

Jamie engasgou-se e tossiu, cuspidos farelos de bolo no fogo.

— Ele prendeu o sr. MacLennan? E você deixou? — Bri fitava Roger, consternada. Nem ela e nem Roger estavam presentes quando Abel MacLennan contou sua história durante o café da manhã, mas ambos o conheciam.

— Não pude impedir — Roger defendeu-se. — Eu gritei para o sr. MacLennan para perguntar se precisava de ajuda, pensei em buscar seu pai ou Farquard Campbell, se ele dissesse que sim. Mas ele apenas olhou através de mim, como se eu fosse um fantasma, e, depois que eu gritei outra vez, ele me deu um sorriso estranho e sacudiu a cabeça. Achei que eu não devia ir e dar uma surra no xerife, só por princípio. Mas se você...

— Um xerife, não — Jamie disse, com voz rouca. Seus olhos

lacrimejavam e ele parou para tossir explosivamente outra vez.

— Um caçador de recompensas — eu disse a Roger. — Alguém que caça criminosos e os entrega por dinheiro. — O chá não estava pronto ainda; encontrei uma bilha pela metade de cerveja e entreguei-a a Jamie.

— Para onde ele vai levar Abel? — perguntei. — Você disse que Hayes não queria prisioneiros.

Jamie sacudiu a cabeça, engoliu e abaixou a garrafa, respirando um pouco melhor.

— Não quer. Não, o sr. Boble — deve ser ele, certo? — levará Abel para o magistrado mais próximo. E, se Roger o viu agora mesmo... — Virou-se, pensando, o cenho franzido enquanto inspecionava a encosta da montanha à nossa volta.

— Será para Farquard, é o mais provável — ele concluiu, relaxando um pouco os ombros. — Conheço quatro juizes de paz e três magistrados aqui na Assembleia e, de todos, Campbell é o único acampado deste lado.

— Oh, isso é bom. — Suspirei, aliviada. Farquard Campbell era um bom homem; apegado às leis, mas não sem compaixão — e mais importante, talvez: um velho amigo de Jocasta Cameron.

— Sim, vou pedir à minha tia para dar uma palavra... talvez devêssemos fazer isso antes dos casamentos. — Virou-se para Roger: — Você poderia ir, Mackenzie? Tenho que encontrar o padre Kenneth, se quisermos que haja algum casamento.

Roger fez uma expressão como se ele, também, tivesse se engasgado com um pedaço de bolo.

— Hã... bem — ele disse, sem jeito. — Talvez eu não seja a melhor pessoa para falar com a sra. Cameron no momento.

Jamie fitava-o com uma mistura de interesse e exasperação.

— Por que não?

Enrubescendo violentamente, Roger recontou o conteúdo de sua conversa com Jocasta — abaixando a voz a ponto de quase se tornar inaudível no final da história.

Mas nós a ouvimos com clareza suficiente. Jamie olhou para mim. Sua boca contorceu-se. Depois, seus ombros começaram a se sacudir. Senti a risada subir por baixo das minhas costelas, mas não era nada perto do acesso de riso de Jamie. Ele ria quase em silêncio, mas com tanta intensidade que as lágrimas subiam aos seus olhos.

— Oh, Santo Deus! — exclamou, arfando, finalmente. Apertou o lado do corpo, ainda ofegante. — Meu Deus, acho que desloquei uma

costela. — Estendeu o braço e pegou um dos panos lavados e quase secos de um arbusto, limpando o rosto displicentemente com ele.

— Está bem — disse, recuperando-se um pouco. — Vá ver Farquard, então. Se Abel estiver lá, diga a Campbell que eu me responsabilizo por ele. Traga-o de volta com você.

Fez um breve gesto dispensando Roger e este — roxo de constrangimento, mas empertigado de dignidade — partiu imediatamente. Bri seguiu-o, lançando um olhar de reprovação ao pai, o que teve apenas o efeito de fazê-lo sacudir-se de riso outra vez.

Afoguei minha própria vontade de rir com um gole de chá fumegante, maravilhosamente aromático. Ofereci a xícara a Jamie, mas ele recusou-a com um abano da mão, satisfeito com o resto da cerveja.

— Minha tia — ele observou, finalmente abaixando a bilha — sabe muito bem o que o dinheiro compra e o que não compra.

— E ela acaba de comprar para si mesma, e para todos no condado, uma boa opinião a respeito do pobre Roger, não é? — retruquei, um pouco secamente.

Jocasta Cameron era uma Mackenzie de Leoch; uma família que Jamie certa vez descreveu como "encantadora como cotovias no campo... mas astuta como raposas". Se Jocasta tinha realmente alguma dúvida sobre as razões de Roger para se casar com Brianna, ou meramente quis estancar mexericos em Cape Fear, seus métodos haviam sido inegavelmente bem-sucedidos. Ela provavelmente estava agora em sua tenda dando risada de sua astúcia, ansiosa para espalhar a história de sua oferta e da resposta de Roger a ela.

— Pobre Roger — Jamie concordou, a boca ainda torcendo-se num sorriso. — Pobre, mas virtuoso. — Virou a bilha de cerveja, esvaziando-a, e colocou-a na mesa com um breve suspiro de satisfação. — Apesar de que, para dizer a verdade — ele acrescentou, olhando para mim, — ela comprou para o rapaz algo de valor também, não é?

— Meu filho — citei brandamente, balançando a cabeça. — Acha que ele próprio percebeu isso antes mesmo de falar? Que ele realmente considera Jemmy seu filho?

Jamie fez um movimento qualquer com os ombros, sem realmente dar de ombros.

— Não sei. Mas é bom que ele tenha isso bem fixo na mente, antes da chegada do próximo filho, um que ele tenha certeza de que é dele.

Pensei na minha conversa com Brianna naquela manhã, mas achei melhor não dizer nada — ao menos, por enquanto. Afinal, era um

problema entre Roger e Bri. Apenas balancei a cabeça e virei-me para arrumar as coisas do chá.

Senti um pequeno calor na boca do estômago que era apenas parcialmente resultado do chá. Roger fizera um juramento de tomar Jemmy como seu próprio filho, independentemente de qual fosse a verdadeira paternidade do menino; Roger era um homem honrado e era sincero. Mas o coração fala mais alto do que as palavras de qualquer juramento dito apenas pelos lábios.

Quando eu voltei, grávida, através das pedras, Frank jurou para mim que me manteria como sua esposa, trataria a criança que eu esperava como seu próprio filho e me amaria como antes. Todas essas três promessas seus lábios e sua mente haviam feito o melhor possível para cumprir, mas seu coração, no final, mantivera apenas uma. Desde o instante em que ele tomou Brianna nos braços, ela era sua filha.

Mas, e se tivesse havido uma outra criança?, perguntei-me subitamente. Nunca fora uma possibilidade — mas, e se tivesse havido? Lentamente, enxuguei o bule de chá e envolvi-o numa toalha, contemplando a visão dessa criança mítica; a que eu e Frank poderíamos ter tido, mas nunca tivemos e jamais teríamos. Coloquei o bule enrolado no baú, delicadamente, como se fosse um bebê adormecido.

Quando me virei outra vez, Jamie ainda estava ali parado, olhando-me com uma expressão um pouco estranha — terna e, no entanto, um pouco pesarosa.

— Alguma vez eu já lhe agradeci, Sassenach? — ele disse, a voz um pouco rouca.

— Por quê? — perguntei, surpresa. Ele segurou minha mão e puxou-me delicadamente para si. Ele cheirava a cerveja e lã úmida e, muito levemente, ao adocicado do bolo de frutas ao conhaque.

— Pelos meus filhos — ele disse ternamente. — Pelos filhos que você me deu.

— Oh — eu disse. Inclinei-me ligeiramente para frente e descansei a testa contra o sólido calor de seu peito. Coloquei as mãos sobre a curva de suas nádegas, por baixo do seu casaco, e disse, com um suspiro: — Foi... um prazer.

— Sr. Fraser, sr. Fraser!

Virei a cabeça e vi um menino descendo aos trancos e barrancos a encosta íngreme atrás de nós, agitando os braços para manter o equilíbrio, o rosto vermelho do frio e do esforço.

— Ufa! — Jamie ergueu as mãos bem a tempo de amparar o garoto quando ele escorregou pelos últimos passos, totalmente fora de

controle. Ele levantou o garoto, que eu reconheci como o filho mais novo de Farquard Campbell, nos braços e sorriu para ele. — Sim, Rabbie, o que é? Seu pai quer que eu vá buscar o sr. MacLennan?

Rabbie sacudiu a cabeça, os cabelos despenteados esvoaçando como os pelos de um cão pastor.

— Não, senhor — disse, arquejante, tentando recuperar o fôlego. Engoliu uma grande quantidade de ar e a pequena garganta inflou como a de uma rã com o esforço para respirar e falar ao mesmo tempo. — Não, senhor. Meu pai disse que sabe onde o padre está e que eu deveria levá-lo lá, senhor. O senhor vem?

As sobrancelhas de Jamie ergueram-se numa surpresa momentânea. Ele olhou para mim, depois sorriu para Rabbie e assentiu, inclinando-se para colocá-lo em pé no chão.

— Vou, sim, rapaz. Me mostre o caminho, então!

— Bem sutil de Farquard — eu disse a Jamie em voz baixa, fazendo um sinal com a cabeça na direção de Rabbie, que saiu correndo na frente, olhando por cima do ombro de vez em quando para ter certeza de que estávamos conseguindo acompanhá-lo. Ninguém prestaria atenção a um menino, entre os enxames de crianças na montanha. Mas todos certamente teriam notado se o próprio Farquard Campbell tivesse vindo ou mandado um de seus filhos adultos.

Jamie soltou a respiração com força, a névoa de seu hálito, um filete de vapor no frio cada vez mais intenso.

— Bem, não é problema de Farquard, afinal, ainda que tenha muita consideração pela minha tia. E imagino que, se ele mandou o menino vir falar comigo, é porque ele conhece o responsável e não quer ter que escolher de que lado ele fica. — Olhou para o sol poente e lançou-me um olhar pesaroso.

— Eu disse que tinha que achar o padre Kenneth até o pôr do sol, mas ainda assim... acho que não vamos ver nenhum casamento esta noite, Sassenach.

Rabbie nos conduziu para frente e para cima, percorrendo o labirinto de trilhas e capim pisoteado sem hesitação. O sol finalmente irrompera entre as nuvens; já descera entre duas montanhas, mas ainda assim estava bem alto para derramar uma luz morna e vermelha pela encosta, camuflando momentaneamente o frio do dia. As pessoas se reuniam ao redor da fogueira de suas famílias agora, famintas à espera do jantar, e ninguém sequer olhou para nós na confusão.

Finalmente, Rabbie parou, ao pé de um caminho bem demarcado que levava para cima e para a direita. Eu havia cruzado a face da

montanha diversas vezes durante a semana da Assembleia, mas nunca me aventurara tão alto. Quem teria a custódia do padre Kenneth, eu me perguntei — e o que Jamie pretendia fazer a respeito?

— Lá em cima — Rabbie disse desnecessariamente, apontando para o pico de uma enorme barraca, apenas visível através de uma cortina de pinheiros.

Jamie emitiu um barulho escocês no fundo da garganta ao avistar a barraca.

— Oh — ele disse suavemente, — então é assim?

— E? Não importa como é; mas de quem é. — Olhei em dúvida para a tenda, que era uma grande estrutura de lona marrom encerada, pálida ao crepúsculo. Obviamente pertencia a alguém bastante rico, mas com o qual eu não estava familiarizada.

— Sr. Lillywhite, de Hillsborough — Jamie disse, abaixando as sobrancelhas pensativamente. Deu um tapinha na cabeça de Rabbie Campbell e deu-lhe uma moeda de um penny que tirou do seu sporran. — Obrigado, rapaz. Volte depressa para sua mãe agora, está na hora do jantar. — Rabbie pegou a moeda e desapareceu sem nenhum comentário, satisfeito por ter terminado sua missão.

— Oh, de fato. — Lancei um olhar cauteloso para a barraca. Aquilo explicava algumas coisas, pensei — embora não tudo. O sr. Lillywhite era um magistrado de Hillsborough, embora eu não soubesse mais nada a seu respeito, a não ser sua aparência. Eu o vira de longe uma ou duas vezes durante a Assembleia, um homem alto, meio curvado, distinguindo-se entre as demais pessoas por um casaco verde-garrafa com botões de prata, mas nunca fora formalmente apresentada a ele.

Os magistrados eram responsáveis pela nomeação de xerifes, o que explicava a conexão com o "homem gordo horrível" que Marsali descrevera e por que o padre Kenneth estava encarcerado ali, mas isso deixava em aberto a questão se teria partido do xerife ou do sr. Lillywhite a ideia de tirar o padre de circulação.

Jamie colocou a mão no meu braço e puxou-me para fora do caminho, para o abrigo de um pequeno pinheiro.

— Você não conhece o sr. Lillywhite, conhece, Sassenach?

— Só de vista. O que quer que eu faça?

Ele sorriu para mim, um brilho de malícia nos olhos, apesar de sua preocupação com o padre Kenneth.

— Está pronta?

— A menos que esteja propondo que eu golpeie o sr. Lillywhite na cabeça e liberte o padre Kenneth à força, eu acho que sim. Esse tipo de ação é muito mais a sua linha do que a minha.

Ele riu e lançou um olhar anelante para a tenda.

— Não há nada de que eu mais gostaria — ele disse, confirmando essa impressão. — Não seria nem um pouco difícil — ele continuou, examinando as laterais de lona da barraca com um olhar avaliador conforme elas se sacudiam ao vento. — Olhe só o tamanho da tenda; não pode haver mais do que dois ou três homens ali dentro, além do padre. Eu poderia esperar até anoitecer completamente, trazer um ou dois rapazes e...

— Sim, mas o que quer que eu faça agora? — interrompi, achando melhor colocar um ponto final no que parecia ser uma linha de raciocínio absolutamente criminosa.

— Ah. — Ele abandonou suas maquinações — por enquanto — e estreitou os olhos para mim, avaliando minha aparência. Eu tirara o avental de lona sujo de sangue que usei para as consultas, arrumara os cabelos e os prendera para cima com grampos e parecia razoavelmente respeitável, ainda que um pouco enlameada nas bainhas das saias.

— Não tem nenhum dos seus remédios ou instrumentos aí com você? — ele perguntou, franzindo a testa em dúvida. — Um frasco de laxante ou uma de suas faquinhas?

— Frasco de laxante, é o que faltava! Não, eu... oh, espere um momento. Sim, tenho isso aqui, serve? — Remexendo no bolso amarrado à minha cintura, encontrei a caixinha de marfim onde guardava minhas agulhas de acupuntura com pontas de ouro.

Evidentemente satisfeito, Jamie balançou a cabeça e retirou o frasco de uísque do seu sporran.

— Sim, serve — ele disse, entregando-me o frasco. — Mas pegue isso também, para dar mais impressão. Vá até a tenda, Sassenach, e diga a quem estiver montando guarda ao padre que ele está doente.

— O guarda?

— O padre — ele disse, dando-me um olhar de leve exasperação. — A essa altura, todo mundo já conhece você como curandeira e vão reconhecê-la logo. Diga que o padre Kenneth tem uma doença que você está tratando e que precisa de uma dose de seu remédio imediatamente, se não é capaz de passar mal e morrer ali mesmo. Acho que não vão querer isso e não terão medo de você.

— Não imagino que precisassem ter — concordei, um pouco causticamente. — Então não pretende espetar minhas agulhas no coração do xerife?

Ele riu diante da ideia, mas sacudiu a cabeça.

— Não, eu só quero que você descubra por que prenderam o padre

e o que pretendem fazer com ele. Se eu mesmo fosse lá e exigisse respostas, poderia colocá-los em alerta.

O que significava que ele não abandonara inteiramente a ideia de uma incursão na fortaleza do sr. Lillywhite mais tarde, caso as respostas se mostrassem insatisfatórias. Olhei para a tenda e respirei fundo, ajeitando o xale ao redor dos ombros.

— Está bem — eu disse. — E o que você pretende fazer enquanto eu estiver lá?

— Vou buscar as crianças — ele disse, e com um rápido aperto na minha mão para dar sorte, partiu ladeira abaixo.

Eu ainda estava me perguntando exatamente o que ele queria dizer com aquela declaração cifrada — Que "criança-"? Por quê? — quando entrei no campo de visão da aba aberta da tenda, mas todas as especulações foram afastadas da minha mente com o aparecimento de um cavalheiro que combinava tão exatamente com a descrição de Marsali de um "homem gordo horrível", que não tive a menor dúvida quanto à sua identidade. Ele era baixo e parecia um sapo, calvo, uma barriga que forçava os botões de um colete de linho manchado de comida e olhos pequenos, como duas contas, que me observavam como se eu fosse algo comestível.

— Bom-dia, senhora — ele disse. Olhou-me sem entusiasmo, sem dúvida me achando bem pouco apetitosa, mas inclinou a cabeça com respeito formal.

— Bom-dia — respondi alegremente, fazendo uma rápida mesura. Nunca é demais ser cortês, pelo menos, a princípio. — O senhor é o xerife, não é? Receio não ter tido o prazer de ser formalmente apresentada. Sou a sra. Fraser, sra. James Fraser, de Fraser's Ridge.

— David Anstruther, xerife de Orange. Seu criado, senhora — ele disse, inclinando-se outra vez, embora sem nenhuma evidência real de prazer. Também não mostrou nenhuma surpresa ao ouvir o nome de Jamie. Ou ele simplesmente não o conhecia — pouco provável — ou já estava esperando por um embaixador.

Assim sendo, não vi motivo para rodeios.

— Soube que está hospedando o padre Donahue — eu disse amavelmente. — Vim vê-lo, sou médica dele.

O que quer que ele estivesse esperando, não era isso. Ficou parcialmente boquiaberto, me revelando um caso grave de má oclusão, gengivite aguda e ausência de um pré-molar. Antes que pudesse fechar a boca, um cavalheiro alto, de casaco verde-garrafa, saiu da tenda por trás dele.

— Sra. Fraser? — ele disse, uma das sobranceiras erguida.

Inclinou-se cuidadosamente. — Está dizendo que quer falar com o clérigo preso?

— Preso? — Fingi grande surpresa diante da informação. — Um padre? Ora, o que ele pode ter feito?

O xerife e o magistrado entreolharam-se. Então o magistrado tossiu.

— Talvez não tenha conhecimento, minha senhora, de que é ilegal para qualquer um que não seja o clérigo da Igreja estabelecida, isto é, da Igreja Anglicana, exercer seu ministério na colônia da Carolina do Norte?

Eu não desconhecia o fato, embora também soubesse que a lei raramente era posta em prática, havendo relativamente poucos clérigos de qualquer tipo na colônia, para começar. Além disso, ninguém se dava ao trabalho de oficialmente prestar atenção a qualquer pregador itinerante — muitos deles autônomos, no sentido mais básico da palavra — que aparecesse uma vez ou outra.

— Santo Deus! — eu disse, fingindo surpresa e choque com o melhor da minha capacidade. — Não, eu não fazia a menor ideia. Meu Deus! Que estranho! — O sr. Lillywhite piscou ligeiramente, o que eu interpretei como uma indicação de que minha atuação, em termos de criar uma impressão convincente de choque, fora suficiente. Limpei a garganta e retirei o frasco de prata e o estojo de agulhas.

— Bem. Espero que quaisquer dificuldades logo sejam resolvidas. No entanto, eu gostaria muito de ver o padre Kenneth por um instante. Como eu disse, sou a médica dele. Ele tem uma... indisposição — deslizei um pouco a tampa do estojo e delicadamente exibi as agulhas, deixando-o imaginar algo devidamente virulento — que requer tratamento contínuo. Posso vê-lo por um instante, para lhe administrar o remédio? Eu... ah... não gostaria de ser surpreendida por nenhuma consequência danosa por negligência de minha parte, sabe? — Sorri, o mais sedutoramente possível.

O xerife enfiou o pescoço dentro da gola de seu casaco com um ar maligno de anfíbio, mas o sr. Lillywhite pareceu mais sugestionado pelo meu sorriso. Hesitou, avaliando-me de cima a baixo.

— Bem, não tenho certeza se... — começou a dizer, quando ouvi o som de passos esmagando as talhas molhadas no caminho atrás de mim. Virei-me, esperando ver Jamie, mas, em vez disso, contemplei meu recente paciente, sr. Goodwin, uma bochecha ainda inchada devido aos meus cuidados, mas com a tipóia intacta.

Ele ficou igualmente surpreso ao me ver, mas cumprimentou-me com grande cordialidade e uma nuvem de vapores alcoólicos. Evidentemente o sr. Goodwin andara seguindo à risca meu conselho

relativo à desinfecção da boca.

— Sra. Fraser! Não veio atender meu amigo Lillywhite, não é? No entanto, acho que o sr. Anstruther se beneficiaria de um bom purgativo, limpa os humores biliares, hein, David? Haha! — Bateu nas costas do xerife com afetuosa camaradagem; um gesto que Anstruther retribuiu com não mais do que uma leve careta, dando-me alguma ideia da importância do sr. Goodwin na hierarquia social do condado de Orange.

— George, meu caro — o sr. Lillywhite cumprimentou-o calorosamente. — Então conhece está encantadora senhora?

— Oh, sim, de fato, conheço! — O sr. Goodwin virou a expressão radiante para mim. — Ora, a sra. Fraser me prestou um grande serviço hoje de manhã, realmente um grande serviço! Veja só! — Exibiu o braço na tipóia, o qual, pude ver com satisfação, evidentemente não estava lhe causando nenhuma dor no momento, embora isso provavelmente tivesse mais a ver com a anestesia auto administrada do que com as minhas habilidades.

— Ela curou meu braço completamente, apenas com um toque aqui, outro ali. E arrancou um dente quebrado com tanta perícia, que eu praticamente não sinto mais nada! Olhe! — Enfiou o dedo no lado da boca e puxou a bochecha para trás, expondo um tufo de estopa manchada de sangue projetando-se da cavidade do dente e uma linha perfeita de pontos pretos de sutura em sua gengiva.

— Realmente estou muito impressionado, sra. Fraser. — Lillywhite sentiu o bafo de uísque e cravos-da-índia da boca do sr. Goodwin, parecendo interessado, e eu vi o inchaço em sua própria bochecha quando sua própria língua explorou delicadamente um dente molar.

— Mas o que a traz aqui em cima, sra. Fraser? — O sr. Goodwin virou o facho de sua jovialidade para mim. — Tão tarde do dia... talvez me dê a honra de comer alguma coisa comigo em minha fogueira?

— Oh, obrigada, mas não posso, realmente — eu disse, sorrindo o mais encantadoramente possível. — Vim apenas ver outro paciente... isto é...

— Ela quer ver o padre — Anstruther interrompeu. Goodwin piscou, ligeiramente desconcertado.

— Padre. Tem um padre aqui?

— Um papista — o sr. Lillywhite acrescentou, contraindo ligeiramente os lábios diante de uma palavra tão imunda. — Percebi que havia um padre católico escondido na Assembleia, que propusera celebrar uma missa durante as festividades desta noite. Mandeí o sr.

Anstruther prendê-lo, é claro.

— O padre Donahue é um amigo meu — eu disse, com toda firmeza possível. — E ele não estava escondido; ele foi abertamente convidado, como hóspede da sra. Cameron. Ele é também meu paciente e precisa de tratamento. Vim ministrar-lhe esse tratamento.

— Amigo seu? A senhora é católica, sra. Fraser? — O sr. Goodwin pareceu estupefato; obviamente não lhe ocorreu que estava sendo tratado por uma dentista papista e ele levou a mão à bochecha inchada, aturdido.

— Sou — eu disse, esperando que o simples fato de ser católica não fosse também contra a concepção que o sr. Lillywhite tinha da lei.

Evidentemente não. O sr. Goodwin deu uma leve cutucada no sr. Lillywhite.

— Oh, vamos, Randall. Deixe a sra. Fraser ver o sujeito, que mal pode fazer? E, se ele realmente for hóspede de Jocasta Cameron...

O sr. Lillywhite contraiu os lábios pensativamente por um instante, depois afastou-se para o lado, segurando a aba da entrada da tenda para mim.

— Imagino que não haja nenhum mal em ver seu... amigo — ele disse devagar. — Entre, então, senhora.

O pôr do sol se avizinhava e o interior da tenda estava às escuras, embora uma das paredes de lona ainda brilhasse com o sol poente por trás. Fechei os olhos por um instante, para acostumá-los à mudança de luz, depois pisquei e olhei ao redor para me situar.

A tenda parecia apinhada, mas relativamente luxuosa, equipada com uma cama de campanha e outras mobílias, o ar cheirando não só a lona e lã molhadas, mas perfumada com chá do Ceilão, vinhos caros e biscoitos de amêndoas.

O padre Donahue estava recortado em silhueta em frente à lona iluminada, sentado em um banco atrás de uma mesa portátil, sobre a qual estavam espalhadas algumas folhas de papel, um tinteiro e uma pena de escrever. Podiam perfeitamente ser alicates, pinças e ferro em brasa, a julgar por sua atitude ereta e combativa, de quem está pronto para o martírio.

Ouviu-se o estalido de pederneira e de caixa de pavios atrás de mim e logo a fraca claridade de uma luz. Esta aumentou e um menino negro criado do sr. Lillywhite, imaginei — adiantou-se e silenciosamente colocou um lampião a óleo sobre a mesa.

Agora que eu podia ver o padre com clareza, a impressão de mártir tornou-se ainda mais pronunciada. Ele parecia são Estêvão após a primeira saraivada de pedras, com um machucado no queixo e um

olho roxo, enegrecido da sobrelanceira até a maçã do rosto e inchado a ponto de ficar completamente fechado.

O olho aberto arregalou-se ao me ver e ele sobressaltou-se com uma exclamação de surpresa.

— Padre Kenneth. — Segurei sua mão e a apertei, sorrindo amplamente para o benefício de qualquer plateia que estivesse espreitando pela aba da tenda. — Trouxe o seu remédio. Como está se sentindo? — Ergui e mexi as sobrelanceiras, sinalizando que ele deveria cooperar com o faz de conta. Fitou-me fascinado por um instante, mas depois pareceu compreender. Tossiu e, em seguida, encorajado pelo meu sinal com a cabeça, tossiu outra vez, com mais entusiasmo.

— É... muita gentileza sua... pensar em mim, sra. Fraser — disse ofegante, entre um e outro acesso de tosse seca.

Tirei a tampa do frasco e servi uma generosa dose de uísque.

— O senhor está bem, padre? — perguntei, em voz baixa, enquanto me inclinava sobre a mesa para lhe dar a bebida. — Seu rosto...

— Oh, não é nada, cara sra. Fraser, nada mesmo — assegurou-me, o leve sotaque irlandês vindo à tona sob o estresse da ocasião. — O único problema é que eu cometi o erro de resistir quando o xerife me prendeu. Na confusão, eu causei um pequeno dano às bolas do pobre homem, que só estava cumprindo seu dever, que Deus me perdoe. — O padre Kenneth revirou o olho são para cima com uma expressão piedosa — inteiramente estragada pelo riso pecaminoso nos lábios.

O padre Kenneth era de estatura mediana e parecia mais velho do que era, devido à exposição ao tempo imposta pelos longos períodos passados na sela de um cavalo. Ainda assim, não teria mais do que trinta e cinco anos, era magro e vigoroso como corda de chicote sob seu casaco preto surrado e a camisa de linho puído. Comecei a entender a beligerância do xerife.

— Além do mais — acrescentou, tocando delicadamente o olho roxo, — o sr. Lillywhite realmente me agradeceu com um generoso pedido de desculpas pelos danos. — Balançou a cabeça na direção da mesa e eu vi que havia uma garrafa de vinho aberta e uma caneca de estanho entre os materiais de escrita — a caneca ainda cheia e o nível de vinho na garrafa ainda bem alto.

O padre pegou o uísque que eu servira e tomou-o de uma só vez, fechando os olhos em estado de graça.

— Acho que nunca mais vou tomar um remédio tão bom — ele disse, abrindo os olhos. — Muito obrigado, sra. Fraser. Sinto-me tão recuperado, que poderia até andar sobre as águas. — Lembrou-se de tossir, desta vez uma tosse seca delicada, o punho diante da boca.

— O que há de errado com o vinho? — perguntei, com um olhar na direção da porta.

— Ah, nada — ele disse, afastando a mão. — Apenas eu não achei certo aceitar a bebida do magistrado, nas circunstâncias atuais. Chame a isso de consciência. — Sorriu novamente para mim, mas desta vez com um tom de amargura.

— Por que eles o prenderam? — perguntei, a voz baixa. Olhei novamente para a porta da tenda, mas estava vazia e pude ouvir o murmúrio de vozes do lado de fora. Evidentemente Jamie tinha razão; eles não suspeitavam de mim.

— Por rezar a Santa Missa — ele retrucou, abaixando a voz como eu. — Ou assim disseram. Mas é uma terrível mentira. Não rezo missa desde o domingo passado e isso foi na Virgínia. — Ele olhava cobiçosamente para o frasco. Peguei-o e servi uma nova e generosa dose.

Franzi um pouco o cenho, pensando, enquanto ele bebia o uísque, mais devagar desta vez. O que o sr. Lillywhite e companhia estariam tramando? Não podiam, é claro, levar o padre a julgamento sob a acusação de rezar a missa. Não haveria nenhuma dificuldade em encontrar falsas testemunhas para dizer que ele havia rezado a missa, é claro — mas qual seria o objetivo disso?

Embora o catolicismo certamente não fosse popular na Carolina do Norte, eu não podia ver muito sentido em prender um padre que, de qualquer forma, já estaria indo embora ao amanhecer. Padre Kenneth era de Baltimore e pretendia voltar para lá; ele viera à Assembleia apenas como um favor a Jocasta Cameron.

— Oh! — exclamei, e o padre Kenneth olhou para mim com um ar de interrogação por cima da borda de sua caneca.

— Só uma ideia — eu disse, gesticulando para lhe dizer que continuasse bebendo. — Por acaso sabe se o sr. Lillywhite conhece pessoalmente a sra. Cameron? — Jocasta Cameron era uma mulher rica e importante — e uma mulher de personalidade forte, logo devia ter seus inimigos. No entanto, eu não conseguia ver por que o sr. Lillywhite iria se esforçar tanto para incomodá-la de modo tão peculiar, mas...

— Eu conheço a sra. Cameron — disse o sr. Lillywhite, falando atrás de mim. — Embora não tenha nenhuma amizade com essa senhora. — Virei-me abruptamente e me deparei com ele parado bem na entrada da barraca, seguido do xerife Anstruther e pelo sr. Goodwin, com Jamie no final da fila.

Este último ergueu uma sobrancelha para mim, mas, fora isso, manteve uma expressão de solene interesse.

O sr. Lillywhite fez uma reverência para mim.

— Eu estava explicando a seu marido, senhora, que foi a consideração que tenho pelos interesses da sra. Cameron que me levou a tentar regularizar a situação do sr. Donahue, de modo a permitir a continuidade de sua presença na colônia. — O sr. Lillywhite balançou a cabeça friamente para o padre. — No entanto, receio que minha sugestão tenha sido sumariamente rejeitada.

O padre Kenneth colocou sua caneca sobre a mesa e empertigou-se, o olho em bom estado brilhante à luz do lampião.

— Querem que eu assine um juramento, senhor — ele disse a Jamie, indicando com um gesto o papel e a pena na mesa, à sua frente. — Declarando que eu não sou adepto da crença na transubstanciação.

— É mesmo? — A voz de Jamie não deixava transparecer mais do que um interesse educado, mas eu compreendi imediatamente o que o padre quis dizer com sua observação relativa à consciência.

— Bem, ele não pode fazer isso, não é? — eu disse, olhando ao redor do círculo de homens. — Os católicos — quero dizer, nós — falei com certa ênfase, olhando para o sr. Goodwin — realmente acreditamos na transubstanciação. Não é? — perguntei, virando-me para o padre, que sorriu ligeiramente em resposta e balançou a cabeça.

O sr. Goodwin pareceu infeliz, mas resignado, sua jovialidade alcoólica substancialmente reduzida pela contrariedade social.

— Desculpe-me, sra. Fraser, mas esta é a lei. A única forma de um clérigo que não pertença à Igreja oficial poder permanecer na colônia — legalmente — é mediante a assinatura de tal juramento. Muitos o assinam. Conhece o reverendo Urmstone, o metodista itinerante? Ele assinou o juramento, assim como o sr. Calvert, o ministro da Nova Luz que vive perto de Wadesboro.

O xerife mantinha o ar presunçoso. Contendo a ânsia de dar uma pisada no seu pé, virei-me para o sr. Lillywhite.

— Bem, mas o padre Donahue não pode assiná-lo. Então o que pretende fazer com ele? Atirar o pobre homem numa cela? Não pode fazer isso, ele está doente! — Com essa deixa, o padre Kenneth tossiu apropriadamente.

O sr. Lillywhite olhou-me com ar de dúvida, mas preferiu se dirigir a Jamie.

— Eu poderia, por direito, prender o padre, mas, por consideração ao sr. Fraser e sua tia, eu não o farei. No entanto, ele tem que deixar a colônia amanhã. Mandarei escoltá-lo até a Virgínia, onde será

libertado da custódia. Pode ficar descansado, que todo cuidado será tomado para garantir seu bem-estar na viagem. — Virou um olhar frio e cinza para o xerife, que se empertigou e tentou parecer confiável, com resultados medíocres.

— Sei. — Jamie falou calmamente, olhando de um homem para o outro, os olhos finalmente pousando no xerife. — Confio em que seja verdade, senhor... pois, se eu vier a saber de qualquer mal causado ao bom padre, ficarei... muito aborrecido.

O xerife encarou seu olhar, o rosto impassível, e não o desviou até que o sr. Lillywhite limpou a garganta, franzindo o cenho para o xerife.

— Tem a minha palavra, sr. Fraser.

Jamie voltou-se para ele, inclinando-se ligeiramente.

— Fico satisfeito, senhor. E, no entanto, se posso me permitir, o padre não poderia passar a noite confortavelmente entre amigos, para que possam se despedir dele? E que minha mulher possa cuidar de seus ferimentos? Eu posso lhe afiançar que ele lhe será entregue em perfeito estado amanhã de manhã.

O sr. Lillywhite contraiu os lábios e pareceu estar considerando a sugestão, mas o magistrado era um mau ator. Percebi, com certo interesse, que ele previra esse pedido e já tomara a decisão de negá-lo.

— Não, senhor — ele disse, tentando um tom de relutância. — Lamento não poder atender a seu pedido. Mas, se o padre quiser escrever cartas aos seus conhecidos — gesticulou, indicando um maço de papéis, — farei com que sejam prontamente entregues.

Jamie limpou a própria garganta e endireitou-se um pouco.

— Bem, então — ele disse. — Imagino se eu poderia ter a ousadia de pedir... — Parou, parecendo ligeiramente embaraçado.

— Sim, senhor? — Lillywhite olhou para ele com curiosidade.

— Eu imagino se o bom padre poderia ouvir minha confissão. — Os olhos de Jamie estavam fixos no pau central da barraca, diligentemente evitando os meus.

— Sua confissão?

Lillywhite pareceu perplexo, embora o xerife tenha feito um barulho que poderia ser considerado, com muito boa vontade, um riso de desdém.

— Tem alguma coisa incomodando a sua consciência? — Anstruther perguntou arrogantemente. — Ou talvez tenha alguma premonição de morte iminente, hein? — Deu um sorriso maligno, e o sr. Goodwin, parecendo chocado, resmungou alguma coisa em

protesto para ele. Jamie ignorou ambos, focalizando seu olhar no sr. Lillywhite.

— Sim, senhor. Já faz algum tempo desde a última vez em que eu tive a oportunidade de ser absolvido, sabe, e pode ser que venha a demorar muito até que tal chance ocorra outra vez. Assim sendo... — Neste ponto, nossos olhos se encontraram e ele fez um leve, mas enfático movimento com a cabeça na direção da porta da tenda. — Poderiam nos dar licença por um instante, senhores?

Sem esperar resposta, ele agarrou-me pelo cotovelo e empurrou-me rapidamente para fora.

— Brianna e Marsali estão subindo a trilha com as crianças — ele sussurrou no meu ouvido, assim que saímos da tenda. — Certifique-se de que Lillywhite e seu maldito xerife já estejam bem distantes e traga-as para dentro.

Deixando-me ali parada no caminho, atônita, ele agachou-se e entrou de novo na tenda.

— Queiram me desculpar, cavalheiros — eu o ouvi dizer. — Achei que talvez... Há certas coisas que um homem não gostaria de dizer diante de sua mulher... Compreendem?

Ouviram-se murmúrios masculinos de compreensão e eu captei a palavra "confissão" repetida em tons duvidosos pelo sr. Lillywhite. Jamie abaixou a voz a um murmúrio confidencial em resposta, interrompido por um sonoro "Você o quê?" do xerife e um peremptório "shhh" do sr. Goodwin.

Houve uma conversa confusa, depois uma movimentação arrastada e eu mal consegui sair do caminho e entrar no abrigo dos pinheiros antes que a aba da porta da tenda se levantasse e os três protestantes emergissem da barraca. O dia praticamente já se fora, deixando no céu brasas de nuvens iluminadas pelo sol poente, mas, perto como os cavalheiros estavam, havia luz suficiente para eu ver o vago ar de embaraço que os acometia.

Desceram alguns passos pelo caminho, parando a não mais do que alguns metros do meu próprio esconderijo. Pararam, reunidos para confabular, olhando para trás para a tenda, da qual agora eu podia ouvir a voz do padre Kenneth, erguida numa bênção formal em latim. O lampião dentro da tenda se apagou e as figuras de Jamie e do padre, sombras turvas na lona, desapareceram em uma escuridão de confessionário.

A forma volumosa de Anstruther aproximou-se ainda mais do sr. Goodwin.

— O que quer dizer essa droga de transubstanciação? — ele

murmurou. Eu vi os ombros do sr. Goodwin se endireitarem conforme ele se empertigava, depois se contraírem na direção das orelhas, num gesto de incerteza.

— Com toda franqueza, senhor, não tenho absoluta certeza do significado do termo — ele disse, um pouco enfaticamente, — embora eu entenda como alguma forma de perniciosa doutrina papista. Talvez o sr. Lillywhite possa lhe dar uma definição mais completa. Randall?

— De fato — disse o magistrado. — É a ideia de que, através de algumas palavras especiais que o padre diz quando está rezando uma missa, pão e vinho são transformados na verdadeira substância do corpo e do sangue de Nosso Salvador.

— O quê? — Anstruther pareceu confuso. — Como alguém pode fazer isso?

— Transformar pão e vinho em carne e sangue? — O sr. Goodwin pareceu desconcertado. — Mas isso é bruxaria, sem dúvida!

— Bem, seria, se acontecesse — disse o sr. Lillywhite, soando um pouco mais humano. — A Igreja com razão garante que isso não acontece.

— Temos certeza disso? — Anstruther falou, com ar de suspeita. — Já os viu fazer isso?

— Se eu assisti a uma missa católica? Claro que não! — A figura alta de Lillywhite ergueu-se ainda mais austera no crepúsculo cada vez mais escuro. — Por quem me julga, senhor?

— Ora, vamos, Randall, tenho certeza de que o xerife não quis ofender. — Goodwin colocou a mão de forma apaziguadora no braço do amigo. — Seu ofício lida com questões mais terrenas, afinal de contas.

— Não, não, não tive nenhuma intenção de ofender, absolutamente — Anstruther apressou-se a dizer. — Eu falava de modo mais amplo, se alguém teria presenciado esse tipo de atividade, para poder ser uma testemunha confiável, a fim de que os padres pudessem ser processados, foi o que eu quis dizer.

O sr. Lillywhite parecia ainda se sentir um pouco ofendido; sua voz era fria ao responder.

— Basicamente não é necessário ter testemunhas para a heresia, xerife, já que os próprios padres estão dispostos a admiti-la.

— Não, não. Claro que não. — Obsequiosamente, a figura atarracada do xerife pareceu achatar-se ainda mais. — Mas, se estou certo, senhor, os papistas realmente...hã... compactuam com esta... esta transubstância-sei-quê, não é?

— Sim, assim eu soube.

— Muito bem, então. Isso é um maldito canibalismo, não é? — O volume de Anstruther estufou-se outra vez, entusiasmado. Isso eu sei que é contra a lei! Por que não deixar este vagabundo fazer a sua encenação e nós prendermos o bando todo, hein? Já trancafiava todo mundo num golpe só, eu diria.

O sr. Goodwin emitiu um gemido baixo. Ele parecia estar massageando o rosto, sem dúvida para aplacar uma dor recorrente no local da operação. O sr. Lillywhite soltou o ar ruidosamente pelas narinas.

— Não — disse, sem se alterar. — Receio que não, xerife. Minhas instruções são de que o padre não possa realizar nenhuma cerimônia e não deve receber visitas.

— Ah, é? E o que ele está fazendo agora? — Anstruther perguntou, gesticulando na direção da tenda escura, onde Jamie começava a falar, a voz hesitante e quase inaudível. Achei que talvez ele estivesse falando em latim.

— Isso é totalmente diferente — Lillywhite disse, impaciente. — O sr. Fraser é um cavalheiro. E a proibição contra visitantes é para assegurar que o padre não realize nenhum casamento secreto; dificilmente esta seria uma preocupação neste caso.

— Perdoe-me, padre, pois eu pequei. — A voz de Jamie falou em inglês, repentinamente mais alta, e o sr. Lillywhite sobressaltou-se. O padre Kenneth murmurou uma pergunta.

— Sou culpado dos pecados da luxúria e da impureza, tanto em pensamento quanto na carne — Jamie anunciou, com um pouco mais de volume do que eu achei que seria discreto.

— Ah, certamente — disse o padre Kenneth, repentinamente falando mais alto também. Ele parecia interessado. — Bem, esses pecados de impureza, que forma exatamente eles assumiram, meu filho, e em quantas ocasiões?

— Sim, bem... Tenho olhado para as mulheres com desejo, para começar. Quantas ocasiões... oh, umas cem vezes, pelo menos, desde a minha última confissão. Precisa saber quais mulheres, padre, ou apenas o que eu pensei em fazer com elas?

O sr. Lillywhite retesou-se pronunciadamente.

— Acho que não teremos tempo para tudo isso, meu caro Jamie — disse o padre. — Mas, se você me falar de uma ou duas dessas ocasiões, só para eu poder formar uma ideia da... hã... gravidade da ofensa...?

— Oh, sim. Bem, a pior provavelmente foi aquela vez com a batedeira de manteiga.

— Batedeira de manteiga? Ah... aquele tipo com o cabo batendo para cima? — O tom de voz do padre incluiu uma triste compaixão pelas possibilidades libertinas sugeridas por isso.

— Oh, não, padre; era uma batedeira de barril. Aquele tipo que fica de lado, sabe, com um pequeno cabo para fazer girar? Bem, é que ela estava batendo a manteiga com grande vigor e os cadarços de seu corpete desfeitos, de modo que seus seios balançavam de um lado para o outro, e o tecido grudado na pele com o suor do seu trabalho. Agora, a batedeira era da altura certa... e curva, sabe?... o que me fez pensar em deitá-la sobre ela, levantar suas saias e...

Minha boca abriu-se involuntariamente, chocada. Era o meu corpete que ele estava descrevendo, meus seios e minha batedeira de manteiga! Para não dizer nada das minhas saias. Eu me lembrava muito bem dessa ocasião e, se começara com um pensamento impuro, certamente não parara por aí.

Um barulho farfalhante e o murmúrio de vozes atraíram minha atenção de volta para os homens na trilha. O sr. Lillywhite agarrara o xerife — ainda se inclinando avidamente na direção da tenda, as orelhas em pé — pelo braço e sussurrava alguma coisa para ele enquanto o forçava apressadamente pelo caminho abaixo. O sr. Goodwin os seguiu, embora com um ar de relutância.

O barulho da partida dos três homens infelizmente abafara o resto da descrição de Jamie daquela ocasião de pecado em particular, mas felizmente também encobriu o ruído de folhas e estalos de galhinhos quebrados atrás de mim que anunciavam o aparecimento de Brianna e Marsali, Jemmy e Joan nos braços e Germain agarrado como um macaco nas costas da mãe.

— Pensei que eles nunca iriam embora — Brianna sussurrou, espreitando por cima do meu ombro na direção do local onde o sr. Lillywhite e seus companheiros haviam desaparecido. — O caminho está livre?

— Sim, venham. — Peguei Germain, que de bom grado se lançou nos meus braços.

— Oúi nous allées, grand-mère? — ele perguntou com voz sonolenta, a cabeça loura aconchegando-se afetuosamente no meu pescoço.

— Shh. Ver grandpère e padre Kenneth — sussurrei para ele. — Mas temos que ficar bem quietos.

— Oh. Assim? — ele sibilou, num sussurro alto, e começou a cantar uma canção francesa muito vulgar, cantarolando baixinho.

— Shh! — Tampei a sua boca com a mão, úmida e pegajosa com o

que quer que ele tivesse comido. — Não cante, querido, não queremos acordar os bebês.

Ouvi um ruído, pequeno e contido, de Marsali, uma arfada estrangulada de Bri, e percebi que Jamie ainda estava se confessando. Ele parecia ter acertado o passo e agora inventava livremente — ou ao menos assim eu esperava. Ele certamente não andara fazendo tudo aquilo comigo.

Botei a cabeça para fora, olhando para baixo e para cima da trilha, mas não havia ninguém por perto. Fiz sinal para as meninas e, atravessando correndo o caminho, entramos na tenda escura.

Jamie parou abruptamente quando começamos a tatear nosso caminho dentro da barraca. Então eu o ouvi dizer depressa:

— E os pecados de raiva, orgulho e ciúme... oh, e um pouquinho de mentira também, padre. Amém.

Ajoelhou-se, recitou apressadamente o Ato de Contrição em francês e já estava de pé outra vez e pegando Germain do meu colo antes que o padre Kenneth tivesse terminado de dizer "Ego te absolvo".

Meus olhos estavam se adaptando ao escuro; eu podia divisar as formas volumosas das meninas e a figura alta de Jamie. Ele colocou Germain na mesa diante do padre, dizendo:

— Depressa, então, padre. Não temos muito tempo.

— Também não temos nenhuma água — o padre observou. — A menos que as senhoras tenham lembrado de trazer um pouco? — Ele havia apanhado a pederneira e a caixa de pavios e tentava reacender o lampião.

Bri e Marsali trocaram olhares perplexos, depois sacudiram a cabeça ao mesmo tempo.

— Não se preocupe, padre. — Jamie falou de maneira tranquilizadora e eu o vi pegar algo em cima da mesa. Ouviu-se o breve rangido de uma cortiça sendo retirada e o cheiro doce e quente de uísque de qualidade encheu a tenda, conforme a luz ficava mais forte e no pavio, a chama bruxuleante estabilizando-se numa luz pequena e clara.

— Nas atuais circunstâncias... — Jamie disse, entregando o frasco aberto para o padre.

O padre Kenneth comprimiu os lábios, embora eu achasse que mais para conter o riso do que por irritação.

— Nas circunstâncias, sim — ele repetiu. — E o que seria mais apropriado do que a água da vida, afinal? — Ele levantou as mãos, desatou o lenço do pescoço e puxou uma tira de couro amarrada como um cordão, do qual pendurava-se uma cruz de madeira e uma

garrafinha de água, tampada com uma rolha de cortiça.

— O crisma sagrado — ele explicou, abrindo a garrafinha e colocando-a na mesa. — Agradeçam à Virgem Maria por eu ter isso comigo. O xerife apreendeu a caixa com minhas coisas da missa. — Ele fez um rápido inventário dos objetos na mesa, contando-os nos dedos — Fogo, crisma, água — ou quase — e uma criança. Muito bem, então. Você e seu marido serão os padrinhos desta criança, imagino, não é, senhora?

Ele se dirigiu a mim, Jamie tendo saído para montar guarda junto à aba de entrada da tenda.

— De todas elas, padre — eu disse, segurando Germain com firmeza, que já parecia disposto a pular da mesa. — Fique quieto, querido, só por um instante.

Ouvi um som sibilante atrás de mim; metal retirado de couro oleado. Olhei para trás e vi Jamie, indistinto nas sombras, montando guarda junto à porta com sua adaga na mão. Uma náusea de apreensão fez meu estômago se contorcer e ouvi Bri prender a respiração ao meu lado.

— Jamie, meu filho — disse padre Kenneth, num tom de leve reprovação.

— Dê prosseguimento, por favor, padre — Jamie retrucou, com muita calma. — Pretendo ver meus netos batizados esta noite e ninguém vai impedir isso.

O padre respirou fundo, o ar sibilando um pouco, depois sacudiu a cabeça.

— Sim. E se você matar alguém, espero que haja tempo para eu absolvê-lo outra vez antes que nos enforcuem a ambos — ele murmurou, estendendo a mão para o óleo. — Se tiver que escolher, escolha o xerife, sim, meu caro?

Mudando rapidamente para o latim, ele puxou para trás o emaranhado de cabelos louros de Germain e seu dedo chicoteou" agilmente sobre sua testa, lábios e depois — enfiando a mão por baixo da bata do garoto num gesto que fez Germain dobrar-se em risadinhas — coração, no sinal da cruz.

— Em-nome-desta-criança-você-renuncia-ao-diabo-e-todas-as-suas-obras? — ele perguntou, falando tão rápido que eu mal percebi que ele falava em inglês outra vez e mal consegui acompanhar Jamie na resposta dos padrinhos, recitando obedientemente:

— Sim, eu renuncio.

Eu estava nervosa, um dos ouvidos atento a qualquer ruído que pudesse anunciar o retorno do sr. Lillywhite e do xerife, já

visualizando o tipo de confusão que ocorreria se realmente chegassem ali e descobrissem o padre Kenneth no meio do que certamente seria considerada uma cerimônia ilícita.

Olhei de novo para Jamie; ele olhava para mim e me deu um leve sorriso, que provavelmente, pensei, pretendia ser tranquilizador. Se assim fosse, fracassara inteiramente; eu o conhecia muito bem. Ele queria seus netos batizados e iria providenciar para que suas almas fossem colocadas em segurança nas mãos de Deus, ainda que tivesse que morrer por isso — ou que todos nós fôssemos presos, Brianna, Marsali e as crianças incluídas. É desse estofo que os mártires são feitos, e suas famílias são obrigadas a aturar.

— Crê-em-um-único-Deus-o-Pai-o-Filho-e-o— Espírito-Santo?

— Sujeito teimoso — balbuciei para ele. Seu sorriso ampliou-se e eu me virei rapidamente outra vez, apressadamente fazendo coro com seu firme "Creio". Seria aquilo uma passada no caminho lá fora ou apenas o vento da noite, fazendo os galhos das árvores estalarem ao passar?

As perguntas e respostas cessaram e o padre riu para mim, parecendo uma gárgula à luz bruxuleante do lampião.

— Vamos presumir que suas respostas serão as mesmas para as outras crianças, não é, senhora? E qual será o nome de batismo desta doce criatura?

Sem interromper seu ritmo, o padre pegou o frasco de uísque e despejou um cuidadoso filete da bebida na cabeça de Germain, repetindo:

— Eu o batizo, Germain Alexander Claudel Mackenzie Fraser, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

Germain observou toda essa operação com profundo interesse, os olhos redondos e azuis ficando vesgos conforme o líquido âmbar escorria pelo pequeno cavalete de seu nariz e pingava da pontinha arredondada. Ele estendeu a língua para pegar as gotas, depois fez uma careta por causa do gosto.

— Ugh! — disse claramente. — Xixi de cavalo.

Marsali fez um rápido e chocado "Shh!" para ele, mas o padre apenas riu sorratamente, tirou Germain da mesa e fez sinal para Bri se aproximar.

Ela segurou Jemmy acima da mesa, embalado em seus braços como num ritual de sacrifício. Ela olhava atentamente o rosto do bebê, mas vi sua cabeça virar-se ligeiramente, a atenção atraída para alguma coisa lá fora.

Havia sons mais abaixo no caminho; eu podia ouvir vozes. Um

grupo de homens, pensei, conversando, vozes alegres, mas não de bêbados.

Retesei-me, tentando não olhar para Jamie. Se eles entrassem, resolvi, era melhor eu segurar Germain, correr para o fundo da barraca, passar por baixo da lona e fugir. Preparei-me, segurando-o pela gola de sua roupa, por precaução. Então, senti uma cotovelada suave quando Bri se apoiou em mim.

— Tudo bem, mamãe — ela sussurrou. — São Roger e Fergus. — Ela balançou a cabeça na direção da escuridão, depois retornou sua atenção a Jemmy.

Eram eles, de fato, e a pele de minhas têmporas comichou de alívio. Agora que sabia, podia identificar o som ligeiramente anasalado, altivo, da voz de Fergus, erguida numa longa oração de algum tipo, e um rumor baixo, escocês, que devia ser de Roger. Um riso reprimido, agudo, que reconheci como sendo do sr. Goodwin flutuou pela noite, seguido de alguma observação na voz arrastada e aristocrática do sr. Lillywhite.

Desta vez, eu realmente olhei para Jamie. Ele ainda segurava a adaga, mas sua mão caíra ao lado do corpo e seus ombros haviam perdido um pouco da tensão. Ele sorriu para mim novamente, e desta vez eu retribuí.

Jemmy estava acordado, mas sonolento. Não fez nenhuma objeção ao óleo, mas assustou-se com o toque frio do uísque em sua testa, os olhos arregalando-se e os braços se debatendo. Emitiu um gritinho agudo de protesto, então, enquanto Bri se apressava a enrolá-lo em seu cobertor e colocá-lo no ombro; crispou o rosto e tentou decidir se estava suficientemente perturbado para começar a chorar.

Bri deu uns tapinhas em suas costas como se ele fosse um bongô, enquanto fazia uns barulhinhos reconfortantes em seu ouvido, distraindo-o. Ele contentou-se em fechar a boca com o polegar e olhou fixamente, com desconfiança, para a congregação, mas a essa altura, padre Kenneth já estava despejando uísque na adormecida Joan, que Marsali segurava à sua frente para o padre.

— Eu a batizo, Joan Laoghaire Claire Fraser — ele disse, seguindo a orientação de Marsali, e eu olhei para Marsali, espantada. Eu sabia que ela se chamava Joan por causa de sua irmã mais nova, mas eu não sabia quais seriam os outros nomes do bebê. Senti um nó na garganta, observando a cabeça de Marsali, coberta pelo xale, inclinada sobre a criança. Tanto sua irmã quanto sua mãe, Laoghaire, estavam na Escócia; as chances de qualquer das duas um dia ver aquela minúscula criatura que tinha seus nomes eram praticamente nulas.

De repente, os olhos puxados de Joan arregalaram-se, assim como

sua boca. Ela soltou um berro agudo e todos se sobressaltaram, como se uma bomba tivesse explodido entre nós.

— Vão em paz, para servir a Deus! E vão rápido! — o padre Kenneth disse, os dedos já agilmente fechando a garrafinha e o frasco, freneticamente fazendo desaparecer todos os vestígios da cerimônia. Mais abaixo na trilha, eu podia ouvir vozes erguidas num misto de surpresa e indagação.

Marsali passou pela aba da entrada da tenda como um raio, Joan, berrando, contra o peito, Germain protestando, agarrado pela mão. Bri parou o suficiente para colocar a mão atrás da cabeça do padre Kenneth e beijá-lo na testa.

— Obrigada, padre — ela sussurrou e desapareceu num alvoroço de saias e anáguas.

Jamie segurava-me pelo braço e me conduzia apressadamente para fora da tenda também, mas parou por meio segundo na entrada, virando-se para trás.

— Padre? — chamou, num sussurro. — Pax vobiscum!

Padre Kenneth já se sentara por trás da mesa, as mãos entrelaçadas, as acusadoras folhas de papel em branco espalhadas à sua frente. Ergueu os olhos, sorrindo ligeiramente, e seu rosto estava perfeitamente em paz à luz do lampião, apesar do olho roxo e tudo o mais.

— Et cum spiritu tuo — ele respondeu, erguendo os três dedos numa bênção.

— Por que razão, Santo Deus, você fez aquilo? — O sussurro de Brianna flutuou até mim, carregado de contrariedade. Ela e Marsali estavam apenas alguns passos à nossa frente, indo devagar por causa das crianças, mas, apesar de estarem próximas como estavam, quase não se podiam distinguir as figuras volumosas, envoltas em xales, dos arbustos e moitas que tomavam conta do caminho.

— Fiz o quê? Largue isso, Germain. Vamos procurar o papai, sim? Não, não coloque isso na boca!

— Você beliscou Joanie, eu vi! Você podia ter causado a prisão de todos nós!

— Mas eu tinha que fazer isso! — Marsali soou surpresa com a acusação. — E não teria importado, de qualquer modo; o batizado já estava feito a essa altura. Não poderiam fazer o padre Kenneth desfazê-lo, não é? — Deu uma risadinha contida diante da ideia, depois irrompeu novamente: — Germain, já disse para soltar isso!

— Como assim você tinha que fazê-lo? Solte, Jemmy, solte meu cabelo! Ai! Solte, já disse!

Jemmy evidentemente agora estava completamente acordado, interessado no novo ambiente e querendo explorá-lo, a julgar por suas repetidas exclamações, pontuadas por um ou outro gritinho de curiosidade.

— Ora, ela estava dormindo! — Marsali disse, parecendo escandalizada. — Ela não acordou quando o padre despejou a água — quero dizer, o uísque — em sua cabeça — Germain, volte aqui! Thig air ais a seo! — e você sabe que dá azar a uma criança se ela não fizer um pequeno alvoroço ao ser batizada; é assim que você fica sabendo que o pecado original está deixando-a! Eu não podia deixar o diabo permanecer na minha menininha. Poderia, mo mhaorine? — Ouviram-se pequenos barulhos de beijos e um leve arrulho de Joanie, prontamente abafado por Germain, que começara a cantar outra vez.

Bri resfolegou ligeiramente, achando graça, sua irritação desaparecendo.

— Ah, compreendo. Bem, se você teve uma boa razão... Apesar de que eu não tenha certeza de que tenha funcionado com Jemmy e Germain. Olhe só como estão se comportando... eu poderia jurar que estão possuídos. Ai! Não me morda, diabinho, já vou alimentá-lo num minuto!

— Ah, bem, são meninos, afinal de contas — Marsali disse com tolerância, elevando um pouco a voz para ser ouvida acima da algazarra. — Todo mundo sabe que os meninos são uns capetas; imagino que seria necessário mais do que um pouco de água benta para afogar tudo, mesmo sendo de alto teor alcoólico. Germain! Onde foi que você ouviu uma música tão suja, moleque?

Eu sorri e, ao meu lado, Jamie ria baixinho, ouvindo a conversa das meninas. Já estávamos bem longe da cena do crime agora para não ter que nos preocupar em ser ouvidos, entre trechos de canções, música de gaita de foles e risos que adejavam em meio às árvores com a luz das fogueiras dos acampamentos, brilhantes contra a escuridão crescente.

As tarefas do dia já estavam praticamente terminadas e as pessoas acomodavam-se para o jantar, antes que as chamadas, a cantoria e a última rodada de visitas comesçassem. Os cheiros de fumaça e comida lançavam dedos tentadores pelo ar frio e escuro, e meu estômago roncou baixinho em resposta a esses estímulos. Esperava que Lizzie estivesse suficientemente recuperada para ter começado a cozinhar.

— O que é mo mhaorine? — perguntei a Jamie. — Nunca ouvi essa expressão antes.

— Significa "minha batatinha", eu acho — ele disse. — É irlandês, sabe? Ela aprendeu com o padre.

Ele suspirou, parecendo profundamente satisfeito com as realizações da noite até agora.

— Que santa Brígida abençoe o padre Kenneth por ser tão esperto. Por um instante, pensei que não iríamos conseguir. Aqueles são Roger e o pequeno Fergus?

Duas sombras escuras haviam saído do bosque para se juntar às meninas e o som de risos abafados e vozes murmuradas — pontuados por gritos agudos dos dois garotos ao verem seus pais — flutuaram até nós do pequeno grupo de jovens famílias.

— Sim, são. E por falar nisso, minha doce batatinha — eu disse, agarrando seu braço com força para obrigá-lo a reduzir o passo, — o que pretendia contando ao padre Kenneth tudo sobre mim e a batedeira de manteiga?

— Não vá me dizer que você se importou, Sassenach? — ele disse, em tom de surpresa.

— Claro que me importei! — eu disse. O sangue subiu, quente, ao meu rosto, embora eu não soubesse ao certo se devido à lembrança de sua confissão ou à lembrança da ocasião original. Minhas entranhas aqueceram-se ligeiramente à ideia também, e os últimos remanescentes de cólica começaram a diminuir conforme meu útero se contraiu e relaxou, apaziguado pela agradável sensação interna de calor. Certamente aquele não era o melhor lugar ou a melhor hora, mas talvez mais tarde na noite, conseguíssemos privacidade suficiente — afastei apressadamente a ideia.

— Fora a questão da privacidade, não foi absolutamente um pecado — eu disse, com exatidão. — Somos casados, pelo amor de Deus!

— Bem, eu confessei que contei mentiras, Sassenach — ele disse. Eu não podia ver o sorriso em seu rosto, mas podia muito bem ouvi-lo em sua voz. Suponho que ele também podia ouvir o meu.

— Tive que pensar num pecado realmente tenebroso para afastar Lillywhite e não podia confessar roubo ou sodomia; eu posso vir a ter que fazer negócios com o sujeito um dia.

— Oh, então você acha que ele ficaria desconcertado por sodomia, mas consideraria sua atitude em relação às mulheres em combinações úmidas apenas uma pequena falha de caráter? — Seu braço estava quente sob o tecido da camisa. Toquei a parte interna de seu pulso, aquele lugar vulnerável onde a pele está nua, e acariciei a linha da veia que pulsava ali, desaparecendo sob o linho, em direção ao seu coração.

— Fale baixo, Sassenach — ele murmurou, tocando minha mão. —

Não vai querer que as crianças ouçam. Além do mais — acrescentou, abaixando tanto a voz, que foi obrigado a se inclinar e sussurrar no meu ouvido, — não são todas as mulheres. Só aquelas com um lindo traseiro redondo. — Soltou minha mão e deu um tapinha no meu traseiro com familiaridade, demonstrando precisão notável na escuridão.

— Eu não atravessaria a estrada para ver uma mulher magricela, ainda que ela estivesse completamente nua e pingando de tão molhada. Quanto a Lillywhite — prosseguiu, num tom de voz mais normal, mas sem retirar a mão, que moldava o tecido de minha saia cuidadosamente ao redor de uma nádega, — ele pode ser protestante, Sassenach, mas ainda é um homem.

— Não sabia que as duas condições eram incompatíveis — a voz de Roger soou secamente, saindo da escuridão próxima.

Jamie retirou a mão rapidamente como se meu traseiro estivesse pegando fogo. Não estava — realmente — mas não havia como negar que sua pederneira havia acendido uma faísca ou duas entre os gravetos, apesar de molhados como estavam. Mas ainda faltava muito tempo para a hora de ir para a cama.

Parando apenas o suficiente para administrar um apertão rápido e particular na anatomia de Jamie que o fez arfar enfaticamente, virei-me e vi Roger segurando um objeto grande e esperneante nos braços, a natureza do objeto obscurecida pela escuridão. Não era um porquinho, conjecturei, apesar dos altos grunhidos que fazia, mas Jemmy, que parecia estar mastigando ferozmente os dedos do pai. Um punho pequeno e rosado projetou-se numa inesperada nesga de luz, cerrado em concentração, depois desapareceu, de encontro às costelas de Roger com um sólido baque.

O próprio Jamie deu um pequeno grunhido, achando graça, mas não se mostrou nem um pouco desconcertado por ter sua opinião sobre os protestantes ouvida.

— "Todas são boas moças — ele citou com forte sotaque escocês — mas de onde vêm as más esposas?"

— Hein? — Roger exclamou, parecendo um pouco confuso.

— Os protestantes nascem com cacetes — Jamie explicou, — os homens, ao menos, mas alguns os deixam definhando por falta de uso. Um homem que passa o tempo metendo o... nariz nos pecados alheios não tem tempo de cuidar dos próprios.

Eu converti uma risada numa tosse mais diplomática.

— E alguns se tornam cacetes maiores, com a prática — Roger disse, ainda mais secamente. — Sim, bem. Vim agradecer-lhe... por

conseguir os batizados, quero dizer.

Notei uma leve hesitação; ele ainda não tinha definido para si próprio um nome com o qual se sentisse confortável para chamar Jamie. Por sua vez, Jamie o chamava de "Pequeno Roger", "Roger Mac" ou "Mackenzie" — mais raramente, pelo apelido em gaélico que Ronnie Sinclair dera a Roger, a Smeòraich, em honra a sua voz. Melro Cantor, significava.

— Eu é que devo lhe agradecer, a charaid. Não teríamos conseguido no último instante, se não fosse por você e Fergus — Jamie disse, o humor aquecendo sua própria voz.

Roger estava claramente visível em silhueta, alto e esbelto, com o clarão da fogueira de alguém por trás. Ele encolheu um dos ombros e mudou Jemmy para o outro braço, limpando a baba residual em sua mão nas calças.

— De nada — ele disse, um pouco rouco. — Será que o... o padre vai ficar bem? Brianna disse que ele foi tratado com violência. Espero que não lhe façam nenhum mal no caminho de volta.

Jamie ficou sério. Encolheu um pouco os ombros, ajeitando o casaco.

— Acho que ele estará em segurança, sim. Tive uma conversa com o xerife. — Houve uma certa ênfase sombria na palavra "conversa" que tornou claro o seu significado. Um suborno substancial poderia ter sido mais eficaz, mas eu sabia muito bem que tínhamos exatamente dois xelins, três pence e nove centavos em dinheiro em nossa posse no momento. Melhor economizar o dinheiro e confiar em ameaças, pensei. Evidentemente, Jamie pensava do mesmo modo.

— Falarei com minha tia — ele disse — para que ela mande um bilhete esta noite para o sr. Lillywhite, com sua própria opinião sobre o assunto. Isso será um salvo-conduto para o padre Kenneth melhor do que qualquer coisa que eu mesmo possa dizer.

— Creio que ela não vai ficar nem um pouco satisfeita ao saber que seu casamento está adiado — observei. Não poderia. Filha de um senhor de terras das Highlands e viúva de um fazendeiro muito rico, Jocasta Cameron está acostumada a conseguir o que quer.

— É verdade — Jamie concordou ironicamente, — embora eu suponha que Duncan esteja um pouco aliviado.

Roger riu, não sem um sentimento solidário, e alinhou-se ao nosso lado quando começamos a descer o caminho. Ele carregava Jemmy, ainda resmungando ferozmente, debaixo do braço como uma bola de futebol.

— Sim, creio que sim. Pobre Duncan. Então os casamentos estão

definitivamente cancelados?

Não pude ver Jamie franzir o cenho, mas senti o movimento quando ele sacudiu a cabeça, em dúvida.

— Sim, receio que sim. Recusaram-se a deixar o padre comigo, mesmo com a minha palavra de que o devolveria pela manhã. Talvez pudéssemos tirá-lo de lá à força, mas mesmo assim...

— Duvido que adiantasse — interrompi e contei-lhes o que eu ouvira enquanto esperava do lado de fora da tenda.

— Portanto, não vejo como iriam ficar olhando, enquanto o padre Kenneth realizava casamentos — terminei. — Ainda que conseguisse tirá-lo de lá, eles varreriam a montanha à procura dele, revirando barracas e causando tumultos.

Não faltaria ajuda ao xerife Anstruther; Jamie e sua tia podiam ser tidos em alta estima pela comunidade escocesa, mas os católicos em geral e os padres em particular não eram.

— Instruções? — Jamie repetiu, parecendo atônito. — Tem certeza disso, Sassenach? Foi Lillywhite quem disse que tinha "instruções"?

— Foi — eu disse, percebendo pela primeira vez como isso era estranho. O xerife estava obviamente recebendo instruções do sr. Lillywhite, este sendo o seu dever. Mas quem podia estar dando instruções ao magistrado?

— Há um outro magistrado aqui e dois juízes de paz também, mas certamente... — Roger falou devagar, sacudindo a cabeça enquanto pensava. Um grito lancinante interrompeu seus pensamentos e ele olhou para baixo, a luz de uma fogueira próxima refletindo no seu nariz, delineando um leve sorriso enquanto ele falava com seu filho. — O que foi? Está com fome, rapaz? Não se preocupe, mamãe já vai voltar.

— Onde está mamãe. — perguntei, espreitando a multidão de sombras em movimento à frente. Um vento leve começara a soprar e os galhos nus de carvalhos e nogueiras chacoalhavam como sabres acima de nossas cabeças. Ainda assim, os berros de Jemmy eram mais do que suficientes para Brianna ouvi-lo. Percebi debilmente a voz de Marsali mais adiante, no que parecia ser uma conversa amistosa com Germain e Fergus relativa ao jantar, mas não havia nenhum sinal dos tons mais roucos e graves de Brianna, característicos dos criados em Boston.

— Por quê? — Jamie perguntou a Roger, elevando a voz para poder ser ouvido acima do vento.

— Por que o quê? Tome, Jemmy, está vendo isto? Você quer? Sim, claro que quer. Sim, bom menino, mastigue isso por enquanto. — Uma

centelha de luz iluminou alguma coisa na mão livre de Roger; depois, o objeto desapareceu e os gritos de Jemmy cessaram abruptamente, sucedidos por sonoros ruídos de sucção e mastigação.

— O que é isto? Não é pequeno demais para ele engolir, é? — perguntei ansiosamente.

— Ah, não. É uma corrente de relógio. Nada para se preocupar — Roger garantiu-me, — estou segurando firmemente a outra ponta. Se ele engolir, posso puxá-la para fora de novo.

— Por que alguém não iria querer que você se casasse? — Jamie disse pacientemente, ignorando o perigo iminente ao sistema digestivo de seu neto.

— Eu? — Roger pareceu surpreso. — Acho que ninguém se importa se sou casado ou não, a não ser eu mesmo... e você, talvez — ele acrescentou, um toque de humor na voz. — Imagino que gostaria que o menino tivesse um nome. Por falar nisso — virou-se para mim, o vento soltando longas mechas dos seus cabelos e transformando-o num demônio negro e selvagem em silhueta, — como o nome dele acabou ficando realmente? No batismo, quero dizer.

— Jeremiah Alexander Ian Fraser Mackenzie — eu disse, esperando recordá-lo corretamente. — Era isso que você queria?

— Oh, não me importava muito como ele fosse chamado — Roger disse, contornando cuidadosamente uma grande poça de lama que atravessava o caminho. Começara a chuveirar outra vez; eu podia sentir os pinguinhos frios no meu rosto e ver as marcas na água da poça onde a luz da fogueira a iluminava.

— Eu queria Jeremiah, mas eu disse a Bri que os outros nomes eram por conta dela. Ela não conseguia se decidir entre John, por John Grey, e... e Ian, pelo primo, mas é claro que são o mesmo nome, de qualquer modo.

Novamente, notei a ligeira hesitação e senti o braço de Jamie retesar-se levemente sob minha mão. O sobrinho de Jamie, Ian, era uma questão dolorosa e fresca na mente de todos, graças ao bilhete que recebêramos dele no dia anterior. Isso é o que devia ter levado Brianna a se decidir finalmente.

— Bem, se não forem você e minha filha — Jamie prosseguiu obstinadamente, — então quem? Jocasta e Duncan? Ou o pessoal de Bremerton?

— Você acha que alguém está especialmente empenhado em impedir os casamentos esta noite? — Roger aproveitou a oportunidade para falar de outro assunto que não Ian Murray. — Então acha que não se trata apenas de uma aversão generalizada contra as práticas de

Roma?

— Poderia ser, mas não é. Se fosse, por que esperar até agora para prender o padre? Espere um pouco, Sassenach, eu a levanto por cima.

Jamie soltou minha mão e deu a volta à poça, depois estendeu os braços, agarrou-me pela cintura e me içou por cima da poça num farfalhar de saias. As folhas molhadas escorregaram e se esborracharam embaixo das minhas botas quando ele me colocou no chão, mas segurei-me em seu braço para manter o equilíbrio.

— Não — Jamie continuou a conversa, voltando-se novamente para Roger. — Lillywhite e Anstruther não morrem de amores pelos católicos, tenho certeza, mas por que arranjar uma confusão agora, quando o padre já iria embora pela manhã, de qualquer modo? Será que pensam que ele vai corromper todos os tementes a Deus na montanha antes do amanhecer se não o mantiverem sob custódia?

Roger soltou uma breve risada.

— Não, imagino que não. Havia alguma outra coisa que o padre pretendesse fazer hoje à noite, além de celebrar casamentos e batizados?

— Talvez algumas confissões — eu disse, beliscando o braço de Jamie. — Nada mais, que eu saiba. — Apertei minhas coxas, sentindo uma alarmante mudança nos meus arranjos íntimos. Droga, um dos alfinetes que segurava o pano entre minhas pernas se soltara quando Jamie me levantou. Eu o teria perdido?

— Será que não estariam querendo impedi-lo de ouvir a confissão de alguém? De alguém em particular, quero dizer? — Roger pareceu em dúvida, mas Jamie ouviu a ideia e revirou-a mentalmente, considerando-a.

— Não fizeram nenhuma objeção a que ele ouvisse a minha. E acredito que não iriam se importar se um católico estava em pecado mortal ou não, já que, no entendimento deles, nós estamos todos amaldiçoados de qualquer modo. Mas, se soubessem de alguém que necessitasse desesperadamente de confissão e achassem que haveria algo a ganhar com isso...

— Que essa pessoa pudesse pagar para ter acesso ao padre? — perguntei ceticamente. — Francamente, Jamie, estes são escoceses. Eu imaginaria que, se fosse uma questão de pagar um alto valor por um padre, seu assassino ou adúltero católico escocês iria simplesmente dizer um Ato de Contrição e desejar que tudo desse certo.

Jamie resfolegou numa risada contida e eu vi a névoa branca do seu hálito fluir ao redor de sua cabeça como fumaça de vela; estava esfriando.

— É muito provável — ele disse sucintamente. — E, se Lillywhite tivesse alguma ideia de se estabelecer no ramo das confissões, ele esperou demais para tirar algum lucro. E, se não for o caso de impedir a confissão de alguém, mas apenas de se certificar de que pudessem ouvi-la?

Roger emitiu um grunhido satisfeito, evidentemente achando essa uma suposição plausível.

— Chantagem? Sim, é uma ideia — ele disse, com aprovação. O sangue não nega, eu pensei; educado em Oxford ou não, não havia nenhuma dúvida de que Roger era um escocês. Houve uma violenta revolta sob seu braço, seguido de um uivo de Jemmy. Roger olhou para baixo.

— Oh, deixou cair o seu brinquedinho? Aonde ele foi, então? — Ele içou Jemmy para seu ombro como uma trouxa de roupa suja e agachou-se, esquadrinhando o chão em busca da corrente de relógio, que Jemmy evidentemente havia arremessado na escuridão.

— Chantagem? Acho que já é um pouco exagerado — objetei, esfregando a mão sob o nariz, que começara a escorrer. — Quer dizer, eles podiam suspeitar de que Farquard Campbell, por exemplo, tivesse cometido algum crime terrível e, se tivessem certeza disso, poderiam confrontá-lo? Mas isso não é um modo de pensar muito tortuoso? Se encontrar um alfinete aí, Roger, é meu.

— Bem, Lillywhite e Anstruther são ingleses, não são? — Jamie disse, com um sarcasmo delicado que fez Roger rir. — Fraudes e maquinações são naturais a essa raça, não é, Sassenach?

— Oh, bobagem — eu disse com tolerância. — O roto falando mal do esfarrapado. Além disso, eles não tentaram ouvir sua confissão.

— Não tenho nada com que pudessem me chantagear — Jamie ressaltou, embora fosse perfeitamente óbvio que ele só estava argumentando por diversão.

— Mesmo assim — comecei, mas fui interrompida por Jemmy, que estava ficando cada vez mais agitado, atirando-se de um lado para o outro, com intermitentes berros agudos a vapor. Roger resmungou, pegou algo cuidadosamente entre os dedos e levantou-se.

— Encontrei seu alfinete — ele disse. — Mas nenhum sinal da corrente.

— Alguém a encontrará pela manhã — eu disse, erguendo a voz para ser ouvida acima do crescente alarido. — Talvez seja melhor deixar que eu o leve. — Estendi os braços para o bebê e Roger entregou seu fardo com um distinto ar de alívio, explicado quando eu senti um sopro da fralda de Jemmy.

— Outra vez? — eu disse. Aparentemente levando isso como uma repreensão pessoal, ele fechou os olhos e começou a uivar como uma sirene de bombardeio aéreo.

— Onde está Bri? — perguntei, tentando simultaneamente embalá-lo e mantê-lo a uma distância higiênica. — Argh! — Ele parecia ter aproveitado a escuridão para fazer crescer vários membros extras, todos os quais estavam debatendo-se ou me agarrando.

— Oh, ela só foi resolver uma coisa — Roger disse, com um ar vago que fez Jamie virar a cabeça abruptamente. A luz iluminava-o de perfil e eu vi as espessas sobrancelhas ruivas abaixarem-se, desconfiadas. O fogo brilhava de seu nariz longo e reto quando ele o levantou, questionando. Obviamente ele suspeitou de uma tramoia. Virou-se para mim, uma das sobrancelhas erguida. Eu estaria a par?

— Não faço a menor ideia — assegurei-lhe. — Olhe, vou até a fogueira de McAllister pegar um pano limpo emprestado. Encontro-me com você no acampamento daqui a pouco.

Sem esperar uma resposta, segurei o bebê com firmeza e entrei no mato, tomando a direção do acampamento mais próximo. Georgiana McAllister tinha gêmeos recém-nascidos — eu os ajudara a nascer quatro dias atrás — e com prazer me emprestou uma fralda limpa e uma moita particular, atrás da qual pude realizar meus reparos pessoais. Isso resolvido, conversei com ela e admirei os gêmeos, o tempo todo pensando nas recentes revelações. Entre o tenente Hayes e sua proclamação, as maquinções de Lillywhite e companhia e o que quer que Bri e Roger estivessem tramando, a montanha parecia uma perfeita estufa de conspirações esta noite.

Eu estava satisfeita por termos conseguido realizar os batizados — na realidade, fiquei surpresa de ver o quanto eu realmente me sentia gratificada por isso, — mas tinha que admitir uma pontada de aflição pelo casamento cancelado de Brianna. Ela não falara muito sobre isso, mas eu sabia que tanto ela quanto Roger haviam esperado ansiosamente pela bênção de sua união. A luz da fogueira refletiu de forma rápida, acusadora, a aliança de ouro em minha mão esquerda, e eu mentalmente ergui as mãos na direção de Frank.

E exatamente o que você espera que eu faça a respeito disso?, perguntei em silêncio, enquanto por fora concordava com a opinião de Georgiana sobre o tratamento contra lombrigas.

— Senhora? — Uma das filhas mais velhas de McAllister, que se prontificara a trocar Jemmy, interrompeu a conversa, balançando um objeto comprido e nojento delicadamente entre dois dedos. — Eu achei este enfeite na fralda do bebê. Será do seu marido?

— Santo Deus! — Fiquei chocada com o reaparecimento da

corrente de relógio, mas um instante de racionalidade corrigiu minha primeira impressão alarmada de que Jemmy havia de fato engolido a corrente. Seriam necessárias várias horas para um objeto sólido percorrer seu caminho através do trato intestinal mesmo do mais ativo bebê; evidentemente, ele havia apenas deixado seu brinquedo cair pela frente de sua camisola e ela fora parar dentro de sua fralda.

— Traga isso aqui, menina. — O sr. McAllister, ao ver a corrente de relógio, estendeu a mão e pegou-a com uma leve careta. Retirou um grande lenço da cintura de suas calças e limpou cuidadosamente o objeto, trazendo à luz o brilho de elos de prata e um pequeno berloque redondo, com uma espécie de selo.

Olhei para o berloque com ar sombrio e fiz uma anotação mental para dar a Roger um puxão de orelhas adequado sobre o que ele deixava Jemmy colocar na boca. Graças a Deus, o enfeite não havia se soltado.

— Ora, é a corrente do sr. Caldwell, sem dúvida! — Georgiana inclinou-se para frente, espreitando por cima das cabeças dos gêmeos que amamentava.

— É mesmo? — Seu marido estreitou os olhos para o objeto e remexeu em sua camisa à procura dos óculos.

— Sim, tenho certeza que é! Eu a vi no culto de domingo. Minhas primeiras dores estavam justamente começando — ela explicou, virando-se para mim — e eu tive que me retirar antes de a pregação terminar. Ele me viu virar para sair e deve ter pensado que tinha passado da hora, pois retirou o relógio do bolso para ver a hora, e eu vi o brilho do pequeno pingente redondo.

— Chama-se um selo, a nighean — seu marido informou-a, tendo agora colocado um par de óculos com lentes em meia-lua sobre o nariz, enquanto rolava o pequeno símbolo de metal entre os dedos. — Mas você tem razão, é do sr. Caldwell, está vendo? — Um dedo calejado traçou os contornos da figura no selo: um bastão, um livro aberto, um sino e uma árvore, em cima de um peixe com um anel na boca.

— Este símbolo é da Universidade de Glasgow. O sr. Caldwell é um erudito — ele me disse, os olhos azuis arregalados de admiração e respeito. — Foi aprender a pregar e está fazendo um ótimo serviço.

— Você realmente perdeu um belo encerramento, Georgie — ele acrescentou, virando-se para a esposa. — Ele ficou com o rosto tão vermelho, falando da Abominação, da Desolação e da ira no final do mundo, que eu pensei que ele fosse ter um ataque de apoplexia, e aí o que iríamos fazer?

Pois ele não aceitaria Murray MacLeod tratando dele, Murray

sendo uma espécie de herege para o sr. Caldwell, ele é da Nova Luz, o Murray — o sr. McAllister explicou num adendo para mim, — nem a sra. Fraser aqui, sendo uma papista, além de estar ocupada com você e os bebês.

Inclinou-se para frente e deu uns tapinhas delicadamente na cabeça, coberta por uma touca, de um dos gêmeos, mas o bebê não lhe deu a menor atenção, pacificamente absorto em sua amamentação.

— Hum. Bem, o sr. Caldwell podia ter explodido naquele momento, se dependesse de mim — sua mulher disse francamente. Ela ergueu seu duplo fardo e ajeitou-se mais confortavelmente. — E, quanto a mim, não me importaria se a parteira fosse uma índia ou uma inglesa — oh, peço-lhe que me desculpe, sra. Fraser — desde que soubesse como amparar o bebê e parar o sangramento.

Murmurei alguma coisa modestamente, descartando as desculpas de Georgiana, a fim de descobrir mais sobre as origens da corrente de relógio.

— Sr. Caldwell. Ele é um pastor protestante, você disse? — Uma certa suspeita agitava-se no fundo da minha mente.

— Oh, sim, o melhor que já ouvi — o sr. McAllister me assegurou. — E eu já ouvi todos eles. Agora, o sr. Urmstone, ele é extraordinário para pecados, mas já está avançado em anos e um pouco rouco agora, de modo que é necessário ficar bem lá na frente para ouvi-lo, e isso é um pouco perigoso, sabe, pois é com os pecados do pessoal da frente que ele gosta de começar a pregar. O sujeito da Nova Luz, entretanto, não é grande coisa; não tem voz.

Ele descartou o infeliz pastor com um muxoxo de connoisseur.

— O sr. Woodmason é bom; um pouco engomado nos modos, é um inglês, sabe, mas nunca deixa de comparecer aos cultos, apesar da idade. Agora, o jovem sr. Campbell da Igreja Barbecue...

— Este bebê está com muita fome, senhora — a menina que segurava Jemmy interrompeu. Era evidente; ele estava roxo e chorando. — Posso dar um pouco de mingau a ele?

Dei uma rápida olhadela na panela no fogo; estava borbulhando, portanto provavelmente cozido o suficiente para matar todos os germes. Tirei a colher de chifre que carregava no meu bolso, que eu podia ter certeza que estava razoavelmente limpa, e entreguei-a à menina.

— Muito obrigada. Agora, este sr. Caldwell, por acaso ele seria presbiteriano?

O sr. McAllister pareceu surpreso, depois seu rosto se iluminou com a minha capacidade de percepção.

— Ora, sim, de fato! Já ouviu falar dele, então, sra. Fraser?

— Acho que talvez meu genro o conheça — eu disse, com um toque de ironia.

Georgiana riu.

— Eu diria que o seu neto pelo menos o conhece. — Balançou a cabeça indicando a corrente, estendida sobre a palma larga da mão do marido. — Bebês desse tamanho agarram qualquer coisa brilhante que veem.

— É verdade — eu disse devagar, fitando os elos de prata e seu berloque pendente. Isso dava um novo significado à questão. Se Jemmy roubara do bolso do sr. Caldwell, provavelmente fora algum tempo antes de Jamie arranjar o batizado improvisado.

Mas Bri e Roger já sabiam da prisão do padre Kenneth e do possível cancelamento de seu casamento bem antes disso; teria havido tempo mais do que suficiente para eles fazerem outros planos enquanto Jamie e eu estávamos lidando com Rosamund, Ronnie e as diversas outras crises. Tempo mais do que suficiente para Roger ir falar com o sr. Caldwell, o ministro presbiteriano — levando Jemmy com ele.

E, assim que Jamie confirmou a improbabilidade de o padre celebrar os casamentos esta noite, Brianna desaparecera numa vaga missão. Bem, se o padre Kenneth quis entrevistar um noivo presbiteriano antes de casá-lo, imagino que o sr. Caldwell tenha o direito ao mesmo privilégio com uma noiva papista.

Jemmy devorava o mingau com a concentração de uma piranha faminta; não podíamos sair agora. Tudo bem, pensei; era melhor deixar que Brianna desse a notícia a seu pai de que ela afinal teria seu casamento — com ou sem padre.

Espalhei minha saia para secar a barra molhada e a luz do fogo brilhou nas minhas duas alianças. Uma forte vontade de rir cresceu dentro de mim, à ideia do que Jamie diria quando descobrisse, mas eu a reprimi, não querendo explicar aos McAllister do que eu estava achando graça.

— Posso pegá-la? — eu disse ao sr. McAllister, com um sinal de cabeça para a corrente. — Acho que vou ver o sr. Caldwell mais tarde.

FELIZ A NOIVA EM QUEM BRILHA A LUA

Tivemos sorte. A chuva parou e nuvens esfiapadas revelaram uma lua prateada, erguendo-se torta, mas luminosa, acima da Black Mountain; iluminação adequada para um casamento íntimo em família.

Eu já conhecia David Caldwell, embora não me recordasse até vê-lo; um cavalheiro pequeno, mas imensamente elegante, muito bem-vestido, apesar de estar acampando ao ar livre havia uma semana. Jamie o conhecia também e o respeitava. Isso não impediu uma certa carranca quando o ministro aproximou-se da fogueira, seu velho livro de orações nas mãos, mas eu adverti Jamie com uma cutucada e ele imediatamente alterou a expressão do rosto para uma máscara inescrutável.

Vi Roger olhar uma vez em nossa direção, depois voltar-se novamente para Bri. Parecia haver um pequeno sorriso no canto de sua boca, ou podia ser apenas o efeito das sombras. Jamie bufou pelo nariz e eu o cutuquei de novo.

— Você fez do seu jeito com os batizados — eu sussurrei. Ele levantou ligeiramente o queixo. Brianna olhou em nossa direção, parecendo ligeiramente ansiosa.

— Eu não disse nada, disse?

— É um casamento cristão perfeitamente respeitável.

— Eu disse que não era?

— Então pareça feliz, droga! — sibilei. Ele bufou outra vez e assumiu uma expressão de benevolência apenas um grau acima da absoluta imbecilidade.

— Melhor assim? — ele perguntou, os dentes cerrados num sorriso cordial. Eu vi Duncan Innes virar-se casualmente para nós, sobressaltar-se e desviar o olhar apressadamente, murmurando alguma coisa a Jocasta, que estava junto à fogueira, os cabelos brancos brilhando e uma venda sobre os olhos para protegê-los da luz. Ulysses, de pé atrás dela, havia, na realidade, colocado sua peruca em homenagem à cerimônia; era tudo que eu conseguia ver dele na escuridão, aparentemente desencarnado, pairando no ar acima do ombro de Jocasta. Enquanto eu observava, a peruca inclinou-se para o lado, em nossa direção, e eu pude ver um leve brilho de olhos acima

dela.

— Quem é aquele, grandmère?

Germain, como sempre fugido da custódia dos pais, surgiu junto aos meus pés, apontando com curiosidade para o reverendo Caldwell.

— É um ministro, querido. Tia Bri e tio Roger vão se casar.

— Ou quón va ministro?

Respirei fundo, mas Jamie foi mais rápido do que eu.

— É uma espécie de padre, mas não um padre de verdade.

— Padre mau? — Germain olhou para o reverendo Caldwell com interesse substancialmente maior.

— Não, não — eu disse. — Ele não é de modo algum um padre mau. É só que... bem, veja, nós somos católicos e católicos têm padres, mas tio Roger é presbiteriano...

— Isso quer dizer um herege — Jamie interpôs prestativamente.

— Ele não é um herege, querido, grandpère só está fazendo graça, ou acha que está. Os presbiterianos são...

Germain não prestava nenhuma atenção à minha explicação. Em vez disso, inclinara a cabeça para trás, olhando fascinado para Jamie.

— Por que grandpère está fazendo careta?

— Nós estamos muito felizes — Jamie explicou, a expressão ainda fixa num ricto de amabilidade.

— Oh. — Germain imediatamente distendeu seu próprio rosto extraordinariamente maleável em um grosseiro fac-símile da mesma expressão: um riso de lanterna de abóbora, os dentes trincados e os olhos arregalados. — Assim?

— Sim, querido — eu disse, num tom incisivo. — Exatamente assim. Marsali olhou para nós, piscou e puxou a manga de Fergus. Ele virou-se, estreitando os olhos para nós.

— Pareça feliz, papai — Germain apontou para seu grotesco sorriso. — Está vendo?

A boca de Fergus contorceu-se ao olhar de seu filho para Jamie. Seu rosto ficou impassível por um instante, depois se ajustou num enorme e falso sorriso de dentes brancos. Marsali chutou-o no calcanhar. Ele encolheu-se, mas o sorriso não se abalou.

Brianna e Roger estavam tendo uma reunião de última hora com o reverendo Caldwell do outro lado da fogueira. Brianna virou-se, ajeitando para trás os cabelos soltos, viu a falange de rostos sorridentes e arregalou os olhos, a boca ligeiramente aberta. Seus olhos dirigiram-se para mim; eu encolhi os ombros

desamparadamente.

Ela comprimiu os lábios, mas não pôde evitar que se curvassem para cima. Seus ombros sacudiram-se com o riso reprimido. Senti Jamie sacudir-se ao meu lado.

O reverendo Caldwell deu um passo à frente, um dedo no livro no lugar certo, colocou os óculos no nariz e sorriu amavelmente para a plateia, piscando apenas ligeiramente quando se deparou com a fileira de fisionomias maliciosas.

Ele tossiu e abriu o livro de orações.

— Meus caros amigos, estamos aqui reunidos na presença de Deus... Senti Jamie relaxar um pouco, à medida que as palavras se sucediam, evidenciando pouca familiaridade, talvez, mas nenhuma grande peculiaridade. Suponho que, na verdade, ele jamais tomara parte numa cerimônia protestante antes — a menos que se contasse o batismo improvisado que o próprio Roger conduzira entre os mohawks. Fechei os olhos e enviei aos céus uma breve oração pelo Jovem Ian, como fazia sempre que pensava nele.

— Vamos, portanto, reverentemente lembrar que Deus estabeleceu e santificou o casamento, para o bem-estar e a felicidade da humanidade...

Ao abri-los, vi que agora todos os olhares se concentravam em Roger e Brianna, um defronte ao outro, as mãos entrelaçadas. Formavam um belo casal, quase da mesma altura, ela clara e ele moreno, como uma fotografia e seu negativo. Suas feições não eram parecidas e, no entanto, ambos possuíam a ossatura larga, de curvas bem delineadas, que era o legado que ambos receberam do clã Mackenzie.

Olhei para o outro lado da fogueira e vi a repetição dos mesmos ossos e traços em Jocasta, alta e bonita, o rosto cego voltado em profunda concentração para o som da voz do reverendo. Enquanto eu observava, vi sua mão estender-se e descansar no braço de Duncan, os dedos longos e brancos apertando-o delicadamente. O reverendo Caldwell havia amavelmente se oferecido para realizar o casamento deles também, mas Jocasta recusara, preferindo esperar por uma cerimônia católica.

— Não estamos com pressa, afinal, não é, querido? — ela perguntou a Duncan, virando-se para ele numa franca exibição de deferência que não enganava ninguém. Ainda assim, achei que Duncan parecera aliviado, em vez de decepcionado, pelo adiamento de seu próprio casamento.

— Através de Seus apóstolos, Ele instruiu aqueles que entram neste relacionamento a cultivar o respeito mútuo e o amor...

Duncan colocara a mão sobre a de Jocasta, com um surpreendente ar de ternura. Aquele casamento não seria de amor, pensei, mas de respeito mútuo — sim, achei que era isso.

— Conclamo ambos a, diante do Deus Supremo, o Senhor de todos os corações, se um de vocês souber de algum motivo pelo qual não possam ser legalmente unidos em matrimônio, falar agora. Pois tenham a certeza de que, se duas pessoas estiverem unidas de outra forma que não a permitida pela Palavra de Deus, sua união não será abençoada por Ele.

O reverendo Caldwell fez uma pausa, olhando com ar de advertência de Roger para Brianna e vice-versa. Roger sacudiu ligeiramente a cabeça, os olhos fixos no rosto de Bri. Ela sorriu levemente em resposta e o reverendo limpou a garganta e continuou.

O ar de silenciosa hilaridade ao redor da fogueira diminuía; não se ouvia nenhum som além da voz tranquila do reverendo e do crepitar das chamas.

— Roger Jeremiah, aceita esta mulher como sua legítima esposa e promete ser-lhe fiel, amar e honrar, confortar e proteger, na fé e na ternura, viver com ela e cuidar dela, segundo a lei de Deus, nos sagrados laços do matrimônio?

— Sim — Roger disse, a voz grave e rouca.

Ouvi um profundo suspiro à minha direita e vi Marsali apoiar a cabeça no ombro de Fergus, um olhar sonhador no rosto. Ele virou a cabeça e beijou sua testa, depois inclinou sua própria cabeça escura contra a brancura do lenço de Marsali.

— Sim — Brianna disse com clareza, levantando o queixo e olhando diretamente no rosto de Roger, em resposta à pergunta do ministro.

O sr. Caldwell olhou com ar benevolente ao redor do círculo, a luz do fogo cintilando em seus óculos.

— Quem dá esta mulher em casamento a este homem?

Houve uma pausa mínima e eu senti Jamie sobressaltar-se ligeiramente, pego de surpresa. Apertei seu braço e vi o brilho da luz da fogueira na aliança de ouro em minha mão.

— Oh. Eu, certamente! — ele disse. Brianna virou a cabeça e sorriu para ele, os olhos escuros de amor. Ele devolveu o sorriso, depois pestanejou, limpou a garganta e apertou minha mão com força.

Eu mesma senti um aperto na garganta, enquanto eles faziam seus votos, recordando-me dos meus dois casamentos. E Jocasta?, imaginei. Ela se casara três vezes; que ecos do passado ela ouvia nessas palavras?

— Eu, Roger Jeremiah, aceito você, Brianna Eilen, como minha legítima esposa...

A luz da lembrança brilhava na maioria dos rostos ao redor da fogueira. Os Bug permaneciam bem juntos, olhando um para o outro com idênticos olhares de suave devoção. O sr. Wemyss, ao lado da filha, inclinou a cabeça e fechou os olhos, um misto de alegria e tristeza no rosto, sem dúvida pensando em sua própria mulher, morta muitos anos atrás.

— Na riqueza e na pobreza...

— Na alegria e na tristeza...

— Na doença e na saúde...

Lizzie estava extasiada, os olhos arregalados diante do mistério que se desenrolava diante dela. Quando seria a sua vez de ficar diante de testemunhas e fazer promessas tão impressionantes?

Jamie estendeu o braço e tomou minha mão direita na sua, os dedos entrelaçando-se aos meus, e a prata da minha aliança brilhou, vermelha, no clarão das chamas. Ergui os olhos para seu rosto e vi a promessa em seus olhos, como estava nos meus.

— Até que a morte nos separe.

AS CHAMAS DA DECLARAÇÃO

A grande fogueira na clareira lá embaixo flamejava, a lenha úmida saltando com estalos que ressoavam como tiros de pistola contra a encosta da montanha — um tiroteio distante, entretanto, e pouco notado no meio do júbilo da festa de casamento. Apesar de ter preferido não ser casada pelo reverendo Caldwell, Jocasta, mesmo assim, generosamente proporcionou uma farta festa de casamento em homenagem às núpcias de Roger e Brianna. Vinho, cerveja e uísque fluíam como água sob a égide de Ulysses, cuja peruca branca balançava-se em meio à multidão ao redor da fogueira da família, ubíqua como uma mariposa ao redor da chama de uma vela.

Apesar da umidade fria e das nuvens que haviam se reagrupado no alto, pelo menos metade da Assembleia estava ali, dançando ao som da música de violinos e gaitas, caindo como gafanhotos nas mesas abarrotadas de iguarias e bebendo à saúde dos recém-casados — e dos que, por fim, ainda se casariam — com tanto entusiasmo, que, se todos os votos de felicidade realmente se concretizassem, Roger, Bri, Jocasta e Duncan viveriam felizes até os mil anos, no mínimo.

Achei que eu mesma chegaria mais ou menos aos cem anos. Não sentia nenhuma dor; nada além de uma vertiginosa sensação de bem-estar generalizado e um agradável sentimento de iminente dissolução.

De um lado da fogueira, Roger tocava um violão emprestado, fazendo uma serenata para Bri diante de um extasiado círculo de ouvintes. Mais perto, Jamie sentava-se num tronco caído, com Duncan e sua tia, conversando com amigos.

— Senhora? — Ulysses se materializou junto ao meu cotovelo, bandeja na mão e resplandecente em seu uniforme de libré, comportando-se como se estivesse na sala de visitas de River Run, em vez de em um acampamento encharcado na montanha.

— Obrigada. — Aceitei uma caneca de estanho cheia de alguma coisa e descobri tratar-se de conhaque. Aliás, excelente conhaque. Tomei um pequeno gole e deixei que a bebida se infiltrasse pelos seios da minha face. Entretanto, antes que eu pudesse absorver muito mais, tomei consciência de uma repentina calmaria no burburinho geral.

Jamie olhou ao redor do círculo, atraindo os olhares, depois se levantou e estendeu o braço para mim. Fiquei um pouco surpresa, mas rapidamente recoloquei a caneca na bandeja de Ulysses, alisei meus

cabelos para trás, preendi meu lenço e fui assumir meu lugar ao seu lado.

— Thig a seo, a bhean uasa — ele disse, sorrindo para mim. Venha, minha senhora. Ele virou-se e ergueu o queixo, convocando os outros. Roger largou o violão imediatamente, cobrindo-o cuidadosamente com uma lona, em seguida estendeu a mão para Bri.

— Thig a seo, a bhean — ele disse, rindo. Com um olhar de surpresa, ela pôs-se de pé, Jemmy nos braços. Jamie permaneceu parado, esperando, e, pouco a pouco, os demais se levantaram, limpando agulhas de pinheiros e terra das bainhas das saias e dos traseiros, rindo e murmurando, surpresos. Os que dançavam também pararam em seus rodopios e vieram ver o que havia, a música do violino se extinguindo lentamente na correria da curiosidade.

Jamie conduziu-me pela descida da trilha escura, na direção das chamas saltitantes da grande fogueira lá embaixo, os demais seguindo-nos num murmúrio de especulação. No final da clareira principal, ele parou e esperou. Formas escuras esvoaçavam pelas sombras; a figura de um homem recortou-se em silhueta diante do fogo, os braços erguidos.

— Os Menzie estão aqui! — o homem gritou e arremessou no fogo o galho que carregava. Ouviram-se algumas aclamações, dos membros do seu clã que puderam ouvi-lo.

Um outro tomou seu lugar — MacBean — e outro — Ogilvie. Então foi a nossa vez.

Jamie adiantou-se sozinho, entrando na luz das labaredas. A fogueira era montada com carvalho e pinheiro e queimava a uma altura maior do que a de um homem, línguas de fogo amarelo e transparente, tão puro e ardente, que se tornava quase branco contra o céu escuro. A sua luz iluminava seu rosto erguido, sua cabeça e ombros e lançava uma longa sombra que se estendia até a metade do espaço aberto atrás dele.

— Estamos reunidos aqui para confraternizar com velhos amigos — ele disse em gaélico. — E conhecer novos, na esperança de que possam se unir a nós na construção de uma nova vida neste novo país.

Sua voz era grave e emocionada; os últimos vestígios de conversa cessaram, conforme as pessoas empurravam e se comprimiam ao redor da fogueira, em silêncio e estendendo o pescoço para ver e ouvir.

— Todos nós sofremos grandes dificuldades na estrada até aqui. — Virou-se devagar, olhando cada um dos rostos em torno da fogueira. Muitos dos homens de Ardsmuir estavam ali: eu vi os irmãos Lindsay, simplórios como um trio de sapos; o rosto de raposa de Ronnie Sinclair, os cabelos avermelhados espetados para cima como chifres;

as feições de moeda romana de Robin McGillivray. Todos olhavam das sombras, a aresta da fronte e o cavalete do nariz brilhando no clarão, cada rosto assinalado pelo fogo com uma cruz.

Sob a influência do conhaque e da emoção, eu também podia facilmente ver as fileiras de fantasmas que se alinhavam atrás deles; as famílias e amigos que ainda permaneciam na Escócia, quer em cima da terra... ou embaixo.

O próprio rosto de Jamie estava sulcado pela sombra, a luz do fogo mostrando as marcas do tempo e da luta em sua carne, como o vento e a chuva marcam a pedra.

— Muitos de nós morreram no campo de batalha — ele disse, a voz quase inaudível acima do barulho da fogueira. — Muitos morreram queimados. Muitos morreram de fome. Muitos morreram no mar, muitos morreram de ferimentos e doenças. — Fez uma pausa. — Muitos morreram de tristeza.

Por um instante, seus olhos fixaram-se num ponto além do círculo iluminado pelo fogo, e eu pensei que talvez ele estivesse buscando a face de Abel MacLennan. Então ele ergueu seu caneco e o manteve bem alto por um instante, numa saudação.

— Slàinte! — murmurou uma dezena de vozes, elevando-se como o vento.

— Slàinte! — ele repetiu e, em seguida, inclinou um pouco o caneco, de modo que uma pequena porção do conhaque caísse nas chamas, onde sibilou e queimou com uma chama azul por um rápido instante.

Abaixou o caneco e parou por um instante, a cabeça abaixada. Levantou a cabeça outra vez e ergueu o caneco em direção a Archie Hayes, que estava do outro lado da fogueira, em frente a ele, o rosto redondo indecifrável, o fogo cintilando de seu gorjal de prata e do broche que pertencera a seu pai.

— Enquanto choramos a perda dos que morreram, devemos também pagar tributo a você, que lutou e sofreu com igual valor... e sobreviveu.

— Slàinte! — ouviu-se a saudação, mais alta desta vez com o estrondo de vozes masculinas.

Jamie fechou os olhos por um instante, em seguida abriu-os, olhando para Brianna, que acompanhava a cena ao lado de Lizzie e Marsali, Jemmy nos braços. A força e a brutalidade de suas feições destacavam-se em contraste com os rostos redondos e inocentes das crianças, a delicadeza das jovens mães — embora mesmo em sua suavidade, eu pensei, a luz do fogo evidenciasse em seus ossos os

traços do granito escocês.

— Nós prestamos um tributo às nossas mulheres — ele disse, erguendo o caneco desta vez para Brianna, para Marsali e, depois, virando-se, para mim. Um breve sorriso tocou seus lábios. — Pois elas são a nossa força. E nossa vingança sobre nossos inimigos será, no final, a vingança do berço. Slàinte!

Entre os gritos da multidão, ele esvaziou o caneco de madeira e atirou-o no fogo, onde permaneceu redondo e escuro por um instante, explodindo em seguida numa chama brilhante.

— Thig a seo! — ele chamou, estendendo a mão direita para mim. — Thig a seo, a Shorcha, nighean Eanruig, neart mo chridhe. — Venha a mim, ele disse. Venha a mim, Claire, filha de Henry, força do meu coração. Mal sentindo meus pés ou aqueles nos quais tropecei, dirigi-me a ele e segurei sua mão, fria mas forte, em meus dedos.

Eu o vi virar a cabeça; estaria procurando Bri? Mas não — ele estendeu a outra mão para Roger.

— Seas ri mo làmh, Roger an t'òranaiche, macJeremiah MacChoinneich! — Tome posição ao meu lado, Roger, o Cantor, filho de Jeremiah Mackenzie. — Roger ficou paralisado em choque por um instante, os olhos escuros fixos em Jamie; em seguida, caminhou em sua direção, como um sonâmbulo. A multidão continuava entusiasmada, mas a gritaria arrefecera e as pessoas esticavam o pescoço para ouvir o que ele dizia.

— Fique ao meu lado na batalha — ele disse em gaélico, os olhos fixos em Roger, a mão esquerda estendida. Ele falava devagar e com clareza, para ter certeza de ser bem compreendido. — Seja um escudo para a minha família e para a sua, filho da minha casa.

A expressão de Roger pareceu se dissolver repentinamente, como um rosto visto na água quando uma pedra é atirada dentro dela. Então solidificou-se outra vez, e ele segurou a mão de Jamie, apertando-a com força.

Em seguida, Jamie voltou-se para a multidão e começou a chamada. Eu já o vira fazer isso antes, muitos anos atrás, na Escócia. Um convite formal e a identificação dos colonos pelo senhor das terras, era uma pequena cerimônia em geral realizada no primeiro dia do início de cada estação ou após a colheita. Rostos iluminaram-se aqui e ali, em reconhecimento; muitos dos escoceses das Highlands conheciam o costume, embora não o tivessem visto nesta terra antes desta noite.

— Venha a mim, Geordie Chisholm, filho de Walter, filho de Connaught, o Ruivo!

— Tome posição ao meu lado, a Choinneich, Evan, Murdo, filhos de Alexander Lindsay do Glen!

— Venha para o meu lado, Joseph Wemyss, filho de Donald, filho de Robert! — Sorri ao ver o sr. Wemyss, ruborizado, mas extraordinariamente envaidecido com esta inclusão pública, dirigir-se para nós, a cabeça orgulhosamente erguida, os cabelos louros esvoaçando ao vento da enorme fogueira.

— Fique ao meu lado, Josiah, o Caçador!

Josiah Beardsley estaria ali? Sim, estava; uma figura esbelta, escura, deslizou das sombras, assumindo timidamente um lugar no grupo perto de

Jamie. Meus olhos encontraram os dele e eu sorri; ele desviou apressadamente o olhar, mas um pequeno sorriso, acanhado, aderiu aos seus lábios, como se ele tivesse esquecido que ele estava lá.

Era um grupo impressionante quando ele terminou — quase quarenta homens, reunidos ombro a ombro e ruborizados tanto de orgulho quanto de uísque. Vi Roger trocar um longo olhar com Brianna, que sorria para ele, radiante, do outro lado da fogueira. Ela inclinou a cabeça para sussurrar alguma coisa para Jemmy, imerso em cobertores, quase adormecido em seus braços. Ela pegou uma de suas mãozinhas e acenou-a flacidamente para Roger, que riu.

—...Air mo mhionnan... — Distraída, eu perdera a declaração final de Jamie, captando apenas algumas das últimas palavras. Mas o que quer que ele tenha dito recebeu grande aprovação da plateia; ouviu-se um rumor grave de solene concordância dos homens ao nosso redor e um momento de silêncio.

Em seguida, ele soltou minha mão, inclinou-se e pegou um galho do chão. Acendendo-o, segurou-o no alto, depois atirou o tição incandescente bem alto no ar. Ele veio dando cambalhotas enquanto caía diretamente no centro da fogueira.

— Os Fraser de Ridge estão aqui! — ele berrou, e a clareira eclodiu em ruidosa aclamação.

Quando iniciamos a subida da montanha outra vez para retomar as festividades, eu me vi ao lado de Roger, que cantarolava alegremente à meia-voz. Coloquei a mão na manga de seu casaco e ele olhou para mim, sorrindo.

— Parabéns — eu disse, retribuindo o sorriso. — Bem-vindo à família, filho da casa.

Ele abriu um largo sorriso.

— Obrigado — disse. — Mamãe.

Alcançamos um ponto mais plano e caminhamos lado a lado por

alguns instantes, em silêncio. Então ele disse, num tom de voz inteiramente diferente:

— Aquilo foi... algo muito especial, não?

Eu não sabia se ele queria dizer historicamente especial ou especial em termos pessoais. De qualquer modo, ele tinha razão, e eu balancei a cabeça, concordando.

— Mas não peguei toda a parte final — eu disse. — E não sei o que earbsachd significa. Você sabe?

— Oh... sim. Eu sei. — Estava bastante escuro ali, entre as fogueiras; eu não podia ver mais dele do que uma mancha turva, mais escura contra o negro dos arbustos e das árvores. Mas havia um tom peculiar em sua voz. Ele limpou a garganta.

—É um juramento... ou algo assim. Ele, Jamie, fez um juramento a nós, a sua família e seus colonos. Apoio, proteção, esse tipo de coisa.

— Ah, é? — eu disse, ligeiramente intrigada. — O que você quer dizer com "algo assim"?

— Ah, bem... — Ele ficou em silêncio por um instante, evidentemente escolhendo as palavras. — É uma palavra de honra, mais do que apenas um juramento — ele disse cuidadosamente. — Antigamente, dizia-se que Earbsachd — ele pronunciou "IARB-sorc" — era a característica peculiar dos MacCrimmon de Skye e significava basicamente que a palavra deles, uma vez empenhada, deveria ser cumprida a qualquer custo. Se um MacCrimmon dissesse que faria alguma coisa — ele parou para retomar o fôlego, — ele faria, ainda que morresse por isso.

Sua mão segurou meu cotovelo, surpreendentemente firme.

— Venha — ele disse, serenamente. — Deixe-me ajudá-la; está escorregadio aqui.

NA NOITE DO NOSSO CASAMENTO

— Poderia cantar para mim, Roger? Ela estava parada na abertura da tenda emprestada, olhando para fora. De trás, ele não podia ver mais do que sua silhueta contra o cinzento do céu nublado, os longos cabelos esvoaçando no vento chuvoso. Ela os usara soltos para o casamento — cabelos de solteira, embora ela tivesse um filho.

Fazia frio esta noite, bem diferente daquela primeira vez em que ficaram juntos, aquela noite quente, esplendorosa, que terminara em rancor e traição. Meses de outras noites estendiam-se entre aquela noite e está de hoje — meses de solidão, meses de alegria. E, no entanto, seu coração batia tão acelerado agora quanto em sua primeira noite de núpcias.

— Eu sempre canto para você, menina. — Aproximou-se por trás dela, puxou-a contra si, de modo que a cabeça de Brianna repousasse em seu ombro, os cabelos frios e cheios de vida contra seu rosto. Ele passou o braço ao redor da cintura dela, segurando-a com firmeza. Inclinou a cabeça, aninhando o rosto na curva de sua orelha.

— Não importa o que aconteça — ele sussurrou, — não importa onde seja. Não importa se você estiver lá ou não, eu sempre cantarei para você.

Ela virou-se para dentro de seus braços, com um pequeno arrulho de satisfação na garganta, e sua boca encontrou a dele, com gosto de carne de churrasco e vinho quente.

A chuva tamborilava na lona acima e o frio do final do outono erguia-se do chão em torno de seus pés. Na primeira vez, o ar cheirava a lúpulo e lamaçais; o lugar onde se refugiaram tinha o cheiro rústico e penetrante de feno e burros. Agora, o ar vibrava com o aroma de pinheiros e zimbros, temperado com a fumaça de fogueiras ardentes — e o leve toque adocicado de fezes de bebê.

E, no entanto, ela estava outra vez escura e leve em seus braços, seu rosto escondido, seu corpo brilhante. Naquela ocasião, ela estava úmida e derretida, suada com o verão. Agora, seu corpo estava frio como o mármore, salvo onde ele a tocara — porém, o verão ainda vivia na palma de sua mão onde ele a tocava, doce e escorregadio, pleno dos segredos de uma noite quente e escura. Foi certo, ele pensou, que esses votos tivessem sido feitos como os primeiros, ao ar livre, parte do vento e da terra, do fogo e da água.

— Eu amo você — ela murmurou contra sua boca, e ele prendeu seu lábio entre os dentes, emocionado demais no momento para pronunciar as palavras em resposta.

Eles recitaram os votos na ocasião, como o fizeram esta noite. As palavras foram as mesmas e ele fora tão sincero da primeira vez quanto o fora esta noite. E, no entanto, era diferente.

Da primeira vez, ele as pronunciara apenas para ela e, embora o tivesse feito sob a vista de Deus, Deus fora discreto, pairando apenas ao fundo, o rosto virado diante da nudez de ambos.

Esta noite, ele as pronunciara no clarão da fogueira, diante de Deus e do mundo, da família. Seu coração fora entregue a ela, e tudo o mais que lhe pertencesse — mas agora não havia mais ele ou ela, dele ou dela. Os votos foram feitos, seu anel colocado no dedo dela, a aliança realizada e testemunhada. Agora eram um só corpo.

Uma das mãos de seu organismo agora unido apertou um seio um pouco duro demais e uma garganta fez um pequeno ruído de desconforto. Ela afastou-se um pouco, e ele sentiu, mais do que viu, uma careta de dor. O ar soprou frio entre os dois e ele sentiu a própria pele repentinamente esfolada, exposta, como se tivesse sido separado dela com uma faca.

— Eu preciso — ela disse, e tocou o seio, sem terminar. — Só um minuto, está bem?

Claire alimentara a criança enquanto Brianna fora conversar com o reverendo Caldwell. Explodindo de mingau e pêssegos em calda, Jemmy mal pôde ser acordado para mamar rapidamente, antes de recair na sonolência e ser levado por Lizzie, a barriguinha dura como um tambor. Isso foi muito bom para a privacidade deles — entorpecido em tal estupor glutão, era improvável que o bebê acordasse antes de o sol nascer. O preço disso, no entanto, era o leite não utilizado.

Ninguém que vivesse na mesma casa com uma mulher que estivesse amamentando poderia deixar de notar seus seios, muito menos seu marido. Eles possuíam vida própria, aqueles seios. Mudavam de tamanho a cada hora, para começar, inchando de seus globos macios normais a grandes bolhas duras e redondas, que lhe davam a estranha sensação de que explodiriam se ele as tocasse.

De vez em quando, um deles realmente explodia, ou ao menos dava essa impressão. A carne macia iria subir como pão fermentando, devagar mas certamente empurrando-se acima da borda do corpete de Brianna. Então, de repente, haveria um grande círculo molhado no tecido, que apareceria como se fosse por mágica, como se alguém invisível tivesse atirado uma bola de neve sobre ela. Ou duas bolas de

neve — pois o que um dos seios fazia, seu companheiro apressava-se a imitar.

Às vezes, entretanto, os Gêmeos Celestiais eram enganados; Jemmy drenava um lado, mas adormecia sem nenhuma consideração antes de realizar o mesmo serviço do outro lado. Isso deixava sua mãe trincando os dentes, cuidadosamente segurando o globo inchado na palma da mão, pressionando a borda de uma caneca de estanho logo abaixo do mamilo para pegar o jato e o gotejamento, conforme o dolorido inchaço se esvaziava, o suficiente para ela própria adormecer.

Ela fazia isso agora; recatadamente virada de costas para ele, um arisaid jogado ao redor dos ombros por causa do frio. Ele podia ouvir o som sibilante do jato de leite, um tilintar delicado contra o metal.

Ele relutava em abafar o som, que achava erótico, mas assim mesmo pegou o violão e começou a dedilhar as cordas, a mão sobre os trastos. Ele não tocava acordes, apenas notas isoladas, pequenas vozes para ecoar a sua própria voz, a vibração de uma única corda soando pelo verso da canção.

Uma canção de amor, sem dúvida. Uma das mais antigas, em gaélico. Ainda que ela não soubesse todas as palavras, achou que ela compreenderia o sentido geral.

"Na noite do nosso casamento, Virei correndo cobri-la de presentes, Na noite do nosso casamento..."

Ele fechou os olhos, vendo mentalmente o que a noite agora escondia. Seus mamilos estariam da cor de ameixas maduras e do tamanho de cerejas maduras, e Roger teve a vívida sensação mental de como seria ter um deles na boca. Ele os sugara uma vez, havia muito tempo — antes da chegada de Jemmy, — porém nunca mais.

"Você ganhará cem salmões prateados... Cem peles de texugo..."

Ela nunca lhe pediu para não o fazer, nunca se afastou — e, no entanto, ele sabia pela maneira com que prendia a respiração que ela estava se preparando para não se contrair e recuar quando ele tocasse seus seios.

Seria apenas por estarem muito sensíveis?, ele imaginou. Ela não confiava que ele fosse capaz de ser delicado?

Ele tentou afastar o pensamento, afogando-o em uma pequena cascata de notas, líquidas como uma cachoeira.

Pode não ser por sua causa — sussurrou a voz, recusando-se teimosamente a ir embora. *Talvez fosse por causa dele — algo que ele fez a ela.*

Fora!, ele pensou sucintamente para a voz, marcando cada palavra

da canção com o som forte de uma corda. Stephen Bonnet não teria nenhum lugar na cama da noite de núpcias deles dois. Nenhum.

Ele colocou a mão sobre as cordas para silenciá-las por um breve instante e, quando ela deixou o arisaid deslizar dos ombros, recomeçou, desta vez em inglês. E era uma canção especial — uma só para eles dois. Ele não sabia se alguém mais iria ouvi-la, mas não fazia a menor diferença se ouvissem. Ela parou e fez a combinação deslizar dos ombros, enquanto os dedos dele tocavam a tranquila abertura de "Yesterday", dos Beatles.

Ele a ouviu rir, uma vez, depois suspirar, e o linho sussurrou contra sua pele ao cair.

Ela se aproximou por trás dele, nua, enquanto a suave e melancólica nostalgia da canção enchia a escuridão. A mão dela acariciou seus cabelos, juntou-os com força em sua nuca. Ela oscilou e ele sentiu-a pressionar o corpo contra suas costas, os seios macios agora, maleáveis e quentes através de sua camisa, seu hálito fazendo cócegas em sua orelha. A mão de Brianna descansou em seu ombro por um breve instante, depois deslizou por dentro de sua camisa, os dedos frios em seu peito. Ele pôde sentir o metal duro e quente do anel dela em sua pele e sentiu uma enorme ânsia de possuí-la que pulsava através dele como um grande gole de uísque, um calor expandindo-se por sua carne.

Ansiava por se virar e tomá-la nos braços, mas abafou a compulsão, aumentando a expectativa. Inclinou a cabeça para mais perto das cordas e cantou até que todo e qualquer pensamento o tivesse abandonado e não restasse nada mais além do seu corpo e do corpo dela. Não saberia dizer quando a mão dela fechou-se sobre a sua, nos trastos, e ele se levantou e se virou para ela, ainda repleto da sua música e de seu amor — suave, forte e puro na escuridão.

Ela permaneceu em silêncio no escuro, sentindo o coração retumbar devagar em seus ouvidos. A pulsação ecoava em seu pescoço, nos pulsos, nos seios, no útero. Ela perdera os seus limites; lentamente, a noção de seus membros, dedos, cabeça e tronco, de espaço ocupado retornou. Retirou o dedo grudado entre suas pernas e sentiu o último choque de formigamento descer pelas suas coxas quando ele se soltou.

Respirou devagar, ouvindo atentamente.

O hálito dele ainda vinha em longas e regulares expirações; graças a Deus, não o acordara. Ela fora cuidadosa, movendo não mais do que a ponta de um dedo, mas o último solavanco do clímax a atingira com tal força que seus quadris moveram-se bruscamente, conforme sua barriga estremecia em convulsão, seus calcanhares escavando o

colchão com um ruidoso farfalhar de palha.

Ele tivera um dia muito longo — todos eles tiveram. Mesmo assim, ela ainda podia ouvir fracos sons festivos na encosta da montanha em volta deles. A chance de comemorar como esta acontecia tão raramente que ninguém deixaria que algo tão inconsequente quanto chuva, frio ou cansaço os tirasse da diversão.

Ela mesma se sentia como uma poça de mercúrio líquido; macia e pesada, tremeluzindo a cada batida do coração. O esforço de se mover era inimaginável; mas sua convulsão final havia arrancado a colcha dos ombros dele e a pele de suas costas estendia-se macia e nua, escura em contraste com o lençol claro. O bolsão de calor ao seu redor era aconchegante e perfeito, mas ela não podia comprazer-se enquanto ele jazia exposto ao ar gelado da meia-noite. Filetes de neblina haviam se infiltrado por baixo da porta da barraca e pairavam como fantasmas, viscosas, ao redor deles; ela podia ver o leve brilho de umidade na curva alta da maçã de seu rosto.

Ela convocou ossos e músculos, encontrou um neurônio motor em condições de trabalho e severamente ordenou-lhe que disparasse. De posse de seu corpo novamente, ela rolou de lado, de frente para ele, e delicadamente puxou a colcha para cima, até suas orelhas. Ele remexeu-se e murmurou alguma coisa; ela acariciou seus cabelos castanhos soltos e ele sorriu debilmente, as pálpebras abrindo-se parcialmente no olhar vazio de alguém que vê sonhos. Elas cerraram-se outra vez, ele deu um longo suspiro e adormeceu novamente.

— Eu amo você — ela sussurrou, cheia de ternura.

Acariciou de leve suas costas, adorando a sensação de suas omoplatas através da colcha, o osso sólido na base de sua nuca e o sulco longo e liso que percorria o centro de sua espinha dorsal para se arquear na elevação das nádegas. Uma brisa fria arrepiou os pelos de seu braço e ela o enfiou debaixo das cobertas, deixando a mão descansar de leve no traseiro de Roger. A sensação não era nenhuma novidade, mas excitou-a mesmo assim, com sua forma redonda quente e perfeita, os pelos ásperos e encaracolados. Um leve eco de seu prazer solitário a encorajou a repetir o gesto e sua mão livre insinuou-se entre suas pernas, mas a pura exaustão a deteve, dedos flácidos amoldando-se na carne intumescida, um dedo lânguido percorrendo o tecido escorregadio.

Ela esperara que fosse diferente esta noite. Sem o onipresente perigo de acordar Jemmy, livres para levarem todo o tempo que quisessem, e cavalgar as ondas da emoção pela troca de votos, ela imaginara... mas fora tudo igual.

Não que não se sentisse excitada, muito pelo contrário. Cada

movimento, cada toque, se imprimia nos nervos de sua pele, nas fendas da boca e na memória, inundando-a do cheiro, marcando-a com a sensação. Mas, por mais maravilhoso que fosse o sexo, permanecia uma estranha sensação de distância, uma barreira que ela não conseguia transpor.

E assim, mais uma vez, ela se viu deitada ao lado dele enquanto ele dormia, revivendo mentalmente cada momento da paixão que acabavam de compartilhar — e capaz, finalmente, na lembrança de se entregar a ela.

Talvez fosse porque o amasse demais, pensou, ou estivesse preocupada demais com o prazer dele para ter o seu próprio. A satisfação que ela sentia quando ele se entregava, arfando e gemendo em seus braços, era muito maior do que o simples prazer físico do clímax. E, no entanto, havia algo mais obscuro sob isso; uma sensação peculiar de triunfo, como se ela tivesse vencido algum concurso não declarado e não reconhecido entre eles.

Suspirou e aninhou a fronte contra a curva do ombro dele, apreciando seu odor masculino — um cheiro almiscarado, forte e amargo, como poejo.

A ideia de ervas a fez lembrar e ela deslizou um dedo escorregadio bem fundo para verificar. Não, estava tudo bem; o pedaço de esponja embebido em óleo de tanaceto ainda estava no lugar, sua presença frágil e pungente protegendo a entrada de seu útero.

Ela aconchegou-se mais a ele e ele se remexeu inconscientemente, seu corpo virando-se parcialmente para acomodá-la, seu calor imediatamente envolvendo-a, reconfortando-a. A mão dele tateou como um pássaro voando às cegas, deslizando pelo seu quadril, sua barriga macia, em busca de um lugar de pouso. Ela envolveu-a com as duas mãos e dobrou-a, presa sob seu queixo. A mão dele curvou-se sobre a dela; ela beijou uma junta áspera e grande e ele suspirou profundamente, a mão relaxando.

Os sons de folgedos na montanha haviam desaparecido, conforme os dançarinos se cansaram e os músicos ficaram roucos e exaustos. A chuva recomeçou, tamborilando na lona acima, e uma névoa cinzenta tocou seu rosto com dedos úmidos e frios. O cheiro de lona molhada a fez pensar nas viagens de acampamento com seu pai, com suas sensações mistas de empolgação e segurança, e ela se aconchegou ainda mais na curva do corpo de Roger, sentindo uma sensação similar de conforto e expectativa.

Eram os primeiros dias, ela pensou. Tinham toda a vida diante deles. O momento da entrega certamente viria.

A FOGUEIRA DA SENTINELA

De onde estavam deitados, ele podia ver lá embaixo através de uma lacuna nas rochas, até a fogueira da sentinela que queimava na frente da barraca de Hayes. A enorme fogueira da Assembleia se reduzira a brasas, seu clarão apenas uma fraca lembrança das altas labaredas de declaração, mas a fogueira menor ardia firme como uma estrela contra a noite fria. De vez em quando, uma figura escura, de kilt, levantava-se para avivá-la, ficava absolutamente parada por um instante contra a claridade, depois desfazia-se outra vez na noite.

Ele tinha uma leve consciência das nuvens fugidias que encobriam a luz, do forte tremular da lona acima de sua cabeça e das sombras negras das rochas na encosta da montanha, mas não tinha olhos para mais nada além da fogueira lá embaixo e da mancha branca da barraca por trás dela, amorfa como um fantasma.

Ele reduzira a respiração, relaxara os músculos dos braços e do peito, costas, nádegas, pernas. Não na tentativa de dormir; não sentia nenhum sono e não tinha intenção de buscá-lo.

Nem se tratava de uma tentativa de enganar Claire, fazendo-a acreditar que ele estava dormindo. Tão perto do seu corpo, tão perto de sua mente como estava, ela saberia que ele estava acordado. Não, era apenas um sinal para ela; um reconhecido faz de conta que a livrava de qualquer necessidade de prestar atenção nele. Ela deveria dormir, sabendo-o ocupado dentro da casca de noz de sua mente, não tendo nenhuma requisição imediata a fazer a ela.

Poucos dormiam na montanha esta noite, ele pensou. O zumbido do vento mascarava o murmúrio de vozes, o roçar de movimentos, mas seus sentidos de caçador registraram uma dúzia de pequenas agitações, identificando palavras entreouvidas, dando nome às sombras móveis. Um arrastar de sapatos de couro sobre pedra, a batida de um cobertor sacudido. Seriam Hobson e Fowles, partindo em surdina, sozinhos, no escuro, temerosos de esperar pelo amanhecer, por receio de serem traídos durante a noite.

Algumas notas musicais desceram com uma rajada de vento que veio de cima; concertina e violino. Os escravos de Jocasta, recusando-se a abrir mão desta rara ocasião de festejar em prol das necessidades de sono ou dos imperativos das condições climáticas.

Um bebê choramingando. O pequeno Jemmy? Não, o som vinha de

trás. A pequena Joan, então, e a voz de Marsali, baixa e meiga, cantando em francês.

—...Alouette, gentil Alouette...

Agora, sim, o som que ele esperava; passos no extremo oposto das rochas que delimitavam o santuário de sua família. Rápidos e leves, descendo a encosta. Ele esperou, os olhos abertos, e, dentro de poucos instantes, ouviu a leve saudação de uma sentinela perto da tenda. Nenhuma figura surgiu na luz da fogueira abaixo, mas a aba da entrada da tenda depois dela se mexeu, a abertura se abriu, depois a aba caiu novamente, fechando a entrada.

Como ele imaginara, então; havia um forte sentimento generalizado contra os rebeldes. Não era considerado uma traição de amigos, mas a necessária entrega de criminosos para proteção daqueles que escolheram viver dentro da lei. Podia ser relutante — as testemunhas haviam esperado pela escuridão, — mas não era furtivo.

—...fante plumerai la tête...

Ocorreu-lhe se perguntar por que as canções entoadas a crianças eram em geral tão assustadoras, sem que se desse a menor atenção às palavras que as crianças absorviam junto com o leite da mãe. A música das canções era para ele não mais do que uma ladainha monótona — talvez fosse por isso que ele prestava mais atenção do que a maioria à letra das canções.

Até mesmo Brianna, que vinha de uma época presumivelmente mais pacífica, cantava canções de terríveis mortes e trágicas perdas para o pequeno Jemmy, tudo com um ar tão terno quanto o da Virgem amamentando o Menino Jesus. Aquele verso sobre a filha do mineiro que se afogou em meio aos seus patinhos...

Ocorreu-lhe perversamente imaginar que pavorosos acontecimentos a Santa Mãe de Deus deve ter incluído em seu próprio repertório de canções de ninar; a julgar pela Bíblia, a Terra Santa não era mais pacífica do que a França ou a Escócia.

Ele teria feito o sinal da cruz em penitência pela ideia, mas Claire estava deitada sobre seu braço direito.

— Eles estavam errados? — A voz de Claire veio suavemente de baixo de seu queixo, espantando-o.

— Quem? — Ele inclinou a cabeça para ela e beijou a espessa maciez de seus cachos. Seus cabelos cheiravam a fumaça das fogueiras e ao aroma penetrante e pungente de zimbros.

— Os homens em Hillsborough.

— Sim, acho que sim.

— O que você teria feito?

Ele suspirou e encolheu um dos ombros num gesto de incerteza.

— O que posso dizer? Sim, se fosse eu quem tivesse sido enganado e não houvesse esperança de reparação, eu teria agarrado o responsável. Mas o que foi feito lá... você ouviu. Casas demolidas e incendiadas, homens arrastados de suas salas e espancados até a inconsciência, apenas por causa do seu trabalho... não, Sassenach. Eu não sei o que eu teria feito... mas não isso.

Ela virou um pouco a cabeça, de modo que ele viu a curva alta de sua maçã do rosto, delineada em luz, e a flexão do músculo que corria diante de sua orelha quando ela riu.

— Não achei que você o faria. Não consigo vê-lo fazendo parte de uma turba de arruaceiros.

Ele beijou sua orelha, para não responder diretamente. Ele podia ver-se como parte de uma turba de revoltosos, sem a menor dificuldade. Isso era o que o amedrontava. Ele conhecia muito bem a força desse movimento.

Um único homem das Highlands era um guerreiro, mas o mais poderoso dos homens ainda era apenas um homem. Era a loucura que tomava conta de grupos de homens que haviam governado os vales das Highlands por mil anos; essa excitação do sangue, quando você ouvia os berros de seus companheiros, sentia a força do todo levá-lo em suas asas, e você conhecia a imortalidade — porque, ainda que caísse, seria levado em frente, seu espírito gritando nas bocas daqueles que correram ao seu lado. Somente mais tarde, quando o sangue corria frio em veias flácidas e ouvidos surdos, ouviam-se as mulheres chorando...

— E se não fosse um homem que o tivesse enganado? E se fosse a Coroa ou a Justiça? Quero dizer, não uma única pessoa, mas uma instituição?

Ele sabia aonde ela queria chegar. Apertou o braço ao seu redor, sentindo seu hálito quente nas articulações dos seus dedos, curvados logo abaixo do seu queixo.

— Não é isso. Não aqui. Não agora. — Os desordeiros haviam atacado em resposta a crimes de homens, de indivíduos; o preço desses crimes devia ser pago com sangue, não retaliado com a guerra — ainda não.

— Não é — ela disse serenamente. — Mas vai ser.

— Não agora — ele repetiu.

O pedaço de papel estava escondido em segurança em seu alforje, sua maldita convocação oculta. Ele precisava lidar com aquilo, e sem perda de tempo, mas esta noite ele fingiria que não estava lá. Uma

última noite de paz, com sua mulher nos braços, sua família ao seu redor.

Outra sombra junto à fogueira. Outra saudação da sentinela, mais um a atravessar o portão dos traidores.

— E eles estão errados? — Uma ligeira inclinação de sua cabeça na direção da tenda lá embaixo. — Os que estão indo entregar seus conhecidos?

— Sim — ele disse, após um instante. — Eles também estão errados.

Um bando de desordeiros pode dominar, mas era cada homem individualmente que pagaria o preço pelo que havia sido feito. Parte do preço era a quebra da confiança, a delação de vizinho contra vizinho, medo de um nó apertando com tanta força até não sobrar nenhum ar de compaixão ou perdão.

Começara a chover; o leve salpicar das gotas na lona acima transformou-se num tamborilar harmônico e o ar ganhou vida com o correr das águas. Era uma tempestade de inverno; nenhum relâmpago iluminava o céu e as altas montanhas estavam invisíveis.

Segurou Claire bem junto a si, curvando a mão livre no seu baixo-ventre. Ela suspirou, um leve tom de dor na respiração, e acomodou-se, o traseiro encaixando-se na curva de suas coxas. Ele pôde sentir o derretimento começar conforme ela relaxava, aquela estranha fusão de seus corpos.

No começo, acontecia somente quando ele a possuía, e apenas no final. Depois, cada vez mais cedo, até que a mão dela sobre ele era tanto um convite quanto uma conclusão, uma entrega inevitável, oferecida e aceita. Ele resistira uma vez ou outra, só para ter certeza de que podia, repentinamente temeroso de perder-se. Ele a considerara uma paixão traiçoeira, como a que varria um bando de homens, vinculando-os numa fúria insana.

Mas agora ele tinha certeza de que era uma sensação certa. A Bíblia de fato a mencionava: Vocês serão uma só carne e O que Deus uniu, nenhum homem poderá separar.

Ele sobrevivera a tal separação uma vez; não poderia suportá-la duas vezes e sobreviver. As sentinelas haviam erguido uma lona em meia-água perto da fogueira para abrigá-los da chuva. As chamas crepitavam conforme a chuva era soprada pelo vento e iluminavam o tecido claro com uma claridade bruxuleante que pulsava como batimentos cardíacos. Ele não tinha medo de morrer com ela, pelo fogo ou de qualquer outro modo — só tinha medo de viver sem ela.

O vento mudou de direção, carregando com ele o som fraco de

risos de uma minúscula tenda onde os recém-casados dormiam — ou não dormiam. Sorriu consigo mesmo. Esperava que sua filha encontrasse no casamento a mesma alegria e felicidade que ele encontrara — e até aqui, tudo bem. O rosto do rapaz iluminava-se quando olhava para ela.

— O que você vai fazer? — Claire perguntou serenamente, as palavras quase se perdendo no barulho da chuva.

— O que tiver que fazer.

Não era uma resposta, mas a única possível.

Não havia nenhum mundo fora daquele pequeno confinamento, ele disse a si mesmo. A Escócia se perdera, as Colônias iriam se perder — o que se estendia à frente ele só podia imaginar muito indistintamente pelo que Brianna lhe contava. A única realidade era a mulher que ele segurava em seus braços; seus filhos e netos; seus colonos e criados — essas eram as dádivas que Deus lhe dera; para ele acolher, para ele proteger.

A encosta da montanha estava escura e silenciosa, mas ele podia senti-los em toda a sua volta, confiantes nele para guiá-los com segurança. Se Deus depositara nele essa confiança, certamente também lhe concederia a força para merecê-la.

Ele estava ficando excitado pelo hábito do contato íntimo, seu pênis levantando-se e desconfortavelmente preso. Ele a desejava, havia dias ansiava por ela, o desejo posto de lado na confusão da Assembleia. A dor difusa em suas bolas reproduzia o que ele achava que devia ser a dor no útero dela.

Ele a possuía algumas vezes em meio à sua menstruação, quando ambos sentiam uma urgência que não admitia espera. Ele achara confuso e perturbador, mas também excitante, deixando-o com uma leve sensação de vergonha que não era inteiramente desagradável. Agora não era a hora nem o lugar para isso, é claro, mas a lembrança de outras ocasiões e outros lugares o fez mudar de posição, afastando-se dela, para não a incomodar com a evidência física de seus pensamentos.

Entretanto, o que ele sentia agora não era cobiça sexual — não inteiramente. Nem sequer era necessidade dela, o desejo de companhia da alma. Ele queria cobri-la com seu corpo, possuí-la — pois, se pudesse fazer isso, poderia fingir para si mesmo que ela estava a salvo. Cobrindo-a desse modo, unidos em um só corpo, ele poderia protegê-la. Ou assim ele sentia, embora reconhecendo a falta de lógica do sentimento.

Ele se estendera, o corpo involuntariamente se retesando com seus pensamentos. Claire remexeu-se e estendeu a mão para trás. Pousou-a

em sua perna, deixou-a ali por um instante, depois subiu lentamente, numa indagação sonolenta.

Ele inclinou a cabeça, colocou os lábios atrás de sua orelha. Disse o que estava pensando, sem refletir.

— Nada poderá feri-la enquanto houver um sopro de vida em meu corpo, a nighean donn. Nada.

— Eu sei — ela disse. Seus membros relaxaram-se lentamente, sua respiração se acalmou e a suave curva de sua barriga inflou sob a palma de sua mão enquanto ela se dissolvia no sono. A mão dela permaneceu sobre ele, cobrindo-o. Ele continuou retesado e completamente insone, até muito tempo depois da fogueira da sentinela ter sido apagada pela chuva.

PARTE II

A Convocação do Chefe



LAR DOCE LAR

Gideon arremeteu a cabeça para frente como uma cobra, mirando a perna do cavaleiro adiante.

— Seas! — Jamie girou com força a cabeça do enorme baio antes que ele pudesse dar uma mordida. — Filho da mãe desgraçado — murmurou à meia-voz. Geordie Chisholm, sem perceber que escapara por pouco dos dentes de Gideon, ouviu a observação e olhou para trás por cima do ombro, surpreso. Jamie sorriu e tocou a aba de seu chapéu como um pedido de desculpas, conduzindo o cavalo para a frente da mula de pernas longas de Chisholm.

Jamie esporeou Gideon sem piedade nos flancos, instigando-o a ultrapassar o restante dos viajantes vagarosos a uma velocidade suficiente para impedir o brutamontes de morder, dar coice, pisotear crianças desgarradas ou causar algum outro tipo de confusão. Após uma semana de viagem, ele estava muito bem familiarizado com as inclinações do garanhão. Passou por Brianna e Marsali, mais ou menos na metade da coluna, num trote lento; quando passou por Claire e Roger, cavalgando à frente, estava veloz demais para fazer mais do que saudá-los com um floreio do chapéu.

— A mhic an dhiobhail — ele disse, enfiando o chapéu de novo na cabeça e inclinando-se sobre o pescoço do cavalo. — Você é um pouco arisco demais para o seu próprio bem, quanto mais para o meu. Vamos ver quanto tempo você aguenta o rojão, hein?

Ele puxou com força para a esquerda, saindo da trilha e descendo um declive, pisoteando o mato seco e tirando os cornisos desfolhados do caminho, os galinhos estalando como um tiroteio. O que o maldito filho da mãe precisava era de um terreno plano, onde Jamie o faria galopar até perder o fôlego e o traria de volta arquejando. Como não havia nenhum lugar plano num raio de trinta quilômetros, ele teria que se arranjar como pudesse.

Juntou as rédeas, estalou a língua, enfiou os calcanhares nas costelas no animal e arremessaram-se pela encosta acima como se tivessem sido lançados de um canhão.

Gideon era um cavalo de ossatura larga, bem nutrido e de bom fôlego, e fora por isso que Jamie o comprara. Era também um cavalo teimoso e mal humorado, por isso não custara muito, embora mais do que Jamie poderia se dar ao luxo de gastar.

Quando voaram por cima de um córrego, saltaram um tronco caído e subiram a toda brida uma encosta quase vertical, entulhada de chaparheiros e caquizeiros raquíticos, e Jamie se perguntou se havia feito um bom negócio ou se aquilo era um suicídio. Este foi o último pensamento coerente que ele teve antes de Gideon mudar bruscamente de direção, esmagando a perna de Jamie contra uma árvore, depois contrair as ancas, se arremessar pelo outro lado da montanha abaixo e enfiar-se num aglomerado de arbustos, fazendo bandos de perdizes saltarem de baixo de seus enormes cascos, explodindo em todas as direções.

Meia hora esquivando-se dos galhos baixos, saltando córregos e subindo a galope tantas encostas quantas Jamie pôde encontrar, e Gideon ficou, se não exatamente dócil, ao menos exausto o suficiente para ser manejável. Jamie estava encharcado até as coxas, machucado, sangrando de meia dúzia de arranhões e arfando quase tanto quanto o cavalo. No entanto, ele ainda estava na sela e ainda no comando.

Ele virou a cabeça do cavalo na direção do sol poente e estalou a língua outra vez.

— Está bem agora — ele disse. — Vamos para casa.

Eles haviam se exercitado vigorosamente, mas, dada a natureza acidentada do terreno, não haviam coberto tanta distância a ponto de se perderem inteiramente. Ele virou a cabeça de Gideon para cima e, em quinze minutos, saíram no alto de uma pequena serra que ele reconheceu.

Escolheram seu caminho ao longo da serra, procurando uma maneira segura de descer pelos emaranhados de castanheiras-anãs, choupos e abetos. O grupo não estaria muito distante, ele sabia, mas poderia levar algum tempo até alcançá-los e ele queria se juntar a eles outra vez antes de chegarem a Ridge. Não que Claire ou Mackenzie não pudessem guiá-los, mas ele admitiu para si mesmo que queria muito retornar a Fraser's Ridge à frente de seu grupo, liderando-os na volta para casa.

— Santo Deus, homem, você pensa que é Moisés — ele murmurou, sacudindo a cabeça como se zombasse das próprias pretensões.

O cavalo espumava e, quando as árvores se abriram num pequeno espaço livre, Jamie parou para um momento de descanso — relaxando as rédeas, mas ainda assim mantendo-as firmemente seguras, para desencorajar qualquer ideia que a voluntariosa criatura ainda pudesse estar alimentando. Ficaram no meio de um bosque de vidoeiros prateados, à beira de uma pequena formação rochosa acima de um declive de doze metros; achava que o cavalo era orgulhoso demais

para pensar em autodestruição, mas o melhor era ser cuidadoso, caso ele tivesse qualquer ideia de lançar seu cavaleiro no meio dos loureiros lá embaixo.

A brisa soprava do oeste. Jamie ergueu o queixo, desfrutando seu toque frio na pele afogueada. O terreno estendia-se em ondulações de marrom e verde, salpicadas aqui e ali de manchas coloridas, iluminando a neblina nos recôncavos como a claridade da fumaça de uma fogueira de acampamento. Sentiu uma grande paz dominá-lo diante da vista e respirou profundamente, seu corpo relaxando.

Gideon relaxou também, toda a agressividade lentamente se esvaindo dele como água de um balde furado. Devagar, Jamie deixou suas mãos pousarem com leveza no pescoço do cavalo e o animal permaneceu quieto, as orelhas para frente. Ah, ele pensou, e ele percebeu que aquele era um Lugar.

Ele pensava em tais lugares de uma forma que não cabia em palavras, apenas reconhecendo quando chegava a um deles. Podia chamá-lo de sagrado, salvo que a sensação transmitida por tais lugares nada tinha a ver com igreja ou santo. Era apenas um lugar ao qual ele pertencia, e isso era suficiente, embora ele preferisse estar sozinho quando encontrava um lugar assim. Deixou as rédeas caírem frouxas sobre o pescoço do cavalo. Sentiu que nem mesmo uma criatura mal-humorada como Gideon daria trabalho ali.

De fato, o cavalo permaneceu quieto, a base escura e vigorosa do pescoço soltando vapor no ar frio. Não podiam se demorar, mas ele sentia-se profundamente gratificado pela trégua momentânea — não da batalha com Gideon, mas da pressão das pessoas.

Ele aprendera desde cedo o truque de viver à parte em uma multidão, com privacidade em sua mente, quando a privacidade física não era possível. Mas ele nasceu como um homem da montanha e aprendera cedo também o encanto da solidão e a capacidade de cura de lugares tranquilos.

De repente, teve uma visão de sua mãe, um dos pequenos retratos vívidos que sua mente abrigava, apresentando-os inesperadamente em resposta a Deus sabe o quê — um som, um cheiro, algum fugidio capricho da memória.

Ele estava preparando armadilhas para coelhos numa colina, suado e acalorado, os dedos espetados do tojo e a camisa grudada no corpo de suor e lama. Ele vira um bosque de árvores e fora se refugiar em sua sombra. Sua mãe estava lá, sentada na sombra verde, no chão, ao lado de uma pequena fonte. Ela estava absolutamente imóvel — o que não era próprio dela, — as mãos longas entrelaçadas no colo.

Ela não disse nada, mas sorriu para ele e ele aproximou-se, também

sem falar, mas tomado de uma magnífica sensação de paz e contentamento, descansando a cabeça no ombro dela, sentindo seu braço rodeá-lo e sabendo que estava no centro do mundo. Ele devia ter cinco ou seis anos.

Tão repentinamente quanto surgira, a visão desapareceu, como uma truta brilhante sumindo em águas escuras. Mas deixou para trás a mesma profunda sensação de paz — como se alguém o tivesse abraçado rapidamente, a mão suave tocado em seu cabelo.

Ele saltou da sela, precisando sentir as agulhas dos pinheiros sob suas botas, um contato físico com aquele lugar. A precaução o fez amarrar as rédeas num robusto pinheiro, apesar de Gideon parecer bastante calmo; o garanhão abaixara a cabeça e, com o focinho, procurava tufo de capim seco. Jamie ficou parado, imóvel, por um instante, depois se voltou cuidadosamente para a direita, de frente para o norte.

Ele já não se recordava de quem lhe ensinara isto — se tinha sido sua mãe, seu pai ou o Velho John, pai de Ian. Mas proferiu as palavras, enquanto girava no sentido do sol, como no folclore escocês, murmurando a pequena prece a cada um dos pontos cardeais por sua vez, até terminar de frente para o oeste, para o sol poente. Colocou as mãos em concha e a luz encheu-as, derramando-se das palmas.

"Que Deus torne seguro cada um dos meus passos,

Que Deus abra meus caminhos,

Que Deus ilumine minha estrada

E que Deus me tome em Suas próprias mãos."

Com um instinto mais antigo do que a oração, ele pegou o frasco da cintura e despejou algumas gotas no chão.

Fragmentos de sons transportados pela brisa alcançaram-no; risos e gritos, o barulho de animais atravessando vegetação rasteira. A caravana não estava distante, apenas do outro lado de um pequeno vale, dobrando a curva vagorosamente da colina à sua frente. Deveria ir agora, juntar-se a eles na última investida monte acima, na direção de Ridge.

Ainda assim, hesitou por um instante, com receio de quebrar o encanto do Lugar. Pelo canto do olho, captou um minúsculo movimento; inclinou-se, estreitando os olhos enquanto espreitava debaixo das sombras profundas de um azevinho.

Ele estava paralisado, perfeitamente mesclado ao fundo escuro e turvo. Jamie jamais o teria avistado se seus olhos de caçador não tivessem percebido o movimento. Um gatinho, o pelo cinza inflado como a cabeça de um algodão-do-campo maduro, os olhos enormes

arregalados e fixos, sem piscar, quase sem cor na obscuridade do arbusto.

— A Chait — ele sussurrou, estendendo devagar um dedo para ele.
— O que você está fazendo aqui?

Um gato selvagem, sem dúvida; nascido de mãe selvagem, fugido da cabana de algum colono e há muito livre da prisão da domesticidade. Ele roçou os pelos finos de seu peito e o pequeno animal fincou os minúsculos dentes repentinamente em seu dedo.

— Ai! — Ele deu um salto para trás e examinou a gota de sangue que se formava no pequeno ferimento. Fitou o gato com raiva por um instante, mas ele simplesmente lhe devolveu o olhar, sem fazer nenhum movimento para fugir. Jamie parou, depois se decidiu. Limpou a gota de sangue em seu dedo nas folhas, mais uma oferenda para se somar ao gole de bebida que ele derramara, um presente aos espíritos do Lugar — que evidentemente haviam resolvido também lhe oferecer um presente.

— Muito bem, então — ele disse à meia-voz. Ajoelhou-se e estendeu a mão, a palma para cima. Muito devagar, moveu um dedo, depois o outro, e o outro, e o outro, depois repetiu o gesto, num movimento ondulante de algas na água. Os grandes olhos pálidos fixaram-se no movimento, como hipnotizados. Ele pôde ver a ponta da pequena cauda mexer-se, bem devagar, e sorriu diante da cena.

Se ele podia pescar uma truta com a mão — e podia, — por que não poderia pegar um gato?

Fez um pequeno ruído entre os dentes, um som sibilante, como o chilrear distante de pássaros. O gatinho olhava fixamente, fascinado, enquanto os dedos suavemente ondulantes moviam-se invisíveis cada vez mais perto. Quando afinal tocou o pelo do animal outra vez, ele não fez nenhuma menção de fugir. Um dedo avançou lentamente por baixo do pelo, outro deslizou por baixo das pequeninas e frias almofadas de uma pata, e o animal deixou que ele o pegasse com delicadeza na mão e o levantasse do solo.

Segurou-o por um instante contra o peito, acariciando-o com um dedo, traçando a linha sedosa do maxilar às orelhas delicadas. O gatinho cerrou os olhos e começou a ronronar, em êxtase, produzindo um rumor em sua mão como uma trovoadas distante.

— Oh, então você vai embora comigo, não é? — Não recebendo nenhuma objeção do gato, ele abriu a gola de sua camisa e enfiou o pequeno animal lá dentro, onde ele cutucou e explorou um pouco suas costelas antes de se enroscar contra sua pele, o ronronar reduzido a uma vibração silenciosa, mas agradável.

Gideon parecia satisfeito com o descanso; ele partiu

obedientemente e, quinze minutos depois, eles já haviam alcançado os outros. Mas a momentânea docilidade do cavalo evaporou-se sob o esforço da íngreme subida final.

Não que o animal não conseguisse galgar a encosta escarpada; o que ele não suportava era ter que seguir outro cavalo. Não importava se Jamie queria ou não liderar a caravana para casa — se Gideon tivesse alguma coisa a ver com a questão, eles não só estariam na liderança, como a uma boa distância à frente.

A coluna de viajantes estendia-se por mais de oitocentos metros, cada família viajando a seu próprio passo: Fraser, Mackenzie, Chisholm, MacLeod e Aberfeldy. A cada espaço e alargamento da trilha, Gideon abria caminho rudemente para frente, empurrando e deixando para trás mulas, carneiros, viajantes a pé e éguas; ele até mesmo assustou e espalhou os três porcos que lentamente acompanhavam a vovó Chisholm. Os porcos arremeteram-se para dentro do mato num coro de roncões em pânico quando Gideon lançou-se sobre eles.

Na maioria das vezes, Jamie concordava com o cavalo; ansioso para chegar a casa e esforçando-se para isso, irritado com tudo que ameaçasse retardá-lo. No momento, o principal impedimento ao progresso era Claire, que havia — maldita mulher — parado sua égua diante dele e apeado para pegar mais uma erva da beira do caminho. Como se a casa inteira já não estivesse cheia de plantas, da soleira da porta à cumeeira, e seus alforjes cheios até a borda com mais!

Gideon, absorvendo com entusiasmo o humor de seu cavaleiro, estendeu o pescoço e mordiscou a anca da égua. Ela deu um pinote, berrou e disparou para fora da trilha, as rédeas soltas penduradas. Gideon emitiu um ruído grave e retumbante de satisfação e disparou atrás dela, mas Jamie o fez parar bruscamente com um safanão, sem a menor cerimônia.

Claire girara nos calcanhares com o barulho, os olhos arregalados. Ergueu os olhos para Jamie, para a trilha, à procura de seu cavalo desaparecido, depois novamente para ele. Encolheu os ombros num gesto de desculpas, as mãos cheias de folhas rasgadas e raízes imundas.

— Sinto muito — ela disse, mas ele a viu morder o canto da boca e o rubor subir às suas faces, o sorriso cintilando nos seus olhos como a luz da manhã num rio de trutas. Contra sua vontade, sentiu a tensão dos seus ombros diminuir. Ele pensara em repreendê-la; na verdade, ainda o fez, mas as palavras não pareciam vir à sua língua.

— Suba, então, mulher — ele disse, asperamente, indicando a sela atrás dele com um sinal da cabeça. — Quero jantar.

Ela riu e subiu com dificuldade, segurando as saias para não atrapalharem. Gideon, irritado com o fardo adicional, girou bruscamente para morder qualquer coisa que pudesse alcançar. Jamie estava pronto para isso; puxou com força a ponta da rédea do focinho do cavalo, fazendo-o dar uma guinada para trás e relinchar de surpresa.

— Isso vai ensiná-lo, seu filho da mãe. — Puxou o chapéu sobre a testa e ajeitou sua mulher errante com segurança, as saias esvoaçantes enfiadas embaixo das coxas, os braços ao redor de sua cintura. Ela cavalgava sem sapatos ou meias e suas longas panturrilhas eram brancas e nuas contra o couro escuro do cavalo baio. Ele juntou as rédeas e esporeou o cavalo, com um pouco mais de força do que o estritamente necessário.

Gideon prontamente se empinou, recuou, contorceu-se e tentou arrancar ambos da sela passando por baixo de um galho de álamo pendurado. O gatinho, bruscamente acordado de seu cochilo, enfiou todas as garras na barriga de Jamie e berrou alarmado, embora o barulho tenha se perdido no berro muito mais alto de Jamie. Ele deu um safanão, fazendo a cabeça do cavalo girar, praguejando, e chutou seu traseiro com a perna esquerda.

Sem se deixar vencer, Gideon executou um salto, como um saca-rolha. Houve um guincho fino e uma repentina sensação de vazio atrás dele, quando Claire foi arremessada dentro de um arbusto como uma saca de farinha. O cavalo cedeu de repente ao puxão em sua boca e arremessou-se trilha abaixo, na direção contrária, enfiando-se pelo meio de uma cortina de amoreiras silvestres e parando com uma derrapagem que quase o fez cair sobre o traseiro, numa chuva de lama e folhas mortas. Em seguida, endireitou-se como uma cobra, sacudiu a cabeça e saiu trotando tranquilamente para roçar focinho com o cavalo de Roger, que estava parado na borda da clareira da fonte, observando-os com o mesmo ar divertido exibido por seu cavaleiro desmontado.

— Tudo bem aí? — Roger perguntou, erguendo uma das sobranceiras.

— Claro — Jamie respondeu, tentando recobrar o fôlego sem perder a dignidade. — E você?

— Tudo bem.

— Ótimo. — Ele já apeava da sela enquanto falava. Atirou as rédeas na direção de Mackenzie, sem esperar para ver se ele as pegara, e correu de volta para a trilha, gritando:

— Claire! Onde você está?

— Aqui! — ela chamou alegremente. Ela emergiu da sombra dos

álamos, com folhas nos cabelos e mancando ligeiramente, mas, fora isso, parecendo não ter sofrido outros danos. — Você está bem? — ela perguntou, arqueando uma das sobranceiras para ele.

— Sim, bem. Vou dar um tiro neste cavalo. — Avaliou-a rapidamente da cabeça aos pés, para se assegurar de que ela estava realmente inteira. Ela respirava pesadamente, mas sentia-se perfeitamente bem e beijou-o no nariz.

— Bem, não atire nele até chegarmos a casa. Não quero andar os dois quilômetros finais descalça.

— Hei! Não mexa aí, seu vagabundo!

Ele soltou Claire e virou-se, vendo Roger arrancar um punhado de plantas enxovalhadas do focinho romano e investigador de Gideon. Mais plantas — que mania era essa de colher plantas? Claire ainda ofegava por causa do acidente, mas inclinou-se para frente para vê-las, parecendo interessada.

— O que você tem aí, Roger?

— Para Bri — ele disse, segurando-as no alto para que ela as inspecionasse.

— São do tipo certo? — Para o olhar suspeito de Jamie, pareciam as pontas amareladas de cenouras deixadas tempo demais na terra, mas Claire manuseou a folhagem imunda e balançou a cabeça com aprovação.

— Oh, sim — ela disse. — Muito romântico!

Jamie fez um pequeno ruído diplomático, indicando que deveriam se pôr a caminho, já que Bri e a tribo mais lenta dos Chisholm logo iriam alcançá-los.

— Sim, tudo bem — Claire disse, dando um tapinha em seu ombro no que ele presumiu que fosse um gesto apaziguador. — Não precisa bufar, já estamos indo.

— Mmmhum — ele resmungou e inclinou-se para colocar a mão sob seu pé. Impulsionando-a para cima e para a sela, ele deu um olhar ameaçador para Gideon que dizia "Nem tente, seu filho da mãe" e montou atrás dela.

— Você espera pelos outros, então, e os leva para cima? — Sem esperar pela anuência de Roger, Jamie fez o cavalo dar a volta e retomar a trilha.

Acalmado por estar bem na dianteira dos demais, Gideon concentrou-se no que tinha que fazer no momento, subindo com firmeza através dos bosques cerrados de carpinos e choupos, castanheiras e abetos. Mesmo tão tarde no ano, algumas folhas ainda se agarravam às árvores e, com a passagem deles, se soltavam e

flutuavam em marrom e amarelo, caindo sobre eles como uma chuva leve, prendendo-se na crina do cavalo, pousando nas ondas soltas e volumosas dos cabelos de Claire. Eles se soltaram quando foi lançada para fora do cavalo e ela não se preocupara em prendê-los outra vez.

A própria serenidade de Jamie voltou com a sensação de progresso e foi inteiramente restaurada pela descoberta fortuita do chapéu que havia perdido, pendurado em um carvalho branco junto à trilha, como se tivesse sido colocado ali pela mão amável de alguém. Ainda assim, sua mente continuava inquieta e não conseguia realmente se tranquilizar, apesar da calma da montanha ao seu redor, o ar enevoado de azul e cheirando a madeira molhada e plantas perenes.

Então ele percebeu, com um golpe repentino na boca do estômago, que o gatinho desaparecera. Havia arranhões comichando na pele de seu peito e barriga, onde ele escalara pelo seu corpo numa frenética tentativa de escapar, mas deve ter saído pela gola de sua camisa e ter sido arremessado do seu ombro na louca carreira pela encosta abaixo. Olhou de um lado para o outro, procurando nas sombras embaixo dos arbustos e árvores, mas em vão. As sombras se alongavam e agora escureciam a trilha principal, onde ele e Gideon haviam saído do meio do mato.

— Vá com Deus — ele murmurou e benzeu-se rapidamente.

— O que foi isso? — Claire perguntou, virando-se parcialmente na sela.

— Nada — ele disse. Afinal, era um gato selvagem, ainda que pequeno. Certamente conseguiria sobreviver.

Gideon mordida o bocado do freio, trabalhando a mandíbula e sacudindo a cabeça. Jamie percebeu que a tensão em suas mãos estava percorrendo as rédeas outra vez e conscientemente afrouxou a mão. Afrouxou um pouco também a mão que prendia Claire e ela respirou fundo subitamente.

Seu coração batia acelerado.

Era sempre impossível para ele voltar para casa após um período de ausência sem uma certa apreensão. Durante anos após o Levante, ele viveu numa caverna, raramente indo até sua própria casa, depois de anoitecer e com grande cuidado, sem nunca saber o que poderia encontrar lá. Mais de um homem das Highlands voltara para sua casa e a encontrara negra e queimada, sua família desaparecida. Ou pior, ainda lá.

Tinha que dizer a si mesmo para não ficar imaginando horrores; a dificuldade era que ele não tinha nenhuma necessidade de imaginação — a lembrança era suficiente.

O cavalo firmava-se nas ancas e patas traseiras, impulsionando-se para frente. Não adiantava dizer a si mesmo que este era um novo lugar; era, com seus próprios perigos. Se não havia soldados ingleses nestas montanhas, ainda havia saqueadores. Aqueles muito preguiçosos para criar raízes e cavar seu próprio sustento, mas que vagavam pelo interior, roubando e saqueando. Ataques de índios em incursões de surpresa. Animais selvagens. E fogo. Sempre o fogo.

Ele havia enviado os Bug na frente, com Fergus guiando-os, para poupar Claire de ter que lidar com as tarefas simultâneas de chegada e hospitalidade. Os Chisholm, os MacLeod e Billy Aberfeldy, com sua mulher e filha pequena, iriam todos ficar hospedados com eles na casa grande por algum tempo; ele dissera à sra. Bug para começar a cozinhar imediatamente. Com montarias decentes e sem o estorvo de crianças ou animais domésticos, os Bug já deviam ter chegado a Ridge dois dias atrás. Ninguém voltara para dizer que havia algum problema, então provavelmente tudo estava bem. Ainda assim...

Ele não havia notado que Claire também estava tensa, até que, de repente, ela relaxou contra o corpo dele, a mão em sua perna.

— Está tudo bem — ela disse. — Sinto o cheiro de fumaça da chaminé. Ele levantou a cabeça para pegar o ar; Claire tinha razão; o cheiro pungente de nogueira queimando flutuava na brisa. Não o odor da conflagração de que se recordava, mas um sopro caseiro, carregando a promessa de calor e comida. A sra. Bug provavelmente o levava ao pé da letra.

Contornaram a última curva da trilha e a viram, a alta chaminé de pedra rústica erguendo-se acima das árvores dos montes, a espessa nuvem de fumaça enroscando-se sobre o telhado.

A casa estava de pé.

Ele respirou fundo de alívio, notando agora os outros cheiros de casa; o leve e pungente odor de estrume do curral, de carne defumada e pendurada no barracão e o ar da floresta próxima — madeira úmida e folhas apodrecidas, pedra e água corrente, — frio e revigorante em seu rosto.

Saíram do bosque de castanheiras, entrando na enorme clareira onde a casa estava situada, sólida e benfeita, as janelas com um verniz dourado dos últimos raios do sol.

Era uma casa modesta de vigamento de madeira, caiada de branco e com telhado de lâminas de madeira, simples e elegante em suas linhas, e solidamente construída, mas impressionante apenas em comparação com as toscas cabanas da maioria dos colonos. Sua própria cabana construída apressadamente assim que se instalaram ali continuava de pé, escura e robusta, um pouco mais abaixo na encosta

da colina. A fumaça elevava-se dessa chaminé também.

— Alguém acendeu o fogo para Roger e Bri — Claire disse, indicando a cabana com um sinal da cabeça.

— Ótimo — ele disse. Apertou sua cintura com mais força e ela fez um pequeno ruído de satisfação na garganta, ajeitando o traseiro no colo dele.

Gideon também estava feliz; esticou o pescoço e relinchou para os dois cavalos no curral, que trotavam de um lado para o outro no cercado, gritando saudações. A égua de Claire estava junto à cerca, as rédeas penduradas; ela curvou o lábio no que parecia um gesto de escárnio, a bruxinha. De algum lugar bem abaixo da trilha atrás deles, veio um zurro alegre e grave; Clarence, a mula, ouvindo a algazarra e encantada de estar voltando para casa.

A porta abriu-se de supetão e a sra. Bug surgiu, redonda e atrapalhada como um vira-bosta. Jamie sorriu ao vê-la e estendeu o braço para Claire deslizar para o chão, antes de ele próprio desmontar.

— Está tudo bem, está tudo bem, e o senhor como vai? — a sra. Bug assegurou-lhe antes de suas botas tocarem o solo. Carregava uma caneca de estanho em uma das mãos e um pano de polimento na outra e não interrompeu seu trabalho nem por um instante, nem mesmo quando virou o rosto para cima para aceitar seu beijo em sua face redonda e enrugada.

Ela não esperou por uma resposta, virando-se imediatamente e ficando na ponta dos pés para beijar Claire, a expressão radiante.

— Oh, que maravilha que estão em casa, a senhora e seu marido, e o jantar já está pronto, de modo que não vai ter que se preocupar nem um pouco com isso, senhora, mas entre, entre e troque estas roupas sujas, e eu mandarei o velho Arch ir à casa de maltagem buscar um pouco de cerveja, e nós... — Ela puxava Claire por uma das mãos, arrastando-a para dentro de casa, falando sem parar, a outra mão ainda polindo energicamente, os dedos curtos e grossos habilmente esfregando o pano dentro da caneca. Claire lançou-lhe um olhar desamparado por cima do ombro e ele riu para ela, enquanto Claire desaparecia dentro da casa.

Gideon empurrou um focinho impaciente embaixo do seu braço e deu um encontrão em seu cotovelo.

— Oh, sim — ele disse, chamado de volta aos seus deveres. — Venha, então, seu filho da mãe impertinente.

Quando ele por fim terminou de tirar os arreios, limpar e alimentar o enorme cavalo e a égua, Claire já havia se livrado da sra. Bug; ao voltar do cercado, ele viu a porta da casa abrir-se de par em par e

Claire escapular para fora, olhando com ar de culpa por cima do ombro como se temesse ser seguida.

Para onde estaria indo? Ela não o viu; virou-se e correu para a quina mais distante da casa, desaparecendo num farfalhar de tecido rústico. Ele seguiu-a, curioso.

Ah. Ela já cuidara do seu consultório; agora, estava indo à sua horta antes que escurecesse completamente; vislumbrou-a contra o céu na subida atrás da casa, a última luz do dia presa como teias de aranha em seus cabelos. Haveria bem pouco na horta agora, apenas algumas ervas mais resistentes e as hortaliças que resistiam ao inverno como cenouras, cebolas e nabos, mas não fazia diferença; ela sempre ia ver como a horta estava indo, por menos tempo que tivesse se ausentado.

Ele entendia a necessidade; ele próprio não se sentia inteiramente em casa, até que tivesse verificado todos os animais e barracões, além de ter verificado a destilaria.

Por falar em barracões, a brisa da noite trouxe um cheiro ácido da distante latrina, sugerindo que as instalações lá iriam demandar sua atenção dentro de pouco tempo. Então lembrou-se dos novos colonos que chegavam e relaxou; cavar uma nova latrina seria a tarefa certa para os dois filhos mais velhos de Chisholm.

Ele e Ian haviam escavado aquela, assim que chegaram a Ridge. Meu Deus, que falta sentia do garoto.

— A Mhicheal bheanaichte — ele murmurou. Abençoado Miguel, protegeí-o. Ele gostava muito de Mackenzie, mas, se a escolha fosse sua, não teria trocado

Ian pelo sujeito. Mas fora decisão de Ian, não dele, e não havia mais nada a ser dito a respeito.

Afastando a dor da perda de Ian, refugiou-se atrás de uma árvore, afrouxou as calças e aliviou-se. Se o visse, Claire certamente iria fazer o que ela considerava um comentário espirituoso sobre cachorros e lobos marcando seu terreno quando retornavam a ele. Não se tratava disso, ele retrucou mentalmente; para que subir encosta, só para piorar o estado da latrina? Além do mais, no final das contas, era de fato seu lugar e se queria urinar nele... arrumou as roupas, sentindo-se mais aplacado.

Ergueu a cabeça e a viu descendo o caminho da horta, o avental cheio de cenouras e nabos. Uma rajada de vento lançou as últimas folhas do bosque de castanheiras em redemoinho ao seu redor, numa dança amarela, com fagulhas de luz.

Movido por um impulso repentino, ele entrou mais para dentro das

árvores e começou a olhar em volta.

Normalmente, ele só prestava atenção àquela vegetação imediatamente comestível para homem ou para o cavalo, de fibras suficientemente longas para tábuas e vigas ou tão obstrutivas a ponto de bloquear o caminho e dificultar a passagem. Entretanto, quando começou a observar com olho estético, ficou surpreso com a variedade à disposição.

Talos de cevada semimadura, as sementes dispostas em fileiras como uma trança de mulher. Uma erva frágil e seca, que parecia a renda de um lenço fino. Um galho de abeto, assombrosamente verde e frio entre os galhos secos, deixando sua seiva flagrante na sua mão quando o arrancou da árvore. Um raminho de folhas de carvalho secas e lustrosas, que o faziam se lembrar dos cabelos dela, em tons de dourado, castanho e cinza. E um pouco de trepadeira escarlate, acrescentada para dar cor.

Bem a tempo; ela dobrava a esquina da casa. Absorta em seus pensamentos, ela passou a meio metro dele, sem o ver.

— Sorcha — ele chamou baixinho, e ela se virou, os olhos apertados contra os raios do sol poente, depois arregalados e dourados de surpresa ao vê-lo.

— Bem-vinda ao lar — ele disse, entregando-lhe o pequeno buquê de folhas e galhinhos.

— Oh — ela exclamou. Ela olhou novamente para a mistura de folhas e raminhos, depois para ele, e os cantos de sua boca tremeram, como se fosse rir ou chorar, mas não sabia ao certo ainda. Ela estendeu a mão e pegou as plantas, os dedos pequenos e frios ao roçarem na mão dele.

— Oh, Jamie... são maravilhosas. — Ela ficou na ponta dos pés e beijou-o, um beijo quente e salgado, e ele quis mais, mas ela já saía correndo para dentro de casa, o tolo buquê agarrado contra o peito como se fosse de ouro.

Ele se sentiu agradavelmente palerma e ridiculamente satisfeito consigo mesmo. O gosto de Claire ainda estava em sua boca.

— Sorcha — ele murmurou e percebeu que a chamara assim havia poucos instantes. Ora, isso era estranho; não era de admirar que ela tivesse se surpreendido. Era seu nome em gaélico, mas ele nunca a chamara assim. Ele gostava do seu caráter de estrangeira, de inglesa. Ela era sua Claire, sua Sassenach.

E, no entanto, no momento em que passou por ele, ela era Sorcha. Não significava apenas "Claire" — mas luz.

Respirou fundo, satisfeito.

Sentia-se repentinamente faminto, tanto de comida quanto dela, mas não se apressou a entrar na casa. Alguns tipos de fome eram doces em si mesmos, a expectativa um prazer tão intenso quanto a saciação.

Barulho de cascos de cavalos e vozes; os outros haviam finalmente chegado. Sentiu uma ardente necessidade de prolongar um pouco mais sua doce solidão, mas já era tarde demais — em questão de segundos, estava rodeado pela confusão, pelos gritos agudos de crianças empolgadas e chamadas de mães distraídas, as boas-vindas aos recém-chegados, a pressa e a agitação em descarregar, entregar cavalos e mulas, buscar comida e água... porém, no meio desta Babel, ele se movia como se ainda estivesse sozinho, tranquilo e sossegado ao sol poente. Ele voltara para casa.

Já escurecera completamente antes de tudo estar arranjado, o menor dos indóceis filhos dos Chisholm recolhido e enviado para dentro para o jantar, todos os animais domésticos tratados e instalados para a noite. Ele seguiu Geoff Chisholm em direção à casa, mas depois ficou para trás, demorando-se por um instante no escuro pátio de entrada.

Ficou parado por um momento, preguiçosamente esfregando as mãos contra o frio, enquanto admirava o lugar. Um celeiro bem-arrumado e barracões sólidos, um cercado e um curral em boas condições, uma bonita cerca de estacas em volta da horta confusa de Claire, para manter os veados longe. A casa assomava branca no crepúsculo, um espírito benévolo guardando a serra. A luz jorrava de cada porta e de cada janela e, de dentro, vinha o som de risadas.

Ele pressentiu um movimento na escuridão e virou-se, deparando-se com sua filha voltando da pequena edificação em cima do riacho para refrigeração de laticínios e carnes, um balde de leite fresco na mão. Parou perto dele, olhando para a casa.

— Que bom estar de volta, hein? — ela disse brandamente.

— Sim — ele disse. — É verdade. — Olharam um para o outro, sorrindo. Então ela inclinou-se para frente, olhando-o atentamente. Virou-o, de modo que a luz da janela incidisse sobre ele, e franziu ligeiramente o cenho.

— O que é isso? — ela disse, batendo de leve em seu casaco. Uma lustrosa folha escarlate soltou-se e flutuou até o chão. Ela ergueu as sobrancelhas ao ver a folha. — É melhor você ir se lavar, pai — ela disse. — Você andou pelo sumagre venenoso.

— Você devia ter me dito, Sassenach. — Jamie fitou com raiva a mesa junto à janela do quarto, onde eu havia colocado o buquê num recipiente com água. O vermelho luminoso e malhado do sumagre

venenoso resplandecia, mesmo na semiescuridão do fogo na lareira. — E devia se livrar logo disso. Está querendo zombar de mim?

— Não, não estou — eu disse, sorrindo enquanto pendurava meu avental no gancho e começava a desatar os cadarços da minha roupa. — Mas, se eu tivesse lhe dito quando você me deu o buquê, você o teria arrancado de minha mão. Este foi o único ramalhete de flores que você já me deu e acho que nunca mais vou ganhar outro. Pretendo ficar com ele.

Ele bufou e sentou-se na cama para tirar as meias. Já havia tirado o casaco, o lenço do pescoço e a camisa, e a luz do fogo cintilava na curva dos seus ombros. Ele coçou a parte inferior de um dos pulsos, apesar de eu ter lhe dito que aquilo era psicossomático; ele não tinha nenhum sinal de erupções na pele.

— Você nunca veio para casa com erupção causada por sumagre venenoso — observei. — E na certa já esbarrou nele várias vezes, já que passa tanto tempo nos campos e bosques. Acho que você deve ser imune a isso. Algumas pessoas são, sabe?

— Ah, é? — Ele pareceu interessado, embora continuasse a se coçar. — É por isso que você e Brianna não pegaram certas doenças?

— É parecido, mas por razões diferentes. — Despi o vestido de tecido rústico verde-claro — mais do que um pouco sujo, após uma semana de viagem — e retirei meus espartilhos com um suspiro de alívio.

Levantei-me para verificar a panela com água que eu colocara para esquentar sobre as brasas. Alguns dos recém-chegados haviam sido enviados para passar a noite com Fergus e Marsali, ou com Roger e Bri, mas a cozinha, o consultório e o gabinete de Jamie embaixo estavam cheios de hóspedes, todos dormindo no chão. Eu não iria para a cama sem lavar a sujeira da viagem, mas também não queria oferecer um espetáculo público.

A água tremia com o calor, minúsculas borbulhas agarrando-se nas laterais da panela. Enfiei o dedo na água, apenas para verificar — adoravelmente quente. Despejei um pouco na bacia e devolvi a panela ao lugar, para manter a água aquecida.

— Não somos inteiramente imunes, sabe — eu o avisei. — Algumas doenças, como varíola, nunca pegaremos, Roger, Bri e eu, porque fomos vacinados contra ela, e o efeito da vacina é vitalício. Outras, como cólera e febre tifoide, não é provável que possamos pegar, mas as injeções não dão imunidade permanente. A validade vence após algum tempo.

Inclinei-me para remexer nos alforjes que ele trouxera para cima e deixara junto à porta. Alguém na Assembleia me dera uma esponja —

uma esponja de verdade, importada das Antilhas — em pagamento pela extração de um dente com abscesso. Exatamente o que eu precisava para um banho rápido.

— Doenças como malária, que Lizzie tem...

— Pensei que você a tivesse curado — Jamie interrompeu, franzindo o cenho.

Sacudi a cabeça, pesarosa.

— Não, ela sempre vai ter isso, a pobrezinha. Tudo que eu posso fazer é tentar reduzir a severidade dos ataques e evitar que aconteçam com muita frequência. Está no sangue, sabe?

Ele puxou a tira de couro que amarrava seus cabelos na nuca e sacudi as mechas ruivas, deixando-as despenteadas ao redor da cabeça, como uma juba.

— Isso não faz sentido — ele objetou, levantando-se para desatar as calças. — Você me disse que, quando uma pessoa tinha sarampo, se sobrevivesse, não pegaria essa doença outra vez, porque ficava no sangue. E assim eu não poderia pegar catapora ou sarampo agora, porque eu já tive ambas quando criança, elas estão no meu sangue.

— Bem, não é exatamente a mesma coisa — eu disse, de modo pouco convincente. A ideia de tentar explicar as diferenças em imunidade ativa, imunidade passiva, imunidade adquirida, anticorpos e infecção parasitária era um desafio maior do que eu estava disposta a enfrentar no momento, após um longo dia de viagem.

Molhei a esponja na bacia, deixei-a absorver a água, depois a espremi, apreciando sua textura estranhamente sedosa e fibrosa. Uma névoa fina de areia flutuou dos poros da esponja e assentou-se no fundo da bacia de louça. A esponja estava se amaciando conforme absorvia água, mas eu ainda podia sentir um ponto duro em uma das bordas.

— Por falar em cavalgar...

Jamie olhou-me ligeiramente surpreso.

— Estávamos falando em cavalgar?

— Bem, não, mas eu estava pensando nisso. — Abanei a mão, descartando a distinção inconsequente. — De qualquer modo, o que pretende fazer com Gideon?

— Oh. — Jamie deixou as calças caírem numa poça no assoalho e espreguiçou-se, pensando no assunto. — Bem, não posso me dar ao luxo de simplesmente dar-lhe um tiro, imagino. E ele é um animal valente. Para começar, vou cortá-lo. Isso talvez o acalme um pouco.

— Cortá-lo? Oh, castrá-lo, você quer dizer. Sim, acho que isso o

faria parar para pensar, embora pareça um pouco drástico. — Hesitei por um instante, relutante. — Quer que eu o faça?

Ele olhou para mim espantado, depois desatou a rir.

— Não, Sassenach, não acho que castrar um garanhão de mais de um metro e oitenta de altura seja trabalho para uma mulher, cirurgiã ou não. Não requer exatamente um toque delicado, sabe?

Fiquei satisfeita em ouvir isso. Eu estava amaciando a esponja com meu polegar; ela cedeu um pouco e uma minúscula concha saltou de repente de um poro grande. Ela flutuou para o fundo da água, uma perfeita espiral em miniatura, cor-de-rosa e violeta.

— Oh, veja — eu disse, encantada.

— Que coisinha bonita. — Jamie inclinou-se por cima do meu ombro, um grande dedo indicador delicadamente tocando a concha no fundo da bacia. — Como ela foi parar dentro de sua esponja?

— Acho que a esponja a comeu por engano.

— Comeu? — Uma sobranceira ruiva ergueu-se repentinamente.

— Esponjas são animais — expliquei. — Ou, para ser mais exata, estômagos. Elas sugam a água e simplesmente engolem tudo que for comestível conforme for passando.

— Ah, então foi por isso que Bri chamou o garoto de esponjinha. Ele faz isso. — Sorriu ao pensar em Jemmy.

— É verdade. — Sentei-me e fiz a combinação deslizar dos meus ombros, deixando-a cair ao redor de minha cintura. O fogo tirara o frio do aposento, mas ainda estava frio o suficiente para a pele dos meus seios e braços ficar arrepiada.

Jamie pegou seu cinto e cuidadosamente retirou os diversos apetrechos presos a ele, colocando de lado a pistola, a caixa de cartuchos, a adaga e o frasco de estanho em cima da pequena cômoda. Ergueu o frasco e levantou uma sobranceira interrogativa em minha direção.

Balancei a cabeça entusiasticamente e ele se virou para encontrar uma caneca entre a diversidade de objetos espalhados. Com tantas pessoas e seus pertences armazenados na casa, todos os nossos próprios alforjes, além das trouxas e objetos adquiridos na Assembleia, haviam sido levados para cima e largados em nosso quarto; as sombras arqueadas da bagagem tremeluzindo na parede dava ao quarto a estranha aparência de uma gruta, revestida de pedras arredondadas.

Jamie era uma esponja tanto quanto seu neto, refleti, observando-o remexer os fardos, completamente nu e absolutamente despreocupado com isso. Ele encarava tudo e parecia capaz de lidar com o que quer

que se apresentasse à sua frente, por mais familiar ou estranho que fosse à sua experiência. Garanhões maníacos, padres sequestrados, criadas casadouras, filhas teimosas e genros pagãos... Tudo que ele não conseguisse derrotar, superar ou modificar, ele simplesmente aceitava — mais ou menos como a esponja e sua concha incrustada.

Perseguindo ainda mais a analogia, eu imaginava que eu era a concha. Arrancada do meu próprio nicho por uma corrente forte e inesperada, absorvida e envolvida por Jamie e sua vida. Presa para sempre entre as estranhas correntes que pulsavam através deste ambiente forasteiro.

O pensamento me deu uma repentina e estranha sensação. A concha permanecia imóvel no fundo da bacia — delicada, bela... mas vazia. Lentamente levei a esponja até a nuca e a espremi, sentindo o formigamento da água morna descer pelas minhas costas.

Em grande parte, eu não sentia nenhum remorso. Eu escolhera estar aqui; eu queria estar aqui. No entanto, de vez em quando, pequenas coisas como nossa conversa sobre imunidade me faziam perceber exatamente quanto havia sido perdido — daquilo que eu tinha, daquilo que eu fora. Era inegável que algumas das minhas partes macias haviam sido digeridas, e a ideia me fazia sentir um pouco oca de vez em quando.

Jamie inclinou-se para remexer em um dos alforjes e a visão de suas nádegas nuas, viradas para mim com toda inocência, contribuiu muito para dispersar o momentâneo sentimento de ansiedade. Eram graciosamente bem torneadas, arredondadas da musculatura e agradavelmente cobertas com uma leve penugem ruivo-dourada que refletia a luz do fogo e da vela. As colunas claras, longas, de suas coxas emolduravam a sombra de seu escroto, escuro e pouco visível entre elas.

Ele encontrara uma caneca finalmente e encheu-a até a metade. Virou-se e entregou-a a mim, erguendo os olhos da superfície do líquido escuro, espantado ao me ver olhando-o fixamente.

— O que foi? — ele disse. — Alguma coisa errada, Sassenach?

— Não — eu disse, mas não devo ter soado muito convincente, pois franziu as sobrancelhas momentaneamente. — Não — eu disse, com mais ênfase. Peguei a caneca da mão dele e sorri, erguendo-a ligeiramente em agradecimento. — Só estava pensando.

Um sorriso de resposta surgiu em seus lábios.

— Ah, é? Bem, não deve pensar muito tão tarde da noite, Sassenach. Vai lhe dar pesadelos.

— Devo dizer que você tem razão a respeito disso. — Tomei um

pequeno gole da caneca; para minha surpresa, era vinho — e vinho dos melhores. — Onde conseguiu isso?

— Do padre Kenneth. É vinho do sacramento... mas não é consagrado, veja bem. Ele disse que os homens do xerife iriam confiscá-lo; ele preferia que ficasse comigo.

Uma leve sombra atravessou seu rosto à menção do padre.

— Você acha que ele vai ficar bem? — perguntei. Os homens do xerife não haviam me dado a impressão de civilizados cumpridores de um regulamento obscuro, mas sim de brutamontes cujos preconceitos estavam momentaneamente contidos por medo — de Jamie.

— Espero que sim. — Jamie virou-se, agitado. — Eu disse ao xerife que, se o padre fosse maltratado, ele e seus homens iriam responder por isso.

Balancei a cabeça silenciosamente, tomando outro pequeno gole. Se Jamie viesse a saber de qualquer mal causado ao padre Donahue, ele de fato faria o xerife pagar por isso. O pensamento deixou-me um pouco inquieta; este não era um bom momento para fazer inimigos e não era bom ter o xerife de Orange como inimigo.

Ergui o rosto e me deparei com os olhos de Jamie ainda fixos em mim, embora agora com um olhar de profunda apreciação.

— Você está com ótima aparência ultimamente, Sassenach — ele comentou, inclinando a cabeça para o lado.

— Lisonjeador — eu disse, lançando-lhe um olhar frio enquanto pegava a esponja outra vez.

— Você deve ter ganho uns cinco quilos, pelo menos, desde a primavera — ele disse com aprovação, desprezando meu olhar e circulando ao meu redor para inspecionar. — Foi um verão bem farto, hein?

Virei-me e atirei a esponja molhada em sua cabeça. Ele pegou-a sem dificuldade, rindo.

— Eu não tinha notado como você ficou bem com uns quilos a mais, Sassenach, tão embrulhada você tem andado nas últimas semanas. Eu não a vejo nua há pelo menos um mês. — Ele ainda me olhava com um ar de avaliação, como se eu fosse a principal participante de um concurso na Feira de Porcos Gordos de Shropshire.

— Aproveite — avisei, minhas faces afogeadas de contrariedade. — Talvez não veja de novo por um bom tempo! — Levantei a parte de cima da combinação outra vez, cobrindo meus — inevitavelmente cheios — seios.

Suas sobrancelhas ergueram-se de surpresa diante do meu tom de voz.

— Você não está zangada comigo, está, Sassenach?

— Claro que não — eu disse. — O que lhe deu essa ideia?

Ele sorriu, esfregando a esponja distraidamente no peito enquanto seus olhos viajavam pelo meu corpo. Os mamilos dele contraíram-se com o frio, escuros e rígidos entre os anéis ruivos dos cabelos do peito, e a água cintilou em sua pele.

— Gosto de você assim mais gorda, Sassenach — ele disse suavemente. — Gorda e succulenta como uma franguinha. Gosto muito.

Eu poderia ter considerado isso uma simples tentativa de remediar a gafe que cometera, se não fosse pelo fato de que homens nus são convenientemente equipados com detectores sexuais de mentira. Ele realmente gostava muito.

— Oh — eu disse. Devagar, abaixei minha combinação. — Então está bem. Ele ergueu o queixo, gesticulando. Hesitei por um instante, depois me levantei e deixei a combinação cair no assoalho, juntando-se às suas calças. Estendi o braço e tomei a esponja de sua mão.

— Só vou... hum... acabar de me lavar, sim? — murmurei. Virei de costas, apoiei um pé no banquinho para me lavar e ouvi um ruído encorajador de apreciação atrás de mim. Sorri comigo mesma e prossegui bem devagar. O quarto estava ficando mais quente; quando terminei minhas abluções, minha pele estava rosada e macia, com um pouco de frio apenas nos dedos das mãos e dos pés.

Virei-me finalmente, deparando-me com Jamie ainda me observando, embora ele ainda coçasse o pulso, a testa ligeiramente franzida.

— E você, se lavou? — perguntei. — Ainda que não o incomode, se tiver óleo de sumagre venenoso em sua pele, ele pode passar para tudo que você tocar... e eu não sou imune a isso.

— Eu esfreguei as mãos com sabão desinfetante — ele me garantiu, colocando-as sobre meus ombros para ilustrar. De fato, cheiravam fortemente ao macio sabão ácido que fazíamos com cinzas de madeira e sebo — não era sabonete perfumado, mas realmente limpava coisas como panelas de ferro e assoalhos. Não era de admirar que estivesse se coçando; o sabão era forte e suas mãos estavam rachadas e ásperas.

Abaixei a cabeça e beijei as articulações de seus dedos, depois peguei a pequena caixa onde eu guardava pequenos objetos pessoais e retirei dali o potinho de bálsamo para a pele. Feito de óleo de nozes, cera de abelha e lanolina purificada, retirada da lã de carneiro fervida, ele era agradavelmente calmante, perfumado com essência de camomila, confiei, milefólio e flores de sabugueiro.

Peguei um pouco com a unha do polegar e esfreguei-o entre

minhas mãos; no começo, estava quase sólido, mas se liquefez bem quando aquecido.

— Venha cá — eu disse e peguei uma de suas mãos entre as minhas, esfregando a pomada nas fendas dos nós dos dedos, massageando as palmas calejadas. Aos poucos, ele relaxou, deixando-me esticar cada dedo enquanto eu trabalhava a partir das articulações e esfregava mais pomada nos pequenos arranhões e cortes. Ainda havia marcas em suas mãos onde ele havia mantido as rédeas de couro enroladas e apertadas.

— O buquê é lindo, Jamie — eu disse, balançando a cabeça na direção do ramallete em seu vaso. — Mas o que o levou a fazer isso? — Embora muito romântico a seu próprio modo, Jamie também era absolutamente prático; creio que ele nunca me deu um presente completamente frívolo e não era o tipo de homem a ver algum valor em qualquer vegetação que não pudesse ser comida, usada como remédio ou transformada em cerveja.

Ele remexeu-se um pouco, obviamente desconfortável.

— Sim, bem... — disse, desviando o olhar. — Eu só... quero dizer... bem, eu tinha uma coisinha que pretendia lhe dar, só que a perdi, mas depois você achou que foi muito meigo o pequeno Roger ter colhido algumas margaridas silvestres para Brianna e eu... — Interrompeu-se, murmurando baixinho alguma coisa que soou como 'Ijrin'.

Senti uma vontade irresistível de rir. Em vez disso, ergui sua mão e beijei as juntas de seus dedos, de leve. Ele pareceu envergonhado, mas satisfeito. Seu polegar traçou a borda de uma bolha quase curada na palma de minha mão, produzida por uma chaleira quente.

— Veja, Sassenach, você também precisa de um pouco disso, deixe-me passar — ele disse, inclinando-se para pegar uma pitada do bálsamo verde. Ele envolveu minha mão na sua, quente e ainda escorregadia com a mistura de óleo e cera de abelha.

Eu resisti por um instante, mas depois deixei que tomasse minha mão, desenhando círculos lentos e fortes na minha palma, que me faziam querer fechar os olhos e derreter pacificamente. Soltei um pequeno suspiro de prazer e devo ter fechado os olhos afinal, porque não o vi se aproximar e me beijar; apenas senti o toque breve e macio de sua boca.

Ergui a outra mão, preguiçosamente, e ele a tomou também, seus dedos alisando os meus. Deixei nossos dedos se entrelaçarem, os polegares combatendo delicadamente, a base de nossas mãos roçando-se de leve. Ele estava suficientemente perto para eu sentir o calor que emanava de seu corpo e o toque delicado dos pelos dourados do braço em meu quadril quando ele se esticava para pegar mais pomada.

Ele parou, beijando-me levemente outra vez ao passar. As chamuscas sibilavam na lareira como marés em mudança e a luz tremeluzia turvamente nas paredes caiadas de branco, como uma luz dançando na superfície da água bem acima. Parecia que estávamos sozinhos, juntos, no fundo do mar.

— Roger não estava sendo estritamente romântico, sabe? — eu disse. — Ou talvez estivesse, dependendo de como se queira olhar.

Jamie pareceu não entender, enquanto tomava minha mão outra vez. Nossos dedos se entrelaçaram, movendo-se lentamente, e eu suspirei de prazer.

— Ah, é?

— Bri me perguntou sobre controle de natalidade e eu lhe disse os métodos que existem agora... que francamente não são tão bons assim, embora melhores do que nada. Mas a velha vovó Bacon me deu algumas sementes que ela diz que as índias usam como contraceptivo; parece que é muito eficiente.

O rosto de Jamie passou pela mais cômica mudança, do sonolento prazer à perplexidade de olhos arregalados.

— Controle de... o quê? Ela... você quer dizer, ele... aquelas ervas enlameadas...

— Bem, sim. Ou ao menos eu acho que elas podem ajudar a evitar a gravidez.

— Mmmhmm. — O movimento de seus dedos arrefeceu e ele franziu as sobrancelhas — mais de preocupação do que desaprovação, eu achei. Depois, retomou a tarefa de massagear minhas mãos, envolvendo-as nas suas, muito maiores, com um movimento decidido que me obrigou a capitular.

Ele ficou em silêncio por uns instantes, massageando a pomada em meus dedos, mais da maneira pragmática de um homem esfregando sabão de sela nos arreios do que um marido carinhoso efetivando um ato de amor nas dedicadas mãos de sua esposa. Remexi-me ligeiramente e ele pareceu perceber o que estava fazendo, pois parou, franzindo o cenho, depois apertou de leve as minhas mãos e deixou o rosto relaxar. Levou minha mão aos lábios, beijou-a e retomou a massagem, bem mais devagar.

— Você acha... — ele começou e parou.

— O quê?

— Mmmhmm. É que... não lhe parece um pouco estranho, Sassenach? Que uma jovem recém-casada possa estar pensando dessa forma?

— Não, não parece — eu disse, um pouco asperamente. — Parece-

me absolutamente sensato. E não são tão recém-casados assim, eles estão juntos... quero dizer, eles já têm um filho.

As narinas dele alargaram-se em silenciosa discordância.

— Ela tem um filho — ele disse. — É isso que eu quero dizer, Sassenach. Parece-me que uma jovem mulher satisfeita com seu homem não estaria preocupada em como não ter um filho com ele. Tem certeza de que está tudo bem entre eles?

Parei, franzindo a testa ao considerar a ideia.

— Acho que sim — eu disse finalmente, devagar. — Lembre-se, Jamie... Bri vem de uma época em que as mulheres podem decidir se ou quando querem ter filhos, com um elevado grau de certeza. Ela deve sentir que isso é seu direito.

A boca larga moveu-se, contraindo-se absortamente; eu podia vê-lo se debatendo com a ideia... uma ideia inteiramente contrária à sua própria experiência.

— Então é isso? — ele perguntou finalmente. — Uma mulher pode dizer terei ou não terei... e o homem não tem nenhuma opinião nisso? — Sua voz estava repleta de assombro — e de desaprovação.

Eu ri um pouco.

— Bem, não é exatamente assim. Ou não o tempo todo. Quero dizer, há acidentes. E ignorância e tolice; muitas mulheres apenas deixam as coisas acontecerem. E a maioria das mulheres certamente importa-se com o que seus homens pensam sobre isso. Mas, sim... imagino que, se você analisar bem, é isso mesmo.

Ele resmungou baixinho.

— Mas Mackenzie também é dessa época. Então ele não acharia nada estranho nisso?

— Ele colheu as ervas para ela — ressaltei.

— De fato. — A ruga permaneceu entre suas sobrancelhas, mas se abrandou um pouco.

Estava ficando tarde e o rumor abafado de conversas e risos diminuía na parte térrea da casa. A crescente quietude da casa foi repentinamente perfurada pelo berro de um bebê. Nós dois permanecemos imóveis, ouvindo — depois relaxamos quando o murmúrio da voz da mãe nos alcançou através da porta fechada.

— Além do mais, não é tão incomum uma jovem pensar assim. Marsali veio me perguntar sobre isso, antes de se casar com Fergus.

— Oh, é mesmo? — Uma de suas sobrancelhas ergueu-se bruscamente. — E você, então, não lhe contou?

— Claro que sim!

— O que quer que tenha lhe dito não funcionou muito bem, não é?
— Um canto de sua boca curvou-se para cima num sorriso cínico; Germain nascera aproximadamente dez meses depois do casamento de seus pais e Marsali engravidara de Joan dias depois de desmamá-lo.

Senti uma onda de calor subir ao meu rosto.

— Nada funciona o tempo inteiro, nem mesmo os métodos modernos. E, quanto a isso, nada funciona se você não usar. — De fato, Marsali quisera um contraceptivo não porque não quisesse um bebê, mas apenas porque temia que a gravidez iria interferir com a intimidade do seu relacionamento com Fergus. Quando a gente chega à parte do pênis, eu quero gostar foram suas palavras naquela memorável ocasião e minha própria boca curvou-se num sorriso à lembrança.

Minha ideia igualmente cínica foi a de que ela realmente gostara e decidira que era improvável que a gravidez diminuísse sua apreciação das melhores qualidades físicas de Fergus. Mas isso remetia de novo aos temores de Jamie sobre Brianna — pois sem dúvida sua intimidade com Roger estava bem estabelecida. Ainda assim, dificilmente...

Uma das mãos de Jamie permaneceu entrelaçada com a minha; a outra largou meus dedos e tocou outro lugar — muito delicadamente.

— Oh — eu disse, começando a perder o fio dos meus pensamentos.

— Pílulas, você disse. — Seu rosto estava muito próximo, os olhos velados em pensamento enquanto ele me acariciava. — Então é assim?

— Hum... oh. Sim.

— Você não trouxe nenhuma com você — ele disse. — Quando voltou. Inspirei fundo e expirei, sentindo-me como se começasse a me dissolver.

— Não — respondi debilmente.

Ele parou por um instante, a mão pousada de leve.

— Por que não? — ele perguntou, à meia-voz.

— Eu... bem, eu... na verdade, eu... eu pensei... mas você tem que tomá-las continuamente. Eu não poderia trazer o suficiente. Há uma forma permanente, uma pequena operação. É razoavelmente simples e torna uma pessoa permanentemente... estéril. — Engoli em seco. Analisando a perspectiva de voltar ao passado, eu havia de fato pensado seriamente nas possibilidades de uma gravidez... e dos riscos. Considerei a possibilidade muito baixa, considerando tanto a minha idade e história prévia, mas o risco...

Jamie ficou paralisado, olhando para baixo.

— Pelo amor de Deus, Claire — ele disse finalmente à meia-voz. — Diga-me se você a fez.

Respirei fundo e apertei sua mão, meus dedos ligeiramente escorregadios.

— Jamie — eu disse suavemente, — se eu tivesse feito, teria lhe dito. — Engoli em seco outra vez. — Você... gostaria que eu tivesse feito?

Ele ainda segurava minha mão. A outra mão afastou-se de mim, depois tocou minhas costas, apertou-me — muito delicadamente — contra ele. Sua pele estava quente em contato com a minha.

Permanecemos unidos, tocando-nos, sem nos mover, por vários minutos. Então ele suspirou, o peito elevando-se sob minha orelha.

— Já tenho filhos demais — ele disse serenamente. — Só tenho uma vida... e é você, mo chridhe.

Ergui a mão e toquei seu rosto. Estava marcado de linhas profundas de cansaço, áspero com a barba por fazer; havia dias ele não se barbeava.

Eu havia realmente pensado nisso. E chegara muito perto de pedir a um amigo cirurgião para realizar a esterilização em mim. Sangue-frio e cabeça tranquila argumentavam a favor; não fazia sentido arriscar-se. E, no entanto... não havia nenhuma garantia de que eu iria sobreviver à jornada, chegaria ao lugar e à época certa, o de que o reencontraria. Menos ainda, a possibilidade de eu conceber outra vez na minha idade.

Porém, longe dele por tanto tempo, sem saber se eu o encontraria — não pude destruir a única possibilidade entre nós. Eu não queria outro filho. Mas, se eu o encontrasse e ele quisesse... eu correria o risco por ele.

Toquei-o, de leve, e ele emitiu um pequeno som rouco na garganta. Encostou a cabeça em meus cabelos, abraçando-me com força. Fazer amor era sempre um risco e uma promessa entre nós — pois, se ele tinha minha vida em suas mãos quando se deitava comigo, eu tinha sua alma, e ele sabia disso.

— Eu pensei... pensei que você jamais veria Brianna. E não sabia sobre Willie. Não estava certo eu tirar de você qualquer chance de ter outro filho, não sem lhe contar.

Você é sangue do meu sangue, eu dissera a ele, carne da minha carne. Isso era verdade e sempre seria, quer houvesse filhos ou não.

— Eu não quero outro filho — ele sussurrou. — Eu quero você.

Sua mão ergueu-se, como por vontade própria, tocou meu seio com a ponta do dedo, deixou um brilho do óleo perfumado em minha pele. Envolvi minha mão, escorregadia e perfumada, em volta dele e dei um

passo para trás, levando-o comigo para a cama. Tive apenas a presença de espírito suficiente para apagar a vela.

— Não se preocupe com Bri — eu disse, erguendo a mão para tocá-lo, conforme ele assomava acima de mim, escuro contra a luz do fogo. — Roger colheu as ervas para ela. Ele sabe o que ela quer.

Ele suspirou fundo, o suspiro de uma risada que se prendeu em sua garganta quando veio para mim, e terminou num pequeno gemido de prazer e realização quando deslizou entre minhas pernas, bem lubrificado e pronto.

— Eu também sei o que quero — ele disse, a voz abafada em meus cabelos. — Vou colher outro ramalhete para você amanhã.

Entorpecida de cansaço, lânguida de amor e embalada pelo conforto de uma cama limpa e macia, eu dormi como morta.

Em algum momento perto do amanhecer, comecei a sonhar — sonhos agradáveis de toque e cor, sem forma. Mãos pequenas tocavam meus cabelos, alisavam meu rosto; virei de lado, semiconsciente, sonhando em amamentar uma criança em meu sono. Dedos pequeninos e macios amassavam meu seio e minha mão subiu para segurar a cabeça da criança. Ela me mordeu.

Dei um grito, sentei-me na cama com um salto e vi uma forma cinza correr pela colcha e desaparecer pelo pé da cama. Gritei outra vez, mais alto.

Jamie saltou da cama como um raio, pelo lado, rolou no chão e terminou em pé, os ombros preparados e os punhos cerrados.

— O que foi? — perguntou, olhando freneticamente ao redor em busca de saqueadores. — Quem? O quê?

— Um rato! — eu disse, apontando o dedo trêmulo para o local onde a forma cinza desaparecera na fenda entre o pé da cama e a parede.

— Oh. — Seus ombros relaxaram. Passou as mãos no rosto e pelos cabelos, pestanejando. — Um rato, hein?

— Um rato em nossa cama! — eu disse, nada disposta a ver o acontecimento com qualquer grau de calma. — Ele me mordeu! — Examinei atentamente meu seio machucado. Não havia sangue; apenas duas minúsculas picadas, dois furinhos que ardiam um pouco. Mas pensei em raiva e meu sangue gelou nas veias.

— Não se preocupe, Sassenach. Eu resolvo isso. — Endireitando os ombros outra vez, Jamie pegou o atizador da lareira e avançou com passos decididos para o pé da cama. A madeira da cama era sólida; havia um espaço de apenas alguns centímetros entre ela e a parede. O rato devia estar encurralado, a menos que tivesse conseguido escapar

nos poucos segundos entre meu grito e o salto de Jamie do meio das cobertas.

Ergui-me sobre os joelhos, pronta para saltar para fora da cama, se necessário. Com a testa franzida em concentração, Jamie ergueu o atizador, estendeu a mão livre e arrancou a colcha caída por cima do pé da cama, tirando-a do caminho.

Arremeteu o atizador com toda a força e desviou-o para o lado no último instante, batendo-o contra a parede.

— O que foi? — perguntei.

— O quê? — ele repetiu, num tom de incredulidade. Inclinou-se para mais perto, estreitando os olhos na luz turva, depois começou a rir. Largou o atizador, agachou-se no chão e enfiou a mão devagar no espaço entre o pé da cama e a parede, fazendo um barulhinho como um gorjeio entre os dentes. Soava como passarinhos chilreando num arbusto distante.

— Você está falando com o rato? — Comecei a engatinhar na direção do pé da cama, mas ele fez um gesto para que eu recuasse, sacudindo a cabeça, enquanto continuava com o chilreado.

Esperei, com alguma impaciência. Em um minuto, ele agarrou alguma coisa, evidentemente capturando o que quer que fosse, pois soltou uma pequena exclamação de satisfação. Levantou-se, sorrindo, uma forma peluda, cinza, agarrada pela nuca, pendurada e balançando de seus dedos como uma bolsa.

— Eis o seu rato, Sassenach — ele disse, gentilmente depositando uma bola de pelos cinza sobre a colcha. Os olhos enormes de um verde-claro amarelado ergueram-se para mim, sem piscar.

— Santa Mãe de Deus — exclamei. — De onde você veio? — Estendi um dedo, bem devagar. O gatinho não se moveu. Toquei de leve a borda de uma minúscula mandíbula, cinza e sedosa, e os grandes olhos verdes desapareceram, transformando-se em fendas enquanto ele se esfregava contra meu dedo. Um ronronar surpreendentemente grave reverberou pela sua estrutura pequenina.

— Este — Jamie disse, com imensa satisfação — é o presente que eu pretendia lhe dar, Sassenach. Ele vai manter os animais nocivos longe de seu consultório.

— Bem, provavelmente animais nocivos bem pequeninos — eu disse, examinando meu novo presente com desconfiança. — Acho que uma barata grande poderia carregá-lo para a sua toca, quanto mais um camundongo.

— Ele vai crescer — Jamie garantiu-me. — Olhe para suas patas.

Ele — era ele?, sim era um ele — rolara de costas e imitava um

besouro morto, as patas no ar. Cada pata era mais ou menos do tamanho de uma larga moeda de cobre, bastante pequenas quando sozinhas, mas enormes em contraste com o corpo minúsculo. Toquei as patinhas, um rosa imaculado no meio de macios pelos cinza, e o gatinho contorceu-se em êxtase.

Uma batida discreta veio da porta e eu levantei o lençol depressa sobre o peito quando a porta se abriu e a cabeça do sr. Wemyss se enfiou para dentro, os cabelos em pé como um monte de palha de trigo.

— Hã... está tudo bem, senhor? — ele perguntou, piscando para tentar enxergar melhor. — Minha filha me acordou, dizendo que achava que havia uma espécie de tumulto e então ouvimos uma batida forte... — Seus olhos, apressadamente desviados de mim, dirigiram-se para a marca de madeira esfolada na parede caiada, deixada pelo atizador de Jamie.

— Sim, está tudo bem, Joseph — Jamie assegurou-lhe. — É só um gatinho.

— Oh, sim? — O sr. Wemyss estreitou os olhos na direção da cama, o rosto comprido abrindo-se num sorriso quando distinguiu a mancha de pelo cinza. — Um gatinho, hein? Bem, ele vai ser de grande ajuda na cozinha, não tenho a menor dúvida.

— Sim. Por falar em cozinhas, Joseph... será que sua filha poderia trazer uma vasilha de nata para o gato aqui?

O sr. Wemyss assentiu e desapareceu, com um último sorriso de tio para o gatinho.

Jamie espreguiçou-se, bocejou e esfregou as duas mãos vigorosamente pelos cabelos, que se comportavam ainda mais indisciplinadamente do que o normal. Examinei-o, com uma certa dose de pura apreciação estética.

— Você está parecendo um mamute peludo — eu disse.

— Oh? E como é um mamute, além de grande?

— Uma espécie de elefante pré-histórico, sabe, os animais com uma longa tromba?

Ele apertou os olhos, fitando seu corpo para baixo, depois me olhou interrogativamente.

— Bem, agradeço-lhe pelo elogio, Sassenach — ele disse. — Mamute, hein? — Lançou os braços para cima e esticou-se outra vez, displicentemente arqueando as costas, o que — inadvertidamente, me pareceu — aumentou qualquer semelhança acidental que se pudesse notar entre a anatomia matinal aumentada de um homem e os adornos faciais de um paquiderme.

Eu ri.

— Não era exatamente isso que eu quis dizer — ressalttei. — Pare de se balançar. Lizzie vai entrar a qualquer instante. É melhor vestir sua camisa ou entrar de novo na cama.

O som de passos no patamar da escada o fez mergulhar embaixo das cobertas, levando o gato a fugir correndo pelo lençol, sobressaltado. No final das contas, era o próprio sr. Wemyss, trazendo a tigelinha de nata e, assim, poupando sua filha da possível visão do seu patrão pelado.

O tempo estando bom, havíamos deixado as persianas abertas na noite anterior. O céu lá fora estava da cor de ostras frescas, úmido e cinza-perolado. O sr. Wemyss olhou para a janela, piscou e balançou a cabeça para os agradecimentos de Jamie, depois saiu cambaleando de volta para sua cama, agradecido por mais meia hora de sono antes do alvorecer.

Eu desembaracei o gatinho, que se refugiara no meio dos meus cabelos, e o coloquei no chão, perto da vasilha de nata. Imaginei que ele jamais tivesse visto uma tigela de nata na vida, mas o cheiro foi suficiente — dentro de instantes, ele já estava com os bigodes mergulhados na nata, lambendo com sofreguidão.

— Ele é forte — Jamie observou com aprovação. — Posso ouvi-lo daqui.

— Ele é uma gracinha. Onde o arranjou? — Aconcheguei-me na curva do corpo de Jamie, desfrutando seu calor; o fogo quase se extinguiu durante a noite e o ar no quarto estava frio, ácido das cinzas.

— Eu o encontrei na floresta. — Jamie bocejou e relaxou, apoiando a cabeça em meu ombro para ver o gatinho, que se abandonara num êxtase de gula. — Pensei que o tivesse perdido quando Gideon disparou. Imagino que tenha se enfiado em um dos alforjes e veio aqui para cima junto com o resto da bagagem.

Resvalamos num tranquilo estupor, sonolentemente aconchegados no ninho da nossa cama, enquanto o céu clareava, pouco a pouco, e o ar adquiria vida com o canto dos pássaros que despertavam. A casa também acordava — ouviu-se o choro de um bebê vindo lá de baixo, seguido pela movimentação e o arrastar de pés de pessoas se levantando, o murmúrio de vozes. Nós também deveríamos nos levantar — havia tanto a ser feito — e, no entanto, nenhum de nós dois se mexeu, cada qual relutante em abrir mão da sensação de um tranquilo santuário. Jamie suspirou, seu hálito quente em meu ombro nu.

— Uma semana, eu acho — ele disse serenamente.

— Antes de você ter que partir?

— Sim. Posso dispor desse tempo para arrumar as coisas por aqui e falar com os homens de Ridge. Depois, mais uma semana, para atravessar a região entre a Linha do Tratado e Drunkard's Creek e passar em revista. Então eu os trarei aqui para treinar. Se Tryon convocar a milícia, então...

Fiquei imóvel e em silêncio por alguns instantes, minha mão envolta na mão de Jamie, o punho relaxado fechado sobre meu seio.

— Se ele convocá-lo, irei com você. Ele beijou a minha nuca.

— Você quer ir? — ele disse. — Acho que não será necessário. Nem você, nem Bri sabem de nenhuma luta a ser travada aqui agora.

— Isso só significa que, se alguma coisa vai acontecer, não será uma enorme batalha — eu disse. — Isto aqui, as Colônias, é um lugar imenso, Jamie. E, duzentos anos depois dos acontecimentos de hoje, não iríamos ficar sabendo dos conflitos menores, especialmente os que aconteceram em um lugar diferente. Agora, em Boston... — Suspirei, apertando sua mão.

Eu mesma não saberia dizer muito sobre os acontecimentos em Boston, mas Bri sabia; tendo crescido lá, aprendera muito na escola sobre a história local e estadual. Eu a ouvira contando a Roger o que fora o Massacre de Boston — um pequeno confronto entre cidadãos e as tropas britânicas que ocorrera no mês de março passado.

— Sim, suponho que seja verdade — ele disse. — Ainda assim, não parece que vai dar em nada. Acho que Tryon está apenas querendo assustar os Reguladores, fazendo-os se comportar.

Isso, de fato, era provável. No entanto, eu tinha perfeita consciência do velho adágio: "O homem põe e Deus dispõe" — e fosse Deus ou William Tryon no comando, só os céus saberiam o que poderia acontecer.

— Você acredita? — perguntei. — Ou apenas espera que seja assim?

Ele suspirou e esticou as pernas, o braço apertando mais a minha cintura.

— Ambos — ele admitiu. — Principalmente, eu espero. E rezo. Mas também acredito nisso.

O gatinho esvaziara completamente a vasilha de nata. Sentou-se com um baque audível de seu minúsculo traseiro, limpou o resto do delicioso creme branco de seus bigodes, em seguida resvalou devagar na direção da cama, os flancos visivelmente bojudos. Saltou para cima da colcha, aninhou-se junto a mim e adormeceu imediatamente.

Talvez não inteiramente adormecido; eu podia sentir a pequena

vibração de seu ronronar através da colcha.

— Como você acha que devo chamá-lo? — pensei em voz alta, tocando a ponta da cauda macia e franzina. — Manchinha? Pompom?

— Nomes bobos — Jamie disse, com preguiçosa tolerância. — Então era assim que você costumava chamar seus gatos em Boston? Ou na Inglaterra?

— Não. Eu nunca tive um gato — admiti. — Frank era alérgico a eles, faziam-no espirrar. E qual é um bom nome escocês para gatos, então? Diar-muid? MacGillivray?

Ele resfolegou, depois riu.

— Adso — disse, com firmeza. — Chame-o de Adso.

— Que tipo de nome é esse? — perguntei, virando-me para trás, para olhar para ele, perplexa. — Já ouvi muitos nomes escoceses estranhos, mas este é novo.

Ele descansou o queixo confortavelmente em meu ombro, observando o gatinho dormir.

— Minha mãe tinha um gatinho chamado Adso — ele disse, para minha surpresa. — Um gatinho cinza, muito parecido com este.

— É mesmo? — Coloquei a mão em sua perna. Ele raramente falava de sua mãe, que morrera quando ele tinha oito anos.

— Sim, tinha. Um excelente caçador de ratos e gostava muito de minha mãe; não tinha muita utilidade para nós, crianças. — Sorri com as lembranças. — Provavelmente porque Jenny o vestia com roupas de bebê e o alimentava com bolachas, e eu o joguei na represa do moinho, para ver se ele sabia nadar. Aliás, ele sabia — informou-me, — mas não gostou.

— Não posso dizer que o culpo — eu disse, achando graça. — Mas por que ele se chamava Adso? É o nome de um santo? — Eu estava acostumada aos nomes estranhos dos santos celtas, de Aodh — pronunciado UUH — a Dervorgilla, mas não ouvira falar de santo Adso antes. Provavelmente o padroeiro dos ratos.

— Não era um santo — ele me corrigiu. — Um monge. Minha mãe era muito erudita. Ela foi educada em Leoch, sabe, juntamente com Colum e Dougal, sabia ler grego e latim e um pouco de hebraico, bem como francês e alemão. Ela não tinha muita oportunidade de ler em Lallybroch, é claro, mas meu pai fazia todo o esforço para encomendar livros para ela, de Edimburgo e de Paris.

Ele estendeu o braço por cima do meu corpo para tocar uma orelha sedosa e translúcida, e o gatinho remexeu os bigodes, crispando o rosto como se fosse espirrar, mas não abriu os olhos. O ronronar continuou inabalável.

— Um dos livros de que ela gostava era escrito por um austríaco, da cidade de Melk, e assim ela achou que era um nome muito adequado para o gato.

— Adequado...?

— Sim — ele disse, balançando a cabeça para a vasilha vazia, sem o menor tremor no lábio ou na pálpebra. — Adso de Melk, como Milk, leite, entendeu?

Uma fenda verde surgiu quando um olho se abriu, como em resposta ao nome. Depois, fechou-se outra vez e o ronronar continuou.

— Bem, se ele não se importa, eu também não — eu disse, resignada. — Portanto, vai ser Adso.

O DIABO CONHECIDO

Uma semana mais tarde, nós — isto é, as mulheres — estávamos empenhadas no estafante serviço de lavanderia, quando Clarence, a mula, soltou seu aviso alto e claro de que íamos ter companhia. A pequena sra. Aberfeldy pulou como se tivesse sido picada por uma abelha e deixou cair uma braçada de camisas molhadas no chão de terra do pátio. Pude ver o sr. Bug e a sra. Chisholm abrindo a boca em reprovação e aproveitei a oportunidade para enxugar as mãos no meu avental e correr para a frente, para saudar quem quer que fosse o visitante que se aproximava.

De fato; uma mula baia saía das árvores na cabeceira da trilha, seguida por uma gorda égua marrom conduzida por uma rédea. As orelhas da mula chicotearam para frente e ela zurrou entusiasticamente em resposta à saudação de Clarence. Tampei os ouvidos para bloquear a algazarra insuportável e apertei os olhos contra a luz ofuscante do sol da tarde para distinguir o cavaleiro na mula.

— Sr. Husband! — Tirando os dedos dos ouvidos, corri para cumprimentá-lo.

— Sra. Fraser, bom-dia!

Hermon Husband retirou seu chapéu preto desabado e fez um leve cumprimento com a cabeça, depois apeou da mula com um gemido que denunciava as muitas horas passadas na sela. Seus lábios moveram-se sem som na moldura de sua barba enquanto ele endireitava o corpo rígido; ele era um quaker e não usava palavrões. Ao menos, não em voz alta.

— Seu marido está em casa, sra. Fraser?

— Acabo de vê-lo indo para o estábulo, vou chamá-lo! — gritei, acima dos zurros continuados das mulas. Segurei seu chapéu e gesticulei, indicando a casa. — Vou guardar seus animais!

Ele balançou a cabeça em agradecimento e saiu mancando devagar, dando a volta na casa em direção à cozinha. De costas, eu podia ver como andar era doloroso para ele; ele mal conseguia colocar peso no pé esquerdo. O chapéu na minha mão estava coberto de poeira e manchas de lama, e eu sentira o odor de corpo e roupas não lavados quando ele ficou perto de mim. Ele estava viajando havia muito

tempo, não apenas hoje — por uma semana ou mais, pensei, e dormindo mal a maior parte do tempo.

Tirei os arreios da mula, removendo, no processo, dois alforjes surrados cheios até a metade de panfletos impressos, mal impressos e grosseiramente ilustrados. Examinei a ilustração com algum interesse; era uma xilogravura de vários honrados e indignados Reguladores desafiando um grupo de agentes do governo, entre eles uma figura atarracada que não tive o menor problema de identificar como David Anstruther; a legenda não mencionava seu nome, mas o artista captara a semelhança do xerife com um sapo venenoso com notável facilidade. Teria Husband assumido a entrega dos malditos panfletos de porta em porta?, me perguntei.

Levei os animais para o curral, deixei o chapéu e os alforjes na varanda, depois comecei a subir a colina em direção ao estábulo, uma caverna rasa que Jamie fechara com grossas paliçadas. Brianna referia-se a ele como a maternidade, já que os ocupantes usuais eram basicamente éguas, vacas ou porcas grávidas.

Eu me perguntava o que teria trazido Hermon Husband ali — e se ele estava sendo seguido. Ele era dono de uma fazenda e de um pequeno moinho, ambos a pelo menos dois dias de cavalcada de Ridge; não era uma viagem que ele iria empreender simplesmente pelo prazer de nossa companhia.

Husband era um dos líderes dos Reguladores e já fora preso mais de uma vez pelos panfletos subversivos que imprimia e distribuía. As notícias mais recentes que eu ouvira dele foram de que tinha sido expulso da reunião local dos quakers, os Amigos, como eram chamados, que olhavam com desconfiança suas atividades, considerando-as incitação à violência. Creio que tinham uma certa razão, a julgar pelos panfletos que li.

A porta do estábulo estava aberta, permitindo que os cheiros agradavelmente fecundos de palha, calor animal e estrume flutuassem para fora, juntamente com uma torrente de palavras igualmente fecundas. Jamie, que não era nenhum quaker, acreditava em palavreado forte e estava usando uma enxurrada agora, apesar de em gaélico, o que tende para o poético, em vez de para o vulgar.

Traduzi a atual efusão mais ou menos como: "Que suas tripas se enrosquem como serpentes e seus intestinos explodam pelas paredes de sua barriga! Que a maldição dos corvos caia sobre você, cria bastarda de uma linhagem de moscas de esterco!" Ou palavras nesse sentido.

— Com quem você está falando? — perguntei, enfiando a cabeça pela porta. — E qual é a maldição dos corvos?

Pisquei na repentina obscuridade, vendo-o apenas como uma figura alta contra os montes de feno claro empilhados junto à parede. Ele virou-se ao me ouvir e veio a passos largos para a claridade da porta. Andara passando as mãos pelos cabelos; vários fios haviam sido puxados da tira que os prendia e agora estavam arrepiados, como palhas espetadas.

— Tha nighean na galladh torrach! — ele disse, com uma carranca feroz e um breve gesto apontando para trás.

— Filha de uma é... Oh! Está me dizendo que a maldita porca fez isso de novo?

A enorme porca branca, apesar de possuir uma gordura superior e uma capacidade reprodutiva surpreendente, também era uma criatura obtusa e impaciente no cativeiro. Ela já havia fugido duas vezes do seu cercado para dar cria, uma vez investindo contra Lizzie, que — sabiamente — gritou e arremessou-se para fora do caminho enquanto o animal partia em disparada, e novamente pelo expediente de assiduamente escavar um lado do cercado e ficar à espera, até a porta do estábulo ser aberta, derrubando-me no chão enquanto partia para o descampado.

Desta vez, ela não se preocupara com estratégia, mas simplesmente destruíra uma tábua de seu cercado, depois escavara um túnel por baixo das estacas da paliçada, digno de prisioneiros de guerra britânicos em um campo nazista.

— Fez, sim — Jamie disse, esquecendo o gaélico, agora que sua fúria inicial havia arrefecido um pouco. — Quanto à maldição dos corvos, depende. Pode significar que você deseja que os corvos ataquem a plantação de um homem e comam todos os seus grãos. Nesse caso, eu tinha em mente os pássaros bicando os olhos da maldita criatura.

— Imagino que isso a tornaria mais fácil de ser capturada — eu disse, suspirando. — Quanto falta para ela dar cria?

Ele deu de ombros e passou a mão pelos cabelos.

— Um, dois dias, talvez três. Vai ser bem feito para ela se parir no mato e for comida pelos lobos, ela e toda a ninhada de uma vez. — Chutou de mau humor o monturo deixado pela escavação da porca, lançando uma cascata de terra dentro do buraco. — Quem chegou? Ouvi Clarence berrando.

— Hermon Husband.

Ele virou-se bruscamente em minha direção, esquecendo-se imediatamente da porca.

— É ele, então? — ele disse brandamente, como se falasse consigo

mesmo. — Por que será?

— É o que eu estava me perguntando. Está cavalgando há um bom tempo, distribuindo panfletos evidentemente.

Tive que sair correndo atrás de Jamie enquanto acrescentava esse comentário; ele já descia a colina a passos largos, em direção à casa, arrumando os cabelos enquanto prosseguia. Alcancei-o bem a tempo de limpar pedacinhos de palha de seus ombros antes que ele chegasse ao pátio.

Jamie cumprimentou a sra. Chisholm e a sra. MacLeod distraidamente com um sinal da cabeça, as duas içando com pás grandes fardos de roupas fumegantes da enorme chaleira e estendendo-as sobre os arbustos para secar. Continuei apressadamente ao lado de Jamie, ignorando os olhares acusadores das mulheres e fazendo parecer que eu tinha preocupações muito maiores com as quais lidar do que com a lavagem de roupas.

Alguém providenciara um lanche para Husband. Um prato de pão com manteiga parcialmente comido e uma caneca pela metade de leite desnatado estavam sobre a mesa. Também sobre a mesa estava Husband, que apoiara a cabeça sobre os braços cruzados e adormecera. Adso agachara-se sobre a mesa ao lado dele, fascinado pelas densas suíças grisalhas que estremeciam como antenas com os roncoss reverberantes do quaker. O gatinho estava exatamente tentando esticar uma pata na direção da boca aberta de Husband quando Jamie agarrou-o pela nuca e largou-o com precisão em minhas mãos.

— Sr. Husband? — ele disse brandamente, inclinando-se sobre a mesa. — Seu criado, senhor.

Husband roncou, pestanejou e, em seguida, sentou-se direito abruptamente, quase entornando o leite. Arregalou os olhos por um breve instante para mim e Adso, depois pareceu lembrar-se de onde estava, pois sacudiu-se, levantou-se parcialmente, balançando a cabeça para Jamie.

— Amigo Jamie — ele disse com voz rouca. — Eu estou... desculpe-me... tenho andado...

Jamie fez um gesto descartando suas desculpas e sentou-se à frente dele, distraidamente pegando um pedaço de pão com manteiga do prato.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa, sr. Husband?

Husband esfregou a mão pelo rosto, o que em nada ajudou a melhorar sua aparência, mas pareceu acordá-lo melhor. Visto claramente na suave luz da tarde da cozinha, ele parecia ainda pior do

que lá fora, os olhos empapuçados e injetados, e a barba e os cabelos grisalhos embaraçados. Ele tinha apenas cinquenta e poucos anos, eu sabia, mas parecia pelo menos dez anos mais velho. Fez uma tentativa de ajeitar o casaco e balançou a cabeça para mim, depois para Jamie.

— Agradeço-lhe por sua hospitalidade, sra. Fraser. E a você também, sr. Fraser. Eu vim, na verdade, lhe pedir um favor, se me permitir.

— Pode pedir, é claro — Jamie disse educadamente. Deu uma mordida no pão com manteiga, erguendo as sobrançelhas num ar interrogativo.

— Quer comprar meu cavalo?

As sobrançelhas de Jamie continuaram levantadas. Mastigou devagar, meditando, depois engoliu.

— Por quê?

De fato, por quê? Teria sido muito mais fácil para Husband vender um cavalo em Salem ou High Point, se não quisesse ir até Cross Creek. Ninguém em seu juízo perfeito teria se aventurado a um lugar remoto como Ridge simplesmente para vender um cavalo. Coloquei Adso no chão e sentei-me ao lado de Jamie, esperando a resposta.

Husband lançou lhe um olhar claro e direto, apesar de seus olhos estarem injetados.

— Você foi indicado coronel de milícia, disseram-me.

— Pelos meus pecados — Jamie disse, o pão parado no ar. — Acha que o governador me deu dinheiro para adquirir montaria para meu regimento? — Deu uma mordida no pão, esboçando um sorriso.

O canto da boca de Husband ergueu-se levemente em reconhecimento da piada. Um coronel de milícia tinha que suprir seu próprio regimento, contando apenas com um eventual reembolso da Assembleia Legislativa; uma das razões pelas quais somente homens de posses eram assim nomeados e uma forte razão para a indicação não ser considerada exclusivamente uma honra.

— Se tivesse, eu teria prazer em aceitar. — A um gesto de Jamie, convidando-o, Husband estendeu a mão e pegou outro pedaço de pão com manteiga, que mastigou gravemente, olhando para Jamie por baixo das sobrançelhas espessas e grisalhas. Finalmente ele sacudiu a cabeça.

— Não, amigo James. Tenho que vender meus animais para pagar as multas que a Justiça está impondo sobre mim. Se eu não vender tudo que puder, isso poderá ser confiscado. E, se eu não vender, não terei escolha senão abandonar a colônia e levar minha família para outro lugar. E, se eu fizer isso, terei que me livrar de tudo que não

puder levar, pelo preço que conseguir.

Uma pequena ruga formou-se entre as sobrancelhas de Jamie.

— Sim, compreendo — ele disse devagar. — Eu o ajudaria, Hermon, do modo que pudesse. Você sabe disso, espero. Mas eu mal tenho dois xelins em dinheiro vivo, nem mesmo a desvalorizada moeda da proclamação, quanto mais libras esterlinas. Mas, se houver alguma coisa que eu tenha que possa lhe ser útil...

Husband sorriu ligeiramente, suas feições ásperas abrandando-se.

— Sim, amigo James. Sua amizade e sua honra são realmente de grande importância para mim. Quanto ao resto... — Reclinou-se para trás, afastando-se da mesa, e começou a remexer na pequena bolsa a tiracolo que colocara ao seu lado. Retirou dali uma carta fina, com um selo de cera vermelha. Reconheci o selo e meu peito apertou-se.

— Encontrei o mensageiro em Pumpkin Town — Husband disse, observando enquanto Jamie pegava a carta e enfiava o polegar sob a aba. — Eu me ofereci para trazer a carta para você, já que estava vindo para cá de qualquer modo.

As sobrancelhas de Jamie levantaram-se, mas sua atenção estava focalizada no pedaço de papel em sua mão. Aproximei-me, para ver por cima de seu ombro.

22 de novembro de 1770

Coronel James Fraser

Ao ser informado de que aqueles que se autodenominam Reguladores se reuniram com força significativa perto de Salisbury, enviei mensagem ao general Waddell para dirigir-se para lá imediatamente com as tropas de milícias à sua disposição, na esperança de dispersar está assembleia ilegal. Ordeno-lhe que reúna os homens que julgar em condições de servirem num Regimento de Milícia e siga com eles para Salisbury, com a maior presteza que possa conseguir, para se unir às tropas do general antes ou no dia 15 de dezembro, quando ele marchará sobre Salisbury. Até onde for possível, leve com você farinha e outras provisões suficientes para manterem seus homens por um período de duas semanas.

Seu humilde criado

William Tryon

O aposento estava silencioso, a não ser pelo murmúrio suave do caldeirão sobre as brasas na lareira. Lá fora, eu podia ouvir as mulheres falando em curtas explosões, entremeadas de grunhidos de esforço, e o cheiro de sabão detergente flutuava pela janela aberta, misturando-se aos aromas do ensopado e do pão fermentando.

Jamie ergueu os olhos para Husband.

— Sabe o que isto diz?

O quaker balançou a cabeça afirmativamente, os contornos do rosto repentinamente flácidos de fadiga.

— O mensageiro me disse. Afinal, o governador não pretende fazer segredo de suas intenções.

Jamie fez um som de concordância e olhou para mim. Não, o governador não iria querer fazer segredo disso. No que dizia respeito a Tryon, quanto mais gente soubesse que Waddell dirigia-se para Salisbury com uma grande tropa de milícias, melhor. Daí também o estabelecimento de uma data específica. Qualquer soldado inteligente iria preferir intimidar o inimigo a lutar contra ele — e, considerando que Tryon não dispunha de tropas oficiais, a sabedoria era sem dúvida a parte mais importante da bravura.

— E quanto aos Reguladores? — perguntei a Husband. — O que pretendem fazer?

Ele me olhou ligeiramente surpreso.

— Fazer?

— Se o seu pessoal está se reunindo, presume-se que seja com algum propósito — Jamie salientou, um tom ligeiramente irônico na voz. Husband percebeu-o, mas não o censurou.

— Certamente há um propósito — ele disse, endireitando-se com certa dignidade. — Embora você esteja errado em dizer que são meus homens, a não ser no sentido de irmãos, como são todos os homens. Mas, quanto à finalidade, é apenas para protestar contra os abusos de poder tão comuns atualmente, a imposição de impostos ilegais, o confisco descabido de...

Jamie fez um gesto impaciente, interrompendo-o.

— Sim, Hermon, já ouvi dizer. Pior, li seus panfletos sobre isso. E, se esse é o propósito dos Reguladores, qual é o seu?

O quaker fitou-o, as sobrancelhas grossas erguidas e a boca semiaberta num ar de interrogação.

— Tryon não quer manter suas intenções em segredo — Jamie explicou, — mas você talvez queira. Não serve aos interesses dos Reguladores que essas intenções sejam divulgadas, afinal. — Ele fitou Husband, esfregando um dedo vagarosamente para cima e para baixo do cavalete comprido e reto do seu nariz.

Husband ergueu a mão e coçou o queixo.

— Você está perguntando por que eu trouxe isso — balançou a cabeça na direção da carta aberta sobre a mesa — quando poderia ter

jogado fora?

Jamie balançou a cabeça pacientemente.

— Isso mesmo.

Husband respirou fundo, o peito erguendo-se, e esticou-se, as articulações estalando audivelmente. Pequenos sopros brancos de poeira ergueram-se de seu casaco, dissipando-se como fumaça. Acomodou-se novamente, piscando e parecendo se sentir mais confortável.

— Deixando de lado qualquer consideração sobre a honestidade de tal conduta, amigo James... eu já lhe disse que a sua amizade é o que mais utilidade teria para mim.

— Sim, é verdade. — O esboço de um sorriso tocou o canto da boca de Jamie.

— Digamos, como argumento, que o general Waddell realmente marche sobre um grupo de Reguladores — Husband sugeriu. — É melhor para os Reguladores enfrentarem homens que não os conhecem e são hostis a eles... ou enfrentar vizinhos que os conhecem e talvez simpatizem com sua causa?

— "Mais vale o diabo conhecido do que o desconhecido", não é? — Jamie disse. — E eu sou o diabo que vocês conhecem. Compreendo.

Um lento sorriso aflorou ao rosto de Husband, igualando-se ao de Jamie.

— Um deles, amigo James. Estive viajando a cavalo nos últimos dez dias, vendendo meus animais e visitando uma ou outra casa, por toda a parte oeste da colônia. O movimento dos Reguladores não faz nenhuma ameaça, não busca nenhuma destruição de propriedade. Só pedimos que nossas queixas sejam ouvidas e providências sejam tomadas. É para chamar atenção sobre a natureza e a justiça dessas queixas que os mais prejudicados estão se reunindo em Salisbury. Mas não posso esperar solidariedade daqueles que não têm informações sobre a ofensa afinal de contas.

O sorriso desapareceu do rosto de Jamie.

— Você pode contar com minha solidariedade, Hermon, e minha hospitalidade. Mas, se for necessário... sou um coronel de milícia. Terei um dever a cumprir, quer eu goste ou não desse dever.

Husband abanou uma das mãos, descartando o argumento.

— Eu não lhe pediria para faltar com seu dever... se fosse preciso. Rezo para que não seja. — Inclinou-se um pouco para frente, por cima da mesa. — Mas eu lhe pediria uma coisa. Minha mulher, meus filhos... se eu tiver que partir apressadamente...

— Mande-os para cá. Estarão seguros.

Com isso, Husband recostou-se para trás, os ombros arriando-se. Ele fechou os olhos e respirou profundamente, depois abriu-os e colocou as mãos sobre a mesa, como se fosse se levantar.

— Eu lhe agradeço. Quanto à égua, fique com ela. Se minha família tiver necessidade dela, alguém virá. Se não... eu certamente prefiro que você fique com ela a algum xerife corrupto.

Senti Jamie mover-se, querendo protestar, e coloquei a mão em sua perna para impedi-lo. Hermon Husband precisava de confiança, muito mais do que de um cavalo que não podia manter.

— Nós cuidaremos bem dela — eu disse, sorrindo e olhando-o nos olhos. — E de sua família, se houver necessidade. Diga-me, qual o nome dela?

— Da égua? — Hermon levantou-se e um sorriso repentino irrompeu em seu rosto, iluminando-o surpreendentemente. — O nome dela é Jerusha, mas minha mulher a chama de Sra. Porquinha. Receio que ela realmente possua um enorme apetite — ele acrescentou em tom de desculpas para Jamie, que se retesara perceptivelmente à palavra "porco".

— Não tem importância — Jamie disse, afastando porcos de seu pensamento com visível esforço. Ele se levantou, olhando pela janela, onde os raios do sol da tarde transformavam a lustrosa madeira de pinho do peitoril dos assoalhos em ouro derretido. — Está ficando tarde, Hermon. Por que não janta e passa a noite conosco?

Husband sacudiu a cabeça e inclinou-se para pegar sua bolsa a tiracolo.

— Não, amigo James, obrigado. Ainda tenho muitos lugares a visitar. Mas insisti em que ele esperasse enquanto eu preparava um pacote de comida para ele levar, e ele foi com Jamie colocar a sela em sua mula enquanto esperava. Eu os ouvi conversando em voz baixa enquanto voltavam do curral, as vozes tão baixas, que não pude distinguir as palavras. Mas, quando saí para a varanda dos fundos com o embrulho de sanduíches e cerveja, ouvi Jamie dizer-lhe, com certa urgência:

— Tem certeza, Hermon, de que o que você faz é prudente... ou necessário?

Husband não respondeu imediatamente, mas pegou o pacote da minha mão com um sinal da cabeça em agradecimento. Em seguida, virou-se para Jamie, as rédeas da mula na outra mão.

— Eu me lembro — ele disse, olhando de Jamie para mim — de James Nayler. Já ouviram falar nele?

Jamie parecia tão perplexo quanto eu e Hermon sorriu em meio a sua barba.

— Ele foi um dos primeiros membros da Sociedade de Amigos, um dos que se uniram a George Fox, que fundou a Sociedade na Inglaterra. James Nayler era um homem de fortes convicções, embora ele fosse... pessoal na maneira de se expressar. Em uma famosa ocasião, ele caminhou nu pela neve, enquanto maldizia aos berros a cidade de Bristol. George Fox lhe perguntou, então: "Você tem certeza de que Deus lhe disse para fazer isso?"

O sorriso ampliou-se e ele colocou o chapéu cuidadosamente de volta na cabeça.

— Ele disse que sim. E assim sou eu, amigo James. Que Deus proteja você e sua família.

AULAS DE TIRO

Brianna olhou para trás por cima do ombro, sentindo-se culpada. A casa lá embaixo havia desaparecido sob um mar amarelo de folhas de castanheiras, mas os gritos de seu filho ainda ressoavam em seus ouvidos.

Roger a viu olhar para trás, para baixo da montanha, e franziu um pouco a testa, embora sua voz fosse suave quando falou.

— Ele vai ficar bem, Bri. Você sabe que sua mãe e Lizzie cuidarão bem dele.

— Lizzie vai estragá-lo de tanto o mimar — ela concordou, mas com um estranho baque no coração ao admiti-lo. Podia facilmente ver Lizzie carregando Jemmy de um lado para o outro o dia inteiro, brincando com ele, fazendo caretas para ele, dando-lhe arroz-doce com melado... Jemmy adoraria as atenções, depois que superasse o estresse de sua partida. Experimentou uma onda repentina de sentimento de posse com relação aos dedinhos róseos de Jemmy; detestava a ideia de Lizzie brincando de Dez Porquinhos com ele.

Ela simplesmente detestava ter que o deixar, ponto final. Os berros de pânico de Jemmy quando ela soltou a mãozinha agarrada à sua blusa e o entregou a sua mãe ecoavam em sua mente, ampliados pela imaginação, e o olhar cheio de lágrimas de quem havia sido violentamente traído permanecia em sua mente.

Ao mesmo tempo, sua necessidade de fugir era premente. Mal podia esperar para arrancar as mãozinhas grudadas de Jemmy de sua pele e correr pela manhã, livre como um dos gansos que voltavam para casa, buzinando em seu caminho para o sul através dos desfiladeiros das montanhas.

Ela imaginava, com relutância, que não se sentiria tão culpada em deixar Jemmy se secretamente não estivesse tão ansiosa para isso.

— Tenho certeza de que ele vai ficar bem — tranquilizou-se, mais do que Roger. — É que... eu nunca realmente o deixei por muito tempo.

— Mmmhum. — Roger fez um ruído evasivo que poderia ser interpretado como solidariedade. Sua expressão, no entanto, deixava claro que ele pessoalmente achava que já passara muito da hora de ela deixar o bebê.

Uma momentânea explosão de raiva aqueceu seu rosto, mas ela mordeu a língua. Afinal, ele não dissera nada — na verdade, fizera um esforço óbvio para não dizer nada. Ela também podia fazer um esforço — e achou que talvez não fosse justo brigar com alguém com base no que você achava que ele estava pensando.

Ela sufocou o comentário ácido que tivera em mente e, em vez disso, sorriu para ele.

— Lindo dia, hein?

O olhar cauteloso desapareceu do rosto dele e ele sorriu também, os olhos aquecendo-se em um verde tão intenso e cheio de vida quanto o musgo que se estendia em placas grossas aos pés sombreados das árvores pelas quais passavam.

— Maravilhoso — ele disse. — É bom se afastar um pouco da casa, não é? Ela lançou-lhe um rápido olhar, mas parecia ser a simples declaração de um fato, sem nenhuma segunda intenção por trás.

Ela não respondeu, mas balançou a cabeça, concordando, e levantou o rosto para a brisa errante que vagava pelo meio dos abetos ao redor deles. Um redemoinho de folhas de álamo castanho-avermelhadas soprou sobre eles, agarrando-se momentaneamente ao tecido rústico de suas calças e à lã fina de suas meias.

— Espere um minuto.

Num impulso, ela parou e tirou os coturnos de couro e as meias, enfiando-os negligentemente na mochila em seu ombro. Permaneceu parada, os olhos fechados em êxtase, meneando os dedos nus dos pés no musgo úmido.

— Oh, Roger, experimente! Isso é maravilhoso!

Ele ergueu uma das sobranceiras, mas obedientemente deixou a arma ao lado — ele a trouxera, quando deixaram a casa, e ela deixará, apesar de uma necessidade de proprietária de carregá-la ela mesma, — desamarrou as próprias botas e cautelosamente deslizou um pé de ossos longos no musgo ao lado dos pés de Brianna. Seus olhos fecharam-se involuntariamente e sua boca contraiu-se num silencioso "Uuh!".

Movida por um impulso, ela inclinou-se e beijou-o. Os olhos dele abriram-se repentinamente, atônitos, mas ele tinha reflexos rápidos. Envolveu um braço longo ao redor da sua cintura e devolveu-lhe o beijo, um longo beijo. Era um dia anormalmente quente para o final de outono e ele não usava casaco, apenas uma camisa de caçar. Seu peito parecia despido através da lã fina de sua camisa; ela pôde sentir a minúscula protuberância do mamilo dele erguer-se sob a palma de sua mão.

Só Deus sabe o que poderia ter acontecido em seguida, mas o vento mudou de direção. Um grito fraco flutuou até eles, vindo do mar amarelo e encrespado lá embaixo. Podia ter sido um grito de bebê ou talvez um corvo distante, mas a cabeça de Brianna girou naquela direção, como a agulha de uma bússola apontando para o verdadeiro norte.

Aquilo quebrou o encanto e ele a soltou, recuando um passo.

— Você quer voltar? — ele perguntou, parecendo resignado. Ela cerrou os lábios e sacudiu a cabeça.

— Não. Mas vamos nos afastar mais um pouco da casa. Não queremos incomodá-los com o barulho. Dos... dos tiros, quero dizer.

Ele riu e ela sentiu o sangue ferver em seu rosto. Não, ela não podia fingir que não sabia que havia mais de um motivo para aquela expedição particular.

— Não, nem disso, tampouco — ele disse. Agachou-se para pegar seus sapatos e meias. — Vamos, então.

Ela mesma não quis calçar seus sapatos e meias, mas aproveitou a oportunidade para se apropriar novamente da arma. Não é que não confiasse nele com a arma, apesar de ele ter admitido que nunca disparara aquele tipo de arma de fogo. Ela simplesmente gostava de segurá-la e se sentia segura com seu peso equilibrado no ombro, mesmo estando descarregada. Era um mosquete com mais de um metro e meio de comprimento, pesando uns cinco quilos, mas a ponta de nogueira polida da coronha encaixava-se perfeitamente em sua mão e o peso do cano de aço adaptava-se com perfeição no vão de seu ombro, a boca da arma apontada para o céu.

— Você vai descalça? — Roger lançou um olhar interrogativo para seus pés, depois para cima da encosta da montanha, onde uma trilha quase apagada serpenteava pelo meio de pés de amoras silvestres e galhos caídos.

— Só um pouco — ela tranquilizou-o. — Eu costumava andar descalça o tempo todo quando era criança. Papai, Frank, nos levava às montanhas todo verão, para as White Mountains ou as Adirondacks. Após uma semana, as solas dos meus pés pareciam couro. Eu poderia caminhar sobre brasas e não sentir nada.

— Sim, eu também — ele disse, sorrindo, e igualmente guardou seus sapatos. — Só que — ele disse, com um sinal da cabeça na direção da trilha apagada que zigzagueava pelo mato e pelas pedras de granito semienterradas — a caminhada pela margem do Ness ou pelo estuário era um pouco mais fácil do que está, apesar das pedras.

— É um bom argumento — ela disse, franzindo ligeiramente a

testa enquanto olhava para os pés dele. — Você tomou uma antitetânica recentemente? Caso pise em alguma coisa pontiaguda e fure o pé?

Ele já subia à frente dela, escolhendo cuidadosamente onde pisar.

— Tomei todo tipo de vacina que fosse possível tomar, antes de atravessar as pedras — ele assegurou-lhe, por cima do ombro. — Febre tifoide, cólera, dengue, tudo que possa imaginar. Tenho certeza de que tétano estava entre elas.

— Dengue? Eu pensei que tivesse tomado vacina para tudo, mas não está. — Enfiando os dedos nos tapetes frios de capim seco, ela deu algumas passadas largas para alcançá-lo.

— Não deveria precisar aqui em cima. — O caminho fazia uma curva por uma rampa íngreme tomada por asimineiros amarelados e desaparecia sob a projeção de um aglomerado de cicuta preto-esverdeada. Ele segurou para trás os pesados galhos e ela agachou-se para passar por baixo, entrando na obscuridade pujante, a arma cuidadosamente levada transversalmente.

— Mas, sabe, eu não tinha certeza de para onde eu teria que ir. — A voz dele vinha detrás dela, descontraindo, amortecida pelo ar escuro sob as árvores. — Se seriam as cidades costeiras ou as Antilhas... havia... há... — ele corrigiu-se, automaticamente — inúmeras doenças africanas, trazidas pelos navios negreiros. Achei melhor estar preparado.

Ela aproveitou o terreno acidentado para não responder, mas ficou estupefata — e ao mesmo tempo satisfeita, ainda que um pouco envergonhada — ao descobrir até que ponto ele fora capaz de ir para se preparar para segui-la e encontrá-la.

O chão estava coberto de manchas marrons formadas pelas agulhas de pinheiro caídas, mas era tão úmido, que não estalavam nem espetavam as solas dos pés. A sensação era mais de esponja, fria e agradável sob os pés descalços, com uma flexibilidade que a fez pensar que a massa de agulhas mortas deveria ter pelo menos trinta centímetros de espessura.

— Ooi! — Roger, sem tanta sorte em sua passagem, havia pisado num caqui podre e escorregado, mal conseguindo se equilibrar ao agarrar um galho de azevinho, que prontamente o espetou com suas folhas espinhosas.

— Droga — ele disse, sugando o polegar ferido. — Ainda bem que somos imunes ao tétano, hein?

Ela riu concordando, mas começou a se preocupar enquanto subiam. E quanto a Jemmy, quando começasse a andar, escalar as

montanhas descalço? Ela já vira muito bem como eram os pequenos MacLeod e Chisholm — para não falar em Germain — para saber que meninos se furavam, arranhavam, cortavam e fraturavam semanalmente, pelo menos. Ela e Roger estavam protegidos contra doenças como difteria e tifo — Jemmy não teria tal proteção.

Ela engoliu em seco, lembrando-se da noite anterior. Aquele cavalo assassino de seu pai o mordera no braço e Claire fizera Jamie sentar-se sem camisa diante do fogo enquanto ela limpava e fazia um curativo na mordida. Jemmy esticara a cabeça, curioso, de seu berço, e seu avô, sorrindo, pegou-o e colocou-o sobre seu joelho.

"Pocopó, pocopó", ele cantara, balançando um Jemmy encantado para cima e para baixo. "Eu tenho um cavalo malvado! Pocopó, pocopó! Vamos mandá-lo pro inferno e ele vai ser torrado!"

Mas não era a bela cena dos dois ruivos rindo um para o outro que ficara em sua mente; era o clarão do fogo na pele translúcida, perfeita, intocada de seu filho — e brilho prateado na teia de cicatrizes sobre as costas de seu pai, preto-vermelho no ferimento ensanguentado em seu braço. Era uma época perigosa para os homens.

Ela não poderia manter Jem a salvo de ferimentos; sabia disso. Mas a ideia de Jem — ou Roger — se ferindo ou adoecendo dava um nó em seu estômago e fazia um suor frio escorrer pelos lados do seu rosto.

— Seu polegar está bem? — Virou-se para Roger, que pareceu surpreso, tendo se esquecido completamente do polegar.

— O quê? — Ele olhou para o dedo, intrigado. — Sim, claro. Ainda assim, ela pegou sua mão e beijou o polegar ferido.

— Tenha cuidado — disse energicamente.

Ele riu e pareceu surpreso quando ela o olhou furiosa.

— Está bem — ele disse, ficando sério. Ele fez um sinal com a cabeça, indicando a arma que ela carregava. — Não se preocupe, posso nunca ter usado uma, mas sei um pouco sobre elas. Não vou arrancar meus dedos fora. Este lugar parece bom para um pouco de prática?

Haviam chegado a um cume descampado, um prado alto coberto de capim e rododendros. Havia um grupo de álamos na outra extremidade, seus galhos claros agitados com alguns tardios aglomerados de folhas vermelho-escuras e douradas, vívidas contra o profundo azul do céu. Um riacho gorgolejava encosta abaixo, em algum lugar fora de vista, e um falcão de cauda vermelha voava em círculos no alto. O sol já estava bem elevado agora, quente em seus ombros, e havia uma rampa agradável, coberta de capim, ali perto.

— Perfeito — ela disse, tirando a arma do ombro.

Era uma bela arma, com mais de um metro e meio de comprimento, mas tão perfeitamente balanceada, que se podia apoiá-la sobre o braço estendido sem sequer uma oscilação — era o que Brianna fazia, como demonstração.

— Está vendo? — ela disse, recolhendo o braço e girando a coronha para o ombro num movimento fluido. — Este é o ponto de equilíbrio; coloque a mão esquerda bem ali, segure a coronha pelo gatilho com a direita e encaixe a ponta no ombro. Ajuste-a bem, com firmeza. Sempre há um coice com o disparo. — Ela encaixou a coronha de noqueira delicadamente na cavidade forrada de camurça de seu ombro para ilustrar, depois abaixou a arma e entregou-a a Roger, com mais cuidado do que demonstrava ao entregar-lhe seu bebê, ele notou com ironia. Por outro lado, até onde ele podia ver, Jemmy era muito mais indestrutível do que a arma.

Ela lhe mostrou, hesitante no começo, relutante em corrigi-lo. Mas ele mordeu a própria língua e imitou-a cuidadosamente, seguindo a fácil sequência de passos, desde abrir o cartucho com os dentes até preparar, carregar, socar e verificar, aborrecido com sua própria falta de jeito de novato, mas secretamente fascinado — e mais do que um pouco excitado — pela ferocidade descontraída dos movimentos de Brianna.

As mãos dela eram quase tão grandes quanto as suas, apesar de mais delicadas; ela manuseava a longa arma com a familiaridade que outras mulheres demonstravam com agulha e vassoura. Ela usava calças de tecido rústico e o longo músculo de sua coxa ergueu-se firme e arredondado contra o tecido quando ela se agachou ao seu lado, a cabeça inclinada enquanto remexia na sacola de couro.

— Você trouxe o almoço? — ele brincou. — Pensei que iríamos atirar em alguma coisa e comê-la.

Ela o ignorou. Retirou da sacola um lenço branco rasgado para usar como alvo e sacudiu-o, franzindo a testa com ar crítico. Certa vez, ele achou que ela cheirava a jasmim e grama; agora ela cheirava a pólvora, couro e suor. Inspirou, os dedos alheamente acariciando a madeira da coronha.

— Pronto? — ela disse, olhando para ele com um sorriso.

— Oh, sim — ele disse.

— Verifique a pederneira e a carga — ela disse, levantando-se. — Vou prender o alvo.

Vista de costas, os cabelos ruivos firmemente presos para trás e vestindo uma folgada camisa de caça de camurça que a cobria dos

ombros às coxas, sua semelhança com seu pai era ampliada a um grau surpreendente. Mas não havia como confundir os dois, ele pensou. Com calças ou não, Jamie Fraser nunca na vida teve um traseiro como esse. Observou-a caminhar, congratulando-se pela sua escolha de instrutor.

Seu sogro teria lhe dado uma lição de tiro de boa vontade. Jamie era um excelente atirador e um professor paciente; Roger o vira levar os rapazes Chisholm após o jantar para praticarem atirando em pedras e árvores no campo de milho vazio.

Uma coisa era Jamie saber que Roger não tinha experiência com armas; outra era sofrer a humilhação de demonstrar exatamente o quanto ele era inexperiente, sob aquele olhar azul impassível.

No entanto, além da questão do orgulho, ele tinha mais um motivo para pedir a Brianna que saísse com ele para atirar. Não que o referido motivo fosse de algum modo um segredo; Claire olhara dele para a filha quando ele sugeriu a excursão e os olhou com ar divertido de uma maneira muito particular, que fez Brianna franzir a testa e exclamar "Mãe!" num tom de voz acusador.

Além das pouquíssimas horas da noite de seu casamento na Assembleia, esta era a primeira — e única — vez que tinha Brianna para si, livre das exigências insaciáveis de seu filho.

Ele percebeu o brilho do sol refletido no metal quando ela abaixou o braço. Ela estava usando o bracelete que ele lhe dera, ele percebeu, com profunda satisfação. Ele lhe dera o bracelete quando a pedira em casamento — uma vida inteira atrás, na neblina gelada de uma noite de inverno em Inverness. Era um aro simples de prata, gravado com uma série de palavras em francês. *Je t'aime*, dizia: Eu a amo. *Un peu, beaucoup, passionnément, pas du tout*: Um pouco, muito, apaixonadamente — absolutamente.

— *Passionnément* — ele murmurou, visualizando-a sem nada, exceto seu bracelete e seu anel de casamento.

Uma coisa de cada vez, disse a si mesmo, e pegou um novo cartucho. Afinal, tinham bastante tempo.

Satisfeita por ele ter aprendido a carregar a arma ainda que não muito rapidamente, Brianna permitiu que ele praticasse a pontaria e, por fim, o tiro.

Foram necessárias doze tentativas até ele finalmente acertar o quadrado branco do lenço, mas o sentimento de exultação que sentiu quando um ponto negro apareceu repentinamente perto da borda do alvo o fez pegar um novo cartucho antes que a fumaça do tiro tivesse se dissipado. A sensação entusiástica de realização o levou por mais doze cartuchos, mal notando qualquer coisa além do coice e do

estouro da arma, o clarão da pólvora e o tenso instante de concretização quando ele via que um ou outro tiro atingira o alvo.

O lenço pendia em farrapos a essa altura e pequenas nuvens de fumaça esbranquiçada flutuavam sobre o prado. O falcão batera em retirada com o som do primeiro tiro, juntamente com todos os outros pássaros das cercanias, apesar do tinido em seus ouvidos soarem como todo um coro de distantes abelharucos.

Ele abaixou a arma e olhou para Brianna, rindo, quando ela desatou a rir.

— Você parece o Al Jolson — ela disse, a ponta do nariz rosada com a risada. — Tome, limpe-se um pouco, e tentaremos atirar de mais longe.

Ela pegou a arma e entregou-lhe um lenço limpo em troca. Ele limpou a fuligem do rosto, observando enquanto ela rapidamente limpava o cano e recarregava. Ela empertigou-se, depois ouviu alguma coisa; levantou a cabeça subitamente, os olhos fixos num carvalho do outro lado do prado.

Com os ouvidos ainda zumbindo do barulho da arma, Roger não ouvira nada. Mas, girando nos calcanhares, ele vislumbrou um rápido movimento; um esquilo cinza-escuro, parado num galho de pinheiro a pelo menos dez metros acima do solo.

Sem a menor hesitação, Brianna ergueu a arma ao ombro e pareceu disparar no mesmo movimento. O galho diretamente sob o esquilo explodiu numa chuva de lascas de madeira, e o esquilo, arrancado de seu pouso, mergulhou para o chão, batendo nos galhos flexíveis das plantas perenes conforme caía.

Roger correu para o pé da árvore, mas não havia pressa; o esquilo jazia morto, flácido como um trapo felpudo.

— Belo tiro — ele disse, felicitando-a, e ergueu o corpo do esquilo para Brianna, que se aproximava para ver. — Mas ele não tem nem uma marca. Você deve tê-lo matado de susto.

Brianna lançou lhe um olhar nivelado por baixo das sobrelanceiras.

— Se eu quisesse acertar nele, Roger, eu teria acertado — ela disse, com um ligeiro tom de reprovação. — E se eu o tivesse atingido, você estaria segurando um punhado de purê de esquilo. Não se mira diretamente para algo deste tamanho; você mira logo abaixo dele e o derruba. A técnica é estraçalhar o galho ou a casca da árvore — ela explicou, como uma amável professora de jardim de infância corrigindo seu aluno retardado.

— Ah, é? — Ele reprimiu uma pequena irritação. — Foi seu pai quem lhe ensinou isso?

Ela lançou-lhe um olhar levemente estranho antes de responder.

— Não, foi Ian.

Ele fez um ruído indistinto em resposta. Ian era um ponto de constrangimento na família. O primo de Brianna era muito amado e ele sabia que toda a família sentia muito a sua falta. Ainda assim, hesitavam em falar do Jovem Ian diante de Roger, por delicadeza.

Não fora exatamente culpa de Roger que Ian Murray tivesse permanecido com os mohawks — mas não havia como negar que ele tivera participação na questão. Se ele não tivesse matado aquele índio...

Não pela primeira vez, ele afastou as lembranças confusas daquela noite em Snaketown, mas ainda assim sentiu os ecos físicos; a precipitação torrencial de terror pela sua barriga e a violenta vibração de impacto pelos músculos de seus braços, quando ele lançou a ponta quebrada da viga de madeira com toda a sua força na sombra que pulara na frente dele, saindo do breu. Uma sombra muito sólida.

Brianna atravessara o prado e armara novo alvo; três pedaços irregulares de madeira colocados sobre um toco de árvore do tamanho de uma mesa de jantar. Sem comentários, ele limpou as mãos suadas nas calças e concentrou-se no novo desafio, mas Ian Murray recusava-se a sair de sua mente. Ele mal vira o sujeito, mas se lembrava perfeitamente dele; um jovem, alto e desengonçado, com um rosto sem graça, mas de certa forma cativante.

Não podia pensar no rosto de Murray sem vê-lo como da última vez, o rosto salpicado de crostas da linha de pontos recém-tatuados, que volteavam pelas faces e sobre o cavalete do nariz. Seu rosto era bronzeado do sol, mas a parte do couro cabeludo de onde haviam acabado de arrancar os cabelos estava lisa, brilhante e rosada, pelada como o traseiro de um bebê e manchada de vermelho pela irritação causada.

— O que foi?

A voz de Brianna assustou-o e o cano deu um solavanco quando ele disparou, o tiro se perdendo numa direção qualquer. Ou se perdendo mais longe ainda, melhor dizendo. Ele não havia conseguido acertar nenhum dos blocos de madeira em uma dúzia de tiros.

Ele abaixou a arma e virou-se para ela. Ela franziu o cenho, mas não pareceu zangada, apenas perplexa e preocupada.

— Qual foi o problema? — ela perguntou novamente.

Ele respirou fundo e limpou o rosto na manga da camisa, sem se preocupar com as manchas de fuligem.

— Seu primo — ele disse abruptamente. — Sinto muito por ele,

Bri.

O rosto de Brianna abrandou-se e a ruga de preocupação desfez-se um pouco.

— Oh — ela disse. Colocou a mão no braço dele e aproximou-se, de modo que ele sentiu o calor de sua proximidade. Ela suspirou profundamente e apoiou a testa contra o ombro dele.

— Bem — disse por fim, — eu também sinto muito. Mas não é mais culpa sua do que minha ou do papai... ou do próprio Ian, quanto a isso. — Resfolegou um pouco no que pareceu ser uma tentativa de risada. — Se for culpa de alguém, é de Lizzie, e ninguém a culpa.

Ele sorriu, com certa amargura.

— Sim, eu sei — ele respondeu, colocando a mão sobre a maciez fria de sua trança. — Você tem razão. Mas... eu matei um homem, Bri.

Ela não se sobressaltou, nem recuou, ao contrário, ficou absolutamente imóvel. Ele também; era a última coisa que pretendia dizer.

— Você nunca me falou sobre isso — ela disse finalmente, levantando a cabeça para olhar para ele. Ela parecia hesitante, sem saber ao certo se deveria insistir no assunto. A brisa soprou uma mecha de cabelo pelo seu rosto, mas ela não se mexeu para afastá-la.

— Eu... bem, para lhe dizer a verdade, eu não tenho pensado nisso. — Deixou cair a mão e o imobilismo se quebrou. Ela sacudiu-se levemente e afastou-se.

— Soa terrível, não é? Mas... — Procurava ansiosamente as palavras. Não pretendia dizer nada, mas, agora que começara, parecia urgentemente necessário explicar, colocar com as palavras certas.

— Foi à noite, durante uma briga na aldeia. Eu fugi... eu tinha um pedaço de viga quebrada na mão e, quando alguém assomou na escuridão, eu...

Seus ombros arriaram-se de súbito, quando ele percebeu que não havia nenhum modo possível de explicar realmente. Abaixou os olhos para a arma que ainda segurava.

— Eu não sabia que o havia matado — ele disse serenamente, os olhos na pederneira. — Nem vi seu rosto. Até hoje não sei quem era, mas tinha que ser alguém que eu conhecia. Snaketown era uma aldeia pequena, eu conhecia todos no rononkwe. — Ora, ele se perguntou subitamente, ele nunca pensara em perguntar quem era o homem que matara? Era óbvio; ele não perguntara porque não queria saber.

— Ne rononkwe? — ela repetiu as palavras, sem muita certeza.

— Os homens... os guerreiros... os bravos. É como se chamam, os Kahnyen'kehaka. — As palavras em mohawk pareceram ao mesmo tempo estranhas e familiares em sua boca; ele podia ver cautela em seu rosto e sabia que falar do assunto lhe pareceria estranho; não a maneira como alguém usa um termo estrangeiro, desajeitadamente, mas do modo como seu pai às vezes distraído misturava gaélico e escocês, a mente apoderando-se da palavra mais disponível em qualquer das línguas.

Ele continuou olhando fixamente para a arma em sua mão, como se jamais tivesse visto uma. Não estava olhando para ela, mas sentiu-a se aproximar outra vez, ainda experimentalmente, mas sem repulsa.

— Você... lamenta isso?

— Não — ele disse rápido e ergueu os olhos para ela. — Quero dizer... sim, lamento que tenha acontecido. Mas lamentar o que fiz... não. — Ele falara sem fazer uma pausa para pesar as palavras e ficou surpreso, e aliviado, de ver que eram verdadeiras. Lamentava, como lhe dissera, mas qualquer culpa que houvesse nada tinha a ver com a morte da sombra, quem quer que fosse. Ele fora um escravo em Snaketown e não tinha nenhuma simpatia pelos mohawks, embora alguns deles fossem bastante corretos. Ele não pretendera matar, mas se defendera. Faria tudo de novo, nas mesmas circunstâncias.

Entretanto, havia uma pequena ferida de culpa — a percepção da facilidade com que ele afastara aquela morte da mente. Os Kahnyen'kehaka cantavam e contavam histórias de seus mortos, e mantinham sua memória viva ao redor das fogueiras, pronunciando seus nomes durante gerações e recontando suas façanhas. Exatamente como os escoceses das Highlands. Ele pensou repentinamente em Jamie Fraser, o rosto afogueado na grande fogueira da Assembleia, chamando seus homens pelo nome e pela linhagem. Tome posição ao meu lado, Roger, o Cantor, filho de Jeremiah Mackenzie. Talvez Ian Murray não achasse os mohawks tão estranhos no final das contas.

Ainda assim, ele sentia, de uma forma obscura, como se tivesse privado o desconhecido morto de seu nome, assim como de sua vida, procurando apagá-lo pelo esquecimento, comportar-se como se essa morte nunca tivesse acontecido, apenas para salvar a si próprio de ter que reconhecê-la. E isso, a seu ver, era errado.

O rosto de Brianna estava imóvel, mas não congelado; seus olhos pousaram nos seus com compaixão. Ainda assim, ele desviou o olhar, voltando-o novamente para a arma cujo cano segurava. Seus dedos, sujos de fuligem, haviam deixado impressões ovais, negras e engorduradas no metal. Ela estendeu a mão e tomou-lhe a arma, limpando as marcas com a barra da camisa.

Ele deixou que ela a tomasse e observou, esfregando os dedos sujos no lado das calças.

— É que... não parece que, se você tiver que matar um homem, deve ser proposital? Que você deva realmente querer matá-lo?

Ela não respondeu, mas seus lábios contraíram-se um pouco e depois relaxaram.

— Se você atirar em alguém com isto, Roger, será proposital — ela disse serenamente. Em seguida, ergueu o rosto para ele, o olhar azul intenso, e ele viu que o que tinha tomado por compaixão era na verdade uma feroz imobilidade, como as pequenas chamas azuis em uma tora queimada.

— E, se você tiver que atirar em alguém, Roger, quero que seja intencional.

Doze balas depois, ele podia atingir os blocos de madeira ao menos uma em cada seis tentativas. Ele teria continuado, teimosamente, mas ela pôde ver os músculos em seus antebraços começando a tremer quando ele levantava a arma, imobilizados pela força de vontade. Ele começaria a errar com mais frequência agora, de fadiga, e isso de nada iria lhe adiantar.

Ou a ela. Seus seios começavam a doer, congestionados de leite. Logo teria que fazer alguma coisa a respeito.

— Vamos comer — ela disse, sorrindo enquanto tomava o mosquete das mãos dele após o último tiro. — Estou faminta.

O esforço de atirar, recarregar, armar os alvos os mantivera aquecidos, mas já era quase inverno e o ar estava frio; frio demais, ela pensou pesadamente, para se deitarem nus em faias secas. Mas o sol estava quente e por precaução ela havia colocado duas colchas velhas em sua mochila, juntamente com o almoço.

Ele permaneceu em silêncio, mas era um silêncio confortável. Ela o observou cortar lascas do pedaço de queijo, as pestanas escuras abaixadas, e admirou sua figura longilínea, competente, os dedos ágeis e precisos, a boca suave ligeiramente apertada enquanto ele se concentrava em seu trabalho, uma gota de suor rolando pela curva alta e bronzeada da maçã do rosto, diante da orelha.

Ela não sabia o que pensar do que ele lhe contara. Ainda assim, sabia o suficiente para compreender que era bom que ele tivesse lhe contado, embora ela não gostasse de ouvir ou pensar nessa época que ele passou com os mohawks. Fora uma época tão ruim para ela — sozinha, grávida, sem saber se ele ou seus pais um dia voltariam — quanto para ele. Estendeu a mão para aceitar um pedaço de queijo, seus dedos se roçaram e ela inclinou-se para frente, para fazê-lo beijá-

la.

Ele a beijou, depois se sentou direito, os olhos meigos, verdes e límpidos, livres das sombras que o haviam assombrado.

— Pizza — ele disse.

Ela piscou, depois riu. Era um dos seus jogos; revezando-se para pensar em coisas das quais sentiam falta na outra época, a época anterior — ou posterior, dependendo de como você a olhasse.

— Coca-Cola — ela disse prontamente. — Acho que talvez pudesse me contentar com pizza, mas de que adianta pizza sem Coca-Cola?

— Pizza com cerveja é ótimo — ele garantiu-lhe. — E podemos tomar cerveja; não que aquela bebida caseira que Lizzie faz esteja à altura de uma Mac— Ewan's Lager, ainda. Mas você acha mesmo que poderia fazer pizza?

— Não vejo por que não. — Ela beliscou o queijo, franzindo a testa. — Este não serviria — brandiu o pedaço amarelo restante de seu queijo, depois jogou-o na boca, — forte demais. Mas eu acho... — Ela parou de mastigar o queijo e o engoliu, depois tomou um longo gole de cidra caseira.

— Pensando bem, isto iria muito bem com pizza. — Ela abaixou a garrafa de couro e lambeu as últimas gotas doces, semi alcoólicas, dos lábios. — Mas o queijo... acho que talvez queijo de ovelha servisse. Papai trouxe alguns de Salem da última vez que foi lá. Vou pedir a ele para trazer mais alguns e vamos ver como ele derrete.

Apertou os olhos contra o sol claro e luminoso, calculando.

— Mamãe tem um monte de tomates secos e toneladas de alho. Sei que ela tem manjerição... mas não sei se tem orégano, mas pode ficar sem isso. E a crosta... — Abanou a mão negligentemente. — Farinha de trigo, água e banha de porco, nada demais.

Ele riu, entregando-lhe uma bolacha recheada com presunto e piccalilli da sra. Bug.

— Como a Pizza Chegou às Colônias — ele disse, e levantou a garrafa de cidra numa breve saudação. — As pessoas sempre se perguntam de onde vieram as grandes invenções da humanidade; agora sabemos!

Ele falou com descontração, mas havia um estranho tom em sua voz e ele manteve o olhar fixo nela.

— Talvez a gente saiba — ela disse brandamente, após alguns instantes. — Você alguma vez pensa sobre isso... por quê? Por que estamos aqui?

— Claro. — O verde de seus olhos estava mais escuro agora, mas

ainda límpido. — Você também, não é?

Ela balançou a cabeça, deu uma mordida na bolacha com presunto, o piccalilli doce de cebolas e picante em sua boca. É claro que pensavam nisso. Ela, Roger e sua mãe. Pois certamente tinha um significado, essa passagem pelas pedras. Tinha que ter. E, no entanto... seus pais raramente falavam de guerras e batalhas, mas, pelo pouco que diziam — e a quantidade muito maior que ela havia lido, — ela sabia exatamente o quanto essas coisas podiam ser aleatórias e sem sentido. Às vezes uma sombra se ergue e a morte espreita anonimamente na escuridão.

Roger esfarelou o restante de seu pão entre os dedos e atirou as migalhas a alguns passos de distância. Um canário-da-terra voou para baixo, bicou uma vez e, em segundos, um bando deles se lançou do alto das árvores, aspirando as migalhas com barulhenta eficiência. Ele espreguiçou-se, suspirando, e deitou-se na colcha.

— Bem — ele disse, — se você descobrir, não deixe de me dizer, certo? As batidas do seu coração formigavam em seus seios; não mais contidas em segurança por trás da proteção do esterno, mas soltas para estalar pela sua carne, pequenas descargas elétricas beliscando seus mamilos. Ela não ousava pensar em Jem; a mais leve lembrança dele e seu leite espierraria num jato.

Antes de se permitir pensar muito sobre isso, ela retirou a camisa de caçar pela cabeça.

Os olhos de Roger estavam abertos, fixos nela, meigos e brilhantes como o musgo sob as árvores. Ela desfez o nó da faixa de linho e sentiu o toque frio do vento em seus seios nus. Segurou-os nas mãos, sentindo seu peso aumentar, começar a formigar e chegar ao topo.

— Venha cá — ela disse suavemente, os olhos fixos nele. — Depressa. Eu preciso de você.

Permaneceram deitados, seminus e confortavelmente entrelaçados sob a colcha velha, sonolentos e pegajosos do leite semissecado, o calor de seus corpos ainda ao redor.

O sol que penetrava pelo meio dos galhos desfolhados no alto provocava ondulações negras por trás das pálpebras de seus olhos fechados, como se ela olhasse para baixo através de um mar vermelho-escuro, vadeando na água quente como sangue, vendo areia preta vulcânica mover-se e ondular ao redor de seus pés.

Ele estaria acordado? Ela não virou a cabeça, nem abriu os olhos para ver, mas tentou mandar uma mensagem para ele, uma pulsação lenta, preguiçosa, do coração, uma pergunta explodindo de sangue para sangue. Você está aí?, — ela perguntou silenciosamente. Sentiu a pergunta subir em seu peito e sair pelo seu braço; ela imaginou a

parte de baixo de seu braço, muito clara, e a veia azul ao longo dele, como se fosse ver algum lampejo subterrâneo revelador conforme o impulso percorria seu sangue, descia pelo braço, atingia a palma de sua mão, seu dedo e entregava uma levíssima pulsação de sua pressão contra a pele dele.

Nada aconteceu imediatamente. Ela podia ouvir sua respiração, lenta e regular, um contraponto ao sussurro da brisa através do capim e das árvores, como a onda do mar desmanchando-se na areia da praia.

Imaginou-se como uma água-viva, ele outra. Podia vê-los claramente; dois corpos transparentes, brilhantes como a luz, as veias pulsando num ritmo hipnótico, levados pela maré na direção um do outro, arrastando seus filamentos, tocando-se devagar...

Um dedo atravessou a palma de sua mão, tão delicadamente, que poderia ser o roçar de uma barbatana ou de uma pena.

Estou aqui, ele disse. E você?

Sua mão fechou-se sobre o dedo e ele rolou em sua direção.

Sendo tão tarde no ano, a luz desaparecia cedo. Ainda faltava um mês para o solstício de inverno, mas, no meio da tarde, o sol já roçava a encosta de Black Mountain, e suas sombras estendiam-se a distâncias extraordinárias diante deles quando voltavam para casa, na direção leste.

Ela carregava a arma; a aula terminara por este dia e, embora não estivessem caçando, se a oportunidade se oferecesse, ela a aproveitaria. O esquilo que matara mais cedo já estava limpo e guardado em sua mochila, mas aquilo mal dava para temperar um ensopado de legumes. Mais alguns seria bom. Ou um gambá, pensou sonhadoramente.

Ela não conhecia bem os hábitos dos gambás; talvez hibernassem durante o inverno e, se assim fosse, já poderiam ter se recolhido. Os ursos ainda estavam em atividade; ela vira fezes de urso semissecas na trilha e arranhões na casca de um pinheiro, ainda destilando seiva amarela. Um urso era uma boa caça, mas ela não pretendia nem procurar por um, nem se arriscar a atirar num deles, a menos que os atacassem — e isso não era provável. Deixe os ursos em paz e eles também deixarão você; seus dois pais haviam lhe dito isso e ela considerava o conselho excelente.

Um bando de codornizes explodiu de um arbusto próximo como metralha e ela sobressaltou-se, o coração na boca.

— Estes são bons para comer, não? — Roger indicou com a cabeça a última das codornizes cinzentas e brancas a desaparecer. Ele

também levava um susto, porém nem tanto quanto ela, Brianna notou com aborrecimento.

— Sim — ela disse, decepcionada por ter sido pega desprevenida. — Mas não se atira nelas com um mosquete, a menos que só queira as penas para um travesseiro. Usa-se uma arma menor, com balas apropriadas. É como uma espingarda de caça.

— Eu sei — ele disse, laconicamente.

Ela não se sentia inclinada a conversar, arrancada como fora de sua paz de espírito. Seus seios começavam a inchar outra vez; era hora de ir para casa amamentar Jemmy.

Ela acelerou um pouco o passo diante do pensamento, mesmo enquanto sua mente abandonava com relutância a lembrança do cheiro pungente de faias secas amassadas, o brilho do sol nos ombros nus, bronzeados, de Roger acima dela, o silvo do jato de seu leite, enfeitando seu peito com uma chuva de gotículas, escorregadio, quente e frio alternadamente entre seus corpos em movimento.

Ela suspirou profundamente e o ouviu rir, um riso baixo, na garganta.

— Huum? — Ela virou a cabeça e ele indicou o terreno diante deles. Havia começado a caminhar juntos, nenhum dos dois notando a inconsciente atração da força gravitacional que os unia. Agora suas sombras haviam se fundido no topo, de modo que uma fera estranha de quatro pernas caminhava como uma aranha à frente deles, as duas cabeças inclinadas uma para a outra.

Ele passou o braço em torno de sua cintura e a sombra de uma cabeça submergiu, unindo-se à outra em uma única forma arredondada.

— Foi um bom dia, hein? — ele disse ternamente.

— Sim, foi — ela disse e sorriu. Teria continuado a falar, mas ela ouviu um barulho acima do chacoalhar dos galhos das árvores e afastou-se repentinamente.

— O quê... — ele começou a dizer, mas ela colocou um dedo nos lábios para silenciá-lo, fazendo sinal para ele segui-la, enquanto ela se agachava e se refugiava sorrateiramente num aglomerado de carvalhos vermelhos.

Era um bando de perus, ciscando amigavelmente na terra sob um enorme carvalho, desencavando larvas do tapete de glandes do carvalho e folhas mortas. O sol poente brilhava baixo no céu, iluminando as penas iridescentes do peito, de modo que o preto sombrio das aves cintilava com minúsculos arco-íris conforme elas se moviam.

A arma já estava carregada, mas não preparada para disparar. Ela tateou em busca do frasco de pólvora em seu cinto e encheu o compartimento, mal desviando o olhar das aves. Roger agachou-se ao seu lado, atento como um cão de caça no faro. Ela cutucou-o e estendeu a arma para ele num convite, uma das sobranceiras erguidas. Os perus não estavam a mais do que vinte metros de distância e mesmo os menores eram do tamanho de uma bola de futebol.

Ele hesitou, mas ela viu a vontade de tentar em seus olhos. Enfiou a arma na mão dele com firmeza e balançou a cabeça, indicando uma abertura nos arbustos.

Ele ajeitou-se com cuidado, tentando uma linha de visão desimpedida. Ela ainda não lhe ensinara a atirar agachado e ele, sabiamente, não tentou, preferindo ficar de pé, apesar de significar que teria que atirar para baixo. Hesitou, o longo cano oscilando conforme ele mudava de uma ave para outra, tentando escolher o melhor alvo. Ela dobrou e apertou os dedos, ansiando para corrigir a mira dele, puxar o gatilho.

Ela sentiu quando ele inspirou e prendeu a respiração. Então três coisas aconteceram, tão rapidamente, que pareceram simultâneas. A arma disparou com um retumbante Booom!, um repuxo de folhas de carvalho secas jorrou da terra embaixo da árvore para cima e quinze perus enlouqueceram, correndo como um desvairado time de futebol na direção deles, gorgolejando histericamente.

Os perus alcançaram os arbustos, viram Roger e saltaram para o ar como bolas de futebol voadoras, as asas batendo freneticamente. Roger agachou-se para evitar um deles, que passou a três centímetros de sua cabeça, apenas para ser atingido no peito por outro. Ele cambaleou para trás e o peru, agarrando-se à sua camisa, aproveitou a oportunidade para correr agilmente pelo seu ombro e escapular, arranhando o lado de seu pescoço com as garras.

A arma voou pelos ares. Brianna pegou-a, tirou um cartucho da caixa em seu cinto e estava furiosamente recarregando e socando a pólvora quando o último peru correu na direção de Roger, zigzagueou, viu-a, zigzagueou em outra direção e finalmente arremeteu-se entre eles, gorgolejando gritos de alarme e imprecações.

Ela girou nos calcanhares, mirou na ave quando saía do solo, captou a mancha preta delineada contra o céu brilhante por uma fração de segundo e atirou nas penas da cauda. A ave caiu como um saco de carvão e atingiu o solo a quarenta metros com um baque surdo.

Brianna ficou parada por um instante, depois abaixou a arma

lentamente. Roger fitava-a, boquiaberto, pressionando o tecido da camisa contra os arranhões ensanguentados em seu pescoço. Ela sorriu para ele, um pouco frouxamente, sentindo as mãos suadas na coronha de madeira e o coração batendo com força em reação retardada.

— Santo Deus! — Roger exclamou, profundamente impressionado. — Isso foi sorte, não?

— Bem... alguma — ela disse, tentando ser modesta. Não conseguiu e sentiu um sorriso florescer em seu rosto. — Digamos, metade.

Roger foi pegar o prêmio enquanto ela limpava a arma novamente, voltando com uma ave de cinco quilos, o pescoço flácido e sangrando como um cantil de pele furado.

— Que ave — ele disse. Segurava-a com o braço esticado para deixá-la drenar, admirando os veios vermelhos e azuis da cabeça de pele enverrugada e da barbela pendurada. — Acho que nunca vi uma, a não ser assada em uma travessa, com purê de castanhas e batatas assadas.

Ele olhou do peru para ela com grande respeito e balançou a cabeça indicando a arma.

— Foi um belo tiro, Bri.

Ela sentiu as faces corarem de satisfação e conteve a premente necessidade de dizer "Oh, bobagem, não foi nada", contentando-se com um simples "Obrigada".

Retomaram o caminho de casa, Roger ainda carregando a carcaça gotejante, mantendo-a afastada do corpo.

— E você não atira há muito tempo — Roger dizia, ainda impressionado. — Quanto tempo, seis meses?

Ela não queria diminuir a avaliação que ele fazia de sua capacidade, mas riu, deu de ombros e disse a verdade, mesmo assim.

— Há uns seis anos. Na verdade, há mais de dez.

— Hein?

— Papai... Frank... me ensinou a atirar quando eu tinha onze ou doze anos. Ele me deu uma vinte e dois quando fiz treze anos e até os quinze já me levava para atirar em discos arremessados no ar em linhas de tiro, ou caçar pombos ou codornas nos fins de semana, no outono.

Roger olhou para ela com interesse.

— Pensei que Jamie havia lhe ensinado. Eu não tinha ideia de que Frank Randall fosse um desportista.

— Bem — ela disse devagar. — Acho que ele não era. Uma

sobrancelha negra ergueu-se numa interrogação.

— Oh, ele sabia atirar — ela afirmou. — Ele esteve no exército durante a Segunda Guerra Mundial. Mas ele mesmo quase nunca atirava; ele só me ensinava e depois ficava observando. Na verdade, ele nunca teve uma arma.

— Isso é estranho.

— Não é? — Ela aproximou-se dele deliberadamente, encostando-se em seu ombro, de modo que suas sombras se fundissem novamente; agora parecia um monstro de duas cabeças, carregando uma arma no ombro e uma terceira cabeça ensanguentada na mão. — Eu fiquei pensando nisso — ela disse, tentando parecer descontraída. — Depois que você me contou... sobre a carta dele e tudo o mais, na Assembleia.

Ele lançou-lhe um olhar penetrante.

— Pensando em quê?

Ela respirou fundo, sentindo as tiras de linho machucar seus seios.

— Pensando por que um homem que não cavalgava, nem atirava, se esforçava tanto para que sua filha pudesse fazer ambas as coisas. Quero dizer, não era muito comum que meninas fizessem isso. — Ela tentou rir. — Ao menos, não em Boston.

Não houve nenhum som por alguns instantes, salvo o arrastar de seus pés pelas folhas secas.

— Santo Deus — Roger disse à meia-voz, por fim. — Ele procurou Jamie Fraser. Ele disse isso em sua carta.

— E ele encontrou um Jamie Fraser. Ele disse isso, também. Só não sabemos se era o Jamie Fraser certo. — Ela mantinha os olhos nas botas, atenta a cobras. Havia cobras venenosas na floresta; ela as via de vez em quando, tomando sol em pedras ou troncos caídos.

Roger respirou fundo, erguendo a cabeça.

— Sim. E agora você está pensando: o que mais ele terá descoberto? Ela balançou a cabeça, sem erguer os olhos.

— Talvez ele tenha me encontrado — ela disse brandamente. Sentiu um nó na garganta. — Talvez ele soubesse que eu iria voltar, através das pedras. Mas, se sabia... ele não me disse.

Ele parou de andar e colocou a mão em seu braço para fazê-la virar para ele.

— E talvez ele não soubesse de nada disso — ele disse com firmeza. — Ele pode ter pensado apenas que você talvez tentasse, se um dia descobrisse a respeito de Fraser. E, se realmente descobrisse e realmente atravessasse... então, queria que soubesse se defender. Eu diria que, independentemente do que ele soubesse, isso era o que ele

queria: que você ficasse segura. Hein?

Ela respirou fundo, sentindo um grande consolo com as palavras dele. Ela nunca duvidara que Frank Randall a amara durante todos os anos em que estava crescendo. Não queria duvidar disso agora.

— Sim — ela disse, erguendo-se um pouco na ponta dos pés para beijá-lo.

— Muito bem, então — ele disse, tocando seu seio delicadamente, onde a camurça de sua camisa mostrava uma mancha úmida. — Jem deve estar faminto. Vamos, já devíamos estar em casa.

Viraram-se novamente e desceram a montanha, entrando no mar dourado de folhas de castanheiras, vendo suas sombras seguirem adiante deles

— Você acha... — ela começou, depois hesitou. A sombra de uma cabeça mergulhou na outra, ouvindo. — Você acha que Ian é feliz?

— Espero que sim — ele respondeu, e seu braço apertou-a em seu abraço. — Se ele tiver uma mulher como a minha, então tenho certeza de que é.

VISÃO NORMAL

Agora segure isto sobre o olho esquerdo e leia a menor linha que puder ver com clareza.

Com um ar de grande sofrimento, Roger segurou a colher de pau sobre o olho direito e apertou o esquerdo, concentrando-se na folha de papel que eu havia prendido na porta da cozinha. Ele estava de pé no saguão de entrada, logo depois da porta, já que o comprimento do corredor era a única extensão de assoalho dentro da casa que se aproximava de seis metros.

— Et tu Brute? — ele riu. Abaixou a colher e olhou para mim, uma sobrancelha escura arqueada. — Nunca vi uma tabela de oculista com veio literário.

— Bem, eu sempre achei maçantes as sequências de "f, e, 5, z, t, d" nas tabelas comuns — eu disse, despregando o papel e virando-o. — O outro olho, por favor. Qual a menor linha que pode ler com facilidade?

Ele trocou a posição da colher de pau, estreitou os olhos para as cinco linhas manuscritas — desenhadas com as mais regulares reduções de tamanho que consegui fazer — e leu a terceira, devagar.

— Não coma cebolas. De onde é isso?

— Shakespeare, é claro — eu disse, fazendo uma anotação. — Não coma cebolas, nem alho, pois nosso hálito deve ser doce. Essa é a menor linha que você consegue ler?

Vi a expressão de Jamie alterar-se sutilmente. Ele e Brianna estavam de pé logo atrás de Roger, do lado de fora da porta, na varanda, observando os procedimentos com grande interesse. Brianna inclinava-se ligeiramente na direção de Roger, uma expressão ligeiramente ansiosa no rosto, como se quisesse que ele visse as letras.

A expressão de Jamie, entretanto, mostrava uma ligeira surpresa e um pouco de pena — e um brilho inegável de satisfação. Ele, evidentemente, podia ler a quinta linha sem nenhuma dificuldade. Eu o respeito. Uma citação de Júlio César: Como ele era valoroso, eu o respeito; como ele era ambicioso, eu o destruí.

Ele sentiu meu olhar sobre ele e a expressão desapareceu como por encanto, o rosto instantaneamente retomando sua expressão costumeira de bem-humorada inescrutabilidade. Estreitei os olhos

para ele, com uma expressão do tipo "Você não me engana", e ele desviou o olhar, o canto da boca torcendo-se ligeiramente.

— Não consegue distinguir nada na linha seguinte? — Bri aproximara-se de Roger, como se atraída por osmose. Ela fitou intensamente o papel, depois olhou para ele, com um olhar de encorajamento. Obviamente, ela também podia ler as últimas duas linhas sem nenhuma dificuldade.

— Não — Roger disse; um pouco secamente. Ele concordara em me deixar examinar seus olhos a pedido dela, mas obviamente não estava contente com isso. Bateu de leve na palma da mão com a colher, impaciente para acabar logo com aquilo. — Mais alguma coisa?

— Só mais alguns testes — eu disse, o mais apaziguadora possível. — Entre aqui, onde a luz é melhor. — Coloquei a mão em seu braço e conduzi-o para o meu consultório, lançando um olhar severo para Bri e Jamie. — Brianna, por que você não vai arrumando a mesa para o jantar? Não vamos nos demorar.

Ela hesitou por um instante, mas Jamie tocou em seu braço e disse alguma coisa para ela em voz baixa. Ela balançou a cabeça, olhou novamente para Roger com um ar ligeiramente ansioso e saiu. Jamie encolheu o ombro para mim, num gesto de desculpas, e seguiu-a.

Roger estava parado no meio da confusão do meu consultório, parecendo um urso que ouve cães de caça latindo a distância — ao mesmo tempo aborrecido e cauteloso.

— Não há necessidade disso — ele disse, quando fechei a porta. — Eu vejo bem. Só não atiro muito bem ainda. Não há nenhum problema com meus olhos. — Ainda assim, ele não fez menção de escapar e eu percebi a insinuação da dúvida em sua voz.

— Não creio que haja — eu disse, descontraidamente. — Só me deixe dar uma olhada rápida... apenas curiosidade da minha parte, na verdade... — Eu o fiz se sentar, ainda que com relutância, e, por falta da pequena lanterna padrão, acendi uma vela.

Eu a levei até perto dos seus olhos para verificar a dilatação das pupilas. Pensei comigo mesma que seus olhos possuíam uma linda cor; não eram nem um pouco amarelados, mas de um verde escuro e muito límpido. Suficientemente escuro para parecer quase preto na sombra, mas de uma cor surpreendente — quase esmeralda — quando visto diretamente sob a luz. Uma visão desconcertante, para alguém que conhecera Geilie Duncan e vira o humor tresloucado que brotava daquelas profundezas verdes e translúcidas. Eu esperava que Roger não tivesse herdado dela nada além dos olhos.

Ele piscou uma vez, involuntariamente, as longas pestanas negras varrendo os olhos, e a lembrança desapareceu. Estes olhos eram belos

— mas calmos, e, acima de tudo, equilibrados. Sorri para ele e ele devolveu o sorriso num reflexo, sem compreender.

Passei a vela diante de seus olhos, para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, pedindo-lhe que acompanhasse a chama, enquanto eu observava as mudanças, conforme seus olhos moviam-se de um lado para o outro. Já que não se exigia nenhuma resposta neste teste, ele começou a relaxar um pouco, os punhos cerrados gradualmente se desfazendo sobre as coxas.

— Muito bem — eu disse, mantendo a voz baixa e tranquilizadora. — Sim, assim está bom... Pode olhar para cima, por favor? Sim, agora olhe para baixo, para o canto perto da janela. Hum-hum, sim... Agora olhe para mim outra vez. Vê meu dedo? Ótimo, agora feche o olho esquerdo e diga-me se o dedo se move. Hum-huum...

Finalmente apaguei a vela, endireitei-me e estendi as costas com um pequeno gemido.

— Então — Roger disse vivamente, — qual o veredicto, doutora? Devo ir fazer uma bengala branca para mim? — Ele abanou os esvoaçantes filetes de fumaça da vela apagada, fazendo uma boa tentativa de descontração — negada apenas pela leve tensão nos ombros.

Eu ri.

— Não, você não vai precisar de um cão-guia durante um bom tempo ainda, nem mesmo óculos. Embora, por falar nisso... você disse que nunca viu uma tabela de oculista literária antes. Mas você viu tabelas de exame de olhos, imagino. Você usou óculos quando criança?

Ele franziu a testa, tentando se lembrar.

— Sim, usei — ele disse devagar. — Ou melhor — um sorriso fraco surgiu em seu rosto, — eu tive um par de óculos. Ou dois ou três. Quando tinha sete ou oito anos, eu acho. Eram um transtorno e me davam dor de cabeça. Assim, eu costumava esquecê-los no ônibus, na escola ou nas pedras perto do rio... Não me lembro de realmente usá-los por mais de uma hora de cada vez e, depois de ter perdido o terceiro par, meu pai desistiu. — Deu de ombros. — Para ser franco, nunca senti que precisasse de óculos.

— Bem, não precisa... agora.

Ele percebeu o tom da minha voz e olhou-me, intrigado.

— Como assim?

— Você é um pouco míope do olho esquerdo, mas não o suficiente para lhe causar qualquer dificuldade real. — Esfreguei o cavalete do meu nariz, como se eu mesma sentisse o incômodo dos óculos. —

Deixe-me adivinhar: você era bom em hóquei e futebol quando estava na escola, mas não em tênis.

Ele riu, os olhos enrugando-se nos cantos.

— Tênis? Numa escola primária de Inverness? Nós o teríamos chamado de "esporte frouxo de inglês", jogo de maricas. Mas entendi aonde quer chegar. Não, tem razão, eu era bom em futebol, mas não muito em beisebol. Por quê?

— Você não tem nenhuma visão binocular — eu disse. — É provável que alguém tenha notado isso quando você era pequeno e fez um esforço para corrigir o problema com lentes prismáticas, mas provavelmente já era tarde demais quando você tinha sete ou oito anos — acrescentei rapidamente, vendo seu ar de perplexidade. — Para funcionar, tem que ser feito quando a pessoa é muito nova, antes dos cinco anos.

— Eu não... visão binocular? Mas não é assim com todo mundo?... Quero dizer, meus dois olhos funcionam, não? — Ele pareceu ligeiramente confuso. Olhou para baixo, para a palma da mão, fechando um dos olhos, depois o outro, como se alguma resposta pudesse ser encontrada entre as linhas da mão.

— Seus olhos estão bem — assegurei-lhe. — É só que eles não funcionam juntos. É um problema bastante comum e muitas pessoas que são assim nem percebem. É que, em algumas pessoas, por uma ou outra razão, o cérebro nunca aprende a fundir as imagens que entram pelos dois olhos para formar uma imagem tridimensional.

— Eu não vejo em três dimensões? — Ele olhou para mim, agora, apertando os olhos com força, como se esperasse que eu ficasse repentinamente achatada contra a parede.

— Bem, eu não tenho o conjunto de aparelhos de um oculista — abanei a mão para a vela queimada, a colher de pau, as figuras desenhadas e uns dois palitos que eu andara usando, — nem o conhecimento de um especialista. Mas tenho quase certeza de que sim.

Ele ouviu em silêncio enquanto eu explicava o que podia. Sua visão parecia bem normal, em termos de acuidade. Mas, como seu cérebro não fundia as informações dos olhos, ele devia estar estimando a distância e a localização relativa de objetos simplesmente pela comparação inconsciente de seus tamanhos e não pela formação de uma verdadeira imagem 3-D. O que significava...

— Você pode ver perfeitamente bem para quase tudo que quer fazer — assegurei-lhe. — E muito provavelmente pode aprender a atirar bem; de qualquer modo, a maioria dos homens que eu vejo atirar fecha um dos olhos quando dispara. Mas pode ter problemas em acertar alvos em movimento. Você pode ver o que está mirando,

certamente, mas sem visão binocular talvez não consiga dizer com precisão onde está o objeto para atingi-lo.

— Entendi — ele disse. — Então, no caso de um confronto, é melhor eu confiar num corpo a corpo, é isso?

— Em minha humilde experiência com conflitos de escoceses, a maioria dos confrontos não vai além de pancadaria, de qualquer forma. Você só usa uma arma de fogo ou arco e flecha se o seu objetivo for matar. Neste caso, uma lâmina em geral é a arma de preferência. Muito mais confiável, segundo Jamie.

Ele deu um pequeno grunhido, achando graça, mas não disse mais nada. Ficou sentado em silêncio, meditando no que eu tinha lhe dito, enquanto eu arrumava a desordem deixada pelas consultas do dia. Eu podia ouvir barulho de louças e painéis da cozinha e os estalidos e chiados de gordura que acompanhavam o aroma tentador de cebolas fritas com toucinho que flutuava pelo corredor.

Iria ser uma refeição apressada; a sra. Bug ficara ocupada o dia inteiro com os preparativos para a expedição da milícia. No entanto, até as refeições menos elaboradas da sra. Bug eram deliciosas.

Vozes abafadas atravessavam a parede — o repentino choro de Jemmy, uma breve exclamação de Brianna, outra de Lizzie, depois a voz grave de Jamie, evidentemente consolando o bebê enquanto Bri e Lizzie lidavam com o jantar.

Roger os ouviu também; vi sua cabeça virar-se na direção do som.

— Uma mulher e tanto — ele disse, com um ligeiro sorriso. — Ela pode matar e cozinhar. O que parece ser uma boa coisa, nas circunstâncias — acrescentou sarcasticamente. — Evidentemente eu não vou colocar muita comida na mesa.

— Bah — exclamei energicamente, querendo estancar qualquer tentativa de sua parte de sentir pena de si mesmo. — Nunca cacei nada em minha vida e coloco comida nesta mesa todo dia. Se você realmente acha que tem que matar alguma coisa, sabe, há muitas galinhas, gansos e porcos. E, se você conseguir prender aquela maldita porca branca antes que ela mine os alicerces completamente, será um herói.

Isso o fez sorrir, apesar do laivo de ironia que se podia perceber.

— Espero que minha autoestima se recobre, com ou sem porcos — ele disse. — O pior será contar aos exímios atiradores — ele sacudiu a cabeça na direção da parede, onde a voz de Brianna misturava-se com a de Jamie numa conversa abafada — qual é o problema. Eles vão ser muito amáveis, como se é com alguém que perdeu um pé.

Eu ri, terminei de limpar meu almofariz e me estiquei para guardá-

lo no armário.

— Bri só está preocupada com você por causa desse problema dos Reguladores. Mas Jamie acha que não vai dar em nada; as probabilidades de você ter que atirar em alguém são muito pequenas. Além do mais, aves de rapina também não têm visão binocular — acrescente, num pensamento tardio.

— Exceto as corujas. Falcões e águias não têm; seus olhos são um de cada lado da cabeça. Apenas diga a Bri e Jamie que eu disse que você tem olhos de falcão.

Ele riu desbragadamente desta vez, depois se levantou, batendo a poeira das bordas do seu casaco.

— Certo, direi. — Ele me esperou, abrindo para mim a porta que dava para o corredor. Mas, quando a alcancei, ele colocou a mão em meu braço, fazendo-me parar.

— Esse negócio binocular — ele disse, gesticulando vagamente na direção dos olhos. — Eu nasci com isso, não é?

Balancei a cabeça, confirmando.

— Sim, é quase certo.

Ele hesitou, obviamente não sabendo como colocar o que queria dizer.

— Isso é... hereditário, então? Meu pai esteve na RAF; não deve ter tido isso, certamente, mas minha mãe usava óculos. Ela o mantinha numa corrente, pendurado no pescoço; eu me lembro de brincar com eles. Quero dizer, eu devo ter herdado isso dela.

Eu contrái os lábios, tentando lembrar o que — se é que havia alguma coisa — eu já lera sobre o assunto de disfunções oculares herdadas, mas nada de concreto veio à minha mente.

— Não sei — eu disse finalmente. — Pode ser. Mas também pode não ser. Eu realmente não sei. Está preocupado com Jemmy?

— Oh. — Um leve ar de decepção atravessou seu semblante, embora ele o ocultasse quase imediatamente. Deu-me um sorriso enviesado e abriu a porta, segurando-a para eu passar.

— Não, não preocupado. Só estava pensando... se for herdado e o garotinho tiver isso também... então eu saberei.

O corredor estava tomado dos apetitosos aromas de ensopado de esquilo e pão quente, e eu estava faminta, mas permaneci imóvel, fitando-o.

— Eu não lhe desejaria isso — Roger disse apressadamente, ao ver minha expressão. — De jeito nenhum! Só que, se tiver que ser assim... — Interrompeu-se e desviou o olhar, engolindo em seco. — Olhe, não

diga a Bri que eu pensei nisso, por favor.

Toquei de leve em seu braço.

— Acho que ela compreenderia. Sua vontade de saber... com certeza. Ele olhou para a porta da cozinha, de onde se erguia a voz de Bri, cantando "Clementine", para ruidoso prazer de Jemmy.

— Ela pode compreender — ele disse. — Não significa que gostaria de ouvir isso.

A CRUZ DE FOGO

Os homens haviam partido. Jamie, Roger, sr. Chisholm e seus filhos, os irmãos MacLeod... todos eles haviam desaparecido antes do amanhecer, sem deixar rastros para trás, salvo os resquícios desordenados de um café da manhã apressado e uma coleção de marcas de botas enlameadas na soleira da porta.

Jamie movia-se tão silenciosamente, que era raro me acordar quando deixava nossa cama para se vestir no escuro antes do alvorecer. Ele, no entanto, inclinava-se para me dar um beijo de despedida, murmurando rapidamente alguma palavra carinhosa no meu ouvido e deixando-me levar seu cheiro e seu toque de volta para os meus sonhos.

Ele não me acordara nesta manhã.

Essa tarefa fora deixada a cargo dos pequeninos Chisholm e MacLeod, vários dos quais travaram uma barulhenta batalha diretamente embaixo da minha janela, logo após a aurora.

Acordei de repente, momentaneamente confusa com a gritaria, minhas mãos automaticamente procurando esponja e oxigênio, seringa e álcool, visões da emergência de um hospital muito vívidas ao meu redor. Então inspirei fundo e senti o cheiro de madeira queimada, não de etanol. Sacudi a cabeça, piscando diante da visão de uma colcha azul e amarela, a tranquilizadora fileira de roupas penduradas em seus ganchos e o fluxo de luz pálida e límpida pelas persianas parcialmente abertas. Lar. Eu estava em casa, em Ridge.

Uma porta se abriu com uma forte pancada no andar térreo e o tumulto se extinguiu abruptamente, sendo sucedido por um barulho arrastado de crianças em fuga, acompanhado de risadinhas abafadas.

— Mmmmmhum! — soou a voz da sra. Bug, maldosamente satisfeita de ter colocado os baderneiros para correr. A porta se fechou e os baques de madeira e o retinir de metais de baixo anunciaram o começo das atividades do dia.

Quando desci alguns instantes depois, encontrei a boa senhora simultaneamente empenhada em torrar pão, coar café, fazer mingau e se queixar, enquanto limpava os restos deixados pelos homens. Não por causa da desordem - o que mais se podia esperar dos homens?, — mas pelo fato de Jamie não a ter acordado para que ela providenciasse

um café da manhã decente para eles.

— E como ele vai conseguir passar o dia? — ela perguntou, brandindo um garfo de tostar para mim, com ar de reprovação. — Um homem grande e forte como ele, lá fora, sem nada para forrar o estômago além de uma sopinha rala de leite e um pão dormido?

Lançando um olhar turvo para as variadas migalhas e louças sujas, pareceu-me que o senhor da casa e seus companheiros haviam provavelmente dado conta de pelo menos duas dúzias de bolinhos de milho e de um pão inteiro, acompanhados de mais ou menos meio quilo de manteiga fresca sem sal, uma jarra de mel, uma tigela de passas e todo o produto da primeira ordenha.

— Acho que ele não vai passar fome — murmurei, pegando uma migalha com o dedo indicador molhado. — O café está pronto?

O mais velho dos Chisholm e as crianças MacLeod geralmente dormiam na cozinha à noite, junto à grande lareira onde se cozinhava, enrolados em trapos ou cobertores. Já haviam se levantado e saído agora, suas cobertas empilhadas atrás do banco. A medida que o cheiro de comida começou a permear a casa, murmúrios de gente se levantando começaram a atravessar as paredes e descer as escadas, conforme as mulheres se vestiam e cuidavam dos bebês de colo e das crianças menores. Vários rostinhos começaram a reaparecer lá de fora, espreitando esfomeadamente pela porta da cozinha.

— Já lavaram essas patas imundas, seus bárbaros? — a sra. Bug perguntou ao vê-los. Brandiu uma colher de mingau para os bancos ao longo da mesa. — Se já lavaram, entrem e sentem-se. Não se esqueçam de limpar os pés sujos de lama antes!

Em poucos instantes, os bancos compridos e os banquinhos estavam ocupados, a sra. Chisholm, a sra. MacLeod e a sra. Aberfeldy bocejando e piscando em meio ao bando de filhos, balançando a cabeça e murmurando "Bom-dia" para mim e para as outras, arrumando um lenço de cabeça aqui e uma fralda de camisa acolá, usando um polegar molhado de cuspe para abaixar os cabelos arrepiados da cabeça de um garotinho ou limpar uma mancha de sujeira do rosto de uma menina.

Confrontada com uma dúzia de bocas abertas para alimentar, a sra. Bug estava em seu elemento, saltitando de um lado para o outro entre a lareira e a mesa. Observando-a ir e vir em sua azáfama, imaginei que ela devia ter sido uma canário-da-terra numa vida passada.

— Você viu Jamie partir? — perguntei, quando ela parou momentaneamente para reencher todas as canecas de café, uma enorme salsicha crua na outra mão.

— Não, não vi. — Sacudiu a cabeça, imaculadamente branca em

seu lenço. — Não sei de nada. Ouvi meu garoto mais velho se levantar e se mexer antes do amanhecer, mas achei que ele só estava indo à latrina, pois ele não gosta de me incomodar com o barulho do urinol. Mas ele não voltou e, quando eu mesma acordei, todos já tinham ido embora. Ah! Pare com isso!

Captando um movimento pelo canto do olho, ela deu um piparote de leve com a sua salsicha na cabeça de um garotinho MacLeod de seis anos, fazendo-o retirar rapidamente os dedinhos do pote de geleia.

— Talvez tenham ido caçar — sugeriu timidamente a sra. Aberfeldy, dando colheradas de mingau à menininha sentada em seu colo. Com apenas dezenove anos, ela quase não se pronunciava, tímida diante das mulheres mais velhas.

— É melhor que estejam caçando terrenos e madeira para a construção de casas — disse a sra. MacLeod, içando um bebê ao ombro e dando tapinhas em suas costas. Ela afastou do rosto uma mecha de cabelos que começava a encanecer e deu-me um sorriso amargo. — Nada tem a ver com sua hospitalidade, sra. Fraser, mas eu preferia não ter que passar o inverno sob seu teto. Geordie! Deixe as tranças de sua irmã em paz ou vai se arrepender!

Ainda não em meu melhor estado de espírito tão cedo de manhã, sorri e murmurei algo educadamente incompreensível. Eu também preferia não ter cinco ou dez pessoas extras em minha casa durante todo o inverno, mas não tinha certeza se isso poderia ser evitado.

A carta do governador fora bem específica. Todos os homens em boa forma física no interior deveriam ser convocados para formar tropas de milícia e se apresentar em Salisbury até meados de dezembro. Isso deixava muito pouco tempo de sobra para construir casas. Ainda assim, eu esperava que Jamie tivesse algum plano para aliviar o congestionamento. Adso, o gatinho, praticamente estabelecera residência num armário em meu consultório e o cenário na cozinha estava rapidamente assumindo sua costureira semelhança diária com uma das pinturas de Hieronymus Bosch.

Ao menos, a cozinha perdera o frio do começo da manhã, com tantos corpos ali amontoados, e agora estava confortavelmente quente e barulhenta. No entanto, com toda a aglomeração e movimento, somente após alguns momentos é que eu percebi a presença de quatro jovens mães na cozinha, em vez de três.

— De onde você saiu? — perguntei, espantada ao ver minha filha, desgrenhadamente enrolada e encolhida sob um cobertor numa ponta do longo banco.

Bri piscou sonolentemente e ajustou a posição de Jemmy, que mamava com uma concentração imperturbável, alheio à balbúrdia à

sua volta.

— Os Mueller apareceram no meio da noite e bateram em nossa porta — ela disse, bocejando. — Oito deles. Eles praticamente não falam inglês, mas eu acho que papai mandou chamá-los.

— É mesmo? — Estendi a mão para pegar uma fatia de bolo de passas, por pouco perdendo a vez para um pequenino Chisholm. — Eles ainda estão lá?

— Hum-hum. Obrigada, mamãe. — Ela estendeu a mão para pegar o pedacinho de bolo que eu lhe ofereci. — Sim. Papai foi lá e tirou Roger da cama quando ainda estava escuro, mas parece que ele não precisava dos Mueller ainda. Depois que Roger saiu, um Mueller velho e enorme levantou-se do chão e disse: "Bitte, Maedle" e deitou-se ao meu lado. — Um leve rubor subiu às suas faces. — Assim, achei melhor me levantar e vir para cá.

— Oh — exclamei, reprimindo um sorriso. — Esse deve ser Gerhard. — Eminentemente prático, o velho fazendeiro não veria razão para estender os velhos ossos nas tábuas do assoalho, se havia um espaço disponível na cama.

— Creio que sim — ela disse indistintamente, através da boca cheia de bolo. — Acho que ele é inofensivo, mas mesmo assim...

— Bem, ele não seria nenhum perigo para você... — concordei. Gerhard Mueller era o patriarca de uma enorme família alemã que vivia entre Ridge e o acampamento morávio em Salem. Ele devia ter quase oitenta anos, mas não era de modo algum inofensivo.

Mastiguei devagar, lembrando-me de como Jamie me descrevera os escalpos pregados na porta do celeiro de Gerhard. Escalpos de mulheres, longos cabelos negros e sedosos, as pontas esvoaçando ao vento. Como coisas vivas, ele dissera, o rosto perturbado com a lembrança, como pássaros, pregados na madeira. E o escalpo branco que Gerhard me trouxera, envolvido em linho e salpicado de sangue. Não, não inofensivo. Engoli, o bolo parecendo seco em minha garganta.

— Inofensivos ou não, devem estar com fome — disse a sra. Chisholm de maneira prática. Inclinou-se e pegou uma boneca de palha de milho, uma fralda molhada e um bebê engatinhando, conseguindo de algum modo deixar uma das mãos livres para seu café. — É melhor mandar está leva embora, antes que os alemães sintam cheiro de comida e venham bater à porta.

— Restou alguma coisa para oferecer a eles? — eu disse, preocupada, tentando me lembrar de quantos presuntos restavam na casa de defumação. Após duas semanas de hospitalidade, nossas provisões diminuía a uma velocidade alarmante.

— Claro que há — disse a sra. Bug energicamente, fatiando salsichas e jogando as fatias na chapa fumegante. — Deixe-me apenas terminar isto aqui e poderá chamá-los para o café da manhã. Você, a muirinn. — Deu uma pancadinha na cabeça de uma menina de uns oito anos com sua espátula. — Corra até o porão de armazenagem e traga-me um avental cheio de batatas. Os alemães gostam de batatas.

Quando finalmente terminei meu mingau e comecei ajuntar as tigelas para lavar, a sra. Bug, vassoura na mão, varria as crianças e os restos de comida pela porta dos fundos com uma eficiência sem misericórdia, enquanto dava uma lista de ordens a Lizzie e à sra. Aberfeldy — Ruth, esse era seu nome, — que pareciam ter sido requisitadas à força como ajudantes de cozinha.

— Posso ajudar... — comecei, um tanto debilmente, mas a sra. Bug sacudiu a cabeça e fez alguns movimentos com a vassoura, enxotando-me.

— Nem pense nisso, sra. Fraser! — ela disse. Tenho certeza de que a senhora tem muito o que fazer e... ora, vamos, vocês aí, não vão entrar na minha bela cozinha limpa com essas botas imundas! Pra fora, pra fora, e limpem bem as botas antes de pensar em colocar o pé aqui dentro!

Gerhard Mueller, seguido dos filhos e sobrinhos, estava parado na soleira da porta, envergonhado. A sra. Bug, sem se deixar intimidar pelo fato de que ele a ultrapassava em mais de trinta centímetros e de que não falava inglês, fez uma cara feia e cutucou ferozmente as botas dele com sua vassoura.

Acenei para os Mueller, cumprimentando-os, depois aproveitei a oportunidade de fuga e escapei rapidamente.

Procurando evitar a multidão na casa, lavei-me na bica do poço lá fora, depois fui aos barracões e ocupei-me fazendo um inventário. A situação não era tão ruim quanto eu temera; tínhamos o suficiente, com uma administração cuidadosa, para durar o inverno inteiro, embora eu pudesse ver que a mão esbanjadora da sra. Bug teria que ser um pouco contida.

Além de seis presuntos na casa de defumação, havia quatro flancos de toucinho e metade de outro, além de uma prateleira de carne de cervo seca e metade de uma carcaça relativamente recente. Olhando para cima, eu podia ver as vigas baixas do telhado, pretas de fuligem e apinhadas de amontoados de peixe seco, defumado, abertos e amarrados firmemente em maços, como as pétalas de flores grandes e feias. Também havia dez barris de peixe salgado e quatro de carne de porco salgada. Um pote de cerâmica de banha de porco, um menor de tiras de toucinho, outro de um tipo de linguiça feita de cabeça e pé de

porco... eu tinha minhas dúvidas quanto a essa.

Eu a fizera de acordo com as instruções de uma das mulheres Mueller, como traduzido por Jamie, mas eu mesma nunca vira esse tipo de linguiça e não tinha certeza se aquela era a aparência que ela deveria ter. Levantei a tampa e cheirei atentamente, mas o cheiro era bom; ligeiramente condimentado de alho e pimenta em grão e absolutamente nenhum odor de putrefação.

Talvez não morrêssemos de envenenamento por ptomaína, embora eu tivesse em mente convidar Gerhard Mueller para experimentar primeiro.

— Como pode permitir o velho demônio em sua casa? — Marsali perguntara, quando Gerhard e um de seus filhos vieram a Ridge alguns meses atrás. Ela ouvira de Fergus a história das mulheres índias e via os alemães com horrorizada repugnância.

— E o que você queria que eu fizesse? — Jamie perguntara em resposta, a colher suspensa a meio caminho da boca. — Matar os Mueller — todos eles, porque se eu matasse Gerhard, teria que fazer o mesmo com o bando todo — e pregar os cabelos deles no meu celeiro? — Sua boca torceu-se um pouco.

— Acho que a vaca iria parar de dar leite. Eu certamente iria parar de ordenhar.

A testa de Marsali enrugou-se, mas ela não era do tipo que se deixasse abater facilmente com uma piada.

— Talvez isso não — ela disse. — Mas você os recebe em sua casa e os trata como amigos! — Ela olhou de Jamie para mim, franzindo o cenho. — As mulheres que ele matou... elas eram suas amigas, não eram?

Troquei um olhar com Jamie e dei de ombros. Ele parou por um instante, reunindo seus pensamentos, enquanto mexia a sopa devagar. Em seguida, largou a colher e olhou para ela.

— Foi uma coisa medonha o que Gerhard fez — ele disse simplesmente.

— Mas para ele era uma questão de vingança; pelo seu modo de pensar, ele não poderia ter agido de outra maneira. Iria ser melhor para mim me vingar dele?

— Non — Fergus disse com firmeza. Colocou a mão no braço de Marsali, colocando um ponto final no que quer que ela fosse dizer em seguida. Abriu um amplo sorriso para ela. — Claro, os franceses não acreditam em vingança.

— Bem, talvez alguns franceses — murmurei, pensando no conde St. Germain.

Mas Marsali não se deixou dissuadir tão facilmente.

— Huum — ela disse. — O que você quer dizer é que elas não eram suas, não é? — Vendo a sobrançelha de Jamie erguer-se de espanto, ela insistiu no argumento. — As mulheres que ele matou. Mas e se fossem sua família? Se tivessem sido eu, Lizzie e Brianna, por exemplo?

— Essa — Jamie disse sem se alterar — é justamente a questão. A família era de Gerhard. — Levantou-se da mesa, empurrando o banco para trás, deixando metade da sopa na tigela. — Terminou, Fergus?

Fergus arqueou uma sobrançelha lustrosa para ele, pegou sua tigela e virou-a de uma vez só, o pomo de adão subindo e descendo em seu longo pescoço moreno.

— Oui — ele disse, limpando a boca na manga da camisa. Levantou-se e deu um tapinha na cabeça de Marsali, depois arrancou um fio de seu cabelo cor de palha que se libertara do lenço de cabeça. — Não se preocupe, chéri. Apesar de eu não acreditar em vingança, se alguém vier atrás dos seus cabelos, prometo que farei uma bolsa de tabaco do escroto dele. E seu pai, com certeza, vai amarrar as meias com as tripas do facínora.

Marsali soltou um pequeno pffft! de bem-humorada irritação e deu um tapa na mão dele, e nada mais foi dito sobre Gerhard Mueller.

Levantei o pesado pote de linguiça de cabeça e pé de porco e coloquei-o junto à porta do barracão de defumação, de modo a não o esquecer quando voltasse para casa. Imaginei se o filho de Gerhard Frederick teria vindo com ele — provavelmente; o rapaz tinha menos de vinte anos, não era uma idade em que um rapaz ficaria de fora de qualquer coisa que promettesse emoção. Foram a jovem mulher de Frederick, Petronella, e seu bebê que haviam morrido de sarampo, embora Gerhard tivesse pensado que a infecção fora uma maldição lançada deliberadamente em sua família pelos tuscara.

Será que Frederick já teria encontrado outra mulher?, me perguntei. Muito provavelmente. Embora, se não... havia duas jovens adolescentes entre os novos arrendatários. Talvez os planos de Jamie envolvessem encontrar rapidamente maridos para elas? E ainda havia Lizzie...

A estrutura para armazenamento do milho estava cheia com mais de três quartos, embora houvesse quantidades preocupantes de fezes de ratos no terreno do lado de fora. Adso estava crescendo rapidamente, mas talvez não tanto quanto o necessário; ele era do tamanho aproximado de uma ratazana de porte médio. Farinha de trigo — as reservas estavam um pouco baixas, apenas oito sacas. No entanto, devia haver mais no moinho; eu precisava perguntar a Jamie.

Sacas de arroz e feijões secos, alqueires de castanhas, nozes brancas e nozes pretas. Montes de abóboras secas, sacas de aniagem de aveia e farinha de aveia e incontáveis galões de sidra e vinagre de maçã. Um pote de manteiga salgada, outro de manteiga sem sal e um cesto de queijos de cabra esféricos, pelos quais eu havia trocado um alqueire de amoras-pretas e outro de groselhas. O restante das frutas silvestres havia sido cuidadosamente desidratado, juntamente com as uvas silvestres, ou transformado em geleias ou compotas, e estava atualmente escondido na despensa, a salvo — eu esperava — de depredações infantis.

O mel. Parei, comprimindo os lábios. Eu tinha quase vinte galões de mel purificado e quatro grandes jarras de cerâmica de favos de bastante mel, tirados das minhas colmeias e à espera de serem transformados em velas de cera de abelha. Tudo ficava guardado na caverna fechada que servia de estábulo, para manter a salvo de ursos. Mas não estava a salvo das crianças que haviam sido incumbidas de alimentar as vacas e porcos no estábulo. Eu ainda não havia visto nenhum rostinho ou dedos melados que delatassem a invasão, mas era melhor tomar algumas medidas de prevenção.

Entre carne, grãos e um pequeno laticínio, parecia que ninguém iria passar fome neste inverno. Minha preocupação agora era a ameaça menor, mas ainda assim importante, de deficiência de vitaminas. Olhei para o bosque de castanheiras, os galhos agora completamente desfolhados. Ainda se passariam uns bons quatro meses antes que víssemos um pouco de verduras frescas, apesar de eu ter muitos nabos e repolhos ainda no solo.

O porão de armazenagem de tubérculos estava com um bom estoque, inebriante com o cheiro terroso de batatas, o odor pungente de cebolas e alho e o aroma suave, saudável de nabos. Havia dois grandes tonéis de maçãs ao fundo — com as pegadas de vários conjuntos de pés infantis levando até eles, observei.

Olhei para cima. Enormes pencas de uvas muscadíneas haviam sido penduradas dos caibros e lentamente se desidratando em passas. Ainda estavam lá, mas os cachos mais baixos, de mais fácil alcance haviam se transformado em ramagens de hastes vazias. Então talvez eu não tivesse que me preocupar com ataques de escorbuto.

Caminhei vagarosamente de volta para casa, tentando calcular quanto de nossas provisões deveria ser enviado com Jamie e sua milícia e quanto deveria ser deixado para o consumo das mulheres e crianças. Impossível dizer; isso dependeria em parte de quantos homens ele conseguiria reunir e do que trariam com eles. No entanto, ele fora nomeado coronel; a responsabilidade de alimentar os homens de seu regimento seria principalmente dele, com reembolso — se

viesses a ter — a ser pago mais tarde, a critério da Assembleia Legislativa.

Não pela primeira vez, desejei ardentemente que eu soubesse mais. Por quanto tempo mais a Assembleia Legislativa continuaria a ser um organismo funcional?

Brianna estava fora da casa, junto ao poço, andando de um lado para o outro com um olhar pensativo franzindo sua testa.

— Canos — ela disse, sem preliminares. — As pessoas fazem cano de metal agora? Os romanos faziam, mas...

— Eu os vi em Paris e Edimburgo, sendo usados para captar a água da chuva dos telhados — informei. — Portanto, existem. Mas não estou certa de ter visto nenhum nas Colônias. Se houver algum, deve ser terrivelmente caro. — Fora as coisas mais simples, como ferraduras de cavalos, todas as ferragens tinham que ser importadas da Grã-Bretanha, assim como todos os demais artefatos de metal, como cobre, latão e chumbo.

— Huum. Ao menos, eles saberão o que é. — Ela estreitou os olhos, calculando a inclinação do terreno entre o poço e a casa, depois sacudiu a cabeça e suspirou. — Posso fazer uma bomba, eu acho. Mas conseguir levar água para dentro de casa é outra história. — Bocejou repentinamente e piscou, os olhos lacrimejando ligeiramente à luz do sol. — Meu Deus, estou tão cansada, que nem consigo pensar. Jemmy berrou a noite toda e, quando ele finalmente adormeceu, os Mueller apareceram; acho que não dormi nada.

— Sei como se sente — eu disse, solidária, e ri.

— Eu fui um bebê muito irritado? — Brianna perguntou, devolvendo o sorriso.

— Muito — assegurei-lhe, voltando-me para a casa. — E onde está o seu?

— Ele está com...

Brianna parou bruscamente, agarrando meu braço.

— O que... — ela disse. — O que em nome de Deus é aquilo? Virei-me para olhar e senti um espasmo de choque, no fundo do estômago.

— É bem evidente o que é — eu disse, caminhando devagar naquela direção. — A pergunta é... por quê?

Era uma cruz. Aliás, uma grande cruz, feita de galhos secos de pinheiro, despidos dos seus raminhos e amarrados com corda. Estava firmemente fincada na borda do pátio de entrada, perto do enorme abeto azul que guardava a casa.

Os galhos eram finos, mas sólidos, e tinha aproximadamente dois

metros de altura. Não era volumosa nem chamativa e, no entanto, sua serena presença parecia dominar o pátio, do mesmo modo como um tabernáculo domina uma igreja. Ao mesmo tempo, o efeito do objeto não parecia nem reverente, nem protetor. Na realidade, era terrivelmente sinistro.

— Vamos ter uma reunião para o despertar religioso? — a boca de Brianna torceu-se, tentando fazer uma piada. A cruz a perturbava tanto quanto a mim.

— Não que eu saiba. — Vagarosamente dei a volta na cruz, olhando-a de cima a baixo. Jamie a fizera; eu sabia pela qualidade da mão-de-obra. Os galhos haviam sido escolhidos pela retidão e simetria, cuidadosamente aparados, as pontas estreitando-se gradualmente. A peça horizontal fora habilmente entalhada para ajustar-se à peça vertical, a corda unindo as duas de forma cruzada, com a precisão e o cuidado de um marinho.

— Talvez papai esteja começando sua própria religião — Brianna disse, erguendo uma das sobancelhas; ela também reconheceu a qualidade da execução.

A sra. Bug apareceu repentinamente, dobrando a quina da casa, uma tigela de ração de galinha nas mãos. Parou bruscamente ao nos ver, a boca abrindo-se de imediato. Preparei-me instintivamente para o massacre e ouvi Brianna abafar uma risadinha.

— Oh, aí está a senhora! Eu estava acabando de dizer a Lizzie como é uma vergonha, uma vergonha mortal, na verdade, que essa criançada fique correndo para cima e para baixo, deixando suas marcas imundas espalhadas por toda a casa, até mesmo no gabinete do dono da casa, e ela me disse, Lizzie me disse, ela disse...

— No meu consultório? O quê? Onde? O que fizeram? — Esquecendo a cruz, eu já corria na direção da casa, a sra. Bug nos meus calcanhares, ainda falando.

— Eu peguei dois dos pequenos diabinhos brincando com suas vasilhas lá, com seus belos frascos azuis e uma maçã, e sem dúvida dei-lhes um tapa no ouvido com tanta força por causa disso, que, tenho certeza, ainda estão zumbindo, as endiabradas criaturas, e elas largando por aí pedaços de boa comida, para apodrecerem e se estragarem, e...

— Meu pão! — Eu alcançara o vestíbulo e agora abria de supetão a porta do consultório, encontrando tudo perfeitamente limpo e arrumado — inclusive a bancada onde eu havia disposto minhas experiências mais recentes com penicilina. Agora estava inteiramente vazia, a superfície de carvalho esfregada até a madeira virgem.

— Estava uma imundície — a sra. Bug disse do corredor atrás de

mim. Comprimia os lábios com afetada virtuosidade. — Uma imundície! Coberto de mofo, todo coberto de mofo, todo azul e...

Respirei fundo, os punhos cerrados ao lado do corpo para evitar estrangulá-la. Fechei a porta do consultório, apagando a visão da bancada vazia, e virei-me para a pequena escocesa.

— Sra. Bug — eu disse, mantendo a voz controlada com um grande esforço, — sabe o quanto eu aprecio a sua ajuda, mas eu realmente lhe pedi para não...

A porta da frente escancarou-se e bateu na parede ao meu lado.

— Sua velha bruxa desgraçada! Como ousa colocar as mãos nas minhas crianças!

Girei nos calcanhares e fiquei cara a cara com a sra. Chisholm, o rosto afogueado de fúria e armada com uma vassoura, duas criancinhas de rosto vermelho agarradas às suas saias, as faces sujas com lágrimas recentes. Ela me ignorou completamente, sua atenção focalizada na sra. Bug, que permanecia parada no vestíbulo, ao meu lado, ouriçada como um porco-espinho em miniatura.

— Você e suas preciosas crianças! — a sra. Bug gritou indignada. — Se você realmente se importasse com elas, estaria lhes ensinando o que é certo e o que é errado e não as deixando largadas, pulando pela casa como macacos bárbaros, espalhando e arruinando tudo do sótão à soleira da porta e deixando os dedos sujos em tudo que não está pregado no chão!

— Ora, sra. Bug, tenho certeza de que elas não... — Minha tentativa de estabelecer a paz foi abafada por gritos lancinantes dos três Chisholm, a sra. Chisholm sendo de longe a mais estridente.

— Quem é você para chamar meus filhos de ladrões, velha maluca! — A ofendida mãe brandiu a vassoura ameaçadoramente, movendo-se de um lado para o outro, tentando pegar a sra. Bug. Eu me movia com ela, saltando de um lado para o outro, no esforço de ficar entre as duas combatentes.

— Sra. Chisholm — eu disse, erguendo a mão de forma apaziguadora. — Margaret. Realmente, tenho certeza de que...

— Quem sou eu? — a sra. Bug parecia se expandir visivelmente, como massa de pão fermentando. — Quem sou eu? Ora, sou uma mulher temente a Deus e uma alma cristã! Quem é você para falar com os mais velhos e superiores dessa forma, você e sua tribo maligna que perambulam pelas colinas, maltrapilhos e esfarrapados, sem sequer um penico para mijar?

— Sra. Bug! — exclamei, girando nos calcanhares para ela. — A senhora não deve...

A sra. Chisholm não se deu ao trabalho de tentar encontrar uma resposta para isso, mas simplesmente se arremessou para frente, a vassoura pronta na mão. Abriu os braços para impedi-la de passar por mim; vendo-se frustrada em sua tentativa de golpear a sra. Bug, ela começou a cutucá-la por cima do meu ombro, arremetendo freneticamente a vassoura, tentando golpear a mulher mais velha.

A sra. Bug, obviamente sentindo-se a salvo por trás da barricada da minha pessoa, saltitava para cima e para baixo, como uma bola de pingue-pongue, o rosto pequeno e redondo vermelho de fúria e triunfo.

— Mendigos! — ela gritava, a plenos pulmões. — Latoeiros! Ciganos!

— Sra. Chisholm! Sra. Bug! — eu suplicava, mas nenhuma das duas me dava a menor atenção.

— Kittock! Mislearnit pilsh! — berrava a sra. Chisholm, golpeando desvairadamente com sua vassoura. As crianças gritavam e a sra. Chisholm — que era uma mulher um tanto corpulenta — pisou com força no dedo do meu pé.

Isso foi a gota d'água e eu me virei para a sra. Chisholm lançando chispas dos olhos. Ela encolheu-se e recuou, largando a vassoura.

— Ha! Vagabunda descarada! Você e...

Os gritos da sra. Bug atrás de mim foram abruptamente silenciados e eu me virei de novo, deparando-me com Brianna, que evidentemente dera a volta na casa e entrara pela cozinha, segurando a minúscula sra. Bug acima do chão, um braço ao redor de sua cintura, a outra mão firmemente pressionada sobre sua boca. A sra. Bug esperneava freneticamente, os pés pequeninos agitando-se convulsivamente, os olhos arregalados acima da mordaça da mão de Brianna. Bri revirou os olhos para mim e saiu pela porta da cozinha, carregando sua prisioneira.

Virei-me para lidar com a sra. Chisholm, mas vi apenas um lampejo de sua saia cinza de tecido rústico desaparecendo apressadamente pelo canto da soleira da porta, um berreiro de criança diminuindo como uma sirene distante. A vassoura ficou aos meus pés. Peguei-a, entrei no consultório e fechei a porta atrás de mim.

Cerrei os olhos, as mãos apoiadas com força na minha bancada vazia. Senti uma súbita e irracional vontade de esmurrar alguma coisa — e foi o que fiz. Bati o punho cerrado com toda força na bancada, soquei-a repetidamente com a parte lateral da mão, mas a bancada era tão sólida, que meus golpes quase não produziam nenhum som, e eu parei, ofegante.

Qual era, afinal, o meu problema? Por mais irritante que fosse a interferência da sra. Bug, não era crucial. Nem a combatividade maternal da sra. Chisholm — ela e seus diabinhos iriam embora mais cedo ou mais tarde. Mais cedo, eu esperava.

Meu coração começou a desacelerar um pouco, mas ferroadas de irritação ainda percorriam minha pele como urticária. Tentei me acalmar, abrindo o grande armário para verificar se as depredações da sra. Bug ou das crianças haviam danificado alguma coisa realmente importante.

Não, estava tudo bem. Cada frasco de vidro fora polido até adquirir o brilho de uma joia — a luz do sol iluminava-os com um clarão de azuis, verdes e cristais, — mas cada qual fora colocado exatamente de volta no mesmo lugar, cada rótulo cuidadosamente escrito virado para frente. As trouxas de gaze de ervas secas haviam sido sacudidas para livrá-las da poeira, mas cuidadosamente penduradas de volta em seus ganchos.

A visão dos remédios cuidadosamente arrumados era tranquilizadora. Toquei em uma vasilha de pomada contra piolho, sentindo a sensação gratificante de um avarento diante do número e da variedade de sacolinhas, frascos e botijas.

Lampião a álcool, garrafa de álcool, microscópio, uma serra grande de amputação, jarra de suturas, caixa de emplastos, pacote de teias de aranha — tudo estava arrumado com precisão militar, dispostos em fileiras como recrutas de todo tipo sob o olhar de um sargento-instrutor. A sra. Bug podia ter grandes defeitos, mas eu não podia deixar de admitir suas virtudes domésticas.

A única coisa no armário que obviamente não havia sido tocada era uma sacolinha de couro, o amuleto que a xamã tuscarora, Nayawenne, havia me dado; essa permanecia sozinha, enviesada, num canto. Interessante que a sra. Bug se recusasse a tocar nela, pensei; eu nunca lhe disse o que era, embora realmente parecesse um objeto indígena, com as penas — de corvo e pica-pau — enfiadas no nó que a amarrava. Havia menos de um ano nas Colônias e menos de um mês em terras selvagens, a sra. Bug olhava com profunda desconfiança tudo que dizia respeito aos índios.

O forte cheiro de sabão detergente pairava no ar, acusador como o fantasma de uma doméstica. Acredito que não poderia realmente culpá-la; pão mofado, melão podre e fatias moles de maçã podiam ser pesquisa para mim; para a sra. Bug, não podia ser nada além de uma ofensa deliberada contra o deus da limpeza.

Suspirei e fechei o armário, acrescentando o leve perfume de lavanda seca e o cheiro desagradável de poejo aos fantasmas de

solução desinfetante e maçãs podres. Eu já havia perdido material de experiências muitas vezes antes e este não era particularmente complexo, nem estava em estágio muito avançado. Não levaria mais do que meia hora para substituí-lo, espalhando pedaços de pão fresco e outras amostras. Mas não iria fazer isso; não havia tempo suficiente. Jamie estava evidentemente começando a reunir os homens de sua milícia; dentro de poucos dias estariam partindo para Salisbury, para se apresentar ao governador Tryon. Nós estaríamos partindo, pois eu certamente pretendia acompanhá-los.

Ocorreu-me inesperadamente que já não havia tempo suficiente para terminar a experiência quando eu a armei. Eu sabia que partiríamos em breve; ainda que eu obtivesse um crescimento imediato muito bom, não teria tempo para coletar, secar, purificar... eu sabia disso conscientemente — e ainda assim eu iniciara a experiência, de qualquer maneira, continuei com meus planos, seguindo minhas rotinas, como se a vida ainda fosse estabelecida e previsível, como se nada pudesse ameaçar o teor dos meus dias. Como se a representação da ação pudesse torná-la verdadeira.

— Você é mesmo uma tola, Beauchamp — murmurei, empurrando um cacho dos meus cabelos fatigadamente para trás da orelha. Saí, fechando a porta do consultório com firmeza, e fui negociar a paz entre a sra. Bug e a sra. Chisholm.

Superficialmente, a paz na casa foi restaurada, mas uma atmosfera de mal-estar permaneceu. As mulheres continuavam seu trabalho tensas e caladas; até mesmo Lizzie, a encarnação da paciência, foi ouvida emitindo uma exclamação de aborrecimento quando uma das crianças derramou soro de leite nas escadas.

Até do lado de fora, o ar parecia estalar, como se uma trovoada se aproximasse. Conforme eu ia e vinha dos barracões para a casa, ficava olhando por cima do ombro para o céu acima das montanhas, esperando ver nuvens carregadas assomarem repentinamente — e, no entanto, o céu continuava com seu azul-pálido de final de outono, com nada mais do que alguns fiapos de nuvens esvoaçantes.

Eu estava distraída, incapaz de me concentrar em alguma coisa. Passava de uma tarefa a outra, deixando uma pilha de cebolas parcialmente trançadas na despensa, uma tigela de feijões parcialmente debulhados na entrada da casa, um par de calças rasgado largado em cima do banco, a agulha pendurada de sua linha. Inúmeras vezes eu me vi atravessando o pátio, vindo de nenhum lugar em particular e sem nenhum propósito específico.

Eu olhava para cima toda vez que passava pela cruz, como se esperasse que tivesse desaparecido desde a última vez em que eu passara por ela ou tivesse adquirido algum cartaz explicativo,

cuidadosamente pregado na madeira. Se não lesus Nazarenus Rex Iudaeorum, ao menos alguma coisa. Mas não. A cruz permanecia ali, dois simples galhos de pinho amarrados com uma corda. Nada mais. Exceto, é claro, que uma cruz sempre tem significado. Eu simplesmente não sabia qual poderia ser desta vez.

Todos os demais pareciam compartilhar a minha distração. A sra. Bug, ofendida com a briga com a sra. Chishol, recusou-se a preparar o almoço e retirou-se para seu quarto, ostensivamente sofrendo de dor de cabeça, embora se recusasse a me deixar tratá-la. Lizzie, normalmente uma boa cozinheira, queimou o ensopado, e rolos de fumaça negra sujaram as vigas de carvalho acima da lareira.

Ao menos os Mueller estavam fora do caminho. Havia trazido um grande barril de cerveja com eles e, após o café da manhã, se retiraram para a cabana de Brianna, onde pareciam estar se divertindo bastante.

O pão recusava-se a crescer. Um novo dentinho, um bem difícil, despontara em Jemmy, que berrava, berrava, berrava. O berreiro incessante deixava todos com os nervos à flor da pele, inclusive os meus. Eu gostaria de sugerir a Bri que o levasse a algum lugar longe do alcance dos nossos ouvidos, mas eu vi as profundas olheiras de cansaço sob seus olhos e o estresse em seu rosto e não tive coragem. A sra. Chisholm, irritada com as constantes labutas com seus próprios rebentos, não teve tal inibição.

— Pelo amor de Deus, por que não leva essa criança para a sua própria cabana, menina? — esbravejou. — Se ele tem que gritar assim, não há necessidade de todos nós termos que ouvir!

Os olhos de Bri estreitaram-se perigosamente.

— Porque — ela sibilou entre dentes — seus dois filhos mais velhos estão sentados na minha cabana, bebendo com os alemães. Eu não quis perturbá-los!

O rosto da sra. Chisholm ficou vermelho-escuro. Antes que ela pudesse falar, dei um passo rápido à frente e peguei o bebê dos braços de Bri.

— Vou levá-lo para dar uma voltinha lá fora, está bem? — eu disse, erguendo-o no ombro. — Eu mesma preciso de um pouco de ar fresco. Por que não sobe e se deita um pouco na minha cama, querida? — Eu disse a Bri. — Você parece meio cansada.

— Hum-hum — ela disse. Um canto de sua boca se ergueu. — E o papa é um pouco católico também. Obrigada, mamãe. — Ela beijou o rostinho quente e molhado de Jemmy e desapareceu na direção das escadas.

A sra. Chisholm fez uma careta horrorizada na direção de Bri, mas viu meu olhar, tossiu e chamou seus gêmeos de três anos, que estavam empenhados em destruir meu cesto de costura.

O ar fresco do lado de fora foi um alívio, depois do confinamento quente e enfumaçado da cozinha, e Jemmy aquietou-se um pouco, embora continuasse a choramingar e contorcer-se. Esfregava o rosto úmido e quente contra meu pescoço e mordida ferozmente o tecido do meu xale, empurrando e babando.

Caminhei devagar, de um lado para o outro, batendo delicadamente em suas costas e cantarolando baixinho. Achei o exercício tranquilizador, apesar da irritabilidade de Jemmy. Ele era um só, afinal de contas, e não podia falar.

— Além do mais, você é homem — eu lhe disse, puxando o capuz de lã por cima da penugem brilhante e macia de sua cabecinha. — Como membro do sexo masculino, você tem seus defeitos, mas eu diria que se engalfinhar como gatos não é um deles.

Por mais que eu gostasse de cada uma individualmente — Bri, Marsali, Lizzie e até mesmo a sra. Bug, — tenho que admitir que, tomadas em conjunto, eu achava muito mais fácil lidar com homens. Se era culpa da minha educação inortodoxa — eu fora criada em grande parte por meu tio Lamb e seu criado persa, Firouz, — minhas experiências na guerra ou simplesmente um aspecto da minha própria personalidade pouco convencional, eu achava os homens tranquilizadamente lógicos e — com algumas surpreendentes exceções — agradavelmente diretos.

Virei-me para olhar para a casa. Erguia-se serenamente entre abetos e castanheiras, elegantemente bem-proporcionada, solidamente construída. Um rosto surgiu em uma das janelas. O rosto mostrou a língua e pressionou-se contra a vidraça, fazendo olhos vespigos acima do nariz e das bochechas achatadas. Vozes femininas estridentes e o som de pancadas flutuaram até mim através do ar frio e limpo.

— Huum — eu disse.

Apesar de relutante em deixar a casa tão cedo outra vez, e por menos que gostasse da ideia de Jamie envolvido em conflitos armados de qualquer espécie, a ideia de partir para viver na companhia de vinte ou trinta homens barbados e malcheirosos por uma ou duas semanas começara a exercer uma inegável atração. Ainda que significasse dormir no chão...

— "Em cada vida, alguma chuva tem que cair" — eu disse a Jemmy com um suspiro, citando Longfellow. — Mas acho que você está aprendendo isso agora, não é, pobrezinho?

— Gnnnnh! — ele disse, enroscando-se numa bola, para se livrar

da dor de seus dentes emergentes, os joelhos enfiando-se dolorosamente no lado do meu corpo. Ajeitei-o mais confortavelmente em meu quadril e dei-lhe o dedo indicador para ele morder. Suas gengivas estavam duras e cheias de calombos; eu podia sentir o lugar sensível onde o novo dente despontava, inchado e quente sob a pele. Um grito agudo veio da casa, seguido do som de berros e pés correndo.

— Sabe — eu disse, em tom de conversa, — acho que um pouco de uísque seria o melhor para isso, não acha? — Retirei o dedo de sua boca e ajeitei Jemmy no meu ombro. Abaixei-me para passar pela cruz e entrei no refúgio do grande abeto vermelho — bem a tempo, pois a porta da casa abriu-se de supetão e a voz penetrante da sra. Bug elevou-se como uma trombeta no ar gelado.

Era uma boa distância até a clareira do uísque, mas não me importei. Estava abençoadamente silencioso na floresta e Jemmy, embalado pelo movimento, finalmente relaxou num cochilo, flácido e pesado como um pequeno saco de areia nos meus braços.

Sendo tão tarde no ano, todas as árvores que perdem as folhas estavam nuas; a trilha estava recoberta por um tapete crepitante de marrons e dourados que atingia a altura do tornozelo, e sementes de bordo giravam no vento, roçando em minhas saias com um sussurro de asas. Um corvo passou, no alto. Soltou um grito rouco, rascante, e o bebê deu um solavanco em meus braços.

— Quietinho — eu disse, abraçando-o mais junto a mim. — Não foi nada, querido, apenas um pássaro.

Ainda assim, fiquei olhando o corvo e procurando ouvir algum outro. Eram aves de agouro — ou assim dizia a superstição das Highlands. Um único corvo era um presságio de mudança; dois, de boa sorte; três, de má sorte. Tentei afastar essas ideias de minha mente — mas Nayawenne havia me dito que o corvo era meu guia, meu espírito animal — e eu nunca via as enormes sombras pretas passarem acima de mim sem um certo calafrio na espinha.

Jemmy remexeu-se, deu um gritinho e recaiu no silêncio. Continuei dando-lhe uns tapinhas tranquilizadores e retomei minha subida, imaginando, enquanto subia a montanha devagar, que animal seria o guia dele.

O espírito do animal é que o escolhia, Nayawenne disse-me, e não o contrário. Você tem que prestar muita atenção a sinais e presságios e esperar que seu animal se manifeste a você. O animal de Ian era o lobo; o de Jamie era o urso — ou assim disse a índia tuscara. Eu me perguntara na época o que uma pessoa deveria fazer se fosse escolhida por um animal ignominioso como um musaranho ou um besouro de

estrupe, mas fui muito educada para perguntar.

Um único corvo. Ainda podia ouvi-lo, embora estivesse fora de vista, mas nenhum grito de resposta veio dos abetos atrás de mim. Um presságio de mudança.

— Podia ter se poupado o trabalho — eu disse a ele, à meia-voz para não acordar o bebê. — Não preciso que ninguém me diga isso, não é?

Subi devagar, ouvindo o suspiro do vento e o som mais profundo da minha própria respiração. Nesta estação do ano, a mudança estava no próprio ar, os cheiros de amadurecimento e morte carregados na brisa e no sopro frio do inverno. Ainda assim, os ritmos da Terra em seus movimentos trazem mudanças já esperadas, ordenadas; corpo e mente enfrentam as mudanças com conhecimento e — de um modo geral — com paz. As mudanças que estavam por vir eram de uma outra ordem, destinada a perturbar a alma.

Olhei para trás, para a casa; desta altura, eu podia ver apenas a ponta do telhado e a fumaça saindo da chaminé.

— O que você acha? — eu disse suavemente, a cabeça de Jemmy sob meu queixo, redonda e quente em seu capuz de tricô. — Ela será sua? Você vai morar aqui, e seus filhos depois de você?

Seria uma vida muito diferente, pensei, da que ele poderia ter tido. Se Brianna tivesse se arriscado a levá-lo de volta através das pedras — mas ela não o fez e, portanto, o destino do menino estava aqui. Ela teria pensado nisso, eu me perguntei. Que, ao ficar, ela fizera uma escolha não só por ela própria, mas por ele também? Escolheu guerra e ignorância, doença e perigo, mas arriscara tudo isso por seu pai — e por Roger. Eu não tinha absoluta certeza de que fora a escolha certa — mas a escolha não era minha.

Ainda assim, refleti, não havia como imaginar de antemão como era ter um filho — nenhum poder da mente igualava-se ao conhecimento do que o nascimento de uma criança podia fazer, arrebatando vidas e destroçando corações.

— E ainda bem que é assim — eu disse a Jemmy. — Caso contrário, ninguém em seu juízo perfeito o faria.

Minha agitação se acalmara agora, amainada pelo vento e pela paz da floresta desfolhada. A clareira do uísque, como a chamávamos, ficava escondida do caminho. Jamie passara dias percorrendo as encostas acima de Ridge, até encontrar um local que atendesse a seus requisitos.

Ou melhor, locais. A eira de maltagem fora construída numa pequena clareira ao pé de uma depressão do terreno; a destilaria

ficava mais no alto da montanha, num local próprio, perto de uma pequena nascente que fornecia água limpa e fria. A eira de maltagem ficava fora da vista da trilha, mas não era difícil de ser alcançada.

— Não adianta escondê-la — Jamie dissera, explicando-me sua escolha, — já que qualquer pessoa com nariz poderia chegar até ela de olhos vendados.

Verdade; mesmo agora, quando não havia nenhum grão sendo ativamente fermentado no barracão ou tostado no solo, um leve cheiro fumarento e fecundo permanecia no ar. Quando o grão estava fermentando, o cheiro penetrante e bolorento da fermentação era perceptível a uma grande distância, mas, quando a cevada germinada era espalhada na área acima de um fogo lento, uma fina névoa de fumaça pairava na clareira e o cheiro era bastante forte para chegar à cabana de Fergus, quando o vento soprava naquela direção.

Não havia ninguém na eira de maltagem agora, é claro. Quando um novo lote estava fermentando, Marsali ou Fergus estariam ali para cuidar do processo, mas, no momento, a área coberta por um telhado estava vazia, tábuas lisas escurecidas até o cinza pelo uso e pelas condições climáticas. Havia, entretanto, uma pilha perfeita de lenha ao lado, pronta para uso.

Aproximei-me para ver qual era o tipo de madeira. Fergus gostava de nogueira, tanto porque se partia com mais facilidade, quanto pelo sabor adocicado que emprestava ao grão maltado. Jamie, profundamente tradicional quando se tratava de uísque, não usaria nada além de carvalho. Toquei um pedaço de madeira cortada; veios largos, madeira leve, casca fina. Sorri. Portanto, Jamie estivera ali recentemente.

Normalmente, um pequeno barril de uísque era guardado na eira de maltagem, tanto para eventual hospitalidade, quanto por cautela. "Se alguém aparecer quando a menina estiver lá sozinha, é melhor que ela tenha algo a lhes oferecer", Jamie dissera. "Não é segredo o que fazemos aqui; é melhor que ninguém tente fazer Marsali dizer onde está a bebida." Não era o melhor dos uísques — em geral não era envelhecido, — mas sem dúvida suficientemente bom para visitas inesperadas ou uma criança com dentes despontando.

— Você ainda não tem papilas gustativas, de qualquer modo, então, que diferença faz? — murmurei para Jemmy, que se remexeu e estalou os lábios em seu sono, contraindo o rosto numa cara feia.

Procurei por toda parte, mas não havia sinal do pequeno barril de uísque nem em seu lugar habitual atrás das sacas de cevada, nem dentro da pilha de lenha. Talvez tivesse sido levado para ser reabastecido, talvez roubado. Não era nada importante, de qualquer

forma.

Virei-me para o norte, depois da eira de maltagem, dei dez passos e me virei para a direita. A rocha da montanha projetava-se dali, um sólido bloco de granito lançando-se para cima do meio de um grupo de tupelos e cefalantos. Só que não era sólido. Duas placas de pedra apoiadas uma na outra, a fenda aberta sob elas escondida entre azevinhos. Puxei meu xale sobre o rosto de Jemmy para protegê-lo das folhas de bordas cortantes e passei com cuidado por trás deles, agachando-me para atravessar a fenda.

A face da rocha estendia-se para baixo num amontoado de enormes blocos de pedra arredondados, do outro lado da fenda, com mudas de plantas e mato brotando teimosamente das rachas entre as pedras. De baixo, parecia intransponível, mas, de cima, uma leve trilha era visível, serpenteando para baixo até uma pequena clareira. Mal podia ser considerada uma clareira; não passava de uma lacuna entre as árvores, onde uma nascente límpida borbulhava da rocha e desaparecia novamente para dentro da terra. No verão, era invisível, mesmo de cima, encoberta pela folhagem das árvores ao redor.

Agora, nas vésperas do inverno, o brilho branco da rocha junto à fonte era facilmente visível através da cortina desfolhada de amieiros e sorveiras. Jamie encontrara uma pedra grande e clara e a rolara para a cabeceira da fonte, onde ele raspou a forma de uma cruz e fez uma prece, consagrando a fonte para nosso uso. Na ocasião, pensei em fazer uma piada equacionando uísque com água benta — pensando no padre Kenneth e seus batismos, — mas me contive, pensando melhor; não tinha tanta certeza de que Jamie acharia graça na piada.

Avancei cautelosamente pelo declive, a trilha quase invisível conduzindo-me pelo meio das grandes pedras e finalmente dando a volta num afloramento de rocha, antes de desembocar na clareira da fonte. Eu estava acalorada com a descida, mas o frio era suficiente para deixar meus dedos dormentes onde eu segurava as pontas do xale. E Jamie estava parado na beira da fonte com nada além de sua camisa.

Estanquei subitamente, escondida por um amontoado de arbustos perenes.

Não foi seu estado de seminudez que me fez parar, mas algo em sua expressão. Ele parecia cansado, mas isso era bastante justificável, já que se levantara e partira tão cedo.

As calças esfarrapadas que ele usava para cavalgar estavam amontoadas no chão, o cinto e seus apetrechos, cuidadosamente enrolados ao seu lado. Meus olhos captaram uma mancha de cor escura, semioculta na relva mais à frente; o tecido azul e marrom de

seu kilt de caça. Enquanto eu observava, ele tirou a camisa pela cabeça e atirou-a para o lado, depois se ajoelhou, despido, junto à nascente e jogou água nos braços e no rosto.

Suas roupas tinham alguns riscos de lama da cavalgada, mas ele não estava sujo, de maneira alguma. Lavar o rosto e as mãos teria sido suficiente, pensei — e poderia ter sido feito com muito mais conforto junto à lareira da cozinha.

Ele levantou-se e, pegando um pequeno balde da beira da fonte, encheu-o com a água gelada e despejou-a deliberadamente sobre si mesmo, fechando os olhos e cerrando os dentes conforme a água escorria pelo peito e pelas pernas. Pude ver seus testículos contraírem-se contra seu corpo, buscando abrigo conforme a água gelada fluía pela moita castanho-avermelhada de seus pelos púbicos e pingava de seu pênis.

— Seu avô ficou completamente maluco — sussurrei para Jemmy, que se remexeu e fez uma careta em seu sono, mas não deu a menor atenção a idiossincrasias ancestrais.

Eu sabia que Jamie não era inteiramente imune ao frio; podia vê-lo arfar e estremecer de onde eu estava, ao abrigo da rocha, e estremeci em solidariedade. Como um bom escocês nascido e criado nas Highlands, ele simplesmente não considerava frio, fome ou desconforto de um modo geral como algo ao qual dar importância. Mesmo assim, isso parecia levar a limpeza ao extremo.

Ele respirou fundo, arfante, e despejou água sobre o corpo uma segunda vez. Quando se abaixou para encher o balde novamente, comecei a compreender o que ele estava fazendo.

Um cirurgião se lava minuciosamente antes de uma operação em função da limpeza, é claro, mas não só por isso. O ritual de lavar as mãos com sabão, esfregar as unhas, friccionar a pele, inúmeras vezes, a ponto de sentir dor, é tanto uma atividade mental quanto física. O ato de se lavar desta maneira obsessiva serve para concentrar-se mentalmente e preparar o espírito; assim, lavam-se todas as preocupações exteriores, descartam-se todas as distrações insignificantes, da mesma forma como se eliminam germes e pele morta.

Eu já fizera isso inúmeras vezes e podia reconhecer este ritual particular quando o via. Jamie não estava apenas tomando um banho; ele estava se purificando, usando a água fria não só como solvente, mas como forma de penitência. Ele estava se preparando para alguma coisa e a ideia fez um calafrio percorrer minha própria espinha, gelado como a água da fonte.

De fato, após o terceiro balde de água, ele colocou-o no chão e

sacudiu-se, gotículas voando das pontas molhadas de seus cabelos como uma pancada de chuva sobre a relva seca. Ainda parcialmente molhado, ele enfiou a camisa pela cabeça outra vez e virou-se para oeste, onde o sol descia entre as montanhas. Ficou imóvel por um instante — completamente imóvel.

A luz filtrava-se pelas árvores nuas, o suficiente para que, de onde eu estava, pudesse vê-lo apenas em silhueta agora, a luz brilhando através do linho úmido de sua camisa, a escuridão de seu corpo uma sombra dentro dela. Ele permaneceu imóvel com a cabeça erguida, os ombros retos, um homem ouvindo atentamente.

Ouvindo o quê? Tentei prender minha própria respiração e pressionei delicadamente a cabecinha coberta do bebê mais junto do meu ombro, para que ele não acordasse. Fiquei ouvindo também.

Eu podia ouvir o som da floresta, um suspiro suave e constante de galhos e agulhas de pinheiros. Havia pouco vento e eu podia ouvir o barulho da fonte próxima, água correndo em surdina entre pedras e raízes. Ouvi com absoluta clareza os batimentos do meu coração e a respiração de Jemmy contra o meu pescoço e, de repente, eu tive medo, como se os sons fossem altos demais, como se pudessem atrair a atenção de algo perigoso para nós.

Fiquei paralisada, absolutamente imóvel, tentando não respirar e, como um coelho sob um arbusto, me tornar parte da vegetação ao meu redor. O coração de Jemmy pulsava em azul, uma frágil veia em sua têmpora, e eu inclinei minha cabeça sobre a dele, para escondê-la.

Jamie disse algo em voz alta, em gaélico. Soou como um desafio — ou talvez uma saudação. As palavras me pareciam vagamente familiares — mas não havia ninguém lá; a clareira estava vazia. O ar pareceu repentinamente mais frio, como se a luz tivesse esmaecido; uma nuvem passando na frente do sol, pensei, e ergui os olhos — mas não havia nenhuma nuvem; o céu estava limpo. Jemmy moveu-se repentinamente nos meus braços, assustado, e eu o aconcheguei ainda mais contra mim, desejando que ele não fizesse nenhum barulho.

Então o ar se agitou, o frio se dissipou e minha apreensão passou. Jamie não havia se movido. Agora a tensão abandonou seu corpo, e seus ombros relaxaram. Ele moveu-se apenas um pouco; o sol poente iluminou sua camisa numa auréola dourada e incendiou seus cabelos numa repentina explosão luminosa.

Ele pegou sua adaga da bainha descartada e, sem hesitação, passou a ponta sobre os dedos da mão direita. Pude ver a fina linha escura atravessando as pontas dos dedos e mordi os lábios. Ele esperou um instante para o sangue afluir, depois sacudiu a mão com um movimento súbito do pulso, de modo que as gotículas de sangue

voaram de seus dedos e bateram na pedra vertical na cabeceira do pequeno lago da fonte.

Ele colocou a adaga sob a pedra e fez o sinal da cruz com os dedos sujos de sangue da mão direita. Em seguida, ajoelhou-se, muito devagar, e abaixou a cabeça sobre as mãos postas.

Eu já o vira rezar, uma vez ou outra, é claro, mas sempre em público, ou ao menos com o conhecimento de que eu estava lá. Agora ele obviamente se considerava sozinho, e vê-lo assim, ajoelhado, sujo de sangue, a alma entregue, me fez sentir que eu estava espionando um ato mais particular do que qualquer intimidade física. Eu teria me movido ou dito alguma coisa, mas interromper parecia uma espécie de profanação. Permaneci em silêncio, mas vi que eu já não era uma espectadora; minha própria mente havia se voltado para a oração por vontade própria.

Oh, Senhor, as palavras se formavam em minha mente, sem uma intenção consciente, entrego em Vossas mãos a alma de Vosso servo James. Ajudai-o, por favor. E turvamente pensei: mas ajudá-lo em quê?

Em seguida, ele se persignou e se levantou, e o tempo recomeçou a passar, sem que eu tivesse notado que ele havia parado. Eu descia a encosta em direção a ele, o capim roçando em minha saia, sem me lembrar de ter dado o primeiro passo. Não me lembro de vê-lo subir, mas Jamie caminhava em minha direção, sem parecer surpreso, mas seu rosto iluminou-se ao nos ver.

— Mo chridhe — ele disse brandamente, sorrindo, e inclinou-se para me beijar. Senti a aspereza da barba espetada e a pele ainda fria da água.

— É melhor vestir as suas calças — eu disse. — Você vai congelar.

— Vou vestir. Ciamar a tha thu, an gille ruaidh?

Para minha surpresa, Jemmy estava acordado e babando, os olhos azuis arregalados num rostinho rosado, todo vestígio de mau-humor desaparecido sem deixar vestígios. Ele inclinou-se para frente, jogando-se para Jamie, que o levantou delicadamente dos meus braços e aconchegou-o junto ao ombro, abaixando frouxamente o capuz de lã sobre suas orelhas.

— Um dentinho está despontando — eu disse a Jamie. — Ele estava muito inquieto, devia estar incomodando demais, então eu pensei que um pouco de uísque nas gengivas... não havia nenhum em casa.

— Oh, sim. Podemos resolver isso, eu acho. Tenho um pouco no meu frasco. — Levando o bebê para o lugar onde estavam suas roupas,

ele inclinou-se e remexeu com uma das mãos, surgindo com o frasco amassado que carregava no cinto.

Sentou-se na rocha, balançando Jemmy no joelho, e me entregou o frasco para eu abrir.

— Fui à casa de moagem — eu disse, tirando a rolha com um pop suave, — mas o barril de uísque havia sumido.

— Sim, está com Fergus. Deixe que eu faço isso; minhas mãos estão limpas. — Estendeu o indicador esquerdo e eu pinguei um pouco da bebida sobre ele.

— O que Fergus está fazendo com ele? — perguntei, acomodando-me a seu lado na pedra.

— Guardando — ele disse laconicamente. Enfiou o dedo na boca de Jemmy, delicadamente esfregando a gengiva inchada. — Oh, aqui está ele. Sim, isso dói um pouco, não é? Ai! — Ele levou a mão ao peito e cuidadosamente desembaraçou os dedos de Jemmy, agarrados aos pelos de seu peito.

— Por falar nisso... — eu disse e peguei sua mão direita. Ajeitando o outro braço para continuar segurando Jemmy, ele deixou que eu segurasse sua mão e virasse os dedos para cima.

Era um corte bem superficial, atravessando as pontas dos três primeiros dedos — os dedos com os quais ele se benzera. O sangue já havia coagulado, mas pinguei um pouco mais de uísque sobre os cortes e limpei as manchas de sangue da palma de sua mão com meu lenço.

Ele deixou que eu cuidasse dele em silêncio, mas, quando terminei e ergui o olhar para ele, fitou-me nos olhos com um leve sorriso.

— Está tudo bem, Sassenach — ele disse.

— Está? — eu disse; examinei seu rosto; ele parecia cansado, mas tranquilo. A leve ruga que eu vira entre suas sobrancelhas nos últimos dias havia desaparecido. O que quer que pretendesse fazer, ele havia começado.

— Você viu, então? — ele perguntou serenamente, lendo meu próprio rosto.

— Sim. E... tem a ver com a cruz no pátio, não é?

— Oh, de certa forma, eu creio.

— Para que é? — perguntei sem rodeios.

Ele contraiu os lábios, esfregando delicadamente a gengiva de Jemmy. Finalmente disse:

— Você nunca viu Dougal Mackenzie convocar o clã, viu?

Fiquei mais do que espantada diante disso, mas respondi

cautelosamente:

— Não. Vi Colum fazer isso uma vez... no juramento em Leoch.

Ele balançou a cabeça, a lembrança daquela longínqua noite de tochas vívida em seus olhos.

— Sim — disse suavemente. — Eu me lembro. Colum era o chefe e os homens iam quando ele os convocava, sem dúvida. Mas era Dougal quem os conduzia na guerra.

Parou por um instante, reunindo seus pensamentos.

— Havia incursões, de vez em quando. Isso era diferente, não mais do que um capricho de Dougal ou Rupert, talvez uma necessidade nascida da bebida ou do tédio, um pequeno bando querendo diversão, tanto quanto gado ou cereais. Mas reunir o clã para a guerra, todos os guerreiros, isso era raro. Eu mesmo só vi isso uma vez, mas não é algo que se possa esquecer.

A cruz de pinho estava lá quando ele acordou um dia no castelo, surpreendendo-o quando ele atravessou o pátio. Os habitantes de Leoch estavam por lá, cuidando de seus afazeres como de costume, mas ninguém olhava para a cruz ou se referia a ela de nenhum modo. Mesmo assim, havia correntes subterrâneas de agitação percorrendo o castelo.

Os homens permaneciam em pequenos grupos aqui e ali, falando em voz baixa, mas, quando ele se juntava a um grupo, a conversa mudava imediatamente para algum assunto sem propósito.

— Eu era sobrinho de Colum, sabe, mas recém-chegado ao castelo, e eles conheciam meu pai e meu avô. — O avô paterno de Jamie fora Simon, lorde Lovat, chefe dos Fraser de Lovat, que não eram grandes amigos dos Mackenzie de Leoch.

— Eu não sabia o que estava acontecendo, mas alguma coisa estava; os pelos dos meus braços se eriçavam sempre que meus olhos se encontravam com os de alguém. — Finalmente ele se dirigiu ao estábulo e encontrou o Velho Alec, o estribeiro-mor de Leoch. O Velho Alec fora apaixonado por Eilen Mackenzie e era gentil com o filho por causa da mãe e por ele mesmo.

— É a cruz de fogo, rapaz, — ele dissera a Jamie, atirando-lhe uma escova para cavalos e sacudindo a cabeça na direção das baías. — Nunca viu uma antes?

Era um costume antigo, ele dissera, seguido por centenas de anos, ninguém sabia ao certo quando começara, quem havia feito isso pela primeira vez, nem por quê.

— Quando um chefe de clã das Highlands convoca seus homens para a guerra, — o velho dissera, correndo a mão nodosa habilmente

por uma crina embaraçada, — ele manda erguer uma cruz e ateia fogo. É apagada imediatamente, sabe, com sangue ou com água — mas ainda assim é chamada "cruz de fogo" e é levada pelos vales e desfiladeiros, um sinal aos homens do clã para pegarem suas armas e partirem para o local de encontro, preparados para a guerra.

— Ah, é? — Jamie dissera, sentindo a empolgação causar um buraco em sua barriga. — E contra quem vamos lutar, então? E para onde nós temos que ir?

A fronte grisalha do Velho Alec se enrugara numa divertida aprovação do "nós" que ele usara.

— Você segue o chefe para onde ele for, rapaz. Mas, esta noite, estamos indo enfrentar os Grant.

— E estávamos mesmo — Jamie me disse. — Mas não naquela noite. Quando escureceu, Dougal acendeu a cruz e convocou o clã. Ele respingou sangue de carneiro na madeira em chamas, depois dois homens a cavalo saíram do pátio com a "cruz de fogo" para levá-la através das montanhas.

Quatro dias mais tarde, havia trezentos homens naquele pátio, armados com espadas, pistolas e adagas, e, na aurora do quinto dia, partimos para guerrear contra os Grant.

Seu dedo ainda estava na boca do bebê, os olhos distantes enquanto ele rememorava.

— Foi a primeira vez que usei minha espada contra outro homem — ele disse. — Lembro-me bem.

— Imagino que sim — murmurei. Jemmy começava a contorcer-se e resmungar outra vez; peguei-o e o coloquei no meu próprio colo para examinar. De fato, sua fralda estava molhada. Felizmente, eu tinha outra, enfiada no meu cinto por precaução. Deitei-o sobre meus joelhos para trocar a fralda.

— Então essa cruz no nosso pátio... — eu disse delicadamente, os olhos no meu trabalho. — Tem a ver com a milícia, não é?

Jamie suspirou e eu pude ver as sombras da lembrança movendo-se por trás de seus olhos.

— Sim — ele disse. — Houve uma época em que eu poderia chamar e os homens viriam sem questionar... porque eles eram meus. Homens do meu sangue, homens da minha terra.

Seus olhos estavam velados, olhando para a encosta da montanha que se erguia diante de nós. Mas creio que ele não via os cumes cobertos de florestas do interior da Carolina; em vez disso, via as montanhas áridas e os terrenos rochosos de Lallybroch. Coloquei a mão livre em seu pulso; a pele estava fria, mas eu podia sentir seu

calor, logo abaixo da superfície, como uma febre crescente.

— Eles iam por você, mas você ia por eles, Jamie. Você foi para Culloden por eles. Você os levou lá... e você os levou de volta para casa.

Irônico, pensei, que os homens que foram servir naquela época atendendo ao seu chamado ainda estivessem, em sua grande maioria, a salvo na Escócia. Nenhum lugar das Highlands permanecera intocado pela guerra, mas Lallybroch e seu povo estavam em sua maior parte ainda de pé — por causa de Jamie.

— Sim, é verdade. — Ele se virou para mim e um sorriso melancólico aflorou ao seu rosto. Sua mão apertou a minha por um instante, depois relaxou, e a ruga entre os olhos aprofundou-se outra vez. Abanou a mão na direção das montanhas ao nosso redor.

— Mas esses homens... não há nenhuma dívida de sangue entre mim e eles. Não são Fraser; não nasci senhor de terras, nem chefe deles. Se vierem lutar ao meu chamado, será por vontade própria.

— Bem, sua — eu disse secamente — e do governador Tryon.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, isso não. O governador saberá quais homens estão aqui e quais vão atender a seu chamado? — Riu levemente. — Ele conhece a mim... e isso lhe basta.

Eu tinha que admitir a verdade dessa afirmação. Tryon nem sabia, nem se importava em saber quem Jamie levaria com ele — apenas que ele comparecesse, levando um número satisfatório de homens, prontos para fazerem o trabalho sujo do governador.

Refleti sobre isso por um instante, delicadamente secando o traseiro de Jemmy com a barra da minha saia. Tudo que eu sabia da Revolução Americana era o que tinha ouvido em segunda mão dos livros escolares de Brianna

— e eu, melhor do que qualquer outra pessoa, sabia o quanto pode ser grande a lacuna entre a história escrita e a realidade.

Além disso, tínhamos vivido em Boston e os livros escolares naturalmente refletiam a história local. A impressão geral que se obtinha ao ler sobre Lexington e Concord e outros era que as milícias envolviam todo homem fisicamente capaz da comunidade, todos os quais entravam em ação ao primeiro sinal de alarme, ansiosos para cumprir com seu dever cívico. Talvez sim, talvez não — mas o interior da Carolina não era Boston, nem de longe.

— ...prontos para partir e espalhar o aviso — eu disse à meia-voz — a todo vilarejo e fazenda de Middlesex.

— O quê? — As sobrancelhas de Jamie ergueram-se de repente. —

Onde fica Middlesex?

— Bem, seria de pensar que ficasse entre homem e mulher — eu disse, — mas, na verdade, é apenas uma região de Boston. Embora, é claro, tenha recebido esse nome de outra região na Inglaterra.

— É mesmo? — ele disse, parecendo confuso. — Sim, se é você quem diz, Sassenach. Mas...

— Milícias. — Ergui Jemmy, que esperneava e se contorcia como um peixe tirado da água, fazendo ruídos de extremo protesto por ter sido forçado a trocar a fralda. Ele me chutou no estômago. — Oh, por favor, menino, fique quieto.

Jamie inclinou-se e pegou o bebê por baixo dos braços, içando-o do meu colo.

— Deixe-me segurá-lo. Ele precisa de mais uísque?

— Não sei, mas ao menos ele não pode berrar com o seu dedo na boca.

— Entreguei Jemmy com certo alívio, retornando ao meu fio de pensamento.

— Boston já está colonizada há mais de cem anos, mesmo agora — eu disse. — Possui vilas e fazendas, e as fazendas nem ficam muito distantes das vilas. As pessoas moram lá há muito tempo, todas se conhecem.

Jamie balançava a cabeça pacientemente a cada uma dessas surpreendentes revelações, achando que por fim eu chegaria a algum ponto. O que eu fiz, apenas para descobrir que era o mesmo ponto que ele defendia para mim.

— Então quando alguém forma milícias lá — eu disse, repentinamente percebendo o que ele vinha me dizendo o tempo todo, — eles vêm porque estão acostumados a lutar unidos para defender suas cidades e porque ninguém iria querer ser considerado um covarde por seus vizinhos. Mas aqui... — Mordi o lábio, contemplando as altas montanhas à nossa volta.

— Sim — ele disse, balançando a cabeça, vendo a compreensão por fim tomar conta do meu rosto. — É diferente aqui.

Não havia nenhum assentamento grande o suficiente para ser considerado uma cidade em cento e cinquenta quilômetros, a não ser o dos luteranos alemães em Salem. Fora isso, não havia nada no interior, salvo alguns sítios espalhados; às vezes um lugar onde uma família havia se fixado e se expandido, irmãos ou primos construindo casas a curta distância umas das outras. Pequenos assentamentos e casas distantes, algumas escondidas nas depressões das montanhas, ocultas por cortinas de loureiros, onde os residentes poderiam não ver

outro rosto branco durante meses — ou anos — de cada vez.

O sol desaparecera por trás do declive íngreme da montanha, mas a luz ainda se demorava, uma leve aquarela de cor que tingia de ouro as árvores e pedras ao nosso redor e inundava os picos distantes de azul e violeta. Havia criaturas vivas na paisagem fria e brilhante, eu sabia, habitações próximas e corpos quentes se movendo; mas, até onde a vista podia alcançar, nada se movia.

Colonos das montanhas eram capazes de ir ajudar um vizinho sem maiores indagações — porque eles próprios poderiam precisar da ajuda dos outros a qualquer momento. Não havia, afinal de contas, ninguém mais a quem recorrer.

Mas nunca haviam lutado por um objetivo comum, nada tinham em comum para defender. E abandonar suas granjas e deixar suas famílias sem defesa, a fim de servir ao capricho de um distante governador? Uma vaga noção de dever poderia compelir alguns poucos; alguns iriam por curiosidade, para fugir da monotonia ou na vaga esperança de obter algum ganho. Mas a maioria só iria se convocada por um homem que respeitavam; um homem em quem confiavam.

Não nasci senhor de terras, nem chefe deles, ele dissera. Não para eles, não — mas nascido para isso, ainda assim. Ele poderia, se quisesse, transformar-se em chefe.

— Por quê? — perguntei suavemente. — Por que vai fazer isso? — As sombras erguiam-se das rochas, lentamente sufocando a luz.

— Não vê? — Uma de suas sobranceiras ergueu-se quando ele se virou para mim. — Você me disse o que iria acontecer em Culloden, e eu acreditei em você, Sassenach, terrível como foi. Os homens de Lallybroch voltaram para casa tanto por sua causa quanto pela minha.

Isso não era inteiramente verdade; qualquer homem que tivesse marchado para Nairn com o exército das Highlands sabia que o desastre os aguardava em algum lugar à frente. Ainda assim... eu realmente pude ajudar de alguma forma, fazer com que Lallybroch se preparasse, não só para a guerra, mas para o que viria depois. O pequeno peso de culpa que sempre sentia quando pensava no Levante desfez-se ligeiramente, deixando meu coração mais leve.

— Bem, talvez. Mas o que...

— Você me disse o que vai acontecer aqui, Sassenach. Você, Brianna e o Mackenzie, todos os três. Rebelião e guerra. E desta vez... vitória.

Vitória. Balancei a cabeça, entorpecida, lembrando-me do que eu sabia de guerras e do preço da vitória. Era, no entanto, melhor do que

a derrota.

— Muito bem, então. — Ele inclinou-se para pegar sua adaga e gesticulou com ela para as montanhas à nossa volta. — Eu fiz um juramento à Coroa; se eu o quebrar em tempos de guerra, serei um traidor. Minhas terras são uma concessão — e minha vida, — e aqueles que me seguirem compartilharão minha sina. Verdade?

— Verdade. — Engoli em seco, passando os braços ao meu redor com força, desejando ainda estar segurando Jemmy. Jamie virou-se para me encarar, os olhos duros e frios.

— Mas a Coroa não vencerá desta vez. Você me disse. E, se o rei for deposto... o que acontece com meu juramento? Se eu o tiver mantido, então serei um traidor para a causa rebelde.

— Oh — exclamei com firmeza.

— Está vendo? Em algum momento Tryon e o rei perderão seu poder sobre mim... mas eu não sei quando isso acontecerá. Em algum momento, os rebeldes tomarão o poder... mas eu não sei quando isso acontecerá. E, em meio a isso... — Virou a ponta da adaga para baixo.

— Compreendo. Entre a cruz e a caldeirinha — eu disse, sentindo-me oca ao perceber o quanto nossa situação era precária.

Seguir as ordens de Tryon agora era obviamente a única escolha. Mais tarde, entretanto... se Jamie continuasse como um homem do governador até os primeiros estágios da revolução, estaria se declarando um legalista, o que seria fatal, com o decorrer do tempo. A curto prazo, entretanto, romper com Tryon, renegar seu juramento ao rei e se declarar a favor dos rebeldes... isso lhe custaria suas terras e provavelmente sua vida.

Ele deu de ombros com um trejeito irônico da boca e sentou-se um pouco para trás, ajeitando Jemmy em seu colo.

— Bem, não que eu já não tenha tido que caminhar entre dois fogos antes, Sassenach. Posso sair disso meio chamuscado nas bordas, mas acho que não vou virar churrasco. — Resfolegou de leve, como se estivesse achando graça. — Está no meu sangue, não?

Consegui dar uma risada curta.

— Se está pensando no seu avô — eu disse, — admito que ele era bom nisso. Mas o feitiço virou contra o feiticeiro no fim, não foi?

Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, ambigualmente.

— Sim, talvez. Mas você não acha que as coisas aconteceram talvez como ele desejava?

O falecido lorde Lovat fora famoso pela maneira tortuosa de pensar, mas eu não podia ver qual o benefício de planejar ter a cabeça

decepada e disse isso.

Jamie sorriu, apesar da seriedade da discussão.

— Bem, talvez a decapitação não fosse exatamente o que ele havia planejado, mas mesmo assim... Você viu o que ele fez; ele enviou o Jovem Simon para a guerra e ele ficou em casa. Mas qual dos dois pagou o preço em Tower Hill?

Balancei a cabeça devagar, começando a compreender seu ponto de vista. O Jovem Simon, que na verdade tinha aproximadamente a idade de Jamie, não sofrera fisicamente por sua participação no Levante, apesar de visível como fora. Não foi aprisionado, nem exilado, como muitos dos jacobitas, e, embora tivesse perdido a maior parte de suas terras, na verdade, recuperara uma boa parte de sua propriedade desde então, por meio de constantes e tenazes processos judiciais contra a Coroa.

— E o Velho Simon poderia ter culpado o filho, e o Jovem Simon terminaria no cadafalso, mas ele não o fez. Bem, imagino que mesmo uma víbora velha como essa hesitaria em colocar o próprio filho e herdeiro sob um machado.

Jamie balançou a cabeça.

— Você deixaria alguém decapitá-la, Sassenach, se fosse uma escolha entre você e Brianna?

— Sim — eu disse sem hesitação. Eu relutava em admitir que o Velho Simon pudesse ter possuído uma virtude como o sentimento de família, mas imagino que mesmo víboras tenham alguma preocupação com o bem-estar de seus filhos.

Jemmy havia abandonado o dedo oferecido por seu avô em favor da adaga e mastigava furiosamente o cabo. Jamie envolveu a lâmina com a mão, segurando-a com firmeza longe da criança, mas não fez nenhum esforço para tirá-la dali.

— Eu também — Jamie disse, sorrindo ligeiramente. — Embora eu espere que não chegue a esse ponto.

— Não creio que nenhum dos dois exércitos estava... estará... inclinado a decapitar pessoas — eu disse. Isso, é claro, deixava inúmeras outras opções desagradáveis disponíveis, mas Jamie sabia disso tão bem quanto eu.

Tive uma vontade repentina e ardente de instá-lo a jogar tudo para o alto, afastar-se de tudo aquilo. Dizer a Tryon para ficar com suas terras, dizer aos colonos que deviam seguir seu próprio caminho — abandonar a Ridge e fugir. A guerra se aproximava, mas não precisava obrigatoriamente nos engolfar; não desta vez. Podíamos ir para o sul, para a Flórida, ou para as Antilhas. Para oeste, nos refugiarmos com

os cherokee. Ou até mesmo de volta para a Escócia. As Colônias iriam se revoltar, mas havia lugares para onde se poderia ir.

Ele observava meu rosto.

— Isso — ele disse, um gesto descartando Tryon, a milícia, os Reguladores, — isso são coisas muito pequenas. Sassenach, talvez nada em si mesmas. Mas são o começo, eu acho.

A luz começava a desaparecer agora; a sombra cobria seus pés e pernas, mas o restante da luz do sol lançava seu próprio rosto em forte relevo. Havia uma mancha de sangue em sua testa, onde ele a tocara, ao fazer o sinal da cruz. Eu deveria tê-la limpado, eu pensei, mas não fiz nenhum movimento para isso.

— Se devo salvar esses homens, se eles me acompanharem entre os dois fogos... então terão que me seguir incondicionalmente, Sassenach. É melhor começar agora, enquanto não há tanto em jogo.

— Eu sei — eu disse, estremecendo.

— Está com frio, Sassenach? Tome, pegue o bebê e vá para casa. Irei em seguida, assim que acabar de me vestir.

Entregou-me Jemmy e a adaga, já que os dois pareciam momentaneamente inseparáveis, e levantou-se. Pegou seu kilt e sacudi-o, mas eu não me movi. A lâmina da adaga estava quente onde eu a segurava, quente da mão dele.

Ele olhou para mim interrogativamente, mas eu sacudi a cabeça.

— Nós vamos esperá-lo.

Ele vestiu-se rapidamente, mas com cuidado. Apesar de minhas apreensões, eu tinha que admirar a delicadeza de seus instintos. Não era seu kilt de festa, em carmesim e preto, mas o kilt de caça. Nenhum esforço para impressionar os homens das montanhas com riqueza; mas uma peculiaridade no vestir suficiente para deixar claro para os outros escoceses das Highlands que ele era um deles, para atrair a atenção e o interesse dos alemães. Xale preso com o broche do cervo correndo, o cinto e a bainha, meias limpas de lã. Ele estava quieto, absorto no que fazia, vestindo-se com a calma precisão que fazia lembrar de maneira desconcertante o modo de um sacerdote se vestir com seus paramentos.

Seria esta noite, então. Roger e o resto haviam obviamente partido para convocar os homens que viviam num raio de um dia de viagem; esta noite ele iria acender sua cruz e chamar os primeiros de seus homens — e selar o acordo com uísque.

— Então Bri tinha razão — eu disse, para quebrar o silêncio na clareira. — Ela disse que talvez você estivesse dando início à sua própria religião. Quando ela viu a cruz, quero dizer.

Ele olhou para mim, espantado. Olhou na direção de onde estava a casa, depois sua boca curvou-se ironicamente.

— Imagino que sim — ele disse. — Que Deus me ajude.

Tirou gentilmente a adaga de Jemmy, limpou-a numa prega do xale e enfiou-a na bainha. Estava pronto.

Levantei-me para segui-lo. As palavras que eu não conseguia dizer — não diria — formavam um bolo de enguias na minha garganta. Com medo de que uma delas se livrasse e escapasse pela minha boca, eu disse, em vez disso: — Agora há pouco, era a Deus que você estava invocando para ajudá-lo?

— Oh, não — ele disse. Desviou o olhar por um instante, depois me fitou diretamente nos olhos com uma expressão estranha e repentina. — Eu estava invocando Dougal Mackenzie.

Senti uma profunda e repentina sensação de desfalecimento me percorrer. Dougal estava morto havia muito tempo; morrera nos braços de Jamie na véspera de Culloden — morrera com a adaga de Jamie na garganta. Engoli em seco, e meus olhos moveram-se involuntariamente para a faca em seu cinto.

— Já fiz as pazes com Dougal há muito tempo — ele disse suavemente, vendo a direção do meu olhar. Tocou o cabo da adaga, com sua protuberância de ouro, que um dia pertencera a Hector Cameron. — Dougal era um líder de clã. Ele sabe que eu fiz na ocasião o que eu tinha que fazer — pelos meus homens, por você — e que agora o farei de novo.

Compreendi então o que ele havia dito, de pé, ereto, fitando o oeste — a direção em que as almas dos mortos voam para casa. Não fora nem uma oração, nem uma súplica. Eu conhecia as palavras — embora muitos anos já tivessem transcorrido desde que eu as ouvira. Ele gritara "Tulach Ard!" — o grito de guerra do clã Mackenzie.

Engoli com força.

— E ele vai... ajudá-lo, você acha?

Ele balançou a cabeça, sério.

— Se puder — ele disse. — Nós lutamos muitas vezes juntos, eu e Dougal; um protegendo as costas do outro. E afinal, Sassenach, sangue é sangue.

Balancei a cabeça também, mecanicamente, e levantei Jemmy, colocando-o contra meu ombro. O céu havia desbotado para um branco de inverno e a clareira enchera-se de sombra. A pedra na cabeceira da fonte destacava-se, uma forma pálida espectral acima da água negra.

— Vamos — eu disse. — Já é quase noite.

O BARDO

Já estava escuro quando Roger finalmente chegou à sua própria porta, mas as janelas brilhavam acolhedoramente e faíscas saltavam da chaminé, numa promessa de calor e comida. Ele estava cansado, enregelado e faminto e sentiu um profundo e agradecido apreço por sua casa — substancialmente aguçado por saber que a deixaria no dia seguinte.

— Brianna? — Ele entrou, estreitando os olhos na luz turva, procurando sua mulher.

— Até que enfim! Está tão atrasado! Por onde andou? — Ela saiu de repente do pequeno quarto dos fundos, o bebê equilibrado no quadril e uma pilha de tecido de tartã agarrado junto ao peito. Inclinou-se para beijá-lo rapidamente, deixando-o com um gosto tentador de geleia de ameixa.

— Subi e desci morros nas últimas dez horas — ele disse, pegando o tartã de sua mão e atirando-o na cama. Procurando uma família mítica de holandeses. Venha cá e me beije direito, sim?

Ela obedientemente enlaçou-o pela cintura com o braço livre e deu-lhe um longo beijo perfumado de ameixa que o fez pensar que, apesar de faminto como estava, o jantar poderia talvez esperar um pouco. O bebê, no entanto, tinha outras ideias e iniciou um estridente berreiro que fez Brianna afastar-se apressadamente, fazendo uma careta diante da gritaria.

— Ainda os dentes? — Roger perguntou, observando o rostinho vermelho e inchado da criança, coberto com uma brilhante camada de muco, saliva e lágrimas.

— Como adivinhou? — ela disse sarcasticamente. — Tome, pode segurá-lo só por um instante? — Ela empurrou Jemmy, ainda se debatendo, nos braços do pai e puxou seu corpete, o linho verde amarrotado e úmido e marcado com manchas pálidas do leite extravasado. Um de seus seios surgiu à vista e ela estendeu os braços para Jemmy, sentando-se com ele na cadeira de amamentar, junto ao fogo.

— Ele ficou irritado o dia inteiro — ela disse, sacudindo a cabeça enquanto o bebê contorcia-se e lamuriava-se, estapeando a fonte de alimento que lhe era oferecida com a mãozinha impaciente. — Não

consegue mamar por mais do que alguns minutos e, quando o faz, cospe tudo de novo. Resmunga quando o pego no colo, mas berra quando o coloco no berço. — Ela passou a mão, exausta, pelos cabelos. — Sinto-me como se tivesse passado o dia lutando contra jacarés.

— Oh, huum. Sinto muito — Roger disse. A região lombar de suas costas doía e ele massageou-a, tentando ser discreto. Apontou para a cama com o queixo. — Ah... para que o tartã?

— Oh, eu me esqueci, é para você. — Com a atenção momentaneamente desviada da criança inquieta, ela ergueu os olhos para Roger, observando pela primeira vez seu estado deplorável. — Papai trouxe para você usar esta noite. Aliás, você está com o rosto sujo de lama... você caiu do cavalo?

— Várias vezes. — Aproximou-se do lavatório, mancando ligeiramente. Uma das mangas de seu casaco e os joelhos de suas calças estavam emplastados de lama, e ele esfregou o peito, tentando tirar partículas de folhas secas que haviam entrado pela gola de sua camisa.

— Oh? Sinto muito. Shh, shh, shh — ela murmurava para a criança, balançando-a de um lado para o outro. — Você se machucou?

— Ah, não. Está tudo bem. — Tirou o casaco e virou-se de costas, despejando a água da jarra na bacia. Jogou água fria no rosto, ouvindo os berros de Jemmy e silenciosamente calculando as chances de fazer amor com Brianna em algum momento antes de partir na manhã seguinte. Entre os dentes de Jemmy e os planos de seu sogro, as chances pareciam fracas, mas a esperança é a última que morre.

Secou o rosto com a toalha, olhando disfarçadamente ao redor em busca de algo para comer. Tanto a mesa quanto o fogo estavam vazios, embora houvesse um forte cheiro de vinagre no ar.

— Sauerkraut? — ele adivinhou, farejando acintosamente. — Os Mueller?

— Trouxeram dois grandes jarros — Brianna disse, gesticulando na direção do canto, onde um jarro de cerâmica de seis quilos escondia-se na sombra. — Aquele é nosso. Comeu alguma coisa enquanto esteve fora?

— Não. — Sua barriga roncou de maneira audível, evidentemente considerando o sauerkraut frio, se isso era tudo que havia em oferta. No entanto, provavelmente haveria comida na casa grande. Animado com esse pensamento, tirou as calças e começou a complicada tarefa de pregar o tecido de xadrez para fazer um xale preso com cinto.

Jemmy sossegara um pouco, agora não fazendo mais do que

arrulhos intermitentes de desconforto enquanto sua mãe balançava-o de um lado para o outro.

— Que história é essa de holandeses míticos? — Brianna perguntou, ainda se balançando, mas agora podendo lhe dar um minuto de atenção.

— Jamie me enviou para o nordeste, para procurar uma família de holandeses que ele ouvira dizer que se instalara perto de Boiling Creek, para contar aos homens sobre a convocação da milícia e trazê-los de volta, se eles quisessem. — Franziu o cenho para o tecido estendido na cama. Ele usara um xale como este apenas duas vezes antes e, em ambas as ocasiões, tivera ajuda para vesti-lo. — Você acha que é importante que eu vista isso? Brianna deu uma pequena risada atrás dele.

— Acho melhor você usar alguma coisa. Você não pode ir para a casa grande apenas de camisa. Então não conseguiu encontrar os holandeses?

— Nem sequer um tamanco de madeira. — Encontrara o que achava que era Boiling Creek e percorrera quilômetros de suas margens, esquivando-se — ou não — de galhos pendentes, matagais e moitas de hamamélis, mas não encontrara nem sinal de nada maior do que uma raposa que atravessara correndo à sua frente, desaparecendo no mato como uma chama repentinamente extinta.

— Talvez tenham se mudado. Foram para a Virgínia ou Pensilvânia. — Brianna falou com solidariedade. Ele tivera um dia longo e exaustivo, com fracasso no final. Não um terrível fracasso; Jamie dissera apenas "Encontre-os se puder" — e se ele de fato os tivesse encontrado, poderiam não compreender seu holandês precário, adquirido em rápidas férias em Amsterdã nos anos 1960. Ou poderiam, de qualquer forma, ter se negado a vir. Ainda assim, o pequeno fracasso incomodava-o, como uma pedra em seu sapato.

Olhou para Brianna, que abriu um largo sorriso zombeteiro.

— Tudo bem — ele disse, com resignação. — Pode rir. — Entrar num xale preso por cima não era a coisa mais digna que um homem podia fazer, considerando que o método mais eficiente era deitar-se sobre o tecido pregueado e rolar como uma salsicha enfaixada. Jamie podia fazer isso em pé, mas o sujeito tinha prática.

Seus esforços — deliberadamente exagerados — foram recompensados pela risada de Brianna, o que por sua vez pareceu exercer um efeito calmante no bebê. Quando Roger finalmente concluiu os últimos arranjos em suas pregas e dobras, tanto a mãe quanto o filho estavam afogeados, mas felizes.

Roger fez uma medida exagerada para ambos, com um amplo

floreio, e Bri bateu na própria perna num aplauso de uma só mão.

— Magnífico — ela disse, os olhos viajando com admiração pelo seu corpo. — Viu o papai? Papai está bonito! — Virou-se para Jemmy, que fitava boquiaberto a visão de glória masculina diante dele e iluminou-se num sorriso largo e lento, um filete de baba pendurado da curvinha do lábio.

Roger ainda estava faminto, dolorido e cansado, mas isso já não parecia tão importante. Ele riu e estendeu os braços para o bebê.

— Você precisa trocar de roupa? Se ele já está satisfeito e seco, eu o levarei para a casa grande, para você ter um pouco de tempo para se arrumar.

— Acha que eu preciso me arrumar? — Brianna lançou lhe um olhar austero de cima para baixo. Seus cabelos haviam se soltado em mechas e fios desgrenhados, parecia que havia semanas ela vinha dormindo com seu vestido e havia uma escura mancha de geleia na curva superior de um seio.

— Você está ótima — ele disse, inclinando-se e habilmente içando Jemmy de seu colo. — Quietinho, a bhalaich. Já ficou tempo demais com sua mãe e ela definitivamente gostaria de um tempinho longe de você. Venha comigo.

— Não se esqueça do violão! — Bri falou às suas costas quando ele se dirigia para a porta. Ele virou-se para ela, surpreso.

— O quê?

— Papai quer que você cante. Espere, ele me deu uma lista.

— Uma lista? De quê? — Até onde Roger sabia, Jamie Fraser não dava a menor atenção a música. Na verdade, até o amargurava um pouco, embora raramente admitisse, que sua maior qualidade fosse justamente algo a que Fraser não dava valor.

— Canções, é claro. — Ela franziu a testa, tentando se lembrar da lista memorizada. — Ele quer que você cante "Ho Ro!", "Birniebouzle" e "The Great Silkie". Você pode entremear essas com outras canções, ele disse, mas ele quer essas. E depois deve cantar umas canções de guerra. Não foi exatamente isso que ele disse, mas você sabe o que eu quero dizer: "Killiecrankie", "The Haughs of Cromdale" e "The Sherrifsmuir Fight". Só canções antigas; ele disse para não cantar as da Revolução de 45, exceto "Johnnie Cope". Esta ele certamente quer, porém mais para o final. E...

Roger fitava-a, desembaraçando o pé de Jemmy das pregas de seu xale.

— Eu pensei que seu pai nem soubesse os nomes das canções, quanto mais que ele tivesse preferências.

Brianna levantara-se e estendia a mão para o longo alfinete de madeira que mantinha seus cabelos presos. Tirou-o e deixou a cintilante cabeleira ruiva derramar-se em cascatas pelos seus ombros e rosto. Correu ambas as mãos pelos cabelos e levou-os para trás, sacudindo a cabeça.

— Ele não tem. Preferências, digo. Papai não tem nenhum ouvido musical. Mamãe diz que ele tem uma boa noção de ritmo, mas não sabe distinguir uma nota da outra.

— É o que eu pensava. Mas por que...

— Ele pode não ter ouvido para música, Roger, mas ele ouve. — Ela olhou para ele, passando o pente pelos cabelos embaraçados. — E ele observa. Ele sabe como as pessoas reagem e como se sentem quando o ouvem cantar essas canções.

— É mesmo? — Roger murmurou. Sentiu uma pequena centelha de prazer à ideia de que Fraser havia de fato notado o efeito de sua música, ainda que ele pessoalmente não a apreciasse. — Então... ele quer que eu os amoleça, não é? Que eu os coloque no estado de espírito certo antes que ele faça a sua parte?

— Isso mesmo. — Ela balançou a cabeça, ocupada em desamarrar os cadarços de seu colete. Livres de seu confinamento, seus seios saltaram repentinamente para a liberdade, redondos e soltos sob a musselina fina de sua combinação.

Roger remexeu-se, ajeitando as pregas do xale. Ela percebeu o leve movimento e olhou para ele. Devagar, ela ergueu as mãos, segurando os seios e erguendo-os, os olhos nos dele e um ligeiro sorriso nos lábios. Só por um instante, ele sentiu como se tivesse parado de respirar, embora seu peito continuasse a subir e descer.

Ela foi a primeira a quebrar o momento, deixando as mãos caírem e virando-se para mergulhar no baú onde guardava suas roupas de baixo.

— Você sabe exatamente o que ele pretende? — ela perguntou, a voz abafada nas profundezas do baú. — Ele já havia erguido aquela cruz quando você partiu?

— Sim, sei. — Jemmy fazia alguns barulhinhos ressentidos, como o motor de um brinquedo esforçando-se para subir uma ladeira. Roger enfiou-o debaixo de um dos braços, a mão segurando a barriguinha gorda. — É uma cruz de fogo. Sabe o que significa?

Ela emergiu do baú, uma combinação limpa nas mãos, parecendo levemente perturbada.

— Uma cruz de fogo? Você quer dizer que ele pretende queimar uma cruz no pátio?

— Bem, não a queimar até o fim, não. — Pegando seu bodhran com a mão livre e golpeando o dedo de leve no tambor para verificar se estava bem retesado, ele explicou rapidamente a tradição da cruz de fogo. — É algo extraordinário — ele concluiu, afastando o tambor do alcance da mão estendida de Jemmy. — Creio que nunca mais ocorreu nas Highlands outra vez, depois do Levante. Mas seu pai me disse que ele viu o ritual uma vez... é algo realmente especial ver isso ser feito aqui.

Animado com o entusiasmo histórico, ele não notou de imediato que Brianna parecia ligeiramente menos empolgada.

— Talvez seja — ela disse inquieta. — Não sei... isso me amedronta um pouco.

— É? — Roger olhou para ela surpreso. — Por quê?

Ela encolheu os ombros, tirando a combinação suja e amarrotada pela cabeça.

— Não sei. Talvez seja porque eu já tenha visto cruzeiros em chamas... no noticiário da TV. Você sabe, a KKK. Ou não sabe? Talvez eles não passassem coisas assim na televisão na Grã-Bretanha?

— A Ku Klux Klan? — Roger estava menos interessado em fanáticos intolerantes do que na visão dos seios nus de Brianna, mas fez um esforço para se concentrar na conversa. — Oh, sim, já ouvi falar deles. De onde você acha que eles tiraram essa ideia?

— O quê? Você quer dizer...

— Claro — ele disse animadamente. — Tiraram dos imigrantes das Highlands, de quem, aliás, descendiam. É por isso que se chamavam "Klan", entendeu? Por falar nisso — ele acrescentou, interessado, — pode ser que isto, esta noite, seja o elo. A ocasião que traz o costume do Velho Mundo para o Novo, quero dizer. Não seria incrível?

— Incrível — Brianna repetiu debilmente. Ela vestira uma nova combinação e agora sacudia um vestido limpo de linho azul, parecendo inquieta.

— Tudo começa em algum lugar, Bri — ele disse, mais delicadamente. — Na maioria das vezes, não sabemos onde, nem como; faz diferença se agora soubermos? E a Ku Klux Klan só vai surgir daqui a cem anos, no mínimo. — Ele içou Jemmy ligeiramente, balançando-o sobre um quadril. — Nós não vamos ver isso, nem mesmo o Jeremiah aqui... talvez nem mesmo o filho dele.

— Ótimo — ela disse secamente, vestindo o espartilho e começando a atar os cadarços. — Assim, nosso bisneto pode acabar sendo o Grande Dragão.

Roger riu.

— Sim, talvez. Mas esta noite é o seu pai.

BRINCANDO COM FOGO

Ele não sabia ao certo o que esperava. Algo como o espetáculo da grande fogueira na Assembleia, talvez. Os preparativos eram os mesmos, envolvendo grandes quantidades de comida e bebida. Viam-se um enorme barril de cerveja e um menor de uísque sobre pranchas na borda do pátio, e um enorme porco assado num espeto de nogueira girava lentamente acima de um leito de brasas, lançando sopros de fumaça e aromas de dar água na boca pelo frio ar da noite.

Ele sorriu para os rostos à sua frente, banhados pela luz da fogueira, brilhantes de gordura e afogueados da bebida, e começou a tocar seu bodhran. Seu estômago roncou, mas o barulho foi abafado sob o coro rouco de "Killiecrankie".

"Oh, eu encontrei o D-i-ia-bo e Dundeeeee... Nas colinas-as de Killiecrankie-O!"

Ele já teria merecido seu próprio jantar quando finalmente o conseguiu. Havia tocado e cantado por mais de uma hora e a luz subia acima de Black Mountain agora. Fez uma pausa enquanto repetiam o refrão, apenas o tempo suficiente para agarrar a caneca de cerveja sob seu banquinho e molhar a garganta, depois iniciou a estrofe seguinte com mais clareza e vigor.

"Lutei em terra, lutei no mar, Em casa lutei com minha tia, Oh! Encontrei o D-i-ia-bo e Dundeeeee... Nas colinas-as de Killiecrankie-O!"

Sorria profissionalmente enquanto cantava, olhando nos olhos de um aqui, focalizando um rosto ali, e calculava o progresso no fundo da mente. Já conseguira envolvê-los — com uma pequena ajuda da bebida oferecida, tinha que admitir — e prendê-los no que Bri chamara de "canções de guerra".

Podia sentir a cruz de pé às suas costas, quase escondida na escuridão. Mas todos tiveram a chance de vê-la; ele ouvira os murmúrios de interesse e especulação.

Jamie Fraser observava de longe, fora do círculo iluminado pela fogueira. Roger podia apenas divisar a figura alta e escura nas sombras do enorme abeto vermelho que se erguia ao lado da casa. Fraser andara perseguindo seus objetivos metodicamente durante toda a noite, parando aqui e ali para trocar cordialidades, contar uma piada, ouvir um problema ou uma história. Agora estava sozinho,

aguardando. Então estava quase na hora — para o que quer que ele pretendesse fazer.

Roger deu-lhes um momento para os aplausos e seu próprio descanso, depois cantou "Johnnie Cope", uma canção animada e engraçada.

Ele cantara essa canção na Assembleia várias vezes e sabia perfeitamente como iriam reagir. Um momento de pausa e incerteza, depois as vozes começariam a acompanhar — ao fim da segunda estrofe, já estariam cantando entusiasticamente e gritando observações grosseiras ao fundo.

Alguns daqueles homens haviam lutado em Prestonpans; mesmo derrotados em Culloden, ainda assim haviam expulsado as tropas de Johnnie Cope e adoravam a oportunidade de relembrar essa famosa vitória. E os homens das Highlands que não haviam lutado tinham ouvido falar. Os Mueller, que provavelmente nunca ouviram falar de Carlos Stuart e só entendiam uma em cada dez palavras, pareciam estar improvisando seu próprio coro em falsete ao fundo, acenando com suas canecas numa saudação regada a borrifos de cerveja a cada verso. Sim, tudo bem, desde que estivessem se divertindo.

A multidão praticamente gritava o refrão final, quase abafando sua voz.

"Hei, Johnnie Cope, você ainda está andando? E seus tambores ainda estão soando? Se você estivesse andando, eu esperaria Para ir para os campos de carvão de manhã!

Após os últimos acordes fez uma mesura, agradecendo os aplausos entusiásticos. O aquecimento estava feito; hora de o ator principal subir ao palco. Inclinando-se e sorrindo, levantou-se de seu banco e desapareceu, surgindo nas sombras próximas aos remanescentes da carcaça do enorme porco assado.

Bri estava lá à sua espera, Jemmy totalmente acordado, com olhos de coruja em seu colo. Ela inclinou-se sobre o bebê e o beijou, entregando-lhe o menino ao fazê-lo e, em troca, tomando o bodhran de suas mãos.

— Você esteve ótimo! — ela disse. — Segure-o, vou pegar comida e cerveja para você.

Jemmy em geral queria ficar com sua mãe, mas estava estupefato demais com o barulho e as chamadas saltitantes para protestar. Aconchegou-se junto ao peito de Roger, chupando o dedo com ar sério.

Roger suava do esforço, o coração batendo acelerado com a adrenalina da apresentação, e o ar longe da fogueira e da multidão

soprava frio em seu rosto afogueado. O peso do bebê enrolado em cobertas era uma boa sensação em seu peito, quente e sólido na curva do seu braço. Ele fizera um ótimo trabalho e sabia disso. Esperava que fosse o que Fraser queria.

Quando Bri reapareceu com a bebida e um prato de estanho cheio de carne de porco fatiada, bolinhos fritos de maçã e batatas assadas, Jamie já entrara no círculo de luz ao redor da fogueira, assumindo o lugar de Roger à frente da cruz.

Sua figura impressionava, alto, de ombros largos, em seu melhor casaco cinza formal, sobre o kilt de tartã em tons de azul-claro, os cabelos soltos e flamejantes sobre os ombros, com uma pequena trança de guerreiro em um dos lados, adornado com uma única pena. A luz do fogo cintilava do cabo adornado a ouro de sua adaga e do broche que prendia as dobras de seu xale. Ele parecia bastante à vontade, mas de um modo geral seus gestos eram graves, decididos. Ele dava um belo espetáculo — e sabia disso.

A multidão calou-se em poucos segundos, os homens cutucando com os cotovelos os vizinhos mais falantes para silenciá-los.

— Vocês sabem muito bem por que estamos reunidos aqui, não é? — ele perguntou, sem preâmbulos. Ergueu uma das mãos, na qual segurava a convocação amarrotada do governador, a mancha vermelha do selo oficial visível à luz bruxuleante da fogueira. Ouviu-se um murmúrio geral de concordância; a multidão ainda estava alegre, sangue e uísque correndo livremente nas veias.

— Somos compelidos pelo dever e vamos com honra servir à causa da lei... e do governador.

Roger viu o velho Gerhard Mueller inclinado para o lado para ouvir a tradução que um de seus genros murmurava em seu ouvido. Ele balançou a cabeça em aprovação e gritou:

— Ja! Lang lebe governador!

Houve uma onda de risos e gritos semelhantes ecoaram em inglês e gaélico.

Jamie sorriu, esperando o barulho diminuir. Assim que a algazarra arrefeceu, ele virou-se devagar, balançando a cabeça enquanto olhava de um rosto para o seguinte, reconhecendo cada homem. Em seguida, virou-se de lado e ergueu uma das mãos para a cruz que assomava austera e negra atrás dele.

— Nas montanhas da Escócia, quando um chefe se preparava para a guerra — ele disse, o tom de voz descontraído e natural, mas suficientemente alto para ser ouvido em todo o pátio, — ele queimava uma cruz de fogo e a enviava como um sinal pelas terras de seu clã.

Era o sinal para os homens do seu clã, para pegarem suas armas e irem para o local de encontro, preparados para a guerra.

Uma agitação percorreu a multidão, um breve acotovelamento e mais gritos de aprovação, embora esses fossem mais amortecidos. Alguns homens já haviam presenciado essa cerimônia ou, ao menos, sabiam do que ele estava falando. O resto erguia o queixo e esticava o pescoço, a boca semiaberta de interesse.

— Mas esta é uma terra nova e, embora sejamos amigos — sorriu para Gerhard Mueller. — Ja, Freunde, vizinhos e compatriotas — um olhar para os irmãos Lindsay — e companheiros de armas, não somos um clã. Embora tenham me dado o comando, eu não sou seu chefe.

Pois sim que não é, Roger pensou. Ou está a caminho de ser, de qualquer modo. Tomou um último e grande gole de cerveja fria e deixou de lado a caneca e o prato. A comida podia esperar mais um pouco. Bri pegara o bebê de volta e segurava seu bodhran embaixo do braço; ele pegou-o e ela lhe deu um breve sorriso, mas sua atenção estava concentrada em seu pai.

Jamie inclinou-se e retirou uma tocha da fogueira. Ficou parado com a tocha na mão, a luz iluminando os largos planos e os bem delineados ângulos de seu rosto.

— Que Deus seja testemunha agora da nossa boa vontade e que Deus fortaleça nossos braços. — Parou para que os alemães tivessem tempo de entender. — Mas que está cruz de fogo sirva de testemunha de nossa honra, para invocar a proteção de Deus para nossas famílias, até voltarmos sãos e salvos para casa.

Virou-se e tocou a base da cruz com a tocha, segurando-a até que a casca seca pegasse fogo e uma pequena chama crescesse e cintilasse da madeira escura.

Todos ficaram em silêncio, observando. Não se ouvia nenhum som, salvo o ligeiro movimento e o suspiro da multidão, fazendo eco ao murmúrio do vento na floresta ao redor. Não passava de uma pequena língua de fogo, tremeluzindo na brisa, à beira de se extinguir inteiramente. Nenhum rugido embebido em combustível, nenhuma conflagração devoradora. Roger sentiu Brianna suspirar ao seu lado, um pouco da tensão abandonando-a.

A chama firmou-se e cresceu. As beiradas da casca do pinho brilharam vermelhas em brasa, depois embranqueceram e desapareceram em cinzas conforme a chama começou a se alastrar para cima. A cruz era grande e sólida e queimaria devagar até o meio da noite, iluminando o pátio enquanto os homens se reuniam sob ela, conversando, comendo, bebendo, começando o processo de se tornar o que Jamie Fraser queria que fossem: amigos, vizinhos, companheiros

de armas. Sob seu comando.

Fraser permaneceu parado por um instante, observando, para se assegurar de que o fogo pegara. Depois voltou-se novamente para a multidão de homens e lançou a tocha de volta à fogueira.

— Não sabemos qual será a nossa sorte. Que Deus nos dê coragem. Que Deus nos dê sabedoria. Se for Sua vontade, que nos dê paz. Partimos pela manhã.

Virou-se e deixou a fogueira, olhando à procura de Roger. Ao encontrá-lo, balançou a cabeça e Roger devolveu o sinal, engoliu para limpar a garganta e começou a cantar suavemente do meio da escuridão, a abertura da canção com que Jamie queria encerrar os procedimentos — "A Flor da Escócia".

"Oh, flor da Escócia,

Quando vamos ver outra como tu?

Que lutou e morreu

Pelos teus pequenos montes e vales..."

Não era uma das que Bri chamara de canções de guerra. Era uma canção solene e melancólica. Mas, ainda assim, não era uma canção de luto e tristeza; era de recordação, de orgulho e determinação. Nem mesmo era uma música antiga — Roger conheceu o homem que a escreveu, em sua própria época, — mas Jamie a ouvira e, conhecendo a história de Stirling e Bannockburn, aprovou o sentimento com entusiasmo.

"E resistiu frente

Ao exército do orgulhoso Eduardo E mandou-o de volta para casa
Para que pensasse melhor."

Os integrantes escoceses da multidão deixaram-no cantar os versos sozinho, mas as vozes ergueram-se suavemente, depois com mais força, no refrão.

"E mandou-o de volta para casa... Para que pensasse melhor!"

Lembrou-se de algo que Bri lhe dissera, deitados na cama na noite anterior, durante os poucos momentos em que ambos ainda estavam conscientes. Estavam conversando sobre as pessoas da época, especulando se um dia eles poderiam encontrar pessoas como Jefferson ou Washington frente a frente; era uma perspectiva empolgante — e nem um pouco impossível. Ela mencionara John Adams, citando algo lido sobre o que Jefferson havia dito — ou melhor, iria dizer — durante a Revolução Americana:

"Sou um guerreiro, para que meu filho seja um comerciante — e o filho dele possa ser um poeta."

"Os montes estão desnudos agora

E as folhas de outono jazem espessas e imóveis,

Sua terra agora perdida

Nunca foi com tanto amor defendida."

"E resistiu frente

Ao exército do orgulhoso Eduardo E mandou-o de volta para casa para que pensasse melhor."

Não mais o exército de Eduardo, mas de Jorge. Porém, o mesmo exército orgulhoso. Ele vislumbrou a figura de Claire, junto com as outras mulheres, em separado, na beira do círculo de luz. Seu rosto estava distante e ela permanecia imóvel, os cabelos esvoaçando, soltos, ao redor do rosto, os olhos dourados escurecidos por uma sombra interior — fixos em Jamie, parado a seu lado em silêncio.

O mesmo exército orgulhoso com o qual ela lutara certa vez; o exército orgulhoso com o qual seu pai havia morrido. Sentiu um nó na garganta e forçou o ar a sair dos recessos dos seus pulmões, cantando com toda a energia. Serei um guerreiro, para que meu filho possa ser um comerciante — e o filho dele possa ser um poeta. Nem Adams, nem Jefferson haviam lutado; Jefferson não teve filhos. Ele fora o poeta cujas palavras haviam reverberado através dos anos, incitado exércitos, incendiado os corações daqueles que morreriam por elas e pelo país fundado por elas.

Talvez sejam os cabelos, Roger pensou ironicamente, vendo o brilho de luz ruiva conforme Jamie se movia, observando silenciosamente o desdobramento do que ele começara. Um matiz viking no sangue, que dava àqueles homens altos e inflamados o dom de incitar os homens à guerra.

"Que lutou e morreu

Pelos teus pequenos montes e vales..."

Sim, haviam lutado e o fariam de novo. Pois era por isso que os homens sempre lutavam, não era? Por suas terras e famílias. Outro lampejo de cabelos ruivos, soltos à luz da fogueira, junto aos ossos do porco. Bri, segurando Jemmy. E, se agora Roger se via como um bardo para um chefe de clã das Highlands longe de suas terras, ainda assim ele devia tentar também ser um guerreiro quando a hora chegasse, pelo seu filho e por aqueles que viriam depois.

"E mandou-o de volta para casa Para que pensasse melhor."

"Para que pensasse... melhor."

O ANJO DO MEU REPOUSO

Apesar de ser tarde da noite, fizemos amor por mudo consentimento, cada qual ansiando pelo refúgio e segurança do corpo um do outro. Sozinhos em nossa cama, com as persianas bem fechadas contra o barulho das vozes no pátio — o pobre Roger ainda estava cantando, por exigência da plateia, — podíamos abandonar as necessidades e cansaços do dia, ao menos por um curto período.

Ele continuou me abraçando com força contra ele depois, o rosto enterrado em meus cabelos, agarrando-se a mim como a um talismã.

— Tudo vai dar certo — eu disse suavemente, acariciando seus cabelos úmidos, afundando os dedos com força no ponto de união entre pescoço e ombro, o músculo ali duro como madeira sob a pele.

— Sim, eu sei. — Ele permaneceu imóvel por um instante, deixando meus dedos trabalharem, e a tensão de seu pescoço e ombros gradualmente relaxou, seu corpo ficando cada vez mais pesado sobre o meu. Ele sentiu minha dificuldade em respirar e moveu-se, rolando o corpo para o lado.

Sua barriga roncou sonoramente e nós dois rimos.

— Não teve tempo para jantar? — perguntei.

— Não consigo comer, logo antes — ele respondeu. — Me dá ânsia de vômito. E não houve tempo, depois. Será que tem alguma coisa que se possa comer aqui em cima?

— Não — respondi, pesarosa. — Eu tinha quarenta e algumas maçãs, mas os Chisholm as pegaram. Desculpe-me, eu devia ter pensado em trazer alguma coisa para você. — Eu sabia que ele raramente comia "antes" — isto é, antes de qualquer luta, confronto ou outra situação socialmente estressante, — mas não imaginei que ele não teria chance de comer depois, porque todos queriam "dar uma palavrinha com o senhor".

— Certamente você tinha outras coisas para pensar, Sassenach — ele disse secamente. — Não se preocupe, posso esperar o café da manhã.

— Tem certeza? — Coloquei o pé para fora da cama, pretendendo me levantar. — Sobrou muita coisa; ou, se você não quiser descer, eu posso ir e...

Ele me impediu colocando a mão em meu braço, depois me arrastou com firmeza de volta para baixo das cobertas, aconchegando-me como em uma colher na curva do seu corpo e passando o braço por cima de mim para garantir que eu permanecesse ali.

— Não — disse categoricamente. — Esta pode ser a última noite que eu passo numa cama durante algum tempo. Pretendo ficar nela, com você.

— Está bem. — Aconcheguei-me obedientemente sob seu queixo e relaxei meu corpo contra o dele, igualmente satisfeita em ficar ali. Eu compreendia; embora ninguém viesse nos procurar, a menos que houvesse alguma emergência, a simples presença de um de nós dois lá embaixo causaria uma corrida imediata de pessoas precisando disso ou daquilo, querendo fazer uma pergunta, oferecer um conselho, solicitar alguma coisa... melhor permanecer ali, tranquilos e aconchegados.

Eu havia apagado a vela e o fogo na lareira estava baixo. Pensei rapidamente em me levantar e acrescentar mais lenha, mas resolvi não o fazer. Que ele queimasse até se reduzir a cinzas, se quisesse; nós já teríamos partido quando o dia amanhecesse.

Apesar do meu cansaço e da natureza grave de nossa viagem, eu estava ansiosa para partir. Além da sedução da novidade e da possibilidade de aventura, havia a maravilhosa perspectiva de fuga de lavagem de roupas, cozinha e guerra de mulheres. Ainda assim, Jamie tinha razão; este era provavelmente o último momento de privacidade e conforto que teríamos por algum tempo.

Espreguicei-me, conscientemente desfrutando o abraço macio do colchão de penas, dos lençóis limpos e macios com seu leve perfume de alecrim e flor de sabugueiro. Eu teria colocado roupas de cama suficientes na bagagem?

A voz de Roger alcançava-nos através da janela, ainda forte, mas começando a soar um pouco desafinada de cansaço.

— O Melro devia ir para a cama — Jamie disse, com leve desaprovação, — se pretende se despedir adequadamente da mulher dele.

— Meu Deus, Bri e Jemmy já foram dormir há horas! — eu disse.

— O pequeno, talvez. Bri ainda está lá. Ouvi a voz dela há poucos instantes.

— É mesmo? — Esforcei-me para ouvir, mas não consegui distinguir mais do que um murmúrio de aplausos abafados quando Roger encerrou sua canção. — Imagino que ela queira ficar com ele o maior tempo possível. Esses homens vão estar exaustos pela manhã,

sem falar na ressaca.

— Desde que consigam se sentar num cavalo, não me importo se tiverem que apelar de vez em quando para vomitar no mato — Jamie afirmou.

Aconcheguei-me ainda mais, as cobertas puxadas até os ombros. Eu podia ouvir a voz grave e retumbante de Roger, rindo, mas recusando-se com firmeza a continuar cantando. Pouco a pouco, os ruídos no pátio cessaram, embora eu ainda pudesse ouvir baques e pancadas, conforme o barril de cerveja era levantado e sacudido para extrair as últimas gotas. Em seguida, um barulho oco e surdo quando alguém largou o barril no chão.

Havia ruídos na casa; o repentino gemido de um bebê acordando, passos na cozinha, as lamúrias sonolentas de crianças pequenas perturbadas pelos homens, a voz de uma mulher repreendendo a criança, depois tentando confortá-la.

Meu pescoço e meus ombros doíam, e meus pés estavam doloridos da longa caminhada até a nascente do uísque, carregando Jemmy. Ainda assim, eu me via aborrecidamente insone, incapaz de isolar os barulhos do mundo exterior tão completamente quanto as persianas o bloqueavam da vista.

— Você consegue se lembrar de tudo que fez hoje? — Essa era uma pequena brincadeira que às vezes fazíamos à noite, cada qual tentando se lembrar detalhadamente de tudo que fizera, vira, ouvira ou comera durante o dia, desde que se levantara até a hora em que fora para a cama. Como escrever um diário, o esforço de se lembrar parecia purgar a mente dos esforços do dia, e nos divertíamos imensamente com as experiências de um e de outro. Eu adorava ouvir os relatos diários de Jamie, prosaicos ou emocionantes, mas ele não estava com disposição para isso esta noite.

— Não consigo me lembrar de nada que aconteceu antes de fecharmos a porta do quarto — ele disse, apertando minha nádega amigavelmente. — Depois disso, no entanto, acho que eu consigo me lembrar de um ou dois detalhes.

— Também está razoavelmente fresco em minha mente — afirmei. Dobrei os dedos dos pés, acariciando a parte de cima dos pés dele.

Paramos de falar, então, e começamos a nos mexer e acomodar para dormir, quando os barulhos lá embaixo cessaram, substituídos pelo zumbidos e sons arranhados de diferentes roncos. Ou, ao menos, eu tentei. Apesar de ser tão tarde e do meu corpo estar indubitavelmente exausto, minha mente parecia determinada a permanecer acordada e efervescente. Fragmentos do dia apareciam por trás de minhas pálpebras no instante em que eu fechava os olhos

— a sra. Bug e sua vassoura, as botas enlameadas de Gerhard Mueller, aglomerados de videiras, de hastes nuas, punhados pálidos de sauerkraut, as nádegas redondas e rosadas do traseiro de Jemmy, dezenas de pequenos Chisholm correndo como uns loucos... Eu resolutamente me esforcei para disciplinar minha mente fugidia, voltando-me, em vez disso, para uma listagem mental de meus preparativos para a viagem.

Isso em nada ajudou, pois, instantes depois, eu estava completamente acordada com uma reprimida ansiedade, imaginando a destruição completa do meu consultório; Brianna, Marsali ou as crianças sucumbindo a alguma horrenda e repentina epidemia; e a sra. Bug incitando a baderna e o derramamento de sangue de uma ponta a outra de Ridge.

Rolei na cama, ficando de lado, olhando para Jamie. Ele ficara de costas como sempre, os braços cuidadosamente cruzados sob o abdômen como uma estátua de tumba, o perfil puro e severo contra a claridade agonizante da lareira, perfeitamente arrumado para o sono. Seus olhos estavam fechados, mas sua testa estava ligeiramente enrugada e os lábios torciam-se de vez em quando, como se estivesse conduzindo alguma espécie de discussão interior.

— Você está pensando tão alto que eu posso ouvi-lo daqui — eu disse, em tom de conversa. — Ou só está contando carneiros?

Seus olhos abriram-se de imediato e ele se virou para sorrir melancolicamente para mim.

— Eu estava contando porcos — ele me informou. — E estava indo muito bem. Só que eu ficava avistando aquela criatura branca pelo canto do olho, saltando de um lado para o outro, fora do meu alcance, zombando de mim.

Eu ri e me aproximei mais dele. Coloquei a testa contra seu ombro e dei um profundo suspiro.

— Nós realmente precisamos dormir, Jamie. Estou tão cansada, que meus ossos parecem estar se derretendo, e você está acordado há mais tempo do que eu.

— Huum. — Ele colocou o braço sobre mim, puxando-me para a curva do seu ombro.

— Aquela cruz... ela não vai incendiar a casa, não é? — perguntei após alguns instantes, tendo descoberto algo mais com que me preocupar.

— Não. — Ele soou ligeiramente sonolento. — Ela já se queimou há muito tempo.

O fogo na lareira havia se reduzido a uma camada de brasas

brilhantes. Virei-me de novo e fiquei observando-as por alguns minutos, tentando esvaziar minha mente de tudo.

— Quando Frank e eu nos casamos — eu disse, — fomos nos aconselhar com um padre. Ele nos aconselhou a começar nossa vida de casados rezando o terço juntos na cama todas as noites. Frank disse que não sabia se isso deveria significar devoção, uma ajuda para pegar no sono ou apenas um método de controle da natalidade sancionado pela Igreja.

O peito de Jamie vibrou com uma risada silenciosa atrás de mim.

— Bem, podemos tentar, se você quiser, Sassenach — ele disse. — Mas você terá que manter a contagem das ave-marias; você está deitada sobre a minha mão esquerda e meus dedos ficaram dormentes.

Mudei ligeiramente de posição para permitir que ele puxasse a mão de baixo do meu quadril.

— Isso não, acho que não — eu disse. — Mas talvez uma prece. Você conhece alguma boa oração para a hora de dormir?

— Sim, várias — ele disse, erguendo a mão e flexionando os dedos devagar enquanto o sangue voltava a circular. No escuro do quarto, o movimento lento me fez lembrar a maneira como ele atraía trutas de dentro das pedras. — Deixe-me pensar um pouco.

A casa embaixo estava silenciosa agora, a não ser pelos rangidos e estalidos de vigas se acomodando. Achei ter ouvido uma voz lá fora, erguida numa discussão distante, mas podia não ser nada além do chacoalhar dos galhos das árvores ao vento.

— Eis uma — Jamie disse finalmente. — Eu já havia quase me esquecido dela. Meu pai a ensinou para mim, não muito antes de morrer. Disse que talvez um dia eu a achasse útil.

Ele acomodou-se confortavelmente, a cabeça inclinada, de modo que seu queixo descansava em meu ombro, e começou a falar, a voz lenta e afetuosa em meu ouvido.

Abençoi para mim, O Senhor, a lua que está acima de mim,

Abençoi para mim, O Senhor, a terra que está sob mim,

Abençoi para mim, O Senhor, minha mulher e meus filhos,

E abençoi, O Senhor, a mim mesmo, que sou responsável por eles;

Abençoi para mim minha mulher e meus filhos,

E abençoi, O Senhor, a mim mesmo, que sou responsável por eles."

Ele havia começado com um certo acanhamento, hesitando de vez em quando para encontrar uma palavra, mas isso desapareceu com a continuação. Agora ele falava suavemente e com segurança, e não

mais para mim, apesar do calor de sua mão permanecer na curva da minha cintura.

Abençoi, O Senhor, aquilo em que meus olhos pousarem, Abençoi, O Senhor, aquilo em que minha esperança se depositar, Abençoi, O Senhor, minha razão e minha determinação, Abençoi, O abençoi-os, Senhor da vida; Abençoi, O Senhor, minha razão e minha determinação, Abençoi, O abençoi-os, Senhor da vida."

Sua mão acariciou a curva do meu quadril e ergueu-se para alisar meus cabelos.

Abençoi para mim a companhia na cama de meu amor, Abençoi para mim o toque de minhas mãos,

Abençoi, O abençoi para mim, O Senhor, a cerca da minha defesa, E abençoi, abençoi para mim o anjo do meu repouso;

Abençoi, Ó abençoi para mim, Ó Senhor, a cerca da minha defesa, E abençoi, abençoi para mim o anjo do meu repouso."

Sua mão permaneceu parada, fechada sob meu queixo. Envolvi-a com a minha e suspirei profundamente.

— Ah, gostei dessa. Especialmente "o anjo do meu repouso". Quando Bri era pequena, nós a colocávamos para dormir com uma oração aos anjos. "Que Miguel esteja à minha direita; Gabriel, à minha esquerda; Uriel, atrás de mim; Rafael, à minha frente. E, acima da minha cabeça, a presença do Senhor."

Ele não disse nada, mas apertou meus dedos em resposta. Uma brasa se desfez na lareira com um sopro suave e fagulhas flutuaram por um instante na escuridão do quarto.

Algum tempo depois, retornei rapidamente à consciência ao senti-lo deslizar para fora da cama.

— O quê...? — comecei a perguntar, sonolentemente.

— Nada — ele murmurou. — Apenas um bilhete que eu queria escrever. Durma, a nighean donn. Eu acordarei ao seu lado.

Fraser's Ridge, 11 de dezembro de 1770 James Fraser, Esq., para Lorde John Grey, Mount Josiah Plantation

Milorde,

Escrevo na esperança de que tudo esteja bem com sua propriedade e seus habitantes; meus cumprimentos em particular para o seu filho.

Tudo vai bem em minha casa e — até onde eu saiba — em River Run também. As bodas planejadas para minha filha e minha tia, sobre as quais eu lhe escrevi, sofreram a inesperada interferência das circunstâncias (principalmente uma circunstância que atende pelo nome de sr. Randall Lillywhite, cujo nome eu menciono para o caso de

um dia vir ao seu conhecimento), mas felizmente meus netos foram batizados e, apesar do casamento de minha tia ter sido adiado para uma outra ocasião, a união de minha filha com o sr. Mackenzie foi celebrada por cortesia do reverendo sr. Caldwell, um valoroso cavalheiro, apesar de presbiteriano.

O pequeno Jeremiah Alexander Ian Fraser Mackenzie (o nome "Ian" é obviamente a variação escocesa para "John"— uma homenagem de minha filha a um amigo, bem como a seu primo) sobreviveu tanto à cerimônia do batizado quanto à jornada de volta para casa com bom humor. Sua mãe me pede para lhe contar que seu homônimo agora possui nada menos do que quatro dentes, uma façanha temerária, que o torna extremamente perigoso para as almas desavisadas, atraídas por sua aparente inocência, e que deixam seus dedos ao seu pernicioso alcance. A criança morde como um crocodilo.

Ultimamente nossa população aqui tem apresentado um gratificante crescimento, com o acréscimo de cerca de umas vinte famílias desde a última vez que lhe escrevi. Deus recompensou nossos esforços durante o verão, abençoando-nos com abundância de milho e feno e uma abundância de animais para consumi-los. Acredito que os porcos soltos em minha floresta não somem menos de quarenta no momento, duas vacas deram cria e eu comprei um novo cavalo. A personalidade desse animal é extremamente dúbia, mas não sua arrogância.

Essas são minhas boas notícias.

Agora as más. Fui nomeado Coronel de Milícia, com ordens para convocar e conduzir o maior número possível de homens a serviço do governador, até meados do mês, esse serviço sendo o de ajudar a reprimir as hostilidades locais.

Você deve ter ouvido falar, durante sua visita à Carolina do Norte, de um grupo de homens que se denomina "Reguladores" — ou talvez não, uma vez que outras questões prendiam sua atenção naquela ocasião (minha mulher está satisfeita em saber de seu bom estado de saúde e envia, com esta, um pacote de remédios, com instruções para sua administração, caso ainda esteja atormentado por dores de cabeça).

Esses Reguladores não passam de populacho, menos disciplinados em suas ações até mesmo do que os desordeiros que ouvimos dizer que enforcaram o governador Richardson, em Effigy, Boston. Não digo que não haja fundamentos em suas queixas, mas os meios de expressão parecem improváveis de resultar em reparação por parte da Coroa — ao contrário, são capazes de provocar mais excessos de ambos os lados, o que não deixará de terminar mal.

Houve uma séria explosão de violência em Hillsborough no dia 24 de setembro, quando muitas propriedades foram desenfreadamente destruídas e muita violência cometida — algumas justas, outras não — contra funcionários da Coroa. Um homem, um juiz, foi gravemente ferido; muitos dos Reguladores foram detidos. Desde então, temos ouvido apenas boatos; o inverno arrefece o descontentamento, que fica ardendo em fogo lento junto às lareiras das casas e tavernas, mas, com o arejamento da primavera, se espalhará como os fétidos odores de uma casa lacrada, contaminando o ar.

Tryon é um homem capaz, mas não é um fazendeiro. Se fosse, dificilmente pensaria em buscar a guerra no inverno. Ainda assim, pode ser que ele espere que, fazendo uma demonstração de força agora — quando é quase certo que não será necessária — intimidará os vilões para evitar sua necessidade depois. Ele é um soldado.

Esses comentários me trazem ao real objetivo desta missiva. Não espero nenhum resultado maléfico da atual iniciativa e, no entanto... Você também é um soldado, assim como eu. Sabe a imprevisibilidade do mal e que catástrofe pode advir de começos triviais.

Nenhum homem sabe os detalhes de seu próprio fim; sabe apenas que terá um. Assim, tomei as providências que pude, para o bem-estar da minha família.

Relaciono-os aqui, já que não conhece todos eles: Claire Fraser, minha amada esposa; minha filha Brianna e seu marido, Roger Mackenzie, e o filho deles, Jeremiah Mackenzie. Também minha filha Marsali e seu marido, Fergus Fraser (que é meu filho adotivo) — eles agora têm dois filhos pequenos, chamados Germain e Joan. A pequena Joan recebeu o nome da irmã de Marsali, chamada Joan Mackenzie, atualmente ainda residindo na Escócia. Não tenho tempo no momento para colocá-lo a par do histórico da situação, mas estou disposto, por boas razões, a considerar essa jovem igualmente minha filha e sinto-me igualmente responsável pelo seu bem-estar, bem como do de sua mãe, Laoghair Mackenzie.

Rogo-lhe, em nome de sua longa amizade e pela consideração que tem por minha mulher e filha, que, se a sorte me faltar nesta empreitada, você fará o que puder para que fiquem a salvo.

Parto amanhã, ao alvorecer, que já não está muito longe.

Seu humilde e obediente criado, James Alexander Malcolm Mackenzie Fraser

Postscriptum: Muito obrigado pelas informações que me forneceu em resposta às minhas investigações referentes a Stephen Bonnet. Registro seu conselho anexo às informações com a maior admiração e gratidão por sua bondosa intenção — embora, como deve suspeitar,

não me demova de meus propósitos.

Post-postscriptum: Cópias do meu testamento e dos documentos pertencentes à minha propriedade e negócios, aqui e na Escócia, poderão ser encontradas com Farquard Campbell, de Greenoaks, perto de Cross Creek.

PARTE III

Alarme e Incursões



SURGE A MILÍCIA

O tempo estava a nosso favor, mantendo-se frio, mas límpido. Com os Mueller e os homens de pequenas fazendas próximas, partimos de Fraser Ridge com um grupo de aproximadamente quarenta homens — e eu. Anexamos mais meia dúzia de homens de Wogan's Hollow, três de Bellevue e os dois irmãos Findlay, que vinham de um minúsculo assentamento chamado Possum Gut. Quando nos aproximamos da Linha do Tratado e do ponto mais distante de nossa errante reunião de tropa, formávamos uma respeitável companhia em número, se não em competência. Alguns dos homens já haviam sido soldados, ainda que não fossem homens de infantaria treinados; haviam lutado na Escócia ou nas guerras contra os franceses ou contra os índios. Muitos nunca haviam lutado, e toda noite eu via Jamie conduzindo exercícios de treinamento militar, apesar de bem pouco ortodoxos.

— Não temos tempo suficiente para treiná-los adequadamente — ele dissera a Roger junto à fogueira na primeira noite. — Leva semanas, sabe, para preparar os homens para que não fujam quando estiverem sendo atacados.

Roger apenas balançou a cabeça, embora eu tenha achado que um ligeiro ar de inquietação atravessou seu rosto. Suponho que estivesse tendo dúvidas sobre sua própria falta de experiência e como ele próprio iria reagir debaixo de fogo. Eu havia conhecido muitos soldados jovens na minha época. Eu estava ajoelhada junto à fogueira, fritando pães de farinha de milho numa frigideira de ferro colocada sobre as brasas. Ergui os olhos para Jamie e me deparei com ele olhando para mim, um leve sorriso oculto no canto da boca. Ele não apenas conhecera jovens soldados; ele fora um deles. Ele tossiu e inclinou-se para frente para ajeitar os carvões com um pedaço de pau, procurando mais das codornas que eu havia colocado para assar, envolvidas em barro.

— É a reação natural correr do perigo, hein? O objetivo de treinar tropas é acostamá-los à voz de um oficial, de modo que ouçam, mesmo acima do rugido das armas, e obedeçam sem pensar no perigo.

— Sim, como se treina um cavalo a não disparar com barulhos — Roger interrompeu, sarcasticamente.

— Sim, isso mesmo — Jamie concordou, com ar sério. — A diferença é que você tem que fazer o cavalo acreditar que você sabe

mais das coisas do que ele; um oficial só precisa gritar mais alto. — Roger riu e Jamie continuou, com um leve sorriso.

— Quando fui soldado na França, tive que marchar para cima e para baixo, para frente e para trás, até gastar toda a sola das minhas botas, antes que me dessem pólvora para minha arma. Eu estava tão exausto ao final de um dia de treinamento, que podiam disparar um canhão do lado da minha cama que eu não teria mexido um fio de cabelo.

Sacudiu um pouco a cabeça, o esboço de sorriso desaparecendo de seu rosto.

— Mas nós não temos tempo para isso. Metade dos homens tem alguma noção de serviço no exército; vamos ter que contar com eles para se manterem a postos, se tivermos que lutar, e ter fé nos demais. — Olhou para além do fogo e gesticulou na direção da paisagem de árvores e montanhas que desaparecia lentamente.

— Não se parece muito com um campo de batalha, não é? Não sei dizer onde a batalha poderá ser, se houver uma, mas acho que temos que nos preparar para um confronto onde haja algum abrigo. Nós os ensinaremos a lutar como os escoceses das Highlands lutam; se reunir e debandar à minha ordem, e, fora isso, devem fazer o melhor que puderem. Somente metade dos homens já foi soldado, mas todos eles sabem caçar. — Ergueu o queixo, indicando os recrutas, vários dos quais haviam capturado pequenos animais durante a cavalgada do dia. Os irmãos Lindsay haviam abatido a codorna que estávamos comendo.

Roger concordou e inclinou-se para frente, tirando uma bola de barro enegrecida do fogo com sua própria vareta, mantendo o rosto escondido. Quase todo. Ele havia saído para caçar todos os dias desde o nosso retorno a Ridge e ainda não conseguira abater nem mesmo um gambá. Jamie, que fora com ele uma vez, expressara em particular para mim a opinião de que Roger se sairia melhor se golpeasse o animal na cabeça com seu mosquete do que tentando atirar nele.

Cerrei as sobrancelhas para Jamie; ele ergueu as dele para mim, devolvendo meu olhar. Os sentimentos de Roger tinham que se resolver sozinhos, era a dura mensagem em seu semblante. Arregalei meus olhos e me levantei.

— Mas, na verdade, não é realmente como caçar, não é? — Sentei-me ao lado de Jamie e entreguei-lhe um dos pães de milho quentes. — Especialmente agora.

— O que quer dizer com isso, Sassenach?. — Jamie abriu o pão de milho, semicerrando os olhos em estado de graça enquanto inalava o vapor quente e fragrante.

— Para começar, você não tem nenhuma certeza de que haverá

uma batalha — ressaltei. — Segundo, se houver, você não estará enfrentando tropas treinadas; os Reguladores não são soldados, da mesma forma com que seus homens não são. Terceiro, vocês não estarão tentando realmente matar os Reguladores; apenas assustá-los para baterem em retirada ou se entregarem. E quarto — sorri para Roger, — o objetivo da caça é matar alguma coisa. O objetivo de ir para a guerra é voltar vivo.

Jamie engasgou-se com um pedaço do pão. Dei um prestativo tapa em suas costas e ele virou-se num salto para mim, fitando-me furiosamente. Tossiu os farelos, engoliu e levantou-se, o xale oscilando.

— Ouça-me — ele disse, um pouco rouco. — Você está certa, Sassenach... e você está errada. Sim, não é como caçar. Porque a caça em geral não está tentando matar você. Preste atenção. — Virou-se para Roger, o rosto severo. — Ela está errada quanto ao resto. Guerra é para matar, e ponto final. Pense em qualquer coisa menor, pense em meias medidas, pense em afugentar, acima de tudo pense em sua própria pele... e, por Deus, rapaz, estará morto ao final do primeiro dia.

Arremessou o resto do seu pão de milho no fogo e afastou-se pisando arrogantemente.

Fiquei paralisada por um instante, até que o calor do pão fresco que eu estava segurando atravessou o pano que o embrulhava e queimou meus dedos. Coloquei-o no tronco com um "ai" abafado e Roger remexeu-se um pouco no tronco onde estava sentado.

— Tudo bem? — ele perguntou, embora não estivesse olhando para mim. Seus olhos estavam fixos na direção por onde Jamie desaparecera, em que estavam os cavalos.

— Tudo bem. — Acalmei as pontas chamuscadas dos meus dedos contra a casca úmida e fria do tronco. Com o silêncio embaraçador amenizado por essa curta troca de palavras, achei possível abordar a questão em pauta.

— Mesmo admitindo-se — eu disse — que Jamie tenha uma certa experiência da qual pode falar... eu ainda acho que o que ele disse foi uma reação exagerada.

— Acha? — Roger não parecia aborrecido ou desconcertado com as observações de Jamie.

— Claro que sim. O que quer que aconteça com os Reguladores, sabemos perfeitamente bem que não vai ser bem uma guerra. É provável que não venha a ser nada!

— Oh, sim. — Roger continuava olhando para dentro da escuridão,

os lábios contraídos pensativamente. — Só que... acho que não era disso que ele estava falando.

Ergui uma das sobrelanceiras para ele e ele mudou seu olhar para mim com um sorriso irônico.

— Quando foi caçar comigo, ele me perguntou o que eu sabia sobre o que estava por vir. Eu lhe contei. Bri disse que ele havia perguntado a ela, e ela também lhe contou.

— O que estava por vir.... quer dizer, a Revolução da Independência? Ele balançou a cabeça, confirmando, os olhos no pedaço de pão de milho que ele esfarelava entre os dedos longos e calejados.

— Conte a ele o que eu sabia. Sobre as batalhas, a política. Não todos os detalhes, é claro, mas as principais batalhas de que eu me lembrava; que guerra longa, arrastada e sangrenta vai ser. — Fez silêncio por um instante; em seguida, ergueu o rosto para mim, um leve brilho verde nos olhos. — Imagino que possa chamar isso de uma troca justa. Com ele, é difícil saber, mas eu acho que talvez eu o tenha assustado. Ele está apenas retribuindo o favor.

Dei uma ligeira arfada, achando graça, e me levantei, limpando os farelos e cinzas da minha saia.

— No dia em que você conseguir assustar Jamie Fraser com histórias de guerra, meu rapaz — eu disse, — será o dia em que o inferno congelará.

Ele riu, nem um pouco embaraçado.

— Então talvez eu não o tenha assustado, embora ele tenha ficado muito quieto. Mas vou lhe dizer uma coisa — ficou sério, embora o brilho continuasse nos olhos, — ele realmente me assustou, agora mesmo.

Olhei na direção dos cavalos. A luz ainda não tinha surgido e eu não podia ver nada além de uma vaga confusão de sombras grandes e inquietas, com um brilho ocasional da luz da fogueira refletindo de uma anca arredondada ou o lampejo do brilho de um olho. Jamie não estava visível, mas eu sabia que ele estava lá; havia um movimento sutil de um lado para o outro entre os cavalos, com débeis relinchos e roncões, que me dizia que alguém conhecido estava entre eles.

— Ele não foi apenas um soldado — eu disse finalmente, falando baixo, embora eu tivesse quase certeza de que Jamie estava distante demais para me ouvir. — Ele era um oficial.

Sentei-me no tronco outra vez e coloquei a mão no pão de milho. Mal estava morno agora. Peguei-o, mas não o mordi.

— Eu fui uma enfermeira de guerra, você sabe. Num hospital de

campanha na França.

Ele balançou a cabeça escura, inclinando-a para mim com interesse. O fogo lançava sombras profundas em seu rosto, enfatizando o contraste da fronte larga e dos ossos pronunciados com a curva delicada da boca.

— Eu cuidei de soldados. Todos eles estavam apavorados. — Sorri um pouco, melancolicamente. — Os que haviam estado na frente de batalha se lembravam e os que não haviam imaginavam. Mas eram os oficiais que não conseguiam dormir à noite.

Corri o polegar distraidamente sobre a superfície irregular do pão de milho. A sensação era ligeiramente gordurosa, da banha de porco.

— Sentei-me ao lado de Jamie, certa vez, depois de Preston, enquanto ele segurava nos braços um de seus homens, agonizante. E chorei. Ele se lembra disso. Ele não se lembra de Culloden, porque não pode suportar a lembrança. — Abaixei os olhos para o pequeno torrão de massa frita em minha mão, tirando as pontinhas queimadas com a unha. — Sim, você o assustou. Ele não quer chorar por você. Nem eu — acrescentei suavemente. — Pode não ser agora, mas, quando chegar a hora... tome cuidado, sim?

Fez-se um longo silêncio.

— Tomarei — ele disse, em voz baixa, por fim. Ele levantou-se e se afastou, os passos desaparecendo rapidamente, silenciados pela terra úmida.

As outras fogueiras arderam brilhantemente noite adentro. Os homens ainda se mantinham na companhia de parentes e amigos, cada pequeno grupo ao redor de sua própria fogueira. Conforme continuássemos, eles começariam a se misturar, eu sabia. Dentro de poucos dias, haveria uma única e grande fogueira, todos reunidos num único círculo de luz.

Jamie não temia pelo que Roger lhe contara, eu pensei — mas pelo que ele próprio sabia. Havia duas escolhas para um bom oficial: deixar que a preocupação com suas responsabilidades o dilacerassem ou deixar a necessidade endurecê-lo como pedra. Ele sabia disso.

Quanto a mim... eu também sabia algumas coisas. Eu fora casada com dois soldados — oficiais, ambos; pois Frank também fora um oficial. Eu fora enfermeira e curandeira, nos campos de duas guerras.

Eu sabia os nomes e datas das batalhas; eu conhecia o cheiro de sangue, de vômito e de intestinos esvaziados. Um hospital de campanha vê membros destroçados, entranhas dilaceradas, fraturas expostas..., mas também vê homens que nunca pegaram em armas, mas morreram lá de qualquer modo, de febre, sujeira, doença e

desespero.

Eu sabia que milhares morreram de ferimentos e massacres nos campos de batalha de duas guerras mundiais; eu sabia que centenas e centenas de milhares morreram lá de infecção e doença. Não seria diferente agora — nem em quatro anos.

E isso me assustava realmente muito.

Na noite seguinte, acampamos na floresta de Balsam Mountain, a um quilômetro e meio acima do povoado de Lucklow. Vários dos homens queriam prosseguir viagem até alcançar o vilarejo de Brownsville. Brownsville era o ponto extremo de nossa jornada, de onde voltaríamos na direção de Salisbury, e reservava a possibilidade de uma taverna — ou ao menos de um albergue onde dormir, — mas Jamie achou melhor esperar.

— Não quero assustar o pessoal de lá — ele explicou a Roger, — chegando com uma tropa de homens armados à noite. Melhor anunciar nosso propósito durante o dia, depois dar um dia aos homens — e uma noite — para se aprontarem para partir. — Ele parou, então, com um forte acesso de tosse, os ombros sacudindo-se com o espasmo.

Eu não estava gostando nem da aparência, nem da respiração de Jamie. Tinha o ar emplastrado de uma colcha mofada e, quando se aproximou da fogueira para se servir do jantar, pude ouvir um débil chiado a cada respiração. A maioria dos homens estava em condições semelhantes; narizes vermelhos e tosse eram endêmicos, e o fogo estalava e sibilava de vez em quando, conforme alguém escarrava e cuspiam na fogueira.

Eu gostaria de enfiar Jamie na cama com uma pedra quente nos pés, um emplastro de mostarda no peito e um chá quente e aromático de folhas de hortelã e de efedra para beber. Como teriam sido necessários uma braçadeira de canhão, grillhões de ferro e vários homens armados para levá-lo até lá, contentei-me em fisgar uma particularmente succulenta concha de ensopado e despejá-la em sua tigela.

— Ewald — com voz rouca, Jamie chamou um dos Mueller. Parou e limpou a garganta, com um som de flanela rasgada. — Ewald, leve Paul e traga mais lenha para a fogueira. Vai ser uma noite fria.

Já estava muito frio. Os homens estavam parados de pé tão junto à fogueira, que as franjas de seus xales e casacos estavam chamuscados e a ponta de suas botas — dos que tinham botas — fediam a couro quente. Meus próprios joelhos e coxas já estavam quase empolando, já que eu tinha que ficar perto das chamas a fim de servir o ensopado. Meu traseiro, porém, parecia de gelo, apesar do velho par de calças compridas que eu usava por baixo da minha combinação e anágua —

tanto para me aquecer, quando para evitar fricção excessiva enquanto cavalgava. As florestas do interior da Carolina não eram um lugar para andar em silhão.

Uma vez servida a última tigela, virei-me para comer meu próprio ensopado, com o fogo às minhas costas, uma abençoada onda de calor envolvendo meu traseiro congelado.

— Está bom, então, senhora? — Jimmy Robertson, que fizera o ensopado, espreitou por cima de meu ombro, buscando um elogio.

Eu estava com fome. Isso, além do fato de que não tive que prepará-lo eu mesma, emprestou um tom de sinceridade tão convincente às minhas palavras, que ele se retirou, satisfeito.

Comi devagar, apreciando o calor da tigela de madeira em minhas mãos frias, bem como a reconfortante sensação de comida quente no estômago. A cacofonia de espirros e tosses atrás de mim em nada atrapalhou a sensação momentânea de bem-estar engendrada pela comida e pela perspectiva de descanso após um longo dia na sela. Nem mesmo a visão da floresta ao nosso redor, negra e glacial sob a crescente luz das estrelas, foi capaz de me perturbar.

Meu próprio nariz começara a escorrer, mas eu esperava que fosse meramente o resultado de comer comida quente. Engoli devagar, mas não havia sinal de garganta dolorida, nem estertores de congestão em meu peito. Jamie, sim, respirava ruidosamente; terminara de comer e viera ficar ao meu lado, aquecendo seu traseiro no calor da fogueira.

— Tudo bem, Sassenach? — ele perguntou com voz rouca.

— Apenas rinite vasomotora — respondi, enxugando o nariz com um lenço.

— Onde? — Ele lançou um olhar desconfiado para a floresta. — Aqui? Pensei que tivesse dito que vivem na África.

— O que... oh, rinocerontes. Sim, vivem. Só quis dizer que meu nariz está escorrendo, mas não peguei la gripe.

— Ah, sim? Isso é bom. Eu peguei — ele acrescentou desnecessariamente, espirrando três vezes em sequência. Entregou-me sua tigela vazia, a fim de usar as duas mãos para assoar o nariz, o que fez com uma série de abomináveis grasnidos. Pestanejei levemente, ao ver suas narinas vermelhas e esfoladas. Eu tinha um pouco de gordura de urso com cânfora no meu alforje, mas tinha certeza de que ele não iria deixar que eu o untasse em público.

— Tem certeza de que não deveríamos seguir em frente? — perguntei, observando-o. — Geordie diz que a vila não está muito longe e que há uma estrada... ou algo parecido.

Eu já sabia a resposta; ele não era de alterar estratégia em prol do

conforto pessoal. Além do mais, o acampamento já fora levantado e havia uma boa fogueira queimando. Ainda assim, além do meu próprio desejo de uma cama limpa e quente — bem, qualquer cama, eu não seria exigente, — estava preocupada com Jamie. De perto, o ruído em sua respiração tinha um chiado profundo que me inquietava.

Ele sabia o que eu queria dizer. Sorriu, guardando o lenço sujo na manga.

— Vou ficar bem, Sassenach — ele disse. — É só um pequeno resfriado no priz. Já estive bem pior do que isso, muitas vezes.

Paul Mueller ergueu uma outra tora para dentro da fogueira; uma enorme brasa quebrou-se e explodiu com um rugido, lançando para o alto uma labareda brilhante, que nos fez sair de perto, para evitar a chuva de fagulhas. A essa altura, com o traseiro já suficientemente cozido, virei-me de frente para o fogo. Jamie, no entanto, continuou de costas, o cenho ligeiramente franzido enquanto examinava as sombras da floresta que assomava à nossa volta.

Seu rosto relaxou e eu me virei, vendo dois homens emergindo do meio das árvores, sacudindo agulhas de pinheiro e pedaços de casca de árvore das roupas. Jack Parker e um novo homem — eu ainda não sabia seu nome, mas era óbvio que ele havia emigrado recentemente de algum lugar perto de Glasgow, a julgar pela sua maneira de falar.

— Tudo tranquilo, senhor — Parker disse, tocando o chapéu numa breve saudação. — Mas frio como gelo.

— Sim, não sinto minhas partes desde o jantar — o homem de Glasgow interpôs, rindo e se esfregando, enquanto se dirigia para a fogueira. — Já devem ter congelado completamente!

— Sei o que está dizendo, rapaz — Jamie disse, rindo. — Fui dar uma mijada ainda há pouco e não consegui encontrá-lo. — Virou-se no meio das gargalhadas e foi verificar os cavalos, uma segunda tigela de ensopado ainda não terminada na mão.

Os outros homens já estavam preparando suas cobertas para dormir, discutindo se era melhor dormir com os pés ou com a cabeça perto do fogo.

— Vai queimar as solas de suas botas se você chegar perto demais — argumentou Evan Lindsay. — Está vendo? Torrei as cavilhas e agora, veja só! — Ergueu um pé grande, exibindo uma bota surrada, amarrada com uma cordinha rústica. Os saltos e solas de couro às vezes eram costurados, porém com mais frequência eram presos com minúsculas cavilhas recortadas, de couro ou madeira. Coladas com resina de pinheiro ou algum outro tipo de substância adesiva. A resina de pinheiro, em particular, era inflamável; eu já vira faíscas ocasionais saltarem dos pés de homens que dormiam com os pés perto demais do

fogo, quando uma cavilha dessas repentinamente se incendiava com o calor.

— Melhor do que ter os cabelos queimados — Ronnie Sinclair argumentou.

— Acho que os Lindsay não têm que se preocupar muito com isso. — Kenny riu para o irmão mais velho e puxou o gorro de lã que ele usava — como seus dois irmãos — sobre a cabeça calva.

— Sim, sempre com a cabeça para o fogo — Murdo concordou. — Não vai querer resfriar seu couro cabeludo; isso vai direto para o seu fígado e você será um homem morto. — Murdo era muito sensível quanto à sua calvície, sendo raramente visto sem seu gorro de dormir de lã tricotada ou um estranho chapéu feito de pele de gambá, forrado e decorado anarquicamente com pele de outro tipo de gambá. Ele olhou com inveja para Roger, que amarrava para trás sua própria cabeleira espessa e negra com um pedaço de tira de couro.

— Mackenzie não precisa se preocupar. Ele é peludo como um urso! Roger abriu um largo sorriso em resposta. Como os outros, ele parara de se barbear quando deixamos a Ridge; agora, oito dias depois, uma camada espessa de barba espetada e escura realmente lhe dava uma feroz aparência de urso. Ocorreu-me que, fora a inconveniência, uma barba cerrada indubitavelmente mantinha o rosto aquecido em noites como aquela; enfiei meu próprio queixo, liso e vulnerável, para baixo, nas dobras acolhedoras do meu xale.

Retornando dos cavalos a tempo de ouvir isso, Jamie riu também, mas terminou num acesso de tosse. Evan esperou até terminar.

— O que diz, Mac Dubh? Cara ou coroa?

Jamie limpou a boca na manga e sorriu. Cabeludo como o resto, ele parecia um viking apropriado, com o fogo refletindo em vermelho, ouro e prata da barba espetada e dos cabelos soltos.

— Não se preocupem, rapazes — ele disse. — Eu vou dormir bem quente, não importa como eu me deite. — Inclinou a cabeça em minha direção e ouviu-se uma onda geral de risos, com uns salpicos de comentários ligeiramente grosseiros em escocês e gaélico dos homens de Ridge.

Um ou dois dos novos recrutas examinaram-me com uma breve e instintiva especulação, rapidamente abandonada após uma olhada para a altura, a largura e o ar de afável ferocidade de Jamie.

Meus olhos encontraram-se com os de um dos homens e sorri; ele pareceu surpreso, depois devolveu o sorriso, abaixando a cabeça timidamente.

Como é que Jamie fazia isso? Uma piada curta e grosseira e ele

havia me reivindicado publicamente, livrando-me de qualquer ameaça de avanços indesejáveis e reafirmando sua posição de líder.

— Exatamente como um bando de malditos babuínos — murmurei baixinho. — E eu estou dormindo com o líder dos babuínos!

— Babuínos são os macacos sem rabo? — Jamie perguntou, voltando-se novamente para mim depois de uma troca de palavras com Ewald a respeito dos cavalos.

— Sabe muito bem que sim. — Nossos olhos se encontraram e sua boca curvou-se ligeiramente no canto. Eu sabia o que ele estava pensando, e ele sabia que eu sabia; o sorriso se ampliou.

Luís de França mantinha um zoológico particular em Versalhes, entre cujos habitantes havia um pequeno bando de mandris, parentes próximos dos babuínos. Uma das mais populares atividades da Corte nas tardes de primavera era visitar o local dos mandris, para admirar não só a intrepidez sexual do macho, como seu traseiro esplendidamente multicolorido.

Um tal de M. de Ruvel havia se oferecido — ao alcance dos meus ouvidos — a ter o seu traseiro tatuado da mesma forma, se isso resultasse numa receptividade tão favorável por parte das senhoras da Corte. Ele fora, entretanto, firmemente informado por Madame de la Tourelle de que seu físico era, sob todos os aspectos, inferior ao do mandril e era improvável que deixá-lo colorido fosse melhorar a questão.

Era difícil saber à luz do fogo, mas eu tinha quase certeza de que as próprias cores exuberantes de Jamie deviam-se tanto ao riso contido quanto à excitação sexual.

— Por falar em rabos — ele murmurou no meu ouvido. — Você está usando aquelas calças infernais?

— Sim.

— Tire-as.

— O quê? Aqui? — Lancei lhe um olhar arregalado de fingida inocência. — Quer que meu traseiro fique congelado?

Seus olhos estreitaram-se ligeiramente, com um brilho azul de gato nas profundezas.

— Ah, ele não vai congelar — ele disse baixinho. — Eu garanto.

Ele moveu-se para trás de mim e a ardente tremulação das chamas em minha carne foi substituída pela solidez fresca de seu corpo. Mas não menos ardente, como descobri quando ele passou os braços ao redor da minha cintura e me puxou para ele.

— Ah, você as encontrou — exclamei. — Que bom.

— Encontrou o quê? Você tinha perdido alguma coisa? — Roger parou, vindo de onde estavam os cavalos com um rolo de cobertores embaixo do braço, o bodhran embaixo do outro.

— Oh, apenas um par de calças velhas — Jamie disse impassivelmente. Por baixo do meu xale, uma de suas mãos deslizou por dentro do cóis da minha saia. — Vai nos brindar com uma canção?

— Se todos quiserem, sem dúvida. — Roger sorriu, a luz da fogueira vermelha em suas feições. — Na verdade, pretendo aprender uma. Evan prometeu cantar uma canção das silkies que sua avó sabia.

Jamie riu.

— Oh, acho que essa eu conheço.

Uma das sobranceiras de Roger ergueu-se repentinamente e eu virei-me ligeiramente para olhar para Jamie com surpresa.

— Bem, eu não poderia cantá-la — ele disse timidamente, vendo nosso espanto. — Mas eu sei a letra. Evan sempre a cantava, na prisão de Ardsmuir. É um pouco obscena — ele acrescentou, com aquela entoação ligeiramente hipócrita que os escoceses das Highlands frequentemente adotam antes de dizer alguma coisa realmente chocante. Roger reconheceu o tom e riu.

— Então acho melhor eu escrever a letra — ele disse. — Em prol das gerações futuras.

Os dedos de Jamie haviam continuado a trabalhar agilmente e, neste ponto, as calças — que eram dele e, assim, cerca de seis tamanhos maiores do que o meu — soltaram-se e caíram silenciosamente no chão. Uma corrente de ar frio subiu por baixo da minha saia e atingiu minhas partes inferiores desnudadas. Inspirei de repente, com uma leve arfada.

— Frio, hein? — Roger encolheu os ombros, sorrindo enquanto tremia exageradamente em solidariedade.

— É verdade — eu disse. — Capaz de congelar as bolas de um macaco assanhado, não é?

Jamie e Roger desataram em simultâneos acessos de tosse.

Sentinelas a postos e cavalos prontos para a noite, nos retiramos para nosso próprio local de dormir, a uma discreta distância do círculo junto ao fogo. Eu já havia retirado os galhos e pedras maiores da camada de folhas mortas, cortado ramos de abetos e estendido nossos cobertores sobre eles quando Jamie terminou a última ronda do acampamento. O calor da comida e da fogueira havia diminuído, mas não comecei a tremer a sério até ele me tocar.

Eu teria ido diretamente para baixo das cobertas, mas Jamie ainda me segurava. Sua intenção original parecia intacta — para dizer o

mínimo, — mas alguma coisa distraiu momentaneamente sua atenção. Seus braços ainda me enlaçavam, mas ele permaneceu parado, absolutamente imóvel, a cabeça levantada como se ouvisse com atenção, olhando para dentro das trevas da floresta. Estava escuro como breu; nada se via das árvores além do clarão da fogueira refletido dos poucos troncos que estavam mais perto do acampamento — os últimos vestígios do crepúsculo já haviam desaparecido e tudo além deles estava absolutamente negro.

— O que foi? — Recuei um pouco, pressionando-me instintivamente contra ele, e seus braços apertaram-se ao meu redor.

— Não sei. Mas realmente senti alguma coisa, Sassenach. — Ele moveu-se um pouco, levantando a cabeça para sondar melhor a escuridão, como um lobo farejando o vento, mas nenhuma informação chegou até nós, salvo um chocalhar distante de galhos desfolhados.

— Se não forem rinocerontes, é alguma outra coisa — ele disse baixinho e um leve tremor de inquietação arrepiou os cabelos de minha nuca. — Um momento, Sassenach.

Ele me deixou, o vento soprando repentinamente frio ao meu redor com a perda de sua presença, e foi falar com dois dos homens que estavam ali perto, sem fazer nenhum alarde.

E o que ele teria pressentido, lá fora, na escuridão? Eu tinha o maior respeito pelo senso de perigo de Jamie. Ele vivera tempo demais como caçador e como caça, para não sentir a tensa prontidão que havia entre os dois — invisível ou não.

Ele retornou instantes depois e agachou-se ao meu lado enquanto eu me enfiava, tremendo, embaixo dos cobertores.

— Está tudo bem — ele disse. — Eu disse para deixarmos dois homens de guarda esta noite e para cada um manter a arma carregada e à mão. Mas creio que está tudo bem. — Ele olhou para além de mim, para dentro da floresta, mas seu rosto agora estava apenas pensativo.

— Está tudo bem — ele repetiu, com mais convicção.

— Foi embora?

Ele virou a cabeça, os lábios esboçando um sorriso. Sua boca parecia macia, tenra e vulnerável em meio aos pelos duros, vermelhos e espetados da barba.

— Nem sei se havia alguma coisa lá, Sassenach — ele disse. — Senti olhos sobre mim, mas pode ter sido um lobo de passagem, uma coruja ou nada mais do que um espírito inquieto, vagando pela floresta. Mas, sim, agora já se foi.

Sorriu para mim; vi a tremulação da luz que orlava sua cabeça e ombros quando ele se virou, recortado em silhueta contra a fogueira.

Mais além, a voz de Roger flutuava até mim, acima dos estalidos da fogueira, conforme ele aprendia a melodia da canção das silkies, seguindo a voz de Evan, grave, mas confiante. Jamie deslizou para baixo das cobertas ao meu lado e virou-se para mim, as mãos frias tateando para que eu devolvesse o favor que ele me fizera antes.

Tremíamos convulsivamente, ansiosos pelo calor um do outro. Eu o encontrei e ele me virou, puxando para cima as camadas de tecido entre nós, de modo que ele ficasse atrás de mim, o braço ao meu redor, as pequenas áreas secretas de nossa nudez unidas no calor embaixo das cobertas. Permaneci de frente para a escuridão da floresta, observando a luz da fogueira dançar entre as árvores, enquanto Jamie movia-se atrás de mim — atrás, entre, dentro — quente e volumoso e tão vagaroso a ponto de mal farfalhar os ramos que forravam o solo sob nós. A voz de Roger ergueu-se forte e melodiosa, acima do murmúrio dos homens, e os tremores lentamente cessaram.

Acordei muito mais tarde sob um céu azul-preto, a boca seca, o som áspero da respiração de Jamie em meu ouvido. Eu estivera sonhando; um desses sonhos repetitivos, inquietantes e sem sentido, que desaparece imediatamente assim que acordamos, mas deixa um gosto desagradável na boca e na mente. Precisando tanto de água quanto de aliviar minha bexiga, contorci-me cuidadosamente para sair de baixo do braço de Jamie e deslizei para fora das cobertas. Ele se mexeu e gemeu levemente, fungando em seu sono, mas não acordou.

Parei para colocar a mão de leve em sua testa. Fresca, nenhuma febre. Talvez ele estivesse certo, então — apenas um forte resfriado. Levantei-me, relutante em deixar o quente santuário de nosso ninho, mas sabendo que não conseguiria esperar até de manhã.

As canções haviam silenciado, a fogueira estava menor, mas ainda queimando, mantida pela sentinela a serviço. Era Murdo Lindsay; eu podia ver o pelo branco de seu chapéu de pele de gambá, empoleirado em cima do que parecia uma pilha amontoada de roupas e cobertores. O anónimo de Glasgow agachava-se do outro lado da clareira, o mosquete sobre os joelhos; balançou a cabeça para mim, o rosto sombreado pela aba do chapéu desengonçado. O chapéu branco também se virou em minha direção, com o ruído dos meus passos. Delineei uma onda e Murdo balançou a cabeça para mim e virou-se novamente para a floresta.

Os homens dormiam num círculo encoberto como por uma mortalha, enfiados em seus cobertores. Senti uma súbita inquietação ao caminhar pelo meio deles. Ainda sob o efeito da noite e dos sonhos, estremeci à vista das formas silenciosas, jazendo tão imóveis no chão, lado a lado. Exatamente assim, haviam sido dispostos os corpos em

Amiens. Em Preston. Imóveis e cobertos, lado a lado, os rostos cobertos e anônimos. A guerra raramente olha no rosto de seus mortos.

E por que eu deveria acordar dos braços do meu amado pensando em guerra e nas fileiras adormecidas de homens mortos?, eu me perguntei, pisando de leve pela fila de corpos cobertos. Bem, isso era bastante simples, considerando-se nossa missão. Estávamos a caminho da guerra — se não agora, ainda assim muito em breve.

Uma forma enrolada num cobertor resmungou, tossiu e virou-se, o rosto invisível, indiscernível dos demais. O movimento assustou-me, mas um enorme pé projetou-se de baixo do cobertor, revelando a bota amarrada com corda de Evan Lindsay. Senti o fardo da imaginação ansiosa relaxar, com aquela prova de vida, de individualidade.

É o anonimato da guerra que torna a matança possível. Quando os mortos sem nome são identificados outra vez no túmulo e no monumento aos mortos de guerra, é que eles recuperam a identidade que perderam como soldados e assumem seu lugar no luto e na lembrança, os fantasmas de filhos e amantes. Talvez esta jornada terminasse em paz. Mas o conflito que estava por vir, entretanto... o mundo iria ouvir falar dele, e eu passei pelo último dos homens adormecidos, como se caminhasse por um pesadelo do qual ainda não acordara.

Peguei um cantil do chão perto dos alforjes e tomei um grande gole. A água estava gelada e meus pensamentos sombrios começaram a se dissipar, levados por sua sensação límpida e agradável. Parei, arquejante por causa do frio, e limpei a boca.

Era melhor levar um pouco para Jamie; se ele não acordara com a minha ausência, acordaria com a minha volta, e eu sabia que sua boca também estaria seca, já que ele estava completamente impossibilitado de respirar pelo nariz no momento. Passei a tira de couro do cantil pelo meu ombro e entrei no abrigo da floresta.

Estava ainda mais frio sob as árvores, mas o ar estava parado e absolutamente límpido. As sombras que pareciam sinistras vistas da fogueira eram estranhamente reconfortantes, vistas de dentro da floresta. Longe do clarão e dos estalidos do fogo, meus olhos e ouvidos começaram a se adaptar à escuridão. Ouvi o farfalhar de algo pequeno no capim seco ali perto e o inesperado e distante pio de uma coruja.

Depois de terminar, permaneci imóvel por alguns minutos, desfrutando da momentânea solidão. Estava terrivelmente frio, mas cheio de paz. Jamie tinha razão, pensei; o que quer que tenha ou não estado ali antes, o bosque não tinha nada de hostil agora.

Como se meu pensamento o tivesse invocado, ouvi uma passada

cautelosa e sua respiração lenta e arranhada. Ele tossiu, um barulho abafado, sufocado, que não me tranquilizou nem um pouco.

— Estou aqui — eu disse baixinho. — Como está o peito?

A tosse foi substituída por um repentino chiado de pânico, e ouviu-se uma agitação e um ruído de folhas e galhinhos triturados entre as árvores. Vi Murdo sobressaltar-se junto ao fogo, o mosquete na mão, e, em seguida, uma figura escura passou por mim como uma flecha.

— Oi! — exclamei, mais espantada do que assustada. A figura tropeçou e, por reflexo, tirei o cantil do ombro e girei-o no ar pela tira. A figura foi atingida nas costas com uma pancada oca e, quem quer que fosse — certamente não era Jamie, — caiu de joelhos, tossindo.

Seguiu-se um curto período de caos, de gritaria incoerente e confusão generalizada, com os homens explodindo de seus cobertores como bonecos de mola saltando da caixa de brinquedo. O sujeito de Glasgow pulou por cima de vários corpos atrapalhados para se levantar e arremessou-se para dentro da floresta, o mosquete acima da cabeça, berrando. Correndo para dentro da escuridão, ele se lançou sobre a primeira figura que vislumbrou, que por acaso era eu. Voei de cabeça no meio das folhas, onde aterrissei de forma pouco elegante, esparramada e sem ar, o sujeito de Glasgow ajoelhado na minha barriga.

Devo ter soltado um grunhido suficientemente feminino quando caí, porque ele parou, por pouco não desfechando uma coronhada na minha cabeça.

— Hein? — Abaixou a mão livre e apalpou cautelosamente. Sentindo o que inequivocamente era um seio, deu um salto para trás como se tivesse se queimado e lentamente afastou-se de mim.

— Hãã... humm! — resmungou.

— Ufa! — respondi, o mais cordialmente possível. As estrelas giravam acima da minha cabeça, brilhando através dos galhos desfolhados. O homem de Glasgow desapareceu, com um pequeno ruído escocês de constrangimento. Havia tumulto e gritaria mais adiante, à minha esquerda, mas eu não tinha atenção para mais nada além de tentar recuperar o fôlego.

Quando finalmente consegui ficar de pé novamente, o intruso havia sido capturado e arrastado para a luz da fogueira.

Se ele não estivesse tossindo quando eu o atingi, provavelmente teria conseguido escapar. No entanto, ele arquejava tão ruidosamente, tossindo e chiando, que mal conseguia permanecer em pé, e seu rosto estava escuro do esforço para conseguir respirar. As veias de sua testa

sobressaíam-se como vermes e ele emitia um estranho ruído sibilante quando respirava — ou tentava respirar.

— O que você está fazendo aqui? — Jamie perguntou com a voz rouca, depois parou para tossir, em solidariedade.

Essa era uma pergunta puramente retórica, já que o rapaz obviamente não conseguia falar. Era Josiah Beardsley, meu paciente em potencial para extração das amígdalas, e o que quer que ele tenha andado fazendo desde a Assembleia não havia contribuído em nada para melhorar sua saúde.

Corri para o fogo, onde o bule de café estava sobre o carvão. Peguei-o com uma dobra do meu xale e o sacudi. Ótimo, ainda restava um pouco e, como estava ali desde o jantar, devia estar forte como Hades.

— Sente-o, afrouxe suas roupas, traga-me água fria! — Abri caminho pelo círculo de homens em torno do prisioneiro, forçando-os a se afastarem com o bule de café quente.

Em um ou dois instantes, eu já tinha uma caneca de café forte em seus lábios, escuro como piche, diluído com não mais do que uns salpicos de água fria, para que não queimasse sua boca.

— Expire devagar contando até quatro, inspire contando até dois, expire outra vez e tome um gole — eu disse. Os brancos de seus olhos apareciam a toda volta da íris e a saliva havia se acumulado nos cantos de sua boca. Mas coloquei a mão em seu ombro com firmeza, obrigando-o a respirar, contar, respirar — e o esforço desesperado abrandou um pouco.

Um gole, uma respiração, um gole, uma respiração, e, quando finalmente todo o café já tinha sido ingerido, seu rosto já havia desbotado de um alarmante tom roxo-azulado para algo mais parecido com barriga de peixe, com duas marcas avermelhadas onde os homens o haviam golpeado. O ar ainda assobiava em seus pulmões, mas ele estava conseguindo respirar, o que era uma melhora significativa.

Os homens espalharam-se ao redor, murmurando e observando com interesse, mas fazia frio e era tarde e, conforme o frenesi da captura esvaeceu, começaram a desanimar e bocejar. Tratava-se, afinal, apenas de um garoto, e um bem mirrado e feio, por sinal. Voltaram com bastante satisfação para seus cobertores quando Jamie os despachou, ficando apenas Jamie, Roger e eu para cuidar do hóspede inesperado.

Eu fiz com que o embrulhassem em cobertores extras, untei-o com gordura de urso canforada e coloquei outra xícara de café em suas mãos, antes de permitir que Jamie o interrogasse. O rapaz parecia extremamente envergonhado dos meus cuidados, os ombros

encolhidos e os olhos fixos no chão, mas não sei se era apenas o fato de não estar acostumado a que cuidassem dele ou se era a presença intimidante de Jamie, os braços cruzados, que o embaraçava.

Ele era pequeno para catorze anos e magro a ponto de ser emaciado; eu poderia contar suas costelas quando abri sua camisa para ouvir o coração. Não tinha nenhum traço bonito; os cabelos negros haviam sido picados bem curtos e projetavam-se de sua cabeça como um tapete de espigões, emplastrados de poeira, gordura e suor, e seu aspecto geral era o de um macaco assolado de pulgas, os olhos grandes e arregalados num rosto macilento, contraído de preocupação e desconfiança.

Tendo finalmente feito tudo que me era possível, fiquei satisfeita com seu aspecto. A um sinal meu com a cabeça, Jamie agachou-se ao lado do garoto.

— Então, sr. Beardsley — ele disse amavelmente. — Veio se unir ao nosso grupo de milícia?

— Ah... não. — Josiah rolava a caneca de madeira entre as mãos, sem erguer os olhos. — Eu... hã... o que eu fazia me trouxe para este lado, só isso. — Falou com voz tão rouca, que eu me contrai em solidariedade, imaginando a dor que sua garganta inflamada estaria provocando.

— Sei. — A de Jamie era baixa e amistosa. — Então você viu nossa fogueira por acaso e pensou em vir, em busca de um abrigo e uma refeição?

— Sim, foi isso. — Ele engoliu, com evidente dificuldade.

— Mmmhum. Mas você veio antes, não foi? Você estava na floresta pouco antes do pôr do sol. Por que esperar até a luz subir no céu para se apresentar?

— Não... eu não estava...

— Ah, estava sim. — A voz de Jamie ainda era amistosa, mas firme. Estendeu a mão e agarrou a frente da camisa de Josiah, forçando o garoto a olhar para ele.

— Olhe aqui, rapaz. Nós temos um acordo. Você é meu colono; foi o que combinamos. Isso significa que tem direito à minha proteção. Também significa que tenho o direito de ouvir a verdade.

Josiah devolveu o olhar e, apesar de haver medo e cautela em seus olhos, havia também uma noção de autoconfiança que parecia de alguém com bem mais de catorze anos. Ele não fez nenhum esforço para desviar os olhos e havia uma expressão de profunda avaliação nos astutos olhos negros.

Esta criança — se é que se podia considerá-lo uma criança;

obviamente, Jamie não o fazia — estava acostumada a contar apenas consigo mesma.

— Eu lhe disse, senhor, que eu estaria em sua casa até o Ano-Novo, e é o que pretendo fazer. O que eu fiz neste meio tempo é problema meu.

As sobranceiras de Jamie ergueram-se repentinamente, mas ele balançou a cabeça devagar e soltou a camisa do rapaz.

Josiah abriu a boca como se fosse falar, mas mudou de ideia e, em vez disso, enterrou o nariz na xícara de café.

Jamie tentou outra vez.

— E podemos ajudá-lo no que você estava fazendo? Quer viajar um pouco conosco, ao menos?

Josiah sacudiu a cabeça.

— Não. Agradeço-lhe muito, senhor, mas eu tenho que resolver isso sozinho.

Roger estava sentado um pouco atrás de Jamie, observando em silêncio. Inclinou-se para frente agora, os olhos verdes fixos no garoto.

— Isso que você está fazendo — ele disse. — Não está por acaso ligado a essa marca no seu polegar?

A xícara caiu no chão e o café espalhou-se, respingando no meu rosto e corpete. O rapaz já estava fora dos cobertores e no meio da clareira antes que eu pudesse piscar os olhos para ver o que estava acontecendo — e a essa altura, Jamie já se levantara e o perseguia. O garoto deu a volta na fogueira; Jamie saltou por cima dela. Eles desapareceram na floresta como raposa e cão de caça, deixando Roger e eu paralisados e boquiabertos.

Pela segunda vez naquela noite, os homens saltaram de suas cobertas, agarrando as armas. Eu estava começando a achar que o governador ficaria satisfeito com esta milícia; eles certamente estavam prontos para entrar em ação num piscar de olhos.

— O que diabos...? — eu disse a Roger, limpando café das minhas sobranceiras.

— Talvez eu não devesse ter mencionado aquilo tão repentinamente — ele disse.

— O quê? O que foi? O que está acontecendo? — berrou Murdo Lindsay, olhando com os olhos arregalados ao redor enquanto girava o cano do seu mosquete pelas árvores nas sombras.

— Estamos sendo atacados? Onde estão os filhos da mãe? — Kenny surgiu de quatro ao meu lado, espreitando por baixo da aba de seu gorro de tricô como um sapo debaixo de um daqueles regadores

redondos, comuns na época.

— Ninguém. Não aconteceu nada. Quero dizer... realmente, está tudo bem!

Meus esforços para acalmar e explicar passaram praticamente despercebidos na confusão. Roger, no entanto, sendo muito maior e com voz muito mais forte, conseguiu finalmente acalmar o distúrbio e explicar o que havia acontecido — até onde podia ser explicado. Que diferença faria um garoto a mais ou a menos? Com sonoros resmungos, os homens acalmaram-se mais uma vez, deixando Roger e eu nos entreolhando por cima do bule de café.

— O que era aquilo, então? — perguntei, um pouco irritada.

— A marca? Tenho certeza de que era a letra "L". Eu a vi quando você o fez pegar o café e ele envolveu a caneca com a mão.

Senti um nó no estômago. Eu sabia o que isso significava; eu já vira essa marca antes.

— Ladrão — Roger disse, os olhos no meu rosto. — Ele foi marcado.

— Sim — eu disse pesarosamente. — Ah, meu Deus.

— As pessoas em Ridge não o aceitariam, se soubessem? — Roger perguntou.

— Duvido de que a maioria se importasse muito — eu disse. — Não é isso; é que ele fugiu quando você mencionou isso. Ele não é apenas um ladrão condenado; receio que possa ser um fugitivo. E Jamie chamou-o, na Assembleia.

— Ah. — Roger coçou a barba distraidamente. — Earbsachd. Jamie vai se sentir de certa forma responsável por ele?

— Algo assim.

Roger era escocês e — ao menos, tecnicamente — um escocês das Highlands. Mas ele nascera muito tempo depois do fim dos clãs, e nem a história nem a herança cultural poderiam ter lhe ensinado a força dos laços antigos entre o senhor das terras e seu arrendatário, entre o chefe e os membros do clã. Muito provavelmente, o próprio Josiah não tinha a menor ideia da importância do earbsachd — do que fora prometido e aceito de ambos os lados. Jamie tinha.

— Acha que Jamie vai conseguir pegá-lo? — Roger perguntou.

— Espero que já o tenha feito. Não pode rastrear o garoto no escuro e, se o tivesse perdido, já estaria de volta.

Havia outras possibilidades — que Jamie houvesse caído de um precipício na escuridão, tropeçado numa pedra e quebrado a perna ou se deparado com um lince ou um urso, por exemplo, mas preferi não

ficar remoendo as possibilidades.

Levantei-me, esticando meus membros contraídos, e olhei para dentro da floresta, onde Jamie e sua caça haviam desaparecido. Josiah devia ser um ótimo mateiro e caçador; Jamie o era havia muito mais tempo. Josiah era pequeno, rápido e estava impelido pelo medo; Jamie possuía uma grande vantagem em tamanho, força e absoluta ferocidade.

Roger ficou de pé ao meu lado. O rosto magro estava ligeiramente perturbado, enquanto perscrutava as árvores ao redor.

— Está levando muito tempo. Se ele pegou o garoto, o que estará fazendo com ele?

— Extraíndo a verdade, imagino — eu disse. Mordi o lábio diante deste pensamento. — Jamie não gosta que mintam para ele.

Roger olhou para mim, ligeiramente espantado.

— Como?

Dei de ombros.

— Do modo que puder. — Eu já o vira fazer isso por racionalização, trapaça, sedução, ameaças — e, de vez em quando, pela força bruta. Eu esperava que ele não tivesse que recorrer à força — mais pelo seu próprio bem do que pelo de Josiah.

— Sei — Roger disse à meia-voz. — Muito bem, então.

O bule de café estava vazio; enrolei minha capa ao meu redor e me dirigi ao córrego para lavá-lo e enchê-lo, pendurei-o acima do fogo para ferver e sentei-me para esperar.

— Você devia ir dormir — eu disse a Roger, após alguns minutos. Ele apenas sorriu para mim, limpou o nariz e encolheu-se mais em sua capa.

— Você também — ele disse.

Não havia nenhum vento, mas era muito tarde e o frio se apossara do vale, descendo úmido e pesado sobre o solo. Os cobertores dos homens haviam ficado impregnados da condensação e eu podia sentir o frio denso do solo infiltrando-se pelas dobras da minha saia. Pensei em recolocar minhas calças, mas não conseguia reunir forças para procurá-las. A agitação do aparecimento e fuga de Josiah havia desaparecido e a letargia do frio e do cansaço começava a predominar.

Roger atçou um pouco a fogueira e acrescentou lenha ao fogo. Enfieí outra dobra da saia sob minhas coxas e me enrolei mais na capa e no xale, enterrando as mãos nas dobras do tecido. O bule fervia, dependurado, o silvo de uma ou outra gota caindo no fogo, pontuando os roncos encatarrados dos homens adormecidos.

Mas eu não via as formas enroladas em cobertores, nem ouvia o murmúrio dos pinheiros escuros. Eu ouvia o estalido de folhas secas num bosque de carvalho na Escócia, nas colinas acima de Carryarrick. Nós havíamos acampado lá, dois dias antes de Prestonpans, com trinta homens de Lallybroch — a caminho de nos juntar às tropas de Carlos Stuart. E um jovem surgira de repente do meio da escuridão; uma faca brilhara na luz do fogo.

Outro lugar, outra época. Sacudi-me, tentando dissipar as repentinas lembranças: um rosto branco e magro e os olhos de um garoto esbugalhados de choque e dor. A lâmina de uma adaga, escurecendo e brilhando nas brasas da fogueira. O cheiro de pólvora, suor e carne queimada.

"Eu pretendo matá-lo com um tiro", ele dissera a John Grey. "Cabeça ou coração?" Por ameaça, trapaça — pela força bruta.

Isso foi naquela ocasião; agora era outra, eu disse a mim mesma. Mas Jamie faria o que achasse que tinha que fazer.

Roger permanecia sentado em silêncio, observando as chamas bruxuleantes e a floresta do outro lado da fogueira. Seus olhos estavam velados e eu me perguntei o que ele estaria pensando.

— Você se preocupa com ele? — ele perguntou brandamente, sem olhar para mim.

— Quando? Agora ou sempre? — Sorri, embora sem muito humor. — Se o fizesse, nunca teria descanso.

Ele virou a cabeça para mim e seus lábios esboçaram um leve sorriso.

— Está descansando agora, hein?

Eu sorri novamente, agora de verdade, a despeito de mim mesma.

— Não estou andando de um lado para o outro — respondi. — Nem estou ainda torcendo as mãos.

Uma sobranceira escura se levantou.

— Ajudaria a mantê-las aquecidas.

Um dos homens se mexeu, murmurando em suas cobertas, e paramos de falar por um instante. O bule de café estava fervendo; eu podia ouvir o ronco suave do líquido lá dentro.

O que podia estar retendo-o? Ele não podia estar levando todo este tempo para interrogar Josiah Beardsley — ou ele já teria obtido as respostas desejadas sem demora ou teria deixado o garoto ir embora. Não interessava o que o garoto havia roubado, não era problema de Jamie — a não ser pela promessa de earbsachd.

As chamas eram ligeiramente hipnóticas; eu podia olhar para o

clarão bruxuleante e ver na lembrança a grande fogueira da Assembleia, as figuras escuras ao seu redor e o som de violinos distantes...

— Quer que eu vá procurar por ele? — Roger perguntou repentinamente, em voz baixa.

Sobressaltei-me, arrancada bruscamente da minha sonolenta hipnose. Esfreguei a mão no rosto e sacudi a cabeça para clareá-la.

— Não. É perigoso entrar em florestas estranhas no escuro e você não conseguiria encontrá-lo de qualquer modo. Se ele não tiver voltado até de manhã, então estará na hora de procurarmos por ele.

Conforme o tempo continuava transcorrendo lentamente, comecei a pensar que era possível que amanhecesse antes de Jamie chegar. Eu estava preocupada com Jamie — mas, na verdade, não havia nada que se pudesse fazer antes do amanhecer. Pensamentos inquietantes forçavam-se a se instalar em minha mente. Josiah teria uma faca? Certamente, sim. Mas ainda que o garoto estivesse suficientemente desesperado para usá-la, seria possível para ele pegar Jamie de surpresa? Afastei essas ansiosas especulações, tentando ocupar a mente em contar o número de tosses dos homens ao redor do fogo.

A número oito foi de Roger; uma tosse profunda, solta, que sacudiu seus ombros. Ele estaria preocupado com Bri e Jemmy?, eu me perguntei. Ou ele se perguntava se Bri estaria preocupada com ele? Eu poderia ter lhe dito isso, mas de nada adiantaria ele saber. Os homens na guerra — ou se preparando para ela — precisavam da ideia de lar como um lugar de absoluta segurança; a convicção de que tudo estava bem lá mantinha-os animados e de pé, marchando, suportando todas as vicissitudes. Outras coisas o fariam lutar, mas lutar é uma parte muito pequena da guerra...

Uma parte desgraçadamente importante, Sassenach, disse a voz de Jamie no fundo da minha cabeça.

Comecei finalmente a cochilar, acordando repetidamente, conforme minha cabeça tombava bruscamente no meu pescoço. Da última vez, foi a sensação de mãos nos meus ombros que me acordou, mas apenas por um breve instante. Roger me ajudou a me deitar, ajeitando metade do meu xale como um travesseiro sob a minha cabeça e cobrindo bem meus ombros com o restante. Vislumbrei a sua figura em silhueta contra o fogo, negra e parecendo um urso em sua capa, e, em seguida, não vi mais nada.

Não sei quanto tempo dormi; acordei repentinamente, com o barulho de um espirro explosivo nas proximidades. Jamie estava sentado a alguns passos de distância, segurando o pulso de Josiah Beardsley com uma das mãos, a adaga na outra. Parou apenas o

suficiente para dar mais dois espirros, limpou o nariz com impaciência na manga, depois enfiou a adaga nas brasas da fogueira.

Senti o cheiro de metal incandescente e levantei-me bruscamente sobre um dos cotovelos. Antes que eu pudesse dizer ou fazer alguma coisa, algo se remexeu contra mim. Olhei para baixo, atônita, depois para cima, novamente para baixo, convencida em meu atordoamento de que ainda estava sonhando.

Havia um menino debaixo da minha capa, curvado contra meu corpo, dormindo profundamente. Vi cabelos pretos e uma forma raquítica, uma pele macerada, suja e arranhada. Então ouviu-se um assobio repentino e alto do fogo e meus olhos saltaram de volta para Jamie, a tempo de ver Jamie pressionar o polegar de Josiah contra o metal abrasador de sua adaga enegrecida.

Jamie percebeu meu movimento convulsivo pelo canto do olho e olhou de cara feia em minha direção, os lábios contraídos numa silenciosa súplica para que eu ficasse quieta. O rosto de Josiah estava contorcido, os lábios cerrados sobre os dentes em agonia — mas ele não fez nenhum ruído. Do outro lado do fogo, Kenny Lindsay observava, sentado, silencioso como uma rocha.

Ainda convencida de que eu estava sonhando — ou esperando estar, — coloquei a mão sobre o garoto enroscado ao meu lado. Ele moveu-se outra vez e a sensação de um corpo sólido sob meus dedos me acordou completamente. Minha mão fechou-se em seu ombro e seus olhos abriram-se repentinamente, arregalados de susto.

Ele afastou-se bruscamente, arrastando-se para se pôr de pé. Então viu seu irmão — pois obviamente Josiah era seu irmão — e parou abruptamente, olhando com pavor ao redor da clareira, para os homens espalhados, para Jamie, Roger e para mim.

Ignorando o que devia ser uma dor terrível de um dedo queimado, Josiah levantou-se e aproximou-se rápida e silenciosamente de seu irmão, segurando-o pelo braço.

Levantei-me, movendo-me devagar para não os assustar. Eles me observaram, expressões idênticas de cautela nos rostos pálidos e macilentos. Idênticas. Sim, exatamente os mesmos rostos esqueléticos — embora os cabelos do outro garoto fossem compridos. Ele vestia apenas uma camisa esfarrapada e estava descalço. Vi Josiah apertar o braço do irmão para tranquilizá-lo e comecei a suspeitar exatamente o que ele havia roubado. Esbocei um sorriso para ambos, depois estendi a mão para Josiah.

— Deixe-me ver sua mão — sussurrei.

Ele hesitou por um instante, depois me deu sua mão direita. Foi um trabalho limpo e benfeito; tão perfeito, que senti uma sensação de

desmaio por um instante. A almofada do polegar havia sido extirpada com precisão, o ferimento aberto cauterizado com metal em brasa. Uma crosta oval negra e vermelha substituíra a marca incriminadora.

Houve um leve movimento atrás de mim; Roger fora buscar minha caixa de remédios e colocou-a no chão aos meus pés.

Não havia muito que fazer com o ferimento, a não ser aplicar um pouco de pomada de genciana e enfaixar o polegar com um pano limpo e seco. Eu tinha consciência da presença de Jamie enquanto trabalhava; ele havia embainhado a adaga e se levantado silenciosamente para ir remexer nos alforjes e pacotes. Quando terminei meu rápido curativo, ele já estava de volta, com um bocado de comida embrulhada num lenço e um cobertor sobressalente enrolado como um rolo. Sobre o braço, estavam minhas calças descartadas.

Entregou as calças ao novo menino, deu a comida e o cobertor a Josiah, depois colocou a mão no ombro do garoto e a apertou com força. Tocou delicadamente o outro menino, virando-o na direção da floresta com uma das mãos em suas costas. Em seguida, sacudiu a cabeça na direção das árvores e Josiah assentiu. Tocou a testa para mim, a atadura brilhando, branca, em seu polegar, e murmurou:

— Obrigado, senhora.

Os dois meninos desapareceram silenciosamente dentro da floresta, os pés descalços do gêmeo refletindo palidamente sob a bainha esvoaçante das calças, enquanto ele seguia o irmão.

Jamie balançou a cabeça para Kenny, depois se sentou novamente junto ao fogo, os ombros arriando-se em repentina exaustão. Servi-lhe café e ele aceitou, a boca torcendo-se numa tentativa de sorriso de agradecimento que se dissipou num acesso violento de tosse.

Peguei a caneca antes que o café derramasse e meus olhos encontraram-se com os de Roger por cima do ombro de Jamie. Ele fez um sinal com a cabeça na direção leste e colocou um dedo sobre os lábios, depois deu de ombros com uma careta de resignação. Ele queria tanto quanto eu saber o que havia acontecido exatamente — e por quê. Mas ele tinha razão; a noite findava. Logo a aurora surgiria e os homens — todos acostumados a acordar à primeira luz do dia — estariam flutuando para a superfície da consciência.

Jamie parara de tossir, mas fazia terríveis sons gorgolejantes na tentativa de limpar a garganta — soava mais ou menos como um porco afundando na lama.

— Tome — sussurrei, devolvendo-lhe a xícara. — Beba e vá se deitar. Devia dormir um pouco.

Ele sacudiu a cabeça e levou a xícara aos lábios. Engoliu, fazendo uma careta com a bebida amarga.

— Não vale a pena — ele disse, grasnando como um corvo. Indicou a direção leste com a cabeça, onde as cristas dos pinheiros pareciam pintadas de preto contra um céu cada vez mais cinzento. — E, além do mais, tenho que pensar no que fazer agora.

A MORTE CHAMA

Eu mal podia conter minha impaciência até os homens terem se levantado e comido, desfeito o acampamento — de uma maneira irritantemente vagarosa — e montado. Finalmente, entretanto, eu me vi mais uma vez na sela do cavalo, cavalgando por uma manhã tão fria e revigorante, que parecia que o ar iria se estilhaçar quando eu respirava.

— Pronto — eu disse sem preâmbulos, quando meu cavalo emparelhou com o de Jamie. — Fale.

Ele olhou para mim e sorriu. Seu rosto estava marcado pelo cansaço, mas o ar refrescante — e muito café forte — o haviam reanimado. Apesar da noite tumultuada, eu mesma me sentia ágil e cheia de energia, o sangue correndo perto da superfície da pele e colorindo minhas faces.

— Não pretende esperar por Roger?

— Eu contarei a ele mais tarde... ou você pode contar. — Não havia como cavalgar com três cavalos emparelhados; foi somente graças a uma enxurrada que deixara um leque de cascalhos na encosta da montanha que podíamos agora cavalgar lado a lado por alguns instantes, fora do alcance dos ouvidos alheios. Instiguei meu cavalo a se aproximar da montaria de Jamie, meus joelhos envoltos no vapor das narinas do animal.

Jamie passou a mão pelo rosto e sacudiu-se, como se quisesse se livrar da fadiga.

— Sim, bem... — ele disse. — Você viu que eles são irmãos, não?

— Sim, eu notei. De onde surgiu o outro?

— De lá. — Ergueu o queixo, apontando para oeste. Graças ao vazio deixado pela enxurrada, havia uma vista desimpedida de um pequeno bosque no vale embaixo — uma dessas interrupções naturais na mata fechada, onde as árvores cedem lugar a prados e córregos. Das árvores na beira do bosque, erguia-se uma leve nuvem de fumaça, apontando como um dedo no ar frio e parado.

Estreitando os olhos, pude divisar o que parecia uma pequena casa de fazenda, com duas precárias construções separadas. Enquanto eu observava, uma figura minúscula emergiu da casa e dirigiu-se a um dos barracões.

— Logo vão descobrir que ele se foi — Jamie disse com ar severo.
— Apesar de que, com sorte, pensarão apenas que ele foi à latrina ou ordenhar as cabras.

Não me dei ao trabalho de perguntar como ele sabia que tinham cabras.

— É a casa deles? De Josiah e seu irmão?

— Mais ou menos, Sassenach. Eram escravos.

— Eram? — eu disse ceticamente. De certo modo, eu duvidava de que os termos do contrato de servidão houvessem simplesmente expirado na noite anterior.

Jamie deu de ombros e limpou o nariz escorrendo na manga.

— Se ninguém os pegar, sim.

— Você pegou Josiah — ressaltei. — O que ele lhe disse?

— A verdade — ele disse, contorcendo ligeiramente o canto da boca. — Ou ao menos eu acho que sim.

Ele havia caçado Josiah pela escuridão, guiado pelo som dos chiados desenfreados da respiração do rapaz, e finalmente encurralou-o numa depressão rochosa do terreno, agarrando-o no escuro. Ele enrolou o garoto quase congelado em seu xale, obrigou-o a sentar-se e, com judiciosa aplicação de paciência e firmeza — aumentada com goles de uísque do frasco, — conseguira finalmente extrair sua história.

— A família era de imigrantes, pai, mãe e seis crianças. Somente os gêmeos sobreviveram à travessia, o resto morreu de doença no mar. Não tinham nenhum parente aqui — ou nenhum que estivesse esperando o navio, de qualquer modo — e assim o capitão do navio vendeu-os. O preço não cobria o custo da passagem da família, então os garotos foram contratados como escravos por trinta anos, devendo seus salários servirem para abater a dívida.

Sua voz, ao contar a história, era prática e impessoal; coisas assim aconteciam. Eu sabia que sim, porém estava menos inclinada a aceitá-las sem comentário.

— Trinta anos! Ora, isso... que idade tinham na época?

— Dois ou três — ele disse.

Fiquei desconcertada. Deixando de lado a tragédia inicial, isso era uma espécie de solução, imaginei; se a compra dos meninos provesse o bem-estar das crianças... mas eu me lembrei das costelas esqueléticas de Josiah e de suas pernas tortas. Não haviam realmente cuidado deles. Mas, de qualquer modo, muitas crianças que vinham de lares afetuosos também não o eram.

— Josiah não faz a menor ideia de quem eram seus pais, de onde vinham, nem quais eram seus nomes — Jamie explicou. Tossiu brevemente e limpou a garganta.

— Ele sabe seu nome e o do irmão, Keziah, porém nada mais. Beardsley é o nome do homem que os comprou, mas, quanto aos garotos, não sabem se são escoceses, ingleses, irlandeses. Com esses nomes, provavelmente não são alemães, nem poloneses, mas mesmo isso não é impossível.

— Huum. — Soltei uma baforada de vapor pensativo, temporariamente obscurecendo a casa de fazenda lá embaixo. — Então Josiah fugiu. Imagino que isso tenha alguma coisa a ver com a marca em seu dedo, não é?

Jamie confirmou, balançando a cabeça, os olhos no chão enquanto seu cavalo escolhia onde pisar no terreno em declive. O solo de cada lado dos cascalhos era macio e torrões de terra preta projetavam-se como um fungo rastejante pelas pedras soltas.

— Ele roubou um queijo, foi bem sincero sobre isso. — Sua boca alargou-se momentaneamente achando graça. — Pegou-o de um barracão de laticínios em Brownsville, mas a mulher que trabalhava lá o viu. Na realidade, a mulher disse que tinha sido o outro, o irmão, que roubara o queijo, mas... — As sobranceiras ruivas de Jamie uniram-se por um instante.

— Talvez Josiah não tenha sido tão sincero sobre isso quanto eu pensei. De qualquer modo, um dos garotos roubou o queijo. Beardsley pegou-os com o queijo e chamou o xerife, e Josiah assumiu a culpa... e o castigo.

O rapaz fugira da fazenda depois do incidente, que aconteceu havia dois anos. Josiah — segundo ele contou a Jamie — sempre pretendia voltar e resgatar seu irmão, assim que conseguisse arranjar um lugar para eles viverem. A oferta de Jamie caíra do céu para ele e ele deixara a Assembleia para fazer seu caminho de volta a pé.

— Imagine a sua surpresa ao nos encontrar acampados lá na encosta do monte — Jamie disse e espirrou. Limpou o nariz, os olhos lacrimejando um pouco. — Ele estava espreitando por perto, tentando decidir se esperava até termos partido, ou descobrir se estávamos indo para a fazenda, achando que, se assim fosse, seríamos uma boa distração para ele se esgueirar até lá e resgatar o irmão.

— Então você resolveu ir com ele até lá e ajudá-lo a raptar o irmão. — Meu próprio nariz escorria do frio. Tateei em busca do lenço com uma das mãos, confiando que a égua, a sra. Piggy, não fosse nos lançar como uma catapulta, de cabeça pela montanha abaixo, enquanto eu assoava o nariz. Examinei Jamie por cima do lenço. Ele

ainda tinha a aparência doentia, emaciada e de nariz vermelho, mas suas altas maçãs do rosto estavam coradas com o sol da manhã e ele parecia extraordinariamente alegre para um homem que passara a noite numa floresta gelada. — Foi divertido, hein?

— Oh, sim, foi. Há anos não faço nada semelhante. — Os olhos de Jamie crispavam-se em dois triângulos azuis com sua risada. — Me fez lembrar quando eu era jovem e fazia incursões nas terras dos Grant com Dougal e seus homens. Andando furtivamente pela escuridão, entrando no celeiro sem nenhum ruído. Santo Deus, tive que me conter para não roubar uma vaca. Eu teria roubado, se tivessem uma. Funguei e ri com indulgência.

— Você é um bandido inveterado, Jamie — eu disse.

— Bandido? — ele disse, ligeiramente ofendido. — Sou um homem muito honesto, Sassenach. Ou ao menos sou sempre que posso — corrigiu-se, com um rápido olhar para trás, para se certificar de que não éramos ouvidos.

— Oh, você é completamente honesto — assegurei-lhe. — Honesto demais para o seu próprio bem, na verdade. Só que não é muito cumpridor das leis.

Essa observação pareceu desconcertá-lo ligeiramente, pois franziu o cenho e emitiu um grunhido na garganta que tanto poderia ser um resmungo escocês de discordância ou meramente uma tentativa de soltar o catarro. Ele tossiu, depois puxou as rédeas, reduzindo o passo do cavalo e, de pé nos estribos, acenou o chapéu para Roger, que estava a alguma distância encosta acima. Roger retribuiu o aceno e virou o focinho do cavalo em nossa direção.

Emparelhei meu cavalo com o de Jamie e deixei as rédeas frouxas em seu pescoço.

— Vou mandar Roger levar os homens a Brownsville — Jamie explicou, endireitando-se em sua sela — enquanto eu vou fazer uma visita aos Beardsley sozinho. Quer vir comigo, Sassenach, ou quer ir com Roger?

— Oh, eu vou com você — eu disse, sem hesitação. — Quero ver como são esses Beardsley.

Ele sorriu e alisou os cabelos para trás com uma das mãos antes de recolocar o chapéu. Ele usava os cabelos soltos para proteger o pescoço e as orelhas do frio, e sua cabeleira brilhava como cobre derretido ao sol da manhã.

— Achei que iria querer. Mas cuidado com a expressão do rosto — ele disse, numa advertência irônica. — Não vá ficar boquiaberta ou parecendo uma groselha quando mencionarem o escravo

desaparecido.

— Preocupe-se com seu próprio rosto — eu disse, um pouco irritada. — Groselha, era o que me faltava! Josiah e o irmão disseram que eram maltratados? — Eu me perguntava se haveria outros motivos para a fuga de Josiah do que o incidente do queijo.

Jamie sacudiu a cabeça.

— Não perguntei e ele não disse, mas pergunte a si mesma, Sassenach. Você deixaria um lar decente para ir viver sozinho na floresta, fazer sua cama nas folhas frias e comer grilos e raízes até aprender a caçar?

Acelerou o cavalo e subiu a encosta ao encontro de Roger, deixando-me sozinha para ponderar sobre aquela conjectura. Retornou alguns instantes depois e eu virei minha montaria para ficar ao seu lado, com outra pergunta em mente.

— Mas, se a situação aqui era tão ruim a ponto de forçá-lo a ir embora, por que não levou o irmão com ele?

Jamie olhou para mim, surpreso, mas depois sorriu, um pouco sombriamente.

— Keziah é surdo, Sassenach.

Não nascido surdo, pelo que Josiah lhe dissera; seu irmão gêmeo perdera a audição em consequência de um ferimento, quando tinha mais ou menos cinco anos. Keziah podia, portanto, falar, mas não ouvir, a não ser um barulho muito forte; e, sendo incapaz de perceber o som de farfalhar de folhas e arrastar de pés, não podia nem caçar nem escapar da perseguição.

— Ele diz que Keziah o compreende, e sem dúvida é verdade. Quando rastejamos para dentro do celeiro, eu fiquei de guarda embaixo enquanto o garoto subia a escada para o palheiro. Eu não ouvi nem um ruído, mas, um minuto depois, ambos estavam embaixo ao meu lado, Keziah esfregando os olhos de sono. Eu não tinha percebido que eram gêmeos; levei um susto ao ver os dois juntos, tão iguais.

— Por que será que Keziah não trouxe suas calças? — perguntei, tocando num detalhe que me deixara intrigada.

Jamie riu.

— Eu perguntei. Parece que ele as tirara na noite anterior e a deixara no feno, e uma gata do celeiro deu cria em cima delas. Ele não quis perturbá-la.

Ri também, embora com uma inquietante lembrança de pés claros e descalços, pele azulada parecendo roxa à luz da fogueira.

— Bom menino. E seus sapatos?

— Ele não tinha.

Havíamos alcançado o sopé da encosta. Os cavalos rodaram em círculo por um instante, num giro lento ao redor de Jamie conforme direções eram resolvidas, pontos de encontro acertados, despedidas feitas. Então Roger — com apenas uma leve evidência de inibição — assoviou através dos dentes e abanou o chapéu no ar, convocando todos a partirem. Observei-o se afastar e notei quando se virou parcialmente para trás na sela, depois virou-se novamente, olhando diretamente para frente.

— Ele não tem certeza de que irão segui-lo realmente — Jamie disse, observando. Sacudiu a cabeça de maneira crítica, depois deu de ombros, descartando o assunto. — Ah, bem. Ele vai conseguir, ou não.

— Ele vai conseguir — eu disse, pensando na noite anterior.

— Fico feliz que pense assim, Sassenach. Vamos, então. — Estalou a língua e puxou as rédeas, virando a cabeça do cavalo em outra direção.

— Se não tem certeza de que Roger pode se sair bem, por que o enviou sozinho? — perguntei às suas costas, balançando na sela quando entramos no pequeno bosque que ficava entre nós e a fazenda agora invisível. — Por que não manter os homens juntos e levá-los a Brownsville você mesmo?

— Primeiro, porque ele não vai aprender se eu não lhe der a oportunidade. Segundo — parou, virando-se para olhar para mim, — não quero o grupo todo indo conosco até os Beardsley para que eles fiquem sabendo do escravo desaparecido. Todo o acampamento viu Josiah ontem à noite, entende? Se você tem um escravo fugido e ouve falar de um rapaz que surgiu de repente, causando a maior confusão na floresta aqui perto, conclusões podem ser tiradas, não acha?

Ele virou-se outra vez e eu o segui por uma passagem estreita entre os pinheiros. O orvalho cintilava como diamantes nos troncos e nas agulhas dos pinheiros, e pequenas gotas de gelo caíam dos galhos acima, pinicando minha pele onde caíam.

— Mas, a menos que esse Beardsley seja velho ou enfermo, ele não vai se juntar a você? — retruquei. — Alguém vai acabar mencionando Josiah em seu ouvido mais cedo ou mais tarde.

Ele sacudiu a cabeça, sem se virar.

— E vão lhe dizer o quê? Eles viram o rapaz quando nós o capturamos e o viram fugir outra vez. Pelo que sabem, ele conseguiu escapar.

— Kenny Lindsay viu os dois quando você os trouxe de volta. Ele

deu de ombros.

— Sim, eu tive uma conversa com Kenny, quando selávamos os cavalos. Ele não dirá nada. — Ele tinha razão, eu sabia. Kenny era um de seus homens de Ardsmuir. Ele seguiria as ordens de Jamie sem perguntas.

— Não — Jamie prosseguiu, habilmente contornando uma grande rocha, — Beardsley não está enfermo; Josiah disse que ele negocia com os índios, cruzando a Linha do Tratado com mercadorias até as aldeias dos cherokee. O que eu não sei é se ele está em casa agora. Mas, se estiver... — Ele inspirou e parou para tossir quando o ar frio atingiu seus pulmões.

— Essa é outra razão para mandar os homens na frente — ele continuou, chiando um pouco. — Acho que só nos reuniremos a eles amanhã. A essa altura, já terão tido uma noite para beber e espairecer em Brownsville; mal se lembrarão do garoto e é menos provável que falem dele e que Beardsley venha a ouvir. Com sorte, estaremos bem longe antes que qualquer coisa seja dita. Assim, Beardsley não vai nos deixar para perseguir o garoto.

Então ele estava achando que os Beardsley seriam bastante hospitaleiros para nos deixar passar a noite. Uma expectativa razoável, neste gargalo da floresta. Ouvindo-o tossir outra vez, decidi que me sentaria sobre seu peito esta noite, se necessário, para obrigá-lo a ficar bem untado com cânfora, quer gostasse ou não.

Emergimos das árvores e eu olhei desconfiada para a casa da fazenda à nossa frente. Era menor do que eu pensara e em mau estado, com um degrau quebrado, um alpendre meio tombado e uma boa área sem telhas no telhado precário. Bem, eu já dormira em lugares piores e provavelmente dormiria outra vez.

A porta para um diminuto celeiro jazia escancarada, mas não havia sinal de vida. O lugar inteiro parecia deserto, exceto pela nuvem de fumaça que saía da chaminé.

Eu fora sincera no que dissera a Jamie, embora não muito precisa. Ele realmente era honesto e também cumpridor das leis — desde que fossem leis que ele resolvesse respeitar. O simples fato de uma lei ter sido sancionada pela Coroa não era, eu sabia, suficiente para torná-la uma lei aos olhos dele. Havia outras leis, não declaradas, pelas quais ele era capaz de morrer.

Ainda assim, embora a lei da propriedade significasse um pouco menos para um antigo invasor das Highlands do que poderia significar para outros, não me passara despercebido — e, portanto, certamente também não passara a ele — que ele estava prestes a solicitar tanto a hospitalidade quanto o dever de um homem cuja propriedade ele

acabara de ajudar a evadir-se. Jamie não tinha uma objeção arraigada aos contratos de serviços em colónias, eu sabia; normalmente ele respeitava esse sistema. Que ele tivesse agido como agiu por perceber uma lei maior em operação — quer fosse amizade, compaixão, a reivindicação de sua earbsachd ou alguma outra coisa, eu não sabia. Ele parou, à minha espera.

— Por que resolveu ajudar Josiah? — perguntei sem rodeios, enquanto atravessávamos a abandonada lavoura de milho em frente à casa. Pés de milho secos estalavam sob os cascos dos cavalos e cristais de gelo brilhavam no entulho de folhas mortas.

Jamie tirou o chapéu e colocou-o na sela à sua frente, enquanto prendia os cabelos, preparando-se para o encontro.

— Bem, eu disse a ele que, se quisesse continuar nessa linha, que assim fosse. Mas, se preferisse ir para Ridge, sozinho ou com o irmão, então teríamos que livrá-lo da marca no polegar, pois isso geraria comentários que poderiam chegar aos ouvidos de Beardsley, com todas as consequências e implicações que isso teria.

Ele inspirou fundo e soltou o ar, o vapor de seu hálito flutuando em filetes brancos ao redor de sua cabeça, depois se virou para olhar para mim, o rosto sério.

— O garoto não hesitou nem por um instante, embora tivesse sido marcado; ele sabia. E vou lhe dizer, Sassenach, embora um homem possa fazer uma coisa desesperada por amor ou coragem... é preciso bem mais do que isso se já o fez uma vez e sabe muito bem como vai ser ter que fazê-lo de novo.

Virou-se sem esperar pela minha resposta e entrou no pátio a cavalo, afugentando um bando de pombos que ciscavam por ali. Manteve o cavalo aprumado, seus ombros largos e eretos. Não havia nenhum indício das cicatrizes profundamente emaranhadas que cobriam suas costas por baixo da capa de tecido rústico, mas eu as conhecia bem.

Então era isso, pensei. Como o reflexo do rosto na água, assim é o coração do homem para o homem. E a lei da coragem era a aquela pela qual ele vivia por mais tempo.

Várias galinhas amontoavam-se no alpendre, como bolas de penas de olhar amarelo ressentido. Murmuravam sinistramente entre si enquanto desmontávamos, mas estavam com frio demais para fazer outra coisa além de sair do nosso caminho, relutantes em abandonar sua área banhada pelo sol. Várias tábuas do assoalho do alpendre estavam quebradas e o quintal estava entulhado de restos de madeira serrada a machado e pregos espalhados, como se alguém tivesse pretendido consertá-lo, mas ainda não tivesse encontrado tempo para

cuidar disso. O adiamento já durava algum tempo, pensei; os pregos estavam enferrujados e as tábuas novas haviam rachado e empenado com a umidade.

— Olá! Alguém em casa? — Jamie gritou, parando no meio do pátio. Essa era a norma de etiqueta aceita para alguém se aproximar de uma casa estranha; embora a maioria das pessoas nas montanhas fosse hospitaleira, não eram poucas as que viam estranhos com desconfiança e inclinavam-se a fazer apresentações sob a mira de uma arma, até que a boa-fé dos visitantes fosse comprovada.

Com isso em mente, mantive uma distância cautelosa atrás de Jamie, mas fiz questão de estar visível, ostentadamente espalhando minhas saias e alisando-as, exibindo minha feminilidade como prova de nossas intenções pacíficas.

Droga, havia um pequeno buraco queimado na lã marrom, sem dúvida produzido por uma faísca lançada pela fogueira do acampamento. Escondi o lugar queimado numa prega da saia, pensando em como era estranho que todos considerassem as mulheres inofensivas por natureza. Se quisesse, eu poderia facilmente ter assaltado casas e assassinado famílias inteiras de uma ponta à outra de Ridge.

Felizmente, o impulso de agir assim não havia me atacado, embora de vez em quando eu percebesse que o juramento de Hipócrates e sua injunção de "Não causar nenhum mal" pudesse não ter a ver estritamente com procedimento médico. Por mais de uma vez, tive o impulso de dar uma paulada na cabeça de um dos meus pacientes mais teimosos, mas até agora havia conseguido me conter.

Claro, a maioria das pessoas não tinha a vantagem da visão distorcida que um médico tinha da humanidade. E era verdade que as mulheres não eram tão afeitas a certos tipos de confusões recreativas com lesões corporais que os homens tanto apreciavam — eu raramente encontrava mulheres socando-se mutuamente por diversão. Mas deem-lhes um bom motivo e...

Jamie caminhava na direção do celeiro, gritando a intervalos, aparentemente em vão. Olhei ao redor, mas não havia rastros recentes no pátio, a não ser os nossos. Várias bolas de esterco espalhavam-se perto da tora parcialmente serrada, mas obviamente já estavam ali havia dias; estavam úmidas do orvalho, mas não frescas — algumas haviam se esfarelado.

Ninguém chegara, ninguém partira, a não ser a pé. Os Beardley, quem quer que fossem e quantos fossem, provavelmente ainda estavam dentro de casa.

Mas escondidos. Era cedo, mas não tão cedo que moradores de

fazendas já não estivessem de pé, cuidando de seus afazeres; afinal, eu vira alguém anteriormente. Recuei uns passos e protegi os olhos contra o sol nascente, à procura de qualquer sinal de vida. Eu estava mais do que curiosa a respeito desses Beardsley — e mais do que ligeiramente apreensiva sobre a perspectiva de ter um ou mais homens dos Beardsley cavalcando conosco, tendo em vista os últimos acontecimentos.

Virei-me novamente para a porta e notei uma estranha série de entalhes cortados na madeira do batente da porta. Cada qual era pequeno, mas havia muitos, de cima a baixo de um dos batentes e chegando até a metade do outro. Olhei mais de perto; estavam arranjados em grupos de sete, uma pequena distância de madeira intocada entre um e outro grupo, como um prisioneiro contaria, marcando as semanas.

Jamie saiu do celeiro, seguido por um leve balido. As cabras que ele mencionara, é claro; perguntei-me se teria sido tarefa de Keziah ordenhá-las — caso assim fosse, sua ausência logo se tornaria evidente, se já não tivesse sido notada.

Jamie deu alguns passos em direção à casa, colocou as mãos ao redor da boca e gritou outra vez. Nenhuma resposta. Ele esperou alguns instantes, depois deu de ombros e dirigiu-se ao alpendre a passos largos, onde bateu com força na porta com o cabo de sua adaga. O barulho foi suficiente para acordar os mortos, caso houvesse algum nas redondezas, e fazer as galinhas debandarem guinchando em pânico, penas voando para todo lado, mas ninguém atendeu aos ameaçadores chamados.

Jamie olhou para mim, uma das sobranceiras erguidas. As pessoas não costumavam sair e deixar suas fazendas sem alguém para tomar conta, não se tinham animais domésticos.

— Há alguém aqui — ele disse, em resposta ao pensamento não manifestado. — As cabras foram ordenhadas recentemente. Ainda há gotas de leite em suas tetas.

— Acha que poderiam estar todos fora, procurando por... hã... você sabe quem? — sussurrei, aproximando-me dele.

— Talvez. — Ele afastou-se para o lado, inclinando-se para espreitar pela janela. Um dia já tivera vidros, mas a maioria dos painéis estava quebrada ou faltando, e um pedaço de musselina esfarrapada fora pregada sobre a abertura. Vi Jamie franzir o cenho, com o desprezo de um artesão por um conserto malfeito.

Virou a cabeça repentinamente; em seguida, olhou para mim.

— Você ouviu, Sassenach?

— Sim. Pensei que eram as cabras, mas...

Ouviru-se o balido outra vez — desta vez, de dentro da casa. Jamie experimentou a porta, mas ela não abriu.

— Trancada — ele disse sucintamente, voltando para a janela, onde enfiou a mão cuidadosamente pela esquadria e soltou o canto de uma das musselinas.

— Uff! — exclamei, torcendo o nariz para o ar que saiu lá de dentro. Eu estava acostumada aos odores de uma cabana fechada para o inverno, onde os cheiros de suor, roupas sujas, pés molhados, cabelos engordurados e urinóis misturavam-se aos de pão assando, carne cozinhando e nuances mais sutis de fungos e mofos, mas o cheiro de dentro da residência dos Beardsley estava muito além do normal.

— Ou estão guardando os porcos em casa — eu disse, com uma olhada para o celeiro — ou há dez pessoas morando aí e que não saem de casa desde a primavera.

— Está um pouco forte — Jamie concordou. Ele colocou o rosto na janela, fazendo uma careta diante do fedor, e gritou: — Thig a machl Saia daí, Beardsley, ou eu vou entrar!

Espreitei por cima de seu ombro, para ver se o convite produziria resultados. O aposento ali dentro era espaçoso, mas tão entulhado, que quase nada do assoalho de madeira manchado era visível através do entulho. Farejando cautelosamente, deduzi que os barris que eu via continham — entre outras coisas — peixe salgado, alcatrão, maçãs, cerveja e sauerkraut, enquanto trouxas de cobertores de lã tingidos com cochonila e índigo, pequenos barris de pólvora e couros mal curtidos fedendo a fezes de cachorro emprestavam suas próprias fragrâncias particulares aos fétidos vapores ali dentro. Os artigos de comércio dos Beardsley, imaginei.

A outra janela também fora coberta, com uma pele de lobo esfarrapada, de modo que o interior estava escuro e sombreado; com todas as caixas, trouxas, peças de mobília e barris empilhados por toda parte, o lugar parecia uma versão pobre da caverna de Ali Babá.

O som veio novamente, do fundo da casa, um pouco mais alto; um barulho entre um grunhido e um ronco. Dei um passo para trás, o som e o cheiro ácido vividamente evocando uma imagem de pelos escuros e violência repentina.

— Ursos — sugeri, meio a sério. — As pessoas se foram e há um urso dentro da casa.

— Sim, Cachinhos Dourados — Jamie disse, muito secamente. — Não há dúvida. Ursos ou não, há alguma coisa errada. Pegue as

pistolas e a caixa de cartuchos do alforje.

Assenti e virei-me para ir, mas, antes de sair, ouvi o som de pés se arrastando vindo lá de dentro e me virei abruptamente. Jamie agarrara sua adaga, mas, ao ver o que era, sua mão relaxou-se no cabo da adaga. Suas sobranceiras também se ergueram com espanto e eu me inclinei sobre seu braço para ver.

Uma mulher espreitava do meio de duas pilhas de mercadorias, olhando ao redor com desconfiança, como um rato espreitando de um depósito de lixo. Ela não tinha exatamente a aparência de um rato, tendo cabelos cacheados e sendo bastante robusta, mas piscava para nós da maneira calculada dos animais daninhos, calculando a ameaça.

— Vão embora — ela disse, evidentemente concluindo que não éramos a vanguarda de um exército invasor.

— Bom-dia, senhora — Jamie começou, — sou James Fraser, de...

— Não me importa quem você seja — ela retrucou. — Vá embora.

— Na verdade, não vou, não — ele disse com firmeza. — Preciso falar com o homem da casa.

Uma expressão extraordinária atravessou o rosto gordo; preocupação, avaliação e o que poderia ser sarcasmo.

— Você precisa? — ela disse. — E quem disse que precisa? — Ela possuía um ligeiro problema de fala, apoiando a língua nos dentes; soou como "diche" e "prechisa".

As orelhas de Jamie estavam começando a ficar vermelhas, mas ele respondeu com bastante calma.

— O governador, senhora. Eu sou o coronel James Fraser — ele disse, com ênfase, — encarregado de formar uma milícia. Todos os homens fisicamente aptos entre as idades de dezesseis e sessenta estão convocados. Pode ir chamar o sr. Beardsley, por favor?

— "Milichi-ia", é? — ela disse, pronunciando a palavra com cuidado. — Por quê? Contra quem vão lutar?

— Com sorte, contra ninguém. Mas a ordem de se apresentar foi emitida; tenho que atender, assim como todos os homens fisicamente capazes dentro da Linha do Tratado. — A mão de Jamie agarrou a moldura interior da janela e sacudiu-a de leve. Era feita de frágeis ripas de pinho, a madeira empenada e desgastada; ele poderia perfeitamente arrancá-la da parede e entrar pela abertura, se quisesse. Olhou para a mulher diretamente nos olhos e sorriu amavelmente.

Ela estreitou os olhos e contraiu os lábios, pensando.

— Homens fisicamente capazes — ela disse finalmente. — Hum. Bem, não temos nenhum. O criado fugiu outra vez, mas, ainda que

estivesse aqui, não é apto; surdo como um poste e igualmente idiota. — Balançou a cabeça em direção à porta, para ilustrar. — Mas, se quisesse dar ao trabalho de caçá-lo, pode ficar com ele.

Portanto, tudo indicava que não haveria nenhum clamor ou choro por Keziah. Inspirei fundo, num suspiro de alívio, mas soltei o ar rapidamente. Jamie não se dava por vencido.

— O sr. Beardsley está em casa? — ele perguntou. — Quero vê-lo. — Deu um empurrão na moldura da janela e a madeira seca estalou com o som de um tiro de pistola.

— Ele não pode receber ninguém — ela disse, e a maneira peculiar de falar voltou à sua voz; cautelosa, mas ao mesmo tempo cheia de excitação.

— Ele está doente? — perguntei, inclinando-me sobre o ombro de Jamie. — Talvez eu possa ajudar, sou médica.

Ela arrastou os pés, um ou dois passos à frente, e me olhou atentamente, franzindo a testa por baixo de uma vasta cabeleira de cabelos castanhos ondulados. Era mais nova do que eu imaginara; visto na claridade, o rosto pesado não apresentava a teia de rugas da idade ou da flacidez da pele.

— Médica?

— Minha mulher é famosa como curandeira — Jamie disse. — Os índios a chamam de Corvo Branco.

— A feiticeira? — Seus olhos se arregalaram, assustados, e ela recuou um passo.

Algo me parecia peculiar naquela mulher e, olhando bem para ela, percebi o que era. Apesar do mau cheiro na casa, tanto sua pessoa como seu vestido estavam limpos, e seus cabelos eram macios e soltos — o que em absoluto não era a norma nesta época do ano, quando as pessoas geralmente não tomavam banho durante vários meses no clima frio.

— Quem é você? — perguntei diretamente. — É a sra. Beardsley? Ou talvez srta. Beardsley?

Não devia ter mais do que vinte e cinco anos, pensei, apesar da figura volumosa. Seus ombros destacavam-se, abundantes, sob o xale, e a largura de seus quadris roçava os barris entre os quais ela estava. Evidentemente o comércio com os cherokee era bastante lucrativo para manter a família Beardsley bem alimentada, ainda que não seus criados. Olhei-a com certa aversão, mas ela enfrentou meu olhar com bastante frieza.

— Chou a sra. Beardsley.

O susto havia passado; ela contraiu os lábios, empurrando-os para

dentro e para fora, fitando-me com um ar de avaliação. Jamie flexionou o braço e a moldura da janela estalou sonoramente.

— Entrem, então.

O tom estranho continuava em sua voz; um pouco desafiador, um pouco ansioso. Jamie percebeu e franziu a testa, mas soltou a mão da janela.

Ela saiu do meio dos caixotes e dirigiu-se para a porta. Eu não pude ver mais do que apenas um vislumbre de sua figura em movimento, mas foi o suficiente para ver que ela era aleijada; uma das pernas se arrastava, o sapato raspando o assoalho de madeira.

Ouviu-se uma pancada e um grunhido enquanto ela lutava com o ferrolho; um rangido e depois um baque, quando ela o largou no chão. A porta estava empenada, emperrada no batente; Jamie empurrou-a com o ombro, e ela se soltou e se abriu, as tábuas vibrando com o choque. Havia quanto tempo esta porta não era aberta?, eu me perguntei.

Evidentemente, muito tempo. Ouvi Jamie fungar e tossir quando entramos e eu fiz todo o possível para respirar através da boca quando o segui. Mesmo assim, o cheiro era suficiente para derrubar um furão. Além do mau cheiro das mercadorias, havia um cheiro de latrina em algum lugar; fedor de urina e de fezes. De comida podre, também, porém havia alguma coisa a mais. Minhas narinas torceram-se cautelosamente quando tentei inalar não mais do que algumas moléculas do ar para análise.

— Há quanto tempo o sr. Beardsley está doente? — perguntei.

Eu havia detectado um distinto mau cheiro de doença em meio ao fedor geral. Não apenas o fantasma de vômito seco, mas o cheiro adocicado de descarga purulenta e aquele odor indefinível de mofo e fermento de pão, que parece simplesmente ser o cheiro da própria doença.

— Oh... algum tempo.

Ela fechou a porta às nossas costas e eu senti uma repentina onda de claustrofobia. Ali dentro, o ar parecia denso, tanto por causa do mau cheiro quanto pela falta de luz. Senti um forte impulso de arrancar os panos que cobriam as duas janelas e deixar entrar um pouco de ar fresco; tive que cerrar os pulsos no tecido da minha capa para me conter.

A sra. Beardsley virou-se de lado e saiu se arrastando apressadamente pela passagem estreita deixada entre as pilhas de mercadorias. Jamie olhou para mim, fez um ruído escocês de repugnância em sua garganta e abaixou-se para passar por baixo de

um feixe de estacas de tenda que se projetava na passagem. Segui-o cautelosamente, tentando não notar que meu pé de vez em quando pisava em objetos de desagradável consistência. Maçãs podres? Ratos mortos? Apertei meu nariz entre o indicador e o polegar e tentei não olhar para baixo.

A casa era de construção simples; um grande aposento na frente, outro atrás.

O aposento dos fundos era um surpreendente contraste com o repugnante amontoado da frente. Não havia nenhum enfeite ou decoração; o aposento era simples e bem-arrumado como uma sala de reunião dos quakers. Tudo era vazio e imaculadamente limpo, a mesa de madeira e a lareira de pedra esfregada até o exagero, alguns utensílios de estanho brilhando foscamente numa prateleira. Uma das janelas fora deixada descoberta, os vidros intactos, e o sol da manhã atravessava a sala com uma claridade branca e límpida. O aposento estava silencioso e o ar, parado, aumentando a estranha sensação de que havíamos entrado em algum tipo de santuário fora do caos do cómodo da frente.

A impressão de paz se dissipou imediatamente com um barulho de cima. Era o mesmo som que havíamos ouvido anteriormente, porém muito mais perto, um berro cheio de desespero, como o de um porco torturado. Jamie sobressaltou-se com o barulho e virou-se imediatamente na direção de uma escada no extremo oposto da sala, que levava para um sótão.

— Ele echta lá em cima — a sra. Beardsley disse, desnecessariamente, uma vez que Jamie já estava no meio da escada. O grito estridente soou de novo, com mais insistência, e eu resolvi não ir buscar minha caixa de remédios antes de investigar melhor.

A cabeça de Jamie apareceu no topo da escada quando eu ia começar a subir.

— Traga uma luz, Sassenach — ele disse rapidamente, e sua cabeça desapareceu.

A sra. Beardsley permaneceu imóvel, as mãos enfiadas sob o xale, sem fazer nenhum esforço para pegar uma luz. Seus lábios estavam apertados e as bochechas gordas, vermelhas. Passei por ela, peguei um castiçal da prateleira e ajoelhei-me para acender a vela na lareira antes de subir apressadamente.

— Jamie? — Enfie a cabeça na entrada do sótão, segurando minha vela cuidadosamente acima da cabeça.

— Aqui, Sassenach. — Ele estava de pé no outro lado do sótão, onde as sombras estavam mais densas. Subi até o alto da escada com dificuldade e fui caminhando em sua direção, pisando com grande

cautela.

O fedor era muito mais forte ali. Vislumbrei o brilho de alguma coisa na escuridão e levei a vela à frente para ver.

Jamie prendeu a respiração, tão chocado quanto eu, mas rapidamente dominou suas emoções.

— Sr. Beardsley, suponho — ele disse.

O homem era enorme — ou fora. A enorme curva de sua barriga ainda se erguia das sombras como uma baleia e a mão que jazia flacidamente sobre as tábuas do assoalho junto ao meu pé poderia ter segurado uma bala de canhão com facilidade. Mas a carne do braço pendurava-se, flácida, branca e mole, o peito maciço afundado no centro. O que um dia devia ter sido o pescoço de um touro se desgastara, restando apenas tendões, e um único olho brilhava, frenético por trás de mechas de cabelos emplastrados.

O olho arregalou-se e ele urrou outra vez, a cabeça esforçando-se para cima com desespero. Senti um tremor percorrer o corpo de Jamie. A cena era suficiente para arrepiar os cabelos da minha nuca, mas desconsidere a sensação, empurrando o castiçal nas mãos de Jamie.

— Segure a luz para mim.

Caí de joelhos e somente tarde demais senti a infiltração líquida através do tecido da minha saia. O homem jazia em sua própria imundície e estava assim havia muito tempo; o assoalho estava viscoso de sujeira e umidade; ele estava despido, coberto apenas com um lençol de linho, e, quando o removi, distingi macerações ulceradas entre as manchas gordurosas de excremento.

Era bastante claro o que afligia o sr. Beardsley; um lado do seu rosto decaía grotescamente, a pálpebra caída e tanto o braço quanto a perna deste lado do corpo jaziam flácidos e inertes, as juntas nodosas e estranhamente distorcidas pelo prolapso dos músculos ao redor. Ele fungava e balia, a língua projetando-se e escorrendo saliva pelo canto da boca em suas tentativas vãs, mas desesperadas, de falar.

— Fique quieto — eu lhe disse. — Não fale, está tudo bem agora. Peguei sua mão para verificar o pulso; a carne movia-se frouxamente nos ossos do braço, sem a menor reação ao toque dos meus dedos.

— Um derrame — eu disse à meia-voz para Jamie. — Uma apoplexia, como vocês chamam. — Coloquei a mão no peito de Beardsley, para oferecer o conforto do toque.

— Não se preocupe — eu lhe disse. — Viemos ajudar. — Falei de modo tranquilizador, embora, no instante mesmo em que proferia as palavras, eu me perguntasse que ajuda seria possível. Bem, limpeza e

calor, ao menos; estava quase tão frio no sótão quanto lá fora, e seu peito estava frio e encarado dos pelos grossos e arrepiados.

A escada rangeu pesadamente e virei-me para ver o contorno dos cabelos soltos e dos ombros robustos da sra. Beardsley, em silhueta por causa da luz que vinha da cozinha embaixo.

— Há quanto tempo ele está assim? — perguntei asperamente.

— Talvez... um mês — ela disse, após uma pausa. — Não concheguei movê-lo — ela disse, na defensiva. — Ele é pesado demais.

Isso, obviamente, era verdade. No entanto...

— Por que ele está aqui em cima? — Jamie perguntou. — Se você não consegue movê-lo, como ele veio parar aqui? — Ele se virou, lançando a luz da vela pelo sótão. Havia pouca coisa ali que pudesse atrair um homem; um velho colchão de palha, algumas ferramentas espalhadas e alguns itens de entulho doméstico. A luz brilhou no rosto da sra. Beardsley, transformando seus claros olhos azuis em gelo.

— Ele echtava... me perseguindo — ela disse debilmente.

— O quê? — Jamie atravessou o sótão em poucas passadas largas e, inclinando-se, agarrou-a pelo braço, ajudando-a — um pouco contra a vontade dela, ao que parecia — a galgar a entrada do sótão.

— O que quer dizer com perseguindo-a? — ele perguntou. Ela encolheu os ombros, olhando ao redor, caseira como uma jarra de biscoitos em seu amontoado de xales.

— Ele me batia — ela disse simplesmente. — Chubi as echcadas para fugir dele, mas ele me chegou. Tentei me echconder aqui atrás nas chombras, e ele veio, mas logo... caiu. E... não concheguiu che levantar. — Encolheu os ombros outra vez.

Jamie segurou a vela perto do rosto da mulher. Ela deu um sorrisinho nervoso, os olhos dardejando de mim para Jamie, e eu vi que o problema da fala devia-se ao fato dos seus dentes da frente estarem quebrados — em ângulo, bem junto às gengivas. Uma pequena cicatriz atravessava seu lábio superior; uma outra se destacava, branca, no supercílio.

Um barulho horrível veio do homem no chão — um berro furioso do que soava como protesto — e ela se encolheu, os olhos apertados com força num reflexo aterrorizado.

— Mmmhum — Jamie disse, olhando dela para o marido. — Sim. Bem, traga um pouco de água, senhora, por favor. Outra vela e alguns trapos limpos também — ele disse às suas costas, conforme ela se afastava apressadamente na direção da escada, satisfeita de ter uma desculpa para sair dali.

— Jamie, traga a luz de volta, sim?

Ele veio e postou-se ao meu lado, segurando a vela de modo a iluminar o corpo arruinado. Ele lançou a Beardsley um olhar sombrio, mistura de pena e aversão, e sacudiu a cabeça devagar.

— Castigo de Deus, não acha, Sassenach?

— Não inteiramente de Deus, eu acho — eu disse, abaixando a voz para não ser ouvida na cozinha embaixo. Ergui o braço e peguei a vela de sua mão. — Olhe.

Um frasco de água e um prato de pão, duro e manchado de mofo azul, estavam nas sombras, junto à cabeça de Beardsley; restos de comida e pequenos pedaços de pão, pegajosos e parcialmente mastigados, cobriam o chão ao redor. Ela o alimentara — o suficiente para mantê-lo vivo. No entanto, eu vira grandes quantidades de comida no aposento da frente quando o atravessamos — presuntos pendurados, barris de frutas secas, peixe salgado e sauerkraut.

Havia fardos de peles de animais, jarros de óleo, pilhas de cobertores de lã — e, no entanto, o dono desses artigos jazia ali no escuro, passando fome e tremendo de frio sob um único lençol de linho.

— Por que ela simplesmente não o deixou morrer? — Jamie perguntou brandamente, os olhos fixos no pão mofado. Beardsley gargarejou e reclamou em roncões guturais diante das palavras de Jamie; seu olho aberto revirou-se com raiva, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto e o muco saindo em bolhas de seu nariz. Ele debateu-se e grunhiu, arqueando o corpo em frustração, depois se deixou arriar pesadamente com um baque surdo que sacudiu as tábuas do assoalho.

— Ele pode nos entender, eu acho. Você pode? — dirigi essa pergunta ao doente, que emitiu um grunhido gutural e babou profusamente, deixando claro que entendia ao menos que alguém estava falando com ele.

— Quanto a por quê...

Gesticulei indicando as pernas de Beardsley, movendo a vela devagar acima delas. Algumas das feridas eram, na verdade, escaras, causadas por ficar deitado, inativo por um longo tempo. Outras, não. Havia cortes paralelos, obviamente feitos com uma faca, cobertos com uma crosta negra de sangue coagulado em uma das coxas enormes. A tíbia exibía uma linha regular de ulcerações, feridas vermelhas e inflamadas, com as bordas negras e exsudando pus. Queimaduras, deixadas ali para supurarem.

Jamie soltou um pequeno grunhido diante daquela visão e olhou por cima do ombro, na direção da escada. Ouviu o barulho de uma porta se abrindo lá embaixo e uma corrente de ar frio varreu o sótão, fazendo a chama da vela dançar freneticamente. A porta se fechou e a

chama estabilizou-se.

— Acho que consigo abaixá-lo daqui. — Jamie ergueu a vela, avaliando as vigas acima. — Uma funda, talvez, passando uma corda por cima daquela viga. Ele pode ser movido?

— Sim — eu disse, mas não estava prestando atenção. Inclinando-me sobre o doente, eu percebera um leve cheiro de algo que havia muito, muito tempo eu não sentia: um cheiro fétido e sinistro.

Eu não me deparara com ele muitas vezes, mas uma única vez já teria sido suficiente; o odor penetrante de gangrena gasosa não é facilmente esquecido. Eu não queria dizer nada que pudesse assustar Beardsley — já que ele parecia capaz de compreender — e, assim, dei uns tapinhas tranquilizadores nele e me levantei para ir buscar a vela de Jamie e poder examiná-lo melhor.

Jamie me entregou a vela, inclinando-se para falar ao meu ouvido enquanto o fazia.

— Você pode fazer alguma coisa por ele, Sassenach?

— Não — respondi, igualmente em voz baixa. — Quer dizer, não pelo derrame. Posso tratar as feridas e lhe dar ervas contra a febre, nada mais.

Ele ficou parado por um instante, olhando para a figura arredondada nas sombras, agora quieta. Em seguida, sacudiu a cabeça, se benzeu e desceu rapidamente as escadas para procurar uma corda.

Voltei devagar para junto do doente, que me recebeu com uma exclamação rouca e uma agitada batida com uma das pernas, como a advertência de um coelho. Ajoelhei-me junto aos seus pés, falando apaziguadoramente sobre nada em particular, enquanto segurava a luz de perto para examiná-los. Os dedos. Todos os dedos em seu pé inerte haviam sido queimados, alguns apenas formaram bolhas, outros tinham sido queimados quase até o osso. Os dois primeiros dedos estavam completamente enegrecidos e um tom esverdeado espalhava-se pela parte de cima do pé.

Eu estava abismada — tanto pela ideia do que poderia ter levado a isso, quanto pelo ato em si. A vela oscilou; minhas mãos tremiam, e não somente por causa do frio. Eu não estava apenas horrorizada pelo que acontecera ali; também estava preocupada com as perspectivas imediatas. O que iríamos fazer em relação àquelas pessoas abomináveis?

Obviamente, não podíamos levar Beardsley conosco — igualmente óbvio, ele não poderia ser deixado ali, sob os cuidados da mulher. Não havia vizinhos, não havia ninguém na fazenda para protegê-lo. Eu imaginava que teríamos de dar um jeito de transportá-lo para

Brownsville; devia haver uma carroça no celeiro. Mas ainda que conseguíssemos, e daí?

Não havia hospital para cuidar dele. Se uma das casas em Brownsville pudesse aceitá-lo por caridade... muito bem, mas, vindo o estado de Beardsley após um mês, achava improvável que sua condição — em termos tanto da paralisia quanto da fala — pudesse melhorar muito. Quem ficaria com ele, se isso significasse cuidar dele dia e noite pelo resto da vida?

O resto de sua vida, é claro, podia ser curto, dependendo do meu sucesso em lidar com a gangrena. A preocupação recuou conforme me voltei para o problema imediato. Eu teria que amputar; era a única possibilidade. Os dedos eram fáceis — mas isso podia não ser suficiente. Se eu tivesse que amputar o pé ou parte dele, corríamos o risco maior de choque e infecção.

Ele teria sensibilidade ali? Às vezes, vítimas de derrame mantinham a sensibilidade num membro afetado, apesar de não ter movimento, às vezes movimento, sem sensibilidade — às vezes, nem um nem outro. Cautelosamente toquei o dedo gangrenado, os olhos em seu rosto.

O olho são estava aberto, focalizado nas vigas do teto. Ele não olhou para mim, nem emitiu nenhum ruído, o que respondia à pergunta. Não, ele não sentia o pé. Isso era um alívio, de certa forma — ao menos, não sofreria a dor da amputação. Nem, ocorreu-me, ele sentira os danos infligidos em sua perna. Ela saberia disso? Ou escolhera atacar o lado morto somente porque ele mantinha alguma força no outro, podendo ainda se defender?

Ouvi um leve farfalhar às minhas costas. A sra. Beardsley estava de volta. Colocou no chão um balde de água e uma pilha de trapos, depois se postou atrás de mim, observando em silêncio quando comecei a limpá-lo.

— Você pode curá-lo? — ela perguntou. Sua voz era calma, distante, como se falasse de um estranho.

A cabeça do paciente pendeu para o lado repentinamente, de modo que seu olho aberto se fixasse em mim.

— Acho que posso ajudar um pouco — eu disse cuidadosamente. Esperava que Jamie voltasse logo. Além de precisar de minha caixa de remédios, estava achando a companhia dos Beardsley um pouco assustadora.

Mais ainda quando o sr. Beardsley inadvertidamente soltou uma pequena quantidade de urina. A sra. Beardsley riu e ele fez um som em resposta que fez meus braços se arrepiarem. Limpei o líquido de sua coxa e continuei com meu trabalho, tentando ignorar o

acontecido.

— Você ou o sr. Beardsley têm algum parente aqui perto? — perguntei, no tom mais coloquial possível. — Alguém que pudesse vir ajudá-la?

— Ninguém — ela disse. — Ele me tirou da casa do meu pai em Maryland. Para echte lugar. — Este lugar foi dito como se fosse um imundo círculo do inferno; até onde eu podia ver, certamente havia alguma semelhança no momento atual.

A porta abriu-se lá embaixo e uma agradável corrente de ar frio anunciou o retorno de Jamie. Ouviu-se um barulho metálico quando ele colocou minha caixa sobre a mesa e eu me levantei depressa, ansiosa para fugir deles, ainda que por um instante.

— É o meu marido com os remédios. Eu só vou... hã... vou buscar... hum... — Passei pela figura volumosa da sra. Beardsley e desci a escada correndo, suando apesar do frio na casa.

Jamie estava de pé junto à mesa, a testa franzida enquanto revirava um pedaço de corda nas mãos. Ergueu os olhos ao me ouvir e seu rosto relaxou um pouco.

— Como está a situação lá em cima, Sassenach? — ele perguntou, a voz baixa, esticando o queixo na direção do sótão.

— Péssima — sussurrei, indo ficar ao seu lado. — Ele tem dois dedos gangrenados, vou ter que amputá-los. E ela diz que não têm nenhum familiar por perto para ajudar.

— Mmmhum. — Seus lábios cerraram-se e ele voltou sua atenção para a funda que estava improvisando.

Estendi a mão para pegar minha caixa de remédios e verificar meus instrumentos, mas parei quando vi as pistolas de Jamie na mesa ao lado da caixa, juntamente com seu chifre de pólvora e estojo de balas. Toquei seu braço e indiquei-os com um sinal da cabeça, murmurando apenas:

— Por quê?

A ruga entre suas sobrancelhas ficou mais pronunciada, mas, antes de poder responder, ouviu-se uma terrível confusão do sótão acima, batidas e pancadas, acompanhadas de urros gorgolejantes, como o de um elefante se afogando num lamaçal.

Jamie largou a corda e partiu em disparada para as escadas, comigo nos calcanhares. Ele deu um grito quando sua cabeça ficou ao nível do sótão e arremessou-se para frente. Quando consegui arrastar-me para dentro do sótão atrás dele, eu o vi nas sombras, atracado com a sra. Beardsley.

Ela golpeou o rosto dele com o cotovelo, atingindo-o no nariz. Isso

eliminou quaisquer inibições que ele ainda pudesse ter sobre dominar uma mulher à força; deu-lhe um safanão, fazendo-a virar-se para ele, e golpeou-a com um soco curto e direto no queixo, que fez os maxilares da mulher estalarem e ela cambalear, os olhos se embaciando. Precipitei-me para frente para salvar a vela, quando ela desabou sentada num tufo de saias e anáguas.

— Meu Deus... acalme... esta... mulher. — A voz de Jamie estava abafada, a manga pressionada contra o rosto para estancar o fluxo de sangue do seu nariz, mas a sinceridade em suas palavras era indubitável.

O sr. Beardsley sacudia-se como um peixe fora d'água, respirando com um chiado e gargarejando. Levantei a vela e o vi batendo no pescoço com a mão aberta. Um lenço de linho havia sido enrolado como uma corda e amarrado em volta do seu pescoço, e seu rosto estava escuro, o único olho esbugalhado. Com a maior rapidez possível, desatei o lenço e sua respiração se soltou com um grande sopro de ar fétido.

— Se ela tivesse sido mais rápida, teria conseguido matá-lo. — Jamie abaixou o braço sujo de sangue e tocou cuidadosamente no nariz. — Santo Deus, acho que ela quebrou meu nariz.

— Por quê? Por que me impediu? — A sra. Beardsley ainda estava consciente, embora cambaleante e com os olhos embaciados. — Ele devia morrer, quero que ele morra, ele tem que morrer.

— A nighean na galladh, você podia tê-lo matado como quisesse a qualquer hora neste último mês, se o quisesse morto — Jamie disse com impaciência. — Por que, em nome de Deus, esperar até ter testemunhas?

Ela ergueu o rosto para ele, os olhos repentinamente límpidos e penetrantes.

— Eu não o queria morto — ela disse. — Eu queria que ele morresse devagar. — Sorriu, exibindo os tocos de seus dentes quebrados.

— Oh, Santo Deus — eu disse, passando a mão pelo rosto. Estávamos apenas no meio da manhã, mas eu sentia como se o dia já durasse várias semanas. — A culpa é minha. Eu disse a ela que talvez eu pudesse ajudar. Ela achou que eu iria salvá-lo, talvez curá-lo completamente. — A maldição da reputação de fazer curas mágicas! Eu poderia rir, se estivesse com ânimo para ironia.

Havia um novo e penetrante fedor no ar e a sra. Beardsley virou-se para o marido com um grito de horror.

— Animal imundo! — Ela se arrastou sobre os joelhos, agarrou um

pedaço de pão duro do prato e atirou-o nele. Ricocheteou de sua cabeça. — Nojento, imundo, desgrachado... — Jamie agarrou-a pelos cabelos quando ela se lançou sobre o corpo prostrado do marido, agarrou-a pelo braço e arrancou-a de perto dele, soluçando e gritando estridentemente.

— Maldição! — ele disse, acima da baderna. — Pegue aquela corda para mim, Sassenach, antes que eu mesmo mate esses dois.

A tarefa de descer o sr. Beardsley do sótão foi suficiente para deixar tanto Jamie quanto eu encharcados de suor e imundos, fedendo e com os joelhos bambos do esforço. A sra. Beardsley desabara sobre um banquinho no canto, quieta e maligna como um sapo, sem fazer nenhum esforço para ajudar.

Ela soltou uma arfada ultrajada quando colocamos o corpo grande e mole sobre a mesa limpa, mas Jamie fulminou-a com o olhar e ela afundou-se de novo no seu banco, a boca cerrada numa linha fina e reta.

Jamie limpou o suor da testa com a manga suja de sangue e sacudiu a cabeça ao olhar para Beardsley. Eu não o culpava; mesmo limpo, bem aquecido sob cobertas limpas e alimentado às colheradas com um pouco de papa morna, o homem estava num estado deplorável. Examinei-o outra vez, cuidadosamente, à luz da janela. Não havia dúvida a respeito dos dedos dos pés; o mau cheiro da gangrena era inconfundível e o tom esverdeado cobria o dorso externo do pé.

Eu teria que ir além dos dedos. Franzi o cenho, apalpando cuidadosamente em torno da região putrefata, perguntando-me se seria melhor tentar uma amputação parcial entre os metacarpos ou simplesmente amputar o pé no tornozelo. A operação no tornozelo seria mais rápida e, embora em outras circunstâncias eu desse preferência à amputação parcial, mais conservadora, não fazia realmente nenhum sentido neste caso; Beardsley obviamente nunca mais iria andar outra vez.

Mordi meu lábio inferior em dúvida. Quanto a isso, toda a questão poderia ser irrelevante; ele ardia com uma febre intermitente e as feridas nas pernas e nas nádegas estavam supuradas. Quais eram as suas chances de se recuperar da amputação sem morrer de infecção generalizada?

Eu não ouvi a sra. Beardsley surgir atrás de mim; para uma mulher tão corpulenta, ela se movia de modo incrivelmente silencioso.

— O que pretende fazer? — ela perguntou, a voz soando neutra e distante.

— Os dedos dos pés de seu marido estão gangrenados — eu disse.

Não fazia sentido tentar não assustar Beardsley agora. — Vou ter que amputar seu pé. — Não havia realmente escolha, embora meu coração doesse diante da ideia de passar os próximos dias — ou semanas — ali, cuidando de Beardsley. Eu não podia deixá-lo nas mãos carinhosas de sua mulher!

Ela deu a volta lentamente na mesa, parando junto aos pés dele. Seu rosto permanecia impassível, mas um leve sorriso surgia nos cantos de sua boca, indo e vindo, como se não dependesse dela. Ela olhou para os dedos enegrecidos por um longo minuto, depois sacudiu a cabeça.

— Não — ela disse suavemente. — Deixe-o apodrecher.

A questão da capacidade de compreender de Beardsley, ao menos, foi resolvida; seu olho aberto esbugalhou-se e ele emitiu um grito estridente de ódio, debatendo-se e sacudindo-se num esforço para alcançá-la, ficando perigosamente na beira da mesa, a ponto de cair no chão em suas tentativas. Jamie agarrou-o, empurrando-o e içando-o, para manter o pesado fardo sobre a mesa. Quando Beardsley finalmente se acalmou, arfando e choramingando, Jamie empertigou-se, ele próprio arquejante, e deu à sra. Beardsley um olhar de extrema antipatia.

Ela arqueou os ombros, puxando o xale mais junto do corpo, mas não recuou, nem desviou o olhar. Ergueu o queixo numa atitude desafiadora.

— Eu chou mulher dele — ela disse. — Não permitirei que o corte. E um richco à chua vida.

— É morte certa se não o fizermos — eu disse sucintamente. — E uma morte horrível. Você... — Não consegui terminar; Jamie colocou a mão em meu ombro, apertando-o com força.

— Leve-a para fora, Claire — ele disse serenamente.

— Mas...

— Lá fora. — Sua mão apertou ainda mais meu ombro, a pressão quase causando dor. — Não volte até eu chamar.

Seu rosto estava sombrio, mas havia algo em seus olhos que fez-me sentir oca por dentro. Olhei para o aparador, onde suas pistolas estavam ao lado da caixa de remédios, depois de novo para seu rosto, alarmada.

— Não pode — eu disse.

Ele olhou para Beardsley, o rosto impassível.

— Eu sacrificaria um cachorro num caso assim sem pensar duas vezes — ele disse brandamente. — Posso fazer menos por ele?

— Ele não é um cachorro!

— Não, não é. — Tirou a mão do meu ombro e deu a volta na mesa, até ficar ao lado de Beardsley.

— Se me compreende... feche o olho — ele disse à meia-voz. Houve um momento de silêncio e o olho injetado de Beardsley fixou-se no rosto de Jamie... com inegável inteligência. A pálpebra cerrou-se devagar, depois se levantou outra vez.

Jamie virou-se para mim.

— Vá — ele disse. — Deixe que a escolha seja dele. Seja sim ou não, eu a chamarei.

Meus joelhos tremiam e eu crispei as mãos nas pregas da minha saia.

— Não — eu disse. Olhei para Beardsley, engoli com dificuldade e sacudi a cabeça. — Não — repeti. — Se... se você... você precisa de uma testemunha.

Ele hesitou por um instante, depois balançou a cabeça.

— Sim, tem razão. — Ele olhou para a sra. Beardsley. Ela permanecia imóvel, as mãos crispadas embaixo do avental, os olhos saltando de mim para Jamie, para seu marido e de novo para mim. Jamie sacudiu a cabeça quase imperceptivelmente, depois se virou para o doente, endireitando os ombros.

— Pisque uma vez para sim, duas para não — ele disse. — Compreende? A pálpebra abaixou-se sem hesitação.

— Então ouça. — Jamie respirou fundo e começou a falar, num tom de voz uniforme, sem emoção, os olhos fixos no rosto arruinado e no olhar feroz de seu olho aberto.

— Sabe o que aconteceu a você? Uma piscadela.

— Sabe que minha mulher é médica, uma curandeira?

O olho se revirou em minha direção, depois novamente para Jamie. Uma piscadela.

— Ela diz que você sofreu uma apoplexia, que os danos são permanentes, não podem ser reparados. Compreende?

Um som raivoso veio da boca torta. Isso não era novidade. Uma piscadela.

— Seu pé está podre. Se não for amputado, você apodrecerá e morrerá. Compreende?

Nenhuma resposta. As narinas alargaram-se repentinamente, úmidas, investigando; então resfolegou, expelindo o ar com uma arfada. Ele sentiu o cheiro da podridão; suspeitara, talvez, mas não sabia ao certo se vinha de sua própria carne. Não até agora. Devagar,

uma piscadela.

A serena ladainha continuou, afirmações e perguntas, cada qual uma pá de terra, escavando uma sepultura. Cada finalização com a inexorável pergunta: Compreende?

Eu sentia as mãos, os pés e o rosto dormentes. A estranha sensação de santuário no aposento se alterara; parecia uma igreja, porém não mais um lugar de refúgio. Um lugar agora onde um ritual se desenrolava, levando a um final solene, predeterminado.

E era predeterminado, eu compreendi. Beardsley já fizera sua escolha havia muito tempo — talvez antes mesmo de chegarmos. Afinal, ele tivera um mês inteiro naquele purgatório, suspenso na escuridão fria entre o céu e a terra, para pensar, para se debater com as perspectivas e fazer as pazes com a morte.

Ele compreendia?

Oh, sim, perfeitamente.

Jamie inclinou-se sobre a mesa, uma das mãos no braço de Beardsley, um padre em roupas manchadas, oferecendo absolvição e salvação. A sra. Beardsley continuava paralisada sob o raio de luz que penetrava pela janela, um impassível anjo de denúncia.

Afirmações e perguntas chegaram ao fim.

— Quer que minha mulher tire seu pé e trate suas feridas? Uma, depois duas piscadelas, exageradas, deliberadas.

A respiração de Jamie era audível, o peso em seu peito produzindo um suspiro a cada palavra.

— Você me pede para tirar sua vida?

Embora metade de seu rosto fosse descaída e sem vida e a outra estivesse macilenta e emaciada, ainda havia um pouco de expressão em Beardsley. O canto da boca que funcionava curvou-se para cima num esgar cínico. O que mais resta, dizia seu silêncio. A pálpebra abaixou-se e permaneceu fechada.

Jamie fechou os próprios olhos. Um pequeno tremor o percorreu. Em seguida, sacudiu-se levemente, como um homem se livrando de água fria, e virou-se para o aparador, onde estavam suas pistolas.

Atravessei o aposento rapidamente até ele, colocando a mão em seu braço. Ele não olhou para mim, mas manteve os olhos na arma que preparava. Seu rosto estava branco, mas as mãos estavam firmes.

— Vá — ele disse. — Leve-a para fora.

Olhei de novo para Beardsley, mas ele já não era mais meu paciente; seu corpo estava além da minha capacidade de curar ou dar conforto. Dirigi-me à mulher e tomei-a pelo braço, virando-a na

direção da porta. Ela me acompanhou, andando mecanicamente, e não se virou para olhar para trás.

A fazenda, do lado de fora, parecia irreal, o pátio iluminado pelo sol, pouco convincente em sua normalidade. A sra. Beardsley livrou-se de minha mão e tomou a direção do celeiro, andando rápido. Olhou para trás, por cima do ombro, para a casa, depois começou a correr, desaparecendo pela porta aberta do celeiro como se demónios a perseguissem.

Percebi seu senso de pânico e quase corri atrás dela. Mas não o fiz; parei na beira do pátio e esperei. Podia sentir meu coração batendo, devagar, pancadas surdas em meus ouvidos. Isso também parecia irreal.

Ouviu-se o tiro, finalmente. Um pequeno estouro seco, inconsequente, entre o suave balido das cabras que vinha do celeiro e o ruído arrastado produzido pelas galinhas, ciscando na terra ali perto. Cabeça, imaginei repentinamente, ou coração, e estremeci.

Já passava bastante do meio-dia; o ar gelado e parado da manhã havia se dispersado e uma brisa fria soprava pelo pátio, levantando poeira e fragmentos de feno. Levantei-me e esperei. Ele teria feito uma pausa, pensei, para fazer uma breve oração pela alma de Beardsley. Um momento se passou, dois, em seguida a porta dos fundos se abriu. Jamie saiu, deu alguns passos, depois parou, inclinou-se e vomitou.

Comecei a ir em sua direção, para o caso de ele precisar de mim, mas não. Endireitou-se e limpou a boca, depois se virou e atravessou o pátio, afastando-se de mim, rumo à floresta.

Senti-me subitamente supérflua e estranhamente insultada. Eu estivera trabalhando apenas alguns instantes atrás, profundamente absorvida na prática da medicina. Conectada à carne, à mente e ao corpo; atenta aos sintomas, consciente do pulso e da respiração, os sinais vitais. Eu não gostara nem um pouco de Beardsley e, no entanto, estava totalmente empenhada na luta para preservar sua vida, diminuir seu sofrimento. Ainda podia sentir o estranho toque quente e flácido de sua pele em minhas mãos.

Agora meu paciente estava abruptamente morto e eu sentia como se uma pequena parte de meu corpo tivesse sido amputada. Achei que talvez estivesse um pouco chocada.

Olhei para a casa, minha sensação original de cautela substituída pelo desgosto — e por algo mais profundo. O corpo deve ser lavado, é claro, e decentemente arrumado para o enterro. Eu já havia feito isso antes — sem grande comoção, ainda que sem ânimo, — mas agora eu me via com uma grande relutância em voltar para dentro daquela casa.

Eu já vira morte por violência — e muitas muito mais repugnantes do que esta provavelmente havia sido. Morte era morte. Quer viesse como passagem, como separação ou, em alguns casos, como uma libertação extremamente almejada... Jamie libertara Beardsley muito repentinamente da prisão de seu corpo assolado; será que seu espírito ainda vagava na casa, sem ter ainda percebido sua liberdade?

— Você está sendo supersticiosa, Beauchamp — eu disse severamente para mim mesma. — Pare com isso agora mesmo. — No entanto, não dei nem um passo na direção da casa e fiquei vagando pelo pátio, nervosa como um indeciso beija-flor.

Se Beardsley estava além da minha ajuda e Jamie, sem nenhuma necessidade dela, ainda havia uma pessoa que podia precisar de mim. Dei as costas para a casa e me dirigi ao celeiro.

Esse não era mais do que um barracão grande e aberto com um palheiro, agradavelmente escuro e cheio de feno e formas em movimento. Fiquei parada na entrada até meus olhos se ajustarem. Havia uma baia em um dos cantos, mas nenhum cavalo. Uma cerca precária, com um suporte para a ordenha, formava um cercado para as cabras do outro lado; ela estava agachada dentro dele, sobre uma pilha de palha fresca. Meia dúzia de cabras amontoavam-se ao seu redor, empurrando e beliscando as pontas de seu xale. Ela não passava de uma forma arqueada, mas percebi o breve lampejo de um olho cauteloso nas sombras.

— Ectá acabado? — A pergunta foi feita brandamente, quase inaudível acima dos ruídos serenos das cabras.

— Sim. — Hesitei, mas ela não parecia estar em absoluto precisando do meu apoio; eu podia ver melhor agora: ela segurava um cabrito no colo, os dedos acariciando a cabecinha sedosa. — Está bem, sra. Beardsley?

Silêncio, depois a figura corpulenta estremeceu e se aquietou, parecendo liberada de uma parte da tensão.

— Nem chei ao cherto — ela disse suavemente. Esperei, mas ela nem se moveu, nem disse mais nada. A tranquilizadora companhia das cabras parecia ser tão reconfortante para ela quanto a minha, então me virei e as deixei, de certa forma invejando o aquecido refúgio do celeiro e suas alegres companhias.

Nós havíamos deixado os cavalos no pátio de entrada, ainda selados, amarrados a uma amieiro novo. Jamie soltara os cinturões e removera os alforjes quando foi pegar minha caixa de remédios, mas não tivera tempo de tirar os arreios. Eu fiz isso agora; obviamente, ainda se passaria algum tempo até podermos ir embora. Tirei as bridas também e preendi as maneiras, deixando-os soltos para pastar no capim

queimado do inverno que ainda crescia

Havia uma metade de uma tora, escavada no meio, no lado oeste da casa, obviamente destinada a servir de cocho para cavalos, mas estava vazia. Satisfeita em poder me ocupar com os cavalos por enquanto, tirei água do poço e despejei balde após balde no cocho.

Limpendo minhas mãos úmidas em minha saia, olhei em volta em busca de outra ocupação útil, mas não havia nenhuma. Portanto, não havia escolha. Preparei-me para o que tinha que ser feito, despejei mais água no balde com a cabaça oca usada para beber água que estava na beira do poço e carreguei-a comigo até a casa, concentrando-me ferozmente em não entornar nem um pouco da água, a fim de evitar ter que pensar sobre as perspectivas no interior da casa.

Quando ergui os olhos, fiquei espantada de ver que a porta dos fundos estava aberta. Eu tinha certeza de que tinha sido fechada antes. Jamie estaria lá dentro? Ou a sra. Beardsley?

Mantendo uma distância cautelosa, estiquei o pescoço para espreitar para dentro da cozinha, mas, quando me aproximava mais, ouvi o ruído regular de uma pá tirando terra. Dei a volta no canto da casa e vi Jamie cavando perto de uma sorveira solitária no pátio, a pouca distância da casa. Ele ainda estava em mangas de camisa e o vento soprava o linho branco e sujo contra seu corpo, agitando os cabelos ruivos sobre seu rosto.

Ele afastou-os para trás com o pulso e eu vi, com uma pequena sensação de choque, que ele estava chorando. Chorava silenciosamente e de certo modo furiosamente, atacando o solo como se fosse um inimigo. Ele percebeu meu movimento pelo canto do olho e parou, passando a manga da camisa, suja de sangue, rapidamente pelo rosto, como se estivesse limpando o suor da testa.

Ele respirava roucamente, alto o suficiente para se ouvir a distância. Aproximei-me silenciosamente e lhe ofereci a cabaça de água, juntamente com um lenço limpo. Ele não me olhou nos olhos, mas bebeu, tossiu, bebeu de novo, devolveu-me a cabaça e assoou o nariz. Estava inchado, mas já não sangrava.

— Nós não vamos dormir aqui esta noite, não é? — arrisquei-me a perguntar, sentando-me no toco de cortar lenha que havia embaixo da sorveira.

Ele sacudiu a cabeça.

— Por Deus, não — disse roucamente. Seu rosto estava manchado e os olhos injetados, mas ele mantinha um firme autocontrole. — Vamos enterrá-lo decentemente e depois vamos embora. Não me importo de dormir com frio na floresta outra vez... mas não aqui. —

Concordei de todo coração, mas havia mais uma coisa a ser considerada.

— E... ela? — perguntei delicadamente. — Ela está na casa? A porta dos fundos está aberta.

Ele grunhiu e enfiou a pá na terra com força.

— Não, fui eu. Eu havia me esquecido de deixar a porta aberta quando saí... para deixar a alma partir, livre — ele explicou, vendo minha sobranceira erguida.

Foi a completa trivialidade com que ele ofereceu essa explicação, mais do que o fato de que ela vinha ao encontro da minha própria noção anterior, que fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

— Compreendo — eu disse, um pouco fracamente.

Jamie continuou cavando por algum tempo, a pá entrando fundo na terra. Ali o solo era formado de argila e folhas mortas; era fácil de cavar. Finalmente, sem interromper o movimento ritmado da pá, ele disse:

— Brianna contou-me uma história que ela havia lido certa vez. Não me lembro muito bem de tudo, mas houve um assassinato, só que o morto era um homem cruel, que levava alguém a matá-lo. E, no final, quando perguntaram à pessoa que estava contando a história o que deveria ser feito, ele disse: "Que se faça a justiça de Deus."

Assenti. Eu concordava, embora parecesse um pouco penoso para a pessoa que se via na obrigação de ser o instrumento de tal justiça.

— Você acha que foi isso neste caso? Justiça?

Ele sacudiu a cabeça; não em negação, mas com perplexidade; e continuou a cavar. Observei-o por alguns instantes, acalmada pela sua presença e pelo ritmo hipnótico de seus movimentos. Após algum tempo, entretanto, preparei-me para enfrentar a tarefa que me aguardava.

— Acho melhor eu preparar o morto e limpar o sótão — eu disse com relutância, preparando-me para me levantar. — Não podemos deixar a pobre mulher sozinha com tal bagunça, independentemente do que ela tenha feito.

— Não, espere, Sassenach — Jamie disse, fazendo uma pausa na escavação. Olhou na direção da casa, um pouco cautelosamente. — Eu vou com você, daqui a pouco. Por enquanto — fez um sinal com a cabeça indicando a borda da floresta, — acha que pode ir buscar algumas pedras para o marco do túmulo?

Um montículo de pedras, um marco celta para o túmulo? Fiquei mais do que ligeiramente surpresa com isso; parecia uma sofisticação desnecessária para o falecido sr. Beardsley. Ainda assim, havia lobos

na floresta; eu vira marcas na trilha dois dias atrás. Também me ocorreu que Jamie devia estar arrumando uma desculpa plausível para eu adiar a entrada na casa outra vez — nesse caso, carregar pedras parecia uma alternativa perfeitamente desejável.

Felizmente não havia escassez de pedras adequadas. Peguei no meu alforje o grosso avental de lona que eu usava para as cirurgias e comecei a ir e voltar, uma formiga colecionando farelos laboriosamente. Após cerca de meia hora neste trabalho, a ideia de entrar na casa começara a parecer menos desagradável. Jamie ainda trabalhava arduamente na cova, de modo que eu continuei a recolher e transportar pedras.

Finalmente parei, arquejante, e despejei no chão nova carga do meu avental, junto à cova cada vez mais funda. As sombras se estendiam pelo pátio de entrada e o ar estava tão frio, que meus dedos haviam ficado dormentes — ainda bem, tendo em vista os diversos arranhões e pequenos cortes em minhas mãos.

— Você está com péssimo aspecto — observei, afastando um feixe de cabelos emaranhados do meu próprio rosto. — A sra. Beardsley já saiu lá de dentro?

Ele sacudiu a cabeça, mas parou um instante para recuperar o fôlego antes de responder.

— Não — ele disse, numa voz tão rouca, que mal pude ouvi-lo. — Ainda está lá com as cabras. Deve estar bem quente lá.

Olhei para ele com inquietação. Cavar sepulturas é um trabalho árduo; sua camisa estava grudada no corpo, encharcada de suor, apesar do dia frio, e seu rosto estava afogueado — do esforço, eu esperava, e não de febre. Mas seus dedos estavam brancos e tão rígidos quanto os meus; foi um visível esforço para ele abri-los e soltar o cabo da pá.

— Certamente já está bastante funda — eu disse, examinando o trabalho. Eu mesma teria ficado satisfeita com uma canaleta rasa na terra macia, mas serviço malfeito não era do feitio de Jamie. — Por favor, Jamie, pare e troque de camisa agora mesmo. Você está ensofado de suor, vai piorar do resfriado.

Ele não se deu ao trabalho de argumentar, mas pegou a pá e cuidadosamente acertou os cantos da cova, moldando as paredes de forma a que as laterais não desmoronassem para dentro.

As sombras sob os pinheiros estavam cada vez mais densas e as galinhas já tinham se retirado para seus poleiros, bolas de penas empoleiradas nas árvores como maços de visco marrom. Os pássaros da floresta também haviam silenciado e a sombra da casa estendia-se longa e fria sobre a nova sepultura. Abracei meus cotovelos e

estremeci diante daquela quietude.

Jamie atirou a pá no chão com uma batida metálica, sobressaltando-me. Saltou para fora da cova e ficou parado, imóvel por um instante, os olhos fechados, oscilando de exaustão. Em seguida, abriu os olhos e sorriu para mim com ar cansado.

— Vamos terminar com isso — ele disse.

Se a porta aberta realmente havia permitido que o espírito do falecido partisse ou se era apenas o fato de Jamie estar comigo, não senti nenhuma hesitação em entrar na casa agora. O fogo se extinguiu e a cozinha estava fria e na penumbra e, no entanto, não havia nenhuma sensação de nada maligno no ar. Estava simplesmente... vazia.

Os restos mortais do sr. Beardsley descansavam pacificamente sob um de seus próprios cobertores para venda, silenciosos e imóveis. Vazios, também.

A sra. Beardsley se recusara a ajudar com as formalidades — ou mesmo entrar na casa, enquanto o corpo do marido estivesse lá dentro. Assim, varri a lareira, acendi um novo fogo e aticei-o até ganhar vida, enquanto Jamie cuidava da sujeira no sótão. Quando ele finalmente desceu, eu já me voltara para o trabalho principal à minha espera.

Morto, Beardsley parecia muito menos grotesco do que em vida; os membros retorcidos haviam relaxado, o ar de frenético esforço desaparecera. Jamie colocara uma toalha de linho sobre a cabeça, embora, quando espregitei sob ela, vi que não havia nenhuma sujeira sanguinolenta para limpar; Jamie atirara nele com precisão pelo olho cego e a bala não estourara os miolos. O olho são estava fechado agora, o ferimento enegrecido fixamente aberto. Recoloquei a toalha delicadamente de volta sobre o rosto, sua simetria restaurada na morte.

Jamie desceu as escadas e veio se colocar silenciosamente atrás de mim, tocando de leve em meu ombro.

— Vá se lavar — eu disse, gesticulando para trás de mim para indicar a pequena chaleira de água quente que eu pendurara sobre o fogo para esquentar. — Eu resolvo isso aqui.

Ele assentiu, tirou a camisa imunda e suada e largou-a na lareira. Ouvi os pequenos ruídos familiares que ele fazia enquanto se lavava. Tossia de vez em quando, mas sua respiração parecia melhor do que lá fora no frio.

— Eu não sabia que podia ser assim — ele disse de trás de mim. — Eu achava que a apoplexia mataria um homem instantaneamente.

— Às vezes é assim mesmo — eu disse, um pouco distraidamente, franzindo a testa em concentração no que estava fazendo. — Na verdade, em geral é isso mesmo que acontece.

— É mesmo? Nunca pensei em perguntar a Dougal, ou Rupert. Ou Jenny. Se meu pai... — A frase foi bruscamente interrompida, como se ele a tivesse engolido.

Ah. Senti uma pontada no plexo solar ao compreender finalmente. Então era isso. Eu não me lembrava, mas ele me contara, havia muitos anos, logo depois do nosso casamento. Seu pai vira Jamie açoitado em Fort William e, com o choque, sofrera um derrame e morrera. Jamie, ferido e doente, fora secretamente retirado do forte e partira em exílio. Não lhe contaram sobre a morte do pai senão semanas mais tarde — ele não teve nenhuma chance de se despedir, não pudera nem enterrar nem prestar homenagem em sua sepultura.

— Jenny deve saber — eu disse brandamente. — Ela teria lhe dito se... — Se Brian Fraser tivesse sofrido uma morte de tão lenta agonia e ignomínia como esta, definhado e paralisado, degradando-se fisicamente diante dos olhos da família que ele lutara para proteger.

Ela teria mesmo lhe contado? Se tivesse cuidado de seu pai durante a incontinência e a impotência? Se tivesse esperado dias ou semanas, repentinamente desprovida tanto do pai quanto do irmão, sozinha para enfrentar a morte de frente enquanto ela se aproximava, lentamente... e, no entanto, Jenny Fraser era uma mulher muito forte, que amava imensamente seu irmão. Talvez ela tivesse resolvido protegê-lo, tanto da culpa quanto do conhecimento.

Virei-me para encará-lo. Estava seminu, mas limpo agora, com uma camisa limpa tirada do alforje que tinha nas mãos. Olhava para mim, mas vi seus olhos deslizarem para além de mim e se fixarem no cadáver com um perturbado fascínio.

— Ela teria lhe contado — repeti, esforçando-me para incutir certeza em minha voz.

Jamie inspirou profunda e dolorosamente.

— Talvez.

— Ela teria — eu disse com mais firmeza.

Ele assentiu, respirou fundo novamente e expirou devagar, mais relaxado. Compreendi que a casa não era a única coisa assombrada pela morte de Beardsley. Mas era Jenny quem tinha a chave da única porta que poderia ser aberta para Jamie.

Eu compreendia agora por que ele havia chorado e tomara tanto cuidado na escavação da sepultura. Não era por causa do choque, nem por caridade, muito menos por consideração com o falecido — mas

por Brian Fraser; o pai que ele não enterrara, nem pranteara.

Virei-me novamente, me levantei e prendi as pontas do cobertor cuidadosamente sobre o corpo limpo e arranjado, amarrando-o com uma corda fina na cabeça e nos pés, fazendo um embrulho bem-arrumado e anônimo. Jamie tinha quarenta e nove anos; a mesma idade com que seu pai morrera. Olhei-o pelo canto do olho rapidamente, enquanto ele terminava de se vestir. Se seu pai fosse como ele... senti uma repentina pontada de tristeza, por uma perda tão grande. Pela força extirpada e o amor extinto, pela perda de um homem que eu sabia que fora grandioso, apenas pelo reflexo dele que eu via em seu filho.

Vestido, Jamie deu a volta na mesa e ajudou-me a levantar o corpo. No entanto, em vez de colocar as mãos sob ele, ele estendeu os braços e tomou minhas mãos nas suas.

— Jure para mim, Claire — ele disse. Sua voz era quase inaudível com a rouquidão; tive que me inclinar para frente para ouvi-lo. — Se um dia me acontecer o que aconteceu com meu pai... jure que fará por mim a mesma caridade que eu fiz por esse desgraçado aqui.

Havia novas bolhas nas palmas de suas mãos por causa da escavação da sepultura; senti a estranha suavidade delas, cheias de líquido e maleáveis, conforme ele agarrava minhas mãos.

— Farei o que tiver que ser feito — sussurrei em resposta. — Assim como você fez. — Apertei suas mãos e soltei-as. — Venha e me ajude a enterrá-lo. Acabou.

BROWNSVILLE

A tarde já estava avançada quando Roger e a milícia chegaram a Brownsville, tendo errado a estrada e vagado pelos montes por várias horas antes de encontrar dois cherokee que lhes indicaram o caminho certo.

Brownsville consistia em meia dúzia de choças caindo aos pedaços, espalhadas pelo matagal seco da encosta de uma colina como um punhado de lixo atirado no mato. Perto da estrada — se é que o estreito e esburacado caminho de lama preta pisoteada pudesse merecer esse nome, — duas cabanas inclinavam-se precariamente de cada lado de uma construção ligeiramente maior e de aparência um pouco mais sólida, como dois bêbados apoiando-se num companheiro mais sóbrio. Ironicamente, esse prédio maior parecia funcionar como taverna e armazém geral de Brownsville, a julgar pelos barris de cerveja e pólvora, bem como as pilhas de peles de animais encharcadas que havia no pátio lamacento ao lado. No entanto, Roger pensou, aplicar qualquer desses termos a ele também era conceder-lhe mais dignidade do que merecia.

Ainda assim, era obviamente o lugar por onde deviam começar — ao menos, em consideração aos homens que o acompanhavam e que haviam começado a vibrar como limalhas perto de um ímã à vista dos barris; o cheiro fermentado de cerveja flutuava até eles como um aceno de boas-vindas. Ele também não iria dizer não a um caneco de cerveja, pensou, acenando a mão para que parassem. Era um dia extremamente frio e já se passara muito tempo desde o café da manhã. Provavelmente não conseguiriam nada além de pão ou ensopado ali, mas, desde que estivesse quente e fosse engolido com algum tipo de bebida alcoólica, ninguém iria reclamar.

Desceu do cavalo e se virava para chamar os outros quando a mão de alguém segurou seu braço.

— Attendez. — Fergus falou serenamente, mal movendo os lábios. Estava ao lado de Roger, olhando para alguma coisa além dele. — Não se mexa.

Roger não se moveu, nem nenhum dos homens ainda em seus cavalos. O que quer que Fergus vira, eles também haviam visto.

— O que é? — Roger perguntou, mantendo a voz baixa também.

— Alguém, duas pessoas, estão apontando armas para nós, através da janela.

— Ah. — Roger lembrou-se do bom senso de Jamie de não entrar em Brownsville à noite, no dia anterior. Evidentemente ele sabia alguma coisa sobre a natureza desconfiada de lugares remotos.

Movendo-se muito devagar, ele levantou as duas mãos no ar e sinalizou com um movimento do queixo para Fergus, que relutantemente fez o mesmo, o gancho brilhando ao sol da tarde. Ainda com as mãos para o alto, Roger virou-se muito devagar. Mesmo sabendo o que esperar, sentiu o estômago se contrair ao ver os dois canos longos e brilhantes das armas projetando-se de trás da pele de veado oleada que cobria a janela.

— O de casa! — ele gritou, com tanta autoridade quanto conseguiu reunir com as mãos acima da cabeça. — Sou o capitão Roger Mackenzie, no comando da milícia sob as ordens do coronel James Fraser, de Fraser's Ridge!

O único efeito dessa estratégia foi fazer o cano de uma arma se virar, focalizando-se em Roger, de modo que ele podia olhar diretamente pelo círculo pequeno e escuro da boca da arma. A desagradável perspectiva, entretanto, fazia-o perceber que a outra arma não fora apontada para ele desde o começo. Ela fora, e continuava sendo, apontada diretamente por cima de seu ombro direito, na direção de um grupo de homens ainda montados em seus cavalos atrás dele, remexendo-se em suas selas e murmurando entre si nervosamente.

Ótimo. E agora? Os homens estavam esperando que ele fizesse alguma coisa. Movendo-se devagar, ele abaixou as mãos. Estava inspirando fundo para gritar outra vez, mas antes que pudesse falar, uma voz rouca soou de trás da pele de veado.

— Estou vendo você, Morton, seu filho da mãe!

Essa imprecisão foi acompanhada de um significativo safanão do cano da primeira arma, que se virou bruscamente de Roger para mirar no mesmo alvo da segunda — provavelmente Isaiah Morton, um dos homens da milícia, oriundo de Granite Falls.

Houve um rebuliço entre os homens montados, gritos de espanto e, depois, um tumulto geral quando as duas armas dispararam. Cavalos empnaram-se e dispararam, homens gritavam e praguejavam, e nuvens de fumaça branca e ácida emanaram da janela.

Roger lançara-se ao chão com a primeira explosão. No entanto, quando os ecos desvaneceram-se, ele levantou-se atabalhoadamente, como por reflexo, limpou lama dos olhos e arremeteu-se contra a porta, de cabeça. Para sua surpresa, sua mente estava funcionando

com absoluta clareza. Brianna levava vinte segundos para carregar e preparar a arma e duvidava de que esses vagabundos fossem mais rápidos. Ele calculou que houvesse dez segundos de sobra e pretendia usá-los.

Atingiu a porta com o ombro e ela voou para dentro, batendo contra a parede e fazendo Roger entrar correndo, atordoado, e chocar-se com a parede em frente. Colidiu direto com a chaminé, numa pancada que deixou seu ombro dormente, ricocheteou e, aos trancos e barrancos, conseguiu ficar de pé, cambaleando como um bêbado.

Várias pessoas na sala haviam se virado para olhar para ele, boquiabertas. Sua visão clareou o suficiente para ver que apenas dois homens estavam de fato portando armas. Ele respirou fundo, arremessou-se sobre o mais próximo, um homem raquítico com uma barba rala e irregular, e agarrou-o pela camisa, imitando um temível professor de luta do colégio de Roger.

— O que pensa que está fazendo, homenzinho?! — rugiu, levantando o homem com um puxão. O sr. Sanderson teria ficado satisfeito, ele pensou, à ideia de que seu exemplo fora tão profícuo. E eficaz, também; embora o homenzinho magricela na mão de Roger não tivesse urinado nas calças nem choramingado, como às vezes acontecia com os alunos iniciantes sob tal tratamento, ele de fato emitiu alguns sons guturais, batendo em vão na mão de Roger agarrada à sua camisa.

— Você, senhor! Largue o meu irmão! — A vítima de Roger deixara cair tanto sua arma quanto o chifre de pólvora que segurava quando fora agarrado, espalhando o pó negro por todo o assoalho. No entanto, o outro atirador conseguira recarregar sua arma e agora tentava mirar em Roger. De certa forma, foi impedido nesta tentativa pelas três mulheres na sala, duas das quais tagarelavam e puxavam sua arma, interpondo-se entre eles. A terceira jogara o avental por cima da cabeça e emitia gritos histéricos, altos e ritmados.

Nesse momento, Fergus entrou impetuosamente na casa, uma enorme pistola na mão. Apontou-a negligentemente para o homem com a arma.

— Abaixе esta arma, por gentileza — ele disse, erguendo a voz o suficiente para ser ouvido acima da algazarra. — E talvez, madame, poderia jogar um pouco de água nesta jovem mulher? Ou dar-lhe um leve tapa? — Gesticulou com seu gancho na direção da mulher que berrava histericamente, contraindo-se com o barulho.

Movendo-se como se estivesse hipnotizada, uma das mulheres dirigiu-se devagar para a jovem esganiçada, sacudiu-a com força pelos ombros e começou a murmurar no seu ouvido, sem tirar os olhos de

Fergus. Os gritos cessaram, substituídos por soluços e arfadas irregulares.

Roger sentiu um imenso alívio. Pura raiva, simples pânico e a absoluta necessidade de fazer alguma coisa o haviam levado até ali, mas admitia sem nenhum constrangimento que não tinha a menor ideia do que fazer em seguida.

Respirou fundo, sentindo as pernas começarem a tremer e lentamente colocou sua vítima no chão, soltando a mão com um sinal desajeitado da cabeça. O homem deu vários passos rapidamente para trás, depois ficou alisando as marcas de sua camisa, os olhos estreitados fixos em Roger com rancor.

— E quem é você? — O segundo homem, que de fato abaixara a arma, olhou para Fergus, confuso.

O francês abanou seu gancho — o qual, Roger notou, parecia fascinar as mulheres — num gesto que descartava a pergunta.

— Isso não tem nenhuma importância — ele disse majestosamente, levantando um pouco mais o nariz aristocraticamente arrogante. — Eu exijo... isto é, nós exigimos — ele consertou, com um educado aceno da cabeça na direção de Roger — saber quem é você.

Os presentes na cabana trocaram olhares de perplexidade, como se perguntassem a si próprios quem eles realmente eram. Após um instante de hesitação, no entanto, o maior dos dois homens empinou o queixo com beligerância.

— Meu nome é Brown, senhor. Richard Brown. Estes são meu irmão, Lionel, minha mulher, Meg, minha filha, Alicia — esta parecia ser a jovem do avental, que o havia removido da cabeça, permanecendo ali parada, chorosa e soluçando — e minha irmã, Thomasina.

— Seu criado, madame, mesdemoiselles. — Fergus fez uma mesura extremamente elegante para as mulheres, mas tendo o cuidado de manter a pistola apontada para a cabeça de Richard Brown. — Minhas desculpas pelo incômodo.

A sra. Brown respondeu com um sinal da cabeça, parecendo um pouco estupidificada. A srta. Thomasina Brown, uma mulher alta, de ar severo, olhou de Roger para Fergus e de novo para Roger com a expressão de quem compara uma barata com uma centopeia, decidindo qual irá pisotear primeiro.

Fergus, tendo conseguido transformar o ambiente de um confronto armado ao de um salon parisiense, parecia satisfeito. Olhou para Roger e inclinou a cabeça, um sinal de que passaria o comando da situação para ele.

— Certo. — Roger usava uma camisa de caça solta, mas sentia como se estivesse numa camisa de força. Respirou fundo novamente, tentando forçar o ar a entrar em seu peito. — Bem. Como eu disse, eu sou... ah... o capitão Mackenzie. Fomos encarregados pelo governador Tryon de formar uma milícia e viemos notificá-los de sua obrigação de fornecer homens e suprimentos.

Richard Brown pareceu surpreso; seu irmão fulminou-os com o olhar. No entanto, antes que pudessem fazer objeções, Fergus aproximou-se de Roger, murmurando:

— Não acha que devemos primeiro descobrir se eles mataram o sr. Morton, mon capitaine, antes de aceitá-los em nosso grupo?

— Oh, mmhum. — Roger olhou fixamente para os Brown com a expressão mais severa que conseguiu apresentar. — Sr. Fraser. Poderia ir ver como está o sr. Morton? Eu ficarei aqui. — Mantendo os olhos nos Brown, estendeu a mão para a pistola de Fergus.

— Oh, o seu Morton ainda está cheio de vida, capitão. Aliás, ele não está aqui, porque saiu correndo para o mato como um gato que queimou o rabo, mas estava bom das pernas na última vez em que o vi. — Uma voz anasalada com sotaque de Glasgow falou da soleira da porta e Roger olhou naquela direção e viu um amontoado de cabeças interessadas espreitando para dentro da cabana. O cocuruto espetado de Henry Gallegher entre elas. Viam-se também várias armas prontas para atirar e Roger respirou com mais alívio.

Os Brown haviam perdido o interesse em Roger e fitavam Gallegher absolutamente atônitos.

— O que ele disse? — a sra. Brown sussurrou para sua cunhada. A mulher mais velha sacudiu a cabeça, os lábios contraídos como a boca de uma sacolinha fechada com cordão.

— O sr. Morton está vivo e bem — Roger traduziu para elas. Ele tossiu. — Felizmente para vocês — disse para os irmãos Brown, com o tom mais ameaçador que conseguiu imprimir à voz. Voltou-se para Gallegher, que agora entrara na sala e apoiava-se no umbral da porta, o mosquete na mão e com ar de quem estava se divertindo.

— Então estão todos bem, Henry? Gallegher deu de ombros.

— Esses patifes não feriram ninguém, mas furaram seu alforje com uma descarga de chumbinhos. Senhor — ele acrescentou como um pensamento tardio, exibindo os dentes com um breve lampejo no meio da barba.

— O alforje com o uísque? — Roger perguntou.

— Credo! — Gallegher esbugalhou os olhos horrorizado, depois abriu um largo sorriso tranquilizador. — Não, o outro.

— Ah, bom. — Roger abanou a mão, descartando o problema. — São apenas minhas calças sobressalentes, não é mesmo?

Essa resposta filosófica provocou risos e assobios de apoio dos homens amontoados na soleira da porta, o que animou Roger o suficiente para voltar à carga com o Brown franzino.

— E o que você tem contra Isaiah Morton? — ele perguntou.

— Ele desonrou minha filha — o sr. Brown respondeu prontamente, tendo recobrado a compostura. Olhou furiosamente para Roger, a barba torcendo-se de raiva. — Eu disse a ele que o deixaria morto aos pés dela se ele um dia ousasse mostrar a cara a quilômetros de Brownsville. E não é que o patife sem-vergonha tem o desplante de vir até a minha porta! O sr. Richard Brown virou-se para Gallegher.

— Está me dizendo que nós dois não conseguimos acertar o filho da mãe? Gallegher deu de ombros, se desculpando.

— Sim. Lamento.

A jovem srta. Brown acompanhara essa conversa com a boca ligeiramente aberta.

— Eles erraram? — ela perguntou, a esperança iluminando os olhos vermelhos. — Isaiah ainda está vivo?

— Não por muito tempo — seu tio assegurou-lhe. Inclinou-se para pegar a arma de caçar aves, e todas as três mulheres Brown desandaram num coro de renovado berreiro, enquanto as armas da milícia à porta ergueram-se simultaneamente, mirando em Brown. Bem devagar, ele recolocou a arma no chão.

Roger olhou para Fergus, que levantou uma sobrancelha e deu de ombros. Ele é que decidia.

Os Brown haviam se juntado, os dois irmãos olhando-o com raiva, as mulheres amontoadas atrás deles, fungando e murmurando. Homens da milícia enfiavam a cabeça pelas janelas com curiosidade, todos olhando para Roger, à espera de suas ordens.

E exatamente o que ele deveria lhes dizer? Morton era um membro da milícia e, portanto — ele presumia, — com direito a proteção. Roger certamente não podia entregá-lo aos Brown, independentemente do que ele tivesse feito — sempre presumindo que ele poderia ser capturado. Por outro lado, Roger tinha a incumbência de alistar os Brown e o resto dos homens aptos de Brownsville, além de também extrair deles suprimentos suficientes para ao menos uma semana; a julgar pela expressão de seus rostos, tal sugestão também não seria bem recebida neste momento.

Tinha a incômoda convicção de que Jamie Fraser saberia imediatamente como melhor resolver esta crise diplomática. Ele,

pessoalmente, não tinha a menor ideia.

Mas ele podia pelo menos usar a tática do adiamento. Suspirando, abaixou a pistola e tocou na bolsa em sua cintura.

— Henry, traga o alforje com o uísque, sim? E, sr. Brown, talvez me permita comprar alguma comida e um barril da sua cerveja, para meus homens fazerem uma refeição.

E com sorte, quando todos estivessem bêbados, Jamie Fraser estaria de volta.

A TERÇA PARTE DE UMA CABRA

Não estava totalmente acabado, afinal. O sol já se pusera havia muito tempo quando terminamos tudo na fazenda dos Beardsley, nos arrumamos, refizemos nossas bagagens e encilhamos novamente os cavalos. Pensei em sugerir que comêssemos antes de partir — não havíamos comido nada desde o café da manhã, — mas a atmosfera do lugar era tão perturbadora, que nem Jamie nem eu tínhamos apetite.

— Vamos esperar — ele disse, içando os alforjes sobre o lombo da égua. Olhou por cima do ombro para a casa. — Estou oco como uma cabaça, mas não poderia comer nada enquanto avistasse este lugar.

— Sei como se sente. — Olhei para trás, também, nervosamente, embora não houvesse nada para ser visto; a casa estava silenciosa e vazia. — Mal posso esperar para estar longe daqui.

O sol desaparecera atrás das árvores e uma sombra fria e azulada espalhava-se pela depressão onde ficava a casa da fazenda. A terra fresca da sepultura de Beardsley mostrava-se escura de umidade, um monturo arqueado sob os galhos despidos da sorveira. Era impossível olhar para ela sem pensar no peso da terra molhada e na imobilidade, na decomposição e no apodrecimento.

Você vai apodrecer e morrer, Jamie dissera a ele. Eu esperava que a inversão desses dois acontecimentos tenha sido de algum benefício para Beardsley — não tinha sido para mim. Apertei meu xale com força ao redor dos ombros e expirei ruidosamente, depois inspirei profundamente, na esperança de que o aroma límpido e frio dos pinheiros erradicasse o fantasma do fedor de carne morta que parecia prender-se às mãos, às roupas e ao nariz.

Os cavalos remexiam-se, batiam as patas e sacudiam as crinas, ansiosos para partir. Não os culpava. Incapaz de me conter, olhei para trás outra vez. Seria difícil imaginar uma paisagem mais desolada. Ainda mais difícil de imaginar era a ideia de ficar ali, sozinha.

Evidentemente a sra. Beardsley havia imaginado como seria e chegara a conclusões semelhantes. Neste momento, ela emergiu do celeiro, o cabrito nos braços, e anunciou que iria conosco. E, evidentemente, as cabras também. Ela me entregou o cabrito e desapareceu de novo dentro do celeiro.

O cabrito era pesado e estava quase adormecido, as pequenas

juntas flexíveis dobradas numa trouxinha aconchegante. Ele soprou a respiração morna em minha mão, mordiscou delicadamente para ver de que eu era feita, depois emitiu um pequeno "méé" de contentamento e relaxou numa tranquila inércia contra as minhas costelas. Um "méé!" mais alto e um empurrão na minha coxa anunciaram a presença da mãe do cabrito, tomando conta de seu rebento.

— Bem, ela certamente não pode deixá-las aqui — murmurei para Jamie, que fazia ruídos de contrariedade na penumbra atrás de mim. — As cabras têm que ser ordenhadas. Além do mais, não é uma distância tão grande, não é?

— Sabe a velocidade com que uma cabra anda, Sassenach?

— Nunca tive a oportunidade de marcar o tempo de uma — eu disse, um pouco asperamente, mudando de posição meu pequeno fardo peludo. — Mas não creio que sejam muito mais lentas do que os cavalos no escuro.

Ele emitiu um barulho escocês gutural diante disso, ainda mais expressivo do que o normal por causa da garganta encatarrada. Ele tossiu.

— Você está com um ronco horrível — eu disse. — Quando chegarmos aonde estamos indo, vou passar a pomada de gordura de ganso mentolada em você, meu caro.

Ele não fez nenhuma objeção a essa proposta, o que de certa forma me alarmou um pouco, pois indicava uma séria depressão de sua vitalidade. Mas, antes que eu pudesse fazer mais perguntas sobre seu estado de saúde, fui interrompida pela saída da sra. Beardsley do celeiro, conduzindo cinco cabras, amarradas por corda como um bando de prisioneiros jovialmente embriagados.

Jamie olhou para a procissão com ar de dúvida, suspirou resignado e voltou-se para a consideração dos problemas de logística que tinha à mão. Não havia a menor possibilidade de fazer a sra. Beardsley montar Gideon, o Canibal. Jamie olhou de mim para a figura corpulenta da sra. Beardsley, em seguida para a pequena estrutura da minha égua, pouco maior do que um pônei, e tossiu.

Após alguns instantes de consideração, ele fez a sra. Beardsley montar na sra. Piggy, o cabrito adormecido equilibrado à sua frente. Eu viajaria com ele, na nuca de Gideon, teoricamente impedindo qualquer tentativa da parte do animal de me jogar longe do seu lombo e dentro do mato. Ele amarrou uma corda ao redor do pescoço do bode e prendeu-a frouxamente na sela da égua, mas deixou as cabras soltas.

— A mãe ficará com o filhote e as outras seguirão o bode — ele me

disse. — São criaturas sociáveis, não vão querer se desgarrar do bando. Especialmente à noite. Xô — ele murmurou, afastando um focinho curioso do seu rosto, enquanto se agachava para verificar o cinturão da sela. — Creio que porcos seriam mais difíceis. Cada qual partiria numa direção. — Levantou-se, distraidamente acariciando uma cabecinha peluda.

— Se alguma coisa der errado, solte-o imediatamente — ele disse à sra. Beardsley, mostrando-lhe o laço preso à sela, perto de sua mão. — Se o cavalo disparar com vocês, seu animalzinho aí será enforcado.

Ela assentiu, um monte curvado em cima do cavalo, em seguida levantou a cabeça e olhou para a casa.

— Temos que partir antes da lua nacher — ela disse à meia-voz. — É quando ela vem.

Um calafrio percorreu minha espinha e Jamie sobressaltou-se, virando a cabeça abruptamente para olhar a casa às escuras. O fogo se extinguiu e ninguém pensara em fechar a porta; aberta como uma órbita vazia.

— Ela quem? — Jamie perguntou, uma perceptível tensão na voz.

— Mary Ann — a sra. Beardsley respondeu. — Ela foi a última. — Não havia nenhuma emoção em sua voz; ela soava como uma sonâmbula.

— A última o quê? — perguntei.

— A última echposa — ela respondeu, pegando as rédeas. — Ela aparece embaixo da chorveira em noite de lua.

Jamie virou a cabeça para mim. Estava escuro demais para ver a expressão de seu rosto, mas eu não precisava. Clareei a garganta.

— Deveríamos... fechar a porta? — sugeri. O espírito do sr. Beardsley já devia ter compreendido a situação a esta altura e, quer a sra. Beardsley tivesse ou não qualquer interesse na casa e em seu conteúdo, não parecia correto deixá-la à mercê do assalto de guaxinins e esquilos, para não falar de algo maior que poderia ser atraído pelo cheiro da morte do sr. Beardsley. Por outro lado, eu realmente não tinha o menor desejo de me aproximar da casa vazia.

— Suba no cavalo, Sassenach.

Jamie atravessou o pátio a passos largos, bateu a porta com um pouco mais de força do que o necessário, depois voltou — andando rapidamente — e saltou para a sela, atrás de mim.

— Upa! — ele disse energicamente, e partimos, a claridade da meia-lua nascente, começando a se tornar visível acima das árvores.

Era talvez uma distância de uns quatrocentos metros até o início do

caminho, o terreno subindo da depressão onde ficava a casa dos Beardsley. Avançávamos devagar, por causa das cabras, e eu observava o capim e os arbustos conforme roçávamos por eles, imaginando se eles pareciam mais visíveis somente porque meus olhos estavam se adaptando à escuridão ou porque a lua subira no céu.

Eu me sentia em perfeita segurança, com o poderoso volume do cavalo sob mim, a companhia sociável das cabras ao nosso redor e a presença igualmente reconfortante de Jamie atrás de mim, um dos braços ao redor da minha cintura. Mas eu não tinha certeza de que me sentia confiante o suficiente para me virar e olhar para trás outra vez. Ao mesmo tempo, a necessidade de olhar era tão premente, que chegava quase a anular a sensação de terror que eu sentia a respeito daquele lugar. Quase.

— Não é realmente uma sorveira, é? — a voz de Jamie veio suave de trás de mim.

— Não — respondi, encorajada pelo braço sólido ao meu redor. — Mas é da mesma família. Muito parecida. — Eu já vira essa árvore muitas vezes antes. Os imigrantes das Highlands geralmente as plantavam perto das cabanas ou casas porque os cachos de frutinhas cor de laranja e as folhas em forma de pluma realmente a tornavam parecida com a sorveira da Escócia — um parente próximo da família botânica. Mas compreendi que o comentário de Jamie não era proveniente do interesse em minúcias taxonômicas, mas da dúvida de se esta árvore possuía as mesmas qualidades repelentes, em termos de feitiço e proteção do mal. Ele não escolhera enterrar Beardsley sob aquela árvore nem por estética, nem por conveniência.

Apertei sua mão cheia de bolhas e ele me beijou delicadamente no topo da cabeça.

No começo do caminho, eu realmente me virei e olhei para trás, mas não consegui ver nada além de uma leve claridade do telhado desgastado da casa. A sorveira e o que quer que pudesse — ou não — estar embaixo dela estavam ocultos na escuridão.

Gideon estava anormalmente bem-comportado, não tendo feito mais do que um protesto simbólico por ter que carregar duas pessoas. Achei que ele também estava contente em deixar a fazenda para trás. Eu disse isso, mas Jamie espirrou e expressou a opinião de que o desgraçado só estava ganhando tempo, enquanto planejava alguma insolência futura.

As cabras pareciam inclinadas a ver esta excursão noturna como uma diversão e caminhavam vagarosamente com grande interesse, arrancando bocados de capim seco, esbarrando umas nas outras e nos cavalos e, de um modo geral, soando como um bando de elefantes no

crepitante matagal.

Senti um grande alívio por finalmente deixar a propriedade dos Beardsley. Conforme os pinheiros apagavam a última visão da depressão do terreno onde ficava a fazenda, eu resolutamente afastei da mente os perturbadores acontecimentos do dia e comecei a pensar no que nos aguardava em Brownsville.

— Espero que Roger tenha se saído bem — eu disse, recostando-me no peito de Jamie com um leve suspiro.

— Mmmhum. — Por uma longa experiência, interpretei este ruído encatarrado em particular como indicativo de uma educada concordância com meu sentimento aliada a uma completa indiferença pessoal com a realidade. Ou ele não via nenhum motivo para preocupação ou pouco se importava com os sucessos ou fracassos de Roger.

— Espero que ele tenha encontrado alguma espécie de hospedaria — eu disse, achando que essa perspectiva pudesse ser recebida com um pouco mais de entusiasmo. — Comida quente e uma cama limpa seriam uma boa pedida.

— Mmmhum. — Esse comentário carregava um toque de humor, misturado a um ceticismo inato, desenvolvido por longa experiência, em relação à possível existência de tais comodidades como comida quente e camas limpas no interior da Carolina.

— As cabras parecem estar indo muito bem — eu disse e fiquei esperando sua reação.

— Mmmhum. — Concordância relutante, misturada com uma profunda desconfiança quanto à continuação do bom comportamento por parte das cabras.

Eu estava cuidadosamente formulando outra observação, na esperança de obter mais um desses comentários — três vezes era o recorde até agora, — quando Gideon repentinamente provou que Jamie estava certo em sua desconfiança original ao jogar a cabeça para trás com um sonoro relincho e empinando.

Colidi contra o peito de Jamie, batendo a cabeça em sua clavícula com uma pancada que me fez ver estrelas. Seu braço retirou o ar dos meus pulmões enquanto ele puxava as rédeas, gritando.

Eu não fazia a menor ideia do que ele estava dizendo, ou mesmo se ele estava gritando em inglês ou gaélico. O cavalo berrava, recuando e batendo os cascos no chão, e eu buscava desenfreadamente me agarrar a alguma coisa, crina, sela, rédeas... Um galho atingiu meu rosto e me cegou. Reinou o pandemônio; havia gritos estridentes, balidos e um ruído de tecido se rasgando, depois alguma coisa me atingiu com força

e me arremessou como um bólido para dentro da escuridão.

Não fui a nocaute, mas não fez muita diferença. Fiquei estatelada num emaranhado de arbustos, esforçando-me para respirar, incapaz de me mexer e incapaz de ver qualquer coisa além de algumas estrelas espalhadas no céu acima.

Uma algazarra infernal acontecia a pouca distância dali, onde figurava um coro de cabras em pânico, pontuado pelo que me pareceram gritos de mulher. Gritos de duas mulheres.

Sacudi a cabeça, confusa. Em seguida, virei-me com um impulso e comecei a engatinhar, tardiamente reconhecendo o que estava fazendo aquele barulho. Eu já ouvira gritos de panteras muitas vezes — mas sempre muito longe, sem nenhum perigo. Esta não estava longe. O ruído de tecido se rasgando que eu ouvira fora a tosse de um felino grande, muito perto.

Colidi com um enorme tronco caído e prontamente rolei para baixo dele, enfiando-me o mais para dentro possível da pequena fenda ali existente. Não era o melhor esconderijo que eu já vira, mas ao menos podia impedir que a fera saltasse de uma árvore sobre mim.

Eu ainda podia ouvir Jamie gritando, embora o teor de suas exclamações tivesse mudado para uma espécie de fúria rouca. As cabras, em sua maioria, haviam parado de protestar — certamente a fera não podia ter matado todas? Eu não conseguia ouvir nada da sra. Beardsley tampouco, mas os cavalos faziam uma enorme confusão, relinchando e pisoteando nervosamente.

Meu coração batia com força contra o solo coberto de folhas e um suor frio escorria pelo meu maxilar. Pouca coisa é capaz de invocar o terror absoluto como o medo primitivo de ser devorado e senti pena dos animais. Houve estalidos nos arbustos próximos e ouvi Jamie gritando meu nome.

— Aqui — consegui gritar com voz rouca, sem querer sair do meu refúgio até saber ao certo onde estava a pantera — ou ao menos saber ao certo que não estava perto de mim. Os cavalos haviam parado de relinchar, embora ainda resfolegassem e batessem os cascos no chão, fazendo barulho suficiente para indicar que nenhum deles havia sido vítima de nosso visitante, nem fugido em disparada.

— Aqui! — gritei, um pouco mais alto.

Mais estalidos, bem próximos. Jamie avançou tropeçando pela escuridão, agachou-se e tateou embaixo do tronco até sua mão encontrar meu braço, que ele agarrou.

— Você está bem, Sassenach?

— Ainda não sei, mas acho que sim — respondi. Deslizei

cautelosamente para fora da proteção do meu tronco caído, avaliando meu estado. Machucados aqui e ali, cotovelos arranhados e uma sensação de ardência onde o galho atingira meu rosto. Portanto, basicamente eu estava bem.

— Ótimo. Venha rápido, ele está ferido. — Içou-me, colocando-me de pé, e começou a me impelir pela escuridão com a mão na parte baixa das minhas costas.

— Quem?

— O bode, é claro.

A essa altura, meus olhos já haviam se adaptado à escuridão e eu divisei as figuras volumosas de Gideon e da égua, sob um álamo sem folhas, crinas e caudas chicoteando de agitação. Uma figura menor, que imaginei ser a sra. Beardsley, estava agachada ali perto sobre algo estendido no chão.

Senti cheiro de sangue e um forte odor do bode. Agachei-me e estendi a mão, tocando em pelo áspero e quente. O bode se mexeu com o toque da minha mão, com um sonoro balido, o que de certa forma me tranquilizou um pouco. Ele podia estar ferido, mas não estava morrendo — ao menos, ainda não; o corpo sob minhas mãos estava sólido e cheio de vida, os músculos tensos.

— Onde está a fera? — perguntei, localizando a superfície rugosa dos chifres e apalpando apressadamente para trás ao longo da espinha dorsal, depois descendo para as costelas e flancos. O bode tinha objeções e debatia-se sob minhas mãos.

— Foi embora — Jamie disse. Agachou-se também e colocou a mão na cabeça do bode. — Pronto, pronto, a bhalaich. Vai ficar tudo bem. Seas, mo charaid.

Eu não consegui encontrar nenhum ferimento aberto no corpo do bode, mas certamente sentia cheiro de sangue; um odor quente, metálico, que perturbava o ar límpido da noite na floresta. Os cavalos também sentiam; relinchavam e moviam-se nervosamente na escuridão.

— Tem certeza de que se foi mesmo? — perguntei, tentando ignorar a sensação de olhos fixos na minha nuca. — Sinto cheiro de sangue.

— Sim. O animal levou uma das cabras — Jamie me informou. Ele ajoelhou-se ao meu lado, colocando a mão enorme no pescoço do bode.

— A sra. Beardsley soltou este bravo rapaz e ele foi atacar a pantera, sem titubear. Não pude ver muito bem, mas a criatura deve ter lhe dado uma patada; eu a ouvi guinchar e bufar, e o bode deu um

berro nessa hora também. Acho que sua perna deve estar quebrada.

Estava. Com essa indicação, encontrei a fratura facilmente, na parte baixa do úmero da perna dianteira direita. A pele não havia se rompido, mas o osso se partira completamente; eu podia sentir o ligeiro deslocamento das pontas estilhaçadas. O bode debateu-se e lançou os chifres contra meu braço quando toquei sua perna. Seus olhos estavam enlouquecidos, revirando-se, as estranhas pupilas quadradas visíveis, mas incolores na claridade fraca do luar.

— Pode tratá-lo, Sassenach?

— Não sei. — O bode ainda esperneava, mas os acessos de movimento estavam ficando cada vez mais fracos, conforme ele entrava em choque. Mordi o lábio, tateando em busca do pulso na junção da perna com o corpo. A fratura em si provavelmente podia ser reparada, mas o choque era um grande perigo; eu já vira muitos animais — e algumas pessoas também — morrerem rapidamente em seguida a um incidente traumático, de ferimentos que não eram fatais por si mesmos.

— Não sei — repeti. Finalmente, meus dedos encontraram um pulso; estava acelerado e irregular. Eu estava tentando imaginar as possibilidades de tratamento, todas elas precárias. — Ele pode muito bem morrer, Jamie, ainda que eu consiga arrumar sua perna. Acha que talvez seja melhor sacrificá-lo? Ele seria bem mais fácil de carregar, como carne.

Jamie acariciou o pescoço do bode, delicadamente.

— Seria uma pena, é uma criatura tão galante.

Diante disso, a sra. Beardsley riu, uma risadinha nervosa, como a de uma garota, saindo da escuridão atrás de Jamie.

— O nome dele é Hiram — ela disse. — É um bom garoto.

— Hiram — Jamie repetiu, ainda acariciando o animal. — Bem, Hiram. Courage, mon brave. Você vai conseguir, você tem colhões grandes como melões.

— Bem, caquis, talvez — eu disse, tendo inadvertidamente encontrado os testículos em questão enquanto fazia o exame. — Mas perfeitamente respeitáveis, tenho certeza — acrescentei, respirando superficialmente. As glândulas almiscaradas de Hiram estavam trabalhando em excesso. Até o penetrante cheiro férreo de sangue ficava em segundo plano.

— Eu estava falando no sentido figurado — Jamie me informou, um pouco secamente. — Do que você vai precisar, Sassenach?

Evidentemente, a decisão fora tomada; ele já estava se levantando.

— Muito bem, então — eu disse, afastando meus cabelos para trás

com as costas da mão. — Encontre dois galhos retos, de cerca de trinta centímetros, nada de varetas, e um pouco de corda dos alforjes. Então você pode ajudar aqui — acrescentei, tentando segurar bem meu agitado paciente. — Hiram parece gostar de você. Certamente sabe reconhecer um espírito semelhante.

Jamie riu, um som baixo e reconfortante, junto ao meu cotovelo. Levantou-se com um afago final nas orelhas de Hiram e saiu apressadamente, voltando pouco depois com os itens solicitados.

— Ótimo — eu disse, retirando uma das mãos do pescoço de Hiram, a fim de localizar os pedaços de pau. — Vou entalar a perna. Vamos ter que carregá-lo, mas as talas impedirão a perna de se flexionar e causar maiores danos. Ajude-me a colocá-lo de lado. — Hiram, por orgulho de macho ou teimosia de bode — sempre presumindo que sejam duas coisas diferentes — continuava tentando se levantar, apesar da perna quebrada. No entanto, sua cabeça sacudia-se de forma alarmante, conforme os músculos do pescoço se enfraqueciam, e seu corpo cambaleava de um lado para o outro. Ele raspolu debilmente o solo, depois parou, ofegante.

A sra. Beardsley pairava acima do meu ombro, o cabrito ainda agarrado nos braços. O animalzinho baliu fracamente, como se tivesse acordado subitamente de um pesadelo, e Hiram emitiu um sonoro e reverberante "Méé!" em resposta.

— Tenho uma ideia — Jamie murmurou. Levantou-se repentinamente e pegou o cabrito dos braços da sra. Beardsley. Em seguida, ajoelhou-se outra vez, aconchegando a pequena criatura junto a Hiram. O bode imediatamente parou de se debater, inclinando a cabeça para o lado para cheirar seu rebento. O cabrito choramingou, empurrando o focinho contra a lateral do corpo do bode, e uma língua longa e viscosa se projetou, babando em minha mão enquanto buscava a cabeça do cabrito.

— Trabalhe rápido, Sassenach — Jamie sugeriu.

Eu não precisava de nenhum estímulo e, dentro de poucos minutos, já tinha a perna imobilizada, as talas acolchoadas com um dos múltiplos xales que a sra. Beardsley parecia estar usando. Hiram se acalmara, emitindo apenas resmungos e exclamações ocasionais, mas o cabrito ainda baliu estridentemente.

— Onde está a mãe dele? — perguntei, embora não precisasse ouvir a resposta. Eu não sabia muito a respeito de cabras, mas sabia o suficiente a respeito de mães e crias para compreender que nada, senão a morte, impediria uma mãe de atender um filho que estivesse fazendo tal algazarra. As outras cabras haviam voltado, atraídas pela curiosidade, medo do escuro ou simplesmente desejo de companhia,

mas a mãe não apareceu.

— Pobre Beckie — disse a sra. Beardsley tristemente. — Uma cabra tão meiga.

Formas escuras saltavam e empurravam-se; senti um sopro de ar quente no meu ouvido quando uma delas começou a morder meu cabelo e outra pisou na minha perna, fazendo-me soltar um grito de protesto quando os pequenos cascos afiados me arranharam a pele. Mas não fiz nenhum esforço para enxotá-las; a presença de seu harém parecia estar fazendo um grande bem para Hiram.

Encaixei os ossos da perna no lugar e amarrei as talas firmemente. Eu encontrara um bom ponto para verificar o pulso do animal na base de sua orelha e o monitorava, a cabeça de Hiram no meu colo. Conforme as outras cabras pressionavam para junto dele, cutucando-o com o focinho e emitindo uns queixumes, ele repentinamente ergueu a cabeça e rolou sobre o peito, a perna quebrada desajeitadamente estendida à sua frente em suas ataduras.

Ele oscilou de um lado para o outro como um bêbado por um instante, depois emitiu um sonoro e beligerante "MÉÉÉÉÉ!" e, com uma guinada, levantou-se sobre três pernas. Ele prontamente caiu de novo, mas a façanha nos animou. Até a sra. Beardsley emitiu um gritinho de satisfação ao vê-lo.

— Muito bem. — Jamie levantou-se e passou a mão pelos cabelos com um profundo suspiro. — Pois bem.

— Pois bem o quê? — perguntei.

— Agora eu tenho que decidir o que fazer — ele disse, com uma certa irritação na voz.

— Não estamos indo para Brownsville?

— Poderíamos — ele disse. — Se a sra. Beardsley por acaso conhecer o caminho tão bem a ponto de encontrar a trilha outra vez com o luar. — Virou-se esperançosamente para ela, mas pude ver o movimento negativo de sua cabeça, mesmo nas sombras.

Só então percebi que, de fato, não estávamos mais no caminho — que era, de qualquer modo, não mais do que uma estreita trilha de veados, serpenteando pela floresta.

— Certamente não podemos estar muito longe dele, não é? — Olhei ao redor, espreitando em vão a floresta escura, como se algum sinal luminoso pudesse indicar a posição do caminho. Na verdade, eu não fazia nem ideia de em que direção ele devia estar.

— Não — Jamie concordou. — E, sozinho, acredito que conseguiria pegá-lo de novo mais cedo ou mais tarde. Mas não pretendo sair andando por aí pela floresta no escuro com este bando.

— Olhou ao redor, evidentemente contando cabeças. Dois cavalos muito ariscos, duas mulheres — uma notadamente estranha e com possíveis tendências homicidas — e cinco cabras, além de um bode e um cabrito incapazes de andar. Compreendi seu ponto de vista.

Ele endireitou os ombros, estremecendo ligeiramente, como se quisesse afrouxar uma camisa apertada.

— Vou dar uma olhada por aí. Se eu achar o caminho imediatamente, ótimo. Se não, acamparemos para passar a noite — ele disse. — Será um pouco mais fácil achar a trilha com a luz do dia. Tome cuidado, Sassenach.

E, com um último espirro, desapareceu na floresta, deixando-me a cargo dos seguidores e feridos.

O cabrito órfão estava ficando cada vez mais barulhento e angustiado em seus berros; doía em meus ouvidos, assim como em meu coração. A sra. Beardsley, no entanto, ficara um pouco mais animada com a ausência de Jamie; creio que tinha medo dele. Ela trouxe uma das outras cabras, convencendo-a a ficar imóvel para que o cabrito pudesse mamar. O órfão hesitou por um instante, mas a fome e a necessidade de calor e conforto eram mais fortes. Dentro de alguns minutos, se alimentava diligentemente, o rabinho abanando num movimento rápido e trepidante.

Fiquei feliz de vê-lo, mas consciente de um pequeno sentimento de inveja; percebi, de repente, que eu não comera nada o dia inteiro, que estava com muito frio, desesperadamente cansada, dolorida em inúmeros lugares — e que, sem as complicações da sra. Beardsley e seus companheiros, já estaria a salvo em Brownsville muito tempo antes, alimentada, aquecida e reunida com amigos ao redor de uma fogueira. Coloquei a mão na barriga do cabrito, cada vez mais firme e arredondada com o leite, e pensei um pouco melancolicamente que eu gostaria simplesmente de que houvesse alguém para cuidar de mim. Mas, por enquanto, tudo indicava que era eu a Boa Samaritana e não havia nada que eu pudesse fazer.

— Acha que ela pode voltar? — A sra. Beardsley agachou-se ao meu lado, o xale apertado ao redor dos ombros largos. Falou em voz baixa, como se temesse que alguém pudesse ouvir.

— Quem, a pantera? Não, creio que não. Por que voltaria? — Ainda assim, um pequeno calafrio me percorreu, ao pensar em Jamie, sozinho em algum lugar da escuridão. Hiram, o ombro firmemente pressionado contra a minha coxa, roncou, depois apoiou a cabeça no meu joelho com um longo suspiro.

— Dizem que elas cacham em duplas.

— É mesmo? — Reprimi um bocejo, não de tédio, mas de simples

exaustão. Pisquei os olhos para a escuridão, uma letargia gelada infiltrando-se pelo meu corpo. — Oh. Bem, imagino que uma cabra de bom tamanho dê para duas panteras. Além do mais — bocejei outra vez, um longo bocejo de estalar a mandíbula, — além do mais, os cavalos nos avisariam.

Gideon e a sra. Piggy estavam se farejando sociavelmente sob o álamo, agora sem nenhum sinal de agitação. Isso pareceu tranquilizar a sra. Beardsley, que se sentou no chão abruptamente, os ombros arriando-se como se ela tivesse se esvaziado de todo o ar de repente.

— E como está se sentindo? — perguntei, mais pela necessidade de manter conversa do que por qualquer desejo real de saber.

— Ecthou contente de ir embora daquele lugar — ela disse simplesmente. Eu definitivamente compartilhava deste sentimento; nossa atual situação era, ao menos, uma melhora em relação à casa dos Beardsley, mesmo com a presença inesperada de uma pantera. Entretanto, isso não significava que eu estava ansiosa para ficar ali muito tempo.

— Conhece alguém em Brownsville? — perguntei. Eu não sabia ao certo qual era o tamanho da vila, embora, pela conversa de alguns dos homens que haviam se unido a nós durante a viagem, parecia ser de bom tamanho.

— Não. — Ela ficou em silêncio por um instante e eu mais senti do que a vi erguer a cabeça para trás, olhando as estrelas e a tranquila lua.

— Eu... nunca fui a Brownsville — ela acrescentou, quase timidamente. Ou a nenhum outro lugar, ao que parecia. Ela contou a história com hesitação, mas quase ansiosamente, com não mais do que um leve incentivo de minha parte.

Beardsley havia — essencialmente — comprado-a de seu pai e a levava, com outros artigos comprados em Baltimore, para a casa dele, onde basicamente a mantivera prisioneira, proibindo-a de deixar a fazenda ou aparecer para quem quer que fosse até a casa. Encarregada de fazer todo o trabalho da fazenda enquanto Beardsley viajava para as terras dos cherokee com suas mercadorias, ela não tinha convívio com mais ninguém, exceto o escravo — que não era nenhuma companhia, por ser surdo e mudo.

— Sei — eu disse. Com todos os acontecimentos do dia, eu me esquecera inteiramente de Josiah e seu irmão gêmeo. Imaginei se ela teria conhecido os dois, ou apenas Keziah.

— Há quanto tempo você veio para a Carolina do Norte? — perguntei.

— Dois anos — ela disse baixinho. — Dois anos, três meses e cinco dias. — Lembrei-me das marcas no umbral da porta e me perguntei quando ela começara a contar. Desde o começo? Estiquei as costas, perturbando Hiram, que resmungou.

— Compreendo. Aliás, qual é seu nome de batismo? — perguntei, percebendo tardiamente que eu não fazia a menor ideia.

— "Franches" — ela disse, depois tentou novamente, não gostando do som de seu nome transformado pela falta de dentes. — Frances — o final um silvo entre os dentes quebrados. Deu de ombros, depois, e riu — uma risadinha tímida. — Fanny — ela disse. — Minha mãe me chamava de Fanny.

— Fanny — eu disse, de modo encorajador. — É um nome muito bonito. Posso chamá-la assim?

— Eu... gochitaria muito — ela disse. Ela inspirou outra vez, como se fosse falar, mas parou, evidentemente tímida demais para dizer o que quer que tivesse em mente. Com o marido morto, ela parecia inteiramente passiva, totalmente desprovida da força que a animava anteriormente.

— Oh — eu disse, percebendo tardiamente. — Claire. Me chame de Claire, por favor.

— Claire... que bonito.

— Bem, pelo menos não tem nenhum "s" — eu disse, sem pensar. — Oh... queira me desculpar!

Ela fez um pequeno som soprado, descartando o pedido de desculpas. Encorajada pela escuridão, a leve sensação de intimidade engendrada pela troca de nomes — ou simplesmente pela necessidade de falar, depois de tanto tempo, — ela me contou sobre sua mãe, que falecera quando Fanny tinha doze anos, seu pai, um pescador de caranguejos, e sobre sua vida em Baltimore, vadeando pela praia na maré baixa para pegar ostras e mexilhões, vendo os barcos de pesca e os navios de guerra chegarem, passando por Fort Howard para subir o rio Patapsco.

— Era muito... tranquilo — ela disse, melancolicamente. — Era muito aberto, nada além do céu e da água. — Inclinou a cabeça para trás novamente, como se ansiasse pelo pedacinho de céu noturno visível através dos galhos entremeados acima. Imaginei que, embora as montanhas cobertas de florestas da Carolina do Norte significassem refúgio e acolhimento para um escocês das Highlands como Jamie, poderiam muito bem parecer claustrofóbicas e inóspitas para alguém acostumado ao litoral de Chesapeake.

— Acha que vai voltar para lá? — perguntei.

— Voltar? — Ela pareceu ligeiramente espantada. — Oh. Eu... eu não havia penchado nisso...

— Não? — Eu encontrara um tronco de árvore contra o qual me recostar e me estendi levemente, para relaxar as costas. — Você devia ter visto que seu... que o sr. Beardsley estava morrendo. Você não tinha algum plano? — Quer dizer, além da diversão de torturá-lo lentamente até a morte. Ocorreu-me que eu estava ficando muito à vontade com esta mulher, sozinha na escuridão com as cabras. Ela podia realmente ter sido vítima de Beardsley, ou podia só estar dizendo isso agora, para angariar nossa ajuda. Era bom eu não me esquecer dos dedos dos pés queimados do sr. Beardsley e do estado calamitoso daquele sótão. Empertiguei-me um pouco e tateei para sentir a pequena faca que carregava na cintura — só por precaução.

— Não. — Ela parecia um pouco confusa... e não era de admirar, imagino. Eu mesma me sentia mais do que um pouco confusa, simplesmente de emoção e cansaço. Tanto que quase perdi o que ela disse em seguida.

— O que você disse?

— Eu diche que Mary Ann não me diche o que eu deveria fazer... depois.

— Mary Ann — eu disse cautelosamente. — Sim, essa seria... a primeira sra. Beardsley, não é?

Ela riu e os cabelos da minha nuca arrepiaram-se com uma sensação desagradável.

— Oh, não. Mary Ann foi a quarta.

— A... quarta — eu disse, um pouco frouxamente.

— Foi a única que ele enterrou embaixo da chorveira — ela me informou. — Foi um erro. As outras ehtão na floresta. Ele ficou preguiçoso, eu acho. Não quis ir muito longe.

— Oh — eu disse, por falta de resposta melhor.

— Eu diche a vochê. Ela fica parada embaixo da chorveira quando a lua nache. Quando a vi lá da primeira vez, achei que era uma mulher viva. Tive medo do que ele poderia fazer che a viche lá chozinha, então cháí de casa echcondida para avisá-la.

— Sei. — Algo em minha voz deve ter traído minha incredulidade, pois sua cabeça virou-se bruscamente para mim. Segurei a faca com mais força.

— Não acredita em mim?

— Claro que acredito! — eu disse, procurando tranquilizá-la, enquanto tentava tirar a cabeça de Hiram do meu colo. Minha perna

esquerda ficara dormente com a pressão do peso do bode e não sentia mais meu pé.

— Eu pocho lhe mochtrar — ela disse, e sua voz era calma e firme.
— Mary Ann contou-me onde elas estavam, as outras, e eu as encontrei. Pocho lhe mochtrar as chepulturas delas.

— Tenho certeza de que não será necessário — eu disse, flexionando os dedos dos pés para restaurar a circulação. Se ela me atacasse, pensei, eu atiraria o bode em seu caminho, rolaria para o lado e fugiria o mais rápido que pudesse de quatro, gritando por Jamie. E, aliás, onde estava Jamie?

— Então... hum... Fanny. Você está dizendo que o sr. Beardsley — ocorreu-me que eu também não sabia seu nome, mas achei que seria melhor manter minha relação com sua lembrança em nível formal, naquelas circunstâncias, — que seu marido assassinou quatro esposas? E ninguém sabia? — Não que alguém necessariamente tivesse que saber, percebi. A fazenda dos Beardsley era muito isolada e não era incomum as mulheres morrerem — de acidente, parto ou simplesmente excesso de trabalho. Alguém devia saber que Beardsley perdera quatro mulheres, mas era inteiramente possível que ninguém se importasse como.

— Chim. — Sua voz soava calma, pensei; não de forma perigosa, ao menos. — Ele teria me matado também... mas Mary Ann o impediu.

— E como Mary Ann fez isso?

Ela respirou fundo e suspirou, acomodando-se no chão. Ouviu-se um fraco e sonolento balido de seu colo e eu percebi que ela estava segurando o cabrito outra vez. Relaxei minha mão na faca; ela dificilmente poderia me atacar com o animal no colo.

Ela contou que saía para falar com Mary Ann sempre que a lua subia no céu; a mulher-fantasma aparecia sob a sorveira somente na lua crescente e na lua minguante — nunca na lua nova ou na lua cheia.

— Muito específica — murmurei, mas ela não prestou atenção, estando absorvida demais na história.

Isso continuou por alguns meses. Mary Ann contou a Fanny Beardsley quem ela era, informou-a sobre o destino de suas antecessoras e a maneira como fora assassinada.

— Ele a echtrangulou — Fanny confidenciou. — Pude ver as marcas das mãos dele na garganta dela. Ela me avisou que ele ia fazer o mechmo comigo, um dia.

Certa noite, algumas semanas mais tarde, Fanny estava certa que a

hora tinha chegado.

— Ele echtava bêbado de tanto rum — ela explicou. — Eu chempre ficava com medo quando ele bebia e decha vez...

Tremendo de nervoso, ela deixará cair a travessa com o jantar dele, respingando-o com a comida. Ele levantou-se com um rugido, arremessando-se sobre ela, e ela fugira correndo.

— Ele ficou entre mim e a porta — ela disse. — Corri para o chótão. Penchei que ele echteveche bêbado demais para concheguir chubir as echcadas, e era verdade.

Beardsley tropeçou, cambaleou e arrastou a escada para baixo, que caiu com um estrondo. Enquanto ele lutava, resmungando e xingando, para colocar a escada de volta no lugar, alguém bateu na porta.

Beardsley gritou perguntando quem era, mas não houve nenhuma resposta; somente uma nova batida. Fanny arrastara-se para a entrada do sótão, deparando-se com o rosto vermelho dele olhando para cima, fitando-a com raiva. A batida na porta soou pela terceira vez. A língua dele estava espessa demais para conseguir falar coerentemente; ele apenas emitiu um grunhido rouco e apontou-lhe o dedo ameaçando-a, depois se virou e saiu cambaleando em direção à porta. Abriu-a com um safanão, olhou para fora — e gritou.

— Nunca ouvi um som como aquele — ela disse, brandamente. — Nunca. Beardsley virou-se e correu, tropeçando num banquinho e estatelando-se no chão; levantou-se atabalhoadamente, correu, escorregando, para o pé da escada e começou a galgá-la, errando os degraus e tentando se agarrar, berrando e gritando.

— Ele continuava gritando para eu ajudá-lo, ajudá-lo. — Sua voz tinha um tom estranho; talvez apenas perplexidade de que um homem como ele pudesse pedir a sua ajuda, mas com um tom inquietante que traía, eu pensei, um prazer profundo e secreto na lembrança.

Beardsley finalmente alcançou o topo da escada, mas não conseguia saltar o último degrau para dentro do sótão. Em vez disso, seu rosto passou repentinamente de vermelho para branco, os olhos reviraram-se e em seguida ele caiu sem sentidos, o rosto nas tábuas do assoalho, as pernas penduradas de uma maneira absurda da beirada do sótão.

— Eu não podia levá-lo para baixo, tudo que pude fazer foi puxá-lo para cima, para dentro do chótão. — Ela suspirou. — E o rechtó... vochê já chabe.

— Não inteiramente. — Jamie falou da escuridão, perto do meu ombro, sobressaltando-me. Hiram resmungou indignado por ter sido acordado bruscamente.

— Há quanto tempo você está aí? — perguntei.

— Há bastante tempo. — Passou para o meu lado e ajoelhou-se, uma das mãos em meu braço. — E o que foi a batida na porta, então? — ele perguntou a sra. Beardsley. Sua voz não denotava mais do que um leve interesse, mas sua mão apertava meu braço. Um leve estremecimento percorreu meu corpo. Realmente, o quê?

— Nada — ela disse simplesmente. — Não havia absolutamente ninguém lá que eu pudeche ver. Mas... podeche ver a chorveira daquela porta e havia uma meia-lua no chéu.

Diante disso, houve um pronunciado período de silêncio. Finalmente, Jamie passou a mão pelo rosto, suspirou e levantou-se.

— Sim. Bem, achei um lugar onde podemos nos abrigar para passar a noite. Ajude-me com o bode, Sassenach.

Estávamos num terreno acidentado, repleto de projeções de rocha e pequenos emaranhados de mogno da montanha e salsaparrilha, tornando o caminho a pé entre as árvores tão incerto na escuridão, que eu caí duas vezes, conseguindo me equilibrar somente por sorte antes de quebrar o pescoço. Já teria sido difícil em plena luz do dia; à noite, era quase impossível. Felizmente não era mais do que uma curta distância até o local que Jamie encontrara.

Era uma espécie de talho superficial na encosta desmoronada de um barranco de argila, encimado por uma videira em mau estado e com um telhado de ervas entrelaçadas. Em certa época, houve um riacho aqui e a água escavara um bom pedaço da terra da margem, deixando uma prateleira ressaltada. No entanto, alguma coisa havia desviado o fluxo da água alguns anos atrás, e as pedras arredondadas do que já fora o leito do rio estavam espalhadas e semienterradas no solo coberto de musgo; uma delas rolou sob meu pé e eu caí sobre um dos joelhos, batendo-o dolorosamente em outra das malditas pedras.

— Tudo bem, Sassenach? — Jamie ouviu minha brusca exclamação e parou, virando-se para mim. Ele estava na subida logo adiante de mim, Hiram nos seus ombros. De baixo, recortado em silhueta contra o céu, ele parecia grotesco e um tanto assustador; uma figura alta, de chifres, com ombros monstruosos e arqueados.

— Tudo bem — respondi, um pouco ofegante. — É aqui mesmo, não é?

— Sim. Ajude-me... sim? — Ele soou bem mais ofegante do que eu. Ajoelhou-se cuidadosamente e eu me apressei a ajudá-lo a abaixar Hiram e colocá-lo no chão. Jamie continuou ajoelhado, uma das mãos no chão para se apoiar.

— Espero que não seja difícil demais encontrar a trilha pela manhã

— eu disse, observando-o ansiosamente. Sua cabeça estava abaixada de exaustão, o ar roncando em seu peito a cada respiração. Eu queria vê-lo sossegado, perto do fogo e alimentado, o mais rápido possível.

Ele sacudiu a cabeça e tossiu, limpando a garganta.

— Sei onde ela está — ele disse e tossiu outra vez. — É somente que... — A tosse sacudiu-o com força; eu podia ver seus ombros contraídos contra o acesso. Quando parou, coloquei a mão gentilmente em suas costas e pude sentir um tremor nítido e constante percorrendo seu corpo; não um calafrio, apenas um estremecimento de músculos obrigados a trabalhar além do limite de suas forças.

— Eu não consigo dar nem mais um passo, Claire — ele disse brandamente, como se tivesse vergonha de ter que admitir isso. — Estou exausto.

— Deite-se — eu disse, com a mesma brandura. — Eu cuidarei de tudo.

Houve um certo rebuliço e confusão, mas em meia hora aproximadamente todos já estavam mais ou menos instalados, os cavalos, amarrados e uma pequena fogueira, ardendo.

Ajoelhei-me para verificar meu principal paciente, sentado sobre o peito, a perna imobilizada estendida à sua frente. Hiram, com seu harém a salvo e aninhado atrás dele, no abrigo do barranco, emitiu um balido beligerante e me ameaçou com seus chifres.

— Patife ingrato — eu disse, afastando-me.

Jamie riu, depois teve um novo acesso de tosse, os ombros se sacudindo com o espasmo. Ele estava encolhido em um dos lados da depressão do barranco, a cabeça apoiada no casaco dobrado, à guisa de travesseiro.

— E quanto a você — eu disse, analisando-o, — eu não estava brincando quando falei da gordura de ganso. Abra a capa e levante a camisa, agora.

Ele estreitou os olhos para mim e lançou um olhar rápido na direção da sra. Beardsley. Disfarcei um sorriso diante de seu acanhamento, mas dei à sra. Beardsley a chaleira pequena do meu alforje e a mandei ir buscar água e mais lenha e, em seguida, peguei a cabaça de pomada mentolada.

O aspecto de Jamie me alarmou um pouco, agora que eu podia vê-lo bem. Estava pálido, os lábios descorados, as narinas vermelhas e os olhos irritados de fadiga. Ele parecia bastante doente e soava pior ainda, o ar assobiando no peito a cada respiração.

— Bem, imagino que, se o bode se recusou a morrer em frente às suas cabras, você também não vai morrer diante de mim — eu disse

sem muita certeza, pegando um bocado da gordura aromática.

— Eu não estou morrendo nada — ele disse, um pouco irritado. — Só estou um pouquinho cansado. Estarei completamente recuperado de manhã. Oh, meu Deus, eu detesto isso!

Seu peito estava bastante quente, mas achei que ele não estava com febre; era difícil saber, meus próprios dedos estando muito frios.

Ele deu um safanão, emitiu um guincho estridente e tentou se esquivar. Segurei-o com firmeza pelo pescoço, coloquei o joelho em sua barriga e continuei com meu trabalho, apesar dos protestos. Finalmente ele desistiu de lutar e se submeteu ao tratamento, apenas dando uma risadinha intermitente, espirrando e proferindo um gritinho agudo quando eu atingia um lugar particularmente sujeito a cócegas. As cabras acharam tudo muito divertido.

Em poucos minutos, ele já estava bem untado e arquejando no chão, a pele do peito e da garganta, vermelha da esfregação e brilhante de pomada, um forte cheiro de menta e cânfora no ar. Coloquei uma flanela grossa sobre seu peito, puxei a camisa por cima, ajeitei as pontas de sua capa ao seu redor e o cobri até o pescoço com um cobertor, enfiando-o embaixo de seu queixo.

— Muito bem — eu disse, satisfeita, limpando as mãos em um pano. — Assim que eu tiver água quente, tomaremos uma boa xícara de chá de marroio-branco.

Ele abriu um olho, desconfiado.

— Tomaremos?

— Bem, você tomará. Eu mesma prefiro beber urina quente de cavalo.

— Eu também.

— Lamento, mas não tem nenhum efeito médico que eu conheça.

Ele gemeu e fechou o olho. Respirou pesadamente por alguns instantes, soando como um fole enfermo. Em seguida, levantou a cabeça alguns centímetros, abrindo os olhos.

— A mulher já voltou?

— Não, imagino que levará algum tempo para achar o riacho no escuro. — Hesitei. — Você... ouviu tudo que ela estava me contando?

Ele sacudiu a cabeça.

— Tudo, não. Mas o suficiente. Mary Ann e todo o resto?

— Sim, isso. Ele resmungou.

— Você acreditou, Sassenach?

Não respondi imediatamente, mas demorei-me limpando a gordura

de ganso de baixo das minhas unhas.

— Na hora, sim — eu disse por fim. — No momento... não tenho certeza. Ele resmungou novamente, desta vez com aprovação.

— Não creio que ela seja perigosa — ele disse. — Mas mantenha sua faca com você, Sassenach... e não lhe dê as costas. Ficaremos de vigia, nos revezando. Acorde-me daqui a uma hora.

Ele fechou os olhos, tossiu e, sem maiores dificuldades, adormeceu rapidamente.

Nuvens passavam à deriva por cima da lua e um vento frio agitava o capim na margem acima de nós.

— Acordá-lo daqui a uma hora — murmurei, mudando de posição num esforço para conseguir o mínimo de conforto no terreno pedregoso. — Ha, pois sim. — Inclinei-me para frente e icei a cabeça de Jamie para o meu colo. Ele gemeu baixinho, mas não protestou.

— Resfriado — eu disse em tom acusatório. — Ha!

Relaxe os ombros e inclinei-me para trás, recostando-me precariamente contra a parede inclinada de nosso abrigo. Apesar do aviso de Jamie, parecia-me desnecessário ficar de olho na sra. Beardsley; ela obedientemente aumentara a fogueira, depois encolheu-se entre as cabras — sendo apenas de carne e osso e, portanto, estando exausta com os acontecimentos do dia — e adormeceu imediatamente. Eu podia ouvi-la do outro lado da fogueira, roncando tranquilamente entre os diversos assobios e resmungos de suas companheiras.

— E do que você acha que é, aliás? — perguntei à cabeça pesada que descansava em meu colo. — Borracha vulcanizada? — Meus dedos tocaram seus cabelos, sem intenção, e alisou-os delicadamente. Um canto de sua boca ergueu-se repentinamente, num sorriso de surpreendente doçura.

Desapareceu tão rapidamente quanto surgiu, e eu fiquei olhando-o atônita. Não, ele dormia profundamente; sua respiração era áspera, mas regular, e as longas pestanas multicores descansavam, escuras, sobre suas faces. Muito suavemente, acariciei sua cabeça de novo.

Como previsto, o sorriso tremeluziu como uma pequena chama e desapareceu. Ele suspirou, inclinou a cabeça para aconchegar-se mais em meu colo, depois relaxou completamente, seu corpo repentinamente flácido.

— Oh, Santo Deus, Jamie — eu disse baixinho, sentindo lágrimas nos olhos.

Fazia anos que eu não o via sorrir assim durante o sono. Na realidade, desde o começo do nosso casamento — em Lallybroch.

Ele sempre fazia isso quando era pequeno, sua irmã Jenny me

dissera na ocasião. Acho que significa que ele está feliz.

Meus dedos enredaram-se nos cabelos macios e espessos de sua nuca, sentindo a curva sólida de seu crânio, o couro cabeludo morno e a linha fina como um fio de cabelo de uma cicatriz muito antiga.

— Eu também — sussurrei para ele.

A PROLE DE SATÃ

A sra. MacLeod e seus dois filhos foram morar com a mulher de Evan Lindsay, e, com a saída dos irmãos MacLeod com a milícia, assim como de Geordie Chisholm e seus dois filhos mais velhos, o congestionamento na casa grande foi substancialmente diminuído. Mas nem de longe o suficiente, Brianna refletiu, considerando que a sra. Chisholm permaneceu.

O problema não era exatamente a sra. Chisholm; o problema eram os cinco filhos pequenos da sra. Chisholm, todos meninos, e a quem a sra. Bug se referia coletivamente como "a prole de Satã". A sra. Chisholm, talvez compreensivelmente, opunha-se a essa terminologia. Embora os outros habitantes da casa fossem menos diretos do que a sra. Bug em declarar sua opinião, havia uma notável unanimidade entre eles. Garotos gêmeos de três anos de idade causavam esse efeito, Brianna pensou, olhando para Jemmy com certa apreensão ao visualizar o futuro.

No momento, ele não dava nenhuma indicação de potencial para uma futura turbulência, estando quase adormecido no tapete de tiras de pano do gabinete de Jamie, para onde Brianna se retirara na débil esperança de quinze minutos de breve solidão para escrever. Um temor residual de Jamie era suficiente para manter os pestinhas fora deste aposento, de um modo geral.

A sra. Bug informara a Thomas, de oito anos, Anthony, de seis anos, e Toby Chisholm, de cinco, que a sra. Fraser era uma feiticeira famosa; uma Dama Branca, que certamente os transformaria em sapos na hora — e não seria nenhuma grande perda para a sociedade, ela deu a entender, — caso houvesse algum dano aos pertences de seu consultório. Isso não os manteve fora dali — bem ao contrário; ficaram fascinados, — mas até agora os impedira de quebrar muita coisa.

Os apetrechos de Jamie para escrever ficavam ao alcance da mão sobre a escrivaninha; uma cabaça oca, bem tampada com um grande fruto do carvalho, uma jarra de cerâmica com penas de peru cuidadosamente afiadas ao lado. A maternidade ensinara Brianna a aproveitar momentos aleatórios; ela aproveitou este, pegando uma pena e abrindo o pequeno diário onde anotava o que considerava suas observações particulares.

Ontem à noite sonhei que estava fazendo sabão. Eu mesma ainda não fiz sabão, mas andei esfregando o chão ontem e o cheiro de sabão ainda estava em minhas mãos quando fui dormir. É um cheiro desagradável, algo entre ácido e cinzas, com um leve e horrível fedor de banha de porco, como algo que está morto há muito tempo.

Eu estava despejando água em uma chaleira de cinzas de madeira para fazer lixívia e a água se transformava na solução no momento mesmo em que eu a despejava. Grossas nuvens de fumaça venenosa amarela subiam da chaleira.

Papai me trouxe uma grande tigela de sebo, para misturar com a lixívia, e havia dedos de bebê dentro da tigela. Não me lembro de achar que houvesse nada de estranho com isso — na ocasião.

Brianna andara tentando ignorar uma série de batidas estrondosas no andar de cima, que soavam como várias pessoas pulando para cima e para baixo sobre uma cama. Cessaram abruptamente, sucedendo-se um grito lancinante, que, por sua vez, foi seguido pelo som de carne contra carne num sonoro tapa e mais vários gritos em diferentes frequências.

Ela encolheu-se e fechou os olhos com força, recuando quando os sons do conflito se expandiram. Mais um instante, e um tremendo estrépito indicou que corriam escada abaixo. Com um olhar para Jemmy, que acordara com o barulho, mas não parecia assustado — meu Deus, ele estava se acostumando, ela pensou, — ela colocou a pena sobre a mesa e levantou-se, suspirando.

O sr. Bug estava lá para cuidar da fazenda e dos animais, bem como repelir ameaças físicas; o sr. Wemyss estava lá para cortar lenha, buscar água e de um modo geral manter o funcionamento da casa. Mas o sr. Bug era quieto, o sr. Wemyss, tímido; Jamie deixara Brianna formalmente no comando. Ela era, portanto, a corte de apelação e ajuíza em todos os conflitos. A dona da casa, pode-se dizer.

A dona da casa abriu a porta do gabinete com um safanão e olhou furiosamente para a turba.

A sra. Bug, com o rosto vermelho — como sempre — e extravasando acusações. A sra. Chisholm, idem, transbordando de afronta maternal. A pequena sra. Aberfeldy, da cor de uma berinjela, agarrando sua filha de dois anos, Ruth, protetoramente contra o peito. Tony e Toby Chisholm, ambos banhados em lágrimas e melequentos. Toby exibia a marca vermelha de uma palma na face; os cabelinhos ralos da pequena Ruth pareciam estranhamente mais curtos de um lado do que do outro. Todos começaram a falar ao mesmo tempo.

— ...Selvagens peles-vermelhas!

— ...Os lindos cabelos da minha filha!

se quebrando. Talvez a sra. Chisholm tenha entrado no consultório apenas para evitar a sra. Aberfeldy e a sra. Bug. Brianna deixou-se afundar na cadeira de espaldar reto junto à pequena mesa que seu pai usava como escrivaninha. Ou talvez a sra. Chisholm estivesse aguardando ali fora, esperando capturar

Brianna para forçá-la a ouvir suas próprias reclamações, assim que as outras estivessem longe.

Jemmy agora estava deitado de costas, com os pés no ar, esmagando com prazer um pedaço de pão que encontrara em algum lugar. Seu diário caíra no chão. Ouvindo a sra. Chisholm sair do consultório, ela apressadamente pegou a pena e, com a outra mão, agarrou um dos livros de contabilidade da pilha sobre a mesa.

A porta abriu-se alguns centímetros. Houve um momento de silêncio, durante o qual ela inclinou a cabeça, franzindo a testa numa concentração exagerada sobre a folha à sua frente, rabiscando com uma pena seca. A porta fechou-se novamente.

— Vagabunda — ela disse, num sussurro. Jemmy fez um ruído interrogativo e ela olhou para ele. — Você não ouviu isso, está bem?

Jemmy fez um barulho de concordância e enfiou o remanescente empapado de seu pão na narina esquerda. Ela fez um movimento instintivo para tirá-lo dele, depois parou. Não estava com disposição para mais nenhum conflito nesta manhã. Nem tampouco nesta tarde.

Deu uns tapinhas com a pena preta pensativamente na folha do livro. Teria que fazer alguma coisa, e rápido. A sra. Chisholm devia ter achado a beladona — e ela sabia que a sra. Bug tinha uma machadinha.

A sra. Chisholm levava vantagem em peso, altura e alcance, mas Brianna pessoalmente apostaria seu dinheiro na sra. Bug, em termos de ardil e traição. Quanto à pobre sra. Aberfeldy, ela seria atingida no fogo cruzado, perfurada com tiros verbais. E a pequena Ruth provavelmente ficaria careca como um ovo antes de uma semana.

Seu pai teria resolvido a disputa em nada mais do que o exercício conjunto de charme e autoridade masculina. Ela deu uma risadinha diante da ideia. Venha, ele diz a uma, e ela se enrosca a seus pés, ronronando como Adso, o gato. Vá, ele diz a outra, e ela sai prontamente para a cozinha e prepara para ele uma travessa de bolinhos amanteigados.

Sua mãe teria aproveitado a primeira desculpa para fugir da casa — cuidar de um paciente distante ou colher ervas medicinais — e as deixando sozinhas para brigarem entre si, retornando somente quando um estado de armada neutralidade tivesse sido restaurado. Brianna não deixara de perceber a expressão de alívio no rosto de sua mãe

quando subiu na sela de sua égua — ou o olhar ligeiramente culpado que lançou a sua filha. De qualquer forma, nenhuma dessas estratégias funcionaria para ela, — embora o desejo de agarrar Jemmy e fugir para as montanhas fosse bastante forte.

Pela centésima vez desde que os homens partiram, ela desejou ter podido ir com eles. Podia imaginar o volume de um cavalo movendo-se sob ela, o ar puro, límpido, em seus pulmões, e Roger cavalcando a seu lado, o sol se refletindo em seus cabelos escuros, uma aventura desconhecida a ser enfrentada juntos, em algum lugar à frente.

Ela sentia sua falta com uma dor profunda, como um ferimento no osso. Por quanto tempo ele ficaria longe se realmente houvesse uma guerra? Afastou esse pensamento, sem querer olhar para a ideia que vinha em seguida; a ideia de que, se realmente houvesse luta, havia a possibilidade — ainda que fraca — de que ele voltasse doente ou machucado — ou que não voltasse de modo algum.

— Não vai chegar a esse ponto — ela disse com firmeza, em voz alta. — Estarão de volta em uma ou duas semanas.

Houve um estrépito quando uma rajada de chuva de gelo atingiu a janela. O tempo estava esfriando; nevaria antes do anoitecer. Estremeceu, puxando o xale em volta dos ombros, e olhou para Jemmy para ver se ele estava bem agasalhado. Sua bata estava embolada na altura da cintura, a fralda estava obviamente molhada e uma das meias saía, deixando seu pezinho rosado descoberto. Ele nem parecia notar, absorto em balbuciar uma música para os dedos dos pés, preguiçosamente se flexionando acima de sua cabeça.

Ela olhou para ele com ar de dúvida, mas ele parecia bastante feliz — e o braseiro no canto estava de fato emitindo algum calor.

— Ok — ela disse e suspirou. Tinha Jemmy, e ponto final. Assim sendo, o problema era encontrar um meio de lidar com as Três Fúrias antes que a enlouquecessem ou se matassem com o rolo de massa ou agulha de tricô.

— Lógica — ela disse para Jemmy, sentando-se ereta na cadeira e apontando a pena para ele. — Tem que haver uma maneira lógica. É como aquele problema em que você tem que levar um canibal, um missionário e um bode numa canoa para atravessar um rio. Deixe-me pensar.

Jemmy começou a tentar colocar o pé na boca suja de farelos, apesar da clara falta de lógica do procedimento.

— Você deve ter puxado ao papai — ela lhe disse tolerantemente. Devolveu a pena à sua jarra e começou a fechar o livro de contabilidade, mas parou de repente, atraída pelas anotações esparramadas. A visão da caligrafia rabiscada característica de Jamie

ainda lhe causava uma leve emoção, fazendo-a lembrar a primeira vez em que a vira — em um antigo documento de transmissão de propriedade, a tinta marrom claro, desbotada pelo tempo.

Esta tinta fora marrom claro desde o começo, mas agora escurecera, a mistura ferrogálica atingindo sua típica cor preta-azulada com a exposição ao ar em um ou dois dias.

Não era propriamente um livro de contabilidade, ela viu, mas um livro de registros, onde eram anotadas as atividades diárias da fazenda.

16 de julho — Recebidos seis leitõezinhos do pastor Gottfried, em troca de duas garrafas de vinho moscatel e um machado. Coloquei-os no estábulo até ficarem bastante grandes para forragearem convenientemente.

17 de julho — Uma das colmeias começou a extravasar à tarde e entrou no estábulo. Minha mulher felizmente recapturou o enxame, que guardou numa desnatadeira vazia. Ela diz que Ronnie Sinclair deve fazer uma nova para ela.

18 de julho — Carta de minha tia, pedindo conselho sobre a serraria em Grinder's Creek. Respondi, dizendo que irei até lá inspecionar a situação ainda este mês. Carta enviada com R. Sinclair, que vai a Cross Creek com uma carga de 22 barris, dos quais devo receber metade de seu lucro para pagamento de dívida em ferramentas de sapateiro. Negocieei a dedução do custo de uma nova desnatadeira dessa quantia.

O fluxo de anotações era tão tranquilizador quanto os dias de verão que registravam. Ela sentiu o nó de tensão entre suas omoplatas começar a se desfazer e sua mente começou a relaxar, pronta a buscar uma saída para suas dificuldades.

20 de julho — A cevada no campo baixo está da altura de minhas meias. A vaca vermelha pariu uma saudável novilha logo depois da meia-noite. Tudo bem. Um dia excelente.

21 de julho — Fui à casa dos Mueller. Troquei uma jarra de favo de mel por brida de couro em más condições (mas pode ser consertada). Cheguei em casa bem depois do anoitecer, pois fiquei vendo o crepúsculo cair no lago perto de Holws Gap. Parei para pescar e fisguei uma fiada de dez belas trutas. Seis foram comidas no jantar; o resto será servido no café da manhã.

22 de julho — Meu neto está com uma erupção, embora minha mulher diga que não é nada importante. A porca branca abriu uma brecha em seu cercado outra vez e fugiu para a floresta. Não sei se devo persegui-la ou apenas expressar minha compaixão pelo pobre predador que a encontrar. Seu gênio é semelhante ao da minha filha

no momento, que tem dormido pouco nas últimas noites...

Brianna inclinou-se para frente, franzindo a testa.

... em consequência do berreiro de seu bebê, que minha mulher diz que se deve à cólica e que passará. Espero que ela esteja certa. Enquanto isso, instalei Brianna e a criança na antiga cabana, o que é algum alívio para nós na casa, ainda que não para minha pobre filha. A porca branca comeu quatro de suas últimas crias antes que eu pudesse impedir.

— Ora, seu filho da mãe! — ela exclamou. Ela estava familiarizada com a porca branca em questão e não ficava nem um pouco lisonjeada com a comparação. Jemmy, assustado com seu tom de voz, parou de cantarolar e deixou o pão cair, a boca começando a tremer.

— Não, não, está tudo bem, querido. — Levantou-se e pegou-o nos braços, balançando-o delicadamente para acalmá-lo. — Shh, está tudo bem. Mamãe só está falando com o vovô, só isso. Você não ouviu essa palavra também, ok? Shh, shh.

Jemmy acalmou-se, mas esticou os braços, querendo pegar de volta sua refeição descartada com pequenos grunhidos de ansiedade. Ela abaixou-se e pegou o pedaço de pão, olhando com nojo para o objeto parcialmente desfeito. A crosta não só estava velha e úmida, mas adquirira uma leve camada do que parecia ser pelo de gato.

— Cruzes. Você não quer isso realmente, quer?

Evidentemente, ele queria, e só com muita dificuldade foi persuadido a aceitar um grande anel de touro, de ferro — usado para conduzir os machos pelo focinho, ela notou com certa ironia, — que tirou da prateleira para substituir o resto de pão. Mas uma leve mordidela confirmou a preferência pelo anel de nariz e ele acomodou-se em seu colo para uma mastigação concentrada, permitindo que ela pudesse reler a conclusão do registro ofensivo.

— Humm. — Reclinou-se para trás, ajeitando o peso de Jemmy mais confortavelmente. Ele já conseguia ficar sentado com facilidade, embora ainda parecesse incrível que seu pescoço fino pudesse suportar o domo redondo de sua cabeça. Olhou para o livro pensativamente.

— É uma ideia — ela disse a Jemmy. — Se eu transferir a vaga..., quero dizer, a sra. Chisholm, para nossa cabana, ficaremos livres dela e de seus monstrosinhos. Depois... humm. A sra. Aberfeldy e Ruthie podiam ficar com Lizzie e seu pai, se mudarmos a cama de armar do quarto de mamãe e papai para lá. Os Bug recuperam sua privacidade e a sra. Bug para de ser uma velha... hã... malvada. Seja como for, suponho que você e eu poderemos então dormir no quarto de mamãe e papai, ao menos até eles voltarem.

Ela detestava a ideia de ter que se mudar da cabana. Era sua casa, seu lugar privado, o lar de sua família. Ela podia ir para lá e fechar a porta, deixando o furor grassar ali na casa. Seus pertences estavam lá; o tear inacabado, os pratos de estanho, a jarra de cerâmica que ela pintara — todos os objetos pequenos e familiares com o qual ela transformou o espaço em sua casa.

Além da sensação de propriedade e paz, tinha uma sensação desconfortável como uma superstição em relação a deixar a cabana. Era o lar que Roger compartilhara com ela; deixá-lo, ainda que temporariamente, parecia de certa forma uma admissão de que ele pudesse não retornar para compartilhá-lo outra vez.

Apertou Jemmy com mais força, que a ignorou, preferindo concentrar-se em seu brinquedo, as mãozinhas gorduchas brilhantes de baba onde segurava o anel.

Não, ela não queria abrir mão de sua cabana. Mas era uma solução e bastante lógica. A sra. Chisholm concordaria? A cabana era muito mais rústica do que a casa grande e não tinha o mesmo conforto.

Ainda assim, tinha quase certeza de que a sra. Chisholm aceitaria a sugestão. Se algum dia já vira alguém cujo lema era "Melhor reinar no inferno do que servir no céu"... Apesar de seu aborrecimento, sentiu uma pequena bolha de riso erguer-se por baixo de seu espartilho.

Estendeu a mão e fechou o livro, depois tentou recolocá-lo na pilha de onde o retirara. Porém, apenas com uma das mãos e atrapalhada por Jemmy, não conseguiu, e o livro escorregou, caindo de novo sobre a mesa.

— Droga — murmurou e inclinou-se rapidamente para frente em sua cadeira, tentando pegar o livro outra vez. Várias folhas soltas haviam caído e ela enfiou-as de novo da melhor forma que conseguiu com a mão livre.

Uma delas, obviamente uma carta, tinha o remanescente de seu selo de cera ainda preso a ela. Seus olhos captaram a marca impressa de uma meia-lua sorridente, e ela parou. Era o selo de lorde John Grey. Devia ser a carta que ele enviou em setembro, em que descreve suas aventuras caçando cervos no Dismal Swamp; seu pai a lera para a família várias vezes — lorde John era um missivista bem-humorado e a caçada ao cervo fora acossada pelo tipo de infortúnios que sem dúvida eram desconfortáveis de vivenciar, mas que depois tornavam pitoresca a narrativa dos acontecimentos.

Sorrindo diante da lembrança, ela abriu a carta com o polegar, na expectativa de ver a história outra vez, mas descobriu que estava olhando para algo inteiramente diferente.

13 de outubro, Anno Domini 1770

Sr. James Fraser

Fraser's Ridge, Carolina do Norte Meu caro Jamie,

Acordei hoje de manhã com o barulho da chuva que tem nos castigado nesta última semana e com o suave cacarejar de várias galinhas, que vieram se empoleirar na cabeceira de minha cama. Tendo acordado sob o olhar fixo de vários olhos pequenos e brilhantes, fui investigar a causa dessa circunstância, sendo informado de que o rio havia subido tanto sob o ímpeto das chuvas recentes que havia arrastado tanto a latrina quanto o galinheiro. O conteúdo deste último foi recuperado por William (meu filho, de quem deve se lembrar) e dois escravos, que resgataram as aves desalojadas das águas da inundação com vassouras. Não sei de quem foi a ideia de abrigar as desafortunadas e emplumadas vítimas da inundação no meu quarto de dormir, mas tenho algumas suspeitas quanto a isso.

Sendo obrigado a recorrer ao meu urinol (talvez as galinhas compartilhem comigo esse utensílio, pois são aves extremamente incontinentes), vesti-me e saí para ver o que podia ser salvo. Algumas tábuas e o telhado do galinheiro permaneceram, mas minha latrina, ai de mim!, tornou-se propriedade do rei Netuno — ou seja lá qual for a divindade menor que reine sobre um afluente tão modesto quanto nosso rio.

No entanto, rogo-lhe que não se preocupe conosco; a casa está a certa distância do rio e seguramente localizada numa elevação do terreno, de modo a nos deixar totalmente a salvo da mais incômoda das inundações. (A latrina foi cavada pelo antigo proprietário e nós ainda não tínhamos providenciado uma nova estrutura mais conveniente; esse pequeno desastre, ao prover nossas "necessidades" com a oportunidade de reconstruí-la, pode ser, na verdade, uma bênção disfarçada.)

Brianna revirou os olhos diante do trocadilho, mas sorriu. Jemmy deixou cair o anel e começou imediatamente a choramingar por ele. Ela abaixou-se para pegá-lo, mas parou no meio do movimento, atraída pelas palavras no começo do parágrafo seguinte.

Sua carta menciona o sr. Stephen Bonnet e pergunta se tenho notícias ou conhecimento de seu paradeiro. Eu me encontrei com ele, como você deve lembrar, mas não tenho absolutamente nenhuma recordação do encontro, nem mesmo a lembrança de sua aparência, pois, como sabe, tenho um pequeno furo na cabeça, como um lembrete singular da ocasião. (Pode informar à sua esposa que eu me curei perfeitamente, sem nenhum sintoma posterior de desconforto, além de uma dor de cabeça ocasional. Além disso, a placa de prata com que a abertura está coberta é sujeita a um resfriamento quando o tempo está frio, o que tende a fazer meu olho esquerdo lacrimejar e

causar uma grande descarga de muco nasal, mas isso não tem nenhuma importância.)

Como eu compartilho seu interesse no sr. Bonnet e seu paradeiro, há muito tempo fiz investigações junto a conhecidos que tenho perto da costa, já que as descrições que tenho de suas tramoias me fazem acreditar que lá é o lugar mais provável de encontrar o sujeito (essa é uma ideia reconfortante, dada a grande distância entre a costa e seu remoto ninho de águias). Entretanto, sendo o rio navegável até o mar, achei que os capitães do rio e os salafrários da água que de vez em quando honram minha mesa poderiam em algum momento trazer-me notícias do sujeito.

Não me agrada a obrigação de informá-lo de que Bonnet ainda está entre os vivos, mas tanto o dever quanto a amizade me compelem a informá-lo de suas andanças, conforme fui notificado. As informações são poucas; parece que o miserável está consciente de sua situação de criminoso, de modo que tem sido discreto em seus movimentos até agora.

Jemmy berrava e esperneava. Como em transe, ela parou, segurando-o, apanhou o anel, os olhos fixos na carta.

Eu pouco ouvi sobre ele, salvo a informação em determinado momento de que ele havia partido para a França — ótima notícia. Entretanto, há duas semanas, recebi um hóspede, capitão Liston ("capitão" não passando de um título de cortesia; ele alega prestar serviços para a Marinha Real, mas eu aposto um barril do meu melhor tabaco uma amostra do qual você encontrará acompanhando esta missiva — caso contrário, eu gostaria de ficar sabendo, já que eu não confio no escravo pelo qual eu o enviei que ele nunca sequer sentiu o cheiro da tinta de uma nomeação, quanto mais o odor dos porões de um navio), que me fez um relato mais recente — e altamente desagradável — desse homem, Bonnet.

Encontrando-se com tempo livre no porto de Charleston, Liston disse que se viu na companhia de camaradas de má reputação, que o convidaram a acompanhá-los a uma rinha de galos, realizada no pátio interno de um estabelecimento chamado DevWs Glass. Em meio à ralé, havia um homem notável pela qualidade de suas roupas e pelo esbanjamento com que gastava seu dinheiro — Liston ouviu dizer que esse homem se chamava Bonnet e o dono do estabelecimento lhe contou que esse Bonnet tinha o nome de um contrabandista do litoral, sendo popular entre os comerciantes das cidades costeiras da Carolina do Norte, porém bem menos popular junto às autoridades, as quais se viam impotentes de lidar com o sujeito por causa de seus negócios e da dependência que as cidades de Wilmington, Edenton e New Bem tinham de seu comércio.

Liston não prestou mais atenção a Bonnet (segundo ele) até que eclodiu uma discussão sobre uma aposta na rinha de galos. Palavras acaloradas foram trocadas e não restava nada senão reparar a honra com sangue. Sem nenhuma objeção, os espectadores logo começaram afazer apostas sobre o resultado da rinha de homens, como faziam com a de galos.

Um dos lutadores era o tal Bonnet, o outro, um capitão Marsden, um capitão do exército de meio soldo conhecido como um bom espadachim. Esse Marsden, sentindo-se a parte ofendida, amaldiçoou os olhos de Bonnet e desafiou o contrabandista a enfrentá-lo ali mesmo, uma proposta imediatamente aceita. As apostas recaíram quase todas em Marsden, sua reputação sendo conhecida, mas logo ficou claro que ele encontrara em Bonnet alguém do seu nível ou mais. Em poucos instantes,

Bonnet conseguiu desarmar seu adversário e feri-lo tão gravemente na coxa, que Marsden caiu de joelhos e se rendeu ao adversário — não tendo outra escolha a essa altura, sem dúvida.

Mas Bonnet não aceitou sua rendição e, em vez disso, executou um ato de tal crueldade que causou uma profunda impressão em quem o presenciou. Observando com grande frieza que não eram seus olhos que seriam amaldiçoados, ele passou a ponta de sua arma pelos olhos de Marsden, revirando-a de tal forma a não apenas cegar o capitão, como a infligir lhe tal mutilação, que faria dele um objeto do maior horror e piedade de quem o visse.

Deixando seu inimigo assim mutilado e desmaiado sobre a areia ensanguentada do pátio, Bonnet limpou sua lâmina na frente da camisa de Marsden, embainhou-a e saiu — não sem antes se apossar da bolsa de Marsden, que ele alegou ser em pagamento de sua aposta original. Nenhum dos presentes teve coragem de impedi-lo, depois de um exemplo convincente do que ele era capaz.

Eu reconto essa história tanto para colocá-lo a par das andanças de Bonnet, como para avisá-lo de sua natureza e habilidade. Sei que já está bem familiarizado com a primeira, mas chamo sua atenção para a última, por preocupação com seu bem-estar. Não que eu espere que uma palavra do meu bem-intencionado aviso encontre abrigo em seu peito, tão repleto deve estar de sentimentos adversos em relação ao sujeito, mas suplico-lhe que ao menos atente para a menção que Liston faz sobre as conexões de Bonnet.

Na ocasião do meu próprio encontro com o sujeito, ele era um condenado, e não creio que desde então ele tenha prestado tal serviço à Coroa que tivesse obtido o perdão oficial. Se ele não se preocupa em se exhibir tão abertamente assim em Charleston — onde há poucos anos escapou da força — tudo indica que ele não teme por sua

segurança — e isso só pode significar que ele agora desfruta da proteção e do apoio de amigos poderosos. Você deve descobrir quem são e tomar cuidado com eles, se quiser destruir Bonnet.

Continuarei minhas investigações a esse respeito e o notificarei imediatamente sobre novos detalhes. Enquanto isso, cuide-se e dedique um pensamento de vez em quando ao seu encharcado e trêmulo amigo da Virgínia. Subscrevo-me, com os melhores votos a sua mulher, filha e família,

Seu obediente criado, John William Grey, Esq. Mount Josiah Plantation Virgínia

Postscriptum: Tenho andado à procura de um astrolábio, a seu pedido, mas até agora não encontrei nada que pudesse servir aos seus propósitos. Estou fazendo um pedido de diversos materiais a Londres esta semana e terei prazer em encomendar um da Halliburton's, na Green Street, pois seus instrumentos são de renomada qualidade.

Muito devagar, Brianna sentou-se novamente em sua cadeira. Colocou as mãos delicadamente, mas com firmeza, sobre os ouvidos de seu filho e soltou um palavrão.

ÓRFÃO DA TEMPESTADE

Adormeci, recostada no barranco, com a cabeça de Jamie no meu colo. Tive pesadelos, como acontece quando se está com frio e desconfortável. Sonhei com árvores; florestas infinitas, monótonas, com cada tronco, folha e agulha estampados como uma gravação em minhas pálpebras, cada qual cristalino, todos iguais. Olhos amarelos de cabras flutuavam no ar entre os troncos das árvores e a floresta da minha mente ressoava com os gritos de panteras e com o choro de crianças órfãs.

Acordei de repente, com os ecos de seus gritos ainda soando em meus ouvidos. Eu estava deitada num emaranhado de capas e cobertores, as pernas de Jamie pesadamente entrelaçadas nas minhas, e uma neve fina e gélida caía entre os pinheiros.

Pequenos grãos de gelo formavam uma crosta em minhas sobrancelhas e pestanas, e meu rosto estava gelado e úmido de neve derretida. Momentaneamente desorientada, estendi a mão por reflexo para tocar em Jamie; ele remexeu-se e tossiu, o ombro sacudindo-se sob a minha mão. O som áspero trouxe de volta os acontecimentos do dia anterior — Josiah e seu irmão gêmeo, a fazenda dos Beardsley, os fantasmas de Fanny, o cheiro de imundície e gangrena e o odor mais limpo de pólvora e terra molhada. O balido das cabras ainda ecoando dos meus sonhos.

Um choro fino atravessou o sussurro da neve e eu me sentei abruptamente, atirando os cobertores para trás numa chuva de flocos de neve. Nem uma cabra. Absolutamente nenhuma.

Acordando sobressaltado, Jamie moveu-se bruscamente e rolou instintivamente para fora da confusão de capas e cobertores, terminando agachado, os cabelos emaranhados e os olhos lançando-se loucamente ao redor, em busca da fonte de ameaça.

— O que foi? — ele sussurrou roucamente. Estendeu a mão para sua faca em sua bainha perto dele no chão, mas ergui a mão para impedi-lo de se mover.

— Não sei. Um barulho. Escute!

Ele ergueu a cabeça, ouvindo, e eu vi sua garganta mover-se doloridamente quando ele engoliu. Eu não conseguia ouvir nada, a não ser o sussurro da neve, nem via nada além de pinheiros

gotejantes. Mas Jamie ouviu alguma coisa — ou viu; seu rosto transformou-se repentinamente.

— Lá — ele disse em voz baixa, indicando com a cabeça alguma coisa atrás de mim. Virei-me atabalhoadamente, de joelhos, e vi o que parecia ser um pequeno amontoado de trapos, a uns três metros de distância, junto às cinzas da fogueira extinta. O choro veio outra vez, agora inconfundível.

— Meu Deus! — Eu mal percebi que havia falado, enquanto me arrastava na direção da trouxa. Peguei-a e comecei a escavar pelas camadas de cueiros. Estava evidentemente viva — eu a ouvira chorar — e no entanto jazia inerte, quase sem peso, na curva do meu braço.

O minúsculo rosto e a cabeça pelada estavam branco-azulados, as feições fechadas e enrugadas como a casca de uma noz. Coloquei a palma da mão sobre o nariz e a boca e senti um débil e úmido calor contra a minha pele. Espantada com o toque, a boca abriu-se, choramando, e os olhos puxados apertaram-se ainda mais, barrando o mundo ameaçador.

— Santo Deus. — Jamie benzeu-se rapidamente. Sua voz resumiu-se a um estalido encatarrado; ele limpou a garganta e tentou outra vez, olhando ao redor. — Onde está a mulher?

Chocada com o aparecimento da criança, eu não parara para considerar de onde ela viera, nem havia tempo para isso agora. O bebê remexeu-se um pouco em seus cueiros, mas as mãos minúsculas estavam frias como gelo, a pele manchada de azul e roxo da friagem.

— Não se preocupe com ela agora, pegue meu xale, sim, Jamie? O pobrezinho está quase congelado. — Tateei com uma das mãos os cadarços do meu corpete; era um modelo antigo que abria na frente, usado pela facilidade de vestir na viagem. Soltei meu espartilho e o cordão da minha combinação e pressionei a pequena criatura gelada contra meus seios nus, minha pele ainda quente do sono. Uma rajada de vento lançou a neve urticante pela pele exposta do meu pescoço e ombros. Puxei a combinação apressadamente por cima da criança e me curvei, tremendo. Jamie jogou o xale sobre meus ombros, depois nos envolveu com seus braços, abraçando-nos ferozmente, como se quisesse forçar o calor de seu próprio corpo na criança.

Seu calor era considerável; ele ardia de febre.

— Meu Deus, você está bem? — Consegui erguer os olhos para ele; o rosto branco e os olhos vermelhos, mas bastante firme.

— Sim, estou bem. Onde está ela? — ele perguntou outra vez, roucamente. — A mulher.

Fora embora, evidentemente. As cabras estavam amontoadas sob o

abrigo do barranco; vi os chifres de Hiram balançando-se entre as costas listradas das cabras. Meia dúzia de pares de olhos amarelos nos observavam com interesse, fazendo-me lembrar dos meus sonhos.

O lugar onde a sra. Beardsley se deitara estava vazio, com apenas uma área de capim amassado para testemunhar que ela já estivera ali. Ela deve ter se afastado para dar à luz; não havia nenhum sinal de um parto perto do fogo.

— O bebê é dela? — Jamie perguntou. Eu ainda podia ouvir a congestão em sua voz, mas o som sibilante em seu peito diminuía; isso era um alívio.

— Imagino que deva ser. De onde mais ele poderia ter vindo? Minha atenção estava dividida entre Jamie e a criança — ela começara a se remexer, com pequenos movimentos contra minha barriga, — mas eu consegui olhar ao redor de nosso acampamento improvisado. Os pinheiros erguiam-se pretos e silenciosos sob a neve sussurrante; se Fanny Beardsley havia entrado na floresta, não restava nenhum rastro no tapete de agulhas para assinalar sua passagem. Cristais de neve cobriam os troncos das árvores, mas não haviam caído em quantidade suficiente para se acumular no solo; não havia chance de encontrar pegadas.

— Ela não pode ter ido longe — eu disse, esticando o pescoço para espreitar pelo ombro de Jamie. — Ela não levou nenhum dos cavalos. — Gideon e a sra. Piggy estavam juntos sob um abeto, as orelhas abaixadas por causa do tempo, o hálito formando nuvens de vapor ao seu redor. Vendo-nos de pé e se movendo, Gideon bateu os cascos e relinchou, exibindo os grandes dentes amarelos numa impaciente requisição de alimento.

— Sim, velho patife, já estou indo. — Jamie deixou cair os braços e deu um passo para trás, passando os nós dos dedos sob o nariz.

— Ela não podia levar um cavalo se pretendia sair em segredo. Se levasse, o outro teria feito um estardalhaço e me acordado. — Colocou a mão delicadamente sobre o volume embaixo do meu xale. — Tenho que ir alimentá-los. Ele está bem, Sassenach?

— Ele está descongelando — afirmei. — Mas ele, ou ela, também vai ficar com fome. — O bebê começava a se remexer mais, contorcendo-se indolentemente, como uma minhoca gelada, a boca tateando às cegas. A sensação era chocante em sua familiaridade; meu mamilo eriçou-se em reflexo, meu seio pinicando de eletricidade conforme a boquinha tateou, fuçou, encontrou o mamilo e prendeu-o.

Dei um gritinho de surpresa e Jamie ergueu uma das sobranceiras.

— Ele... hum... está com fome — eu disse, reajustando meu fardo.

— Estou vendo, Sassenach — ele disse. Olhou para as cabras, ainda aconchegadas em seu abrigo junto ao barranco, mas começando a se mexer e se agitar com resmungos sonolentos. — Ele não é o único faminto. Um momento, sim?

Nós havíamos trazido grandes fardos de feno seco da fazenda dos Beardsley; ele abriu um desses e espalhou a ração para os cavalos e cabras, depois retornou para me ajudar. Inclinou-se para desembaraçar uma das capas da úmida pilha de cobertas e colocou-a sobre meus ombros, depois remexeu na sacola até achar uma caneca de madeira, com a qual aproximou-se decididamente das cabras pastando.

O bebê sugava com força, meu mamilo puxado até o fundo de sua boca. Considerei o fato tranquilizador, no que dizia respeito à saúde da criança, mas a sensação era perturbadora.

— Não é que eu me importe, na verdade — eu disse à criança, tentando distrair nós duas. — Mas receio que eu não seja sua mãe, sabe? Sinto muito.

E, afinal de contas, onde estaria sua mãe? Virei-me devagar, girando num círculo, esquadrinhando a paisagem mais cuidadosamente, mas ainda assim não discerni nenhum sinal de Fanny Beardsley, quanto mais qualquer razão para o seu desaparecimento — ou seu silêncio.

O que poderia ter acontecido? A sra. Beardsley podia ter escondido — e obviamente o fizera — uma gravidez avançada sob aquela montanha de gordura e xales — mas por que teria feito isso?

— Por que não nos contar? — perguntei para o topo da cabeça da criança. Ela estava ficando irrequieta e fiquei balançando de um pé para o outro para acalmá-la. Bem, talvez tivesse temido que Jamie não a quisesse levar conosco se soubesse que ela estava tão perto de dar à luz. Eu não a culpava por não querer continuar naquela fazenda, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Mas, ainda assim, por que agora abandonara a criança? Teria de fato a abandonado? Considerei por um instante a possibilidade de que alguém, ou alguma coisa — senti um arrepio momentâneo na espinha à lembrança de panteras — tivesse vindo e roubado a mulher de junto da fogueira, mas meu bom senso descartou a ideia.

Uma pantera ou urso poderia perfeitamente ter entrado no campo sem acordar a mim ou a Jamie, exaustos como estávamos, mas não havia a menor chance do animal ter se aproximado sem causar alarme entre as cabras e cavalos, que a essa altura já estavam fartos de animais selvagens. E um animal feroz à procura de uma presa obviamente iria preferir algo tenro como a criança e não um artigo

duro como a sra. Beardsley.

Mas se a interferência humana tivesse sido responsável pelo desaparecimento de Fanny Beardsley — por que haviam deixado a criança?

Ou, talvez, a trazido de volta?

Funguei profundamente para desobstruir meu nariz, depois virei a cabeça, inspirando e expirando, testando o ar em diferentes direções. Um parto faz grande sujeira e eu estava plenamente familiarizada com seus odores. A criança em meus braços cheirava fortemente a tudo isso, mas eu não consegui detectar absolutamente nenhum vestígio de sangue ou fluidos do parto no vento frio. Excremento de cabra, esterco de cavalo, feno cortado, o cheiro amargo de cinzas de madeira e uma boa baforada de gordura de ganso canforada das roupas de Jamie — porém nada mais.

— Muito bem, então — eu disse, em voz alta, balançando delicadamente meu fardo, cada vez mais agitado. — Ela se afastou da fogueira para dar à luz. Ou ela foi por conta própria, ou alguém a fez ir. Mas, se alguém a levou e viu que ela estava prestes a dar à luz, por que teriam se dado ao trabalho de trazê-lo de volta? Certamente ou teriam ficado com você, ou o matado, ou simplesmente deixado que morresse. Oh, sinto muito. Não quis perturbá-lo. Shh, querido. Quietinho, quietinho.

O bebê, começando a sair de seu estupor, tivera tempo de considerar o que mais estava faltando em seu mundo. Ele abandonara meu peito de frustração e contorcia-se e choramingava com renovada força quando Jamie retornou com uma caneca fumegante de leite de cabra e um lenço moderadamente limpo. Torcendo-o numa teta improvisada, mergulhou-o no leite e cuidadosamente inseriu o tecido gotejante na boca aberta. Os queixumes cessaram imediatamente e nós dois suspiramos de alívio quando o barulho parou.

— Ah, assim está melhor, hein? Seas, a bhalaich, seas — Jamie murmurava para a criança, imergindo o lenço torcido em mais leite. Olhei para baixo, para o rostinho minúsculo ainda pálido e encerado com as substâncias gordurosas do parto, porém não mais branco como giz, conforme sugava com profunda concentração.

— Como pôde deixá-lo? — eu me perguntei em voz alta. — E por quê? Esse era o melhor argumento para sequestro; o que mais poderia ter feito uma mãe abandonar seu filho recém-nascido? Para não falar em fugir a pé para a floresta escura imediatamente após o parto, com o andar pesado e dolorido, sua própria carne ainda rasgada e exsudando... fiz uma careta diante da ideia, meu útero contraindo-se de compaixão.

Jamie sacudiu a cabeça, os olhos ainda concentrados em sua tarefa.

— Ela teve algum motivo, mas só Cristo e os santos sabem qual é. Mas ela não odiava a criança; podia deixá-la na floresta e nós nem ficaríamos sabendo.

Era verdade; ela — ou alguém — enrolara o bebê cuidadosamente e o deixara o mais perto do fogo possível. Portanto, queria que a criança sobrevivesse — mas sem ela.

— Então você acha que ela partiu por vontade própria? Ele balançou a cabeça, olhando para mim.

— Não estamos longe da Linha do Tratado aqui. Poderiam ser os índios, mas se fossem, se alguém a levou, por que não nos capturar também? Ou matar todos nós? — ele perguntou, com lógica. — E índios teriam levado os cavalos. Não, acho que ela foi embora sozinha. Mas quanto a por quê... — Sacudiu a cabeça e molhou o lenço outra vez.

A neve caía mais intensamente agora, ainda leve e seca, mas começando a acumular aqui e ali. Devíamos partir logo, pensei, antes que a tempestade piorasse. No entanto, de algum modo parecia errado simplesmente ir embora sem nenhuma tentativa de descobrir o destino de Fanny Beardsley.

Toda a situação parecia irreal. Era como se a mulher tivesse desaparecido repentinamente, por um passe de mágica, deixando aquele pequeno substituto em seu lugar. De uma maneira bizarra, me fez lembrar das histórias escocesas de crianças substituídas por outras; filhos de fadas deixados no lugar de bebês humanos. Mas não conseguia imaginar o que as fadas poderiam querer com Fanny Beardsley.

Eu sabia que era inútil, mas fiz um novo giro devagar, inspecionando nossos arredores. Nada. O barranco de barro assomava acima de nós, debruado de capim seco e polvilhado de neve. O fio de água corrente de um diminuto córrego passava a uma pequena distância e as árvores farfalhavam e suspiravam ao vento. Não havia nenhuma marca de cascos ou patas na camada de agulhas esponjosas e úmidas e nenhum sinal de pegadas. A floresta não estava de modo algum silenciosa, por causa do vento, mas certamente escura e impenetrável.

— E faltam muitos quilômetros até podermos dormir — observei, virando-me para Jamie com um suspiro.

— Hein? Ah, não, não é mais do que uma hora de cavalo até Brownsville — ele me assegurou. — Ou talvez duas — corrigiu-se, olhando para o céu esbranquiçado, de onde a neve caía cada vez mais depressa. — Sei onde estamos, agora com a luz do dia.

Tossiu outra vez, um acesso repentino sacudindo seu corpo, depois se endireitou e me entregou a caneca e o lenço.

— Tome, Sassenach. Alimente o pobre sgaogan enquanto eu cuido dos cavalos, sim?

Sgaogan. Uma criança trocada. Então ele também percebera o ar estranho e sobrenatural de todo o caso. Bem, a mulher alegara ver fantasmas; talvez um deles tenha vindo buscá-la? Estremeci e abracei mais o bebê.

— Existe algum outro povoado aqui perto, além de Brownsville? Algum lugar aonde a sra. Beardsley possa ter decidido ir?

Jamie sacudiu a cabeça, uma linha entre as sobrancelhas. A neve derretia onde tocava sua pele aquecida e escorria pelo seu rosto em minúsculos filetes.

— Não que eu saiba — ele disse. — O bebê está aceitando o leite de cabra?

— Como um "kid" — assegurei-lhe e ri. Ele pareceu intrigado, mas mesmo assim um dos cantos de sua boca se torceu. Ele precisava de humor neste momento, quer compreendesse a piada ou não.

— "Kid", em inglês, quer dizer cabrito e é também como os americanos vão chamar as crianças no futuro — expliquei. — "Kids."

O sorriso alargou-se em seu rosto.

— Ah, é? Então é por isso que Brianna e Mackenzie chamam Jem assim, não é? Achei que fosse apenas uma brincadeira entre eles.

Ele ordenhou o resto das cabras rapidamente enquanto eu dava mais leite à criança, trazendo de volta um balde cheio até a borda de leite morno para nosso próprio café da manhã. Eu gostaria de uma boa xícara de chá quente — meus dedos estavam gelados e dormentes de mergulhar a falsa teta repetidamente no leite — mas o leite cremoso e branco estava delicioso e tão reconfortante para nossos estômagos frios e vazios quanto para o do bebê.

A criança parara de sugar e se molhara copiosamente; um bom sinal de saúde, de um modo geral, mas um pouco inconveniente no momento, já que tanto seus cueiros quanto à frente do meu colete estavam agora encharcados.

Jamie remexeu apressadamente pelas sacolas outra vez, agora em busca de roupas secas e panos para fraldas. Felizmente a sra. Piggy carregara a sacola em que eu guardava pedaços de linho e chumaços de algodão para limpeza e ataduras. Ele pegou um punhado desses e a criança, enquanto eu me concentrava na difícil e fria tarefa de trocar minha combinação e meu colete sem remover saia, anágua ou capa.

— V-vista sua própria capa — eu disse, os dentes chacoalhando. —

Vai morrer da m-maldita pneumonia.

Ele sorriu, os olhos concentrados no seu trabalho, embora a ponta do seu nariz brilhasse, vermelha, em contraste com o rosto pálido.

— Estou bem — grasnou, depois limpou a garganta com um barulho semelhante a rasgar um tecido, impaciente. — Bem — repetiu, com mais força, depois parou, os olhos arregalando-se de surpresa. — Oh — disse, mais suavemente. — Olhe. É uma menininha.

— É? — Ajoelhei-me ao lado dele para ver.

— Um pouco sem graça — ele disse, inspecionando criticamente a pequena criatura. — Ainda bem que terá um bom dote.

— Acho que você também não era nenhuma beldade quando nasceu — eu disse, em tom de repreensão. — Ela ainda nem foi limpa direito, pobrezinha. Mas o que você quis dizer com seu dote?

Ele deu de ombros, conseguindo manter a criança coberta com um xale, enquanto deslizava um pedaço de linho dobrado com grande destreza sob o minúsculo traseiro.

— Seu pai está morto e sua mãe foi embora. Ela não tem irmãos, nem irmãs para dividir e eu não encontrei nenhum testamento na casa dizendo que alguma outra pessoa deveria herdar a propriedade de Beardsley. Mas resta uma boa fazenda e algumas mercadorias lá, sem falar nas cabras. — Ele olhou para Hiram e sua família e sorriu. — Então tudo será dela, eu suponho.

— Creio que sim — eu disse devagar. — Então ela vai ser uma menininha rica, não é?

— Sim, e ela acabou de se sujar. Você não podia ter feito isso antes de eu colocar uma fralda limpa? — ele perguntou à criança. Sem se deixar perturbar com a repreensão, a menininha piscou sonolentemente e soltou um leve arroto.

— Ah, bem — ele disse, resignado. Mudou de posição para poder protegê-la melhor do vento, levantou as cobertas rapidamente e limpou com agilidade uma substância escura e gordurosa das rosadas partes pudendas.

A criança parecia saudável, embora um pouco menor do que o normal; não era maior do que uma boneca grande, o estômago um pouco saliente do leite. Essa era a dificuldade imediata; pequena como era, e sem gordura corporal para servir de isolante, ela iria morrer de hipotermia em pouco tempo, a menos que conseguíssemos mantê-la aquecida e alimentada.

— Não a deixe se resfriar. — Coloquei minhas mãos nas axilas para aquecê-las, preparando-me para pegar a criança.

— Não se preocupe, Sassenach. Só vou limpar seu traseiro e

depois... — Ele parou, franzindo a testa.

— O que é isso, Sassenach? Você acha que ela está machucada? Será que aquela tola deixou-a cair?

Aproximei-me para ver. Ele segurou os pés do bebê para o alto com uma das mãos, um chumaço de algodão sujo na outra. Logo acima das pequeninas nádegas havia uma mancha escura, azulada, como uma mancha de uma contusão.

— Ela não está machucada — assegurei-lhe, puxando mais um xale descartado pela sra. Beardsley para cima, para proteger a cabecinha pelada de sua filha. — É uma mancha mongólica.

— Uma o quê?

— Significa que a criança é negra — expliquei. — Africana, quero dizer, ou ao menos em parte. — Jamie piscou, surpreso, depois se inclinou para espreitar dentro do xale, franzindo a testa.

— Não, não é. Ela é tão clara quanto você mesma, Sassenach.

Era absoluta verdade; a criança era tão branca, que parecia desprovida de sangue.

— Crianças negras nem sempre parecem negras ao nascer — eu lhe expliquei. — Na verdade, geralmente são bem claras. A pigmentação da pele começa a se desenvolver algumas semanas mais tarde. Mas geralmente nascem com essa leve descoloração da pele na base da espinha; é chamada mancha mongólica.

Ele passou a mão pelo rosto, piscando os olhos para retirar os flocos de neve que tentavam se fixar em suas pestanas.

— Compreendo — ele disse, devagar. — Sim, bem, isso explica um pouco, não é?

De fato. O falecido sr. Beardsley, o que quer que tenha sido, certamente não era negro. O pai da criança era. E Fanny Beardsley, sabendo — ou temendo — que a criança que estava prestes a dar à luz a denunciaria como adúltera, achou melhor abandonar a criança e fugir, antes que a verdade fosse revelada. Quanto a isso, eu me perguntava se o misterioso pai tivera alguma coisa a ver com o que acontecera ao sr. Beardsley.

— Será que ela sabia com certeza que o pai era um negro? — Jamie tocou o pequeno lábio inferior, agora exibindo um leve tom rosado, delicadamente com o dedo. — Ou ela nunca viu a criança? Porque, afinal de contas, ela deve ter dado à luz no escuro. Se tivesse visto que ela parecia branca, talvez tivesse decidido não a abandonar.

— Talvez. Mas não o fez. Quem você acha que pode ser o pai? — Isolada como era a fazenda dos Beardsley, eu não podia imaginar Fanny tendo a oportunidade de conhecer muitos homens, além dos

índios que vinham negociar. Será que bebês indígenas talvez tivessem manchas mongólicas?

Jamie relanceou o olhar melancolicamente para os arredores desolados e pegou a criança nos braços.

— Não sei, mas não creio que seja difícil descobrir quando chegarmos a Brownsville. Vamos, Sassenach.

Jamie, com relutância, resolveu deixar as cabras para trás, no interesse de encontrar abrigo e alimento para a criança o mais depressa possível.

— Elas ficarão bem aqui por algum tempo — ele disse, espalhando o resto do feno para elas. — As fêmeas não abandonarão o velho bode. E você não vai a lugar nenhum no momento, não é, a bhalaich? — Coçou a cabeça de Hiram entre os chifres em despedida e partimos sob um coro de balidos de protesto, as cabras tendo se acostumado com nossa companhia.

O tempo piorava progressivamente; conforme a temperatura subia, a neve mudava de pó seco para flocos grandes e úmidos que grudavam em tudo, cobrindo o solo e as árvores com uma camada de açúcar fino e derretendo-se pela crina dos cavalos.

Bem protegida em minha grossa capa de capuz, com vários xales por baixo e a criança aconchegada contra meu estômago numa tipóia improvisada, eu estava bastante aquecida, apesar dos flocos que roçavam em meu rosto e se grudavam em minhas pestanas. Jamie tossia de vez em quando, mas, de um modo geral, parecia bem mais saudável do que antes; a necessidade de atender a uma emergência o havia energizado.

Ele cavalgava logo atrás de mim, vigilante para o caso de alguma pantera ou outras ameaças. Eu mesma pensei que qualquer felino que se respeitasse — particularmente um com a barriga cheia de cabra — passaria um dia como esse encolhido em algum esconderijo confortável, em vez de vagar pela neve. De qualquer modo, era muito reconfortante tê-lo ali; eu me sentia vulnerável, cavalgando com uma das mãos nas rédeas e a outra segurando protetoramente o volume sob a minha capa.

A criança dormia, eu pensei, mas não estava sossegada; ela se esticava e contorcia com movimentos lânguidos e vagarosos do mundo das águas, ainda não acostumada à liberdade da vida fora do útero.

— Você parece estar grávida, Sassenach. — Olhei para trás por cima do ombro, vendo Jamie com um ar divertido sob a aba do chapéu, embora eu achasse que havia algo mais em sua expressão; talvez um leve anseio.

— Talvez porque eu esteja com uma criança — retruquei, ajeitando-me na sela para acomodar os movimentos da minha companhia. — Mas é apenas a criança de outra pessoa. — A pressão dos minúsculos joelhos, da cabeça e dos cotovelos movendo-se contra minha barriga era, na verdade, perturbadora como as sensações da gravidez; o fato de serem externas e não internas quase não fazia diferença.

Como se atraído pelo volume sob minha capa, Jamie instigou Gideon e se posicionou ao meu lado. O cavalo resfolegava e arremetia a cabeça de um lado para o outro, querendo seguir adiante mais depressa, mas Jamie o conteve com um suave "Seas!" de repreensão e ele se acalmou, bufando vapor.

— Está preocupada por ela? — Jamie perguntou, indicando a floresta à nossa volta com um movimento da cabeça.

Desnecessário perguntar a quem ele se referia. Balancei a cabeça, minha mão sobre a minúscula espinha dorsal curvada, ainda arqueada para se encaixar na curva do útero desaparecido. Onde estaria Fanny Beardsley? Sozinha na floresta? Teria se arrastado para longe para morrer, como uma fera ferida — ou partido talvez para algum paraíso imaginário, vagando a esmo pelo tapete de folhas mofadas e congeladas ou pela neve cada vez mais profunda, voltando, quem sabe, para Chesapeake Bay e alguma lembrança de céu aberto, imensidões de água e felicidade?

Jamie inclinou-se e colocou a mão sobre a minha onde ela se curvava sobre a criança adormecida; eu podia sentir o frio de seus dedos sem luva através da camada de tecido entre nós.

— Ela fez a escolha dela, Sassenach — ele disse. — E confiou o bebê a nós. Nós salvaremos a menina. É tudo que podemos fazer pela mulher.

Eu não podia virar minha mão para segurar a dele, mas balancei a cabeça. Ele apertou minha mão e a soltou em seguida, deixando-se ficar para trás outra vez. Eu virei meu rosto na direção do nosso destino, minhas pestanas molhadas, espetando quando eu piscava para me livrar dos cristais de gelo.

Entretanto, assim que avistamos Brownsville, a maior parte de minha preocupação com Fanny Beardsley fora substituída por uma grande ansiedade por sua filha. A criança estava acordada e chorando, socando meu fígado com seus minúsculos punhos em busca de comida.

Ergui-me na sela, espreitando através da cortina de neve. De que tamanho seria Brownsville? Eu não via mais do que a linha do telhado de uma única cabana através do verde perene de pinheiros e loureiros.

No entanto, um dos homens de Granite Falis dissera que era um povoado de bom tamanho — o que seria "de bom tamanho" aqui no interior? Quais seriam as chances de que ao menos um dos habitantes de Brownsville pudesse ser uma mulher que estivesse amamentando?

Jamie havia esvaziado o cantil e enchido com leite de cabra, mas eu achava melhor chegar a um abrigo do que tentar alimentar o bebê outra vez. Se houvesse uma mãe que pudesse oferecer seu leite à criança, seria o melhor — se não, o leite de cabra teria que ser esquentado; do jeito como fazia frio ao ar livre, dar leite frio à criança poderia abaixar perigosamente sua temperatura corporal.

A sra. Piggy soltou uma grande baforada de vapor e repentinamente apertou o passo. Ela conhecia o cheiro de civilização — e de outros cavalos. Ela atirou a cabeça para trás e relinchou estridentemente. Gideon uniu-se a ela e, quando a algazarra terminou, pude ouvir as respostas encorajadoras de vários cavalos a distância.

— Eles estão aqui! — Expirei de alívio, numa explosão de vapor. — A milícia, eles conseguiram!

— Bem, assim eu esperava, Sassenach — Jamie retrucou, segurando as rédeas com força para impedir Gideon de sair em disparada. — Se o pequeno Roger não pudesse encontrar uma vila ao fim de uma estrada reta, eu teria minhas dúvidas quanto à sua inteligência e quanto aos seus olhos. — Mas ele também estava sorrindo.

Quando fizemos uma curva do caminho, pude ver que Brownsville era realmente um povoado. A fumaça das chaminés subia em leves nuvens cinzentas de uma dúzia de cabanas, espalhadas pela encosta da colina que se erguia à nossa direita; um aglomerado de construções amontoava-se junto à estrada, obviamente localizado ali para facilitar os negócios, a julgar pelo entulho de garrafas e barris descartados, bem como de outros tipos de lixo espalhados no mato seco à beira da estrada.

Do outro lado da rua, em frente a uma precária taverna, os homens haviam erguido um abrigo tosco para os cavalos, coberto com galhos de pinheiro e cercado de um lado com mais galhos para quebrar o vento. Os cavalos da milícia estavam reunidos sob esse teto num grupo aconchegado, amarrados e bufando, envolvidos em nuvens da mistura de seus próprios hálitos.

Tendo identificado esse refúgio, nossos próprios cavalos moviam-se a passo rápido; eu tive que puxar as rédeas com força, com apenas uma das mãos, a fim de impedir que a sra. Piggy saísse trotando, o que abalaria seriamente minha passageira. Quando a restringi a um passo normal, ainda que relutante, uma figura esbelta destacou-se do

abrigo de um pinheiro e entrou na estrada, à nossa frente, acenando.

— Milorde — Fergus saudou Jamie, enquanto Gideon parava com um giro relutante. Ele ergueu os olhos para Jamie de baixo da faixa de um gorro tricotado, tingido de índigo, que usava puxado sobre as sobrançelas. Isso fazia sua cabeça parecer a ponta de um torpedo, escura e perigosa. — Você está bem? Achei que talvez tivesse se deparado com alguma dificuldade.

— Oh. — Jamie acenou vagamente em minha direção, indicando o volume sob a minha capa. — Não é realmente uma dificuldade, é só que...

Fergus olhava fixamente por cima do ombro de Gideon para o volume em minha barriga, um ar divertido no rosto.

— Quelle virilité, monsieur — ele disse a Jamie, em tom de profundo respeito. — Meus parabéns.

Jamie lançou-lhe um olhar fulminante e emitiu um ruído escocês que soava como grandes pedras rolando embaixo da água. O bebê começou a chorar outra vez.

— Uma coisa de cada vez — eu disse. — Há alguma mulher aqui com bebês? Esta criança precisa de leite, o mais rápido possível.

Fergus balançou a cabeça, os olhos arregalados de curiosidade.

— Oui, milady. Duas, pelo menos, que eu tenha visto.

— Ótimo. Leve-me até elas.

Ele assentiu outra vez e, segurando o cabresto da sra. Piggy, virou-se na direção do povoado.

— O que há de errado? — Jamie perguntou e limpou a garganta. Em minha ansiedade por causa do bebê, eu não parara para considerar o que a presença de Fergus significava. Jamie tinha razão; a simples preocupação com nosso bem-estar não o teria trazido para a estrada com aquele tempo.

— Ah. Parece que temos uma pequena dificuldade, milorde. — Ele descreveu os acontecimentos da tarde anterior, concluindo com um movimento francês dos ombros e uma baforada de vapor. — ...e assim o monsieur Morton se refugiou com os cavalos — ele fez um sinal com a cabeça, indicando o abrigo improvisado — enquanto o resto de nós desfrutava da hospitalité de Brownsville.

Jamie pareceu um pouco contrariado com isso; sem dúvida pensando no que a hospitalité para mais de quarenta homens iria custar.

— Mmmhum. Pelo que entendi, os Brown não sabem que Morton está aqui?

Fergus sacudiu a cabeça.

— Por que Morton está aqui? — perguntei, tendo temporariamente calado o bebê, colocando-o no meu próprio seio. — Eu imaginaria que ele já estivesse longe, de volta a Granite Falis, satisfeito por ainda estar vivo.

— Ele se recusa a ir, milady. Diz que não pode abrir mão da gratificação. — A notícia chegara pouco antes de nossa partida de Ridge; o governador estava oferecendo quarenta xelins por homem como um estímulo a servir na milícia; uma quantia substancial, particularmente para um colono novo como Morton, enfrentando um inverno gélido.

Jamie passou a mão lentamente pelo rosto. Isso era um dilema, sem dúvida; a milícia precisava dos homens e dos suprimentos de Brownsville, mas Jamie não poderia recrutar os Brown porque imediatamente iriam tentar assassinar Morton. Nem ele podia pagar a gratificação de Morton do próprio bolso. Jamie parecia tentado a assassinar Morton pessoalmente, mas imagino que essa não seria uma alternativa aceitável.

— Talvez Morton possa ser convencido a se casar com a jovem? — eu sugeri delicadamente.

— Eu pensei nisso — Fergus disse. — Infelizmente monsieur Morton já tem uma esposa em Granite Falis. — Ele sacudiu a cabeça, que começava a parecer uma pequena elevação coberta de neve no topo.

— Por que os Brown não foram atrás de Morton? — Jamie perguntou, aparentemente seguindo seu próprio raciocínio. — Se um inimigo invade seu terreno, e você com seus parentes, você não o deixa simplesmente fugir; você o persegue e mata.

Fergus assentiu, claramente familiarizado com esse tipo de lógica das Highlands.

— Acho que essa era a intenção — ele disse. — Mas foram distraídos por le petit Roger.

Pude perceber uma nota distinta de humor em sua voz. Jamie também percebeu.

— O que ele fez? — perguntou cautelosamente.

— Cantou para eles — Fergus disse, o ar de riso cada vez mais pronunciado. — Ele passou a maior parte da noite cantando e tocando. A vila inteira veio ouvir, há seis homens em idade de servir na milícia e... — acrescentou de modo prático — e duas mulheres avec lait, como eu disse, milady.

Jamie tossiu, passou a mão embaixo do nariz e balançou a cabeça

para Fergus, acenando para mim.

— Sim. Bem, a menina precisa comer e eu não posso ficar para trás ou os Brown vão descobrir que Morton está aqui. Vá dizer a ele que irei lhe falar assim que puder.

Ele virou a cabeça do cavalo na direção da taverna e eu fiz a sra. Piggy segui-lo.

— O que vai fazer a respeito dos Brown? — perguntei.

— Santo Deus — Jamie disse, mais para si mesmo do que para mim. — Como é que eu vou saber? — E tossiu novamente.

MISSÃO CUMPRIDA

Nossa chegada com o bebê criou um rebuliço suficiente para distrair todos em Brownsville de suas preocupações particulares, fossem de ordem prática ou homicida. Um olhar de imenso alívio atravessou o rosto de Roger ao ver Jamie, embora tivesse sido imediatamente suprimido e substituído por uma amena atitude de autoconfiança e ombros retos. Abaixei a cabeça para esconder um sorriso e olhei para Jamie, imaginando se ele havia notado essa rápida transformação. Ele diligentemente evitou meu olhar, indicando que também havia notado.

— Você agiu muito bem — ele disse em voz baixa e descontraída, batendo no ombro de Roger numa saudação, antes de se virar para receber os cumprimentos dos outros homens e para as apresentações aos nossos involuntários anfitriões.

Roger apenas balançou a cabeça de um modo meio brusco, mas seu rosto assumiu um brilho velado, como se alguém tivesse acendido uma vela dentro dele.

A jovem srta. Beardsley causou grande agitação; uma das mulheres que estava amamentando foi trazida e de imediato colocou o choroso bebê no seio, apressadamente me entregando seu próprio filho em troca. Um menino de três meses de plácido temperamento ergueu os olhos para mim com ligeira perplexidade, mas não pareceu fazer objeção à substituição, meramente soprando algumas bolhas de cuspe em minha direção.

Seguiu-se uma certa confusão, com todo mundo fazendo perguntas e imediatamente apresentando especulações, mas a história de Jamie — editada e sintetizada — dos eventos na fazenda Beardsley colocou um ponto final no burburinho. Até mesmo a jovem de olhos vermelhos, que eu reconheci pela história de Fergus como a enamorada de Isaiah Morton, esqueceu sua tristeza, ouvindo boquiaberta.

— Pobre criaturinha — ela disse, fitando o bebê que sugava ferozmente o seio de sua prima. — Então parece que você é órfã de pai e mãe. — A srta. Brown lançou um olhar sombrio ao próprio pai, aparentemente achando que a orfandade tinha suas vantagens.

— O que vai ser dela? — a sra. Brown perguntou, com maior praticidade.

— Oh, cuidaremos para que seja bem cuidada, querida. Ela encontrará um lugar seguro aqui conosco. — Seu marido colocou a mão de forma tranquilizadora em seu braço, ao mesmo tempo trocando um olhar com o irmão. Jamie também viu; vi sua boca se mexer como se fosse dizer alguma coisa, mas ele deu de ombros e virou-se para conversar com Henry Gallegher e Fergus, os dois dedos rígidos tamborilando delicadamente na perna.

A srta. Brown mais velha inclinou-se para mim, preparando-se para fazer outra pergunta, mas foi impedida por um repentino pé de vento glacial que atravessou o salão, levantando os couros de animais soltos que cobriam as janelas e salpicando o aposento com uma rajada de neve como chumbinho de caça congelado. A srta. Brown deu um gritinho, abandonou sua curiosidade e correu para amarrar para baixo as coberturas das janelas; todos pararam de discutir os Beardsley e começaram apressadamente a bater todas as portinholas.

Olhei rapidamente para fora, quando a srta. Brown lutava contra os couros das janelas, pesados e difíceis de manejar. A tempestade chegara agora com toda força. A neve caía rápida e densa; os sulcos negros da estrada haviam desaparecido completamente sob uma camada branca, e ficou óbvio que a Companhia de Fraser não iria a lugar algum por enquanto. O sr. Richard Brown, parecendo levemente decepcionado, ainda nos ofereceu educadamente mais uma noite de abrigo e os homens da milícia se acomodaram para o jantar entre as casas e celeiros do vilarejo.

Jamie saiu para trazer para dentro nossas roupas de cama e provisões que estavam nos cavalos, bem como alimentá-los e acomodá-los para passar a noite. Provavelmente ele também iria aproveitar a oportunidade para falar em particular com Isaiah Morton, se este ainda estivesse à espreita lá fora na nevasca.

Eu realmente me perguntava o que Jamie pretendia fazer com seu Romeu da montanha, mas não tive tempo para muita especulação. O crepúsculo se avizinhava e eu fui sugada pelo redemoinho de atividades que se formara ao redor da lareira, conforme as mulheres enfrentavam o novo desafio de fazer o jantar para quarenta hóspedes inesperados.

Julieta — isto é, a srta. Brown mais nova — permanecia aparvalhada no canto, recusando-se a ajudar. No entanto, aceitou tomar conta do bebê Beardsley, balançando a garotinha e cantarolando para ela muito tempo depois de estar óbvio que a criança adormecera.

Fergus e Gallegher foram enviados para recuperar as cabras e retornaram com elas pouco antes da hora do jantar, molhados e enlameados até os joelhos, a barba e sobranceiras cobertas de neve.

As cabras também estavam molhadas e cobertas de neve endurecida, os úberes vermelhos do frio, inchados de leite e balançando-se dolorosamente contra suas pernas. Mas ficaram encantadas por estar de volta ao seio da civilização e tagarelavam umas com as outras com alegre animação.

A sra. Brown e sua cunhada levaram as cabras para o minúsculo celeiro para serem ordenhadas, deixando-me encarregada da panela de ensopado e de Hiram, instalado em solitária majestade perto do fogo, preso num cercado improvisado composto de uma mesa virada, dois bancos e um baú de cobertores.

A cabana consistia basicamente de uma grande sala cortada por correntes de ar, com um sótão fechado em cima e uma pequena meia-água nos fundos, para armazenagem. Apinhada como estava, com mesas, bancos, tamboretas, barris de cerveja, pilhas de peles de animais, um pequeno tear manual em um canto, um chiffonier — uma estante para roupas, com o mais incompatível relógio de carrilhão, adornado com cupidos — em outro, uma cama contra a parede, dois grandes bancos de madeira — com braços, espaldar alto e arcas sob o assento, — junto à lareira, um mosquete e duas armas de caça penduradas acima da parede da chaminé e vários aventais e capas em ganchos perto da porta, a presença de um bode machucado era surpreendentemente irrelevante.

Lancei um olhar para meu antigo paciente, que baliu de forma ingrata para mim, a longa língua azul projetando-se com escárnio. A neve derretia das profundas espirais de seus chifres, deixando-as negras e brilhantes, e seu pelo estava ensopado nos ombros, formando listras espetadas.

— Quanta gratidão, hein? — eu disse, repreendendo-o. — Se não fosse por Jamie, você estaria cozinhando em cima daquele fogo, em vez de estar sentado ao lado dele, e bem feito para você, seu patife desgraçado.

— Mééé! — ele retrucou laconicamente.

Ainda assim, ele estava com frio, cansado e com fome, e seu harém não estava ali para ele ter que impressionar, assim ele permitiu que eu esfregasse sua cabeça e coçasse suas orelhas, o alimentasse com um pouco de feno e — por fim — entrasse em seu cercado e corresse a mão de leve pela perna machucada para verificar a fratura. Eu estava mais do que um pouco cansada e faminta também, não tendo comido nada desde o leite de cabra ao amanhecer. Com o cheiro do ensopado fumegante e as sombras e a luz bruxuleante do aposento, eu me sentia meio zozna e um pouco fora do meu corpo, como se flutuasse uns trinta centímetros acima do solo.

— Você é um belo bode velho, não é? — murmurei. Após uma tarde inteira passada em estreito contato com bebês, todos em estágios variados de umidade e gritaria, a companhia do velho bode irascível era bem calmante.

— Ele vai morrer?

Ergui os olhos, surpresa, tendo me esquecido completamente da jovem srta. Brown, negligenciada num canto do banco grande. Ela agora estava de pé junto à lareira, ainda segurando o bebê Beardsley e franzindo a testa para Hiram, que tentava morder a ponta do meu avental.

— Não — eu disse, tirando o tecido de sua boca. — Acredito que não. — Qual era mesmo o nome dela? Tateei turvamente pela minha memória, tentando combinar rostos e nomes da enxurrada de apresentações quando chegamos. Alicia, era isso, embora eu não conseguisse deixar de pensar nela como Julieta.

Ela não era muito mais velha do que Julieta; devia ter quinze anos, se tanto. Mas não era uma menina bonita, com um tom pastoso e o queixo redondo. Estreita nos ombros e larga nos quadris; não era realmente como uma joia na orelha de um etíope. Ela não disse mais nada e, para manter a conversa, fiz sinal com a cabeça indicando o bebê, ainda em seus braços. — Como vai a pequenina?

— Vai bem — ela disse, com indiferença. Ficou parada, fitando o bode por mais alguns instantes. Então repentinamente seus olhos se encheram de lágrimas.

— Quisera eu estar morta — ela disse.

— Oh, é mesmo? — eu disse, desconcertada. — Hã... bem... — Passei a mão pelo rosto, tentando reunir bastante presença de espírito para lidar com a situação. Onde estava a mãe da desagradável garota? Lancei um rápido olhar à porta, mas não ouvi ninguém se aproximando. Estávamos momentaneamente sozinhas, as mulheres ordenhando as cabras ou cuidando do jantar, todos os homens cuidando dos animais.

Saí do cercado de Hiram e coloquei a mão em seu braço.

— Olhe — eu disse em voz baixa. — Isaiah Morton não vale a pena. Ele é casado, sabia disso?

Seus olhos se arregalaram, depois se estreitaram a ponto de quase fechar, as lágrimas jorrando. Não, evidentemente, ela não sabia.

As lágrimas rolavam pelas suas faces e pingavam na cabeça do bebê, alheio a tudo. Estendi as mãos e delicadamente tomei a criança de seus braços, conduzindo-a ao grande banco de madeira com a minha mão livre.

— C-como você...? Q-quem...? — Ela fungava e gorgolejava, tentando fazer perguntas e se controlar ao mesmo tempo. A voz de um homem gritou alguma coisa lá fora e ela limpou freneticamente o rosto com a manga do vestido.

O gesto me fez lembrar que, embora a situação parecesse um pouco melodramática — para não dizer ligeiramente cômica — em meu estado mental confuso atual, era uma questão de grande seriedade para os personagens envolvidos. Afinal, os homens de sua família haviam tentado matar Morton e certamente tentariam de novo, se o encontrassem. Fiquei tensa ao som de passos se aproximando e o bebê remexeu-se e choramingou um pouco em meus braços. Mas as passadas continuaram na estrada e o som desapareceu no vento.

Sentei-me ao lado de Alicia Brown, suspirando com o puro prazer de tirar o peso dos meus pés. Cada músculo e articulação do meu corpo doía com os efeitos colaterais do dia e da noite anteriores, embora até aquele momento eu não tivesse tido muito tempo para pensar sobre isso. Jamie e eu certamente passaríamos a noite enrolados em cobertores no assoalho de alguém; olhei para as tábuas sujas do assoalho, iluminadas pelo fogo, com uma emoção que se aproximava da cobiça.

Estava estranhamente pacífico na ampla sala, com a neve sussurrando do lado de fora e o caldeirão de ensopado borbulhando na lareira, enchendo o ar com os aromas instigantes de cebola, carne de cervo e nabos. O bebê dormia sobre meu peito, emanando uma tranquila confiança. Eu gostaria de apenas ficar sentada, segurando-a, sem pensar em nada, mas o dever me chamava.

— Como eu sei? Morton contou a um dos homens do meu marido — eu disse. — Mas não sei quem é sua mulher; só que ela mora em Granite Falis. — Dei uns tapinhas nas costas do bebê, ele soltou um leve arrote e relaxou outra vez, sua respiração quente embaixo de minha orelha. As mulheres o haviam limpadado e untado com óleo, e ele cheirava a panqueca fresca. Eu mantinha um olho na porta e o outro cautelosamente em Alicia Brown, no caso de novos ataques de histeria.

Ela fungava e chorava, soluçou uma vez e depois caiu em silêncio, fitando o assoalho.

— Eu queria estar morta — ela murmurou outra vez, num tom de tão absoluto desespero, que voltei os dois olhos para ela, assustada. Ela sentava-se arqueada, os cabelos caindo languidamente de baixo do seu gorro, os punhos cerrados e cruzados protetoramente sobre sua barriga.

— Oh, meu Deus — eu disse. Considerando sua palidez, as

circunstâncias e seu comportamento em relação ao bebê Beardsley, depois desse gesto em particular, não foi preciso um grande salto para a conclusão óbvia. — Seus pais sabem?

Ela me deu um rápido olhar, mas não se deu ao trabalho de perguntar como eu sabia.

— Mamãe e titia sabem.

Ela respirava pela boca, com fungadas intermitentes e cheias de muco.

— Eu achei... eu achei que papai iria ter que deixar eu me casar com ele se... Eu nunca achei que chantagem fosse uma base bem-sucedida para um casamento, mas esta não era a hora apropriada para dizê-lo.

— Humm — eu disse, em vez disso. — E o sr. Morton sabe disso? Ela sacudiu a cabeça, desconsolada.

— Sabe se ele... a mulher dele tem filhos?

— Não faço a menor ideia. — Virei a cabeça, ouvindo com atenção. Eu podia distinguir vozes masculinas a distância, carregadas pelo vento. Ela também ouviu; agarrou meu braço com força surpreendente, os olhos castanhos, cheios d'água, com as pestanas espetadas, ansiosos.

— Ouvi o sr. Mackenzie e os homens conversando ontem à noite. Disseram que a senhora era uma curandeira, sra. Fraser... outro disse que era uma feiticeira. Sobre bebês. Sabe como...

— Alguém está vindo. — Desvencilhei-me dela, interrompendo-a antes que pudesse completar a frase. — Tome, cuide do bebê. Eu preciso... preciso mexer o ensopado.

Enfie a criança sem a menor cerimônia em seus braços e me levantei. Quando a porta se abriu, admitindo uma rajada de vento e neve, juntamente com um grande número de homens, eu estava de pé ao lado da lareira, colher na mão, os olhos fixos na panela e minha mente borbulhando tanto quanto o ensopado.

Ela não teve tempo de perguntar explicitamente, mas eu sabia o que ela estava prestes a dizer. Feiticeira, ela me chamara. Ela queria minha ajuda para se livrar da criança, era quase certo. Como?, eu me perguntava. Como uma mulher podia pensar nisso, com uma criança viva nos braços, fora do útero havia menos de um dia?

Mas ela era muito jovem. Muito jovem e sofria com o choque de saber que seu amante era falso e desleal. Sua gravidez também ainda não estava adiantada a ponto de ser perceptível; se ela ainda não sentira seu próprio filho se mexer, sem dúvida ele lhe parecia bastante irreal. Ela o vira apenas como uma forma de forçar o consentimento

de seu pai; agora, provavelmente, lhe parecia uma armadilha que se fechara sobre ela de repente.

Não era de admirar que estivesse desnorreada, buscando freneticamente uma saída. Era preciso lhe dar um pouco de tempo para se recuperar, pensei, lançando um olhar para o banco, onde as sombras a escondiam. Eu deveria falar com sua mãe, sua tia...

Jamie apareceu subitamente ao meu lado, esfregando as mãos vermelhas acima do fogo, a neve se derretendo das dobras de suas roupas. Ele parecia extremamente alegre, apesar de sua gripe, das complicações da vida amorosa de Isaiah Morton e da tempestade que continuava lá fora.

— Como vão as coisas, Sassenach? — ele perguntou com voz rouca e, sem esperar pela minha resposta, tirou a colher da minha mão, passou um braço vigoroso e frio ao meu redor e me levantou do chão para um beijo caloroso, ainda mais surpreendente pelo fato de que sua barba por fazer estava densamente incrustada de neve.

Saindo ligeiramente zonha do estimulante abraço, percebi que a atitude geral dos homens na sala era da mesma forma alegre. Eram cumprimentos com tapas nas costas, batidas de botas e casacos sacudidos ao acompanhamento dos tipos de assovios e ruídos retumbantes que os homens fazem quando se sentem particularmente animados.

— O que foi? — perguntei, olhando ao redor, surpresa. Para meu espanto, Joseph Wemyss estava no centro da multidão. A ponta de seu nariz estava vermelha de frio e ele quase se desequilibrava com os tapas que os homens lhe davam nas costas, parabenizando-o. — O que aconteceu?

Jamie exibiu um luminoso sorriso para mim, os dentes brilhando na floresta congelada de seu rosto, e enfiou um papel mole e amassado da umidade na minha mão, fragmentos de cera vermelha ainda agarrados a ele.

A tinta havia escorrido com a umidade, mas eu podia entender as palavras relevantes. Tendo ouvido falar da abordagem pretendida pelo general Waddell, os Reguladores haviam decidido que a discrição era a melhor parte do heroísmo. Eles haviam se dispersado. E, por esta ordem do governador Tryon, a milícia estava sendo desfeita.

— Oh, que ótimo! — eu disse. E lançando os braços ao redor de Jamie, eu retribuí o beijo, a despeito da neve e do gelo.

Entusiasmados com a notícia da retirada da milícia, os homens aproveitaram o mau tempo para comemorar. Igualmente empolgados por não terem que se juntar à milícia, os Brown uniram-se animadamente à celebração, contribuindo com três grandes barris da

melhor cerveja feita por Thomasina Brown e seis galões de sidra forte para a causa — pela metade do preço.

Quando o jantar terminou, sentei-me no canto de um dos longos bancos de espaldar com o bebê Beardsley nos braços, mole de cansaço e mantida na vertical apenas pelo fato de que ainda não havia lugar para me deitar. O ar tremulava de fumaça e conversas, eu havia bebido sidra forte com o jantar, e tanto os rostos quanto as vozes tendiam a entrar e sair de foco, de uma maneira não de todo desagradável, embora um tanto desconcertante.

Alicia Brown não tivera mais chance de falar comigo — mas eu não tivera nenhuma chance de falar com sua mãe ou sua tia. A jovem se sentara ao lado do cercado de Hiram e metodicamente alimentava o bode com cascas de pão de milho que sobraram do jantar, o rosto contraído em rugas de amuada infelicidade.

Roger cantava baladas francesas, a pedidos, com uma voz suave e bem entoada. O rosto de uma mulher jovem flutuou à minha frente, as Sobrancelhas erguidas numa pergunta. Ela disse alguma coisa que se perdeu no burburinho de vozes; em seguida, estendeu os braços e delicadamente tirou o bebê de mim.

Claro. Jemima, esse era seu nome. A jovem mãe que se oferecera para amamentar a criança. Levantei-me para lhe dar o lugar no banco e ela imediatamente colocou o bebê no seio.

Recostei-me ao pé da chaminé, observando com turva aprovação enquanto ela segurava a cabecinha da criança com uma das mãos, guiando-a e murmurando. Ela tanto era meiga quanto prática; uma boa combinação. Seu único filho — o pequeno Christopher, esse era seu nome — roncava tranquilamente nos braços da avó, enquanto a velha senhora se inclinava para encher seu cachimbo de barro no fogo.

Olhei de novo para Jemima e tive a mais estranha sensação de déjà vu. Pisquei, tentando apreender a visão fugidia, e consegui captar uma sensação de extrema intimidade, de calor e paz absoluta. Por um instante, achei que fosse a sensação de amamentar uma criança, mas depois, mais estranho ainda, percebi que não era a sensação da mãe que eu senti... mas da criança. Tive a lembrança muito nítida — se é que foi isso — de ser apertada contra um corpo quente, descuidada e plena da convicção do amor absoluto.

Fechei os olhos e me apoiei na base da chaminé, sentindo o aposento começar a girar lentamente ao meu redor.

— Beauchamp — murmurei, — você está totalmente bêbada.

Se assim fosse, eu não era a única. Encantados com a perspectiva de retorno imediato para suas casas, os homens da milícia haviam

consumido a maior parte da bebida disponível em Brownsville e estavam assiduamente empenhados em acabar com o resto. Mas agora o grupo começava a se desfazer com os homens saindo cambaleando para camas frias em celeiros e barracões, outros enrolando-se em cobertores e com satisfação estendendo-se junto ao fogo.

Abri os olhos e vi Jamie jogar a cabeça para trás e bocejar enormemente, a boca aberta como a de um babuíno. Ele piscou e levantou-se, sacudindo-se para se livrar do estupor da bebida e da comida, depois olhou na direção da lareira e me viu lá em pé. Ele estava obviamente tão cansado quanto eu, ainda que não igualmente zozinho, mas exibia um ar de profunda satisfação, evidente pela facilidade com que espreguiçou os longos membros e se acomodou.

— Vou cuidar dos cavalos — ele me disse, a voz rouca da gripe e de tanta conversa. — Quer dar uma volta ao luar, Sassenach?

A neve havia parado de cair e realmente havia luar, brilhando através de um nevoeiro de nuvens evanescentes. O ar enregelava os pulmões, ainda fresco e agitado com o fantasma da tempestade transitória, o que muito contribuiu para clarear a minha aturdida cabeça.

Senti um prazer infantil em ser a primeira a marcar a neve virgem e dava passos altos e cuidadosos, fazendo nítidas pegadas e olhando para trás para admirá-las. A linha de pegadas não estava muito reta, mas felizmente ninguém estava testando minha sobriedade.

— Você sabe recitar o alfabeto de trás para frente? — perguntei a Jamie, cujas pegadas oscilavam solidariamente com as minhas.

— Suponho que sim — ele respondeu. — Qual? Inglês, grego ou hebraico?

— Deixe pra lá. — Segurei seu braço com mais força. — Se você se lembra dos três de frente para trás, está em melhores condições do que eu.

Ele riu baixinho, depois tossiu.

— Você nunca fica bêbada, Sassenach. Não com três canecas de sidra.

— Deve ser o cansaço, então — eu disse, indistintamente. — Sinto como se minha cabeça estivesse balançando de um lado para o outro num barbante como um balão. Como você sabe quanto eu bebi? Você vê tudo?

Ele riu outra vez e envolveu minha mão com a sua onde eu me agarrava a seu braço.

— Gosto de observá-la, Sassenach. Especialmente quando em companhia de outras pessoas. Você tem o mais lindo brilho nos dentes

quando ri.

— Lisonjeador — eu disse, sentindo-me realmente lisonjeada. Considerando-se que eu mal lavara o rosto nos últimos dias, muito menos tomara banho ou trocara de roupas, meus dentes provavelmente eram as únicas coisas em mim que podiam ser honestamente admiradas. Ainda assim, saber de sua atenção era singularmente reconfortante.

Era uma neve seca e a crosta branca comprimia-se sob nossos pés com um ruído baixo de tritramento. Eu podia ouvir a respiração de Jamie, ainda áspera e difícil, mas o ronco em seu peito havia desaparecido e sua pele estava fria.

— O tempo estará bom de manhã — ele disse, erguendo os olhos para a lua brumosa. — Vê o anel?

Era difícil não o avistar; um imenso círculo de luz difusa que circundava a luz, cobrindo o céu a leste. Podiam-se ver fracas estrelas através da névoa; o céu estaria límpido e claro em menos de uma hora.

— Sim. Podemos voltar para casa amanhã, então?

— Sim. O caminho vai estar muito enlameado, eu suponho. Pode-se sentir o ar mudando; está bastante frio agora, mas a neve vai derreter assim que o sol a atingir em cheio.

Talvez sim, mas agora estava bastante frio. O abrigo improvisado dos cavalos fora reforçado com mais galhos de pinheiros e cicuta e parecia um morro pequeno e irregular erguendo-se do solo, coberto com uma espessa camada de neve. Mas havia manchas escuras onde a neve derreteria, aquecida pelo hálito dos cavalos, e filetes de vapor erguiam-se deles, quase invisíveis. Tudo estava quieto, com uma nítida sensação de sonolenta satisfação.

— Morton deve estar bem aquecido, se estiver lá dentro — observei.

— Creio que não. Enviei Fergus para dizer a ele que a milícia tinha sido dispensada, tão logo Wemyss veio com a notícia.

— Sim, mas se eu fosse Isaiah Morton, não sei se teria partido para a estrada debaixo daquela intensa tempestade — eu disse, em dúvida.

— É provável que sim, se você tivesse todos os Brown de Brownsville atrás de você com armas de fogo — ele disse. Ainda assim, ele diminuiu o passo, ergueu um pouco a voz e chamou "Isaiah!" com um som áspero e grasnado.

Não houve resposta do estábulo improvisado e, tomando novamente meu braço, ele voltou em direção à casa. A neve não estava mais intocada, pisoteada e enlameada pelas marcas de muitos

pés, conforme a milícia se dispersou para suas camas. Roger parara de cantar, mas ainda ouviam-se vozes dentro da casa; nem todos estavam prontos a se retirar para dormir.

Relutantes em voltar imediatamente para a atmosfera de fumaça e barulho, caminhamos por consentimento mútuo e não declarado ao redor da casa e do celeiro, desfrutando o silêncio da floresta coberta de neve e a proximidade um do outro. Ao voltar, vi que a porta da meia-água dos fundos estava escancarada, rangendo com o vento, e mostrei isso a Jamie.

Ele enfiou a cabeça lá dentro, para ver se tudo estava em ordem, mas, em seguida, em vez de fechar a porta, ele estendeu a mão para trás e segurou meu braço, puxando-me para dentro da meia-água atrás dele.

— Eu tinha uma pergunta a lhe fazer, Sassenach, antes de entrarmos — ele disse. Prendeu a porta aberta, de modo que o luar penetrasse, brilhando turvamente sobre os presuntos pendurados, os barris e os sacos de aniagem que nos faziam companhia.

Estava frio ali dentro, mas longe do vento eu imediatamente me senti mais aquecida e afastei para trás o capuz da minha capa.

— O que é? — perguntei, ligeiramente curiosa. Pelo menos o ar fresco havia clareado a minha cabeça e, embora eu soubesse que cairia como morta no instante em que me deitasse, por enquanto eu tinha aquela sensação de agradável leveza que vem com o sentimento de esforço concluído, honra satisfeita. Foram um dia e uma noite terríveis e um longo dia depois, mas agora o dever fora cumprido, e estávamos livres.

— Você a quer, Sassenach? — ele perguntou brandamente. Seu rosto era um oval pálido, turvado pela névoa de sua respiração.

— Quem? — perguntei, surpresa. Ele fez um pequeno grunhido de humor.

— A criança. Quem mais?

Quem mais, de fato.

— Se eu a quero... para ficar com ela, você quer dizer? — perguntei cautelosamente. — Adotá-la? — A ideia não atravessara minha mente conscientemente, mas devia estar espreitando em algum lugar do meu subconsciente, porque não fiquei admirada com sua pergunta e, ao ser mencionada, a ideia desabrochou plenamente.

Meus seios ficaram sensíveis desde a manhã, cheios e intumescidos, e eu senti a exigente sucção da boca da menininha na lembrança. Eu mesma não poderia alimentar o bebê, mas Brianna poderia, ou Marsali. Ou ela poderia viver de leite de vaca, ou de cabra.

Percebi então que eu havia inconscientemente segurado um dos seios e o massageava delicadamente. Parei de imediato, mas Jamie notou; aproximou-se e passou o braço ao meu redor. Apoiei a cabeça nele, a aspereza de sua camisa de caça fria contra minha face.

— Você a quer? — perguntei. Eu não tinha certeza de que eu estava esperançosa com sua resposta, ou se eu a temia. A resposta foi um leve movimento do ombro.

— É uma casa grande, Sassenach — ele disse. — Grande o suficiente.

— Humm — eu disse. Não era uma declaração expressa e, no entanto, eu sabia que significava compromisso, por mais informal que parecesse. Ele havia retirado Fergus de um bordel de Paris, com base num encontro de três minutos, contratando-o como batedor de carteiras. Se ele adotasse essa criança, ele a trataria como filha. Ele a amaria? Ninguém podia garantir amor — nem ele... e nem eu.

Ele havia percebido o tom de dúvida em minha voz.

— Eu a vi com a criança, Sassenach, cavalgando. Você sempre age com grande ternura, mas, quando a vi assim, com a criança sacudindo-se sob sua capa... eu me lembrei como foi, como você era, quando carregava Faith.

Prendi a respiração. Ouvi-lo pronunciar o nome de nossa primeira filha assim, de forma tão prosaica, era surpreendente. Nós raramente falávamos dela; sua morte estava tão longe no passado, que às vezes parecia irreal, porém a ferida de sua perda deixara em ambos uma profunda cicatriz.

No entanto, a própria Faith não era absolutamente irreal.

Ela estava perto de mim, sempre que eu tocava em um bebê. E esta criança, esta órfã sem nome, tão pequena e frágil, com a pele tão translúcida, que os fios azuis de suas veias apareciam claramente — sim, os ecos de Faith eram fortes. Ainda assim, ela não era minha filha. Embora pudesse ser; era isso que Jamie estava dizendo.

Ela seria, talvez, uma dádiva para nós? Ou no mínimo nossa responsabilidade?

— Acha que deveríamos ficar com ela? — perguntei cautelosamente. — Quero dizer... o que poderá acontecer a ela se não o fizermos?

Jamie fez um pequeno muxoxo, deixando cair o braço, e recostou-se contra a parede da casa. Ele limpou o nariz e inclinou a cabeça na direção do murmúrio de vozes que atravessava as frestas entre as toras de madeira.

— Ela seria bem tratada, Sassenach. Ela vai ser uma herdeira, sabe.

Esse aspecto da questão não havia me ocorrido.

— Tem certeza? — eu disse, em dúvida. — Quero dizer, ambos os Beardsley desapareceram, mas como a criança é ilegítima...

Ele sacudiu a cabeça, interrompendo-me.

— Não, ela é legítima.

— Mas não pode ser. Ninguém sabe disso ainda, exceto eu e você, mas seu pai...

— Seu pai foi Aaron Beardsley, no que diz respeito à lei — ele me informou. — Pelas leis inglesas, uma criança nascida num casamento é legítima e herdeira do marido, ainda que se saiba com certeza que a mãe cometeu adultério. E a mulher disse que Beardsley se casou com ela, não?

Observei que ele demonstrava absoluta certeza sobre essa determinação da lei inglesa. Também observei — a tempo, graças a Deus, antes que eu dissesse alguma coisa — exatamente por que ele tinha certeza.

William. Seu filho, concebido na Inglaterra, e até onde qualquer pessoa na Inglaterra soubesse — com a exceção de lorde John Grey — era o nono conde de Ellesmere. Evidentemente, ele legalmente era o nono conde, segundo o que Jamie estava me dizendo, quer o oitavo conde tivesse sido seu pai ou não. A lei realmente era implacável, pensei.

— Compreendo — eu disse devagar. — Então a pequena Sem Nome herdará todos os bens dos Beardsley, mesmo depois que descobrirem que ele não pode ter sido o pai dela. Isso é... reconfortante.

Seus olhos encontraram-se com os meus por um instante, depois se abaixaram.

— Sim — ele disse à meia-voz. — Reconfortante. — Poderia ter havido um traço de amargura em sua voz, mas se houve, desapareceu sem deixar vestígios quando ele tossiu e limpou a garganta.

— Portanto, veja bem — ele continuou, de maneira prática, — ela não corre o risco de ser negligenciada. Um Tribunal de Órfãos daria a propriedade dos Beardsley, cabras e tudo o mais — ele acrescentou, com um leve sorriso — a quem fosse seu tutor, para ser usado em seu bem-estar.

— E seus tutores — eu disse, repentinamente me lembrando do olhar que Richard Brown trocara com o irmão, ao dizer à sua mulher que a criança seria "bem cuidada". Esfreguei o nariz, que ficara insensível na ponta.

— Então os Brown ficariam com ela de bom grado.

— Oh, sim — ele concordou. — Eles conhecem Beardsley, sabem muito bem o quanto ela vale. Na verdade, seria uma questão delicada tirá-las deles, mas, se você quiser a criança, Sassenach, você a terá. Eu lhe prometo.

A discussão toda estava me dando uma sensação muito estranha. Algo quase como pânico, como se eu estivesse sendo empurrada por alguma mão invisível para a beira de um precipício. Restava saber se era um penhasco perigoso ou meramente um apoio para os pés para uma vista mais ampla.

Vi mentalmente a curva delicada do crânio do bebê e as orelhas delicadas, pequenas e perfeitas como conchas, suas dobras rosadas desaparecendo em tom de azul sobrenatural.

Para ganhar algum tempo para organizar meus pensamentos, eu perguntei:

— O que quis dizer com ser uma questão delicada tirá-la dos Brown? Não têm nenhum direito a ela, têm?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, mas nenhum deles deu um tiro no pai dela, tampouco.

— O que... oh! — Essa era uma possível armadilha em que eu não havia pensado; a possibilidade de Jamie ser acusado de matar Beardsley para colocar as mãos na fazenda e nas mercadorias do comerciante, adotando a criança. Engoli em seco, o fundo da minha garganta com um leve gosto de bÍlis.

— Mas ninguém sabe como Aaron Beardsley morreu, exceto nós — ressaltei. Jamie lhes dissera apenas que o comerciante sofrera uma apoplexia e morrera, deixando de fora seu próprio papel de anjo da libertação.

— Nós e a sra. Beardsley — ele disse, um leve tom de ironia na voz. — E se ela voltar e me acusar de ter matado o marido? Seria difícil negar, ainda mais eu tendo ficado com a criança.

Eu me absteve de perguntar por que ela faria tal coisa; à luz do que ela já fizera, era bastante claro que Fanny Beardsley seria capaz de qualquer coisa.

— Ela não vai voltar — eu disse. Quaisquer que fossem minhas próprias incertezas sobre o resto, eu tinha certeza de que ao menos a esse respeito eu tinha razão. Aonde quer que Fanny Beardsley tivesse ido — ou por que, — eu tinha certeza de que fora para sempre.

— Ainda que voltasse — continuei, afastando minha visão da neve esvoaçando por uma floresta deserta e uma trouxinha junto ao fogo extinto. — Eu estava lá. Eu poderia dizer o que aconteceu.

— Se a deixassem — Jamie concordou. — Mas não deixariam.

Você é uma mulher casada, Sassenach; não poderia testemunhar num tribunal, ainda que não fosse minha mulher.

Isso me fez calar repentinamente. Vivendo como vivíamos na região selvagem do interior, eu raramente me deparava com as mais ultrajantes injustiças legais da época de uma maneira pessoal, mas tinha consciência de algumas delas. Ele tinha razão. Na verdade, como mulher casada, eu não tinha nenhum direito legal. Ironicamente, Fanny Beardsley tinha, sendo agora viúva. Ela poderia testemunhar num tribunal de justiça — se quisesse.

— Que droga! — eu disse, calorosamente. Jamie riu, embora baixinho, depois tossiu.

Resfoleguei, com uma satisfatória explosão de vapor branco. Por um instante, desejei ser um dragão; seria extremamente agradável bufar chamas e enxofre em diversas pessoas, a começar com Fanny Beardsley. Em vez disso, suspirei, meu inofensivo hálito branco desaparecendo na penumbra da meia-água.

— Agora compreendo o que você quis dizer com "delicada" — eu disse.

— Sim, mas não impossível. — Ele colocou a mão grande e fria na minha face, virando meu rosto para ele. Seus olhos buscaram os meus, escuros e intensos.

— Se você quiser a criança, Sassenach, eu a levarei, e enfrentarei o que vier depois.

Se eu a quisesse. Eu podia sentir o suave peso da criança, dormindo no meu peito. Havia anos eu tinha esquecido os eflúvios da maternidade; afastado a lembrança dos sentimentos de exaltação, exaustão, pânico, prazer. Com Germain, Jemmy e Joan por perto, no entanto, recordei-os vividamente.

— Uma última pergunta — eu disse. Segurei sua mão e a trouxe para baixo, os dedos entrelaçados aos meus. — O pai da criança não era branco. O que isso pode significar para ela?

Eu sabia o que significaria na cidade de Boston da década de 1960, mas este era um lugar muito diferente e, embora em alguns aspectos a sociedade aqui fosse mais rígida e menos oficialmente esclarecida do que na época da qual eu viera, em outros era estranhamente muito mais tolerante.

Jamie refletia cuidadosamente, os dedos rígidos da mão direita tamborilando um ritmo silencioso de contemplação na tampa de um barril de carne de porco salgada.

— Acho que vai estar tudo bem — ele disse finalmente. — Não há a menor possibilidade de ser levada à escravidão. Ainda que pudesse

ser provado que seu pai era um escravo — e não há absolutamente nenhuma prova, — uma criança adquire o status da mãe. Uma criança nascida de uma mulher livre é livre; uma criança nascida de uma escrava é um escravo. E o que quer que essa terrível mulher possa ser, não é uma escrava.

— Pelo menos, não oficialmente — eu disse, pensando nas marcas no umbral da porta. — Mas além da questão da escravatura...?

Ele suspirou e endireitou-se.

— Acho que não — ele disse. — Não aqui. Em Charleston, sim, provavelmente teria importância; pelo menos, se frequentasse a sociedade. Mas no interior?

Deu de ombros. Era verdade; tão perto como estávamos da Linha do Tratado, havia inúmeras crianças mestiças. Não era absolutamente incomum os colonos se casarem com índias cherokee. Era bem mais raro ver crianças nascidas de uma relação entre branco e negro no interior, mas havia muitas nas regiões costeiras. A maioria delas de escravos — mas, ainda assim, estavam lá.

E a pequena srta. Beardsley não estaria na "sociedade", ao menos, não se a deixássemos com os Brown. Aqui, sua riqueza potencial seria bem mais importante do que a cor de sua pele. Conosco poderia ser diferente, pois Jamie era — e sempre seria, apesar de sua renda ou falta dela — um cavalheiro.

— Essa não foi a última pergunta, afinal de contas — eu disse. Coloquei a mão sobre a dele, fria, no meu rosto. — A última é: por que está sugerindo a ideia?

— Ah. Bem, só pensei... — Deixou cair a mão e desviou o olhar. — O que você disse quando voltamos da Assembleia. Que você poderia ter escolhido a segurança da esterilidade, mas não o fez, por mim. Pensei... — Parou novamente e esfregou as articulações dos dedos da mão livre com força ao longo do cavalete do nariz. Respirou fundo e tentou de novo.

— Por mim — ele disse com firmeza, dirigindo-se ao ar à sua frente como se fosse um tribunal, — não quero que você tenha outro filho. Eu não poderia me arriscar a perdê-la, Sassenach — ele disse, a voz repentinamente rouca. — Nem por uma dúzia de filhos. Tenho filhas e filhas, sobrinhas e sobrinhos, netos o suficiente.

Olhou diretamente para mim, então, e falou suavemente.

— Mas não tenho vida sem você, Claire.

Ele engoliu em seco e continuou, os olhos fixos nos meus.

— Mas pensei... se você realmente quiser outra criança... talvez eu ainda possa lhe dar uma.

Lágrimas turvaram meus olhos. Fazia frio na meia-água e nossos dedos estavam rígidos. Remexi minha mão na sua, apertando-a com força.

Enquanto conversávamos, minha mente andara ocupada, visualizando possibilidades, dificuldades, bênçãos. Eu não precisava pensar mais, pois sabia que a decisão se apresentara por si mesma. Uma criança era uma tentação da carne, assim como do espírito; eu conhecia a bênção dessa ilimitada sensação de unidade, como conhecia a alegria amarga e doce de ver essa unidade desaparecer conforme a criança se descobria e adquiria independência.

Mas eu já atravessara uma linha sutil. Se era o fato de eu mesma já ter nascido com alguma cota secreta embutida em meu corpo ou apenas que eu soubesse que minha dedicação total agora deveria ser aplicada em outra parte... eu soube; como mãe, eu agora possuía a despreocupação do esforço terminado, da honra satisfeita. Missão cumprida.

Recostei a cabeça no peito dele e falei junto ao tecido escurecido acima de seu coração.

— Não — eu disse suavemente. — Mas, Jamie... eu o amo muito.

Permanecemos nos braços um do outro por algum tempo, ouvindo o murmúrio de vozes do outro lado da parede que separava a casa da meia-água, mas nós mesmos calados e felizes com a paz desse silêncio. Estávamos ao mesmo tempo exaustos demais para fazer o esforço de entrar na casa e relutantes em abandonar a tranquilidade de nosso tosco refúgio.

— Temos que entrar logo — murmurei finalmente. — Se não, vamos adormecer aqui mesmo e seremos encontrados pela manhã, em meio aos presuntos.

Um leve chiado de riso percorreu seu peito, mas antes que pudesse responder, uma sombra recaiu sobre nós. Alguém estava parado no vão da porta, bloqueando a claridade do luar.

Jamie levantou a cabeça abruptamente, as mãos firmes em meus ombros, mas depois soltou a respiração e suas mãos relaxaram, permitindo que eu recuasse um passo e me virasse.

— Morton — Jamie exclamou, com voz resignada. — O que, em nome de Deus, você está fazendo aqui?

Isaiah Morton não se parecia muito com um extravagante sedutor, mas imagino que os gostos difiram. Ele era um pouco mais baixo do que eu, mas de ombros largos, com um torso na forma de barril e pernas ligeiramente arqueadas. Ele de fato possuía olhos bonitos e uma bela cabeleira ondeada, embora eu não pudesse distinguir a cor

de nenhum dos dois, na luz turva da meia-água. Estimei sua idade em vinte e poucos anos.

— Coronel, senhor — ele disse num sussurro. — Senhora. — Fez uma breve inclinação para mim. — Não quis assustá-la, senhora. Só que eu ouvi a voz do coronel e achei melhor aproveitar a oportunidade, por assim dizer.

Jamie olhou para Morton com os olhos estreitados.

— Por assim dizer — ele repetiu.

— Sim, senhor. Eu não conseguia descobrir como fazer a Ally sair e estava dando a volta na casa outra vez quando ouvi o senhor e sua esposa conversando.

Fez nova medida para mim, como por reflexo.

— Morton — Jamie disse, serenamente, mas com certa frieza na voz, — por que você ainda não foi embora? Fergus não lhe disse que a milícia foi dispensada?

— Oh, sim, senhor, ele disse, senhor. — Inclinou-se para Jamie desta vez, parecendo ligeiramente ansioso. — Mas eu não podia ir, senhor, sem antes ver Ally.

Limpei a garganta e olhei para Jamie, que suspirou e balançou a cabeça para mim.

— Hã... receio que a srta. Brown ouviu falar de seu compromisso anterior — eu disse delicadamente.

— Hein? — Isaiah pareceu não entender e Jamie fez um ruído de irritação.

— Ela quer dizer que a moça sabe que você já tem uma esposa — ele disse sem rodeios — e, se o pai dela não o matar na hora, talvez ela o esfaquee no coração. E, se nenhuma das duas tentativas for bem-sucedida — ele continuou, empertigando-se em toda a sua altura, — estou inclinado a fazer o serviço eu mesmo, com minhas próprias mãos. Que tipo de homem ficaria rondando uma jovem e a engravidaria, sem sequer ter o dever de dar um nome à criança?

Isaiah Morton empalideceu visivelmente, mesmo à luz turva.

— Grávida?

— Está — eu disse, com absoluta frieza.

— Está — Jamie repetiu. — E agora, seu pequeno bígamo, é melhor você ir embora antes que...

Parou de falar abruptamente, quando a mão de Isaiah saiu de baixo da capa, apontando uma pistola. Perto como ele estava, pude ver que estava carregada e engatilhada.

— Sinto muito, senhor — ele disse, desculpando-se. Umedeceu os

lábios, olhando de Jamie para mim e de novo para Jamie. — Eu não lhe faria nenhum mal, senhor, nem certamente à sua esposa. Mas, sabe, eu tenho que ver a Ally. — Suas feições um tanto gorduchas firmaram-se um pouco, embora seus lábios parecessem inclinados a tremer. Ainda assim, ele apontou a pistola para Jamie com decisão.

— Senhora — ele me disse, — faça-me um favor: poderia entrar lá na casa e trazer Ally aqui? Nós... esperaremos aqui, o coronel e eu.

Eu não tivera tempo para ter medo. Não estava realmente com medo agora, embora estivesse sem fala de perplexidade.

Jamie fechou os olhos brevemente, como se rezasse para ter forças. Em seguida, abriu-os e suspirou, seu hálito uma nuvem branca no ar frio.

— Abaixе essa arma, idiota — ele disse, quase amavelmente. — Sabe muito bem que não vai atirar em mim, e eu também sei.

Isaiah comprimiu tanto os lábios quanto o dedo no gatilho, e eu prendi a respiração. Jamie continuou a fitá-lo, seu olhar um misto de censura e pena. Finalmente o dedo relaxou e o cano da pistola se abaixou, bem como os olhos de Isaiah.

— Eu tenho que ver Ally, coronel — ele disse baixinho, olhando para o chão.

Respirei fundo e ergui os olhos para Jamie. Ele hesitou, depois assentiu.

— Está bem, Sassenach. Tome cuidado, sim?

Assenti e virei-me para entrar sorrateiramente na casa, ouvindo Jamie sussurrar alguma coisa em gaélico atrás de mim, no sentido geral de que ele devia ter perdido a cabeça.

Não sei se tinha, mas eu também sentira a força do pedido de Morton. Mas, se algum dos Brown descobrisse este encontro, as consequências seriam terríveis — e não iria ser apenas Morton quem iria pagar por isso.

O assoalho dentro da casa estava apinhado de corpos adormecidos enrolados em cobertores, embora alguns homens ainda se aglomerassem ao redor do fogo, mexericando e passando uma jarra de alguma bebida alcoólica entre eles. Olhei atentamente, mas felizmente Richard Brown não estava entre eles.

Atravessei o aposento, pisando cuidadosamente entre os corpos e por cima deles no chão e, ao passar, espregitei a cama que ficava junto à parede. Richard Brown e sua mulher estavam encolhidos nela, profundamente adormecidos, as toucas noturnas puxadas sobre as orelhas, embora a casa estivesse bastante quente, com todo o calor corporal preso ali dentro.

Só havia um lugar em que Alicia Brown poderia estar e eu abri a porta da escada para o sótão, o mais silenciosamente possível. Fez pouca diferença; ninguém junto ao fogo prestou a menor atenção. Um dos homens parecia estar tentando fazer Hiram beber diretamente da jarra, com algum sucesso.

Em contraste com a sala embaixo, o sótão estava muito frio. Isso porque a pequena janela estava aberta e bastante neve havia penetrado por ela, juntamente com um vento gelado. Alicia Brown estava deitada na neve acumulada sob a janela, completamente nua.

Aproximei-me e fiquei olhando-a. Estava deitada de costas, rigidamente, os braços cruzados sobre o peito. Estava tremendo e seus olhos estavam fechados com força numa feroz concentração. Obviamente ela não ouvira meus passos, acima do barulho lá de baixo.

— O que, em nome de Deus, você está fazendo? — perguntei educadamente.

Seus olhos arregalaram-se e ela deu um gritinho. Em seguida, tampou a própria boca e sentou-se abruptamente, fitando-me.

— Já ouvi falar de muitas maneiras novas de induzir um aborto — eu lhe disse, pegando um acolchoado da cama e colocando-o ao redor de seus ombros, — mas morrer congelada não é uma delas.

— Se eu e-estiver m-morta, não p-precisarei a-abortar — ela disse, com certa lógica. Ainda assim, puxou a colcha ao redor do corpo, tiritando.

— Também não é a melhor maneira de cometer suicídio, na minha opinião — eu disse. — Embora eu não queira criticá-la. De qualquer modo, você não pode fazer isso agora; o sr. Morton está lá fora, na meia-água, e se recusa a ir embora até você descer para falar com ele; portanto, é melhor você se levantar e vestir alguma coisa.

Seus olhos arregalaram-se e ela se pôs de pé atabalhoadamente, os músculos tão enrijecidos com o frio, que ela cambaleou desastradamente e teria levado um tombo se eu não a tivesse segurado pelo braço. Ela não disse nada mais, mas se vestiu tão rapidamente quanto seus dedos entorpecidos permitiam, enrolando-se numa capa grossa.

Seguindo à risca o pedido de Jamie para eu tomar cuidado, enviei-a sozinha para baixo. Sozinha, pensariam apenas que ela estaria indo à latrina — se alguém percebesse sua saída. Nós duas juntas, poderiam suscitar-se comentários.

Deixada sozinha no sótão escuro, enrolei-me ainda mais em minha própria capa e fui para a janela estreita para esperar os poucos

minutos necessários até eu poder sair também. Ouvi a batida abafada da porta fechando-se embaixo, mas não podia ver Alicia daquele ângulo alto. A julgar pela sua reação ao meu chamado, ela não pretendia esfaquear Isaiah no coração, mas só Deus sabia o que realmente os dois pretendiam.

As nuvens haviam se dissipado e a paisagem gelada estendia-se diante de mim, brilhante e fantasmagórica sob uma lua minguante. Do outro lado da estrada, o abrigo dos cavalos estava às escuras, manchado com montículos de neve. O ar se modificara, como Jamie dissera, e, aquecidos pelo hálito dos cavalos, grandes pedaços de neve se descongelando deslizavam pelo telhado e caíam subitamente no chão.

Apesar do meu aborrecimento com os jovens amantes e dos laivos de cômico absurdo que envolviam toda a situação, não pude deixar de sentir certa simpatia por eles. Pareciam tão sinceros, concentrados apenas um no outro.

E a mulher desconhecida de Isaiah?

Arqueei os ombros, estremecendo ligeiramente por baixo da capa. Eu deveria desaprovar — de fato, eu desaprovava, — mas ninguém conhecia a verdadeira natureza de um casamento, a não ser os envolvidos. E, se eu tinha consciência do meu próprio telhado de vidro, não devia atirar pedras no dos outros. Quase abstraidamente, toquei o metal liso da minha aliança de ouro.

Adultério. Fornicação. Traição. Desonra. As palavras caíam suavemente em minha mente, como bolos de neve deixando pequenos buracos escuros, sombras ao luar.

Justificativas podiam ser encontradas, é claro. Eu não buscara o que aconteceu comigo, havia lutado contra isso, não tivera escolha. Exceto que, no fim, a pessoa sempre tem escolha. Eu fizera a minha e tudo que se seguira fora consequência da minha escolha.

Bri, Roger, Jemmy. Qualquer filho que tivessem no futuro. Todos eles estavam aqui, de uma forma ou de outra, pelo que eu escolhera fazer, naquele dia distante em Craigh na Dun.

Você se preocupa demais. Frank me dissera isso inúmeras vezes. Em geral, em tom de desaprovação, querendo dizer que eu fazia coisas que ele preferia que eu não fizesse. Mas, de vez em quando, com carinho, querendo aliviar um pouco o meu fardo.

Era com carinho que o pensamento me vinha agora, quer verdadeiro ou apenas lembrado pela minha memória exausta pelo conforto que as palavras encerram. Todos fazem escolhas e ninguém sabe qual será o resultado de nenhuma delas. Se a minha era culpada por muitas coisas, não era culpada por tudo. Nem tudo que se

sucedera fora ruim.

Até que a morte nos separe. Muita gente fizera esses votos, abandonando-os ou traindo-os em seguida. No entanto, me ocorreu que nem a morte, nem a escolha consciente dissolvia esses laços. Para o melhor e para o pior, eu amara dois homens e uma parte de ambos sempre estaria comigo.

O espantoso, suponho, era que, embora eu muitas vezes sentisse um pesar profundo e doloroso pelo que fizera, nunca senti culpa. Com a escolha tão longe no passado, agora talvez eu sentisse.

Eu me desculpara com Frank milhares de vezes e nem uma vez eu lhe pedira perdão. Ocorreu-me de repente que ele, ainda assim, me perdoara — até onde lhe era possível. O sótão estava escuro, salvo por débeis linhas de luz que penetravam pelas frestas do assoalho, mas já não parecia vazio.

Sacudi-me abruptamente, arrancada dos meus pensamentos por um movimento súbito embaixo. Silenciosas como renas voadoras, duas figuras escuras atravessaram correndo o campo de neve, de mãos dadas, as capas voando como nuvens ao redor. Hesitaram por um instante fora do abrigo dos cavalos, depois desapareceram lá dentro.

Inclinei-me sobre o peitoril da janela, alheia aos cristais de neve sob as palmas de minhas mãos. Pude ouvir o barulho dos cavalos despertando; relinchos e batidas de cascos no chão chegaram claramente até mim pelo ar límpido. Os sons na casa embaixo haviam diminuído; de repente, um balido claro e alto atravessou as tábuas do assoalho, quando Hiram sentiu a agitação dos cavalos.

Ouviram-se novos risos embaixo, temporariamente abafando os sons do outro lado da rua. Onde estava Jamie? Inclinei-me mais para fora, o vento inflando o capuz da minha capa, lançando uma rajada de gelo no meu rosto.

Lá estava ele. Uma figura alta e escura, atravessando a neve na direção do abrigo, mas caminhando devagar, chutando nuvens brancas de gelo fino. O que... mas logo compreendi que ele estava seguindo a trilha dos amantes, deliberadamente pisoteando e chutando a neve para apagar um rastro que poderia contar sua história claramente a qualquer dos rastejadores embaixo na casa.

Um buraco apareceu repentinamente no abrigo coberto de folhagens, quando uma parte da parede de galhos ruiu. Nuvens de vapor revolveram-se no ar e, em seguida, um cavalo emergiu, carregando dois cavaleiros, e partiu para oeste, passando da marcha ao trote, depois ao galope. A neve não estava funda; não mais do que oito ou dez centímetros. Os cascos dos cavalos deixavam um nítido rastro escuro, descendo a estrada.

Um relincho agudo ergueu-se do abrigo, seguido de outro. Sons alarmados vieram de baixo, pancadas surdas e pés se arrastando, conforme os homens rolavam para fora de seus cobertores ou lançavam-se sobre suas armas. Jamie havia desaparecido.

Todos ao mesmo tempo, os cavalos irromperam do abrigo, derrubando a parede e pisoteando os galhos caídos. Bufando, relinchando, dando coices e empurrando uns aos outros, arremessaram-se na estrada num caos de crinas esvoaçantes e olhos revirados. O último deles saltou para fora do abrigo e uniu-se à fuga, a cauda espanando para se livrar do chicote que açoitou sua anca.

Jamie atirou longe o chicote e agachou-se de novo no abrigo, exatamente quando a porta da cabana se escancarou, derramando uma luz dourada e pálida sobre a cena.

Aproveitei a oportunidade da comoção geral para descer correndo as escadas sem ser vista. Todos estavam lá fora; até a sra. Brown havia corrido para fora, de touca de dormir e tudo, deixando as colchas quase fora da cama. Hiram, cheirando fortemente a cerveja, oscilou e baliu como um bêbado para mim quando passei por ele, os olhos amarelos úmidos e protuberantes com a convivência.

Do lado de fora, a estrada estava cheia de homens seminus, correndo de um lado para o outro e agitando os braços. Avistei Jamie no meio da multidão, gesticulando com alguns deles. Entre a algazarra de perguntas e comentários, ouvi fragmentos como "assustados"... "pantera?"... "desgraçados!" e assim por diante.

Após alguns instantes movendo-se em círculos e argumentando-se incoerentemente, concordou-se unanimemente que os cavalos acabariam voltando por conta própria. Metade deles estava maneada e não pôde ir muito longe, e a neve era soprada das árvores em redemoinhos de gelo; o vento penetrava através de cada dobra das roupas com seus dedos gelados.

— Você ficaria fora numa noite como esta? — Roger perguntou, com razão. Ficando decidido, de um modo geral, que nenhum homem o faria — e sendo os cavalos, senão totalmente lógicos, certamente criaturas sensatas, — o grupo começou aos poucos a voltar para a casa, tremendo e resmungando quando o calor da agitação começou a arrefecer.

Entre os últimos extraviados, Jamie virou-se na direção da casa e me viu, ainda parada no alpendre. Seus cabelos estavam soltos e a luz da porta aberta iluminava-os como uma tocha. Nossos olhos se encontraram, ele revirou os dele para o céu e ergueu levemente os ombros.

Coloquei os dedos frios nos lábios e soprei-lhe um pequeno beijo

gelado.

PARTE IV

Não Ouço Música mas o Som de Tambores



EM CASA PARA O NATAL

— O que você teria feito? — Brianna perguntou. Ela se virou, movendo-se cuidadosamente no espaço confinado da cama do sr. Wemyss, e apoiou o queixo confortavelmente no côncavo do ombro de Roger.

— O que eu teria feito sobre o quê? — Aquecido pela primeira vez em semanas, empanturrado com um dos jantares da sra. Bug e tendo finalmente alcançado o nirvana de uma hora de privacidade com sua mulher, Roger sentia-se agradavelmente sonolento e distante.

— Sobre Isaiah Morton e Alicia Brown.

Roger deu um bocejo de estalar os maxilares e aconchegou-se mais fundo no colchão de palha de milho que farfalhava ruidosamente sob eles. Achava que a casa inteira tinha ouvido os dois antes, mas, na verdade, não se importava. Ela havia lavado os cabelos por sua volta ao lar; eles agora se espalhavam em ondas pelo seu peito, um brilho sedoso na claridade turva da lareira. Era apenas final de tarde, mas as persianas estavam fechadas, dando a agradável ilusão de que estivessem dentro de uma pequena caverna particular.

— Não sei, o que seu pai fez, eu creio; o que mais? Seus cabelos estão com um cheiro delicioso. — Ele alisou uma mecha entre os dedos, admirando o brilho.

— Obrigada. Usei um pouco daquela mistura que mamãe faz de óleo de nozes e calêndula. E a pobre mulher de Isaiah em Granite Falis?

— O que tem ela? Jamie não podia forçar Morton a voltar para ela, presumindo-se que ela o queira de volta — ele acrescentou de maneira lógica. — E a jovem, Alicia, estava evidentemente mais do que ansiosa para partir com ele; certamente seu pai não poderia provocar uma comoção por Morton fugir com ela, a menos que quisesse ver o homem morto. Se os Brown tivessem encontrado Morton lá, teriam matado o sujeito na hora e pregado seu couro na porta do celeiro.

Ele falou com convicção, lembrando-se das armas apontadas com que haviam sido recebidos em Brownsville. Ajeitou os cabelos dela para trás da orelha e ergueu a cabeça o suficiente para beijá-la entre as sobrancelhas. Imaginara isso durante dias, aquele espaço macio e pálido entre as sobrancelhas grossas. Parecia um pequeno oásis entre o

vívido perigo de suas feições; o brilho dos olhos e a linha do nariz eram mais do que atraentes, sem falar de uma testa expressiva e uma boca larga que falava por si mesma tanto pelo formato quanto pelas palavras — mas não eram nada pacíficas. Após as últimas três semanas, ele queria paz.

Afundou a cabeça de novo no travesseiro, traçando o arco severo de uma sobrancelha ruiva com o dedo.

— Acho que o melhor que ele podia fazer naquelas circunstâncias era dar aos jovens amantes uma oportunidade de fugir com segurança — ele disse. — E foi o que aconteceu. Pela manhã, a neve já se derretia em lama e, com todo o pisoteio de pessoas e cavalos, não se poderia dizer se não fora um bando de ursos que havia passado por ali, quanto mais que direção haviam tomado.

Ele falava com empolgação; o tempo se transformara repentinamente num degelo e a milícia voltara para suas casas alegremente, mas com lama até às sobrancelhas.

Brianna suspirou, seu hálito provocando um agradável arrepio na pele do seu peito. Ela levantou um pouco a cabeça, espreitando com interesse.

— O que foi? Ainda tem lama grudada em mim? — Ele tomara banho, mas apressadamente, ansioso para comer, mais ansioso ainda em ir para a cama.

— Não. É que eu gosto quando você fica arrepiado. Todos os pelos do seu peito ficam em pé, assim como seus mamilos. — Ela tocou levemente em um dos mamilos com a unha e uma nova onda de arrepio percorreu seu peito para diversão de Brianna. Ele arqueou um pouco as costas, depois relaxou. Não, ele teria que descer logo, para as tarefas da noite; ele já ouvira Jamie sair.

Hora de mudar de assunto. Ele respirou fundo, depois levantou a cabeça do travesseiro, farejando com interesse o aroma delicioso que vinha da cozinha embaixo e se infiltrava pelo assoalho.

— O que estão cozinhando?

— Um ganso. Ou gansos, uma dúzia deles. — Ele achou ter captado um estranho tom em sua voz, um laivo de pesar.

— Bem, é uma iguaria — ele disse, correndo a mão preguiçosamente pelas suas costas. Uma penugem dourada muito fina cobria suas costas e ombros, visível somente se houvesse luz de vela atrás dela, como agora. — Qual é a grande ocasião? Nossa volta?

Ela levantou a cabeça de seu peito e lançou-lhe o que ele particularmente denominava O Olhar.

— São para o Natal — ela disse.

— O quê? — Com um ar de perplexidade, ele tentou contar os dias, mas os acontecimentos das últimas três semanas haviam apagado completamente seu calendário mental. — Quando?

— Amanhã, idiota — ela disse com exagerada paciência. Ela inclinou-se e fez algo inacreditavelmente erótico com seu mamilo, depois se levantou num farfalhar de cobertas, deixando-o despojado do abençoado calor e exposto às correntes de ar frio.

— Você não viu toda a decoração com ciprestes e azevinhos lá embaixo quando entrou? Lizzie e eu fizemos os monstros Chisholm saírem conosco para cortar galhos verdes; passamos os últimos três dias fazendo guirlandas e grinaldas. — Suas palavras saíam meio abafadas, conforme ela se enfiava em sua combinação, mas ele achou que ela soava apenas incrédula, em vez de furiosa. Assim esperava.

Ele sentou-se e lançou os pés para baixo, os dedos curvando-se ao entrar em contato com as tábuas frias do assoalho. Sua própria cabana tinha um tapete de tiras de pano ao lado da cama — mas sua cabana estava cheia de Chisholms no momento, ou assim ele foi informado. Passou a mão pelos cabelos, em busca de inspiração, e encontrou-a.

— Não vi nada quando entrei, a não ser você.

Era a pura verdade e evidentemente a sinceridade era a melhor política. A cabeça de Brianna despontou pelo buraco do pescoço de sua combinação e ela lançou-lhe um olhar apertado que deu lugar a um leve sorriso quando ela viu a evidente sinceridade estampada em seu rosto.

Ela se aproximou da cama e passou os braços ao redor de seu pescoço, envolvendo sua cabeça num aroma asfixiante de calêndula, linho amaciado e... leite. Oh, sim. O garoto precisaria comer logo. Resignado, colocou os braços ao redor de seus quadris e pousou a cabeça entre os seios dela pelos poucos momentos que constituíam sua pequena parte daquela abundância.

— Desculpe-me — ele disse, as palavras abafadas em seu calor. — Eu me esqueci completamente. Eu teria trazido algo para você e Jem, se tivesse lembrado.

— Como o quê? Um pedaço do couro de Isaiah Morton? — Ela riu e soltou-o, empertigando-se para ajeitar os cabelos. Ela estava usando o bracelete que ele lhe dera em outra véspera de Natal; a luz da lareira refletiu-se na prata quando ela ergueu o braço.

— Sim, você poderia encapar um livro com ele, por exemplo. Ou fazer um par de pequenas botas para Jem. — Fora uma longa viagem, homens e cavalos tentando vencer o cansaço, ansiosos para chegarem a casa. Ele se sentia lânguido e ele próprio não desejaria nenhum outro presente mais do que voltar para a cama com ela, aconchegados

no calor um do outro, deixando-se levar para as convidativas profundezas do sono profundo e dos sonhos amorosos. Mas o dever chamava; bocejou, pestanejou e levantou-se.

— Então os gansos são para nosso jantar desta noite? — ele perguntou, agachando-se para remexer na pilha de roupas descartadas, duras de lama, que ele havia tirado antes. Ele devia ter uma camisa limpa em algum lugar, mas, com os Chisholm em sua cabana e Bri e Jem temporariamente alojados ali no quarto dos Wemyss, ele não fazia a menor ideia de onde estariam seus próprios pertences. De qualquer forma, não fazia sentido vestir uma roupa limpa só para ir limpar um curral e alimentar cavalos. Ele faria a barba e trocaria de roupa antes do jantar.

— Um-hum. A sra. Bug tem metade de um porco assando lá fora para o jantar de Natal de amanhã. Mas eu cacei os gansos ontem e ela queria usá-los frescos. Nós torcíamos para que vocês chegassem a tempo.

Ele olhou para ela, percebendo o mesmo tom de pesar em sua voz.

— Você não gosta de ganso? — ele perguntou. Ela abaixou os olhos para ele, com uma expressão estranha.

— Nunca comi — ela respondeu. — Roger?

— Sim?

— Eu estava pensando. Eu queria lhe perguntar se você sabia...

— Se eu sei o quê?

Ele movia-se devagar, ainda envolvido num agradável nevoeiro de exaustão, amor e sexo. Ela já se vestira, escovara os cabelos e os arrumara para cima num perfeito coque na nuca, tudo no tempo que ele levava para desembaraçar suas meias e calças. Ele sacudiu as calças distraidamente, lançando uma chuva de fragmentos de lama seca tamborilando pelo chão.

— Não faça isso! O que há com você? — Ruborizada com repentina irritação, ela arrancou as calças de sua mão. Abriu as persianas e inclinou-se para fora, sacudindo as calças violentamente por cima do parapeito. Trouxe as calças para dentro outra vez com um safanão e atirou-as na direção dele; ele mergulhou para frente para apanhá-las.

— Hei. O que há com você?

— O que há comigo? Você joga terra por todo o chão e acha que há alguma coisa errada comigo?

— Desculpe-me. Não pensei...

Ela emitiu um ruído do fundo da garganta. Não foi muito alto, mas era ameaçador. Obedecendo a um arraigado reflexo masculino, ele

enfiou uma perna nas calças. O que quer que estivesse acontecendo, era melhor ele enfrentar de calças. Puxou-as rapidamente para cima, falando rápido.

— Olhe, desculpe-me por não ter me lembrado do Natal. Foi... havia muitas coisas importantes para tratar e perdi a conta dos dias. Vou compensá-la. Talvez quando formos a Cross Creek para o casamento de sua tia. Eu poderia...

— Para o inferno com o Natal!

— O quê? — Ele parou, as calças abotoadas até a metade. Era crepúsculo de inverno e já estava escuro no quarto, mas, mesmo à luz de velas, ele podia ver a cor subindo ao seu rosto.

— Para o inferno com o Natal, para o inferno com Cross Creek... e para o maldito inferno com você, também! — Ela enfatizou essa última parte com uma saboneteira de madeira de cima do lavatório, que zuniu rente à sua orelha esquerda e bateu com toda força na parede atrás dele.

— Espere aí um minuto, merda!

— Não fale assim comigo!

— Mas você...

— Você e suas "coisas importantes"! — A mão dela fechou-se sobre a grande jarra de porcelana e ele se retesou, preparado para agachar-se, mas ela pensou melhor e soltou a mão.

— Eu passei o último mês inteiro aqui, só vendo roupa suja, cocô de criança, mulheres histéricas e crianças encapetadas enquanto você estava longe fazendo "coisas importantes", depois você entra aqui, marchando coberto de lama, e pisoteia todo o chão limpo sem sequer notar que ele estava limpo, para início de conversa! Você faz alguma ideia de como é difícil esfregar um assoalho de pinho de joelhos no chão? Com sabão detergente! — Ela acenou as mãos para ele acusadoramente, mas rápido demais para ele ver se estavam cobertas de dolorosas rachaduras, machucadas nos pulsos ou meramente avermelhadas.

— ...E você nem mesmo quer ver seu filho ou ouvir qualquer coisa sobre ele. Pois saiba que ele aprendeu a engatinhar, e eu queria lhe mostrar, mas tudo que você queria era ir para a cama e nem sequer se deu ao trabalho de fazer a barba primeiro...

Roger sentiu-se como se tivesse entrado no meio das pás de um ventilador grande e girando a toda velocidade. Coçou a barba curta, sentindo-se culpado.

— Eu... ah... pensei que você quisesse...

— Eu queria! — Ela bateu o pé, levantando uma pequena nuvem

de poeira da lama esfarelada. — Isso não tem nada a ver!

— Está bem. — Ele abaixou-se para pegar a camisa, mantendo um olhar cauteloso nela. — Então você está brava comigo porque eu não notei que você havia limpado o assoalho, é isso?

-Não!

— Não — ele repetiu. Respirou fundo e tentou outra vez. — Então foi mesmo porque eu esqueci o Natal?

-Não!

— Você está com raiva porque eu quis fazer amor com você, embora você também quisesse?

— NÃO! Quer calar a boca?

Roger sentiu-se muito tentado a atender a esse pedido, mas uma vontade teimosa de chegar ao âmago da polêmica o fez continuar.

— Mas eu não compreendo por que...

— Sei que não compreende! Esse é o problema!

Ela girou nos calcanhares descalços e saiu batendo os pés até a arca que estava junto à janela. Abriu a tampa com uma forte pancada e começou a remexer lá dentro, com uma série de grunhidos e resmungos.

Ele abriu a boca, fechou-a de novo e enfiou a camisa suja pela cabeça. Sentia-se ao mesmo tempo irritado e culpado, uma péssima combinação. Terminou de se vestir numa atmosfera de carregado silêncio, considerando— e rejeitando — possíveis observações e perguntas, todas as quais pareciam prováveis de inflamar ainda mais a situação.

Ela encontrara suas meias, calçou-as furiosamente e prendeu-as com ligas em pequenos movimentos bruscos; em seguida, enfiou os pés num par de tamancos surrados. Depois ficou parada diante da janela aberta, respirando fundo, como se estivesse prestes a iniciar uma série de exercícios físicos no exército.

Sentiu vontade de fugir enquanto ela não estivesse olhando, mas ele não podia simplesmente ir embora, enquanto houvesse alguma coisa errada — o que quer que fosse — entre eles. Ele ainda podia sentir a intimidade que haviam acabado de compartilhar, menos de quinze minutos atrás, e não podia acreditar que essa sensação houvesse simplesmente desaparecido no ar.

Aproximou-se dela por trás lentamente e colocou as mãos em seus ombros. Ela não girou nos calcanhares, tentando pisotear seu pé ou lhe dar uma joelhada no saco, então ele resolveu correr o risco de beijá-la de leve na nuca.

— Você ia me perguntar alguma coisa sobre gansos.

Ela respirou fundo e soltou o ar com um suspiro, relaxando um pouco contra ele. Sua raiva parecia ter desaparecido tão rapidamente quanto surgira, deixando-o estupefato, mas aliviado. Passou os braços pela sua cintura e puxou-a para trás, contra ele.

— Ontem — ela disse, — a sra. Abernathy queimou os biscoitos do café da manhã.

— Oh. Foi mesmo?

— A sra. Bug acusou-a de estar preocupada demais com as fitas dos cabelos da filha para prestar atenção ao que estava fazendo. Criticou-a por ter colocado mirtilos nos biscoitos de soro de leite.

— Por que não se pode pôr mirtilos nos biscoitos de soro de leite?

— Não faço a menor ideia. Mas a sra. Bug acha que não se deve pôr. Depois Billy MacLeod caiu da escada e ninguém conseguia encontrar a mãe dele... que tinha ido à latrina e ficara entalada... e...

— Ela o quê? — A sra. MacLeod era baixa e robusta, mas tinha uma retaguarda bem definida, com um traseiro como duas bolas de canhão em uma saca. Era bem fácil imaginar tal acidente acontecendo com ela, e Roger sentiu uma risada subindo aos borbotões pelo seu peito. Tentou reprimi-la com todas as forças, mas ela emergiu pelo seu nariz fazendo-o resfolegar dolorosamente.

— Não devíamos rir. Ela ficou cheia de farpas. — Apesar dessa admoestação, a própria Brianna estremecia contra ele, tremores de riso embargando sua voz.

— Santo Deus. E depois?

— Bem, Billy estava gritando, ele não quebrou nada, mas bateu a cabeça com força, e a sra. Bug lançou-se da cozinha com sua vassoura, gritando porque pensou que estávamos sendo atacados por índios, e a sra. Chisholm foi procurar a sra. MacLeod e começou a gritar da latrina e... bem, de qualquer modo, os gansos surgiram no meio desse tumulto e a sra. Bug olhou para o teto com os olhos arregalados, depois exclamou: "Gansos!", mas tão alto, que todos pararam de gritar. Ela correu ao gabinete de papai, voltou com a espingarda de chumbinho e enfiou-a na minha mão.

Ela relaxara um pouco contando a história. Resfolegou e recostou-se nele.

— Eu estava tão furiosa, que realmente queria matar alguma coisa. E havia muitos gansos, podiam-se ouvi-los gritando por todo o céu.

Ele também vira os gansos. Formas em V, negras, movimentando-se nas correntes de ar mais elevadas, como uma flecha cortando o céu de inverno. Também os ouvira gritar, com uma estranha sensação de

solidão no coração, e desejou que ela estivesse ali ao seu lado.

Todos correram para fora, para ver; as endiabradas crianças Chisholm e dois dos semisselvagens cães dos Chisholm correram para o meio das árvores, com ganidos e latidos de empolgação, para trazer os gansos abatidos, enquanto Brianna atirava e recarregava, o mais rápido possível.

— Um dos cachorros pegou um deles e Toby tentou arrancá-lo dele, o cachorro mordeu-o e ele corria como um louco pelo pátio berrando que seu dedo fora arrancado, e ele estava todo sujo de sangue, e ninguém conseguia fazê-lo parar para ver se o dedo fora realmente arrancado, e mamãe não estava aqui, e a sra. Chisholm estava no córrego com os gêmeos...

Ela estava ficando tensa outra vez e ele pôde ver seu sangue subindo novamente, deixando sua nuca vermelha. Ele apertou sua cintura com mais força.

— E o dedo afinal foi arrancado?

Ela parou e respirou fundo, depois virou a cabeça e olhou-o por cima do ombro, o rubor arrefecendo um pouco de seu rosto.

— Não. A pele nem foi dilacerada; era sangue do ganso.

— Ah, bem. Você se saiu bem, hein? A despensa está cheia, nenhum dedo se perdeu... e a casa ainda está de pé.

Ele falou em tom de brincadeira e ficou surpreso ao sentir que ela soltava um profundo suspiro, um pouco da tensão abandonando-a.

— Sim — ela disse, e sua voz denotava um tom de inegável satisfação. — É verdade. Todos presentes e em bom estado... e todos bem alimentados. Com o mínimo derramamento de sangue — ela acrescentou.

— Bem, é verdade o que dizem sobre omeletes e ovos, hein? — Ele riu e inclinou-se para beijá-la, mas lembrou-se de sua barba. — Oh, desculpe-me. Vou fazer a barba, sim?

— Não. — Ela virou-se quando ele a soltou e passou a ponta do dedo pelo seu maxilar. — Eu até que gosto dela. Além do mais, você pode fazer isso mais tarde, não é?

— Sim, posso. — Ele inclinou a cabeça e beijou-a delicadamente, mas com afinho. Então era isso? Ela só queria que ele dissesse que ela se saíra bem, tendo ficado sozinha para administrar o lugar? Se fosse isso, ela realmente merecia, ele pensou. Ele sabia que ela não ficara apenas sentada junto à lareira cantando canções de ninar para Jemmy em sua ausência — mas ele não imaginara os detalhes sangrentos.

O perfume de seus cabelos e o almíscar de seu corpo rodeavam-no, mas, ao respirar fundo para senti-los ainda mais, ele percebeu que o

quarto cheirava a zimbro e bálsamo também, além do cheiro adocicado das velas de cera de abelha. Não apenas uma; havia três delas, espalhadas pelo quarto em castiçais. Normalmente, ela teria acendido uma lamparina, economizando as valiosas velas, mas o pequeno quarto resplandecia agora com uma suave luz dourada; ele percebeu que essa incandescência os havia iluminado enquanto faziam amor, deixando-o com recordações de castanho-avermelhado e marfim, da penugem dourada que a cobria como a pele de um leão, dos tons ensombreados de vermelho e roxo de seus lugares secretos, do contraste da palidez de seu corpo com sua própria pele morena. Lembranças que resplandeciam vividamente contra lençóis brancos em sua mente.

O chão estava realmente limpo — ou estivera. As tábuas de pinho branco esfregadas e, nos cantos, alecrim seco espalhado. Ele podia ver a cama desarrumada pelo lado de sua cabeça e percebeu que ela a havia arrumado com lençóis de linho limpos e uma nova colcha. Ela se preocupara em preparar tudo para a sua volta. E ele chegara intempestivamente, orgulhoso de suas aventuras, esperando elogios pela façanha de voltar vivo e não notando nada disso — cego a tudo em sua premente necessidade de colocar as mãos nela e sentir seu corpo sob o seu.

— Ei — ele disse suavemente em seu ouvido. — Eu posso ser um tolo mas eu a amo, sim?

Ela suspirou profundamente, os seios empurrando-se contra seu peito nu, quentes mesmo através do tecido da combinação e do vestido. Estavam firmes; enchendo-se de leite, mas não duros ainda.

— Sim, você é — ela disse com franqueza, — mas eu também o amo. E estou feliz por estar de volta em casa.

Ele riu e soltou-a. Havia um galho de zimbro enfiado acima da janela, pesado com suas frutinhas verde-azuladas. Ele estendeu a mão e quebrou um galhinho, beijou-o e enfiou-o pela gola de seu vestido, entre os seios, como um símbolo de trégua — e de desculpas.

— Feliz Natal. Agora, o que você ia me dizer sobre os gansos?

Ela colocou a mão no galhinho de zimbro, um sorriso esboçando-se no rosto, depois desaparecendo.

— Oh. Bem... Não é importante. É só que... — Ele seguiu a direção do seu olhar, virou-se e viu a folha de papel, em pé atrás da bacia no lavatório.

Era um desenho, feito a carvão; gansos selvagens contra um céu tempestuoso, lutando contra o ar acima de uma faixa de copas de árvores fustigadas pelo vento. Era um belo desenho, e vendo-o sentiu a mesma sensação estranha no coração que sentira ao ouvir os

próprios gansos — parte alegria, parte pesar.

— Feliz Natal — Brianna disse suavemente, por trás dele. Veio postar-se ao seu lado, passando a mão pelo seu braço.

— Obrigado. E... meu Deus, Bri, você é boa nisso. — Era mesmo. Ele inclinou-se e beijou-a, com força, precisando fazer alguma coisa para amenizar a sensação de angústia que assombrava o papel em sua mão.

— Olhe o outro. — Ela afastou-se um pouco dele, ainda segurando seu braço, e fez um sinal com a cabeça indicando o lavatório.

Ele não havia percebido que havia dois deles. O outro desenho estivera por trás do primeiro.

Ela realmente era muito boa. O suficiente para gelar o sangue em seu coração. O segundo desenho também era a carvão, os mesmos traços austeros, negros, brancos e cinzas. No primeiro, ela vira a vida selvagem no céu e registrou-a: ansiedade e coragem, esforço suportado na fé, em meio ao vazio do ar e da tempestade. Neste, ela vira a imobilidade.

Era um ganso morto, pendurado pelos pés, as asas semiestendidas. O pescoço flácido e o bico semiaberto, como se, mesmo na morte, ele buscasse o voo e o grasnido barulhento da companhia de seus companheiros. As linhas eram graciosas, os detalhes das penas, do bico, dos olhos vazios, eram primorosos. Ele nunca vira nada tão bonito, nem tão desolado, em toda a sua vida.

— Eu o desenhei ontem à noite — ela disse baixinho. — Todos estavam dormindo, mas eu não conseguia dormir.

Ela pegara um castiçal e vagara pela casa apinhada de estranhos, desassossegada, saindo finalmente apesar do frio, buscando solidão, se não paz, na escuridão gelada das construções anexas. Na cabana de defumação, à luz das brasas, ficou impressionada com a beleza dos gansos pendurados, a plumagem limpa, preta e branca, destacando-se contra a parede escura de fuligem.

— Verifiquei se Jemmy estava profundamente adormecido, depois levei minha caixa de material para lá e desenhei, até meus dedos ficarem gelados demais para segurar o carvão. Esse foi o melhor. — Indicou o desenho com um movimento da cabeça, os olhos distantes.

Pela primeira vez, ele viu as sombras azuis em seu rosto e imaginou-a à luz da vela, tarde da noite e inteiramente sozinha, desenhando gansos mortos. Ele a teria tomado nos braços naquele momento, mas ela virou-se, dirigindo-se à janela, onde as persianas haviam começado a bater.

O degelo diminuía, para ser seguido de um vento glacial que

arrancava as últimas folhas secas das árvores e lançava bolotas de carvalho e ouriços de castanheira pelo ar, martelando no telhado como descarga de chumbinho. Ele a seguiu, passou por ela para fechar as persianas e amarrá-las contra o vento inclemente.

— Papai me contou histórias, enquanto eu estava... enquanto eu estava esperando Jemmy. Eu não prestava muita atenção — o canto de sua boca torceu-se com ironia, — mas um pouco aqui e ali ficou gravado.

Ela virou-se e recostou-se contra as persianas, as mãos agarradas ao peitoril às suas costas.

— Ele disse que, quando um caçador mata um ganso cinza, ele deve esperar junto ao corpo, porque eles só têm um parceiro para toda a vida e, se você mata apenas um, o outro vai lamentar a perda até ele mesmo morrer. Então você deve esperar e, quando o parceiro chegar, você o mata também.

Seus olhos fitavam os dele, sombrios, mas as chamas das velas acendiam lampejos de azul em suas profundezas.

— O que eu fiquei pensando foi... todos os gansos serão assim? Não apenas os gansos cinza? — Ela indicou os desenhos com a cabeça.

Ele a tocou e limpou a garganta. Queria reconfortá-la, mas não ao preço de uma mentira fácil.

— Talvez. Mas eu não sei ao certo. Você está preocupada, então, com os parceiros dos gansos que matou?

Os lábios macios e pálidos comprimiram-se, depois relaxaram.

— Preocupada, não. Apenas... não pude deixar de pensar nisso depois Sobre eles voando... sozinhos. Você estava longe... e eu não pude deixar de pensar... quero dizer, eu sabia que você estava bem, desta vez, mas da próxima vez, você pode não voltar... bem, não importa. É bobagem. Não se preocupe com isso.

Ela se levantou e teria passado por ele para atravessar o quarto, mas ele enlaçou-a e a reteve, puxando-a para junto de si, de modo que ela não pudesse ver seu rosto.

Ele sabia que ela não precisava dele — nem para fazer feno, nem para arar, nem para caçar para si. Se necessário, ela mesma poderia fazer tudo isso — ou encontrar outro homem. No entanto... os gansos selvagens disseram que ela precisava dele, choraria sua perda, se acontecesse. Talvez para sempre. Em seu atual estado de espírito, tão vulnerável, saber disso parecia uma grande dádiva.

— Gansos — ele disse, finalmente, a voz abafada em seus cabelos. — Meus vizinhos criavam gansos quando eu era pequeno. Grandes e brancos. Seis deles; andavam em bando, grasnando, com o bico

empinado. Aterrorizavam os cachorros, as crianças e as pessoas que passavam na rua.

— Eles o aterrorizavam? — Seu hálito fez cócegas na sua clavícula.

— Oh, sim. O tempo todo. Quando brincávamos na rua, eles vinham correndo, grasnando, nos bicavam e nos atacavam com as asas. Quando eu queria ir para o quintal brincar com algum amigo, a sra. Graham tinha que ir, também, para espantar os danados para seu próprio quintal com uma vassoura. Um dia, o leiteiro chegou quando eles estavam no jardim da frente da casa. Eles o atacaram e o leiteiro saiu correndo em disparada para sua carroça... Os cavalos se assustaram com toda aquela algazarra e pisotearam dois dos gansos, deixando-os mais achatados do que panquecas. As crianças na rua ficaram empolgadas.

Ela ria contra seu ombro, um pouco chocada, mas achando graça.

— O que aconteceu depois?

— A sra. Graham pegou-os e depenou-os, e nós comemos torta de ganso a semana inteira — ele disse, de modo prático. Endireitou-se e sorriu para ela. Ela estava corada e animada. — Isso é o que eu sei sobre gansos. São pestinhas malvados, mas saborosos.

Virou-se e pegou seu casaco manchado de lama do chão.

— Muito bem. Deixe-me ajudar seu pai com o serviço e depois quero ver como você ensinou meu filho a engatinhar.

AMULETOS

Toquei a superfície branca e brilhante com a ponta do dedo, depois esfreguei os dedos uns nos outros, de forma avaliadora.

— Não há absolutamente nada mais gorduroso do que gordura de ganso — eu disse, com aprovação. Limpei os dedos no avental e peguei uma colher grande.

— Nada melhor para uma boa massa de torta — a sra. Bug concordou. Ela estava na ponta dos pés, observando enciumada enquanto eu dividia a macia gordura branca, passando-a da panela para duas grandes jarras de cerâmica; uma para a cozinha, outra para o consultório.

— Vamos ter uma boa torta de carne de veado para o Hogmanay — ela disse, estreitando os olhos enquanto imaginava as perspectivas para o Ano-novo.

— Haggis — um embutido de miúdos de carneiro, — com cullen skink — a sopa escocesa de peixe e batatas — e um pouco de com crowdie — o mingau de farinha de milho — ...e uma enorme torta de passas com geléia e creme azedo para sobremesa!

— Maravilha! — murmurei. Meus próprios planos imediatos para a gordura de ganso envolviam uma pomada de salsaparrilha selvagem e doce-amarga para queimaduras e escoriações, um unguento mentolado para nariz entupido e peito congestionado e algo calmante e agradavelmente perfumado para assaduras de fraldas — talvez uma infusão de lavanda, com o suco de folhas de não-me-toques esmagadas.

Olhei para baixo, à procura de Jemmy; ele aprendera a engatinhar havia apenas alguns dias, mas já era capaz de uma velocidade extraordinária, em especial quando ninguém estava olhando. Mas ele estava sentado tranquilo no canto, mastigando concentrado o cavalo de madeira que Jamie esculpira para ele como presente de Natal.

Católicos como muitos eram — e nominalmente cristãos como todos eram — os escoceses das Highlands consideravam o Natal primordialmente como uma prática religiosa, em vez de uma grande ocasião festiva. Não havendo um padre ou pastor, o dia era passado como um domingo, embora com uma refeição particularmente farta e especial para comemorar a ocasião, e com uma troca de pequenos

presentes. Meu presente de Jamie fora a concha de madeira que eu estava usando agora, com um cabo entalhado com a imagem de uma folha de hortelã; eu lhe dera uma camisa nova, com um babado na gola, para ocasiões formais, uma vez que a antiga já estava bastante gasta nas costuras.

Com uma certa dose de previsão, a sra. Bug, Brianna, Marsali, Lizzie e eu havíamos feito uma enorme quantidade de balas de caramelo, que distribuímos como uma guloseima de Natal para todas as crianças ao alcance dos nossos ouvidos. O que quer que pudessem fazer aos seus dentes, tinham o benefício adicional de grudar em suas bocas e mantê-las ocupadas por longos períodos; em consequência, os adultos desfrutaram de um tranquilo Natal. Até mesmo Germain fora reduzido a uma espécie de gargarejo melódico.

Mas Hogmanay já era outro caso. Só Deus sabe de que febris raízes pagãs a comemoração do Ano-novo escocês se originara, mas havia um motivo pelo qual eu queria ter um bom lote de remédios preparados com antecedência — a mesma razão pela qual Jamie estava agora na fonte do uísque, decidindo que barris estavam suficientemente envelhecidos para não envenenar ninguém.

Resolvida a questão da gordura de ganso, restara uma boa quantidade de caldo escuro no fundo da panela, com pedacinhos de pele e de carne boiando. Vi a sra. Bug olhando-o com atenção, visões de molhos dançando em sua mente.

— Metade — eu disse severamente, pegando uma garrafa.

Ela não discutiu; apenas encolheu os ombros roliços e sentou-se novamente em seu banco, resignada.

— Mas o que você vai fazer com isso? — ela perguntou, curiosa, observando enquanto eu colocava um quadrado de musselina sobre a boca da garrafa, a fim de coar o caldo. — Gordura, sim, é uma maravilha para as pomadas. E o caldo é bom para um corpo com calafrios de febre ou a barriga ruim, sem dúvida... mas não dá para guardar, você sabe. — Uma sobancelha irregular levantou-se para mim em advertência, caso eu realmente não soubesse. — Deixe por mais de um ou dois dias e ficará azul de mofo.

— Bem, assim espero — eu lhe disse, despejando caldo na musselina. — Eu acabei de separar um bocado de pães para mofar e quero ver se ele crescerá no caldo também.

Pude ver diversas perguntas e respostas fluindo pela sua mente, todas baseadas em seu crescente temor de que essa minha mania por comida estragada estivesse aumentando e logo iria engolfar toda a produção da cozinha. Seus olhos dardejaram na direção do armário onde as tortas estavam guardadas, em seguida de novo para mim,

escuros de suspeita.

Virei a cabeça para esconder um sorriso e encontrei Adso, o gato, equilibrado nas patas traseiras em cima do banco comprido as patas dianteiras ancoradas no tampo da mesa, os grandes olhos verdes observando os movimentos da concha com irresistível fascínio.

— Ah, você também quer um pouco? — Peguei um pires da prateleira e o enchi com o caldo escuro, com pedacinhos de carne de ganso e glóbulos de gordura flutuando.

— Isto é da minha metade — assegurei à sra. Bug, mas ela sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Nem um pouquinho da sua parte, sra. Fraser — ela disse. — O belo rapaz pegou seis ratos aqui dentro nos últimos dois dias. — Ela sorriu amorosamente para Adso, que havia descido e lambia o caldo com toda a velocidade com que sua pequena língua cor-de-rosa podia se mover. — O seu gato é bem-vindo a qualquer coisa que ele queira do meu fogão.

— Ele fez isso? Esplêndido. Então ele pode vir e caçar os que existem no meu consultório. — Nós estávamos, no momento, hospedando uma praga de ratos; levados para dentro de casa por causa do inverno, eles corriam pelos rodapés como sombras após o cair da noite e, mesmo em plena luz do dia, atravessavam correndo um assoalho e saltavam de armários de louça abertos, causando pequenos surtos histéricos e louças quebradas.

— Bem, não se podem culpar os ratos — a sra. Bug observou, lançando um rápido olhar para mim. — Afinal, eles vão aonde há comida.

O laguinho de caldo já fora praticamente coado pela musselina, deixando para trás uma espessa camada de partículas flutuantes. Raspei essas sobras e coloquei-as no pires de Adso; em seguida, enchi nova concha de caldo.

— É verdade — eu disse, serenamente. — E eu lamento muito, mas o mofo é importante. É remédio, e eu...

— Oh, sim! Claro que é — ela assegurou-me apressadamente. — Eu sei disso. — Não havia nenhum tom de sarcasmo em sua voz, o que me surpreendeu. Ela hesitou, depois enfiou a mão na fenda em sua saia e dentro da espaçosa sacola de pano que levava por baixo.

— Havia um homem, que vivia em Auchterlonie, onde tínhamos nossa casa, Arch e eu, lá na vila. Ele era um bruxo, Johnnie Howlat, e as pessoas ficavam nervosas perto dele, mas o procuravam. Alguns iam durante o dia, para obter preparados de plantas, e outros iam à noite, para comprar amuletos. Conhece o tipo? — Ela lançou outro

olhar para mim e eu balancei a cabeça, um pouco incerta.

Eu conhecia o tipo de pessoa de quem ela falava; alguns feiticeiros escoceses lidavam não só com remédios — os "preparados" que ela mencionara, — mas também lidavam com um pouco de magia, vendendo poções do amor, da fertilidade... e feitiços do mal. Algo frio desceu pelas minhas costas e desapareceu, deixando em seu rastro uma leve sensação de inquietação, como a trilha gosmenta de uma lesma.

Engoli em seco, revendo mentalmente o pequeno molho de plantas espinhosas, tão cuidadosamente amarradas com fios pretos e vermelhos. Colocado sob meu travesseiro por uma garota enciumada chamada Laoghaire — comprado de uma feiticeira chamada Geillis Duncan. Uma feiticeira como eu.

Era a esse assunto que a sra. Bug estava querendo chegar? Ela me olhava atentamente, sua animação habitual bastante amortecida.

— Ele era um sujeitinho imundo, esse Johnnie Howlat. Não tinha uma mulher para cuidar dele e sua cabana fedia. Ele também. — Ela estremeceu repentinamente, apesar do fogo às suas costas.

— Às vezes o viam na floresta ou na charneca, cavucando o chão. Ele encontrava criaturas que haviam morrido, talvez, e trazia de volta suas peles, seus pés, ossos e dentes, para fazer amuletos. Ele usava um deplorável macacão velho, como um fazendeiro, e às vezes era visto descendo o caminho com algo enfiado embaixo do macacão, e manchas de sangue — e outras coisas — filtrando-se pelo tecido.

— Parece muito desagradável — eu disse, os olhos fixos na garrafa, enquanto raspava o tecido outra vez e despejava mais caldo na musselina. — Mas as pessoas o procuravam mesmo assim?

— Não havia ninguém mais — ela disse simplesmente, e eu ergui os olhos. Seus olhos escuros fixaram-se nos meus sem pestanejar, e sua mão moveu-se devagar, manuseando alguma coisa dentro do seu bolso.

— No começo, eu não sabia — ela disse. — Mas Johnnie guardava imagens do cemitério e pó de ossos e sangue de galinha e todo tipo de coisas assim, mas você — balançou a cabeça pensativamente para mim, o lenço da cabeça imaculadamente branco na claridade do fogo, — você é do tipo limpo.

— Obrigada — eu disse, tanto achando graça quanto sensibilizada. Esse era um grande elogio, vindo da sra. Bug.

— Com exceção do pão mofado — ela acrescentou, com ar afetado. — E a bolsinha pagã que você guarda no seu armário. Mas é verdade, não? Você é uma feiticeira, como Johnnie era?

Hesitei, sem saber o que dizer. A lembrança de Cranesmuir estava vívida em minha mente, como não estava havia muitos anos. A última coisa que eu queria era que a sra. Bug saísse espalhando o boato de que eu era uma bruxa — alguns já me chamavam de curandeira. Eu não estava preocupada com uma acusação legal de ser uma feiticeira — não aqui, não agora. Ter uma reputação por curar era uma coisa; mas ser procurada pelas pessoas em busca de ajuda com outras coisas com as quais as bruxas lidavam...

— Não exatamente — eu disse, com cautela. — E apenas que eu conheço um pouco de plantas. E cirurgia. Mas realmente não entendo nada de amuletos ou... feitiços.

Ela balançou a cabeça, satisfeita, como se eu tivesse confirmado suas suspeitas ao invés de negá-las.

Antes que eu pudesse responder, ouviu-se um som do chão como água caindo numa panela quente, seguido de um grito esganiçado. Jemmy, cansado de seu brinquedo, deixara-o de lado e engatinhara até o pires de Adso para investigar. O gato, não querendo compartilhar, sibilou com os dentes arreganhados para o bebê, assustando-o. O berro estridente de Jemmy por sua vez assustou Adso, que correu para baixo da poltrona de madeira; nas sombras, viam-se apenas a ponta de um pequeno focinho cor-de-rosa e a tremulação dos bigodes agitados.

Peguei Jemmy no colo e acalmei suas lágrimas, enquanto a sra. Bug assumia a coação do caldo. Ela inspecionou os restos de ganso na travessa e pegou o osso de uma perna, a cartilagem branca lisa e brilhante na ponta.

— Tome aqui, rapazinho. — Acenou com o osso sedutoramente sob o nariz de Jemmy. Ele parou de chorar na mesma hora, agarrou o osso e colocou-o na boca. A sra. Bug selecionou o osso menor de uma asa, com lascas de carne ainda grudadas, e colocou-o no pires.

— E esse é para você, rapaz — ela disse para a escuridão embaixo da poltrona. — Mas não encha a barriga demais. Continue com fome para pegar os ratinhos, hein?

Ela virou-se novamente para a mesa e começou a passar os ossos para uma panela rasa.

— Vou assar isso aqui; vai servir para fazer sopa — ela disse, os olhos no trabalho. Então, sem mudar o tom de voz ou erguer os olhos, ela disse: — Eu fui procurá-lo uma vez, Johnnie Howlat.

— Foi? — Sentei-me, Jemmy no meu colo. — Você estava doente?

— Eu queria um filho.

Eu não sabia o que dizer; permaneci imóvel, ouvindo o gotejar do

caldo através da musselina, enquanto ela raspava as últimas cartilagens cuidadosamente para dentro da panela de assar e a levava para o fogão.

— Eu havia perdido quatro no decurso de um ano — ela disse, de costas para mim. — Você não diria, olhando para mim agora, mas eu era pele e osso, da cor do soro do leite, e minhas tetas, completamente murchas.

Ela colocou a panela com firmeza sobre os carvões e tampou-a.

— Assim, peguei todo o dinheiro que tínhamos e fui ver Johnnie Howlat. Ele pegou o dinheiro e colocou água numa panela. Ele me fez sentar de um lado da panela e sentou-se do outro, e ficamos ali por um longo tempo, ele olhando para a água e eu olhando para ele. Por fim, ele se sacudiu um pouco, levantou-se e afastou-se para os fundos de sua cabana. Estava escuro e eu não pude ver o que ele fez, mas ele remexeu em suas coisas lá atrás, murmurando baixinho, e depois voltou para mim e me entregou um amuleto.

A sra. Bug empertigou-se e virou-se. Aproximou-se de mim e colocou a mão na cabecinha sedosa de Jemmy, muito delicadamente.

— Ele me disse que havia um amuleto que iria fechar a boca do meu útero e manter o bebê seguro lá dentro, até a hora de nascer. Mas ele havia visto algo na água que precisava me contar. Se eu desse à luz um bebê vivo, meu marido morreria, ele disse. Assim, ele me daria o amuleto e a reza que o acompanhava... e então seria minha escolha, e quem poderia ser mais justo?

Seu dedo curto e grosso, maltratado pelo trabalho, traçou a curva do rosto de Jemmy. Concentrado em seu novo brinquedo, ele não prestou nenhuma atenção.

— Eu carreguei esse amuleto no meu bolso por um mês, depois o guardei. Estendi o braço e coloquei minha mão sobre a dela, apertando-a. Não havia nenhum barulho, a não ser os sons do bebê e os estalos e silvos dos ossos no carvão. Ela permaneceu imóvel por um instante; em seguida, retirou sua mão e enfiou-a no bolso. Retirou dali um pequeno objeto e colocou-o sobre a mesa, perto de mim.

— Não tive coragem de jogar fora — ela disse, fitando o objeto sem emoção. — Afinal, me custou três moedas de prata. E é bem pequeno, fácil de trazer quando deixamos a Escócia.

Era uma pedra rosa-claro, com veios cinza, desgastada pelo tempo. Fora toscamente esculpida na forma de uma mulher grávida, pouco mais do que uma imensa barriga, com seios inchados e nádegas acima de um par de pernas curtas e grossas que se afunilavam e acabavam em nada. Eu já vira figuras como esta antes — em museus. Teria sido feita pelo próprio Johnnie Howlat? Ou talvez ele a tenha encontrado

em suas escavações pela floresta e pela charneca, um remanescente de tempos muito mais antigos?

Toquei-a delicadamente, pensando que, fosse ele quem fosse, ou o que quer que tenha visto na panela de água, Johnnie Howlat sem dúvida fora astuto o suficiente para ter visto o amor entre Arch e Murdina Bug. Seria mais fácil para uma mulher, então, abrir mão da esperança de um filho, achando que seria um nobre sacrifício para o bem de um amado marido, do que sofrer a amargura e a culpa do constante fracasso? Ele pode ter sido um bruxo do mal, Johnnie Howlat, mas certamente sabia encantar.

— Portanto — a sra. Bug disse de maneira prática, — pode ser que você encontre alguma mulher para a qual isso tenha utilidade. Seria uma pena desperdiçá-lo, não é?

HOGMANAY

O ano terminou límpido e frio, com uma luz pequena e brilhante que se ergueu alta na abóbada negro-violeta do céu e inundou de luz os esconderijos e as trilhas na encosta da montanha. Foi bom para as pessoas que vieram de toda a Ridge — e alguns até de mais longe — para passar o Hogmanay na Casa Grande.

Os homens haviam desobstruído o novo celeiro e limpado o chão com ancinhos para a pista de dança. Jas, reels, strathspeys e inúmeras outras danças cujos nomes eu não sabia, mas que pareciam muito divertidas, foram executadas sob a luz de lanternas a óleo de urso, acompanhadas pela música arranhada do violino de Evan Lindsay e o uivo agudo da flauta de madeira de seu irmão Murdo, pontuados pelo som sincopado do bodhran de Kenny.

O pai idoso de Thurlo Guthrie também trouxe sua gaita de foles — uma gaita do tipo irlandesa que parecia tão decrepita quanto o próprio sr. Guthrie, mas que produzia um som melódico e suave. As vezes os instrumentos tocavam em harmonia e às vezes não, mas o efeito geral era alegre e, a essa altura, uma quantidade suficiente de uísque e cerveja já havia sido consumida nas festividades para ninguém se importar mais.

Após uma ou duas horas de dança de roda, eu por fim entendi por que a palavra reel passara a ser sinónimo de bebedeira; mesmo executada sem lubrificação preliminar, a dança já era suficiente para deixar uma pessoa tonta. Sob a influência do uísque, fez todo o sangue da minha cabeça girar como a água numa máquina de lavar roupa. Saí cambaleando para fora da pista ao final de uma dessas danças, apoiei-me em uma das pilastras do celeiro e fechei um dos olhos, na esperança de fazer parar a sensação de tontura.

Uma cutucada me fez abrir esse olho, revelando Jamie segurando duas canecas cheias até a borda de alguma coisa. Acalorada e com sede como eu estava, não quis nem saber o que era, desde que matasse a sede. Felizmente era sidra, e eu a bebi em grandes goles.

— Beba assim e você irá a pique, Sassenach — ele disse, dando cabo de sua sidra exatamente da mesma forma. Ele estava corado e suando da dança, mas seus olhos cintilavam quando riu para mim.

— Bobagem — eu disse. Com um pouco de sidra como lastro, o salão parou de girar e eu me senti alegre, ainda que acalorada. —

Quantas pessoas você acha que estão aqui?

— Sessenta e oito, da última vez que contei. — Ele se encostou na pilastra ao meu lado, olhando a multidão girando em círculos com uma expressão de profundo contentamento. — Mas elas entram e saem, de modo que não posso ter absoluta certeza. E não contei as crianças — ele acrescentou, afastando-se ligeiramente para evitar uma colisão quando um trio de garotos ricocheteou pela multidão e passou zunindo por nós, rindo tolamente.

Montes de feno fresco estavam empilhados nas sombras nos lados do celeiro; os pequenos corpos de crianças pequenas demais para permanecerem acordadas estavam enrolados em cobertas e aconchegados uns contra os outros, como um monte de gatinhos. O tremeluzir da luz da lanterna refletia um brilho sedoso vermelho-dourado; Jemmy estava profundamente adormecido em seu cobertor, alegremente embalado pela algazarra. Eu vi Bri sair da roda e colocar a mão rapidamente sobre ele para verificar, depois voltar. Roger estendeu a mão para ela, moreno e sorridente, e ela a tomou, rindo, enquanto rodopiavam de volta para o meio da multidão que batia os pés no compasso da música.

As pessoas realmente entravam e saíam — particularmente pequenos grupos de jovens e casais de namorados. Estava gelado lá fora, mas o frio tornava o aconchego com um corpo quente ainda mais atraente. Um dos rapazes MacLeod mais velho passou por nós, o braço ao redor de uma garota muito mais nova — uma das netas do sr. Guthrie, eu achei; ele tinha três netas, todas muito parecidas — e Jamie disse alguma coisa cordial para ele em gaélico que fez suas orelhas ficarem vermelhas. A jovem já estava corada com a dança, mas ficou roxa com a observação de Jamie.

— O que disse para eles?

— Não tem tradução — ele disse, colocando a mão nas minhas costas. Ele pulsava de calor e uísque, animado com uma chama de alegria; olhar para ele era o suficiente para aquecer meu próprio coração. Ele viu isso e sorriu para mim, o calor de sua mão queimando minhas costas através do tecido do vestido.

— Quer ir lá fora um pouco, Sassenach? — ele disse, a voz baixa e carregada de insinuação.

— Bem, já que você mencionou... quero — respondi. — Mas talvez não neste instante. — Fiz um sinal com a cabeça, indicando um ponto atrás dele, e ele se virou e viu um grupo de velhinhas sentadas em um banco encostado na parede, todas olhando para nós com os olhos brilhantes de curiosidade, como um bando de gralhas. Jamie acenou e sorriu para elas, fazendo todas explodirem em risadinhas ruborizadas,

e virou-se de novo para mim com um suspiro.

— Sim, bem... Daqui a pouco, então. Depois do ritual do primeiro visitante, talvez.

A última rodada de danças chegou ao fim e houve uma movimentação geral na direção do barril de sidra, comandada pelo sr. Wemyss, no outro extremo do celeiro. Os dançarinos amontoaram-se ao redor do barril como um enxame de vespas sedentas, de modo que só o que se via do sr. Wemyss era o topo da cabeça, os cabelos louros quase brancos sob a claridade das lanternas.

Vendo isso, olhei em volta à procura de Lizzie, para ver se ela estava se divertindo na festa. Certamente; ela estava sendo cortejada por admiradores num fardo de feno, cercada por quatro ou cinco rapazes desengonçados, que se comportavam de maneira muito semelhante à dos dançarinos ao redor do barril de sidra.

— Quem é o grandalhão? — perguntei a Jamie, chamando sua atenção para o pequeno ajuntamento com um sinal da cabeça. — Não o reconheço. — Ele olhou naquela direção, estreitando ligeiramente os olhos.

— Oh — ele disse, relaxando, — é Jacob Schnell. Veio de Salem com um amigo. Chegaram com os Mueller.

— Ali, sim. — Salem ficava a uma boa distância, uns quarenta e cinco quilômetros. Eu me perguntava se o que os atraía fora somente a festa. Olhei ao redor em busca de Tommy Mueller, que eu destacara como um possível pretendente para Lizzie, mas não o vi na multidão.

— Você sabe alguma coisa sobre esse Schnell? — perguntei, lançando ao rapaz um olhar crítico. Ele era um ou dois anos mais velho do que os outros rapazes que rodeavam Lizzie e muito alto. De feições simples, mas de aparência amável, pensei; corpulento e com uma cintura grossa, anunciando uma próspera barriga na meia-idade.

— Eu não conheço o rapaz propriamente, mas já fui apresentado ao seu tio; é uma família honesta; acho que o pai dele é sapateiro. — Nós dois olhamos automaticamente para os sapatos do rapaz; não eram novos, mas de excelente qualidade, com fivelas de estanho, grandes e quadradas, à moda alemã.

O jovem Schnell parecia ter levado vantagem; estava inclinado para mais perto, dizendo alguma coisa a Lizzie, cujos olhos estavam fixos em seu rosto, a testa ligeiramente franzida, concentrada, tentando entender o que ele dizia. Então ela compreendeu e seu rosto relaxou numa risada.

— Acho que não. — Jamie sacudiu a cabeça, um ar ligeiramente carrancudo ao observá-los. — A família é luterana, não deixariam o

rapaz se casar com uma católica. E iria partir o coração de Joseph enviar sua filha para viver tão longe.

O pai de Lizzie era realmente muito ligado a ela; tendo perdido a filha uma vez, era improvável que a entregasse a um casamento tão distante, perdendo-a de vista outra vez. Ainda assim, eu achava que Joseph "wemyss faria qualquer coisa pela felicidade da filha.

— Ele poderia ir com ela, sabe.

A expressão de Jamie ficou desolada com a ideia, mas balançou a cabeça em relutante concordância.

— Imagino que sim. Eu detestaria perdê-lo; embora eu suponha que Arch Bug possa...

Gritos de "Mac Dubh!" interromperam-no.

— Vamos, a Sheumais ruaidh, mostre a eles! — Evan gritou da outra extremidade do celeiro, brandindo o arco de seu violino autoritariamente.

Houve uma interrupção na dança, para dar aos músicos tempo de descansarem e tomarem uma bebida e, nesse ínterim, alguns dos homens experimentavam a dança da espada, que só podia ser feita com um único acompanhamento, de uma gaita de foles ou de um tambor.

Eu não estivera prestando atenção, apenas ouvindo os gritos de encorajamento ou de zombaria que vinham daquela ponta do celeiro. Evidentemente a maioria dos presentes não era exímia no esporte — o último cavalheiro a tentar tropeçara em uma das espadas e se estatelara no chão; ele estava sendo ajudado a se pôr de pé, o rosto vermelho, rindo, devolvendo bem-humoradamente os alegres insultos, enquanto ele e seus amigos batiam o feno e a poeira das roupas.

— Mac Dubh, Mac Dubh! — Kenny e Murdo gritavam e acenavam, convidando-o, mas Jamie abanou a mão, rindo e descartando a ideia.

— Não, não faço isso há mais tempo do que...

— Mac Dubh, Mac Dubh, Mac Dubh! — Kenny batia em seu bodhran, gritando no ritmo, e o grupo de homens ao seu redor unia-se a ele. — Mac Dubh! Mac Dubh! Mac Dubh!

Jamie lançou-me um rápido olhar de desamparo e súplica, mas Ronnie Sinclair e Bobby Sutherland já caminhavam decididamente em nossa direção. Afastei-me, rindo, e cada um agarrou-o por um braço, abafando seus protestos com gritos roucos, enquanto o arrastavam para o centro da pista.

Aplausos e gritos de aprovação irromperam quando o depositaram num lugar desimpedido, onde a palha havia sido pisoteada na terra úmida o suficiente para formar uma superfície compactada. Vendo

que não tinha escolha, Jamie endireitou-se e ajeitou o kilt. Nossos olhos se encontraram, ele revirou os dele para cima fingindo resignação e começou a tirar o casaco, o colete e as botas, enquanto Ronnie arrumava as duas espadas largas em cruz aos seus pés.

Kenny Lindsay começou a bater de leve em seu bodhran, hesitando entre as batidas, um som de suave suspense. A multidão murmurava e remexia-se, na expectativa. Vestido em camisa, kilt e de meias, Jamie fez uma elaborada mesura, no sentido do sol, para inclinar-se quatro vezes, na direção de cada um dos pontos cardeais. Depois, empertigou-se e foi tomar seu lugar, logo acima das espadas cruzadas. Suas mãos se ergueram, os dedos apontando rigidamente acima da cabeça.

Houve uma explosão de aplausos e eu vi Brianna colocar dois dedos na boca e dar um assobio de aprovação de perfurar os tímpanos — para espanto das pessoas ao seu redor.

Vi Jamie olhar para Bri, com um leve sorriso, e depois seus olhos encontraram os meus. O sorriso permaneceu em seus lábios, mas havia algo diferente em sua expressão; algo melancólico. As batidas do bodhran começaram a acelerar.

A dança das espadas das Highlands era feita por uma de três razões. Para demonstração e divertimento, como ele estava prestes a fazer. Em competições, como foi feito entre os jovens na Assembleia. E era feita como um presságio. Dançada na véspera de uma batalha, a habilidade do dançarino predizia vitória ou derrota. Os homens haviam dançado entre espadas cruzadas na noite anterior a Prestonpans, antes de Falkirk. Mas não antes de Culloden. Não houve nenhuma fogueira de acampamento na noite anterior ao confronto final, nenhum tempo para bardos e canções de guerra. Não fazia diferença; ninguém precisava de um prognóstico na ocasião.

Jamie fechou os olhos por um instante, inclinou a cabeça e o bodhran começou a tamborilar, vívido e rápido.

Eu sabia, porque ele havia me contado, que ele apresentara a dança das espadas pela primeira vez numa competição, depois — mais de uma vez — na véspera de batalhas, primeiro nas Highlands, depois na França. Os velhos soldados pediram a ele que dançasse, valorizavam a habilidade como uma renovação da confiança de que iriam viver e triunfar.

Para os Lindsay conhecerem sua habilidade, ele devia ter dançado em Ardsmuir também. Mas isso foi no Velho Mundo, em sua antiga vida.

Ele sabia — e não precisara que Roger lhe dissesse — que os antigos métodos haviam mudado, estavam mudando. Este era um

mundo novo, e a dança das espadas nunca mais seria realizada a sério, buscando augúrio e proteção dos deuses antigos da guerra e do sangue.

Seus olhos abriram-se e ele levantou a cabeça abruptamente. Ouviu-se uma batida repentina e forte do tambor e a dança começou, com um grito da multidão. Seus pés sapateavam na terra batida, para o norte e para o sul, para leste e para oeste, rápido como um raio entre as espadas.

Seus pés batiam no chão com firmeza, sem som, e sua sombra dançava na parede às suas costas, assomando no alto, os longos braços levantados. Seu rosto estava imóvel na minha direção, mas eu tinha certeza de que ele já não me via.

Os músculos de suas pernas eram fortes como as de um cervo saltando, por baixo da bainha de seu kilt, e ele dançava com toda a habilidade do guerreiro que já fora e ainda era. Mas achei que ele agora dançava apenas pela lembrança, para que os espectadores não se esquecessem; dançava, com o suor voando de sua fronte conforme acelerava, com um olhar distante, indizível, nos olhos.

As pessoas ainda comentavam a dança quando começamos a voltar para casa, pouco antes da meia-noite, para comermos stovies — um prato escocês de batatas, cebolas e carne picada — com cerveja e sidra, antes do ritual de entrada do primeiro visitante — a primeira pessoa a cruzar a porta no Ano-novo.

A sra. Bug trouxe para fora um cesto de maçãs e reuniu todas as jovens solteiras num canto da cozinha, onde — com muitas risadinhas e olhares por cima dos ombros na direção dos rapazes — cada uma descascava uma fruta, mantendo a casca inteira. Cada jovem atirava a casca para trás e todo o grupo girava nos calcanhares para se amontoar com grande alarido em torno da tira de casca caída e ver qual a forma da letra que ela assumia.

As tiras de casca de maçã sendo por sua natureza bastante circulares, vários "C"s, "G"s e "O"s eram identificados — boas notícias para Charley Chisholm e o jovem Geordie Sutherland — e muita especulação quanto a "Angus Og" ser o significado de um "O" ou não, pois Angus Og MacLeod era um rapaz alegre e cheio de vida, enquanto o único "Owen" era um viúvo mais velho, com cerca de um metro e meio de altura e com um grande quisto sebáceo no rosto.

Eu levava Jemmy para cima para colocá-lo na cama e, depois de depositá-lo, flácido e roncando, em seu berço, desci a tempo de ver Lizzie lançar sua casca de maçã.

— "C"! — exclamaram em coro duas das jovens Guthrie, quase batendo as cabeças ao se inclinarem para olhar.

— Não, não, é um "J"!

Chamada a opinar como especialista residente, a sra. Bug inclinou-se, examinando a tira de casca de maçã com a cabeça inclinada para o lado, como um melro avaliando uma minhoca.

— E um "J", sem a menor dúvida — ela determinou, endireitando-se, e o grupo explodiu em risadinhas, voltando-se de uma só vez para fitar John Lowry, um jovem fazendeiro de Woolairfs Mill, que as espreitou por cima do ombro, completamente perplexo.

Captei um lampejo vermelho pelo canto do olho e virei-me para ver Brianna na entrada do corredor. Ela inclinou a cabeça, chamando-me, e eu me apressei a me unir a ela.

— Roger está pronto para sair, mas não conseguimos encontrar o sal grosso. Não estava na despensa. Você tem no seu consultório?

— Oh! Sim, tenho — eu disse, sentindo-me culpada. — Eu estava usando-o para secar raiz-de-cobra e me esqueci de devolvê-lo ao lugar.

Os convidados se amontoavam nos alpendres e faziam fila no amplo corredor, saindo da cozinha e do gabinete de Jamie, todos falando, bebendo e comendo. Eu fui passando pelo meio do aperto, atrás de Brianna, em direção ao consultório, trocando cumprimentos enquanto me agachava e passava por baixo de canecas de sidra empunhadas no alto, pisando em farelos de comida sob meus pés.

Mas o consultório mesmo estava quase vazio; as pessoas tinham a tendência de evitá-lo, por superstição, associações dolorosas ou simples cautela, e eu não as encorajava a entrar, deixando o aposento às escuras e sem nenhum aquecimento. Apenas uma vela queimava no aposento agora e a única pessoa presente era Roger, que remexia nos vários objetos e substâncias que eu havia deixado sobre o balcão.

Ele ergueu os olhos quando entramos, sorrindo. Ainda ligeiramente afogueado da dança, ele havia vestido o casaco novamente e enrolado um cachecol de lã no pescoço; sua capa estava no banquinho ao seu lado. A tradição dizia que, se o "primeiro visitante" em um Hogmanay fosse um homem bonito, alto e de cabelos escuros, e lhes desse as boas-vindas ao cruzar a soleira da porta após meia-noite, traria mais sorte ainda para a casa no ano que começava.

Roger, por ser sem dúvida o mais alto e certamente o moreno mais bonito disponível, fora escolhido para ser o primeiro a cruzar não só a porta da Casa Grande, como as pessoas a chamavam, mas as das casas próximas. Fergus e Marsali e os outros que moravam perto já haviam corrido para suas cabanas, para estar prontos para receber seu primeiro visitante quando ele chegasse.

Mas um homem ruivo significava terrível má sorte como um

primeiro visitante e Jamie fora despachado para seu gabinete, sob a guarda barulhenta dos irmãos Lindsay, cuja missão era mantê-lo "preso" até depois da meia-noite. O relógio mais perto ficava em Cross Creek, mas o velho sr. Guthrie possuía um relógio de bolso, mais velho até do que ele mesmo; esse instrumento declararia o momento místico quando um ano dava lugar ao seguinte. Dada à propensão do relógio para estancar, eu duvidava de que este não seria apenas um pronunciamento simbólico, mas já era o suficiente, de qualquer modo.

— Onze e cinquenta — Brianna declarou, entrando no consultório atrás de mim, sua própria capa no braço. — Acabei de ver no relógio do sr. Guthrie.

— Tempo de sobra. Você vem comigo, então? — Roger riu para Bri, vendo sua capa.

— Está brincando? Há anos que eu não saio depois da meia-noite. — Ela devolveu o sorriso, girando a capa para cima dos ombros. — Pegou tudo?

— Tudo, exceto o sal. — Roger indicou uma sacola de lona em cima do balcão. Um primeiro visitante devia levar presentes para a casa: um ovo, um feixe de gravetos para acender o fogo, um pouco de sal — e um pouco de uísque, assim assegurando que a família não passaria necessidades no ano que se iniciava.

— Certo. Onde eu... oh, meu Deus! — Abrindo a porta do armário para procurar o sal, defrontei-me com um par de olhos brilhantes, fitando-me da escuridão.

— Santo Deus. — Coloquei a mão sobre o peito, para impedir meu coração de saltar pela boca, abanando a outra mão fracamente para Roger, que dera um salto ao ouvir meu grito, pronto para me defender. — Não se preocupe, é apenas o gato.

Adso se refugiara da festa, levando com ele os restos de um rato recém-abatido para companhia. Ele rosnou para mim, evidentemente achando que eu pretendia arrancar dele a guloseima para mim mesma, mas eu o empurrei irritadamente para o lado, retirando a pequena saca de sal grosso de trás de seu traseiro peludo.

Fechei a porta do armário, deixando Adso com seu banquete, e entreguei o sal a Roger. Ele pegou-o, devolvendo ao balcão o objeto que tinha na mão.

— Onde conseguiu esta velha estatueta? — ele perguntou, indicando o objeto com um movimento da cabeça, enquanto guardava o sal em sua sacola. Olhei para o balcão e vi que ele andara examinando a pequena figura de pedra rosa que a sra. Bug havia me dado.

— A sra. Bug — respondi. — Ela diz que é um amuleto de fertilidade, o que sem dúvida parece ser. É mesmo muito antiga, então? — Eu achei que deveria ser, e ver o interesse de Roger confirmou a impressão.

Ele balançou a cabeça, ainda olhando o objeto.

— Muito antiga. As que vi em museus eram datadas de milhares de anos. — Ele traçou os contornos protuberantes da pedra com um dedo reverente.

Brianna aproximou-se para ver e, sem pensar, coloquei a mão em seu braço.

— Por quê? — ela disse, virando a cabeça para mim e sorrindo. — Não devo tocá-la? Elas funcionam tão bem assim?

— Não, claro que não.

Retirei a mão, rindo, mas sentindo-me um pouco constrangida. Ao mesmo tempo, percebi que eu realmente preferia que ela não a tocasse e fiquei aliviada quando ela apenas inclinou-se para examiná-la, deixando-a sobre o balcão. Roger olhava para ela também — ou melhor, ele olhava para Brianna, os olhos fixos na parte de trás de sua cabeça com uma estranha intensidade. Eu quase podia imaginar que ele estava desejando que Brianna tocasse a estatueta, tão intensamente quanto eu desejava que ela não o fizesse.

Beauchamp, eu disse silenciosamente a mim mesma, você já bebeu demais esta noite. Mesmo assim, estendi a mão num impulso e peguei a figura, enfiando-a no bolso.

— Vamos! Temos que ir! — Com a estranha atmosfera do momento bruscamente interrompida, Brianna empertigou-se e virou-se para Roger, apressando-o.

— Sim, claro. Vamos, então. — Ele atirou a sacola por cima do ombro e sorriu para mim, depois tomou o braço de Brianna e eles desapareceram, deixando a porta do consultório fechada atrás deles.

Apaguei a vela, pronta para segui-los, e depois parei, repentinamente relutante em voltar imediatamente para o caos das comemorações.

Eu podia sentir a casa inteira em movimento, pulsando ao meu redor, e a luz do corredor penetrava por baixo da porta. No entanto, ali estava tranquilo. No silêncio, senti o peso da pequena imagem em meu bolso e apertei-a, dura e bulbosa contra minha perna.

Não há nada especial a respeito do primeiro dia de janeiro, exceto o significado que nós lhe atribuímos. Os povos antigos comemoravam o Ano-novo em Imboic, no começo de fevereiro, quando o inverno se ameniza e a luz começa a voltar — ou na data do equinócio da

primavera, quando o mundo vive em equilíbrio entre as forças das trevas e da luz. No entanto, lá estava eu na escuridão, ouvindo o ruído do gato mastigando e se lambuzando no armário, e senti o poder da Terra mudar e fremir sob meus pés, conforme o ano — ou alguma coisa — se preparava para mudar. Havia barulho e a noção de uma multidão próxima, mas eu estava sozinha, enquanto a sensação se erguia pelo meu corpo, zumbia em meu sangue.

O estranho é que a sensação não era nem um pouco anormal. Não era nada que viesse de fora de mim, mas apenas a compreensão de algo que eu já possuía, e reconhecia, embora não fizesse a menor ideia do que deveria chamá-la. Mas a meia-noite aproximava-se rapidamente. Ainda ensimesmada, abri a porta e entrei na luz e na algazarra do corredor.

Um grito da outra ponta do corredor anunciou a chegada da hora mágica, como marcado pelo relógio do sr. Guthrie, e os homens saíram se acotovelando do gabinete de Jamie, brincando e empurrando, os rostos voltados com expectativa para a porta.

Nada aconteceu. Teria Roger decidido ir para a porta dos fundos, devido à multidão na cozinha? Virei-me para olhar para o fundo do corredor, mas não, a porta da cozinha estava apinhada de rostos, todos olhando para mim na expectativa.

Ainda nenhuma batida na porta, e houve um leve tumulto de inquietação no corredor e uma trégua na conversa, um daqueles silêncios embaraçosos quando ninguém quer falar por medo de uma súbita interrupção.

Então ouvi o som de passos no alpendre e uma rápida batida, um-dois-três. Jamie, como dono da casa, adiantou-se para abrir a porta de par em par e dar as boas-vindas ao primeiro visitante. Eu estava bem perto dele para ver a expressão de espanto em seu rosto e olhei rapidamente para ver o que a causara.

Em vez de Roger e Brianna, duas figuras menores estavam paradas no alpendre. Magricelas e sujos, mas definitivamente de cabelos escuros, os gêmeos Beardsley entraram timidamente, a um gesto de Jamie.

— Feliz Ano-novo, sr. Fraser — Josiah disse, com um grasnido de um sapo-boi. Fez uma mesura educada para mim, ainda segurando o irmão pelo braço. — Nós viemos.

O consenso geral era de que gêmeos de cabelos escuros eram um presságio muito auspicioso, obviamente trazendo o dobro da sorte de um único "primeiro visitante". Contudo, Roger e Bri — que haviam encontrado os gêmeos hesitantes no pátio e os mandaram entrar — partiram no desempenho de suas funções para as outras casas em

Ridge, Bri tendo sido severamente advertida a não entrar em nenhuma casa até Roger ter cruzado a soleira da porta.

Felizmente ou não, o aparecimento dos Beardsley causou muitos comentários. Todos souberam da morte de Aaron Beardsley — a versão oficial, ou seja, de que ele havia morrido de um ataque de apoplexia — e do misterioso desaparecimento de sua mulher, mas a chegada dos gêmeos fez o caso ser desenterrado e novamente discutido. Ninguém sabia o que os garotos andaram fazendo entre a expedição da milícia e o Ano-novo; Josiah dizia apenas "vagando por aí" em sua voz rouca, quando lhe perguntavam — e seu irmão Keziah não dizia nada, obrigando todos a falarem do comerciante dos índios e de sua mulher até a exaustão provocar a mudança de assunto.

A sra. Bug logo colocou os Beardsley sob suas asas, levando-os para a cozinha para serem lavados, aquecidos e alimentados. Metade dos participantes da festa havia voltado para casa para receber o "primeiro visitante"; os que só partiriam pela manhã dividiram-se em vários grupos. Os mais jovens retornaram ao celeiro para dançar — ou para buscar um pouco de privacidade entre os fardos de feno, — os mais velhos sentaram-se junto à lareira para conversar sobre antigas recordações e os que haviam exagerado na dança ou no uísque enroscaram-se em qualquer canto conveniente — e em muitos inconvenientes — para dormir.

Encontrei Jamie em seu gabinete, recostado em sua cadeira com os olhos fechados, um desenho na mesa à sua frente. Não estava dormindo e abriu os olhos quando ouviu meus passos.

— Feliz Ano-novo — eu disse ternamente, inclinando-me para beijá-lo.

— Feliz Ano-novo para você também, a nighean donn. — Ele estava quente e cheirava levemente a cerveja e suor.

— Ainda quer ir lá fora? — perguntei, com um olhar para a janela. A lua havia muito desaparecera e as estrelas lançavam um brilho fraco e frio no céu. O pátio lá fora estava deserto e escuro.

— Não — ele disse francamente, passando a mão pelo rosto. — Quero ir para a cama. — Bocejou e pestanejou, tentando alisar os desgrenhados fios de cabelos no topo de sua cabeça. — Mas quero que você também venha — ele acrescentou.

— Nada me daria maior prazer — assegurei-lhe. — O que é isso? — Dei a volta por trás dele, olhando por cima do seu ombro para o desenho, que parecia ser uma espécie de planta de casa, com cálculos matemáticos rabiscados nas margens.

Ele sentou-se direito, parecendo um pouco mais alerta.

— Ah. Bem, é o presente de Ano-novo do pequeno Roger para Brianna.

— Ele vai construir uma casa para ela? Mas eles...

— Para ela, não. — Abriu um largo sorriso para mim, as mãos espalmadas de cada lado do desenho. — Para os Chisholm.

Roger, com um estratagema que teria sido digno do próprio Jamie, fizera averiguações entre os colonos de Ridge e engendrou um acordo entre Ronnie Sinclair e Geordie Chisholm.

Ronnie tinha uma grande e confortável cabana ao lado de sua tanoaria. Assim, o acordo era de que Ronnie, que era solteiro, se mudaria para a loja de tanoeiro, onde poderia perfeitamente dormir. Os Chisholm, então, se mudariam para a cabana de Ronnie, à qual eles imediatamente — as condições do tempo permitindo — acrescentariam dois cômodos, segundo a planta sobre a mesa de Jamie. Em troca, a sra. Chisholm se encarregaria de cuidar das refeições e das roupas de Ronnie. Na primavera, quando os Chisholm assumiriam sua própria fazenda e construiriam uma casa lá, Ronnie recuperaria sua cabana recém-ampliada — quando a melhoria de suas acomodações poderia vir a ser atrativo suficiente para alguma jovem aceitar sua proposta de casamento, ele esperava.

— E, enquanto isso, Roger e Bri voltam para a cabana deles, Lizzie e o pai param de dormir no consultório e tudo é só sombra e água fresca! — Apertei seus ombros, encantada. — Excelente ideia!

— Como assim? — ele perguntou, franzindo a testa para mim, sem entender.

— Quero dizer que tudo será diversão, boa vida — eu disse. — A expressão significa um estado de contentamento geral. Foi você que fez a planta?

— Sim. Geordie não é nenhum carpinteiro e eu não quero que o lugar desabe em cima de sua cabeça. — Ele estreitou os olhos para o desenho, depois pegou uma pena, abriu a tampa do tinteiro e fez uma pequena correção em um dos números.

— Pronto — ele disse, largando a pena. — Acho que está bom. O pequeno Roger quer mostrá-la a Bri quando voltarem esta noite; eu disse que a deixaria pronta para ele.

— Ela vai ficar encantada. — Encostei-me no espaldar da cadeira, massageando seus ombros com minhas mãos. Ele reclinou-se para trás, o peso de sua cabeça aquecendo meu estômago, e fechou os olhos, suspirando de prazer.

— Dor de cabeça? — perguntei suavemente, vendo a ruga vertical entre seus olhos.

— Sim, um pouco. Oh, sim, isso é bom. — Ele movera minhas mãos para sua cabeça, delicadamente massageando suas têmporas.

A casa sossegara, embora eu ainda pudesse ouvir o ruído de vozes na cozinha. Tirei a fita que prendia sua trança e soltei seus cabelos, apreciando a sensação quente e macia enquanto os espalhava com as mãos.

— E um pouco estranho que você não tenha ouvido para música — eu disse, conversando tolamente para distraí-lo, enquanto alisava os arcos ruivos de suas sobranceiras, pressionando logo abaixo das bordas das órbitas. — Não sei por que, mas a aptidão para a matemática em geral vem junto com a aptidão para música. Bri possui ambas.

— Eu costumava ter — ele disse distraidamente.

— Costumava ter o quê?

— Ter ambas. — Ele suspirou e inclinou-se para frente para estender o pescoço, os cotovelos sobre a mesa. — Oh, meu Deus. Por favor. Oh, sim. Ah!

— É mesmo? — Eu massageava seu pescoço e ombros, trabalhando os músculos tensos através do tecido. — Está querendo dizer que você era capaz de cantar? — Era uma piada corrente na família; embora possuidor de uma voz excelente ao falar, a noção de tom de Jamie era tão irregular, que qualquer melodia em sua voz virava um canto tão desafinado que os bebês ficavam estupefatos, em vez de embalados para dormir.

— Bem, talvez isso não. — Eu podia ouvir o sorriso em sua voz, abafada pelos cabelos caídos que escondiam seu rosto. — Mas eu sabia distinguir uma melodia da outra, ou dizer se uma canção estava bem cantada ou não. Agora são apenas ruídos e chiados. — Ele deu de ombros, descartando a questão.

— O que aconteceu? — perguntei. — E quando?

— Oh, foi antes de eu conhecê-la, Sassenach. Na verdade, logo antes. — Ele ergueu uma das mãos, tocando a parte de trás de sua cabeça. — Lembra-se de que eu estive na França? Foi na viagem de volta, com Dougal Mackenzie e seus homens, quando Murtagh encontrou-a, vagando pelas Highlands de combinação....

Ele falava despreocupadamente, mas meus dedos encontraram a antiga cicatriz sob seus cabelos. Agora não passava de uma linha, o vergão agora reduzido a um fio de cabelo. Ainda assim, fora um ferimento de vinte centímetros, aberto com um machado. Eu sabia que aquilo quase o matara na ocasião; ele ficara numa abadia francesa à beira da morte por quatro meses e sofrera com fortes dores de cabeça

durante anos.

— Foi isso? Você quer dizer que você... não conseguia mais ouvir música, depois de ter sido ferido?

Ele encolheu os ombros ligeiramente.

— Não ouço nenhuma música senão o som de tambores — ele disse simplesmente. — Ainda tenho o ritmo, mas o tom se foi.

Parei, as mãos em seus ombros, e ele virou-se para olhar para mim, sorrindo, tentando fazer daquilo uma piada.

— Não se preocupe com isso, Sassenach; não é grande coisa. Eu não cantava bem nem quando eu conseguia ouvir música. E Dougal não me matou, afinal de contas.

— Dougal? Então, você realmente acredita que tenha sido Dougal? — Fiquei surpresa com a certeza em sua voz. Ele achara na ocasião que talvez tivesse sido seu tio Dougal que o tivesse atacado tão ferozmente — e depois, surpreendido por seus próprios homens antes de poder terminar o serviço, fingira que o encontrara ferido. Mas não houve nenhuma prova para se saber com certeza.

— Oh, sim. — Ele pareceu surpreso, também, mas depois seu rosto mudou, compreendendo.

— Oh, sim — ele disse outra vez, mais devagar. — Eu não havia pensado... você não conseguiu entender o que ele disse, não é? Quando ele morreu, quero dizer, Dougal. — Minhas mãos ainda estavam pousadas em seus ombros e eu senti um estremecimento involuntário me percorrer. Espalhou-se pelas minhas mãos e subiu pelos meus braços, deixando-me arrepiada até a nuca.

Tão claramente como se a cena se desenrolasse diante de mim agora, pude ver aquele sótão em Culloden House. Uma ou outra peça de mobiliário descartada, coisas derrubadas e rolando pelo assoalho com a briga — e, no chão aos meus pés, Jamie agachado, agarrado ao corpo de Dougal conforme ele se sacolejava e se retesava, sangue e ar borbulhando do ferimento onde a adaga de Jamie perfurara a base de sua garganta. O rosto de Dougal, pálido e manchado à medida que sua vida se esvaía, os olhos negros e ferozes fixos em Jamie, enquanto sua boca movia-se em silencioso gaélico, dizendo... alguma coisa. E o rosto de Jamie, tão branco quanto o de Dougal, os olhos fixos nos lábios do moribundo, lendo a última mensagem.

— O que ele disse? — Minhas mãos apertavam seus ombros com força e seu rosto estava desviado, enquanto meus polegares subiam por baixo de seus cabelos para buscar a antiga cicatriz outra vez.

— Filho de minha irmã ou não, desejaria tê-lo matado, naquele dia na colina. Pois eu sabia desde o início que seria eu ou você. — Ele

falou em voz calma e pausada, e a própria falta de emoção das palavras fez o tremor percorrer-me outra vez, agora de mim para ele.

Estava silencioso no estúdio. O barulho de vozes na cozinha se reduzira a um murmúrio, como se os fantasmas do passado se reunissem ali para beber e relembrar, rindo baixinho entre eles.

— Então foi isso que você quis dizer quando falou que há muito tempo já fizera as pazes com Dougal.

— Sim. — Reclinou-se para trás em sua cadeira e ergueu os braços, suas mãos envolvendo meus pulsos. — E ele estava certo, sabe. De fato, era ele ou eu, e teria sido, de uma maneira ou de outra.

Suspirei, e um pequeno fardo de culpa se desfez. Jamie estava lutando contra ele para me defender, quando matou Dougal, e eu sempre sentira aquela morte nos meus ombros. Mas ele tinha razão quanto a Dougal; havia muita coisa entre eles e, se aquele conflito final não tivesse acontecido naquela hora, na véspera de Culloden, seria em algum outro momento.

Jamie apertou meus pulsos e virou-se na cadeira, ainda segurando minhas mãos.

— Que os mortos enterrem os mortos, Sassenach — ele disse brandamente. — O passado se foi, o futuro ainda não chegou. E nós estamos aqui juntos, você e eu.

MUNDOS JAMAIS VISTOS

A casa estava em silêncio, era a oportunidade perfeita para minhas experiências. O sr. Bug fora a Woolam's Mill, levando os gêmeos Beardsley; Lizzie e o sr. Wemyss foram ajudar Marsali com a nova maltagem; e a sra. Bug, tendo deixado uma panela de mingau e uma travessa de torradas na cozinha, também saíra, varrendo os bosques à procura de galinhas do mato, pegando-as um a uma e arrastando-as pelos pés para serem instaladas no bonito galinheiro que seu marido havia construído. Bri e Roger às vezes vinham até a casa grande para o café da manhã, mas na maioria das vezes preferiam comer junto à sua própria lareira, como nesta manhã.

Desfrutando a paz da casa vazia, arrumei uma bandeja com xícara, bule de chá, creme e açúcar e a levei comigo para o consultório, juntamente com minhas amostras. A luz do começo da manhã era perfeita, despejando-se pela janela numa brilhante barra de ouro. Deixando o chá em infusão, peguei duas garrafinhas do armário e saí.

O dia estava frio, mas com um céu azul-claro que prometia um pouco de calor mais tarde na manhã. No momento, entretanto, fazia frio o suficiente para eu me alegrar com meu xale quente, a água no cocho dos cavalos estava gelada, margeada com frágeis lâminas de gelo. Não suficientemente gelada para matar os micróbios, eu imaginava; eu podia ver longos fios de algas recobrimdo as tábuas do cocho, oscilando delicadamente conforme eu afastava a fina crosta de gelo e agitava a água, raspando uma de minhas garrafas ao longo da borda lodosa do cocho.

Coletei mais amostras de líquido do barraco de refrigeração de alimentos construído em cima da fonte e de uma poça de água parada e lamacenta perto da latrina, depois corri de volta para casa para fazer minhas experiências enquanto a luz ainda estava boa.

O microscópio estava perto da janela, onde eu o havia instalado no dia anterior, todo de metais cintilantes e espelhos brilhantes. Alguns segundos de trabalho para colocar gotículas nas lâminas de vidro que eu já deixara prontas, e eu me curvei sobre ele para espreitar pela ocular com ansiosa expectativa.

O ovóide de luz inflou, diminuiu, apagou-se completamente. Eu estreitei os olhos, virando a rosca o mais lentamente possível e... lá estava. O espelho estabilizou-se e a luz transformou-se num perfeito

círculo claro, uma janela para um outro mundo.

Observei, encantada, enquanto os cílios loucamente agitados de um paramécio lançavam-se numa ferrenha perseguição de uma presa invisível. Em seguida, um tranquilo desvio de rota, o próprio campo de visão em constante movimento conforme a gota de água na minha lâmina se mexia em suas marés microscópicas. Esperei mais um instante, na esperança de detectar uma das rápidas e elegantes euglenas, ou mesmo uma hidra, mas não tive essa sorte; apenas misteriosos fragmentos esverdeados, borões de lixo celular e restos de células de algas.

Movi a lâmina para frente e para trás, porém não encontrei nada mais de interesse. Tudo bem; eu tinha muitas outras coisas para examinar. Lavei o retângulo de vidro numa vasilha com álcool, deixei-o secar por um instante, depois mergulhei um bastão de vidro em um dos pequenos béqueres que eu havia alinhado diante do microscópio, pingando uma gota de líquido na lâmina limpa.

Tive um certo trabalho para montar o microscópio adequadamente; não se parecia com a versão moderna, particularmente quando desmontado e guardado na bonita caixa do dr. Rawlings. Ainda assim, pude identificar as lentes e, com um ponto de partida, conseguira encaixar as partes do instrumento óptico sem muita dificuldade. Obter luz suficiente, entretanto, fora mais difícil, e eu estava entusiasmada por ter finalmente conseguido fazê-lo funcionar.

— O que está fazendo, Sassenach? — Jamie, com uma torrada na mão, parou na porta.

— Vendo coisas — eu disse, ajustando o foco.

— Ah, é? Que tipo de coisas? — Ele entrou no consultório, sorrindo. — Não fantasmas, espero. Já tive o suficiente deles.

— Venha ver — eu disse, afastando-me do microscópio. Ligeiramente intrigado, ele inclinou-se e espreitou pelo ocular, apertando o outro olho em concentração.

Observou atentamente por um instante, depois deu uma exclamação de agradável surpresa.

— Eu os vejo! Coisinhas com rabos, nadando de um lado para o outro! — Endireitou-se, sorrindo para mim com um ar de encantamento, depois inclinou-se imediatamente para olhar outra vez.

Senti-me orgulhosa de meu novo brinquedo.

— Não é maravilhoso?

— Sim, maravilhoso — ele disse, absorvido. — Olhe para eles. Tão atarefados, todos se empurrando e se torcendo uns contra os outros. E em que quantidade!

Ele observou por mais alguns instantes, exclamando baixinho, depois se empertigou, sacudindo a cabeça, admirado.

— Nunca vi nada igual, Sassenach. Você me falou dos germes, é verdade, mas eu nunca os imaginaria assim! Achei que tivessem dentinhos minúsculos, e não têm, mas nunca imaginei que tivessem essas caudas tão bonitas, ágeis, ou nadassem em tão grande número.

— Bem, alguns micro-organismos o fazem — eu disse, aproximando-me para olhar pelo ocular outra vez. — Mas esses danadinhos em particular não são germes, são espermatozoides.

— São o quê?

Ele olhou-me sem compreender.

— Espermatozoides — eu disse pacientemente. — Células reprodutoras masculinas. Sabe, o que faz bebês?

Achei que ele fosse se engasgar, pois sua boca abriu-se e um belo tom rosado inundou suas feições.

— Você quer dizer sémen?

— Bem... sim. — Observando-o atentamente, despejei chá quente num béquero limpo e entreguei-o a ele para que se recuperasse. Mas ele ignorou o chá, os olhos fixos no microscópio como se algo pudesse saltar do ocular a qualquer momento e sair se contorcendo no chão aos nossos pés.

— Espermatozoides — murmurou para si mesmo. — Espermatozoides. — Sacudiu a cabeça vigorosamente, depois se virou para mim, um pensamento assustador acabando de ocorrer-lhe.

— De quem são? — ele perguntou, o tom de voz carregado de sombria desconfiança.

— Hã... bem, seus, é claro. — Limpei a garganta, ligeiramente embaraçada. — De quem mais seriam?

Sua mão dirigiu-se rapidamente, num reflexo, para o meio das pernas, onde se posicionou protetoramente.

— Como foi que os conseguiu?

— Como você acha? — eu disse, um pouco friamente. — Acordei com a custódia deles hoje de manhã.

Sua mão relaxou, mas um profundo rubor de mortificação coloriu suas faces. Ele pegou o béquero com chá e virou-o num só gole, apesar de quente.

— Sei — ele disse, e tossiu.

Houve um instante de profundo silêncio.

— Eu... hum... não sabia que podiam permanecer vivos — ele disse

finalmente. — Hãaa... fora, quero dizer.

— Bem, se você os deixa numa mancha no lençol para secar, não sobrevivem — eu disse, de maneira prática. — Mas, se não deixar que sequem... — gesticulei, indicando o pequeno béquer coberto, com sua pequena poça de fluido esbranquiçado — ...eles duram algumas horas. No entanto, em seu habitat apropriado, podem viver até uma semana após... hã... terem sido liberados.

— Habitat apropriado — ele repetiu, pensativo. Lançou um olhar rápido para mim. — Você quer dizer...

— Isso mesmo — eu disse, um pouco asperamente.

— Mmmhum. — Nesse momento, ele se lembrou do pedaço de torrada que ainda segurava e deu uma mordida, mastigando pensativamente.

— As pessoas sabem disso? Agora, quero dizer.

— Sabem o quê? Como são os espermatozoides? Sem dúvida. Os microscópios existem há mais de cem anos e a primeira coisa que uma pessoa faz com um microscópio é examinar tudo que esteja à mão. Considerando-se que o inventor do microscópio foi um homem, eu certamente imaginaria que... Não acha?

Ele lançou-me um olhar de esguelha e deu outra mordida na torrada, mastigando cuidadosamente.

— Não gostaria de me referir a isso como estando "à mão", Sassenach — ele disse, através da boca cheia de farelos, e engoliu. — Mas compreendo o que você quer dizer.

Como se compelido por uma força irresistível, ele resvalou na direção do microscópio, inclinando-se para olhar por ele outra vez.

— Parecem muito ferozes — arriscou, após alguns instantes de inspeção.

— Bem, eles têm que ser — eu disse, reprimindo um sorriso diante de seu ar de orgulho ligeiramente envergonhado com a valentia de seus gametas. — Afinal, é um trabalho longo e árduo, e uma terrível luta ao final. Só um recebe a honra, você sabe.

Ele ergueu os olhos, perplexo. Compreendi subitamente que ele não sabia. Ele estudara línguas, matemática e filosofia grega e latina em Paris, mas não medicina. E, ainda que as ciências da natureza da época soubessem que o esperma se compõe de partículas separadas, em vez de uma substância homogênea, ocorreu-me que eles provavelmente não tinham a menor ideia do que os espermatozoides realmente faziam.

— De onde você acha que vêm os bebês? — perguntei, após alguns esclarecimentos relativos a óvulos, espermatozoides, zigotos e assim

por diante, o que deixou Jamie literalmente vesgo. Lançou-me um olhar um tanto frio.

— Eu sou um fazendeiro afinal, sei exatamente de onde eles vêm — informou-me. — Eu só não sabia que... hã... que toda essa atividade estava acontecendo. Eu pensei... bem, pensei que um homem planta sua semente na barriga de uma mulher e ela... bem... cresce. — Abanou a mão vagamente na direção do meu ventre. — Você sabe, como... semente. Nabos, milho, melões etc. Eu não sabia que ficavam nadando como girinos.

— Compreendo. — Passei o dedo sob meu nariz, tentando conter o riso. — Daí a designação agrícola das mulheres como sendo férteis ou estéreis!

— Mmmhum. — Descartando o comentário com um aceno da mão, franziu a testa pensativamente para a lâmina pululante. — Uma semana, você disse. Então é possível que o menino seja realmente do Melro?

Tão cedo no dia como era, levei mais ou menos meio segundo para dar o salto da teoria para a aplicação prática.

— Oh, Jemmy? Sim, é bem possível que seja filho de Roger. — Roger e Bonnet haviam se deitado com Brianna com a diferença de dois dias um do outro. — Eu disse isso a você... e a Bri.

Ele balançou a cabeça, parecendo distraído, depois se lembrou da torrada e enfiou o resto na boca. Mastigando, inclinou-se para nova olhadela no ocular.

— São diferentes, então? De um homem para outro, quero dizer.

— Hã... não assim de olhar, não. — Peguei minha xícara de chá e tomei um gole, apreciando o delicado sabor. — São diferentes, é claro. Carregam as características de um homem para seu descendente... — Era o mais longe que eu achava prudente ir; ele já estava suficientemente chocado pela minha descrição da fertilização; uma explicação de genes e cromossomas poderia ser excessiva no momento. — Mas você não pode ver as diferenças, mesmo com um microscópio.

Ele emitiu um grunhido, engoliu a boca cheia de torrada e endireitou-se.

— Então por que está olhando?

— Apenas curiosidade. — Indiquei a coleção de garrafas e béqueres no balcão. — Eu queria ver qual era a resolução do microscópio, que tipos de coisas eu poderia ver.

— Ah, é? E então? Quero dizer, qual é a finalidade disso?

— Bem, me ajudar a diagnosticar. Se eu puder pegar uma amostra

das fezes de uma pessoa, por exemplo, e ver que ela tem parasitas intestinais, saberei melhor que remédio dar a ela.

A expressão de Jamie era de quem preferia não ouvir esse tipo de coisas logo depois do café da manhã, mas balançou a cabeça. Terminou seu chá e colocou o béquero sobre o balcão.

— Sim, faz sentido. Vou deixá-la com seu trabalho, então. Inclinou-se e beijou-me rapidamente, depois se dirigiu para a porta.

Pouco antes, no entanto, ele se virou.

— Os... hum... espermatozoides — ele disse, um pouco sem jeito.

— Sim?

— Você não pode levá-los lá fora e lhes dar um enterro decente? Disfarcei um sorriso na minha xícara de chá.

— Cuidarei bem deles — prometi. — Eu sempre cuido, não é?

Lá estavam eles. Pedúnculos escuros, encimados por esporos densos contra o fundo opacamente iluminado do campo de visão do microscópio. Confirmado.

— Peguei-os. — Endireitei-me, esfregando devagar as minhas costas na base da coluna, enquanto examinava meus preparativos.

Uma série de lâminas estava arranjada num leque perfeito ao lado do microscópio, cada qual com uma mancha escura no meio, um código escrito na ponta de cada lâmina com um pedaço de cera de um toco de vela. Amostras de mofo, tiradas de pão de milho úmido, biscoito estragado e um pouco da massa de uma torta de carne de cervo do Hogmanay. A crosta da torta fora a que dera melhores resultados até agora; certamente devido à gordura de ganso.

Dos vários substratos que eu tentara, esses eram os três lotes de mofo resultantes que continham a maior proporção de *Penicillium* — ou o que eu podia ter quase certeza de que era *Penicillium*. Havia um número desencorajador de mofos capazes de crescer em pão úmido, além de várias dezenas de cepas diferentes de *Penicillium*, mas as amostras que eu escolhera continham os tipos mais semelhantes às gravuras do meu livro sobre esporófitos de *Penicillium* que eu gravara na memória, havia anos, em outra vida.

Eu só podia esperar que minha memória não falhasse — e que as cepas de mofo que eu tinha aqui estivessem entre as espécies que produziam uma grande quantidade de penicilina, que eu não houvesse inadvertidamente introduzido nenhuma bactéria virulenta na mistura de caldo de carne e que... — bem, eu podia esperar muitas coisas, mas chega um ponto em que se abandona a esperança em troca da fé e se confia no destino.

Uma fileira de tigelas cheias de caldo alinhava-se ao fundo do

balcão, cada qual coberta com um quadrado de musselina para impedir que insetos, partículas transportadas pelo ar e fezes de rato, sem falar nos próprios ratos, caíssem dentro das vasilhas. Eu havia coado e fervido o caldo, depois lavara cada tigela com água fervente antes de enchê-la com o líquido marrom e fumegante. Isso era o mais perto que eu conseguira chegar de um meio esterilizado.

Depois disso, pegara raspas de cada uma das minhas melhores amostras de mofo e girara a lâmina da faca delicadamente pelo caldo frio, dissolvendo os grumos azulados o melhor possível, antes de cobrir a tigela com seu pano e deixá-la incubar por vários dias.

Algumas culturas prosperaram; outras morreram. Duas tigelas exibiam grumos verde-escuros peludos que flutuavam sob a superfície como bestas marinhas submersas, escuras e sinistras. Algum intruso — mofo, bactéria ou talvez uma colônia de algas, — mas não o precioso *Penicillium*.

Alguna criança anônima havia derramado uma das tigelas; Adso derrubara outra no chão, enlouquecido pelo cheiro de caldo de ganso, e havia lambido o conteúdo, com mofo e tudo, com toda a evidência de satisfação. Obviamente não havia nada tóxico naquela; olhei para baixo para o pequeno gato, enroscado numa fresta de luz do sol no assoalho, a imagem do sonolento bem-estar.

Em três das tigelas remanescentes, no entanto, placas esponjosas e aveludadas de azul manchado cobriam a superfície, e o exame que fiz de uma amostra tirada de uma delas confirmou que eu realmente havia obtido o que procurava. Não era o próprio mofo que era antibiótico — era uma substância transparente secretada pelo mofo, como um meio de se proteger do ataque de bactérias. Essa substância era a penicilina e era isso que eu queria.

Eu explicara tudo isso a Jamie, que estava sentado num banquinho, observando-me enquanto eu despejava o caldo de cada cultura viva através de outro pedaço de gaze para coá-lo.

— Então o que você tem aí é caldo em que o mofo urinou, certo?

— Bem, se você insiste em colocar dessa forma, sim. — Lancei lhe um olhar severo, depois peguei a solução coada e comecei a distribuí-la em várias tigelas pequenas de cerâmica.

Ele balançou a cabeça, satisfeito por ter entendido corretamente.

— E o xixi do mofo é o que cura a doença, hein? Faz sentido.

— Faz?

— Bem, usam-se outros tipos de xixi como remédio, por que não este? Ele ergueu o grande livro de anotações para ilustrar. Eu o deixara aberto no balcão, após registrar o último lote de experiências,

e ele andara se divertindo com a leitura de algumas das primeiras páginas, aquelas onde o registro fora feito pelo proprietário anterior do livro, o dr. Daniel Rawlings.

— Talvez Daniel Rawlings usasse... eu não uso. — Com as mãos ocupadas, ergui o queixo para a anotação na página aberta. — Para que ele usava urina?

— Eficaz para o tratamento de escorbuto — ele leu, o dedo seguindo as nítidas linhas da caligrafia miúda de Rawlings. — Duas cabeças de alho, amassados com seis rabanetes, aos quais são acrescentados bálsamo do peru e dez gotas de mirra, esse composto misturado com a água de uma criança do sexo masculino para ser adequadamente bebido.

— O último parece um condimento um pouco exótico — eu disse, achando graça. — Com o que você acha que combinaria melhor? Ensopado de lebre? Ragu de veado?

— Não, a carne de veado é suave demais para rabanetes. Guisado de carneiro, talvez — ele retrucou. — Carne de carneiro vai bem com tudo. — Passou a língua distraidamente pelo lábio superior, diante da ideia.

— Por que você acha que tem de ser de um menino? Já vi isso ser mencionado em receitas semelhantes antes. Aristóteles diz isso, bem como outros filósofos da Antiguidade.

Lancei lhe um olhar, enquanto começava a arrumar minhas lâminas.

— Bem, certamente é mais fácil coletar urina de um menino do que de uma menina; tente, algum dia. Estranhamente, no entanto, a urina de meninos é realmente muito limpa, se não completamente estéril; pode ser que os filósofos antigos tenham notado que conseguiam melhores resultados com isso em suas fórmulas, porque era mais limpa do que a água de beber comum, se a estavam obtendo dos poços e aquedutos públicos.

— Estéril significa que não possui germes, não que não procria? — Lançou um olhar meio desconfiado para o meu microscópio.

— Sim. Ou melhor, não procria germes porque não há nenhum lá. Com o tampo do balcão livre, exceto pelo microscópio e pelas tigelas de caldo contendo penicilina, ou ao menos eu esperava que fosse isso, comecei os preparativos para cirurgia, tirando do armário meu pequeno estojo de instrumentos cirúrgicos e uma garrafa grande de álcool de grãos.

Entreguei a garrafa de álcool para Jamie, juntamente com o pequeno queimador de álcool que eu inventara — um tinteiro vazio,

com um pavio torcido de linho encerado puxado através de uma cortiça enfiada na boca do recipiente.

— Encha isto para mim, sim? Onde estão os garotos?

— Na cozinha, se embebedando. — Ele franziu o cenho em concentração, cuidadosamente despejando o álcool. — Então a urina de meninas não é limpa? Ou apenas mais difícil de coletar?

— Não, na verdade, não é tão limpa quanto a dos meninos. — Desdobrei um pano limpo sobre o balcão e coloquei ali dois bisturis, um par de fórceps longo e um lote de peças de cauterização. Vasculhei o armário, desencavando um punhado de ataduras de algodão. Tecidos de algodão eram terrivelmente caros, mas eu tivera a sorte de conseguir uma saca de bolas de algodão cru com a mulher de Farquard Campbell, em pagamento por um jarro de mel.

— A... hum... rota para o exterior não é tão direta, pode-se dizer. Assim, a urina tende a pegar bactérias e fragmentos de tecido das dobras da pele. — Olhei para ele por cima do ombro e sorri. — Não que você deva começar a se sentir superior por causa disso.

— Jamais sonharia — ele assegurou-me. — Está pronta, então, Sassenach?

— Sim, traga-os para dentro. Ah, e traga a bacia também!

Ele saiu e eu me virei de frente para a janela que dava para o leste. Havia nevado intensamente no dia anterior, mas hoje o dia estava claro e luminoso, límpido e frio, com o sol se refletindo das árvores cobertas de neve com o brilho de um milhão de diamantes. Eu não poderia querer nada melhor; eu iria precisar de toda a luz que pudesse obter.

Coloquei as peças de ferro para cauterização no pequeno braseiro para esquentar. Em seguida, peguei meu amuleto do armário, coloquei-o no pescoço, de modo que ficasse pendurado sob o corpete do meu vestido, e tirei o pesado avental de lona do gancho atrás da porta. Vesti-o também, depois me dirigi à janela e olhei para fora, para a fria paisagem coberta de glacê de açúcar, esvaziando minha mente, preparando meu espírito para o que estava prestes a fazer. Não era uma operação difícil e eu já a fizera muitas vezes antes. Mas não tinha feito em alguém sentado e consciente, e isso sempre fazia diferença.

Também havia vários anos não fazia esta operação e fechei os olhos para recordar, visualizando cada passo a ser dado, sentindo os músculos da minha mão mexerem-se levemente em resposta aos meus pensamentos, antecipando os movimentos que eu faria.

— Que Deus me ajude — murmurei e fiz o sinal da cruz.

Passos incertos, risadinhas nervosas e o rumor grave da voz de Jamie vieram do corredor e eu me virei sorrindo para saudar meus pacientes.

Um mês de boa comida, roupas limpas e camas quentes havia melhorado imensamente os Beardsley, em termos tanto de saúde quanto de aparência. Ambos ainda eram pequenos, magricelas, e com as pernas ligeiramente arqueadas, mas as cavidades em seus rostos haviam se preenchido um pouco, os cabelos escuros estavam macios e penteados, e o ar perene de vigilância da caça havia desaparecido um pouco de seus olhos.

Na realidade, os dois pares de olhos escuros estavam no momento um pouco embaciados, e Lizzie fora forçada a agarrar Keziah pelo braço a fim de impedir que ele tropeçasse num tamborete. Jamie segurava Josiah com firmeza pelo ombro; virou o rapaz para mim, depois colocou a bacia que carregava com o outro braço.

— Você está bem? — Sorri para Josiah, olhando profundamente em seus olhos, e apertei seu braço para tranquilizá-lo. Ele engoliu com força e deu um sorriso amarelo; não estava bêbado o suficiente para não estar com medo.

Eu o fiz se sentar, conversando calmamente, depois coloquei uma toalha ao redor de seu pescoço e a bacia em seus joelhos. Esperava que ele não a deixasse cair; era de louça e a única bacia que tínhamos. Para minha surpresa, Lizzie se colocou atrás dele, colocando as pequenas mãos em seus ombros.

— Tem certeza de que quer ficar, Lizzie? — perguntei, em dúvida. — Acho que podemos fazer isso sozinhos. — Jamie estava completamente acostumado com sangue e carnificina geral; eu achava que Lizzie jamais deveria ter visto nada além dos tipos comuns de doenças e talvez um ou dois partos.

— Oh, não, senhora, vou ficar. — Ela engoliu em seco também, mas firmou o queixo corajosamente. — Prometi a Jo e Kezzie que ficaria com eles até o fim.

Olhei para Jamie, que deu de ombros com um leve gesto.

— Está bem, então. — Peguei uma das tigelas de cerâmica de caldo de penicilina, despejei-o em duas xícaras e dei a cada um dos gêmeos para beber.

Os ácidos do estômago provavelmente anulariam a maior parte dos efeitos da penicilina, mas ela iria — eu esperava — matar as bactérias em suas gargantas. Após a cirurgia, outra dose banharia as superfícies em carne viva, impedindo a infecção.

Não havia nenhuma maneira de saber exatamente quanta

penicilina haveria no caldo; eu poderia estar lhes dando doses maciças — ou uma quantidade inócua. Ao menos, eu tinha quase certeza de que, fosse qual fosse a quantidade de penicilina existente no caldo, ela estava ativa no momento. Eu não tinha nenhum meio de estabilizar o antibiótico e nenhuma ideia do seu tempo de validade — mas, fresca como estava, a solução tinha que estar ativa como medicamento e havia uma boa chance de que o resto do caldo continuaria usável ao menos pelos próximos dias.

Eu pretendia fazer novas culturas, assim que a cirurgia terminasse; com sorte, eu poderia medicar os gêmeos regularmente por três ou quatro dias e — com mais sorte ainda — evitar, assim, qualquer infecção.

— Oh, então pode-se beber isso aí, não é? — Jamie me olhava cinicamente por cima da cabeça de Josiah. Eu havia injetado penicilina nele logo após um ferimento a bala alguns anos atrás, e ele obviamente agora considerava que eu o fizera por puro sadismo.

Devolvi-lhe o olhar.

— Pode. Penicilina injetável é muito mais eficaz, particularmente no caso de uma infecção ativa. Entretanto, eu não tenho nenhum modo de injetá-la no momento e isso tem por objetivo evitar que peguem uma infecção e não curar uma. Agora se estivermos realmente prontos...

Eu imaginara que Jamie iria segurar o paciente, mas tanto Lizzie quanto Josiah insistiram em que não era necessário; Josiah permaneceria imóvel, independentemente do que pudesse acontecer. Lizzie ainda segurava seus ombros, o rosto mais pálido do que o dele, as pequenas articulações dos dedos proeminentes e brancas.

Eu fizera um exame minucioso nos dois rapazes no dia anterior, mas fiz outra verificação rápida antes de começar, usando uma espátula para abaixar a língua, feita de uma tira de madeira de freixo. Mostrei a Jamie como usá-la para manter a língua pressionada e fora do meu caminho, depois peguei o fórceps, o bisturi e respirei fundo.

Olhei no fundo dos olhos escuros de Josiah e sorri; eu podia ver dois minúsculos reflexos do meu rosto lá, ambos parecendo agradavelmente competentes.

— Tudo bem, então? — perguntei.

Ele não podia falar, com a espátula na boca, mas fez uma espécie de grunhido bem-humorado que eu tomei por assentimento.

Eu precisava ser rápida e fui. Os preparativos haviam levado horas; a operação, não mais do que alguns segundos. Prendi uma amígdala vermelha e esponjosa com o fórceps, estiquei-a em minha direção e fiz

vários cortes pequenos e rápidos, agilmente separando as camadas de tecido. Um fio de sangue escorria pela boca do rapaz e descia pelo queixo, mas nada grave.

Soltei o naco de carne, deposei-o na bacia e passei para a outra amígdala, onde repeti o processo, apenas um pouco mais devagar por ter que trabalhar na posição reversa.

Todo o procedimento não deve ter levado mais do que trinta segundos cada lado. Retirei os instrumentos da boca de Josiah e ele arregalou os olhos para mim, atônito. Em seguida, tossiu, engasgou-se, inclinou-se para frente e outra pequena massa de carne caiu na bacia com uma pequena batida, juntamente com uma boa quantidade de sangue brilhante e vermelho.

Segurei-o pelo nariz e virei sua cabeça para trás, enfiei um punhado de gaze em sua boca para absorver bastante sangue, a fim de que eu pudesse ver o que estava fazendo; depois, peguei um pequeno ferro de cauterização e cuidei dos vasos maiores; os menores podiam coagular e se fechar por conta própria.

Seus olhos lacrimejavam copiosamente e suas mãos agarravam-se à bacia como se fosse uma questão de vida ou morte, mas ele nem se moveu, nem emitiu nenhum som. Eu não esperava que o fizesse, depois do que eu vira quando Jamie removeu a marca em seu dedo. Lizzie ainda segurava seus ombros, os olhos fechados com força. Jamie deu um leve tapinha em seu cotovelo e seus olhos arregalaram-se.

— Pronto, a muirninn, já acabou. Leve-o e coloque-o na cama, sim? Mas Josiah recusou-se a ir. Mudo como seu irmão, sacudiu a cabeça violentamente e sentou-se num banquinho, onde ficou oscilando, o rosto muito pálido. Deu um sorriso medonho ao irmão, os dentes debruados de sangue.

Lizzie pairava entre os dois rapazes, olhando de um para o outro. Josiah atraiu a atenção dela e apontou com firmeza para Keziah, sentado no banco do paciente com uma aparente demonstração de coragem, o queixo levantado. Ela bateu delicadamente na cabeça de Josiah e foi imediatamente segurar os ombros de Keziah. Ele virou a cabeça e deu-lhe um sorriso extremamente meigo, depois abaixou a cabeça e beijou sua mão. Em seguida, virou-se para mim, fechando os olhos e abrindo a boca; parecia um filhote de passarinho pedindo comida.

Esta operação era um pouco mais complicada; as amígdalas e adenóides estavam terrivelmente aumentadas e marcadas por uma infecção crônica. Houve muito sangue; tanto a toalha quanto meu avental estavam muito manchados antes que eu houvesse terminado. Terminei a cauterização e olhei atentamente para o meu paciente, que

estava branco como a neve lá fora e com os olhos completamente vidrados.

— Você está bem? — perguntei. Ele não podia me ouvir, mas minha expressão de preocupação era bastante clara. Sua boca torceu-se no que eu achei que fosse um corajoso esforço para sorrir. Ele começou a balançar a cabeça; em seguida, seus olhos reviraram-se para cima e ele deslizou do banco, terminando com um baque surdo aos meus pés. Jamie pegou a bacia no ar, sem muito derramamento.

Achei que Lizzie também fosse desmaiar; havia sangue por toda parte. Ela de fato cambaleou um pouco, mas foi sentar-se obedientemente ao lado de Josiah quando eu mandei. Josiah permanecia sentado, observando, apertando ferozmente a mão de Lizzie, enquanto Jamie e eu juntávamos os pedaços.

Jamie pegou Keziah nos braços; o garoto permaneceu mole e coberto de sangue, parecendo uma criança assassinada. Josiah levantou-se, os olhos ansiosamente pousados no corpo inconsciente do irmão.

— Vai ficar tudo bem — Jamie lhe disse, em tons de absoluta confiança. — Eu já lhe disse, minha mulher é uma grande curandeira. — Todos se viraram, então, e olharam para mim, sorrindo: Jamie, Lizzie e Josiah. Senti como se eu devesse fazer uma mesura, mas me contentei em sorrir também.

— Vai ficar tudo bem — eu disse, repetindo as palavras de Jamie. — Vão descansar agora.

A pequena procissão deixou o aposento, mais silenciosamente do que havia entrado, deixando-me para guardar meus instrumentos e arrumar a sala.

Eu me sentia muito feliz, radiante com a espécie de satisfação calma que vem com um trabalho bem-sucedido. Havia muito tempo eu não fazia esse tipo de operação; as exigências e limitações do século XVIII impediam a maioria das cirurgias, a não ser as feitas numa emergência. Sem anestesia ou antibióticos, a cirurgia eletiva era simplesmente difícil demais e perigosa demais.

Mas agora ao menos eu tinha penicilina. E tudo iria dar certo, pensei, cantarolando comigo mesma enquanto apagava a chama de minha lamparina a álcool. Eu senti isso na carne deles, tocando os garotos enquanto trabalhava. Nenhum germe os ameaçaria, nenhuma infecção mancharia a limpeza do meu trabalho. Havia sempre o fator sorte na prática da medicina — mas as chances haviam mudado hoje, a meu favor.

— "Tudo ficará bem" — citei para Adso, que silenciosamente se materializara sobre o balcão, onde diligentemente lambia uma das

tigelas de caldo vazias — "e todo tipo de coisa ficará bem."

O grande livro preto de anotações permanecia aberto sobre o balcão onde Jamie o deixara. Virei para as últimas páginas, onde eu andara registrando o progresso de minhas experiências, e peguei a pena. Mais tarde, após o jantar, eu registraria os detalhes da cirurgia. Por enquanto... parei, depois escrevi Eureka! no pé da página.

A CHEGADA DA CORRESPONDÊNCIA

Fergus empreendeu sua viagem bimestral a Cross Creek em meados de fevereiro, retornando com sal, agulhas, índigo, uma miscelânea de artigos necessários e uma saca cheia de correspondência. Ele chegou no meio da tarde, tão ansioso para voltar para Marsali, que só se demorou o suficiente para uma rápida caneca de cerveja, deixando-me e a Brianna encarregadas de separar os pacotes, exultantes com a generosa remessa.

Havia uma grossa pilha de jornais de Wilmington e New Bern; alguns da Filadélfia e de Boston também, enviados por amigos do norte a Jocasta Cameron e, depois, encaminhados para nós. Folheei os jornais; o mais recente datava de três meses atrás. Não importava; jornais eram tão bons quanto romances, num lugar onde material de leitura era literalmente quase tão escasso quanto ouro.

Jocasta também enviara duas edições do Brigham's Lady's Book para Brianna, uma revista contendo desenhos dos trajes mais em voga em Londres e artigos de interesse para mulheres com esse gosto.

— "Como limpar renda dourada" — Brianna leu, arqueando uma das sobrancelhas ao abrir uma dessas revistas aleatoriamente. — Isso é algo que todo mundo devia saber fazer, sem a menor dúvida.

— Olhe atrás — aconselhei. — É onde publicam os artigos sobre como evitar pegar gonorreia e o que fazer a respeito das hemorroidas de seu marido.

A outra sobrancelha se levantou, fazendo-a se parecer ainda mais com Jamie, quando defrontado com alguma proposição altamente questionável.

— Se meu marido me transmitisse gonorreia, acho que ele poderia se preocupar com as próprias hemorroidas. — Ela virou várias páginas e as sobrancelhas ergueram-se ainda mais. — "Um estímulo para Vênus. Esta é uma lista de remédios infalíveis para a fadiga do membro masculino."

Espreitei por cima do seu braço, minhas próprias sobrancelhas se erguendo.

— Nossa. "Uma dúzia de ostras, embebidas durante uma noite numa mistura de vinho e leite, a serem cozidas numa torta com amêndoas moídas e carne de lagosta e servidas com pimentões

temperados." Não sei o que isso faria ao membro masculino, mas provavelmente daria ao homem que o possui uma violenta indigestão. Bem, não temos ostras aqui, de qualquer forma.

— Não estamos perdendo nada — ela me assegurou, franzindo a testa para a página, concentrada. — Ostras me fazem lembrar catarro.

— Apenas as cruas; elas são mais comestíveis quando cozidas. Mas, por falar em catarro... onde está Jemmy?

— Dormindo, ou pelo menos assim espero. — Lançou um olhar desconfiado para o teto, mas nenhum barulho desagradável se manifestou, e ela retornou à revista.

— Aqui está uma que poderíamos fazer. "Os testículos de um animal macho", como se fosse possível consegui-los de uma fêmea, "com seis grandes cogumelos, cozidos em cerveja amarga até ficarem macios; depois, tanto os testículos quanto os cogumelos, cortados em fatias finas, bem temperados com pimenta e sal, mais algumas gotas de vinagre, e assados no fogo até ficarem crocantes e dourados." Papai ainda não resolveu castrar Gideon, já?

— Não. Tenho certeza de que ele teria prazer de lhe dar os órgãos em questão, se você quisesse experimentar.

Ela ficou com o rosto corado e limpou a garganta com um ruído que me fez lembrar ainda mais de seu pai.

— Eu... hum... acho que não estamos precisando ainda.

Eu ri e deixei-a compenetrada em sua fascinante leitura, voltando à correspondência.

Havia um objeto embrulhado, endereçado a Jamie que eu sabia que devia ser um livro, enviado de um livreiro na Filadélfia, mas com o selo de lorde John Grey — uma placa de cera azul extravagantemente marcada com uma meia-lua sorridente e uma única estrela. Metade de nossa biblioteca vinha de John Grey, que insistia em dizer que nos enviava livros primordialmente para sua própria satisfação, já que não conhecia ninguém nas colônias além de Jamie que fosse capaz de conduzir uma discussão literária decente.

Também havia várias cartas endereçadas a Jamie. Olhei-as cuidadosamente, na esperança de ver a caligrafia pontiaguda, característica de sua irmã. Havia uma carta de Ian, que escrevia religiosamente uma vez por mês, mas nada de Jenny. Não havíamos recebido nenhuma notícia dela nos últimos seis meses; não desde que Jamie lhe escreveu relutantemente para lhe contar sobre o destino de seu filho mais novo.

Franzi a testa, arrumando as cartas numa pequena pilha na borda da escrivaninha para que Jamie as visse mais tarde. Eu não culpava

Jenny, considerando as circunstâncias — mas eu estivera lá, afinal. Não fora culpa de Jamie, embora ele tivesse aceitado a culpa por isso. O Jovem Ian escolhera ficar com os mohawks. Ele era um homem, ainda que jovem, e a decisão cabia a ele. Mas depois, refleti, ele ainda era um garoto quando deixou os pais e provavelmente ainda era aos olhos de Jenny.

Mas eu sabia que o silêncio dela feria Jamie profundamente. Ele continuou a escrever-lhe, como sempre fizera, teimosamente acrescentando alguns parágrafos quase toda noite, reservando as folhas até alguém descer a montanha para Cross Creek ou Wilmington. Ele nunca falava claramente sobre isso, mas eu via como seus olhos percorriam cada lote de cartas, procurando a caligrafia da irmã e o aperto quase invisível no canto da boca quando não a encontrava.

— Droga, Jenny Murray — murmurei baixinho. — Perdoe Jamie e acabe logo com isso!

— Hein? — Brianna largara a revista e examinava uma carta quadrada, franzindo a testa.

— Nada. O que você tem aí? — Deixei as cartas que estivera separando e fui ver.

— É do tenente Hayes. Sobre o que será a carta?

Uma pequena descarga de adrenalina fez minha barriga se contrair. Também devo ter demonstrado em meu rosto imprudente, pois Brianna abaixou a carta e olhou para mim, a testa franzida.

— O que foi? — ela perguntou.

— Nada — respondi, mas já era tarde demais. Ela continuou olhando para mim, a mão fechada sobre o quadril, e ergueu uma das sobrancelhas.

— Você é uma mentirosa, mamãe — ela disse com tolerância. Sem hesitar, quebrou o selo.

— Está endereçada a seu pai — eu disse, embora faltasse ênfase ao meu protesto.

— Hum, hum. A outra também estava — ela disse, a cabeça inclinada sobre a folha de papel desdobrada.

— O quê? — Mas, no momento mesmo em que perguntava, já tinha me colocado ao seu lado, lendo por cima de seu braço.

Tenente Archibald Hayes Portsmouth, Virgínia

Sr. James Fraser

Fraser's Ridge, Carolina do Norte

18 de janeiro de 1771

Senhor

Escrevo para informá-lo de que, no momento, estamos em Portsmouth, onde deveremos ficar até a primavera. Se tiver conhecimento de algum capitão de navio disposto a dar transporte até Perth a quarenta homens, com a promessa de recompensa do exército quando alcançarmos o porto, eu gostaria de saber tão logo lhe seja mais conveniente.

Enquanto isso, arranjamos diferentes trabalhos, pois precisamos nos sustentar durante os meses de inverno. Vários dos meus homens conseguiram trabalho no reparo de embarcações, que são muitas por aqui. Eu mesmo estou empregado como cozinheiro numa taverna local, mas visito meus homens regularmente nos diferentes locais onde estão hospedados, para saber como vão passando.

Visitei uma dessas hospedarias duas noites atrás. No decorrer da conversa, um dos homens — soldado Ogilvie, que acredito que conheça — mencionou uma conversa que ele entreouvira no estaleiro. Como se tratava de um tal Stephen Bonnet, que lembro ser do seu interesse, comunico-lhe as informações que obtive sobre a questão.

Bonnet, segundo dizem, é um contrabandista, o que não é uma ocupação incomum na área. Entretanto, ele parece lidar com uma qualidade — e quantidade — de contrabando maior do que o normal e, em consequência, a natureza de suas conexões também parece ser incomum. O que significa que determinados armazéns na costa das Carolinas periodicamente abrigam produtos de uma natureza normalmente não encontrada ali e que tais aparições coincidem com a presença de Stephen Bonnet nas tavernas e espeluncas próximas.

O soldado Ogilvie quase não se recorda de nomes específicos, já que não sabia que Bonnet era de interesse, e mencionou o caso a mim apenas como um fato curioso. Um dos nomes mencionados foi "Butler", segundo ele, mas ele não tem certeza de se esse nome tem alguma coisa a ver com Bonnet. Outro nome foi "Karen", mas Ogilvie não sabe se o nome pertence a uma mulher ou talvez a um navio.

Um armazém que ele supôs ser um determinado prédio indicado na conversa — embora ele admita francamente não ter certeza disso — por acaso não fica distante do estaleiro e, quando ele me deu essas informações, eu resolvi passar por esse prédio e fazer perguntas sobre o proprietário. O prédio pertence a dois sócios: Ronald Priestly e Phillip Wylie. Não tenho informações sobre nenhum desses dois homens no momento, mas continuarei minhas indagações conforme meu tempo me permitir.

Sabendo de tudo isso, procurei entabular conversas referentes a Bonnet nas tavernas locais, porém sem maiores resultados. Eu diria que o nome é conhecido, mas poucos querem falar dele.

Seu mais obediente criado, Archibald Hayes, tenente 67—
Regimento das Highlands

Todos os barulhos normais da casa estavam silenciados ao nosso redor, mas Bri e eu parecíamos de repente estar juntas numa bolha clara e pequena de silêncio, onde o tempo havia parado abruptamente.

Relutei em largar a carta, pois isso significaria que o tempo continuaria a passar e alguma coisa tivesse que ser feita nesse ponto. Ao mesmo tempo, eu queria não só largá-la, como atirá-la na lareira e fingir que nenhuma das duas a havia lido.

Então Jemmy começou a chorar no andar de cima, Brianna deu um salto em resposta e virou-se para a porta, e tudo começou a se mover normalmente outra vez.

Deixei a carta sozinha num lugar da mesa e voltei ao resto da correspondência, separando e arrumando para Jamie vê-las mais tarde, colocando os jornais e revistas numa pilha bem arrumada, tirando o barbante do pacote; como eu imaginara, era um livro — A expedição de Humphrey Clinker, de Tobias Smollett. Enrolei o barbante e enfiei-o no meu bolso, enquanto o tempo todo uma pequena batida "E agora? E agora?" martelava no fundo da minha cabeça como um metrônomo.

Brianna voltou, carregando Jemmy, vermelho e marcado do cochilo, e obviamente naquele estado de espírito em que se acorda do sono para uma irritação confusa diante das exigências inoportunas da consciência. Eu compreendia.

Ela sentou-se, puxou a gola de sua combinação e colocou o bebê no seio. Seus gritos cessaram como mágica e eu tive um momento de intenso desejo de que eu pudesse fazer algo assim tão eficaz por ela. Ela estava pálida, mas controlada.

Eu tinha que dizer alguma coisa.

— Sinto muito, querida — eu disse. — Tentei impedi-lo... Jamie, quero dizer. Sei que ele não pretendia que você tomasse conhecimento disso. Que se preocupasse com isso.

— Tudo bem. Eu já sabia. — Estendendo o braço livre, puxou um dos livros de contabilidade da pilha que Jamie mantinha sobre a escrivaninha e, segurando-o pela lombada, sacudiu até uma carta dobrada cair. Indicou a carta com um sinal da cabeça, por cima de Jemmy.

— Olhe isso. Encontrei-a quando você estava fora com a milícia.

Li o relato de lorde John do duelo entre Bonnet e o capitão Marsden, sentindo um frio na boca do estômago. Eu não tinha

nenhuma ilusão sobre o caráter de Bonnet, mas não sabia que ele tinha tanta habilidade. Eu preferia que criminosos perigosos fossem incompetentes.

— Pensei que talvez lorde John estivesse apenas respondendo a uma pergunta casual de papai, mas acho que não. O que você acha? — Bri perguntou. Seu tom de voz era frio, quase distanciando, como se perguntasse minha opinião sobre uma fita de cabelo ou uma fivela de sapato. Ergui os olhos para ela abruptamente.

— O que você acha? — Era Brianna que importava nessa história, ou ao menos essa era a minha opinião.

— Sobre o quê? — Seus olhos desviaram-se dos meus, passaram pela carta, depois se fixaram na curva da cabeça de Jemmy.

— Oh, o preço do chá na China, para começar — eu disse, com alguma irritação. — Passando prontamente ao tópico de Stephen Bonnet, por favor.

— Era estranhamente chocante dizer seu nome em voz alta; nós todos evitamos isso durante meses, por consenso implícito.

Ela mordeu o lábio inferior. Manteve os olhos fixos no chão por um instante, depois sacudiu a cabeça, muito devagar.

— Eu não quero ouvir falar dele, não quero pensar nele — ela disse, sem se alterar. — E, se algum dia eu o vir novamente, eu apenas... apenas... — Estremeceu violentamente, depois ergueu o rosto para mim, os olhos ferozes e perturbados.

— O que há de errado com ele? — ela exclamou. — Como pôde fazer isso? — Bateu na coxa com o punho cerrado e Jemmy, assustado, perdeu o bico do seio e começou a chorar.

— Seu pai, você quer dizer... não Bonnet.

Ela balançou a cabeça, pressionando Jemmy de novo contra o peito, mas ele detectou sua agitação e começou a berrar e se contorcer. Peguei-o no colo, colocando-o contra meu ombro e batendo delicadamente em suas costas, num gesto automático de consolo. As mãos de Bri, estando vazias, agarraram-se aos joelhos, amarrotando o tecido de sua saia.

— Por que ele não podia deixar Bonnet em paz? — Ela teve que erguer a voz para ser ouvida acima do berreiro de Jemmy e os ossos de sua face pareciam ter mudado de posição, de modo que sua pele parecia esticada sobre eles.

— Porque ele é homem... e um maldito escocês das Highlands — eu disse. — "Viva e deixe viver" não faz parte do vocabulário deles. — O leite escorria lentamente de seu mamilo sobre o tecido de sua combinação; estendi uma das mãos e puxei o tecido para cima para

cobri-la. Ela colocou a mão sobre o seio e o pressionou com força para fazer o leite parar.

— Mas o que ele pretende fazer? Se o encontrar.

— Quando o encontrar, eu receio — eu disse com certa relutância. — Porque eu não acredito que ele pare de procurá-lo enquanto não o encontrar. Quanto ao que fará então... bem... vai matá-lo, imagino. — Aquilo soou estranhamente despreocupado, colocado dessa forma, e no entanto eu não via nenhum outro modo de dizer isso, para falar a verdade.

— Você quer dizer que ele vai tentar matá-lo. — Ela olhou para a carta de lorde John, depois afastou o olhar, engolindo em seco. — E se ele...

— Seu pai tem muita experiência em matar pessoas — eu disse friamente. — Na verdade, ele é muito bom nisso, embora não o faça há algum tempo.

Isso não pareceu confortá-la. Nem a mim.

— É um lugar tão grande — ela murmurou, sacudindo a cabeça. — A América, quero dizer. Por que ele não poderia apenas... ir embora? Para bem longe? — Uma excelente pergunta. Jemmy resfolegava, esfregando o rosto furiosamente no meu ombro, porém não mais berrando.

— Eu esperava que Stephen Bonnet tivesse o bom senso de ir continuar suas atividades de contrabandista na China ou nas índias Ocidentais, mas imagino que ele possua conexões locais que não queira abandonar. — Estremeci, continuando a dar tapinhas em Jemmy.

Brianna largou a saia e estendeu os braços para pegar o bebê, que ainda se contorcia como uma enguia.

— Bem, afinal ele não sabe que tem Sherlock Fraser e seu auxiliar lorde John Grey Watson no seu rastro. — Era uma tentativa corajosa, mas seu lábio tremia ao falar e ela mordeu o lábio inferior outra vez. Eu detestava lhe causar mais preocupação, mas não fazia mais sentido evitar o assunto.

— Não, mas provavelmente saberá, em breve — eu disse, relutantemente.

— Lorde John é muito discreto, o soldado Ogilvie não. Se Jamie sair por aí fazendo perguntas, e receio que o fará, seu interesse logo será conhecido por toda parte. — Eu não sabia ao certo se Jamie esperava descobrir Bonnet rapidamente e pegá-lo de surpresa, ou se seu plano era fazer Bonnet sair da toca por meio de suas investigações. Ou se ele de fato pretendia atrair a atenção de Bonnet

deliberadamente e fazer com que ele viesse até nós. A última possibilidade deixou meus joelhos um pouco fracos e eu me sentei pesadamente num banco.

Brianna inspirou fundo, devagar, e soltou o ar pelo nariz, colocando o bebê de novo no seio.

— Roger sabe? Quero dizer, ele está metido nesta... nesta... maldita vendem?

Sacudi a cabeça.

— Acho que não. Quer dizer, não tenho certeza. Ele teria lhe contado, não teria?

Sua expressão relaxou um pouco, embora uma sombra de dúvida ainda escurecesse seus olhos.

— Eu detestaria pensar que ele esconderia algo assim de mim. Por outro lado... — ela acrescentou, a voz aguçando-se um pouco numa acusação — Você escondeu.

Senti uma pontada com a acusação e pressionei os lábios.

— Você disse que não queria pensar em Stephen Bonnet — eu disse, desviando os olhos da turbulência de sentimentos em seu rosto. — É claro que não. Eu... nós... não queríamos que tivesse que pensar nele. — Com um certo sentimento de inevitabilidade, percebi que eu estava sendo arrastada para o centro do vórtice das intenções de Jamie, sem nenhum consentimento próprio.

— Agora, veja bem — eu disse energeticamente, sentando-me empertigada e lançando lhe um olhar penetrante. — Eu não acho uma boa ideia ir atrás de Bonnet e fiz tudo que pude para desencorajar Jamie de fazer isso. Na verdade — acrescentei com pesar, indicando a carta de lorde John com um movimento da cabeça, — eu achei que havia realmente conseguido fazê-lo desistir. Mas aparentemente não consegui.

Um olhar de determinação endurecia a boca de Brianna e ela acomodou-se mais solidamente na cadeira.

— Pois eu certamente vou desencorajá-lo — declarou.

Lancei lhe um olhar, considerando. Se alguém tivesse a necessária teimosia e força de personalidade para afastar Jamie do caminho escolhido, seria sua filha. Mas isso era apenas uma hipótese.

— Você pode tentar — eu disse, sem muita convicção.

— Não tenho o direito? — Seu choque inicial desaparecera e suas feições haviam recuperado o controle, a expressão fria e severa. — Não cabe a mim dizer se eu quero... o que eu quero?

— Sim — concordei, uma dor aguda de inquietação ondulando

pelas minhas costas. Os pais costumavam achar que também tinham direitos. Maridos também. Mas talvez fosse melhor não dizer isso.

Um silêncio momentâneo caiu entre nós, quebrado apenas pelos ruídos de Jemmy e os gritos dos corvos lá fora. Quase por impulso, fiz a pergunta que viera à superfície da minha mente.

— Brianna. O que você quer? Quer Stephen Bonnet morto?

Ela olhou para mim, depois desviou o olhar para janela, enquanto batia levemente nas costas de Jemmy. Não pestanejou. Finalmente seus olhos se fecharam por um breve instante; em seguida, abriram-se para fitar os meus.

— Não posso — ela disse, a voz baixa. — Tenho medo de que, se um dia deixar esse pensamento entrar em minha mente... não conseguiria pensar em mais nada, iria querer isso com todas as minhas forças. E não vou deixar que... ele... arruíne minha vida dessa forma.

Jemmy soltou um sonoro arroto e cuspiu um pouco de leite. Bri tinha uma velha toalha de linho sobre o ombro e agilmente limpou seu queixo com ela. Mais calmo agora, ele havia perdido o ar de irritada incompreensão e concentrava-se intensamente em algo por cima do ombro de sua mãe. Seguindo a direção de seus claros olhos azuis, vi a sombra de uma teia de aranha no canto superior da janela. Uma rajada de vento sacudiu a janela e um pontinho minúsculo moveu-se no centro da teia, muito delicadamente.

— Sim — Brianna disse, baixinho. — Eu realmente quero vê-lo morto. Mas quero mais ainda que papai e Roger continuem vivos.

TEMPO DO SONHO

Roger fora cantar no casamento do sobrinho de Joel MacLeod, conforme combinado durante a Assembleia, e voltou para casa com uma nova recompensa, que estava ansioso para colocar no papel, antes que fugisse de sua lembrança.

Deixou as botas enlameadas na cozinha, aceitou uma xícara de chá e uma torta de passas da sra. Bug e foi direto para o gabinete. Jamie estava lá, escrevendo cartas; ergueu os olhos com um murmúrio distraído de saudação, mas voltou para sua redação, uma ligeira ruga entre as pesadas sobrancelhas enquanto desenhava as letras, a mão dura e desajeitada na pena de escrever.

Havia uma estante de livros, pequena, de três prateleiras, no gabinete de Jamie, que abrigava toda a biblioteca de Fraser's Ridge. As obras sérias ocupavam a prateleira superior; um volume de poesia em latim, Comentários, de César, Meditações, de Marco Aurélio, algumas outras obras clássicas, História natural da Carolina do Norte, do dr. Brickell, emprestado pelo governador e nunca devolvido, e um livro didático de matemática, muito surrado, com Ian Murray, o Mais Jovem escrito na orelha com uma caligrafia vacilante.

A prateleira do meio era dedicada à leitura mais leve: uma pequena coleção de romances, ligeiramente esfrangalhada de tanto uso, que incluía Robinson Crusoe, Tom Jones, numa coleção de sete volumes pequenos, encadernados em couro; Roderick Random, em quatro volumes; e o monstruoso Pamela, de sir Henry Richardson, em dois gigantescos volumes encadernados — o primeiro com múltiplos marcadores de livros, desde uma folha de bordo seca e quebradiça a um limpa-penas dobrado, indicando os pontos que vários leitores haviam alcançado antes de desistir, temporária ou definitivamente. Um exemplar de Don Quijote em espanhol, em mau estado, porém bem menos usado, já que somente Jamie sabia ler em espanhol.

A prateleira inferior abrigava um exemplar do Dicionário do dr. Samuel Johnson, os livros de contabilidade de Jamie, vários cadernos de desenho de Brianna e o diário fino, encadernado em tecido rústico, em que Roger registrava poemas e as letras de canções que aprendia, adquiridos em festas e ao redor de fogueiras.

Sentou-se num banco do outro lado da mesa que Jamie usava como escrivaninha e cortou uma nova pena para a tarefa, com muito

cuidado; queria que esses registros ficassem legíveis. Não sabia ao certo qual seria a utilidade desta coleção, mas ele fora impregnado do valor instintivo que um estudioso dá à palavra escrita. Talvez fosse apenas para seu próprio prazer e utilização — mas gostava da sensação de que pudesse estar deixando algo para a posteridade também e esforçava-se tanto para registrar com clareza e precisão quanto para documentar as circunstâncias em que adquirira cada canção.

O gabinete estava tranquilo, com apenas um ou outro suspiro de Jamie quando parava para esfregar as articulações de sua mão enrijecida. Após algum tempo, o sr. Bug veio até a porta e, depois de uma breve conversa, Jamie guardou sua pena e saiu com o feitor. Roger fez um rápido cumprimento com a cabeça quando ambos se despediram dele, a mente ocupada com o esforço de se lembrar e registrar.

Quando terminou, quinze minutos depois, sua mente estava agradavelmente vazia, e ele endireitou-se, esticando-se para se livrar da dor nos ombros. Esperou alguns instantes para que a tinta ficasse completamente seca antes de guardar o diário e, enquanto esperava, foi pegar um dos cadernos de desenho de Brianna da prateleira inferior.

Ela não se importava que ele olhasse; ela lhe dissera que podia vê-los sempre que quisesse. Ao mesmo tempo, mostrava-lhe apenas um ou outro desenho, aqueles que mais a satisfaziam ou que fizera especialmente para ele.

Ele virou as folhas do caderno de desenho, com a sensação de curiosidade e respeito que acompanha o ato de bisbilhotar o mistério, buscando pequenos vislumbres da mente de Brianna.

Havia vários esboços de retratos do bebê neste caderno, um estudo em círculos.

Ele parou em um pequeno esboço, surpreendido pela lembrança. Era um desenho de Jemmy dormindo, de costas, seu corpinho robusto enroscado como uma vírgula. Adso, o gato, estava enroscado ao seu lado, exatamente da mesma maneira, o queixo apoiado no pezinho gorducho de Jemmy, os olhos duas fendas de beatitude comatosa. Deste ele se lembrava.

Ela sempre desenhava Jemmy — na verdade, quase todo dia, — mas raramente de rosto inteiro.

— Os bebês não têm realmente rostos — ela lhe dissera, franzindo a testa criticamente para seu rebento, que mastigava diligentemente a tira de couro do chifre de pólvora de Jamie.

— Ah, é? E o que é isso na frente de sua cabeça, então? — Ele se

deitara por inteiro no chão com o bebê e o gato, rindo para ela, o que tornava fácil para ela olhá-lo de cima com um ar superior.

— Quer dizer, estritamente falando. É claro que têm rostos, mas todos eles se parecem.

— Sábio é o pai que conhece seu próprio filho, hein? — ele brincou, arrependendo-se imediatamente, ao ver a sombra que anuviou seus olhos. Passou, rápida como uma nuvem de verão, mas esteve lá, ainda assim.

— Bem, não do ponto de vista do artista. — Ela passou a lâmina de seu canivete, inclinada, pela extremidade do seu bastão de carvão, afiando a ponta. — Eles não têm ossos, que se possam ver, quero dizer. E são os ossos que você usa para moldar um rosto; sem ossos, não há muita diferença.

Ossos ou não, ela possuía um talento notável para captar as nuances de expressão. Ele sorriu para um dos desenhos; o rosto de Jemmy exibía a expressão distante e inequívoca de alguém extremamente concentrado na produção de uma fralda realmente terrível.

Além dos desenhos de Jemmy, havia várias folhas com o que pareciam diagramas de engenharia. Considerando-os de pouco interesse, ele se inclinou e recolocou o caderno na estante, retirando outro.

Percebeu imediatamente que não se tratava de outro caderno de desenhos. As páginas estavam densamente preenchidas com a caligrafia metódica e inclinada de Brianna. Ele folheou as páginas com curiosidade; não era realmente um diário, mas parecia ser uma espécie de registro de sonhos.

Ontem à noite, sonhei que raspava minhas pernas. Roger sorriu diante da inconsequência, mas uma visão das pernas de Brianna, longas e fracamente luzidias, o fez continuar lendo.

Eu estava usando a lâmina de barbear de papai e pensando que ele iria reclamar quando descobrisse, mas não estava preocupada. O creme de barbear vinha numa lata branca com letras vermelhas, e lia-se Old Spice no rótulo. Não sei se havia um creme de barbear assim, mas esse era o cheiro que meu pai sempre tinha, loção pós-barba Old Spice e fumaça de cigarro. Ele não fumava, mas as pessoas com que ele trabalhava fumavam, e seus casacos sempre cheiravam como o ar da sala depois de uma festa.

Roger inspirou, parcialmente consciente dos aromas guardados em sua lembrança, de bolos quentes e chá, lustra-móveis e amónia. Nenhum cigarro nas reuniões realizadas na residência da paróquia — e, no entanto, os casacos de seu pai também cheiravam a fumaça de

cigarro.

Certa vez, Gayle disse-me que saíra com Chris e não tivera tempo de raspar as pernas, e ela passou a tarde inteira tentando impedir que ele tocasse em seus joelhos, por medo de que ele sentisse o pelo eriçado. Depois disso, eu nunca raspava as pernas sem me lembrar disso e, então, corria os dedos pela minha coxa, para ver se sentia alguma coisa ou se estava bom parar de raspar na altura dos joelhos.

Os pelos nas coxas de Brianna eram tão finos, que nem podiam ser sentidos; e somente vistos quando ela se erguia nua sobre ele, com o sol por trás, dourando seu corpo, brilhando através daquela delicada auréola de segredos. A ideia de que ninguém jamais veria isso a não ser ele deu-lhe um pequeno calor de satisfação, como um avarento contando cada fio de cabelo de ouro e cobre, apreciando sua fortuna secreta sem nenhum temor de ser roubado.

Virou a página, sentindo-se terrivelmente culpado com aquela intrusão, mas irresistivelmente atraído pelo desejo de penetrar na intimidade dos sonhos dela, conhecer as imagens que preenchiam sua mente adormecida.

Os registros não estavam datados, mas cada um começava com as mesmas palavras: Ontem à noite, sonhei.

Ontem à noite, sonhei que estava chovendo. Não era de admirar, já que realmente estava chovendo, como vinha acontecendo há dois dias. Quando saí para ir à latrina hoje de manhã, tive que pular uma enorme poça junto à porta e afundei até os tornozelos no lugar encharcado junto às amoras silvestres.

Fomos para a cama, ontem à noite, com a chuva martelando forte no telhado. Foi tão bom aconchegar-me com Roger e ficarmos aquecidos em nossa cama, após um dia chuvoso e frio. Pingos de chuva caíam pela chaminé e sibilavam no fogo da lareira. Nós ficamos contando um ao outro histórias de nossa juventude — talvez o sonho tenha vindo daí, de pensar no passado.

Não havia muita coisa no sonho, apenas que eu estava em uma janela em Boston vendo os carros passarem, atropelando grandes poças de água com suas rodas e ouvindo o ruído de seus pneus nas ruas molhadas. Acordei ainda ouvindo esse som; era tão claro em minha mente, que eu, na verdade, me dirigi à janela e olhei para fora, de certa forma esperando ver uma rua movimentada, cheia de carros correndo pela chuva. Foi um choque ver abetos, castanheiras, mato e trepadeiras e não ouvir nada além das suaves batidas dos pingos de chuva nas folhas de bardana.

Tudo era de um verde tão vívido, tão luxuriante e excessivo, que parecia uma selva ou um outro planeta — um lugar onde eu nunca

estivera, onde não havia nada que eu reconhecesse, embora, na realidade, eu o veja todos os dias.

Durante todo o dia, ouvi o ruído de pneus na chuva, em algum lugar atrás de mim.

Sentindo-se culpado, mas fascinado, Roger virou a página.

Ontem à noite, sonhei que estava dirigindo meu carro. Era o meu Mustang azul e eu estava em grande velocidade por uma estrada sinuosa, atravessando as montanhas — estas montanhas. Nunca dirigi por estas montanhas, embora tenha atravessado as florestas das montanhas no norte do estado de Nova York. Mas definitivamente era aqui; eu sabia que era a Ridge.

Foi muito real. Ainda posso sentir meus cabelos açoitados pelo vento, o volante em minhas mãos, a vibração do motor e o ruído dos pneus no asfalto. Mas essa sensação — assim como o carro — é impossível. Não pode acontecer agora, em nenhum lugar, exceto em minha mente. E, no entanto, lá está ela, embutida nas células de minha memória, tão real quanto a latrina lá fora, esperando para ser chamada de volta à vida no estalar de uma sinapse.

Essa é outra esquisitice. Ninguém sabe o que é uma sinapse, salvo eu, mamãe e Roger. Que sensação estranha; como se nós três compartilhássemos todo tipo de segredo.

De qualquer modo, essa parte em particular — dirigir um automóvel — pode ser atribuída a uma lembrança conhecida. Mas o que dizer dos sonhos, igualmente vívidos, igualmente reais, com coisas que meu ser em vigília não conhece? Seriam alguns sonhos a lembrança de coisas que ainda não aconteceram?

Ontem à noite, sonhei que fazia amor com Roger.

Ele estava prestes a fechar o caderno, experimentando uma sensação de culpa pela intrusão. A culpa continuava lá — sem dúvida, — mas totalmente insuficiente para sobrepujar sua curiosidade. Ele olhou para a porta, mas a casa estava silenciosa; as mulheres moviam-se pela cozinha, mas não havia ninguém perto do gabinete.

Ontem à noite, sonhei que fazia amor com Roger.

Foi maravilhoso; pela primeira vez, eu não estava pensando, não estava observando a distância, como sempre faço. Na verdade, eu não tive nem consciência de mim mesma por um longo tempo. Havia apenas aquela... coisa selvagem, excitante, e eu era parte dela e Roger também, mas não havia ele ou eu, apenas nós.

O engraçado é que era Roger, mas eu não pensava nele dessa forma. Não pelo nome... não por esse nome. Era como se ele tivesse outro nome, um nome real, secreto.... mas eu sabia qual era.

(Sempre achei que todo mundo tem esse tipo de nome, um nome que não é uma palavra. Eu sei quem eu sou... e seja quem for, seu nome não é "Brianna". Sou eu, apenas isso. "Eu" serve muito bem como um substituto para o que quero dizer — mas como se escreve o nome secreto de outra pessoa?)

Mas eu sabia o verdadeiro nome de Roger, e parecia ser por isso que estava dando certo. E estava realmente dando certo; eu não pensava nisso, nem me preocupava com isso, e somente no fim eu pensei, Ei, está acontecendo!

E então realmente aconteceu e tudo se dissolveu, estremeceu e pulsou...

Nesse ponto, ela havia riscado o resto da linha, com uma pequena anotação à margem que dizia:

Bom, nenhum dos livros que já li conseguiu descrever isso também!

Apesar de sua chocada fascinação, Roger riu alto, depois abafou o riso, olhando em volta para ver se ainda estava sozinho. Havia barulho na cozinha, mas nenhum som de passos no corredor, e seus olhos voltaram à página como limalhas atraídas por um ímã.

Meus olhos estavam fechados — isto é, no sonho — e eu estava deitada lá com pequenos choques elétricos ainda percorrendo meu corpo. Então abri os olhos e era Stephen Bonnet dentro de mim.

O choque foi tão grande, que eu acordei. Parecia que eu estivera gritando — minha garganta estava áspera e dolorida, — mas não era possível, porque Roger e o bebê estavam profundamente adormecidos. Eu estava quente, tão quente, que suava, mas estava com frio também, e meu coração martelava no peito. Levei muito tempo até me acalmar o suficiente para voltar a dormir; todos os pássaros cantavam.

Na verdade, foi isso que finalmente me levou a dormir outra vez — os pássaros. Papai — e meu pai Frank também, por falar nisso — disseram-me que os gaios e as gralhas dão gritos de alarme, mas pássaros canoros param de cantar quando alguém se aproxima; então, quando estiver numa floresta, deve-se prestar atenção a isso. Com tanta cantoria nas árvores junto à casa, eu sabia que não havia ninguém lá.

Havia um pequeno espaço em branco ao pé da página. Ele virou-a, sentindo as palmas das mãos suadas e seu coração pulsando com força em seus ouvidos. O relato continuava no alto da página. Antes, a escrita era fluida, quase apressada, as letras achatadas conforme corriam pelo papel. Aqui, haviam sido desenhadas com mais cuidado, redondas e eretas, como se o primeiro choque da experiência tivesse passado e ela tivesse retornado, com teimosa cautela, para pensar melhor no assunto.

Tentei esquecer o sonho, mas não funcionou. Continuava a voltar à minha mente, de modo que finalmente saí sozinha para ir trabalhar no barracão de ervas.

Mamãe fica com Jemmy quando estou lá porque ele mexe em tudo, por isso eu sabia que podia ficar sozinha. Assim, sentei-me no meio de todos aqueles ramalhetes pendurados, fechei os olhos e tentei me lembrar de cada detalhe do sonho, pensar nas diferentes partes, "Tudo bem" ou "Isso é só um sonho". Porque Stephen Bonnet me assustava e eu me sentia mal quando pensava no final — mas agora eu realmente queria me lembrar. Como eu me sentira e como eu fizera, para que talvez eu possa fazer isso outra vez, com Roger.

Mas continuo com a sensação de que não consigo, a menos que eu consiga me lembrar do nome secreto de Roger.

Nesse ponto, o relato terminava. Os sonhos continuavam na página seguinte, mas Roger não leu mais. Fechou o caderno cuidadosamente e enfiou-o de volta, atrás dos outros na prateleira. Levantou-se e ficou olhando pela janela durante algum tempo, inconscientemente esfregando as palmas suadas nas costuras de suas calças.

PARTE V

Melhor Casar do Que Queimar



NO BOSQUE DE CUPIDO

— Você acha que eles vão dormir na mesma cama?

Jamie não ergueu a voz, mas também não fez nenhum esforço para abaixá-la. Por sorte, estávamos no canto mais distante do terraço, longe demais para o casal de noivos nos ouvir. Mas várias cabeças se viraram em nossa direção.

Ninian Bell Hamilton nos encarava abertamente. Sorri de forma radiante e agitei meu leque fechado para o idoso escocês numa saudação, enquanto dava uma rápida cotovelada nas costelas de Jamie.

— Uma ideia bonita e respeitável para um sobrinho ter a respeito de sua tia — eu disse baixinho.

Jamie afastou-se do alcance de meu cotovelo e ergueu uma sobrancelha para mim.

— O que o respeito tem a ver com isso? Eles vão estar casados. E bem acima da idade de consentimento, ambos — acrescentou, com um largo sorriso para Ninian, que enrubescceu com uma risadinha contida. Eu não sabia a idade de Duncan Innes, mas meu palpite o colocava com cinquenta e poucos anos. A tia de Jamie, Jocasta, devia ser no mínimo dez anos mais velha.

Eu podia ver Jocasta acima das cabeças das pessoas que estavam entre nós, graciosamente aceitando os cumprimentos de amigos e vizinhos no outro extremo do terraço. Uma mulher alta, vestida em lã castanho-avermelhada, ladeada por enormes vasos de cerâmica contendo apanhados de ramos de vara-de-ouro secos, com seu mordomo negro, Ulysses, junto ao seu ombro, majestoso em sua peruca e uniforme verde. Com uma elegante touca de renda branca coroando seus altivos ossos MacKenzie, ela era indubitavelmente a rainha de River Run Plantation. Fiquei na ponta dos pés, procurando seu consorte.

Duncan era ligeiramente mais baixo do que Jocasta, mas ainda assim deveria ser visível. Eu o vi de manhã cedo, vestido em vistosos e refinados trajes das Highlands, deixando-o ostentosa e elegantemente, ainda que terrivelmente encabulado. Estiquei o pescoço, colocando a mão no braço de Jamie para manter o equilíbrio. Ele agarrou meu braço para me firmar.

— O que está procurando, Sassenach?

— Duncan. Ele não deveria estar com sua tia?

A primeira vista, ninguém diria que Jocasta era cega, que os vasos eram pontos de referência e que ela ficava entre eles para se orientar, ou que Ulysses estava lá para sussurrar em seu ouvido os nomes dos convidados conforme se aproximavam. Vi sua mão esquerda afastar-se do corpo, tocar o ar vazio e voltar. No entanto, seu rosto não se alterou; ela sorriu e balançou a cabeça, dizendo algo ao juiz Henderson.

— Fugiu antes da noite de núpcias? — sugeriu Ninian, erguendo o queixo e as duas sobranceiras, num esforço para ver acima da multidão sem ter que ficar na ponta dos pés. — Talvez eu mesmo também ficasse um pouco nervoso diante da perspectiva. Sua tia é uma mulher bonita, Fraser, mas ela poderia congelar os testículos do rei do Japão, se quisesse.

A boca de Jamie torceu-se nos cantos.

— Duncan provavelmente está nervoso — ele disse. — Qualquer que seja o motivo. Ele foi à privada quatro vezes hoje de manhã.

Com isso, minhas próprias sobranceiras se ergueram. Duncan sofria de constipação crônica; na verdade, eu trouxera um pacotinho de folhas de sene e raízes de pé de café para ele, apesar dos comentários grosseiros de Jamie sobre o que constituía um presente de casamento adequado. Duncan devia estar mais nervoso do que eu imaginara.

— Bem, não vai ser nenhuma novidade para minha tia, que já teve três maridos antes dele — Jamie disse, em resposta a uma observação murmurada de Hamilton. — Mas será o primeiro casamento de Duncan. É um choque para qualquer homem. Lembro-me da minha própria noite de núpcias, hein? — Riu para mim e eu senti o calor subir às minhas faces. Eu também me lembrava, vividamente.

— Não acha que está um pouco quente aqui? — Abri meu leque com um piparote, um arco de renda marfim, e abanei-o sobre meu rosto.

— É mesmo? — ele disse, ainda rindo para mim. — Não tinha notado.

— Duncan notou — Ninian interpôs. Seus lábios enrugados contraíram-se, prendendo o riso. — Suando como um pudim cozido a vapor na última vez que o vi.

Na realidade, estava um pouco frio ali fora, apesar das tinas de ferro fundido cheias de carvão em brasa, que lançavam no ar o cheiro adocicado de fumaça de lenha de macieira, em filetes que se erguiam

dos cantos do terraço de pedra. A primavera irrompera e os gramados estavam frescos e verdes, assim como as árvores ao longo do rio, mas o ar da manhã ainda detinha o aguilhão penetrante do frio do inverno. Ainda era inverno nas montanhas e nós havíamos encontrado neve para o sul até Greensboro, em nossa viagem a River Run, embora narcisos e açafrões teimassem em despontar através da camada de neve.

Agora, entretanto, era um dia límpido e luminoso de março, e a casa, o terraço, o gramado e o jardim estavam apinhados de convidados para o casamento, reluzentes em suas melhores roupas, como um bando de borboletas fora de época. O casamento de Jocasta obviamente seria o acontecimento social do ano, no que dizia respeito à sociedade de Cape Fear; devia haver umas duzentas pessoas ali, de lugares tão distantes quanto Halifax e Edenton.

Ninian disse algo a Jamie em gaélico e em voz baixa, com um olhar de esguelha para mim. Jamie respondeu com uma observação elegante na forma e extremamente grosseira no conteúdo, fitando-me afavelmente, enquanto o idoso escocês sufocava de tanto rir.

Na realidade, eu já entendia gaélico bastante bem agora, mas há momentos em que a prudência é a melhor parte da coragem. Abri meu leque, escondendo meu semblante. É verdade que era preciso alguma prática para se conseguir graciosidade com um leque, mas era um instrumento social útil para pessoas amaldiçoadas, como eu, com um rosto transparente. Mas até mesmo leques tinham os seus limites.

Desviei-me da conversa, que prometia degenerar-se ainda mais, e inspecionei a multidão em busca de sinais do noivo ausente. Talvez Duncan estivesse realmente passando mal, e não apenas nervoso. Se assim fosse, eu devia dar uma olhada nele.

— Phaedre! Viu o sr. Ines hoje de manhã? — A criada pessoal de Jocasta passava apressada, os braços cheios de toalhas de mesa, mas ela parou abruptamente ao meu chamado.

— Não vi o sr. Duncan desde o café da manhã, senhora — ela disse, sacudindo a cabeça impecavelmente encimada por uma touca.

— Como ele estava? Ele comeu bem? — O café da manhã foi um ritual que se estendeu por várias horas, com os hóspedes servindo-se de um bufê e comendo o que preferissem. Eram mais os nervos do que comida estragada que estavam desarranjando os intestinos de Duncan, mas algumas salsichas que eu vira no bufê me pareceram altamente suspeitas.

— Não, senhora, nem uma mordida. — A testa lisa de Phaedre se franziu; ela gostava de Duncan. — O cozinheiro tentou seduzi-lo com belos ovos cozidos, mas ele apenas sacudiu a cabeça, parecendo

adoentado. Mas ele tomou uma taça de ponche de rum — ela disse, parecendo alegrar-se com a lembrança.

— Sim, isso deve tê-lo acalmado — Ninian observou, entreouvindo o diálogo. — Não se preocupe, sra. Claire. Duncan vai ficar bem.

Phaedre fez uma pequena reverência e partiu em direção às mesas que estavam sendo arrumadas sob as árvores, o avental engomado esvoaçando com a brisa. O suculento aroma de churrasco de carne de porco flutuava pelo ar frio de primavera, e nuvens fragrantas de fumaça de nogueira erguiam-se das fogueiras próximas à forja, onde quartos traseiros de carne de cervo, flancos de carne de carneiro e aves às dúzias viravam-se nos espetos. Meu estômago roncou sonoramente de expectativa, apesar dos meus espartilhos apertados.

Nem Jamie, nem Ninian pareceram notar, mas afastei-me discretamente, virando-me para inspecionar o gramado que se estendia do terraço ao ancoradouro no rio. Eu não estava tão convencida das virtudes do rum, particularmente num estômago vazio. É bem verdade que Duncan não seria o primeiro noivo a ir ao altar num estado avançado de embriaguez, mas ainda assim...

Brianna, exuberante em lã azul da cor do céu de primavera, estava parada junto a uma das estátuas de mármore que decoravam o jardim, Jemmy equilibrado em seu quadril, em compenetrada conversa com Gerald Forbes, o advogado. Ela também tinha um leque, mas no momento estava tendo mais utilidade do que o normal — Jemmy o pegara e mastigava o cabo de marfim, um ar de feroz concentração no rostinho rosado.

Claro, Brianna tinha menos necessidade de boa técnica com o leque do que eu, tendo herdado a capacidade de Jamie de esconder todos os seus pensamentos por trás de uma máscara agradavelmente impassível. Ela usava a máscara agora, o que me deu uma boa ideia de sua opinião sobre o sr. Forbes. Onde estaria Roger?, eu me perguntei. Ele estava com ela de manhã cedo.

Virei-me para perguntar a Jamie o que ele achava dessa epidemia de maridos desaparecidos, só para descobrir que ele também desaparecera. Ninian Hamilton virara-se para conversar com outra pessoa, e o espaço ao meu lado estava agora ocupado por dois escravos, cambaleando sob o peso de um novo garrafão de conhaque enquanto se dirigiam à mesa de bebidas. Saí apressadamente do caminho deles e comecei a procurar Jamie.

Ele havia desaparecido no meio da multidão como um tetraz no meio do urzal. Virei-me devagar, examinando o terraço e o gramado, mas não havia nem sinal dele na multidão que andava de um lado para o outro. Franzi as sobrancelhas contra a luz ofuscante do sol,

protegendo os olhos com a mão.

Afinal, ele não era uma pessoa que passasse despercebida; um escocês das Highlands com o sangue de vikings nas veias, sua cabeça e ombros ficavam acima da maioria dos homens, e seus cabelos refletiam o sol como bronze polido. Para melhorar, estava em seus melhores trajes hoje, em comemoração ao casamento de Jocasta — um xale preso com cinto, de tartã vermelho e preto, com seu melhor casaco cinza e colete, e o mais berrante par de meias estilo Argyle, em losangos vermelhos e pretos, que já enfeitaram as canelas de um escocês. Ele se destacaria como uma mancha de sangue em linho branco.

Não o encontrei, mas avistei um rosto conhecido. Desci do terraço e abri caminho entre os grupos de convidados.

— Sr. MacLennan! — Ele virou-se ao me ouvir, parecendo surpreso, mas logo um sorriso cordial espalhou-se por suas feições rudes.

— Sra. Fraser!

— Que satisfação em vê-lo — eu disse, estendendo-lhe minha mão. — Como vai? — Ele estava com uma aparência bem melhor de quando o vi pela última vez, limpo e arrumado num traje escuro e num chapéu simples. Mas suas faces estavam fundas e havia uma sombra por trás de seus olhos que permaneceu lá mesmo quando sorriu para mim.

— Oh... estou bastante bem, senhora, Muito bem. (

— O senhor está... onde está morando agora? — Parecia uma pergunta mais delicada do que "Por que não está na cadeia?". Não sendo nada tolo, ele respondeu a ambas as perguntas.

— Oh, bem, seu marido teve a gentileza de escrever para o sr. Ninian ali — ele balançou a cabeça para o outro lado do gramado, indicando a figura esbelta de Ninian Bell Hamilton, que estava no meio de uma acalorada discussão — e falar-lhe do meu problema. O sr. Ninian é um grande amigo dos Reguladores, sabe. E, além do mais, um grande amigo do juiz Henderson. — Sacudiu a cabeça, os lábios contraídos de admiração.

— Não sei dizer exatamente como aconteceu, mas o sr. Ninian veio e me tirou da cadeia, e me levou para sua própria casa. Assim, aqui estou eu, por enquanto. Foi muita bondade dele, muita bondade. — Falava com evidente sinceridade, e no entanto com um certo ar de abstração. Depois, calou-se. Continuava olhando para mim, mas seus olhos estavam vazios. Procurei alguma coisa para dizer, esperando trazê-lo de volta ao presente, mas um grito de Ninian tirou-o do seu transe, poupando-me o trabalho. Abel pediu-me licença educadamente

e foi ajudar na discussão.

Caminhei vagorosamente pelo gramado, balançando a cabeça para os conhecidos por cima do meu leque. Fiquei feliz de ver Abel outra vez e saber que ele estava fisicamente bem, ao menos — mas eu não podia negar que a sua presença lançou um frio em meu coração. Tive a sensação de que na realidade não importava muito para Abel MacLennan onde seu corpo residia; seu coração ainda estava na sepultura com sua mulher.

Por que Ninian o trouxera hoje?, eu me perguntei. Sem dúvida, um casamento só poderia fazê-lo lembrar do seu próprio matrimônio; os casamentos faziam isso com qualquer pessoa.

O sol já se levantara o suficiente para aquecer o ar, mas estremeci. A visão da dor de MacLennan me fazia lembrar demais dos dias após Culloden, quando eu havia voltado para minha própria época, com a certeza de que Jamie estava morto. Eu conhecia muito bem essa morte no coração; a sensação de estar atravessando os dias como uma sonâmbula, ficar deitada à noite, acordada, não encontrando descanso, conhecendo apenas o vazio que não era paz.

A voz de Jocasta flutuou pelo terraço, chamando Ulysses. Ela perdera três maridos e agora estava empenhada em aceitar um quarto. Ela podia ser cega, mas não havia morte em seus olhos. Isso significaria que ela não se importara profundamente com nenhum de seus maridos?, perguntei-me. Ou apenas que ela era uma mulher muito forte, capaz de superar o luto, não uma vez, mas outra e outra vez?

Eu mesma fizera isso uma vez — pelo bem de Brianna. Mas Jocasta não tinha filhos; não agora, ao menos. Ela os teria tido algum dia e deixado de lado a dor de um coração dividido, para viver por um filho?

Balancei a cabeça, tentando dissipar pensamentos tão melancólicos. Afinal, era uma ocasião festiva e um dia inigualável. Os cornisos no bosque estavam floridos e os pássaros azuis e os cardeais, fazendo a corte, entravam e saíam do meio das árvores a toda velocidade, como confetes, e enlouquecidos de desejo.

— Mas claro que sim — uma mulher dizia, num tom de voz autoritário. — Meu Deus, estão morando na mesma casa há meses!

— Sim, é verdade — uma de suas companheiras concordou, parecendo em dúvida. — Mas você não pensaria isso olhando para eles. Ora, eles mal olham um para o outro! Ah... quero dizer... bem, claro, ela não pode olhar para ele, sendo cega, mas...

Não eram apenas os pássaros, pensei, achando graça. Uma certa sensação de seiva aflorando permeava todos os presentes. Erguendo os

olhos para o terraço, eu podia ver pequenos grupos de moças rindo baixinho e mexericando, como galinhas, enquanto os rapazes andavam com fingida casualidade para cima e para baixo diante delas, vistosos como pavões, em suas roupas de festa. Eu não ficaria surpresa se ao menos alguns noivados resultassem desta festa — e alguma gravidez também. O sexo estava no ar; eu podia sentir seu cheiro sob as estonteantes fragrâncias das flores de primavera e das comidas no fogo.

A sensação de melancolia havia me abandonado completamente, embora eu ainda sentisse uma grande necessidade de encontrar Jamie.

Eu havia descido por um dos lados do gramado e subido pelo outro, mas não vi sinal dele em nenhum lugar entre a grande casa da fazenda e o ancoradouro, onde escravos de libré ainda recebiam convidados atrasados que chegavam pelo rio. Entre os que ainda eram esperados — e realmente muito atrasado — estava o padre que deveria celebrar o casamento.

O padre LeClerc era um jesuíta, seguindo de Nova Orleans para uma missão perto de Quebec, mas fora desviado do estrito caminho do dever por uma substancial doação de Jocasta à Companhia de Jesus. O dinheiro podia não comprar felicidade, refleti, mas ainda assim era um artigo útil.

Olhei na outra direção e parei, estupefata. De um lado, Ronnie Campbell avistou-me e fez uma reverência; ergui meu leque em retribuição, mas estava distraída demais para falar com ele. Eu não encontrara Jamie, mas acabava de avistar a provável razão de seu brusco desaparecimento. O pai de Ronnie, Farquard Campbell, subia o gramado, vindo do ancoradouro, acompanhado de um cavalheiro de vermelho e castanho-amarelado do exército de Sua Majestade, e outro em uniforme da marinha — tenente Wolff.

A visão me deu um choque desagradável. O tenente Wolff não era minha pessoa favorita. Também não era popular com ninguém que o conhecesse.

Imaginei que fosse razoável que o tivessem convidado, já que a marinha de Sua Majestade era a principal compradora da produção de madeira, alcatrão e terebintina de River Run, e o tenente Wolff era o representante da marinha nessas questões. E era possível que Jocasta o tivesse convidado por razões mais pessoais também — o tenente havia, em determinada ocasião, pedido Jocasta em casamento. Não, como a própria Jocasta ressaltara, por nenhum interesse em sua pessoa, mas para pôr as mãos em River Run.

Sim, eu podia vê-la divertindo-se com a presença do tenente ali hoje. Duncan, menos naturalmente dado a motivos secretos e

manipulações, talvez não.

Farquard Campbell me viu e veio em minha direção através da multidão, as forças armadas a reboque. Levantei meu leque e fiz os arranjos faciais necessários para uma conversa educada, mas — para meu grande alívio — o tenente avistou um criado carregando uma bandeja de copos pelo terraço e saiu em sua perseguição, abandonando seu acompanhante em troca de uma bebida.

O outro cavalheiro militar acompanhou-o com o olhar enquanto ele se afastava, mas seguiu Farquard obedientemente. Estreitei os olhos para ele, mas não era ninguém que eu já tivesse encontrado antes, eu tinha certeza. Desde a retirada do último regimento das Highlands no outono, a visão de um casaco vermelho era rara em qualquer lugar da colônia. Quem podia ser ele?

Com as feições cristalizadas no que eu esperava que fosse um sorriso agradável, abaixei-me numa mesura formal, espalhando minhas saias bordadas para melhor efeito.

— Sr. Campbell. — Olhei disfarçadamente para trás dele, mas o tenente Wolff felizmente havia desaparecido no encaço de sustento alcoólico.

— Sra. Fraser. Seu criado, madame. — Farquard fez uma graciosa reverência para mim em resposta. Um homem idoso, de aparência desidratada, o sr. Campbell estava circunspecto como sempre em um tecido negro de alta qualidade, uma pequena explosão de babados junto à garganta sendo sua única concessão às festividades.

Ele olhou por cima do meu ombro, franzindo o cenho ligeiramente, surpreso.

— Eu vi... eu achei ter visto seu marido com a senhora?

— Oh. Bem, acho que ele... hã... foi... — Virei o leque delicadamente na direção das árvores onde estavam as latrinas, separadas da casa principal por uma distância estética e uma cortina de pequenos pinheiros brancos.

— Ah, sei. Perfeitamente. — Campbell limpou a garganta e gesticulou, indicando o homem que o acompanhava. — Sra. Fraser, posso apresentar— lhe o major Donald MacDonald?

O major MacDonald tinha um nariz adunco, mas era bem-apeado, em seus quase quarenta anos, com um rosto batido pelas intempéries e a postura ereta de um militar de carreira, e um sorriso agradável, desmentido por um par de penetrantes olhos azuis, do mesmo tom claro e intenso do vestido de Brianna.

— Seu criado, madame. — Inclinou-se numa mesura, muito graciosamente. — Permite-me dizer-lhe, madame, como essa cor em

particular lhe cai bem?

— Sim — eu disse, relaxando um pouco. — Obrigada.

— O major acaba de chegar a Cross Creek. Eu assegurei a ele que não teria melhor oportunidade de conhecer seus compatriotas e se familiarizar com as redondezas. — Farquard apontou para o terraço, englobando a festa, que de fato abrangia a nata da sociedade escocesa de Cape Fear.

— É verdade — o major disse educadamente. — Não ouço tantos nomes escoceses desde a última vez que estive em Edimburgo. O sr. Campbell me deu a entender que seu marido é sobrinho da sra. Cameron... ou sra. Innes, talvez, eu deveria dizer?

— Sim. Já foi apresentado à sra.... hã... Innes? — Olhei na direção da outra ponta do terraço. Ainda nenhum sinal de Duncan, sem falar de Roger ou Jamie. Droga, onde estava todo mundo? Fazendo reunião de cúpula na latrina?

— Não, mas estou ansioso para apresentar minhas felicitações. O finado sr. Cameron era conhecido do meu pai, Robert MacDonald de Stornoway. — Ele inclinou a cabeça coberta por uma peruca alguns respeitosa centímetros na direção da pequena construção de mármore branco ao lado do gramado, o mausoléu que atualmente abrigava os restos de Hector Cameron.

— Por acaso seu marido tem alguma ligação com os Fraser de Lovat?

Com um gemido interior, reconheci uma teia escocesa se formando. O encontro de quaisquer dois escoceses invariavelmente começava com o desfiar de meadas de indagações até que fios suficientes de conhecidos e parentes houvessem se unido, formando uma rede útil. Eu costumava ficar enredada nas linhagens pegajosas de clãs e tribos, terminando como uma gorda e suculenta mosca, completamente presa na teia e à mercê do meu inquiridor.

No entanto, Jamie sobrevivera às intrigas da política francesa e escocesa durante anos por meio de tal conhecimento — patinando precariamente ao longo dos fios secretos dessas teias, mantendo-se distante das pegajosas ciladas de lealdade e traição que haviam condenado tantos outros. Decidi prestar atenção, esforçando-me para situar esse MacDonald entre os milhares de outros da sua espécie.

MacDonald de Keppoch, MacDonald das Ilhas, MacDonald de Clanranald, MacDonald de Sleat. Quantos tipos de MacDonald haveria?, perguntei-me, um pouco irritada. Certamente, um ou dois deveria ser suficiente para a maioria dos propósitos.

MacDonald das Ilhas, evidentemente; a família do major era da

Ilha de Harris. Fiquei vigilante durante o interrogatório, mas felizmente Jamie havia desaparecido.

Farquard Campbell — ele mesmo um jogador nada desprezível — parecia estar se divertindo com o nosso pingue-pongue verbal, seus olhos escuros indo de um lado para o outro, de mim para o major, com um ar divertido. Essa expressão, no entanto, se desfez em um ar de surpresa quando concluí uma análise confusa da linhagem paterna de Jamie, em resposta ao hábil catecismo do major.

— O avô de seu marido era Simon, lorde Lovat? — Campbell disse. — A Velha Raposa? — Sua voz ergueu-se ligeiramente, com incredulidade.

— Bem... sim — eu disse, um pouco inquieta. — Achei que sabia disso.

— De fato — Farquard disse. Ele parecia alguém que havia engolido uma ameixa em conserva, notando tarde demais que ela ainda tinha o caroço. Ele sabia que Jamie era um jacobita perdoado, é certo, mas obviamente Jocasta não mencionara sua estreita ligação com a Velha Raposa — executado como traidor por seu papel no Levante dos Stuart. A maioria dos Campbell lutara do lado do governo naquele imbróglio.

— Sim — MacDonald disse, ignorando a reação de Campbell. Franziu ligeiramente a testa, concentrado. — Tenho a honra de conhecer ligeiramente o atual lorde Lovat. O título foi reabilitado, não?

Ele continuou, virando-se para Campbell para explicar.

— E o Jovem Simon, que levantou um regimento para lutar contra os franceses em... 58? Não, 57. Sim, 57. Um nobre soldado, excelente guerreiro. E ele seria... sobrinho de seu marido? Não, tio.

— Meio-tio — esclareci. O Velho Simon fora casado três vezes e não fazia nenhum segredo de sua prole extraconjugal, da qual o pai de Jamie fora um. No entanto, não havia necessidade de chamar atenção para isso.

MacDonald balançou a cabeça, o rosto magro iluminando-se de satisfação em ter conseguido esclarecer tudo. O rosto de Farquard relaxou um pouco, ao saber que a reputação da família chegara tão longe em termos de reabilitação.

— Papista, é claro — MacDonald acrescentou, — mas um excelente soldado, mesmo assim.

— Por falar em soldados — Campbell interrompeu, — sabe...

Dei um suspiro de alívio que fizeram os cadarços do meu espartilho rangerem, conforme o sr. Campbell suavemente conduziu o major a

uma análise de algum acontecimento militar do passado. O major, ao que parecia, não estava na ativa, mas, como muitos atualmente, na reserva com meio— soldo. A menos e até que a Coroa encontrasse novas necessidades para seus serviços, restava-lhe vagar pelas colônias em busca de uma ocupação. A paz era difícil para os soldados profissionais.

Espere e verá, pensei, com um pequeno estremecimento de premonição. Quatro anos, ou menos, e o major estaria bastante ocupado.

Percebi um lampejo de tartã pelo canto do olho e virei-me para olhar, mas não era Jamie nem Duncan. Mas, um mistério a menos; era Roger, moreno e garboso em seu kilt. Seu rosto se iluminou quando avistou Brianna e ele aumentou o passo. Ela virou a cabeça, como se pressentisse sua presença, e seu próprio rosto se iluminou em resposta. Ele aproximou-se dela e, sem a menor atenção ao cavalheiro que estava com ela, abraçou-a e beijou-a intensamente na boca. Quando se separaram, ele estendeu os braços para Jemmy e deu outro beijo na cabecinha ruiva e sedosa.

Voltei à conversa à mão, tardiamente compreendendo que Farquard Campbell estava falando há algum tempo sem que eu tivesse a menor ideia do que ele estava dizendo. Vendo minha confusão, ele sorriu, um pouco ironicamente.

— Devo ir cumprimentar outras pessoas, sra. Fraser — ele disse. — Poderia me dar licença? Vou deixá-la na excelente companhia do major. — Tocou o chapéu educadamente e partiu na direção da casa, talvez pretendendo rastrear o tenente Wolff e impedi-lo de embolsar a prata.

Assim abandonado comigo, o major saiu em busca de uma conversa apropriada e recaiu na pergunta mais comum entre pessoas que acabam de se conhecer.

— A senhora e seu marido chegaram há muito tempo na colônia?

— Não muito tempo — eu disse, cautelosamente. — Cerca de três anos. Vivemos num pequeno assentamento no interior. — Abanei meu leque fechado na direção das montanhas invisíveis a oeste. — Um lugar chamado Frasers Ridge.

— Ah, sim. Já ouvi falar. — Um músculo torceu-se no canto de sua boca e eu me perguntei com inquietação exatamente o que ele teria ouvido. A destilaria de Jamie era um segredo de polichinelo no interior e entre os colonos escoceses de Cape Fear. Na realidade, vários barris de uísque bruto da destilaria estavam arrumados à vista de todos perto dos estábulos, o presente de casamento de Jamie para sua tia e Duncan, mas eu esperava que o segredo não fosse tão de

fachada que um oficial militar recém-chegado à colônia já tivesse conhecimento.

— Diga-me, sra. Fraser... — ele hesitou, depois decidiu ir em frente. — A senhora encontra muita... dissidência na sua região da colônia?

— Dissidência? Oh, hã... não, não muita. — Lancei um olhar especulativo na direção do mausoléu de Hector Cameron, onde o cinza-escuro quaker de Hermon Husband destacava-se como uma mancha contra o mármore branco puro. A palavra dissidência era o codinome das atividades de homens como Husband e James Hunter — Reguladores.

A ação da milícia do governador em dezembro havia reprimido as manifestações violentas, mas a Regulamentação ainda era um caldeirão fervente com uma tampa bem apertada, prestes a explodir. Husband fora detido e preso por um curto período em fevereiro por causa do teor de seus panfletos, mas a experiência não havia de modo algum abrandado sua disposição ou seu linguajar. Uma explosão poderia acontecer a qualquer momento.

— Fico feliz em saber, senhora — o major MacDonald disse. — A senhora recebe notícias, morando num lugar tão remoto?

— Não muitas. Hã... que belo dia, não? Temos tido muita sorte com o tempo este ano. Sua viagem de Charleston foi boa? Assim no começo do ano... a lama...

— De fato, senhora. Tivemos algumas pequenas dificuldades, porém não mais do que...

O major me examinava abertamente enquanto conversávamos, observando o corte e a qualidade do meu vestido, as pérolas no meu pescoço e nas orelhas — emprestadas por Jocasta — e as alianças nos meus dedos. Eu estava familiarizada com esse tipo de olhar; não havia nenhuma insinuação de flerte ou luxúria. Ele estava apenas avaliando minha posição social e o nível de prosperidade e influência de meu marido.

Não me ofendi. Eu estava ocupada em fazer o mesmo em relação a ele, afinal de contas. Bem-educado e de boa família; isso era óbvio só pelo seu posto, embora o pesado selo de ouro em sua mão direita encerrasse a questão. Porém, pessoalmente não era rico; seu uniforme estava puído nas costuras e suas botas muito marcadas, embora bem engraxadas.

Um leve sotaque escocês com um leve tom gutural francês — experiência em campanhas no continente. E recém-chegado à colônia, pensei; seu rosto estava abatido de alguma doença recente e a parte branca de seus olhos exibía a leve tonalidade de icterícia comum aos

recém-chegados, que costumavam contrair tudo, de malária a dengue, ao se exporem a poças pululantes de germes das cidades costeiras.

— Diga-me, sra. Fraser... — o major começou.

— O senhor não insulta apenas a mim, mas a todo homem honrado aqui presente!

A voz um pouco estridente de Ninian Bell Hamilton ressoou através da calmaria da conversa geral, e cabeças voltaram-se para ele por todo o gramado.

Ele estava cara a cara com Robert Barlow, um homem ao qual eu havia sido apresentada de manhã. Uma espécie de comerciante, eu me recordava vagamente — de Edenton? Ou talvez de New Bern. Um homem corpulento com um ar de alguém que não costuma ser contrariado, ele olhava com desprezo para Hamilton, sem procurar disfarçar.

— Reguladores, você os chama? Arruaceiros e criminosos! Está sugerindo que esses homens possuam alguma noção de honra?

— Eu não estou sugerindo, estou afirmando como fato, e defendo essa afirmação! — O idoso cavalheiro aprumou-se, a mão tateando em busca do cabo da espada. Felizmente para a ocasião, ele não portava uma espada; nenhum dos homens portava, tendo em vista a natureza afável da reunião.

Se esse fato afetou o comportamento de Barlow, eu não saberia dizer, mas ele riu desdenhosamente e deu as costas a Hamilton, para se afastar. O velho escocês, enfurecido, prontamente chutou Barlow no traseiro.

Pego de surpresa e desestabilizado, Barlow foi arremessado para frente, aterrissando de quatro, as abas de seu casaco ridiculamente viradas sobre suas orelhas. Quaisquer que fossem suas respectivas opiniões políticas, todos os espectadores desataram a rir. Assim, encorajado, Ninian se enfunou como um galo de briga e deu a volta pomposamente em seu adversário caído, para dirigir-se a ele de frente.

Eu poderia dizer a ele que esse era um erro tático, mas eu tinha a vantagem de ver o rosto de Barlow, que estava roxo de raiva e humilhação. Com os olhos esbugalhados, levantou-se desajeitadamente e se lançou para frente com um rugido, achatando no chão o delgado sr. Ninian.

Os dois rolaram pela grama, punhos e abas de casaco voando, aos gritos de entusiasmo e incentivo dos espectadores. Os convidados vinham correndo do terraço e do gramado para ver o que estava acontecendo. Abel MacLennan abriu caminho pela multidão, obviamente com a intenção de dar apoio ao seu benfeitor. Richard

Caswell segurou seu braço para impedi-lo e ele virou-se bruscamente, desequilibrando Caswell.

James Hunter, o rosto magro iluminado de júbilo, deu uma rasteira em Caswell, que caiu sentado pesadamente no gramado, parecendo surpreso. George, o filho de Caswell, ultrajado, soltou um uivo e socou Hunter no rim. Hunter girou nos calcanhares e deu um tapa no nariz de George.

Várias senhoras soltavam gritinhos estridentes — nem todas por estarem chocadas. Uma ou duas pareciam estar incentivando Ninian Hamilton, que havia temporariamente ficado em cima do peito de sua vítima e tentava estrangulá-la, embora com pouco sucesso, devido ao pescoço grosso e ao farto lenço de Barlow.

Olhei ao redor procurando por Jamie freneticamente — ou Roger, ou Duncan. Droga, onde estavam todos eles?

George Caswell caíra para trás, surpreso, as mãos no nariz, que pingava sangue no peito de sua camisa. DeWayne Buchanan, um dos genros de Hamilton, abria caminho decididamente pelo meio da crescente multidão. Eu não sabia se ele pretendia tirar seu sogro de cima de Barlow ou ajudá-lo em sua tentativa de matar o sujeito.

— Oh, que droga — murmurei para mim mesma. — Tome, segure isso. — Empurrei meu leque para o sr. MacDonald e agarrei a barra de minhas saias, preparando-me para entrar no meio da briga, e decidindo quem chutar primeiro — e onde — para melhor resultado.

— Quer que eu acabe com isso?

O major, que se divertia com o espetáculo, pareceu decepcionado diante da ideia, mas resignado ao seu dever. Diante da minha confirmação um pouco admirada, ele pegou a pistola, apontou para o céu e descarregou-a no ar.

O estampido foi alto o suficiente para silenciar todo mundo temporariamente. Os contendores ficaram paralisados, e, na trégua momentânea, Hermon Husband abriu caminho até a cena da luta.

— Amigo Ninian — ele disse, balançando a cabeça cordialmente ao redor. — Amigo Buchanan. Permitam-me. — Agarrou o idoso escocês pelos dois braços e levantou-o de cima de Barlow. Lançou um olhar de advertência a James Hunter; Hunter protestou com um audível "Hum!", mas recuou alguns passos.

A sra. Caswell mais jovem, uma mulher de bom senso, já tirara o marido do campo de batalha e aplicava um lenço ao seu nariz. DeWayne Buchanan e Abel MacLennan haviam agarrado Ninian Hamilton, cada qual por um dos braços, e faziam uma grande encenação enquanto o levavam em direção à casa, como se estivessem

tendo muito trabalho em contê-lo — embora fosse razoavelmente óbvio que qualquer um dos dois poderia simplesmente ter levantado e carregado Ninian dali.

Richard Caswell levantara-se sozinho e, embora parecesse um pouco ofendido, evidentemente não pretendia agredir ninguém. Ficou limpando grama seca das costas de seu casaco, os lábios contraídos em desaprovação.

— Seu leque, sra. Fraser. — Arrancada da minha avaliação do conflito, deparei-me com o major MacDonald educadamente oferecendo-me o leque de volta. Parecia muito satisfeito consigo mesmo.

— Obrigada — eu disse, pegando-o e olhando para ele com certo respeito. — Diga-me, major, sempre anda por aí com uma pistola carregada?

— Um equívoco, senhora — ele respondeu impassivelmente. — Embora talvez afortunado, não? Estive na cidade de Cross Creek ontem e ia voltar sozinho para a fazenda do sr. Farquard Campbell à noite; achei melhor tomar cuidado na estrada.

Balançou a cabeça por cima do meu ombro.

— Diga-me, sra. Fraser, quem é aquele indivíduo mal barbeado? Ele parece um homem de fibra, apesar da falta de habilidade. Acha que ele vai agir em defesa própria agora?

Virei-me e vi Hermon Husband frente a frente com Barlow, agora de pé, o chapéu preto e redondo enfiado na cabeça e a barba eriçada de beligerância. Barlow manteve sua posição, o rosto vermelho e o cenho carregado, mas cruzou os braços sobre o peito enquanto ouvia Husband.

— Hermon Husband é um quaker — eu disse, com um leve tom de reprovação. — Não, ele não vai recorrer à violência. Apenas palavras.

Muitas palavras. Barlow tentava interpor suas próprias opiniões, mas Husband as ignorava, argumentando com tanto entusiasmo que gotículas de saliva voavam dos cantos de sua boca.

—... uma hedionda aberração da justiça! Xerifes, ou assim eles se denominam, que não foram designados por nenhuma ordem legal, mas que se autoneameiam, com o propósito de enriquecer corruptamente e desdenhar toda legítima...

Barlow abaixou os braços e começou a recuar lentamente, num esforço para escapar da enxurrada de protesto. Mas quando Husband interrompeu-se momentaneamente para respirar, Barlow aproveitou a oportunidade para inclinar-se para frente e enfiar um dedo ameaçador no peito de Husband.

— Está falando de justiça, senhor? O que baderna e destruição têm a ver com justiça? Se o senhor defende a destruição da propriedade como meio de reparar suas queixas...

— Eu não faço isso! Mas o pobre deve ser pilhado pelo inescrupuloso e seu infortúnio ser desconsiderado? Eu lhe digo, senhor, Deus irá impiedosamente vingar os que oprimem o pobre e...

— Sobre o que estão discutindo? — MacDonald perguntou, observando a discussão com interesse. — Religião?

Vendo Husband envolvido e compreendendo que não se deveria esperar mais nenhuma escaramuça, a maior parte da multidão perdeu o interesse, afastando-se na direção das mesas de bufê e dos braseiros no terraço. Hunter e alguns outros Reguladores ficaram rondando, para dar apoio moral a Husband, mas a maioria dos convidados era de fazendeiros e comerciantes. Embora em tese pudessem se alinhar com Barlow, na prática a maioria não estava inclinada a desperdiçar uma rara ocasião festiva em controvérsias com Hermon Husband sobre os direitos do pobre que pagava impostos.

Eu também não estava ansiosa para examinar a retórica da Regulamentação em detalhe, mas fiz o melhor que pude para dar ao major MacDonald uma visão rudimentar da situação.

—...e o governador Tryon se sentiu obrigado a formar uma milícia para lidar com isso, mas os Reguladores recuaram — concluí. — Mas não abandonaram suas reivindicações, de modo algum.

Husband também não havia abandonado seu argumento — ele nunca o fazia, — mas Barlow finalmente conseguira se desvencilhar e restaurava seus tecidos nas mesas de comidas e bebidas sob os olmos na companhia de alguns amigos solidários, que periodicamente lançavam olhares de desaprovação na direção de Husband.

— Compreendo — MacDonald disse, interessado. — Farquard Campbell realmente me disse alguma coisa sobre esse movimento contestador. E o governador criou uma milícia para lidar com isso, segundo a senhora, e pode vir a reuni-la outra vez. Quem comanda essas tropas, a senhora sabe?

— Hum... creio que o general Waddell, Hugh Waddell, comanda várias companhias. Mas o próprio governador estava no comando da força principal; ele próprio é um soldado.

— É mesmo? — MacDonald pareceu achar isso muito interessante; ele não guardara sua pistola, mas a acariciava distraidamente. — Campbell me disse que seu marido detém uma grande concessão de terras no interior. Ele é íntimo do governador?

— Eu não colocaria dessa forma — eu disse secamente. — Mas ele

de fato conhece o governador.

Senti-me um pouco perturbada com o rumo da conversa. Estritamente falando, era ilegal que católicos detivessem concessões de terras reais nas colônias. Eu não sabia se o major MacDonald estava ciente do fato, mas ele obviamente havia percebido que Jamie provavelmente era católico, considerando seu histórico familiar.

— Acha que seu marido poderia ser persuadido a fazer uma apresentação, senhora? — Os claros olhos azuis brilhavam de especulação e percebi repentinamente o que ele estava buscando. Um soldado de carreira sem nenhuma guerra era uma clara desvantagem em termos de ocupação e renda. A Regulamentação podia ser uma tempestade em copo d'água, mas, por outro lado, se havia alguma perspectiva de ação militar... Afinal, Tryon não possuía tropas regulares, poderia perfeitamente estar disposto a receber — e pagar — um oficial experiente, se a milícia fosse convocada outra vez.

Lancei um olhar cauteloso para o gramado. Husband e seus amigos haviam se recolhido um pouco e conversavam entre si num pequeno grupo perto de uma das novas estátuas de Jocasta. Se a recente alteração era algum indicativo, a Regulamentação ainda fervia perigosamente.

— Isso pode ser arranjado — eu disse, cautelosamente. Eu não via nenhuma razão para Jamie se negar a fornecer-lhe uma carta de apresentação a Tryon, e eu realmente devia um favor ao major, afinal, por ter evitado uma baderna total. — O senhor teria que perguntar ao meu marido, é claro, mas eu teria prazer em recomendá-lo.

— Terá minha mais completa gratidão, senhora. — Ele guardou a pistola e inclinou-se profundamente sobre minha mão. Empertigando-se, olhou por cima do meu ombro. — Acho que devo me despedir agora, sra. Fraser, mas espero conhecer seu marido em breve.

O major marchou em direção ao terraço e eu me virei, deparando-me com Herman Husband caminhando pesadamente em minha direção, Hunter e alguns outros homens em seu rastro.

— Sra. Fraser, devo pedir-lhe o favor de transmitir minhas felicitações e votos de felicidade ao sr. Innes — ele disse sem preâmbulos. — Estou de saída.

— Oh, vai embora tão cedo? — Hesitei. Por um lado, eu queria instar para que ele ficasse; por outro, eu podia prever mais confusão se ele permanecesse. Os amigos de Barlow não tiravam os olhos dele desde a briga.

Ele viu o pensamento cruzar minha mente e balançou a cabeça sombriamente. O calor da alteração havia abandonado seu rosto, deixando-o com um ar sombrio e severo.

— Será melhor assim. Jocasta Cameron tem sido uma boa amiga para mim; seria ingratidão de minha parte retribuir sua bondade trazendo discórdia para a celebração de seu casamento. Eu preferia não ter feito isso, mas não posso, em sã consciência, permanecer calado, ouvindo opiniões tão perniciosas como as que ouvi aqui. — Lançou um olhar de frio desdém ao grupo de Barlow, que foi devolvido à altura.

— Além do mais — acrescentou, dando as costas a Barlow e seus seguidores em resposta, — temos negócios que exigem nossa atenção em outra parte. — Hesitou, obviamente pensando se deveria me contar mais, mas achou melhor não o fazer. — Poderia falar com ela?

— Sim, claro. Sr. Husband... eu sinto muito.

Ele esboçou um leve sorriso, tingido de melancolia, e sacudiu a cabeça, mas não disse mais nada. No entanto, quando ele partia, seguido de seus companheiros, James Hunter parou para falar comigo, a voz baixa.

— Os Reguladores vão se reunir. Há um grande acampamento perto de Salisbury — ele disse. — Talvez deva dizer isso a seu marido.

Fez um breve cumprimento de despedida, levou a mão à aba do chapéu e, sem esperar resposta, afastou-se a passos largos, o casaco escuro desaparecendo na multidão como um pardal engolido por um bando de pavões.

De meu privilegiado posto de observação na beira do terraço, eu podia ver toda a extensão da festa, que fluía num fluxo de festividades da casa para o rio, os pequenos redemoinhos óbvios para o olhar conhecedor.

Jocasta formava o olho do maior redemoinho social — mas pequenas concentrações giravam de maneira preocupante em torno de Ninian Bell Hamilton e Richard Caswell, e uma corrente nervosa serpenteava pela festa, deixando depósitos de conversação pelas bordas, rico em sedimentos férteis de especulação. De tudo o que entreouvi, a questão da suposta vida sexual de nossos anfitriões era o assunto predominante de conversa — mas a política vinha logo atrás.

Eu ainda não via nenhum sinal de Jamie ou de Duncan. Mas lá estava o major outra vez. Ele parou, um copo de sidra em cada mão; ele avistou Brianna. Eu sorri, observando.

Brianna sempre fazia os homens pararem de repente, embora nem sempre somente por admiração. Ela herdara muitos traços de Jamie; olhos azuis rasgados e cabelos flamejantes, um nariz longo e reto e uma boca larga e firme; os altivos ossos da face que deviam vir de algum antigo escandinavo; além desses marcantes atributos, entretanto, ela também herdara sua altura. Numa época em que a

média de altura das mulheres não passava de um metro e cinquenta e cinco, Brianna tinha um metro e oitenta. As pessoas costumavam reparar nela.

Era o que o major MacDonald fazia agora, a sidra esquecida nas mãos. Roger notou; ele sorriu e balançou a cabeça, mas deu aquele passo para mais perto de Brianna que dizia, sem sombra de dúvida, Ela é minha, companheiro.

Observando o major absorto em uma conversa, notei o quanto ele parecia pálido e magro, em comparação com Roger, quase tão alto quanto Jamie. Tinha ombros largos, a pele azeitonada e seus cabelos brilhavam negros como as asas de um corvo ao sol da primavera, talvez o legado de algum antigo invasor espanhol. Eu tinha que admitir que não havia nenhuma semelhança perceptível entre ele e o pequeno Jem, ruivo como um castiçal recém-forjado.

Pude ver o lampejo branco quando Roger sorriu; o major mantinha os lábios quase cerrados ao sorrir, como fazia a maioria das pessoas acima dos trinta anos, para esconder as lacunas e as cáries que eram endêmicas. Talvez fosse o estresse da ocupação do major, pensei; talvez apenas os efeitos de má nutrição. Ser de boa família não significava que uma criança desta época se alimentasse muito bem.

Passei a língua de leve sobre meus próprios dentes, testando a mordida dos meus incisivos. Retos e sólidos, e eu tomava muito cuidado para que se mantivessem assim, considerando o estado atual da arte da odontologia.

— Ora, sra. Fraser. — Uma voz suave interrompeu meus pensamentos e eu olhei em sua direção, deparando-me com Phillip Wylie ao meu lado. — Em que está pensando, minha querida? Você parece definitivamente... selvagem. — Tomou minha mão e abaixou a voz, expondo os dentes bastante razoáveis num sorriso sugestivo.

— Não sou sua querida — eu disse com certa acrimônia, retirando minha mão bruscamente. — E quanto a selvagem, admiro-me que ninguém tenha mordido seu traseiro ainda.

— Ah, mas eu nutro esperanças — assegurou-me, os olhos cintilando. Fez uma mesura, conseguindo, no processo, tomar minha mão outra vez. — Posso ter a honra de uma dança mais tarde, sra. Fraser?

— Realmente não — eu disse, puxando a mão. — Solte-me.

— Seu desejo é uma ordem. — Soltou-me, mas não antes de plantar um leve beijo nas costas de minha mão. Tive de conter o ímpeto de limpar o lugar úmido na minha saia.

— Vá embora, garoto — eu disse. Agitei meu leque para ele. — Xô.

Phillip Wylie era um janota. Eu já o encontrara duas vezes antes e, em ambas as ocasiões, estava exageradamente bem-vestido: calças de cetim, meias de seda e todos os adornos que as acompanhavam, inclusive peruca empoada, rosto empoado e uma pequena marca de beleza, uma meia-lua preta, ostentosamente colada ao lado de um dos olhos.

Agora, no entanto, a sandice se agravara. A peruca empoada era arroxeadada, o colete de cetim era bordado com — pestanejei. Sim, com leões e unicórnios, em fios de ouro e prata. As calças de cetim ajustavam-se ao seu corpo como uma luva bifurcada e a meia-lua dera lugar a uma estrela no canto da boca. O sr. Wylie se tornara um dândi ridículo.

— Oh, não tenho a menor intenção de abandoná-la, sra. Fraser — assegurou-me. — Andei procurando-a por toda a parte.

— Oh. Bem, já me encontrou — eu disse, examinando seu casaco, que era de veludo rosa-escuro, com punhos de quinze centímetros em seda cor-de-rosa clara, e botões cobertos, bordados com peônias vermelhas. -

Embora não seja de admirar que tivesse encontrado dificuldade. Devia estar cheio com o brilho de seu colete.

Lloyd Stanhope o acompanhava, como sempre, igualmente próspero, porém vestido de maneira muito mais simples do que seu amigo. Stanhope soltou uma risada, mas Wylie ignorou-o e fez uma profunda reverência, com um gracioso floreio da perna.

— Ah, bem, a Fortuna sorriu para mim este ano. O comércio com a Inglaterra se recuperou maravilhosamente, graças aos deuses, e eu recebi a minha parte, e mais ainda. Você deveria vir comigo para ver...

Fui salva nesse momento pelo súbito aparecimento de Adlai Osborn, um bem-sucedido comerciante de algum lugar ao norte da costa, que deu um tapinha no ombro de Wylie. Aproveitando a oportunidade criada pelo desvio de atenção, abri meu leque e saí deslizando de lado por uma brecha na multidão.

Momentaneamente entregue à minha própria sorte, abandonei despreocupadamente o terraço e segui pelo gramado. Eu ainda procurava Jamie ou Duncan, mas esta era minha primeira oportunidade de examinar as últimas aquisições de Jocasta, que estavam causando consideráveis comentários entre os convidados. Eram duas estátuas, esculpidas em mármore branco, cada qual posicionada bem no meio de cada gramado.

A mais perto de mim era uma réplica em tamanho natural de um guerreiro grego — espartano, presumi, pelo fato de os mais frívolos

itens de seus trajes terem sido omitidos, deixando o cavalheiro apenas com um vigoroso elmo emplumado na cabeça e uma espada na mão. Um grande escudo estava plantado a seus pés, estrategicamente colocado de modo a cobrir as mais evidentes insuficiências de seus trajes.

Havia uma estátua semelhante no gramado da direita, esta de Diana, a Caçadora. Apesar de parcimoniosamente vestida em drapeados e de seus bem torneados seios e nádegas de mármore branco estarem atraindo uma significativa apreciação disfarçada dos cavalheiros presentes, ela não era páreo para seu companheiro em termos de fascínio público. Sorri por trás do meu leque, vendo o sr. e a sra. Sherston passarem pela estátua sem sequer um olhar de esguelha. Afinal, o nariz empinado e o olhar de tédio entre eles diziam que essas obras de arte eram lugar-comum na Europa. Somente os grosseiros habitantes das colônias, desprovidos tanto de experiência quanto de formação cultural, poderiam considerar isso um spectacle, minha cara.

Ao examinar a estátua, descobri que não se tratava de um grego anônimo, afinal de contas, mas de Perseu. Deste novo ângulo, eu podia ver que aquilo que eu presumira ser uma pedra ao lado do escudo era na realidade a cabeça decepada de uma górgona, metade de suas serpentes em pé, atônitas.

A evidente beleza artística desses répteis propiciava uma desculpa para um exame mais de perto por várias senhoras que, descaradamente impudentes, contraíam os lábios com ar conhecedor e emitiam sons de admiração com o talento do escultor na execução de cada dimensão do corpo humano, exatamente assim. De vez em quando, uma delas permitia que seus olhos dardejassem para cima por uma fração de segundo, antes de desviá-lo bruscamente de volta à Medusa, as faces ruborizadas — pelo ar da manhã e pelo vinho quente que estava sendo servido, sem dúvida.

Minha atenção foi desviada de Perseu por uma caneca fumegante dessa bebida, enfiada debaixo do meu nariz num convite.

— Tome um pouco, sra. Fraser. — Era Lloyd Stanhope, extremamente amável. — Não vai querer pegar um resfriado, minha cara senhora.

Não havia risco de isso acontecer, considerando que o dia estava cada vez mais quente, mas aceitei a caneca, apreciando o aroma de canela e mel que a bebida exalava.

Inclinei-me para um lado, procurando Jamie, mas ele ainda não podia ser visto em lugar algum. Um grupo de cavalheiros discutindo os méritos do tabaco da Virgínia em detrimento do índigo como produto agrícola postara-se ao lado de Perseu, enquanto a parte de

trás da estátua agora abrigava três jovens, que olhavam-na por trás de seus leques, ruborizadas e dando risadinhas.

—...incomparáveis — Phillip Wylie dizia a alguém. Os redemoinhos de conversa o haviam trazido para o meu lado outra vez. — Absolutamente incomparáveis! Pérolas negras, são chamadas. Nunca viram nada igual, eu aposto. — Ele olhou ao redor e, ao me ver, estendeu o braço para tocar de leve em meu ombro. — Sei que passou algum tempo na França, sra. Fraser. Talvez as tenha visto por lá?

— Pérolas negras? — eu disse, tentando pegar o fio da conversa. — Bem, sim, algumas. Lembro que o arcebispo de Rouen tinha um pequeno pajem mouro que usava uma bem grande no nariz.

O queixo de Stanhope caiu ridiculamente. Wylie fitou-me por uma fração de segundo, depois soltou uma gargalhada tão alta que tanto o lobby do tabaco quanto as jovens com suas risadinhas cessaram bruscamente e olharam fixamente para nós.

— Você vai ser a minha ruína, minha cara — Wylie respirou com um chiado, enquanto Stanhope decaiu em roncões sufocados de riso. Wylie tirou um lenço de renda e delicadamente enxugou o canto dos olhos, para que as lágrimas de divertimento não manchassem seu rosto empoado.

— Realmente, sra. Fraser, ainda não viu meus tesouros? — Segurou-me pelo cotovelo e empurrou-me para longe da multidão com surpreendente habilidade. — Venha, deixe-me mostrar-lhe.

Ele me conduziu suavemente pelo meio da multidão reunida e pelo lado da casa, onde um caminho enfeitado com bandeirolas conduzia aos estábulos. Outra multidão — a maioria homens — reunia-se em torno do curral, onde o cavalariaço de Jocasta jogava feno para vários cavalos.

Havia cinco deles — duas éguas, dois cavalos de dois anos de idade e um garanhão. Os cinco negros como carvão, o pelo brilhante no sol claro da primavera, mesmo desgrehados como estavam por causa do inverno. Eu não era nenhuma especialista em conformação de cavalos, mas já sabia o suficiente agora para notar o peito profundo, os arcos das costelas e as ancas esculpidas, o que lhes dava uma estranha, mas profundamente atraente aparência de elegante robustez. Além da beleza da conformação e do pelo, o mais surpreendente nesses cavalos era a crina.

Esses cavalos negros possuíam uma magnífica cabeleira, flutuante e sedosa — quase como os cabelos de uma mulher — que se erguiam e ondulavam com seus movimentos, combinando com a graciosa queda de suas caudas longas e cheias. Além disso, cada cavalo possuía

delicadas penas pretas decorando os cascos e os machinhos, que ondulavam como flutuantes sementes de algodão-do-campo a cada passo. Em comparação com os cavalos de montaria, em geral descarnados, e os brutos animais de carga usados para transporte, esses cavalos pareciam quase mágicos — e pelos respeitosos comentários que provocavam entre os espectadores, poderiam muito bem ter vindo tanto do Mundo Encantado quanto da fazenda de Phillip Wylie em Edenton.

— São seus? — perguntei a Wylie sem olhar para ele, sem querer tirar os olhos da bela visão. — Onde os conseguiu?

— Sim — ele respondeu, suas afetações usuais banidas pelo simples orgulho. — São meus. São da Frísia. A mais antiga raça de sangues-quentes. A linhagem deles data de muitos séculos. Quanto à onde eu os obtive — inclinou-se por cima da cerca, estendendo a mão, com a palma para cima, e meneando os dedos para os cavalos num convite, — eu os crio há vários anos. Trouxe estes a convite da sra. Cameron; creio que ela pretenda comprar uma das minhas éguas e sugeriu que um ou dois de seus vizinhos também possam estar interessados. Quanto a Lucas, aqui, no entanto — o garanhão aproximara-se, reconhecendo o dono, e graciosamente deixava sua testa ser acariciada, — não está à venda.

As duas éguas estavam prestes a dar cria; Lucas era o pai e assim fora trazido, Wylie disse, como prova do pedigree. Para isso, eu pensei, achando graça comigo mesma, e com o propósito de se exhibir. As "pérolas negras" de Wylie estavam despertando um grande interesse e vários criadores de cavalos da região haviam ficado visivelmente verdes de inveja ao ver Lucas. Phillip Wylie pavoneava-se, envaidecido.

— Oh, aí está você, Sassenach. — A voz de Jamie soou repentinamente em meu ouvido. — Eu estava à sua procura.

— É mesmo? — eu disse, desviando-me do curral. Senti um calor repentino no peito ao vê-lo. — E por onde você andava?

— Oh, aqui e ali — Jamie disse, sem se perturbar com meu tom de acusação. — Realmente, um belo cavalo, sr. Wylie. — Um sinal educado com a cabeça e ele já me segurava pelo braço, dirigindo-se para o gramado, antes que Wylie tivesse tempo de murmurar "Seu criado, senhor".

— O que está fazendo aqui com o pequeno Phillip Wylie? — Jamie perguntou, abrindo caminho entre um bando de escravos, que fluíam da cozinha externa com travessas de comida fumegando sedutoramente sob guardanapos brancos.

— Olhando os cavalos dele — eu disse, colocando a mão no

estômago na esperança de conter os ruídos provocados pela visão de comida. — E o que você andou fazendo?

— Procurando Duncan — ele disse, conduzindo-me ao redor de uma poça. — Ele não estava na latrina, nem na forja, nos estábulos, na cozinha externa, na cozinha da casa. Peguei um cavalo e fui até os celeiros de tabaco, mas nem sombra dele.

— Talvez o tenente Wolff o tenha assassinado — sugeri. — Rival inconformado, essas coisas.

— Wolff? — Ele parou, franzindo o cenho para mim, consternado. — O idiota está aqui?

— Em carne e osso — respondi, abanando meu leque na direção do jardim. Wolff assumira um posto junto à mesa de comidas e bebidas, a figura baixa e troncuda inconfundível em seu uniforme naval azul e branco.

— Acha que sua tia o convidou?

— Sim, creio que sim — ele disse, soando irritado, mas resignado. — Ela não pôde resistir a esfregar o casamento no nariz dele, eu acho.

— Foi o que pensei. Mas ele só chegou há cerca de meia hora... e se ele continuar como uma esponja, nesse ritmo — acrescente, olhando com desaprovação para a garrafa agarrada na mão do tenente, — estará apagado antes de o casamento ser realizado.

Jamie descartou o tenente com um gesto de desdém.

— Bem, que ele se embebede, desde que só abra a boca para despejar mais bebida. Mas onde Duncan terá se escondido?

— Será que se atirou no rio? — Falei brincando, mas assim mesmo olhei na direção do rio e vi um barco aproximando-se para atracar, o remador de pé na proa para lançar a corda de amarração a um escravo que a aguardava. — Olhe, será o padre finalmente?

Era; uma figura baixa e redonda, a batina preta levantada acima dos joelhos peludos, enquanto ele saltava desajeitadamente, e de forma humilhante, para a doca, com a ajuda de um empurrão dos barqueiros por trás. Ulysses já se apressava a descer para o ancoradouro para recebê-lo.

— Ótimo — Jamie disse, em tom de satisfação. — Já temos o padre e uma noiva. Dois de três, é um progresso. Aqui, Sassenach, espere um instante... seu cabelo está despencando. — Ele traçou lentamente a linha de um cacho caído pelas minhas costas e eu obedientemente deixei o xale cair dos meus ombros.

Jamie prendeu o cacho outra vez, com uma habilidade nascida de longa prática, depois beijou-me delicadamente na nuca, fazendo-me estremecer. Ele também não era imune aos dominantes ares da

primavera.

— Acho que devo ir procurar Duncan — ele disse, com um tom de pesar. Seus dedos demoraram-se nas minhas costas, o polegar delicadamente traçando o sulco da minha espinha. — Mas depois que encontrá-lo... deve haver algum lugar por aqui com um pouco de privacidade.

A palavra "privacidade" me fez recostar-me em Jamie e olhar na direção da margem do rio, onde um aglomerado de salgueiros-chorões abrigava um banco de pedra — um lugar bastante reservado e romântico, especialmente à noite. Os salgueiros estavam densos de folhas novas, mas avistei um lampejo vermelho através dos galhos pendentes.

— Achei-o! — exclamei, empertigando-me tão abruptamente que pisei no pé de Jamie. — Oh, desculpe-me!

— Não tem importância — ele me tranquilizou. Ele seguira a direção do meu olhar e agora se empertigava com decisão. — Vou buscá-lo. Vá até a casa, Sassenach, e fique de olho na minha tia e no padre. Não os deixe escapar até este casamento ser realizado.

Jamie desceu o gramado na direção dos salgueiros-chorões, distraidamente retribuindo os cumprimentos de amigos e conhecidos conforme prosseguia. Na verdade, sua mente estava menos nas próximas núpcias de Duncan do que em pensamentos sobre sua própria esposa.

De um modo geral, ele estava consciente de que fora abençoado com sua beleza; mesmo em sua roupa comum de tecido grosseiro, afundada até os joelhos na lama da horta, ou manchada do sangue de sua vocação, a curva de seus ossos falava à sua própria medula, e aqueles olhos cor de uísque podiam deixá-lo bêbado com um único olhar. Além do mais, a louca confusão de seus cabelos sempre o fazia rir.

Sorrindo consigo mesmo diante de tais pensamentos, ocorreu-lhe que ele estava ligeiramente bêbado. As bebidas fluíam como água na festa e já havia alguns homens apoiando-se no mausoléu do velho Hector, os olhos embaciados e o queixo flácido; vislumbrou alguém atrás do mausoléu também, urinando nos arbustos. Sacudiu a cabeça. Haveria um corpo embaixo de cada arbusto até o cair da noite.

Santo Deus. Bastou um pensamento de corpos embaixo de arbustos e logo sua mente lhe apresentou uma visão ofuscantemente indecente de Claire, esparramada no solo e rindo embaixo de um desses arbustos, os seios saindo de seu vestido e as folhas e o capim secos da mesma cor de suas saias amarrotadas e os pelos castanhos e encaracolados entre suas... Afastou o pensamento abruptamente,

fazendo uma mesura cordial para a velha sra. Alderdyce, a mãe do juiz.

— Seu criado, madame.

— Bom-dia, meu jovem, bom-dia. — A velha senhora balançou a cabeça magistralmente e continuou andando, apoiada no braço de sua companheira, uma jovem mulher com ar resignado, que deu um débil sorriso a Jamie em resposta à sua saudação.

— Sr. Jamie? — Uma das criadas surgiu ao seu lado, segurando uma bandeja de xícaras. Ele pegou uma, sorrindo em agradecimento, e bebeu metade do conteúdo de um só gole.

Não conseguiu se conter. Teve que se virar e olhar para Claire. Conseguiu apenas vislumbrar o topo de sua cabeça entre as pessoas no terraço — ela se recusava a usar uma touca adequada, é claro, a bruxinha teimosa, mas, em vez disso, tinha um enfeite prendendo os cabelos, um pedaço de renda com um apanhado de fitas e uma penca de frutos da roseira. Isso também lhe deu vontade de rir e ele virou-se de novo para os salgueiros, sorrindo consigo mesmo.

O que o estava atraindo era vê-la em seu novo vestido. Há meses não a via vestida como uma dama, cintura fina, em seda, e seus seios brancos, redondos e macios como peras de inverno no decote profundo de seu vestido. Era como se ela de repente fosse uma mulher diferente; ao mesmo tempo intimamente familiar e ainda assim excitantemente estranha.

Seus dedos remexeram-se, ao se lembrar daquele cacho rebelde, espiralando-se livremente pelo seu pescoço, e a sensação de sua nuca delgada — e de seu traseiro farto e quente através das saias, pressionado contra sua perna. Não a possuía há mais de uma semana, com toda a pressão das pessoas ao redor, e estava sentindo uma falta aguda.

Desde que ela lhe mostrara os espermatozoides, sentia-se desconfortavelmente consciente do acúmulo deles em suas bolas, uma impressão forçosamente mais perceptível em situações como essa. Ele sabia muito bem que não havia perigo de explosão ou ruptura — e no entanto não podia deixar de pensar em todo aquele impulso.

Preso na massa pululante de tantos outros, sem nenhuma esperança de fuga, era uma de suas visões pessoais do inferno, e ele parou por um instante do lado de fora da cortina de salgueiros-chorões para administrar um pequeno apertão só para se assegurar, o qual, esperava, deveria acalmar o tumulto por algum tempo.

Esperaria até ver Duncan casado, decidiu, e depois um homem tem que cuidar dos próprios interesses. Depois que anoitecesse, e se não conseguisse lugar melhor do que uma moita, então uma moita teria

que servir. Afastou um feixe de galhos de salgueiro, agachando-se para atravessá-los.

— Duncan — ele começou a dizer, depois parou, o turbilhão de pensamentos carnaís desaparecendo como água por um ralo. O casaco vermelho pertencia não a Duncan Innes, mas a um estranho que se virou para ele, com a mesma surpresa. Um homem em um uniforme do exército de Sua Majestade.

O olhar de espanto momentâneo desapareceu do rosto do estranho quase tão rapidamente quanto o ar de surpresa do próprio Jamie. Este deve ser MacDonald, o oficial de meio-soldo que Farquard Campbell mencionara. Evidentemente, Farquard o descrevera para MacDonald também; ele podia ver que o sujeito já o identificara.

MacDonald também segurava uma xícara de ponche; os escravos andavam atarefados. Ele esvaziou sua xícara deliberadamente, depois a colocou no banco de pedra, limpando os lábios com as costas da mão.

— Coronel Fraser, não?

— Major MacDonald — ele retrucou, com um cumprimento de cabeça que misturava cortesia com cautela. — Seu criado, senhor.

MacDonald inclinou-se, meticulosamente.

— Coronel. Poderia me conceder um momento do seu tempo? — Ele olhou por cima do ombro de Jamie; ouviam-se risadinhas na margem do rio atrás deles, e os gritinhos excitados de moças muito jovens perseguidas por rapazes muito jovens. — Em particular?

Jamie notou o uso de seu título da milícia com divertido azedume, mas balançou a cabeça rapidamente e colocou sua própria xícara, ainda pela metade, ao lado da xícara do major.

Ele inclinou a cabeça na direção da casa, num gesto interrogativo; MacDonald assentiu e seguiu-o para fora dos salgueiros, enquanto o farfalhar das folhagens e os gritinhos anunciavam que o banco e suas árvores protetoras agora se transformaram no território dos mais jovens. Desejava— lhes boa sorte, anotando em sua mente o local possivelmente para seu próprio uso, após escurecer.

O dia estava frio, mas calmo e luminoso. Vários convidados, a maioria homens que achavam o ambiente civilizado de dentro de casa sufocante demais para seu gosto, reuniam-se em grupos de discussão nos cantos do terraço ou passeavam pelos caminhos do jardim, onde seus cachimbos podiam fumer em paz. Avaliando que o último local onde estivera era o melhor meio de evitar interrupção, Jamie conduziu o major para o caminho pavimentado com tijolos que fazia uma curva em direção aos estábulos.

— Viu os cavalos frísios de Wylie? — o major perguntou enquanto circundavam a casa, procurando entabular uma conversa descontraída enquanto não chegavam a um local fora dos ouvidos alheios.

— Sim, vi. O garanhão é um belo animal, hein? — Por reflexo, os olhos de Jamie voltaram-se para o cercado junto ao celeiro. O garanhão pastava, mordiscando as ervas perto do cocho, enquanto as duas éguas descansavam emparelhadas perto do estábulo, os dorsos largos brilhando ao sol pálido.

— É mesmo? Bem, talvez. — O major estreitou os olhos na direção do curral, um dos olhos semicerrado em reticente concordância. — Bastante sadio, eu diria. Belo peito. Mas com toda essa crina... não serviria para a cavalaria, embora eu suponha que, se fosse adequadamente aparado e arrumado...

Jamie conteve a vontade de perguntar a MacDonald se ele também gostava de suas mulheres depiladas. A imagem do cacho solto em espiral por aquele pescoço branco ainda estava em sua mente. Talvez os estábulos oferecessem uma oportunidade melhor... Afastou o pensamento, para referência posterior.

— Tem alguma questão do seu interesse que o preocupe, major? — ele perguntou, mais bruscamente do que pretendia.

— Não tanto do meu interesse — MacDonald respondeu sem se alterar. — Disseram-me que tem algum interesse no paradeiro de um cavalheiro chamado Stephen Bonnet. Estou corretamente informado, senhor?

Sentiu o nome como um soco no peito; ficou sem ar por um instante. Inconscientemente, sua mão esquerda curvou-se sobre o cabo da adaga.

— Eu... sim. Sabe por onde ele anda?

— Infelizmente, não. — A sobrançelha de MacDonald ergueu-se, diante de sua reação. — Mas sei onde ele esteve. Um patife, nosso Stephen, ou assim me parece, não? — perguntou, com um certo tom de gracejo.

— Pode-se dizer que sim. Ele matou homens, me roubou... e estuprou minha filha — Jamie disse sem rodeios.

O major prendeu a respiração, o rosto sombrio em repentina compreensão.

— Ah, compreendo — disse brandamente. Ergueu a mão brevemente, como se fosse tocar o braço de Jamie, mas deixou-a cair ao lado do corpo. Deu mais alguns passos, as sobrançelhas enrugadas, em concentração.

— Compreendo — repetiu, qualquer vestígio de humor eliminado

de sua voz. — Eu não imaginava... sim. Compreendo. — Recaiu em silêncio outra vez, os passos mais lentos à medida que se aproximavam do curral.

— Quero crer que pretenda me dizer o que sabe a respeito do sujeito — Jamie disse educadamente. MacDonald ergueu os olhos para ele e pareceu reconhecer que, independentemente de suas próprias impressões, a própria intenção de Jamie era obter toda informação que pudesse, quer pela conversa ou por métodos mais diretos.

— Eu mesmo nunca me encontrei com o sujeito — MacDonald disse suavemente. — O que eu sei, ouvi em uma ocasião social em New Bern no mês passado.

Foi uma noite de carteado na casa de Davis Howell, um rico proprietário de navios e membro do Conselho Real do governador. O grupo de convidados, pequeno, mas seletivo, começara com um excelente jantar, depois passou às cartas e às conversas, bem temperadas com ponche de rum e conhaque.

Com o passar das horas e a fumaça de cigarrilhas pesada no ar, a conversa ficou mais descuidada e houve referências jocosas ao recente enriquecimento de um certo sr. Butler, com muita especulação parcialmente velada quanto à origem de tanto dinheiro. Um cavalheiro, demonstrando inveja, foi ouvido dizendo "Se alguém puder ter um Stephen Bonnet no bolso...", antes de ser cutucado para que se calasse por um amigo cuja discrição ainda não tinha se dissolvido em rum.

— O sr. Butler estava entre os presentes nesta reunião? — Jamie perguntou incisivamente. O nome não lhe era familiar, mas se Butler era conhecido de membros do Conselho Real... bem, os círculos de poder na colônia eram pequenos; alguém neles seria conhecido de sua tia, ou de Farquard Campbell.

— Não, não estava. — Havia chegado ao curral. MacDonald apoiou os braços cruzados na cerca, os olhos fixos no garanhão. — Ele mora, eu acredito, em Edenton.

Assim como Phillip Wylie. O garanhão — Lucas, era esse seu nome — veio beirando a cerca na direção deles, as narinas negras e macias alargando-se de curiosidade. Jamie estendeu as juntas dos dedos mecanicamente e o cavalo, mostrando ser amistoso, esfregou neles o maxilar luzidio. Apesar de belo de se ver, ele mal notou o cavalo, os pensamentos girando como um pião.

Edenton ficava no estreito de Albermale, de fácil acesso por barco. Era provável, portanto, que Bonnet tivesse retornado às suas atividades de navegador — e, com elas, à pirataria e ao contrabando.

— Você chamou Bonnet de "patife" — ele disse, virando-se para

MacDonald. — Por quê?

— Sabe jogar uíte, coronel Fraser? — MacDonald olhou para ele de modo inquisitivo. — Eu o recomendo particularmente. Possui algumas vantagens sobre o xadrez, no sentido de permitir que se descubra a mente do adversário, e a vantagem ainda maior de poder ser jogado com mais pessoas. — As linhas profundas de seu rosto relaxaram momentaneamente num ligeiro sorriso. — Mas a vantagem maior é que é possível ganhar a vida com ele, o que raramente acontece com o xadrez.

— Estou familiarizado com o jogo, senhor — Jamie retrucou, com extrema aridez.

MacDonald era um oficial de meio-soldo, sem deveres oficiais, nem regimento na ativa. Não era incomum que homens nessa situação buscassem complementar o salário escasso com a aquisição de informações privilegiadas, que podiam ser vendidas ou trocadas. Nenhum valor estava sendo pedido — agora mas isso não significava que a dívida não seria cobrada mais tarde. Jamie fez um breve sinal com a cabeça em reconhecimento da situação e MacDonald, por sua vez, também balançou a cabeça, satisfeito. Ele iria dizer o que queria no devido tempo.

— Bem, senhor. Fiquei, como pode imaginar, interessado em saber se esse Bonnet poderia ser... e se era realmente um ovo de ouro, e de qual galinha ele saía.

Os companheiros de MacDonald, entretanto, recuperaram a cautela e ele não conseguiu saber mais nada sobre o misterioso Bonnet — a não ser o efeito que tinha sobre aqueles que o conheciam.

— O senhor deve saber muito bem disso, aprende-se tanto com o que os homens não dizem, quanto com o que dizem, não? Ou como dizem. — Sem esperar por um sinal de Jamie, ele continuou.

— Éramos oito jogando. Três não pouparam especulações, mas pude ver que não sabiam mais sobre o sr. Bonnet do que eu mesmo. Dois outros pareciam nem saber, nem se importar, mas os dois últimos... — Ele sacudiu a cabeça. — Eles ficaram muito silenciosos, senhor. Como aqueles que não falam do diabo, por medo de que ele apareça.

Os olhos de MacDonald brilhavam de especulação.

— Conhece o próprio Bonnet?

— Conheço. Quem eram os dois cavalheiros que o conheciam?

— Walter Priestly e Hosea Wright — MacDonald respondeu prontamente. — Ambos amigos particulares do governador.

— Comerciantes?

— Entre outras coisas. Ambos possuem armazéns. Wright em Edenton e Plymouth, Priestly em Charleston, Savannah, Wilmington e Edenton. Priestly também tem negócios em Boston, embora eu pouco saiba de que natureza. Oh, e Wright é banqueiro.

Jamie balançou a cabeça. Suas mãos estavam cruzadas sob as abas do casaco enquanto ele caminhava; ninguém podia ver como seus dedos estavam apertados.

— Acredito já ter ouvido falar do sr. Wright — ele disse. — Phillip Wylie mencionou que um cavalheiro com esse nome é dono de uma fazenda próxima à dele.

MacDonald balançou a cabeça, em confirmação. A ponta de seu nariz ficara muito vermelha e pequenos vasos sanguíneos rompidos destacavam-se em suas faces, lembranças de anos passados em campanha.

— Sim, em Four Chimneys. — Olhou de esguelha para Jamie, a língua explorando um dente posterior enquanto pensava.

— Pretende matá-lo, então?

— Claro que não — Jamie respondeu sem se alterar. — Um homem tão bem relacionado com os que estão no poder?

MacDonald olhou para ele penetrantemente, depois desviou os olhos com uma ligeira arfada.

— Sim. Sem dúvida.

Continuaram a andar lado a lado por alguns instantes sem falar, cada qual ocupado com suas ponderações particulares — e cada qual consciente das ponderações do outro.

A notícia das associações de Bonnet tinha dois efeitos opostos; por um lado, provavelmente tornaria o sujeito mais fácil de ser encontrado. Por outro, essas associações iriam complicar bastante a questão, no que se referia a assassinato. Não iriam impedir Jamie — e MacDonald obviamente percebia isso, — mas certamente era um aspecto a considerar.

O próprio MacDonald era uma complicação considerável, os parceiros de negócios de Bonnet estariam interessados em saber que alguém pretendia eliminar sua fonte de lucros — e era mais do que provável que agiriam para impedir. Também pagariam muito bem pela informação de que sua galinha de ovos de ouro estava ameaçada; uma perspectiva que MacDonald certamente iria considerar.

No entanto, não havia nenhuma maneira imediata de calar MacDonald; Jamie não possuía os meios para suborno e esse era um recurso medíocre, de qualquer forma, já que um homem que podia ser comprado uma vez estaria sempre à venda.

Lançou um olhar a MacDonald, que o olhou nos olhos, sorriu ligeiramente, depois virou a cabeça para o outro lado. Não, intimidação não adiantaria, ainda que pretendesse ameaçar alguém que lhe prestara um serviço. O que, então? Certamente não podia acertar MacDonald na cabeça só para impedi-lo de dar com a língua nos dentes para Wright, Priestly ou Butler.

Bem, e se não podia ser suborno nem força bruta, a única medida que restava para fazer o sujeito se calar era chantagem. Que apresentava suas próprias complicações, já que ele não sabia nada — até o momento — que desacreditasse MacDonald. Um homem que vivia como o major certamente possuía pontos fracos, mas encontrá-los... quanto tempo ele ainda teria?

Esse pensamento desencadeou outro.

— Como ficou sabendo que eu procurava notícias de Stephen Bonnet? — perguntou abruptamente, interrompendo as próprias considerações de MacDonald.

MacDonald deu de ombros e assentou seu chapéu e sua peruca com mais firmeza.

— Ouvi isso de meia dúzia de fontes diferentes, senhor, desde tavernas a tribunais de justiça. Receio que seu interesse seja bem conhecido. Mas não — ele acrescentou delicadamente, com um olhar de esguelha — a razão.

Jamie emitiu um grunhido, do fundo da garganta. Lançar uma rede ampla lhe trouxera seu peixe, mas sem dúvida também causara ondas que avisaram a baleia. Parecia que resultara numa faca de dois gumes. Se toda a costa sabia que ele procurava por Bonnet, então Bonnet também sabia.

Talvez isso fosse ruim; talvez não. Se Brianna viesse a ouvir falar disso — ela deixara claro que queria deixar Bonnet entregue ao seu próprio destino. Isso era tolice, é claro, mas ele não discutira com ela; apenas ouviu com toda aparência de grande consideração. Afinal, ela não precisava saber de nada até o sujeito estar morto. Mas se uma palavra desavisada a alcançasse antes disso... Ele apenas começara a considerar as possibilidades em sua própria mente quando MacDonald falou outra vez.

— Sua filha... seria a sra. MacKenzie, não?

— E isso importa? — Falou friamente e os lábios de MacDonald comprimiram-se brevemente.

— Não. Claro que não. É apenas que... eu conversei um pouco com a sra. MacKenzie e a achei... encantadora. A ideia de que... — Interrompeu-se, limpando a garganta. — Eu mesmo tenho uma filha

— ele disse bruscamente, parando e virando-se para encarar Jamie.

— É mesmo? — Jamie não ouvira dizer que MacDonald fosse casado. Provavelmente não era. — E isso seria na Escócia?

— Na Inglaterra. A mãe dela é inglesa. — O frio havia criado manchas vermelhas na pele surrada pelas intempéries do soldado. Elas se intensificaram, mas os olhos azul-claros permaneceram firmes nos de Jamie, da mesma cor do céu enevoado atrás dele.

Jamie sentiu o aperto em sua espinha dorsal relaxar. Ergueu os ombros e os deixou cair. MacDonald balançou a cabeça minimamente. Os dois homens se viraram, sem discussão, e começaram a voltar em direção à casa, conversando descontraidamente sobre o preço do índigo, as últimas notícias de Massachusetts e a surpreendente clemência do tempo naquela estação.

— Conversei com sua esposa há pouco — MacDonald observou. — Uma mulher encantadora e muito amável... é um homem de sorte, senhor.

— Também penso assim — Jamie respondeu, lançando um olhar a MacDonald.

O soldado tossiu, delicadamente.

— A sra. Fraser teve a gentileza de sugerir que o senhor pudesse me fornecer uma carta de apresentação a Sua Excelência, o governador. A luz da recente ameaça de conflito, ela achou que talvez um homem com a minha experiência pudesse ser capaz de dar alguma contribuição... compreende?

Jamie compreendia muito bem. E embora duvidasse que Claire tivesse sugerido tal coisa, estava aliviado de saber que a recompensa pedida era tão pequena.

— Farei isso imediatamente — assegurou a MacDonald. — Procure-me hoje à tarde, após o casamento, e já deverei tê-la pronta para lhe entregar.

MacDonald inclinou a cabeça, parecendo gratificado.

Ao chegarem ao caminho que levava às latrinas, MacDonald despediu-se e afastou-se com um aceno, passando por Duncan Innes, que vinha daquela direção, com um ar abatido e emaciado, como acontece quando seus intestinos estão dando nós.

— Você está bem, Duncan? — Jamie perguntou, examinando seu amigo com preocupação. Apesar do ar frio do dia, uma fina película de suor brilhava na fronte de Innes e suas faces estavam pálidas. Jamie esperava que, se fosse uma febre, não fosse contagiosa.

— Não — Innes disse, em resposta à sua pergunta. — Não, eu estou... Mac Dubh, tenho que falar com você.

— Claro, a charaid. — Alarmado com a aparência de Ines, Jamie segurou-o pelo braço, para ampará-lo. — Quer que eu traga minha mulher para vê-lo? Precisa de um trago. — Pelo cheiro, ele já tomara vários, mas nada extraordinário para um noivo. Ele não parecia estar mal por causa de bebida, mas certamente estava por algum outro motivo. Talvez um mexilhão meio estragado no jantar da noite anterior...

Innes sacudiu a cabeça. Engoliu em seco, depois fez uma careta, como se algo duro estivesse entalado em sua garganta. Respirou pelo nariz e endireitou os ombros, preparando-se para alguma coisa.

— Não, Mac Dubh, é de você mesmo que eu preciso. Um pequeno conselho, se tiver a gentileza...

— Sim, Duncan, claro. — Mais curioso do que alarmado agora, soltou o braço de Duncan. — O que foi?

— Sobre... sobre a noite de núpcias — Duncan deixou escapar de uma só vez. — Eu... quer dizer, eu tenho... — Interrompeu-se abruptamente, vendo alguém entrar no caminho à frente deles, indo na direção das latrinas.

— Por aqui. — Jamie virou-se na direção das hortas, que eram cercadas por protetores muros de tijolos. Noite de núpcias?, pensou, tanto tranquilizado quanto curioso. Duncan nunca fora casado, ele sabia, e quando estavam juntos em Ardsmuir, Duncan nunca falou de mulheres como alguns homens faziam. Na época, achou que se tratava apenas de recatada timidez, mas talvez... mas não, Duncan já passara dos cinquenta anos, certamente a oportunidade ocorrera.

Restavam pederastia ou doença venérea, ele pensou, e podia jurar que Duncan não tinha nenhuma atração por rapazes. A segunda era um pouco desagradável, certamente, mas tinha certeza de que Claire poderia resolver. Ele realmente esperava que fosse algo simples e não a doença francesa; essa era uma praga cruel.

— Aqui, a charaid — ele disse, conduzindo Duncan para o abrigo dos canteiros de cebola. — Estaremos com toda privacidade aqui. Agora, diga, qual é o seu problema?

O SEGREDO DE DUNCAN

O padre LeClerc não falava inglês, com a exceção de um alegre "Tally— ho", um grito de caçador quando avista a caça, que ele usava ora como uma saudação, uma interjeição de surpresa ou uma exclamação de aprovação. Jocasta ainda estava se aprontando em seu quarto de vestir, então eu apresentei o padre a Ulysses, depois o escoltei ao salão principal, providenciei para que fosse servido com bebidas e comidas, e sentei-o para conversar com os Sherston, que eram protestantes e estavam um tanto espantados de conhecer um jesuíta, mas tão ansiosos em exhibir seu francês que se dispuseram a fazer vista grossa à infeliz profissão do padre LeClerc.

Cansada dessa delicada sessão de reaproximação social, pedi licença e saí para o terraço, para ver se Jamie conseguira encontrar Duncan. Não se via nenhum dos dois, mas encontrei-me com Brianna, subindo do gramado com Jemmy.

— Oi, querido, como você está? — Estendi os braços para Jemmy, que parecia agitado, contorcendo-se e estalando os lábios, como alguém sentando-se para uma refeição de seis pratos após uma difícil viagem pelo Saara. — Está com fome, hein?

— Hac! — ele exclamou, depois sentindo que talvez fosse uma explicação insuficiente, repetiu a sílaba várias vezes, com volume crescente, sacudindo-se para cima e para baixo, para dar mais ênfase.

— Ele está com fome e eu estou prestes a explodir — Brianna disse, abaixando a voz e ajeitando delicadamente os seios. — Vou levá-lo lá em cima para mamar. Tia Jocasta disse que podíamos usar seu quarto.

— Oh? Isso é bom. A própria Jocasta acaba de subir, para descansar um pouco e trocar de roupa. O casamento está marcado para as quatro horas, agora que o padre está aqui. — Eu acabara de ouvir o relógio de carrilhão soar meio-dia e esperava que Jamie tivesse conseguido encontrar Duncan são e salvo. Talvez o tivesse trancado em algum lugar, para impedir que fugisse outra vez.

Bri pegou Jemmy de volta, enfiando o nó do dedo profilaticamente em sua boca para abafar suas exclamações.

— Você conhece os Sherston? — ela perguntou.

— Sim — respondi cautelosamente. — Por quê? O que eles fizeram?

Ela ergueu uma das sobrelanceiras para mim.

— Eles me pediram para pintar um retrato da sra. Sherston. Uma encomenda, quero dizer. Evidentemente, tia Jocasta andou me elogiando para eles e lhes mostrou alguns dos trabalhos que fiz quando fiquei aqui no ano passado, e agora eles querem um quadro.

— É mesmo? Ah, querida, que maravilha!

— Bem, será se tiverem dinheiro — ela disse de modo prático. — O que acha?

Era uma boa pergunta. Roupas finas e compromissos sociais nem sempre refletiam o verdadeiro valor, e eu não sabia muito sobre as reais circunstâncias dos Sherstons. Eles eram de Hillsborough, não de Cross Creek.

— Bem, eles são deveras vulgares — eu disse, em dúvida — e terrivelmente esnobes, mas creio que ele é rico. Ele é dono de uma cervejaria, eu acho. Mas pergunte a Jocasta, ela deve saber.

— Deveras vulgares? — ela disse, com voz empolada, fazendo troça do meu próprio linguajar, e riu. — Quem é esnobe aqui?

— Não sou esnobe — eu disse com dignidade. — Sou uma observadora perspicaz das nuances sociais. Viu seu pai e Duncan em algum lugar?

— Duncan, não, mas papai está lá embaixo perto das árvores com o sr. Campbell. — Ela apontou prestativamente e eu avistei o tartã vermelho e os brilhantes cabelos de Jamie, um esplendor flamejante no final do gramado. No entanto, nem sinal do casaco vermelho de Duncan.

— Maldito sujeito — eu disse. — Onde será que ele se meteu?

— Foi à latrina e caiu lá dentro — Bri sugeriu. — Está bem, agente aí, já estamos indo! — Dirigindo essa última parte a Jemmy, que emitia queixosos gritos que sugeriam inanição iminente, ela desapareceu dentro de casa.

Ajeitei o xale e desci o gramado a passos largos para me juntar a Jamie. Um almoço ao ar livre estava sendo servido para regalo dos convidados e eu peguei um biscoito e uma fatia de presunto quando passei pelas mesas de aperitivos, improvisando apressadamente um sanduíche para manter a distância os meus próprios espasmos de fome.

O ar ainda estava frio, mas o sol estava alto no céu e quente em meus ombros; foi um alívio me juntar aos homens na sombra de um pequeno bosque de carvalhos que ficava perto do fundo do gramado. Eram carvalhos-dos-pântanos e já tinham começado a brotar, as folhas novas surgindo como dedos de bebê. O que Nayawenne me dissera

sobre carvalhos? Oh, sim; deve-se plantar o milho quando as folhas dos carvalhos estiverem do tamanho da orelha de um esquilo.

A julgar por isso, mais dia menos dia os escravos já poderiam plantar milho na horta de River Run. Mas ainda se passariam semanas até as folhas dos carvalhos brotarem em Ridge.

Jamie evidentemente acabara de dizer algo engraçado, pois Campbell fez um ruído preso na garganta, o que para ele era uma risada, balançando a cabeça para mim numa saudação.

— Vou deixá-los, então, entregues aos seus próprios assuntos — ele disse a Jamie, recobrando a compostura. — Mas me procurem, se precisarem. — Protegeu os olhos com a mão, erguendo-os para o terraço.

— Ah, o retorno do príndigo. Em xelins, senhor, ou garrafas de conhaque?

Virei-me para olhar também, a tempo de ver Duncan atravessando o terraço, balançando a cabeça e sorrindo timidamente para os que o felicitavam enquanto ele passava. Devo ter parecido confusa, pois o sr. Campbell inclinou-se para mim, a boca seca torcida num sorriso.

— Fiz uma pequena aposta com seu marido, senhora.

— Cinco a um em Duncan, à noite — Jamie explicou. — Que ele e minha tia vão dormir na mesma cama, quero dizer.

— Santo Deus — eu disse, um pouco irritada. — Alguém aqui fala de outra coisa? Mentres sujas, todos vocês.

Campbell riu, depois se virou, distraído pela insistência de um de seus netos.

— Não me diga que você não estava pensando na mesma coisa. — Jamie cutucou-me delicadamente.

— Na verdade, não — eu disse, recatadamente. Eu não estava, mas apenas porque eu já sabia.

— Oh, sem dúvida — ele disse, um dos cantos de sua boca torcendo-se para cima. — E você com a lascívia tão evidente no rosto quanto bigodes em um gato.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei. Só para o caso de que ele estivesse certo, abri o leque inopinadamente e cobri a parte inferior do meu rosto. Espreitei por cima de sua renda marfim, batendo as pestanas em pretensa inocência.

Ele fez um ruído escocês de sarcasmo na garganta. Em seguida, com um rápido olhar ao redor, ele inclinou-se e sussurrou no meu ouvido.

— Significa que você fica assim com essa expressão quando quer

que eu vá para sua cama. — Um hálito quente agitou os cabelos sobre minha orelha. — Você quer?

Sorri de forma radiante para o sr. Campbell, que nos olhava com interesse por cima da cabeça do neto, abri o leque de novo e, usando-o como um escudo, fiquei na ponta dos pés para sussurrar no ouvido de Jamie. Caí outra vez sobre meus calcanhares e sorri recatadamente para ele, abanando-me com todas as minhas forças.

Jamie pareceu levemente chocado, mas definitivamente satisfeito. Ele olhou para o sr. Campbell, que felizmente havia se afastado, atraído para uma outra conversa. Jamie esfregou o nariz e olhou-me com intensa especulação, o olhar azul-escuro demorando-se no decote enfeitado de babados do meu vestido novo. Abanei o leque delicadamente sobre meu décolletage.

— Ah... nós podíamos... — Seus olhos moveram-se rapidamente para cima, avaliando as redondezas em busca de possíveis locais isolados, depois se abaixaram outra vez, irresistivelmente atraídos para o leque como se fosse um ímã.

— Não, não podíamos — informei a ele, sorrindo e fazendo uma mesura para as idosas srtas. MacNeil, que passavam por trás dele. — Todo canto da casa está apinhado de gente. Assim como os celeiros, estábulos e barracões. E se você tinha em mente um encontro sob uma moita na margem do rio, pense duas vezes. Este vestido custou uma fortuna! — Uma fortuna em uísque ilegal, mas ainda assim uma fortuna.

— Oh, eu sei perfeitamente disso.

Seus olhos viajaram lentamente sobre mim, dos cachos dos cabelos presos às pontas dos meus novos sapatos de couro de boi. O vestido era de seda âmbar-claro, corpete e barra bordados com folhas de seda em tons de marrom e dourado, e se eu mesma digo, ajustava-se em mim como uma luva.

— Mas valeu — ele disse suavemente, inclinando-se para beijar-me. Uma brisa fria agitou os galhos de carvalho acima e eu me aproximei dele, buscando seu calor.

Com a longa viagem desde Bridge e a pressão dos convidados causada pela celebração iminente, não havíamos compartilhado a mesma cama há mais de uma semana.

Não era tanto um encontro amoroso que eu queria — embora sem dúvida eu não diria não, se a oportunidade se apresentasse. O que eu sentia falta era simplesmente a sensação de seu corpo junto ao meu; ser capaz de estender a mão no escuro e descansar na longa elevação de sua coxa; rolar de manhã para ele e envolver suas nádegas redondas, firmes, na curva das minhas coxas e da minha barriga;

pressionar meu rosto contra suas costas e respirar o cheiro de sua pele enquanto resvalava para o sono.

— Droga — eu disse, descansando minha testa por um instante nas dobras dos babados de sua camisa e inalando os aromas misturados de roupa engomada e homem com desejo. — Sabe, se sua tia e Duncan não precisam da cama, talvez...

— Ah, então você estava pensando nisso...

— Não, não estava — eu disse. — Além do mais, o que você tem a ver com isso?

— Oh, absolutamente nada — ele disse, sem se perturbar. — Só que quatro homens vieram me perguntar hoje de manhã se eu acho que irão, ou se já não dormiram juntos. O que é um elogio à minha tia, não?

Era verdade. Jocasta MacKenzie já devia ter sessenta e tantos anos, e no entanto a ideia de que ela compartilhasse a cama de um homem não era absolutamente impensável. Conheci muitas mulheres que abandonaram com grande satisfação qualquer ideia de sexo, assim que a possibilidade de gravidez cessou, mas Jocasta não era uma delas. Ao mesmo tempo...

— Não dormiram — eu disse. — Phaedre me contou ontem.

— Eu sei. Duncan me contou agora mesmo. — Ele franziu ligeiramente a testa, mas não para mim. Para o terraço, onde a vistosa mancha do tartã de Duncan aparecia entre os enormes vasos de cerâmica.

— É mesmo? — Fiquei mais do que um pouco surpresa com isso. Uma repentina suspeita me atingiu. — Você não perguntou a ele, não é?

Ele me lançou um olhar ligeiramente repreensivo.

— Não — ele disse. — Por quem você me toma, Sassenach?

— Um escocês — eu disse. — Demônios do sexo, todos vocês. Ou assim dá para pensar, ouvindo toda a conversa por aqui. — Dei um olhar severo a Farquard Campbell, mas ele havia se virado de costas, absorto numa conversa.

Jamie olhou-me pensativamente, coçando o maxilar.

— Demônios do sexo?

— Sabe o que quero dizer.

— Oh, sei, sim. Só estava pensando... isso é um insulto, você diria, ou um elogio?

Abri a boca, depois parei. Devolvi-lhe o olhar pensativo.

— Se a carapuça servir... — eu disse.

Ele desatou a rir, o que fez várias pessoas ao redor se virarem e olharem para nós. Segurando meu braço, conduziu-me pelo gramado e pela sombra dos olmos.

— Eu queria lhe perguntar uma coisa, Sassenach — ele disse, verificando por cima do ombro se realmente ninguém poderia nos ouvir. — Você conseguiria uma oportunidade de falar sozinha com minha tia?

— Neste manicômio? — Olhei na direção do terraço; um enxame de convidados cercava Duncan como abelhas num canteiro de flores. — Sim, acho que poderia ir ter com ela em seu quarto, antes que ela desça para o casamento. Ela subiu para descansar. — Eu também gostaria de me deitar um pouco; minhas pernas doíam depois de tantas horas em pé e meus sapatos eram novos e ligeiramente apertados.

— Sim, está bem. — Balançou a cabeça amavelmente para um conhecido que se aproximava, depois se virou de costas, protegendo-nos de interrupções.

— Tudo bem — eu disse. — Por quê?

— Bem, tem a ver com Duncan. — Ele parecia ao mesmo tempo estar achando graça e ligeiramente preocupado. — Há uma pequena dificuldade e ele não consegue falar com ela sobre isso.

— Não me diga — eu disse. — Ele já foi casado e achava que sua primeira mulher estava morta, mas acabou de vê-la tomando uma sopa?

— Bem, não — ele disse, sorrindo. — Não tão grave assim. E talvez não seja tão problemático quanto Duncan teme. Mas ele está preocupado com isso e no entanto não consegue falar com minha tia. Ele é um pouco tímido com ela, sabe?

Duncan era, de um modo geral, tímido e recatado. Um ex-pescador forçado a servir durante o Levante, fora capturado depois de Culloden e passou anos na prisão. Foi solto, em vez de expatriado, apenas porque ele havia contraído uma infecção em um arranhão e perdera um braço, tornando-o imprestável para o trabalho e sem valor para ser vendido como criado nas colônias. Eu não tinha que imaginar de quem fora a ideia desse casamento; tão elevadas aspirações jamais teriam ocorrido a Duncan, nem em um milhão de anos.

— Compreendo. Mas o que o preocupa?

— Bem — ele disse devagar, — é verdade que Duncan nunca foi casado. Você não se perguntou por quê?

— Não — eu disse. — Eu havia apenas presumido que o Levante... oh, nossa! — Parei, percebendo do que se tratava. — Não é... Santo

Deus! Você quer dizer... ele gosta de homens? — Minha voz ergueu-se involuntariamente.

— Não! — ele disse, scandalizado. — Meu Deus, você não acha que eu o deixaria se casar com minha tia se ele fosse um sodomita, não é? Cristo. — Ele olhou em volta, para se certificar de que ninguém tivesse ouvido essa calúnia, e conduziu-me para dentro do abrigo das árvores, só por precaução.

— Bem, você não saberia necessariamente, não é? — perguntei, achando graça.

— Eu saberia — ele disse sombriamente. — Venha. — Levantou um galho arriado e apressou-me por baixo dele, a mão na parte baixa das minhas costas. O bosque era amplo e foi bastante fácil sair de vista.

— Não — ele repetiu, alcançando um pequeno espaço aberto bem no meio dos troncos. — Que mente suja, Sassenach! Não, não é nada do tipo. — Ele olhou rapidamente para trás, mas estávamos a uma boa distância do gramado, e razoavelmente ocultos. — É só que ele é... incapaz. — Ergueu levemente um dos ombros, parecendo profundamente desconfortável com a ideia.

— O quê... impotente? — Senti que estava boquiaberta e fechei a boca.

— Sim. Ele estava noivo, quando era jovem, mas houve um terrível acidente; um cavalo de carroça derrubou-o na rua e deu um coice em seu escroto. — Fez um leve movimento, como se fosse se tocar para se assegurar de que tudo estava em ordem, mas conteve-se. — Ele sobreviveu, mas... bem, não estava mais em condições de se casar, então ele liberou a jovem e ela se casou com outro.

— Coitado! — eu disse, com uma pontada de compaixão. — Santo Deus, o pobre Duncan só teve má sorte.

— Bem, ele está vivo — Jamie observou. — Muitos outros não estão. Além do mais — gesticulou acima de um dos ombros, para extensão de River Run atrás dele, — eu não diria que sua atual situação é particularmente infeliz. Quer dizer, fora essa pequena dificuldade — acrescentou.

Franzi o cenho, repassando mentalmente as possibilidades médicas. Se o acidente tivesse resultado em severos danos vasculares, não havia muito que eu pudesse fazer; eu não estava de forma alguma equipada para uma delicada reconstrução cirúrgica. Mas se fosse apenas um hemocelo, talvez...

— Quando ele era jovem, você disse? Humm. Bem, não é promissor, depois de tanto tempo, mas eu certamente posso dar uma

olhada e ver se...

Jamie olhou-me, incrédulo.

— Uma olhada? Sassenach, o sujeito ficou roxo quando você lhe perguntou sobre a saúde de seus intestinos, e quase morreu de vergonha, contando— me. Ele vai ter uma apoplexia se você ficar cutucando suas partes íntimas.

Uma mecha dos meus cabelos se soltara, puxada por um galhinho do carvalho; empurrei-a impacientemente para trás da orelha.

— Bem, o que esperava que eu fizesse, então? Não posso curá-lo com feitiços!

— Claro que não — ele disse, um pouco irritado. — Eu não pedi para você fazer nada com Duncan, apenas para falar com minha tia.

— O quê... quer dizer que ela não sabe? Mas estão para se casar há meses e morando juntos a maior parte desse tempo!

— Sim, mas... — Jamie fez o estranho gesto de levantar parcialmente os ombros que usava quando se sentia constrangido ou desconfortável, como se sua camisa estivesse muito apertada. — Veja bem... quando a questão do casamento surgiu, nunca ocorreu a Duncan que pudesse ser uma questão de... mmmhum.

— Mmmhum — repeti, erguendo uma das sobrancelhas. — E casamento geralmente não envolve ao menos a possibilidade de mmmhum?

— Bem, ele não pensou que minha tia o quisesse por sua beleza máscula, hein? — Jamie disse, levantando as sobrancelhas para mim. — Parecia apenas uma questão de negócios e conveniência. Há coisas que ele poderia resolver como proprietário de River Run, que não poderia como administrador. Aliás, ele não havia concordado, mas ela o persuadiu.

— E ele nunca pensou em mencionar esse... impedimento?

— Oh, pensou. Mas não havia nenhum sinal de que minha tia considerasse o casamento de qualquer outra forma que não negócios. Ela não mencionou a questão da cama; ele é envergonhado demais para tocar no assunto. E, assim, a questão não foi mencionada, sabe.

— Presumo que agora ela tenha vindo à tona? O que aconteceu? Sua tia enfiou a mão embaixo do kilt dele hoje de manhã e fez um comentário obsceno sobre a noite de núpcias?

— Ele não me disse nada — ele respondeu secamente. — Mas foi somente hoje de manhã, quando ele começou a ouvir os gracejos entre os convidados, que ocorreu a Duncan que talvez minha tia esperasse que ele... bem...

Ergueu um dos ombros e deixou-o cair.

— Ele não sabia o que fazer e estava em pânico, ouvindo todo mundo.

— Compreendo. — Esfreguei ajunta de um dedo pelo meu lábio superior, pensando. — Pobre Duncan, não é de admirar que estivesse nervoso.

— Sim. — Jamie endireitou-se, com o ar de quem resolveu alguma coisa. — Portanto, se puder fazer a gentileza de falar com Jocasta e deixar tudo esclarecido...

— Eu? Quer que eu fale com ela?

— Bem, acho que ela não vai se importar muito — ele disse, olhando interrogativamente para mim. — Afinal, na idade dela, eu imagino...

Fiz um ruído brusco.

— Na idade dela? Seu avô Simon já estava com mais de setenta anos e ainda ativo, quando visto pela última vez.

— Minha tia é uma mulher — ele disse, um pouco austeramente. — Caso não tenha notado.

— E acha que isso faz diferença?

— Você não acha?

— Oh, faz diferença, sem dúvida — eu disse. Recostei-me em uma árvore, os braços cruzados no peito e lancei lhe um olhar por baixo das minhas pestanas. — Quando eu tiver cento e um anos, e você noventa e seis, eu o convidarei para a minha cama... e então veremos quem vai dar conta do recado, hum?

Ele olhou para mim pensativamente, um brilho nos olhos azul-escuros.

— Estou pensando em possuí-la aí mesmo onde você está, Sassenach — ele disse. — Pagamento por conta, hum?

— Estou pensando em aceitar — eu disse. — No entanto... — Olhei através da cortina de galhos na direção da casa, claramente visível. As árvores estavam começando a brotar, mas os raminhos macios e verde-claros não ofereciam de forma alguma uma camuflagem suficiente. Virei-me novamente, exatamente quando as mãos de Jamie desciam sobre meus quadris.

Os acontecimentos depois disso foram um pouco confusos, com a impressão predominante sendo um urgente ruge-ruge de tecidos, o cheiro de grama pisoteada e o estalido de folhas de carvalho do ano anterior, secas sob nossos pés.

Meus olhos se arregalaram alguns instantes mais tarde.

— Não pare! — eu disse, sem poder acreditar. — Não agora, pelo amor de Deus!

Ele riu para mim, recuando um passo e deixando seu kilt voltar ao lugar. Seu rosto estava afogueado, um bronze avermelhado do esforço, e seu peito subia e descia sob os babados da camisa.

Ele riu maliciosamente e limpou a testa com a manga da camisa.

— Dou-lhe o resto quando eu tiver noventa e seis, está bem?

— Você não vai viver até lá! Volte aqui!

— Oh — ele disse. — Então falará com minha tia.

— Maldito chantagista — eu disse, ofegante, remexendo nas pregas do seu kilt. — Você vai me pagar por isto, juro que vai. (

— Oh, sim.

Ele passou o braço pela minha cintura e levantou-me no ar, virando-se de modo que suas costas ficassem voltadas para a casa, escondendo-me com seu corpo. Seus dedos longos habilmente levantaram minha saia, depois as duas anáguas por baixo, e ainda mais habilmente deslizou pelo meio de minhas pernas nuas.

— Silêncio — murmurou ao meu ouvido. — Não quer que as pessoas ouçam, não é? — Prendeu delicadamente entre os dentes o lóbulo de minha orelha e continuou o serviço com perfeição, ignorando meus intermitentes — e reconhecidamente um pouco fracos — protestos.

Eu estava mais do que pronta e ele sabia o que estava fazendo. Não levamos muito tempo. Enfiei os dedos em seu braço, rígido como uma barra de ferro na minha cintura, arqueei-me para trás por um instante de estonteante eternidade, e então desmoronei contra ele, enroscando-me como uma minhoca na ponta de um anzol. Ele deu uma risadinha profunda e soltou minha orelha.

Uma brisa fria começara a soprar e levantava as dobras de minhas saias pelas minhas pernas. O cheiro de fumaça e comida flutuava pelo frio ar de primavera, juntamente com o murmúrio de conversas e risos vindos do gramado. Eu mal o ouvia, sob as fortes batidas do meu coração.

— Por falar nisso — Jamie observou, soltando-me, — Duncan ainda tem uma das mãos. — Colocou-me de volta no chão, continuando a segurar-me pelo cotovelo, com medo de que meus joelhos cedessem. — Você devia mencionar isso a minha tia, se acha que pode ajudar.

A MÚSICA E SEUS ENCANTOS

Roger MacKenzie atravessou a multidão, balançando a cabeça aqui e ali para um rosto familiar, mas continuando a andar com decisão, evitando qualquer tentativa de conversa. Não estava com vontade de conversar.

Brianna saíra para amamentar o bebê e, embora sentisse sua falta, estava satisfeito por ela estar fora de vista no momento. Não gostava nem um pouco do tipo de olhares que ela andava atraindo. Os que eram dirigidos a seu rosto eram de admiração, mas bastante respeitosos; mas ele pegara o filho da mãe do Forbes fitando-a por trás com uma expressão semelhante à que os cavalheiros estavam dirigindo à deusa de mármore despida do gramado.

Ao mesmo tempo, estava mais do que orgulhoso dela. Estava deslumbrante em seu novo vestido e ele sentia uma agradável sensação de posse quando olhava para ela. Ainda assim, seu prazer era ligeiramente estragado pelo inquietante pensamento de que ela parecia pertencer ao lugar, senhora de todo este... este...

Mais uma escrava passou apressada por ele, as saias cingidas por um dos braços enquanto se dirigia para a casa, uma cesta de pãezinhos frescos equilibrada na cabeça e outra sob o braço. Quantos escravos Jocasta mantinha na fazenda?, ele se perguntou.

Claro, só isso já colocava a ideia de Brianna herdando River Run fora de questão. Ela não iria pactuar com a posse de escravos, jamais. Nem ele próprio; ainda assim, era reconfortante pensar que não era apenas seu próprio orgulho que impedia Bri de aceitar a herança que tinha por direito.

Captou o lamento fino de um violino vindo da casa e sentiu os ouvidos se aguçarem com o som. É claro que haveria música na festa. E, com sorte, algumas canções novas que ele não conhecia.

Começou a atravessar o terraço na direção da casa. Não tinha um caderno de anotações com ele, mas certamente Ulysses lhe arranjaría alguma coisa. Ele se inclinou para a sra. Farquard Campbell, que parecia um particularmente horrível, mas caro abajur de seda rosa. Ele parou para que ela o precedesse ao entrar na casa, mordendo a parte interna de suas bochechas quando a amplitude de um metro e vinte de sua saia se prendeu momentaneamente na passagem de noventa centímetros da porta, mas ela virou-se habilmente de lado e andou

como um caranguejo, conseguindo entrar no vestíbulo. Roger seguiu-a a uma distância respeitável.

O violino emudecera, mas ele podia ouvir o som fanhoso e as batidas de instrumentos sendo manuseados e afinados nas proximidades. Estavam no salão, cujas portas duplas podiam ser abertas de par em par e permitir que os dançarinos avançassem para o saguão, quando chegasse a hora. No momento, havia apenas alguns convidados no salão, conversando descontraidamente.

Roger passou por Ulysses, que estava parado junto à lareira, imaculado em sua peruca e libré verde, um atizador à mão, enquanto supervisionava duas criadas prepararem uma cuba gigantesca de ponche de rum. Seus olhos saltaram automaticamente para a porta, registraram a presença e a identidade de Roger, depois retornaram aos seus afazeres.

Os músicos estavam reunidos no outro extremo do salão, lançando ocasionais olhares sedentos à lareira, enquanto aprontavam os instrumentos.

— Com que vai nos brindar hoje? — Roger perguntou, parando ao lado do violinista. Sorriu quando o homem virou-se para ele. — "Ewie with the Crooke Hat", talvez, ou "Shawn Bwee"?

— Oh, por Deus, nada sofisticado, senhor. — O maestro do pequeno grupo, um irlandês parecendo um grilo, cujas costas arqueadas contrariavam o brilho de seus olhos, agitou a mão numa cordial zombaria de sua diversificada equipe de músicos.

— Não pretendem ir além de jigs e reels. E nem as pessoas que estarão dançando — acrescentou, de forma prática. — Afinal, não estamos nos salões de baile de Dublin, nem mesmo de Edenton. Um bom violinista pode manter a música num nível aceitável de qualidade.

— E esse seria o senhor, imagino? — Roger disse com um sorriso, indicando com a cabeça uma caixa de violino rachada que o maestro havia colocado sobre uma estante, cuidadosamente fora do caminho, onde não poderiam pisá-la ou sentar em cima.

— Eu mesmo — o cavalheiro concordou, com uma graciosa reverência. — Seamus Hanlon, senhor, seu criado.

— Muito obrigado, senhor. Roger MacKenzie, de Frasers Ridge. — Ele correspondeu à reverência, apreciando a antiga formalidade, e apertou rapidamente a mão de Hanlon, tomando cuidado com os dedos distorcidos e as juntas nodosas. Hanlon viu seu cuidado com a mão artrítica e fez uma breve careta de auto depreciação.

— Ah, ficarão bem com uma gota de lubrificante. — Hanlon

flexionou uma das mãos experimentalmente, depois deu um piparote no ar com os dedos descartando a questão, e fixou em Roger um olhar radiante.

— E o senhor? Senti os calos nas pontas de seus dedos. Não é um violinista, talvez, mas toca algum instrumento de cordas, não?

— Só para passar o tempo; nada como os senhores. — Roger balançou a cabeça na direção do grupo, o qual, agora mais espalhado, exibia um violoncelo surrado, duas violas, uma trombeta, uma flauta e algo que ele achou que deveria ter começado como um chifre de caça, que desde então foi melhorado com o acréscimo de várias estranhas voltas de tubos que se projetavam em diferentes direções.

Hanlon analisou-o astuciosamente, avaliando a largura do seu peito.

— E escutem a voz dele! Claro, o senhor é um cantor, não é, sr. MacKenzie?

A resposta de Roger foi interrompida por uma sonora batida e um doloroso som fanhoso atrás dele. Girou nos calcanhares e viu o violoncelista inflando-se sobre seu instrumento como uma galinha com um pintinho para protegê-lo de maiores danos pelo cavalheiro que havia chutado o instrumento descuidadamente ao passar.

— Preste atenção! — o violoncelista exclamou. — Palermo desajeitado!

— Oh? — Intruso, um homem troncudo de uniforme da marinha, olhou ameaçadoramente para o violoncelista. — Você ousa... ousa falar comigo... — Seu rosto estava afogueado com um vermelho doentio e ele cambaleava ligeiramente ali parado; Roger podia sentir o cheiro dos vapores de álcool a uma distância de dois metros.

O oficial apontou o dedo para o violoncelista e parecia estar prestes a falar. A ponta cor-de-rosa de sua língua apareceu entre os dentes, mas nenhuma palavra foi enunciada. Suas faces arroxeadas estremeceram por um instante, depois ele abandonou a tentativa, girou nos calcanhares e saiu apressadamente, mudando bruscamente de direção para evitar um encontrão com um criado carregando uma bandeja de bebidas e ricocheteando do umbral da porta quando passava ao corredor.

— Tenha cuidado, sr. O'Reilly. — Seamus Hanlon falou secamente para o violoncelista. — Se estivéssemos perto do mar, eu diria que haveria uma gangue de marujos esperando por você, no instante em que pusesse o pé do lado de fora. Do jeito que é, eu não me admiraria se ele preparasse uma armadilha para você com um arpão ou algo do tipo.

O'Reilly cuspiu eloquentemente no chão.

— Eu o conheço — disse com desdém. — Chama-se Wolff, como "Lobo". Para mim, está mais para cachorro do que para lobo, e cachorro vira-lata ainda assim. Está bêbado como um gambá, não vai se lembrar mais de mim daqui a uma hora.

Hanlon estreitou os olhos pensativamente para a porta pela qual o tenente desaparecera.

— Bem, pode ser — concedeu. — Mas eu também conheço o cavalheiro e acredito que sua mente seja mais aguçada do que seu comportamento possa sugerir. — Ficou parado por um instante, batendo o arco de seu violino pensativamente na palma da mão, depois virou-se para Roger.

— Frasers Ridge, o senhor disse? É parente da sra. Cameron... ou sra. Innes, eu deveria dizer? — corrigiu-se.

— Sou casado com a filha de Jamie Fraser — Roger disse pacientemente, tendo descoberto que essa era a descrição mais eficiente, já que todo condado parecia saber quem era Jamie Fraser, além de evitar mais perguntas sobre as próprias conexões familiares de Roger.

— Ho-ho — Seamus exclamou, parecendo visivelmente impressionado. — Bem, então. Hum!

— O que aquele pústula está fazendo aqui, de qualquer modo? — o violoncelista perguntou, ainda olhando furiosamente para o lugar por onde o oficial desaparecera. Deu uns tapinhas amáveis em seu instrumento. — Todo mundo sabe que ele queria se casar com a sra. Cameron e ter River Run para si mesmo. Como é que ele tem a desfaçatez de mostrar a cara aqui hoje?!

— Talvez tenha vindo para mostrar que não guardou ressentimentos — Roger sugeriu. — Um gesto civilizado, o melhor vence, não é?

Os músicos emitiram uma mistura de muxoxos e risadas abafadas de desdém diante dessa sugestão.

— Talvez — disse o flautista, sacudindo a cabeça sobre seu instrumento. — Mas se você for amigo de Duncan Innes, diga-lhe para tomar cuidado com as costas quando estiver dançando.

— Sim, faça isso — Seamus Hanlon concordou. — Vá até lá, meu jovem, e fale com ele, mas não deixe de voltar aqui.

Ele fez sinal para o criado que servia bebidas e pegou agilmente uma xícara da bandeja que lhe era apresentada. Levantou-a numa saudação, rindo para Roger por cima da borda. — Talvez você saiba uma ou duas canções que sejam novas para mim.

O AMULETO DEASIL

Brianna recostou-se na poltrona de couro diante da lareira, amamentando Jemmy enquanto observava sua tia-avó aprontar-se para o casamento.

— O que acha, então? — Phaedre perguntou, mergulhando o pente de prata em um pote de pomada. — Prendo para cima, com os cachos no alto?

— Sua voz era esperançosa, mas cautelosa. Ela desaprovava abertamente a recusa de sua patroa em usar uma peruca e faria todo o possível para criar um efeito igualmente elegante com os próprios cabelos de Jocasta, se tivesse permissão.

— Bobagem — Jocasta disse. — Não estamos em Edimburgo, menina, muito menos em Londres. — Reclinou-se para trás, a cabeça erguida e os olhos cerrados, aquecendo-se ao sol. O sol brilhante da primavera despejava-se pelas vidraças, lançando reflexos do pente de prata e transformando em manchas escuras as mãos da criada sobre a nuvem de cabelos brancos brilhantes.

— Talvez não, mas aqui também não é o Caribe selvagem, nem o interior — Phaedre retrucou. — A senhora é a dona daqui, é o seu casamento. Todo mundo vai ficar olhando para a senhora. Não vai querer me envergonhar, usando os cabelos soltos nos ombros como uma índia e todo mundo ficar pensando que eu não sei fazer meu trabalho?!

— Oh, pelo amor de Deus. — A boca larga de Jocasta contorceu-se com um humor irritado. — Penteie de forma simples, por favor, puxados para trás e presos para cima com as travessas. Talvez minha sobrinha deixe você exibir seus dotes nas madeixas dela.

Phaedre lançou um olhar apertado por cima do ombro para Brianna, que apenas sorriu e sacudiu a cabeça. Ela usara uma touca adornada com rendas em nome da decência pública e não estava disposta a penteados elaborados. A criada bufou e retomou sua tentativa de convencer Jocasta. Brianna fechou os olhos, deixando a amistosa alteração recuar para o pano de fundo de sua mente. O sol agradavelmente quente penetrava pela janela e caía em seus pés, e o fogo ronronava e estalava às suas costas, abraçando-a como o velho xale de lã que ela enrolara ao redor de si mesma e do pequeno Jem.

Além das vozes de Jocasta e Phaedre, podia ouvir o zum-zum-zum da casa embaixo. Cada aposento estava apinhado de convidados. Alguns estavam hospedados em fazendas próximas e vieram para a festa, mas havia muitos que estavam hospedados em River Run, ocupando todos os quartos, com hóspedes dormindo cinco ou seis em uma cama, e outros em camas de armar em tendas erguidas junto às margens do rio.

Brianna olhou para a enorme cama de baldaquim de Jocasta com inveja. Por conta das exigências da viagem, Jemmy e a lotação esgotada de River Run, ela e Roger não dormiam juntos há mais de uma semana, e provavelmente não o fariam até retornarem a Ridge.

Não que dormir juntos fosse a principal preocupação, apesar de ser tão bom. A sucção da boca do bebê em seu seio levantava uma série de necessidades não maternas em outras partes, que requeriam tanto Roger quanto um pouco de privacidade para satisfação. Haviam iniciado algo promissor na noite anterior, na despensa, mas foram interrompidos por um dos empregados da cozinha, que entrou para pegar um queijo. Talvez o estábulo? Ela esticou as pernas, os dedos dos pés curvados, e ficou pensando se os cavaleiros dormiam no estábulo ou não.

— Bem, usarei os brilhantes, então, mas só para agradá-la, a nighean. — A voz bem-humorada de Jocasta arrancou-a da sedutora visão de uma baia escura, forrada de feno, o corpo de Roger, pernas nuas, quase invisíveis na penumbra.

Ergueu os olhos da bem-aventurada atividade de Jemmy para onde Jocasta estava sentada, no banco da janela, a luz da primavera que atravessava o caixilho recaiando em cheio sobre seu rosto. Ela parecia distraída, Bri pensou, como se ouvisse algo débil e distante que somente ela conseguia ouvir. Talvez o ruído dos convidados embaixo.

O zumbido na casa fazia com que se lembrasse das colmeias de sua mãe no verão; um rumor que se podia ouvir encostando o ouvido em um dos troncos da colmeia, um som distante de atarefado contentamento. O produto deste enxame em particular era a conversa, em vez de mel, embora a intenção fosse semelhante — o acúmulo de reservas para sustentar as pessoas através dos dias insossos e insípidos de privação.

— Está bom, está bom. — Jocasta agitou a mão dispensando Phaedre e levantou-se. Continuou gesticulando para mandar a criada para fora do quarto, depois ficou parada, tamborilando os dedos impacientemente na penteadeira, na certa pensando em outros detalhes que deveriam ser providenciados. Jocasta cerrou as sobrancelhas e pressionou dois dedos na testa.

— Está com dor de cabeça, tia? — Brianna manteve a voz baixa, para não perturbar Jemmy, que estava quase dormindo. Jocasta deixou cair a mão e virou-se para sua sobrinha com um sorriso leve e amargo.

— Oh, não é nada. Sempre que o tempo vira, minha pobre cabeça também!

Apesar do sorriso, Brianna pôde ver pequenas rugas de dor nos cantos dos olhos de Jocasta.

— Jem está quase terminando. Irei buscar mamãe, está bem? Ela pode preparar um chá de ervas para você.

Jocasta sacudiu a mão descartando a necessidade, tentando afastar a dor com um visível esforço.

— Não é necessário, a muiminn. Não é nada demais. — Ela esfregou as têmporas, tomando cuidado com o penteado, o gesto contrariando suas palavras.

A boca de Jemmy soltou-se com um pequeno pop leitoso e sua cabeça girou para trás. A curva do braço de Brianna estava quente e suada, onde a cabeça do bebê estivera apoiada; sua minúscula orelha estava vermelha e amassada. Ela ergueu o corpinho inerte e suspirou de alívio quando o ar frio atingiu sua pele. Um leve arroto borbulhou dele com uma regurgitação do excesso de leite, e ele deixou-se cair em seu ombro como um balão parcialmente cheio d'água.

— Está satisfeito, não? — Jocasta sorriu, os olhos cegos voltando-se para eles com o leve ruído.

— Como um tambor — Brianna assegurou-lhe. Deu uns tapinhas em suas pequeninas costas, por precaução, mas não ouviu mais do que sua respiração suave, repleta de sono. Levantou-se, limpou o leite do queixo do bebê e colocou-o de barriga para baixo em seu berço improvisado, uma gaveta do chiffonier de mogno de Jocasta, colocado no chão e forrado com grossas camadas de colchas e travesseiros.

Brianna pendurou o xale no espaldar da poltrona, estremecendo ligeiramente com uma corrente de ar que penetrava pelos batentes da janela. Não querendo arriscar-se a manchar o vestido novo com leite cuspid, ela alimentara Jemmy de combinação e meias, e seus braços nus estavam arrepiados.

Jocasta virou a cabeça em resposta ao estalido de madeira e farfalhar de tecidos, quando Brianna abriu o grande armário e retirou dali as duas anáguas de linho e seu vestido, alisando a macia lã azul-clara com satisfação. Ela própria havia tecido a lã e desenhado o vestido — embora a sra. Bug tivesse fiado a lã, Claire a tivesse tingido com índigo e saxífraga, e Marsali tivesse ajudado com a costura.

— Quer que eu chame Phaedre de volta para vesti-la, querida?

— Não, não é necessário, eu mesma consigo se você me ajudar com os cadarços, sim? — Ela não gostava de solicitar os serviços dos criados, não mais do que o estritamente necessário. As anáguas não eram problema; ela simplesmente entrou dentro delas, uma de cada vez, e ajustou as tiras ao redor da cintura. Mas os cadarços dos espartilhos tinham que ser amarrados nas costas, assim como o próprio vestido.

As sobancelhas de Jocasta ainda eram escuras, bronze contra o claro tom de abricó de sua pele. Elas se ergueram um pouco diante da sugestão de que ajudasse a vestir sua sobrinha, mas assentiu, com não mais do que uma breve hesitação. Voltou os olhos cegos na direção da lareira, franzindo um pouco a testa.

— Acho que posso. O menino não está perto demais do fogo, está? Fagulhas podem voar, não é?

Brianna enfiou-se nos espartilhos, levantando os seios para dentro dos bojos ornamentados de babados que os sustentava, depois colocou o vestido por cima.

— Não, ele não está muito perto do fogo — ela disse pacientemente. Fizera o corpete com barbatanas leves na frente e nas laterais. Brianna virou-se ligeiramente de um lado para o outro, admirando o efeito no espelho de Jocasta. Vendo através do espelho a testa ligeiramente franzida de sua tia, atrás dela, revirou os olhos consigo mesma, depois se abaixou e puxou a gaveta para mais longe da lareira, por precaução.

— Obrigada por fazer a vontade de uma velha — Jocasta disse secamente, ouvindo o arrastar da madeira.

— De nada, tia — Brianna respondeu, demonstrando tanto cordialidade quanto desculpas em sua voz. Colocou a mão no ombro de sua tia-avó e Jocasta colocou sua própria mão longa sobre a dela, apertando-a levemente.

— Não é que eu ache que você seja uma mãe negligente, hein? — Jocasta disse. — Mas quando você tiver vivido tanto quanto eu, também vai ser cautelosa, querida. Eu vi coisas terríveis acontecerem com crianças, sabe? — ela disse, mais brandamente. — E eu preferia morrer queimada eu mesma do que ver algum dano ocorrer ao lindo menino.

Ela passou para trás de Brianna e correu as mãos de leve pelas costas de sua sobrinha, encontrando os cadarços sem problemas.

— Você recuperou sua silhueta, pelo que estou vendo — a velha senhora disse com aprovação, as mãos passando de leve pela cintura

de Brianna. — O que é isto? Bordado com lã? De que cor é?

— Azul-escuro. Vinhas floridas feitas em algodão grosso, para contrastar com a lã azul-clara. — Pegou uma das mãos de Jocasta e guiou as pontas dos dedos de leve pelas vinhas que cobriam cada barbatana do corpete, desde o decote ornamentado de babados até o V da cintura, que caía profundamente na frente para realçar a figura esbelta que Jocasta elogiara.

Brianna prendeu a respiração enquanto os cadarços eram amarrados, olhando de sua imagem no espelho para a cabecinha de seu filho, redonda como um melão e maravilhosamente perfeita. Não pela primeira vez, ela pensou sobre a vida de sua tia-avó. Jocasta tivera filhos, ou ao menos Jamie acreditava que sim — mas ela nunca falava deles e Brianna hesitava em perguntar. Talvez perdidos na infância; acontecia com muitos. Sentiu um aperto no peito com o pensamento.

— Não se preocupe — sua tia disse. O rosto de Jocasta reajustou-se numa teimosa alegria no espelho. — O seu menino nasceu para grandes feitos; nada de mau lhe acontecerá, tenho certeza.

Virou-se, a seda verde de seu vestido farfalhando sobre suas anáguas, deixando Bri novamente impressionada com a capacidade de sua tia de adivinhar os sentimentos dos outros, mesmo sem ver seus rostos.

— Phaedre! — Jocasta chamou. — Phaedre! Traga-me meu estojo, o preto.

Phaedre estava perto, como sempre, e uma breve remexida nas gavetas do armário produziu o estojo preto. Jocasta sentou-se com ele à sua escrivaninha.

O estojo de couro preto era velho e desgastado, uma caixa estreita forrada de couro surrado, sem nenhum enfeite, salvo o fecho de prata. Brianna sabia que Jocasta guardava suas melhores joias numa caixa muito mais suntuosa, de cedro, forrada de veludo. O que poderia haver nesta?

Aproximou-se e ficou ao lado de Jocasta quando ela levantou a tampa da caixa. Dentro do estojo, havia um pequeno pedaço de madeira retorcida, da grossura de um dedo, e nele alinhavam-se três anéis: um aro simples de ouro com um berilo incrustado, outro com um grande cabochão de esmeralda e o último com três diamantes, cercados por pedras menores que captavam a luz e a refletiam em arco-íris que dançavam pelas paredes e vigas.

— Que anel lindo! — Bri exclamou involuntariamente.

— Oh, o de diamante? Bem, Hector Cameron era um homem rico

— Jocasta disse, tocando distraidamente o anel maior. Seus dedos longos, sem nenhum adorno, remexeram com destreza por uma pequena pilha de miudezas que estavam na caixa ao lado dos anéis, e retirou algo pequeno e sem brilho.

Entregou o pequeno objeto a Brianna, que verificou tratar-se de um pequeno broche de estanho perfurado, escurecido, no formato de um coração.

— E um amuleto deasil, a muiminn — Jocasta disse, balançando a cabeça com satisfação. — Coloque-o na bata do menino, atrás.

— Um amuleto? — Brianna olhou para a figura aconchegada de Jemmy. — Que tipo de amuleto?

— Contra as fadas — Jocasta disse. — Mantenha-o pregado na bata do menino, sempre nas costas, veja bem, e nada que venha do Povo Antigo o atingirá.

Os pelos nos braços de Brianna eriçaram-se levemente diante da normalidade da voz de sua tia-avó.

— Sua mãe devia ter lhe dito — Jocasta continuou, com um leve tom de reprovação na voz. — Mas sei que ela é uma sassenach e seu pai provavelmente não pensaria nisso. Os homens nunca pensam nisso — acrescentou, com certa amargura. — É tarefa da mulher cuidar dos filhos, protegê-los do mal.

Jocasta inclinou-se e remexeu no cesto de gravetos de acender a lareira, erguendo-se novamente com um longo galhinho de pinheiro na mão, ainda com a casca.

— Tome — ela ordenou, estendendo-o para Brianna. — Acenda a ponta na lareira e caminhe ao redor do menino três vezes. No sentido do sol, veja bem!

Mesmerizada, Brianna pegou a varinha e enfiou a ponta no fogo, depois fez como Jocasta pediu, segurando o galhinho flamejante bem longe do berço improvisado e de suas saias de lã azul. Jocasta bateu o pé ritmadamente no chão e cantou, à meia-voz.

Ela falou em gaélico, mas bem devagar para que Brianna pudesse entender a maior parte das palavras.

Que a sabedoria da serpente esteja convosco, Que a sabedoria do corvo esteja convosco, Sabedoria da corajosa águia.

Que a voz do cisne esteja convosco, Que a voz de mel esteja convosco, Voz do Filho das estrelas.

Que a bênção da fada esteja convosco,

Que a bênção do dardo do duende esteja convosco,

Que a bênção do cachorro vermelho esteja convosco.

Que a dádiva do mar esteja convosco, Que a dádiva da terra esteja convosco, Dádiva do Pai no Céu.

Que cada dia seja alegre para vós, Que não haja dia de doença para vós, Uma vida plena e feliz.

Jocasta parou por um instante, a testa ligeiramente franzida, como se procurasse ouvir alguma resposta insolente do mundo encantado das fadas. Evidentemente satisfeita, ela aproximou-se da lareira.

— Atire-o no fogo. Assim o menino estará a salvo do fogo.

Brianna obedeceu, descobrindo, fascinada, que não achava nada daquilo nem um pouco ridículo. Era estranho, mas extremamente gratificante pensar que estava protegendo Jem de qualquer mal — até mesmo das fadas, nas quais ela pessoalmente não acreditava. Ou não acreditava antes disso.

Um fio de música flutuava no ar, vindo de baixo; o guincho agudo de um violino, o som de uma voz, grave e melodiosa. Ela não conseguia entender a letra, mas conhecia a melodia.

Jocasta inclinou a cabeça para o lado, ouvindo com atenção, e sorriu.

— Ele tem uma bela voz, o seu marido.

Brianna também ficou ouvindo. Muito fracamente, ouviu o subir e descer familiar de "Meu amor está na América", em algum lugar lá embaixo. Quando eu canto, é sempre para você. Seus seios estavam macios agora, drenados do leite, mas formigaram um pouco à lembrança.

— Você tem bons ouvidos, tia — ela disse, afastando o pensamento com um sorriso.

— Está feliz em seu casamento? — Jocasta perguntou abruptamente. — Ele é apropriado para você?

— Sim — Brianna disse, um pouco surpresa. — Sim, muito.

— Isso é muito bom. — Sua tia-avó permaneceu imóvel, a cabeça inclinada para o lado, ainda ouvindo. — Sim, muito bom — ela repetiu, suavemente.

Tomada por um impulso, Brianna colocou a mão no pulso de Jocasta.

— E você, tia? — ela perguntou. — Está... satisfeita?

"Feliz" não parecia a palavra apropriada, considerando a fileira de anéis no estojo. "Apropriado" também não parecia a palavra certa, com a lembrança de Duncan, escondendo-se no canto da sala na noite anterior, tímido e mudo sempre que alguém, que não Jamie, falava com ele, suando e nervoso hoje de manhã.

— Satisfeita? — Jocasta pareceu intrigada. — Oh... de me casar, você quer dizer! — Para alívio de Brianna, sua tia riu, as rugas do rosto se iluminando com um humor genuíno. — Oh, sim, claro — ela disse. — Ora, é a primeira vez que vou trocar de nome em cinquenta anos!

Com uma ligeira arfada de humor, a velha senhora virou-se para a janela e pressionou a palma da mão contra a vidraça.

— Está um belo dia lá fora, querida — ela disse. — Por que não pega sua capa e vai tomar um pouco de ar com alguma companhia?

Sua tia tinha razão; o rio ao longe brilhava prateado através da renda de galhos verdejantes, e o ar ali dentro, tão confortável alguns instantes atrás, agora parecia repentinamente abafado e mofado.

— Acho que irei. — Brianna olhou na direção do berço improvisado. — Devo chamar Phaedre para tomar conta do bebê?

Jocasta abanou a mão para ela, mandando-a embora.

— Oh, vá logo. Eu cuido do menino. Não pretendo descer agora mesmo.

— Obrigada, tia. — Ela beijou o rosto da velha senhora e virou-se para ir — em seguida, com um olhar para sua tia, retrocedeu um passo na direção da lareira e despercebidamente empurrou o berço para um pouco mais longe do fogo.

O ar lá fora estava fresco e cheirava a grama nova e churrasco. Teve vontade de saltitar pelos caminhos de tijolos, o sangue zumbindo nas veias. Podia ouvir as flutuações da música que vinha da casa e a voz de Roger. Uma volta rápida pelo ar fresco e depois entraria; talvez Roger já estivesse pronto para um intervalo até lá e eles poderiam...

— Brianna! — Ela ouviu seu nome, sussurrado de trás do muro da horta, e virou-se, espantada, deparando-se com a cabeça de seu pai despontando cautelosamente da quina do muro, como um caracol ruivo. Sinalizou com o queixo para ela e desapareceu.

Ela lançou um rápido olhar por cima do ombro para ter certeza de que ninguém estava observando e apressadamente deu a volta no muro, entrando no abrigo de um canteiro de cenouras. Encontrou seu pai agachado sobre o corpo estendido de uma das criadas negras, esparramada em cima de uma pilha de adubo, a touca sobre o rosto.

— O quê... — Brianna começou. Então sentiu um cheiro pungente de álcool entre os odores da horta de cenouras e adubo ao sol. — Oh. — Ela agachou-se perto do pai, as saias se espalhando pelo caminho de tijolos.

— Foi culpa minha — ele explicou. — Pelo menos em parte. Deixei uma xícara embaixo dos salgueiros, ainda pela metade. — Ele

balançou a cabeça indicando o caminho de tijolos, onde uma das xícaras de ponche de Jocasta estava virada, uma gota pegajosa do líquido ainda agarrada à borda. — Ela deve tê-la encontrado.

Brianna inclinou-se e cheirou a touca amarrotada da criada, agora tremulando com pesados roncoss. Ponche de rum era o cheiro predominante, mas ela também detectou o travo forte de cerveja e o cheiro penetrante e brando de conhaque. Evidentemente, a escrava estivera economicamente aproveitando todos os restos deixados nas xícaras que ela recolhia para lavar.

Ela ergueu o babado da borda da touca com um dedo cauteloso. Era Betty, uma das criadas mais velhas, a boca flácida e o queixo caído num estupor alcoólico.

— Sim, e não foi a primeira meia xícara que ela bebeu — Jamie disse, vendo-a. — Ela devia estar cambaleando. Não sei como conseguiu se afastar tanto da casa nessas condições.

Brianna olhou para trás, franzindo a testa. A horta murada ficava perto da cozinha externa, mas a uns bons trezentos metros da casa principal, e separada dela por uma cerca de rododendros e vários canteiros de flores.

— Não apenas como — Brianna disse, e tamborilou um dedo no lábio, intrigada. — Por quê?

— Como assim? — Ele olhava a criada com o cenho franzido, mas ergueu os olhos para ela diante do seu tom de voz. Ela levantou-se e inclinou a cabeça para a mulher que roncava.

— Por que ela veio para cá? Parece que ela andou bebendo o dia todo... ela não podia estar fugindo para cá a cada xícara, alguém teria notado. E para que se dar ao trabalho? Não seria difícil fazer isso sem ser notada. Se eu estivesse bebendo sobras, eu ficaria lá embaixo dos salgueiros e viraria a xícara num só gole.

Seu pai lançou-lhe um olhar espantado, imediatamente substituído por um ar divertido e irônico.

— É mesmo? Sim, é uma ideia. Mas talvez houvesse tanto na xícara que ela pensou em apreciá-lo em paz.

— Talvez. Mas certamente há esconderijos mais próximos do rio do que aqui. — Ela abaixou-se e pegou a xícara vazia. — O que você estava bebendo, ponche de rum?

— Não, conhaque.

— Então não foi o seu que a derrubou. — Ela estendeu a xícara para ele, inclinando-a para que ele pudesse ver a borra preta no fundo. O ponche de rum de Jocasta era feito não só com rum, açúcar e manteiga, como de costume, mas também com passas, toda a mistura

sendo aquecida e temperada com especiarias, e mexida com um atizador quente. O resultado não só era marrom-escuro na cor, como sempre deixava um pesado sedimento nas xícaras, composto de minúsculas partículas de fuligem do atizador e os restos queimados das passas incineradas.

Jamie pegou a xícara da mão de Brianna, franzindo a testa. Aproximou o nariz da xícara e cheirou, depois enfiou um dedo no líquido e colocou-o na boca.

— O que é? — ela perguntou, vendo seu rosto mudar.

— Ponche — ele disse, mas passou a ponta da língua de um lado para o outro sobre os dentes, como se os limpasse. — Com láudano, eu acho.

— Láudano! Tem certeza?

— Não — ele disse francamente. — Mas há algo mais aqui do que passas, tenho certeza. — Estendeu a xícara para ela e ela a pegou, cheirando-a profundamente. Não pôde distinguir mais do que o cheiro adocicado e queimado de ponche de rum. Talvez houvesse algo mais pungente, algo oleoso e aromático... talvez não.

— Vou acreditar em você — ela disse, limpando a ponta do nariz com as costas da mão. Olhou para a criada estendida de costas. — Devo ir procurar mamãe?

Jamie agachou-se ao lado da criada e examinou-a cuidadosamente. Levantou uma das mãos inertes e sentiu o pulso, ouviu sua respiração, depois sacudiu a cabeça.

— Não sei se ela está drogada ou apenas bêbada, mas não creio que esteja morrendo.

— O que vamos fazer com ela? Não podemos deixá-la aqui, assim.

Ele olhou para a escrava, franzindo o cenho.

— Não, claro que não. — Abaixou-se e delicadamente ergueu a mulher nos braços. Um sapato gasto caiu e Brianna recuperou-o do caminho de tijolos.

— Sabe onde ela dorme? — Jamie perguntou, cuidadosamente dando a volta com seu ruidoso fardo pela borda de uma treliça de pepinos.

— Ela é uma criada doméstica, deve dormir no sótão.

Ele assentiu, atirando a cabeça para trás para deslocar uma mecha de cabelos ruivos que o vento soprara em sua boca.

— Muito bem, então daremos a volta pelo estábulo e veremos se podemos subir pela escada dos fundos sem sermos vistos. Vá para o outro lado e faça sinal para mim quando o caminho estiver

desimpedido.

Ela enfiou o sapato e a xícara embaixo da capa para escondê-los, depois agachou-se e saiu rapidamente para o estreito passeio que passava pela horta e se bifurcava para a cozinha externa e as latrinas. Olhou de um lado para o outro, fingindo estar passeando descontraidamente. Havia algumas pessoas à vista, perto do curral, mas isso ficava a uma boa distância — e todas estavam de costas para ela, absortas com os cavalos negros holandeses do sr. Wylie.

Quando se virou para fazer sinal para seu pai, viu o próprio sr. Wylie escoltando uma mulher para dentro do estábulo. Um brilho de seda dourada — espere, era sua mãe! O rosto pálido de Claire virou-se momentaneamente em sua direção, mas sua atenção estava fixa em algo que Wylie dizia e ela não viu sua filha no caminho.

Bri hesitou, querendo chamar sua mãe, mas não podia fazê-lo sem chamar atenção indesejada. Bem, ao menos sabia onde Claire estava. Poderia vir buscar sua mãe para ajudar depois que tivessem colocado Betty em segurança na cama.

Com alguns sobressaltos, conseguiram levar Betty para cima, para o longo espaço do sótão que ela dividia com outras criadas. Jamie, arfando, largou-a sem a menor cerimônia em uma das camas estreitas, em seguida enxugou a testa suada na manga do casaco e, franzindo o nariz, começou a limpar os resquícios de estrume da barra de seu casaco.

— Pronto — disse, com mau humor. — Está a salvo, não? Se você disser a uma das outras criadas que ela ficou doente, acho que ninguém desconfiará.

— Obrigada, papai. — Ela inclinou-se e beijou-o na face. — Você é uma doçura de pessoa.

— Oh, sim — ele disse, soando resignado. — Meus ossos estão cheios de mel, sem dúvida. — Ainda assim, pareceu satisfeito. — Ainda tem aquele sapato aí? — Ele tirou o outro sapato da criada e, juntando os dois, colocou-os cuidadosamente lado a lado embaixo da cama, depois puxou o grosseiro cobertor de lã sobre os pés da mulher, de um branco sujo em suas grossas meias.

Brianna verificou as condições da criada; até onde podia dizer, tudo parecia bem; a mulher ainda roncava pesadamente, mas de uma maneira regular. Quando desciam a escada na ponta dos pés, ela deu a Jamie a xícara de prata.

— Tome. Sabia que essa é uma das xícaras de Duncan?

— Não. — Ele arqueou uma das sobrancelhas, franzindo a testa. — O que quer dizer com "uma das xícaras de Duncan"?

— Tia Jocasta mandou fazer um conjunto de seis xícaras para Duncan, como presente de casamento. Ela as mostrou para mim ontem. Está vendo? — Ela virou a xícara na mão, para mostrar-lhe o monograma gravado — "T", de Innes — com um pequeno peixe, as escamas lindamente detalhadas, nadando ao redor da letra.

— Isso ajuda? — ela perguntou, vendo sua testa franzir, interessado.

— Talvez. — Ele tirou um lenço de cambraia limpo e enrolou a xícara cuidadosamente, antes de colocá-la no bolso do casaco. — Vou descobrir. Enquanto isso, pode encontrar Roger Mac?

— Claro. Por quê?

— Bem, ocorre-me que se Betty tomou o resto de uma xícara de ponche de rum e ficou nesse estado, então eu gostaria de achar quem bebeu primeiro e ver se está nas mesmas condições. — Ergueu uma das sobancelhas para ela. — Se o ponche continha alguma droga, é provável que tenha sido destinado a alguém, não? Achei que talvez você e Roger Mac possam dar uma olhada discretamente, procurando corpos no meio dos arbustos.

Esse aspecto da questão não havia ocorrido a ela, na pressa de levar Betty para cima.

— Está bem. Mas preciso encontrar Phaedre ou Ulysses primeiro e dizer a um deles que Betty está doente.

— Sim. Se falar com Phaedre, deve perguntar se Betty é viciada em ópio, além de álcool. Embora eu ache improvável — ele acrescentou secamente.

— Eu também — ela disse, no mesmo tom. Mas entendia o argumento dele. Talvez o ponche não tivesse sido batizado, mas a própria Betty tivesse tomado láudano de propósito. Era possível; ela sabia que Jocasta guardava um pouco na despensa. No entanto, se ela havia tomado por conta própria, teria sido por prazer — ou a criada talvez tenha tentado cometer suicídio?

Franziu a testa às costas de Jamie, quando parou ao pé da escada, ouvindo com atenção antes de pisar no patamar. Era fácil imaginar que o sofrimento da escravidão levasse alguém ao suicídio. Ao mesmo tempo, a honestidade a compelia a admitir que os criados domésticos de Jocasta viviam razoavelmente bem; melhor do que muitos indivíduos — brancos ou negros — que ela vira em Wilmington e Cross Creek.

O aposento dos criados era limpo, as camas rústicas, mas confortáveis. Os criados da casa tinham roupas modestas, mas decentes, até meias e sapatos, e mais do que o suficiente para comer.

Quanto aos tipos de complicações emocionais que poderiam levar uma pessoa a pensar em suicídio — bem, não se limitavam aos escravos.

Era muito mais provável que Betty fosse simplesmente uma beberona, do tipo que bebe qualquer coisa ainda que vagamente alcoólica, o mau cheiro de suas roupas certamente sugeria isso. Mas, nesse caso, por que correr o risco de roubar láudano, no dia em que a festa de casamento assegurava fartura de todo tipo de bebida alcoólica?

Ela se via relutantemente forçada à mesma conclusão à qual tinha certeza que seu pai chegara. Betty tomara o láudano -se é que era isso, lembrou a si mesma — por acidente. E se assim fosse... da xícara de quem ela havia tomado?

Jamie virou-se, os lábios contraídos para impor silêncio, e acenou para ela indicando que o caminho estava livre. Ela seguiu-o rapidamente pelo patamar e para fora, soltando a respiração, aliviada, ao chegarem ao passeio sem serem vistos.

— O que você estava fazendo lá, para começar, papai? — ela perguntou. Ele pareceu não compreender.

— Na horta — ela explicou. — Como encontrou Betty?

— Oh. — Ele segurou seu braço, afastando-a da casa. Caminharam descontraidamente em direção ao curral; convidados inocentes observavam os cavalos. — Eu estava dando uma palavra com sua mãe no bosque. Voltei pela horta e lá estava a mulher, esparramada de costas no monte de esterco.

— E um caso a pensar, não? — ela perguntou. — Ela se deitou na horta de propósito ou foi apenas por acaso que você a encontrou?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sei — ele disse. — Mas pretendo falar com Betty, quando estiver sóbria. Sabe onde sua mãe está agora?

— Sim, ela está com Phillip Wylie. Estavam indo para o estábulo, eu acho. — As narinas de seu pai abriram-se ligeiramente à menção de Wylie e ela reprimiu um sorriso.

— Vou ao encontro dela — ele disse. — Enquanto isso, vá falar com Phaedre... e, Brianna...

Ela já havia se virado para ir; diante das palavras dele, virou-se, surpresa.

— Acho melhor você dizer a Phaedre para não comentar nada, a menos que alguém pergunte onde Betty está e, se perguntarem, peça a ela para lhe dizer, ou a mim. — Endireitou-se abruptamente, limpando a garganta. — Vá encontrar seu marido... e, Brianna? Não deixe que ninguém saiba o que você está fazendo, hein?

Ele ergueu uma das sobancelhas e ela assentiu em resposta. Ele girou nos calcanhares e afastou-se a passos largos na direção dos estábulos, os dedos da mão direita tamborilando delicadamente no casaco como se estivesse mergulhado em seus pensamentos.

O vento frio infiltrava-se por baixo de suas saias e anáguas, inflando-as e fazendo-a estremecer. Ela compreendia perfeitamente o que ele queria dizer.

Se não fosse nem tentativa de suicídio, nem acidente... podia ser tentativa de assassinato. Mas de quem?

FLERTES

Jamie havia me dado um longo beijo a título de encorajamento após nosso interlúdio, depois saiu pelo mato, pretendendo ir atrás de Ninian Bell Hamilton e descobrir exatamente o que os Reguladores estavam tramando no acampamento que Hunter mencionara. Eu o segui depois de um tempo, a bem do recato, mas parei na beira do bosque antes de emergir de novo à vista do público, para ter certeza de que eu estava apresentável.

Eu me sentia meio zozza com uma indefinível sensação de bem-estar, e minhas faces estavam coradas, mas achei que isso por si só não era incriminador. Nem sair do bosque seria comprometedor; tanto mulheres quanto homens frequentemente entravam no abrigo das árvores ao longo do gramado simplesmente para se aliviarem, em vez de abrir caminho até as sempre apinhadas e malcheirosas latrinas. Sair do bosque afogueada e arfando, com folhas nos cabelos e manchas de resina de árvore nas minhas saias, entretanto, causaria um certo número de comentários por trás dos leques.

Havia alguns carrapichos e uma casca oca de cigarra agarrados à minha saia, uma excrescência fantasmagórica que eu retirei com um estremecimento de repugnância. Havia pétalas de corniso em meu ombro; limpei-as e examinei cuidadosamente meus cabelos, retirando mais algumas que esvoaçaram para o chão como pedacinhos de papel de bala.

Assim que saí de baixo das árvores, ocorreu-me verificar se a parte de trás de minhas saias estava manchada ou com pedacinhos de casca de árvore, e eu estava esticando o pescoço para ver por cima do ombro quando dei de frente com Phillip Wylie.

— Sra. Fraser! — Ele me segurou pelos ombros, para impedir que eu caísse de costas. — Está bem, minha cara?

— Sim, claro. — A essa altura, minhas faces queimavam com razão e eu dei um passo para trás, recuperando o equilíbrio. Por que eu estava sempre esbarrando em Phillip Wylie? O pestinha estaria me seguindo? — Desculpe-me.

— Bobagem, bobagem — ele disse cordialmente. — Foi culpa minha. Sou um desastrado. Posso pegar uma bebida para restaurar seu ânimo, minha cara? Um copo de sidra? Vinho? Ponche de rum? Um sabayon? Aguardente de maçã? Oh, não, conhaque. Sim, permita-me

trazer-lhe um pouco de conhaque para se recuperar do choque!

— Não, nada, obrigada! — Não pude deixar de rir de suas excentricidades e ele devolveu o sorriso, obviamente se achando muito espirituoso.

— Bem, se está totalmente recuperada, então, minha cara senhora, deve me acompanhar. Eu insisto.

Já enfiara minha mão na curva do seu braço e me arrastava com determinação na direção do estábulo, apesar dos meus protestos.

— Será apenas por um instante — assegurou-me. — Andei aguardando ansiosamente o dia inteiro para lhe mostrar minha surpresa. Vai ficar absolutamente fascinada, dou-lhe minha palavra!

Cedi com relutância, parecia mais fácil ir olhar os malditos cavalos outra vez do que argumentar com ele — e de qualquer forma havia bastante tempo para falar com Jocasta antes do casamento. Desta vez, no entanto, demos a volta no curral onde Lucas e suas companheiras submetiam-se tolerantemente à inspeção de dois ousados cavalheiros que haviam pulado a cerca para vê-los mais de perto.

— Esse cavalo tem um bom temperamento — eu disse com aprovação, mentalmente comparando as maneiras gentis de Lucas com a personalidade irascível de Gideon. Jamie ainda não encontrara tempo de castrar nosso cavalo, que já havia mordido quase todo mundo, tanto seres humanos quanto outros cavalos, na viagem para River Run.

— Uma característica da raça — Wylie disse, abrindo a porta que conduzia ao estábulo principal. — São os cavalos mais dóceis que existem, embora essa predisposição não obstrua sua inteligência, asseguro-lhe. Por aqui, sra. Fraser.

Em contraste com o dia brilhante lá fora, estava escuro como breu no estábulo; tão escuro que eu tropecei em um tijolo irregular no piso e o sr. Wylie me segurou pelo braço quando me arremessei para frente com um grito de susto.

— Está bem, sra. Fraser? — ele perguntou, endireitando-me outra vez.

— Sim — respondi, um pouco sem ar. Na realidade, eu havia não só batido a ponta do pé dolorosamente como torcido o tornozelo; meus sapatos novos marroquinos, de salto, eram lindos, mas eu ainda não me acostumara a eles. — Espere um pouco, deixe meus olhos se acostumarem.

Ele esperou, mas não soltou meu braço. Em vez disso, puxou minha mão pela curva de seu cotovelo e prendeu-a com força, para me amparar melhor.

— Apoie-se em mim — ele disse simplesmente.

Apoiei-me e ficamos em silêncio por um instante, eu com o pé machucado levantado como uma garça, esperando meus dedos pararem de latejar.

Ao menos desta vez, o sr. Wylie me poupou de ditos satíricos e observações jocosas; talvez por causa do ambiente tranquilo.

Estábulos, de um modo geral, são locais tranquilos, pois cavalos e trabalhadores costumam ser amáveis criaturas. Este, no entanto, tinha uma atmosfera especial, ao mesmo tempo tranquila e vibrante. Eu podia ouvir pequenos ruídos e batidas de cascos, e o barulho satisfeito de um cavalo mastigando feno bem perto.

Eu estava tão perto de Phillip Wylie que podia sentir o seu perfume, embora até mesmo o caro aroma de almíscar e bergamota fosse sobrepulado pelos cheiros do estábulo, que recendia a palha fresca e grãos, a tijolos e madeira, mas também havia um leve odor mais primário — esterco, sangue e leite; os elementos básicos da maternidade.

— É como o interior de um útero aqui, não? — eu disse suavemente. — Tão quente e escuro, quero dizer. Quase posso sentir um coração batendo.

Wylie riu, porém serenamente.

— E o meu — ele disse. Tocou a mão brevemente em seu colete, uma sombra escura contra o cetim claro.

Meus olhos adaptaram-se rapidamente à pouca luz, mas mesmo assim o lugar era muito escuro. A forma sombreada e ágil de um gato de estábulo deslizou por nós, fazendo-me vacilar e colocar no chão meu pé machucado. Ainda não suportava o peso, mas eu podia ao menos apoiá-lo no chão.

— Consegue ficar em pé por um instante sozinha? — Wylie perguntou.

Sem esperar minha resposta, desprendeu-se de mim e foi acender um lampião que estava em cima de um tamborete. Ouvi alguns ruídos de sílex e aço, depois o pavio pegou e um suave globo de luz amarela expandiu-se ao nosso redor. Tomando meu braço novamente com a mão livre, conduziu-me para o extremo oposto do estábulo.

Eles estavam em uma baia no final do estábulo. Phillip ergueu o lampião no alto, virando-se para sorrir para mim ao fazê-lo. A luz incidiu sobre uma pele de animal que brilhou e ondulou como águas da meia-noite, e reluziu nos enormes olhos castanhos da égua quando ela se virou para nós.

— Oh — eu disse suavemente. — Que linda! — E em seguida, um

pouco mais alto: — Oh! — A égua movera-se um pouco e sua cria espreitou de trás das pernas da mãe. Tinha pernas longas e joelhos pontudos, o minúsculo traseiro e os ombros inclinados, repetições arredondadas da perfeição muscular da mãe. Possuía os mesmos olhos grandes e meigos, emoldurados por longas pestanas, mas em vez da pelagem escorregadia, preta e ondulante, era encrespada e marrom-avermelhada, com uma absurda vassourinha como cauda.

Sua mãe possuía a mesma gloriosa profusão de pelos longos e esvoaçantes na crina e na cauda que eu notara nos frísios do curral, mas o filhote tinha uma ridícula crina de menos de três centímetros, com pelos espetados para cima como uma escova de dentes.

A potranca piscou uma vez, ofuscada com a luz, depois se escondeu rapidamente atrás do corpo da mãe. Um instante depois, um pequeno focinho apareceu cautelosamente, as narinas torcendo-se. Um grande olho se seguiu, piscou e o focinho desapareceu, apenas para reaparecer quase instantaneamente, um pouco mais à frente desta vez.

— Ora, ora, que pequena sedutora! — eu disse, encantada.

Wylie riu.

— De fato, ela é — ele disse, a voz cheia de orgulho de proprietário. — Não são magníficas?

— Bem, sim — eu disse, considerando. — São, sim. Ainda assim, não sei se é exatamente isso. "Magnífico" parece mais algo que se diria de um garanhão ou algum tipo de cavalo de guerra. Esses animais são... bem, eles são meigos!

Wylie resfolegou brevemente, achando graça.

— Meigos? — ele disse. — Meigos?

— Bem, sabe como é... — eu disse, rindo. — Encantadores. Afáveis. Dóceis.

— Tudo isso — ele disse, virando-se para mim. — E bela, também. — Não estava olhando para a égua e a cria, mas para mim, um leve sorriso no rosto.

— Sim — eu disse, sentindo uma pequena e obscura pontada de inquietação. — Sim, são muito bonitas.

Ele estava parado bem perto de mim; dei um passo para o lado e virei— me, sob o pretexto de olhar os animais outra vez. O filhote fuçava o ubre inchado da égua, a cauda áspera e irregular sacudindo-se com entusiasmo.

— Como se chama? — perguntei.

Wylie aproximou-se da trava da baia, descontraidamente, mas de tal forma que seu braço roçou na manga do meu vestido quando ele

estendeu o braço acima de mim para pendurar o lampião em um gancho na parede.

— O nome da égua é Tessa — ele disse. — Você viu o pai, Lucas. Quanto à potranca... — Segurou minha mão e ergueu-a, sorrindo. — Pensei em chama-la La Belle Claire.

Por um segundo fiquei estática, perplexa e incrédula diante da expressão evidente no rosto de Phillip Wylie.

— O quê? — eu disse, sem compreender. Certamente estou enganada, pensei. Tentei retirar minha mão, mas eu havia hesitado um pouco demais e seus dedos apertaram-se sobre os meus. Sem dúvida, ele não pretendia...

Pretendia.

— Encantadora — ele disse, aproximando-se. — Afável. Meiga. E... linda. — E me beijou.

Fiquei tão chocada que não me movi por um instante. Sua boca era macia, o beijo breve e casto. Mas isso pouco importava. O que importava era o fato de que ele me beijara.

— Sr. Wylie! — eu disse. Recuei um passo apressadamente, mas fui barrada pelo portão da baía.

— Sra. Fraser — ele disse suavemente, dando o mesmo passo para frente. — Minha querida.

— Eu não sou... — comecei a dizer, e ele me beijou outra vez. Sem a menor sugestão de inocência. Ainda chocada, porém não mais estupefata, empurrei-o com força. Ele perdeu o equilíbrio e desprende-se de minha mão, mas recuperou-se imediatamente, segurando-me pelo braço e colocando a outra mão nas minhas costas.

— Sedutora — ele murmurou, inclinando o rosto para o meu. Chutei-o. Infelizmente, eu o chutei com meu pé machucado, o que retirou a força do golpe, e ele simplesmente o ignorou.

Comecei a me debater, quando a sensação de perplexa incredulidade se desfez na consciência de que o jovem mantinha a mão com firmeza no meu traseiro. Ao mesmo tempo, eu tinha consciência de que havia muitas pessoas nas proximidades do estábulo; a última coisa que eu queria era atrair atenção.

— Pare com isso! — sibilei. — Pare agora mesmo!

— Você me deixa louco — ele disse, arfando, pressionando-me contra seu peito e tentando enfiar a língua no meu ouvido.

Eu realmente achava que ele estava louco, mas recusava-me terminantemente a aceitar qualquer responsabilidade por essa condição. Dei um safanão para trás o mais distante que pude — não

muito distante, com a baía às minhas costas — e lutei para colocar a mão entre nós dois. Com o choque inicial praticamente desfeito, eu estava pensando com surpreendente clareza. Eu não podia dar uma joelhada nas suas bolas, ele mantinha uma das pernas enfiada entre as minhas, prendendo um bolo das minhas saias entre nós. Mas eu podia segurá-lo pela garganta e prender suas carótidas, e ele cairia como uma pedra.

Eu realmente consegui agarrar sua garganta, mas seu maldito lenço do pescoço me atrapalhava; meus dedos enroscavam-se no lenço e ele desviou-se bruscamente para o lado, agarrando minha mão.

— Por favor — ele disse. — Eu queria...

— Não dou a mínima para o que você quer! — eu disse. Solte-me agora mesmo, seu... seu... — Busquei freneticamente algum insulto adequado. — Seu... fedelho!

Para minha surpresa, ele parou. Seu rosto não podia ficar pálido, já estando coberto de pó de arroz — eu podia senti-lo nos meus lábios, — mas seus lábios cerraram-se e sua expressão era... um pouco ofendida.

— É isso realmente o que pensa de mim? — ele perguntou em voz baixa.

— Sim, é isso mesmo! — eu disse. — O que mais devo pensar? Você perdeu o juízo, comportando-se desta... desta forma desprezível? O que há com você?

— Desprezível? — Ele parecia totalmente desconcertado em ouvir seus avanços descritos dessa maneira. — Mas eu... isto é, você... achei que você... quero dizer, não fosse avessa...

— Não é possível — eu disse categoricamente. — Não é possível que você tenha pensado qualquer coisa desse tipo. Eu nunca lhe dei a menor razão para pensar tal coisa! — E não tinha, intencionalmente. Mas o pensamento perturbador me ocorreu que talvez a minha percepção do meu próprio comportamento não fosse a mesma de Phillip Wylie.

— Oh, não? — Seu rosto estava mudando, anuviando-se de raiva. — Lamento discordar, minha senhora!

Eu havia dito a ele que tinha idade para ser sua mãe; nunca me ocorreu que ele não acreditasse.

— Sedutora — ele disse outra vez, embora em tom completamente diferente do da primeira vez. — Nenhuma razão? Você me deu todas as razões, desde a primeira vez em que nos vimos.

— O quê? — Minha voz subiu um tom, de incredulidade. — Nunca fiz nada além de manter com você uma conversa civilizada. Se isso

significa sedução no seu livro, rapaz...

— Não me chame assim!

Oh, então ele notara que havia uma diferença de idade. Só não se dera conta da dimensão, pensei. Ocorreu-me, com certa apreensão, que no meio social de Phillip os flertes aconteciam sob o disfarce de troça. O que em nome de Deus eu havia dito a ele?

Eu tinha uma vaga lembrança de ter discutido a Lei do Selo com ele e seu amigo Stanhope. Sim, impostos e, eu pensei, cavalos, mas certamente isso não podia ter sido suficiente para inflamar suas falsas interpretações.

— Teus olhos são como as fontes de Hesebon — ele disse, com voz baixa e amarga. — Não se lembra da noite quando eu lhe disse isso? O Cântico de Salomão é meramente "conversa civilizada" para você?

— Santo Deus. — Eu estava, a despeito de mim mesma, começando a me sentir ligeiramente culpada; nós realmente tivemos uma conversa nessa linha, na festa de Jocasta, há dois ou três anos. E ele se lembrava? O Cântico de Salomão era razoavelmente inebriante; talvez a simples referência... Então voltei a mim e empertiguei-me.

— Bobagem — declarei. — Você estava fazendo troça de mim e eu simplesmente respondi da mesma forma. Agora, eu realmente preciso...

— Você veio aqui para dentro comigo hoje. Sozinha. — Ele deu outro passo em minha direção, os olhos determinados. Ele estava insistindo de novo, o janota arrogante!

— Sr. Wylie — eu disse com firmeza, escapando pelo lado. — Lamento muito se o senhor de alguma forma compreendeu mal a situação, mas sou muito bem casada e feliz, e não tenho absolutamente nenhum interesse romântico no senhor. E agora, se me dá licença... — Agachei-me para passar por ele e saí apressadamente do estábulo, tão rapidamente quanto meus sapatos permitiam. Mas ele não fez nenhum esforço de me seguir e eu cheguei ao lado de fora sem ser molestada, o coração disparado.

Havia pessoas junto ao curral; virei na direção contrária, dando a volta no estábulo antes que alguém pudesse me ver. Uma vez fora do alcance da vista, fiz um rápido inventário, certificando-me de que não parecia muito desarrumada. Eu não sabia se alguém me vira entrando no estábulo com Wylie; só podia esperar que ninguém tivesse visto minha saída apressada.

Apenas uma mecha de cabelo se soltara durante os recentes contratempos; prendi-a cuidadosamente para cima e limpei alguns pedacinhos de palha das minhas saias. Felizmente, ele não havia

rasgado minhas roupas; um lenço rearrumado e eu estava perfeitamente decente outra vez.

— Você está bem, Sassenach?

Pulei como um salmão espetado por um arpão, e meu coração também. Girei nos calcanhares, a adrenalina correndo pelo meu peito como uma descarga elétrica, e me deparei com Jamie ao meu lado, franzindo ligeiramente a testa enquanto me inspecionava.

— O que andou fazendo, Sassenach?

Meu coração ainda estava entalado na garganta, sufocando-me, mas forcei-me a dizer umas poucas palavras que eu esperava fossem despreocupadas e indiferentes.

— Nada. Quero dizer, olhando os cavalos... quer dizer, a égua. Ela deu cria.

— Sim, eu sei — ele disse, olhando-me estranhamente.

— Você encontrou Ninian? O que ele tinha a dizer? — Tateei atrás da minha cabeça, ajeitando meu cabelo e aproveitando a oportunidade para desviar-me um pouco, evitando seu olhar.

— Ele disse que é verdade, embora eu não tivesse dúvida. Há mais de mil homens acampados perto de Salisbury. E mais se unindo a eles todos os dias, segundo ele. O velho patife está satisfeito com isso! — Franziu a testa, tamborilando os dois dedos rígidos da mão direita de leve contra a perna, e eu percebi que ele estava um pouco preocupado.

Não sem razão. Deixando de lado a própria ameaça de conflito, era primavera. Somente o fato de River Run ficar no sopé das montanhas nos permitirá vir ao casamento de Jocasta; aqui embaixo, os bosques estavam em plena florescência e açafrões despontavam da terra como dentes de dragão roxos e cor de laranja, mas as montanhas ainda estavam cobertas de neve, os galhos das árvores exibindo brotos intumescidos. Em aproximadamente duas semanas, esses brotos se abririam e seria o momento para o plantio de primavera em Frasers Ridge.

É bem verdade que Jamie havia se precavido para tal emergência encontrando o velho Arch Bug, mas Arch pouco podia fazer sozinho. E quanto aos colonos e pequenos fazendeiros... se a milícia fosse convocada outra vez, as mulheres teriam que fazer o plantio sozinhas.

— Os homens nesse acampamento... são homens que deixaram suas terras, então? — Salisbury também ficava no sopé das montanhas. Era impensável para fazendeiros abandonar suas terras nesta época do ano para protestar contra o governo, por mais contrariados que estivessem.

— Deixaram... ou perderam — ele disse, sucintamente. A ruga em

sua testa se aprofundou enquanto olhava para mim. — Você falou com minha tia?

— Ah... não — eu disse, sentindo-me culpada. — Ainda não. Eu já estava indo... oh, você disse que havia outro problema. O que mais aconteceu?

Ele fez um som como o assobio de uma chaleira fervente, que nele sinalizava uma rara impaciência.

— Santo Deus, eu quase a esqueci. Uma das criadas foi envenenada, eu acho.

— O quê? Quem? Como? — Minhas mãos caíram dos cabelos, enquanto eu o fitava. — Por que não me contou?

— Estou lhe contando, não estou? Não se preocupe, ela não corre perigo. Só está bêbada como um gambá. — Contorceu os ombros com irritação. — O único problema é que talvez não fosse ela quem pretendiam envenenar. Enviei Roger Mac e Brianna para investigar, e eles não voltaram para dizer que alguém está morto, portanto talvez não.

— Talvez não? — Esfreguei o cavalete do meu nariz, distraída das preocupações existentes por esse novo desdobramento. — É verdade que álcool é venenoso, apesar de que ninguém parece se dar conta disso, mas há uma diferença entre estar bêbado e ser deliberadamente envenenado. O que você quer dizer...

— Sassenach — ele interrompeu.

— O que foi?

— O que em nome de Deus você andou fazendo? — ele explodiu.

Fitei-o perplexa. Seu rosto foi ficando cada vez mais vermelho à medida que conversávamos, embora eu tivesse imaginado ser apenas frustração e preocupação com Ninian e os Reguladores. Compreendi, captando um perigoso lampejo azul em seus olhos, que havia algo mais pessoal em sua atitude. Inclinei a cabeça para o lado, lançando lhe um olhar cauteloso.

— O que quer dizer com o que andei fazendo?

Seus lábios comprimiram-se com força e ele não respondeu. Em vez disso, estendeu o dedo indicador e tocou, muito delicadamente, o canto da minha boca. Virou o dedo para cima então e me mostrou um pequeno objeto escuro agarrado à ponta do seu dedo — a marca de beleza, preta, na forma de estrela, de Phillip Wylie.

— Oh. — Senti um distinto zumbido em meus ouvidos. — Isso. Hã... — Senti a cabeça leve e pequenos pontos — todos na forma de estrelinhas pretas — dançaram diante dos meus olhos.

— Sim, isso — ele rebateu asperamente. — Por Deus, mulher! Estou aqui atormentado com as tolices de Duncan e as estripulias de Ninian... e por que não me disse que ele andou brigando com Barlow?

— Eu não descreveria aquilo como uma briga — eu disse, esforçando-me para recuperar uma certa compostura. — Além do mais, o major MacDonald colocou um ponto final nisso já que você não era encontrado em lugar algum. E se quer saber mais, o major quer...

— Eu sei o que ele quer. — Descartou o major com um brusco abano da mão. — Sim, estou até o pescoço com maiores e Reguladores e criadas bêbadas, e você está lá no estábulo, de carícias com aquele almofadinha.

— Eu não estava "de carícias" e você sabe disso! O imbecil tentou se engraçar comigo, só isso.

— Se engraçar? Fazer amor com você, é isso? Sim, estou vendo!

— Não foi isso!

— Ah, não? Então você pediu a ele para deixá-la experimentar seu enfeite para dar sorte? — Sacudiu o dedo com o adorno preto embaixo do meu nariz e eu afastei-o com um tapa, recordando-me um pouco tarde demais que "fazer amor" significava apenas se envolver num flerte amoroso, e não fornicção.

— O que eu quero dizer — eu disse, entre dentes — é que ele me beijou. Provavelmente, um gracejo. Tenho idade para ser mãe dele, pelo amor de Deus!

— Você está mais para avó — Jamie disse brutalmente. — Beijou-a, além do mais... por que diabos você o encorajou, Sassenach?

Meu queixo caiu de indignação — insultada tanto por ser chamada de avó de Phillip Wylie quanto pela acusação de tê-lo encorajado.

— Encorajado? Ora, seu maldito imbecil! Sabe perfeitamente bem que eu não o encorajei!

— Sua própria filha a viu entrar lá com ele! Não tem vergonha? Com tanta coisa para resolver aqui, ainda sou forçado a chamar o sujeito para fora?

Senti um leve desfalecimento à ideia de Brianna, e um ainda mais forte à ideia de Jamie desafiando Wylie para um duelo. Ele não estava usando sua espada, mas ele a trouxera. Resolutamente, afastei os dois pensamentos.

— Minha filha não é nem tola nem uma mexeriqueira de mente suja — eu disse, com imensa dignidade. — Ela não acharia nada demais eu ir ver um cavalo, e por que deveria achar? Por que alguém deveria achar, aliás?

Ele bufou através dos lábios contraídos e me olhou furiosamente.

— Por que, de fato? Talvez porque todo mundo tenha visto você flertar com ele no gramado? Porque viram-no seguindo você por toda parte como um cachorro atrás de uma cadela no cio? — Ele deve ter visto minha expressão se alterar perigosamente com isso, pois tossiu brevemente e se apressou em continuar.

— Mais de uma pessoa comentou isso comigo. Acha que eu gosto de me tornar motivo de piada, Sassenach?

— Você... você... — A fúria me engasgou. Eu queria esbofeteá-lo, mas podia ver cabeças interessadas voltando-se para nós. — Cadela no cio? Como ousa dizer tal coisa para mim, seu desgraçado?

Ele teve a decência de parecer ligeiramente envergonhado diante disso, embora ainda furioso.

— Sim, bem... Eu não deveria ter falado exatamente assim. Eu não quis... mas você realmente saiu com ele, Sassenach. Como se eu já não tivesse o suficiente para me preocupar, minha própria mulher... e se tivesse ido falar com minha tia, como eu lhe pedi, isso não teria acontecido, para começar. Veja só o que você foi fazer!

Eu mudara de ideia quanto à conveniência de um duelo. Eu queria que Jamie e Phillip Wylie se matassem, prontamente, publicamente, e com o máximo derramamento de sangue. E também não me importava com quem estivesse olhando. Fiz um esforço muito sério de castrá-lo com minhas próprias mãos e ele agarrou-me pelos pulsos, erguendo-os bruscamente.

— Santo Deus! As pessoas estão olhando, Sassenach

— Eu... não... me... importo! — sibilei, lutando para me libertar. — Solte-me e pode crer que vou dar a eles algo para ver!

Eu não tirei os olhos de seu rosto, mas tinha consciência de muitos outros rostos virando-se para nós na multidão no gramado. Ele também. Suas sobrancelhas contraíram-se por um instante, depois seu rosto estabilizou-se com uma decisão repentina.

— Está bem, então — ele disse. — Que olhem.

Passou os braços ao meu redor, pressionou-me com força contra ele e me beijou. Impossibilitada de me soltar, parei de lutar e, em vez disso, fiquei rígida e furiosa. A distância, eu podia ouvir risos e gritos roucos de incentivo. Ninian Hamilton gritou algo em gaélico que fiquei contente em não entender.

Ele finalmente desprendeu os lábios dos meus, ainda me segurando com força contra ele, e bem devagar inclinou a cabeça, a face fria e firme junto à minha. Seu corpo era firme, também, e nem um pouco frio. Seu calor se infiltrava através de pelo menos seis camadas de

tecido até alcançar minha pele: camisa, colete, casaco, vestido, combinação e espartilhos. Se era raiva, excitação ou ambos, ele estava completamente aceso e queimando como uma fornalha.

— Desculpe-me — ele disse serenamente, a respiração quente e fazendo cócegas em meu ouvido. — Não pretendia insultá-la. Verdade. Devo mata-lo e depois me suicidar?

Relaxe, apenas um pouco. Meus quadris estavam solidamente pressionados contra os dele e, com apenas cinco camadas de tecido entre nós lá, o efeito era reconfortante.

— Talvez ainda não — eu disse. Sentia-me zozza com a descarga de adrenalina e respirei fundo para me acalmar. Em seguida, afastei-me um pouco, horrorizada com o forte mau cheiro de suas roupas. Se não tivesse ficado tão perturbada, teria notado imediatamente que ele era a fonte do fedor que eu andara sentindo.

— O que você andou fazendo? — Cheirei o peito do seu casaco, franzindo o cenho. — Você está com um cheiro horrível! Como...

— Esterco — ele disse, parecendo resignado. — Sim, eu sei. — Seus braços relaxaram.

— Sim, esterco — eu disse, cheirando outra vez. — E ponche de rum. — Mas ele próprio não andara bebendo ponche de rum; não senti nada além de conhaque quando ele me beijou. — E algo terrível, como suor seco e...

— Nabos cozidos — ele disse, parecendo ainda mais resignado. — Sim, a criada de quem eu lhe falava, Sassenach. Betty, ela se chama. — Enfiou minha mão na curva de seu braço e com uma profunda reverência para a multidão em reconhecimento — que aplaudiu, todos eles, os desgraçados — virou-se para me conduzir na direção da casa.

— Seria bom se você conseguisse extrair da escrava alguma coisa que fizesse sentido — ele disse, com uma olhada para o sol, pairando no meio do céu, acima dos topos dos salgueiros ao longo do rio. — Mas está ficando tarde; acho melhor você subir e falar com minha tia primeiro, se deverá haver um casamento às quatro horas.

Respirei fundo, tentando me estabilizar. Uma boa quantidade de emoções inesperadas ainda se agitava dentro de mim, mas havia muito trabalho a ser feito.

— Está bem, então — eu disse. — Vou ver Jocasta e depois darei uma olhada em Betty. Quanto a Phillip Wylie...

— Quanto a Phillip Wylie — ele interrompeu, — não pense mais nele, Sassenach. — Uma certa expressão de determinação interior cresceu em seus olhos. — Cuidarei dele mais tarde.

PARTES ÍNTIMAS

Deixei Jamie na sala de estar, subi as escadas e percorri o corredor, na direção do quarto de Jocasta, cumprimentando distraidamente amigos e conhecidos que ia encontrando pelo caminho. Eu estava desconcertada, aborrecida — e, ao mesmo tempo, com certa relutância, achando graça. Eu não passava tanto tempo em alheia contemplação de um pênis desde que tinha uns dezesseis anos, e ali estava eu, preocupada com três das coisas.

Vendo-me sozinha no corredor, abri meu leque, espreitando pensativamente o pequeno espelho redondo que servia de lago na cena pastoril pintada nele. Sendo mais uma peça de intriga do que de auxílio à aparência, o espelho mostrava não mais do que alguns centímetros do meu rosto de cada vez — um olho e sua sobancelha arqueada me fitavam interrogativamente.

Era um olho bem bonito, admiti. Havia algumas rugas finas ao seu redor, é verdade, mas tinha um formato bonito, pálpebras graciosas e pestanas longas e curvas, cujo negro acetinado complementava a pupila e contrastava de modo surpreendente com o âmbar salpicado de dourado da íris.

Movi um pouco o leque para ver a minha boca. Lábios cheios e um pouco mais cheios no momento, para não falar de um rosado úmido e escuro. Pareciam lábios de quem fora beijada um tanto bruscamente. Também pareciam ter gostado.

— Hum! — exclamei, fechando o leque com um estalo.

Não estando mais com o sangue fervendo, eu podia admitir que Jamie talvez tivesse razão a respeito da intenção de Phillip Wylie em fazer investidas impróprias sobre mim. Mas também podia não ter. No entanto, independentemente dos motivos subjacentes do jovem, eu realmente tinha prova incontestável de que ele me achava fisicamente atraente, avó ou não. Mas achei que não devia mencionar isso para Jamie; Phillip Wylie era um jovem muito irritante porém, refletindo mais friamente, decidi que preferia não vê-lo estripado no gramado da frente, afinal.

Entretanto, a maturidade realmente alterava um pouco a perspectiva de uma pessoa. Apesar de todas as implicações pessoais daqueles membros masculinos em estado de excitação, era o flácido que mais me interessava no momento. Meus dedos coçavam para

examinar as partes íntimas de Duncan Innes — pelo menos no sentido figurado.

Não havia tantos tipos de trauma, salvo a castração direta, que causassem impotência física. Como a cirurgia atual era precária, eu supus que o médico que cuidou do ferimento original -se algum o fez — havia na verdade simplesmente removido os dois testículos. Mas se esse fosse o caso, Duncan não teria dito?

Bem, talvez não. Duncan era um homem extremamente tímido e recatado, e até mesmo uma personalidade mais extrovertida poderia hesitar em confidenciar uma infelicidade desse calibre, até para um amigo íntimo. Mas ele poderia ter escondido tal dano no confinamento de uma prisão? Tamborilei os dedos na mesa marchetada frente à porta de Jocasta, considerando-

Era possível um homem passar vários anos sem tomar banho; eu vira alguns que obviamente fizeram isso. Por outro lado, os prisioneiros de Ardsmuir foram forçados a trabalhar ao ar livre, cortando turfa e quebrando pedras; teriam acesso livre e regular a água, e provavelmente ao menos se banhariam periodicamente, ainda que apenas para evitar a coceira de parasitas. Entretanto, imagino que uma pessoa possa se banhar sem necessariamente se despir completamente.

Eu suspeitava que Duncan estivesse mais ou menos intacto. Era muito mais provável, pensei, que sua impotência tivesse origem psicológica; afinal, ter os testículos gravemente feridos ou esmagados certamente faria um homem parar, e uma experiência antiga pode facilmente ter convencido Duncan de que tudo estava acabado para ele.

Fiz uma pausa antes de bater, mas não por muito tempo. Afinal, eu tinha alguma experiência em dar más notícias às pessoas e uma coisa que a experiência me ensinara era que não adiantava se preparar, nem se preocupar com o que dizer. A eloquência não ajudava e a franqueza não era empecilho à compaixão.

Bati energicamente na porta e entrei ao convite de Jocasta.

O padre LeClerc estava presente, sentado a uma pequena mesa no canto, lidando industriamente com uma grande variedade de acepipes. Duas garrafas de vinho — uma vazia — também estavam sobre a mesa, e o padre ergueu os olhos à minha entrada com um sorriso radiante e gorduroso, que parecia abranger todo o seu rosto e se prender atrás das orelhas.

— Tally-ho, Madame! — ele disse animadamente, brandindo uma perna de peru para mim à guisa de saudação. — Tally-ho, tally-ho!

"Bonjour" pareceu-me quase repressivo em contraste, então me

contentei com uma mesura e um breve "Olá!" em resposta.

Não havia obviamente como remover o padre dali e nenhum lugar para onde levar Jocasta, já que Phaedre estava no quarto de vestir, fazendo um grande alvoroço com um par de escovas de roupas. Ainda assim, considerando as limitações do inglês do padre LeClerc, achei que não seria necessária privacidade absoluta.

Assim, toquei o cotovelo de Jocasta e murmurei discretamente que talvez devêssemos nos sentar no banco da janela, pois eu tinha algo importante para discutir com ela. Jocasta pareceu surpresa, mas assentiu e, pedindo licença ao padre LeClerc com uma mesura — que ele não notou, estando ocupado com um teimoso pedaço de cartilagem, — veio sentar-se ao meu lado.

— Sim, sobrinha? — ela disse, ajeitando suas saias sobre os joelhos. — O que foi?

— Bem... — eu disse, respirando fundo. — É sobre Duncan. Sabe...

Ela compreendeu. Seu rosto ficou completamente perplexo quando comecei a falar, mas percebi uma crescente sensação de algo mais em sua atitude conforme ela ouvia — quase... alívio, pensei, surpresa.

Seus lábios contraíram-se pensativamente, os cegos olhos azuis fixos em seu modo desconcertante de sempre, um pouco acima do meu ombro direito. Havia preocupação em seu rosto, mas não uma grande aflição. Na realidade, sua expressão estava se alterando, de espanto ao de alguém que repentinamente encontra uma explicação para uma circunstância anteriormente preocupante — e tanto está aliviada como satisfeita por tê-la descoberto.

Ocorreu-me que ela e Duncan estavam vivendo sob o mesmo teto há mais de um ano e estavam para se casar há meses. A atitude de Duncan em relação a ela, em público, era sempre respeitosa — até deferente — e atenciosa, mas ele não fazia nenhum gesto físico de ternura ou posse em relação a ela. Isso não era absolutamente incomum para a época; embora alguns cavalheiros fossem expansivos em relação às suas esposas, outros não o eram. Mas talvez ele não fizesse esses gestos em particular também, e ela os esperava.

Ela fora bela, ainda era bonita, e muito acostumada à admiração dos homens; com ou sem visão, eu a vira flertar habilmente com Andrew Mac— Neill, Ninian Bell Hamilton, Richard Caswell — até mesmo com Farquard Campbell. Talvez ela tivesse ficado surpresa, e até mesmo ligeiramente frustrada, de não provocar nenhuma aparente demonstração física de interesse em Duncan.

Agora ela sabia por quê, e respirou fundo, sacudindo a cabeça devagar.

— Meu Deus, coitado — ela disse. — Sofrer tal infelicidade, fazer as pazes com isso, e de repente ter isso trazido de novo à tona para atormentá-lo. Santo Deus, por que o passado não pode nos deixar com o pouco de paz que conseguimos alcançar? — Ela abaixou os olhos, piscando, e eu fiquei tanto surpresa quanto emocionada de ver que seus olhos estavam rasos d'água.

Uma grande figura assomou repentinamente atrás dela e eu ergui os olhos, deparando-me com padre LeClerc pairando acima de nós, como uma solidária nuvem de trovoadas em seu hábito negro.

— Algum problema? — ele me disse, em francês. — Monsieur Duncan, ele sofreu algum acidente?

O francês de Jocasta não ia além de "Commetit ça va?", mas obviamente foi capaz de compreender o tom da pergunta, além de ter captado o nome de Duncan.

— Não conte a ele — ela me disse, com certa urgência, colocando a mão em meu joelho.

— Não, não — garanti-lhe. Ergui os olhos para o padre, sacudindo (os dedos para indicar que não havia nada com que se preocupar).

— Non, non — eu disse a ele por minha vez. — Cest rien. — Não é nada.

Ele franziu a testa para mim, em dúvida, depois olhou para Jocasta.

— Uma dificuldade da cama de casados, não é? — ele perguntou sem rodeios, em francês. Meu rosto deve ter traído espanto diante disso, pois ele gesticulou discretamente para baixo, para a frente de seu hábito. — Ouvi a palavra "scrotum", Madame, e acho que não falava de animais.

Compreendi — tarde demais — que apesar de o padre LeClerc não falar nada de inglês, ele certamente falava latim.

— Merde — eu disse num sussurro, fazendo Jocasta, que também havia erguido os olhos abruptamente diante da palavra "scrotum", se voltar para mim. Bati de leve, de forma tranquilizadora, em sua mão, tentando decidir o que fazer. O padre LeClerc nos fitava com curiosidade, mas também com grande bondade nos meigos olhos castanhos.

— Receio que ele tenha compreendido a questão de um modo geral — eu disse me desculpando para Jocasta. — Acho que talvez seja melhor eu explicar.

Seus dentes superiores cravaram-se no lábio inferior, mas ela não fez nenhum protesto, e eu expliquei o problema em francês, o mais sucintamente possível. As sobrancelhas do padre se ergueram e ele

automaticamente agarrou o rosário de madeira pendurado no seu cinto.

— Oui, merde, Madame — ele disse. — Quelle tragédie. — Ele benzeu-se rapidamente com o crucifixo, em seguida, de um modo inteiramente espontâneo, limpou a gordura da barba na manga e sentou-se ao lado de Jocasta.

— Pergunte-lhe, por favor, Madame, qual é sua vontade nesta questão — ele me disse. O tom era gentil, mas era uma ordem.

— Sua vontade?

— Oui. Ela ainda quer se casar com Monsieur Duncan, mesmo sabendo disso? Porque, veja bem, Madame, pelas leis da Igreja Católica, tal impedimento à consumação é um empecilho ao verdadeiro casamento. Eu não deveria administrar o sacramento do matrimônio, sabendo disso. No entanto

— ele hesitou, franzindo os lábios pensativamente enquanto olhava para Jocasta. — No entanto, o propósito dessa determinação é a intenção de que o casamento seja uma união frutífera, se Deus assim quiser. Neste caso, não há dúvida sobre a vontade de Deus. Portanto, como veem... — Ergueu um dos ombros num gesto gaulês.

Traduzi a pergunta para Jocasta, que estivera voltada para o padre com os olhos estreitados, como se pudesse adivinhar o significado de suas palavras pela simples força de vontade. Esclarecida, ela ficou pálida e recostou-se um pouco. Seu rosto havia assumido uma expressão MacKenzie; aquela máscara característica, impassível e calma, que significava que um turbilhão de pensamentos estava ocorrendo por trás.

Eu estava um pouco perturbada, e não somente por causa de Duncan. Não me ocorrera que essa revelação pudesse impedir o casamento. Jamie queria ver sua tia protegida e Duncan com sua subsistência assegurada. O casamento parecera a resposta perfeita. Ele ficaria perturbado se as coisas dessem errado tanto tempo depois.

Após apenas alguns instantes, Jocasta remexeu-se, exalando o ar com um grande suspiro.

— Bem, graças a Deus que eu tive a sorte de conseguir um jesuíta — ela disse secamente. — Um deles poderia convencer o papa de qualquer coisa, sem falar de lidar com uma pequena questão como ler a mente de Deus. Sim, diga a ele que eu realmente quero me casar, ainda.

Transmiti seu desejo ao padre LeClerc, que franziu ligeiramente a testa, examinando Jocasta com grande atenção. Alheia a esse escrutínio, ela ergueu uma das sobrancelhas, à espera de sua resposta.

Ele limpou a garganta e falou, os olhos ainda fixos nela, embora falasse para mim.

— Diga-lhe o seguinte, Madame, por favor. Embora seja verdade que a procriação é a base dessa lei da Igreja, esta não é a única questão a ser considerada. Pois o casamento, o verdadeiro casamento de um homem e de uma mulher, esta... união da carne é importante em si mesma. A linguagem do rito, os dois devem se tornar uma só carne, diz assim, e há razão para isso. Muita coisa acontece entre duas pessoas que compartilham uma cama e sentem alegria um no outro. Isso não é tudo em um casamento, mas é alguma coisa, verdadeiramente.

Ele falou com grande seriedade e eu devo ter parecido surpresa, pois ele sorriu levemente, agora olhando diretamente para mim.

— Nem sempre fui padre, Madame — ele disse. — Fui casado uma vez. Sei o que é, como sei o que é abrir mão para sempre dessa... parte carnal... da vida. — As contas de madeira de seu rosário chacoalhavam suavemente quando ele se movia.

Assenti, respirei fundo e traduzi isso diretamente como ele havia falado. Jocasta ouviu, mas desta vez não precisou de nenhum tempo para pensar; sua decisão estava tomada.

— Diga-lhe que eu agradeço pelo conselho — ela disse, com apenas uma leve contundência na voz. — Eu também já fui casada antes, mais de uma vez. E, com a ajuda dele, me casarei outra vez. Hoje.

Eu traduzi, mas ele já havia compreendido o que ela queria dizer por sua postura altaneira e pelo tom de sua voz. Ele permaneceu sentado por um instante, manuseando suas contas entre os dedos, depois assentiu.

— Oui, Madame — ele disse. Ele estendeu o braço e apertou a mão de Jocasta num amável encorajamento. — Tally-ho, Madame!

O AÇOUGUEIRO

Bom, menos um problema, pensei, subindo a escada para o sótão. O próximo caso na agenda de prioridades: a criada Betty. Teria realmente sido drogada? Já haviam se passado mais de duas horas desde que Jamie a descobrira na horta, mas eu achava que ainda poderia descobrir sintomas, se ela tivesse sido tão afetada quanto ele descrevera. Ouvi o som abafado do relógio de carrilhão bem distante lá embaixo. Um, dois, três. Restava uma hora para o casamento — embora pudesse facilmente ser adiado por alguns instantes, se Betty exigisse mais atenção do que eu esperava.

Dada a posição indesejável dos católicos na colônia, Jocasta não ofenderia seus convidados — a maioria protestantes de uma classe ou de outra — obrigando-os a testemunhar a própria cerimônia papista. O casamento seria realizado discretamente, em seu boudoir, e depois os recém-casados desceriam as escadas de braços dados, para comemorar com os amigos, todos os quais poderiam então, diplomaticamente, fingir que o padre LeClerc era meramente um convidado vestido de modo excêntrico.

Ao me aproximar do sótão, fui surpreendida pelo murmúrio de vozes lá dentro. A porta do dormitório das escravas estava ligeiramente aberta; entrei e deparei-me com Ulysses de pé à cabeceira da cama estreita, os braços cruzados, parecendo um anjo vingador esculpido em ébano. Obviamente, ele considerava essa infeliz ocorrência um grave abandono do trabalho por parte de Betty. Um homem baixinho e ativo, num fraque e uma grande peruca, inclinava-se ao lado dela, um pequeno objeto na mão.

Antes que eu pudesse falar, ele pressionou o objeto no braço flácido da criada. Houve um pequeno e agudo clique! e ele retirou o instrumento, deixando um retângulo onde o sangue brotava, um vermelho intenso e escuro na pele morena da escrava. As gotas assomaram, fundiram-se e começaram a escorrer pelo seu braço, caindo em uma vasilha de colher sangue junto ao seu cotovelo.

— Um escarificador— o homenzinho explicou a Ulysses, com certo orgulho, exibindo seu objeto. — Um grande avanço diante de coisas rudimentares como lancetas. Comprei na Filadélfia!

O mordomo inclinou a cabeça educadamente, ou aceitando o convite para examinar o instrumento ou reconhecendo sua ilustre

procedência.

— Tenho certeza de que a sra. Cameron ficará muito agradecida por sua bondosa condescendência, dr. Fentiman — ele murmurou.

Fentiman. Então esta era a autoridade médica de Cross Creek. Pigarreei e Ulysses levantou a cabeça, os olhos alertas.

— Sra. Fraser — ele disse, com uma pequena reverência. — O dr. Fentiman acabou de...

— Sra. Fraser? — O dr. Fentiman havia se virado abruptamente, examinando-me com o mesmo tipo de interesse desconfiado com que eu o olhava. Evidentemente ele também já andara ouvindo coisas. As boas maneiras, entretanto, triunfaram e ele fez uma mesura elaborada, curvando uma perna e colocando uma das mãos no peito do colete de cetim.

— Seu criado, madame — ele disse, oscilando um pouco quando se empertigou outra vez. Senti cheiro de gim em seu hálito e o vi nos vasos capilares rompidos em seu nariz e nas faces.

— Encantada — eu disse, dando-lhe minha mão para que beijasse. Primeiro, ele pareceu surpreso, mas depois se inclinou com um grande floreio. Olhei por cima de sua cabeça empoada, tentando discernir o máximo que pudesse na luz turva do sótão.

Betty podia muito bem já estar morta há uma semana, a julgar pelo tom acinzentado de sua pele, mas a luz que havia no sótão vinha através de um grosso papel oleado, pregado nos minúsculos frontões. O próprio Ulysses parecia cinzento, como carvão coberto de cinzas.

O sangue do braço da criada já começava a coagular; isso era bom — embora eu estremecesse só de pensar em quantas pessoas Fentiman já devia ter usado seu abominável instrumento desde que o adquirira. Sua maleta estava aberta no chão ao lado da cama e eu não vi nenhuma indicação de que ele pensasse em limpar seus instrumentos depois que os usava.

— Sua bondade é sobejamente conhecida, sra. Fraser — o médico se pronunciou, endireitando-se, mas continuando a segurar minha mão, para se firmar, pensei. — No entanto, não há nenhuma necessidade de se preocupar. A sra. Cameron é uma antiga e valiosa conhecida minha. Tenho muito prazer em atender sua escrava. — Ele sorriu com benevolência, piscando numa tentativa de me colocar em foco.

Eu podia ouvir a respiração da escrava, profunda e ruidosa, mas bastante regular. Eu ansiava colocar a mão em seu pulso. Inspirei fundo, o mais disfarçadamente possível. Acima do cheiro pungente da peruca do dr. Fentiman, que evidentemente fora tratada com pó de

urtiga e hissopo contra piolhos, e uma densa nuvem de suor velho e tabaco do corpo do médico, eu captei o penetrante cheiro de cobre de sangue fresco, e o odor mais velho de sangue coagulado, putrefato, de dentro de sua maleta. Não, Fentiman não limpava suas lâminas.

Além disso, eu podia facilmente sentir o miasma alcoólico que Jamie e Brianna haviam descrito, mas não sabia dizer o quanto vinha de Betty e o quanto de Fentiman. Se houvesse qualquer vestígio de láudano na mistura, eu teria que me aproximar mais para detectá-lo, e rapidamente, antes que os óleos aromáticos e voláteis se dissipassem completamente.

— Quanta gentileza, doutor — eu disse, sorrindo hipocritamente. — Tenho certeza de que a tia do meu marido está muito agradecida por seus esforços. Mas certamente um cavalheiro como o senhor, quero dizer, o senhor deve ter solicitações muito mais importantes. Tenho certeza de que Ulysses e eu mesma podemos cuidar da mulher. Sua ausência certamente será sentida pelos seus companheiros. — Especialmente aqueles ansiosos para arrancar algumas libras suas com as cartas, pensei. Vão querer uma oportunidade antes que fique sóbrio outra vez!

Um pouco para minha surpresa, o médico não sucumbiu imediatamente ao meu discurso lisonjeiro. Soltando minha mão, sorriu para mim com uma hipocrisia equivalente à minha própria.

— Oh, não, absolutamente, minha cara. Asseguro-lhe, nenhum cuidado é necessário aqui. Não passa de um simples caso de indulgência excessiva, afinal. Administrei um forte emético. Assim que fizer efeito, a mulher poderá ser deixada com segurança. Por favor, retorne à sua diversão, minha cara senhora, não há nenhuma necessidade de arriscar sujar um vestido tão lindo, absolutamente nenhuma necessidade.

Antes que eu pudesse protestar, ouviu-se um forte ruído engasgado vindo da cama e o dr. Fentiman virou-se imediatamente, agarrando o urinol de baixo da cama.

Apesar de ele próprio bêbado, ele fora louvavelmente atencioso com a paciente. Eu mesma teria hesitado em administrar um purgante a um paciente comatoso, mas tinha que admitir que não era errado administrá-lo em um caso de suspeita de envenenamento, ainda que o veneno fosse algo tão comumente aceito como o álcool — e se o dr. Fentiman tivesse talvez detectado o mesmo que Jamie...

A escrava havia comido em demasia; nenhuma surpresa, com tanta comida disponível para as festividades. Talvez isso em si mesmo tivesse salvado sua vida, pensei, diminuindo a absorção do álcool — e de qualquer outra coisa — em sua corrente sanguínea. O vômito fedia

a uma mistura de rum e conhaque, mas achei ter sentido uma nuance de ópio também, leve e ligeiramente adocicado, entre os demais odores.

— Que tipo de emético o senhor usou? — perguntei, inclinando-me sobre a mulher e abrindo um de seus olhos com o polegar. A íris estava fixamente voltada para cima, castanha e vidrada como uma bola de gude de ágata, a pupila reduzida a uma cabeça de alfinete. Ah, definitivamente ópio.

— Sra. Fraser! — O dr. Fentiman olhou-me fixamente com irritação, a peruca resvalando para o lado por cima de uma das orelhas. — Vá, por favor, e pare de interferir! Estou muito ocupado e não tenho tempo para satisfazer seus caprichos. E o senhor, tire-a daqui! — Ele brandiu a mão para Ulysses e voltou-se novamente para a cama, empurrando a peruca para o lugar enquanto o fazia.

— Ora, seu... — sufoquei o pretendido epíteto, ao ver Ulysses dar um passo incerto em minha direção. Ele claramente hesitava em me retirar fisicamente dali, mas era igualmente claro que ele obedeceria às ordens do médico em detrimento das minhas.

Tremendo de raiva, girei nos calcanhares e deixei o aposento.

Jamie esperava por mim ao pé da escada. Ao ver meu rosto enquanto eu descia a escada, ele segurou meu braço imediatamente e conduziu-me para fora.

— Aquele... aquele... — As palavras faltavam-me.

— Verme intrometido? — ele sugeriu prestativamente. — Baixinho desenxabido?

— Sim! Você ouviu o que ele disse? Que atrevimento, aquele açougueiro pretensioso, aquele maldito... arrogante! Não tem tempo para satisfazer meus caprichos! Como ele ousa?

Jamie fez um ruído gutural, indicando indignação solidária.

— Quer que eu suba lá e acabe com ele? — ele perguntou, a mão na adaga. — Eu posso estripá-lo para você... ou só amassar a cara dele, se você preferir.

Por mais atraente que a proposta soasse, eu era forçada a recusar.

— Bem... não — eu disse, controlando minha cólera com certa dificuldade. — Não, não acho que seja melhor você fazer isso.

O eco de nossa recente discussão por causa de Phillip Wylie chamou minha atenção, a de Jamie também. Vi um canto de sua boca curvar-se num sorriso irônico.

— Droga — eu disse, pesarosamente.

— Sim — ele concordou, tirando a mão da adaga com relutância.

— Parece que não terei permissão para derramar o sangue de ninguém hoje, não é?

— Você quer, não?

— Muito — ele disse, secamente. — E você também, Sassenach, ao que parece.

Eu não podia argumentar contra isso. Nada me deixaria mais satisfeita do que estripar o sr. Fentiman com uma colher rombuda. Em vez disso, passei a mão pelo rosto e respirei fundo, tentando ordenar minhas emoções.

— Ele é capaz de matar a mulher? — Jamie perguntou, estendendo o queixo na direção da casa.

— Não de imediato. — Sangrar e purgar eram medidas altamente condenáveis e provavelmente perigosas, mas não instantaneamente fatais. — Oh, você provavelmente estava certo a respeito do láudano.

Jamie balançou a cabeça, franzindo os lábios pensativamente.

— Muito bem, então. O importante é falar com Betty, quando estiver em condições. Você não acha que Fentiman seja do tipo de ficar de vigília na cabeceira de uma escrava doente, não é?

Agora era minha vez de pensar, mas finalmente sacudi a cabeça.

— Não. Ele estava fazendo o melhor possível por ela — admiti com relutância. — Mas até onde posso dizer, ela não corre grande perigo. Ela deve ser vigiada, mas só porque ela pode vomitar e sufocar enquanto estiver dormindo, e duvido que ele vá ficar por perto para fazer isso, ainda que pense nessa possibilidade.

— Bem, então. — Ele ficou parado, pensando, por um instante, a brisa levantando fios de cabelos ruivos do topo de sua cabeça. — Pedi a Brianna e seu marido que dessem uma olhada por aí para ver se algum dos convidados está roncando num canto. Vou fazer o mesmo com os escravos. Será que você pode subir furtivamente ao sótão depois que o dr. Fentiman tiver ido embora e falar com Betty assim que ela acordar?

— Creio que sim. — Eu pretendia subir de qualquer modo, ainda que fosse apenas para me assegurar do bem-estar de Betty. — Mas não se demore muito, estão quase prontos para o casamento.

Ficamos parados por um instante, olhando um para o outro.

— Não se preocupe, Sassenach — ele disse brandamente, arrumando um feixe de cabelos para trás de minha orelha. — O médico é um idiota, não dê atenção a ele.

Toquei em seu braço, agradecida por me consolar e desejando lhe dar o mesmo conforto por sentimentos feridos.

— Desculpe-me por Phillip Wylie — eu disse. Percebi imediatamente que, independentemente de quais fossem minhas intenções, o efeito dessa lembrança não havia sido tranquilizador. O contorno suave de sua boca se contraiu e ele recuou, os ombros se enrijecendo.

— Não se preocupe com ele também, Sassenach — ele disse. Sua voz ainda era suave, mas não havia nada de tranquilizador nela. — Acertarei as contas com o sr. Wylie daqui a pouco.

— Mas... — Parei, desamparada. Evidentemente não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer que pudesse consertar a situação. Se Jamie sentia sua honra ofendida — e ele obviamente pensava assim, independentemente do que eu dissesse, — então Wylie pagaria por isso e ponto final.

— Você é o homem mais obstinado que eu já conheci — eu disse, contrariada.

— Obrigado — ele disse, com uma pequena mesura.

— Isso não foi um elogio!

— Foi, sim. — E com outra mesura, girou nos calcanhares e afastou-se a passos largos em sua missão.

MERCÚRIO

Para alívio de Jamie, o casamento transcorreu sem maiores dificuldades.

A cerimônia — conduzida em francês — foi realizada na pequena sala íntima de Jocasta, no andar de cima, com a presença apenas do casal, do padre, dele e de Claire como testemunhas e Brianna e seu marido. Jemmy também esteve presente, mas nem pode ser contado porque dormiu durante toda a cerimônia.

Duncan estava pálido, mas contido, e a tia de Jamie fizera seus votos com voz firme, sem nenhuma hesitação. Brianna, ela mesma recém-casada e, em consequência, sentimental, observava com nostálgica aprovação, apertando com força o braço do marido, e Roger Mac olhava para ela com olhos enternecidos. Mesmo sabendo o que ele havia feito em relação a esse casamento em particular, o próprio Jamie sentiu-se comovido pelo sacramento e levou os dedos de Claire aos lábios, roçando um leve beijo sobre eles enquanto o padre gorducho entoava a bênção.

Em seguida, terminadas as formalidades e assinados os papéis de casamento, todos desceram para se unir aos convidados num suntuoso jantar, sob a luz de tochas que se alinhavam ao longo do terraço, suas longas chamas ondulando acima de mesas abarrotadas com a abundância de River Run.

Ele pegou um dos copos de vinho de uma das mesas e recostou-se no muro baixo do terraço, sentindo a tensão do dia se esvaír pela sua espinha dorsal. Mais uma batalha vencida, portanto.

A criada Betty ainda estava prostrada como um boi abatido, mas em segurança por enquanto. Ninguém mais foi encontrado envenenado, logo era provável que ela mesma tivesse tomado a droga. O velho Ninian e Barlow estavam ambos quase tão sem pernas quanto a criada, e já não constituíam ameaça um para o outro, nem para ninguém mais. E o que quer que Husband e seus Reguladores estivessem tramando, estavam a uma distância segura. Jamie sentia-se agradavelmente leve, aliviado de responsabilidade e pronto para dedicar a mente aos prazeres.

Ergueu o copo numa saudação automática a Caswell e Hunter, que passaram por ali, as cabeças unidas em uma conversa séria. Mas ele não tinha nenhuma disposição para conversas políticas; levantou-se e

tomou outra direção, abrindo caminho entre a multidão junto às mesas de comes e bebes.

O que ele realmente queria era sua mulher. Apesar de cedo, o céu já estava escuro e uma sensação de descuidada festividade se espalhava pela casa e pelo terraço conforme as tochas queimavam mais intensamente. O ar estava frio, e, com um bom vinho pulsando através do sangue, suas mãos lembraram-se do toque quente de seu corpo sob as saias no bosque, macia e succulenta como um pêssego aberto na palma de sua mão, maduro e carnudo.

Desejava-a intensamente.

Lá estava. No final do terraço, a luz da tocha brilhando nas ondas de seus cabelos, onde se levantavam embaixo daquele ridículo pedaço de renda. Seus dedos contorceram-se; quando conseguisse ficar sozinho com ela, tiraria seus grampos, um por um, e empilharia seus cabelos para cima com as mãos, pelo prazer de deixá-los cair outra vez, soltos pelas suas costas.

Ela ria de alguma coisa que lorde Stanhope dissera, um copo na mão. Seu rosto estava ligeiramente afogueado com o vinho e esta visão lhe deu uma agradável sensação de expectativa.

Deitar-se com ela podia ser qualquer coisa entre a ternura e a orgia, mas possuí-la quando havia bebido um pouco demais era sempre um prazer particular.

Um pouco bêbada, ela se preocupava menos com ele do que o normal. Abandonada e alheia a tudo que não seu próprio prazer, ela o arranhava, mordida — e também lhe suplicava para fazer o mesmo. Ele adorava a sensação de poder que isso lhe dava, a escolha tentadora entre se unir a ela imediatamente num desejo animal ou segurar-se — por algum tempo — de modo a conduzi-la segundo seu capricho.

Tomou um pequeno gole de seu vinho, saboreando o raro prazer de uma boa safra, e observou-a veladamente. Ela era o centro de um pequeno grupo de cavalheiros, com quem parecia estar se divertindo numa batalha de mentes espirituosas. Um ou dois copos soltavam sua língua e desembaraçavam sua mente, assim como acontecia com ele. Mais alguns copos e sua incandescência se transformaria em calor de fusão. Era cedo e a verdadeira festa ainda não começara.

Ele percebeu o olhar dela recair brevemente sobre ele e sorriu. Segurou a taça pelo bojo e seus dedos curvaram-se sobre o vidro liso como se fosse seu seio. Ela viu e entendeu. Abaixou as pestanas sedutoramente para ele e voltou à conversa, mais afogueada.

O delicioso paradoxo de possuí-la quando um pouco bêbada era que, ao abandonar a consciência dele como qualquer coisa além do agente de seu próprio prazer, ela também abandonava inteiramente a

guarda de si mesma, e assim abria-se inteiramente para ele. Ele podia acariciar e provocar, ou agitá-la como manteiga, levando-a do frenesi a uma frouxidão arquejante sob ele, entregue à sua clemência.

Ela tirava proveito de seu leque, arregalando os olhos acima de sua borda, num fingido choque diante de alguma coisa que o maldito Forbes dissera. Ele passou a ponta da língua pensativamente por dentro da beira macia de seu lábio inferior, sentindo na lembrança o gosto doce de sangue. Clemência? Não, não teria nenhuma.

Com essa decisão tomada, ele estava voltando a mente para o problema mais prático de encontrar um lugar suficientemente isolado para realizar esse fascinante compromisso, mas foi interrompido pela chegada de George Lyon, parecendo reluzente e cheio de si mesmo. Ele já fora apresentado, mas sabia pouco a respeito do sujeito.

— Sr. Fraser. Posso dar uma palavra com o senhor?

— Seu criado, senhor.

Virou-se por um momento para colocar seu copo sobre a mesa, uma leve mudança de seu peso, suficiente para efetuar um discreto ajuste de seu xale, contente por não estar usando calças de cetim apertadas como aquele almofadinha do Wylie. Achava-as indecentes e terrivelmente desconfortáveis, além do mais. Ora, um homem estaria se arriscando a uma lenta castração na companhia de mulheres, se não fosse naturalmente eunuco — e Wylie obviamente não era, apesar de todo o talco e marcas de beleza. Um xale preso por cinto, no entanto, podia esconder uma multiplicidade de pecados — ou ao menos uma adaga ou pistola, — quanto mais uma ereção ou outra.

— Vamos caminhar um pouco, sr. Lyon? — ele sugeriu, virando-se novamente. Se o sujeito tinha assuntos tão particulares como suas maneiras sugeriam, era melhor que não ficassem ali, onde poderiam ser interrompidos a qualquer instante por um dos convidados do casamento.

Andaram devagar até o final do terraço, trocando lugares-comuns entre si e amenidades com os passantes, até ganharem a liberdade do pátio, onde hesitaram por um instante.

— O estábulo, talvez? — Sem esperar pelo assentimento de Lyon, Jamie voltou-se para o distante pátio do estábulo. Queria ver os cavalos frísios outra vez.

— Ouvi muito falar do senhor — Lyon começou amavelmente, conforme caminhavam na direção da alta torre do relógio do prédio do estábulo.

— Ouviu, senhor? Bem, espero que a maior parte não tenha sido para meu descrédito. — Ele ouvira um pouco sobre Lyon; um

negociante em tudo que alguém comprasse ou vendesse — e talvez não muito escrupuloso em relação à procedência de suas mercadorias. Diziam os boatos que de vez em quando ele também lidava com coisas menos tangíveis do que ferro e papel, mas eram apenas boatos.

Lyon riu, exibindo dentes bastante regulares, mas muito manchados de tabaco.

— Na verdade, não, sr. Fraser. Salvo o leve impedimento de suas relações familiares, que não podem lhe ser atribuídas, embora as pessoas não deixem de fazer suposições, não ouvi nada além dos mais ardentes elogios, tanto de seu caráter como de suas realizações.

A Dhia, Jamie pensou, morde e assopra, tudo na primeira frase. Seria apenas porque a Carolina do Norte fosse um lugar atrasado e não valesse o tempo de um intrigante mais competente? Sorriu educadamente, com um murmúrio de modéstia, e esperou para ver o que o idiota queria.

Não muito, ao menos para começar. A capacidade do regimento de milícia de Fraser e os nomes dos homens. Isso era interessante, pensou. Logo, Lyon não era um homem do governador, ou teria tais informações à mão. Quem estaria por trás dele, se é que haveria alguém? Certamente não a Regulamentação; o único entre eles com um xelim de sobra em seu nome era Ninian Bell Hamilton, e se o velho Ninian quisesse saber alguma coisa, ele mesmo teria vindo perguntar. Um dos ricos fazendeiros da costa, então? A maioria dos aristocratas possuía um interesse na colônia que não ia além de seus bolsos.

O que levava à conclusão lógica de que, quem quer que fosse o mandante de Lyon, achava que haveria algo a ganhar ou a perder com os potenciais desafetos da colônia. Quem poderia ser?

— Chisholm, McGillivray, Lindsay... — Lyon dizia pensativamente. — Então a maioria dos seus homens é de escoceses das Highlands. São os filhos dos primeiros colonos? Ou talvez soldados aposentados, como o senhor mesmo?

— Oh, eu duvido que um soldado realmente se aposente, senhor — Jamie disse, abaixando-se para deixar que um dos cães do estábulo farejasse os nós dos seus dedos. — Quando um homem já viveu armado e preparado para a luta, imagino que esteja marcado para o resto da vida. Na realidade, dizem que os velhos soldados nunca morrem, apenas se apagam.

Lyon riu desbragadamente com o comentário, observando tratar-se de uma bela epigrama, seria de sua própria autoria? Sem parar para ouvir a resposta, ele continuou, obviamente navegando em águas bem mapeadas.

— Fico feliz em ouvir tal sentimento expresso, sr. Fraser. Sua Majestade sempre confiou na intrepidez dos escoceses das Highlands e em suas habilidades como guerreiros. O senhor ou seus vizinhos por acaso serviram no regimento de seu primo? O 78º Regimento dos Fraser conduziu-se com grande distinção durante o recente conflito; eu diria que a arte da guerra corre no sangue, hein?

Essa fora uma tacada deslavada. O Jovem Simon Fraser não era de fato seu primo, mas seu meio-tio, filho de seu avô. Era uma expiação da traição do velho pai e um esforço de recuperar as fortunas e propriedades da família que o Jovem Simon havia formado dois regimentos para a Guerra dos Sete Anos — que Brianna insistia em chamar de guerra entre a França e as índias, como se a Grã-Bretanha não tivesse nada a ver com isso.

Lyon agora perguntava se Jamie também tinha procurado estabelecer suas credenciais como um soldado leal à Coroa, assumindo um posto em um dos regimentos das Highlands. Ele mal podia acreditar na imbecilidade do sujeito.

— Ah, não. Lamento não ter podido servir em tal função — Jamie disse. — Uma indisposição contraída em uma campanha anterior, compreende? — A pequena indisposição de ter sido prisioneiro da Coroa durante vários anos depois do Levante, embora não tenha mencionado isso. Se ele ainda não sabia, não fazia sentido contar-lhe.

Já haviam alcançado o curral e se apoiado confortavelmente na cerca. Os cavalos ainda não haviam sido recolhidos para a noite; as enormes criaturas negras moviam-se como sombras, o pelo lustroso sob a luz de tochas.

— Que cavalos estranhos, não? — Ele interrompeu o discurso de Lyon sobre os males da dissidência, observando-os fascinado.

Não eram apenas as crinas incrivelmente longas e sedosas, ondulando como água conforme agitavam a cabeça, nem a pelagem negra como carvão, nem o arco flexível do pescoço, mais grosso e mais musculoso do que os puros-sangues de Jocasta. Seus corpos também eram compactos, largos no peito, cernelha e tronco, de modo que cada qual parecia quase maciço — e no entanto movimentavam-se com extrema graciosidade, agilidade e leveza, e com um ar de bom humor e inteligência.

— Sim, é uma raça muito antiga — Lyon disse, deixando de lado seu inquérito por enquanto a fim de observar. — Eu já os vi antes, na Holanda.

— Holanda. Tem viajado muito por lá?

— Não muito. Mas estive lá há alguns anos e tive a oportunidade de conhecer um parente seu. Um comerciante de vinhos chamado

Jared Fraser.

Jamie teve um sobressalto de surpresa, sucedido por uma calorosa sensação de prazer à menção de seu primo.

— É mesmo? Sim, Jared é primo de meu pai. Espero que o tenha encontrado bem.

— Muito bem, de fato. — Lyon aproximou-se quase imperceptivelmente, apoiando-se na cerca, e Jamie compreendeu que agora haviam atingido o ponto em que o sujeito iria tratar do seu assunto, qualquer que fosse. Esvaziou o resto de vinho de seu copo e abaixou-o, preparado para ouvir.

— Soube que... um talento para bebidas corre na família também, sr. Fraser.

Ele riu, embora não achasse muita graça.

— Um gosto, talvez, senhor. Quanto a talento, não sei.

— Não mesmo? Ah, bem. Tenho certeza de que é muito modesto, sr. Fraser. A qualidade de seu uísque é famosa.

— Sinto-me lisonjeado, senhor. — Ele agora sabia o que vinha a caminho e ajeitou-se com fingida atenção. Não seria a primeira vez que alguém sugeriria uma sociedade; ele forneceria o uísque, eles se encarregariam da distribuição a Cross Creek, Wilmington, até mesmo a Charleston. Lyon, ao que parecia, tinha planos mais ambiciosos em mente.

A mercadoria melhor e mais envelhecida subiria de barco pela costa até Boston e Filadélfia, ele sugeriu. Mas o uísque bruto poderia atravessar a Linha do Tratado e ser entregue nas aldeias dos cherokee, em troca de couros e peles de animais. Ele tinha sócios que forneceriam...

Jamie ouvia com crescente desaprovação, depois cortou Lyon abruptamente.

— Sim. Agradeço por seu interesse, senhor, mas temo que eu não tenha nada nem de longe suficiente para o que sugere. Faço uísque apenas para consumo de minha família e alguns barris a mais, de vez em quando, para troca local. Nada mais do que isso.

Lyon resmungou amavelmente.

— Tenho certeza de que poderia aumentar sua produção, sr. Fraser, considerando sua capacidade e conhecimento. Se for uma questão de matéria— prima... alguns arranjos poderiam ser feitos... posso falar com os cavalheiros que seriam nossos sócios no empreendimento e...

— Não, senhor. Receio que não. Poderia me dar licença...? — Fez

uma reverência brusca, virou-se e partiu de volta na direção do terraço, deixando Lyon na escuridão.

Devia indagar sobre Lyon a Farquard Campbell. Era preciso vigiar o sujeito. Não que Jamie tivesse uma grande objeção a contrabando. Mas tinha, no entanto, uma grande objeção a ser apanhado em flagrante, e poucas coisas seriam mais perigosas do que uma operação em larga escala do tipo que Lyon estava sugerindo, onde ele próprio estaria envolvido até o pescoço, mas não teria nenhum controle das partes mais perigosas do processo.

Sim, a ideia do dinheiro era atraente, mas não tanto a cegá-lo aos riscos. Se fosse se dedicar a esse negócio, ele mesmo o faria, talvez com a ajuda de Fergus ou Roger Mac — talvez o velho Arch Bug e Joe Wemyss, — porém mais ninguém. Era muito mais seguro manter o negócio pequeno, particular... embora, já que Lyon sugeriu a ideia, talvez valesse a pena considerá-la. Fergus não era nenhum fazendeiro, isso ele sabia; algo precisava ser encontrado para ele fazer e o francês estava bem familiarizado com os negócios de risco, como chamavam, da época em que moravam em Edimburgo....

Caminhou a passos largos para o terraço, considerando a ideia, mas a visão de sua mulher apagou todo o pensamento sobre uísque de sua mente.

Claire deixara Stanhope e seus companheiros e estava junto à mesa do bufê, examinando as guloseimas à disposição com a fronte clara e larga ligeiramente franzida, como se estivesse estarecida por tal excesso.

Ele viu o olhar de Gerald Forbes pousar nela, aceso de especulação, e ele moveu-se imediatamente, num reflexo, interpondo-se entre sua mulher e o advogado. Sentiu o olhar do sujeito bater em suas costas e sorriu rancorosamente para si próprio. Minha, seu corvo, pensou consigo mesmo.

— Não sabe por onde começar, Sassenach? — Estendeu o braço e pegou o copo de vinho vazio de sua mão, aproveitando o movimento para aproximar-se dela por trás, sentindo o calor de seu corpo através das roupas.

Ela riu e também aproximou-se dele, apoiando-se em seu braço. Ela cheirava a pó de arroz e pele quente, com o aroma de frutos da roseira em seus cabelos.

— Nem sequer estou com muita fome. Só estava contando as geleias e compotas. Há trinta e sete tipos diferentes, a não ser que eu tenha deixado de contar alguma.

Ele lançou um olhar à mesa, que de fato ostentava uma impressionante variedade de vasilhas de prata, tigelas de porcelana e

travessas de madeira, abarrotadas de comida mais do que suficiente para alimentar uma vila das Highlands por um mês inteiro. Mas ele também não estava com fome. Pelo menos, não de comida.

— Bem, Ulysses deve ter cuidado disso, ele não iria querer envergonhar a hospitalidade de minha tia.

— Não há a menor possibilidade de isso acontecer — ela assegurou-lhe. — Você viu o buraco do churrasco lá atrás? Não há menos do que três bois inteiros assando nos espetos, e pelo menos uma dúzia de porcos. Nem tentei contar as galinhas e patos. Você acha que se trata apenas de hospitalidade ou é sua tia querendo mostrar o bom trabalho que Duncan vem fazendo, exibindo o quanto River Run está próspera sob sua administração, quero dizer?

-Pode ser — ele disse, embora particularmente achasse improvável que os motivos de Jocasta fossem tão atenciosos ou generosos em sua natureza. Ele considerava que o esbanjamento da atual comemoração provavelmente tinha mais a ver com seu desejo de impressionar Farquard Campbell, ofuscando a festa que ele realizara em Green River em dezembro, para comemorar seu mais recente casamento.

E por falar em casamento...

— Tome, Sassenach. — Ele colocou o copo vazio numa bandeja que passava carregada por um criado, e pegou outro cheio em troca, que colocou na mão dela.

— Oh, eu não... — ela começou a dizer, mas ele antecipou-se a ela, pegando outro copo da bandeja e erguendo-o para ela numa saudação. Suas faces ruborizaram-se ainda mais e seus olhos faiscaram em âmbar.

— A beleza — ele disse suavemente, sorrindo.

Eu sentia-me agradavelmente dissolvida por dentro, como se barriga e membros estivessem cheios de mercúrio. Nem tudo tinha a ver com o vinho; embora esse fosse muito bom. Tinha mais a ver com a liberação da tensão, depois de todas as preocupações e conflitos do dia.

Fora um casamento terno e tranquilo, e, embora as comemorações da noite com toda probabilidade fossem extremamente ruidosas — eu ouvira vários rapazes planejando brincadeiras hilárias para as festividades do fim da noite, — eu não precisava me preocupar com nada disso. Minha intenção era apreciar o delicioso jantar que fora servido, talvez tomar mais um ou dois copos do excelente vinho... e depois encontrar Jamie e ir investigar o potencial romântico do banco de pedra sob os salgueiros-chorões.

Jamie aparecera um pouco prematuramente na programação, já

que eu ainda não havia comido nada, mas não tive nenhuma objeção em refazer minhas prioridades. Haveria muitas sobras, afinal.

A luz da tocha conferia-lhe um lustro, fazendo os cabelos, as sobrancelhas e a pele brilharem como cobre. A brisa da noite se intensificara, fazendo as toalhas de mesa tremularem e transformando as chamas das tochas em grandes línguas de fogo, e levantava fios de cabelos de sua trança, açoitando— os contra o rosto. Ele ergueu o copo, sorrindo para mim por cima da borda.

— A beleza — ele disse suavemente, em seguida bebeu, sem tirar os olhos de mim.

O mercúrio remexeu-se, estremecendo pelos meus quadris e descendo pela parte de trás das minhas pernas.

— A... hum... privacidade — respondi, levantando ligeiramente meu copo. Sentindo-me agradavelmente descuidada, estendi os braços para cima e deliberadamente tirei o enfeite de renda dos meus cabelos. Parcialmente soltos, os cachos caíram pelas minhas costas e eu ouvi alguém prender a respiração em choque atrás de mim.

À minha frente, o rosto de Jamie ficou perplexo repentinamente, os olhos fixos em mim como um gavião num coelho. Ergui meu copo, mantendo seus olhos fixos nos meus, e bebi, engolindo devagar enquanto o esvaziava. O aroma de uvas pretas perfumava os recônditos da minha cabeça e o calor do vinho aquecia meu rosto, minha garganta, meus seios, minha pele. Jamie moveu-se bruscamente para pegar o copo vazio da minha mão, os dedos frios e rígidos sobre os meus.

E então uma voz falou das portas iluminadas à vela atrás dele.

— Sr. Fraser.

Nós dois tivemos um sobressalto e o copo caiu entre nós, explodindo em cacos nas lajotas do terraço. Jamie girou nos calcanhares, a mão esquerda dirigindo-se por reflexo ao cabo de sua adaga. Depois relaxou, ao ver a figura em silhueta, e ele recuou um passo, a boca contorcendo-se num riso irônico.

Phillip Wylie deu um passo para a luz da tocha. O pó de arroz não era suficiente para esconder seu rubor, queimando em manchas febris pelas suas faces.

— Meu amigo Stanhope propôs uma ou duas mesas de uíste esta noite — ele disse. — Não gostaria de se juntar a nós, sr. Fraser?

Jamie lançou-lhe um olhar longo e frio, e eu vi os dedos danificados de sua mão direita contraírem-se, muito levemente. Seu pulso latejava no lado do pescoço, mas a voz era calma.

— Uíste?

— Sim. — Wylie deu-lhe um sorrisinho, escrupulosamente evitando olhar para mim. — Ouvi dizer que é bom nas cartas, senhor. — Ele contraiu os lábios. — Embora, é claro, deva saber que jogamos com apostas altas. Talvez não ache que...

— Seria um prazer — Jamie disse, num tom de voz que deixava perfeitamente claro que a única coisa que realmente lhe daria prazer era a perspectiva de enfiar os dentes de Phillip Wylie pela sua goela abaixo.

Os dentes em questão cintilaram rapidamente.

— Ah. Esplêndido. Eu... aguardo ansiosamente a ocasião.

— Seu criado, senhor. — Jamie fez uma mesura abrupta, depois girou nos calcanhares, segurou-me pelo cotovelo e saiu marchando pelo terraço, comigo a reboque.

Acompanhei a marcha, mantendo o mesmo passo e em silêncio, até estarmos fora do alcance dos ouvidos de qualquer pessoa. O mercúrio dera um salto de minhas regiões mais baixas e agora rolava nervosamente para cima e para baixo da minha espinha dorsal, fazendo-me sentir perigosamente instável.

— Você ficou louco? — perguntei educadamente. Não recebendo nada além de uma respiração resfolegada em resposta, finquei os saltos do sapato e puxei-o pelo braço para obrigá-lo a parar.

— Essa não foi uma pergunta retórica — eu disse, um pouco mais alto. — Uíste de apostas altas?

Jamie era de fato um excelente jogador de cartas. Ele também conhecia a maioria das possíveis maneiras de ludibriar nas cartas. No entanto, o uíste era um jogo difícil, senão impossível, de fraudar, e Phillip Wylie também tinha a reputação de excelente jogador, assim como Stanhope. Além disso, ainda restava o fato de que Jamie não dispunha de meios para nenhuma aposta, quanto mais as altas.

— Espera que eu permita que o janota pise na minha honra e depois me insulte na minha cara? — Ele girou nos calcanhares para me encarar, fitando-me colericamente.

— Tenho certeza de que ele não quis — comecei, mas parei. Era bastante óbvio que, se Wylie não tivesse pretendido insultá-lo abertamente, pretendia desafiá-lo — e para um escocês os dois eram provavelmente indiscerníveis.

— Mas você não tem que fazer isso!

Eu teria tido muito mais resultado se tivesse argumentado com o muro de tijolos da horta.

— Tenho, sim — ele disse obstinadamente. — Eu tenho o meu orgulho.

Passei a mão pelo rosto, exasperada.

— Sim, e Phillip Wylie obviamente sabe disso! Já ouviu aquela história de que o orgulho precede a queda, não?

— Não tenho a menor intenção de cair — assegurou-me. — Poderia me dar sua aliança de ouro?

Fiquei boquiaberta de choque.

— Se eu... minha aliança? — Meus dedos dirigiram-se involuntariamente à minha mão esquerda e ao ouro liso da aliança de casamento de Frank.

Ele me observava intensamente, os olhos fixos nos meus. As tochas ao longo do terraço estavam acesas; a luz bruxuleante pegava-o de lado, lançando sua ossatura teimosa em distinto relevo, iluminando um único olho com um azul ardente.

— Vou precisar para apostar — ele disse serenamente.

— Maldição. — Dei-lhe as costas e fiquei olhando fixamente pela beira do terraço. As tochas no gramado também estavam acesas e o mármore branco das nádegas de Perseu brilhava na escuridão.

— Não vou perdê-la — Jamie disse atrás de mim. Sua mão pousou em meu ombro, pesada através do xale. — Ou se perder... eu a recuperarei. Sei o quanto você... a valoriza.

Desvencilhei-me de sua mão em meu ombro e afastei-me alguns passos. Meu coração estava batendo e eu sentia meu rosto ao mesmo tempo quente e pegajoso, como se estivesse prestes a desmaiar.

Ele não falou, nem me tocou; apenas continuou lá, esperando.

— A de ouro — eu disse finalmente, sem rodeios. — Não a de prata? — Não a aliança dele, não a sua marca de posse.

— A de ouro vale mais — ele disse, e em seguida, após uma breve hesitação, acrescentou — em termos de dinheiro.

— Eu sei disso. — Virei-me para encará-lo. As chamas das tochas oscilavam ao vento e lançavam uma luz móvel em suas feições que as tornavam difíceis de decifrar.

— Quero dizer... não devia levar as duas? — Minhas mãos estavam frias e escorregadias de suor; a aliança de ouro saiu facilmente; a de prata estava mais apertada, mas girei-a e consegui tirá-la. Peguei sua mão e depusitei nela as duas alianças.

Em seguida, virei-me e fui embora.

AS ARENAS DE VÊNUS

Roger saiu do salão para o terraço, ziguezagueando através da multidão que se aglomerava como piolhos em volta das mesas do jantar. Ele sentia calor e suave, e o ar fresco da noite atingiu seu rosto como uma onda refrescante. Ele parou nas sombras no final do terraço, onde pôde desabotoar o colete discretamente e abanar um pouco à frente da camisa, deixando entrar o frescor do ar noturno.

As tochas de pinho que se alinhavam ao longo da beira do terraço e dos caminhos de tijolos bruxuleavam ao vento, lançando sombras agitadas sobre a massa de convidados, das quais membros e rostos emergiam e desapareciam numa sucessão desconcertante. O fogo refletia-se de pratos e cristais, fivelas de sapatos e cadarços dourados, brincos e botões de casacos. De longe, parecia que as pessoas estavam iluminadas por vaga-lumes, piscando entre a massa escura de tecidos farfalhantes. Brianna não estava usando nada brilhante, ele pensou, mas ainda assim deveria ser fácil identificá-la, por causa de sua altura.

Ele não captara mais do que tentadores vislumbres dela durante o dia; ela estava acompanhando a tia, cuidando de Jemmy ou conversando com dezenas de pessoas que aparentemente conhecera de sua estada anterior em River Run. A oportunidade não o incomodava nem um pouco; havia bem pouca atividade social em Frasers Ridge e ele estava feliz de vê-la se divertindo.

Ele próprio também estava se distraindo imensamente; sua garganta tinha aquela agradável sensação de estar arranhada, graças ao prolongado exercício do canto, e ele aprendera três novas canções com Seamus Hanlon, cuidadosamente memorizadas. Ele finalmente se inclinara num gesto de agradecimento e deixara a pequena orquestra tocando no salão, pulsando numa névoa de esforço, suor e álcool.

Lá estava ela; ele vislumbrou o brilho de seus cabelos quando ela saiu pelas portas da sala de visitas, virando-se para dizer alguma coisa à mulher atrás dela.

Ela o avistou ao se virar e seu rosto se iluminou, desencadeando uma radiação quente sob seu colete novamente abotoado.

— Aí está você! Eu mal o vi o dia inteiro. Mas o ouvi de vez em quando — ela acrescentou, indicando com um sinal da cabeça as portas abertas do salão.

— Oh, é mesmo? Cantei bem? — ele perguntou com descontração, descaradamente buscando elogios. Ela riu e bateu em seu peito com o leque fechado, imitando o gesto de uma mulher coquete, o que ela não era.

— Oh, sra. MacKenzie — ela disse, imitando uma voz conhecida. — A voz de seu marido é divina! Se eu pudesse ter a sorte, passaria horas simplesmente me deleitando em ouvi-lo!

Ele riu, reconhecendo a srta. Martin, a jovem e sem graça acompanhante da sra. Bledsoe, que ficara rodeando-o com olhos arregalados e suspirando enquanto ele cantava baladas durante a tarde.

— Você sabe que é bom — ela disse, voltando à sua voz verdadeira. — Não precisa que eu lhe diga.

— Talvez não — ele admitiu. — Mas não quer dizer que eu não goste de ouvir.

— É mesmo? A adulação das multidões não é suficiente? — Ela ria para ele, os olhos transformados em pequenos triângulos divertidos.

Ele não sabia como responder a isso e riu, tomando sua mão.

— Quer dançar? — Ele inclinou a cabeça na direção do final do terraço, para onde as portas do salão permaneciam abertas, deixando escapar os alegres acordes de "Duke of Perth", em seguida na direção das mesas. — Ou comer?

— Nem uma coisa, nem outra. Quero fugir daqui por um minuto, mal consigo respirar. — Uma gota de suor escorreu pelo seu pescoço, brilhando em tom vermelho à luz das tochas, antes que ela a enxugasse.

— Ótimo. — Ele tomou sua mão e prendeu-a em seu braço, afastando-se do terraço. — Eu sei o lugar certo.

— Ótimo. Oh, espere. Talvez eu realmente queira comer algo. — Ergueu a mão e fez parar um jovem criado, que subia para o terraço, vindo da cozinha externa com uma pequena bandeja coberta de onde um vapor apetitoso se espalhava no ar. — O que é isso, Tommy? Posso pegar um pouco?

— Pode pegar o quanto quiser, sra. Bri. — Ele sorriu, retirando o guardanapo para exibir uma seleção de guloseimas. Ela inalou, extasiada.

— Quero tudo — ela disse, pegando a travessa, para diversão de Tommy. Roger, aproveitando a oportunidade, murmurou seu próprio pedido ao criado, que balançou a cabeça, desapareceu e reapareceu em poucos instantes com uma garrafa de vinho aberta e duas taças. Roger pegou-as e juntos desceram o caminho que levava da casa ao

ancoradouro, trocando pequenas informações e tortas de pombo.

— Você descobriu algum convidado desmaiado no meio dos arbustos? — ela perguntou, as palavras abafadas por um bocado de pastel de cogumelos.

Ela engoliu e sua voz se clareou. — Quando papai lhe pediu para verificar esta tarde, quero dizer.

Ele fez um breve muxoxo, escolhendo um bolinho feito de salsicha e abóbora seca.

— Sabe a diferença entre um casamento escocês e um funeral escocês?

— Não, qual é?

— O funeral tem um bêbado a menos.

Ela riu, espalhando farelos, e pegou um ovo escocês.

— Não — ele disse, conduzindo-a habilmente para a direita do ancoradouro, na direção dos salgueiros. — Agora, você poderá ver alguns pés apontando para fora, mas esta tarde ainda não tinham tido tempo de ficar bêbados.

— Você é muito bom com as palavras — ela disse, em tom de admiração. — Eu fui falar com os escravos; todos presentes e identificados, e bastante sóbrios também. Duas mulheres, entretanto, admitiram que Betty de fato bebe um pouco demais nas festas.

— Para dizer o mínimo, pelo que seu pai disse. Fedendo, ele a descreveu, e imagino que não se referia apenas à bebida. — Algo pequeno e escuro saltou do caminho. Sapos; podia ouvi-los coaxando no mato.

— Hummm. Mamãe disse que ela parecia bem, mais tarde, apesar da insistência do dr. Fentiman em sangrá-la. — Ela estremeceu ligeiramente, apertando o xale ao redor dos ombros com uma das mãos. — Ele me dá arrepios, esse médico. Parece um duende ou coisa assim, e tem as mãos mais pegajosas que já senti. E por falar em fedor, ele tem um cheiro horrível.

— Ainda não tive o prazer — Roger disse, achando graça. — Venha. — Ele afastou o véu de ramos pendentes dos salgueiros, alerta para não perturbar algum casal de namorados que tivesse chegado antes deles ao banco de pedra, mas o caminho estava livre. Todos estavam na casa, dançando, comendo, bebendo e planejando para mais tarde uma serenata aos recém-casados. Melhor Duncan e Jocasta do que nós, ele pensou, revirando os olhos secretamente diante do que sugeria algumas das coisas que ouvira. Em outra época, ele se interessaria em ver uma típica serenata para recém-casados e buscar todas as suas origens nos costumes franceses e escoceses — mas

certamente não agora.

Repentinamente ficou silencioso sob os salgueiros, a maior parte do barulho da casa abafado pela correnteza da água e pelo monótono coaxar dos sapos. Também estava escuro como breu e Brianna tateou cuidadosamente pelo banco, a fim de apoiar sua bandeja.

Roger cerrou os olhos e contou até trinta; quando os abriu, ele podia ao menos divisar sua figura, em silhueta contra a luz fraca que se filtrava através dos salgueiros, e a linha horizontal do banco. Ele colocou as taças no banco e serviu o vinho, o gargalo da garrafa tilintando levemente contra as taças, conforme ele tateava no escuro.

Ele estendeu a mão e correu-a pelo braço de Brianna, a fim de colocar a taça cheia em segurança em sua mão. Ele ergueu a própria taça numa saudação.

— A beleza — ele disse, exibindo um sorriso.

— A privacidade — ela disse, devolvendo o brinde, e bebeu. — Oh, isto é muito bom — ela disse, um instante depois, parecendo levemente sonhadora. — Não tomo vinho há... um ano? Não, quase dois. Não antes de Jemmy nascer. Na realidade, não desde... — Sua voz parou bruscamente, depois retomou, mais devagar. — Não desde nosso primeiro casamento. Em Wilmington, você se lembra.

— Lembro-me. — Estendeu o braço e colocou a mão em seu rosto, traçando os ossos de sua face delicadamente com o polegar. Não era de admirar que ela se lembrasse daquela noite agora. Eles haviam começado lá, sob os galhos de uma enorme castanheira, que os abrigara do barulho e da luz de uma taverna próxima. Sua situação atual era estranha e comoventemente evocativa daquele local silencioso, escuro e privado, os dois entre o cheiro de folhas e da água próxima — a louca algazarra do namoro dos sapos substituindo o barulho da taverna.

Mas aquela fora uma noite tão quente, densa e úmida que a carne se dissolvia na carne. Agora fazia frio suficiente para seu corpo ansiar pelo calor do corpo dela e o perfume que os envolvia era o cheiro de primavera de folhas verdes e rio caudaloso, não o cheiro bolorento de folhas mortas e bancos de lama.

— Você acha que eles vão dormir juntos? — Brianna perguntou. Ela parecia ligeiramente sem fôlego; talvez fosse o vinho.

— Quem? Oh, Jocasta e Duncan? Por que não? São casados. — Esvaziou sua própria taça e colocou-a sobre o banco, o vidro tilintando ligeiramente contra a pedra.

— Foi um lindo casamento, não? — Ela não resistiu quando ele pegou a taça de sua mão e colocou-a no banco junto à sua. —

Tranquilo, mas extremamente bonito.

— Sim, muito bonito. — Beijou-a, suavemente, e apertou-a contra si. Podia sentir os cadarços de seu vestido em suas costas, cruzados sob a trama fina do xale.

— Humm. Que gosto bom você tem.

— Oh, sim, de salsichas e vinho. Você também.

A mão de Roger ergueu a ponta do xale, enfiando-se por baixo e tateando pelas pontas dos cadarços, em algum lugar logo abaixo de sua cintura. Ela pressionou o corpo contra o dele, facilitando a ação.

— Você acha que nós ainda vamos querer fazer amor quando formos velhos como eles? — ela murmurou em seu ouvido.

— Eu vou — ele garantiu-lhe, segurando o pequeno laço que finalizava o encordoamento. — Espero que você também; eu não iria gostar de ter que fazer isso sozinho.

Ela riu e respirou fundo, suas costas inflando-se repentinamente quando os cadarços apertados se soltaram. Mas ainda havia os espartilhos por baixo, droga. Ele usou as duas mãos, à procura dos cadarços internos, e ela arqueou as costas para ajudá-lo, o que fez seus seios inflarem-se logo abaixo de seu queixo. A visão o fez tirar uma das mãos de suas costas, para lidar com este novo e delicioso desdobramento.

— Eu não tenho meu... quer dizer, eu não trouxe... — Ela afastou-se um pouco, parecendo em dúvida.

— Mas você tomou as sementes hoje? — Para o inferno com pizza e papel higiênico, ele pensou; no momento, ele trocaria toda a possibilidade de encanamento interno por uma camisinha.

— Sim. — Mas ela ainda parecia em dúvida e ele rangeu os dentes, segurando-a com mais força, como se ela fosse fugir em disparada.

— Está tudo bem — ele sussurrou, deslizando os lábios pelo lado de seu pescoço, na direção daquela emocionante elevação onde o músculo de seu ombro se unia a ele.

Sua carne era lisa e macia sob seus lábios, a pele fresca no ar, quente e perfumada sob as mechas de seus cabelos.

— Não precisamos... quer dizer... eu não... apenas me deixe...

Com seu lenço retirado, o decote do vestido era baixo como ditava a moda, ainda mais baixo com seu vestido desamarrado, e seu seio era pesado e macio em sua mão. Ele sentiu o mamilo grande e redondo como uma cereja madura na palma de sua mão e impulsivamente inclinou-se e tomou-o em sua boca.

Ela enrijeceu-se, em seguida relaxou com um pequeno e estranho

suspiro, e ele sentiu um gosto quente e doce na língua, depois uma pulsação peculiar e um fluxo do... ele engoliu por reflexo, chocado. Chocado e terrivelmente excitado. Ele não imaginara; não tivera a intenção... mas ela puxou sua cabeça com força contra seu peito, prendendo-o.

Ele continuou, encorajado, e empurrou-a suavemente para trás, fazendo-a sentar-se na beira do banco, de modo que ele ficasse ajoelhado diante dela. Um pensamento repentino lhe ocorreu, provocado pela cortante lembrança daquela anotação em seu livro de sonhos.

— Não se preocupe — murmurou para ela. — Nós não vamos... correr nenhum risco. Deixe-me fazer isso... apenas para você.

Ela hesitou, mas deixou que ele corresse as mãos sob suas saias, subisse pelas curvas sedosas das panturrilhas cobertas de meias e ao redor da coxa nua, redonda, sob a curva achatada de suas nádegas, frias e nuas sobre a pedra, por baixo dos babados de suas anáguas. Uma das canções de Seamus descrevia as façanhas de um cavalheiro "nas arenas de Vénus". A letra da música fluiu pela sua mente com a correnteza do rio, e ele ficou resolvido a conduzir-se com honra nessas arenas.

Talvez ela não soubesse descrever isso, mas ele pretendia assegurar que ela soubesse que havia acontecido. Ela tremia em suas mãos e ele colocou uma de suas mãos entre suas coxas.

— Sra. Bri?

Ambos se sobressaltaram convulsivamente, Roger tirando as mãos como se tivesse sido queimado. Podia sentir o sangue ribombar em seus ouvidos — e em suas bolas.

— Sim, o que é? É você, Phaedre? Qual é o problema, é com Jemmy?

Ele estava sentado sobre os calcanhares, tentando respirar, sentindo-se zozinho. Percebeu o lampejo breve e pálido de seus seios acima dele quando ela levantou-se e virou-se na direção da voz, enfiando seu lenço apressadamente de volta no lugar, puxando o xale sobre o vestido desamarrado.

— Sim, senhora. — A voz de Phaedre vinha de baixo do salgueiro mais próximo da casa; não se via nada mais da criada além da brancura de seu gorro, flutuando obscuramente nas sombras. — Pobre criança, ele acordou quente e agitado, não quis nem mingau, nem leite, depois começou a tossir, parecia bastante ruim, Teresa achou que era melhor irmos buscar o dr. Fentiman, mas eu disse...

— Dr. Fentiman!

Brianna desapareceu com um farfalhar feroz de galhos de salgueiro e ele ouviu as passadas apressadas de pés calçados na terra, conforme ela corria para a casa, Phaedre em seu rastro.

Roger levantou-se e parou por um instante, a mão nos botões da braguilha. A tentação era forte, não levaria mais do que um minuto — menos, provavelmente, nas condições em que estava. Mas não, Bri poderia precisar dele para lidar com Fentiman. A ideia do médico usando seus instrumentos imundos de sangue na carne macia de Jemmy foi suficiente para arremessá-lo em frente numa corrida frenética. As arenas de Vénus iriam ter que esperar.

Ele encontrou Bri e Jemmy no boudoir de Jocasta, o centro de um pequeno aglomerado de mulheres, todas parecendo surpresas — até mesmo ligeiramente escandalizadas — com a sua aparição. Indiferente às sobranceiras erguidas e fungadas de irritação, ele abriu caminho através das saias até ficar ao lado de Brianna.

O menino realmente estava parecendo mal e Roger sentiu um aperto de medo na boca do estômago. Santo Deus, como podia ter acontecido tão rápido? Vira Jem no casamento há apenas algumas horas, rosado e encantador, aconchegado em seu berço improvisado, e antes disso, na festa, ruidosamente alegre como costumava ser. Agora, jazia no ombro de Brianna, as faces ardendo e as pálpebras pesadas, choramingando um pouco, com um fio de muco transparente escorrendo do nariz.

— Como ele está? — Estendeu a mão e tocou delicadamente em uma bochecha afogueada, com as costas da mão. Meu Deus, como ele estava quente!

— Ele está doente — Brianna disse sucintamente. Como para confirmar, Jemmy começou a tossir, um horrível barulho, alto, mas parcialmente sufocado, como uma foca engasgada com um peixe. O sangue aflorou ao seu rosto já vermelho e seus olhos azuis e redondos esbugalharam-se com o esforço para respirar entre os acessos de tosse.

— Droga — Roger murmurou. — O que devemos fazer?

— Água fria — uma das mulheres de pé ao seu lado disse autoritariamente. — Enfie-o num banho de água fria, depois faça-o beber mais água fria.

— Não! Santo Deus, Mary, você vai matar a criança. — Outra jovem senhora estendeu o braço e deu umas pancadinhas nas costas trêmulas de Jemmy. — É crupe, os meus já tiveram uma vez ou outra. Alho fatiado, aquecido e colocado sobre as plantas dos pés — ela disse a Brianna. — Às vezes, funciona bem.

— E se não funcionar? — outra mulher disse, cética. As narinas da primeira mulher comprimiram-se, e sua amiga intrometeu-se

prestativamente.

— Johanna Richards perdeu dois filhos para o crupe. De repente! — Estalou os dedos e Brianna encolheu-se como se fosse o som de um de seus próprios ossos estalando.

— Por que estamos discutindo à toa se há um médico aqui? Você, menina, vá buscar o dr. Fentiman! Eu não lhe disse isso? — Uma das mulheres bateu palmas com força para Phaedre, que permanecia de costas contra a parede, os olhos fixos em Jemmy.

Entretanto, antes que ela pudesse se mexer para obedecer, Brianna ergueu a cabeça abruptamente.

— Não! Ele não, eu não o quero aqui. — Olhou furiosamente para as mulheres, depois lançou um olhar de urgente súplica a Roger. — Encontre mamãe para mim. Rápido!

Ele virou-se e abriu caminho empurrando as mulheres, o medo momentaneamente acalmado pela possibilidade de fazer alguma coisa. Onde era mais provável que Claire estivesse? Ajude-me, ele pensou, ajude-me a encontrá-la, ajude-o a ficar bem, dirigindo a prece incoerente a qualquer um que pudesse estar ouvindo — Deus, o reverendo, a sra. Graham, santa Brígida, a própria Claire, — não fazia questão.

Arremessou-se pela escada abaixo na direção do vestíbulo, deparando-se com Claire, que atravessava correndo o aposento em direção a ele.

Alguém lhe contara; ela lançou lhe um rápido olhar, perguntou "Jemmy?" com o queixo empinado e, diante de seu ofegante sinal afirmativo com a cabeça, disparou escada acima, deixando o vestíbulo cheio de pessoas que a seguiam com o olhar, boquiabertas.

Ele alcançou-a no corredor em cima, a tempo de abrir a porta para ela — e receber um imerecido, mas muito apreciado olhar de gratidão de Bri.

Ele manteve-se fora do caminho, recuperando o fôlego e maravilhando-se. No instante em que Claire entrou no aposento, a atmosfera de preocupação e quase pânico mudou imediatamente. Ainda havia um ar de preocupação entre as mulheres, mas elas abriram caminho sem hesitação, afastando-se respeitosamente e murmurando umas com as outras, conforme Claire dirigia-se diretamente para Jemmy e Bri, ignorando tudo o mais.

— Olá, querido. O que foi, está se sentindo mal? — Ela murmurava para Jem, virando a cabeça dele de um lado para o outro e apalpando delicadamente embaixo de seus maxilares gorduchos e atrás das orelhas. — Pobrezinho. Está tudo bem, querido, mamãe está aqui,

vovó está aqui, tudo vai ficar bem... Há quanto tempo ele está assim? Deram-lhe alguma coisa para beber? Sim, querido, tudo bem. Ele sente dor para engolir?

Ela alternava entre palavras de conforto para o bebê e perguntas a Brianna e Phaedre, todas no mesmo tom calmo e tranquilizador, conforme suas mãos tocavam aqui e ali, explorando, consolando. Roger percebeu o efeito sobre ele também e respirou fundo, sentindo o aperto em seu próprio peito abrandar-se um pouco.

Claire pegou uma folha do grosso papel de anotações da escrivanhinha de Jocasta, enrolou-o em um tubo e usou-o para ouvir atentamente as costas e o peito de Jemmy quando ele fazia mais dos ruídos de foga engasgada. Roger notou que seus cabelos haviam de certa forma se soltado; ela precisava tirá-los do caminho para ouvir.

— Sim, claro que é crupe — disse absortamente, em resposta a um diagnóstico em tom de pergunta oferecido timidamente por uma das espectadoras. — Mas isso é apenas a tosse e a dificuldade em respirar. Você pode ter somente crupe, por assim dizer, ou um sintoma precoce de várias outras coisas.

— Tais como? — Bri agarrava Jemmy com todas as forças e seu rosto estava quase tão branco quanto os nós dos dedos.

— Oh... — Claire parecia estar ouvindo atentamente, mas não a Bri. Parecia ouvir mais o que estava acontecendo dentro de Jemmy, que parara de tossir e jazia exausto sobre o ombro da mãe, respirando ruidosamente em arfadas como uma máquina a vapor. — Hum... coriza, isso é apenas um resfriado comum. Gripe. Asma. Difteria. Mas não é isso — acrescentou apressadamente, erguendo os olhos e vislumbrando o rosto de Brianna.

— Tem certeza?

— Sim — Claire respondeu com firmeza, endireitando-se e deixando de lado seu estetoscópio improvisado. — Não me parece difteria de jeito algum. Além do mais, não há nenhum caso disso por aí ou eu saberia. E ele ainda é amamentado, deve ter imunidade... — Parou de falar abruptamente, ao perceber que as mulheres a observavam. Limpou a própria garganta, inclinando-se outra vez, como se quisesse encorajar Jemmy através do exemplo. Ele resmungou baixinho e tossiu outra vez. Aquilo atingiu Roger como ilma pedra no peito.

— Não é grave — Claire anunciou com firmeza, empertigando-se. — Mas temos que colocá-lo numa tenda de crupe. Vamos levá-lo para baixo, para a cozinha. Phaedre, pode me trazer umas duas colchas velhas, por favor?

Ela moveu-se em direção à porta, espantando as mulheres à sua

frente como um bando de galinhas.

Obedecendo a um impulso que ele não parou para analisar, Roger estendeu os braços para o bebê e, após um instante de hesitação, Brianna deixou que ele o segurasse. Jemmy não protestou, mas abandonou-se pesado e apático, a frouxidão, uma terrível mudança dos seus pulos habituais de borracha. O rosto do bebê queimava através do tecido da camisa de Roger conforme ele carregava o menino para baixo, Bri junto ao seu cotovelo.

A cozinha ficava no subsolo de paredes de tijolos da casa e Roger teve um rápido vislumbre de Orfeu descendo ao Hades, Eurídice logo atrás dele, conforme seguiam pela escura escada dos fundos para as profundezas sombrias da cozinha. No entanto, em vez de uma lira mágica, ele carregava uma criança que ardia como brasa e tossia como se seus pulmões fossem estourar. Se ele não olhasse para trás, pensou, o menino ficaria bem.

— Talvez um pouco de água fria fosse bom. — Claire colocou a mão na testa de Jemmy, verificando a temperatura. — Será que está com uma infecção de ouvido, querido? — Ela soprou delicadamente dentro de um dos ouvidos do bebê, depois no outro; ele pestanejou, tossiu roucamente e passou a mãozinha gorducha pelo rosto, mas não se encolheu. Os escravos agitavam-se num canto da cozinha, trazendo água fervente, pregando as colchas a uma viga para fazer a tenda segundo sua orientação.

Claire pegou o bebê dos braços de Roger para dar-lhe um banho e ele ficou parado, desolado, querendo ardentemente fazer alguma coisa, qualquer coisa, até que Brianna segurou sua mão e apertou-a com força, as unhas cravando-se na palma.

— Ele vai ficar bem — ela sussurrou. — Vai ficar. — Ele devolveu o aperto de sua mão, sem palavras.

Logo a tenda ficou pronta e Brianna agachou-se e entrou embaixo da colcha pendurada, virando-se para pegar Jemmy, que chorava e tossia, não tendo gostado nem um pouco da água fria. Claire enviara um criado para buscar sua caixa de remédios e agora a vasculhava, retirando um frasco cheio de um óleo amarelo-claro e uma botija de cristais brancos sujos.

Mas antes que pudesse fazer qualquer coisa com eles, Joshua, um dos cavaleiros, veio descendo ruidosamente as escadas, ofegante em sua pressa.

— Sra. Claire, sra. Claire!

Alguns cavaleiros andaram disparando suas pistolas em comemoração ao feliz acontecimento, ao que parecia, e um deles havia sofrido uma espécie de acidente, embora Josh parecesse em

dúvida sobre o que realmente acontecera.

— Ele não está gravemente ferido — o cavaleiro assegurou a Claire, no escocês de Aberdeen que soava tão estranho vindo de seu rosto negro, — mas está sangrando muito, e o dr. Fentiman... bem, ele não parece estar totalmente sóbrio como deveria. Pode vir, madame?

— Sim, claro. — Num piscar de olhos, ela já havia atirado o frasco e a botija nas mãos de Roger. — Tenho que ir. Tome. Ponha um pouco na água quente, faça-o inalar o vapor até parar de tossir. — Com rapidez e eficiência, ela fechou sua caixa e entregou-a a Josh para carregar, dirigindo-se às escadas antes que Roger pudesse perguntar-lhe alguma coisa. Em seguida, desapareceu.

Filetes de vapor escapavam pela abertura da tenda; vendo aquilo, ele parou o suficiente para tirar o casaco e o colete, deixando-os descuidadamente numa pilha no chão enquanto se inclinava e entrava na escuridão, o frasco e a botija na mão.

Bri estava agachada em um banquinho, Jemmy em seu colo, uma grande bacia branca cheia de água fervente a seus pés. Um feixe de luz do fogão recaiu momentaneamente em seu rosto e Roger sorriu para ela, tentando aparentar tranquilidade, antes de a colcha voltar à posição original.

— Onde está mamãe? Ela foi embora?

— Foi, parece que houve uma emergência. Mas tudo vai ficar bem — ele disse com firmeza. — Ela me deu o remédio para colocar na água; disse para o mantermos no vapor até a tosse parar.

Ele sentou-se no chão ao lado da bacia de água. Estava bastante escuro na tenda, mas não totalmente. Quando seus olhos se adaptaram, ele pôde ver bastante bem. Bri ainda parecia preocupada, mas não tão amedrontada como estava lá em cima. Ele também se sentia melhor; ao menos, ele sabia o que deveriam fazer e Claire não parecera muito preocupada em deixar o neto; obviamente, ela não achava que ele fosse sufocar ali mesmo.

O frasco continha óleo de pinho, penetrante e recendendo à resina. Não sabia ao certo quanto deveria usar, mas despejou uma boa dose na água. Em seguida, retirou a rolha de cortiça da botija e o cheiro pungente de cânfora ergueu-se como um gênio da lâmpada. Não eram realmente cristais, ele viu; torrões de algum tipo de resina seca, granulosa e ligeiramente pegajosa. Despejou alguns na palma da mão, depois as esfregou com força entre as mãos antes de deixá-las cair na água, admirando-se ao fazê-lo com a familiaridade instintiva do gesto.

— Oh, é isso — disse, compreendendo.

— O quê?

— Isto. — Abanou a mão indicando o santuário acolhedor, que rapidamente se enchia do vapor penetrante. — Lembro-me de estar na minha cama, com o cobertor por cima da cabeça. Minha mãe colocava isso na água quente, tinha este mesmo cheiro. Por isso me pareceu familiar.

— Oh. — A ideia pareceu incutir-lhe confiança. — Você teve crupe quando era pequeno?

— Creio que sim, embora eu não me lembre. Apenas o cheiro. — O vapor já havia tomado a pequena tenda a essa altura, úmido e penetrante. Ele inspirou fundo, enchendo os pulmões, depois bateu de leve na perna de Brianna.

— Não se preocupe, isso vai funcionar — ele disse.

Jemmy prontamente começou a tossir, parecendo que ia colocar as entranhas para fora, e com mais ruídos de foga, mas agora soavam menos alarmantes. Quer fosse a escuridão, o cheiro ou simplesmente a algazarra familiar dos ruídos dos trabalhos de uma cozinha, agora retomados do lado de fora da tenda, tudo parecia mais calmo. Ele ouviu Bri também respirar fundo e soltar a respiração, e sentiu, mais do que viu, a mudança sutil de seu corpo conforme ela relaxava um pouco, dando uns tapinhas nas costas de Jemmy.

Permaneceram sentados em silêncio por alguns instantes, ouvindo Jemmy tossir, respirar assoviando, ofegar, tossir e finalmente recuperar o fôlego, com um pequeno soluço. Ele parara de choramingar, parecendo mais calmo com a proximidade dos pais.

Roger deixara cair a rolha da botija de cânfora; bateu pelo chão até encontrá-la, em seguida recolocou-a firmemente no lugar.

— O que será que sua mãe fez com as alianças dela? — ele disse, buscando um assunto fácil de conversa para quebrar o silêncio imerso em vapor.

— Por que deveria ter feito alguma coisa com elas? — Brianna afastou para trás uma mecha de cabelos; ela os prendera para cima para a festa, mas estavam se soltando dos grampos e se agarrando umidamente ao seu rosto.

— Ela não as estava usando quando me deu os remédios. — Balançou a cabeça indicando a botija de cânfora, colocada a salvo junto à parede. Lembrava-se perfeitamente de suas mãos, os dedos longos, brancos e sem nenhum anel; isso chamou sua atenção, porque nunca vira suas mãos sem as alianças de ouro e de prata.

— Tem certeza? Ela nunca as tira, exceto para fazer alguma coisa realmente asquerosa. — Deu uma risadinha, um som inesperado,

nervoso. — A última vez que eu me lembro foi quando Jemmy deixou cair seu bawbee no urinol.

Roger resfolegou, achando graça. Um balbee era qualquer tipo de objeto pequeno, mas era assim que passaram a chamar o aro de ferro — originalmente destinado a conduzir gado pelo focinho — que Jemmy gostava de mastigar. Era seu brinquedo favorito e ele não gostava de ir para a cama sem ele.

— Ba-ba? — Jemmy ergueu a cabeça, os olhos semicerrados. Ele ainda estava respirando com dificuldade, mas começando a exhibir interesse em alguma coisa além de seu próprio desconforto. — Ba-ba!

— Epa, não devia ter mencionado isso! — Bri sacudiu-o delicadamente sobre o joelho e começou a cantar baixinho, quase num sussurro, para distraí-lo.

— In a can-yon, in a cav-ern, exca-va-tingfor a mine... Divelt a min-er, forty— min-er, and his daugh-ter, Clementine...

A privacidade escura da tenda lembrava Roger de algo; percebeu que dava a mesma sensação de um lugar cercado e tranquilo como o banco sob os salgueiros, embora a tenda fosse muito mais quente. O linho de sua camisa já estava mole sobre seus ombros e podia sentir o suor saindo de baixo dos cabelos amarrados na nuca e escorrendo pelas suas costas.

— Ei. — Cutucou a perna de Bri. — Por que não vai lá em cima e tira o seu vestido novo? Vai estragar se ficarmos aqui dentro muito tempo.

— Oh. Bem... — Ela hesitou, mordendo o lábio. — Não, vou ficar, tudo bem.

Ele se levantou, agachando-se sob as colchas, e pegou Jemmy do colo da mãe, tossindo a seco e gorgolejando.

— Vá — ele disse com firmeza. — Pode trazer o brinquedo dele. E não se preocupe. Dá para ver que está fazendo efeito o vapor. Ele ficará bom num piscar de olhos.

Foram precisos mais alguns argumentos, mas finalmente ela assentiu, e Roger sentou-se no banquinho vago, Jemmy aconchegado na curva do seu braço. A pressão do banquinho de madeira o fez lembrar de uma certa congestão residual proveniente do encontro sob os salgueiros, e ele remexeu-se no assento para aliviar o desconforto.

— Bem, isso não lhe causa nenhum dano duradouro — ele murmurou para Jemmy. — Pergunte a qualquer garota, elas lhe dirão.

Jemmy resfolegou, farejou e disse algo ininteligível começando com "Ba?", depois tossiu de novo, mas brevemente. Roger colocou as costas da mão contra a bochecha macia e redonda. Ele achava que

estava mais fresca. Difícil dizer, quente como estava ali dentro. O suor escorria livremente pelo seu rosto e ele limpou-o com a manga da camisa.

— Ba-ba? — perguntou uma vozinha coaxante contra seu peito.

— Sim, logo estará aqui. Quietinho agora.

— Ba-ba. Ba-ba!

— Shhhh!

— Ba...

— Light she was, and like a fairy... — hesitou em busca da letra da canção.

— BA...

— AND HER SHOES WERE NUMBER NINE! — Roger abruptamente elevou o volume, causando um silêncio surpreso, tanto dentro quanto fora da tenda, na cozinha. Ele limpou a garganta e abaixou a voz novamente para um nível de canção de ninar.

—... Herring boxes without topses... Sandals werefor Clementine. Oh, my darling, oh, my darling, oh, my darling Clementine... Thou art lost, and gone for-ev-er, oh, my dar-ling... Clementine.

A cantoria parecia estar fazendo efeito. As pálpebras de Jemmy estavam semicerradas. Ele colocou o polegar na boca e começou a sugá-lo, mas obviamente não conseguia respirar pelo nariz entupido. Roger delicadamente puxou o polegar e ficou segurando a mãozinha fechada dentro da sua. Estava úmida e pegajosa, e era muito pequena, mas parecia bastante vigorosa.

— Fed she duck-lings, by the water, every mor-ningjust at nine... Hit herfoot a— gainst a splinter, fell into the foaming brine.

As pálpebras adejaram brevemente, depois desistiram de lutar e se cerraram. Jemmy suspirou e abandonou inteiramente o corpo, o calor desprendendo-se de sua pele em ondas. Minúsculas contas de umidade tremiam em cada pestana — lágrimas, suor, vapor, ou os três.

— Ruby lips a-bove the water, blowing bubbles soft and fine... Alas for me, was no swim-mer, 50lost my Clementine. Oh, my darling, oh, my darling...

Limpou o rosto outra vez, inclinou-se e beijou o macio emaranhado de cabelos sedosos e úmidos. Obrigado, ele pensou com sincera emoção, dirigindo-se a todos, de Deus até o fim da lista.

—...Oh, my darling... Clementine.

ESTRANHOS NA NOITE

Já era muito tarde quando fui para a cama, após uma última verificação do estado de todos os meus pacientes. DeWayne Buchanan sofrera um ferimento superficial no antebraço quando Ronnie Campbell negligentemente deixou de erguer sua pistola alto o suficiente quando festejavam na margem do rio, mas estava de bom humor agora que o ferimento fora tratado e recebera um curativo. Tendo sido generosamente cumulado de novas bebidas por um Ronnie cheio de remorsos, ele literalmente não sentia mais nenhuma dor no momento.

Um dos escravos de Farquard Campbell, um homem chamado Rastus, queimara gravemente a mão quando tirava uma ave grelhada do espeto; tudo o que pude fazer ali foi enfaixar a mão com um pano limpo, enfiá-la numa tigela de água fria e prescrever gim, a ser ingerido. Também tratei de vários jovens que estavam em estado de embriaguez e ostentando uma diversidade de contusões, abrasões e perdas de dentes, em consequência de uma desavença no jogo de dados. Seis casos de indigestão, todos tratados com chá de hortelã e apresentando melhoras. Betty estava no que parecia um sono profundo, mas natural, roncando sonoramente na cama. Jemmy fazia o mesmo, a febre debelada.

A maior parte da ruidosa farra já havia cessado; apenas os jogadores de cartas mais durões ainda continuavam, espreitando com olhos vermelhos suas cartas, através de uma nuvem de fumaça de tabaco na pequena sala de visitas. Dei uma olhada nos outros aposentos também, conforme atravessava o andar térreo para a escada da frente. Alguns cavalheiros ainda se demoravam em conversas à meia-voz sobre política em uma das extremidades da sala de jantar, a mesa há muito tempo limpa e copos de conhaque vazios esquecidos junto a seus cotovelos. Jamie não estava entre eles.

Um escravo de libré, com os olhos pesados e quase se fechando, fez uma mesura quando enfiei minha cabeça pela porta, perguntando num murmúrio se eu desejava alguma coisa para beber ou comer. Eu não havia comido nada desde o jantar, mas dispensei-o, cansada demais para pensar em comida.

Parei no primeiro patamar e olhei para o fim do corredor, onde ficavam os aposentos de Jocasta, mas tudo estava calmo lá, — a

balbúrdia e as brincadeiras terminadas. Havia um grande amassado no revestimento da parede, onde um corpo pesado batera, e, olhando para cima, pude ver vários pontos queimados no teto, onde tiros haviam sido disparados.

O mordomo Ulysses montava guarda num banco junto à porta, ainda de peruca e libré formal, a cabeça balançando sobre os braços cruzados. Uma vela derretia e pingava de um castiçal acima dele. Por sua luz bruxuleante, pude ver que seus olhos estavam fechados, mas tinha a fronte profundamente franzida; ele arqueou-se em seu sono e seus lábios moveram-se por um breve instante, como se tivesse sonhos ruins. Pensei em acordá-lo, mas quando seguia em sua direção, o sonho passou. Ele se espreguiçou, quase acordando, mas adormeceu outra vez, o rosto mais calmo e relaxado. Um instante depois, a vela se apagou.

Ouvi atentamente, mas não havia nenhum som na escuridão, a não ser a respiração pesada de Ulysses. Se Duncan e Jocasta murmuravam palavras de carinho um para o outro por trás das cortinas de sua cama ou permaneciam deitados em silêncio, lado a lado e eternamente separados, ninguém jamais saberia. Enviei-lhes votos de felicidades e arrastei-me para cima, os joelhos e as costas doendo, ansiando pela minha própria cama — e o carinho de meu próprio marido.

Através de um postigo aberto no patamar do segundo andar, ouvi gritos, risadas e um ou outro estalido de um tiro de festejo, trazidos pelo ar da noite. Os cavalheiros mais jovens e mais atrevidos — e alguns com idade suficiente para ter mais juízo — haviam descido para o ancoradouro na companhia de uma dúzia de garrafas de uísque e conhaque para atirar em sapos, ou assim fui informada.

As mulheres, entretanto, estavam todas dormindo. O segundo andar estava silencioso, a não ser pelo zumbido de roncos abafados. Em contraste com o frio corredor do lado de fora, o quarto estava sufocante, apesar de o fogo ter se reduzido a uma camada de brasas que projetava não mais do que um estranho clarão vermelho pela lareira.

Com tantos convidados na casa, as únicas pessoas com o luxo de um quarto particular eram o casal de noivos; todos os demais amontoavam-se nos poucos aposentos disponíveis, a contragosto. Duas grandes camas de baldaquino e uma outra sobre rodas ocupavam o quarto, com colchões de palha espalhados pela maior parte do assoalho restante. Cada cama estava apinhada como sardinha em lata com mulheres em suas combinações deitadas lado a lado, atravessadas no colchão, irradiando tanto calor úmido quanto uma estufa cheia de orquídeas.

Respirando superficialmente — o ar estava impregnado com uma

enjoativa mistura de suor velho, churrasco, cebolas fritas, perfume francês, hálito encharcado de bebida e o cheiro penetrante e adocicado de favas de baunilha.

Tirei meu vestido e meus sapatos o mais rapidamente possível, esperando não desandar a suor copiosamente antes de poder me despir. Eu ainda estava agitada com os acontecimentos do dia, mas a exaustão pesava como chumbo em minhas pernas, e fiquei satisfeita em andar na ponta dos pés entre os corpos amontoados e deslizar para o lugar a que estava acostumada, perto do pé de uma das camas grandes.

Minha mente ainda fervilhava com especulações de todo tipo e, apesar da atração hipnótica de tanto sono ao meu redor, permaneci deitada com os membros rígidos e doloridos, observando a silhueta dos dedos dos meus pés descalços contra a luz agonizante da lareira.

Betty passara de seu estupor para o que parecia um sono profundo e normal. Quando ela acordasse de manhã, descobriríamos quem lhe havia dado a xícara e — talvez — o que ela continha. Eu esperava que Jemmy também dormisse confortavelmente. Mas o que realmente estava em minha mente, claro, era Jamie.

Eu não o vira entre os homens que jogavam cartas, nem entre os que conversavam em voz baixa sobre impostos e tabaco.

Também não vira Phillip Wylie em nenhum lugar no primeiro andar da casa. Eu poderia perfeitamente acreditar que ele estivesse com os festeiros no ancoradouro. Esse era seu ambiente e seu estilo, jovens ricos que buscariam diversão na bebida e na farra no escuro, indiferentes tanto ao frio quanto ao perigo, rindo e caçando uns aos outros à luz de um ou outro tiro.

Esse não era nem o ambiente, nem o estilo de Jamie, mas a ideia de ele estar entre esses arruaceiros era o que fazia meus pés curvarem-se de frio, apesar do calor do aposento.

Ele não faria nenhuma tolice, assegurei a mim mesma, rolando de lado, os joelhos puxados para cima o máximo possível num espaço tão acanhado. Ele não o faria; mas sua ideia de tolice nem sempre era a mesma da minha, de modo algum.

A maioria dos hóspedes masculinos estava acomodada nas outras construções lá fora ou nas salas; quando passei, vi figuras anônimas adormecidas, espalhadas no chão da sala da frente, roncando sonoramente, enrolados em suas capas diante do fogo. Não fui inspecioná-los, mas certamente Jamie estava lá — afinal de contas, ele tivera um dia tão longo quanto eu.

Mas não era do seu feitio se retirar para dormir sem me dar boa-noite, quaisquer que fossem as circunstâncias. Claro, ele estava

aborrecido comigo, e apesar da promessa de nossa conversa interrompida no terraço, não havíamos realmente encerrado a discussão. Na verdade, ela foi reavivada com o estúpido convite de Phillip Wylie. Minhas mãos fecharam-se, os polegares esfregando as leves marcas no lugar onde normalmente estavam minhas alianças. Maldito escocês!

Ao meu lado, Jemina Hatfield remexeu-se e resmungou, perturbada com o meu desassossego. Virei-me devagar, de lado, fitando, sem ver, o pé da cama de carvalho à minha frente.

Sim, ele certamente ainda estava furioso com o assédio de Phillip Wylie. Eu também — ou estaria, se não estivesse tão cansada. Como ele ousava — bocejei, quase deslocando meu maxilar, e decidi que realmente não valia a pena ficar aborrecida, ao menos não agora.

Mas não era próprio de Jamie me evitar, com raiva ou não. Não era o tipo de homem que ficava de mau humor, remoendo a raiva. Ele buscaria um confronto ou provocaria uma briga, sem nenhuma hesitação; mas eu achava que ele nunca deixaria o sol se pôr sobre sua raiva — pelo menos não no que dizia respeito a mim.

O que me deixava preocupada com o seu paradeiro e em que afinal ele estava metido. E a necessidade de ficar preocupada com ele estava realmente me deixando com raiva, ainda que fosse porque isso era melhor do que ficar preocupada.

Mas, de fato, fora um longo dia, e conforme o tempo passava, e os estampidos de armas de fogo vindos do ancoradouro gradualmente cessaram, a languidez tomou conta de mim, embotando meus temores e dispersando meus pensamentos como areia derramada. A respiração delicada das mulheres ao meu redor embalava-me como o som do vento nas árvores e, assim, meu apego à realidade foi se afrouxando e finalmente se libertou.

Eu poderia esperar sonhos de violência ou pesadelos de terror, mas meu subconsciente obviamente já tivera o suficiente disso. Na contramão dessa tendência, ele escolheu se demorar em outra linha dos acontecimentos do dia. Talvez fosse o calor do quarto ou simplesmente a proximidade de tantos corpos, mas eu sonhei vividamente e eroticamente, as marés de excitação inundando-me de vez em quando, quase me levando às praias do estado de vigília, depois novamente carregando-me para as profundezas da inconsciência.

Havia cavalos em meus sonhos; frísios negros e brilhantes, com crinas esvoaçantes que ondeavam ao vento conforme os garanhões corriam ao meu lado. Eu via minhas próprias pernas estenderem-se e saltarem; eu era uma égua branca e o terreno passava voando por

mim como um borrão verde sob meus cascos, até que eu parei e me virei, esperando por ele, um garanhão de peito largo que veio até mim, seu hálito quente e úmido em meu pescoço, seus dentes brancos fechando em meu pescoço...

"Eu sou o rei da Irlanda", ele disse, e eu acordei lentamente, formigando da cabeça aos pés, descobrindo que alguém estava mexendo delicadamente na sola do meu pé.

Ainda confusa com as imagens carnavais dos meus sonhos, não fiquei alarmada com isso, apenas atordoadamente satisfeita em descobrir que, afinal de contas, eu possuía pés, e não cascos. Meus dedos curvaram-se e meus pés se flexionaram, deleitando-se com o toque delicado do polegar que traçava seu caminho da saliência da sola pelo arco do pé, depois subia até a cavidade do osso do calcanhar, conseguindo estimular todo um plexo de sensações. Então acordei completamente, com um pequeno sobressalto.

Quem quer que fosse obviamente percebeu meu retorno à consciência, pois o toque abandonou meu pé momentaneamente. Em seguida, voltou, desta vez com mais firmeza, a mão grande e quente envolvendo inteiramente meu pé, o polegar executando uma massagem firme, mas lânguida, na ponta dos meus dedos.

A essa altura, eu estava completamente desperta, e ligeiramente espantada, mas não amedrontada. Meneei o pé por um instante, como se quisesse afastar a mão, mas ela apertou meu pé levemente em resposta, e então sua companheira delicadamente beliscou meu dedo grande.

Este porquinho foi ao mercado, este porquinho ficou em casa... Eu podia ouvir a rima com tanta clareza como se tivesse sido dita em voz alta, conforme os dedos diligentemente beliscavam meus dedos, um por um.

E este porquinho fez uiiií-uuíí-uuíí, até chegar em casa! O toque da mão fez cócegas na sola do meu pé e eu fiz um movimento brusco, uma risadinha involuntária presa na garganta.

Ergui a cabeça, mas a mão agarrou meu pé outra vez e apertou-o em advertência. O fogo se extinguiu por completo e o aposento estava negro como veludo; mesmo com os olhos completamente adaptados à escuridão, eu não conseguia divisar nada além da sensação de uma figura agachada junto aos meus pés, uma mancha amorfa que se mexia como mercúrio, os contornos mesclando-se e desaparecendo na escuridão do ar.

A mão deslizou delicadamente até minha panturrilha. Contorci-me violentamente e a mulher ao meu lado resfolegou, suspendeu-se com um confuso "Hein?" e desabou outra vez, num deslocamento de ar.

Os músculos da minha barriga estremeeceram com o riso contido. Ele deve ter sentido a leve vibração — os dedos deixaram meu dedo mínimo com um delicado aperto e acariciaram a planta do meu pé, fazendo todos os meus dedos se curvarem com força.

A mão fechou-se num punho cerrado, pressionando ao longo da sola do meu pé, depois se abriu repentinamente, envolvendo meu calcanhar. Seu polegar acariciou meu tornozelo, depois parou, hesitante. Não me mexi.

Seus dedos estavam ficando mais quentes; havia apenas uma leve sensação de frio conforme eles seguiram a curva da minha panturrilha e buscaram abrigo no ponto macio atrás do meu joelho. Os dedos brincaram tamborilando ligeiramente na pele sensível daquele lugar, e eu contorci-me, agitada. Eles se demoraram e pararam, pousando com firmeza na artéria onde meu pulso batia forte; eu podia senti-lo, o sangue correndo pelo ponto onde a pele era tão fina que as veias apareciam azuis sob ela.

Ouvi um suspiro quando ele se remexeu; em seguida, uma das mãos segurou minha coxa e deslizou lentamente para cima. A outra se seguiu, pressionando gentilmente, abrindo minhas pernas.

Meu coração martelava em meus ouvidos e meus seios inchavam-se, os mamilos projetando-se, duros e redondos, através da musselina fina de minha combinação. Respirei fundo e senti cheiro de pó de arroz.

Imediatamente, meu coração deu um tranco e quase parou, quando o pensamento repentino veio à tona em minha mente — e se não fosse Jamie?

Permaneci absolutamente imóvel, tentando não respirar, concentrando-me nas mãos, que faziam algo delicado e indescritível. Mãos grandes, eram mãos grandes; podia sentir os nós dos dedos pressionando a carne macia do interior da minha coxa. Mas Phillip Wylie também tinha mãos grandes; bastante grandes para seu tamanho. Eu o vira pegar um punhado de aveia para seu cavalo, Lucas, e o garanhão enterrar o enorme focinho preto em sua palma.

Calos; as mãos inquietas — oh, meu Deus! — eram lisas, mas calosas. Mas as de Wylie também o eram; ele podia ser um almofadinha, mas era um cavaleiro; as palmas de suas mãos eram quase tão lisas e duras quanto as de Jamie.

Tinha que ser Jamie, assegurei a mim mesma, erguendo minha cabeça alguns centímetros e espreitando a escuridão negra e aveludada. Dez porquinhos... claro que era Jamie! Então uma das mãos fez algo absolutamente surpreendente e eu dei um solavanco e arfei ruidosamente, os membros contorcendo-se. Meu cotovelo bateu

nas costelas da mulher ao meu lado, que sentou-se com um salto e soltou uma exclamação. As mãos se retiraram bruscamente, apertando meus tornozelos numa despedida apressada.

Ouviu-se um ruído arrastado, quando alguém rastejou apressadamente pelo assoalho, em seguida um lampejo de luz turva e um bafejo de ar frio do corredor quando a porta se abriu e imediatamente se fechou outra vez.

— O que foi? — Jemina exclamou ao meu lado, numa surpresa atordoada. — Quem é?

Não recebendo nenhuma resposta, ela se mexeu, resmungou e por fim deitou-se outra vez, adormecendo logo depois.

Eu não.

IN VINO VERITAS

Continuei acordada por muito tempo, ouvindo os tranquilos sussurros e roncoss de minhas companheiras de quarto, somados às batidas agitadas de meu próprio coração. Cada nervo em meu corpo parecia estar saindo pela pele e, quando Jemina Hatfield rolou inconscientemente sobre mim, enfiei o cotovelo violentamente em suas costelas; ela emitiu um surpreso "Que foi?" e sentou-se parcialmente, piscando e murmurando, antes de desabar lentamente de volta no mar de sono coletivo.

Quanto a mim, minha pequena tábua de consciência estava à deriva na enxurrada, girando sem rumo, mas sem a menor chance de ir a pique.

Eu simplesmente não conseguia decidir como deveria me sentir. Por um lado, estava excitada — a contragosto, sem dúvida, mas ainda assim definitivamente excitada. Quem quer que tivesse sido meu visitante noturno, ele conhecia os caminhos num corpo de mulher.

Isso sugeria que fosse Jamie, pensei. No entanto, eu não tinha a menor ideia do quanto Phillip Wylie seria eficiente nas artes do amor — eu afastara seus avanços no estábulo tão prontamente que ele não teve a oportunidade de demonstrar as habilidades que poderia possuir nesse mister.

Meu visitante da meia-noite, entretanto, não usara nenhuma carícia que eu pudesse positivamente identificar como pertencente ao repertório de Jamie. Agora, se ele tivesse usado a boca... Esquivei-me dessa linha de pensamento como um cavalo assustado, e Jemina emitiu um resmungo abafado quando estremeci levemente, minha pele arrepiando-se numa reação involuntária às imagens que ela evocava.

Eu não sabia se devia achar graça ou me sentir ultrajada, seduzida ou violentada. Eu estava terrivelmente furiosa; ao menos disso eu tinha certeza, e a certeza me proporcionou uma pequena âncora no redemoinho de emoções. Ainda assim, eu não tinha a menor ideia de qual seria o alvo da minha raiva, e sem ninguém em particular a quem dirigir essa emoção destrutiva, ela simplesmente se debatia dentro de mim, causando danos consideráveis.

— Uuf— Jemina disse, num tom de voz incisivo e totalmente consciente. Evidentemente, eu não era a única que estava sendo prejudicada pelas minhas emoções.

— Hummmm? — murmurei, fingindo sonolência. — Glrgl. Bzg.

Havia um tom de culpa na mistura também.

Se eu tivesse certeza de que fora Jamie, estaria com raiva?

O pior, percebi, é que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer para descobrir quem fora. Eu certamente não poderia perguntar a Jamie se ele havia rastejado e me acariciado no escuro — porque se não tivesse sido ele, sua reação imediata certamente seria assassinar Phillip Wylie com as próprias mãos.

Eu sentia como se minúsculas enguias elétricas se contorcessem sob minha pele. Espreguicei-me com todas as forças que consegui arregimentar, alternadamente tensionando e relaxando cada músculo — e ainda não conseguia sossegar.

Por fim, deslizei cautelosamente para fora da cama e dirigi-me à porta, com um olhar às minhas companheiras de quarto que jaziam ressonando pacificamente sob as colchas como uma fileira de salsichas perfumadas. Movendo-me com grande cautela, abri a porta cuidadosamente e espreitei o corredor. Ou era muito tarde ou muito cedo; o janelão no final do corredor ficara cinzento, mas as últimas estrelas ainda brilhavam, pontinhos evanescentes no cetim carvão do céu.

Estava frio no corredor, longe do calor corporal aprisionado das mulheres, mas eu me alegrei com a sensação; meu sangue latejava à flor da pele, e eu me sentia afogueada e agitada. Um bom resfriamento era o que eu queria. Caminhei em silêncio para a escada dos fundos, pretendendo descer e sair para tomar um pouco de ar.

Parei repentinamente no alto da escada. Um homem estava parado ao pé da escada, uma silhueta alta e escura na frente das vidraças das portas duplas. Eu achei que não fizera nenhum ruído, mas ele virou-se imediatamente, o rosto erguido para mim. Mesmo na luz fraca, soube imediatamente que era Jamie.

Ele ainda vestia as roupas que usara na noite anterior — casaco e colete, camisa de babados e calças afiveladas. Mas a camisa estava aberta no pescoço, o casaco e o colete desabotoados e inclinados para o lado. Eu podia ver a linha estreita de linho branco, a pele de sua garganta escura contra o tecido. Seus cabelos estavam soltos; ele andara passando as mãos por eles.

— Desça — ele disse suavemente.

Hesitei, olhando para trás por cima do ombro. Uma miscelânea de roncoss femininos vinha do quarto que eu acabara de deixar. Dois escravos dormiam no chão no corredor, enrolados em cobertores, mas nenhum dos dois se mexeu.

Olhei para ele novamente. Ele não falou outra vez, mas ergueu dois dedos, chamando-me. O cheiro de fumaça e uísque enchia o vão da escada.

O sangue latejava em meus ouvidos — e em outras partes. Meu rosto estava afogueado, meus cabelos úmidos nas têmporas e no pescoço; o ar fresco subiu por baixo da minha combinação, tocou a região úmida na base da minha coluna, a película escorregadia onde minhas coxas se roçavam.

Desci devagar, cautelosamente, tentando fazer com que a escada não rangesse sob meus pés descalços. Ocorreu-me tardiamente que aquilo era ridículo; os escravos subiam e desciam esta escada centenas de vezes diariamente. Mesmo assim eu sentia a necessidade de discrição; a casa ainda dormia e o vão da escada estava envolto em uma luz cinzenta frágil como vidro. Um som repentino, um movimento brusco, e algo poderia explodir sob meus pés, com um clarão como o de uma lâmpada estourando.

Os olhos dele permaneciam fixos em mim, triângulos escuros na escuridão mais pálida de seu rosto. Ele fitava-me com feroz intensidade, como se quisesse me arrastar escada abaixo só com a força de seu olhar.

Parei, a um degrau do pé da escada. Não havia sangue em suas roupas; graças a Deus por isso.

Não é que eu já não tivesse visto Jamie bêbado antes. Não era de admirar que ele não tivesse subido a escada ao meu encontro. Achei que ele devia estar muito bêbado agora, e no entanto havia algo inteiramente diferente nele. Estava firme como uma rocha, as pernas afastadas, traído apenas por um certo meneio da cabeça ao olhar para mim.

— O que... — comecei a dizer, num sussurro.

— Venha aqui — ele disse. Sua voz era baixa e rouca, de sono e uísque.

Não tive tempo nem para responder, nem para aquiescer; ele agarrou meu braço e puxou-me para ele, depois arrancou-me do último degrau, apertou-me contra ele e me beijou. Foi um beijo extremamente desconcertante — como se sua boca conhecesse a minha muito bem e exigisse meu prazer, independentemente dos meus desejos.

Seus cabelos cheiravam a uma longa noite de fumaça — de tabaco, lenha da lareira e cera das velas. A boca tinha um gosto tão forte de uísque que eu me senti meio zozza, como se o álcool em seu sangue destilasse para dentro do meu só pelo contato de nossas peles, através das membranas de nossas bocas. Algo mais estava se filtrando dele

para mim também — um desejo avassalador, tão cego quanto perigoso.

Eu queria censurá-lo, afastá-lo. Depois, resolvi que não o faria, mas não teria feito nenhuma diferença se o fizesse, de qualquer modo. Ele não pretendia me soltar.

Uma enorme mão agarrava minha nuca, quente e firme em minha pele, e eu pensei nos dentes de um garanhão fechando-se no pescoço da égua que ele montava, e estremeci do couro cabeludo à sola do pé. Seu polegar acidentalmente pressionou a grande artéria sob meu maxilar; a escuridão avolumou-se atrás dos meus olhos e meus joelhos começaram a se dobrar. Ele sentiu e me soltou, inclinando-me para trás de tal forma que eu estava quase deitada na escada, seu peso parcialmente sobre mim e suas mãos tateando.

Eu estava nua sob a combinação e a musselina fina nem parecia existir.

A beirada dura de um dos degraus pressionou-se em minhas costas e me ocorreu, na maneira indistinta que se vê as coisas quando embriagado, que ele estava prestes a me possuir ali mesmo na escada, e para o diabo com quem quer que pudesse ver.

Consegui soltar minha boca da dele o suficiente para dizer, arquejante, em seu ouvido:

— Aqui não!

Isso pareceu restituir-lhe a razão momentaneamente; ele ergueu a cabeça, piscando como alguém que acaba de sair de um pesadelo, os olhos arregalados e cegos. Então balançou a cabeça uma vez, desajeitadamente, e levantou-se, puxando-me com ele e me colocando de pé também.

As capas das criadas estavam penduradas junto à porta; ele pegou uma e me cobriu, depois me pegou no colo e passou pela porta, cruzando com uma criada espantada que levava um urinol nas mãos.

Colocou-me no chão quando chegamos ao caminho de tijolos lá fora; os tijolos estavam frios sob meus pés. Em seguida, atravessamos a luz cinzenta em uma paisagem de sombra e vento, ainda abraçados, tropeçando, seguindo e, mesmo assim, de certa forma quase voando, as roupas se agitando ao nosso redor e o ar frio roçando nossa pele com o toque rude da primavera, na direção de algum destino vagamente pressentido e, ainda assim, inevitável.

Os estábulos. Ele empurrou a porta e me puxou com ele para dentro da morna escuridão, atirando-me com força contra a parede.

— Tenho que possuí-la agora ou morrerei — ele disse, ofegante, e logo sua boca estava sobre a minha outra vez, seu rosto frio do ar lá

de fora e a respiração soltando vapor com a minha.

Então ele afastou-se bruscamente e eu cambaleei, pressionando as mãos contra os tijolos ásperos da parede para manter o equilíbrio.

— Levante as mãos — ele disse.

— O quê? — perguntei estupidamente.

— Suas mãos. Levante-as.

Completamente perplexa, levantei-as e o senti tomar minha mão esquerda, tateando. Pressão e calor, e a luz fraca da porta aberta brilhou em minha aliança de ouro. Em seguida, agarrou minha mão direita, enfiou a aliança de prata no meu dedo, o metal quente do calor de seu corpo. Levou minha mão à boca e mordeu os nós dos meus dedos, com força.

Logo sua mão estava em meu seio, o ar frio roçava minhas coxas e eu senti os tijolos arranharem meu traseiro nu.

Fiz um ruído e ele tampou minha boca com a mão. Arpoada como uma truta Fígada, eu estava igualmente impotente, debatendo-me cravada na parede.

Ele tirou a mão e substituiu-a com sua boca, engolfando a minha. Eu podia sentir os pequenos e urgentes grunhidos que ele fazia na garganta, e senti outro, bem mais alto, erguer-se na minha.

Minha combinação estava enrolada no alto, em torno de minha cintura, e minhas nádegas nuas batiam ritmadamente contra o tijolo áspero, mas eu não sentia absolutamente nenhuma dor. Agarrei-o firmemente pelos ombros.

Sua mão deslizou pela minha coxa, afastando as dobras de linho que ameaçavam se interpor entre nós. Lembrei-me, vividamente, daquelas mãos no escuro, e me movi convulsivamente.

— Olhe. — Seu hálito veio quente em meu ouvido. — Olhe para baixo. Olhe enquanto eu a possuo. Olhe, droga!

Sua mão pressionou meu pescoço, inclinando minha cabeça para frente para olhar para baixo na penumbra, além das dobras de tecido, até o fato nu da minha posse.

Arqueei as costas e a seguir desmoronei, mordendo o ombro de seu casaco para não fazer barulho. Sua boca estava em meu pescoço e fechou-se com força enquanto ele estremecia contra mim.

Permanecemos entrelaçados na palha, observando a luz do dia se infiltrar pela porta semiaberta e atravessar o chão de tijolos vermelhos do estábulo. Meu coração ainda pulsava em meus ouvidos, o sangue latejando sob a pele e nas têmporas, coxas e dedos, mas eu me sentia de certa forma distante dessas sensações, como se estivessem

acontecendo a outra pessoa. Eu me sentia irreal — e ligeiramente chocada.

Minha face descansava sobre seu peito. Movendo ligeiramente os olhos, eu podia ver o rubor evanescente de sua pele através da gola aberta da camisa, e os cabelos ásperos e encaracolados, de um vermelho-castanho tão escuro que quase pareciam negros na luz obscura.

Uma pulsação latejava em sua garganta, a dois centímetros de minha mão. Eu quis colocar os dedos sobre ela, sentir o eco de seus batimentos cardíacos no meu sangue. Mas sentia-me estranhamente tímida, como se tal gesto fosse íntimo demais para considerar, o que era absolutamente ridículo, em vista do que acabáramos de fazer um com o outro.

Movi meu dedo indicador, apenas um pouco, de modo que a ponta do dedo roçasse a minúscula cicatriz de três pontas em sua garganta; uma marca branca e esmaecida, pálida contra a pele bronzeada.

Houve uma ínfima parada no ritmo de sua respiração, mas ele não se mexeu. Seu braço me envolvia, a mão espalmada na base das minhas costas. Duas respirações, três... e então a leve pressão da ponta de um dedo contra minha espinha.

Permanecemos em silêncio, respirando devagar, ambos concentrados no delicado reconhecimento de nossa conexão, mas não me movi, nem falei; ligeiramente constrangida, com o retorno da razão, com o que acabáramos de fazer.

No entanto, o som de vozes vindo na direção do estábulo me restituiu à ação. Sentei-me bruscamente, enfiei minha combinação pelos ombros e comecei a tirar a palha dos meus cabelos. Jamie rolou sobre o corpo e ficou de joelhos, de costas para mim, e apressadamente começou a enfiar a camisa— para dentro das calças.

As vozes do lado de fora interromperam-se abruptamente e nós dois ficamos paralisados. Houve um silêncio breve e carregado, depois o som de passos delicadamente recuando. Soltei o ar que estivera prendendo, sentindo meu coração disparado começar a se acalmar. O estábulo estava repleto dos sussurros e relinchos dos cavalos, que também tinham ouvido os passos e as vozes. Estavam ficando com fome.

— Então você ganhou — eu disse às costas de Jamie. Minha voz soou estranha a mim mesma, como se eu não a usasse há muito tempo.

— Eu prometi a você que ganharia. — Ele falou brandamente, a cabeça inclinada, conforme arrumava as pregas de seu xale.

Levantei-me, sentindo-me levemente zozza, e apoiei-me na parede para manter o equilíbrio, enquanto limpava as palhas e a areia dos meus pés. A sensação áspera dos tijolos no meu traseiro era um lembrete vívido e eu espalmei as mãos sobre eles, preparando-me contra a avalanche de sensações relembradas.

— Você está bem, Sassenach? — Ele virou a cabeça abruptamente para olhar para mim, pressentindo meus movimentos.

— Sim. Sim — repeti. — Bem. Apenas... estou bem. E você?

Ele parecia pálido e desarrumado, a barba crescida e as faces encovadas da tensão, os olhos com olheiras profundas e escuras de uma longa noite sem dormir. Seus olhos encontraram os meus por um instante, depois se desviaram. Um leve rubor surgiu nas maçãs de seu rosto e ele engoliu em seco, audivelmente.

— Eu... — ele começou, depois parou. Levantou-se e postou-se à minha frente. O rabo de cavalo formal se desfizera e as mechas de seus cabelos espalhavam-se pelos ombros, brilhando, ruivos, conforme o facho de luz da porta o iluminava.

— Você não me odeia? — ele perguntou abruptamente. Pega de surpresa, eu ri.

— Não — eu disse. — Acha que eu deveria?

Sua boca torceu-se um pouco e ele esfregou as articulações dos dedos sobre ela, raspando os pelos curtos da barba por fazer.

— Bem, talvez, mas fico feliz que não me odeie.

Tomou minhas mãos delicadamente entre as suas, o polegar esfregando suavemente o desenho de minha aliança de prata. Suas mãos estavam frias com a chegada da aurora.

— Por que acha que eu poderia odiá-lo? — perguntei. — Por causa dos anéis? — Era verdade, eu teria ficado aborrecida e furiosa com ele se tivesse perdido um deles. Como não perdera... Claro, ele me deixara preocupada a noite inteira com o seu paradeiro e o que estava fazendo, sem falar em ter entrado sorrateiramente em meu quarto e feito investidas impróprias aos meus pés. Talvez eu devesse ficar aborrecida com ele, afinal de contas.

— Bem, começando por aí — ele disse secamente. — Há tempos não deixo meu orgulho me dominar, mas não consegui me conter, com o pequeno Phillip Wylie se pavoneando por aí, sorrindo afetadamente para os seus seios e...

— Ele fez isso? — Eu não havia notado essa parte.

— Fez, sim — Jamie disse, momentaneamente furioso com a ideia. Em seguida, descartou Phillip Wylie, retornando ao catálogo de seus próprios pecados.

— E depois, arrastando você de casa de combinação e atacando-a como um animal voraz. — Tocou delicadamente meu pescoço, onde eu ainda podia sentir o dolorido formigamento de uma marca de mordida.

— Oh. Bem, na verdade, eu gostei bastante dessa parte.

— Gostou? — Seus olhos se arregalaram, intensamente azuis, num espanto momentâneo.

— Sim. Embora eu ache que tenha escoriações nas nádegas.

— Oh. — Ele abaixou os olhos, aparentemente envergonhado, embora o canto de sua boca se torcesse ligeiramente. — Desculpe-me por isso. Depois que terminei — o jogo, quero dizer — eu não podia pensar em mais nada senão encontrá-la, Sassenach. Eu subi e desci aquela escada uma dúzia de vezes, indo até sua porta e recuando outra vez.

— É mesmo? — Fiquei satisfeita em ouvir isso, já que aumentava as chances de que ele de fato fora meu visitante noturno.

Ele pegou uma mecha de meus cabelos desgrenhados e correu os dedos delicadamente por ela.

— Eu sabia que não conseguiria dormir e pensava, bem, vou sair e caminhar um pouco na noite, e eu o fazia, mas logo me via novamente do lado de fora de seu quarto, sem saber como eu fora parar lá outra vez, mas apenas tentando pensar como eu chegaria até você... tentando fazer você sair para mim, imagino.

Bem, isso explicava meus sonhos com garanhões selvagens, pensei. O lugar onde ele mordera meu pescoço latejava um pouco. E onde ele me trouxera? Um estábulo. Rei da Irlanda, certamente.

Ele apertou levemente minhas mãos.

— Achei que a força do meu desejo deveria acordá-la, sem dúvida. E depois você realmente veio... — Parou, olhando para mim com os olhos meigos e escuros. — Santo Deus, Claire, você estava tão linda, ali no alto da escada, com seus cabelos soltos e a sombra do seu corpo, com a luz atrás de você... — Ele sacudiu a cabeça devagar. — Eu realmente achei que morreria se não pudesse possuí-la — ele disse brandamente. — Ali mesmo.

Estendi a mão e acariciei seu rosto, os pelos eriçados da barba na palma da minha mão.

— Eu não iria querer que você morresse — sussurrei, ajeitando uma mecha de seus cabelos atrás da orelha.

Sorrimos um para o outro, mas tudo o mais que teríamos dito foi interrompido por um relincho alto de um dos cavalos, seguido de batidas de cascos. Nós estávamos interferindo em sua refeição matinal.

Deixei cair a mão e Jamie inclinou-se para pegar seu casaco, semienterrado na palha. Ele não perdeu o equilíbrio ao se abaixar, mas eu o vi contrair o rosto quando o sangue fluiu rapidamente para sua cabeça.

— Você bebeu muito na noite passada? — perguntei, reconhecendo os sintomas.

Ele endireitou-se com um pequeno grunhido bem-humorado.

— Sim, litros — ele respondeu melancolicamente. — Dá para ver?

Uma pessoa com bem menos experiência do que eu poderia ver a uma distância de oitocentos metros; sem falar nos sinais mais visíveis de recente embriaguez, ele cheirava a uma destilaria.

— Isso não atrapalhou seu jogo de cartas, evidentemente — eu disse, com tato. — Ou Phillip Wylie foi igualmente afetado?

Ele pareceu surpreso e ligeiramente ofendido.

— Você não acha que eu iria me embriagar enquanto estava jogando, não é? E com suas alianças em jogo? Não, isso foi depois. MacDonald foi buscar uma garrafa de champanhe e outra de uísque, e insisti que devíamos comemorar nosso prêmio em grande estilo.

— MacDonald? Donald MacDonald? Ele estava jogando com você?

— Sim, ele e eu contra Wylie e Stanhope. — Sacudiu o casaco, espalhando pedacinhos de palha pelo ar. — Não sei dizer que tipo de soldado ele era, mas o sujeito joga uísque com mão de mestre, sem dúvida.

A menção das palavras "mão de mestre" me fez lembrar. Ele disse que fora até minha porta, mas não mencionou ter entrado. Teria entrado, estando já muito bêbado de desejo e álcool para se lembrar? Teria eu, atordoada com sonhos de luxúria equina, imaginado tudo aquilo? Certamente não, pensei, mas afastei a sensação de vaga inquietação engendrada pela memória, em favor de outra palavra de seu comentário.

— Você disse prêmio? — No estresse do momento, só me parecia importante que ele tivesse conservado minhas alianças, mas ocorreu-me tardiamente que elas eram apenas a sua aposta. — O que você tirou de Phillip Wylie? — perguntei, rindo. — Os botões bordados do casaco dele? Ou as fivelas de prata dos sapatos?

Seu rosto tinha uma estranha expressão ao olhar para mim.

— Bem, não — ele disse. — Eu tirei seu cavalo.

Ele jogou seu casaco ao redor dos meus ombros, passou o braço ao redor da minha cintura e conduziu-me pelo estábulo, passando pelas baias.

Joshua entrara silenciosamente, pela outra porta, e trabalhava na extremidade oposta do estábulo, sua silhueta visível na frente das portas duplas abertas, conforme ele pegava feno com o forcado e o lançava na última baia. Quando o alcançamos, ele olhou para nós e balançou a cabeça numa saudação, o rosto cuidadosamente neutro à nossa aparência, desgrehados, descalços e espetados de palha. Mesmo numa casa em que a patroa era cega, um criado sabia o que não devia ver.

Não era assunto dele, sua fisionomia cabisbaixa dizia claramente. Ele parecia quase tão cansado quanto eu me sentia, os olhos pesados e vermelhos.

— Como ele está? — Jamie perguntou, levantando o queixo na direção do cavalo. Josh endireitou-se um pouco diante da pergunta, abaixando o forcado.

— Oh, está ótimo — ele disse, com ar de satisfação. — Um belo garanhão, o Lucas do sr. Wylie.

— Sim, de fato — Jamie concordou. — Só que ele agora é meu.

— Ele o quê? — Josh arregalou os olhos, boquiaberto.

— Ele é meu. — Jamie aproximou-se da cerca e estendeu a mão para coçar as orelhas do enorme garanhão, atarefado em comer o feno de seu cocho.

— Seas — ele murmurou para o cavalo. — Ciamar a tha thu, a ghille mhoir?

Eu o segui, espreitando por cima de seu braço. O cavalo levantou a cabeça por um instante, fitou-nos com um olhar simpático, resfolegou, jogou para trás a crina que encobria seus olhos como um véu e voltou a se concentrar em sua refeição.

— Uma linda criatura, não? — Jamie admirava Lucas, um olhar de distante especulação nos olhos.

— Bem, sim, é, mas... Minha admiração estava substancialmente tingida de perplexidade. Se Jamie queria vingar seu próprio orgulho à custa do de Wylie, ele certamente o conseguira. Apesar de minha irritação com Wylie, não pude deixar de sentir uma pequena pontada de dor à ideia de como ele deveria estar se sentindo com a perda de seu magnífico cavalo.

— Mas o quê, Sassenach?

— Bem, é que... — Eu hesitava em busca das palavras. Não poderia dizer que sentia pena de Phillip Wylie, nas atuais circunstâncias. — É que... bem, o que você pretende fazer com ele?

Até eu podia ver que Lucas era totalmente inadequado para a vida em Frasers Ridge. A ideia de arar ou transportar carga com ele parecia

um sacrilégio, e embora eu imaginasse que Jamie pudesse usá-lo apenas para cavalgar... Franzi a testa, em dúvida, visualizando os baixios pantanosos e as trilhas rochosas que ameaçariam aquelas pernas bem-torneadas e lascariam os cascos brilhantes; os galhos pendentes e o mato que se enrolariam em sua crina e sua cauda. Gideon, o Devorador de Homens, era mil vezes mais adequado a tais ambientes rústicos.

— Oh, não pretendo ficar com ele — Jamie garantiu-me. Olhou para o cavalo e suspirou melancolicamente. — Embora muito me alegrasse. Mas você tem razão, ele não serve para Ridge. Não, eu pretendo vendê-lo.

— Oh, ótimo. — Fiquei aliviada ao ouvir aquilo. Wylie sem dúvida iria comprar Lucas de volta, a qualquer preço. Achei a ideia reconfortante. E nós certamente precisávamos do dinheiro.

Joshua saía enquanto conversávamos. Neste momento, ele reapareceu na soleira da porta, um saco de grãos nas costas. Mas seu ar indolente havia desaparecido; seus olhos ainda estavam injetados, mas ele parecia alerta, e ligeiramente alarmado.

— Sra. Claire? — ele disse. — Desculpe-me, senhora, mas acabo de encontrar Teresa junto ao celeiro. Ela disse que aconteceu alguma coisa errada com Betty. Achei que a senhora gostaria de saber.

SANGUE NO SÓTÃO

O sótão parecia a cena de um crime, e um crime brutal. Betty debatia-se no chão, ao lado de sua cama virada, os joelhos puxados para cima e os punhos apertados contra o abdômen, a musselina de sua combinação rasgada e ensopada de sangue. Fentiman estava no chão com ela, diminuído pelo corpanzil de Betty, mas inutilmente lutando com seu corpo espasmódico, quase tão sujo de sangue quanto ela.

O sol já se levantara completamente e penetrava pelas minúsculas janelas em brilhantes fachos que realçavam partes do caos, deixando o resto imerso numa confusa escuridão. Havia catres empurrados para o lado e virados, roupas de cama amontoadas em pilhas, sapatos usados e peças de roupas espalhadas como destroços entre as manchas de sangue fresco no assoalho de madeira.

Atravessei o sótão correndo, mas antes que pudesse alcançá-la, Betty deu uma tossida profunda e gorgolejante, e mais sangue jorrou de sua boca e nariz. Ela curvou-se para frente, arqueou as costas, dobrou-se com força outra vez... e desabou, completamente inerte.

Caí de joelhos ao seu lado, embora bastasse um olhar para ver que seus membros haviam se relaxado naquela imobilidade final da qual não haveria esperança de renascimento. Ergui sua cabeça e pressionei meus dedos sob seu maxilar; seus olhos haviam se revirado para trás, vendo-se agora apenas o branco. Nenhuma respiração, nenhum sinal de pulso no pescoço pegajoso.

Pela quantidade de sangue espalhada no aposento, imaginei que restasse muito pouco em seu corpo. Seus lábios estavam azuis e sua pele ficara da cor de cinzas. Fentiman ajoelhava-se atrás dela, sem peruca e pálido, os braços magros ainda presos ao redor do torso pesado, segurando seu corpo flácido parcialmente acima do solo.

Ele estava em seu camisolão de dormir, eu notei, um par de calças de cetim azul vestido apressadamente por baixo. O ar fedia a sangue, biliar e fezes, e ele estava emporcalhado de todas essas substâncias. Ergueu os olhos para mim, embora não demonstrasse nenhum sinal de reconhecimento, os olhos arregalados e vazios do choque.

— Dr. Fentiman. — Falei baixinho; com o cessar do barulho da luta, o sótão fora atingido por aquele silêncio absoluto que geralmente se segue no rastro da morte, e parecia um sacrilégio quebrá-lo.

Ele piscou e sua boca moveu-se um pouco, mas ele não parecia ter nenhuma ideia de como responder. Ele não se moveu, embora a poça de sangue que se ampliava tivesse encharcado os joelhos de suas calças. Coloquei a mão em seu ombro; era feito de ossos minúsculos, mas rígidos em sua negação. Eu conhecia o sentimento; perder um paciente pelo qual você havia lutado era algo terrível — e no entanto era um sentimento que todos os médicos conheciam.

— Você fez tudo que podia — eu disse, ainda brandamente, e apertei seu ombro com mais força. — Não é culpa sua. — O que acontecera no dia anterior não tinha importância. Ele era um colega de profissão e eu lhe devia toda absolvição que estivesse em meu poder conceder.

Ele umedeceu os lábios ressecados e balançou a cabeça uma vez, depois se inclinou para cuidadosamente deitar o corpo no chão. Um facho de luz roçou o topo de sua cabeça, brilhando através de cabelos ralos, grisalhos e cortados bem rentes, e fazendo os ossos de seu crânio parecerem finos e frágeis. De repente ele parecia inteiramente frágil e deixou que eu o ajudasse a se levantar sem nenhum protesto.

Um gemido baixo fez com que eu me virasse, ainda segurando o braço do médico. Um aglomerado de escravas aninhava-se no canto sombreado do quarto, rostos desolados e mãos escuras tremendo, indecisas, sobre a musselina clara de suas combinações. Ouviam-se vozes masculinas na escada do lado de fora, abafadas e ansiosas. Pude ouvir Jamie, a voz baixa e calma, explicando.

— Gussie? — chamei na direção das mulheres no canto com o primeiro nome que me veio à mente.

O grupo de mulheres manteve-se aglomerado por um instante, depois relutantemente se desfez, e Gussie deu um passo à frente, uma garota da Jamaica, morena-clara, frágil como uma mariposa, minúscula sob um turbante de morim azul.

— Senhora? — Ela mantinha os olhos nos meus, deliberadamente afastados da figura imóvel no chão.

— Vou levar o dr. Fentiman para baixo. Pedirei a alguns dos homens que venham para... para levar Betty. Isso... — gesticulei na direção da sujeira no assoalho, e ela balançou a cabeça, ainda em choque, mas obviamente aliviada em ter algo a fazer.

— Sim, senhora. Nós fazemos isso rapidamente. — Ela hesitou, os olhos dardejaram pelo quarto, depois olhou de novo para mim. — Senhora?

-Sim?

— Alguém deve ir... contar à garota de nome Phaedre o que

aconteceu com Betty. Pode contar a ela, por favor?

Espantada, eu olhei e percebi que Phaedre não estava entre as escravas no canto. Claro; como criada pessoal de Jocasta, ela devia dormir embaixo, perto de sua patroa, mesmo em sua noite de núpcias.

— Sim — eu disse, hesitante. — Claro. Mas...

— Essa Betty é a mãe dessa garota — Gussie disse, vendo minha incompreensão. Ela engoliu, os meigos olhos castanhos marejados de lágrimas. — Alguém... posso ir, senhora? Posso ir contar a ela?

— Por favor — eu disse, recuando um passo e fazendo sinal para que ela fosse. Ela passou pelo corpo na ponta dos pés, depois disparou para a porta, os pés descalços e calosos batendo suavemente nas tábuas do assoalho.

O dr. Fentiman começara a emergir de seu estado de choque. Desvencilhou-se de mim e inclinou-se para o chão, fazendo vagos gestos de busca. Vi que sua maleta de médico fora derrubada durante a luta; frascos e instrumentos espalhavam-se pelo assoalho numa confusão de metais e cacos de vidro.

Antes que ele pudesse recuperar a maleta, entretanto, houve uma breve comoção na escada e Duncan entrou no quarto, Jamie nos seus calcanhares. Notei com certo interesse que Duncan ainda usava suas roupas de casamento, embora sem o casaco e o colete. Será que nem se deitara?, me perguntei.

Ele fez um aceno com a cabeça para mim, mas seus olhos dirigiram-se imediatamente para Betty, agora esparramada no chão, a combinação ensanguentada embolada ao redor de suas coxas grossas e espalhadas. Um dos seios havia saltado do tecido rasgado, pesado e flácido como uma bolsa parcialmente cheia. Duncan piscou várias vezes. Em seguida, passou as costas da mão pelo bigode e respirou fundo. Foi pegar uma colcha da carnificina e estendeu-a delicadamente sobre ela.

— Ajude-me com ela, Mac Dubh — ele disse.

Vendo o que ele pretendia, Jamie ajoelhou-se e levantou a mulher morta nos braços. Duncan endireitou-se e virou o rosto na direção das mulheres no canto.

— Não se preocupem — ele disse serenamente. — Mandarei que cuidem dela. — Havia um tom incomum de autoridade em sua voz que me fez perceber que, apesar de sua timidez natural, ele aceitara o fato de que ele era o patrão ali.

Os homens saíram com seu fardo e eu ouvi o dr. Fentiman soltar um profundo suspiro. Foi como se todo o sôtão suspirasse com ele; a atmosfera ainda estava pesada de dor e mau cheiro, mas o choque da

morte violenta se dissipava.

— Deixe tudo aí — eu disse a Fentiman, vendo-o mover-se novamente para apanhar uma garrafa no chão. — As mulheres cuidarão disso. — Sem esperar protestos, segurei-o com firmeza pelo cotovelo e o conduzi pela porta e pela escada abaixo.

As pessoas já haviam se levantado; ouvi o ruído de louça na sala de jantar e o leve aroma de salsichas. Eu não podia levá-lo pelos aposentos em comum em seu estado atual, nem para os quartos em cima; ele certamente dividia um aposento com vários outros homens, alguns dos quais ainda poderiam estar na cama. Por falta de ideia melhor, eu o levei para fora, parando para pegar outra das capas das criadas dos cabides junto à porta e passando-a ao redor de seus ombros.

Então Betty era — ou fora — a mãe de Phaedre. Eu não conhecera Betty muito bem, mas eu conhecia Phaedre e senti a tristeza por ela apertar minha garganta. Mas não havia nada que eu pudesse fazer por ela no momento; no entanto, talvez eu pudesse ajudar o médico.

Mudo com o choque, ele me seguiu obedientemente enquanto eu o conduzia pelo caminho lateral junto aos gramados, protegidos da vista pelo mausoléu de mármore branco de Hector Cameron e seus arbustos ornamentais. Havia um banco de pedra perto do rio, semioculto sob um salgueiro— chorão. Eu duvidava que alguém o estivesse usando àquela hora da manhã.

Ninguém estava, embora houvesse dois copos de vinho sobre o banco, manchados de vermelho da sedimentação, restos abandonados das comemorações da noite. Imaginei por um breve instante se alguém estivera ali num encontro amoroso e lembrei-me de repente do meu próprio encontro noturno. Droga, eu ainda não sabia ao certo de quem eram aquelas mãos!

Afastando a pergunta incômoda juntamente com os copos de vinho, sentei-me, indicando ao dr. Fentiman que viesse sentar-se ao meu lado. Fazia frio, mas o banco estava inteiramente ao sol a esta hora, seu calor reconfortante em meu rosto. O médico estava com uma aparência melhor com o ar fresco; vestígios de cor haviam retornado às suas faces e seu nariz recuperara seu tom rosado normal.

— Está se sentindo um pouco melhor?

Ele balançou a cabeça, encolhendo os ombros estreitos sob a capa.

— Estou, obrigado, sra. Fraser.

— Foi um choque brutal, não? — perguntei, com um tom compreensivo de médico.

Ele fechou os olhos e assentiu.

— Estou chocado... sim, muito chocado — ele murmurou. — Eu jamais teria... — Sua voz definhou e eu o deixei permanecer em silêncio por um instante. Ele iria precisar falar sobre o que aconteceu, mas era melhor deixar que o fizesse em seu próprio ritmo.

— Fez bem em acorrer tão depressa — eu disse, após algum tempo. — Vejo que o tiraram da cama. Ela piorou de repente, então?

— Sim. Eu poderia jurar que ela estava melhor ontem à noite, depois da sangria. — Esfregou o rosto com as duas mãos e emergiu piscando, os olhos muito vermelhos. — O mordomo me acordou pouco antes do amanhecer e eu a encontrei novamente se queixando de dores abdominais. Eu a sangrei outra vez e depois administrei um clister, mas de nada adiantou.

— Um clister? — murmurei. Clisteres eram enemas, um remédio muito usado na época. Alguns eram bastante inofensivos, outros eram positivamente corrosivos.

— Uma tintura de nicotiana — ele explicou, — que vejo dar bons resultados na maioria dos casos de dispepsia.

Fiz um ruído não comprometedor em resposta. Nicotiana era tabaco; imagino que uma forte solução disso, administrada pelo reto, iria provavelmente resolver prontamente um caso de lombriga, mas não creio que pudesse ajudar muito para indigestão. De qualquer modo, também não faria ninguém sangrar daquele jeito.

— Um sangramento extraordinário — eu disse, apoiando os cotovelos nos joelhos e descansando o queixo nas mãos. — Acho que nunca vi nada parecido. — Isso era verdade. Eu estava curiosa, revolvendo mentalmente várias possibilidades, mas nenhum diagnóstico parecia se encaixar.

— Não. — As faces pálidas do dr. Fentiman começaram a exibir pontos vermelhos. — Eu... se eu tivesse pensado...

Inclinei-me para ele e coloquei a mão de modo consolador em seu braço.

— Tenho certeza de que fez tudo que qualquer outra pessoa poderia fazer — eu disse. — Ela não estava sangrando pela boca quando a viu ontem à noite, não é?

Ele sacudiu a cabeça, curvando-se ainda mais dentro da capa.

— Não. Mesmo assim, eu me culpo, eu realmente me culpo.

— Sim, a gente sempre se culpa — eu disse melancolicamente. — Sempre há aquela sensação de que deveria ter sido capaz de fazer alguma coisa além.

Ele percebeu a profundidade de sentimento em minha voz e virou-se para mim, parecendo surpreso. Sua tensão amainou um pouco e o

rubor começou a se dissipar de suas faces.

— A senhora possui... uma extraordinária compaixão solidária, sra. Fraser.

Sorri para ele, sem falar. Ele podia ser um charlatão, podia ser ignorante, arrogante e descontrolado — mas acorrera imediatamente quando chamado e lutara por sua paciente com o melhor de sua capacidade. Isso fazia dele um médico, a meu ver, e merecedor de solidariedade.

Após um instante, ele colocou a mão sobre a minha. Permanecemos sentados em silêncio, observando o rio correr marrom-escuro e turvo com o assoreamento. O banco de pedra estava frio sob mim, e a brisa da manhã não parava de enfiar dedos gelados sob a minha combinação, mas eu estava preocupada demais para notar tais pequenos desconfortos. Eu podia sentir o cheiro de sangue secando nas roupas do médico e vi novamente a cena no sótão. De que diabos a mulher havia morrido?

Investiguei-o delicadamente, fazendo perguntas com tato, extraindo qualquer detalhe que ele tivesse colhido, mas de nada adiantaram. Ele não era observador nem em seus melhores momentos, e era muito cedo e o sótão estava escuro. Mas ele foi ficando mais relaxado com a conversa, gradualmente expurgando de si próprio aquela sensação de fracasso pessoal que é o preço frequente dos cuidados de um médico.

— Espero que a sra. Cameron — a sra. Innes, quero dizer — não sinta que eu tenha traído sua hospitalidade — ele disse, constrangido.

Parecia uma maneira estranha de colocar a questão. Por outro lado... Betty era propriedade de Jocasta. Imaginei que, além de qualquer noção de fracasso pessoal, o dr. Fentiman também estivesse contemplando a possibilidade de que Jocasta pudesse culpá-lo por não evitar a morte de Betty e tentar reclamar uma compensação.

— Tenho certeza de que ela compreenderá que o senhor fez todo o possível — eu disse de maneira tranquilizadora. — Direi isso a ela, se quiser.

— Minha cara senhora. — O dr. Fentiman apertou minha mão, agradecido. — É tão bondosa quanto adorável.

— Acha mesmo, doutor?

Uma voz masculina falou friamente atrás de mim e eu dei um salto, deixando cair a mão do dr. Fentiman como se fosse um fio de alta voltagem. Girei no banco e deparei-me com Phillip Wylie, recostado no tronco do salgueiro-chorão com uma expressão sarcástica no rosto.

— "Bondosa" não é a palavra que vem imediatamente à mente,

devo dizer. "Libertina", talvez. "Devassa", sem dúvida. Mas "adorável", sim... tenho que concordar.

Seus olhos varreram-me da cabeça aos pés com uma insolência que eu teria achado absolutamente inadmissível — não tivesse eu repentinamente percebido que o dr. Fentiman e eu estivéramos sentados de mãos dadas, no que só poderiam ser considerados trajes comprometedores, ambos ainda em suas roupas de dormir.

Levantei-me, puxando meu roupão ao redor do corpo com grande dignidade. Seus olhos estavam fixos nos meus seios — com uma expressão conhecedora?, me perguntei. Cruzei os braços no peito, erguendo meus seios desafiadoramente.

— O senhor perdeu a cabeça, sr. Wylie — eu disse, com a maior frieza possível.

Ele riu, mas não como se estivesse realmente achando graça em alguma coisa.

— Perdi a cabeça? Não está se esquecendo de alguma coisa, sra. Fraser? Como, por exemplo, o seu vestido? Não acha um pouco frio para estar vestida desse modo? Ou os abraços do bom doutor a aquecem o suficiente?

O dr. Fentiman, tão chocado quanto eu com o surgimento de Wylie, levantara-se e agora postava-se à minha frente, as faces magras vermelhas de fúria.

— Como se atreve, senhor! Como pode ter a presunção infernal de falar com uma senhora desse modo? Se eu estivesse armado, senhor, eu o desafiaria agora mesmo, juro!

Wylie estivera fitando-me ousadamente. Diante disso, seu olhar transferiu-se para Fentiman e ele viu o sangue que manchava as pernas e as calças do médico. Sua expressão colérica tornou-se incerta.

— Eu... aconteceu alguma coisa, senhor?

— Não é nada da sua conta, posso garantir. — Fentiman se eriçara como um galinho de briga, empertigando-se. Um tanto pomposamente, ele me ofereceu seu braço.

— Vamos, sra. Fraser. Não precisa ficar exposta às provocações insultuosas deste fedelho. — Fitou Wylie furiosamente, os olhos vermelhos. — Permita-me escoltá-la de volta a seu marido.

O rosto de Wylie sofreu uma transformação instantânea à palavra "fedelho", tornando-se horrorosamente roxo. Tão cedo de manhã, ele não estava usando nem pintura, nem pó de arroz, e as manchas vermelhas de cólera destacavam-se como uma erupção em sua pele clara. Ele pareceu inchar-se perceptivelmente, como um sapo enraivecido.

Senti uma repentina necessidade de rir histericamente, mas nobremente me contive. Em vez disso, mordi o lábio e aceitei o braço do médico. Ele mal atingia meu ombro, mas girou nos calcanhares descalços e nos fez marchar para longe dali, com toda a dignidade de um general.

Olhando para trás por cima do ombro, vi Wylie ainda de pé sob o salgueiro-chorão, fitando-nos. Ergui a mão e lhe dei um adeusinho de despedida. Minha aliança de ouro cintilou à luz do sol e eu o vi enrijecer-se ainda mais.

— Espero que cheguemos a tempo do café da manhã — o dr. Fentiman disse alegremente. — Acho que recuperei completamente meu apetite.

SUSPEITA

Os convidados começaram a partir após o café da manhã. Jocasta e Duncan permaneceram juntos no terraço, a verdadeira imagem de um casal unido e feliz, despedindo-se de todos, conforme uma fileira de carruagens e carroças descia lentamente pelo caminho de entrada da fazenda. As pessoas que moravam mais abaixo do rio esperavam no ancoradouro, as mulheres trocando bisbilhotices e receitas de última hora, enquanto os homens acendiam seus cachimbos e se coçavam, aliviados de suas perucas formais e roupas desconfortáveis. Seus criados, todos parecendo exaustos, sentavam-se apalermados e de olhos vermelhos sobre os fardos das bagagens.

— Você parece cansada, mamãe. — A própria Bri parecia um pouco cansada; ela e Roger ficaram acordados até altas horas. Um leve cheiro de cânfora se desprendia de suas roupas.

— Não faço a menor ideia por quê — eu disse, contendo um bocejo. — Como está Jemmy agora de manhã?

— Está com o nariz entupido — ela disse, — mas não tem febre. Comeu um pouco de mingau no café da manhã e ele...

Balancei a cabeça, ouvindo automaticamente, e fui com ela examinar Jemmy, que parecia alegremente barulhento, ainda que o nariz escorresse, tudo num leve torpor de exaustão. Fazia-me lembrar da sensação que eu tinha às vezes, quando viajava dos Estados Unidos para a Inglaterra. E jet lag, diziam; uma sensação estranha, de estar consciente e lúcido, mas ainda assim não inteiramente fixo no próprio corpo.

A jovem Gussie tomava conta de Jemmy; ela estava pálida e de olhos injetados como todo mundo no local, mas eu achava que seu ar de embotado sofrimento derivava de aflição emocional, e não de ressaca. Todos os escravos foram afetados pela morte de Betty; continuavam com seus afazeres de limpeza depois das festividades do casamento quase em silêncio, os rostos tristonhos.

— Está se sentindo bem? — eu lhe perguntei, depois de ter terminado de examinar os ouvidos e a garganta de Jemmy.

Ela pareceu surpresa, depois confusa; me perguntei se alguém algum dia já lhe fizera essa pergunta.

— Oh. Oh, sim, senhora. Claro. — Ela alisou seu avental com

ambas as mãos, claramente nervosa com o meu escrutínio.

— Tudo bem. Então vou dar uma olhada em Phaedre.

Eu voltara para a casa com o dr. Fentiman e o entreguei a Ulysses, para ser arrumado e alimentado. Em seguida, fui diretamente ver Phaedre, parando apenas para me lavar e trocar de roupas — não querendo ir à sua presença visivelmente suja com o sangue de sua mãe.

Eu a encontrei na despensa de Ulysses, em choque e entorpecida, no banquinho onde costumava se sentar para polir a prataria, um grande copo de conhaque ao seu lado, intocado. Uma das outras escravas, Teresa, estava com ela; soltou um breve suspiro de alívio à minha chegada e veio me cumprimentar.

— Ela não está nada bem — Teresa murmurou para mim, sacudindo a cabeça com um olhar preocupado para sua companheira. — Não disse nem uma palavra, nem derramou uma lágrima.

O belo rosto de Phaedre parecia esculpido em madeira; normalmente de uma delicada cor de canela, suas feições haviam desbotado para um marrom pálido, lenhoso, e seus olhos olhavam fixamente pela porta aberta da despensa para a parede vazia mais além.

Coloquei a mão em seu ombro; estava quente, mas tão imóvel que mais parecia uma pedra ao sol.

— Sinto muito — eu lhe disse, baixinho. — Muito mesmo. O dr. Fentiman a socorreu, ele fez tudo que pôde. — Era verdade; de nada adiantava dar opinião sobre a capacidade de Fentiman, de qualquer modo era irrelevante agora.

Nenhuma reação. Ela estava respirando; eu podia ver o leve subir e descer de seu peito, mas isso era tudo.

Mordi a parte interna de meu lábio inferior, tentando pensar em alguma coisa ou em alguém que pudesse lhe dar algum consolo. Jocasta? Será que Jocasta já sabia da morte de Betty? Duncan sabia, é claro, mas ele podia ter preferido não lhe contar enquanto os hóspedes não tivessem ido embora.

— O padre — eu disse, a ideia me ocorrendo subitamente. — Gostaria que o padre LeClerc... abençoasse o corpo de sua mãe? — Achei um pouco tarde para extrema-unção — presumindo-se que Phaedre soubesse do que se tratava, — mas eu tinha certeza de que o padre teria prazer em oferecer qualquer consolo que pudesse. Ele ainda não havia partido; eu o vira na sala de jantar há poucos instantes, limpando uma travessa de costeletas de porco guarnecidas com ovos fritos e molho.

Um ligeiro tremor percorreu o ombro sob minha mão. O rosto belo, imóvel, virou-se para mim, os olhos escuros opacos.

— De que adiantaria? — ela sussurrou.

— Ah... bem... — Confusa, busquei uma resposta, mas ela já virara o rosto, fitando uma mancha na madeira da mesa.

O que eu acabei fazendo foi lhe dar uma pequena dose de láudano — uma ironia que resolutamente ignorei — e dizer a Teresa que a colocasse na cama onde ela costumava dormir, no quarto de vestir ao lado do boudoir de Jocasta.

Empurrei a porta do quarto de vestir agora para ver como Phaedre estava. O pequeno quarto era escuro e sem janelas, cheirando a goma e à leve fragrância floral da água-de-colônia de Jocasta. Um enorme armário e seu correspondente chiffonier ficavam de um lado, uma penteadeira do outro. Uma cortina delimitava a extremidade mais distante e, atrás dela, a cama estreita de Phaedre.

Eu podia ouvi-la ressonando, devagar e profundamente, e me senti tranquilizada. Atravessei silenciosamente o quarto escuro e afastei um pouco a cortina; ela estava deitada de lado, de costas para mim, enrolada numa bola, com os joelhos puxados para cima.

Bri entrara no quarto de vestir atrás de mim; olhou por cima do meu ombro, seu hálito quente em meu ouvido. Fiz um breve gesto indicando que tudo estava bem e puxei a cortina de volta no lugar.

Logo antes da entrada do boudoir, Brianna parou. Virou-se repentinamente para mim, passou os braços à minha volta e me abraçou com todas as forças. No aposento iluminado logo adiante, Jemmy sentiu sua falta e começou a gritar.

— Mamã! Mã-MÃ!

Achei que eu devia comer alguma coisa, mas com o cheiro do sótão e o perfume de água-de-colônia ainda entranhados no meu nariz, não tinha nenhum apetite. Alguns hóspedes ainda vagavam pela sala de jantar; amigos particulares de Jocasta, ainda se demorariam mais um ou dois dias. Balancei a cabeça e sorri enquanto passava, mas ignorei os convites para ir me unir a eles, dirigindo-me, em vez disso, à escada para o segundo andar.

O quarto estava vazio, os colchões despidos de suas cobertas e as janelas abertas para arejar o aposento. A lareira fora varrida e o quarto estava frio, mas graças a Deus silencioso.

Minha capa ainda estava pendurada no armário. Deitei-me no colchão desguarnecido, puxei a capa sobre mim e adormeci instantaneamente.

Acordei pouco antes do pôr do sol, faminta, com uma sensação

mista e estranha de inquietação e tranquilidade. A tranquilidade eu entendi imediatamente; o cheiro de sangue e flores fora substituído pelo de sabonete de barbear e roupas de cama aquecidas pelo calor do corpo humano, e a pálida luz dourada que se infiltrava pela janela iluminava o travesseiro ao meu lado, onde um longo fio de cabelo vermelho-dourado cintilava na cavidade deixada pela cabeça de alguém. Jamie viera dormir ao meu lado.

Como se convocado pelos meus pensamentos, a porta se abriu e ele sorriu para mim. Barbeado, penteado, com roupas limpas e olhos desanuviados, ele parecia ter apagado qualquer vestígio da noite anterior — exceto a expressão de seu rosto quando olhava para mim. Apesar de desgrehada e desarrumada como eu estava em contraste com sua perfeita aparência, o olhar de ternura em seus olhos me aqueceu, apesar do frio remanescente no quarto.

— Finalmente acordada. Dormiu bem, Sassenach?

— Como morta — respondi automaticamente, depois senti um pequeno estremecimento interno diante do que dissera.

Ele viu o reflexo disso no meu rosto e aproximou-se rapidamente, sentando-se na cama ao meu lado.

— O que foi? Teve um pesadelo, Sassenach?

— Não exatamente — eu disse devagar. Na realidade, eu não tinha nenhuma lembrança de ter tido um sonho. Entretanto, minha mente parecia ter estado fazendo anotações nas sombras da inconsciência, tomando notas e tirando conclusões. Acionada agora pela palavra "morta", ela acabava de me apresentar suas conclusões, o que explicava a sensação de desassossego com que eu acordara.

— Aquela mulher, Betty. Ela já foi enterrada?

— Não. Deram banho no corpo e o colocaram num barracão, mas Jocasta quis esperar até de manhã para o enterro, para não perturbar os hóspedes. Alguns vão ficar mais uma noite. — Ele franziu a testa ligeiramente, observando-me. — Por quê?

Passei a mão pelo rosto, menos para despertar do que para recolher as palavras.

— Há alguma coisa errada. Sobre a morte dela, quero dizer.

— Errada... como? — Uma de suas sobranceiras ergueu-se. — Foi uma terrível forma de morrer, sem dúvida, mas não é isso que você está querendo dizer, não é?

— Não. — Minhas mãos estavam frias; busquei as dele automaticamente e ele as segurou, envolvendo meus dedos em calor. — Quero dizer... eu não acredito que tenha sido uma morte natural. Acho que alguém a matou.

Dito abruptamente dessa forma, as palavras pairaram frias e duras no ar entre nós.

Ele cerrou as sobrancelhas e contraiu ligeiramente os lábios, pensando. Notei, entretanto, que ele não rejeitou a ideia de chofre, e isso fortaleceu minha convicção.

— Quem? — ele perguntou finalmente. — E você tem certeza disso, Sassenach?

— Não faço a menor ideia. E não há como ter certeza absoluta — admiti. — É apenas que... — hesitei, mas ele apertou uma de minhas mãos levemente, para me encorajar. Sacudi a cabeça. — Tenho sido enfermeira, médica, curandeira há muito tempo, Jamie. Vi um número incrível de pessoas morrer, de todo tipo de causas. Não consigo colocar em palavras o que realmente aconteceu aqui, mas agora que dormi pensando no assunto, eu simplesmente sei, eu acho, que há alguma coisa errada — concluí, um pouco desajeitadamente.

A luz desaparecia; sombras desciam dos cantos do aposento e eu estremeci repentinamente, agarrando suas mãos.

— Compreendo — ele disse suavemente. — Mas não há nenhum modo de você ter certeza, não é?

A janela ainda estava semiaberta; as cortinas ondularam repentinamente para dentro do quarto com uma rajada de vento, e eu senti os pelos dos meus braços eriçarem-se de frio.

— Talvez haja — eu disse.

UMA NOITE DIFÍCIL

O lugar onde haviam colocado o corpo ficava bem distante da casa - um pequeno barracão de ferramentas depois da horta. A lua minguante estava baixa no céu, mas ainda lançava bastante luminosidade para se ver o caminho de tijolos que atravessava a horta; as árvores frutíferas estacadas estendiam seus galhos negros como teias de aranha contra os muros. Alguém andara escavando; eu podia sentir a umidade fria de terra recém-revolvida, e estremeci involuntariamente à ideia de minhocas e mofo.

Jamie percebeu e colocou a mão de leve em minhas costas.

— Tudo bem, Sassenach? — sussurrou.

— Sim. — Agarrei sua mão livre para me sentir mais segura. Certamente não iriam enterrar Betty na horta; a escavação devia ser para algo prosaico, como um canteiro de cebolas ou uma trincheira de ervilhas. O pensamento era reconfortante, embora ainda sentisse minha pele fria e fina, formigando de apreensão.

O próprio Jamie estava longe de estar tranquilo, embora aparentemente bem controlado, como sempre. A morte não lhe era estranha e ele não a temia desmesuradamente. Mas ele era tanto católico quanto celta, com uma forte convicção em outro mundo, invisível, que ficava além da dissolução do corpo. Ele acreditava implicitamente em tannasgeach — em espíritos — e não tinha nenhuma vontade de deparar-se com um deles. Ainda assim, se eu estivesse determinada, ele enfrentaria o outro mundo por mim; apertou minha mão com força e não a soltou.

Eu também apertei sua mão, profundamente agradecida por sua presença. Além da questão discutível de como o espírito de Betty se sentiria a respeito do meu plano de ação, eu sabia que a ideia de mutilação deliberada o perturbava profundamente, por mais que sua própria inteligência estivesse convencida de que um corpo sem alma não passava de barro.

— Ver um homem esfaqueado até a morte em um campo de batalha é uma coisa — ele dissera anteriormente, ainda discutindo comigo. — E a guerra é honrosa, por mais cruel que seja. Mas pegar uma lâmina e cortar uma pobre inocente como essa mulher a sangue-frio... — Olhou para mim, os olhos sombreados pelo pensamento conturbado. — Tem certeza de que precisa fazer isso, Claire?

— Sim, tenho — eu dissera, os olhos fixos no conteúdo da bolsa que eu estava arrumando. Um grande rolo de algodão, para absorver os fluidos, pequenas jarras para amostras de órgãos, minha maior serra de ossos, dois bisturis, um enorme par de tesouras de lâminas pesadas, uma faca afiada que eu pegara na cozinha... era uma coleção sinistra, sem dúvida. Enrolei a tesoura numa toalha para evitar que chacoalhasse contra os outros instrumentos e coloquei tudo numa bolsa, escolhendo cuidadosamente minhas palavras.

— Olhe — eu disse finalmente, erguendo os olhos para encará-lo. — Há alguma coisa errada, tenho certeza. E se Betty foi assassinada, então certamente nós lhe devemos descobrir a verdade. Se você fosse assassinado, não ia querer que alguém fizesse todo o possível para provar isso? Para... para vingá-lo?

Ele ficou imóvel por um longo tempo, os olhos estreitados, imerso em pensamento, enquanto me fitava. Depois seu rosto relaxou e ele assentiu.

— Sim — disse serenamente. Pegou a serra de ossos e começou a enrolá-la num pano.

Ele não fez mais nenhum protesto. Não me perguntou outra vez se eu tinha certeza. Apenas disse com firmeza que, se eu estava disposta a fazer aquilo, ele iria comigo, e isso era tudo.

Quanto a ter certeza, eu não tinha. Eu nutria, sim, uma forte sensação de que havia alguma coisa errada naquela morte, mas estava menos confiante na minha ideia do que seria, com a lua fria descendo por um céu vazio e o vento roçando minhas faces com o toque de dedos gelados.

Betty pode ter morrido apenas por acidente, não maldade. Eu podia estar errada; talvez fosse apenas uma hemorragia de uma úlcera do esôfago, o rompimento de um aneurisma na garganta ou alguma outra peculiaridade fisiológica. Pouco comum, mas natural. Eu estaria fazendo isso, na verdade, apenas para vingar minha fé em meus próprios poderes de diagnóstico?

O vento enfunou minha capa e eu a enrolei mais no corpo, com uma das mãos, enrijecendo a espinha. Não. Não fora uma morte natural, eu tinha certeza. Eu não sabia dizer como eu sabia disso, mas felizmente Jamie não me perguntara isso.

Tive um breve lampejo de lembrança; Joe Abernathy, um sorriso jovial de desafio no rosto, enfiando a mão em uma caixa de papelão cheia de ossos, dizendo: "Eu só queria ver se você conseguia fazer isso com um morto, Lady Jane."

Eu podia; eu fiz. Ele me entregou um crânio e a lembrança de Geillis Duncan me percorreu como gelo líquido.

— Você não precisa fazer isso, Claire. — A mão de Jamie apertou a minha com mais força. — Eu não acharia que você foi covarde. — Sua voz era suave e séria, quase inaudível acima do vento.

— Eu acharia — eu disse, e senti que ele balançou a cabeça. Isso encerrava a questão, então; ele soltou minha mão e adiantou-se à minha frente, para abrir o portão.

Ele parou e meus olhos acostumados à escuridão perceberam a linha nítida de seu perfil quando ele virou a cabeça, ouvindo. A lamparina com a luz encoberta que ele carregava desprendia um cheiro quente de óleo queimado, e um leve clarão escapava de sua cobertura salpicando o tecido de minha capa com minúsculos pontos de luz turva.

Olhei à minha volta e para trás, para a casa. Apesar de tarde, ainda havia velas queimando na sala de visitas de trás, onde os jogos de cartas continuavam; captei um leve murmúrio de vozes, quando o vento mudou de direção, e uma risada repentina. A maioria dos aposentos do andar superior estava às escuras, exceto uma das janelas que eu reconheci como sendo de Jocasta.

— Sua tia ainda está acordada até agora — murmurei para Jamie. Ele virou-se e olhou para a casa.

— Não, é Duncan — ele disse suavemente. — Afinal, minha tia não precisa da luz.

— Talvez ele esteja lendo para ela na cama — sugeri, tentando aliviar a solenidade de nossa missão. Jamie emitiu um pequeno muxoxo zombeteiro, mas a atmosfera opressiva realmente se desanuviou um pouco. Ele destravou o portão e empurrou-o, exibindo uma área escura como breu. Voltei as costas para as amistosas luzes da casa e atravessei-o, sentindo-me um pouco como Perséfone entrando no Hades.

Jamie girou o portão e me entregou a lamparina.

— O que está fazendo? — sussurrei, ouvindo o ruje-ruje de suas roupas. Estava tão escuro junto ao portão que eu só podia vê-lo como uma mancha escura, mas o leve som que veio em seguida explicou-me o que ele estava fazendo.

— Urinando nas estacas do portão — ele sussurrou para mim, dando um passo para trás e fazendo mais ruído de tecido ao amarrar suas calças. — Se temos que fazer isso, nós faremos, mas não quero nada nos seguindo de volta para casa.

Fiz meu próprio muxoxo zombeteiro diante disso, mas não fiz nenhuma objeção quando ele insistiu em repetir o ritual à porta do barracão. Imaginação ou não, a noite parecia de certo modo habitada,

como se seres invisíveis se movessem pela escuridão, sussurrando sob a voz do vento.

Foi quase um alívio entrar no barracão, onde o ar estava parado, embora o cheiro da morte se misturasse densamente com a umidade de ferrugem, palha apodrecida e madeira mofada. Houve um leve som de metal quando o painel de cobertura da lamparina escorregou para trás e um ofuscante fecho de luz recaiu sobre os recantos do barracão.

Eles haviam colocado o corpo da escrava morta em uma tábua sobre dois cavaletes, já lavado e adequadamente arrumado, envolto numa mortalha de tecido rústico. A seu lado, viam-se um pequeno pão e um copo de conhaque. Um ramalhete de ervas aromáticas secas, cuidadosamente amarradas, jazia sobre a mortalha, logo acima do coração. Quem o deixara ali?, me perguntei. Uma das outras escravas, sem dúvida. Jamie fez o sinal da cruz diante do corpo e olhou para mim, quase acusadoramente.

— Dá azar tocar em objetos de sepultura.

— Tenho certeza de que só dá azar apoderar-se deles — assegurei-lhe, a voz baixa, embora tenha me benzido antes de pegar os objetos e colocá-los no chão, num dos cantos do barracão. — Eu os colocarei de volta quando tiver terminado.

— Mmmhum. Espere um instante, Sassenach. Não toque nela ainda.

Ele buscou nos recessos de sua capa e fez surgir uma garrafinha. Destampou-a e, colocando os dedos na abertura, despejou um pouco do líquido, que aspergiu sobre o cadáver, murmurando uma breve oração em gaélico que eu reconheci como uma invocação a são Miguel para nos proteger de demônios, fantasmas e outros seres da noite. Muito útil.

— Isso é água benta? — perguntei, incrédula.

— Sim, claro. Peguei com padre LeClerc. — Ele fez o sinal da cruz sobre o corpo e colocou a mão rapidamente na curva encoberta de sua cabeça, antes de balançar a cabeça relutantemente para mim, num consentimento para que eu prosseguisse.

Retirei um bisturi da minha bolsa e cortei cuidadosamente a costura da mortalha. Eu havia levado uma agulha forte e fio encerado para costurar a cavidade do corpo; com sorte, eu também poderia reparar a mortalha o suficiente para ninguém perceber o que eu andara fazendo.

Seu rosto estava quase irreconhecível, as faces rechonchudas agora flácidas e encovadas, e o suave frescor de sua pele negra desbotado para um cinza esbranquiçado, os lábios e as orelhas de um roxo lívido.

Isso tornava as coisas mais fáceis; era óbvio que aquela era na verdade apenas uma casca, e não a mulher que eu vira antes. Aquela mulher, se ainda estivesse nas proximidades, não faria nenhuma objeção, pensei.

Jamie repetiu o sinal da cruz e disse algo baixinho, em gaélico. Em seguida, permaneceu imóvel, segurando a lamparina no alto para que eu pudesse trabalhar. A lamparina lançava a sombra de Jamie na parede do barracão, agigantada e fantasmagórica à luz bruxuleante. Desviei os olhos e concentrei-me no meu trabalho.

A mais formal e higiênica das autópsias modernas não passa de carnificina; esta não era melhor — e pior apenas na falta de luz, água e instrumentos esterilizados.

— Não precisa ver, Jamie — eu disse, endireitando-me um instante para passar o pulso pela testa. Apesar de frio como estava no barracão, eu suava com o trabalho pesado de abrir o esterno e o ar estava denso dos cheiros de um corpo aberto. — Há um prego na parede; você pode pendurar a lamparina lá, se quiser sair um pouco.

— Estou bem, Sassenach. O que é isso? — Ele inclinou-se, apontando cuidadosamente. O ar de inquietação em suas feições fora substituído pelo de interesse.

— A traqueia e os brônquios — respondi, acompanhando os graciosos anéis de cartilagem — e um pedaço de um pulmão. Se você está bem, pode trazer a luz um pouco mais para perto?

Sem separadores, eu não podia abrir bem a caixa torácica para expor o pulmão completo de cada lado, mas achava que podia ver o suficiente para eliminar algumas possibilidades. As superfícies de ambos os pulmões estavam negras e granulosas; Betty tinha quarenta e poucos anos e vivera toda a sua vida com fogueiras abertas.

— Qualquer coisa ruim que você inspira e não coloca para fora — fumaça de tabaco, fuligem, ar poluído, o que for — gradualmente acaba sendo jogada entre o tecido pulmonar e a pleura — expliquei, levantando um pouco da membrana pleural, fina e semitransparente, com a ponta do bisturi. — Mas o corpo não consegue se livrar completamente desses resíduos, de modo que permanecem lá. O pulmão de uma criança é rosado e limpo.

— Os meus estão assim como estes? — Jamie reprimiu uma pequena tosse reflexiva. — E o que é ar poluído?

— O ar em cidades como Edimburgo, onde você respira fumaça misturada ao nevoeiro que sobe da água. — Eu falava distraidamente, resmungando um pouco enquanto puxava as costelas para trás e espreitava a cavidade escura. — Os seus provavelmente não estão ruins assim, já que viveu tanto tempo ao ar livre ou em locais sem

aquecimento. Pulmões limpos são a recompensa de se viver sem fogo.

— É bom saber, se você não tem escolha — ele disse. — Tendo escolha, imagino que a maioria das pessoas prefere tossir e estar aquecida.

Não levantei os olhos, mas sorri, cortando o lóbulo superior do pulmão direito.

— Elas preferem, e é o que fazem. — Nenhuma indicação de hemorragia em nenhum pulmão; nenhum sangue nas vias aéreas; nenhuma evidência de embolia pulmonar. Nenhuma retenção de sangue no peito ou na cavidade abdominal tampouco, embora eu estivesse obtendo um pouco de infiltração. O sangue coagula logo após a morte, mas depois gradualmente se liquefaz outra vez.

— Me dê um pouco mais do algodão, por favor. — Uma pequena mancha de sangue na mortalha não iria preocupar ninguém, mas eu não queria sangue suficiente para deixar alguém bastante desconfiado para verificar por baixo da mortalha.

Inclinei-me sobre o corpo para pegar o algodão de sua mão, inadvertidamente apoiando a mão no lado do cadáver. O corpo emitiu um gemido baixo e Jamie deu um salto para trás com uma exclamação de espanto, a lamparina balançando perigosamente.

Eu mesma havia me sobressaltado, mas me recuperei rapidamente.

— Está tudo bem — eu disse, embora meu coração estivesse disparado e o suor em meu rosto tivesse repentinamente ficado frio. — Trata-se apenas de gases presos. Os cadáveres geralmente fazem barulhos estranhos.

— Sim. — Jamie engoliu em seco e balançou a cabeça, estabilizando a lamparina. — Sim, já vi isso várias vezes. Mas pega a gente de surpresa, não é? — Sorriu para mim, um sorriso enviesado, embora uma fina película de suor brilhasse em sua testa.

— É verdade. — Ocorreu-me que ele sem dúvida já lidara com muitos cadáveres, todos não embalsamados, e provavelmente ao menos tão familiarizado com os fenômenos da morte quanto eu. Coloquei a mão cautelosamente no mesmo lugar, mas nenhum outro barulho resultou, e eu retomei meu exame.

Outra diferença entre esta autópsia improvisada e a forma moderna era a falta de luvas. Minhas mãos estavam ensanguentadas até o pulso e os órgãos e as membranas tinham uma leve, mas desagradável e escorregadia camada de muco; apesar do frio que fazia no barracão, o processo inexorável de decomposição já começara. Enfiei a mão sob o coração e levantei-o para a luz, procurando grandes descolorações da superfície ou rupturas visíveis dos grandes vasos.

— Eles se movem, também, de vez em quando — Jamie disse, após um minuto. Havia um tom estranho em sua voz e eu ergui os olhos para ele, surpresa. Seus olhos estavam fixos no rosto de Betty, mas com um ar distante que deixava claro que ele via uma outra pessoa.

— Quem se move?

— Os cadáveres.

Meus braços se arrepriaram. Ele tinha razão, embora eu achasse que no momento ele devia ter guardado essa observação para si mesmo.

— Sim — eu disse, o mais descontraidamente possível, voltando a olhar para o meu trabalho. Fenômenos post mortem comuns. Em geral, apenas o movimento de gases.

— Uma vez eu vi um morto sentar-se — ele disse, o tom de voz tão descontraído quanto o meu.

— Onde, em um velório? Ele não estava realmente morto?

— Não, em um incêndio. E ele estava bem morto.

Ergui os olhos abruptamente. Sua voz era monótona e despreocupada, mas seu rosto ostentava um olhar interior de profunda abstração; o que quer que ele tivesse visto, estava vendo outra vez.

— Após Culloden, os ingleses queimaram os inimigos mortos no próprio campo de batalha. Nós sentimos o cheiro, mas não vimos a cena, a não ser quando me levaram para fora e me colocaram numa carroça, para me mandar para casa.

Ele ficara deitado, escondido, sob uma camada de feno, o nariz pressionado contra uma fenda nas tábuas para poder respirar. O condutor da carroça dera a volta no campo, para evitar quaisquer perguntas das tropas próximas à fazenda e, em dado momento, parou um instante para esperar que um grupo de soldados se afastasse.

— Havia uma nova pira sendo queimada, a talvez uns dez metros de distância; eles haviam acabado de atear fogo pouco antes, pois as roupas apenas começavam a carbonizar. Eu vi Graham Gillespie deitado na pira perto de mim e ele certamente estava morto, pois havia a marca de um tiro de pistola em sua têmpora.

A carroça esperou o que lhe pareceu um longo tempo, embora fosse difícil saber, através da névoa de dor e febre. Mas enquanto ele observava, viu Gillespie sentar-se repentinamente entre as chamas e virar a cabeça.

— Ele estava olhando diretamente para mim — ele disse. Se eu estivesse em plenas faculdades mentais, acho que teria dado um enorme berro. Da maneira como estava, apenas me pareceu... um gesto amistoso de Graham. — Havia um tom de humor nervoso em sua voz. — Achei que ele estivesse talvez me dizendo que não era tão

ruim estar morto. Isso ou me dando as boas-vindas ao inferno, talvez.

— Contração post mortem — eu disse, absorta na escavação do sistema digestivo. — O fogo faz os músculos se contraírem e os membros geralmente contorcem-se em posições muito reais. Podia trazer a luz mais para perto?

Eu havia soltado o esôfago e cuidadosamente cortei-o em toda a sua extensão, virando para fora o tecido flácido. Havia uma irritação na parte inferior e também havia sangue, mas nenhum sinal de ruptura ou hemorragia. Inclinei-me, examinando a cavidade faríngea, mas estava escuro demais para se ver alguma coisa. Eu não estava nada equipada para uma exploração detalhada, assim retornei meus exames para o outro lado, deslizando a mão sob o estômago e levantando-o.

Senti se aguçar a sensação de que havia algo errado que eu sentira durante todo o caso. Se havia algo errado, este era o lugar mais provável para encontrar uma prova. A lógica, assim como o sexto sentido, dizia isso.

Não havia nenhum alimento no estômago; depois de tanto vômito isso não era de surpreender. Mas quando cortei a grossa parede muscular, o forte cheiro de ipecacuanha sobressaiu-se ao mau cheiro do corpo.

— O que foi? — Jamie inclinou-se para frente diante da minha exclamação, franzindo a testa para o corpo.

— Ipecacuanha. Aquele charlatão ministrou-lhe ipecacuanha... e há pouco tempo! Sente o cheiro?

Ele fez uma careta de nojo, mas cheirou cautelosamente, e balançou a cabeça.

— Isso não seria o correto a fazer, quando se tem uma pessoa com uma cólica estomacal? Você mesma não deu ipecacuanha à pequena Beckie MacLeod quando ela bebeu aquela poção azul?

— É verdade. — Beckie, de cinco anos, bebera metade da garrafa da decocção de arsênico que eu fizera para envenenar ratos, atraída pela cor azul— clara e evidentemente nem um pouco dissuadida pelo gosto. Bem, os ratos também gostaram. — Mas eu fiz isso logo em seguida. Não há explicação para dar isso horas mais tarde, quando o veneno ou agente irritante já passou pelo estômago.

Mas, considerando o grau de conhecimento médico de Fentiman, ele saberia disso? Ele poderia simplesmente ter administrado ipecacuanha outra vez porque não sabia mais o que fazer. Franzi a testa, virando para fora a parede do estômago. Sim, essa era a causa da hemorragia; a parede interna estava esfolada, vermelho-escuro

como carne moída. Havia uma pequena quantidade de líquido no estômago; linfa translúcida que começara a se separar do sangue coagulado restante no corpo.

— Então você está pensando que talvez tenha sido a ipecacuanha que a matou?

— Eu estava... mas agora não tenho tanta certeza — murmurei, sondando cuidadosamente. Ocorrera-me que se Fentiman houvesse dado uma dose forte de ipecacuanha a Betty, o violento vômito provocado por ela poderia ter causado uma ruptura interna e hemorragia, mas eu não estava encontrando nenhuma evidência disso. Usei o bisturi para abrir mais o estômago, puxando as bordas para trás, e abrindo o duodeno.

— Pode me dar uma das minhas jarrinhas vazias? E a garrafa de lavar, por favor?

Jamie pendurou a lamparina no prego e prestativamente ajoelhou-se para vasculhar a sacola, enquanto eu sondava mais fundo pela barriga. Havia um material granular formando uma pálida borra nos sulcos das dobras. Raspei um pouco, cuidadosamente, constatando que se soltava com facilidade uma pasta espessa, arenosa, entre as pontas dos meus dedos. Eu não sabia ao certo o que era, mas uma suspeita crescia desagradavelmente no fundo da minha mente. Eu pretendia lavar o abdômen, coletar o resíduo e levá-lo de volta para a casa, onde poderia examiná-lo sob uma luz apropriada, pela manhã. Se fosse o que eu pensava...

Sem aviso prévio, a porta do barracão abriu-se de par em par. Uma rajada de ar frio fez a chama da lamparina repentinamente aumentar e tornar-se mais brilhante — o suficiente para me mostrar o rosto de Phillip Wylie, pálido e chocado na soleira da porta.

Ele fitou-me, ligeiramente boquiaberto, depois fechou a boca e engoliu em seco; ouvi perfeitamente o som produzido.

Seus olhos percorreram lentamente a cena, depois retornaram ao meu rosto, arregalados de horror.

Eu também estava chocada. Meu coração dera um salto até a garganta e minhas mãos ficaram paralisadas, mas meu cérebro trabalhava aceleradamente.

O que aconteceria se ele causasse uma gritaria? Seria o mais terrível escândalo, quer eu conseguisse explicar o que estava fazendo ou não. Se não — o medo percorreu-me como uma onda enregelada. Eu já chegara perto de ser queimada numa fogueira por bruxaria certa vez; e agora seria fatal.

Senti um leve movimento do ar junto aos meus pés e compreendi

que Jamie estava agachado na profunda escuridão embaixo da mesa. A luz da lamparina era forte, mas limitada; eu estava numa poça de escuridão que chegava à minha cintura. Wylie não o vira. Estendi o dedo do pé e cutuquei-o, como um sinal para permanecer onde estava.

Forcei-me a sorrir para Phillip Wylie, embora meu coração estivesse firmemente entalado na minha garganta e batendo descompassadamente. Engoli com força e disse a primeira coisa que veio à minha mente, que foi "Boa noite".

Ele umedeceu os lábios. Não usava nem seu sinal de beleza, nem pó de arroz no momento, mas estava quase tão pálido quanto a camisa de musselina.

— Sra... Fraser — ele disse, engolindo em seco outra vez. — Eu... hã... o que está fazendo?

Eu imaginava que aquilo fosse bastante óbvio; provavelmente sua pergunta tinha a ver com as razões pelas quais eu o estava fazendo — e eu não tinha nenhuma intenção de entrar nesse assunto.

— Não se importe com isso — eu disse incisivamente, recuperando um pouco do sangue-frio. — O que você está fazendo, espreitando por aí a altas horas da noite?

Evidentemente, essa era uma boa pergunta; sua expressão mudou imediatamente de puro horror para cautela. Sua cabeça torceu-se, como se fosse virá-la para olhar por cima do ombro. Parou antes de completar o gesto, mas meus olhos seguiram sua direção. Havia um homem parado na escuridão atrás dele; um homem alto que agora deu um passo à frente, o rosto brilhando palidamente à luz da lamparina, os olhos irônicos verdes como groselhas. Stephen Bonnet.

— Meu Deus! — exclamei.

Vários acontecimentos tiveram início neste momento: Jamie saiu de baixo da mesa com agilidade de um bote de cobra, Phillip Wylie deu um salto para trás com um grito de surpresa e a lamparina caiu de seu prego espatifando-se no chão. Houve um cheiro forte de óleo e conhaque espalhados, um ruído suave como um forno sendo aceso e a mortalha amontoadá aos meus pés começou a pegar fogo.

Jamie desaparecera; ouviram-se gritos da escuridão lá fora e o som de pés correndo nos tijolos. Chutei o tecido em chamas, pretendendo apagar o fogo.

Depois, pensei melhor e, em vez disso, joguei-me contra a mesa, virando-a e derrubando tudo que estava em cima. Agarrei a mortalha em chamas com uma das mãos e joguei-a sobre o corpo e a mesa virada. O chão do barracão era coberto com uma grossa camada de serragem, que já começava a pegar fogo em alguns pontos. Dei um

chute forte na lamparina quebrada, lançando-a nas tábuas secas da parede e derrubando o resto do óleo, que imediatamente se incendiou.

Ouviram-se gritos da horta, vozes berrando, alarmadas; eu tinha que sair. Peguei minha bolsa e fugi, as mãos vermelhas de sangue, para o meio da noite, o punho cerrado em torno de minha prova. Era a única certeza no caos dominante. Eu não fazia a menor ideia do que estava acontecendo ou o que viria a acontecer, mas ao menos eu tinha certeza de que estava certa. Betty de fato fora assassinada.

Havia um par de criados agitados na horta, aparentemente acordados pelo distúrbio. Corriam de um lado para o outro aleatoriamente, gritando uns com os outros, mas, sem nenhuma luz além da lua minguante, foi fácil se manter nas sombras e passar sorrateiramente por eles.

Ninguém viera da casa principal ainda, mas os gritos e as chamadas logo atrairiam a atenção. Agachei-me contra a parede, nas sombras de um enorme arbusto de framboesa, quando o portão foi aberto de par em par e mais dois escravos vieram correndo do estábulo, seminus e falando incoerentemente, gritando algo a respeito dos cavalos. O cheiro de queimado enchia o ar; sem dúvida eles achavam que o estábulo estava pegando fogo, ou prestes a pegar.

Meu coração batia com tanta força dentro do peito que eu podia senti-lo, como um punho cerrado. Tive a desagradável visão do coração inerte que eu acabara de ter em minha mão e o que o meu devia parecer agora — um nódulo vermelho-escuro de músculos escorregadios, pulsando e fremindo, socando incontrolavelmente em sua perfeita cavidade entre os pulmões.

Esses não estavam trabalhando tão bem quanto o coração; minha respiração era curta e difícil, em arfadas que eu tentava reprimir com medo de ser ouvida. E se eles arrancassem o corpo profanado de Betty do barracão? Não saberiam quem fora responsável pela mutilação, mas a descoberta causaria os mais terríveis protestos, com consequentes boatos incontroláveis e histeria geral.

Via-se agora um clarão acima do muro do outro extremo da horta; o telhado do barracão começava a arder, o brilho do fogaréu aparecendo em brilhantes linhas finas, conforme as telhas de pinho começavam a fumar e se contrair.

O suor escorria atrás de minhas orelhas, mas minha respiração arrefeceu um pouco quando vi os escravos parados junto ao portão num aglomerado, amontoados numa silhueta aterrorizada. Claro — não iriam tentar apagar o incêndio, avançado como estava. A água mais próxima estava nos cochos dos cavalos; até que trouxessem baldes, o barracão já estaria virando cinzas. Não havia nada próximo

ao barracão que pudesse pegar fogo. Melhor deixá-lo se extinguir por si mesmo.

A fumaça fluía para cima em céleres vagalhões, bem altos no ar. Sabendo o que havia no barracão, era muito fácil imaginar formas fantasmagóricas nas ondulações transparentes. Em seguida, o fogo irrompeu pelo telhado e as labaredas iluminaram a fumaça de baixo, num belo e estranho clarão.

Um gemido agudo fez-se ouvir atrás de mim e eu dei um salto para trás, batendo o cotovelo contra a parede de tijolos. Phaedre atravessara o portão. Gussie e outra escrava atrás dela. Ela atravessou a horta correndo, gritando "Mamãe!", enquanto sua combinação branca refletia a luz das chamas que agora explodiam pelos buracos do telhado, lançando uma chuva de fagulhas.

Os homens que estavam junto ao portão agarraram-na; as mulheres aproximaram-se correndo, segurando-a, falando ao mesmo tempo em grande agitação. Senti gosto de sangue na boca e percebi que eu mordera o lábio inferior. Fechei os olhos convulsivamente, tentando não ouvir os gritos frenéticos de Phaedre e o murmúrio repetitivo de seus consoladores.

Um terrível sentimento de culpa apoderou-se de mim. Sua voz era tão semelhante à de Bri e eu podia imaginar com perfeita clareza o que Bri sentiria, se fosse meu próprio corpo queimando no barracão. Mas havia coisas piores que Phaedre poderia sentir se eu não tivesse desencadeado o incêndio. Minhas mãos tremiam de frio e tensão, mas tateei em busca de minha bolsa, que eu havia largado no chão junto aos meus pés.

Sentia as mãos rígidas e assustadoras, pegajosas com o sangue e a linfa que secavam. Eu não podia — não podia -ser encontrada daquele jeito. Remexi na bolsa com a mão livre, finalmente encontrando pelo tato um frasco tampado, normalmente usado para guardar sanguessugas, e a garrafinha usada para limpeza, cheia de álcool diluído em água.

Eu não conseguia ver, mas senti o sangue rachar e desfazer-se em flocos quando abri os dedos fechados e cuidadosamente raspei o conteúdo da minha mão dentro do frasco. Eu não conseguia tirar a rolha de cortiça da garrafinha com meus dedos trêmulos; finalmente, consegui arrancá-la com os dentes e despejei o álcool sobre minha palma aberta, lavando o restante do resíduo para dentro do frasco.

A casa já acordara agora; eu podia ouvir vozes vindas daquela direção. O que estaria acontecendo? Onde estava Jamie — e onde estavam Bonnet e Phillip Wylie? Jamie não estava armado com nada além de uma garrafinha de água benta; os outros dois estariam

armados? Ao menos, eu não ouvira nenhum tiro — mas lâminas não faziam barulho.

Lavei as duas mãos apressadamente com o resto da solução e enxuguei-as no forro escuro de minha capa, onde as manchas não apareceriam. As pessoas corriam de um lado para o outro pela horta, sombras rápidas e leves ao longo dos caminhos como fantasmas, a poucos passos do meu esconderijo. Por que não faziam nenhum barulho? Seriam pessoas de verdade, ou sombras, de algum modo despertadas pelo meu sacrilégio?

Então uma das figuras gritou; outra respondeu. Compreendi que as pessoas correndo não faziam nenhum ruído nos tijolos porque estavam descalças e porque meus ouvidos retiniam. Meu rosto estava porejado de suor frio, as mãos muito mais dormentes do que o frio poderia explicar.

Não seja idiota, Beauchamp, pensei comigo mesma. Você vai desmaiar. Sente-se!

Devo ter conseguido me sentar porque alguns instantes depois recobrei os sentidos, esparramada na terra, sob os arbustos de framboesa, parcialmente apoiada contra a parede. A horta agora parecia repleta de gente; formas pálidas de hóspedes e criados se acotovelando, indistinguíveis como fantasmas, em suas roupas de dormir.

Esperei um pouco até sentir a respiração normalizada, para ter certeza de que me recobrava, depois me levantei atabalhoadamente e saí para o caminho escuro, a bolsa na mão.

A primeira pessoa que vi foi o major MacDonald, parado no caminho, observando o barracão ser consumido pelas chamas, a peruca branca brilhando à luz do fogo. Segurei-o pelo braço, assustando-o.

— O que está acontecendo? — eu disse, sem me preocupar em me desculpar.

— Onde está seu marido? — ele disse no mesmo instante, espreitando ao meu redor, em busca de Jamie.

— Não sei — eu disse, com absoluta sinceridade. — Estou procurando por ele.

— Sra. Fraser! A senhora está bem? — Lloyd Stanhope surgiu ao meu lado, parecendo um ovo cozido muito animado em seu camisolão de dormir, a cabeça tosada surpreendentemente redonda e pálida sem sua peruca.

Assegurei-lhe que eu estava perfeitamente bem, o que realmente estava, a essa altura. Foi somente quando vi Stanhope e notei que a

maioria dos homens presentes estava igualmente em roupas de dormir que percebi que o major estava completamente vestido, da peruca aos sapatos afivelados. Meu rosto deve ter mudado quando olhei para ele, pois vi suas sobranceiras se erguerem e seu olhar vagar dos meus cabelos presos aos meus pés calçados, quando ele obviamente notou o mesmo a meu respeito.

— Ouvi gritos de "Fogo!" e achei que alguém podia estar ferido — eu disse friamente, erguendo a bolsa. — Trouxe meu estojo médico. Estão todos bem, você sabe?

— Até onde eu... — MacDonald começou, mas depois deu um salto para trás alarmado, agarrando-me pelo braço e me puxando para trás também. O telhado cedeu com um ruído semelhante a um profundo suspiro e uma saraivada de faíscas se ergueu no alto, caindo como uma chuva sobre a multidão na horta.

Todos gritaram, recuando. Então ocorreu uma dessas pausas breves e inexplicáveis quando todos em uma multidão silenciam repentinamente. O fogo ainda ardia, com um barulho de papel sendo amassado, mas acima disso eu pude ouvir um grito distante. Era uma voz de mulher, alta e rouca, mas ainda assim muito forte e enfurecida.

— A sra. Cameron! — Stanhope exclamou, mas o major já estava correndo em direção à casa.

O OURO DO FRANCÊS

Encontramos Jocasta Cameron Innes no banco da janela de seu aposento, vestida em sua camisola, as mãos e os pés atados com tiras de lençol com o rosto absolutamente vermelho de fúria. Não tive tempo de prestar mais atenção em seu estado, pois Duncan Innes, vestido para a noite apenas com sua camisa, estava deitado, esparramado, de cara no chão, perto da lareira.

Corri e ajoelhei-me ao seu lado imediatamente, procurando seu pulso.

— Ele está morto? — O major espreitou por cima do meu ombro, demonstrando mais curiosidade do que comiseração.

— Não — eu disse sucintamente. — Tire essas pessoas daqui, sim? — O quarto estava apinhado de hóspedes e criados, todos exclamando sobre a recém-libertada Jocasta, discutindo, especulando e de um modo geral apenas atrapalhando. O major piscou diante do tom categórico de minha voz, mas retirou-se sem objeções para lidar com a situação.

Duncan certamente estava vivo e um exame apressado não mostrou nenhum ferimento além de um grande galo atrás de uma das orelhas; evidentemente ele fora golpeado com o pesado castiçal de prata caído a seu lado no chão. Ele tinha uma coloração horrível, mas seu pulso estava razoavelmente bom e ele respirava regularmente. Abri suas pálpebras, uma de cada vez, e aproximei-me para examinar suas pupilas. Elas me fitaram de volta, vidradas, mas do mesmo tamanho e não anormalmente dilatadas. Até então, tudo bem.

Atrás de mim, o major colocava em prática sua experiência militar, emitindo ordens com uma voz digna de um desfile militar. Como a maior parte dos presentes não era de soldados, o efeito era limitado.

Jocasta Cameron estava exercendo um efeito muito maior. Solta de suas amarras, ela cambaleou através do aposento, apoiando-se pesadamente no braço de Ulysses, dividindo ao meio à multidão como as ondas do mar Vermelho.

— Duncan! Onde está meu marido? — ela perguntou incisivamente, virando a cabeça de um lado para o outro, os olhos cegos enfurecidos. As pessoas lhe davam passagem e ela alcançou-me em poucos segundos.

— Quem está aí? — Sua mão girou num arco diante de mim, buscando posição.

— Sou eu... Claire. — Estendi o braço para tocar sua mão, guiando-a para se abaixar ao meu lado. Seus dedos estavam frios e trêmulos, e havia profundas marcas vermelhas em seus pulsos onde foram amarrados. — Não se preocupe, acho que Duncan vai ficar bem.

Ela estendeu a mão, buscando constatar por si mesma, e eu guiei seus dedos até a garganta dele, colocando-os na grande veia que eu podia ver pulsando na lateral de seu pescoço. Ela emitiu uma exclamação e inclinou-se para frente, colocando ambas as mãos no rosto dele, delineando suas feições com uma ternura tão ansiosa que me emocionou, sendo tão contrastante com seu comportamento autocrático normal.

— Eles o golpearam... ele está muito ferido?

— Creio que não — assegurei-lhe. — Só um golpe na cabeça.

— Tem certeza? — Seu rosto virou-se para mim, o cenho franzido, e suas narinas sensíveis alargaram-se. — Sinto cheiro de sangue.

Com um pequeno choque, percebi que embora minhas mãos estivessem bastante limpas, minhas unhas ainda estavam sujas de sangue escuro da autópsia improvisada. Reprimi o impulso de fechar as mãos, murmurando discretamente em vez disso:

— Sou eu, creio; minha menstruação.

O major MacDonald olhava com curiosidade em nossa direção; ele a teria ouvido?

Houve um burburinho junto à porta e eu me virei. Para meu grande alívio, era Jamie. Estava desganhado, o casaco rasgado, e exibia o que parecia o começo de um olho roxo, mas fora isso parecia nada ter sofrido.

Meu alívio deve ter transparecido em meu rosto, pois seu ar sombrio suavizou-se um pouco e ele balançou a cabeça quando nossos olhos se encontraram. Em seguida, endureceu-se outra vez, ao ver Duncan. Agachou-se sobre um dos joelhos ao meu lado.

— Ele está bem — eu disse, antes que ele perguntasse. — Alguém o atingiu na cabeça e amarrou sua tia.

— É mesmo? Quem? — Ergueu os olhos para Jocasta e colocou a mão no peito de Duncan, como se quisesse se certificar de que Duncan realmente respirava.

— Não faço a menor ideia — ela respondeu enfaticamente. — Se soubesse, já teria enviado homens para caçar os desgraçados a essa altura. — Seus lábios comprimiram-se numa linha fina e uma onda de rubor tomou conta de seu rosto outra vez à ideia dos agressores. —

Ninguém viu os canalhas?

— Creio que não, tia — Jamie respondeu calmamente. — Com tanto tumulto na casa, ninguém sabe o que procurar, não é?

Ergui uma das sobrancelhas para ele numa pergunta silenciosa. O que ele queria dizer com isso? Bonnet teria escapado? Pois sem dúvida tinha que ser Bonnet quem invadiu o quarto de Jocasta; tumulto ou não, não podia haver vários criminosos violentos à solta na mesma noite num lugar do tamanho de River Run.

Jamie sacudiu a cabeça imperceptivelmente. Olhou para minhas mãos, viu o sangue sob minhas unhas e ele próprio ergueu uma das sobrancelhas. Eu teria descoberto alguma coisa? Teria havido tempo para eu ter certeza? Balancei a cabeça e um leve tremor me percorreu; sim, eu sabia.

Assassinato, formulei silenciosamente com a boca.

Ele apertou meu braço num breve gesto de encorajamento e olhou por cima do ombro; o major havia finalmente conseguido empurrar a maioria das pessoas para o corredor, enviando os criados para buscar tônicos e refrescos, um cavaliário para trazer o xerife de Cross Creek, os homens para vasculhar as vizinhanças em busca de possíveis bandidos, e as mulheres para o salão embaixo num alvoroço de excitada perplexidade. O major fechou a porta com firmeza atrás deles, em seguida dirigiu-se energeticamente para nós.

— Devemos colocá-lo na cama, então?

Duncan começava a se mexer e gemer. Tossiu e engasgou-se um pouco, mas felizmente não vomitou. Jamie e o major MacDonald levantaram-no, os braços inertes ao redor de seus ombros, e conduziram-no para a enorme cama de dosséis, onde o deitaram com absoluta indiferença para a colcha de seda.

Com um leve e atávico senso de dona de casa, enfiei uma macia almofada de veludo verde sob sua cabeça. O enchimento era de farelo, mas estalou levemente sob minha mão e desprendeu um forte aroma de lavanda. O cheiro de lavanda era bom para dor de cabeça, é verdade, mas eu não estava bem certa que seria suficiente para o caso.

— Onde está Phaedre?

Ulysses conduziu Jocasta para sua poltrona e ela deixou-se afundar no couro macio, parecendo repentinamente velha e cansada. A cor desaparecera de suas feições juntamente com a raiva e seus cabelos brancos caíam desordenadamente pelos seus ombros.

— Mandei Phaedre para cama, tia. — Bri havia entrado, sem ser percebida na confusão, e se recusara a ser removida pelo major. Ela inclinou-se sobre Jocasta, tocando sua mão com preocupação. — Não

se preocupe, eu cuidarei da senhora.

Jocasta colocou a própria mão sobre a de Bri em agradecimento, mas sentou-se mais empertigada, parecendo perplexa.

— Mandou-a para cama? Por quê? E o que em nome de Deus está pegando fogo? — Ela sobressaltou-se, alarmada. — Os estábulos estão queimando?

— O vento mudara de direção e o ar da noite entrava por uma vidraça quebrada acima do banco da janela, carregado do cheiro de fumaça e de um odor leve e terrível de carne humana queimada.

— Não, não! Os estábulos estão bem. Phaedre ficou perturbada — Bri explicou, com certa delicadeza. — O barracão junto à horta parece ter se incendiado; o corpo de sua mãe...

O rosto de Jocasta ficou totalmente impassível por um instante. Em seguida, ela empertigou-se e uma expressão extraordinária surgiu em seu rosto, algo quase como satisfação, embora com um toque de perplexidade.

Jamie estava de pé atrás de mim. Ele evidentemente também viu essa transformação, pois eu o ouvi dar um leve grunhido.

— Sente-se melhor, tia? — ele perguntou.

Ela virou o rosto para ele, uma das sobranceiras erguidas numa resposta sarcástica.

— Estarei melhor depois de um trago — ela disse, aceitando o copo que Ulysses colocou habilmente em suas mãos. — Mas, sim, sobrinho, estou bem. E Duncan?

Eu estava sentada ao lado de Duncan na cama, seu pulso em minha mão, e podia senti-lo voltando à superfície da consciência, as pálpebras adejando e os dedos torcendo-se ligeiramente contra a palma de minha mão.

— Ele está recobrando os sentidos — assegurei-lhe.

— Dê um conhaque a ele, Ulysses — Jocasta ordenou, mas eu interrompi o mordomo com um sinal com a cabeça.

— Ainda não. Ele engasgaria.

— Sente-se em condições de nos contar o que aconteceu, tia? — Jamie perguntou, com uma perceptível contundência na voz. — Ou devemos esperar Duncan voltar a si?

Jocasta suspirou, fechando os olhos por um instante. Ela era tão boa quanto qualquer um dos MacKenzie em esconder o que estava pensando, mas, neste caso, era evidente ao menos que ela estava pensando, e aliás furiosamente. A ponta de sua língua tocou um ponto machucado no canto de sua boca e percebi que ela devia ter sido

amordaçada também, além de amarrada.

Eu podia sentir Jamie atrás de mim, fervilhando de agitação. Próximo como estava, eu podia ouvir seus dedos rígidos tamborilando suavemente na coluna da cama. Por mais que eu quisesse ouvir a história de Jocasta, eu queria ainda mais ficar sozinha com Jamie, para lhe contar o que eu havia descoberto e descobrir o que acontecera na escuridão da horta.

Do lado de fora, vozes murmuravam no corredor; nem todos os hóspedes haviam se dispersado. Consegui entender trechos abafados: "totalmente queimado, só restaram os ossos", "... roubado? Não sabe...", "... verifique os estábulos", "Sim, completamente queimado...". Um profundo estremecimento percorreu-me e eu agarrei a mão de Duncan com força, lutando contra um pânico que eu não compreendia. Devo ter parecido estranha, pois Bri disse baixinho: "Mamãe?" Ela olhava para mim, a testa franzida de preocupação. Tentei sorrir para ela, mas meus lábios pareciam paralisados.

Jamie colocou as mãos em meus ombros, quentes e grandes. Eu estivera prendendo a respiração sem perceber; com o toque de suas mãos, soltei o ar com uma pequena arfada e respirei outra vez. O major MacDonald olhou-me com curiosidade, mas sua atenção foi imediatamente desviada para Jocasta, que abriu os olhos e virou o rosto na direção dele.

— É o major MacDonald, não é?

— A seu serviço, madame. — O major fez uma reverência automática, esquecendo-se — como em geral acontecia com as pessoas — que ela não podia vê-lo.

— Agradeço-lhe pelos seus corajosos serviços, major. Meu marido e eu somos profundamente gratos ao senhor.

O major fez um som educado, descartando o mérito.

— Não, não — ela insistiu, endireitando-se e afastando os cabelos para trás com uma das mãos. — O senhor passou por grandes dificuldades por nossa causa e não devemos mais abusar de sua bondade. Ulysses, leve o major para a sala de visitas e prepare um lanche apropriado para ele.

O mordomo inclinou-se obsequiosamente — notei pela primeira vez que ele vestia uma camisa de dormir sobre calças não afiveladas nas pernas, embora tivesse enfiado a peruca na cabeça — e conduziu o major com firmeza na direção da porta. MacDonald pareceu ridiculamente surpreso e não pouco contrariado em ser mandado embora daquele jeito civilizado, ele que obviamente pretendia ficar e ouvir todos os detalhes escabrosos. De qualquer modo, não havia uma maneira educada de resistir e ele fez o melhor que pôde, inclinando-se

dignamente ao se despedir.

O pânico começara a arrefecer, de maneira tão desconcertante quanto chegara. As mãos de Jamie irradiavam um calor que parecia se espalhar pelo meu corpo, e minha respiração voltou ao normal. Eu já podia concentrar a atenção no meu paciente, que abrisse os olhos, embora parecesse se arrepender.

— Ai, mo cheannl — Duncan apertou os olhos contra a claridade do lampião, focalizando-se em meu rosto com alguma dificuldade, depois ergueu-os para Jamie atrás de mim. — Mac Duhh... o que houve?

Uma das mãos de Jamie deixou meu ombro e estendeu-se para apertar o braço de Duncan.

— Não se preocupe, a charaid. — Olhou significativamente para Jocasta. — Sua mulher já ia começar a nos contar o que aconteceu. Não é, tia?

Houve uma leve, mas inconfundível ênfase na pergunta, e Jocasta, assim colocada na berlinda, contraiu os lábios, mas depois suspirou e endireitou-se, obviamente resignada à desagradável necessidade de fazer confidências.

— Não há ninguém aqui que não seja da família?

Tendo se assegurado de que não havia, ela balançou a cabeça e começou.

Ela havia dispensado sua criada e estava prestes a ir para a cama, ela disse, quando a porta que dava para o corredor foi aberta repentinamente e o que lhe pareceu serem dois homens entraram.

— Tenho certeza de que havia mais de um. Ouvi seus passos e sua respiração — ela disse, franzindo o cenho em concentração. — Poderia haver três, mas creio que não. Mas só um deles falou. O outro deve ser alguém que eu conheço, pois permaneceu afastado, bem no outro lado do quarto, como se tivesse medo que eu o reconhecesse de algum modo.

O homem que falara com ela era um estranho; tinha certeza de que nunca ouvira sua voz.

— Era um irlandês — ela disse, e a mão de Jamie apertou-se abruptamente em meu ombro. — Falava muito bem, mas não era um cavalheiro, de modo algum. — Suas narinas alargaram-se um pouco, com inconsciente desdém.

— Não, de modo algum — Jamie disse num sussurro. Bri se surpreendera um pouco à palavra "irlandês", embora seu rosto não exibisse mais do que as sobrancelhas ligeiramente franzidas em concentração enquanto ouvia.

O irlandês fora educado, mas brusco em suas exigências; ele queria o ouro.

— Ouro? — Fora Duncan quem falara, mas a pergunta estava evidente no rosto de todos. — Que ouro? Não temos nenhum dinheiro na casa, além de algumas libras esterlinas e um pouco de dinheiro da Proclamação.

Jocasta pressionou os lábios com força. Mas não adiantava mais; não agora. Ela fez um ruído rouco na garganta, um protesto contido a ser compelida a revelar o segredo que guardara por tanto tempo.

— O ouro do francês — ela disse, abruptamente.

— O quê? — Duncan disse, estupefato. Ele tocou o calombo atrás de sua orelha, cuidadosamente, como se estivesse convencido de que o golpe afetara sua audição.

— O ouro francês — Jocasta repetiu, com certa irritação. — Que foi enviado para cá, pouco antes de Culloden.

— Antes... — Bri começou a dizer, os olhos arregalados, mas Jamie interrompeu-a.

— O ouro de Luís — ele disse, à meia-voz. — É isso o que está dizendo, tia? O ouro dos Stuart?

Jocasta emitiu uma risada curta, absolutamente sem humor.

— Um dia, foi.

Ela parou, ouvindo. As vozes haviam se afastado da porta, embora ainda houvesse barulho no corredor. Ela virou-se para Bri e gesticulou em direção à porta.

— Vá ver se ninguém está com o ouvido no buraco da fechadura, querida. Eu não abri mão de minha paz por vinte e cinco anos só para deixar vaziar isso para todo o condado.

Bri abriu um pouco a porta, espreitou lá fora, em seguida fechou-a, informando que não havia ninguém nas proximidades.

— Ótimo. Venha aqui, querida. Sente-se ao meu lado. Mas não, primeiro pegue o estojo que eu lhe mostrei ontem.

Parecendo mais do que intrigada, Bri desapareceu dentro do quarto de vestir, retornando com um estojo fino de couro preto desgastado. Ela colocou-o no colo de Jocasta e sentou-se num banquinho ao lado da tia, dirigindo-me um olhar levemente preocupado.

Eu estava me sentindo perfeitamente bem outra vez, embora um leve eco daquele estranho temor ainda ressoasse em meus ossos. Mas balancei a cabeça de forma tranquilizadora para Bri e inclinei-me para dar a Duncan um gole de conhaque enfraquecido com água. Agora, eu sabia o que era essa antiga inquietação. Fora aquela frase ouvida sem

querer, as palavras por acaso as mesmas que uma garotinha certa vez ouvira, sussurrada no aposento contíguo pelos estranhos que tinham vindo lhe contar que sua mãe não iria retornar, que ela morrerá. Um acidente; uma queda; fogo. Só restaram os ossos, a voz dissera, aterrorizada. Só restaram os ossos, e a desolação de uma filha, para sempre abandonada. Minha mão tremia e o líquido esbranquiçado escorreu num filete pelo queixo de Duncan.

Mas isso foi há muito tempo, e em outro país, pensei, endurecendo-me contra a maré de lembrança.

E além do mais...

Jocasta esvaziou seu próprio copo, colocou-o sobre o banco com um leve baque, e abriu o estojo em seu colo. Um brilho de ouro e diamantes surgiu e ela levantou uma fina vareta de madeira que segurava três anéis.

— Um dia, eu tive três filhas — ela disse. — Três meninas. Clementina, Seonag e Morna. — Ela tocou um dos anéis, um aro largo com três grandes diamantes incrustados.

— Isto era para minhas filhas; Hector o deu a mim quando Morna nasceu... Sabe que significa "amada"? — Sua outra mão largou a caixa e se estendeu, tateando. Ela tocou o rosto de Bri, e Bri segurou sua mão, tomando-a entre as suas.

— Eu tinha uma filha viva de cada casamento. — Os longos dedos de Jocasta sondaram delicadamente, tocando um anel de cada vez. — Clementina era de John Cameron; eu me casei com ele quando eu mesma não passava de uma criança; ela nasceu quando eu tinha dezesseis anos. Seonag era filha de Black Hugh. Era morena, como o pai, mas possuía os olhos de meu irmão Colum. — Voltou seus olhos cegos para Jamie, rapidamente, depois inclinou a cabeça para trás, tocando novamente o anel com três diamantes.

— E depois Morna, minha última filha. Ela tinha apenas dezesseis anos quando morreu.

O rosto de Jocasta estava impassível, mas a linha de sua boca se amenizava ao pronunciar o nome das filhas falecidas.

— Sinto muito, tia. — Bri falou à meia-voz. Ela abaixou a cabeça para beijar os nós dos dedos da mão que segurava, protuberantes com a idade. Jocasta apertou um pouco sua mão em agradecimento, mas não se deixou distrair de sua história.

— Hector Cameron me deu isto — Jocasta disse, tocando o anel. — E ele matou as três. Minhas filhas. Ele matou-as pelo ouro do francês.

O choque do que ouvira me fez perder o ar e pareceu cavar um buraco em meu estômago. Senti Jamie ficar imóvel atrás de mim e vi

os olhos injetados de Duncan se arregalarem. A expressão de Brianna não se alterou. Ela fechou os olhos por um instante, mas continuou segurando a mão longa e ossuda.

— O que aconteceu a elas, tia? — ela perguntou serenamente. — Conte-me.

Jocasta ficou em silêncio por alguns instantes. O aposento também; não se ouvia nenhum som, exceto o zumbido das velas de cera queimando e a respiração ruidosa ligeiramente asmática de Jocasta. Para minha surpresa, quando voltou a falar, não foi para Brianna. Em vez disso, ela ergueu a cabeça e virou-se novamente para Jamie.

— Sabe a respeito do ouro, então, a tnhic mo pheathar? — ela disse. Se ele considerou aquela uma pergunta estranha, não deu nenhum indício disso, apenas respondeu serenamente.

— Ouvi alguma coisa a respeito — ele disse. Ele moveu-se, dando a volta na cama para sentar-se ao meu lado, mais perto de sua tia. — Tem havido boatos nas Highlands, desde Culloden. Luís enviaria o ouro, disseram, para ajudar seu primo em sua guerra santa. Depois, disseram que o ouro fora enviado, mas ninguém nunca o viu.

— Eu o vi. — A boca larga de Jocasta, tão parecida com a de seu sobrinho, alargou-se ainda mais num esgar repentino, depois relaxou. — Eu o vi — repetiu.

— Trinta mil libras, em barras de ouro. Eu estava com eles na noite em que chegou à costa, trazido de bote do navio francês. Estava em seis pequenas arcas, cada qual tão pesada que só podiam transportar duas de cada vez, ou o bote afundaria. Cada arca tinha a flor-de-lis gravada na tampa, todas com fechos de ferro lacrados com cera vermelha, e o lacre exibia a marca do anel do rei Luís. A Flor-de-lis.

Um suspiro geral percorreu o aposento diante de suas palavras, um suspiro coletivo de estardalhaço. Jocasta balançou a cabeça devagar, os olhos cegos abertos para as visões daquela noite no passado longínquo.

— Onde foi descarregado, tia? — Jamie perguntou em voz baixa.

Ela balançou a cabeça devagar, como para si mesma, os olhos fixos na cena que sua memória representava.

— Em Innismaraich — ela disse. — Uma ilha minúscula, ao largo de Coigach.

Eu estivera prendendo a respiração. Nesse momento, soltei-a, devagar, e meus olhos depararam-se com os de Jamie. Innismaraich. A ilha do povo do mar; a ilha das silkies, significava. Nós conhecíamos o lugar.

— Havia três homens a quem o ouro fora confiado — ela disse. —

Hector era um deles, meu irmão Dougal era outro... o terceiro homem estava mascarado; todos os três estavam, mas obviamente eu conhecia Hector e Dougal. Eu não conhecia o terceiro homem, nem nenhum deles pronunciou seu nome. Mas eu conhecia seu criado; um homem chamado Duncan Kerr.

Jamie se enrijecera ligeiramente ao ouvir o nome de Dougal; ao ouvir o nome de Duncan Kerr, ficou paralisado.

— Havia criados também? — ele perguntou.

— Dois — ela disse, e um sorriso breve e amargo torceu sua boca. — O homem mascarado levou Duncan Kerr, como eu disse, e meu irmão Dougal estava acompanhado por um de Leoch, eu conhecia seu rosto, mas não sabia seu nome. Hector tinha a mim para ajudá-lo; eu era uma mulher forte e corajosa, como você, a leannan, como você — ela disse suavemente, apertando a mão de Brianna. — Eu era forte e Hector confiava em mim como não confiaria em mais ninguém. Eu confiava nele também... na época.

Os ruídos lá de fora haviam desaparecido, mas uma brisa entrava pela vidraça quebrada agitando as cortinas, inquieta como um fantasma que ouve seu nome chamado ao longe.

— Havia três barcos. As arcas eram pequenas, mas pesadas o suficiente para terem que ser carregadas por duas pessoas. Nós colocamos duas em nosso barco, Hector e eu, e remamos para longe dali, pelo meio do nevoeiro. Eu podia ouvir o barulho dos remos dos outros botes batendo na água, cada vez mais fracos à medida que se afastavam, e depois desapareceram na noite.

— Quando foi isso, tia? — Jamie perguntou, os olhos fixos nela. — Quando o ouro chegou da França?

— Tarde demais — ela sussurrou. — Tarde demais! Maldito Luís! — ela exclamou, com uma fúria repentina que a fez empertigar-se em sua poltrona. — Maldito seja o francês miserável, e que seus olhos apodreçam como os meus! E pensar no que poderia ter sido, se ele tivesse sido fiel ao seu sangue e à sua palavra!

Os olhos de Jamie encontraram os meus, de viés. Tarde demais. Se o ouro tivesse chegado mais cedo — quando Carlos aportou em Glenfinnan, talvez, ou quando tomou Edimburgo, e por algumas semanas dominou a cidade como um rei reconduzido ao trono... o que teria acontecido?

A sombra de um sorriso tocou os lábios de Jamie com pesar, e ele olhou para Brianna, depois novamente para mim, a pergunta feita e respondida em seus olhos. O que teria acontecido?

— Era março — Jocasta disse, recobrando-se da explosão de raiva.

— Uma noite gelada, mas límpida como gelo. Eu fiquei no alto do penhasco e olhei para o mar, até muito longe, e o caminho da lua estendia-se como ouro sobre a água. O navio aproximou-se por aquele caminho dourado, como um rei para a sua coroação, e eu achei que aquilo era um sinal. — Sua cabeça voltou-se para Jamie e sua boca torceu-se bruscamente.

— Eu acho que o ouvi rir, então — ela disse. — Black Brian. Ele, que tirou minha irmã de mim. Seria bem próprio dele. Mas ele não estava lá, acho que eram apenas os gritos das *silkies*.

Eu observava Jamie enquanto ela falava. Ele não se moveu, mas, como num passe de mágica, os pelos ruivos de seu braço se eriçaram, brilhando como fios de arame à luz de vela.

— Não sabia que você conhecia meu pai — ele disse, uma leve contundência na voz. Mas vamos deixar isso de lado por enquanto, tia. Era março, você disse?

Ela balançou a cabeça.

— Tarde demais — ela repetiu. Devia ter chegado dois meses antes, segundo Hector. Houve atrasos...

Fora realmente tarde demais. Em janeiro, após a vitória em Falkirk, tal demonstração de apoio da França poderia ter sido decisiva. Mas em março, o exército das Highlands já se deslocava para o norte, tendo retornado de Derby depois de desistirem de invadir a Inglaterra. A última e tênue chance de vitória fora perdida e os homens de Carlos Stuart marchavam agora para a destruição em Culloden.

Com as arcas a salvo em terra firme, os novos guardiões do ouro confabularam sobre o que fazer com o tesouro. O exército estava em marcha e Stuart com ele; Edimburgo estava novamente nas mãos dos ingleses. Não havia nenhum lugar seguro para onde levar o tesouro, nem mãos confiáveis nas quais ele poderia ser depositado.

— Eles não confiavam em O'Sullivan ou nos outros que cercavam o príncipe — Jocasta explicou. — Irlandeses, italianos... Dougal disse que ele não tivera tanto trabalho para ver o ouro dissipado ou roubado por estrangeiros. — Ela sorriu, um pouco sombriamente. — Ele quis dizer que não queria arriscar-se a perder o crédito por tê-lo conseguido.

Os três guardiões não estavam mais dispostos a confiar uns nos outros do que nos conselheiros do príncipe. A maior parte da noite foi gasta em discussão na gélida sala de cima de uma taverna miserável, enquanto Jocasta e os dois criados dormiam no chão, entre as arcas lacradas em vermelho. Por fim, o ouro foi dividido. Cada homem ficou com duas arcas, jurando com o próprio sangue manter o segredo e guardar o tesouro fielmente, em confiança para seu monarca legítimo,

o rei Jaime.

— Fizeram os dois criados jurarem também — Jocasta disse. — Cortaram cada um dos homens e as gotas de sangue brilharam mais vermelhas à luz de vela do que os lacres das arcas.

— A senhora jurou também? — Brianna perguntou serenamente, mas seus olhos estavam intensamente focalizados na figura de cabelos brancos na poltrona.

— Não, eu não jurei. — Os lábios de Jocasta, ainda bem delineados, curvaram-se ligeiramente, como se achasse graça. — Eu era esposa de Hector, o juramento dele me incluía. Na época.

Aflitos com a posse de tanta riqueza, os conspiradores deixaram a taverna antes do amanhecer, enrolando as arcas em cobertores e tapos para ocultá-las.

— Uma dupla de viajantes chegou, quando a última arca era levada para baixo. Foi a chegada deles que salvou a vida do dono da taverna, pois era um lugar desolado e ele era a única testemunha de nossa presença ali naquela noite. Acho que Dougal e Hector não teriam pensado em fazer isso, mas o terceiro homem, ele pretendia livrar-se do taverneiro; eu vi isso em seus olhos, na maneira como se agachava enquanto esperava ao pé da escada, a mão na adaga. Ele me viu observando-o... e sorriu para mim por baixo da máscara.

— E ele nunca tirou a máscara, esse terceiro homem? — Jamie perguntou. Suas sobranceiras ruivas contraíram-se como se por absoluta concentração ele pudesse recriar a cena que ela via mentalmente e identificar o estranho.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eu me pergunto, de vez em quando, quando penso nisso à noite, se eu reconheceria o homem, se o visse outra vez. Creio que sim; ele era moreno, um homem esbelto, mas com uma determinação de aço. Se eu pudesse ver seus olhos outra vez, eu teria certeza. Mas agora... — Deu de ombros. — Eu o reconheceria apenas pela voz? Não sei, já faz tanto tempo.

— Mas não era um irlandês, esse homem? — Duncan ainda estava pálido e suado, mas erguera-se sobre um dos cotovelos, ouvindo com profunda atenção.

Jocasta levou um pequeno susto, como se tivesse esquecido sua presença.

— Ah! Não, a dhuine. Um escocês, pela sua fala... um cavalheiro das Highlands.

Duncan e Jamie trocaram um olhar.

— Um MacKenzie ou um Cameron? — Duncan perguntou

suavemente, e Jamie balançou a cabeça.

— Ou talvez um dos Grant.

Eu compreendi as especulações dos dois. Havia um leque surpreendentemente complexo de associações e feudos entre os clãs das Highlands, e havia muitos que não teriam — não iriam — cooperar em uma empreitada de tamanha importância e sigilo.

Colum MacKenzie havia negociado uma estreita aliança com os Cameron; na realidade, a própria Jocasta fora parte da aliança, seu casamento com um chefe Cameron, um símbolo desse pacto. Se Dougal MacKenzie era um dos homens que haviam engendrado a recepção do ouro francês, e Hector Cameron era outro, a probabilidade é de que o terceiro homem fosse alguém de um desses clãs, ou de outro em que ambos confiavam. MacKenzie, Cameron... ou Grant. E o fato de Jocasta não reconhecer o homem de vista aumentava as chances de ele ser um Grant, pois ela conheceria a maioria dos arrendatários mais importantes dos clãs MacKenzie e Cameron.

Mas não havia tempo agora para tais considerações; a história ainda não terminara.

Os conspiradores se separaram, então, cada qual seguindo seu próprio caminho, cada qual com um terço do ouro francês. Jocasta não tinha a menor ideia do que Dougal MacKenzie ou o desconhecido haviam feito com suas arcas; Hector Cameron colocou as duas arcas que levou consigo em um buraco no chão de seu quarto, um antigo esconderijo feito por seu pai para esconder objetos de valor.

Hector pretendia deixá-las ali até que o príncipe chegasse a um local seguro, onde pudesse receber o ouro e usá-lo para a consecução de seus objetivos. Mas Carlos Stuart já estava fugindo e não encontraria um local de descanso ainda por muitos meses. Antes que ele alcançasse seu refúgio final, sobreveio o desastre.

— Hector deixou o ouro, e a mim, em casa e foi se unir ao príncipe e ao exército. No dia 17 de abril, ele surgiu de volta no pátio ao pôr do sol, seu cavalo espumando. Apeou e entregou o pobre animal a um cavaleiro, depois entrou correndo em casa e me pediu que reunisse todos os objetos de valor que pudesse pois a Causa estava perdida e tínhamos que fugir, ou morrer com os Stuart.

Cameron era rico, mesmo naquela época, e astuto o suficiente para ter conservado sua carruagem e seus cavalos, em vez de doá-los à causa Stuart.

Também suficientemente astuto para não levar com ele duas arcas de ouro francês em sua fuga.

— Ele pegou três barras de ouro de uma das arcas e as entregou a mim. Eu as escondi embaixo do banco da carruagem; ele e o cavaleiro carregaram as arcas para a floresta, não sei onde enterraram.

Era meio-dia de 18 de abril, quando Hector Cameron embarcou em sua carruagem com a mulher, o cavaleiro, sua filha Morna e três barras de ouro francês, e partiu a toda velocidade para o sul, em direção a Edimburgo.

— Seonag estava casada com o Senhor de Garth, logo no início ele se declarou pelos Stuart e foi morto em Culloden, embora, é claro, não soubéssemos disso na ocasião. Clementina já era viúva e vivia com a irmã em Roivo.

Ela respirou fundo, estremecendo ligeiramente, revivendo a contragosto os eventos que narrava, incapaz de resistir a eles.

— Supliquei a Hector que fôssemos para Roivo. Era um desvio de apenas dezesseis quilômetros, não seriam necessárias mais do que algumas horas, mas ele não queria parar. Não podíamos, ele disse. Era um risco muito grande gastar o tempo de ir buscá-las. Clementina tinha dois filhos, Seonag apenas um. Gente demais para a carruagem, ele disse; iria nos atrasar demais. Não para levá-las conosco, então eu disse. Apenas para avisá-las, para vê-las mais uma vez.

Ela parou.

— Eu sabia para onde estávamos indo, havíamos conversado sobre isso, embora eu não soubesse que ele já tinha tudo preparado.

Hector Cameron era um jacobita, mas também um avaliador perspicaz da condição humana, e não era homem de arriscar a vida numa causa perdida. Vendo a situação se desmoronar, e temendo o pior, ele planejou cuidadosamente uma fuga. Em surdina, ele havia separado algumas sacas de roupas e utensílios, transformou o que pôde de sua propriedade em dinheiro e secretamente comprou três passagens em aberto, de Edimburgo para as Colônias.

— Às vezes, acho que não posso culpá-lo — Jocasta disse. Ela sentava-se absolutamente empertigada, a luz das velas refletindo em seus cabelos. — Ele achava que Seonag não partiria sem o marido e Clementina não arriscaria seus filhos no mar. Talvez estivesse certo a esse respeito. E talvez avisá-las não tivesse feito nenhuma diferença. Mas eu sabia que não as veria outra vez... — Sua boca fechou-se e ela engoliu em seco.

De qualquer modo, Hector recusara-se a parar, temendo ser perseguido. As tropas de Cumberland haviam convergido para Culloden, mas havia soldados ingleses nas estradas das Highlands, e a notícia da derrota de Carlos Stuart espalhava-se como ondas junto à

beira de um redemoinho, movendo-se cada vez mais depressa, num turbilhão de perigo.

No entanto, os Cameron foram descobertos, dois dias mais tarde, perto de Ochertyre.

— Uma das rodas se desprende da carruagem — Jocasta disse com um suspiro. — Santo Deus, ainda posso vê-la agora, girando sozinha pela estrada abaixo. O eixo quebrou e não tínhamos escolha senão acamparmos na beira da estrada durante a noite, enquanto Hector e o cavaliário se revezavam tentando consertá-la.

O conserto levava a maior parte do dia e Hector ficava cada vez mais inquieto à medida que o conserto progredia, sua ansiedade contagiando o resto do grupo.

— Eu não sabia, então, o que ele vira em Culloden — Jocasta disse. — Ele sabia muito bem que se os ingleses o levassem, ele estaria acabado. Se não o matassem ali mesmo, seria enforcado como traidor. Ele suava enquanto trabalhava, mais por medo do que pelo calor do trabalho. Ainda assim... — Seus lábios comprimiram-se por um instante, antes de continuar.

— Já estava quase escuro — era primavera, anoitecia cedo — quando conseguiram recolocar a roda na carruagem, e todos subiram de novo a bordo. A carruagem estava numa pequena depressão quando a roda se soltara; o cavaliário tocou os cavalos por uma longa subida e, assim que atingimos o topo da colina, dois homens com mosquetes saíram das sombras e postaram-se na estrada, à nossa frente.

Era uma unidade de soldados ingleses, homens de Cumberland. Tendo chegado tarde demais para se juntar aos vitoriosos em Culloden, estavam inflamados pelas notícias que chegavam, mas frustrados por não terem participado da batalha e prontos para se vingar como pudessem dos escoceses em fuga.

Sempre pensando rápido, Hector afundara no canto da carruagem à vista dos soldados, a cabeça inclinada e um xale puxado sobre ela, fingindo ser uma mulher idosa, profundamente adormecida. Seguindo suas instruções sussurradas, Jocasta inclinara-se para fora da janela, preparada para fingir ser uma respeitável senhora viajando com a filha e a mãe.

Os soldados não esperaram para ouvir seu discurso. Um deles abriu a porta da carruagem com um safanão e arrastou-a para fora. Morna, em pânico, saltou da carruagem atrás dela, tentando arrancar a mãe das garras do soldado. Outro homem agarrou a jovem e a arrastou para trás, de modo que ele ficou entre Jocasta e a carruagem.

— Mais um minuto e eles tirariam "vovó" para fora também, então

descobririam o ouro e isso seria o nosso fim.

Um tiro de pistola assustou a todos, imobilizando-os momentaneamente. Inclinando-se pela porta aberta da carruagem, Hector atirou no soldado que segurava Morna — mas havia pouca luz; talvez os cavalos tivessem se deslocado, sacudindo a carruagem. O tiro atingiu Morna na cabeça.

— Corri para ela — Jocasta disse. Sua voz estava rouca, a garganta seca e áspera. — Corri para ela, mas Hector saltou e me agarrou. Os soldados estavam todos de pé, paralisados com o choque. Ele me puxou de volta para dentro da carruagem e gritou para o cavaleiro que partisse, que seguisse em frente!

Ela umedeceu os lábios e engoliu, uma única vez.

— "Ela está morta", ele disse para mim. Ficou repetindo "Ela está morta, não há nada que possa fazer", e ficou me segurando com força, quando eu teria me atirado para fora da carruagem em meu desespero.

Devagar, ela afastou sua mão de Brianna; ela precisara de apoio para começar sua história, mas não para terminá-la. Cerrou os punhos, pressionando-os com força contra o linho branco de sua camisola, como se quisesse estancar o sangue de um útero profanado.

— Já escurecera a essa altura — ela disse, e sua voz parecia remota, distante. — Eu vi o clarão de incêndios refletidos no céu mais ao norte.

As tropas de Cumberland espalhavam-se, saqueando e incendiando. Chegaram a Roivo, onde Clementina e Seonag estavam com suas famílias, e incendiaram a mansão. Jocasta nunca soube se morreram no incêndio ou mais tarde, de fome e de frio na gélida primavera das Highlands.

— Assim, Hector salvou sua vida, e a minha, de um modo ou de outro — ela disse, ainda distanciada. — E, é claro, ele salvou o ouro. — Seus dedos buscaram o anel outra vez, girando-o lentamente em seu suporte de madeira, as pedras captando a luz do lampião, cintilando.

— De fato — Jamie murmurou. Seus olhos estavam fixos no rosto cego, observando-a intensamente. Pareceu-me injusto que ele a olhasse daquele modo, quase julgando-a, quando ela não podia devolver o olhar, ou sequer saber como ele a estava olhando. Toquei-o e ele olhou-me de viés, depois pegou minha mão, apertando-a com força.

Jocasta deixou os anéis de lado e levantou-se, inquieta agora que a pior parte da história fora contada. Dirigiu-se para o banco sob a

janela, ajoelhou-se lá e afastou as cortinas. Era difícil acreditar que fosse cega, vendo-a se mover com tanta determinação — e no entanto aquele era o seu quarto, seu lugar, e cada objeto nele estava escrupulosamente colocado de modo que ela pudesse se movimentar sozinha. Ela pressionou as mãos contra o vidro gelado e a noite lá fora, e uma névoa branca de condensação espalhou-se ao redor de seus dedos como chamas frias.

— Hector comprou este lugar com o ouro que trouxemos — ela disse. — A terra, a serraria, os escravos. Para lhe fazer justiça -seu tom de voz sugeria que ela não se sentia inclinada a fazer isso, — o valor da propriedade agora se deve em grande parte ao seu próprio trabalho. Mas foi o ouro que a comprou, para começar.

— E quanto ao seu juramento? — Jamie perguntou brandamente.

— O que tem ele? — ela disse, e emitiu uma curta risada. — Hector era um homem prático. Os Stuart estavam acabados; que necessidade tinham de ouro na Itália?

— Prático — repeti, surpreendendo a mim mesma; eu não pretendia falar, mas achei ter ouvido algo estranho na maneira como Jocasta proferiu essa palavra.

Evidentemente, eu tinha ouvido. Ela virou-se para nós, voltando-se diretamente para minha voz. Ela sorria, mas um frio percorreu minha espinha ao vê-la.

— Sim, prático — ela disse, balançando a cabeça. — Minhas filhas estavam mortas; ele não via nenhuma razão para desperdiçar lágrimas por elas. Ele nunca as mencionava, nem deixava que eu o fizesse. Ele fora um homem de valor um dia, e seria outra vez, não tão fácil aqui, se alguém soubesse. — Ela soltou a respiração, um som pesado de raiva reprimida. — Posso dizer que não há ninguém aqui nesta terra que sequer saiba que um dia eu fui mãe.

— A senhora ainda é — Brianna disse suavemente. — Isso eu sei. — Ela olhou para mim e seus olhos azuis encontraram os meus, escuros de compreensão. Senti o agulhão de lágrimas atrás do sorriso que eu lhe devolvi. Sim, isso ela sabia, assim como eu.

E Jocasta também; as rugas em seu rosto relaxaram por um instante, a fúria e o desespero lembrado deslocados por um instante pela saudade. Ela caminhou lentamente até onde Brianna estava sentada no banquinho e colocou a mão livre na cabeça de Brianna. Ficou pousada ali por um instante, depois deslizou para baixo, os dedos longos e sensíveis sondando as fortes maçãs do rosto de Brianna, seus lábios largos e o nariz reto e longo, traçando o curso das lágrimas pelo seu rosto.

— Sim, a leannan — ela disse suavemente. — Você sabe o que eu

quero dizer. E você sabe agora por que eu deixaria este lugar para você, ou para seu filho?

Jamie tossiu, interrompendo antes que Bri pudesse responder.

— Sim — ele disse, num tom de voz pragmático. — Então foi isso que você disse ao irlandês esta noite? Não toda a história, sem dúvida, mas que você não tem nenhum ouro aqui?

As mãos de Jocasta deixaram o rosto de Brianna e ela voltou-se para Jamie.

— Sim, eu disse a eles. A ele. Disse a ele que, pelo que eu sabia, aquelas arcas ainda estavam enterradas na floresta na Escócia. Que ele ficasse à vontade para ir cavar lá, se lhe aprouvesse. — Um dos cantos de sua boca curvou-se para cima num sorriso amargo.

— Ele não pareceu acreditar em você?

Ela sacudiu a cabeça, os lábios comprimidos.

— Ele não era um cavalheiro — ela disse outra vez. — Eu não sei como tudo aconteceu, pois eu estava sentada perto da cama e eu guardo uma pequena adaga sob o travesseiro; eu não o deixaria colocar as mãos em mim e sair ileso. Mas antes que eu pudesse alcançá-la, ouvi passos no quarto de vestir.

Ela abanou a mão na direção da porta junto à lareira; ali ficava seu quarto de vestir, ligando seu quarto com outro — o quarto que um dia fora de Hector Cameron e agora, presumivelmente, era de Duncan.

Os intrusos também ouviram os passos; o irlandês sussurrou alguma coisa para seu amigo, depois se afastou de Jocasta, na direção da lareira. O outro sujeito aproximou-se e a agarrou por trás, uma das mãos sobre sua boca.

— Tudo que eu poderia lhe dizer sobre isso é que o sujeito usava um capuz enfiado na cabeça e fedia a bebida, como se a tivesse entornado sobre si em vez de bebê-la. — Fez uma breve careta de nojo.

A porta então se abriu e Duncan entrou. Aparentemente, o irlandês saltou de trás da porta aberta e o golpeou na cabeça.

— Não me lembro de nada — Duncan disse pesarosamente. — Eu vim dar boa-noite à senho... à minha mulher. Lembro-me de ter colocado a mão na maçaneta da porta e, em seguida, estava deitado aqui com a cabeça aberta. — Tocou cuidadosamente o calombo, depois olhou para Jocasta com ansiosa preocupação.

— Você está bem, mo chridhe? Os canalhas não a machucaram? — Ele estendeu a mão para ela, depois, percebendo que ela não podia vê-lo, tentou se sentar. Desabou com um gemido contido e ela levantou-se com o som, dirigindo-se apressadamente para o lado da cama.

— Claro que eu estou bem — ela disse, zangada, tateando até encontrar sua mão. — A não ser pela aflição de pensar que eu estava prestes a me tornar uma viúva pela quarta vez. — Deixou escapar um suspiro de exasperação e sentou-se ao lado dele, alisando para trás uma mecha de seus cabelos que caíra para frente.

— Eu não sabia o que havia acontecido; só ouvi o baque e um terrível gemido quando você caiu. Depois, o irlandês voltou até mim e a criatura que me segurava soltou-me.

O irlandês informou-a amavelmente que não acreditava numa palavra de sua alegação de que não havia nenhum ouro em River Run. Ele estava convencido de que o ouro estava aqui e, embora não sonhasse em causar nenhum mal a uma senhora, não tinha as mesmas inibições em relação ao seu marido.

— Se eu não lhe contasse onde estava o ouro, ele disse, ele e seu companheiro iriam cortar Duncan aos pedacinhos, começando pelos dedos dos pés e prosseguindo até seus testículos — Jocasta disse sem rodeios. Duncan já não tinha muito sangue no rosto, mas o pouco que havia desapareceu diante disso. Jamie olhou para Duncan, depois desviou o olhar, pigarreando.

— Você estava convencida de que ele falava a sério, imagino.

— Ele tinha uma faca muito afiada; ele passou-a na palma de minhas mãos para me mostrar que falava a sério. — Ela abriu a mão livre; de fato, uma linha vermelha da espessura de um fio de cabelo atravessava a base da palma.

Ela estremeceu.

— Bem, eu não podia aceitar isso. Assim, fingi relutância, até que o irlandês pegou um dos pés de Duncan. Então eu chorei e me lamurieei, na esperança de que alguém ouvisse, mas os malditos criados tinham ido dormir e os hóspedes estavam ocupados demais bebendo meu uísque e fornicando nos jardins e nos estábulos para ouvir.

Diante do último comentário, o rosto de Bri ficou repentinamente vermelho. Jamie percebeu e tossiu, evitando meu olhar.

— Sim. Então...

— Então eu lhes disse finalmente que o ouro estava enterrado sob o assoalho do barracão perto da horta. — O olhar de satisfação voltou brevemente ao seu rosto. — Pensei que eles se deparariam com o cadáver e que isso os deteria por alguns instantes. Quando finalmente tivessem reunido coragem para cavar, eu esperava já ter encontrado uma forma de escapar e dar o alarme, e foi o que fiz.

Eles a haviam amarrado e amordaçado rapidamente e se dirigido ao barracão, ameaçando retornar e retomar as operações onde haviam

parado, se descobrissem que ela mentira para eles. Mas não fizeram um bom trabalho com a mordaca e ela logo conseguiu arrancá-la e chutar uma vidraça, pela qual pôde pedir socorro.

— Então acho que, quando eles abriram a porta do barracão e viram o corpo, devem ter deixado cair seu lampião com o choque, e assim atearam fogo ao lugar. — Balançou a cabeça com cruel satisfação. — Um preço pequeno. Espero que eles tenham queimado com o barracão!

— Não acha que eles puseram fogo no barracão de propósito? — Duncan perguntou. Parecia um pouco melhor, embora ainda pálido e com ar doentio. — Para encobrir qualquer marca de escavação?

Jocasta deu de ombros, descartando a ideia.

— Com que finalidade? Não havia nada a ser encontrado ali ainda que cvassem até a China. — Ela começava a relaxar um pouco, uma cor normal retornando ao seu rosto, embora seus ombros largos comessem a se inclinar de exaustão.

O silêncio recaiu sobre nós e eu percebi que havia crescentes ruídos no térreo já há algum tempo; vozes masculinas e passos. Os diversos grupos de busca haviam retornado, mas era evidente pelos tons de voz exaustos e decepcionados que nenhum suspeito fora encontrado.

A vela sobre a mesa já havia queimado quase inteiramente; a chama esticava-se junto ao meu cotovelo conforme o pavio alcançava seus últimos centímetros. Uma das velas sobre o consolo da lareira escorreu e apagou-se num fragrante filete de fumaça de cera de abelha. Jamie olhou automaticamente para a janela; ainda estava escuro lá fora, mas a natureza da noite se modificara, como acontece logo antes do amanhecer.

As cortinas balançavam silenciosamente, um ar frio e inquieto, soprando pelo quarto. Outra vela apagou-se. Uma segunda noite sem dormir estava cobrando seu preço; eu sentia frio por todo o corpo, entorpecida e desligada do corpo, e os vários horrores que eu vira e ouvira começaram a se dissolver em irre realidade em minha mente, sem nada a não ser um forte e persistente cheiro de queimado para testemunhar por eles.

Parecia não haver mais nada a dizer ou fazer. Ulysses voltou, entrando discretamente no aposento com uma nova vela e uma bandeja com uma garrafa de conhaque e vários copos. O major MacDonald reapareceu rapidamente para relatar que, de fato, não haviam encontrado nenhum sinal dos bandidos. Examinei tanto Duncan quanto Jocasta rapidamente, e a seguir deixei Bri e Ulysses para ajudá-los a se recolherem.

Jamie e eu descemos a escada em silêncio. Ao pé da escada, eu me

virei para ele. Ele estava pálido de fadiga, as feições abatidas e rígidas como se ele fosse esculpido em mármore, os cabelos e os pelos curtos da barba escuros na luz turva.

— Eles vão voltar, não vão? — eu disse, à meia-voz.

Ele balançou a cabeça e, segurando meu cotovelo, conduziu-me na direção da escada da cozinha.

TÊTE-À-TÊTE, COM BOLO

Tão cedo no ano, a cozinha no porão da casa ainda estava em uso, com a cozinha externa do verão reservada para preparações mais complicadas ou malcheirosas. Acordados pela comoção, todos os criados estavam de pé e trabalhando, embora alguns parecessem prestes a desmoronar no canto mais próximo e voltar a dormir na primeira oportunidade. A cozinheira-chefe, no entanto, estava bem acordada, e era óbvio que ninguém dormia segundo o relógio dela.

A cozinha estava quente e convidativa, as janelas ainda fechadas, o brilho do fogo nas paredes, o ar saturado com os reconfortantes aromas de caldo de carne, pão quente e café. Achei que aquele seria um lugar excelente para nos sentarmos e nos recuperarmos um pouco antes de sairmos cambaleando para a cama, mas evidentemente Jamie tinha outros planos.

Ele parou para conversar com a cozinheira, apenas o tempo suficiente que a educação pedia, adquirindo no processo não apenas um bolo fresco inteiro, polvilhado de canela e embebido em manteiga derretida, como uma enorme jarra de café recém-coado. Em seguida, despediu-se, pegou-me do banco no qual eu havia agradecidamente desmoronado, e partimos outra vez, para o vento frio da noite que chegava ao fim.

Tive uma estranha sensação de déjà vu quando ele tomou o caminho de tijolos na direção dos estábulos. A luz era a mesma de vinte e quatro horas atrás, com as mesmas estrelas minúsculas desaparecendo do mesmo céu azul—acinzentado. A mesma aragem leve de primavera passou por nós e minha pele estremeceu com a lembrança.

Mas nós estávamos caminhando tranquilamente lado a lado, e não voando — uma de minhas lembranças do dia anterior eram os odores perturbadores de sangue e queimado. A cada passo, eu sentia como se estivesse prestes a estender a mão e atravessar as portas de vaivém de um hospital; que o zumbido de luz fluorescente e o cheiro subjacente de remédios e produto de limpeza de assoalho estavam prestes a me engolfar.

— Estou precisando dormir — murmurei comigo mesma.

— Haverá bastante tempo para dormir mais tarde, Sassenach — Jamie retrucou. Ele sacudiu-se brevemente, livrando-se do cansaço

como um cachorro livra-se da água. — Há uma ou duas coisas a serem feitas primeiro. — Mas ele mudou de mão o bolo embrulhado em papel e segurou meu cotovelo com a mão livre, caso eu estivesse prestes a cair de cara no canteiro de repolhos por puro cansaço.

Eu não estava. Eu só quis dizer que era a falta de sono que estava me dando a sensação levemente alucinatória de estar de volta em um hospital. Durante anos, como residente, residente e mãe, eu trabalhara em longos turnos sem dormir, aprendendo a funcionar — e a funcionar bem — apesar da completa exaustão.

Era essa mesma sensação que se apoderava de mim agora, quando eu passava da simples falta de sono para um estado de alerta artificialmente intensificado.

Eu me sentia fria e encolhida, como se habitasse apenas o núcleo mais interno do meu corpo, isolada do mundo ao meu redor por uma camada espessa de carne inerte. Ao mesmo tempo, cada minúsculo detalhe à minha volta parecia estranhamente vívido, da deliciosa fragrância da comida que Jamie carregava e do farfalhar das abas de seu casaco ao som de alguém cantando nos distantes alojamentos dos escravos e as espigas que brotavam no milho nos canteiros da horta ao lado do caminho.

A sensação de lúcido distanciamento permanecia comigo, no momento mesmo em que eu seguia pelo caminho na direção dos estábulos. Algo a fazer, ele dissera. Eu imaginava que ele não pretendia repetir o desempenho de ontem. Mas se ele propunha uma forma de orgia mais serena, envolvendo café e bolo, seria peculiar realizá-la no estábulo, e não na sala de visitas.

A porta lateral não estava trancada; ele empurrou-a e os cheiros mornos de feno e animais adormecidos precipitaram-se para fora.

— Quem é? — disse uma voz grave e baixa das sombras de dentro do estábulo. Roger. Claro; ele não estivera entre a multidão no quarto de Jocasta.

— Fraser — Jamie respondeu, igualmente em voz baixa, e puxou-me para dentro, fechando a porta atrás de nós.

Roger destacava-se em silhueta contra a claridade turva de uma lanterna, perto do final de uma fileira de baias. Ele estava enrolado numa capa e a luz brilhou num nimbo avermelhado ao redor de seus cabelos escuros quando se virou para nós.

— Que tal, a Smeòraich? — Jamie entregou-lhe a jarra de café. A capa de Roger caiu para trás quando ele se moveu para pegá-lo e eu o vi enfiar uma pistola na cintura de suas calças com a outra mão. Sem comentários, ele tirou a tampa e levou a jarra à boca, abaixando-a instantes depois com uma expressão de absoluta bem-aventurança. Ele

suspirou, o hálito uma nuvem de vapor.

— Oh, meu Deus — ele disse fervorosamente. — Foi a melhor coisa que provei em meses.

— Não totalmente. — Parecendo achar graça, Jamie pegou a jarra de volta e entregou-lhe o bolo enrolado em papel. — E então, como ele está?

— Barulhento no começo, mas quieto há algum tempo. Acho que pode estar dormindo.

Já rasgando o papel encharcado de manteiga, Roger balançou a cabeça na direção de uma das baías. Jamie pegou a lamparina de seu gancho e segurou-a no alto, acima do portão trancado. Espreitando por baixo de seu braço, pude ver uma figura encolhida, semienterrada na palha no fundo da baía.

— Sr. Wylie? — Jamie chamou, ainda à meia-voz. — Está dormindo, senhor?

A figura se remexeu, com um farfalhar de feno.

— Não, senhor — veio a resposta, em tons de fria amargura. A figura começou a se estender devagar e Phillip Wylie levantou-se, sacudindo a palha de suas roupas.

Eu certamente já o vira com melhor aparência. Faltavam vários botões de seu casaco, a costura em um dos ombros estava rasgada, as duas barras das calças, abaixo dos joelhos, estavam soltas, as fivelas arrebitadas, e as meias caídas ao redor das canelas de modo absolutamente indecoroso. Alguém evidentemente dera um soco em seu nariz; um filete de sangue secara em seu lábio superior e havia uma mancha marrom e ressecada na seda bordada de seu colete.

Apesar das deficiências de seus trajes, seus modos permaneciam irrepreensíveis, no momento parecendo absolutamente ultrajado.

— Vai pagar por isso, Fraser, juro que vai!

— Sim, pagarei — Jamie disse, imperturbável. — Quando quiser, senhor. Mas não antes de eu obter algumas respostas, sr. Wylie. — Ele destrancou o portão da baía e abriu-o. — Saia.

Wylie hesitou, sem querer permanecer na baía, nem sair por ordem de Jamie. Mas eu vi suas narinas fremirem; evidentemente, ele sentira o cheiro de café. Isso pareceu fazê-lo decidir e ele saiu da baía, a cabeça erguida. Passou a uns trinta centímetros de mim, mas manteve os olhos fixos à frente, fingindo não me ver.

Roger reunira dois tamboretos e um balde virado para baixo. Sentei-me no último e empurrei-o recatadamente para as sombras, deixando os tamboretos para Jamie e Wylie se sentarem a uma distância suficientemente curta para se estrangularem. O próprio

Roger retirou-se discretamente para as sombras ao meu lado com o bolo, parecendo interessado.

Wylie aceitou a jarra de café rigidamente, mas alguns grandes goles pareceram restaurar sua compostura a um grau considerável. Finalmente, abaixou a jarra e respirou ruidosamente, as feições um pouco mais relaxadas.

— Obrigado, senhor. — Devolveu a jarra a Jamie com uma pequena reverência e sentou-se completamente empertigado em seu tamborete, ajeitando cuidadosamente sua peruca, que sobrevivera às aventuras da noite, mas estava em péssimo estado após as desventuras por que passara. — Muito bem, então. Posso perguntar-lhe a razão para esta... esta... atitude inominável?

— Pode, sim, senhor — Jamie respondeu, por sua vez empertigando-se também. — Quero descobrir a natureza de sua associação com um certo Stephen Bonnet e seu conhecimento das atuais andanças desse homem.

O rosto de Wylie tornou-se quase comicamente perplexo.

— Quem?

— Stephen Bonnet.

Wylie começou a virar-se para mim, para pedir explicação, depois se lembrou de que não estava reconhecendo a minha presença. Olhou fixamente para Jamie, as sobrancelhas escuras arriadas.

— Não conheço nenhum cavalheiro com esse nome, sr. Fraser, e portanto não tenho conhecimento de suas andanças. Embora, se tivesse, duvido muito que me sentisse obrigado a informá-lo a esse respeito.

— Não? — Jamie tomou um gole de café pensativamente, depois me entregou a jarra de café. — E o que tem a dizer das obrigações de um hóspede com sua anfitriã, sr. Wylie?

As sobrancelhas escuras ergueram-se, atônitas.

— O que quer dizer, senhor?

— Imagino que não saiba, senhor, que a sra. Innes e seu marido foram atacados esta noite e que sofreram uma tentativa de assalto?

Wylie ficou boquiaberto. Ou ele era um excelente ator ou sua surpresa era genuína. Considerando meus conhecimentos do jovem até a data, achava que ele não era nenhum ator.

— Não sabia. Quem... — Um pensamento atingiu-o e o espanto transformou-se em renovado ultraje. Seus olhos arregalaram-se. — Acha que estou envolvido neste... neste...

— Empreendimento vil? — Roger sugeriu. Ele parecia estar se

divertindo, liberado do tédio de montar guarda. — Sim, achamos. Aceita um pedaço de bolo com seu café, senhor? — Ele estendeu um pedaço de bolo. Wylie fitou-o por um instante, depois ficou de pé num salto, derrubando o bolo da mão de Roger.

— Patife! — Virou-se para Jamie, os punhos cerrados. — Ousa insinuar que eu seja um ladrão?

Jamie inclinou-se um pouco para trás, o queixo erguido.

— Ouso, sim — disse friamente. — Você tentou roubar minha mulher debaixo do meu nariz... por que teria algum escrúpulo com os bens de minha tia?

O rosto de Wylie ficou horivelmente roxo. Se não fosse pela peruca, seus cabelos teriam ficado em pé.

— Seu... famigerado... insolente! — exclamou. Em seguida, lançou-se sobre Jamie. Ambos caíram com um estrondo, numa confusão de braços e pernas.

Dei um salto para trás, agarrando a jarra de café junto ao peito. Roger arremessou-se para o meio da briga, mas eu o impedi, lançando-me sobre ele e segurando-o pela capa.

Jamie tinha a vantagem da altura e da habilidade, mas Wylie não era de modo algum um novato na arte de dar socos, e além disso estava impulsionado por uma raiva frenética. Com mais alguns instantes, Jamie o teria subjugado, mas eu não estava inclinada a esperar.

Monstruosamente irritada com a dupla, dei um passo à frente e virei a jarra de café. Não estava fervendo, mas bastante quente. Houve gritos simultâneos de surpresa e os dois rolaram um para cada lado, arrastando-se e sacudindo-se. Achei ouvir Roger rir atrás de mim, mas quando girei nos calcanhares para encará-lo, ele já assumira uma expressão de impassível interesse. Ele ergueu as sobrancelhas para mim e enfiou outro pedaço de bolo na boca.

Virei-me e encontrei Jamie já de pé e Wylie levantando-se de seus joelhos, ambos encharcados de café e com expressões que sugeriam a intenção de retomar os procedimentos exatamente onde eu os havia interrompido. Intrumeti-me entre ambos e bati o pé.

— Parem, não vou mais aturar isso!

— Não! — Wylie disse, enfurecido. — Ele atacou minha honra e eu exijo...

— Oh, para o inferno com sua maldita honra... e a sua também! — rosnei, olhando furiosamente dele para Jamie. Jamie, que evidentemente pretendia retrucar com algo igualmente insultuoso, contentou-se, em vez disso, com uma ressonante resfolegada.

Chutei um dos tamboretos caídos e aponteí para ele, ainda olhando furiosamente para Jamie.

— Sente-se!

Afastando o tecido encharcado da camisa de seu peito, ele endireitou o tamborete e sentou-se, com imensa dignidade.

Wylie estava menos inclinado a prestar atenção a mim e continuava com as observações sobre sua honra. Chutei-o na canela. Desta vez eu estava usando botas pontudas. Ele deu um berro e saltitou em um pé só, segurando a perna ofendida. Os cavalos, completamente despertados pela comoção, batiam as patas e relinchavam em suas baias, enchendo o ar de resíduos flutuantes de palha.

— Não queira contrariá-la quando ela está furiosa — Jamie disse a Wylie.

Wylie olhou-me com raiva, mas sua carranca alterou-se para uma expressão de incerteza — ou por causa da jarra de café vazia, que eu agora segurava pelo gargalo como um porrete, ou por causa de suas lembranças da noite anterior, quando me descobriu no meio da autópsia de Betty. Com esforço, engoliu o que quer que pretendesse dizer e sentou-se lentamente no outro tamborete. Retirou um lenço do bolso de seu manchado colete e enxugou um fio de sangue que escorria pelo lado de seu rosto de um corte no supercílio.

— Eu gostaria — ele disse com requintada educação — de saber o que está acontecendo aqui, por favor.

Ele perdera a peruca; estava jogada no chão, numa poça de café. Jamie inclinou-se e pegou-a, segurando-a cuidadosamente, como um animal morto. Limpou o lado de seu maxilar sujo de lama com a mão livre e estendeu a peruca gotejante para Wylie.

— Então estamos de acordo, senhor.

Wylie pegou a peruca com um rígido movimento da cabeça em agradecimento e colocou-a sobre o joelho, alheio ao café que ensopava suas calças. Os dois homens olharam para mim, com expressões idênticas de cética impaciência. Evidentemente eu fora eleita a mediadora.

— Roubo, assassinato e só Deus sabe o que mais — eu disse com firmeza. — E pretendemos chegar ao fundo de tudo isso.

— Assassinato? — Roger e Wylie falaram ao mesmo tempo, ambos parecendo espantados.

— Quem foi assassinado? — Wylie perguntou, olhando aterrorizado de mim para Jamie e de novo para mim.

— Uma escrava — Jamie disse, com um sinal com a cabeça na

minha direção. — Minha mulher suspeitou de sua morte e assim pretendemos descobrir a verdade. Por isso a nossa presença no barracão quando se deparou conosco à noite passada.

— Presença — Wylie repetiu. Seu rosto já estava pálido, mas ele pareceu ligeiramente nauseado à lembrança do que havia me visto fazendo no barracão. — Sim. Eu... vi. — Lançou-me um olhar pelo canto do olho.

— Então ela foi assassinada? — Roger surgiu dentro do círculo de luz e colocou o balde de novo no lugar, sentando-se aos meus pés. Colocou o restante do bolo no chão. — O que a matou?

— Alguém lhe deu vidro moído — eu disse. — Achei uma boa quantidade ainda em seu estômago.

Prestei bastante atenção a Phillip Wylie ao dizer isso, mas seu rosto manteve a mesma expressão de estupefata perplexidade, como o de Jamie e de Roger.

— Vidro. — Jamie foi o primeiro a se recobrar. Sentou-se direito no tamborete, empurrando uma mecha de cabelo para trás da orelha. — Quanto tempo isso deve levar para matar alguém, Sassenach?

Esfreguei dois dedos entre as sobrancelhas; o entorpecimento de antes estava dando lugar a uma latejante dor de cabeça, agravada pelo forte cheiro de café e o fato de que eu não chegara a beber nada dele.

— Não sei — eu disse. — Penetraria no estômago em questão de minutos, mas poderia levar muito tempo até causar danos suficientes para provocar uma hemorragia. A maior parte dos danos provavelmente seriam no intestino delgado; as partículas de vidro perfurariam o revestimento interno. E se o sistema digestivo estivesse de certa forma prejudicado — pela bebida, digamos — e não se movimentando bem, poderia levar ainda mais tempo. Ou se ela tivesse ingerido muita comida juntamente com ele.

— Esta é a mulher que você e Bri encontraram no jardim? — Roger virou-se para Jamie, perguntando.

— Sim. — Jamie assentiu, os olhos ainda fixos em mim. — Ela estava inconsciente da bebida na ocasião. E quando você a viu mais tarde, Sassenach, havia sinais disso?

Sacudi a cabeça.

— O vidro podia já estar agindo na ocasião, mas ela estava inconsciente. Uma coisa... Fentiman realmente disse que ela acordou no meio da noite queixando-se de dor na barriga. Portanto, certamente já estava afetada a essa hora. Mas não posso saber com certeza se já haviam lhe dado vidro moído antes de você e Bri a encontrarem ou se talvez ela acordou do estupor no começo da noite e

alguém lhe deu isso então.

— Os intestinos se corroendo — Roger murmurou. Sacudiu a cabeça, a boca amarga diante da ideia. — Santo Deus, que maneira de morrer.

— Sim, é muita maldade — Jamie concordou, balançando a cabeça. — Mas por quê? Quem iria desejar a morte da mulher?

— Uma boa pergunta — Wylie disse laconicamente. — Entretanto, posso lhes garantir que não fui eu.

Jamie deu-lhe um demorado olhar de avaliação.

— Sim, talvez — ele disse. — Mas, se não, por que foi ao barracão ontem à noite? O que tinha para fazer lá, a não ser talvez olhar o rosto de sua vítima?

-Minha vítima! — Wylie empertigou-se com um sobressalto, novamente ofendido. — Não era eu quem estava naquele barracão, vermelha até o cotovelo com o sangue da mulher e arrancando pedaços de ossos e tudo o mais! — Lançou a cabeça para o lado, fitando-me com fúria no olhar.

— Minha vítima, era o que faltava! É crime grave profanar um cadáver, sra. Fraser. E eu já andei ouvindo coisas... oh, sim, eu já andei ouvindo coisas a seu respeito! Eu a acuso de ter sido você quem matou a mulher com o propósito de obter...

Suas palavras terminaram num gorgolejo quando a mão de Jamie agarrou a frente de sua camisa e torceu-a com força ao redor de seu pescoço. Deu um soco no estômago de Wylie, com força, e o jovem se dobrou ao meio, tossiu e vomitou café, bílis e mais algumas substâncias desagradáveis por todo o chão, seus joelhos e Jamie.

Suspirei, cansada. O breve efeito de aquecimento da discussão desaparecera e eu estava me sentindo com frio e ligeiramente desorientada outra vez. O mau cheiro não ajudou.

— Isso não ajuda em nada, sabe — eu disse a Jamie em tom de censura. Ele soltara Wylie, que ainda estava dobrado ao meio em seu tamborete, o rosto um pouco esverdeado. Roger olhou por cima do ombro para Jamie.

— Mas ele está certo? Sobre ser crime grave mexer com um corpo?

— Não sei — Jamie disse, um tanto secamente. Despido até a cintura, sujo de sangue e vômito, e com os cabelos ruivos desgrenhados à luz da lamparina, ele parecia muito diferente do cavalheiro bem-arrumado que saíra para jogar uíste.

— Mas não importa — ele acrescentou, — já que ele não vai contar isso a ninguém. Porque se o fizer, vou castrá-lo como um boi e alimentar os porcos com suas bolas e sua língua mentirosa. — Ele

tocou o cabo da adaga, assegurando-se de que estaria à mão, se necessário.

— Mas tenho certeza de que não teve a intenção de fazer acusações tão infundadas com respeito à minha mulher, não é... senhor? — ele disse a Wylie, com excessiva cortesia.

Não fiquei surpresa em ver Phillip Wylie sacudir a cabeça, evidentemente ainda impossibilitado de falar. Jamie fez um ruído de maligna satisfação e abaixou-se para pegar a capa que deixara cair.

Sentindo-me um pouco fraca depois dessa exibição da noção masculina de honra, sentei-me no balde.

— Tudo bem — eu disse, afastando uma mecha de cabelos do rosto. — Muito bem. Portanto, tudo isso já está resolvido... onde é que nós estávamos?

— No assassinato de Betty — Roger deu a dica. — Não sabemos quem, não sabemos quando e não sabemos por quê... embora, para fins de argumentação, posso sugerir que partamos do pressuposto de que ninguém aqui teve nada a ver com isso?

— Muito bem. — Jamie descartou o assassinato com um gesto brusco e sentou-se. — E quanto a Stephen Bonnet?

A expressão de Roger, até aqui de interesse, adquiriu um ar sombrio.

— Sim, e quanto a ele? Ele está envolvido nesse caso?

— Não no assassinato, talvez... mas minha tia e seu marido foram atacados em seu quarto à noite passada por dois bandidos. Um dos quais era um irlandês. — Jamie envolveu os ombros nus com a capa, lançando um olhar sinistro a Phillip Wylie, que se recobrava o suficiente para sentar-se direito.

— Eu repito — ele disse friamente, as mãos ainda pressionadas contra o estômago — que eu não conheço nenhum cavaleiro por este nome, quer seja irlandês ou hotentote.

— Stephen Bonnet não é um cavaleiro — Roger disse. As palavras eram bastante suaves, mas carregavam um tom que fez Wylie erguer os olhos para ele.

— Eu não conheço o sujeito — ele disse com firmeza. Respirou superficialmente para experimentar e, achando suportável, respirou mais profundamente. — Por que acha que o irlandês que cometeu o ultraje contra o sr. e a sra. Innes deveria ser esse Bonnet? Por acaso ele deixou seu cartão?

Eu ri, surpreendendo a mim mesma. Apesar de tudo, eu tinha que admitir um certo respeito por Phillip Wylie. Preso, espancado, ameaçado, molhado de café e privado de sua peruca, ele conservava

muito mais dignidade do que a maioria dos homens em sua situação o faria.

Jamie olhou para mim, depois novamente para Wylie. Achei que o canto de sua boca torceu-se, mas era impossível saber na luz turva.

— Não — ele disse. — Pois eu conheço Stephen Bonnet, que é um criminoso, um degenerado e um ladrão. E eu vi o sujeito com o senhor quando se deparou comigo e com minha mulher no barracão.

— Sim — eu disse. — Eu também o vi... logo atrás de você. E, aliás, o que você estava fazendo lá? — perguntei, a pergunta ocorrendo-me repentinamente.

Os olhos de Wylie arregalaram-se diante da acusação de Jamie. Com minha declaração, ele pestanejou. Respirou fundo outra vez e abaixou os olhos, esfregando os nós dos dedos sob o nariz. A seguir, ergueu os olhos para Jamie, a arrogância desaparecida.

— Eu não o conheço — ele disse serenamente. — Eu tinha a impressão de estar sendo seguido, mas, olhando para trás, não vi ninguém, e não dei mais atenção a isso. Quando eu... vi o que havia dentro do barracão -seus olhos dardejaram em minha direção, mas se recusavam a me encarar, — fiquei chocado demais para ver qualquer outra coisa além do que estava diante dos meus olhos.

Nisso eu podia acreditar.

Wylie ergueu os ombros, depois deixou que arriassem.

— Se esse tal de Bonnet estava realmente atrás de mim, então devo acreditar em sua palavra, senhor. No entanto, asseguro-lhe que ele não estava lá por minha causa, nem com meu conhecimento.

Jamie e Roger trocaram um olhar, mas podiam perceber a verdade nas palavras de Wylie, assim como eu também podia. Fez-se um breve silêncio, no qual pude ouvir os cavalos movendo-se em suas baias. Não estavam mais agitados, mas estavam ficando impacientes, na expectativa de serem alimentados. A luz da aurora filtrava-se através das fendas sob as calhas, uma radiação enevoada e suave, que privava o ar dentro do estábulo de qualquer cor, e no entanto revelava os contornos indistintos dos arreios pendurados na parede, forçados e pás guardados num canto.

— Os cavalariaços logo chegarão. — Jamie remexeu-se e respirou fundo, endireitando os ombros com um ligeiro estremecimento. Olhou novamente para Wylie.

— Muito bem, senhor. Eu aceito sua palavra de cavalheiro.

— É mesmo? Estou lisonjeado.

— Ainda assim — Jamie continuou, explicitamente ignorando o sarcasmo, — eu gostaria de saber o que o levou ao barracão ontem à

noite.

Wylie começara a se erguer do seu tamborete. Diante disso, hesitou, depois se sentou novamente. Pestanejou uma ou duas vezes, como se estivesse pensando, depois suspirou, desistindo.

— Lucas — disse, simplesmente. Não ergueu os olhos, mantendo-os fixos nas mãos, caídas languidamente entre suas coxas. — Eu estava lá, na noite em que ele nasceu. Eu o criei, domei-o, treinei-o. — Engoliu em seco uma vez; vi o tremor sob os babados junto ao seu pescoço. — Vim ao estábulo para ter alguns instantes sozinho com ele... para me despedir.

Pela primeira vez, o rosto de Jamie perdeu o ar de antipatia que sempre ostentava quando olhava para Wylie. Respirou fundo e balançou a cabeça levemente.

— Sim, compreendo — disse serenamente. — E depois?

Wylie empertigou-se um pouco.

— Quando deixei o estábulo, achei ouvir vozes perto do muro da horta. E, quando me aproximei para ver o que poderia ser, vi luz através das fendas do barracão. — Deu de ombros. — Abri a porta. E o senhor sabe melhor do que eu o que aconteceu então, sr. Fraser.

Jamie passou a mão com força pelo rosto, depois sacudiu a cabeça.

— Sim — ele disse. — Sei. Fui ao encalço de Bonnet e você se intrometeu no caminho.

— Você me atacou — Wylie disse friamente. Puxou o casaco arruinado mais para cima, nos ombros. — Eu me defendi, como tinha todo o direito de fazer. E então você e seu cunhado me agarraram, me jogaram lá — apontou o queixo para a baia atrás dele — e me mantiveram preso metade da noite!

Roger limpou a garganta. Jamie também, embora com intenções mais austeras.

— Sim, bem — ele disse. — Não vamos discutir sobre isso. — Ele suspirou e recuou, gesticulando para Wylie, indicando que ele podia ir. — Imagino que não tenha visto em que direção Bonnet fugiu.

— Oh, sim. Embora eu não soubesse seu nome, é claro. Imagino que esteja completamente fora de alcance a esta altura — Wylie disse. Havia um tom estranho em sua voz; algo como satisfação. Jamie virou-se bruscamente.

— O que quer dizer?

— Lucas. — Wylie balançou a cabeça, indicando o corredor central do estábulo imerso na penumbra, na direção das sombras na outra extremidade. — Sua baia fica naquela extremidade. Conheço muito

bem sua voz, o som de seus movimentos. E eu não o ouvi esta manhã. Bonnet, se era ele, fugiu na direção do estábulo.

Antes que Wylie tivesse terminado de falar, Jamie já agarrara a lamparina e atravessava o estábulo a passos largos. Os cavalos enfiavam os focinhos com curiosidade por cima das portas das baias conforme ele passava, relinchando e fungando — mas nenhum focinho negro apareceu na extremidade da fileira, nenhuma crina negra esvoaçou numa alegre saudação. O resto de nós apressou-se atrás dele, inclinando-se para ver além dele quando segurou a lamparina no alto.

A luz amarela brilhou na palha vazia.

Ficamos parados em silêncio por um longo instante, olhando. Então Phillip Wyle suspirou e empertigou-se.

— Se eu já não o tenho, sr. Fraser... o senhor também não. — Seus olhos pousaram em mim, sombriamente irônicos. — Mas eu lhe desejo felicidades com sua esposa.

Virou-se e se afastou, as meias caídas, os saltos vermelhos de seus sapatos cintilando na luz crescente.

Lá fora, o dia amanhecia, sereno e adorável. Apenas o rio parecia se mexer, a luz se espalhando, brilhando prateada em sua correnteza além das árvores.

Roger partira para a casa, bocejando, mas Jamie e eu permanecemos junto ao curral. As pessoas estariam circulando em poucos instantes; haveria mais perguntas, especulações, falatório. Nenhum de nós dois queria mais conversa; não agora.

Finalmente, Jamie passou o braço pelos meus ombros e, com um ar de decisão, afastou-se da casa. Eu não sabia aonde ele estava indo, e não me importava muito, embora esperasse poder me deitar quando chegássemos lá.

Passamos pelo ferreiro, onde um menino com cara de sono soprava a forja com um par de foles, fazendo faíscas vermelhas flutuarem e brilharem como vaga-lumes nas sombras. Depois dos prédios externos, dobramos uma curva e estávamos diante de um barracão indefinido, com uma grande porta dupla. Jamie levantou a tranca e abriu um pouco a porta, fazendo sinal para eu entrar.

— Não sei por que nunca pensei neste lugar — ele disse — quando procurava um lugar privado.

Estávamos no barracão de carruagens. Viam-se um carroção e uma charrete nas sombras, assim como o faetonte de Jocasta. Era uma pequena carruagem de duas rodas, descoberta, como um grande trenó, e tinha um banco com assentos revestidos de veludo azul e um balancim na forma de espiral, como a proa de um navio. Jamie

ergueu-me pela cintura e me colocou dentro dela, depois subiu para o meu lado. Havia um manto de pele de búfalo sobre os assentos; ele puxou-o e estendeu-o no assoalho do faetonle. Havia espaço suficiente apenas para duas pessoas se enroscarem ali, se não se importassem de ficar bem juntas.

— Vamos, Sassenach — ele disse, caindo de joelhos. — O que quer que venha em seguida... pode esperar.

Concordei inteiramente. Embora estivesse à beira da inconsciência, não pude deixar de perguntar sonolentemente:

— Sua tia... você confia nela? No que ela disse, sobre o ouro e tudo o mais?

— Oh, sim, claro que sim — ele murmurou no meu ouvido. Seu braço pesava sobre minha cintura. — Mas não poria a minha mão no fogo.

DEDUÇÕES

Finalmente forçados a abandonar nosso refúgio pela fome e pela sede, saímos do barracão das carruagens e passamos pelos olhares diplomaticamente desviados dos criados, ainda ocupados limpando os restos da festa de casamento. Na beira do gramado, eu vi Phaedre, vinda do mausoléu com os braços cheios de pratos e copos deixados no meio dos arbustos. Seu rosto estava inchado e manchado, os olhos vermelhos, mas ela não estava chorando.

Ela nos viu e parou.

— Oh — ela disse. — A srta. Jo está procurando-o, sr. Jamie.

Falou arrastadamente, como se as palavras nada significassem para ela, e não pareceu achar nada estranho em nosso repentino aparecimento ou roupas amassadas.

— Oh? Sim. — Jamie passou a mão pelo rosto, balançando a cabeça. — Sim, vou subir para falar com ela.

Ela assentiu, e já se virava para ir embora quando Jamie estendeu o braço e tocou em seu ombro.

— Sinto muito pelo seu infortúnio, menina — ele disse brandamente.

Lágrimas assomaram aos seus olhos e derramaram-se, mas ela não disse nada. Fez uma pequena mesura, virou-se e saiu correndo, tão depressa que uma faca caiu da pilha de louças, saltando na grama atrás dela.

Abaixei-me e peguei-a, a sensação do cabo da faca lembrando-me repentina e vividamente da lâmina que eu usara para abrir o corpo de sua mãe. Por um instante perturbador, eu não estava mais no gramado em frente à casa, mas nos confinamentos escuros do barracão, o cheiro de morte pesado no ar e a prova de assassinato arenosa em minha mão.

Então a realidade se refez e o gramado verde ficou coberto de bandos de pombos e pardais, ciscando pacificamente à procura de farelos aos pés de uma deusa de mármore, brilhante ao sol.

Jamie dizia alguma coisa.

—...tomar um banho e descansar um pouco, Sassenach?

— O quê? Oh... não, eu vou com você. — Eu estava ansiosa para

terminar este caso e voltar para casa. Já tivera vida social demais por agora.

Encontramos Jocasta, Duncan, Roger e Brianna juntos na sala de estar de Jocasta, refestelando-se no que parecia ser um substancial, ainda que bastante atrasado, café da manhã. Brianna lançou um olhar incisivo às roupas arruinadas de Jamie, mas não disse nada, continuando a bebericar seu chá, as sobrançelas ainda erguidas. Tanto ela quanto Jocasta usavam roupão e, apesar de Duncan e Roger estarem vestidos, pareciam pálidos e sujos depois das aventuras da noite. Nenhum dos dois havia feito a barba e Duncan exibia uma grande mancha roxa no lado do rosto, onde batera na pedra da lareira ao cair, mas fora isso parecia estar bem.

Imaginei que Roger houvesse contado a todos sobre nosso tête-à-tête com Phillip Wylie e o desaparecimento de Lucas. Ao menos, ninguém fez perguntas. Duncan empurrou silenciosamente um prato de bacon na direção de Jamie e durante algum tempo não se ouviu nenhum som, exceto o tilintar musical de talheres nos pratos e os ruídos de chá sendo tomado.

Finalmente, satisfeitos e nos sentindo um pouco recuperados, nos recostamos para trás em nossas cadeiras e começamos hesitantemente a discutir os acontecimentos do dia — e noite — anterior. Tantos foram os acontecimentos que eu achei que talvez fosse melhor tentar reconstruí-los de uma forma lógica. Eu disse isso e, embora a boca de Jamie se torcesse de uma maneira irritante, sugerindo que ele achava a ideia de lógica incompatível comigo pessoalmente, eu ignorei o gesto e firmemente procurei dar ordem à reunião.

— Tudo começa com Betty, não acham?

— Quer comece ou não, acho que é um ponto de partida tão bom quanto qualquer outro, Sassenach — Jamie concordou.

Brianna terminou de passar manteiga numa última fatia de torrada, parecendo achar graça.

— Vá em frente, srta. Marple — ela disse, sacudindo-a para mim antes de dar uma mordida. Roger fez um breve ruído engasgado, mas eu ignorei isso também, com dignidade.

— Ótimo. Agora, eu achei que Betty provavelmente estava drogada quando a vi, mas como o dr. Fentiman me impediu de examiná-la, eu não podia ter certeza. Mas estamos razoavelmente convencidos de que Betty tomou ponche com alguma substância estranha, certo? — Olhei ao redor do círculo de rostos e tanto Bri quanto Jamie balançaram a cabeça, adotando expressões solenes.

— Sim, eu senti o gosto de alguma coisa na xícara que não era bebida — Jamie disse.

— E eu conversei com os criados da casa depois de deixar papai — Brianna acrescentou, inclinando-se para frente. — Duas das mulheres admitiram que

Betty bebe, quer dizer, bebia, os restos de bebidas nas festas, mas ambas garantiram que ela não estava mais do que "alegre" quando ajudava a servir ponche de rum no salão.

— E eu estava no salão na ocasião, com Seamus Hanlon e seus músicos — Roger confirmou. Olhou para Bri e apertou seu joelho delicadamente. — Eu vi o próprio Ulysses preparar o ponche. Foi a primeira vez no dia que você o preparou, Ulysses?

Todas as cabeças se viraram para o mordomo, que permanecia com o rosto impenetrável atrás da cadeira de Jocasta, a bem-arrumada peruca e o uniforme de libré bem passado, uma reprovação silenciosa à atmosfera geral de cansaço e desalinhamento.

— Não, a segunda — ele respondeu serenamente. — A primeira foi no café da manhã. — Seus olhos estavam alertas, ainda que injetados, mas o resto de seu rosto parecia esculpido em granito. A organização da casa e os criados eram sua responsabilidade e era claro que ele achava que os recentes acontecimentos representavam uma mortificante repreensão pessoal à sua administração.

— Certo. — Roger virou-se novamente para mim, esfregando a mão no rosto barbado. Ele devia ter tirado um cochilo desde o confronto com Wylie no estábulo, mas não aparentava.

— Eu mesmo não prestei nenhuma atenção a Betty, mas o certo é que eu teria notado se ela estivesse bêbada e cambaleando naquela ocasião. Assim como Ulysses, imagino. — Olhou por cima do ombro em busca de confirmação e o mordomo assentiu, com relutância.

— O tenente Wolff estava bêbado e cambaleando — Roger acrescentou. — Todos notaram isso. Todos comentavam como ainda era cedo para estar naquelas condições.

Jocasta emitiu um ruído brusco e Duncan abaixou a cabeça, disfarçando um sorriso.

— O problema é que — Jamie resumiu com presteza — a segunda rodada de ponche de rum foi servida logo depois do meio-dia e eu encontrei a mulher caída no monte de estrume, cheirando a bebida e com uma xícara de ponche ao lado, não mais do que uma hora depois. Não diria que não pudesse ser feito, mas seria um serviço muito rápido ficar tão embriagada naquele intervalo de tempo, especialmente se tudo fosse feito com restos de bebida.

— Então presumimos que ela foi realmente drogada — eu disse. — A substância mais provável sendo o láudano. Haveria algum

disponível na despensa aqui?

Jocasta percebeu o aumento de tom em minha voz e compreendeu que a pergunta era dirigida a ela; endireitou-se em sua cadeira, arrumando alguns fios de cabelos brancos sob a touca ornamentada de fitas. Ela parecia ter se recuperado bem da noite anterior.

— Oh, sim. Mas isso não quer dizer nada — ela objetou. — Qualquer um poderia ter trazido. Não é difícil de ser encontrado e pode ser comprado. Conheço pelo menos duas mulheres entre os convidados que tomam a substância regularmente. Eu diria até que trouxeram um pouco com elas.

Eu adoraria saber quais conhecidas de Jocasta eram viciadas em ópio, e como isso era do seu conhecimento, mas descartei a questão, passando à seguinte.

— Bem, de onde quer que o láudano tenha vindo, aparentemente terminou dentro de Betty. — Virei-me para Jamie. — Ora, você disse que lhe ocorreu quando a encontrou que ela deve ter bebido alguma coisa, droga ou veneno, destinada a outra pessoa.

Ele balançou a cabeça, seguindo-me atentamente.

— Sim, pois quem iria querer matar ou prejudicar uma escrava?

— Eu não sei por quê, mas alguém realmente a matou — Brianna interrompeu, um tom incisivo na voz. — Não vejo como Betty poderia ter comido vidro moído destinado a outra pessoa, não é?

— Não me apresse! Estou tentando ser lógica. — Franzia a testa para Bri, que emitiu um ruído brusco semelhante ao de Jocasta, porém não tão alto.

— Não — eu continuei, — não acho que ela possa ter ingerido o vidro moído por acidente, mas não sei quando ela o ingeriu. Mas é quase certo que tenha sido algum tempo depois que você e Jamie a levaram para o sótão, e depois da primeira vez que o dr. Fentiman a viu.

Os laxantes e purgativos de Fentiman teriam causado uma forte hemorragia se Betty já tivesse ingerido o vidro, como realmente causaram, quando ele retornou para tratar de suas queixas renovadas de dores na barriga, quase ao amanhecer.

— Acho que você tem razão — eu disse a Brianna, — mas só para ser metódica... quando você foi dar uma olhada, Roger, não encontrou nenhum dos convidados parecendo estar drogado?

— Não — ele disse pressionando a articulação de um dedo com força entre as sobrancelhas. Havia pelo menos vinte que começavam a cambalear um pouco, mas todos pareciam apenas bêbados.

— E o tenente Wolff? — Duncan perguntou nesse momento, para

surpresa de todos. Ele enrubescou ligeiramente, vendo todos os olhos sobre ele, mas teimosamente insistiu em seu argumento.

— A Smeðraich disse que o sujeito estava bêbado e cambaleando no salão. Ele não poderia ter tomado o láudano, ou o que quer que fosse, bebido a metade e dado o resto para a criada que estava lá?

— Não sei — eu disse, em dúvida. — Se eu algum dia tivesse visto alguém que pudesse ficar tão embriagado no espaço de uma hora, simplesmente com álcool...

— Quando fui verificar os convidados, o tenente estava recostado na parede do mausoléu com uma garrafa na mão — Roger disse. — Totalmente incoerente, mas ainda consciente.

— Sim, ele apagou no meio dos arbustos mais tarde — Jamie acrescentou, parecendo em dúvida. — Eu o vi, à tarde. Mas ele não parecia estar como a escrava, apenas bêbado.

— Mas o momento parece certo — eu disse pensativamente. — Portanto, é possível, ao menos. Alguém viu o tenente mais tarde?

— Sim — Ulysses disse, fazendo todos se voltarem para olhá-lo outra vez. — Ele entrou na casa durante o jantar e me pediu para achar um barco para ele imediatamente, e foi embora pelo rio. Ainda muito bêbado — acrescentou com segurança, — mas lúcido.

Jocasta fez um muxoxo com os lábios e murmurou à meia-voz:

— Lúcido, pois sim.

Ela massageou as têmporas com os dois indicadores; evidentemente, ela também tinha uma dor de cabeça.

— Imagino que isso elimine o tenente como suspeito, não? Ou o fato de ele ter partido tão subitamente é suspeito? — Brianna, a única pessoa presente que parecia não ter uma dor de cabeça, deixou cair vários cubos de açúcar em seu chá e mexeu-o vigorosamente. Jamie fechou os olhos, contraindo-se com o barulho estridente.

— Você não está se esquecendo de uma coisa? — Jocasta acompanhara todos os argumentos atentamente, a testa ligeiramente franzida em concentração. Agora, inclinou-se para frente, estendendo a mão para a mesa baixa com o café da manhã. Tateou ligeiramente aqui e ali para localizar o que queria, depois pegou uma pequena xícara de prata.

— Você me mostrou a xícara em que Betty bebeu, sobrinho — ela disse a Jamie, mostrando a que tinha na mão. — Era igual a esta, não?

A xícara era de prata, e nova em folha, com o desenho gravado quase imperceptível. Com o tempo, quando o metal começasse a adquirir uma pátina, o escurecimento se fixaria nos sulcos da gravação, destacando-a, mas por enquanto a letra maiúscula e o

pequeno peixe que nadava ao redor dela quase se perdiam no brilho do metal.

— Sim, era igual a essa, tia — Jamie respondeu, tocando a mão que segurava a xícara. — Brianna disse que fazia parte de um conjunto?

— Sim, fazia. Eu as dei a Duncan na manhã do dia do casamento, como um presente. — Ela abaixou a xícara, depois colocou os dedos longos sobre ela. — Bebemos em duas das xícaras, Duncan e eu, no café da manhã, mas as outras quatro permaneceram aqui. — Abanou a mão para trás, indicando o pequeno bufê perto da parede, onde as travessas de bacon e ovos fritos haviam sido colocadas. Bandejas decoradas estavam em pé, apoiadas contra o fundo do bufê, intercaladas com um conjunto de copos de xerez de cristal. Eu contei; todas as seis xícaras de prata com o desenho do peixe estavam sobre a mesa agora, cheias de vinho do porto, que Jocasta parecia gostar de beber no café da manhã. Mas não havia nenhum indício de qual delas contivera a bebida.

— Você não levou nenhuma dessas xícaras para o salão no dia do casamento, Ulysses? — ela perguntou.

— Não, madame. — Ele pareceu chocado com a ideia. — Claro que não.

Ela balançou a cabeça e voltou os olhos cegos para Jamie, depois para mim.

— Portanto — ela disse simplesmente era a xícara de Duncan.

Duncan pareceu espantado, depois nervoso, ao perceber as implicações do que ela acabara de dizer.

— Não — disse, sacudindo a cabeça. — Ah, não. Não pode ter sido. — Mas gotículas de suor haviam começado a formar uma película ao longo da pele curtida pelo tempo de seu maxilar.

— Alguém lhe ofereceu uma bebida no dia anterior, a charaid? — Jamie perguntou, inclinando-se atentamente para a frente.

Duncan encolheu os ombros, desamparadamente.

— Ah, todo mundo ofereceu!

Era óbvio que sim. Afinal, ele era o noivo. Entretanto, ele não aceitara nenhuma das bebidas oferecidas, por causa da indisposição estomacal causada pelo seu nervosismo. Nem notara particularmente se algum dos drinques oferecidos tinha sido servido em uma xícara de prata.

— Eu estava tão distraído, Mac Dubh, que não teria notado se alguém tivesse me oferecido uma cobra viva na mão. — Ulysses tirou um guardanapo de linho da bandeja e ofereceu-o discretamente. As

cegas, Duncan pegou-o e enxugou o rosto.

— Então... você acha que alguém estava tentando prejudicar Duncan? — A perplexidade na voz de Roger podia não ser estritamente lisonjeira, mas Duncan não pareceu se importar.

— Mas por quê? — ele disse, confuso. — Quem poderia odiar a mim?

Jamie disfarçou uma risadinha e a tensão ao redor da mesa arrefeceu um pouco. Era verdade; embora Duncan fosse inteligente e competente, era tão modesto que era impossível conceber que tivesse ofendido alguém, quanto mais levado alguém a uma fúria assassina.

— Bem, a charaid — Jamie disse diplomaticamente, — pode não ser pessoal, sabe? — Ele olhou para mim e fez um trejeito irônico. Mais de uma tentativa já havia sido feita contra sua própria vida, por razões que só tinham a ver com quem ele era, em vez de qualquer coisa que tivesse feito. Não que algumas pessoas não tivessem também tentado matá-lo em diversas ocasiões por motivos pessoais.

Jocasta parecia estar pensando na mesma linha.

— De fato — ela disse. — Também andei pensando. Você se lembra, sobrinho, do que aconteceu na Assembleia?

Jamie ergueu uma das sobrancelhas e pegou uma xícara de chá.

— Muitas coisas aconteceram lá, tia — ele disse. — Mas imagino que esteja se referindo ao que aconteceu ao padre Kenneth, não?

— Isso mesmo. — Ela estendeu a mão automaticamente e Ulysses colocou uma nova xícara nela. — Você não me contou que Lillywhite disse algo sobre o padre ter sido impedido de realizar cerimônias?

Jamie balançou a cabeça, fechando os olhos por um instante ao tomar um grande gole de chá.

— Sim, ele disse. Então acha que ele se referia a seu casamento com Duncan? Essa era a cerimônia a ser impedida?

Minha dor de cabeça se agravava. Pressionei os dedos entre as sobrancelhas; estavam quentes da xícara e senti uma sensação agradável de calor em minha pele.

— Espere um minuto! — eu disse. — Você está dizendo que alguém queria impedir o casamento de sua tia com Duncan e foi bem-sucedido na Assembleia, mas depois não conseguiu pensar em nenhum modo de impedi-lo agora e, assim, tentou assassinar Duncan, a fim de que não houvesse mais casamento? — Minha voz ecoava a perplexidade nas feições de Duncan.

— Eu próprio não estou dizendo isso — Jamie disse, olhando para Jocasta com interesse, — mas creio que é isso que minha tia está

sugerindo.

— Sim, estou — ela disse calmamente. Tomou um pouco de seu chá e abaixou a xícara com um suspiro. — Não estou querendo me valorizar, sobrinho, mas o fato é que tenho sido cortejada por um e por outro, desde a morte de Hector. River Run é uma propriedade rica e eu sou uma velha mulher.

Houve um instante de silêncio, enquanto cada um absorvia o que fora dito. O rosto de Duncan refletia um horror desassossegado.

— Mas... — ele disse, gaguejando um pouco — mas... mas... se era isso, Mac Dubh, por que esperar?

— Esperar?

— Sim. — Olhou ao redor da mesa, em busca de compreensão. — Veja bem, se alguém pretendia impedir o casamento na Assembleia, tudo bem. Mas passaram-se quatro meses desde então e ninguém ergueu a mão contra mim. Eu cavalgo sozinho a maior parte do tempo; teria sido simples, sem dúvida, me emboscar na estrada quando eu estivesse em minhas andanças e meter uma bala na minha cabeça. — Ele falou de forma pragmática, mas eu vi um pequeno tremor percorrer Jocasta diante da ideia.

— Então por que esperar até quase a própria hora do casamento, e na presença de centenas de pessoas? Sim, bem, é uma boa questão, Duncan — Jamie admitiu.

Roger acompanhava a argumentação, os cotovelos fincados nos joelhos, o queixo apoiado nas mãos. Endireitou-se diante da ideia.

— Posso pensar em uma razão — ele disse. — O padre.

Todos fitaram-no, as sobranceiras erguidas.

— O padre estava aqui — ele explicou. — Ora, se é River Run que está por trás de tudo isso, então não se trata apenas de tirar Duncan do caminho. Mate-o e nosso assassino está de volta à estaca zero: Jocasta não está casada com Duncan, mas também não está casada com ele, e não há como forçar a questão.

— Mas — Roger ergueu um dedo, — se o padre está aqui, e tudo preparado para a realização de uma cerimônia particular... então é simples. Matar Duncan, de uma forma que possa sugerir suicídio ou acidente, e depois esgueirar-se até os aposentos de Jocasta e forçar o padre a realizar o casamento sob a mira de uma arma. Os criados e convidados estão todos ocupados com Duncan, ninguém para fazer objeções ou interferir. Há a questão da cama... — balançou a cabeça na direção da enorme cama de dossel, visível no quarto pela porta entreaberta. — Levar Jocasta diretamente para lá e consumir o casamento à força... e pronto, está feito.

Nesse ponto, Roger avistou o queixo caído de Jocasta e o olhar estupefato de Duncan, e ocorreu-lhe que aquela não era apenas uma interessante proposição acadêmica. Ficou roxo e pigarreou.

— Hã... quero dizer... já aconteceu antes.

Jamie tossiu e pigarreou também. Já tinha acontecido. Seu próprio e maldito avô iniciara sua ascensão social forçando o casamento — e prontamente levando a noiva para a cama — com a idosa e rica viúva lady Lovat.

— O quê? — Brianna virou-se abruptamente para fitar Roger, obviamente horrorizada. — Isso é a coisa mais... mas eles não poderiam ficar impunes com uma coisa assim!

— Receio que poderiam, na verdade — Roger disse, quase em tom de desculpas. — Veja, querida, a posse é bem mais do que nove décimos da lei quando se refere a mulheres. Case-se com uma mulher e leve-a para a cama, e ela e todos os bens dela passam a ser seus, quer ela queira ou não. Sem outro parente homem para protestar, não é provável que um tribunal fizesse alguma coisa.

— Mas ela tem um parente homem! — Brianna agitou a mão na direção de Jamie, que realmente tinha um protesto a fazer, mas provavelmente não na linha que Brianna esperava.

— Sim, bem. Testemunhas — ele objetou. — Você não pode fazer algo assim sem uma testemunha para dizer que foi um casamento legítimo. — Pigarreou outra vez e Ulysses estendeu a mão para o bule de chá.

O velho Simon teve testemunhas: dois amigos dele e as duas criadas da viúva. Uma das quais mais tarde se tornou a avó de Jamie, embora eu acredite que houve menos força envolvida nessa transação.

— Não vejo como isso possa ser um empecilho — eu disse, limpando farelos do meu colo. — Obviamente, isso não foi obra de um homem só. Quem quer que seja o pretenso noivo... e, vejam bem, nem sabemos se existe um, mas, para fins de argumentação... de qualquer modo, quem quer que ele seja, se existe, obviamente tem cúmplices. Randall Lillywhite, para começar.

— Que não estava aqui — Jamie me fez lembrar.

— Hum. É verdade — admiti. — Mas, ainda assim, o princípio continua válido.

— Sim — Roger disse obstinadamente, — e se ele realmente existe, então o principal suspeito é o tenente Wolff, não? Todo mundo sabe que ele tentou mais de uma vez se casar com Jocasta. E ele estava aqui.

— Mas completamente bêbado — Jamie acrescentou, em dúvida.

— Ou não. Como eu disse, Seamus e seus rapazes ficaram surpresos que alguém pudesse estar bêbado daquele jeito tão cedo de manhã, mas e se ele estivesse fingindo? — Roger olhou ao redor da mesa, uma das sobancelhas erguida.

— Se ele estivesse apenas fingindo-se de bêbado, ninguém prestaria atenção nele, nem o trataria posteriormente como um suspeito, e entretanto ele estaria em posição de envenenar uma xícara de ponche, dar a Betty com instruções para dá-la a Duncan, depois afastar-se e ficar zanzando por aí, pronto para subir no instante em que dessem a notícia de que Duncan sofrera um colapso. E se Betty então ofereceu a xícara a Duncan, que a recusou — bem, lá estava ela, com uma xícara cheia do novo ponche de rum na mão.

Ele deu de ombros.

— Quem poderia censurá-la por esconder-se na horta para apreciá-lo?

Jocasta e Ulysses fizeram um muxoxo simultaneamente, deixando razoavelmente claro o que achavam da atitude de Betty. Roger tossiu e apressou-se a continuar sua análise.

— Certo. Bem. Mas a dose não matou Betty. Ou o assassino calculou errado ou... — Outro pensamento brilhante ocorreu a Roger. — Talvez ele não quisesse que a droga matasse Duncan. Talvez só pretendesse deixá-lo inconsciente e, depois, silenciosamente, afogá-lo no rio. Isso teria sido ainda melhor. Você não sabe nadar, sabe? — ele perguntou, voltando-se para Duncan, que sacudiu a cabeça, um pouco aturdido. Levantou sua única mão, mecanicamente massageando o que sobrara de seu braço perdido.

— Sim. Então um bom afogamento teria passado por acidente, nada com que se preocupar. — Roger esfregou as mãos, parecendo satisfeito. — Mas, então, tudo deu errado, porque a criada bebeu o ponche com a droga, não Duncan. E foi por isso que ela foi assassinada!

— Por quê? — Jocasta parecia tão confusa quanto Duncan.

— Porque ela podia identificar o homem que lhe dera a xícara — Jamie acrescentou. Ele balançou a cabeça, reclinando-se pensativamente em sua cadeira. — E ela o teria feito, no instante em que as pessoas comessem a lhe fazer perguntas sobre isso. Sim, faz sentido. Mas naturalmente ele não podia se livrar dela por meios violentos; o risco de ser visto indo ou vindo do sótão era grande demais.

Roger balançou a cabeça em aprovação diante dessa rápida avaliação.

— Sim. Mas não seria nenhuma grande proeza colocar as mãos em vidro moído. Quantas taças e copos circulavam por este lugar durante o dia? Bastava deixar cair um no caminho de tijolos, triturar os cacos sob o salto do sapato, e pronto.

Talvez nem isso tenha sido necessário; havia vidro quebrado por todos os caminhos e no terraço, após as celebrações depois do casamento. Eu mesma deixara cair um copo, quando surpreendida por Phillip Wylie.

Virei-me para me dirigir a Ulysses.

— Há ainda o problema de como o vidro moído foi administrado. Você sabe o que deram para Betty beber ou comer, Ulysses?

Um ar carrancudo espalhou-se pelo rosto do mordomo, como uma pedra atirada na água escura.

— O dr. Fentiman prescreveu-lhe um sillabub — ele disse devagar. — E um pouco de mingau, se ela estivesse acordada o suficiente para engolir. Eu mesmo preparei o sillabub e dei a Mariah para levar lá em cima para ela. Dei a ordem do mingau para o cozinheiro, mas não sei se Betty o comeu, ou quem poderia tê-lo levado para ela.

— Humm. — Jocasta contraiu os lábios, franzindo a testa. — A cozinha devia estar uma loucura. E com tanta gente circulando... bem, podemos perguntar a Mariah e aos outros, mas eu não ficaria surpresa se não se recordassem sequer de terem carregado os pratos, quanto mais de alguém adulterando-os. Não seria necessário mais do que um breve instante, sabe; distrair a garota, misturar rapidamente o vidro moído... — Abanou a mão, indicando a facilidade escandalosa com que se podia cometer um crime.

— Ou alguém podia ter subido ao sótão sob o pretexto de ver como Betty estava passando e lhe dado algo para beber, com o vidro dentro — sugeri. — Um sillabub seria perfeito. As pessoas iam e vinham, mas Betty ficou lá sozinha por grandes intervalos de tempo, entre a visita do dr. Fentiman e a hora em que os outros escravos foram para a cama. Seria perfeitamente possível que alguém subisse lá sem ser visto.

— Muito bem, inspetor Lestrade — Brianna disse a Roger, sotto você. — Mas não há nenhuma prova, não é?

Jocasta e Duncan estavam sentados lado a lado, rígidos como um par de jarros Toby, cuidadosamente evitando se confrontar. Diante disso, Jocasta respirou profunda e sonoramente, se esforçando para relaxar.

— É verdade — ela disse. — Não há. Não se lembra de Betty oferecendo — lhe uma xícara de ponche, a dhuine?

Duncan mastigou ferozmente seu bigode por um segundo, concentrando-se, mas depois sacudiu a cabeça.

— Ela pode ter oferecido... a bhean. Mas também pode não ter.

— Muito bem, então.

Todos fizeram silêncio por um instante, durante o qual Ulysses moveu-se silenciosamente ao redor da mesa, retirando os remanescentes do café da manhã. Finalmente, Jamie deu um profundo suspiro e endireitou-se.

— Bem, então. Depois, há o que houve ontem à noite. Estamos de acordo que o irlandês que entrou em seu quarto, tia, era Stephen Bonnet?

A mão de Brianna fez um movimento brusco e a xícara de chá caiu sobre a mesa.

— Quem? — ela disse com voz rouca. — Stephen Bonnet... aqui?

Jamie olhou para mim, franzindo o cenho.

— Pensei que tivesse contado a ela, Sassenach.

— Quando? — perguntei com certa irritação. — Pensei que você tivesse contado — eu disse, virando-me para Roger, que apenas deu de ombros, o rosto impassível. Ulysses surgiu com um pano e enxugou o chá. Bri estava lívida, mas recuperara o autocontrole.

— Não importa — ela disse. — Ele esteve aqui? Ontem à noite?

— Sim, esteve — Jamie disse, com relutância. — Eu o vi.

— Então ele era o ladrão que veio atrás do ouro... ou um deles? — Brianna estendeu a mão para uma das xícaras de prata com vinho do porto e bebeu-o de uma vez, como se fosse água. Ulysses piscou, mas apressou-se a encher novamente a xícara com a garrafa do vinho.

— Tudo indica que sim. — Roger pegou outro pãozinho, evitando cuidadosamente os olhos de Brianna.

— Como ele descobriu a respeito do ouro, tia? — Jamie reclinou-se em sua cadeira, os olhos semicerrados em concentração.

Jocasta fez um pequeno muxoxo e estendeu a mão. Ulysses, acostumado às suas necessidades, colocou nela um pedaço de torrada com manteiga.

— Hector Cameron contou a alguém, meu irmão Dougal contou a alguém, ou o terceiro homem contou a alguém. E, conhecendo-os como eu conhecia, eu diria que não foi Hector, nem Dougal. — Encolheu os ombros e deu uma mordida na torrada.

— Mas eu lhes digo uma coisa — ela acrescentou, engolindo. — O segundo homem no meu quarto, o que fedia a bebida. Eu disse que ele não falava, não foi? Bem, é bastante óbvio, não é? Era alguém que eu

conheço, cuja voz eu reconheceria, se ele falasse.

— Tenente Wolff? — Roger sugeriu.

Jamie balançou a cabeça, um sulco formando-se entre suas sobrancelhas.

— Quem melhor do que a Marinha para encontrar um pirata quando se precisa, hein?

— Alguém iria querer um pirata? — Brianna murmurou. O vinho havia restituído seu autocontrole, mas ela ainda estava pálida.

— Sim — Jamie disse, sem lhe prestar muita atenção. — Não é insignificante, dez mil libras em ouro. Seria preciso mais de um homem para lidar com tal soma, Luís de França e Carlos Stuart sabiam disso; enviaram seis para lidar com trinta mil. — Não era de admirar, portanto, que quem ficou sabendo do ouro tivesse arrolado a ajuda de Stephen Bonnet — um contrabandista conhecido e um pirata, e não só com os próprios meios de transporte, mas com as conexões certas para desfazer-se do ouro.

— Um barco — eu disse devagar. — O tenente foi embora de barco, durante o jantar. Suponha que ele tenha descido o rio e se encontrado com Stephen Bonnet. Voltaram juntos e aguardaram a oportunidade de se esgueirarem para dentro de casa e tentarem aterrorizar Jocasta para que lhes contasse onde estava o ouro.

Jamie balançou a cabeça.

— Sim, é possível. O tenente tem negócios aqui há anos. Será possível, tia, que ele tenha visto alguma coisa que o fez suspeitar de que você tivesse o ouro aqui? Você disse que Hector tinha três barras; restou alguma?

Jocasta comprimiu os lábios com força, mas após um instante de hesitação, balançou a cabeça relutantemente.

— Ele costumava guardar um pedaço sobre sua escrivaninha, como peso de papéis. Sim, Wolff pode ter visto... mas como ele iria saber o que era?

— Talvez não soubesse na época — Brianna sugeriu, — porém mais tarde ouviu falar do ouro francês e juntou dois mais dois.

Houve um murmúrio de concordância e várias cabeças assentiram. Como uma teoria, encaixava-se perfeitamente. Mas eu não via como alguém poderia prová-la, e disse isso.

Jamie deu de ombros e lambeu um pouco de geleia do nó de seu dedo.

— Eu acho que provar o que aconteceu não é o mais importante, Sassenach. Talvez seja o que virá em seguida. — Olhou diretamente

para Duncan.

— Eles vão voltar a charaid — ele disse serenamente. — Sabe disso, não é?

Duncan balançou a cabeça. Parecia infeliz, mas determinado.

— Sim, sei. — Estendeu a mão e tomou a de Jocasta, o primeiro gesto do tipo que eu já o vira fazer em relação a ela. — Estaremos prontos, Mac Dubh.

Jamie balançou a cabeça devagar.

— Preciso ir, Duncan. O plantio não vai esperar. Mas enviarei um recado para meus conhecidos, para ficarem de olho no tenente Wolff.

Jocasta permanecera sentada em silêncio, a mão imóvel na de Duncan. Empertigou-se em sua cadeira diante disso.

— E o irlandês? — ela disse. Esfregou a outra mão devagar pelo joelho, pressionando ligeiramente com a base, onde a lâmina da faca havia cortado.

Jamie trocou um olhar com Duncan, depois comigo.

— Ele vai voltar — ele disse, um tom sombrio de certeza na voz.

Eu estava olhando para Brianna quando ele disse isso. Seu rosto estava calmo, mas eu sou sua mãe e vi o medo atravessar seus olhos, como uma cobra na água. Stephen Bonnet, pensei, com o coração apertado, já estava de volta.

Partimos no dia seguinte para as montanhas. Não estávamos a mais de oito quilômetros em nossa jornada quando ouvi o som de cascos de cavalos na estrada atrás de nós e vi um lampejo escarlate, através do verde primaveril das castanheiras.

Era o major MacDonald, e a expressão de alegria em seu rosto quando atçou o cavalo para nos alcançar disse-me tudo que eu precisava saber.

— Oh, maldição! — exclamei.

A mensagem trazia o selo vermelho de Tryon, vermelho vivo como o casaco do major.

— Chegou hoje de manhã a Greenoaks — o major disse, puxando as rédeas para observar Jamie romper o selo. — Ofereci-me para trazer, já que estava vindo nesta direção, de qualquer modo. — Ele já sabia o que a mensagem continha; Farquard Campbell já teria aberto a dele.

Observei o rosto de Jamie enquanto lia. A expressão de seu rosto não se alterou. Ele terminou de ler e me entregou a nota.

19 de março de 1771

Senhores

Ontem, decidi, com autorização do Conselho de Sua Majestade, conduzir uma marcha com um corpo de tropas formado de vários regimentos de milícias e invadir os assentamentos dos insurgentes para reduzi-los à obediência, os quais, com suas declarações e atos rebeldes, desacatam o Governo e interrompem o curso da Justiça obstruindo, tumultuando e fechando os Tribunais de Justiça. Para que parte do seu Regimento, portanto, possa ter participação na honra de servir o país nesta importante missão, venho ordenar-lhes que selecionem trinta homens para se unirem às minhas tropas nesta operação.

Não se pretende deslocar as tropas antes do dia 20 do próximo mês. Antes dessa data os senhores serão informados do dia em que deverão reunir seus homens, a duração da marcha e a estrada que deverão tomar.

Recomenda-se, como um dever cristão que recai sobre cada fazendeiro, permanecer em casa, cuidar e auxiliar ao máximo de sua capacidade as famílias daqueles homens que tiverem partido nesta missão, de modo que nem suas famílias nem plantações sofram enquanto eles estiverem prestando um serviço no interesse de todos.

Para as despesas exigidas para esta expedição, fornecerei títulos impressos pagáveis aos portadores, títulos os quais se tornarão negociáveis, até que o Tesouro possa pagá-los do Fundo contingente, caso não haja dinheiro suficiente no Tesouro para atender os serviços necessários desta expedição.

Seu William Tryon

Hermon Husband e James Hunter já saberiam, quando deixaram River Run? Achei que sim. E o major, é claro, dirigia-se para New Bern agora, para oferecer seus serviços ao governador. Suas botas estavam cobertas com uma leve camada de poeira de sua cavalgada, mas o cabo de sua espada brilhava ao sol.

— Que inferno! Maldição, maldição! — eu disse baixinho, outra vez, enfaticamente. O major MacDonald piscou. Jamie olhou para mim e o canto de sua boca torceu-se para cima.

— Sim, bem — ele disse. — Quase um mês. O tempo exato para guardar a cevada.

PARTE VI

A Guerra da Regulamentação



"... E LUTASSEM CONTRA ELES. DIZIAM QUE TINHAM HOMENS SUFICIENTES PARA MATÁ-LOS, NÓS PODEMOS MATÁ-LOS"

*Depoimento de Waightstill Auery, Testemunha
Carolina do Norte, Condado de Mecklenburg*

Waightstill Avery declara e atesta que no dia 6 de março, entre nove e dez horas da manhã, este depoente estava na atual residência de um certo Hudgins, que mora na extremidade inferior da ilha comprida.

E este depoente viu lá trinta ou quarenta daquelas pessoas que se intitulam Reguladores, e foi lá mesmo detido e mantido prisioneiro por um deles (que disse chamar-se John McQuiston), em nome de todos, e que logo depois um certo James Graham (ou Grimes) disse as seguintes palavras a este depoente: "Você agora é um prisioneiro e não deve ir a lugar algum sem uma guarda." Imediatamente em seguida, acrescentou: "Fique com a sua guarda e nada sofrerá".

Este depoente foi, então, conduzido, sob a guarda de dois homens, ao Acampamento dos Reguladores (como o denominavam) a cerca de um quilômetro e meio de distância, onde havia muitas outras pessoas da mesma denominação, sendo que outras chegaram ali algumas horas mais tarde, no total, como este depoente supõe e imagina, de cerca de duzentas e trinta.

Que dessas próprias pessoas este depoente soube os nomes de cinco de seus capitães ou líderes então presentes (a saber, Thomas Hamilton e um outro Hamilton, James Hunter; Joshua Teague, um certo Gillespie e o já citado James Grimes (ou Graham)). Este depoente ouviu muitos deles, cujos nomes lhe são desconhecidos, fazerem declarações insultuosas contra o governador, os Juizes da Suprema Corte, contra a Casa da Assembleia e outras pessoas do Governo. Quando uma multidão o cercou gritando impérios ainda mais insultuosos, o referido Thomas Hamilton postou-se no centro e proferiu palavras do seguinte teor e propósito (a multidão ainda concordando e afirmando a verdade do que era dito):

"O que Maurice Moore faz para ser juiz? Ele não é nenhum juiz, ele não foi nomeado pelo Rei, nem ele nem Henderson, nenhum dos dois deve presidir um tribunal. A Assembleia aprovou uma lei contra a perturbação da ordem pública e as pessoas estão mais enfurecidas do que nunca, foi a

melhor coisa que podia acontecer ao país, pois agora seremos forçados a matar todos os funcionários públicos e advogados, e nós os mataremos, juro que serão exterminados. Se não tivessem feito essa lei, talvez deixássemos que alguns deles vivessem. Uma lei da amotinação! Nunca houve uma lei como esta na legislação da Inglaterra ou de nenhum outro país além da França. Eles trouxeram isso da França, e trarão a Inquisição."

Muitos deles disseram que o governador era amigo dos advogados e que a Assembleia havia prejudicado os Reguladores fazendo Leis de Taxas. Colocaram Husband na cadeia para que ele não visse seus procedimentos inescrupulosos e depois o governador e a Assembleia aprovaram as leis que os advogados queriam. O governador é amigo dos advogados, os advogados mandam em tudo, indicam juízes de paz fracos e ignorantes para seus propósitos.

Não deveria haver advogados na província, de modo algum. Fanning seria banido a partir de 22 de março e qualquer Regulador que o visse depois dessa data o mataria, e alguns disseram que não iriam esperar por isso, queriam vê-lo, e juraram que o matariam antes de retornarem, se pudessem encontrá-lo em Salisbury. Alguns queriam ver o juiz Moore em Salisbury para açoitá-lo, outros queriam matá-lo. Um certo Robert Thomson disse que Maurise Moore prestou falso testemunho e o chamaram de nomes insultuosos como crápula, canalha, patife, escroque etc., com o que outros concordaram.

Quando chegou a notícia de que o capitão Rutheiford à frente de sua companhia desfilava pelas ruas de Salisbury, este depoente ouviu vários deles incitarem energicamente todo o grupo de Reguladores ali presente para que marchassem para Salisbury com suas armas e lutassem contra eles. Diziam que tinham homens suficientes para matá-los, "nós podemos matá-los", "vamos lhes ensinar a nos enfrentar".

Tomado sob juramento e assinado,

em 8 de março de 1771, em minha presença.

(assinatura) Waightstill Avery (testemunha) Wm. Harris, Juiz de Paz

De William Tryon para General Thomas Gage

Carolina do Norte

New Bem, 19 de março de 1771

Senhor,

Foi determinado ontem no Conselho de Sua Majestade desta Província que seja formado um corpo de tropas com os Regimentos das Milícias e as Companhias para invadir os assentamentos dos insurgentes, os quais, com suas declarações e atos rebeldes, têm desacatado o Governo.

Como dispomos de poucos implementos ou equipamentos militares neste país, venho requisitar seu auxílio em me fornecer para este serviço os artigos (canhões munição, estandartes, tambores etc.) aqui listados.

Pretendo iniciar minha marcha a partir desta cidade aproximadamente no dia 20 do próximo mês e reunir a milícia conforme marchar através dos condados. Meu plano é reunir mil e quinhentos homens, embora acredite que, com os ânimos que agora se colocam ao lado do Governo, esse número possa ser consideravelmente aumentado.

Com respeito e estima,

Seu obediente criado,

Wm. Tryon

AGORA EU ME DEITO PARA DORMIR...

Frasers Ridge 15 de abril de 1771

Roger estava deitado na cama, ouvindo o zumbido intermitente de um mosquito invisível que se esgueirara pela coberta de couro da janela da cabana. O berço de Jem era coberto com uma gaze fina, mas ele e Brianna não tinham tal proteção. Se o desgraçado pousasse nele, iria pegá-lo — mas ele parecia circular incansavelmente acima de sua cama, ocasionalmente dando um mergulho para cantar pequenas canções zombeteiras em seu ouvido, antes de zunir novamente para dentro da escuridão.

Ele devia estar suficientemente cansado para adormecer mesmo diante de um ataque de esquadrões aéreos de mosquitos, após os últimos dias de atividade frenética. Dois dias cavalgando a toda brida pelos cumes e desfiladeiros das montanhas, espalhando a notícia aos assentamentos mais próximos, cujos habitantes, por sua vez, iriam alertar os membros da milícia que moravam mais longe. O plantio da primavera fora realizado em tempo recorde, todos os homens disponíveis passando as horas do alvorecer até o crepúsculo nos campos.

Seu sistema ainda estava carregado de adrenalina e pequenos choques do hormônio corriam pela mente e pelos músculos, como se ele tivesse tomado café na veia.

Passara todo o dia de hoje ajudando a aprontar a fazenda para a partida deles, e imagens fragmentadas da sucessão de tarefas rolavam por trás de suas pálpebras cerradas sempre que ele fechava os olhos. Conserto da cerca, armazenagem do feno, uma apressada excursão até o moinho para as sacas de farinha necessárias para alimentar o regimento em marcha. Consertar um aro rachado na roda da carroça, emendar um tirante dos arreios, ajudar a pegar a porca branca, que fizera uma tentativa de escapar do estábulo, cortar lenha e, finalmente, uma rápida hora cavando, logo antes do jantar, para que Claire pudesse plantar seu pequeno canteiro de batatas-doces e amendoins antes de partirem.

Apesar da pressa e do trabalho, cavar a terra à luz do crepúsculo fora uma agradável trégua no organizado frenesi do dia; a lembrança o fez parar agora, revivendo o momento, na esperança de desacelerar

sua mente e acalmar-se o suficiente para dormir.

Era abril, quente para a época, e a horta de Claire estava tomada pelo mato: espigões verdes e brotos de folhas e pequenas flores brilhantes, trepadeiras que se enroscavam pelas cercas e abriam silenciosas trombetas brancas lentamente acima dele, enquanto ele trabalhava na luz cada vez mais turva do crepúsculo.

Os cheiros das plantas e da terra recém-revolvada erguiam-se ao seu redor conforme o ar esfriava, fortes como incenso. As mariposas buscavam as flores em forma de trombetas, criaturas suaves esvoaçando do bosque em manchas de branco, cinza e preto. Nuvens de mosquitos também vinham, atraídos pelo seu suor, e atrás deles outros insetos maiores, criaturas escuras e ferozes, de asas estreitas e corpos peludos, que giravam pelas malvas com a agressividade de um hooligan.

Ele esticou os longos dedos dos pés contra o peso das colchas, a perna apenas tocando a da sua mulher, e sentiu na memória o impacto da pá, a borda dura sob seu pé e a sensação gratificante de quebrar a terra e arrancar raízes com outra pá cheia, a terra preta e úmida, entremeada de veios com os rizomas brancos das ervas, e o brilho fugidio de minhocas contorcendo-se freneticamente para se esconderem.

Uma enorme cecrópia passara voando por sua cabeça, atraída pelos aromas da horta. Suas pálidas asas marrons eram do tamanho de sua mão e marcadas com desenhos semelhantes a olhos abertos, sobrenaturais em sua beleza silenciosa.

Quem faz um jardim trabalha com Deus. Era a inscrição no antigo relógio de sol que ficava no jardim da mansão paroquial em Inverness, onde ele cresceu. Uma ironia, tendo em vista o fato de que o reverendo não tinha tempo, nem talento para a jardinagem, e o lugar era tomado de capim e antigas roseiras silvestres crescendo para todos os lados com o abandono. Sorriu com o pensamento e deu boa-noite mentalmente para o espírito do reverendo.

Boa noite, papai. Que Deus o abençoe.

Já fazia muito tempo que ele perdera o hábito de dar boa-noite a uma breve lista de familiares e amigos; a ressaca de uma infância de preces todas as noites que terminavam com a costumeira lista de "Deus abençoe vovó, vovô Guy no céu, o meu melhor amigo Peter, a cachorrinha Lillian e o gato do verdureiro...".

Há anos não fazia isso, mas a lembrança da paz desse pequeno ritual o fez elaborar uma nova lista agora. Melhor do que contar carneirinhos. Imaginou

— e ele desejava a sensação de paz de que se lembrava, mais do

que queria dormir.

Boa noite, sra. Graham, ele pensou, e sorriu consigo mesmo, evocando uma breve, mas vívida imagem da velha governanta do reverendo, enfiando a mão em uma tigela e borrifando água numa frigideira quente, para ver se as gotas saltavam. Deus a abençoe.

O reverendo, a sra. Graham, sua neta Fiona e o marido de Fiona, Ernie... seus pais, embora estes fossem duas figuras sem rosto. Claire, lá em cima na casa grande, e, com ligeira hesitação, Jamie. Em seguida, sua própria família. Seu coração se aqueceu ao pensar neles.

Boa noite, neném, ele pensou, virando a cabeça na direção do berço onde Jemmy dormia. Deus o abençoe. E Brianna.

Virou a cabeça para o outro lado e abriu os olhos, vendo o oval escuro de seu rosto adormecido virado para o dele, a não mais do que trinta centímetros de distância no travesseiro. Virou-se de lado o mais silenciosamente possível e ficou observando-a. Havia deixado o fogo se extinguir, já que partiriam pela manhã bem cedo; estava tão escuro no quarto que ele não podia divisar mais de suas feições do que os leves contornos das sobrancelhas e dos lábios.

Brianna nunca ficava deitada acordada. Ela deitava-se de costas, esticava-se e relaxava com um suspiro de satisfação, dava três inspirações profundas e apagava como uma luz. Talvez fosse o cansaço, talvez fosse a bênção de uma boa saúde e uma consciência tranquila — mas às vezes ele achava que era ânsia de fugir para seu mundo de sonhos particular, aquele lugar onde ela vagava livremente ao volante do seu carro, os cabelos agitados ao vento.

Com o que ela estaria sonhando agora?, ele se perguntou. Podia sentir o leve calor de sua respiração em seu rosto.

Ontem à noite sonhei que fazia amor com Roger. A lembrança desse registro em particular ainda o magoava, por mais que tivesse tentado descartá-lo. Ele estava mergulhando no sono, seduzido pela sua ladainha, mas a lembrança do livro de sonhos de Brianna puxou-o de novo para a superfície. Era melhor que ela não estivesse sonhando com aquilo agora! Não depois do que acabara de lhe proporcionar.

Fechou os olhos outra vez, concentrando-se na pulsação regular da respiração de Brianna. A testa dela estava a poucos centímetros da sua. Talvez ele conseguisse captar o eco de seu sonho, através dos ossos de seu crânio. O que ele sentia, no entanto, era o eco de seu corpo e as reverberações de sua despedida, com todas as suas dúvidas e prazeres.

Ela e o menino partiriam pela manhã também; seus pertences estavam empacotados e juntos à sua própria trouxa ao lado da porta. O sr. Wemiss os levaria de carroça até Hillsborough, onde ela

presumivelmente estaria segura e lucrativamente envolvida na tarefa de pintar o retrato da sra. Sherston.

— Tome muito cuidado — ele lhe dissera, pela terceira vez numa noite. Hillsborough ficava bem no centro do território dos Reguladores e ele tinha consideráveis reservas quanto à sua ida. Mas ela descartara a sua preocupação, zombando da ideia de que ela ou Jem pudesse correr algum perigo. Ela provavelmente estava certa, mas, mesmo assim, ele não estava tão certo de que ela agiria de modo diferente caso de fato houvesse perigo. Ela estava tão empolgada com a perspectiva de sua maldita encomenda, ele pensou, que atravessaria pelo meio de uma multidão enfurecida e armada para chegar a Hillsborough.

Ela cantava baixinho para si mesma "Loch Lomond", logo esta de todas as músicas. "Oh, pegue a estrada alta e eu pegarei a baixa, e estarei em Loch Lomoch annnnnntes de você..."

— Você me ouviu? — ele perguntara, segurando-a pelo braço enquanto ela dobrava as últimas roupas de Jemmy.

— Sim, querido — Bri murmurara, batendo as pestanas numa fingida atitude de submissão. Isso o irritara, fazendo-o agarrá-la pelo pulso e fazê-la girar para que o encarasse.

— Estou falando sério — ele disse. Fitou-a diretamente nos olhos, arregalados agora, mas com um indício de zombaria ainda brilhando em triângulos azul-escuros. Apertou seu pulso com mais força; alta e forte como era, seus ossos pareciam delicados, quase frágeis em sua mão. Teve uma súbita visão dos ossos sob a pele de Brianna — maçãs do rosto altas e largas, a cúpula do crânio, os longos dentes brancos; muito fácil imaginar aqueles dentes expostos até à raiz num ricto permanente de um esqueleto.

Ele a puxara para si, então, com repentina violência, beijara-a com força suficiente para sentir os dentes dela contra os seus, sem se importar se poderia machucar qualquer um dos dois.

Ela estava usando apenas sua combinação e ele não se dera ao trabalho de tirá-la, meramente empurrando Brianna para trás, em cima da cama, e levantando-a acima de suas coxas. Ela erguera as mãos na direção dele, mas ele não deixou que ela o tocasse; no começo, prendeu seus braços na cama, depois a enterrou no colchão com o peso de seu corpo, penetrando-a, possuindo-a, buscando reafirmação na fina camada de carne que separava os ossos dela dos seus.

Fizeram amor em silêncio, em parte conscientes da criança adormecida ali perto. E, no entanto, em algum momento, o corpo dela correspondeu ao seu, de uma forma profunda e surpreendente, que ia

além das palavras.

— Estou falando sério — ele repetira, momentos depois, falando baixinho no emaranhado de seus cabelos. Ficou deitado em cima dela, envolvendo-a com seus braços, impedindo-a de se mexer. Ela se debateu e ele apertou-a ainda mais, mantendo-a imóvel. Ela suspirou e ele sentiu sua boca se mover, seus dentes afundarem-se delicadamente na sua carne, embaixo da clavícula. Ela o mordeu. Não bruscamente, mas uma mordida lenta, sugando, que o fez arfar e erguer-se para se soltar.

— Eu sei — ela disse, desvencilhando os braços e passando-os pelas suas costas, mantendo-o junto ao seu corpo suado, quente e macio. — Eu também estou.

— Era isso que você queria? — ele sussurrou as palavras agora, mas quase silenciosamente, para não acordá-la. O calor de seu corpo se irradiava através das cobertas da cama; ela estava profundamente adormecida.

Se era o que ela queria, o que, exatamente, era aquilo? Ela correspondeu por causa da forma violenta como a possuía? Ou por causa da força de sua atitude, reconhecendo o desespero da necessidade dele de mantê-la a salvo?

E se fosse pela violência... ele engoliu em seco, cerrando o punho à ideia de Stephen Bonnet. Ela nunca lhe contara o que se passara entre os dois, ela e Bonnet — e era impensável que ele perguntasse. Mais impensável ainda que ele suspeitasse que alguma coisa naquele encontro pudesse vergonhosamente tê-la excitado. E no entanto ela de fato se excitava visivelmente nas raras ocasiões em que alguma coisa o levava a possuí-la abruptamente, sem sua costureira delicadeza.

Ele estava muito longe das preces agora.

Sentia-se como se sentira uma vez antes, preso num inferno de rododendros, com o mesmo labirinto de raízes molhadas e folhas pendentes sempre à sua frente, qualquer que fosse a direção que tomasse. Túneis escuros pareciam oferecer esperança de fuga, mas levavam apenas a outros emaranhados.

Pois eu e meu amor jamais nos encontraremos outra vez, nas belas margens e ribanceiras de Loch Lemond...

Estava encolhido outra vez, a pele formigando e as pernas contorcendo-se de inquietação. O mosquito passou zumbindo e ele deu um tapa para pegá-lo — tarde demais, é claro. Sem conseguir se aquietar, levantou-se silenciosamente da cama e fez uma rápida série de flexões para relaxar os músculos contraídos.

Isso trouxe algum alívio e ele deitou-se no chão para fazer mais

flexões, contando baixinho conforme mergulhava na direção das tábuas do assoalho. Um. Dois. Três. Quatro. Concentrando-se apenas no calor crescendo no peito, braços e ombros, a monotonia calmante da contagem. Vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito

Finalmente, os músculos trêmulos da exaustão temporária, ele levantou-se, abriu o couro da janela e ficou parado, nu, deixando o ar úmido da noite engolfá-lo. Talvez estivesse deixando entrar mais mosquitos, mas talvez aquele saísse.

A floresta estava prateada do luar e a leve claridade de uma fogueira no coração escuro da floresta revelava a milícia acampada lá. Os homens chegaram durante todo o dia, em mulas ou cavalos esfalfados, os mosquetes deitados sobre as trouxas de seus cobertores. Captou o som de vozes e risadas descontraídas, um fragmento trazido pela brisa. Pelo menos, ele não era o único acordado; a ideia reconfortou-o.

Uma luz mais intensa brilhou no lado da casa grande, no outro extremo da clareira. Um lampião; duas figuras caminhando juntas, uma alta, outra mais baixa.

O homem disse alguma coisa, um ruído surdo, interrogativo; ele reconheceu a voz de Jamie, mas não conseguiu decifrar as palavras.

— Não — a voz de Claire respondeu, mais delicada, clara conforme se aproximaram mais. Ele viu suas mãos adejarem, em silhueta à luz do lampião. — Estou imunda do plantio. Vou me lavar antes de entrar. Vá você para a cama.

A figura maior hesitou, depois entregou o lampião a ela. Roger viu o rosto de Claire na luz por um instante, virado para cima, sorrindo. Jamie inclinou-se e beijou-a rapidamente, depois recuou um passo.

— Apresse-se, então — ele disse, e Roger pôde ouvir o sorriso em sua voz. — Não durmo bem sem você ao meu lado, Sassenach.

— Vai dormir agora? — Ela parou, um tom provocante na voz.

— Não, não agora. — A figura de Jamie dissolvera-se na escuridão, mas a brisa soprava na direção da cabana e sua voz saía das sombras, parte da noite. — Mas também não posso fazer a outra coisa, a menos que você esteja ao meu lado, não é?

Claire riu, porém baixinho.

— Vá na frente — ela disse, virando-se na direção do poço. — Eu o alcançarei.

Roger esperou junto à janela até vê-la voltar, o lampião balançando com a pressa de seus passos, e entrar em casa. A brisa mudara de direção e ele não mais ouvia os homens na floresta, embora a fogueira deles ainda ardesse.

— Chegou cedo, rapaz — ele disse, erguendo o dedo para o vagalume, empurrando-o delicadamente. — Acha que já tem alguém lá? — O inseto moveu-se alguns centímetros, depois parou, o corpo piscando obstinadamente.

Ele olhou na direção do bosque, a pele fresca agora, e seu peito ficou arrepiado. Esfregou-o distraidamente e sentiu o ponto dolorido onde ela o mordera. Estava escuro ao luar, uma débil mancha em sua pele; ainda estaria ali pela manhã?, perguntou-se.

Erguendo o braço para puxar o couro de novo para o lugar, vislumbrou o brilho do luar no vidro. A pequena coleção de pequenos objetos de Brianna ficava na prateleira junto à janela; o par de travessas de tartaruga que Jocasta lhe dera, seu bracelete de prata. O pequeno frasco de óleo de tanaceto, dois ou três discretos chumaços de esponja ao lado. E o brilho mais intenso da jarra cheia de sementes de dauco. Ela não tivera tempo para o óleo de tanaceto esta noite, mas apostaria sua vida que ela tomara as sementes em algum momento do dia.

Ele abaixou e prendeu o couro da janela, e voltou para a cama, parando junto ao berço para colocar a mão no bebê e sentir sua respiração através do mosquiteiro, quente e reconfortante em sua pele.

Jem havia chutado as cobertas; Roger ergueu o mosquiteiro e puxou-as para cima pelo tato, ajeitando-as firmemente ao redor do bebê. Havia uma coisa macia... oh, o boneco de pano de Jemmy; ele agarrava-o junto ao peito. Roger ficou parado por um instante, a mão nas costas de Jemmy, sentindo a tranquilizadora subida e descida de sua respiração.

— Boa noite, rapaz — murmurou por fim, e tocou a curva arredondada e macia do traseiro da criança. — Que Deus o abençoe e guarde.

FELIZ ANIVERSÁRIO

1º de maio de 1771
Acampamento Utyon

Acordei logo após o alvorecer, despertada por algum tipo de inseto que subia pela minha perna. Virei o pé e o que quer que fosse fugiu apressadamente para dentro da grama, evidentemente alarmado ao descobrir que eu estava viva. Mexi os dedos dos pés com desconfiança e, não encontrando mais nenhum intruso em meu cobertor, respirei fundo o ar fresco repleto de seiva e relaxei voluptuosamente.

Eu podia ouvir leves movimentações próximas, mas eram apenas a batida dos cascos e a forte respiração dos cavalos dos oficiais, que acordavam muito antes dos homens. O acampamento em si continuava silencioso — ou tão silencioso quanto um acampamento de várias centenas de homens podia ser a qualquer hora. A lona acima de nossas cabeças animava-se com a luz suave e as sombras das folhas, mas o sol ainda não se levantara por completo. Cerrei parcialmente os olhos, deliciada com a ideia de que não precisava me levantar ainda por algum tempo — e quando o fizesse, outra pessoa já teria preparado o café da manhã.

Chegamos ao acampamento na noite anterior, após uma viagem sinuosa pelas montanhas e atravessando as terras baixas ao pé dos montes, para chegar ao lugar de encontro, a fazenda do coronel Bryan. Chegamos em boa hora; Tryon ainda não chegara de New Bern com suas tropas, nem os destacamentos dos condados de Craven e Carteret, que traziam as peças de artilharia e canhões. As tropas de Tryon eram esperadas a qualquer momento hoje; ou assim o coronel Bryan nos dissera durante o jantar na noite anterior.

Um gafanhoto caiu na lona acima com uma pancada audível. Olhei-o com os olhos estreitados, mas não parecia disposto a entrar, graças a Deus. Talvez eu devesse ter aceitado a oferta da sra. Bryan de arranjar uma cama para mim dentro da casa, juntamente com as mulheres de alguns poucos oficiais que acompanhavam seus maridos. Mas Jamie insistira em dormir no acampamento com seus homens, e eu ficara com ele, preferindo uma cama com Jamie e insetos do que uma sem nenhum dos dois.

Olhei de viés, com cuidado para não me mexer, caso ele ainda

estivesse dormindo. Não estava. Estava deitado absolutamente imóvel, completamente relaxado, a não ser pela mão direita. Esta estava erguida e ele parecia examiná-la cuidadosamente, virando-a de um lado para o outro, e lentamente curvando e estendendo os dedos — da melhor forma que lhe era possível. O quarto dedo tinha ajunta fundida e ficava permanentemente rígido; o dedo do meio era ligeiramente torto, uma profunda cicatriz branca espiralando ao redor da articulação do meio.

Sua mão era calosa e surrada do trabalho, e o pequeno estigma do ferimento com um prego ainda podia ser visto, rosa pálido, no meio da palma. A pele era profundamente bronzada e castigada pelo tempo, com sardas do sol e salpicada de pelos dourados. Eu a achava extraordinariamente bela.

— Feliz aniversário — eu disse, suavemente. — Fazendo um inventário?

Ele deixou a mão cair no peito e voltou a cabeça para me olhar, sorrindo.

— Sim, algo assim. Embora eu ache que ainda me restem algumas horas. Eu nasci às seis e meia; só terei vivido meio século completo na hora do jantar.

Eu ri e virei-me de lado, chutando para fora o cobertor. O ar ainda estava deliciosamente fresco, mas não por muito tempo.

— Ainda espera se deteriorar muito antes do jantar? — perguntei, caçoando.

— Oh, não acho que alguma coisa vá despencar até lá — ele disse, considerando. — Quanto ao funcionamento... sim, bem... — arqueou as costas, espreguiçando-se, e deixou-se afundar outra vez com um gemido de satisfação quando minha mão pousou sobre ele.

— Tudo parece estar em perfeito funcionamento — assegurei-lhe. Dei— lhe um beliscão, provocando um pequeno grito. — Não tem nada solto.

— Ótimo — ele disse, fechando a mão com firmeza sobre a minha para impedir novas tentativas não autorizadas. — Como sabia o que eu estava fazendo? O inventário, como você diz.

Deixei que ele segurasse minha mão, mas me movi para apoiar o queixo no centro de seu peito, onde uma pequena depressão parecia feita com esse propósito.

— Eu sempre faço isso, no meu aniversário, embora geralmente o faça na noite anterior. Mais uma revisão do passado, eu acho, refletindo um pouco sobre o ano que passou. Mas também faço uma avaliação geral, acho que todo mundo faz. Só para ver se você é a

mesma pessoa do dia anterior.

— Tenho quase certeza de que sou — assegurou-me. — Não está vendo nenhuma grande mudança, está?

Ergui o queixo de seu local de apoio e examinei-o cuidadosamente de alto a baixo. Na realidade, era um POUCO difícil olhar objetivamente para ele; eu estava ao mesmo tempo tão acostumada às suas feições e tão apaixonada por elas que costumava notar pequeninas coisas que eu amava nele — a manchinha no lóbulo da orelha, o incisivo inferior empurrando-se para frente, ligeiramente desalinhado em relação a seus companheiros — e reagir à menor mudança de sua expressão, — mas não realmente olhar para ele como um todo.

Ele submeteu-se à minha inspeção tranquilamente, as pálpebras semicerradas contra a luz crescente. Seus cabelos haviam se soltado enquanto dormia e espalhavam-se pelos seus ombros, as ondas ruivas emoldurando um rosto fortemente marcado tanto pelo humor quanto pela paixão — mas que possuía uma notável e paradoxal capacidade de se manter impassível.

— Não — eu disse finalmente, apoiando o queixo outra vez, com um suspiro de contentamento. — Ainda é você mesmo.

Ele fez um pequeno grunhido de satisfação, mas continuou imóvel. Pude ouvir um dos cozinheiros esbarrando nos objetos ali perto, xingando quando tropeçou na trava de uma carroça. O acampamento ainda estava em processo de instalação; algumas das companhias — aquelas com uma alta proporção de ex-soldados entre seus homens e oficiais — eram organizadas e bem-arrumadas. Muitas não o eram, e barracas tortas e equipamentos espalhavam-se pelo terreno numa confusão quase militar.

Um tambor começou a soar, aparentemente sem nenhum efeito. O exército continuava a roncar.

— Acha que o governador será capaz de fazer alguma coisa com estas tropas? — perguntei, em dúvida.

O avatar local do exército também parecia ter voltado a dormir. Diante da minha pergunta, no entanto, as pestanas longas e castanho-avermelhadas levantaram-se numa preguiçosa resposta.

— Oh, sim. Tryon é um soldado. Sabe muito bem o que fazer, ao menos para começar. Não é tão difícil fazer homens marcharem em colunas e cavarem latrinas, sabe. Fazê-los lutar já é outra coisa.

— Ele pode fazer isso?

O peito sob meu queixo ergueu-se com um profundo suspiro.

— Talvez sim. Talvez não. A pergunta é: ele terá que fazer isso?

Essa era a pergunta, sem dúvida. Os boatos rodopiavam ao nosso redor como folhas de outono numa ventania, desde Frasers Ridge. Os Reguladores tinham dez mil homens, que marchavam em conjunto sobre New Bern. O general Gage vinha de navio de Nova York com um regimento de tropas oficiais para subjugar a colônia. A milícia do condado de Orange havia se rebelado e matado seus oficiais. Metade dos homens do condado de Wake havia desertado. Hermon Husband fora preso e despachado num navio, para ser levado a Londres para julgamento sob acusações de traição.

Hillsborough fora tomada pelos Reguladores, que preparavam-se para incendiar a cidade e matar Edmund Fanning e seus comparsas à espada. Eu esperava que um deles não fosse verdade — ou, se fosse, que Hubert Sherston não fosse um dos amigos de Fanning.

Fazendo uma triagem da quantidade de rumores, suposições e pura especulação, o único fato de que podíamos ter certeza parecia ser o de que o governador Tryon estava a caminho para se juntar à milícia. Depois disso, veríamos, eu imaginava.

A mão livre de Jamie pousou em minhas costas, o polegar distraidamente acariciando a minha omoplata. Com sua habitual capacidade para disciplina mental, ele parecia ter descartado completamente a incerteza das perspectivas militares de sua mente, pensando agora em algo inteiramente diferente.

— Você alguma vez pensa... — ele começou, parando repentinamente.

— Pensa o quê? — inclinei-me e beijei seu peito, arqueando as costas para encorajá-lo a coçá-la, o que ele fez.

— Bem... não sei se consigo explicar, mas me ocorreu que agora eu já vivi mais tempo do que meu pai... o que não é algo que eu esperava acontecer — acrescentou, com ligeira amargura. — É apenas que... bem, parece estranho, apenas isso. Só estava imaginando, você mesma já pensou nisso... quero dizer, tendo perdido sua mãe tão cedo?

— Sim. — Meu rosto estava enterrado em seu peito, minha voz abafada nas pregas de sua camisa. — Eu costumava pensar nisso... quando era mais nova. É como sair numa viagem sem mapa.

A mão em minhas costas parou por um instante.

— Sim, é isso. — Pareceu um pouco surpreso. — Eu sei mais ou menos o que seria ser um homem de trinta, de quarenta, mas... e agora? — Seu peito moveu-se um pouco, com um pequeno ruído que poderia ter sido uma mistura de humor e perplexidade.

— A gente inventa a si mesmo — eu disse suavemente, para as sombras dos cabelos que haviam caído sobre meu rosto. — Você olha

para outras mulheres ou homens; experimenta suas vidas para saber se encaixam em você. Copia o que pode usar e procura dentro de si mesmo o que não consegue encontrar em nenhuma outra parte. E sempre... sempre... se pergunta se está agindo certo.

Senti o calor e o peso de sua mão em minhas costas. Ele sentiu as lágrimas que deslizaram inesperadamente dos cantos dos meus olhos e molharam sua camisa, e sua outra mão veio tocar minha cabeça e alisar meus cabelos.

— Sim, é isso — ele disse outra vez, brandamente.

O acampamento começava a se agitar lá fora, com pancadas e chacoalhar de peças metálicas, além do som rouco de vozes sonolentas. Acima de nossa cabeça, o gafanhoto começou a trinar, o ruído semelhante ao de alguém raspando uma panela de cobre com a unha.

— Esta é uma manhã que meu pai nunca viu — Jamie disse, ainda tão brandamente que eu ouvi tanto através das paredes de seu peito quanto com meus ouvidos. — O mundo e cada dia nele é uma dádiva, mo chridhe, não importa como seja o amanhã.

Suspirei profundamente e virei a cabeça para pousar a face sobre seu peito. Ele estendeu a mão delicadamente e limpou meu nariz com uma dobra de sua camisa.

— E quanto a fazer um inventário — ele acrescentou de maneira prática, — tenho todos os meus dentes, nenhuma das minhas partes está faltando e meu pau ainda se levanta sozinho de manhã. Poderia ser pior.

MÁQUINA DE GUERRA

Diário da expedição contra os insurgentes De William Tryon, governador

Quinta-feira, 2 de maio

Os destacamentos de Craven e Carteret partiram de New Bem com duas peças de artilharia, seis canhões de rodízio montados em carretas, dezesseis carroças e quatro charretes, carregadas com bagagens, munição e as provisões necessárias para suprir os diversos destacamentos que deverão se juntar a eles em seu caminho para a fazenda do coronel Bryan, o ponto de encontro geral.

O governador partiu de New Berti no dia 21 de abril e chegou à fazenda do coronel Bryan no dia primeiro de maio. Hoje as tropas dos dois distritos se uniram a nós.

Sexta-feira, 3 de maio, Acampamento Union

O governador passou os destacamentos em revista às 12 horas, no prado, em Smiths Ferry, na margem oeste do rio Neuse.

Sábado, 4 de maio

O exército marchou para o tribunal de Johnston. Quinze quilômetros.

Domingo, 5 de maio

Marchamos para a propriedade do major Tteophilus Hunter, no condado de Wake. Vinte e um quilômetros.

Segunda-feira, 6 de maio

O exército parou e o governador passou o Regimento de Wake em revista, em uma reunião geral das tropas. O sr. Hinton, coronel do regimento, comunicou ao governador que só conseguira vinte e dois homens da companhia que recebera ordens deformar, devido a uma insatisfação entre os habitantes do condado.

O governador, notando um descontentamento geral no Regimento de Wake ao passar ao longo da primeira fileira do batalhão, vendo que não mais do que um homem em cada cinco possuía armas e constatando que, diante da chamada para que se apresentassem ao serviço como voluntários, eles se recusaram a obedecer, ordenou ao exército que cercasse o batalhão; isso feito, ordenou que três de seus coronéis convocassem quarenta dos homens mais aptos e ativos, manobra que causou um grande pânico no regimento, consistindo na ocasião de cerca de

quatrocentos homens.

Durante a convocação, os oficiais do exército buscaram ativamente persuadir os homens a se alistarem e em menos de duas horas completou a Companhia Wake com cinquenta homens. Com a chegada da noite, o Regimento de Wake foi dispensado, os homens muito envergonhados tanto de sua desonra como da própria conduta que a ocasionou. O exército retornou ao acampamento.

Quarta-feira, 8 de maio

O destacamento do coronel Hinton foi deixado para trás, a fim de evitar que os desleais naquele condado formassem um grupo e se juntassem aos Reguladores nos condados adjacentes.

Hoje de manhã, um destacamento dirigiu-se à residência de Turner Tompkinson, um famoso Regulador, e o fez prisioneiro, trazendo-o para o acampamento, onde foi rigidamente confinado. Ele confessou ser um Regulador, mas se recusou a fazer qualquer revelação.

O exército avançou e acampou perto de Booths, em New Hope Creek.

Sexta-feira, 10 de maio

Parei, ordenei que as carroças fossem reequipadas, os cavalos guarnecidos de ferraduras e tudo reexaminado e consertado. Passei duas companhias da Milícia de Orange em revista, em Hillsborough.

O prisioneiro Tompkinson fugiu esta noite da prisão militar. Destacamentos foram enviados em sua perseguição, mas sem sucesso.

Domingo, 12 de maio

Avançamos e atravessamos o rio Haw, depois acampamos na margem oeste. Esperava-se que os Reguladores se opusessem à passagem dos monarquistas por esse rio, como era sua intenção, mas, não suspeitando que o exército fosse partir de Lisborough antes de segunda-feira, foram derrotados nessa parte de seu plano por essa repentina movimentação do exército.

Hoje recebi relatórios volantes de que o general Waddell foi forçado pelos Reguladores, com as tropas sob seu comando, a cruzar de volta o rio Yadkin.

Um serviço religioso, com sermão, foi realizado pelo reverendo McCartney. Texto: Se você não tem uma espada, venda suas roupas e compre uma."

Hoje, vinte cavaleiros voluntários uniram-se ao exército, provenientes principalmente dos condados de Granville e Bute. Passaram a formar uma tropa de Cavalaria Ligeira, sob o comando do major MacDonald. Um Regulador foi pego pelos grupos dos flancos, que estava emboscado com sua arma. O comissário tirou de sua casa parte de um grande barril de rum armazenado lá para uso dos Reguladores. Também alguns porcos

pertencentes à sua família.

Segunda-feira, 13 de maio

Marchamos para ONeal. Ao meio-dia, um mensageiro enviado pelo general Waddell chegou com um recado verbal, o mensageiro não tendo ousado trazer uma carta por medo de ser interceptado. O objetivo da mensagem era informar que, na noite de quinta-feira do dia 9 passado, os Reguladores, em número de cerca de dois mil, cercaram seu acampamento e da maneira mais ousada e insolente exigiram que o general recuasse com suas tropas para o outro lado do rio Yadkin, do qual estava a três quilômetros. Ele se recusou a obedecer, insistindo que tinha ordens do governador para prosseguir. Isso os tomou ainda mais insolentes e com muitos gritos indígenas tentaram intimidar seus homens.

O general, vendo que seus homens não excediam trezentos, de um modo geral alistados contra a vontade e com muitos de seus sentinelas passando-se para o lado dos Reguladores, foi obrigado a aceitar a exigência e cedo na manhã seguinte atravessou de volta o rio Yadkin, com seu canhão e sua bagagem; os Reguladores concordaram, então, em se dispersar e retornar às suas diversas residências.

Um Conselho de Guerra foi convocado imediatamente para deliberar sobre o assunto de inteligência trazido pelo mensageiro, composto do ilustre John Rutherford, Lewis DeRosset, Robert Palmer e Sam Cornell, do Conselho de Sua Majestade, e os coronéis e oficiais de campo do exército, quando se resolveu que o exército deveria alterar sua rota, entrar na estrada na propriedade do capitão Holt, que vai de Hillsborough a Salisbury, atravessar os rios Pequeno e Grande Alamance com a maior parte possível da Expedição, e marchar sem perda de tempo ao encontro do general Waddell; conforme planejado, o exército iniciou a marcha e antes do anoitecer acampou na margem oeste do Pequeno Alamance, um forte destacamento sendo enviado à frente para se apoderar da margem oeste do Grande Alamance, para impedir que os grupos inimigos ocupassem esse posto estratégico.

Esta noite recebi informações de que os Reguladores estavam enviando batedores a todos os seus assentamentos e reunindo-se em Sandy Creek, perto da propriedade de Hunter.

Avançamos e nos unimos ao destacamento na margem oeste do Grande Alamance onde um local de acampamento foi escolhido. Aqui o exército parou, até que mais provisões pudessem ser trazidas de Hillsborough, para cujo fim várias carroças foram esvaziadas e enviadas do acampamento para Hillsborough.

Informações da inteligência foram trazidas ao acampamento esta tarde de que os rebeldes pretendiam atacar o acampamento à noite; os preparativos necessários para um combate foram feitos e um terço do

exército ordenado a ficar de prontidão a noite inteira, e o restante a dormir ao lado de suas armas. Nenhum alarme foi dado.

Terça-feira, 14 de maio

Paramos, os homens receberam ordens de ficar no acampamento. O exército ficou de prontidão a noite inteira, como na noite anterior. Nenhum alarme.

Quarta-feira, 15 de maio

Aproximadamente às 6 horas da tarde, o governador recebeu uma carta dos insurgentes, que ele colocou diante do Conselho de Guerra, quando então foi decidido que o exército deveria marchar contra os rebeldes no dia seguinte de manhã, que o governador deveria lhes enviar uma carta oferecendo-lhes um acordo e, em caso de recusa, deveria atacá-los.

Os homens permaneceram a noite inteira de prontidão. Nenhum alarme, embora os rebeldes estivessem a menos de oito quilômetros do acampamento.

Do livro de sonhos: Hillsborough, 15 de maio

"Ontem à noite, fui dormir cedo e acordei antes do alvorecer dentro de uma nuvem cinzenta. O dia inteiro, senti como se caminhasse dentro de uma névoa; as pessoas falam comigo e eu não as ouço; posso ver suas bocas se mexerem, eu balanço a cabeça e sorrio, e depois me afasto. O ar está quente e úmido, e tudo cheira a metal quente. Minha cabeça dói e o cozinheiro está batendo panelas.

Tentei o dia inteiro me lembrar do que eu havia sonhado, e não consigo. Há apenas o cinza e uma sensação de medo. Nunca estive perto de uma batalha, mas tenho o pressentimento de que estou sonhando com fumaça de canhão.

CONSELHO DE GUERRA

Jamie voltou do Conselho de Guerra, bem depois do jantar, e informou rapidamente os homens sobre as intenções de Tryon. A reação geral foi de aprovação, se não de manifesto entusiasmo.

— Ser bom que nós mover agora — disse Ewald Mueller, esticando os longos braços e estalando todos os nós dos dedos simultaneamente. — Quanto mais demorar, mais ficar enferrujado!

Esse sentimento foi recebido com risos e sinais de aprovação. O humor da companhia elevou-se perceptivelmente diante da perspectiva de ação pela manhã; os homens reuniram-se ao redor das fogueiras para conversar, os raios do sol poente reluzindo em canecas de estanho e canos de mosquetes polidos cuidadosamente colocados a seus pés.

Jamie fez uma rápida rodada de inspeção, respondendo a perguntas e distribuindo confiança, depois veio se unir a mim em nossa fogueira menor. Olhei para ele atentamente; apesar do estresse da situação imediata, havia um ar de satisfação contida em sua expressão que imediatamente levantou minhas suspeitas.

— O que você fez? — perguntei, entregando-lhe um grande pedaço de pão e uma tigela de ensopado.

Ele não se deu ao trabalho de negar que andara fazendo alguma coisa.

— Falei com Cornell em particular por um longo tempo depois da reunião do Conselho, para lhe perguntar a respeito de Stephen Bonnet. — Ele arrancou um naco do pão com os dentes e engoliu-o com o mínimo de mastigação. — Santo Deus, estou faminto. Não comi o dia inteiro, me arrastando de barriga pelo mato como uma cobra.

— Certamente Samuel Cornell não estava parado à toa no meio do mato. — Cornell era um dos conselheiros reais do governador, um comerciante robusto e rico, de Edenton, e totalmente inadequado, pela posição, constituição física e temperamento, a ficar serpenteando pelo mato.

— Não, isso foi mais tarde. — Molhou o pão no ensopado, deu outra enorme mordida, em seguida abanou a mão, momentaneamente impossibilitado de falar. Entreguei-lhe um caneco de sidra, que ele usou para engolir a mistura.

— Estávamos vasculhando as linhas dos rebeldes — ele explicou, a obstrução eliminada. — Eles não estão muito longe, sabe? Embora "linhas" seja lhes dar o benefício de uma dúvida considerável — acrescentou, pegando mais ensopado. — Não vejo uma turba como essa desde que lutei na França e nós tomamos um vilarejo onde havia um bando de contrabandistas de vinho. Metade deles com prostitutas e todos completamente bêbados; tivemos que levantá-los do chão para prendê-los. Esse bando é um pouco melhor, pelo que pude ver. Mas não tantas meretrizes — acrescentou, para ser justo, enfiando o restante do pão na boca.

Pelo menos metade do exército do governador estava bêbada no momento, mas esse era um estado tão natural que não suscitava comentários. Dei-lhe outro pedaço de pão, concentrando-me no aspecto importante da conversa.

— Então você descobriu alguma coisa sobre Bonnet?

Ele balançou a cabeça, mastigou e engoliu.

— Cornell nunca se encontrou com ele, mas ouviu falar. Parece que ele sobe e desce os Outer Banks durante um certo tempo, depois desaparece por três ou quatro meses. Então, repentinamente, certo dia ele está por lá outra vez, bebendo nas tavernas de Edenton ou Roanoke, objetos de ouro caindo dos bolsos.

— Então ele está trazendo mercadorias da Europa e vendendo-as. — Três ou quatro meses é o tempo que levaria para levar um navio até a Inglaterra e voltar. — Contrabando, imagino, não?

Jamie assentiu.

— Cornell acha que sim. E sabe onde ele desembarca as mercadorias? — Passou as costas da mão pela boca, parecendo sombriamente sorridente. — No ancoradouro de Wylie. Ou assim dizem os boatos.

— O quê... está dizendo que Phillip Wylie está mancomunado com ele? — Fiquei chocada — e um pouco perturbada — ao ouvir isso, mas Jamie sacudiu a cabeça.

— Quanto a isso, não sei dizer. Mas o ancoradouro fica ao lado da fazenda de Wylie, sem dúvida. E o cretino estava com Bonnet na noite em que foi a River Run, não importa o que ele possa ter dito depois — acrescentou. Abanou a mão, descartando Phillip Wylie por enquanto.

— Mas Cornell diz que Bonnet desapareceu outra vez; não esteve por aqui no mês passado. Então minha tia e Duncan provavelmente estão a salvo por enquanto. É menos uma preocupação em minha mente. E ainda bem, porque já tenho muito com que me preocupar sem isso.

Falou sem ironia, olhando para o acampamento que se espalhava ao nosso redor. Conforme a luz diminuía, as fogueiras começaram a brilhar através da penumbra do crepúsculo, como centenas de vagalumes ao longo das margens do Grande Alamance.

— Hermon Husband está aqui — ele disse.

Ergui os olhos da nova tigela de ensopado que estava servindo.

— Falou com ele?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não pude me aproximar. Ele está com os Reguladores. Eu estava numa pequena colina, olhando para baixo, para a outra margem, e o vi a distância; estava no meio de uma grande aglomeração de homens, mas suas roupas são inconfundíveis.

— O que ele vai fazer? — Entreguei-lhe a tigela cheia. — Certamente ele não vai lutar... nem permitir que eles lutem. — Eu via a presença de Husband como um sinal de esperança. Herman Husband era o mais perto que os Reguladores possuíam de um verdadeiro líder; eles iriam ouvi-lo, eu tinha certeza.

Jamie sacudiu a cabeça, parecendo perturbado.

— Não sei, Sassenach. Ele próprio não pegará em armas, não... mas quanto ao resto... — Deixou a frase morrer, pensativo. Então seu rosto demonstrou uma súbita decisão. Devolveu-me a tigela e, girando nos calcanhares, começou a atravessar o acampamento.

Eu o vi tocar no ombro de Roger e levá-lo um pouco para o lado. Conversaram por alguns instantes, depois Jamie enfiou a mão no casaco, retirou algo branco e entregou a Roger. Roger olhou para o que quer que fosse por um instante, depois balançou a cabeça e enfiou-o no próprio casaco.

Jamie bateu em seu ombro, deixou-o e atravessou o acampamento de volta, parando para rir e trocar observações grosseiras com os irmãos Lindsay.

Voltou sorrindo e pegou a tigela da minha mão, parecendo aliviado.

— Eu disse a Roger Mac para ir ao encontro de Husband assim que amanhecer — ele disse, concentrando-se novamente no ensopado com redobrado apetite. — Se ele conseguir, disse-lhe para trazer Husband aqui, para falar cara a cara com Tryon. Se ele não conseguir convencer Tryon, o que não pode, talvez Tryon convença Husband de que ele fala sério. Se Hermon constatar que haverá derramamento de sangue, talvez ele consiga persuadir seus homens a suspender a ofensiva.

— Acha mesmo? — Chovera um pouco à tarde e o céu a leste estava encoberto de nuvens. As bordas dessas nuvens brilhavam

ligeiramente com um tom vermelho — não por causa dos raios enviesados do sol poente, mas das fogueiras dos Reguladores, acampados invisivelmente na margem oposta do Alamance.

Jamie limpou sua tigela e comeu um último pedaço de seu pão, sacudindo a cabeça.

— Não sei — disse simplesmente. — Mas não resta mais nada a tentar, não é?

Balancei a cabeça e me inclinei para colocar mais lenha na fogueira. Ninguém iria dormir cedo esta noite.

As fogueiras do acampamento queimaram o dia inteiro, enfumaçando e crepitando numa chuva leve. Agora, entretanto, a garoa parara e as nuvens se separaram, esgarçando-se em longas e ralas caudas de éguas que brilhavam como fogo por todo o arco do céu a ocidente, eclipsando os esforços insignificantes das chamas terrestres. Vendo aquilo, coloquei a mão no braço de Jamie.

— Olhe — eu disse. Ele virou-se, suspeitando que alguém tivesse surgido junto aos seus calcanhares com um novo problema, mas seu rosto relaxou quando eu gesticulei para cima.

Frank, quando instado a ver alguma maravilha da natureza enquanto estava preocupado com um problema, apenas parava o tempo suficiente para não parecer indelicado, dizia: "Oh, sim, lindo, não?" e retornava imediatamente ao labirinto de seus pensamentos. Jamie levantou o rosto para a resplandecência gloriosa do céu e permaneceu em silêncio.

Qual é o seu problema?, pensei comigo mesma. Não pode deixar Frank Randall descansar em paz?

Jamie passou o braço ao redor dos meus ombros e suspirou.

— Na Escócia o céu permanecia como chumbo o dia inteiro, e mesmo no crepúsculo você não veria mais do que o sol desaparecendo no mar como uma bola de canhão incandescente.

— O que o faz pensar na Escócia? — perguntei, intrigada pelo fato de que sua mente fugisse para o passado como a minha o fizera.

— Aurora e pôr do sol, e a estação do ano — ele disse, e sua boca curvou-se ligeiramente para cima com as lembranças. — Sempre que há uma mudança no ar à minha volta, penso no que foi e no que é agora. Nem sempre faço isso dentro de casa, mas quando estou ao ar livre, quase sempre acordo sonhando com pessoas que conheci um dia, depois fico sentado em silêncio na penumbra, pensando em outras épocas e outros lugares. — Estremeceu um pouco. — Então agora o sol está se pondo e a Escócia vem à minha lembrança.

— Oh — eu disse, reconfortada com a explicação. — Deve ser isso.

— Deve ser o quê? — O sol poente banhou seu rosto em ouro, abrandando as linhas de tensão quando ele olhou para mim.

— Eu também estava pensando em outras épocas e lugares — eu disse, e encostei a cabeça em seu ombro. — No momento, entretanto... não consigo pensar em mais nada além disso.

— Oh? — Ele hesitou por um momento, mas depois disse, cautelosamente: — Eu nem sempre menciono isso, Sassenach, porque se a resposta for "sim" não haverá muito que eu possa fazer para reparar isso... mas você muitas vezes sente falta de... outras épocas?

Esperei o espaço de três batidas do coração para responder; eu as ouvi, o coração de Jamie batendo sob minha orelha, e fechei a mão esquerda com força, sentindo o metal liso da aliança de ouro no meu dedo.

— Não, mas eu me lembro delas.

ULTIMATOS

Acampamento do Grande Alamance 16 de maio de 1771

As pessoas agora reunidas em armas, que se denominam Reguladores

Em resposta à sua petição, devo informá-los de que sempre me preocupei com os verdadeiros interesses deste país e de cada indivíduo que nele reside. Lamento a fatal necessidade a que agora vocês me reduziram, ao se retirarem das graças da Coroa e das leis de seu país, a requerer que os agora reunidos como Reguladores deponham as armas, entreguem os líderes fora da lei e se submetam às leis de seu país, e então contem com a clemência e o perdão do Governo. Ao aceitarem estes termos dentro de uma hora a partir da entrega deste despacho, evitarão um grande derramamento de sangue, já que estão no momento em estado de guerra e rebelião contra seu rei, seu país e suas leis.

Wm. Tryon

Jamie partira antes de eu acordar; seu cobertor estava perfeitamente dobrado ao meu lado e Gideon desaparecera do carvalho onde Jamie o amarrara na noite anterior.

— O coronel foi se reunir com o Conselho de Guerra do governador — Kenny Lindsay me disse, bocejando incontrolavelmente. Ele piscou, sacudindo-se como um cachorro molhado. — Chá, madame, ou café?

— Chá, por favor. — Imagino que fosse o curso dos acontecimentos atuais que me fazia pensar na Festa do Chá de Boston. Não conseguia me lembrar com certeza de quando essa desordem e seus subsequentes eventos deveriam ocorrer, mas tinha uma obscura sensação de que eu devia aproveitar toda oportunidade de tomar chá enquanto ainda se podia obtê-lo, na esperança de saturar meus tecidos — como um urso guardando larvas e frutinhas como provisão para o inverno.

O dia amanhecera límpido e sereno, e embora estivesse fresco no momento, já havia um indício de calor úmido no ar por causa da chuva do dia anterior. Tomei meu chá em pequenos goles, sentindo pequenos fios de cabelo escaparem da prisão e caírem em torno do meu rosto, grudando em minhas faces com o vapor da xícara.

Com os tecidos restaurados por enquanto, peguei dois baldes e parti para o rio. Esperava que não fosse necessário, mas seria melhor

ter uma certa quantidade de água fervida esterilizada, por precaução. E se não era necessário para fins médicos, eu poderia lavar minhas meias, que estavam precisando muito de cuidados.

Apesar do nome, o Grande Alamance não era um rio particularmente impressionante, com não mais do que cinco a sete metros de largura em quase toda a extensão. Também era raso, com o leito lamacento, e retorcido como um novelo de lã, com inúmeros afluentes pequenos, que serpenteavam por toda a paisagem. No entanto, eu o considerava uma boa demarcação militar; embora uma tropa pudesse sem dúvida atravessar o rio sem muita dificuldade, não havia nenhuma chance de fazê-lo sem ser notada.

Libélulas dardejavam de um lado para o outro acima da água e das cabeças de dois soldados, conversando amistosamente enquanto se aliviavam nas águas barrentas do rio. Parei diplomaticamente atrás de um arbusto até eles irem embora, pensando, enquanto descia a ribanceira íngreme com meus baldes, que felizmente a maior parte das tropas considerava beber água naquele rio um recurso só se estivessem realmente morrendo de desidratação.

Quando retornei ao acampamento, encontrei-o completamente desperto, todos os homens alertas, ainda que de olhos vermelhos. Mas o ambiente era de vigilância, em vez de prontidão imediata para o combate, e não houve mais do que uma movimentação geral de interesse quando Jamie retornou, Gideon costurando seu caminho pelo meio das fogueiras com surpreendente delicadeza.

— E então, Mac Dubh? — Kenny perguntou, parando para cumprimentá-lo quando Jamie puxou as rédeas. — Alguma novidade?

Jamie sacudiu a cabeça. Estava vestido com tal esmero que beirava a severidade, os cabelos presos para trás, a adaga e as pistolas presas ao cinto, a espada ao lado. Uma roseta amarela presa ao seu casaco era o único enfeite. Pronto para a batalha, e um pequeno frisson deslizou pela minha espinha diante do pensamento.

— O governador enviou sua carta aos Reguladores. Quatro xerifes, cada qual levou uma cópia; deverão lê-la para cada grupo que encontrem. Nós temos apenas que esperar e ver o que acontece.

Segui seu olhar na direção da terceira fogueira. Roger provavelmente partira assim que clareou, antes de o acampamento acordar.

Eu despejara a água dos baldes no caldeirão para ferver. Pegava-os para outra viagem ao rio, quando as orelhas de Gideon ficaram em pé e ele levantou a cabeça abruptamente, com um relincho agudo de saudação. Jamie imediatamente conduziu o cavalo para se postar à minha frente e sua mão se posicionou sobre a espada. Minha visão foi

bloqueada pelo enorme torso de Gideon; eu não conseguia ver quem se aproximava, mas vi a mão de Jamie relaxar no cabo da espada quando quem quer que fosse apareceu. Um amigo, portanto.

Se não exatamente um amigo, ao menos alguém que ele não pretendia atropelar ou arrancar da sela. Ouvi uma voz familiar, erguida numa saudação, e espreitei por baixo do queixo de Gideon, avistando o governador Tryon atravessando o pequeno prado, acompanhado por dois ajudantes de ordens.

Tryon cavalgava bem, ainda que sem muito estilo, e vestia seu uniforme de campanha, casaco azul e calças de couro de corça, uma roseta de oficial, de fita amarela, no chapéu, e um sabre de lâmina curta da cavalaria, chamada de alfanje, ao lado — e não apenas para exibição; o cabo exibia incisões e a bainha estava desgastada pelo uso.

Tryon freou o cavalo e fez um cumprimento com a cabeça, tocando no chapéu para Jamie, que fez o mesmo. Vendo-me espreitando furtivamente na sombra de Gideon, o governador educadamente removeu completamente o chapéu, curvando na sela com uma medida.

— Sra. Fraser, seu criado. — Olhou para os baldes que eu carregava, depois se virou na sela, fazendo sinal para um dos ajudantes de ordens. — Sr. Vickers. Por favor, ajude a sra. Fraser.

Entreguei os baldes agradecidamente ao sr. Vickers, um jovem de faces rosadas de aproximadamente dezoito anos, mas, em vez de ir com ele, eu simplesmente lhe mostrei o caminho. Tryon ergueu uma das sobranceiras para mim, mas eu devolvi sua expressão de leve contrariedade com um sorriso afável, permanecendo onde estava. Eu não pretendia ir a lugar algum.

Ele teve o bom senso de reconhecer isso e não contestou minha presença. Simplesmente me ignorando, ele balançou a cabeça novamente para Jamie.

— Suas tropas estão em ordem, coronel Fraser? — Ele olhou incisivamente ao redor. As únicas tropas visíveis no momento eram Kenny, com o nariz enfiado na caneca, e Murdo Lindsay e Geordie Chisholm, absortos num ferrenho jogo de lançamento de canivetes nas sombras do bosque.

— Sim, senhor.

O governador ergueu as sobranceiras com evidente ceticismo.

— Chame seus homens, senhor. Vou passá-los em revista.

Jamie parou por um instante, segurando suas rédeas. Estreitou os olhos contra o sol nascente, avaliando a montaria do governador. — Um belo cavalo o que tem aí, senhor. Ele é equilibrado?

— Claro. — O governador franziu o cenho. — Por quê?

Jamie atirou a cabeça para trás e soltou um grito típico das Highlands, um sonoro uivo para ser ouvido por todas as montanhas à nossa volta. O cavalo do governador deu um puxão nas rédeas, revirando os olhos para trás. Os homens da milícia saíram em bandos do bosque, gritando como banshees, e uma nuvem negra de corvos explodiu das árvores acima deles como fumaça de canhão, numa revoada de gritos estridentes. O cavalo deu ré, lançando Tryon numa postura indigna no chão, partindo em disparada na direção das árvores do outro lado do prado.

Recuei vários passos, para sair do caminho.

O governador sentou-se, roxo e tentando recuperar o fôlego, vendose no centro de um círculo de homens contendo o riso, todos eles apontando suas armas para ele. O governador olhou furiosamente para o cano do rifle junto ao seu rosto e afastou-o bruscamente com a mão, resmungando como um esquilo enfurecido. Jamie pigarreou de um modo significativo e os homens desapareceram silenciosamente para dentro do bosque.

Achei que, no geral, seria um erro tanto oferecer a mão ao governador para ele se levantar, quanto deixar que ele visse meu rosto. Diplomáticamente, virei-me de costas e me afastei alguns passos, fingindo ter descoberto uma impressionante planta nova brotando do chão aos meus pés.

O sr. Vickers reapareceu do meio das árvores, parecendo espantado, um balde d'água em cada mão.

— O que aconteceu? — Partiu na direção do governador, mas coloquei a mão na manga de seu casaco para detê-lo. Era melhor que o sr. Tryon tivesse um momento para recuperar o fôlego, assim como a dignidade.

— Nada importante — eu disse, resgatando meus baldes antes que ele os derramasse. — Hã... quantos milicianos estão reunidos aqui, você sabe?

— Mil e sessenta e oito, madame. Temos dois destacamentos com artilharia. Dois canhões Six-pounder, dez canhões de rodízio e dois morteiros. — Vickers empertigou-se um pouco, sentindo-se importante com a ideia de tanto poder de destruição.

— Há dois mil homens do outro lado do rio, senhor, mas a maioria praticamente desarmada. Alguns não carregam nada além de uma faca. — A voz de Jamie veio de trás de mim, desviando a atenção de Vickers. Virei-me e vi que Jamie havia desmontado e estava cara a cara com o governador, segurando o chapéu deste último. Bateu-o negligentemente contra a coxa e ofereceu-o de volta ao seu dono, que

o aceitou com o máximo de dignidade possível nas circunstâncias.

— Foi o que me informaram, sr. Fraser — ele disse secamente, — embora eu esteja satisfeito em saber que seu serviço de inteligência corrobora o meu próprio. Sr. Vickers, poderia por favor ir buscar meu cavalo? — O tom roxo do rosto de Tryon havia desbotado e, apesar de suas maneiras ainda manterem uma certa restrição, ele não parecia ter guardado rancor. Tryon possuía tanto um senso de justiça quanto — mais importante no momento — um senso de humor, ambos parecendo ter sobrevivido à recente demonstração de prontidão militar.

Jamie balançou a cabeça.

— Imagino que seus informantes também tenham lhe dito que os Reguladores não têm nenhum líder propriamente dito, não?

— Ao contrário, sr. Fraser. Tenho a impressão de que Hermon Husband é, e já há algum tempo considerável, um dos principais agitadores deste movimento. James Hunter também é um nome que frequentemente tenho visto em cartas de reclamações e nas intermináveis petições que chegam até mim em New Bern. E há outros: Hamilton, Gillespie...

Jamie fez um gesto de impaciência, afastando uma nuvem de mosquitinhos que pairavam junto ao seu rosto.

— Em certas circunstâncias, senhor, eu estaria disposto a discutir se a pena tem mais força do que a espada, mas não na beira do campo de batalha, que é onde estamos. A ousadia em escrever panfletos não prepara um homem para liderar tropas, e Husband é um cavalheiro quaker.

— Foi o que ouvi dizer — Tryon concordou. Gesticulou na direção do rio distante, uma das sobancelhas erguidas em desafio. — E no entanto ele está aqui.

— Ele está aqui — Jamie concordou. Parou por um instante, avaliando o humor do governador antes de prosseguir. O governador estava bastante tenso; não havia como não notar a tensão em sua figura ou no brilho de seus olhos. Ainda assim, a batalha não era iminente e a tensão estava bem controlada. Ele ainda podia ouvir.

— Eu reparti minha comida com esse homem na minha fogueira, senhor — Jamie disse cautelosamente. — Eu comi na dele. Ele não faz segredo de seus pontos de vista nem de seu caráter. Se ele está aqui hoje, tenho certeza de que é com grande tormento mental. — Jamie respirou fundo. Estava pisando em terreno arriscado ali.

— Enviei um homem ao outro lado do rio, senhor, para encontrar Husband e suplicar-lhe que venha se encontrar comigo. Pode ser que

eu consiga persuadi-lo a usar sua considerável influência para fazer com que esses homens — esses cidadãos — ele gesticulou rapidamente na direção do rio e dos invisíveis mirmídones do outro lado — abandonem esta desastrosa linha de ação, que só pode terminar em tragédia. — Olhou Tryon diretamente nos olhos.

— Posso lhe perguntar, senhor... posso lhe suplicar... se Husband vier, não falaria com ele pessoalmente?

Tryon permaneceu em silêncio, alheio ao empoeirado tricórnio que ele girava nas mãos. Os ecos da recente comoção haviam se dissipado e um passarinho cantava dos ramos do olmo acima de nós.

— Eles são cidadãos desta colônia — ele disse finalmente, com um sinal com a cabeça na direção do rio. — Eu lamentaria que algum mal lhes acontecesse. Suas reclamações não são desprovidas de mérito, eu reconheci isso — publicamente! — e tomei medidas para uma reparação. — Olhou para Jamie, como se quisesse ver se essa declaração fora aceita. Jamie permaneceu em silêncio, esperando.

Tryon respirou fundo e bateu com o chapéu na perna.

— No entanto, sou governador desta colônia. Não posso permitir que a paz seja perturbada, a lei desprezada, a rebelião e o derramamento de sangue grassando impunemente! — Olhou desoladamente para mim. — Não permitirei.

Voltou sua atenção novamente para Jamie.

— Acho que ele não virá, senhor. O rumo deles está definido. — Apontou mais uma vez na direção das árvores que debruavam o rio Alamance. — E o meu também. Ainda assim... — Hesitou por um instante, depois tomou uma decisão e sacudiu a cabeça.

— Não. Se ele realmente vier, então, por favor, pondere com ele, e se ele concordar em mandar seus homens pacificamente de volta para casa... traga-o a mim e entraremos num acordo. Mas não posso ficar esperando pela oportunidade.

O sr. Vickers havia recuperado a montaria do governador. O rapaz parou um pouco afastado, segurando os dois cavalos pelas rédeas, e eu o vi balançar ligeiramente a cabeça, como se confirmasse as palavras do governador. Seu chapéu protegia-o do sol, mas o rosto estava afogueado e os olhos brilhantes; estava ansioso pela batalha.

Tryon não, mas estava preparado. Jamie tampouco queria, mas também estava preparado. Ele sustentou o olhar intenso do governador por um instante, depois assentiu, aceitando a inevitabilidade.

— Quanto tempo? — ele perguntou serenamente.

Tryon olhou para a posição do sol, um pouco antes da metade da

manhã. Roger partira há quase duas horas; quanto tempo ele levaria para encontrar Hermon Husband e voltar?

— As companhias estão em formação de combate — Tryon disse. Olhou para o bosque e o canto de sua boca torceu-se. Em seguida, retornou um olhar sombrio para o rosto de Jamie. — Não muito tempo. Esteja de prontidão, sr. Fraser.

Virou-se e, enfiando o chapéu na cabeça, pegou as rédeas de seu cavalo e montou. Afastou-se sem olhar para trás, seguido de seus ajudantes de ordens.

Jamie observou-o enquanto se afastava, o rosto impassível.

Coloquei-me a seu lado e toquei sua mão. Eu não precisava dizer que esperava que Roger se apressasse.

VAGABUNDOS E PESSOAS SUSPEITAS"

Artigo 12 — *Nenhum oficial ou soldado deverá ultrapassar os limites do acampamento, que está delimitado pelos postos de guarda avançados.*

Artigo 63 — *Os comandantes das unidades militares deverão interrogar todos os vagabundos e pessoas suspeitas, os quais, se não puderem se explicar, deverão ser presos e um relatório do ocorrido deverá ser enviado ao Quartel-General.*

Deveres e normas do acampamento: *Ordens emitidas por Sua Excelência o governador Tryon aos habitantes da Carolina do Norte.*

Roger tocou o bolso de suas calças, onde havia guardado seu distintivo de miliciano. Um botão de estanho, com quatro centímetros de diâmetro, perfurado nas bordas e gravado com um rústico "CF", de Companhia Fraser, e que devia ser costurado no casaco ou no chapéu. Tais distintivos — e as rosetas de fitas — eram os únicos itens de uniforme da maioria das tropas de infantaria do governador, e a única maneira de distinguir um membro da milícia de um dos Reguladores.

— E exatamente como a gente sabe em quem atirar? — ele perguntara ironicamente, quando Jamie lhe entregara o distintivo no jantar, dois dias antes. — Se você se aproxima o suficiente para ver o distintivo antes de atirar, o outro sujeito não vai pegá-lo primeiro?

Jamie lançara lhe um olhar de igual ironia, mas educadamente evitou qualquer observação sobre a capacidade de Roger como atirador e a probabilidade — ou improbabilidade — de ele causar qualquer dano com seu mosquete.

— Eu não esperaria para ver — ele disse. — Se alguém correr para você com uma arma, atire e torça pelo melhor.

Alguns homens sentados ao redor da fogueira ali perto deram uma risadinha abafada, mas Jamie ignorou-os. Pegou uma vareta e retirou três batatas — doces assadas do meio das brasas, deixando-as lado a lado, negras e fumegando no ar frio da noite. Chutou uma delicadamente, fazendo-a rolar de volta para as cinzas.

— Aquela somos nós — ele explicou. Chutou a batata seguinte. — Aquela é a companhia do coronel Leech, e aquela — chutou a terceira, a qual rolou erratically atrás de suas companheiras — é a do coronel Ashe. Está vendo? — Ergueu uma das sobancelhas para Roger.

— Cada companhia avançará em seu próprio caminho, logo não é provável que você veja qualquer outra milícia, ao menos no começo. Qualquer um que venha em nossa direção provavelmente é o inimigo. — Então sua boca larga curvou-se um pouco para cima, enquanto gesticulava na direção dos homens espalhados ao redor ocupados em comer.

— Você conhece bem cada homem aqui? Bem, não atire em nenhum deles, e tudo dará certo, sim?

Roger sorriu pesarosamente consigo mesmo enquanto descia cuidadosamente um declive coberto de minúsculas plantas de flores amarelas. Era um bom conselho; ele estava muito menos preocupado com a possibilidade de levar um tiro do que com o receio de acidentalmente ferir alguém — inclusive a preocupação não menos importante de arrancar alguns de seus próprios dedos.

Particularmente, estava decidido a não atirar em ninguém, independentemente das circunstâncias ou da possibilidade de atingi-los. Já ouvira o suficiente das histórias dos Reguladores — Abel MacLennan, Hermon Husband. Mesmo levando em conta o natural hiperbólico estilo de Husband, seus panfletos provocavam uma sensação de injustiça impossível de ignorar. Como Roger poderia imaginar matar um homem ou mutilá-lo simplesmente por protestar contra os abusos e a corrupção tão flagrantes que ofendem qualquer pessoa honesta?

Um historiador formado, ele já vira o suficiente das atuais circunstâncias para compreender exatamente como os problemas estavam alastrados, como surgiram — e ele compreendia muito bem as dificuldades de solucioná-los. Compreendia a posição de Tryon — até certo ponto, — mas sua compreensão terminava bem longe de transformá-lo num soldado disposto a lutar pela causa da sustentação da autoridade da Coroa — menos ainda, a causa de preservar a reputação e a sorte pessoal de William Tryon.

Parou por um instante, ouvindo vozes, e silenciosamente deslizou para trás do tronco de um grande álamo.

Três homens apareceram após alguns instantes, conversando descontraidamente. Todos os três carregavam armas e caixas de munição, mas a impressão que davam era de três amigos indo caçar coelhos, em vez de soldados implacáveis às vésperas de uma batalha.

Na realidade, pareciam ser exatamente o que eram — caçadores. Um deles tinha um punhado de corpos peludos pendurado no cinto e outro carregava um saco manchado com algo que poderia ser sangue fresco. Enquanto Roger observava de seu esconderijo atrás do álamo, um dos homens parou, estendeu a mão para deter seus companheiros,

os quais ficaram alertas como cães de caça, os narizes apontando para um grupo de árvores a uns sessenta metros de distância.

Mesmo sabendo que havia alguma coisa lá, levou um certo tempo até Roger avistar um pequeno cervo, parado, imóvel, perto de um bosque de árvores novas, um véu de luz matizada atravessando as folhas novas acima e camuflando quase perfeitamente o animal.

O primeiro homem tirou a arma silenciosamente do ombro, levando a mão para pegar vareta e cartucho, mas um dos outros o deteve com a mão em seu braço.

— Espere, Abram — disse o segundo homem, falando baixinho, mas claramente. — Não vai querer atirar tão perto do rio. Você ouviu o que o coronel disse: os Reguladores estão espalhados até a margem perto daquele ponto. — Fez um sinal com a cabeça indicando a vegetação densa de carvalhos e salgueiros que assinalava a beira do rio invisível, a menos de cem metros de distância. — Não vai querer provocá-los, não agora.

Abram balançou a cabeça com relutância e pendurou a arma no ombro outra vez.

— Sim, tem razão. Vai ser hoje, você acha?

Roger olhou novamente para o bosque de árvores novas, mas o cervo havia desaparecido, silencioso como fumaça.

— Não vejo como não ser. — O terceiro homem tirou um lenço amarelo da manga e limpou o rosto; o tempo estava quente e o ar úmido. — Tryon está com os canhões preparados desde o alvorecer. Ele não é homem de deixar alguém surpreendê-lo. Talvez ele espere pelos homens de Waddell, mas pode achar que não precisa deles.

Abram resfolegou com leve desdém.

— Para esmagar essa corja? Você já os viu? Um conjunto mais pobre de soldados você não veria em muito tempo.

O homem com o lenço sorriu cinicamente.

— Sim, pode ser, Abie. Por falar em corja, já viu os milicianos do interior? E por falar em Reguladores, há um grande número deles, corja ou não. Dois para um, segundo o capitão Neale.

Abram resmungou, lançando um último olhar relutante para a floresta e o rio mais além.

— Corja — repetiu, com mais confiança, e virou-se. — Venham, então, vamos dar uma olhada lá de cima.

Os caçadores estavam do mesmo lado que ele; não usavam nenhuma roseta, mas ele viu os distintivos de milícia no peito e no chapéu, brilhando ao sol da manhã.

Mesmo assim, Roger permaneceu nas sombras até os homens desaparecerem, conversando despreocupadamente. Estava razoavelmente convencido de que Jamie o enviara nesta missão sem nenhuma autoridade além da sua própria; era melhor que não fosse obrigado a se explicar.

A atitude da maior parte das milícias em relação ao movimento dos Reguladores era na melhor das hipóteses desdenhosa. Na pior — nos níveis mais altos do comando — era friamente vingativa.

"Exterminá-los de uma vez por todas", Caswell dissera, enquanto tomava café junto à fogueira na noite anterior. Proprietário de fazenda da parte leste da colônia, Richard Caswell não nutria nenhuma simpatia pelas reivindicações dos Reguladores.

Roger bateu no bolso outra vez, refletindo. Não, melhor deixá-lo ali. Ele poderia apresentar o distintivo se necessário e não achava que alguém fosse atirar nele pelas costas sem ao menos um grito de advertência. Ainda assim, sentia-se estranhamente exposto enquanto caminhava pelo exuberante capim do prado junto ao rio, e suspirou com involuntário alívio quando os galhos lânguidos dos salgueiros da margem do rio o envolveram numa sombra fria.

Ele havia deixado, com a aprovação de Jamie, seu mosquete para trás, e viera desarmado, exceto pela faca em seu cinto, que era um acessório normal para qualquer homem. O outro único equipamento que portava era um grande lenço branco, atualmente dobrado e guardado dentro do casaco.

"Se for ameaçado, em qualquer lugar, acene-o e grite "trégua", Jamie o instruíra. "Depois diga a eles para virem me buscar e não diga mais nada até eu chegar. Se ninguém o detiver, traga-me Husband sob a proteção do lenço."

A visão de si mesmo conduzindo Hermon Husband de volta pelo rio, segurando uma vara com o lenço ondulante acima da cabeça, como um guia conduzindo turistas por um aeroporto, havia lhe dado vontade de rir. No entanto, Jamie não rira, sequer sorrira, e assim ele aceitara o pedaço de pano solenemente, guardando-o com cuidado. Espreitou através da cortina de folhas pendentes, mas o rio passava correndo, cintilando ao sol do novo dia, silencioso, exceto pela precipitação da água pelas pedras e pelo barro. Não havia ninguém à vista e o barulho da água abafava qualquer som que pudesse vir de trás das árvores do outro lado do rio. Embora a milícia pudesse não atirar nele pelas costas, não estava tão tranquilo quanto à possibilidade de os Reguladores atirarem nele de frente, se o vissem atravessando o rio, vindo do lado dos governistas.

De qualquer modo, não poderia passar o dia escondido nas árvores.

Emergiu na margem do rio e seguiu a corrente do rio, na direção do ponto que os caçadores haviam indicado, observando as árvores cuidadosamente para qualquer sinal de vida. A travessia perto do ponto era melhor, águas rasas e um leito rochoso. Se os Reguladores estivessem reunidos ali por perto, estavam sendo muito silenciosos.

Uma cena mais tranquila dificilmente poderia ser imaginada, e no entanto seu coração repentinamente martelava em seus ouvidos. Sentia novamente a estranha sensação de alguém ao seu lado. Olhou ao redor, em todas as direções, mas nada se movia, salvo a água corrente e os galhos pendentes dos salgueiros.

— É você, pai? — ele disse serenamente, num sussurro, e imediatamente se sentiu um tolo. Ainda assim, a sensação de alguém ao seu lado continuava forte, embora benigna.

Mentalmente afastando a sensação, abaixou-se e tirou os sapatos e as meias. Devem ser as circunstâncias, pensou. Não que vadear um rio raso em busca de um agitador quaker pudesse ser comparado a pilotar um Spitfire à noite pelo Canal da Mancha rumo a um bombardeio à Alemanha. Mas imaginava que de qualquer modo uma missão era uma missão.

Olhou ao redor outra vez, mas viu apenas girinos se mexendo nas águas rasas. Com um sorriso ligeiramente enviesado, entrou na água, fazendo os girinos fugirem freneticamente.

— Que exagero — ele disse a um marreco. A ave o ignorou, continuando sua busca de alimento entre as folhas verde-escuras do agrião flutuante.

Nenhuma ameaça veio das árvores em nenhum dos dois lados do rio; absolutamente nenhum som, exceto a alegre algazarra de pássaros e suas ninhadas. Somente quando se sentou numa pedra aquecida pelo sol, secando os pés antes de calçar as meias e os sapatos outra vez, é que finalmente ouviu alguma indicação de que o lado distante do rio estava povoado por seres humanos.

— Então o que é que você quer, meu bem?

A voz veio dos arbustos às suas costas, ele ficou paralisado, o sangue latejando nos ouvidos. Era a voz de uma mulher. Mas antes que pudesse se mover ou pensar em responder, ouviu uma risada, grave, e com um tom particular que o fez relaxar.

O instinto informou-o, antes da razão, de que as vozes com aquela entonação em particular não representavam uma ameaça.

— Não sei, querida, o que isso vai me custar?

— Oh, escute só! Não é hora de contar os centavos, hein?

— Não se preocupem, senhoras, faremos uma coleta entre nós, se

necessário.

— Oh, então é assim? Muito bem, senhor, mas saiba que, nesta congregação, a coleta vem antes da cantoria!

Ouvindo essa amistosa discussão, Roger deduziu que as vozes em questão pertenciam a três homens e duas mulheres, todos parecendo confiantes de que, quaisquer que fossem os arranjos financeiros, a arrecadação seria igualmente dividida, sem saldos embaraçosos.

Pegando seus sapatos, afastou-se silenciosamente, deixando as sentinelas invisíveis -se isso é o que eram — com suas contas. Evidentemente, o exército dos Reguladores não era tão organizado quanto as tropas do governo.

"Menos organizados" era dizer o mínimo, pensou, um pouco depois. Ele havia se mantido na margem do rio por alguma distância, sem saber ao certo onde o corpo principal do exército deveria estar. Já havia caminhado quase quatrocentos metros sem ver ou ouvir uma alma além das duas prostitutas e seus clientes. Sentindo-se cada vez mais estranho, vagou por pequenos aglomerados de pinheiros e pelas bordas de prados cobertos de capim, sem nenhuma companhia além dos pássaros em acasalamento e pequenas borboletas diáfanas em tons de laranja e amarelo.

— Que maldita maneira é essa de conduzir uma guerra? — murmurou, abrindo caminho pelo meio de um emaranhado de amoreiras silvestres. Era como uma dessas histórias de ficção científica, em que todos, exceto o herói, simplesmente haviam desaparecido da face da Terra. Estava começando a ficar ansioso; e se não conseguisse achar o maldito quaker — ou mesmo o exército — antes de a batalha começar?

Então dobrou uma curva do rio e vislumbrou pela primeira vez os Reguladores propriamente ditos; um grupo de mulheres, lavando roupas nas águas do rio, junto às pedras.

Agachou-se novamente para dentro do mato antes que o vissem e afastou-se do rio, mais encorajado. Se as mulheres estavam ali, os homens não estariam longe.

Não estavam. Alguns metros depois, ouviu os sons do acampamento — vozes aqui e ali, risos, o ruído de talheres e panelas e as pancadas de lenha sendo cortada. Ao dar a volta em uma moita de pilriteiro, quase foi derrubado por um bando de rapazes que passou por ele, berrando e assoviando, enquanto perseguiam um do grupo, que brandia um rabo de racum recém— cortado, flutuando na brisa enquanto ele corria.

Passaram correndo por Roger sem olhar duas vezes para ele, que continuou, agora um pouco menos cauteloso. Não foi questionado;

não havia sentinelas. Na realidade, um rosto estranho não parecia ser nem uma novidade, nem uma ameaça. Alguns homens olharam distraidamente para ele, mas voltaram à sua conversa, não encontrando nada de particular em sua aparência.

— Estou procurando Hermon Husband — ele disse diretamente a um homem que assava um esquilo nas chamas claras de uma fogueira. O homem olhou-o inexpressivamente por um instante.

— O quaker? — Roger especificou.

— Oh, sim, ele — o homem disse, as feições clareando. — Ele está para lá... nesta direção, eu acho. — Gesticulou prestativamente com a varinha que segurava, o esquilo tostado apontando o caminho com os tocos de suas patas dianteiras enegrecidas.

"Para lá" era bastante longe. Roger atravessou mais três acampamentos espalhados antes de alcançar o que parecia ser o principal corpo do exército -se fosse possível enaltecê-lo com esse termo. É verdade que parecia haver um grau maior de seriedade; havia menos dos folguedos despreocupados que ele vira perto do rio. Ainda assim, não era o quartel-general do Comando Estratégico, nem de longe.

Começou a se sentir ligeiramente esperançoso de que a violência ainda pudesse ser evitada, mesmo com os dois exércitos em formação um diante do outro e as turmas dos canhões em estado de alerta. Havia um ar de agitação e prontidão entre os homens quando ele atravessou suas fileiras, mas nenhuma atmosfera de ódio ou sede de sangue.

Ali, a situação era muito diferente do que vira nas linhas disciplinadas das milícias, mas pareciam ainda menos dispostos a hostilidades imediatas. No entanto, conforme avançava, pedindo informações em cada fogueira que passava, começou a sentir algo diferente no ar — uma sensação de crescente premência, quase desespero. As brincadeiras que vira nos acampamentos distantes haviam desaparecido; os homens se amontoavam em pequenos grupos, confabulando, as cabeças unidas, ou sentavam-se sozinhos, sombriamente carregando armas e amolando facas.

A medida que se aproximava, o nome de Hermon Husband era reconhecido por todos, os dedos apontando a direção com mais certeza. O nome quase parecia um ímã, atraindo-o cada vez mais para o centro de uma densa massa de homens e rapazes, todos empolgados — todos armados. O barulho aumentava a cada passo, as vozes batendo em seus ouvidos como martelos numa forja.

Finalmente encontrou Husband, em pé em cima de uma rocha como um grande lobo aflito, cercado por um aglomerado de uns trinta

ou quarenta homens, todos clamando com furiosa agitação. Os cotovelos chocavam-se e os pés pisavam uns nos outros, sem se preocuparem com o impacto em seus colegas. Obviamente estavam exigindo uma resposta, mas incapazes de fazer uma pausa longa o suficiente para ouvi-la, caso fosse dada.

Husband, em mangas de camisa e com o rosto afogueado, gritava para um ou dois mais próximos a ele, mas Roger não conseguia ouvir nada do que era dito acima da confusão geral. Abriu caminho pelos círculos externos de espectadores, mas foi detido próximo ao centro pela pressão dos homens. Ao menos ali ele podia captar algumas palavras.

— É preciso! Você sabe disso, Hermon, não temos escolha! — gritou um homem magro, com um chapéu surrado.

— Sempre há uma escolha! — Husband berrou em resposta. — Agora é o momento de escolher e Deus quer que o façamos com sabedoria!

— Sim, com canhões apontados para nós?

— Não, não, para frente, temos que ir para frente, ou tudo estará perdido!

— Perdido? Já perdemos tudo até agora! Temos...

— O governador nos deu uma escolha, temos...

— Temos...

— Temos!

Todas as palavras se perdiam num rugido geral de raiva e frustração. Vendo que não havia nada a ser ganho em esperar por uma audiência, Roger abriu caminho bruscamente pelo meio de dois fazendeiros e agarrou Husband pela manga da camisa.

— Sr. Husband, preciso falar com o senhor! — gritou no ouvido do quaker. Husband lançou-lhe um olhar vidrado e tentou desvencilhar-se dele, mas depois parou, pestanejando ao reconhecê-lo. O rosto quadrado estava vermelho acima da barba por fazer, e os cabelos grisalhos e ásperos de Husband, soltos, projetavam-se de sua cabeça como os espinhos de um ouriço. Ele sacudiu a cabeça e fechou os olhos, depois os abriu novamente, fitando Roger, como um homem procurando dissipar uma visão impossível, em vão.

Agarrou o braço de Roger e, com um gesto feroz para a multidão, saltou de cima da rocha e partiu na direção do abrigo de uma cabana decrépita, perigosamente inclinada na sombra de um bosque de bordos. Roger acompanhou-o, olhando furiosamente para os mais próximos para desencorajá-los de segui-los.

Ainda assim, alguns os seguiram, agitando os braços e protestando

ardentemente, mas Roger bateu a porta na cara deles e baixou a trava, além de posicionar-se de costas contra a porta. Estava mais fresco ali dentro, embora o ar fosse estagnado e cheirasse a cinzas e comida queimada.

Husband ficou arfando no meio do aposento, depois pegou uma concha e bebeu profusamente de um balde acima da lareira — o único objeto que restava na cabana, Roger observou. O casaco e o chapéu de Husband estavam cuidadosamente pendurados em um gancho junto à porta, mas havia lixo espalhado pelo chão de terra batida. Quem quer que fosse dono da cabana havia evidentemente abandonado o lugar às pressas, carregando seus pertences.

Acalmado pela pausa momentânea, Husband alisou a camisa amarrotada e procurou ajeitar os cabelos.

— O que faz aqui, amigo Mackenzie? — ele perguntou, com sua característica brandura. — Certamente não veio se juntar à causa dos Reguladores, não é?

— De fato, não vim — Roger declarou. Lançou um olhar cauteloso à janela, com receio de que a multidão tentasse ganhar acesso por ali, mas embora o barulho das vozes do lado de fora continuasse a discussão, não havia nenhum sinal imediato de ataque à cabana. — Vim lhe perguntar se atravessaria o rio comigo — sob uma bandeira de trégua, sua segurança está assegurada — para falar com Jamie Fraser.

Husband também olhou para a janela.

— Temo que o momento para conversas já tenha passado há muito tempo — ele disse, com uma torcida irônica dos lábios. Roger inclinava-se a concordar com ele, mas insistiu, resolvido a cumprir sua missão.

— Não no que diz respeito ao governador. Ele não tem nenhuma vontade de massacrar seus próprios cidadãos. Se a multidão pudesse ser convencida a dispersar pacificamente...

— Isso lhe parece uma perspectiva provável? — Husband acenou para a janela, lançando lhe um olhar sarcástico.

— Não — Roger se viu forçado a admitir. — Ainda assim, se você viesse, se eles pudessem ver que ainda há uma possibilidade de...

— Se houvesse possibilidade de reconciliação e reparação, ela já teria sido oferecida há muito tempo — Husband disse enfaticamente. — É um sinal da sinceridade do governador vir com tropas e canhões, mandar uma carta que...

— Não reparação — Roger disse sem rodeios. — Refiro-me à possibilidade de salvar todas as suas vidas.

Husband permaneceu absolutamente imóvel. A cor avermelhada desapareceu de suas faces, embora ele ainda parecesse controlado.

— Chegou a esse ponto? — ele perguntou serenamente, os olhos no rosto de Roger. Roger respirou fundo e balançou a cabeça.

— Não resta muito tempo. O sr. Fraser me incumbiu de lhe dizer que se não puder ir falar com ele pessoalmente, há duas companhias de artilharia dispostas em ordem de batalha contra você, e oito milícias, todas bem armadas. Tudo depende da rapidez, e o governador só vai esperar até a aurora de amanhã, o mais tardar.

Ele sabia que era traição dar tal informação ao inimigo — mas é o que Jamie Fraser teria dito, se ele mesmo pudesse ter vindo.

— Há dois mil homens do movimento aqui — Husband disse, como se falasse consigo mesmo. — Dois mil! Não acha que a visão dessa gente o faria mudar de ideia? Que tantos deixariam suas casas e suas famílias para virem aqui protestar...

— A opinião do governador é que vieram em rebelião e, portanto, em estado de guerra — Roger interrompeu. Olhou para a janela, onde a cobertura de couro oleado pendurava-se em frangalhos. — E tendo-os visto, acho que ele tem bases razoáveis para essa opinião.

— Não é nenhuma rebelião — Husband disse obstinadamente. Empertigou-se e retirou uma fita de seda preta do bolso, para amarrar seus cabelos na nuca. — Mas nossas legítimas queixas foram ignoradas, desdenhadas! Não temos escolha senão virmos em bloco, para colocar nossas queixas diante do sr. Tryon e assim impressioná-lo com a justiça de nossas reivindicações.

— Pensei tê-lo ouvido falar de escolha alguns momentos atrás — Roger disse secamente. — E se agora é a hora de escolher, como o senhor diz, parece-me que a maioria dos Reguladores escolheu a violência, a julgar pelas observações ouvidas a caminho daqui.

— Talvez — Husband disse com relutância. — No entanto, nós... eles... não são um exército em busca de vingança, não são uma turba... — No entanto, seu olhar relutante na direção da janela sugeria sua percepção de que era realmente uma turba que se formava às margens do Alamance.

— Eles têm um líder escolhido, alguém que possa falar oficialmente por eles? — Roger interrompeu outra vez, impaciente para entregar logo sua mensagem e ir embora. — O senhor mesmo, ou talvez o sr. Hunter?

Husband parou por um longo instante, passando as costas da mão pela boca como se quisesse eliminar algum gosto rançoso e persistente. Ele sacudiu a cabeça.

— Eles não têm nenhum líder verdadeiro — ele disse baixinho. — Jim Hunter é bastante corajoso, mas não tem o dom de comandar homens. Eu pedi a ele, e ele disse que cada homem deve agir por si mesmo.

— Você tem o dom. Pode liderá-los.

Husband pareceu escandalizado, como se Roger o tivesse acusado de um talento para trapacear no jogo.

— Eu não.

— Você os liderou até aqui...

— Eles vieram para cá! Não pedi a nenhum deles...

— Você está aqui. Eles o seguiram.

Husband encolheu-se um pouco diante disso, os lábios comprimidos. Vendo que suas palavras surtiram algum efeito, Roger pressionou.

— Você falou em nome deles antes, e eles ouviram. Eles vieram com você, atrás de você. Eles o ouvirão, tenho certeza!

Ele podia ouvir o tumulto do lado de fora da cabana crescendo; a multidão estava impaciente. Se ainda não era uma turba, já estava bem perto de

ser. E o que fariam se soubessem quem ele era e o que viera fazer? As palmas de sua mão suavam; pressionou-as contra o tecido de seu casaco, sentindo a pequena protuberância de seu distintivo da milícia no bolso e desejou ter parado para enterrá-lo em algum lugar, depois que atravessou o rio.

Husband olhou para ele por um instante, depois estendeu os braços e agarrou-o pelas duas mãos.

— Reze comigo, amigo — ele disse serenamente.

— Eu...

— Você não precisa dizer nada — Husband disse. — Sei que você é papista, mas não é do nosso feitio rezar em voz alta. Se você apenas ficar em silêncio comigo e pedir com seu coração que a sabedoria seja concedida, não apenas a mim, mas a todos aqui...

Roger mordeu a língua para não contradizer Husband; sua própria filiação religiosa não tinha a menor importância no momento, embora evidentemente a de Husband tivesse. Em vez disso, balançou a cabeça, contendo sua impaciência, e apertou as mãos do homem mais velho, oferecendo-lhe todo o apoio ao seu alcance.

Husband permaneceu absolutamente imóvel e em silêncio, a cabeça ligeiramente abaixada. Alguém bateu com força na frágil porta da cabana, as vozes gritando.

— Hermon! Você está bem aí dentro?

— Vamos, Hermon! Não há tempo para isso! Caldwell voltou do governador...

— Uma hora, Hermon! Ele nos deu uma hora, não mais!

Um fio de suor escorreu pelas costas de Roger entre as omoplatas, mas ele ignorou a cócega, sem poder alcançá-lo.

Olhou dos dedos castigados pelo tempo para o rosto de Husband e deparou-se com os olhos do outro homem igualmente fixos no seu próprio rosto — e, ainda assim, distantes, como se ouvisse uma voz distante, alheio aos gritos urgentes que atravessavam as paredes. Até os olhos de Husband eram da cor cinza dos quakers, Roger pensou — como poças de água da chuva, se acalmando depois de uma tempestade.

Sem dúvida, iriam colocar a porta abaixo. Mas não; os golpes se reduziram a umas batidas impacientes, e depois para uma ou outra pancada surda. Ele podia sentir as batidas do próprio coração, diminuindo gradualmente para uma pulsação regular, tranquila, em seu peito, a ansiedade desaparecendo em seu sangue.

Fechou os olhos, tentando concentrar seus pensamentos, fazer o que Husband pedira. Buscou em sua mente alguma oração adequada, mas nada surgiu, senão fragmentos confusos do Livro de Preces Comuns.

Ajude-nos, Senhor...

Ouça-nos...

Ajude-nos, Senhor, a voz de seu pai sussurrou. Seu outro pai, o reverendo, falando de algum lugar do fundo de sua mente. Ajude-nos, Senhor, a lembrar a frequência com que os homens agem errado por falta de reflexão, em vez de falta de amor; e como são ardilosas as ciladas que fazem nossos pés tropeçarem.

Cada palavra tremulou por um breve instante em sua mente como uma folha em chamas, erguendo-se no vento de uma fogueira, e depois desapareceu nas cinzas antes que ele pudesse agarrá-la. Desistiu, então, e simplesmente ficou ali parado, segurando as mãos de Husband nas suas, ouvindo a respiração daquele homem, um tom baixo e áspero.

Por favor, pensou silenciosamente, embora sem nenhuma ideia do que estava pedindo. Essa palavra também se evaporou, não deixando nada em seu lugar.

Nada aconteceu. As vozes ainda gritavam lá fora, mas não pareciam ter mais importância agora do que os gritos dos pássaros. O ar na cabana estava imóvel, mas fresco e cheio de vida, como se uma

corrente de ar brincasse em algum lugar nos cantos, sem tocá-los onde se encontravam, no centro do aposento. Roger sentiu sua própria respiração relaxar, seu coração reduzir os batimentos ainda mais.

Não se lembrava de ter aberto os olhos, e no entanto estavam abertos. Havia lampejos de azul e minúsculas farpas de preto nos olhos meigos e cinzentos de Husband. Suas pestanas eram espessas e havia um pequeno inchaço na pálpebra, um terçol quase curado. A minúscula protuberância era lisa e vermelha, desbotando de um ponto escarlate no centro para uma sucessão de tons de vermelho e rosa, como os que devem ter embelezado a aurora no dia da Criação.

O rosto diante dele era esculpido com linhas que desenhavam arcos rudes do nariz à boca, que se curvavam acima das sobrancelhas grossas e grisalhas, cada fio longo e arqueado, com a graciosidade da asa de um pássaro. Os lábios eram largos e lisos, rosa-escuros; a ponta branca de um dente brilhava, estranhamente duro, em contraste com a carne flexível que o abrigava.

Roger permaneceu parado, sem se mover, admirado com a beleza do que via. A ideia de Husband como um homem baixo e truncado, de meia— idade e feições indefiníveis não fazia nenhum sentido; o que ele via agora era uma emocionante singularidade, algo único e maravilhoso; insubstituível.

Ocorreu-lhe que esse era o mesmo sentimento com que ele havia examinado seu filho, admirando-se com a perfeição de cada minúsculo dedo do pé, a curva da bochecha e da orelha que davam um aperto em seu coração, a luminosidade da pele nova, que deixava a inocência interior irradiar seu brilho através dela. E ali estava a mesma criação, não mais nova, talvez menos inocente, porém não menos maravilhosa.

Ele olhou para baixo e viu suas próprias mãos, ainda agarrando as mãos menores de Husband. Uma sensação de reverência apossou-se dele, com a percepção da beleza de seus próprios dedos, os ossos curvos do pulso e das articulações, a arrebatadora delicadeza de uma fina cicatriz vermelha atravessando ajunta de seu polegar.

Husband expirou com um profundo suspiro e ele retirou suas mãos. Roger sentiu-se momentaneamente destituído, mas em seguida sentiu a paz do aposento descer sobre ele outra vez, o assombro da beleza seguido por uma sensação de profunda calma.

— Eu lhe agradeço, amigo Roger — Husband disse suavemente. — Eu não esperava receber essa graça... mas ela é bem-vinda.

Roger balançou a cabeça, sem fala. Observou enquanto Husband pegou seu próprio casaco e vestiu-o, o rosto agora em contornos de calma determinação. Sem hesitação, o quaker levantou a trava da porta e abriu-a.

A multidão de homens do lado de fora recuou, a surpresa em seus rostos dando lugar imediatamente à ansiedade e à irritação. Husband ignorou a tempestade de perguntas e exortações e caminhou diretamente para um cavalo que estava amarrado a uma pequena árvore atrás da cabana. Desamarrou-o e subiu para a sela. Somente então olhou para os rostos de seus companheiros Reguladores.

— Vão para casa! — ele disse, a voz alta. — Temos que deixar este lugar. Cada homem deve retornar à sua própria casa!

Essa declaração foi recebida com um momento de atordoado silêncio, e em seguida com gritos de indignação e perplexidade.

— Que casa? — gritou um rapaz de barba mal aparada e ruiva. — Talvez você tenha uma casa para onde voltar... eu não tenho!

Husband continuou imóvel em sua sela, impassível diante dos protestos.

— Vão para casa! — ele gritou outra vez. — Eu os exorto a voltar para casa. Não resta nada a ser feito aqui, senão a violência!

— Sim, e nós certamente vamos ao encontro dela! — berrou um homem troncudo, brandindo o mosquete acima da cabeça, para um coro de urros e vivas.

Roger havia seguido Husband e estava sendo amplamente ignorado pelos Reguladores. Permaneceu a uma curta distância, observando quando o quaker começou a se afastar lentamente, inclinando-se de sua sela para gritar e gesticular para os homens que corriam e se empurravam ao seu lado. Um homem agarrou Husband pela manga do casaco e o quaker puxou as rédeas, abaixando-se para ouvir o que obviamente era um discurso apaixonado.

Ao final, entretanto, ele endireitou-se na sela, sacudindo a cabeça, e enfiou o chapéu.

— Não posso permanecer aqui e permitir que sangue seja derramado por causa da minha presença. Se ficarem aqui, amigos, haverá uma carnificina. Vão embora! Ainda podem ir, rogo-lhes que partam!

Ele já não gritava, mas o barulho ao seu redor diminuía o suficiente para suas palavras serem ouvidas. Ergueu o rosto crispado de preocupação e viu Roger de pé na sombra de um corniso. A tranquilidade da paz já o abandonara, mas Roger viu que o olhar de determinação ainda estava lá em seus olhos.

— Estou partindo! — ele gritou. — Eu suplico a todos vocês: vão embora! — Manobrou o cavalo com repentina determinação e instigou-o, fazendo-o trotar. Alguns homens correram atrás dele, mas logo pararam. Viraram-se, parecendo estupefatos e magoados,

murmurando em pequenos grupos e meneando a cabeça, confusos.

O barulho se erguia outra vez, já que todos falavam ao mesmo tempo, discutindo, insistindo, negando. Roger virou-se e começou a caminhar silenciosamente na direção do abrigo do bosque de bordos. Era melhor sair dali o quanto antes, agora que Husband partira.

Alguém o agarrou pelo ombro e o fez girar nos calcanhares.

— E quem é você, diabos? O que disse a Hermon para fazê-lo ir embora? — Um sujeito sujo, com um colete de couro esfarrapado, confrontou-o, os punhos cerrados. O homem parecia furioso, pronto para descarregar sua frustração no objeto disponível mais próximo.

— Eu disse a ele que o governador não quer ver ninguém ferido, se puder ser evitado — Roger disse, no que ele esperava fosse um tom tranquilizador.

— Você vem da parte do governador? — um homem de barba negra perguntou ceticamente, examinando as roupas rústicas e sujas de Roger. — Veio oferecer termos diferentes dos apresentados por Caldwell?

— Não. — Roger ainda estava sob os efeitos do encontro com Husband, sentindo-se protegido das correntes de ódio e histeria que giravam em torno da cabana, mas a paz desse encontro se esvaía rapidamente. Outros se aproximavam, para se unirem aos interrogadores, atraídos pelo som do confronto.

— Não — ele repetiu, mais alto. — Vim avisar Husband, avisar todos vocês. O governador quer...

Foi interrompido por um coro de berros e urros, indicando que os desejos de Tryon não eram de interesse daqueles ali presentes. Ele olhou para o círculo de rostos, mas não viu nenhum que oferecesse qualquer expressão de tolerância, quanto menos de amizade. Deu de ombros e recuou um passo.

— Então façam como acharem melhor — ele disse, o mais friamente possível. — O sr. Husband lhes deu seu melhor conselho, eu o apoio. — Virou-se para ir embora, mas foi agarrado por mãos que desceram sobre seus ombros, forçando-o a se virar e encarar o anel de inquiridores outra vez.

— Não tão depressa, rapaz — disse o homem de colete de couro. Ele ainda estava acalorado de raiva e agitação, mas seus punhos já não estavam cerrados. — Você falou com Tryon?

— Não — Roger admitiu. — Eu fui enviado... — Hesitou; deveria usar o nome de Jamie Fraser? Não, melhor não; isso poderia causar mais confusão ou evitá-la. — Vim pedir a Hermon Husband que atravessasse o rio e descobrisse por si próprio as verdadeiras

condições. Ele preferiu, em vez disso, aceitar meu relato da situação. Vocês viram a reação dele.

— E o que você diz! — Um homem corpulento com suíças ruivas ergueu o queixo de forma beligerante. — E por que alguém deveria aceitar o seu relato da situação? — Ele imitou o sotaque escocês de Roger de uma forma burlesca, fazendo seus companheiros rirem.

A calma que ele trouxera da cabana não o havia deixado inteiramente. Roger reuniu os remanescentes e falou serenamente.

— Não posso obrigá-lo a ouvir, senhor. Mas para os que têm ouvidos, ouçam isto. — Olhou de um rosto para o outro e, relutantemente, um a um, eles pararam de fazer barulho, até ele ficar no centro de um círculo de homens atentos, ainda que a contragosto.

— As tropas do governador estão prontas e fortemente armadas. — Sua voz soou estranha a seus próprios ouvidos, calma, mas de certa forma abafada, como se outra pessoa estivesse falando, a uma certa distância. — Eu próprio não vi o governador, mas ouvi a afirmação de seus propósitos: ele não quer derramamento de sangue, mas está determinado a tomar as medidas que achar necessárias para dispersar esta reunião. Entretanto, se retornarem pacificamente às suas casas, ele está disposto à indulgência.

Um momento de silêncio recebeu suas palavras, interrompidas por um barulho áspero. Uma cusparada, entremeada de listras marrons de sumo de tabaco, aterrisou com um barulho seco na lama junto à bota de Roger.

— Isto — observou o autor da provocação laconicamente — é para a indulgência do governador.

— E isto é para você, desgraçado! — disse um de seus companheiros, lançando a mão aberta para o rosto de Roger!

Ele se agachou, evitando o golpe, e lançou-se sobre o homem, que cambaleou, perdeu o equilíbrio e caiu. Mas havia outros além dele. Roger parou, punhos em riste, pronto para se defender, se necessário.

— Não o machuquem, rapazes — disse o homem do colete de couro. — Por enquanto não. — Ele rodeou Roger, mantendo-se bem longe de seus punhos, e examinou-o cautelosamente.

— Quer você tenha ou não visto o rosto de Tryon, imagino que tenha visto suas tropas, não é?

— Sim. — O coração de Roger batia acelerado e o sangue latejava em suas têmporas, mas estranhamente não sentia medo. A turba era hostil, mas não era sanguinária — ainda não.

— Então quantos homens Tryon tem? — O sujeito observava-o atentamente, com um brilho nos olhos. O melhor era responder

honestamente; a probabilidade é que já soubessem a resposta; não havia nada que impedisse os Reguladores de atravessar o Alamance para conferir a situação por si mesmos.

— Pouco mais de mil — Roger disse, observando atentamente o rosto do homem. Nenhuma surpresa, ele já sabia. — Mas é uma milícia treinada. — Roger acrescentou incisivamente, com um olhar para alguns Reguladores, que, tendo perdido o interesse em Roger, haviam retomado um concurso de luta ali perto. — E tem artilharia. Imagino que não tenha nenhuma, não é, senhor?

O rosto do sujeito contraiu-se.

— Pense o que quiser — disse sucintamente. — Mas pode dizer a Tryon que temos o dobro de homens. E treinados ou não — sua boca torceu-se ironicamente, — estamos todos armados, cada homem com seu mosquete. — Inclinou a cabeça para trás, estreitando os olhos contra a luz.

— Uma hora, não é, senhor? — ele perguntou, mais brandamente. — Antes disso, eu acho. — Abaixou o olhar, olhando Roger nos olhos.

— Então atravesse o rio de volta, senhor. Diga ao governador Tryon que pretendemos nos fazer ouvir e conseguir o que queremos. Se ele ouvir e fizer o que exigimos, muito bem. Se não... — Ele tocou o cabo da pistola em seu cinto e balançou a cabeça uma vez, o rosto sombrio e implacável.

Roger olhou para o círculo de rostos silenciosos. Alguns tinham um ar de incerteza, mas a maioria parecia rancorosa ou abertamente rebelde. Ele virou-se sem nenhuma palavra e afastou-se, as palavras do reverendo sussurrando entre as folhas conforme ele passava sob as árvores.

Bem-aventurados os pacificadores, pois eles serão chamados filhos de Deus.

Esperava que merecessem crédito os que tentavam.

O LIVRO DO CIRURGIÃO I

Artigo 28 — *Os cirurgiões deverão manter um livro e registrar cada homem que venha a ter sob seus cuidados, a saber: o nome do homem, a companhia à qual pertence, o dia que passa aos seus cuidados e o dia em que o libera.*

— *"Deveres e normas do acampamento"*

Senti uma brisa fria tocar meu rosto e estremeci, embora o dia estivesse bastante quente. Tive o pensamento absurdo e repentino de que se tratava do toque fugidio de uma pena, como se o Anjo da Morte tivesse passado silenciosamente por mim, concentrado em seu trabalho sombrio.

— Bobagem — eu disse em voz alta. Evan Lindsay me ouviu; vi sua cabeça virar-se momentaneamente, mas depois voltar à posição original. Como todos os outros, ele não parava de olhar para o leste.

As pessoas que não acreditam em telepatia nunca colocaram o pé num campo de batalha, nem serviram em um exército. Algo passa sem ser visto de homem para homem quando um exército está prestes a entrar em ação; o próprio ar fica carregado de sensações. Em parte temor, em parte ansiedade, elas dançam sobre a pele e descem pela espinha com uma urgência semelhante a um desejo ardente e repentino.

Nenhum mensageiro havia chegado ainda, mas um chegaria, eu sabia. Algo acontecera, em algum lugar.

Todos permaneciam a postos, aguardando. Senti uma necessidade urgente de me mover, de quebrar aquele feitiço, e virei-me abruptamente, as mãos flexionando com a ânsia de se mover, de fazer alguma coisa. A chaleira fervera, a água estava pronta, coberta com um pedaço de linho limpo. Eu colocara minha caixa de remédios sobre um toco de árvore; abri a tampa e comecei distraidamente a conferir o conteúdo outra vez, embora soubesse que tudo estava em ordem.

Toquei os frascos brilhantes um a um, seus nomes uma ladainha calmanete.

Atropina, beladona, láudano, paregórico, óleo de lavanda, óleo de zimbro, poejo, vulnerária... e a garrafa marrom e achatada de álcool. Sempre o álcool. Eu tinha um pequeno barril de álcool, ainda na carroça.

Um movimento chamou minha atenção; era Jamie, o sol atravessando as folhas e lançando fagulhas de seus cabelos, conforme ele se movia silenciosamente embaixo das árvores, abaixando-se para dizer uma palavra no ouvido de alguém, tocando um ombro, como um mágico trazendo estátuas à vida.

Permaneci imóvel, as mãos entrelaçadas nas dobras do meu avental, não querendo distraí-lo, mas querendo muito atrair sua atenção. Ele movia-se com facilidade, brincando, tocando casualmente — e no entanto eu podia ver a tensão em sua figura. Quando fora a última vez que ele estivera em um exército, esperando a ordem de atacar?

Em Culloden, pensei, e os pelos dos meus braços se arrepiaram, claros ao sol da primavera.

Ouvi o barulho de cascos nas proximidades e o estrondo de cavalos movendo-se através dos arbustos. Todos se viraram em expectativa, os mosquetes frouxos nas mãos. Ouviu-se uma arfada e um murmúrio geral quando o primeiro cavaleiro surgiu no campo de visão, abaixando a brilhante cabeça ruiva por baixo dos galhos dos bordos.

— Santo Deus — Jamie exclamou, alto o suficiente para ser ouvido através da clareira. — Que diabos ela está fazendo aqui? — Houve uma onda de risadas dos homens que a conheciam, quebrando a tensão como fraturas no gelo. Os ombros de Jamie relaxaram, apenas um pouco, mas seu rosto estava severo quando se adiantou para ir ao seu encontro.

Quando Brianna finalmente freou seu cavalo e apeou da sela ao lado dele, eu também já os alcançara.

— O que... — comecei, mas Jamie já estava cara a cara com sua filha, a mão em seu braço, os olhos estreitados e falando em voz baixa, numa rápida torrente de gaélico.

— Sinto muito, senhora, mas ela teve que vir. — Um segundo cavalo surgiu do meio das árvores, um jovem negro com ar pesaroso em cima. Era Joshua, o cavalariaço de Jocasta. — Não pude impedi-la, nem a sra. Sherston. Nós tentamos.

— Estou vendo — eu disse.

Brianna ficara ruborizada em resposta ao que quer que Jamie lhe dizia, mas não dava nenhum sinal de que iria montar de novo em seu cavalo e partir. Ela lhe disse algo, também em gaélico, que eu não compreendi, e ele recuou como se tivesse levado uma picada de abelha no nariz. Ela balançou a cabeça energicamente uma vez, como se satisfeita com o impacto de sua declaração, e girou nos calcanhares. Depois me viu e um largo sorriso transformou seu rosto.

— Mamãe! — Abraçou-me, seu vestido cheirando levemente a sabão, cera de abelhas e terebintina. Havia um pequeno risco de tinta azul-cobalto em seu queixo.

— Olá, querida. De onde você veio? — Beije seu rosto e dei um passo atrás, animada em vê-la, apesar de tudo. Ela estava vestida de maneira muito simples, no tecido marrom rústico que usava em Ridge, mas as roupas eram novas e limpas. Seus longos cabelos ruivos estavam presos numa trança na nuca e um chapéu de palha de abas largas pendurava-se de seus cordões em suas costas.

— Hillsborough — ela disse. — Uma pessoa que foi jantar em Sherston ontem à noite nos disse que a milícia estava acampada aqui, então eu vim. Trouxe um pouco de comida — gesticulou, indicando os alforjes cheios em seu cavalo — e algumas ervas da horta dos Sherston que achei que você poderia usar.

— Oh? Oh, sim. Ótimo. — Eu estava desconfortavelmente consciente da presença carrancuda de Jamie em algum lugar atrás de mim, mas não me virei para olhar. — Ah... não quero parecer que não estou contente de vê-la, querida, mas provavelmente vai haver luta aqui dentro de pouco tempo e...

— Eu sei. — Ela ainda estava corada e enrubescceu ainda mais diante das minhas palavras. Elevou a voz ligeiramente.

— Tudo bem, eu não vim lutar. Se tivesse, estaria usando minhas calças. — Lançou um olhar por cima do meu ombro e eu ouvi um sonoro muxoxo daquela direção, seguido de gargalhadas dos irmãos Lindsay. Ela abaixou a cabeça para esconder o riso e eu também não pude deixar de sorrir.

— Vou ficar com você — ela disse, abaixando a voz também e tocando em meu braço. — Se for necessário prestar assistência... depois... poderei ajudar.

Hesitei, mas não havia dúvida de que, se realmente houvesse uma batalha, haveria feridos a tratar e um par extra de mãos seria útil. Brianna não tinha experiência em enfermagem, mas tinha conhecimento de germes e assepsia, o que seria muito mais útil do que noções de anatomia e fisiologia.

Bri ergueu a cabeça. Seu olhar dardejou pelos homens que aguardavam na sombra dos bordos, buscando.

— Onde está Roger? — ela perguntou, a voz baixa, mas equilibrada.

— Ele está bem — assegurei-lhe, esperando que fosse verdade. — Jamie o enviou ao outro lado do rio hoje de manhã, com uma bandeira de trégua, para trazer Hermon Husband de volta para

conversar com o governador.

— Ele está lá? — Sua voz ergueu-se involuntariamente, em seguida a abaixou, embaraçada. — Com o inimigo? Se é que essa é a palavra certa para eles.

— Ele vai voltar. — Jamie parou ao meu lado, olhando com desagrado para a filha, mas obviamente resignado com sua presença. — Não se preocupe, menina. Ninguém o perturbará sob uma bandeira de trégua.

Bri olhou a distância, na direção do rio. Seu rosto se fechara, contraído de apreensão.

— Uma bandeira de trégua o ajudará se ele ainda estiver lá quando o tiroteio começar?

A resposta a isso — que ela obviamente conhecia — era "provavelmente não". Jamie também, mas não se deu ao trabalho de responder. Também não se deu ao trabalho de dizer que talvez não chegassem ao confronto; o ar estava pesado de expectativa, ácido com o cheiro de pólvora entornada e suor nervoso.

— Ele vai voltar — Jamie repetiu, embora num tom mais brando. Tocou o rosto de Bri, alisando para trás uma mecha solta. — Eu prometo, menina. Ele vai ficar bem.

O ar de apreensão diminuiu um pouco quando ela examinou o rosto do pai. Pareceu encontrar algum consolo ali, pois um pouco da tensão se dissipou e ela balançou a cabeça, em muda aceitação. Jamie inclinou-se para frente e beijou-a na testa, depois se afastou para falar com Rob Byrnes.

Bri ficou olhando-o pelas costas por alguns instantes, depois desamarrou os cordões de seu chapéu e veio sentar-se ao meu lado numa pedra. Suas mãos tremiam ligeiramente; respirou fundo e agarrou os joelhos para imobilizá-las.

— Há alguma coisa que eu possa fazer para ajudar agora? — ela perguntou, com um sinal da cabeça na direção da minha caixa de remédios aberta.

— Quer que eu vá buscar alguma coisa?

Sacudi a cabeça.

— Não, tenho tudo de que necessito. Não há nada a fazer, senão esperar.

— Fiz uma leve careta. — É a pior parte.

Ela fez um ruído de relutante concordância, depois relaxou, com visível esforço. Examinou o equipamento à espera, o cenho ligeiramente franzido; O fogo, a água fervente, a mesa portátil, a

grande caixa de instrumentos e o embrulho menor, que era meu estojo de emergência.

— O que tem ali dentro? — ela perguntou, empurrando a bolsa de lona com a ponta da bota.

— Álcool e ataduras, um escalpelo, fórceps, serra de amputação, torniquetes. Eles trarão os feridos para cá, se puderem, ou para outro dos cirurgiões. Mas se eu tiver que ir até um homem ferido no campo de batalha, alguém muito mal para andar ou ser carregado, posso pegar este estojo e ir imediatamente.

Eu a ouvi engolir em seco e, quando ergui os olhos para ela, as sardas destacavam-se no cavalete de seu nariz. Ela balançou a cabeça e inspirou fundo para falar. Mas seu rosto mudou repentinamente, transformando-se comicamente da seriedade à repugnância. Farejou o ar, desconfiada, o nariz reto enrugando-se como o focinho de um tamanduá.

Eu também podia sentir o cheiro; o fedor de fezes frescas vindo do bosque diretamente às nossas costas.

— É comum antes de uma batalha — eu disse em voz baixa, tentando não rir de sua expressão. — Não estão preparados, coitados.

Ela pigarreou e não disse nada, mas vi seu olhar vagar pela clareira, pousando ora em um homem, ora em outro. Eu sabia em que ela estava pensando. Como era possível? Como alguém podia olhar para um grupo tão compacto e ordenado como um homem, a cabeça inclinada para ouvir as palavras de um amigo, o braço esticado para pegar um cantil, o rosto mudando de um sorriso para um olhar carrancudo, os olhos iluminados e os músculos retesados — e visualizar ruptura, lesão, fratura... e morte?

Não era possível. Era um ato da imaginação que estava além da capacidade de alguém que jamais vira essa transformação obscena em particular.

Mas podia, no entanto, ser lembrada. Tossi e inclinei-me para frente, na esperança de distrair nossa atenção.

— O que foi que você disse a seu pai? — perguntei, pelo canto da boca. — Quando você chegou, quando falou em gaélico.

— Ah, isso. — Um leve rubor aliviou momentaneamente sua palidez. — Ele estava rangendo os dentes para mim, perguntou se eu achava que isso era uma brincadeira. Se eu pretendia deixar meu filho órfão, arriscando a vida ao mesmo tempo em que Roger arriscava a dele. — Afastou alguns fios de cabelos vermelhos da boca e me deu um sorriso nervoso. — Então eu disse a ele que se era tão perigoso, por que ele arriscava fazer de mim uma órfã, mantendo você aqui?

Eu ri, embora também baixinho.

— Não é perigoso para você, é? — ela perguntou, inspecionando o acampamento da milícia. — Quero dizer, aqui atrás.

Sacudi a cabeça.

— Não. Se a batalha se aproximar, nós nos mudaremos imediatamente. Mas eu não acho...

Fui interrompida pelo som de um cavalo, aproximando-se rapidamente, e já estava de pé, juntamente com todo o resto do acampamento, quando o mensageiro apareceu; um dos ajudantes de ordens de Tryon, com cara de menino, pálido de agitação contida.

— Estejam prontos — ele disse, apeando da sela, quase sem fôlego.

— E o que acha que estamos fazendo desde o amanhecer? — Jamie perguntou, impaciente. — Em nome de Deus, o que está acontecendo, rapaz?

Bem pouco, aparentemente, mas esse pouco era bastante importante. Um ministro do lado dos Reguladores viera negociar com o governador.

— Um ministro? — Jamie interrompeu. — Um quaker, você quer dizer?

— Não sei, senhor — disse o ajudante de ordens, aborrecido por ter sido interrompido. — Os quakers não têm clérigos, qualquer um sabe disso. Não, era um ministro chamado Caldwell, o reverendo David Caldwell.

Independentemente de afiliação religiosa, Tryon não se deixará comover com o apelo do embaixador. Ele não podia, não iria negociar com uma turba de arruaceiros, e ponto final. Os Reguladores que se dispersassem e ele prometeria considerar qualquer queixa justa colocada diante dele de maneira apropriada. Mas deveriam se dispersar dentro de uma hora.

— Dentro de uma hora... uma hora — resmunguei baixinho, um pouco enlouquecida com a espera.

— Jamie resmungou também, tirou o chapéu, e o sol brilhou em seus cabelos ruivos. Bri deu uma risadinha contida de espanto e bom humor.

— Uma hora... — ela resmungou por sua vez. — Ele não poderia...

— Mas ele pode — eu disse, sotto você. — E receio muito que o faça. — Pela centésima vez naquela manhã, olhei para a cortina de salgueiros através da qual Roger desaparecera em sua missão.

— Uma hora — Jamie repetiu, em resposta à mensagem do ajudante de ordens. Ele olhou na mesma direção, para o rio. — E

quanto tempo resta?

— Talvez meia hora. — O ajudante de ordens repentinamente pareceu ainda mais jovem do que era. Ele engoliu em seco e colocou o chapéu. — Devo ir, senhor. Fique atento ao canhão, senhor, e boa sorte!

— Para você também, senhor. — Jamie tocou o braço do ajudante de ordens em despedida, em seguida deu um tapa na anca do cavalo com o chapéu, despachando-o.

Como se tivesse sido um sinal, o acampamento despertou para um frenesi de atividades, antes mesmo que o ajudante de ordens do governador tivesse desaparecido em meio às árvores. As armas já preparadas e carregadas foram verificadas mais de uma vez, as fivelas abertas e fechadas novamente, os distintivos polidos, os chapéus batidos para se livrar da poeira e as rosetas afixadas, as meias puxadas para cima e firmemente presas com a iga, os cantis sacudidos para se assegurarem de que seu conteúdo não havia evaporado no último quarto de hora.

Era contagiante. Eu me vi correndo os dedos novamente pelas fileiras de frascos de vidro na minha caixa, os nomes se repetindo e se confundindo em minha mente como as palavras de alguém rezando pelas contas de um rosário, a razão perdida no fervor da súplica. Alecrim, atropina, lavanda, óleo de cravos...

Bri destacava-se por sua imobilidade no meio de toda aquela agitação. Permaneceu sentada em sua pedra, sem nenhum movimento, salvo a leve ondulação de suas saias com a brisa, os olhos fixos nas árvores distantes. Eu a ouvi dizer alguma coisa, baixinho, e me virei.

— O que você disse?

— Não está nos livros. — Ela não tirou os olhos das árvores e suas mãos estavam entrelaçadas com força em seu colo, torcendo-se como se ela pudesse fazer Roger aparecer no meio dos salgueiros. Ela ergueu o queixo, gesticulando na direção do campo, das árvores, dos homens à nossa volta.

— Isto — ela disse. — Não está nos livros de história. Eu li a respeito do Massacre de Boston. Eu vi isso lá, nos livros de história, e eu vi isso aqui, no jornal. Mas eu nunca vi isso lá. Nunca li sequer uma palavra sobre o governador Tryon, ou a Carolina do Norte ou um lugar chamado Alamance. Portanto, nada vai acontecer. — Falava impetuosamente, desejando que fosse verdade. — Se tivesse havido uma grande batalha aqui, alguém teria escrito alguma coisa a respeito. Ninguém o fez, portanto nada vai acontecer. Nada!

— Espero que tenha razão — eu disse, sentindo o frio na base da minha espinha se desfazer um pouco. Talvez ela tivesse. Certamente,

não podia ser uma das principais batalhas, ao menos. Estávamos a apenas quatro anos da deflagração da Revolução; até mesmo as pequenas escaramuças anteriores a esse conflito eram bem conhecidas.

O Massacre de Boston acontecera há pouco mais de um ano — uma briga de rua, um confronto entre uma turba e um pelotão de soldados nervosos. Insultos gritados, algumas pedras atiradas. Um tiro não autorizado, uma saraivada de pânico e cinco homens mortos. Fora noticiado, com um indignado editorial, em um dos jornais de Boston; eu vira a reportagem na sala de Jocasta; um de seus amigos lhe enviara um exemplar.

E, duzentos anos mais tarde, esse breve incidente seria imortalizado em livros escolares, como prova da crescente insatisfação dos colonos. Olhei para os homens à nossa volta, preparando-se para lutar. Sem dúvida, se fosse acontecer uma grande batalha aqui, um governador sufocando o que essencialmente era uma revolta de pagadores de impostos, isso seria digno de registro!

Ainda assim, isso era teoria. E eu estava desconfortavelmente consciente de que nem a guerra, nem a história levaram muito em conta o que deveria acontecer.

Jamie estava parado ao lado de Gideon, que havia sido amarrado a uma árvore. Ele entraria na batalha com seus homens a pé. Estava tirando suas pistolas do alforje, guardando a munição extra na bolsa em seu cinto. Estava com a cabeça inclinada, absorto nos detalhes do que fazia.

Senti uma necessidade premente e repentina. Eu precisava tocá-lo, precisava dizer alguma coisa. Tentei dizer a mim mesma que Bri tinha razão; aquilo não era nada; provavelmente nem um único tiro seria disparado — e no entanto havia três mil homens armados aqui, nas margens do Alamance, e a noção de derramamento de sangue zumbia e sussurrava entre eles.

Deixei Brianna sentada em sua pedra, os olhos ardentes fixos no bosque,

e corri para ele.

— Jamie — eu disse, colocando a mão em seu braço.

Foi como tocar um fio de alta tensão. A energia zunia dentro do isolamento de sua carne, pronta para eclodir numa explosão de luz crepitante. Dizem que uma vítima de eletrocução não consegue se soltar, simplesmente fica agarrada ao fio, impossibilitada de se mover ou se salvar, enquanto a corrente queima através de seu cérebro e seu coração.

Ele colocou sua mão sobre a minha e olhou para mim.

— A nighean donn — ele disse, esboçando um sorriso. — Veio me desejar boa sorte?

Retribuí o sorriso da melhor maneira que pude, embora a corrente chiasse pelo meu corpo, enrijecendo os músculos do meu rosto à medida que queimava.

— Não podia vê-lo partir sem dizer... alguma coisa. Creio que "boa sorte" é suficiente. — Hesitei, as palavras se comprimindo em minha garganta com a repentina necessidade de dizer muito mais do que o tempo permitiria. Por fim, eu disse apenas o mais importante:

— Jamie... eu te amo. Tenha cuidado!

Ele dizia não se lembrar de Culloden. Perguntei-me repentinamente se essa perda de memória se estendia às horas logo antes da batalha, quando ele e eu nos despedimos. Então olhei dentro de seus olhos e vi que ele não havia esquecido.

— "Boa sorte" é suficiente — ele disse, e sua mão apertou a minha, igualmente paralisado com a corrente que grassava entre nós. — "Eu te amo" é muito melhor.

Ergueu a mão e tocou meus cabelos, meu rosto, olhando nos meus olhos como se quisesse capturar minha imagem naquele momento — para o caso de ser a última vez que me via.

— Pode chegar o dia em que você e eu deveremos nos separar outra vez — ele disse brandamente, por fim, e seus dedos roçaram meus lábios, leves como o toque de uma folha que cai. Sorrii debilmente. — Mas não vai ser hoje.

As notas de uma corneta soaram através das árvores, distantes, mas penetrantes como o trinado de um pica-pau. Virei-me, olhando. Brianna continuava sentada, imóvel como uma estátua, em sua pedra, olhando na direção do bosque.

SINAL DE ATAQUE

Observem, quando em marcha: o disparo de três tiros de canhão será o sinal para formarem a linha de batalha, e cinco, o sinal de ataque.

— *Ordem de batalha, Wm. Tryon*

Roger se afastou lentamente do acampamento dos Reguladores, esforçando-se para não correr, nem olhar para trás. Alguns insultos e fracas ameaças foram atirados em sua direção, mas, quando se distanciara bem em meio às árvores, a multidão já perdera interesse nele, atraída novamente para sua efervescente controvérsia. Passava do meio-dia e era um dia quente para maio, mas ele viu sua camisa encharcada de suor e agarrada ao corpo como se fosse julho.

Parou assim que ficou longe de vista. Sua respiração estava acelerada e sentia-se zozzo, levemente nauseado com os efeitos colaterais da adrenalina. No centro daquele círculo de rostos hostis ele não sentira nada — absolutamente nada. Mas agora, distante da ameaça, os músculos de suas pernas tremiam e seus punhos doíam da força com que estiveram crispados. Abriu as mãos, flexionou os dedos rígidos e tentou desacelerar a respiração.

Talvez tenha sido um pouco mais como o Canal da Mancha à noite e as baterias antiaéreas do que ele imaginara, afinal.

Mas ele conseguira voltar; iria para casa, para sua mulher e seu filho. O pensamento deu-lhe uma estranha pontada; um alívio profundo e um pesar ainda mais profundo, totalmente inesperado, por seu pai, que não tivera tanta sorte.

Uma brisa leve brincava ao seu redor, levantando os cabelos úmidos em seu pescoço com um sopro de bem-vindo frescor. Ele havia suado através da camisa e do casaco, e o lenço úmido no pescoço deu-lhe a repentina sensação de que iria sufocá-lo. Tirou o casaco e puxou o lenço, arrancando-o com dedos trêmulos. Em seguida, ficou parado com os olhos fechados e o lenço pendurado na mão, respirando o ar em grandes goles, até que a momentânea sensação de enjoo tivesse passado.

Trouxe à lembrança sua última visão de Brianna, emoldurada na porta, Jemmy nos braços. Viu suas pestanas úmidas de lágrimas e os olhos redondos e solenes do bebê, e sentiu novamente a profunda

sensação que experimentou na cabana com Husband; uma visão de beleza, uma convicção de alegria que apaziguou sua mente e acalmou sua alma. Ele iria voltar para eles; era tudo o que importava.

Após um instante, abriu os olhos, pegou o casaco e partiu, começando a se sentir mais calmo fisicamente, ainda que não mentalmente, enquanto percorria o caminho de volta na direção do rio.

Ele não estava levando Husband para Jamie, mas conseguira tanto quanto o próprio Jamie teria conseguido. Era possível que a multidão — não eram um exército, o que quer que Tryon pensasse deles — fosse realmente se dissolver, se dispersar e voltar para casa, privada até mesmo do leve resquício de liderança que Husband oferecia. Assim esperava.

Ou talvez eles não o fizessem. Outro homem podia surgir da turba enfurecida, alguém apto a assumir o comando. Um pensamento o atingiu, com uma frase lembrada da confusão perto da cabana.

"Veio oferecer termos diferentes dos apresentados por Caldwell?" O homem de barba negra lhe fizera essa pergunta. E antes, apenas entreouvida através das batidas na porta da cabana, enquanto ele rezava com Husband — "Não há tempo para isto!", alguém gritara. "Caldwell voltou do governador" — e outra pessoa acrescentara, em tom de desespero: "Uma hora, Hermon! Ele nos deu uma hora, nada mais!"

— Merda — ele disse, em voz alta. David Caldwell, o ministro presbiteriano que realizara seu casamento com Bri. Tinha que ser. Evidentemente, o ministro fora falar com Tryon como representante dos Reguladores — e fora rejeitado, com um aviso.

"Uma hora, nada mais." Uma hora para se dispersarem, para irem embora pacificamente? Ou uma hora para responderem a algum ultimato?

Olhou para o alto; o sol estava bem acima, um pouco depois de meio— dia. Vestiu o casaco e enfiou o lenço do pescoço no bolso, ao lado da bandeira de trégua não utilizada. O que quer que significasse a dádiva daquela hora, obviamente ele precisava partir.

O dia ainda estava quente e luminoso, o cheiro da grama e das folhas das árvores era carregado da seiva pujante. Agora, entretanto, sua noção de urgência e a lembrança dos Reguladores, zumbindo como vespas, o privavam de qualquer apreciação das belezas da natureza. Ainda assim, algum resquício de paz permanecia no fundo de seu ser, enquanto ele caminhava apressadamente na direção do rio; um fraco eco do que sentira na cabana.

Aquela estranha sensação de reverência havia permanecido com

ele, oculta, mas acessível, como uma pedra lisa em seu bolso. Revirou-a em sua mente enquanto caminhava, alheio ao mato e às ervas daninhas que se agarravam às suas roupas.

Que estranho, pensou. Nada havia realmente acontecido, e de fato toda a experiência pareceu-lhe muito simples — não houve nada de sobrenatural ou do outro mundo. E, no entanto, tendo visto através daquela específica luz clara, não poderia esquecê-la. Conseguiria explicá-la a Brianna?, perguntou-se.

Um galho pendente roçou pelo seu rosto e ele estendeu a mão para afastá-lo, sentindo no mesmo momento em que o fazia uma leve surpresa com o brilho verde e frio das folhas, a estranha delicadeza de suas bordas, pontiagudas como facas, mas leves como papel. Um eco, débil, mas reconhecível, do que ele vira antes, aquela beleza penetrante. Será que Claire via isso?, ele pensou repentinamente. Ela veria o toque de beleza nos corpos sob suas mãos? Seria talvez como — e por que — ela se tornara uma curandeira?

Husband vira isso também, ele sabia; havia compartilhado essa percepção. E tendo visto, fora confirmado em seus princípios quakers, e abandonara o campo, incapaz tanto de praticar violência quanto de incentivá-la.

E quanto aos seus próprios princípios? Imaginava que continuassem os mesmos; se não pretendia atirar em ninguém antes, muito menos agora.

Os aromas da primavera ainda pairavam no ar, e uma pequena borboleta azul flutuou perto de seu joelho sem nenhuma preocupação aparente. Ainda era um belo dia de primavera, mas toda ilusão de tranquilidade havia desaparecido. O cheiro de suor, terra, medo e raiva, que parecia pairar no ar do acampamento, permanecia em suas narinas, misturando-se aos cheiros mais limpos de lírios-do-bosque e água.

E quanto aos princípios de Jamie Fraser?, perguntou-se, rodeando o bosque de salgueiros que marcava o local onde podia atravessar o rio a vau. Ele frequentemente se perguntava o que funcionava para Fraser, não só porque gostava do sujeito, como por sua curiosidade mais fria de historiador. Roger tomara sua própria decisão com relação a este conflito — ou a tomaram por ele. Ele não podia em sua consciência fazer mal a qualquer pessoa, embora achasse que podia defender a própria vida, se necessário. Mas e Jamie?

Tinha quase certeza de que as simpatias de Jamie, neste caso, estavam com os Reguladores. Também achava provável que seu sogro não tivesse nenhuma noção de lealdade pessoal para com a Coroa; com juramento ou não, certamente nenhum homem poderia ter

sobrevivido a Culloden e a tudo o que se seguiu e emergir com qualquer noção de que devia lealdade ao rei da Inglaterra, quanto mais algo mais substancial. Não, não à Coroa, mas talvez a William Tryon?

Também não havia ali nenhuma lealdade de natureza pessoal — mas definitivamente havia um sentimento de obrigação. Tryon convocara Jamie Fraser, e ele fora. Considerando as condições em que se encontrava, ele não tivera muita escolha quanto a isso. Mas, tendo vindo — ele lutaria?

Como poderia não o fazer? Tinha que liderar seus homens, e se chegassem ao ponto de uma batalha — Roger olhou por cima do ombro, como se a nuvem de ódio que pairava sobre o exército dos Reguladores pudesse ser visível agora, inflando-se, soturna, acima das copas das árvores, — sim, ele teria que lutar, independentemente de quais pudessem ser seus sentimentos particulares na questão.

Roger tentou visualizar a si mesmo apontando um mosquete para um homem com quem não tivera nenhuma discussão e puxando o gatilho. Ou pior ainda, arremeter-se contra um vizinho, espada na mão. Estraçalhando o crânio de Kenny Lindsay, por exemplo? Não podia sequer imaginar. Não era de admirar que Jamie procurara a ajuda de Husband para terminar o conflito antes que começasse!

Ainda assim, Claire dissera-lhe uma vez que Jamie lutara na França como mercenário, quando jovem. Ele certamente havia matado homens contra os quais não tinha nenhuma rixa. Como...

Continuou abrindo caminho entre os salgueiros e ouviu suas vozes antes de vê-las. Um grupo de mulheres trabalhava na margem do rio; seguidoras de acampamentos. Algumas se agachavam nos baixios, as pernas nuas, lavando roupas, outras carregavam roupas molhadas pela margem acima, para serem penduradas em árvores e arbustos. Seu olhar passou distraidamente por elas, depois voltou abruptamente, atraído por... o quê? O que era?

Lá. Não sabia dizer por que a identificara — não havia nada sequer levemente distinto a seu respeito. E, no entanto, ela sobressaía entre as outras mulheres como se tivesse sido delineada com tinta preta para se destacar contra o pano de fundo do rio e da folhagem em germinação.

— Morag — ele sussurrou, e seu coração bateu com força repentinamente, com um choque de alegria. Ela estava viva.

Já atravessara parte da cortina de salgueiros quando lhe ocorreu se perguntar o que estava fazendo, e principalmente por quê. Mas já era tarde demais; ele já estava na margem do rio, caminhando abertamente na direção das mulheres.

Várias das mulheres olharam para ele; algumas ficaram quase paralisadas, cautelosas. Mas ele era um único homem, desarmado. Havia mais de vinte mulheres na margem do rio, seus próprios homens nas proximidades. Elas ficaram observando-o, enquanto atravessava os baixios do rio espadanando água para os lados, mas não pareceram alarmadas, apenas curiosas.

Ela permaneceu absolutamente imóvel, com água até os joelhos, as saias presas para cima, observando-o se aproximar. Ela sabia quem ele era, ele pôde constatar, mas não lhe deu nenhum sinal de reconhecimento.

As outras mulheres endireitaram-se um pouco, temerosas. Ela continuou no meio das libélulas que se arremessavam de um lado para o outro como flechas, fios de cabelos castanhos projetando-se de sua touca, uma bata molhada esquecida nas mãos. Ele saiu da água e parou diante dela, molhado até os joelhos.

— Sra. MacKenzie — ele disse serenamente. — Prazer em vê-la.

Um pequeno sorriso tocou o canto de sua boca. Seus olhos eram castanhos; ele não havia notado isso antes.

— Sr. MacKenzie — ela disse, cumprimentando-o com um pequeno sinal com a cabeça. A mente dele trabalhava, pensando o que fazer. Precisava avisá-la, mas como? Não diante de todas as outras mulheres.

Ficou imóvel, embaraçado e desamparado, por um instante, sem saber o que fazer. Em seguida, inspirado, inclinou-se e pegou uma braçada de roupas molhadas que giravam na água, junto às pernas dela. Virou-se e galgou a margem com as roupas, Morag seguindo-o numa pressa repentina.

— O que está fazendo? — ela perguntou. — Ei, volte aqui com minhas roupas!

Ele carregou o monte de roupas a uma curta distância no meio das árvores, depois as largou displicentemente em cima de um arbusto, porém bastante consciente do esforço da lavagem para não deixá-las arrastar na terra. Morag veio logo atrás dele, o rosto afogueado de indignação.

— O que pensa que está fazendo, roubando roupas? — perguntou veementemente. — Devolva minhas roupas!

— Eu não as estou roubando — Roger assegurou-lhe. — Só queria falar com você sozinha um momento.

— Ah, é? — Ela lançou lhe um olhar desconfiado. — Sobre o quê?

Ele sorriu para ela; ainda era magra, ele viu, mas seus braços estavam bronzeados e seu rosto miúdo tinha uma cor saudável — estava limpa e havia perdido o ar doentio e magoado que exibia a

bordo do Glorianna.

— Queria lhe perguntar se está bem — ele disse serenamente. — E seu filho, Jemmy? — Pronunciar seu nome deu-lhe uma estranha sensação e por uma fração de segundo ele viu a imagem de Brianna na porta de casa, o filho nos braços, sobrepor-se à sua lembrança de Morag, segurando o filho na escuridão do porão do navio, pronta para matar ou morrer por ele.

— Oh — ela disse, e a desconfiança se desfez um pouco, substituída pelo relutante reconhecimento de seu direito de perguntar. — Nós estamos bem... — nós dois. E meu marido também — acrescentou incisivamente.

— Fico feliz em saber — ele afirmou. — Muito feliz. — Procurou mais alguma coisa para dizer, sentindo-se embaraçado. — Eu... pensei em vocês algumas vezes... imaginei se... se tudo tinha dado certo. Quando a vi agora... bem, pensei em perguntar, só isso.

— Ah, sim. Sim, compreendo. Bem, obrigada, sr. MacKenzie. — Ela ergueu o rosto e fitou-o diretamente nos olhos ao falar, seu próprio olhar meigo e sincero. — Sei o que fez por nós. Não me esquecerei; você está em minhas preces todas as noites.

— Oh. — Roger sentiu como se um leve peso o tivesse atingido no peito. — Ahh... obrigado. — Ele se perguntara, várias vezes, se ela alguma vez pensava nele. Ela se lembraria do beijo que lhe dera, lá no porão do navio, buscando uma centelha de seu calor como um escudo contra o frio da solidão? Ele limpou a garganta, enrubescendo com a lembrança.

— Você... mora aqui por perto?

Ela sacudiu a cabeça e algum pensamento, alguma lembrança, a fez se calar.

— Morávamos, mas agora... bem, não importa. — Ela virou-se, repentinamente atarefada, e começou a tirar as roupas lavadas do arbusto, sacudindo cada uma antes de dobrá-la. — Muito obrigada por sua preocupação, sr. MacKenzie.

Ele evidentemente estava sendo despachado. Ele limpou as mãos nas pernas da calça e remexeu os pés, sem querer ir embora. Tinha que dizer a ela — mas depois de reencontrá-la, sentia-se estranhamente hesitante em simplesmente avisá-la e partir; a curiosidade fervia dentro dele — curiosidade e uma sensação peculiar de conexão.

Talvez não tão peculiar; aquela pequena mulher morena era sua parente, sua própria família — a única pessoa de seu próprio sangue que ele conhecera desde a morte de seus pais. Ao mesmo tempo, era

muito estranho, ele percebeu, no instante mesmo em que estendeu a mão e fechou-a sobre seu braço. Ela era, afinal de contas, um antepassado seu.

Ela enrijeceu-se, tentou se desvencilhar, mas ele continuou segurando seu braço. Sua pele estava fria da água, mas ele sentia seu pulso latejar sob seus dedos.

— Espere — ele disse. — Por favor. Só um instante. Eu... eu preciso lhe contar... certas coisas.

— Não, não precisa. Prefiro que não conte. — Ela puxou com mais força e sua mão deslizou pela dele, libertando-se.

— Seu marido. Onde ele está? — Aos poucos e tardiamente, certas conclusões iam se formando em seu cérebro. Se ela não vivia ali perto, então ela era o que ele havia imaginado ao ver as mulheres — uma das seguidoras do acampamento. Ela não era uma prostituta, apostaria a vida nisso; portanto, ela seguia o marido, o que significava...

— Ele está aqui bem perto! — Ela recuou um passo, avaliando a distância entre ela própria e o restante de suas roupas lavadas. Roger estava entre ela e o arbusto; ela teria que passar perto dele para recuperar suas anáguas e meias.

Percebendo repentinamente que ela estava com medo dele, Roger virou-se apressadamente, agarrando um punhado qualquer das roupas.

— Desculpe-me. Suas roupas lavadas... tome. — Atirou-as para ela e, num reflexo, ela estendeu os braços para apanhá-las. Alguma peça caiu — uma roupa de criança — e ambos abaixaram-se para pegá-la, suas cabeças chocando-se numa sólida colisão.

— Oh! Oh! Santa Mãe de Deus! — Morag segurou a cabeça, embora ainda agarrasse as roupas molhadas contra o peito com a outra mão.

— Meu Deus, você está bem? Morag... sra. MacKenzie... você está bem? Me perdoe! — Roger tocou em seu ombro, olhando-a através dos olhos apertados, lacrimejantes de dor. Ele inclinou-se para pegar a pequena camisola que caíra no chão entre eles e fez um esforço vão de limpar as manchas de lama do tecido molhado. Ela pestanejou, os olhos também lacrimejando, e riu de sua expressão consternada.

A colisão de certa forma quebrara a tensão entre eles. Ela recuou um passo, mas já não parecia se sentir ameaçada.

— Sim, estou bem. — Ela fungou e limpou os olhos, depois tocou delicadamente o local dolorido em sua testa. — Tenho uma cabeça dura, minha mãe sempre dizia. E você, está bem?

— Sim, estou bem. — Roger tocou sua própria testa, repentinamente consciente de que a curva do osso sob seus dedos

reproduzia exatamente a do rosto à sua frente. O dela era menor, mais leve — mas exatamente igual.

— Eu também tenho a cabeça dura. — Sorriu para ela, sentindo-se ridiculamente feliz. — É de família.

Entregou a ela, com todo cuidado, a roupa suja de lama.

— Sinto muito mesmo — ele disse, desculpando-se outra vez, — e não apenas pela roupa que se sujara. — Seu marido. Eu perguntei por ele porque... ele é um dos Reguladores, então?

Ela olhou para ele com curiosidade, uma das sobranceiras erguidas.

— Claro. Você mesmo não está com os Reguladores?

Claro. Ali, daquele lado do Alamance, o que mais poderia ser? As tropas de Tryon estavam alinhadas em perfeita ordem militar no campo do outro lado do rio; ali, os Reguladores pululavam como abelhas, sem liderança ou direção, uma multidão enfurecida zumbindo com uma violência aleatória.

— Não — ele disse. — Vim com a milícia. — Abanou a mão, indicando a névoa negra distante, onde a fumaça das fogueiras do acampamento de Tryon pairava, bem além do rio. Seus olhos tornaram-se cautelosos outra vez, mas não amedrontados; ele era apenas um único homem.

— Era isso o que eu queria lhe dizer — ele disse. — Avisá-la, e a seu marido. O governador fala sério desta vez; trouxe tropas organizadas, trouxe canhões. Muitas tropas, todas armadas. — Inclinou-se para ela, entregando-lhe o restante das meias molhadas. Ela estendeu a mão para pegá-las, mas manteve os olhos fixos nos dele, aguardando.

— Ele pretende sufocar esta rebelião, por quaisquer meios necessários. Ele deu ordens para matar, se houver resistência. Você compreende? Tem que dizer a seu marido, fazer com que vá embora antes... antes que alguma coisa aconteça.

Ela empalideceu e sua mão dirigiu-se à sua barriga. A umidade das roupas havia atravessado seu vestido de musselina e ele viu a pequena protuberância que estivera escondida ali, redonda e lisa como um melão sob o tecido molhado. Ele sentiu o choque do medo que ela sentia percorrer seu corpo, como se as meias molhadas que ela segurava conduzissem eletricidade.

"Nós morávamos, mas agora...", ela dissera, quando ele perguntou se moravam nas proximidades. Ela poderia querer dizer que haviam se mudado para outro local, mas... havia peças de criança entre a roupa lavada; seu filho estava com ela ali. Seu marido estava em algum lugar

naquele caldeirão fervente de homens.

Um homem solteiro poderia pegar uma arma e unir-se a uma turba, por nenhuma outra razão além da bebida ou do tédio; um homem casado com um filho não o faria. Isso falava de grave descontentamento, queixas importantes. E trazer tanto a mulher quanto o filho para a guerra sugeria que ele não tinha nenhum lugar seguro para deixá-los.

Roger achou provável que Morag e seu marido não tivessem nenhum lar agora, e compreendeu perfeitamente seu medo. Se seu marido fosse mutilado ou morto, como ela iria sustentar Jemmy e o novo bebê que crescia em sua barriga? Ela não tinha ninguém, nenhuma família aqui à qual pudesse recorrer.

Mas o fato é que tinha, embora não o soubesse. Ele agarrou sua mão com força, puxando-a para ele, dominado pela necessidade de protegê-la de alguma forma, a ela e às crianças. Ele os salvara uma vez; podia fazê-lo novamente.

— Morag — ele disse. — Ouça-me. Se alguma coisa acontecer... qualquer coisa... procure-me. Se precisar de qualquer coisa. Eu cuidarei de vocês.

Ela não fez nenhum esforço para se desvencilhar, apenas examinou seu rosto, os olhos castanhos e sérios, uma pequena ruga entre aquelas sobrelhas curvas. Sentia uma necessidade irresistível de estabelecer alguma conexão física entre eles — desta vez, tanto por ela quanto por ele próprio. Inclinou-se e beijou-a, muito delicadamente.

Então abriu os olhos e levantou a cabeça, vendo-se olhando por cima do ombro dela, diretamente no rosto incrédulo de seu antepassado.

— Afaste-se de minha mulher. — William Buccleigh MacKenzie emergiu do meio dos arbustos com um ruidoso farfalhar de galhos e uma expressão sinistra no rosto. Era um homem alto, quase da mesma altura de Roger, de ombros musculosos. Outros detalhes pessoais pareciam irrelevantes, visto que ele também possuía uma faca. Ainda estava embainhada em sua cintura, mas sua mão segurava o cabo de maneira significativa.

Roger resistiu ao seu impulso original, que fora dizer "Não é o que você está pensando". Não era, mas não havia alternativas plausíveis a sugerir.

— Não tive nenhuma intenção de desrespeitá-la — ele disse, endireitando-se devagar. Sentiu que seria imprudente fazer qualquer movimento brusco. — Minhas desculpas.

— Não? E então exatamente o que você quer dizer com isso? —

MacKenzie colocou a mão possessivamente no ombro de sua mulher, olhando furiosamente para Roger. Ela encolheu-se; os dedos de seu marido afundavam-se em sua pele. Roger teve vontade de arrancar a mão dele dali, mas era provável que isso causasse ainda mais problemas do que ele já tinha.

— Eu conheci sua esposa... e o senhor — ele acrescentou — a bordo do Gloriana, há um ou dois anos. Quando a reconheci aqui, pensei em lhe perguntar como estava a família. Só isso.

— Ele não fez por mal, William. — Morag tocou a mão do marido e o doloroso aperto em seu ombro se afrouxou. — É verdade o que ele diz. Não o reconhece? Foi ele quem encontrou Jemmy e eu no porão, quando nos escondemos lá. Ele nos levou água e comida.

— Você me pediu para cuidar deles — Roger acrescentou enfaticamente. — Durante a luta, naquela noite em que os marinheiros atiraram os doentes no mar.

— Oh, sim? — As feições de MacKenzie relaxaram um pouco. — Era você, então? Não vi seu rosto, no escuro.

— Eu também não vi o seu. — Podia vê-lo claramente agora, e apesar do constrangimento das atuais circunstâncias, não pôde deixar de examiná-lo com interesse.

Então este era o filho — não reconhecido — de Dougal MacKenzie, antigo chefe de guerra dos MacKenzie de Leoch. E parecia ser. Seu rosto era uma versão mais rude, mais cabal, mais bonita do rosto da família, mas olhando atentamente, Roger podia facilmente identificar as maçãs do rosto largas e a testa alta que Jamie Fraser herdara do clã de sua mãe. Isso e a altura; MacKenzie tinha mais de um metro e oitenta, quase a mesma do próprio Roger.

O sujeito virou-se ligeiramente a um barulho no mato e o sol iluminou aqueles olhos com um cintilante lampejo verde-musgo. Roger teve o repentino desejo de fechar os próprios olhos, com receio de que MacKenzie sentisse o mesmo choque de reconhecimento.

MacKenzie, porém, tinha outras preocupações. Dois homens emergiram dos arbustos, cautelosos e sujos do longo tempo no acampamento. Um deles segurava um mosquete; o outro estava armado apenas com um porrete rústico, cortado de algum galho caído.

— Quem é este, então, Buck? — o homem com a arma perguntou, examinando Roger com certa desconfiança.

— Isso é o que eu pretendo descobrir. — O momentâneo amolecimento desaparecera, deixando o rosto de MacKenzie com uma expressão sombria. Virou sua mulher de costas para ele e deu-lhe um leve empurrão. — Volte para as outras mulheres, Morag. Eu cuido

deste sujeito.

— Mas William... — Morag olhou de Roger para seu marido, o rosto transtornado. — Ele não fez nada...

— Oh, acha que não é nada que um homem se aproxime de você, em público, com tal atrevimento, como um doido qualquer? — William lançou— lhe um olhar furioso e ela ficou repentinamente vermelha, evidentemente lembrando-se de seu beijo, mas continuou, gaguejando.

— Eu... não, quero dizer... é que... ele foi bom para nós, não deveríamos...

— Eu disse para voltar para lá!

Ela abriu a boca como se fosse protestar, depois se encolheu quando William deu um passo em sua direção, o punho cerrado. Sem um instante de decisão consciente, Roger deu um salto para frente, seu próprio punho atingindo o queixo de MacKenzie com um estalo que reverberou pelo seu braço, até o cotovelo.

Pego de surpresa, William cambaleou e caiu sobre um dos joelhos, sacudindo a cabeça como um boi golpeado antes de ser abatido. O grito que Morag soltou foi abafado por exclamações atônitas dos outros homens. Antes que pudesse virar-se para enfrentá-los, Roger ouviu um barulho atrás dele — silencioso em si mesmo, mas alto o suficiente para congelar o sangue; o ruído pequeno e frio do cão de uma arma de fogo sendo puxado para trás.

Ouviu-se um breve "pst" de ignição da pólvora, seguido de um "fuum!", quando a arma disparou com um rugido e uma baforada de fumaça negra. Todos deram um salto e cambalearam com o barulho, e Roger viu-se lutando de uma maneira confusa com um dos outros homens, ambos tossindo e parcialmente surdos. Quando conseguiu livrar-se de seu agressor, viu Morag, ajoelhada no meio da folhagem, tocando levemente o rosto de seu marido com uma peça da roupa molhada. William afastou-a bruscamente, levantou-se atabalhoadamente e arremessou-se contra Roger, os olhos esbugalhados, o rosto vermelho de fúria.

Roger girou nos calcanhares, escorregando nas folhas, livrou-se da mão do homem com a arma e partiu para o abrigo dos arbustos. Logo estava no meio do mato, ramos e pequenos galhos estilhaçando-se ao seu redor, arranhando o rosto e os braços conforme se arremessava para frente, abrindo caminho. Logo atrás dele, fortes estalos e a respiração dos homens, bufando de raiva. Sentiu alguém agarrar seu ombro com mão de ferro.

Segurou a mão e girou-a com força, ouvindo o estalo de osso e articulação. O dono da mão soltou um berro e saltou para trás, e

Roger lançou-se de cabeça para frente, na direção de uma abertura na mata fechada.

Aterrissou no chão sobre um dos ombros, parcialmente curvado, rolou, irrompeu através de um pequeno arbusto e foi escorregando por um íngreme barranco até cair na água com um grande estardalhaço.

Raspando o leito atabalhoadamente em busca de um apoio para os pés, ele afundou, tossiu, debateu-se e conseguiu se erguer, sacudindo a água e os cabelos dos olhos, apenas para se deparar com William MacKenzie empoleirado no topo do barranco. Vendo o inimigo assim em desvantagem, MacKenzie arremeteu-se para frente com um grito.

Algo como uma bola de canhão atingiu Roger no peito e ele caiu de costas com uma estrondosa pancada na água, ouvindo os gritos estridentes das mulheres a distância. Não conseguia respirar e não conseguia enxergar, mas lutou com a confusão de roupas e pernas e lama agitada, remexendo o fundo enquanto tentava em vão encontrar um apoio para os pés, os pulmões explodindo em busca de ar.

Sua cabeça emergiu na superfície. Sua boca abria-se e fechava-se como a de um peixe, engolindo o ar em grandes goles, e ele ouviu o chiado de sua respiração, como a de MacKenzie também. MacKenzie afastou-se, patinando, e finalmente se levantou a alguns metros dali, chiando como uma locomotiva conforme a água escorria de suas roupas. Roger curvou-se, o peito arfando, as mãos apoiadas nas coxas e os braços tremendo com o esforço. Com uma arfada final, endireitou-se, afastando os cabelos molhados, emplastados em seu rosto.

— Olhe — ele começou, ofegante, — eu...

Não foi além, pois MacKenzie, ele próprio ainda respirando com dificuldade, avançava para ele através da água na altura da cintura. O rosto do sujeito tinha uma expressão estranha, ansiosa, e os olhos verde-musgo brilhavam intensamente.

Tardiamente, Roger lembrou-se de outra coisa. O sujeito era filho de Dougal MacKenzie. Mas também era filho de Geillis Duncan, a bruxa.

Em algum lugar além dos salgueiros, ouviu-se um grande estrondo e bandos de pássaros assustados ergueram-se das árvores, guinchando estridentemente. A batalha havia começado.

ALAMANCE

O governador, então, enviou o capitão Malcolm, um de seus ajudantes de ordens e o xerife de Orange com sua carta, exigindo que os rebeldes depusessem as armas e entregassem seus líderes e cúmplices declarados fora da lei. Por volta de dez e meia, o capitão Malcolm e o xerife retornaram com a informação de que o xerife lera a carta diversas vezes, para diferentes divisões dos rebeldes, que rejeitaram os termos oferecidos, com desdém, dizendo que não queriam nenhum tempo para considerá-los, e com clamores rebeldes, desafiaram para a batalha.

— "Diário da expedição contra os insurgentes", Wm. Tryon

— Fiquem atentos a MacKenzie. — Jamie tocou o ombro de Geordie Chisholm e ele virou a cabeça, assentindo com um ligeiro sinal da cabeça.

Todos eles sabiam. Eram bons rapazes, tomariam cuidado. Eles o encontrariam, sem dúvida, voltando para eles.

Repetiu isso para si mesmo pela duodécima vez, mas a restauração de sua confiança pareceu-lhe tão fraca desta vez quanto parecera nas vezes anteriores. Santo Deus, o que acontecera ao sujeito?

Avançou para a dianteira dos homens, afastando o mato com tanta violência como se ele fosse um inimigo pessoal. Se estivessem atentos, veriam MacKenzie a tempo, não atirariam nele por engano. Ou assim dizia a si mesmo, sabendo perfeitamente bem que, no meio dos inimigos e no calor da batalha, atirava-se em qualquer coisa que se movesse, e não havia tempo para verificar as feições de um homem que viesse em sua direção, saindo do meio da fumaça.

Não que fosse fazer muita diferença quem atirasse em MacKenzie, se alguém o fizesse. Brianna e Claire o considerariam responsável pela morte do sujeito, e com razão.

Então, para seu alívio, não havia mais tempo para pensar. Saíram em campo aberto e os homens se espalharam, correndo, agachados, ziguezagueando pela grama em grupos de três ou quatro como ele os ensinara, um soldado experiente em cada grupo. Em algum lugar atrás deles, o primeiro tiro de canhão veio como um trovão pelo céu ensolarado.

Nesse instante, ele avistou os primeiros Reguladores, um grupo de

homens correndo, ao que parecia vindo da direita pelo campo aberto. Ainda não haviam visto seus homens.

Antes que pudessem vê-los, ele berrou "Casteal an DUIN!", e avançou sobre eles, o mosquete erguido acima da cabeça em sinal para os homens à sua retaguarda. Urros e gritos cortaram o ar e os Reguladores, espantados e pegos de surpresa, tropeçaram uns nos outros, numa parada brusca e desordenada, manuseando desajeitadamente suas armas e atrapalhando uns aos outros.

— Thugham! Thugham! — Para mim! Para mim! Bem perto, já estava bem perto. Abaixou-se sobre um dos joelhos, debruçou-se sobre o mosquete, aprontou-o e disparou logo acima das cabeças dos homens em debandada.

Atrás dele, ouviu o grunhido dos homens perfilando-se para atirar, o tinido da pederneira e em seguida o barulho ensurdecedor da saraivada de tiros.

Um ou dois dos Reguladores agacharam-se, retornando os disparos. O resto debandou e buscou abrigo, correndo desordenadamente para uma pequena elevação gramada do terreno.

— A draigha! Esquerda! Nach links! Detenham-nos! — ele se ouviu gritando, mas o fazia sem pensar, ele próprio já correndo.

O pequeno grupo de Reguladores dividiu-se, alguns correndo para o rio, o resto amontoando-se como um rebanho, galopando para o abrigo da elevação.

Eles conseguiram desaparecer por trás da curva da colina e Jamie chamou suas tropas de volta com um assvio penetrante, capaz de ser ouvido acima do estrondo das armas. Podia ouvir descargas de armas de fogo agora, uma crepitação de mosquetes, a distância, para a esquerda. Partiu naquela direção, confiando que seus homens o seguiriam.

Um erro; o terreno ali era pantanoso, cheio de buracos encharcados e lama grudenta. Ele gritou e acenou outra vez, de volta para o terreno mais alto. Retornem para lá, deixem que o inimigo atravesse o pântano, se puderem.

O terreno mais alto estava coberto de mato, mas seco, ao menos. Abriu os dedos e acenou, sinalizando para que os homens se espalhassem, buscassem abrigo.

O sangue latejava em suas veias e sua pele formigava e pinicava. Uma baforada de fumaça cinza e branca flutuou pelas árvores próximas, com um cheiro acre de pólvora. O estrondo da artilharia era regular agora, conforme as equipes dos canhões entravam em seu ritmo, batendo a distância como um enorme e lento coração.

Ele avançou lentamente para oeste, sempre atento. A vegetação ali era principalmente de sumagre e pata-de-vaca, com emaranhados de mato e ervas daninhas até a cintura, e moitas de pinheiros que se elevavam acima de sua cabeça. Era pobre, visivelmente, mas ele ouviria qualquer pessoa que se aproximasse, muito antes de vê-la — ou de que o vissem.

Nenhum de seus homens estava à vista. Ocultou-se no meio de um grupo de cornisos e deu um grito agudo, como o de uma codorniz. Gritos semelhantes vieram de trás dele, nenhum da frente. Ótimo, sabiam mais ou menos onde cada um estava. Cautelosamente ele avançou, abrindo caminho pelas moitas. Era mais fresco ali, com a sombra das árvores, mas o ar estava abafado e o suor escorria pela sua nuca e pelas costas.

Ouviu o baque surdo de pés e enfiou-se no meio dos ramos de uma cicutu, deixando que os leques de agulhas escuras o cobrissem, o mosquete erguido em uma abertura nas moitas. Quem quer que fosse estava vindo depressa. Um estalido de galhinhos quebrados sob os pés e o som de uma respiração entrecortada, e um jovem surgiu em meio aos arbustos, arquejando. Não carregava nenhuma arma de fogo, mas uma faca de tirar a pele de animais brilhava em sua mão.

O rapaz lhe era familiar, percebeu isso assim que o vislumbrou, e a memória de Jamie deu um nome ao rosto do rapaz antes de seu dedo relaxar no gatilho.

— Hugh! — ele chamou, a voz baixa, mas nítida. — Hugh Fowles!

O jovem soltou um grito de susto e girou nos calcanhares, os olhos arregalados. Viu Jamie e sua arma através da cortina de agulhas, e ficou paralisado como um coelho.

Em seguida, uma onda de determinação aterrorizada subiu ao seu rosto e ele se lançou sobre Jamie, gritando. Espantado, Jamie mal pôde levantar o mosquete a tempo de aparar a lâmina da faca com o cano da arma. Ele forçou a faca para cima e para trás; a lâmina foi raspando pelo cano com um rangido de metal, resvalando pelos nós dos dedos de Jamie. O jovem Hugh lançou o braço para trás para uma estocada e Jamie chutou o rapaz com força no joelho, saindo do caminho quando o rapaz perdeu o equilíbrio e inclinou-se para o lado, a faca agitando-se furiosamente.

Jamie chutou-o outra vez e ele caiu, a faca enterrando-se no chão.

— Quer parar com isso? — Jamie disse, um tanto irritado. — Pelo amor de Deus, rapaz, você não me conhece?

Ele não sabia dizer se Fowles o conhecia ou não — nem mesmo se o rapaz o ouvira. Com o rosto lívido e os olhos arregalados, Fowles debatia-se em pânico, tropeçando e arquejando enquanto tentava se

levantar e soltar sua faca do chão.

— Poderia... — Jamie começou, e em seguida deu um salto para trás, quando Fowles abandonou a faca e atirou-se para frente com um grunhido de esforço.

O peso do rapaz lançou Jamie para trás e mãos o arranharam, tentando agarrar seu pescoço. Ele deixou o mosquete cair, virou um dos ombros contra Fowles e colocou um ponto final naquela besteira com um soco rápido e violento na boca do estômago do rapaz.

Hugh Fowles desabou e permaneceu enroscado numa bola no chão, contorcendo-se como uma centopeia ferida e fazendo as caretas chocadas e ofegantes de um homem cujo café da manhã acabou de ser empurrado para dentro de seus pulmões.

Jamie levou a mão à boca, sugando o sangue das articulações ensanguentadas de seus dedos esfolados. A faca do rapaz tirara a pele dos quatro e o soco só fez piorar; ardiam como fogo e o sangue tinha o gosto de prata quente em sua boca.

Mais pés, aproximando-se rapidamente. Ele mal teve tempo de agarrar o mosquete antes de os arbustos se abrirem bruscamente outra vez, agora revelando o sogro de Fowles, Joe Hobson, o próprio mosquete engatilhado.

— Pare aí mesmo. — Jamie agachou-se atrás do seu mosquete, mirando a boca da arma no peito de Hobson. Este parou como se fosse um fantoche e o titereio tivesse puxado suas cordas.

— O que fez com ele? — Os olhos de Hobson dardejavam de Jamie para seu sogro e novamente para Jamie.

— Nada permanente. Abaixei a arma, sim?

Hobson não se mexeu. Ele estava imundo e com a barba por fazer, mas os olhos em seu rosto estavam vivos e alertas.

— Não vou lhe fazer mal algum. Abaixei a arma!

— Não seremos capturados — Hobson disse. Seu dedo continuava no gatilho da arma, mas havia um tom de dúvida em sua voz.

-Você já está preso, idiota. Não se preocupe, nenhum mal acontecerá a você ou ao rapaz. Você estará muito mais seguro na cadeia do que aqui!

Um estrondo sibilante enfatizou sua declaração, quando alguma coisa atravessou as árvores acima de suas cabeças, tosquiando os galhos ao passar. Balas de canhão, Jamie pensou automaticamente, ao mesmo tempo em que se agachava por reflexo, as entranhas contraídas.

Hobson deu um salto, aterrorizado, virando o cano de seu

mosquete para Jamie. Deu outro salto e seus olhos se arregalaram de surpresa quando uma mancha vermelha se espalhou devagar pelo seu peito. Olhou para baixo, atônito, a boca de sua arma abaixando-se como uma haste murcha. Em seguida, largou a arma, sentou-se repentinamente, recostou-se contra uma árvore caída e morreu.

Jamie girou nos calcanhares, ainda agachado, e viu Geordie Chisholm atrás dele, o rosto enegrecido com a fumaça de seu tiro, olhando para o corpo de Hobson como se perguntasse a si mesmo como aquilo havia acontecido.

O estrondo da artilharia foi ouvido outra vez e novo projétil atravessou os galhos e aterrisou nas proximidades, com um baque surdo que Jamie sentiu através das solas de suas botas. Atirou-se de barriga no chão e se arrastou até Hugh Fowles, que agora estava de quatro, vomitando.

Ele agarrou o braço de Fowles, indiferente à poça de vômito, e sacudiu-o com força.

-Vamos! — Levantou-se atabalhoadamente, agarrando Fowles pela cintura e pelos ombros, e arrastou-o para o abrigo do bosque atrás deles. — Geordie! Geordie, ajude-me!

Chisholm estava ali. Os dois colocaram Fowles de pé e, em parte o arrastaram, em parte o carregaram, correndo e tropeçando enquanto avançavam

O ar estava carregado do aroma penetrante de seiva das árvores, exsudando dos galhos cortados, e ele pensou fugazmente na horta de Claire, a terra revirada, revolvida, sob suas botas, os sulcos e covas, e Hobson sentado ao sol junto ao tronco caído, o olhar de surpresa ainda em seus olhos.

Fowles fedia a vômito e fezes. Esperava que fosse Fowles.

Achou que ele próprio iria vomitar de puro nervosismo, mas mordeu a língua, sentindo novamente o gosto de sangue, e contraiu os músculos da barriga, forçando as entranhas a se imobilizarem.

Alguém se levantou dos arbustos à sua esquerda. Ele segurava a arma na mão esquerda, levantou-a num reflexo, atirou com uma só mão. Continuou aos tropeções em meio à sua própria fumaça, vendo o homem em quem atirara virar-se e correr, irrompendo desvairadamente pelo meio das árvores.

Fowles conseguira ficar de pé agora e Jamie soltou seu braço, deixando Geordie com ele. Abaixou-se sobre um dos joelhos, tateando em busca da pólvora e da munição, rasgou o cartucho com os dentes e sentiu o gosto de pólvora e sangue, despejou e socou a pólvora, encheu a caçoleta, verificou a pederneira — o tempo todo notando

com uma sensação de estupefação que suas mãos não estavam tremendo nem um pouco, mas executavam seu serviço com calma e habilidade, como se soubesse exatamente o que tinham que fazer.

Ele ergueu o cano da arma e trincou os dentes, apenas em parte consciente do que fazia. Havia homens se aproximando, três, e ele mirou a arma no primeiro. Com uma última partícula de pensamento consciente, virou-a mais para cima e disparou acima de suas cabeças, o mosquete dando um tranco em suas mãos. Eles pararam e ele abaixou a arma, arrancou a adaga do cinto e avançou para eles, gritando.

As palavras queimavam em sua garganta, ferida com a fumaça.

— Corram!

Como se olhasse de longe, ele observou a si mesmo, pensando que fora exatamente assim o que Hugh Fowles fizera, e ele achara tolo na hora.

— Corram!

Os homens espalharam-se como codornas em disparada. Como um lobo faria, virou-se imediatamente na direção do mais lento, saltando pelo terreno irregular, uma alegria feroz inundando suas pernas, irradiando por sua barriga. Ele poderia correr para sempre, o vento frio na pele e agudo em seus ouvidos, a mola da terra erguendo seus pés de tal modo que ele voava por cima do capim e das pedras.

O homem que ele perseguia ouviu-o se aproximar, olhou rapidamente para trás por cima do ombro e com um grito agudo de terror chocou-se de frente com uma árvore. Jamie se atirou sobre sua presa, aterrissando sobre suas costas e sentindo o estalo flexível de costelas sob o joelho. Agarrou um punhado de cabelos, escorregadios e quentes de suor gorduroso, e deu um puxão, virando a cabeça do homem para trás. Quase não conseguiu parar a tempo de não cortar a garganta nua, exposta à sua frente, esticada e sem defesa. Pôde sentir o choque da lâmina na carne, o jorro de sangue quente, e desejou prosseguir.

Engoliu um grande gole de ar, arquejando.

Muito lentamente, afastou a faca da veia pulsante. O movimento deixou-o trêmulo de desejo, como se tivesse sido arrancado do corpo de sua mulher à beira de ejacular.

— Você é meu prisioneiro — ele disse.

O homem fitou-o com os olhos arregalados, sem compreender. O homem chorava, as lágrimas desenhando caminhos pelo rosto sujo, e tentou falar, soluçando, mas não conseguia inalar ar suficiente para formar as palavras com a cabeça puxada para trás. Vagamente,

ocorreu a Jamie que ele falara em gaélico; o homem não entendeu.

Devagar, afrouxou a mão, obrigou-se a soltar a cabeça do sujeito. Buscou as palavras em inglês, enterradas em algum lugar sob a sede de sangue que pulsava em seu cérebro.

— Você é... meu... prisioneiro — conseguiu dizer finalmente, arfando entre as palavras.

— Sim! Sim! Qualquer coisa, mas não me mate, por favor, não me mate! — O homem encolheu-se sob ele, soluçando, as mãos entrelaçadas na nuca e os ombros arqueados junto às orelhas, como se temesse que Jamie fosse agarrar seu pescoço com os dentes e arrancar sua espinha.

Diante do pensamento, sentiu um obscuro desejo de fazer exatamente isso, mas o tamborilar de seu sangue já estava arrefecendo. Podia ouvir outra vez, conforme as batidas de seu coração diminuía em seus ouvidos. O vento já não cantava para ele, mas continuava seu caminho, indiferente e solitário, através das folhagens acima. Havia um pipocar de tiros distantes, mas o estrondo da artilharia havia cessado.

O suor escorria do queixo e das sobranceiras, e sua camisa estava encharcada, fétida.

Saiu lentamente de cima de seu prisioneiro e ajoelhou-se ao lado do corpo deitado de barriga para baixo. Os músculos de suas coxas tremiam e ardiam do esforço da perseguição. Sentiu uma repentina e indescritível ternura pelo sujeito, e estendeu a mão para tocá-lo, mas a sensação foi seguida por um sentimento de horror, igualmente repentino, e da mesma forma rapidamente extinto. Fechou os olhos e engoliu, sentindo-se nauseado, o lugar onde mordera a língua latejando.

A energia que a terra lhe emprestara esvaía-se de seu corpo agora, fluindo de suas pernas, voltando para a terra. Ele estendeu a mão e bateu de leve no ombro do prisioneiro, desajeitadamente, depois se levantou com esforço, lutando contra o peso morto de sua própria exaustão.

— Levante-se — ele disse. Suas mãos tremiam; precisou de três tentativas para embainhar sua adaga.

— Ciamar a tha thu, Mac Dubh? — Ronnie Sinclair estava ao seu lado, perguntando se ele estava bem. Ele balançou a cabeça e recuou um passo, enquanto Sinclair colocava o prisioneiro de pé e virava o casaco do avesso. Os outros se aproximavam, em duplas ou trios: Geordie, os Lindsay, Gallegher, trocando informações e aglomerando-se ao seu redor como limalhas atraídas para um ímã.

Os outros também haviam feito prisioneiros; seis ao todo, cabisbaixos, assustados ou simplesmente exaustos, os casacos virados do avesso para mostrar sua condição. Fowles estava entre eles, lívido e desolado.

Sua mente havia clareado, embora sentisse o corpo mole e pesado. Henry Gallegher tinha um arranhão ensanguentado na testa; um dos homens de Brownsville — Lionel, não? — tinha o braço num ângulo estranho, obviamente quebrado. Fora isso, ninguém parecia estar ferido; isso era bom.

— Pergunte se viram MacKenzie — ele disse a Kenny Lindsay em gaélico, com um pequeno gesto na direção dos prisioneiros.

Os tiros haviam praticamente cessado. Ouvia-se apenas um ou outro disparo agora e um bando de pombos passou acima numa algazarra de asas, tardiamente alarmados.

Ninguém vira Roger MacKenzie ou o conhecia. Jamie balançou a cabeça ao ouvir e limpou o suor do rosto com a manga do casaco.

— Ou ele voltou são e salvo, ou não. Mas seja o que for, está feito agora. Vocês foram corajosos, rapazes. Vamos embora.

UM SACRIFÍCIO NECESSÁRIO

Esta noite os mortos foram enterrados com honras militares; e três criminosos capturados na batalha foram enforcados diante do Chefe do Exército. Isso proporcionou grande satisfação aos homens e, nesse momento, foi um sacrifício necessário para apaziguar os murmúrios das tropas, que exigiam que fosse executada imediatamente a justiça pública contra alguns dos criminosos capturados durante a ação e contra os quais haviam enfrentado tantos perigos e sofrido tantas perdas de vidas e derramamento de sangue.

— "*Diário da expedição contra os insurgentes*", Wm. Tryon

Roger puxou com força a corda ao redor de seus pulsos, mas só conseguiu fazer o cânhamo áspero afundar-se ainda mais em sua carne. Podia sentir a queimação da pele arranhada e a sensação de umidade que ele achava que era sangue, mas suas mãos haviam ficado tão dormentes que não sabia ao certo. Sentia os dedos do tamanho de salsichas, a pele distendida.

Estava deitado onde Buccleigh e seus amigos o haviam atirado, depois de amarrar seus pulsos e tornozelos, na sombra de um tronco caído. Molhado até os ossos do rio, ele estaria tremendo de frio, se não estivesse lutando tão desesperadamente para se libertar. Em vez disso, o suor escorria pelo seu pescoço, suas faces queimavam e ele sentia como se sua cabeça fosse explodir com o influxo tempestuoso de sangue.

Eles o amordaçaram com a bandeira de trégua, enfiando o lenço tão fundo em sua garganta que ele quase sufocou e amarrando seu próprio lenço de pescoço ao redor da boca. Antepassado ou não, ele iria dilacerar William Buccleigh MacKenzie, ainda que fosse a última coisa que fizesse.

Tiros ainda eram disparados nas proximidades; não mais em rajadas, mas crepitando aqui e ali aleatoriamente. O ar cheirava a fumaça de pólvora e de vez em quando algo passava assobiando pelas árvores como um dragão, quebrando e arrancando galhos e folhas. Balas de canhão?

Uma bala de canhão havia atingido a margem do rio com um baque surdo, anteriormente, enterrando-se com uma pequena explosão

de lama e momentaneamente interrompendo a briga. Um dos amigos de Buccleigh soltou um grito e correu, espadanando água, para abrigar-se no meio das árvores, mas o outro permaneceu onde estava, agarrando e desferindo socos, alheio ao tiroteio e à gritaria, até que ele e Buccleigh conseguiram pressionar a cabeça de Roger embaixo da água e dominá-lo. Ainda podia sentir a água do rio queimando em suas narinas.

Conseguiu finalmente ficar de joelhos, curvado como uma larva, mas não ousava erguer a cabeça acima do tronco, por medo de que fosse decepada. A fúria corria com tanta impetuosidade pelas suas veias que ele nem chegara realmente a ter medo, mesmo ao perceber que a batalha estava ocorrendo ao seu redor, mas não perdeu inteiramente a lucidez.

Esfregou o rosto com força contra a casca áspera do tronco, tentando deslocar a tira de linho amarrada em torno de sua cabeça. Funcionou; a ponta de um galhinho quebrado prendeu-se nele e ele levantou a cabeça com um safanão, puxando o lenço para baixo de seu queixo. Grunhindo com o esforço, empurrou um pouco para fora o lenço enfiado em sua boca, prendeu-o no mesmo toco de galho e jogou a cabeça para trás, o pano encharcado saindo de sua garganta como um engolidor de cobras ao contrário.

Ele sentiu ânsia de vômito em reação, a bÍlis subindo ao fundo de sua garganta. Respirou fundo, ávido por oxigênio, e seu estômago acalmou-se um pouco.

Ótimo, ele podia respirar, e agora? O tiroteio continuava e ele ouviu estalidos à sua esquerda, conforme vários homens abriam caminho pelo meio da mata, alheios a qualquer obstrução.

Pés corriam em sua direção; agachou-se atrás do tronco, bem a tempo de evitar ser massacrado quando um corpo foi arremessado por cima dele. Seu novo companheiro arrastou-se atabalhoadamente sobre as mãos e os joelhos, pressionando-se com força contra o tronco, e somente então percebendo sua presença.

— Você! — Era o Barba-Negra, do acampamento de Husband. Olhou furioso para Roger, o sangue lentamente assomando ao seu rosto. Podia sentir o cheiro do sujeito, um fedor penetrante de medo e raiva.

O Barba-Negra agarrou-o pela frente da camisa, puxando-o com um safanão.

— Isto é culpa sua! Filho da mãe!

Com as mãos e os pés ainda amarrados, ele não tinha como revidar, mas arremessou-se para trás, tentando se libertar.

— Solte-me, idiota!

Somente então o sujeito percebeu que ele estava amarrado e, em sua Perplexidade, de fato o soltou. Perdendo o equilíbrio, Roger caiu de lado, arranhando o rosto dolorosamente na casca do tronco de árvore. Os olhos do Barba-Negra se esbugalharam de surpresa, depois estreitaram-se de júbilo.

— Por Deus, você foi capturado! Que sorte! Quem o pegou, idiota?

— Ele é meu. — Uma voz escocesa grave atrás dele anunciou a volta de William Buccleigh MacKenzie. — O que quer dizer? O que é culpa dele?

— Isto! — O Barba-Negra apontou, indicando o campo ao redor e o final da batalha. A artilharia cessara e não se ouvia mais do que tiros de rifle esparsos, ao longe.

— Este desgraçado de fala mansa foi ao acampamento hoje de manhã, perguntando por Hermon Husband, e levou-o para uma conversa particular. Não sei o que diabos ele disse, mas quando terminou, Husband saiu, montou imediatamente em seu cavalo, disse a todos nós que voltássemos para casa e partiu!

O Barba-Negra olhou furiosamente para Roger e, levando a mão para trás, esbofeteou-o com força no rosto.

— O que disse a ele, miserável?

Sem esperar por uma resposta, ele virou-se novamente para Buccleigh, que olhava de seu prisioneiro para seu visitante, um olhar de profundo interesse enrugando as sobrelanceiras espessas e bem-delineadas.

— Se Hermon tivesse ficado conosco, nós teríamos aguentado — vociferou Barba-Negra. — Mas depois que ele partiu daquele jeito, isso tirou o chão dos nossos pés. Ninguém sabia o que fazer e, quando se percebe, lá está Tryon apregoando a capitulação... e é claro que não iríamos fazer isso, mas também não estávamos preparados para lutar... — Sua voz definiu, ao ver os olhos de Roger sobre ele, e desconfortavelmente consciente de que Roger o vira fugindo em pânico.

Só havia silêncio do outro lado do tronco; todo o tiroteio havia cessado. Roger estava começando a perceber que não só a batalha estava encerrada, mas completamente perdida. O que significava por sua vez que os homens da milícia provavelmente estariam fervilhando por toda esta área dentro de pouco tempo. Seus olhos ainda lacrimejavam da bofetada, mas ele piscou até limpá-los, fitando o Barba-Negra com furor.

— Eu disse a Husband o que digo a você — ele disse, com toda a

autoridade que conseguiu reunir, amarrado e deitado no chão como um peru de Natal. — O governador fala sério. Ele pretende sufocar esta rebelião e, ao que parece, é o que ele acaba de fazer. Se quiser salvar a pele, e eu acho que é o que você quer...

Com um grunhido de raiva, o Barba-Negra agarrou Roger pelos ombros e tentou esmagar sua cabeça contra o tronco.

Roger contorceu-se como uma enguia. Ele recuou, soltando-se das mãos do sujeito, e em seguida investiu para frente, dando uma cabeçada direta no nariz do Barba-Negra. Ele sentiu a gratificante trituração de osso e cartilagem, sentiu o jato de sangue quente e pegajoso contra seu rosto, e caiu sobre um dos cotovelos, arquejante.

Ele nunca dera um "beijo de Glasgow" em alguém antes, mas pareceu— lhe uma reação natural. O choque feriu ainda mais seus pulsos, mas ele já não se importava. Só queria que Buccleigh se aproximasse o suficiente para receber o mesmo tratamento.

Buccleigh observou-o com uma mistura de humor e cauteloso respeito.

— Oh, um homem de talento, hein? Um traidor, um ladrão de mulher e um brigão, tudo no mesmo pacote, não é?

O Barba-Negra vomitou, engasgando-se com o sangue do nariz esmagado, mas Roger não prestou nenhuma atenção. Sua visão havia clareado e ele mantinha os olhos diretamente sobre Buccleigh. Ele sabia qual dos dois homens oferecia uma ameaça maior.

— Um homem que confia em sua mulher não precisa se preocupar de que outra pessoa possa roubá-la — ele disse, a raiva apenas levemente temperada com cautela. — Eu confio na minha própria mulher e não preciso da sua, amadain.

Buccleigh era bronzeado e estava intensamente corado da luta, mas diante disso um vermelho ainda mais escuro assomou às suas faces. Ainda assim, ele manteve a compostura, sorrindo ligeiramente.

— Casado, hein? Sua mulher deve ser muito feia para você estar seguindo a minha. Ou será que ela o expulsou da cama porque você não podia servi-la adequadamente?

O ranger da corda em seus pulsos lembrou Roger de que ele não estava em posição de bater boca. Com esforço, conteve a resposta que estava na ponta de sua língua e engoliu-a. O gosto era terrível.

— A menos que queira que sua mulher fique viúva, acho que é hora de irmos andando, não? — ele disse. Fez um movimento brusco com a cabeça, indicando o lado distante do tronco, onde o breve silêncio fora sucedido pelo som de vozes distantes.

— A batalha acabou, a causa de vocês está perdida. Não sei se eles

pretendem fazer prisioneiros...

— Já fizeram vários. — Buccleigh franziu a testa, obviamente indeciso. Não havia muitas opções, Roger pensou; Buccleigh tinha que deixá-lo ir embora, abandoná-lo ali amarrado ou matá-lo. Qualquer uma das duas primeiras opções era aceitável. Quanto à terceira, certamente se Buccleigh pretendesse matá-lo, ele já estaria morto.

— É melhor você ir embora enquanto pode — Roger sugeriu. — Sua mulher deve estar preocupada.

Foi um erro mencionar Morag outra vez. O rosto de Buccleigh ficou ainda mais escuro, mas antes que ele pudesse dizer alguma coisa, foi interrompido pelo aparecimento da própria mulher, na companhia do homem que ajudara Buccleigh a amarrá-lo anteriormente.

— Will! Oh, Willie! Graças a Deus você está a salvo! Você se feriu? — Ela estava pálida e ansiosa, e carregava um menino nos braços, agarrado ao seu pescoço como um macaquinho. Apesar do fardo, estendeu uma das mãos para tocar o marido, para se certificar de que ele de fato não estava ferido.

— Não se preocupe, Morag — Buccleigh disse bruscamente. — Nada me aconteceu. — Ainda assim, deu umas leves palmadinhas em sua mão e beijou-a na testa, meio envergonhado.

Ignorando esse terno reencontro, o companheiro de Buccleigh cutucou Roger com a ponta da bota.

— O que vamos fazer com ele, então, Buck?

Buccleigh hesitou, desviando a atenção momentaneamente de sua esposa. Morag, ao avistar Roger no chão, soltou um grito abafado e tapou a boca com a mão.

— O que você fez, Willie? — gritou. — Deixe-o ir, pelo amor de santa Brígida!

— Não. Ele é um maldito traidor. — A boca de Buccleigh comprimiu-se numa linha severa, obviamente descontente com o fato de sua mulher se importar com Roger.

— Não, não é, não pode ser! — Agarrando o filho junto ao peito, Morag inclinou-se para olhar para Roger, uma ruga ansiosa entre as sobrancelhas. Vendo o estado de suas mãos, arquejou e voltou-se, indignada, para o marido.

-Will! Como pode tratar assim este homem, depois de tudo que ele fez por sua própria mulher e seu filho?

Pelo amor de Deus, Morag, saia daqui! Roger pensou, vendo Buccleigh cerrar o punho repentinamente. Buccleigh obviamente era um ciumento filho da mãe, e o fato de estar do lado perdedor da batalha que acabara de ocorrer não contribuía em nada para o seu

bom humor.

— Caia fora daqui, Morag — Buccleigh disse, reproduzindo o sentimento de Roger numa linguagem mais ríspida. — Isso aqui não é lugar para você e o menino. Leve-o daqui.

O Barba-Negra havia se recuperado ligeiramente a esta altura e assomou ao lado de Buccleigh. Abaixou os olhos para Roger, furioso, as mãos segurando delicadamente o nariz inchado.

— Corte a garganta dele e vamos acabar com isso. — Enfatizou essa opinião com um chute nas costelas que fez Roger se enroscar como um camarão.

Morag soltou um grito agudo e chutou a canela do Barba-Negra.

— Deixe-o em paz!

Barba-Negra, pego de surpresa, deixou escapar um grito estridente e recuou, pulando num pé só. O outro companheiro de Buccleigh pareceu achar a cena mais do que engraçada, mas reprimiu sua risada quando Buccleigh voltou um olhar furioso para ele.

Morag estava de joelhos, a pequena faca que carregava na cintura já em sua mão, tentando cortar as amarras que prendiam os pulsos de Roger. Por mais que apreciasse sua intenção, Roger preferia que ela não tentasse ajudá-lo. Era mais do que evidente que o monstro de olhos verdes original tinha pleno domínio da alma de William Buccleigh MacKenzie e olhava furiosamente de suas órbitas com uma raiva cor de esmeralda.

Buccleigh agarrou sua mulher pelo braço e a colocou de pé com um safanão. O menino, assustado, começou a berrar.

— Vá embora, Morag! — Buccleigh disse, rangendo os dentes. — Ande, e agora!

— Sim, vá! — o Barba-Negra acrescentou, furioso. — Não precisamos de sua ajuda, mulherzinha intrometida!

— Não fale com minha mulher desse jeito! — Girando nos calcanhares, Buccleigh deu um soco na boca do estômago do Barba-Negra. O homem caiu sentado com toda força, a boca abrindo e fechando em cômica estupefação. Roger quase podia sentir uma certa compaixão por Barba-Negra, que parecia não estar se saindo bem com nenhum dos dois MacKenzie.

O outro amigo de Buccleigh, que ficara observando a troca de palavras com o fascínio de alguém observando uma disputada partida de tênis, aproveitou a oportunidade para entrar na conversa, aproveitando para falar enquanto Morag tentava aplacar o choro da criança.

— O que quer que pretenda fazer, Buck, é melhor terminar logo e

sair daqui. — Indicou o rio com um sinal com a cabeça, nervoso. Havia um grupo de homens vindo na direção deles, a julgar pelo rumor de vozes. Não eram Reguladores em fuga; era um som ordenado. A milícia, em busca de prisioneiros? Roger sinceramente esperava que assim fosse.

— Sim. — Buccleigh olhou na direção dos ruídos, depois virou-se para sua mulher. Segurou-a pelos ombros, mas com delicadeza.

— Vá, Morag. Quero vê-la a salvo.

Ela ouviu o tom de súplica em sua voz e seu rosto se abrandou. Ainda assim, olhou de seu marido para Roger, que agora tentava telepatia mental, lançando pensamentos em sua direção com crescente desespero.

Vá embora, pelo amor de Deus, mulher, antes que me matem por sua causa!

Morag voltou-se para seu marido, o pequeno maxilar projetado para frente com determinação.

— Eu vou. Mas jure para mim, William Buccleigh, que não tocará em um fio de cabelo deste homem!

Os olhos de Buccleigh arregalaram-se ligeiramente e seus punhos cerraram-se, mas Morag manteve sua posição, pequena e feroz.

— Jure! — ela disse. — Porque, por santa Brígida, não vou compartilhar minha cama com um assassino!

Claramente dividido, Buccleigh olhou do taciturno Barba-Negra para seu outro amigo, que se mexia de um pé para o outro, como um homem com urgência de ir ao banheiro. O grupo da milícia se aproximava. Então ele olhou para o rosto de sua mulher.

— Está bem, Morag — disse rispidamente. Deu-lhe um pequeno empurrão. — Agora vá!

— Não. — Estendeu o braço e tomou a mão do marido, puxando-a para seu peito. O pequeno Jemmy se recobrou de seu susto e estava aconchegado no ombro de sua mãe, chupando o dedo ruidosamente. Morag colocou a mão de seu pai na cabecinha do menino.

— Jure sobre a cabeça de seu filho, Will, que não fará mal a este homem, nem deixará que o matem.

Roger aplaudiu mentalmente seu gesto, mas temia que ela tivesse ido longe demais. Buccleigh enrijeceu-se por um instante e o sangue afluiu ao seu rosto novamente. Após um momento de tensão, entretanto, ele assentiu, balançando a cabeça uma única vez.

— Juro — disse serenamente, e deixou a mão cair. O rosto de Morag descontraiu-se e, sem uma palavra, ela virou-se e afastou-se

apressadamente, agarrando o filho contra o peito.

Roger soltou o ar que estivera prendendo. Santo Deus, que mulher! Esperava fervorosamente que ela e seu filho ficassem a salvo — agora, se o cabeça-dura de seu marido resolvesse enfiar o pé num buraco e quebrar seu pescoço...

William Buccleigh olhava fixamente para ele, os olhos verdes estreitados em contemplação, ignorando a crescente agitação de seu amigo.

— Vamos, Buck! — O sujeito olhou por cima do ombro na direção do rio, onde as chamadas em voz alta indicavam a milícia esquadrinhando o terreno. — Não há tempo a perder. Eles realmente disseram que Tryon pretende enforcar os prisioneiros e não pretendo ser um deles!

— Ele disse isso — Buccleigh falou brandamente. Continuava a fitar Roger nos olhos e, por um instante, Roger achou que algo familiar agitou-se naquelas profundezas. Um calafrio de desconforto percorreu sua espinha.

— Ele está certo — Roger disse a Buccleigh, com um movimento brusco com a cabeça na direção do outro homem. — Vá embora. Não falarei nada contra você... por causa de sua mulher.

Buccleigh contraiu os lábios ligeiramente, pensando.

— Não — ele disse finalmente, — acho que não falará. Falar contra mim, quero dizer. — Abaixou-se e pegou a ex-bandeira de trégua, suja e molhada, do chão. — Vá indo, Johnny. Cuide de Morag. Eu o encontrarei mais tarde.

— Mas Buck...

— Vá! Estou bastante seguro. — Com um débil sorriso, os olhos ainda fixos em Roger, Buccleigh enfiou a mão em sua bolsa e retirou um pequeno objeto de metal embaçado. Com um pequeno choque, Roger reconheceu seu próprio distintivo da milícia, com as letras "CF" toscamente gravadas no disco de estanho.

Girando o distintivo na mão, Buccleigh virou-se para o Barba-Negra, que acompanhava os acontecimentos com interesse renovado.

— Tive uma ideia com relação ao nosso amigo. — Indicou Roger com um sinal com a cabeça. — Está me entendendo?

O Barba-Negra olhou para Roger, de novo para MacKenzie, e lentamente um sorriso começou a se formar sob o nariz inchado e vermelho. Um leve tremor de inquietação que descia pelas costas de Roger transformou-se repentinamente num forte solavanco de medo.

— Socorro! — berrou. — Socorro, milícia! Socorro! — Rolou sobre o corpo, contorcendo-se para evitá-los, mas o Barba-Negra o agarrou

pelos ombros, puxando-o de volta. Ouviram gritos além das árvores e o barulho de pés começando a correr.

— Não, senhor — William Buccleigh disse, ajoelhando-se diante dele. Segurou o maxilar de Roger com mão de ferro, sufocando seus gritos e apertando suas faces até forçá-lo a abrir a boca. — Eu realmente não acho que você vá dizer alguma coisa. — Com um leve sorriso, enfiou o pano molhado e sujo até a garganta de Roger outra vez e amarrou o lenço de pescoço esfarrapado com firmeza em volta de sua boca.

Em seguida, levantou-se, segurando firmemente o distintivo na mão. Quando os arbustos se abriram, virou-se para os homens da milícia e acenou numa cordial saudação.

CONSEQUÊNCIAS

Sendo agora duas e meia e estando o inimigo completamente dispersado e o exército a oito quilômetros do acampamento, foi considerado oportuno não perder tempo, mas retornar imediatamente ao acampamento em Alamance. Carroças vazias foram enviadas do acampamento e trouxeram tanto os legalistas mortos quanto os feridos, e mesmo vários rebeldes feridos, os quais admitiram que, se tivessem vencido, dariam guarida apenas àqueles que se tornassem Reguladores. Ainda assim, eles também receberam cuidados e tiveram seus ferimentos tratados.

— "*Diário da expedição contra os insurgentes*", Wm. Tryon

Uma bala de mosquete estilhaçara o cotovelo de David Wingate. Má sorte; se tivesse atingido dois centímetros acima, teria quebrado o osso, mas ele se reconstituiria sem sequelas. Eu abrira ajunta com uma incisão semicircular pelo lado externo e retirara tanto a bala achatada quanto várias lascas de osso, mas a cartilagem fora seriamente danificada e o tendão do bíceps fora completamente rompido; eu podia ver o brilho prateado de uma ponta, profundamente escondida na carne vermelho-escura do músculo.

Mastiguei o lábio inferior, refletindo. Se eu deixasse as coisas como estavam, o braço ficaria permanentemente — e gravemente — aleijado. Se eu pudesse reatar o tendão cortado e juntar as pontas dos ossos na cápsula da articulação com um bom alinhamento, era possível que ele recuperasse uma parte dos movimentos da junta.

Olhei ao redor do acampamento, que agora parecia o depósito de ambulâncias, repleto de corpos, equipamentos e ataduras manchadas de sangue. A maioria dos corpos movia-se, graças a Deus, ainda que para xingar ou gemer. Um homem já estava morto quando seus amigos o trouxeram; jazia serenamente na sombra de uma árvore, envolto em seu cobertor.

A maior parte dos ferimentos que eu vira era leve, embora houvesse dois homens baleados no corpo; não havia nada que eu pudesse fazer por eles, a não ser mantê-los aquecidos e torcer para que sobrevivessem. Brianna verificava o estado deles a intervalos de poucos minutos, buscando sinais de choque e febre, entre uma rodada e outra para administrar água adoçada com mel àqueles que haviam sofrido ferimentos mais superficiais. Era melhor que ela se mantivesse

ocupada, pensei, e ela de fato estava sempre em movimento, apesar de seu rosto parecer uma das ipomeias selvagens na trepadeira que subia pelo arbusto atrás de mim — branca, os traços contraídos, apertados com força contra os horrores do dia.

Eu tive que amputar uma perna, logo depois do término da batalha. Era um homem da Companhia de Mercer — acampada perto de nós e sem um cirurgião próprio — atingido pelo ricochete de um pedaço de bala de morteiro, que arrancou a maior parte de seu pé e deixou a carne da parte inferior da perna pendurada em tiras de um osso estilhaçado. Pensei que ela fosse desmaiar quando o pesado membro caiu com um baque surdo na terra aos seus pés, e ela também pensou que iria, mas por algum milagre mantivera-se em pé, amparando o paciente — este sim, que realmente havia desmaiado, graças a Deus pelas pequenas bênçãos — enquanto eu cauterizava os vasos que sangravam e enrolava o toco em ataduras com uma rapidez brutal.

Jamie saíra; ele trouxera seus homens de volta, abraçara-me com força e me beijara uma vez, ferozmente, depois partira com os Lindsay para levar os prisioneiros ao governador — e perguntar ao longo do caminho sobre notícias de Roger.

O alívio com o retorno de Jamie animava meu coração, mas o temor por Roger era um forte contrapeso sob o meu esterno. Entretanto, eu podia ignorá-lo enquanto estivesse trabalhando. Ainda por algum tempo, não ter notícia nenhuma podia ser uma boa notícia, e eu recebia de bom grado as realidades imediatas de triagem e tratamento como um refúgio da imaginação.

Nada mais parecia premente. Alguns extraviados continuavam chegando, mas Bri olhava para cada um deles, o coração nos olhos. Se algum deles precisasse de mim, ela me chamaria. Tudo bem, resolvi. Havia tempo; eu iria tentar. Havia pouco a perder, salvo um pouco mais de sofrimento para o sr. Wingate, e pretendia perguntar-lhe se estava disposto.

Ele estava cor de cera e suando, mas ainda de pé. Balançou a cabeça em sinal de consentimento e eu lhe dei a garrafa de uísque outra vez; levou-a à boca com a mão boa, como se ela contivesse o elixir da vida. Chamei um dos outros homens para segurar seu braço firmemente imóvel enquanto eu trabalhava e rapidamente cortei a pele logo acima da curva do cotovelo em um "T" invertido, expondo a ponta inferior do bíceps e tornando o local mais acessível. Comecei a explorar com o fórceps mais comprido, localizando o duro cordão prateado do tendão cortado, puxando-o para baixo o máximo possível, até eu ter um lugar sólido onde eu pudesse furar e fazer uma sutura; iniciei, então, o delicado trabalho de religar as pontas rompidas.

Nesse momento, perdi o contato com tudo à minha volta, toda a minha atenção concentrada no problema diante de mim. Eu estava indistintamente consciente do pit! pit! pit! de gotas atingindo o chão aos meus pés, mas não sabia se era o suor que escorria pelos meus braços e rosto, o sangue que saía do paciente, ou ambos. Eu precisava da ajuda das mãos treinadas de uma enfermeira de cirurgia, mas não tinha, de modo que precisava contar apenas comigo mesma. No entanto, eu possuía uma excelente agulha de cirurgião e suturas de seda, finas e esterilizadas; os pontos apresentavam-se pequenos e perfeitos, um zigzague absolutamente negro que marcava a emenda forte e firme do tecido brilhante e escorregadio. Normalmente eu teria usado categute para uma sutura interna como esta, já que elas se dissolvem gradualmente e são absorvidas pelo corpo. Mas os tendões curavam-se tão lentamente — quando conseguiam — que eu não quis me arriscar. Os pontos em fio de seda simplesmente ficariam para sempre ali e eu esperava que não causassem problemas por si mesmos.

Logo a parte difícil estava feita, e o tempo começou a passar outra vez. Eu conseguia conversar de maneira tranquilizadora com David, que passara pela cirurgia com galhardia; quando eu lhe disse que estava terminado, ele balançou a cabeça e fez uma débil tentativa de sorrir, embora seus dentes estivessem trincados e suas faces molhadas de lágrimas. Ele gritou quando lavei os ferimentos com álcool diluído — sempre o faziam; não conseguiam evitar, coitados, — mas depois se deixou arriar, tremendo, enquanto eu costurava as incisões cirúrgicas e enfaixava os ferimentos.

No entanto, isso não exigia grandes habilidades; eu tinha atenção de sobra agora e gradativamente comecei a perceber que vários homens atrás de mim discutiam a recente batalha, cheios de elogios ao governador Tryon.

— Você viu, então? — um deles perguntava ansiosamente. — Ele realmente fez o que dizem?

— Que o diabo me carregue se não foi assim! -seu companheiro respondeu judiciosamente. — Pois eu não vi com meus próprios olhos? Ele cavalgou até cem metros dos porcos e ordenou-lhes que se rendessem. Eles não responderam por um minuto, apenas ficaram olhando de um para o outro para ver quem deveria falar, e então alguém grita: "Não, que se dane tudo, nós não vamos nos render." Então o governador, com uma carranca capaz de assustar qualquer um, empina o cavalo, ergue sua espada no alto, em seguida traz a espada para baixo e grita: "Atirem neles!"

— E eles abriram fogo imediatamente?

— Não, não o fizemos — respondeu outra voz, mais educada, e em tom mais seco. — Você nos culpa? Um prêmio de quarenta xelins para

se unir à milícia é uma coisa, mas abrir fogo friamente em pessoas que você conhece é outra inteiramente diferente. Olhei a distância e quem eu vi do outro lado senão o próprio primo de minha mulher, rindo para mim?! Bem, não vou dizer que o patife seja um grande favorito meu ou da família, mas como eu vou voltar para casa e dizer à minha Sally que eu acabo de deixar seu primo Millard cheio de buracos?

— Melhor do que o primo Millard fazer o mesmo com você — disse a primeira voz, com um riso audível, e o terceiro homem riu.

— É verdade — ele disse. — Mas não esperamos para ver se poderia chegar a esse ponto. O governador, ele ficou vermelho como a crista de um peru quando os homens que o acompanhavam hesitaram. Ele levantou-se nos estribos brandindo a espada, olhou furiosamente ao redor, para todos nós, e berrou: "Disparem, desgraçados! Atirem neles, ou atirem em mim!"

O narrador colocou uma boa dose de entusiasmo nessa representação e houve um murmúrio de admiração de seus ouvintes.

— Isso é que é um soldado! — disse uma voz, seguida de um rumor geral, de concordância.

— Então atiramos — disse o narrador, um leve tom de pesar na voz. — Não levou muito tempo, depois que começou. O primo Millard foi muito rápido, ao que parece, depois que começou a correr. O canalha conseguiu fugir.

Mais risadas diante disso, e eu sorri, batendo de leve no ombro de David. Ele também estava ouvindo a conversa, uma oportuna distração.

— É verdade — outro concordou. — Acho que Tryon pretende se certificar de sua vitória desta vez. Ouvi dizer que ele vai enforcar os líderes do movimento no campo.

— Ele o quê? — Virei-me bruscamente, ainda segurando as ataduras.

O pequeno grupo de homens ergueu os olhos para mim, piscando, surpresos.

— Sim, senhora — disse um dos homens, com um puxão desajeitado na aba do seu chapéu. — Um companheiro da brigada de Lillington me contou; ele foi ver o espetáculo.

— Espetáculo — murmurou outro dos homens, persignando-se.

— Vai ser uma vergonha se ele enforcar o quaker — outro opinou, o rosto sombrio. — O velho Husband é um terror nos panfletos, mas não é arruaceiro ou brigão. Nem James Hunter ou Ninian Hamilton.

— Talvez ele enforque o primo Millard — outro sugeriu, cutucando seu vizinho e rindo. — Aí você fica livre dele e sua mulher pode

culpar o governador!

Houve uma gargalhada geral, mas num tom amortecido. Voltei-me novamente para o meu trabalho, concentrando-me ferozmente para apagar a imagem do que estava acontecendo agora no campo de batalha.

A guerra já era bastante ruim, mesmo quando necessária. Mas a vingança a sangue-frio do vencedor ficava um degrau além. E, no entanto, do ponto de vista de Tryon, isso também seria necessário. No que diz respeito a batalhas, esta fora tanto rápida quanto relativamente pequena em termos de baixas. Eu tinha apenas vinte e poucos homens sob meus cuidados e vira apenas um caso fatal. Haveria outros em outra parte, é claro, e entretanto, a julgar pelos comentários dos que estavam ali próximos, a batalha terminara na derrota e no desbaratamento do inimigo, mas não fora um massacre, com a maior parte dos milicianos reticentes em assassinar seus concidadãos, primos ou não.

Isso significava que a maioria dos Reguladores havia sobrevivido sem ferimentos. Eu imaginava que o governador devia achar que um gesto drástico se fazia necessário, para selar a vitória, intimidar os sobreviventes e esmagar de uma vez por todas o pavor daquele perigoso movimento, que há muito tempo vinha queimando de forma latente.

Houve um rebuliço e o som de cascos de cavalos. Ergui os olhos — ao meu lado, Bri levantou a cabeça bruscamente, o corpo tenso — e vi Jamie retornando, cavalgando ao lado de Murdo Lindsay. Os dois aperearam e ele mandou Murdo embora, pedindo-lhe que cuidasse de Gideon, e em seguida veio diretamente para mim.

Pude ver pela expressão ansiosa em seu rosto que ele não tinha notícias de Roger; ele olhou para meu rosto e viu ali a resposta à sua própria pergunta. Seus ombros arriaram-se levemente de desânimo, depois se empertigaram, retesando-se.

— Vou vasculhar o campo — disse para mim, a voz baixa. — Já mandei recado às companhias. Se ele for entregue em algum lugar, alguém virá nos informar.

-Vou com você. — Brianna já tirava seu avental sujo, enrolando-o numa bola.

Jamie olhou para ela, depois assentiu.

— Sim, menina, claro. Só um instante, vou buscar o pequeno Josh para ajudar sua mãe.

— Eu vou... vou aprontar os cavalos. — Seus movimentos eram rápidos e bruscos, sem sua habitual graciosidade atlética, e ela deixou

cair a garrafa de água que segurava, tateando várias vezes antes de conseguir recuperá-la. Peguei a garrafa de suas mãos antes que ela a deixasse cair de novo e apertei sua mão, com força.

O canto de sua boca tremeu quando ela olhou para mim; creio que ela pretendia esboçar um sorriso.

— Ele vai estar bem — ela disse. — Nós vamos encontrá-lo.

— Sim — eu disse, e soltei sua mão. — Sei que vão.

Observei-a enquanto atravessava correndo a clareira, as mãos agarradas às saias suspensas, e senti o contrapeso do medo se soltar, mergulhando como uma pedra na minha barriga.

EXECUÇÃO DE ORDENS

Roger acordou devagar, sentindo uma dor latejante e uma sensação de terrível urgência. Não fazia a menor ideia de onde estava ou de como fora parar lá, mas havia vozes, muitas vozes, algumas falando além do alcance de compreensão, outras cantando como harpias, numa dissonância estridente. Por um instante, ele achou que as vozes vinham de dentro de sua cabeça. Podia vê-las, criaturinhas marrons de asas de couro e dentes afiados, colidindo umas com as outras em paroxismos de interrupção que disparavam pequenas bombas de luz atrás de seus olhos.

Ele podia sentir a costura ao longo da qual sua cabeça certamente iria se abrir sob a pressão, uma listra que queimava de um lado ao outro do topo de seu crânio. Queria que alguém viesse e abrisse o zíper, para deixar sair todas as vozes esvoaçantes e sua algazarra, deixando seu crânio como uma tigela vazia de osso brilhante.

Nem percebeu que abriu os olhos e ficou olhando fixamente, entorpecido, por alguns minutos, pensando que a cena para a qual olhava ainda fizesse parte da confusão dentro de seu crânio. Homens apinhavam-se como um enxame diante dele num mar de cores, azuis, vermelhos e amarelos em redemoinho, misturados a manchas de verdes e marrons.

Um defeito em sua visão privava-o da noção de perspectiva e o fazia vê-los em fragmentos — um aglomerado distante de cabeças flutuando como uma agitação de balões cabeludos, um braço acenando, segurando um estandarte vermelho, aparentemente separado de seu corpo. Vários pares de pernas que deviam estar próximos... ele estaria sentado no chão? Estava. Uma mosca esvoaçou preguiçosamente pela sua orelha, zumbindo, e pousou em seu lábio superior. Ele se moveu, num reflexo para espantá-la, e só então percebeu que estava de fato acordado — e ainda amarrado.

Suas mãos haviam ficado dormentes além de qualquer sensação de sofrimento, mas a dor agora latejava pelos músculos tensionados de seus braços e ombros. Sacudiu a cabeça para clareá-la, um erro terrível. Uma dor excruciante disparou pela sua cabeça, trazendo lágrimas aos seus olhos.

Ele piscou com força e respirou fundo, forçando-se a agarrar algum fragmento de realidade, a recobrar os sentidos. Concentre-se, pensou.

Agente firme. As vozes cantarolantes haviam desaparecido, deixando apenas um leve tinido em seus ouvidos. Mas as outras continuavam falando e agora ele sabia que o som era real, ele conseguia compreender uma ou outra palavra, e uni-las, buscando sentido.

— Exemplo.

— Governador.

— Corda.

— Mijar.

— Reguladores.

— Cozido. — Pé.

— Força.

— Hillsborough.

— Água.

— Água. — Essa fazia sentido. Água ele compreendia. Ele queria água; precisava muito de água. Sua garganta estava seca, a boca parecia entupida com... estava entupida com alguma coisa; engasgou-se quando moveu a língua numa tentativa inconsciente de engolir.

— Governador. — A palavra repetida, pronunciada logo acima dele, o fez erguer os olhos. Fixou a visão flutuante em um rosto. Magro, escuro, crispado numa intenção feroz.

— Tem certeza? — o rosto disse, e ele se perguntou indistintamente, Certeza de quê? Ele não tinha certeza de nada, exceto de que ele estava em péssimo estado.

— Absoluta — disse outra voz, e ele viu outro rosto surgir em sua visão, ao lado do primeiro. Este parecia-lhe familiar, adornado com uma espessa barba negra. — Eu o vi no acampamento de Hermon Husband, conversando com Husband. Pergunte aos prisioneiros, senhor... eles vão confirmar.

A primeira cabeça balançou. Virou-se para o lado, depois para cima, dirigindo-se a alguém mais alto. Os olhos de Roger vaguearam para cima, buscando e ele sacudiu-se com uma exclamação abafada, ao ver os olhos verdes olhando para baixo, para ele, friamente.

— Ele é James MacQuiston — disse o homem de olhos verdes, balançando a cabeça em confirmação. — De Hudgins Ferry.

— Você o viu na batalha? — O primeiro homem começava a entrar em foco, um sujeito com porte militar, de trinta e poucos anos, trajando uniforme. Algo mais estava entrando em foco — James MacQuiston. Ele ouvira falar de MacQuiston... o quê...?

— Ele matou um homem de minha companhia — Olhos-Verdes disse, a voz rouca de raiva. — Atirou nele a sangue-frio quando ele

estava ferido, caído no chão.

O governador — é quem ele deveria ser, o governador... Tryon! Esse era o nome! O governador balançava a cabeça, a testa franzida.

— Levem-no também, então — ele disse, virando-se para ir embora. — Três são suficientes por enquanto.

Mãos agarraram Roger pelos braços e o puseram em pé com um safanão, sustentando-o por um instante, em seguida o puxaram, de modo que ele cambaleou, sem equilíbrio, e se viu quase andando, amparado por dois homens de uniforme. Debateu-se, querendo se virar e ver Olhos-Verdes — droga, como era o nome do sujeito?, — mas eles o puxaram com um safanão, obrigando-o a ir tropeçando para uma pequena elevação, encimada por um enorme carvalho branco.

A pequena elevação do terreno estava rodeada por um mar de homens, mas eles recuaram, abrindo caminho para Roger e sua escolta. A noção de urgência estava de volta, uma sensação de formigamento sob a superfície de seu cérebro.

MacQuiston, pensou, o nome repentinamente claro em sua memória. James MacQuiston. MacQuiston era um líder menor dos Reguladores, um agitador de Hudgins Ferry cujo discurso inflamado de ameaças e denúncias fora publicado no Gazette, — Roger o lera.

Por que, diabos, Olhos-Verdes... Buccleigh! Era Buccleigh. A sensação de alívio ao lembrar-se do nome foi seguida instantaneamente por choque, ao compreender que Buccleigh dissera a eles que ele era MacQuiston. Por quê...

Ele nem teve tempo de formular a pergunta antes das últimas fileiras de homens se abrirem à sua frente, e ele viu os cavalos embaixo da árvore, as cordas com laços pendurados de seus galhos, acima das selas vazias.

Eles seguravam os cavalos pela cabeça, enquanto os prisioneiros eram colocados em cima deles. Folhas roçaram em seu rosto; pequenos galhos enroscaram-se em seus cabelos e ele abaixou-se, virando a cabeça instintivamente para impedir que seus olhos fossem atingidos.

Em um lugar do outro lado da clareira, ele viu uma figura de mulher, semiculta na multidão; indistinta, mas com a curva inconfundível de uma criança nos braços, uma pequena Madona morena. A visão o fez empertigar-se com um choque no peito e na barriga, a lembrança de Bri com Jemmy nos braços rasgando sua mente.

Atirou-se para o lado, as costas arqueadas, sentiu-se escorregar e

não tinha mãos para se proteger. Outras mãos o seguraram, empurraram-no de volta, alguém o golpeou com força no rosto. Sacudiu a cabeça, os olhos lacrimejando, e através do borrão das lágrimas viu a Madona morena atirar seu fardo nas mãos de outra pessoa, segurar as saias e correr como se o diabo a perseguisse.

Algo caiu sobre seu peito com o deslizamento pesado de uma serpente. Uma corda áspera tocou seu pescoço, foi apertada em volta de sua garganta, e ele gritou por trás da mordada.

Debateu-se sem pensar em consequência ou possibilidade, impelido pelo desespero do instinto de sobrevivência. Alheio aos pulsos sangrando e aos músculos retorcidos, as coxas apertadas com tanta força contra o corpo do cavalo que ele sacudiu-se em protesto, puxou suas amarras com uma força além do que jamais imaginara possuir.

Do outro lado da clareira, a criança começara a berrar pela mãe. A população caíra em silêncio e os berros do bebê ressoavam altos. O soldado moreno estava montado em seu cavalo, o braço erguido, a espada levantada. Ele parecia falar, mas Roger nada ouvia por causa do rugido do sangue em seus ouvidos.

Os ossos de suas mãos estalaram e um fio de calor líquido escorreu por um dos braços quando o músculo se rompeu. A espada abaixou-se, lançando um lampejo de sol de sua lâmina. Suas nádegas deslizaram para trás sobre as ancas do cavalo, as pernas se arrastando, impotentes, e seu peso mergulhou, livre, no vazio.

Uma distensão violenta...

E ele estava girando, sufocando, lutando para respirar, e seus dedos arranharam, as unhas raspando a corda enterrada funda em sua carne. Suas mãos haviam se soltado, mas era tarde demais, não conseguia senti-las, não conseguia movê-las. Seus dedos escorregavam e deslizavam pela corda retorcida, em vão, entorpecidos e insensíveis como madeira.

Ficou pendurado, esperneando, e ouviu um murmúrio distante da multidão. Debatia-se e chutava, os pés batendo no ar vazio, as mãos agarradas à garganta. Seu peito se distendeu, as costas se arquearam e sua visão escureceu, pequenos relâmpagos tremeluzindo nos cantos de seus olhos, e não ouviu mais nada, salvo a explosão de seu coração e os gritos distantes de uma criança órfã.

EMERGÊNCIA EXTREMA

Jamie e Bri estavam quase prontos para partir. Apesar de sujos de fumaça e exaustos como estavam, vários homens haviam se oferecido para se juntar ao grupo de busca, uma oferta que fez Bri morder o lábio e balançar — a cabeça, num sinal de agradecimento. Ela estava agradecida pela oferta de ajuda, eu sabia — mas um grupo maior leva mais tempo para se aprontar e eu podia ver a impaciência aflorar em manchas vermelhas sob a pele de seu rosto, conforme os homens limpavam as armas, enchiam novamente os cantis e procuravam os sapatos que haviam tirado.

O "pequeno Josh" estava ligeiramente apreensivo com seu novo cargo de assistente de cirurgião, mas afinal ele era um cavaleiro e, assim, estava acostumado a cuidar dos males de cavalos. A única diferença, como eu lhe disse — fazendo-o abrir um largo sorriso, — era que os pacientes humanos podiam lhe dizer onde doía.

Eu havia parado para lavar as mãos antes de costurar um couro cabeludo lacerado, quando notei um tumulto na vegetação atrás de mim. Jamie, tendo ouvido também, virou a cabeça — e logo adiantou-se rapidamente pela clareira, as sobancelhas erguidas.

— O que foi? — Virei-me para olhar e vi uma mulher jovem, evidentemente em estado lastimável, correndo em nossa direção de uma maneira enviesada. Era de constituição miúda e mancava perigosamente — ela havia perdido um sapato em algum lugar, — mas correndo ainda assim, apoiada de um lado por Murdo Lindsay, que parecia repreendê-la enquanto a ajudava.

— Fraser — eu a ouvi dizer, arquejante. — Fraser! — Desvencilhou-se de Murdo e abriu caminho pelo meio dos homens que aguardavam, os olhos percorrendo os rostos conforme ela passava, procurando. Seus cabelos castanhos estavam desgrenhados e cheios de folhas, o rosto arranhado e ensanguentado.

— James... Fraser... Eu preciso... você...? — Ela ofegava, o peito arfando e o rosto tão vermelho que parecia prestes a ter uma apoplexia ali mesmo.

Jamie adiantou-se e segurou-a pelo braço.

— Eu sou Jamie Fraser, menina — ele disse. — É a mim que está procurando?

Ela balançou a cabeça, arquejando, mas não tinha fôlego para falar. Enchi apressadamente um caneco de água e entreguei-o a ela, mas ela sacudiu a cabeça violentamente, agitando os braços, gesticulando desvairadamente na direção do rio.

— Ro... ger — conseguiu dizer, engolindo ar como um peixe fora da água. — Roger. MacKen... zie. — Antes de a última sílaba ser pronunciada, Brianna já estava ao lado da mulher.

— Onde ele está? Está ferido? — Ela agarrou o braço da mulher, tanto para forçar as respostas quanto para se apoiar.

A cabeça da jovem balançou-se para cima e para baixo, sacudiu-se de um lado para o outro e ela conseguiu dizer, com voz entrecortada:

— Força... Estão... enforcando-o.O Gover...nador!

Brianna soltou-a e correu para os cavalos. Jamie já estava lá, desatando rédeas com a mesma intensidade ágil que demonstrara quando a batalha começou. Sem uma palavra, ele abaixou-se com as mãos unidas em concha; Brianna subiu e saltou para a sela, esporeando o cavalo e partindo antes mesmo que Jamie tivesse alcançado o seu. Mas Gideon alcançou a égua em poucos instantes e os dois cavalos desapareceram no meio dos salgueiros, como se tivessem sido engolidos.

Eu disse alguma coisa em voz baixa, sem saber se tinha proferido uma praga ou uma prece. Atirei a agulha e o fio de sutura nas mãos espantadas de Josh, peguei a sacola com o estojo de emergência e corri para meu próprio cavalo, deixando a mulher de cabelos castanhos desmoronada no chão, vomitando do esforço.

Alcancei-os em poucos instantes. Não sabíamos ao certo onde Tryon estava realizando sua corte marcial improvisada, e um tempo valioso era perdido toda vez que Jamie era obrigado a parar, inclinar-se de seu cavalo para pedir informações — em geral confusas e contraditórias. Bri estava recolhida em si mesma, tremendo como uma flecha retesada, pronta para voar, mas ainda sem direção.

Tentei me preparar para qualquer coisa, inclusive o pior. Eu não fazia a menor ideia de quais seriam as preliminares estabelecidas por Tryon ou quanto tempo poderia se passar entre condenação e execução. Não muito, pensei. Eu conhecia Tryon há bastante tempo para saber que ele não agia impensadamente, mas também sabia que ele não era de se demorar — e ele devia saber que se tais coisas deviam ser feitas, era melhor que fossem feitas rapidamente.

Quanto ao porquê disso... minha imaginação não encontrava respostas. Eu só podia esperar que a mulher estivesse errada; que houvesse confundido outra pessoa com Roger. E, no entanto, eu não acreditava nisso; nem Brianna, incitando o cavalo a atravessar uma

área pantanosa à frente com uma intensidade que sugeria que ela teria preferido saltar do cavalo e arrastar-se pela lama.

A tarde caía e nuvens de pequeninos mosquitos nos rodeavam, mas Jamie não fazia nenhum movimento para afastá-los. Seus ombros estavam rígidos como pedra, preparados para suportar o fardo da certeza. Era isso, tanto quanto meus próprios temores, que me diziam que Roger provavelmente estava morto.

O pensamento batia em minha cabeça como um martelo pequeno e pontiagudo, do tipo usado para quebrar pedras. Até agora, eu sentia apenas choques breves, recorrentes, de perda imaginada, cada vez que olhava para o rosto lívido de Brianna, pensava no pequeno Jemmy órfão de pai, ouvia o eco da voz suave e grave de Roger, rindo a distância, cantando através do meu coração. Eu não tentava afastar os pensamentos insistentes; não adiantaria. E eu não iria realmente desmoronar, eu sabia, até ver seu corpo.

Mesmo assim, o desmoronamento seria interior. Brianna iria precisar de mim. Jamie aguentaria como uma rocha por ela, faria o que tivesse que ser feito — mas ele, também, iria precisar de mim, mais tarde. Ninguém podia absolvê-lo da culpa que eu sabia que ele sentia, mas eu podia ao menos servir de confessor para ele, e seu intercessor junto a Brianna. Meu próprio luto poderia ser adiado — um longo tempo, eu esperava.

O terreno abriu-se, aplanando-se na borda de uma larga campina, e Jamie esporeou Gideon num galope, os outros cavalos seguindo-o. Nossas sombras voavam como morcegos pelo capim, o som dos cascos de nossos cavalos perdidos nos ruídos da multidão de homens que enchia o campo.

Numa elevação na outra extremidade da campina erguia-se um enorme carvalho branco, as folhas novas brilhantes ao sol poente. Meu cavalo moveu-se repentinamente, desviando-se de um grupo de homens, e eu os vi, três figuras penduradas, balançando-se na profunda sombra da árvore. O martelo desferiu um último golpe e meu coração estilhaçou-se como gelo.

Tarde demais.

Fora um enforcamento malfeito. Sem o benefício de tropas oficiais, Tryon não tivera ninguém à mão com as habilidades funestas — e necessárias — de um carrasco. Os três condenados haviam sido colocados em cavalos, as cordas ao redor do pescoço atiradas por cima de galhos da árvore acima e, ao sinal, os cavalos foram retirados, deixando-os pendurados.

Apenas um fora bastante feliz de ter morte instantânea com o pescoço quebrado. Pude ver o ângulo agudo de sua cabeça, a flacidez

dos membros em suas amarras. Não era Roger.

Os outros foram estrangulados lentamente. Os corpos estavam torcidos, presos pelos laços na postura final de sua luta. Um dos homens — um dos corpos — foi retirado quando eu me aproximava e passou por mim carregado nos braços de alguém. Não havia muito o que escolher entre um rosto e outro, cada qual contorcido, cada qual escurecido em sua agonia particular. Havia usado a corda que tinham à mão; era nova, nunca fora esticada. Os dedos dos pés de Roger arrastavam-se na terra; ele era mais alto do que os outros dois. Suas mãos haviam se soltado; ele conseguira enfiar os dedos de uma das mãos por baixo da corda. Os dedos estavam quase negros, toda a circulação cortada. Não pude olhar imediatamente para seu rosto. Em vez disso, olhei para o de Brianna; branco e completamente imóvel, cada osso e tendão assentados como numa máscara mortuária.

O rosto de Jamie estava igual, mas onde os olhos de Brianna mostravam-se perplexos com o choque, os de Jamie ardiavam, buracos carbonizados, negros no osso de seu crânio. Ficou parado por um instante diante de Roger, em seguida fez o sinal da cruz e disse algo muito baixo em gaélico. Tirou a adaga da cintura.

— Eu o seguro. Corte a corda e vamos descê-lo, menina. — Jamie entregou a faca a Brianna, sem olhar para ela, e dando um passo à frente, segurou o corpo pela cintura, levantando-o ligeiramente para tirar a tensão da corda.

Roger gemeu. Jamie ficou paralisado, os braços presos com força, e seus olhos dardejaram para mim, arregalados de choque. Fora um som muito tênue; foi somente a reação de Jamie que me convenceu de que eu de fato o ouvira — mas eu ouvira, e Brianna também. Ela saltou para a corda e serrou-a num silencioso frenesi, e eu — temporariamente imobilizada de perplexidade — comecei a pensar, o mais rápido possível.

Talvez não; talvez fosse apenas o som do ar residual do corpo escapando com o movimento — mas não era; eu podia ver o rosto de Jamie, segurando-o, e soube que não era.

Lancei-me à frente, erguendo os braços enquanto o corpo de Roger caía, para segurar a cabeça em minhas mãos, para firmá-la enquanto Jamie o colocava no chão. Ele estava frio, mas firme. Claro, se estava vivo, tinha que estar firme, mas eu havia me preparado para o toque flácido de carne morta, e o choque de sentir vida sob minhas mãos foi considerável.

— Uma tábua — eu disse, arquejante, como se alguém tivesse acabado de me dar um soco no estômago. — Uma tábua, uma porta, algo para colocá-lo em cima. Não devemos mover sua cabeça, seu

pescoço pode estar quebrado.

Jamie engoliu em seco, com força, depois assentiu com um estranho sinal com a cabeça e partiu, andando rigidamente no começo, depois cada vez mais rápido, passando pelos amontoados de parentes chorosos e espectadores ansiosos, cujos olhares curiosos agora se voltavam em nossa direção.

Brianna continuava segurando a adaga. Quando as pessoas começaram a vir em nossa direção, ela passou por mim e eu vi seu rosto de relance. Ainda estava lívido, ainda imóvel — mas agora os olhos ardiam com uma luz negra que seria capaz de cauterizar qualquer alma que se aventurasse a chegar perto demais.

Eu não tinha nenhuma atenção livre para interferências — ou qualquer outra coisa. Ele não respirava visivelmente; nenhum movimento óbvio do peito, nenhum frêmito de lábios ou narinas. Busquei em vão seu pulso no punho livre — inútil apalpar a massa de tecido inchado em seu pescoço, — finalmente encontrei um pulso abdominal, batendo debilmente logo abaixo do esterno.

O laço corrediço estava enterrado fundo na carne; tateei freneticamente em meu bolso para achar meu canivete. A corda era nova, de cânhamo cru. As fibras eram peludas, manchadas de marrom com o sangue seco. Registrei o fato indistintamente, na parte remota de minha mente que tinha tempo para tais coisas enquanto minhas mãos estavam ocupadas. Cordas novas esticam-se. Um verdadeiro carrasco possui suas próprias cordas, já esticadas e untadas, bem testadas para a facilidade do uso. O cânhamo áspero picava meus dedos, enfiavam-se dolorosamente por baixo das unhas conforme eu a dilacerava, forçava e esgarçava.

O último fio rompeu-se com um estalido e eu arranquei a corda, indiferente a qualquer laceração — isso não importava agora. Eu não ousava arriscar inclinar a cabeça dele para trás; se as vértebras cervicais estivessem fraturadas, eu poderia aleijá-lo ou matá-lo. E se ele não pudesse respirar, isso também não iria importar.

Segurei com força seu maxilar, tentei varrer meus dedos pela sua boca, para limpar o muco e obstruções. Não adiantou, sua língua estava inchada, não para fora, mas fechando a passagem. Mas o ar precisa de menos espaço do que os dedos. Apertei seu nariz, respirei duas ou três vezes, o mais profundamente possível, depois coleí minha boca na dele e soprei.

Se eu tivesse visto seu rosto assim que foi enforcado, eu teria percebido imediatamente que ele não estava morto; suas feições ficaram flácidas com a perda de consciência e seus lábios e pálpebras estavam azuis — mas seu rosto não estava preto de sangue

congestionado, e seus olhos estavam fechados, e não esbugalhados. Ele soltara seus intestinos, mas a medula espinhal não se rompera e ele não sufocara — ainda.

No entanto, ele estava a caminho disso bem diante dos meus olhos. Seu peito não estava se mexendo. Respirei fundo outra vez e soprei, a mão livre em seu peito. Nada. Soprar. Nenhum movimento. Soprar. Quase nada. Não era suficiente. Soprar. O ar escapando pelos cantos da minha boca. Soprar. Era como soprar uma pedra, não um balão. Soprar outra vez.

Vozes confusas acima da minha cabeça, Brianna gritando, em seguida Jamie ao meu lado.

— Aqui está a tábua — ele disse calmamente. — O que devemos fazer?

Busquei o ar para recuperar o fôlego e limpei a boca.

— Segure-o pelos quadris, Bri pelos ombros. Movam-no quando eu disser, não antes.

Com um movimento rápido e firme o transferimos para a tábua, minhas mãos segurando sua cabeça como se fosse o Santo Graal. Estávamos cercados de pessoas agora, mas eu não tinha tempo para olhar ou ouvir; só tinha olhos para o que tinha que ser feito.

Arranquei minha anágua, enrolei-a e usei-a para apoiar seu pescoço; eu não sentira nenhum estalido ou trituração no pescoço quando o levantamos, mas eu precisava de toda a sorte possível para outras coisas. Por teimosia ou puro milagre, ele não estava morto. Mas ficara pendurado pelo pescoço por quase uma hora e o inchaço dos tecidos em sua garganta dentro de pouco tempo iria conseguir o que a própria corda não conseguira.

Eu não sabia se eu tinha alguns minutos ou uma hora, mas o processo era inevitável, e só restava uma coisa a fazer. Não mais do que algumas moléculas de ar estavam penetrando pela massa de tecido esmagado e deformado; mais um pouco de inchaço iria vedar a passagem inteiramente. Se nenhum ar pudesse chegar aos seus pulmões pelo nariz ou pela boca, outro canal tinha que ser fornecido.

Virei-me para procurar Jamie, mas foi Brianna quem se ajoelhou ao meu lado. Uma certa confusão ao fundo indicava que Jamie estava lidando com os espectadores.

Uma traqueotomia? Rápida, e não exigia nenhuma habilidade especial, mas difícil de manter aberta — e podia não ser suficiente para aliviar a obstrução. Uma das minhas mãos estava sobre o esterno de Roger, a batida suave de seu coração firme sob meus dedos. Bastante forte... talvez.

— Tudo bem — eu disse a Brianna, esperando soar bem calma. — Vou precisar de ajuda.

— Sim — ela disse, e graças a Deus ela soava calma. — O que devo fazer?

Em essência, nada difícil; simplesmente segurar a cabeça de Roger bem para trás e mantê-la firme enquanto eu dava um corte em sua garganta. Claro, estender demais o pescoço poderia facilmente comprometer a medula espinhal se houvesse uma fratura, ou comprimi-la irreversivelmente. Mas Brianna não precisava se preocupar com isso — tampouco saber a respeito.

Ela ajoelhou-se junto à cabeça dele e fez o que eu lhe disse, e o mediastino da traqueia surgiu quando a pele e a fáscia que a cobriam se distenderam. Lá estava ela, perfeitamente alinhada — eu esperava — entre os grandes vasos sanguíneos de cada lado. Se não estivesse, eu poderia facilmente dilacerar a carótida ou a jugular interna, e ele sangraria até a morte sob as minhas mãos.

A única virtude de uma emergência extrema é que ela lhe dá permissão de tentar medidas que nunca seriam tentadas a sangue-frio.

Tateei em busca da pequena garrafa de álcool que carregava no bolso. Quase a deixei cair, mas quando despejei seu conteúdo sobre meus dedos e limpei tanto meu bisturi quanto o pescoço de Roger, o transe do cirurgião já se apoderara de mim e minhas mãos haviam ficado estáveis novamente.

Fiz uma pequena pausa, as mãos em seu pescoço, os olhos fechados, sentindo o tênue pulsar da artéria, a massa levemente mais macia da tireóide. Pressionei para cima; sim, ela se movia. Massageei o istmo da tireóide, empurrando-a para fora do caminho, com força na direção da cabeça, e com a outra mão, pressionei a lâmina do bisturi na quarta cartilagem traqueal.

A cartilagem ali era em forma de U, o esôfago por trás macio e vulnerável; não posso perfurar muito fundo. Senti a separação fibrosa de pele e fáscia, resistência, depois o suave estalo quando a lâmina entrou. Ouviu-se um repentino e sonoro gorgolejar, e uma espécie de assovio molhado; o som do ar sendo sugado através do sangue. O peito de Roger se moveu. Eu o senti, e foi somente então que me dei conta de que meus olhos ainda estavam fechados.

ESTÁ TUDO BEM

A escuridão o envolvia, reconfortante em sua morna inteireza. Sentiu um ligeiro movimento de alguma coisa fora dela, uma presença dolorosa, intrusa, e recolheu-se de novo para o refúgio da escuridão. Mas ela se desfazia à sua volta, lentamente expondo partes dele à luz e à aspereza.

Abriu os olhos. Não sabia dizer para o que estava olhando, e esforçou-se para compreender. Sua cabeça latejava, assim como uma dúzia de pulsações menores, cada qual uma brilhante e dolorida explosão de dor. Sentia os pontos de dor como alfinetes que o prendiam como uma borboleta a uma tábua. Se ao menos pudesse livrar-se deles, talvez conseguisse voar para longe.

Fechou os olhos outra vez, buscando o conforto da escuridão. Sentiu a turva lembrança de um terrível esforço, os músculos de suas costelas rasgando-se com a luta para respirar. Havia água em algum lugar de sua memória, enchendo seu nariz, inflando os vazios de suas roupas... ele estaria se afogando? A ideia enviou um leve tremor de alarme pela sua mente. Diziam que era uma morte fácil, afogar-se, como adormecer. Ele estaria afundando, caindo numa tranquilidade enganosa e final, mesmo quando buscava a sedutora escuridão?

Sacudiu-se, agitando os braços, tentando virar-se e atingir a superfície. A dor explodiu em seu peito e queimou em sua garganta; tentou tossir e não conseguiu, tentou engolir ar e não encontrou nenhum, bateu com força em alguma coisa...

Algo o agarrou, imobilizando-o. Um rosto surgiu acima dele, um borrão de pele, uma chama de cabelos ruivos. Brianna? O nome flutuou em sua mente como um balão iluminado. Em seguida, seus olhos focalizaram um pouco, trazendo um rosto mais ríspido, mais feroz, ao seu campo de visão. Jamie. O nome pairava à sua frente, flutuando, mas de certo modo parecendo reconfortante.

Pressão, calor... a mão de alguém agarrando seu braço, a outra em seu ombro, pressionando com força. Ele pestanejou, a visão boiando, gradativamente clareando. Não sentia nenhum ar movendo-se em sua boca ou nariz, sua garganta estava fechada e seu peito ainda ardia, mas ele estava respirando; sentia a dor dos pequenos músculos entre as costelas conforme se moviam. Então não havia se afogado; doía muito.

— Você está vivo — Jamie disse. Os olhos azuis fitavam intensamente os seus, tão de perto que ele sentia o hálito quente em seu rosto. — Você está vivo. Você está inteiro. Está tudo bem.

Ele examinou as palavras com uma sensação de distanciamento, revirando-as mentalmente como um punhado de pedras, sentindo o peso delas na palma do seu cérebro.

Você está vivo. Você está inteiro. Está tudo bem.

Uma vaga sensação de conforto dominou-o. Parecia ser tudo o que ele precisava saber neste momento. Tudo o mais poderia esperar. A escuridão à espreita ergueu-se novamente, com o aspecto convidativo de um sofá macio, e ele se deixou afundar nele agradecidamente, ainda ouvindo as palavras como notas de uma harpa.

Você está vivo. Você está inteiro. Está tudo bem.

UMA TÊNUE CENTELHA

Sra. Claire?

Era Robin MacGillivray pairando na entrada da tenda, os cabelos escuros e hirsutos arrepiados como um arbusto de cavalinha. Ele parecia um racum peludo, a pele ao redor dos olhos limpa do suor e da fuligem, o resto ainda enegrecido com a fumaça da batalha.

Ao vê-lo, Claire levantou-se imediatamente.

— Estou indo. — Já estava em pé, o estojo na mão e se afastando em direção à porta antes que Brianna pudesse falar.

— Mamãe! — Não foi mais do que um sussurro, mas o tom de pânico fez Claire girar sobre si mesma como se tivesse pisado numa plataforma giratória. Os olhos cor de âmbar fitaram o rosto de Brianna por um momento, dardejaram para Roger, depois de volta para sua filha.

— Observe sua respiração — ela disse. — Mantenha o tubo desobstruído. Dê-lhe água com mel se ele estiver consciente o suficiente para engolir. E toque nele. Ele não pode virar a cabeça para vê-la, ele precisa saber que você está aí.

— Mas... — Brianna parou de repente, a boca seca demais para falar. — Não vá!, ela queria gritar. Não me deixe sozinha! Não consigo mantê-lo vivo, não sei o que fazer!

— Eles precisam de mim — Claire disse, muito delicadamente. Virou-se, as saias farfalhando, para Robin, que a aguardava com impaciência, e desapareceu na penumbra.

— E eu não? — Os lábios de Brianna se moveram, mas ela não sabia se falara em voz alta ou não. Não importava. Claire se fora e ela estava sozinha.

Sentiu-se tonta e percebeu que estivera prendendo a respiração. Expirou, depois inspirou, profundamente, devagar. O medo era uma cobra venenosa, contorcendo-se por sua espinha, rastejando por sua mente. Pronta para fincar suas presas em seu coração. Respirou novamente através dos dentes cerrados, agarrou a cobra pela cabeça, mentalmente a enfiou, contorcendo-se, num cesto e fechou a tampa. Pronto, nada mais de pânico.

Sua mãe não teria saído se houvesse algum perigo imediato, disse a

si mesma com firmeza, nem se houvesse mais alguma providência médica que pudesse ser tomada. Portanto, não havia. Haveria alguma coisa que ela poderia fazer? Respirou, fundo o suficiente para fazer as barbatanas de seu espartilho estalarem.

— Toque nele. Fale com ele. Faça-o saber que você está ao lado dele. Foi isso que Claire disse, falando com urgência, mas de certo modo distraidamente, durante os confusos procedimentos seguintes à traqueotomia improvisada.

Brianna voltou-se novamente para Roger, buscando em vão um lugar que pudesse tocar. As mãos dele estavam inchadas como luvas infladas, cobertas de manchas roxas, os dedos esmagados quase pretos, os ferimentos causados pelas cordas tão fundos em seus pulsos que ela tinha quase certeza de que poderia ver o branco do osso. Elas pareciam falsas, uma maquilagem malfeita para um show de horrores.

Por mais grotescas que estivessem, estavam melhores do que seu rosto. Este também estava machucado e inchado, com uma horrenda gola de sanguessugas sob o maxilar, mas estava mais sutilmente deformado, como um estranho sinistro, fingindo ser Roger.

Suas mãos também estavam prodigamente decoradas com sanguessugas. Ele devia estar usando todas as sanguessugas disponíveis, ela pensou. Claire enviara Josh às pressas aos outros cirurgiões, para pedir suprimentos, e depois pediu que ele e os dois rapazes Findlay, espadanando água pelas margens do rio, procurassem por mais sanguessugas.

Observe sua respiração. Isso ela poderia fazer. Sentou-se, movendo-se tão silenciosamente quanto possível, numa ânsia obscura de não acordá-lo. Pousou a mão de leve sobre seu coração, tão aliviada de vê-lo tépido ao toque que deu um profundo suspiro. Ele fez uma ligeira careta ao sentir o hálito de Brianna em seu rosto, enrijeceu-se, depois relaxou novamente.

A própria respiração de Roger era tão superficial que ela retirou a mão bruscamente, achando que a pressão de sua palma no peito dele poderia ser suficiente para estancar seu penoso movimento de subida e descida. Mas ele estava respirando; ela podia ouvir o débil assobio do ar através do tubo em sua garganta. Claire confiscara o cachimbo inglês importado do sr. Caswell, quebrando impiedosamente a haste cor de âmbar. Rapidamente lavada com álcool, ainda estava manchada de alcatrão do tabaco, mas parecia estar funcionando bastante bem.

Dois dedos da mão direita de Roger estavam quebrados, todas as suas unhas sangrando, dilaceradas ou faltando. Sentiu um aperto na própria garganta diante dessa evidência do quanto ele lutara

ferozmente pela vida. Seu estado parecia tão precário que ela hesitava em tocá-lo, como se pudesse assustá-lo, lançando-o por algum precipício invisível entre a vida e a morte. E no entanto compreendia o que sua mãe havia dito; o mesmo toque podia segurá-lo aqui, impedir que caísse e se perdesse na escuridão.

Ela apertou sua coxa com firmeza, sentindo-se reanimada com a sensação sólida do músculo longo e bem-torneado sob o cobertor que cobria a parte inferior do seu corpo. Ele emitiu um pequeno ruído, tenso, depois relaxou outra vez. Ela imaginou, por um instante surrealista, se deveria segurar seus genitais.

— Isso certamente o faria saber que estou aqui — murmurou, reprimindo uma vontade histérica de rir.

A perna dele tremeu ligeiramente ao som de sua voz.

— Você pode me ouvir? — ela perguntou suavemente, inclinando-se para frente. — Estou aqui, Roger. Sou eu... Bri. Não se preocupe, você não está sozinho.

Sua própria voz soou estranha; alta demais, dura e esquisita.

— Bi socair, mo chridhe — ela disse, relaxando um pouco. — Bi samnach, tha mi seo.

De certa forma, era mais fácil em gaélico, sua formalidade uma frágil represa contra a intensidade dos sentimentos que poderiam engolfá-la se fossem liberados. Amor, medo e raiva, unidos numa mistura tão forte que sua mão tremia junto com ela.

Percebeu repentinamente que seus seios estavam túrgidos, doendo de tanto leite; não houvera tempo nas últimas horas para sequer pensar nisso, quanto mais para aliviar a pressão. Seus mamilos formigavam e pinicavam à ideia e ela cerrou os dentes contra o pequeno jato de leite que vazou para dentro de seu corpete, misturando-se ao seu suor. Sentiu desejo por Roger, repentinamente querendo que ele a sugasse, querendo segurar sua cabeça contra seus seios e deixar a vida fluir dela para ele.

Tocá-lo. Estava se esquecendo de tocá-lo. Acariciou seu braço, apertou delicadamente o antebraço, esperando se distrair do seu desconforto.

Ele pareceu sentir a mão dela em seu braço; um de seus olhos entreabriu-se e ela achou ter visto uma consciência de sua presença tremular naquelas profundezas.

— Você está parecendo a versão masculina de Medusa — ela disse, o primeiro pensamento que veio à sua cabeça.

Uma sobranceira escura torceu-se ligeiramente para cima.

— As sanguessugas — ela disse. Tocou uma delas em seu pescoço e

ela se contraiu preguiçosamente, já quase cheia. — Uma barba de cobras. Pode senti-las? Elas o incomodam? — ela perguntou antes de se lembrar do que sua mãe dissera.

Mas os lábios dele se moveram, formando um "não" mudo, com óbvio esforço.

— Não fale. — Ela olhou para a outra cama, sentindo-se embaraçada, mas o ferido ali estava silencioso e imóvel, os olhos fechados. Ela voltou-se novamente para Roger, inclinou-se e rapidamente beijou-o, um leve toque nos lábios. A boca dele se moveu; ela achou que ele pretendia esboçar um sorriso.

Tinha vontade de gritar com ele. O que aconteceu? O que diabos você foi fazer? Mas ele não podia responder.

De repente, a raiva dominou-a. Consciente das pessoas que passavam de um lado para o outro, ela não gritou, mas inclinou-se e agarrou seu ombro — este parecendo um dos poucos pontos razoavelmente não machucados — e sibilou no ouvido dele:

— Como, em nome de Deus, você foi fazer isso?

Os olhos de Roger reviraram-se lentamente na direção de Brianna, fixando-se em seu rosto. Fez uma leve careta que ela não conseguiu interpretar e, em seguida, o ombro sob sua mão começou a vibrar. Ela fitou-o completamente perplexa por alguns segundos, antes de perceber que ele estava rindo. Rindo!

O tubo em sua garganta sacudiu-se e fez um leve ruído sibilante, que a exasperou além dos limites. Levantou-se, as mãos pressionadas contra os seios doloridos.

— Volto agora mesmo — ela disse. — Não saia daí, desgraçado!

FAGULHA E ESTOPIM

Gerald Forbes era um advogado bem-sucedido e em geral aparentava e agia como tal. Mesmo em seus trajes de campanha e com o rosto sujo da fuligem da pólvora, ainda exibia um ar de sólida confiança que lhe servia bem como capitão de milícia. Esse ar não o havia abandonado inteiramente, mas ele parecia visivelmente nervoso, enrolando e desenrolando a aba do chapéu enquanto permanecia parado na entrada da barraca.

No começo, pensei que fosse apenas o desconforto que aflige muitas pessoas na presença da doença — ou talvez constrangimento pelas circunstâncias da injustiça cometida contra Roger. Mas evidentemente era alguma outra coisa; ele mal balançou a cabeça para Brianna, sentada ao lado da cama de Roger.

— Meus sentimentos pelo seu infortúnio, senhora — ele disse, voltando-se para Jamie imediatamente em seguida. — Sr. Fraser. Posso dar uma palavra com o senhor? E com a sra. Fraser também — acrescentou, com uma grave medida em minha direção.

Olhei para Jamie e, diante de seu sinal, levantei-me, pegando por reflexo meu estojo médico.

Não havia muito que eu pudesse fazer; isso era óbvio. Isaiah Morton estava deitado de lado na barraca de Forbes, o rosto mortalmente pálido e coberto por uma película de suor. Ainda respirava, mas devagar, e com um horrível efeito gorgolejante que me fez lembrar com desagrado do som quando furei a garganta de Roger. Ele não estava consciente, o que era uma pequena bênção. Fiz um exame apressado e sentei-me sobre os calcanhares, limpando o suor do rosto com a barra do meu avental; a noite não refrescara muito e estava abafado e quente dentro da barraca.

— Um tiro no pulmão — eu disse, e os dois homens balançaram a cabeça, embora ambos obviamente já soubessem disso.

— Baleado pelas costas — Jamie disse, um tom soturno na voz. Ele olhou para Forbes, que assentiu sem tirar os olhos do ferido.

— Não — ele disse serenamente, respondendo uma pergunta não formulada. — Ele não era um covarde. Avançávamos sem obstáculo, não havia nenhuma outra companhia na linha atrás de nós.

— Não havia Reguladores atrás de vocês? Nenhum franco-atirador?

Nenhuma emboscada? — Jamie perguntou, mas Forbes sacudia a cabeça antes que as perguntas fossem terminadas.

— Perseguimos alguns Reguladores até o rio, mas paramos ali e os deixamos ir. — Forbes ainda segurava o chapéu entre os dedos e mecanicamente enrolava e desenrolava a aba, incessantemente. — Eu não tive estômago para matar.

Jamie assentiu em silêncio.

Pigarreei e puxei os restos ensanguentados da camisa de Morton delicadamente sobre ele.

— Atiraram nele duas vezes pelas costas — eu disse. A segunda bala passara apenas de raspão pelo seu braço, mas eu podia ver claramente a direção do sulco que ela deixará.

Jamie fechou os olhos brevemente, em seguida abriu-os de novo.

— Os Brown — ele disse, com irada resignação.

Gerald Forbes olhou para ele, surpreso.

— Brown? Foi o que ele disse.

— Ele falou? — Jamie agachou-se ao lado do ferido, uma ruga unindo as sobrancelhas avermelhadas. Ele olhou para mim e eu sacudi a cabeça sem dizer nada. Eu segurava o pulso de Morton e podia sentir as palpitações e falhas em seus batimentos cardíacos. Ele provavelmente não voltaria a falar.

— Quando o trouxeram. — Forbes agachou-se ao lado de Jamie, finalmente deixando de lado o maltratado chapéu. — Ele perguntou por você, Fraser. E depois ele disse: "Diga a Ally. Diga a Ally Brown." Ele repetiu isso várias vezes, antes de... — Gesticulou silenciosamente na direção de Morton, cujas pálpebras semicerradas exibiam fendas brancas, os olhos revirados para cima em agonia.

Jamie proferiu um palavrão baixinho, em gaélico.

— Acha mesmo que eles fizeram isso? — perguntei, baixinho também. O pulso deu umas pancadas fortes e estremeceu sob meu polegar, lutando pela vida.

Ele balançou a cabeça, abaixando os olhos para Morton.

— Eu não deveria tê-los deixado ir — ele disse, como se falasse consigo mesmo. Morton e Alicia Brown, ele quis dizer.

— Você não poderia tê-los impedido. — Estendi minha mão livre para ele, para tocá-lo, fazê-lo acreditar, mas não pude alcançá-lo, presa como estava ao pulso de Morton.

Gerald Forbes olhava para mim, sem compreender.

— O sr. Morton... fugiu com a filha de um homem chamado Brown — expliquei delicadamente. — Os Brown não ficaram felizes com isso.

— Oh, compreendo. — Forbes balançou a cabeça. Olhou para o corpo de Morton e estalou a língua, um som que misturava reprovação e compaixão. — Os Brown... sabe a que companhia eles pertencem, Fraser?

— À minha — Jamie disse laconicamente. — Ou pertenciam. Não vi mais nenhum deles, desde o fim da batalha. — Virou-se para mim. — Há alguma coisa que se possa fazer por ele, Sassenach?

Sacudi a cabeça, mas não soltei seu punho. O pulso não melhorara, mas também não piorara.

— Não. Pensei que ele já estaria morto, mas ainda não está falecendo. A bala não deve ter atingido um vaso importante. Mesmo assim... — Sacudi a cabeça outra vez.

Jamie suspirou profundamente e balançou a cabeça.

— Sim. Você ficaria com ele, então, até...?

— Sim, claro. Você poderia voltar à nossa barraca e se certificar de que tudo está sob controle lá? Se Roger... quero dizer, venha me chamar se for preciso.

Ele balançou a cabeça outra vez e saiu. Gerald Forbes aproximou-se e colocou a mão no ombro de Morton.

— A mulher dele... providenciarei para que ela receba ajuda. Se ele voltar a si outra vez, poderia dizer isso a ele?

— Sim, claro — repeti, mas minha hesitação o fez erguer os olhos, as sobrançelas arqueadas.

— E apenas que... hum... ele tem duas esposas — expliquei. — Ele já era casado quando fugiu com Alicia Brown. Daí os problemas com a família dela.

O rosto de Forbes ficou comicamente perplexo.

— Compreendo — ele disse, pestanejando. — A... hã... primeira sra. Morton. Sabe o nome dela?

— Não, receio que eu...

— Jessie.

A palavra não era mais do que um sussurro, mas podia ser um tiro, pelo efeito que teve em parar a conversa.

— O quê? — Devo ter apertado ainda mais minha mão no punho de Morton, pois ele contraiu-se ligeiramente, e eu afrouxei a mão.

Seu rosto ainda estava mortalmente pálido, mas seus olhos estavam abertos, embaçados de dor, mas definitivamente conscientes.

— Jessie... — sussurrou novamente. — Jeze... bel. Jessie Hatfield. Água?

— Ah... sim! — Soltei seu punho e peguei imediatamente a jarra de água. Ele teria sorvido a água aos borbotões, mas eu só deixei que tomasse pequenos goles, por enquanto.

— Jezebel Hatfield e Alicia Brown — Forbes disse cuidadosamente, tentando memorizar os nomes em sua mente perfeitamente organizada de advogado. — Correto? E onde vivem essas mulheres?

Morton respirou, tossiu e interrompeu a tosse abruptamente com uma arfada de dor. Esforçou-se por um instante, depois conseguiu falar.

— Jessie... em Granite Falls. Ally... em Greenboro. — Ele respirava muito superficialmente, arquejando entre as palavras. E no entanto eu não ouvia nenhum borbulhar de sangue em sua garganta, não via nenhum sangramento no nariz ou na boca. Eu ainda podia ouvir o som de aspiração do ferimento em suas costas e, movida pela inspiração, puxei-o ligeiramente para frente e atirei para trás os pedaços de sua camisa.

— Sr. Forbes, tem uma folha de papel?

— Eu... sim. Eu... quer dizer... — Forbes havia enfiado a mão no casaco numa reação automática e retirou dali uma folha de papel dobrada. Agarrei-a de sua mão, desdobrei-a, despejei água sobre ela e emplastei-a, plana, contra o pequeno buraco sob a omoplata de Morton. A tinta misturou-se ao sangue e escorreu em pequenos fios escuros pela pele pastosa, mas o barulho de sucção parou abruptamente.

Mantendo o papel no lugar com uma das mãos, eu podia sentir o batimento de seu coração. Ainda era fraco, porém mais regular — sim, estava mais regular.

— Santo Deus — eu disse, inclinando-me para o lado para olhar seu rosto. — Você não vai morrer, vai?

O suor escorria pelo seu rosto e os farrapos de sua camisa pendiam escuros e encharcados contra seu peito, mas o canto de sua boca tremeu na tentativa de um sorriso.

— Não, senhora — ele disse. — Não vou, não. — Ele ainda respirava em pequenas arfadas, mas cada respiração era mais profunda. — Ally. Bebê... próximo... mês. Disse a ela... estarei lá.

Peguei a ponta do cobertor com a mão livre e enxuguei o suor de seu rosto.

— Faremos o melhor possível para que você esteja — assegurei-lhe, depois ergui os olhos para o advogado, que observava esses procedimentos com a boca ligeiramente aberta.

— Sr. Forbes. Acho melhor levarmos o sr. Morton de volta para a

minha barraca. Poderia chamar uns dois homens para carregá-lo?

Ele fechou a boca bruscamente.

— Oh. Sim. Claro, sra. Fraser. Agora mesmo. — Mas ele não se moveu imediatamente e eu vi seus olhos dardejarem para a folha de papel molhado emplastrada nas costas de Morton. Olhei para ela. Eu só consegui ler algumas palavras indistintas entre meus dedos, mas foram o suficiente para me dizer que as insinuações insultuosas de Jamie de que Forbes era um sodomita eram provavelmente erradas. "Minha querida Valencia", a carta começava. Eu só conhecia uma mulher chamada Valencia nas vizinhanças de Cross Creek — na colônia da Carolina do Norte, na verdade. A mulher de Farquard Campbell.

— Lamento muito por seu papel — eu disse, erguendo os olhos para Forbes. Sustentando seu olhar com o meu próprio, eu cuidadosamente esfreguei a palma da minha mão sobre a folha de papel, borrando irremediavelmente cada palavra numa confusão de sangue e tinta. — Receio que não sirva para mais nada.

Ele respirou fundo e enfiou o chapéu de novo na cabeça.

— Tudo bem, sra. Fraser. Perfeitamente bem. Vou... buscar uns homens.

A noite trouxe alívio das moscas, assim como do calor. Atraídas por suor, sangue e esterco, pareciam um enxame sobre o acampamento, mordendo, picando, rastejando e zumbindo de uma forma enlouquecedora. Mesmo depois de terem ido embora, eu continuava dando tapas distraidamente nos braços e no pescoço, imaginando a cócega de suas patinhas.

Mas haviam desaparecido, finalmente. Olhei ao redor do meu pequeno reino, vi que todos estavam respirando — ainda que com uma espantosa variedade de efeitos sonoros — e agachei-me pela porta da tenda, saindo para respirar um pouco de ar fresco.

Respirar, eis uma atividade extremamente subestimada. Fiquei parada por um instante, os olhos fechados, apreciando o movimento fácil de subida e descida do meu peito, a suave entrada de ar, o fluxo purificante. Tendo passado as últimas horas mantendo o ar fora do peito de Isaiah Morton e fazendo-o entrar no peito de Roger, eu estava inclinada a valorizar o privilégio. Nenhum dos dois respiraria uma única vez sem dor por algum tempo — mas ambos estavam respirando.

Eram meus únicos pacientes remanescentes; os outros gravemente feridos haviam sido todos eles resgatados pelos cirurgiões de suas próprias companhias ou levados à barraca do governador para serem tratados por seu médico particular. Os que haviam sofrido ferimentos

leves haviam voltado para junto de seus companheiros, para se vangloriar de suas cicatrizes ou tratar suas dores com cerveja.

Ouvi um rufar de tambores a distância e fiquei imóvel, ouvindo. Uma cadência solene foi tocada e parou abruptamente. Houve um momento de silêncio, em que todo movimento pareceu suspenso, e em seguida o estrondo de um canhão.

Os irmãos Lindsay estavam ali perto, esparramados no chão junto à sua fogueira. Também eles haviam erguido os olhos ao rufar dos tambores.

— O que foi isso? — perguntei a eles. — O que está acontecendo?

— Estão homenageando os mortos, sra. Fraser — Evan respondeu. — Não se preocupe.

Acenei para eles, tranquilizando-os, e comecei a caminhar na direção do rio. Os sapos coaxavam, um acompanhamento para os tambores distantes. Honras militares completas para os mortos no campo de batalha. Imaginei se os dois líderes enforcados seriam enterrados no mesmo lugar ou se alguma sepultura separada e menos honrosa seria preparada para eles, se suas famílias não os reclamassem. Tryon não era o tipo de deixar mesmo um inimigo para as moscas.

A essa altura, ele certamente já deveria saber. Será que viria, para se desculpar pelo seu erro? Afinal, que desculpas seriam possíveis? Fora apenas pelo feliz acaso da sorte e de uma corda nova que Roger estava vivo.

E ele ainda podia morrer.

Quando coloquei a mão sobre Isaiah Morton, pude sentir a queimação da bala alojada em seu pulmão — mas também pude sentir a queimação mais forte de sua feroz vontade de viver apesar de tudo. Quando coloquei a mão sobre Roger, senti a mesma queimação... mas era uma débil centelha. Ouvi o assobio de sua respiração e em minha mente vi madeira carbonizada, com uma minúscula parte de brasa incandescente ainda ardendo, mas trêmula, à beira de uma abrupta extinção.

Estopim, pensei, de maneira absurda. Isso é o que você usa em um fogo que ameaça se extinguir. Você sopra a fagulha, mas é preciso que haja o estopim; algo para fazer a faísca pegar, alimentar-se e crescer.

Um rangido de rodas de carroça me fez levantar os olhos de minha contemplação de uma touceira de juncos. Era uma carroça pequena, de um único cavalo e um único condutor.

— Sra. Fraser? É a senhora?

Levei um instante para reconhecer a voz.

— Sr. MacLennan? — perguntei, espantada.

Ele parou ao meu lado e tocou o chapéu com a mão. A luz das estrelas, seu rosto estava turvo e sério.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, aproximando-me e abaixando a voz, embora não houvesse ninguém por perto para me ouvir.

— Vim buscar Joe — ele respondeu, com um leve movimento com a cabeça na direção do chão da carroça. Não deveria ter sido um grande choque; eu passara o dia inteiro vendo morte e destruição, e eu mal conhecia Joe Hobson. Mas eu não sabia que ele estava morto e meus braços se arrepiaram.

Sem dizer mais nada, dirigi-me à parte de trás da carroça. Senti o pequeno solavanco e a vibração através da madeira quando Abel colocou o freio na carroça e desceu para se unir a mim.

O corpo não estava enrolado em uma mortalha, embora alguém tivesse estendido um grande lenço razoavelmente limpo sobre seu rosto. Havia três enormes moscas pretas pousadas nele, imóveis e inchadas. Não fazia diferença, mas afugentei-as com as costas da minha mão. Voaram, zumbindo, e pousaram outra vez, fora do meu alcance.

— Você estava na batalha? — perguntei, sem olhar para Abel MacLennan. Ele devia ter estado com os Reguladores, mas ele não cheirava a pólvora.

— Não — disse baixinho, às minhas costas. — Eu não queria lutar. Vim com Joe Hobson, o sr. Hamilton e os outros, mas quando vi que haveria luta, fui embora. Afastei-me até o moinho, do outro lado da cidade. Então, depois que o sol se pôs, e nenhum sinal de Joe... eu voltei — ele terminou simplesmente.

— E agora? — perguntei. Nós dois falávamos baixo, como se pudéssemos perturbar o sono do morto. — Quer ajuda para enterrá-lo? Meu marido...

— Oh, não — ele interrompeu, ainda suavemente. — Vou levá-lo para casa, sra. Fraser. Mas eu lhe agradeço por sua gentileza. Mas se puder me dar um pouco de água, ou comida, para a viagem...

— Claro. Espere aqui, vou pegar.

Voltei apressadamente para nossa barraca, pensando na distância de Alamance até Drunkards Spring. Quatro dias, cinco, seis? E o sol tão quente, e as moscas... mas eu conhecia a obstinação de um escocês depois que toma uma decisão, e afastei-me sem discutir.

Levei um instante para verificar os dois homens; ambos dormindo. Ruidosa e dolorosamente, mas respirando. Eu substituíra o papel

molhado no fermento de Norton por um pedaço de linho untado de óleo, preso nas bordas com mel, o que constituía um excelente meio de vedação. Nenhum vazamento, ótimo.

Brianna continuava sentada ao lado de Roger. Encontrara um pente de madeira e penteava os cabelos emaranhados do marido, delicadamente retirando galhinhos e carrapichos, desembaraçando as mechas, lenta e pacientemente. Ela cantarolava alguma coisa baixinho — "Frère Jacques". O corpete de seu vestido exibia círculos úmidos. Ela saía uma ou duas vezes durante o dia para aliviar a crescente pressão do leite, mas obviamente estava na hora novamente. A visão fez meus próprios seios doerem com a dor lembrada.

Ela ergueu o rosto e nossos olhos se encontraram. Toquei meu seio brevemente e balancei a cabeça para a aba que fechava a porta da barraca, a sobancelha erguida interrogativamente. Ela balançou a cabeça com um ligeiro sorriso, pretendendo ser um corajoso gesto para me tranquilizar, mas pude ver o vazio em seus olhos. Suponho que tivesse lhe ocorrido que, embora Roger pudesse sobreviver, provavelmente jamais voltaria a cantar — ou talvez nem mesmo falar.

Não pude falar com o aperto que senti na minha própria garganta; apenas balancei a cabeça para ela e saí às pressas novamente, o embrulho embaixo do braço.

Uma figura saiu da escuridão à minha frente e eu quase me choquei contra ela. Parei bem a tempo, com uma exclamação, agarrando o embrulho junto ao peito.

— Minhas desculpas, sra. Fraser. Não percebi que a senhora não tinha me visto. — Era o governador. Ele deu mais um passo, entrando no clarão da luz da barraca.

Ele estava sozinho e parecia muito cansado, as faces sulcadas e flácidas. Cheirava a bebida; seu Conselho e os oficiais da milícia andaram comemorando a vitória, imaginei. Mas seus olhos estavam límpidos e seu passo firme.

— Seu genro — ele disse, e olhou para a barraca atrás de mim. — Ele está...

— Ele está vivo — disse uma voz grave e suave atrás do governador. Ele virou-se abruptamente, reprimindo uma exclamação, e minha cabeça se levantou com um movimento brusco.

Vi uma sombra mover-se e tomar forma, e Jamie ergueu-se lentamente de dentro da noite; ele estivera sentado ao pé de uma castanheira, invisível na escuridão. Há quanto tempo estaria ali?, eu me perguntei.

— Sr. Fraser. — O governador levava um susto, mas firmou o

maxilar, as mãos crispadas ao lado do corpo. Ele era obrigado a inclinar a cabeça para trás para olhar para Jamie e eu pude ver que isso não o agradava. Jamie pôde ver isso também e obviamente não se importou. Parou junto a Tryon, assomando acima dele, com uma expressão no rosto capaz de abalar qualquer pessoa.

Parecia abalar Tryon também, mas ele ergueu o queixo, resolvido a dizer o que quer que tivesse vindo dizer.

— Vim me desculpar pela injustiça feita ao seu genro — ele disse. — Foi um erro lamentável.

— Muito lamentável — Jamie repetiu, com uma entonação irônica. — E poderia me dizer, senhor, como esse... erro... aconteceu? — Deu um passo à frente e Tryon automaticamente recuou um passo. Pude ver o rubor subir ao rosto do governador e ele trincou o maxilar.

— Foi um erro — ele disse, entre dentes. — Ele foi erroneamente identificado com um dos líderes criminosos dos Reguladores.

— Identificado por quem? — A voz de Jamie era educada.

Pequenas manchas febris queimavam nas faces do governador.

— Não sei. Por várias pessoas. Eu não tinha nenhuma razão para duvidar da identificação.

— É mesmo? E Roger MacKenzie disse alguma coisa em sua defesa? Ele não disse quem ele era?

Os dentes inferiores de Tryon apertaram por um breve instante o lábio superior, depois o soltaram.

— Ele... não disse.

— Porque ele estava amarrado e amordaçado! — eu disse, furiosa. Eu mesma retirara o lenço da boca de Roger, depois que Jamie o abaixara da forca. — Você não o deixou falar, não é? Seu... seu...

A luz do lampião da barraca refletiu-se no gorjal de Tryon, um crescente de prata pendurado ao redor de sua garganta. A mão de Jamie ergueu-se devagar — tão devagar que Tryon obviamente não percebeu nenhuma ameaça no gesto — e muito delicadamente encaixou-se ao redor da garganta do governador, logo acima do gorjal.

— Deixe-nos, Claire — ele disse. Não havia nenhuma ameaça em particular em sua voz; soou meramente como um pedido trivial. Um lampejo de pânico iluminou os olhos de Tryon e ele deu um solavanco para trás, o gorjal cintilando à luz.

— Como ousa colocar as mãos em mim, senhor! — O pânico arrefeceu imediatamente, substituído pela fúria.

— Oh, ousa, sim, senhor. Assim como você colocou as mãos em meu filho.

Eu não achava que Jamie realmente pretendesse machucar o governador. Por outro lado, aquilo não era de modo algum apenas um gesto de intimidação; eu pude sentir o cerne da cólera fria dentro dele e vê-la como uma queimadura de gelo em seus olhos. Tryon também.

— Foi um erro! E um erro que eu vim retificar, até onde me for possível! — Tryon mantinha-se firme em sua posição, os maxilares cerrados enquanto olhava furiosamente para cima.

Jamie emitiu um sinal de desdém do fundo da garganta.

— Um erro. E a perda da vida de um homem inocente não é mais do que isso para você? Você é capaz de matar e mutilar, em nome de sua glória, sem dar a mínima à destruição que deixa para trás, contanto que o registro de suas façanhas possa ser aumentado. Como registrará nos despachos que enviar à Inglaterra, senhor? Que abriu fogo de canhão contra seus próprios cidadãos, armados apenas de facas e porretes? Ou dirá que sufocou uma rebelião e restabeleceu a ordem? Dirá que, em seu afã de vingança, você enforcou um inocente? Dirá que cometeu "um erro"? Ou dirá que puniu os rebeldes e fez justiça em nome do rei?

Os músculos do maxilar de Tryon inflaram-se e seus membros estremeceram, mas ele se conteve. Respirou fundo pelo nariz, inspirou e expirou, antes de falar.

— Sr. Fraser. Vou lhe dizer algo que alguns poucos sabem, mas que não é do conhecimento público.

Jamie não respondeu, mas ergueu uma das sobrancelhas, cintilando, ruiva, na escuridão. Seus olhos eram frios e escuros, sem piscar.

— Fui nomeado governador da colônia de Nova York — Tryon disse. — A carta de nomeação chegou há mais de um mês. Devo partir até julho para assumir o novo posto. Josiah Martin foi nomeado governador para assumir aqui em meu lugar. — Olhou de Jamie para mim, e novamente para Jamie. — Portanto, como vê, não tenho nada em jogo com isto, nenhuma necessidade de glorificar minhas façanhas, como o senhor diz. — Sua garganta moveu-se quando ele engoliu em seco, mas agora o medo havia sido substituído por uma frieza igual à do próprio Jamie.

— Eu fiz o que fiz por uma questão de dever. Eu não iria deixar esta colônia num estado de desordem e rebelião, para meu sucessor resolver, embora eu pudesse ter feito exatamente isso.

Ele respirou fundo e deu um passo para trás, forçando suas mãos a relaxar os punhos cerrados em que estavam crispadas.

— O senhor tem experiência de guerra, sr. Fraser, e de dever. E é

um homem honesto, deve saber que erros são cometidos com frequência em ambos os lados. Não pode ser de outra maneira.

Ele olhou Jamie diretamente nos olhos e permaneceram se encarando em silêncio.

Minha atenção foi bruscamente arrancada desse confronto pelo som distante de um bebê chorando. Virei-me, a cabeça levantada, no mesmo instante em que Brianna emergiu da barraca atrás de mim, num farfalhar de saias agitadas.

— Jem — ela disse. — É Jemmy!

De fato, era. Um tumulto de vozes na outra extremidade do acampamento aproximou-se, tomando a forma redonda, ornada de babados, de Phoebe Sherston, parecendo amedrontada, mas determinada, seguida de dois escravos: um homem carregando dois grandes cestos, e uma mulher, com uma trouxinha que se contorcia em seus braços, fazendo uma terrível algazarra.

Brianna partiu na direção da trouxinha como uma agulha de bússola na direção norte, e o tumulto cessou no instante em que Jemmy emergiu de seus cobertores, os cabelos em pé em tufo ruivos e os pés sacudindo-se em paroxismos de radiante alívio. Mãe e filho desapareceram imediatamente nas sombras embaixo das árvores e seguiu-se uma certa confusão, com a sra. Sherston explicando incoerentemente a uma crescente multidão de espectadores interessados que ela ficara muito transtornada ao ter notícias da batalha, tão terrível, e ela temeu que... mas o escravo do sr. Rutherford foi informá-los de que tudo estava bem... e ela achou que talvez... e assim... e a criança não parava de berrar... assim...

Jamie e o governador, retirados de seu confronto cara a cara, também se retiraram para a escuridão; eu podia vê-los, duas sombras empertigadas, uma alta, outra mais baixa, enfrentando-se. Mas o elemento perigo havia desaparecido de seu tête-à-tête; eu podia ver a cabeça de Jamie ligeiramente inclinada na direção da sombra de Tryon, ouvindo.

—... trouxe comida — Phoebe Sherston me dizia, o rosto redondo rosado de empolgada presunção. — Pão fresco, manteiga, um pouco de geleia de amora silvestre, frango assado e...

— Comida! — exclamei, lembrando-me repentinamente do embrulho que segurava embaixo do braço. — Por favor, desculpe-me! — Lancei-lhe um sorriso rápido e animado, e escapuli, deixando-a boquiaberta na frente da barraca.

Abel MacLennan estava lá onde eu o deixara, esperando pacientemente sob as estrelas. Ele descartou minhas desculpas, agradecendo-me pela comida e pela jarra de cerveja.

— Há alguma coisa... — comecei a perguntar, mas parei. O que mais eu poderia fazer por ele?

E, no entanto, parecia que havia alguma coisa.

— O jovem Hugh Fowles — ele disse, guardando cuidadosamente o embrulho sob o banco da carroça. — Disseram que ele foi feito prisioneiro. Será que seu... seu marido poderia interceder por ele? Como fez por mim?

— Acredito que sim. Pedirei a ele.

Estava silencioso ali, bastante longe do acampamento para que os sons das conversas não abafassem o coaxar dos sapos e o cricrilar dos grilos, ou a correnteza do rio.

— Sr. MacLennan — eu disse, movida por um impulso para onde o senhor irá? Quer dizer, depois de levar Joe Hobson de volta?

Ele tirou o chapéu e coçou a cabeça calva, completamente à vontade, embora o gesto não fosse de perplexidade, mas meramente de alguém se preparando para declarar algo já resolvido em sua mente.

— Oh — exclamou. — Não pretendo ir a lugar algum. As mulheres estão lá, hein? E as crianças. Elas não têm um homem, com Joe morto e Hugh prisioneiro. Eu vou ficar.

Inclinou-se para mim e colocou o chapéu. Apertei sua mão — surpreendendo-o — e ele subiu na carroça e estalou a língua para o cavalo. Ergueu a mão para mim num adeus e eu acenei de volta, percebendo, ao fazê-lo, a diferença que ocorrera nele.

Ainda havia pesar em sua voz e tristeza em seus ombros; e no entanto ele sentava-se empertigado, atento à sua missão, a luz das estrelas brilhando em seu chapéu empoeirado. Sua voz era firme, e sua mão também. Se Joe Hobson partira para a terra dos mortos, Abel MacLennan voltara de lá.

As coisas já haviam se acalmado um pouco quando voltei para a barraca. O governador e a sra. Sherston haviam partido, com seus escravos. Isaiah Morton dormia, gemendo de vez em quando, mas sem febre. Roger permanecia imóvel como uma estátua na tumba, o rosto e as mãos negros dos machucados, o leve assovio de seu tubo de respiração um contraponto à canção sussurrada por Brianna enquanto ninava Jemmy.

O rosto da criança estava frouxo, a boca rosada entreaberta, no completo abandono do sono. Com repentina inspiração, estendi os braços e Bri, parecendo surpresa, deixou-me pegá-lo. Muito cuidadosamente, coloquei o corpinho pesado e mole sobre o peito de Roger. Bri fez um pequeno movimento, como se fosse pegar o bebê

caso ele escorregasse — mas o braço de Roger levantou-se, rígido e lento, e abraçou a criança adormecida. Estopim, pensei, satisfeita.

Jamie estava fora da barraca, recostado no tronco da castanheira. Depois de verificar que tudo corria bem dentro da barraca, fui juntar-me a ele na escuridão. Ele ergueu os braços sem falar e eu me aconcheguei dentro deles.

Permanecemos juntos nas sombras, ouvindo o crepitar das fogueiras do acampamento e as canções dos grilos. Respirando.

Acampamento do Grande Alamance

Sexta-feira, 17 de maio de 1771

Parole — Granville Countersign — Oxford

O governador, imbuído do mais afetuoso senso de gratidão, agradece tanto aos oficiais quanto aos soldados do exército pelo vigoroso e generoso apoio a ele prestado ontem na batalha perto do Alamance. É à coragem e firmeza de conduta que ele deve, com a graça da Divina Providência de Deus Todo-Poderoso, a extraordinária vitória obtida sobre rebeldes obstinados e inflamados. Sua Excelência presta suas condolências aos legalistas pelos bravos homens que caíram e sofreram em combate; entretanto, quando reflete que a sorte da Constituição dependia do sucesso desse dia, e os importantes serviços assim prestados a seu rei e a seu país, ele considera essa perda (embora no momento seja causa de aflição a seus parentes e amigos) como um monumento de duradoura glória e honra para eles mesmos e suas famílias.

Os mortos serão sepultados hoje às 17 horas na frente da praça da artilharia, os serviços fúnebres a serem realizados com honras militares — após a cerimônia, as orações e as graças pela extraordinária vitória que a Divina Providência houve por bem conceder ontem ao exército sobre os insurgentes.

PARTE VII

Alarmes de Luta e Fuga



UM TOM MAIS BRANCO DE PALIDEZ

A sra. Sherston, com uma generosidade inesperada, ofereceu-nos sua hospitalidade. Mudei-me para a casa grande dos Sherston em Hillsboroug com Brianna, Jemmy e meus dois pacientes. Jamie dividia seu tempo entre Hillsborough e o acampamento da milícia, que continuava no mesmo lugar, em Alamance Creek, enquanto Tryon se certificava de que a Regulamentação havia de fato sido decisivamente sufocada.

Embora eu não tivesse conseguido alcançar a bala alojada no pulmão de Morton com meu fórceps, ela não parecia estar perturbando-o muito, e o ferimento começara a se fechar e cicatrizar de maneira satisfatória. Não havia como saber exatamente onde a bala estava localizada, mas obviamente não perfurara nenhum vaso sanguíneo importante; contanto que ela não se deslocasse, era bastante possível para ele simplesmente conviver com a bala alojada em seu corpo; eu conhecera muitos veteranos de guerra na mesma situação — Archie Hayes entre eles.

Eu não tinha nenhuma certeza do quanto meu pequeno estoque de penicilina continuava estável, mas parecia estar funcionando; havia uma pequena vermelhidão e infiltração no local do ferimento, mas nenhuma infecção, e bem pouca febre. Além da penicilina, o aparecimento de Alicia Brown alguns dias depois da batalha, agora enorme com a gravidez, foi a principal alavanca da recuperação de Morton. Uma hora após sua chegada, ele já estava sentado em sua cama improvisada, pálido mas exultante, os cabelos arrepiados e a mão ternamente encostada nas protuberâncias de seu filho, contorcendo-se na barriga da mãe.

Roger era outra questão. Não estava gravemente ferido, além do esmagamento de sua garganta — embora esta estivesse em péssimo estado. As fraturas dos seus dedos eram simples; eu os fixara com talas e deveriam sarar sem problemas ou sequelas. As contusões desbotaram-se rapidamente dos vermelho-escuros e azuis para um gama espetacular de roxo, verde e amarelo que o fazia parecer como se tivesse acabado de ser exumado depois de estar morto há mais de uma semana. Seus sinais vitais estavam excelentes. Sua vitalidade não.

Ele dormia muito, o que deveria ser bom. Mas seu sono profundo não era repousante; havia algo de perturbador, como se ele buscasse a

inconsciência com um desejo feroz e, uma vez obtida, se agarrasse a ela com uma teimosia que me incomodava mais do que eu queria admitir.

Brianna, que possuía sua própria marca de teimosia, tinha a incumbência de forçá-lo a acordar a intervalos de poucas horas, para se alimentar e para que a limpeza e o curativo da incisão fossem feitos. Durante esses procedimentos, ele fixava os olhos em um ponto a média distância, sem fitar nada, tomando o mínimo conhecimento das observações que lhe eram dirigidas. Uma vez terminadas todas as providências, seus olhos fechavam-se outra vez e ele ficava deitado no travesseiro, as mãos envoltas em ataduras, cruzadas no peito como a imagem de uma tumba, sem nenhum som além do assovio tênue da respiração pelo tubo em seu pescoço.

Dois dias após a batalha de Alamance, Jamie chegou à casa dos Sherston em Hillsborough pouco antes do jantar, cansado da longa cavalgada e coberto de poeira vermelha.

— Tive uma conversinha com o governador hoje — ele disse, aceitando o copo de água que eu levava para ele no pátio. Esvaziou-o num só gole e suspirou, limpando o suor do rosto com a manga do casaco. — Ele estava preocupado com tudo o que tinha para fazer e não queria pensar no que vem depois da batalha, mas eu não estava disposto a deixar isso acontecer.

— Imagino que não tenha sido um debate promissor — murmurei, ajudando-o a tirar o casaco empoeirado. — William Tryon nem é escocês, quanto mais um Fraser.

Ele me deu um sorriso meio relutante. "Teimosos como rochas" foi a descrição sucinta do clã Fraser que eu recebera há anos — e de qualquer modo nada no período de tempo subsequente me deu motivo para acreditar que isso não fosse verdade.

— Sim, bem. — Ele deu de ombros e espreguiçou-se exuberantemente, as vértebras estalando da longa cavalgada. — Oh, Santo Deus. Estou faminto, tem comida? — Ele relaxou e ergueu o longo nariz, cheirando o ar esperançosamente.

— Presunto assado e torta de batata doce — eu lhe disse, desnecessariamente, já que as fragrâncias de mel de ambos os pratos impregnavam o ar úmido. — Então o que o governador disse depois que você o encostou na parede?

Seus dentes reluziram por um instante diante dessa descrição de seu encontro com Tryon, mas percebi pelo seu ar de satisfação que eu não estava totalmente errada.

— Ah, várias coisas. Mas, para começar, insisti para que ele me contasse outra vez as circunstâncias em que Roger Mac foi capturado,

quem o entregou e o que foi dito. Eu pretendo chegar ao fundo dessa história. — Ele puxou a tira de couro de seus cabelos e sacudiu as mechas úmidas, escuras de suor.

— Ele se lembrou de alguma coisa quando você o pressionou?

— Sim, um pouco mais. Tryon diz que havia três homens mantendo Roger Mac prisioneiro. Um deles tinha um distintivo da Companhia Fraser, de modo que naturalmente ele pensou que o sujeito fosse um dos meus homens. É o que ele diz — acrescentou com ironia.

Essa seria uma suposição razoável para o governador fazer, pensei, mas Jamie obviamente não estava com disposição para ser razoável.

— Devia ser o distintivo de Roger que o sujeito apresentou — eu disse. — O resto de sua companhia voltou com você, todos exceto os Brown, e não teriam sido eles. — Os dois Brown haviam desaparecido, aproveitando a oportunidade da confusão da batalha para se vingar de Isaiah Morton e depois fugir antes que alguém descobrisse o crime. Não iriam ficar por perto para prender Roger, ainda que tivessem algum motivo para isso.

Ele balançou a cabeça, descartando a conclusão com um breve gesto.

— Sim. Mas por quê? Ele disse que Roger Mac estava amarrado e amordaçado, uma maneira desonrosa de tratar um prisioneiro de guerra, como eu disse a ele.

— E o que ele disse a esse respeito? — Tryon podia ser um pouco menos teimoso do que Jamie; não era, porém, mais condescendente com insultos.

— Ele disse que não era uma guerra; era uma insurreição traidora e ele tinha razão em tomar medidas sumárias. Mas prender e enforcar um homem sem permitir que ele dissesse sequer uma palavra em sua defesa... — A cor subia perigosamente a seu rosto. — Eu juro a você, Claire, se Roger Mac tivesse morrido na ponta daquela corda, eu teria quebrado o pescoço de Tryon e o abandonado aos abutres!

Eu não tinha a menor dúvida de que ele o faria; eu ainda podia ver sua mão ajustando-se devagar e delicadamente em volta do pescoço do governador, acima do gorjal de prata. Perguntei-me se William Tryon tivera a menor noção do perigo que correria naquela noite após a batalha.

— Ele não morreu, nem vai morrer. — Eu esperava ter razão, mas falei com toda firmeza que consegui reunir, colocando a mão em seu braço. Os músculos de seu antebraço encoapavam-se e moviam-se com o desejo contido de golpear alguém, mas acalmaram-se sob o toque de

minha mão, enquanto ele olhava para mim. Ele respirou fundo uma vez, depois novamente, tamborilou os dedos rígidos duas vezes na coxa, em seguida conseguiu finalmente colocar a raiva sob controle.

— Bem, ele disse que o sujeito identificou Roger Mac como James MacQuiston, um dos líderes do movimento. Eu andei perguntando sobre

MacQuiston — ele acrescentou, com outro olhar para mim. Ele estava ficando ligeiramente mais calmo, conversando. — Ficaria surpresa, Sassenach, em descobrir que ninguém conhece o rosto de MacQuiston?

Ficaria, e disse isso. Ele assentiu, o rubor diminuindo ligeiramente de suas faces.

— Eu também me surpreendi. Mas assim é. As palavras dele estão lá nos jornais para qualquer um ler, mas ninguém jamais viu o sujeito. Nem o velho Ninian, nem Hermon Husband, nenhum dos Reguladores com quem eu consegui falar, embora a maioria esteja quieta, procurando não chamar atenção, claro — ele acrescentou.

— Falei até com o sujeito da gráfica que imprimiu um dos discursos de MacQuiston. Ele disse que o manuscrito foi deixado em sua porta certa manhã, com um pedaço de queijo e dois certificados de dinheiro da Proclamação para pagar a impressão.

— Bem, isso é realmente interessante — eu disse. Retirei a mão cuidadosamente de seu braço, mas ele parecia estar sob controle agora. — Então você acha que "James MacQuiston" provavelmente é um pseudônimo.

— É muito provável.

Seguindo as implicações dessa linha de raciocínio, eu tive uma ideia repentina.

— Acha que talvez o homem que identificou Roger para o governador como MacQuiston devia ser o próprio MacQuiston?

As sobrancelhas de Jamie ergueram-se e ele balançou a cabeça devagar.

— E ele procurou se esconder, fazendo Roger Mac ser enforcado em seu lugar? Estar morto é uma ótima proteção contra a prisão. Sim, esta é uma excelente ideia... ainda que um pouco maldosa — ele acrescentou judiciosamente.

— Oh, só um pouco.

Ele parecia com menos raiva do maldoso e fictício MacQuiston do que do governador, mas, por outro lado, não havia dúvida quanto ao que Tryon fizera.

Nós havíamos atravessado o pátio e nos aproximado do poço. Havia um balde cheio pela metade em cima da mureta do poço, morna e salobra do calor do dia. Ele enrolou as mangas da camisa para cima e, com as mãos em concha, jogou água do balde no rosto, depois sacudiu a cabeça violentamente, respingando gotículas nas hortênsias da sra. Sherston.

— E o governador se lembrava da aparência desses homens que estavam com Roger? — perguntei, entregando-lhe uma toalha de linho amassada que estava na mureta. Ele pegou-a e enxugou o rosto, sacudindo a cabeça.

— Somente desse que falou. Desse que tinha o distintivo e que identificou Roger. Disse que era um sujeito louro, muito alto e de compleição forte.

De olhos verdes, ele acha. Tryon não estava preocupado com a aparência do sujeito, é claro, com a mente agitada como estava na ocasião. Mas lembrava-se disso.

— Meu Deus — eu disse, atingida por um pensamento. — Alto, louro e de olhos verdes. Acha que pode ter sido Stephen Bonnet?

Seus olhos se arregalaram e ele me fitou por cima da toalha por um instante, perplexo.

— Santo Deus — ele disse, abaixando a toalha distraidamente. — Isso nunca me passou pela mente.

Nem pela minha. O que eu sabia de Bonnet não se encaixava na imagem de um Regulador; a maioria era de homens pobres e desesperados, como Joe Hobson, Hugh Fowles e Abel MacLennan. Alguns eram idealistas ultrajados, como Husband e Hamilton. Stephen Bonnet pode, uma vez ou outra, ter sido pobre e desesperado, mas eu tinha bastante certeza de que a ideia de buscar uma reparação do governo através de protestos não teria lhe ocorrido. Obtê-la à força, sem dúvida. Matar um juiz ou xerife em vingança por alguma ofensa, bem possível. Mas não, era ridículo. Se eu tinha alguma certeza com relação a Stephen Bonnet era a de que ele não pagava impostos.

— Não. — Jamie sacudiu a cabeça, tendo evidentemente chegado às mesmas conclusões. Enxugou uma gota persistente da ponta de seu nariz. — Não há dinheiro em nenhum lugar dessa história. Até mesmo Tryon teve que recorrer ao conde de Hillsborough para conseguir fundos para pagar a milícia. E os Reguladores... — Abanou a mão, descartando a ideia dos Reguladores pagarem a alguém por alguma coisa. — Não sei tudo a respeito de Stephen Bonnet, mas pelo que vi do sujeito, creio que só ouro ou a promessa de ouro o levaria a um campo de batalha.

— É verdade. — O tilintar da porcelana e o retinir da prataria

atravessavam fracamente a janela aberta, acompanhando a voz baixa dos escravos; a mesa estava sendo posta para o jantar. — Acho que não há a menor possibilidade de Bonnet ser James MacQuiston, há?

Ele riu, o rosto relaxando pela primeira vez.

— Não, Sassenach. Disso eu tenho certeza. Stephen Bonnet não sabe ler ou escrever mais do que seu nome.

Fitei-o, surpresa.

— Como sabe disso?

— Samuel Cornell me contou. Ele próprio não conheceu Bonnet pessoalmente, mas disse que Walter Priestly o procurou certa vez, para pedir dinheiro emprestado com grande urgência. Ele ficou surpreso, pois Priestly é um homem rico, mas Priestly disse-lhe que ele tinha um carregamento de navio chegando que precisava ser pago em ouro, pois o homem que o estava trazendo não aceitava recibos de armazém, dinheiro da Proclamação ou mesmo letras de câmbio. Ele não confiava em palavras no papel que ele próprio não conseguia ler, nem confiava em ninguém que as lesse para ele. Somente ouro serviria.

— Sim, isso se parece com Bonnet. — Eu estava segurando seu casaco dobrado sobre o braço. Sacudi-o e comecei a bater a poeira vermelha das abas, desviando o rosto das nuvens de pó. — O que você disse a respeito de ouro... acha que Bonnet podia estar em Alamance por coincidência? A caminho de River Run, talvez?

Ele considerou a ideia por um instante, mas depois sacudiu a cabeça, desenrolando as mangas da camisa.

— Não foi uma grande guerra, Sassenach, não o tipo de coisa em que um homem poderia ser pego de surpresa e levado de roldão. Os exércitos ficaram frente a frente por mais de dois dias e as linhas de sentinelas tinham mais buracos do que uma rede de pescar; qualquer um poderia ter deixado Alamance ou se escondido nas redondezas. E Alamance não fica perto de River Run. Não, quem quer que tenha tentado matar Roger foi alguém que estava lá por conta própria.

— Então estamos de volta ao misterioso sr. MacQuiston, quem quer que seja.

— Talvez — ele disse, em dúvida.

— Porém, quem mais poderia ser? — protestei. — Certamente ninguém entre os Reguladores poderia ter alguma coisa pessoal contra Roger!

— Acreditamos que não — Jamie admitiu. — Mas só vamos saber quando o rapaz puder nos dizer, não é?

Após o jantar — durante o qual naturalmente não houve nenhuma menção a MacQuiston, Stephen Bonnet ou qualquer coisa de natureza

incômoda — eu subi para ver como Roger estava. Jamie me acompanhou e silenciosamente despachou a escrava sentada junto à janela, remendando roupas. Alguém tinha que permanecer com Roger o tempo inteiro, para se certificar de que o tubo em sua garganta não entupisse ou se deslocasse, já que era ainda sua única forma de respiração. Ainda se passariam vários dias antes que o inchaço dos tecidos mutilados de sua garganta diminuísse o bastante para que eu me arriscasse a remover o tubo.

Jamie esperou até eu acabar de verificar o pulso e a respiração de Roger, e em seguida sentou-se à cabeceira da cama.

— Sabe os nomes dos homens que o denunciaram? — ele perguntou sem preliminares. Roger ergueu os olhos para ele, franzindo a testa, as sobrancelhas castanho-escuras unidas. Depois, balançou a cabeça devagar e levantou apenas um dedo.

— Um deles. Quantos havia?

Três dedos. Portanto, isso combinava com a lembrança de Tryon.

— Eram Reguladores?

Um sinal afirmativo da cabeça.

Jamie olhou para mim, depois novamente para Roger.

— Não era Stephen Bonnet?

Roger sentou-se na cama com um salto, a boca aberta. Agarrou o tubo em sua garganta, esforçando-se inutilmente para falar e sacudindo a cabeça violentamente.

Agarrei-o pelo ombro, uma das mãos segurando o tubo. A violência do movimento de Roger quase arrancara o tubo da incisão e um filete de sangue escorreu pelo seu pescoço onde o ferimento reabriria. O próprio Roger parecia alheio a isso; seus olhos estavam fixos nos de Jamie e sua boca trabalhava ansiosamente, fazendo perguntas mudas.

— Não, não. Se você não o viu, então ele não estava lá. — Jamie segurou-o com firmeza pelo outro ombro, ajudando-me a recostá-lo no travesseiro. — E só que Tryon descreveu o homem que o traiu como um sujeito alto, de cabelos louros. De olhos verdes, talvez. Achamos que talvez...

O rosto de Roger relaxou diante das palavras de Jamie. Ele sacudiu a cabeça outra vez e deixou-se afundar para trás novamente, a boca um pouco torcida. Jamie continuou a pressionar.

— Mas você conhece o sujeito. Já o encontrara antes? — Roger desviou o olhar, balançou a cabeça, depois estremeceu. Ele parecia tanto irritado quanto desamparado; eu podia ouvir sua respiração se acelerar, sibilando pelo tubo âmbar. Limpei a garganta significativamente, franzindo a testa para Jamie. Roger estava fora de

perigo imediato; isso não significava que ele estava bem, nem de longe.

Jamie me ignorou. Ele pegara a caixa de material de desenho de Brianna quando subiu para o quarto; colocando uma folha de papel sobre ela, colocou-a no colo de Roger, depois estendeu para ele um dos bastões de carvão endurecido.

— Quer tentar de novo? — Ele vinha tentando conseguir que Roger se comunicasse por papel desde que ele recobrava completamente a consciência, mas as mãos de Roger estavam inchadas demais sequer para se fecharem em torno de uma caneta. Ainda estavam infladas e machucadas, mas o uso constante de sanguessugas e delicadas massagens melhoraram sua condição a ponto de ao menos parecerem vagamente mãos outra vez.

Os lábios de Roger comprimiram-se momentaneamente, mas ele envolveu a mão desajeitadamente ao redor do carvão. Os primeiros dois dedos daquela mão estavam quebrados; as talas projetavam-se num grosseiro "V", o que eu achei adequado naquelas circunstâncias.

Roger franziu a testa, concentrado, e começou a rabiscar algo devagar. Jamie observava intensamente, segurando o papel com as duas mãos em cima da caixa, para impedir que escorregasse.

O bastão de carvão quebrou-se ao meio, os fragmentos voando pelo chão. Fui pegá-los, enquanto Jamie inclinava-se com o cenho franzido sobre a folha de papel rabiscada. Havia um esparramado "W" e um "M", depois um espaço, e um distorcido "MAC".

— William? — Ergueu os olhos para Roger em busca de confirmação. O suor brilhava nas faces de Roger, mas ele balançou a cabeça, quase imperceptivelmente.

— William Mac — eu disse, espreitando por cima do ombro de Jamie. — Um escocês, portanto... ou um nome escocês, ao menos? — Não que isso reduzisse muito as possibilidades: MacLeod, MacPherson, MacDonald, MacDonnel, Mac... Quiston?

Roger ergueu a mão e bateu-a contra o peito. Bateu-a novamente e balbuciou uma palavra. Lembrando-me dos jogos de adivinhação, desta vez fui mais rápida do que Jamie.

— MacKenzie? — perguntei, e fui recompensada com um rápido lampejo de olhos verdes e um sinal afirmativo com a cabeça.

— MacKenzie. William MacKenzie. — Jamie franziu as sobrancelhas, obviamente percorrendo sua lista mental de nomes e rostos, porém sem encontrar uma combinação.

Eu observava o rosto de Roger. Ainda muito machucado, também ele começava a parecer mais normal, apesar da marca lívida sob seu

maxilar, e eu achei que havia algo estranho em sua expressão. Eu podia ver a dor física em seus olhos, a sensação de impotência e a frustração por sua incapacidade imediata de dizer a Jamie o que ele queria saber, mas eu achei que havia algo mais ali também. Raiva, sem dúvida, mas algo como assombro, também.

— Você conhece algum William MacKenzie? — perguntei a Jamie, que tamborilava os dedos de leve na mesa enquanto pensava.

— Sim, quatro ou cinco — ele respondeu, as sobrancelhas ainda franzidas em concentração. — Na Escócia. Mas nenhum aqui e nenhum que...

A mão de Roger ergueu-se abruptamente à palavra "Escócia" e Jamie parou, o olhar fixo no rosto de Roger como um cão que aponta a caça.

— Escocês — ele disse. — Algo sobre a Escócia? O sujeito é um novo imigrante?

Roger sacudiu a cabeça violentamente, depois parou bruscamente, fazendo uma careta de dor. Fechou os olhos com força por um momento, em seguida abriu-os e acenou agitadamente para os pedaços do carvão que eu ainda tinha nas mãos.

Foram necessárias várias tentativas e, ao final, Roger deitou-se exausto no travesseiro, o pescoço de seu camisão de dormir úmido de suor e manchado do sangue de sua garganta. O resultado do seu esforço era borrado e irregular, mas eu pude ler a palavra com clareza.

Dougal, dizia. O olhar de interesse de Jamie aguçou-se, adquirindo um tom de cautela.

— Dougal — ele repetiu cuidadosamente. Ele também conhecia vários Dougals; alguns deles residentes na Carolina do Norte. — Dougal Chisholm? Dougal O'Neill?

Roger sacudiu a cabeça e o tubo em sua garganta assobiou com o ar exalado. Ele ergueu a mão e apontou enfaticamente para Jamie, os dedos imobilizados golpeando. Obtendo apenas um olhar inexpressivo em resposta, ele tateou em busca do pedaço de carvão outra vez, mas ele rolou da caixa de desenho, estilhaçando-se no chão.

Seus dedos estavam sujos de pó de carvão. Com uma careta, ele pressionou a ponta do dedo anular contra a página e, à força de usar todos os dedos um após o outro, produziu um rabisco fraco e borrado que disparou um pequeno choque elétrico da base da minha espinha para cima.

Geilie, dizia.

Jamie olhou fixamente para o nome por um instante. Então vi um pequeno estremecimento perpassá-lo, e ele se benzeu.

— A Dhia — ele disse baixinho, e olhou para mim. A compreensão do alcance daquela revelação se tornou quase palpável entre nós; Roger viu e deixou-se cair pesadamente sobre o travesseiro, exalando ruidosamente através do tubo de respiração.

— O filho de Dougal e Geillis Duncan — Jamie disse, virando-se para Roger com a incredulidade estampada no rosto largo. — Ele recebeu o nome de William, eu acho. É isso o que você quer dizer? Tem certeza?

Um breve sinal afirmativo e os olhos de Roger se fecharam. Em seguida, abriram-se novamente; um dos dedos imobilizados ergueu-se, oscilando, e apontou para o próprio olho — um verde-escuro, límpido, verde-musgo. Ele estava branco como o lençol de linho em que estava deitado, e seus dedos sujos de carvão tremiam. Sua boca se contorcia; ele queria muito falar, explicar — mas explicações adicionais iriam ter que esperar, ao menos por enquanto.

Deixou a mão cair e seus olhos se fecharam outra vez.

A revelação da identidade de William Buccleigh MacKenzie não alterou a urgente ânsia de Jamie de agarrá-lo, mas mudou sua intenção de assassiná-lo imediatamente, assim que fosse encontrado. No cômputo geral, eu estava agradecida pelas pequenas bênçãos.

Brianna, convocada de sua pintura para uma consulta, chegou ao meu quarto em seu avental, cheirando fortemente a terebintina e óleo de linhaça, com um borrão de azul-cobalto no lóbulo de uma das orelhas.

— Sim — ela respondeu, desnorteada com as perguntas abruptas de Jamie.

— Ouvi falar dele. William Buccleigh MacKenzie. A criança trocada.

— O quê? — As sobrancelhas de Jamie ergueram-se repentinamente na direção da linha do cabelo.

— É como eu o chamava — expliquei. — Quando vi a árvore genealógica de Roger e compreendi quem William Buccleigh MacKenzie deveria ser. Dougal deu a criança a William e Sarah MacKenzie, lembra-se? E eles lhe deram o nome da criança que haviam perdido dois meses antes.

— Roger mencionou que ele havia visto William MacKenzie e sua mulher a bordo do Gloriana, quando veio da Escócia para a Carolina do Norte — Bri disse. — Mas disse que só percebeu quem era o sujeito mais tarde e não teve tempo de conversar com ele. Então ele está aqui, William, quero dizer, mas por que ele iria tentar matar Roger... e por que dessa forma? — Ela estremeceu brevemente, embora o aposento

estivesse bastante quente. Era começo de verão e mesmo com as janelas abertas o ar estava quente e úmido.

— Ele é o filho da bruxa — Jamie disse sucintamente, como se isso fosse uma resposta suficiente, e talvez fosse.

— Eles também pensaram que eu era uma bruxa — eu o lembrei, com certo sarcasmo. Ele me ofereceu um olhar azul de viés e uma curva da boca.

— É verdade — ele disse. Pigarreou e passou a manga da camisa pela testa suada. — Sim, bem. Acho que devemos esperar e descobrir. E ter um nome ajuda bastante. Vou falar com Duncan e Farquard; vou pedir a eles que espalhem a notícia. — Respirou fundo, exasperado, e expirou novamente.

— Mas o que devo fazer quando encontrá-lo? Filho de bruxa ou não, ele é meu próprio sangue, não posso matá-lo. Não depois que Dougal... — Parou a tempo e tossiu. — Quer dizer, ele é filho de Dougal. É meu próprio primo, pelo amor de Deus.

Eu sabia o que ele realmente queria dizer. Quatro pessoas sabiam o que acontecera naquele sótão em Culloden House, no dia anterior àquela distante batalha. Um deles estava morto, o outro desaparecera e era quase certo que também tivesse sido morto, no tumulto do Levante. Restava apenas eu como testemunha do sangue de Dougal e da mão que o derramara. Independentemente do crime que William Buccleigh MacKenzie tivesse cometido, Jamie não o mataria, em consideração ao pai.

— Você pretendia matá-lo? Antes de descobrir quem ele era? — Bri não parecia chocada com a ideia. Ela segurava um trapo sujo de tinta nas mãos e o revolia devagar.

Jamie virou-se para olhar para ela.

— Roger Mac é seu marido, filho da minha casa — ele disse, muito seriamente. — É claro que eu pretendia vingá-lo.

Brianna lançou um olhar para mim, depois o desviou. Parecia pensativa, com uma certa determinação que me deu um ligeiro calafrio de ver.

— Ótimo — ela disse, muito suavemente. — Quando encontrar William Buccleigh MacKenzie, eu quero saber. — Ela dobrou o pano, enfiou no bolso do seu avental e voltou ao seu trabalho.

Brianna raspou uma minúscula borbulha de verde viridiano na borda de sua palheta e puxou um filete desse pigmento para dentro da grande mancha cinza-clara que havia criado. Ela hesitou um momento, inclinando a palheta de um lado para o outro à luz que vinha da janela para avaliar a cor, depois acrescentou um leve toque

de cobalto do outro lado da mancha, produzindo uma gama de tons sutis que iam do azul-acinzentado ao verde-acinzentado, tudo tão suave que mal poderia ser distinguido do branco por um olho menos treinado.

Pegou um dos pincéis grossos e curtos e trabalhou os tons de cinza ao longo da curva do maxilar em sua tela com minúsculas pinceladas sobrepostas. Sim, estava bom; pálido como porcelana queimada, mas com uma sombra vívida por baixo — algo ao mesmo tempo delicado e simples.

Ela pintava com uma profunda concentração, que excluía tudo a sua volta, absorva na visão dupla de um artista, comparando a imagem em evolução na tela com aquela tão imutavelmente gravada em sua lembrança. Não é que nunca tivesse visto uma pessoa morta antes. Seu pai — Frank — tivera um funeral com caixão aberto e ela comparecera às exéquias de amigos idosos da família em sua própria época também. Mas as cores da arte do embalsamador eram rústicas, quase grosseiras em comparação com as de um cadáver recente. Ela ficara estupefata com o contraste.

Era o sangue, ela pensou, pegando um pincel bem fino para acrescentar um ponto de verde viridiano puro na curva profunda da órbita. Sangue e osso — mas a morte não altera a curva dos ossos, nem as sombras que eles lançam. O sangue, entretanto, colore essas sombras. Em vida, você exhibe os azuis, vermelhos, rosas e lilases do sangue em movimento sob a pele; na morte, o sangue parado, empoçado e escurecido... argila-azulada, violeta, índigo, púrpura-amarronzada... e algo novo: aquele verde delicado, temporário, quase imperceptível, que a mente do artista classificava com brutal clareza de "início da decomposição".

Vozes desconhecidas vinham do vestíbulo e ela ergueu os olhos, desconfiada. Phoebe Sherston gostava de trazer visitas para admirar a pintura em andamento. Normalmente Brianna não se importava em ser observada ou em falar sobre o que estava fazendo, mas aquele era um trabalho delicado e com tempo limitado; ela não podia trabalhar com essas cores sutis a não ser por um curto período de tempo, logo antes do pôr do sol, quando a luz era clara, mas difusa.

As vozes, entretanto, passaram à sala de visitas, e ela relaxou, pegando o pincel grosso outra vez.

Ela evocou novamente a imagem em sua mente; o homem morto que haviam estendido sob uma árvore em Alamance, perto do improvisado hospital de campanha de sua mãe. Ela achava que ficaria chocada com ferimentos de batalha e morte — e no entanto ficou chocada com seu próprio fascínio. Vira cenas terríveis, mas não era como estar presente às cirurgias normais de sua mãe, quando havia

tempo para sentir compaixão pelos pacientes, reparar em todas as pequenas indignidades e vilanias da carne fraca. As coisas aconteciam rápido demais em um campo de batalha; havia muito a ser feito, não havia lugar para melindres.

E, apesar da pressa e da urgência, cada vez que passara junto àquela árvore, ela parara por um instante. Inclina-se para afastar o cobertor do morto e olhar seu rosto; assombrada com seu próprio fascínio, mas não fazendo nenhum esforço para resistir a ele — gravando na memória a surpreendente e inexorável mudança de cores e sombras, o enrijecimento de músculos e a alteração de forma, conforme a pele se assentava e se agarrava ao osso, e os processos da morte e decomposição que começavam a operar sua terrível mágica.

Ela não pensara em perguntar o nome do morto. Teria sido insensível?, perguntou-se. Provavelmente; o fato era que todos os seus sentimentos estavam tomados na época — e ainda estavam. Ainda assim, fechou os olhos por um instante e fez uma rápida prece para o repouso da alma do modelo desconhecido.

Abriu os olhos e viu que a luz se esvaía. Raspou a palheta e começou a lavar os pincéis e as mãos, retornando lentamente e com relutância ao mundo exterior.

Jem já devia ter tomado banho e jantado, mas ele se recusava a ir dormir sem ser amamentado e ninado. Seus seios pinicaram ligeiramente à ideia; estavam agradavelmente cheios, embora raramente ficassem intumescidos de forma excruciante, desde que ele começara a comer alimentos sólidos e assim reduzira suas exigências vorazes sobre ela.

Iria amamentar Jem e colocá-lo para dormir, e depois desceria para seu próprio jantar atrasado na cozinha. Ela não jantara com os outros, querendo aproveitar a luz da tarde, e seu estômago roncava baixinho enquanto os persistentes aromas de comida no ar substituíam os cheiros adstringentes de óleo de linhaça e terebintina.

E depois... depois ela iria ver Roger. Seus lábios se comprimiram diante do pensamento; ela percebeu e forçou a boca a relaxar, soltando o ar de modo que seus lábios vibrassem com um ruído flatulento, como o de um barco a motor.

Nesse infeliz momento, a cabeça enchapelada de Phoebe Sherston enfiou-se pela porta. Ela piscou ligeiramente, mas teve boas maneiras suficientes para fingir que não vira nada.

— Oh, minha querida, aí está você! Venha até a sala de visitas por um instante, sim? O sr. e a sra. Wilbur estão tão ansiosos para conhecê-la.

— Oh, bem, sim, claro — Brianna disse, com a doçura que

consegui reunir. Gesticulou, indicando seu avental sujo de tinta. — Deixe-me apenas ir trocar...

A sra. Sherston abanou a mão, descartando o avental, obviamente querendo exibir sua obediente artista vestida a caráter.

— Não, não se preocupe com isso. Estamos bem à vontade esta noite. Ninguém vai se importar.

Brianna moveu-se com relutância na direção da sala de visitas.

— Está bem. Mas só um minuto, tenho que colocar Jem para dormir.

A boca rosada da sra. Sherston contraiu-se ligeiramente com isso; ela não via razão para que suas escravas não pudessem cuidar completamente da criança — mas ela ouvira as opiniões de Brianna sobre isso antes e tinha o bom senso de não contrariar.

Os pais de Brianna estavam na sala de visitas com os Wilbur, que eram um casal idoso e gentil — o que sua mãe chamaria de "Darby e Joan", o protótipo do plácido e monótono casal de meia-idade. Eles fizeram os comentários adequados sobre sua aparência, insistiram educadamente em ver o quadro, expressaram profunda admiração tanto pelo tema quanto pela pintora — embora pestanejando ligeiramente diante do primeiro — e de uma forma geral se comportaram com tal gentileza que ela se sentiu relaxar.

Estava prestes a se retirar, quando o sr. Wilbur aproveitou uma trégua na conversa para se voltar para ela, sorrindo com benevolência.

— Pelo que sei, a senhora é merecedora de nossas felicitações, sra. MacKenzie.

— Oh? Ah... obrigada — ela disse, sem saber por que estava sendo parabenizada. Olhou para sua mãe em busca de uma pista. Claire fez uma leve careta e olhou para Jamie, que tossiu.

— O governador Tryon concedeu a seu marido cinco mil acres de terras, no interior — ele disse. Sua voz era uniforme e calma, quase insípida.

— É mesmo? — Sentiu-se momentaneamente confusa. — E por quê?

Houve uma breve manifestação de constrangimento entre o grupo, com tosses discretas e troca de olhares entre os casais Sherston e Wilbur.

— Compensação — sua mãe disse sucintamente, lançando seu próprio olhar de casal para Jamie.

Então Brianna compreendeu. Ninguém seria tão rude de mencionar o enforcamento acidental de Roger abertamente, mas era uma história

sensacional demais para não ter circulado pela sociedade de Hillsborough. Ela compreendeu repentinamente que o convite da sra. Sherston a seus pais e Roger talvez não tivesse sido motivado puramente por bondade. A notoriedade de ter o enforcado como hóspede concentrava as atenções de Hillsborough nos Sherston de uma forma muito gratificante — melhor ainda do que ter um retrato pouco convencional pintado.

— Espero que seu marido esteja se recuperando a contento, minha cara. — A sr. Wilbur educadamente preencheu a lacuna na conversa. — Lamentamos muito saber do seu ferimento.

Ferimento. Essa era a descrição mais circunspecta possível da situação que se poderia imaginar.

— Sim, ele está bem melhor, obrigada — ela disse, sorrindo o mais breve que a educação permitia antes de se voltar para seu pai.

— Roger sabe disso? A concessão de terras?

Ele olhou para ela, depois desviou o olhar e pigarreou.

— Não. Achei que talvez você mesma quisesse contar a ele.

Sua primeira reação foi de gratidão; ela teria algo a dizer a Roger. Era uma situação estranha, falar com alguém que não podia responder. Ela armazenava assuntos de conversa durante o dia; pequenos pensamentos ou acontecimentos que podia transformar em histórias, contar a ele quando fosse vê-lo. Mas seu estoque de histórias logo se esgotava e a deixava sentada junto à cama dele, com um discurso vazio.

Sua segunda reação foi de aborrecimento. Por que seu pai não lhe contara particularmente, em vez de expor os assuntos de família a estranhos? Então ela percebeu a sutil troca de olhares entre seus pais e compreendeu que sua mãe acabara de perguntar isso a ele, silenciosamente — e ele respondera, com o mais leve piscar de olhos na direção do sr. Wilbur, depois na direção da sra. Sherston, antes que as longas pestanas castanho-avermelhadas se abajassem para ocultar seu olhar.

Melhor falar a verdade diante de uma testemunha confiável, sua expressão dizia, do que deixar que os mexericos se espalhassem por conta própria.

Ela nunca teve grande consideração pela própria reputação, mas havia apreendido o suficiente das realidades sociais para compreender que um escândalo poderia realmente prejudicar seu pai. Se uma falsa informação circulasse, por exemplo, de que Roger de fato fora um líder dos Reguladores, a própria lealdade de Jamie estaria sob suspeita.

Ela começara a compreender, pelas conversas na sala de visitas dos Sherston nas últimas semanas, que a Colônia era uma grande teia de aranha. Havia incontáveis linhas de comércio ao longo das quais as poucas aranhas maiores — e inúmeras menores — teciam seus fios, sempre atentas ao débil zumbido de agonia de uma mosca que houvesse cometido o erro estúpido de cair na teia, sempre tecendo um fio mais fino, um elo rompido. (

As aranhas menores deslizavam cautelosamente pelas beiradas da teia, sempre de olho nos movimentos das maiores, pois as aranhas são canibais, assim como os homens ambiciosos, ela refletiu.

Seu pai tinha uma posição proeminente, mas não tão segura que pudesse resistir aos efeitos insidiosos dos mexericos e das desconfianças. Ela e Roger haviam conversado sobre isso em particular, especulando; as linhas de fratura já estavam lá, bastante óbvias para alguém que sabia o que estava por vir; as tensões e pressões que se aprofundariam em repentino abismo — fundo o suficiente para separar as colônias da Inglaterra.

Se deixassem a tensão crescer demais, e rápido demais, se deixassem os fios entre Frasers Ridge e o resto da colônia se esgarçarem demais... eles poderiam se romper, enrolando suas pontas pegajosas num espesso casulo ao redor de sua família e deixando-os suspensos por um fio — sozinhos e à mercê daqueles que viriam sugar seu sangue.

Você está mórbida esta noite, pensou consigo mesma, amargamente rindo da escolha de imagens de sua mente. Imaginava que pintar a morte causasse isso.

Nem os Wilbur, nem os Sherston pareciam ter notado seu estado de espírito; sua mãe notara, e lançou lhe um olhar longo e pensativo — mas não disse nada. Ela trocou mais algumas amenidades, depois pediu licença para se retirar.

Seu humor não melhorou com a descoberta de que Jemmy se cansara de esperar por ela e adormecera, o rosto marcado de lágrimas. Ajoelhou-se junto ao seu berço por um instante, uma das mãos pousada de leve em suas costas, esperando que ele sentisse sua presença e acordasse. Suas costas pequeninas ergueram-se e abaixaram-se no ritmo cálido da paz absoluta, mas ele não se mexeu. O suor brilhava nas dobrinhas de seu pescoço.

O calor do dia subia e o segundo andar da casa era sempre quente à noite. A janela, é claro, estava firmemente fechada, por medo de que o ar da noite entrasse e fizesse mal ao bebê. A sra. Sherston não tinha filhos, mas ela sabia quais precauções deviam ser tomadas.

Nas montanhas, Brianna não teria hesitado em abrir a janela.

Numa cidade densamente povoada como Hillsborough, cheia de estranhos do litoral e repleta de cochos de cavalos com água estagnada e poços malcheirosos...

Pesando o perigo relativo de mosquitos transmissores de malária com o sufocamento, Brianna finalmente resolveu retirar a colcha leve de seu filho e delicadamente remover sua camisola, deixando-o confortavelmente espalhado em seu lençol apenas de fralda, a pele macia úmida e rosada à luz turva.

Suspirando, apagou a vela e saiu, deixando a porta aberta para que pudesse ouvir caso ele acordasse. Já estava quase escuro agora; a luz subia do andar de baixo pelo balaústre, mas o corredor do andar superior permanecia imerso nas sombras. As mesas douradas da sra. Sherston e os retratos dos ancestrais do sr. Sherston não passavam de formas espectrais na escuridão.

Havia uma luz no quarto de Roger; a porta estava fechada, mas um leque de um suave clarão de vela espalhava-se pelas tábuas enceradas do chão, atingindo a borda da passadeira azul do corredor. Ela dirigiu-se à porta, a fome de comida adiada por uma fome maior de contato. Seus seios haviam começado a doer.

Uma criada cochilava no canto, as mãos abandonadas no tricô que caíra em seu colo. Ela sacudiu-se, sobressaltada, quando a porta se abriu, e piscou para Brianna com ar de culpa.

Bri olhou imediatamente para a cama, mas tudo estava em ordem; podia ouvir o silvo e o suspiro da respiração dele. Franziu um pouco a testa para a mulher, mas fez um gesto breve, dispensando-a. A mulher pegou desajeitadamente a meia inacabada e saiu apressadamente, evitando o olhar de Brianna.

Roger estava deitado, os olhos fechados, um lençol cuidadosamente estendido sobre os ângulos agudos de seu corpo. Ele está tão magro, ela pensou, como emagreceu tanto, tão depressa? Ele não conseguia engolir mais do que algumas colheradas de sopa e o caldo de penicilina de Claire, mas dois ou três dias seriam suficientes para deixar seus ossos tão proeminentes?

Então ela compreendeu que provavelmente ele já estava magro do estresse da campanha, seus pais também estavam mais magros do que o normal. A proeminência dos ossos dele fora disfarçada pelo terrível inchaço de suas feições; agora que o inchaço cedera, as maçãs de seu rosto estavam altas e macilentas, a linha dura, graciosa, de seu maxilar novamente visível, destacando-se acima do linho branco da bandagem ao redor de sua garganta lacerada.

Ela percebeu que estava olhando fixamente para seu maxilar, avaliando a cor das manchas descoradas. O amarelo-verde das

manchas que se curavam era diferente do delicado cinza-verde da morte recente; igualmente doentia, contudo uma cor de vida. Respirou fundo e percebeu de repente que a janela naquele quarto também estava fechada e o suor escorria pelas suas costas, infiltrando-se desagradavelmente entre suas nádegas.

O barulho do caixilho da janela subindo o acordou — ele virou a cabeça no travesseiro e sorriu debilmente ao vê-la.

— Como vai? — Ela falou num sussurro, como se estivesse numa igreja. Sua própria voz sempre lhe parecia alta demais.

Ele ergueu ligeiramente um dos ombros, mas formulou um "OK" mudo. Ele parecia definhado e úmido, os cabelos escuros em suas têmporas encharcados de suor.

— Está quente demais, não? — Abanou a mão na direção da janela, por onde o ar quente, mas em movimento, entrava. Ele balançou a cabeça, puxando a gola de sua camisa com uma das mãos enfaixadas. Ela entendeu e desabotoou-a, abrindo a gola até onde era possível, para expor seu peito à brisa.

Seus mamilos eram pequenos e perfeitos, as auréolas marrom-rosadas sob os pelos escuros e encaracolados. A visão a fez lembrar de seus próprios seios cheios de leite e por um instante ela sentiu o desejo insano de levantar a cabeça dele, abaixar a combinação e colocar a sua boca em seu seio. Teve uma rápida e vívida lembrança do momento em que ele fizera isso, sob os salgueiros em River Run, e uma onda de calor se espalhou por ela, fazendo-a fremir dos seios ao útero. Com o rubor subindo ao seu rosto, ela virou-se para examinar os alimentos disponíveis na mesinha de cabeceira.

Havia caldo de carne frio — temperado com penicilina — numa tigela coberta e um frasco de chá adoçado com mel ao lado. Ela pegou a colher e ergueu uma das sobrelhas inquisitivamente, a mão pairando acima da mesinha.

Ele fez uma leve careta, mas indicou o caldo com um leve sinal com a cabeça. Ela pegou a tigela e sentou-se no banco ao lado dele.

— Abra a porta do estábulo — ela disse animadamente, girando a colher na direção de sua boca como se ele fosse Jem. — Laaaaá vai o cavalinho! — Ele revirou os olhos para cima, exasperado.

— Quando eu era pequena — ela disse, ignorando sua cara feia, — meus pais diziam coisas como "Lá vai o rebocador, abra a ponte levadiça!", "Abra a garagem, lá vai o carro!", mas não posso usar isso com Jem. Sua mãe fazia aviõezinhos e carros?

Seus lábios contorceram-se, mas finalmente esboçaram um sorriso relutante. Ele sacudiu a cabeça e ergueu uma das mãos, apontando

para o teto. Ela virou-se e viu um ponto escuro na argamassa. Olhando mais de perto, pôde ver que se tratava de uma abelha errante, que se desviara do jardim durante o dia e entrara no quarto por engano, e agora permanecia nas sombras, sonolenta.

— Ah, é? OK, lá vai a abelhinha — ela disse, mais suavemente, deslizando a colher para dentro de sua boca. — Bzzz, bzzz, bzzz.

Ela não conseguiu manter o ar brincalhão, mas o ambiente relaxou um pouco. Falou de Jem, que agora tinha uma nova palavra preferida: "agaga", mas ninguém ainda descobrira o que ele queria dizer com isso.

— Achei que talvez significasse "gato", mas ele chama o gato de "miau— miau". — Limpou uma gota de suor da testa com as costas da mão, depois serviu nova colherada.

— A sra. Sherston diz que ele já devia estar andando — ela disse, os olhos fixos na boca de Roger. — Os filhos de sua irmã já andavam quando tinham um ano, é claro! Mas eu perguntei à mamãe e ela disse que estava tudo bem. Ela disse que as crianças andam quando estão prontas, o que pode ocorrer a qualquer momento entre dez meses e até dezoito meses, mas quinze meses é mais ou menos o normal.

Ela precisava observar sua boca, a fim de guiar a colher, mas em parte tinha medo do que poderia ver naquelas profundezas escuras e esverdeadas; seria o Roger que ela conhecia ou o estranho mudo — o enforcado?

— Oh, quase me esqueci. — Interrompeu-se no meio de um relato sobre os Wilbur. Ela não havia esquecido, mas não quis revelar a notícia bruscamente. — Papai conversou com o governador esta tarde. O governador está lhe dando uma concessão de terras. Cinco mil acres. — No mesmo instante em que disse isso, ela percebeu o absurdo da questão. Cinco mil acres de terras incultas em troca de uma vida quase perdida. Cancele o "quase", pensou repentinamente, olhando para Roger.

Ele franziu a testa para ela no que parecia uma expressão de perplexidade, depois sacudiu a cabeça e se recostou no travesseiro, os olhos fechados. Ergueu as mãos e deixou-as cair, como se fosse simplesmente demais pedir-lhe que contemplasse a ideia. Talvez fosse.

Ficou parada, observando-o em silêncio, mas ele não abriu os olhos. Havia sulcos profundos entre suas sobrancelhas.

Movida pela necessidade de tocá-lo, para transpor a barreira de silêncio, ela percorreu a mancha arroxeadada sobre sua face, os dedos deslizando, mal tocando sua pele.

Ela podia ver os contornos estranhamente indistintos da mancha,

quase podia ver o sangue escuro, coagulado, sob a pele, onde os vasos capilares haviam se rompido. Começavam a amarelar; sua mãe lhe dissera que os leucócitos do corpo concentravam-se no local de um ferimento, onde gradualmente decompunham as células feridas, cuidadosamente reciclando o sangue derramado; a alteração das cores era o resultado dessa limpeza celular.

Os olhos de Roger se abriram, fixaram-se no rosto de Bri, sua própria expressão impassível. Ela sabia que parecia preocupada, e tentou sorrir.

— Você não parece morto — ela disse. Isso quebrou a expressão impassível. As sobrancelhas dele ergueram-se e um leve brilho de humor surgiu em seus olhos.

— Roger... — Sem encontrar as palavras, ela aproximou-se dele impulsivamente. Ele enrijeceu-se um pouco, encolhendo-se instintivamente para proteger o frágil tubo em sua garganta, mas ela passou os braços ao redor de seus ombros, com cuidado, mas precisando desesperadamente sentir a substância de sua carne.

— Eu o amo — ela sussurrou, e sua mão apertou o músculo de seu braço, instando-o a acreditar.

Ela beijou-o. Os lábios dele estavam quentes e secos, familiares — e no entanto uma sensação de choque percorreu-a. Nenhum sopro de ar moveu-se contra seu rosto, nenhum hálito quente tocou-a, vindo de seu nariz ou de sua boca. Era como beijar uma máscara. Ar, umidade das profundezas secretas de seus pulmões, sibilava frio do tubo âmbar contra seu pescoço, como a exalação de uma caverna. Seus braços se arriaram e ela recuou, esperando que seu rosto não demonstrasse nem choque, nem repulsa.

Os olhos dele estavam fechados, bem apertados. O músculo de seu maxilar inflou-se; ela viu a mudança da sombra ali.

— Você... descanse — ela conseguiu dizer, a voz trêmula. — Eu... eu vejo você de manhã.

Desceu as escadas, mal notando que o castiçal no corredor estava aceso agora, ou que a criada de prontidão deslizou silenciosamente das sombras de volta para o quarto.

Sua fome voltara, mas ela não desceu em busca de comida. Primeiro tinha que fazer alguma coisa com seu leite não utilizado. Virou-se na direção do quarto dos pais, sentindo uma leve corrente de ar mover-se através das sombras sufocantes. Apesar do ar quente e úmido, seus dedos estavam frios, como se a terebintina ainda evaporasse de sua pele.

Ontem à noite, sonhei com minha amiga Deborah. Ela costumava

ganhar dinheiro lendo cartas de tarô no diretório acadêmico; ela sempre quis ler para mim de graça, mas eu não permitia.

A irmã Marie Romaine nos disse na quinta série que os católicos não devem fazer adivinhações, não devíamos tocar em tabuleiros Ouija ou cartas de tarô ou bolas de cristal, porque esse tipo de coisa é tentação do D-I-A-B-O — ela sempre soletrava a palavra, nunca a pronunciava.

Não sei bem onde o diabo entrava em tudo isso, mas de algum modo eu não conseguia deixar que Deb lesse as cartas para mim. Mas, ontem à noite, ela estava em meu sonho.

Eu costumava vê-la fazer leituras para outras pessoas; as cartas do tarô me fascinavam — talvez apenas porque parecessem proibidas. Mas os nomes eram tão interessantes — Arcanos Maiores, Arcanos menores; Cavaleiro de Pentáculos, Valete de Copas, Rainha de Paus, Rei de Espadas. A Imperatriz, o Mago. E o Enforcado.

Bem, com o que mais eu sonharia? Quer dizer, isso não foi um sonho sutil, sem a menor dúvida. Lá estava ele, bem no meio do leque de cartas, e Deb me falava sobre ele.

"Um homem está suspenso por um dos pés de uma trave colocada entre duas árvores. Seus braços, dobrados atrás das costas, juntamente com sua cabeça, formam um triângulo com a ponta para baixo; suas pernas formam uma cruz. Até certo ponto, o Enforcado ainda está ligado à terra, pois seu pé está preso à trave."

Eu podia ver o homem na carta, suspenso da trave, permanentemente entre o céu e a terra. Aquela carta sempre me parecera estranha — o homem não parecia estar nem um pouco preocupado, apesar de estar de cabeça para baixo e de olhos vendados.

Deb continuava a recolher as cartas e a tirar outra vez, e aquela continuava a aparecer.

"O Enforcado representa o processo necessário de entrega e sacrifício. Esta carta tem um profundo significado", ela disse, e olhou para mim, tamborilando o dedo sobre ela. "Mas grande parte do significado é velado. Você tem que descobrir o significado por si mesma. A entrega leva à transformação da personalidade, mas a pessoa tem que conseguir realizar sua própria regeneração."

Transformação da personalidade. É disso que eu tenho medo. Eu gostava da personalidade de Roger exatamente como era!

Bem... bobagem. Não sei até que ponto o D-I-A-B-O tem a ver com isso, mas tenho certeza de que tentar olhar e adivinhar um futuro muito distante é um erro. Pelo menos agora.

OS SONS DO SILÊNCIO

Passaram-se dez dias até o retrato de Penélope Sherston estar terminado e do seu agrado. A essa altura, tanto Isaiah Morton quanto Roger já haviam se recuperado o suficiente para poderem viajar. Considerando a iminência do nascimento do filho de Morton e o perigo para ele de se aproximar quer de Granite Falis ou de Brownsville, Jamie arranjou para ele e Alicia se alojarem com o cervejeiro da cervejaria do sr. Sherston; Isaiah trabalharia como carroceiro para a cervejaria, assim que suas forças permitissem.

— Não consigo imaginar por quê — Jamie me disse em particular, — mas passei a gostar do idiota imoral. Não gostaria de vê-lo assassinado a sangue-frio.

O estado de espírito de Isaiah havia se reanimado espetacularmente com a chegada de Alicia e em uma semana ele já descia as escadas para ficar sentado, observando Alicia como um cachorro dedicado, enquanto ela trabalhava na cozinha, e parar, no caminho de volta para a cama, para oferecer comentários sobre o progresso do retrato da sra. Sherston.

— Não está igualzinho a ela?! — exclamava, admirado, parado em seu camião de dormir à porta da sala de visitas onde as sessões de pintura eram realizadas. — Ora, vendo o retrato, você identifica imediatamente a pessoa.

Pelo fato de a sra. Sherston ter escolhido ser pintada como Salomé, eu não sabia ao certo se isso poderia ser considerado um elogio, mas ela enrubesceu adequadamente e agradeceu a ele, evidentemente reconhecendo a sinceridade em seu tom de voz.

Bri havia de fato feito um excelente trabalho, conseguindo retratar a sra. Sherston tanto realisticamente quanto de uma maneira lisonjeira, porém sem ironia declarada — por mais difícil que essa proeza possa ter sido. O único ponto em que ela havia cedido à tentação foi num pequeno detalhe; a cabeça cortada de são João Batista tinha uma surpreendente semelhança com as feições melancólicas do governador Tryon, mas eu duvidava que alguém pudesse notar, com todo aquele sangue.

Estávamos prontos para ir para casa e a casa estava tomada por um espírito de animada agitação e alívio — com exceção de Roger.

Roger estava sem dúvida melhor, em termos puramente físicos. Suas mãos haviam readquirido os movimentos, exceto pelos dedos quebrados, e a maior parte das manchas roxas no rosto e no corpo já haviam esmaecido. Melhor ainda, o inchaço de sua garganta diminuía tão significativamente que ele já conseguia respirar pela boca e pelo nariz outra vez. Eu pude remover o tubo de sua garganta e costurar a incisão — uma operação pequena, mas dolorosa, que ele aguentara com o corpo rígido e os olhos completamente abertos, olhando fixamente para o teto enquanto eu trabalhava.

No entanto, psicologicamente eu não estava tão certa de sua recuperação. Após costurar sua garganta, eu o ajudara a se sentar, limpava seu rosto e lhe dera um pouco de água misturada com conhaque, como um tônico. Observei atentamente o movimento de sua garganta enquanto ele engolia, depois coloquei os dedos de leve sobre sua garganta, apalpei cuidadosamente e pedi a ele que engolisse outra vez. Fechei os olhos, sentindo o movimento da laringe, os anéis da traqueia enquanto ele engolia, avaliando da melhor maneira possível o grau dos danos ocorridos.

Finalmente, abri os olhos, deparando-me com seus próprios olhos a cinco centímetros dos meus e ainda arregalados, a pergunta fria e contundente como gelo estampada neles.

— Não sei — eu disse finalmente, minha própria voz não mais do que um sussurro. Meus dedos ainda repousavam sobre sua garganta; eu podia sentir a pulsação do sangue pela carótida sob a palma da minha mão, sua vida fluindo logo abaixo da pele. Mas a consistência angular de sua laringe permanecia imóvel sob meus dedos, estranhamente deformada; não senti nenhuma pulsação ali, nenhuma vibração de ar pelas cordas vocais.

— Não sei — repeti, retirando os dedos devagar. — Você quer... tentar agora?

Ele sacudiu a cabeça em resposta e levantou-se da cama, dirigindo-se à janela, ficando de costas para mim. Seus braços seguravam o batente da janela com força, enquanto ele olhava para a rua embaixo, e uma lembrança fraca e desconcertante agitou-se em minha mente.

Foi numa noite enluarada, aquela ocasião, não em pleno dia — em Paris. Eu acordara e vira Jamie de pé no vão da janela, as cicatrizes em suas costas palidamente prateadas, os braços agarrados ao batente e o corpo brilhando de suor frio. Roger também estava suando, do calor; o linho de sua camisa grudava em sua pele — e os contornos de seu corpo eram exatamente os mesmos; a expressão de um homem preparado para lutar contra o medo; alguém que escolhera enfrentar seus demônios sozinho.

Eu podia ouvir vozes na rua lá embaixo; Jamie, voltando do acampamento, com Jemmy seguro à sua frente na sela. Ele criara o hábito de levar Jem com ele em suas andanças diárias, para que Bri pudesse se concentrar em seu trabalho. Em consequência, Jemmy aprendera quatro palavras novas — somente duas delas obscenas — e o melhor casaco de Jamie exibia manchas de geleia e cheirava a fralda suja, mas ambos pareciam bastante satisfeitos com o arranjo.

A voz de Bri veio fluando de baixo, rindo enquanto saía para pegar o filho. Roger permanecia imóvel como se fosse esculpido em madeira. Não podia chamá-los, mas poderia ter batido no batente da janela ou feito algum outro barulho, acenado para eles. Mas ele não se mexeu.

Após um instante, levantei-me silenciosamente e deixei o aposento, sentindo um bolo na garganta, impossível de engolir.

Depois que Bri levava Jemmy para seu banho, Jamie contou-me que Tryon havia libertado a maioria dos homens capturados na batalha.

— Um deles é Hugh Fowles. — Ele deixou seu casaco de lado e abriu a gola da camisa, levantando o rosto para a ligeira brisa que entrava pela janela.

— Eu falei a seu favor... e Tryon me atendeu.

— Ainda bem — eu disse, um tom de impaciência na voz. Ele olhou para mim e fez um ruído no fundo da garganta. Isso me fez lembrar Roger, cuja laringe já não era mais capaz dessa forma de expressão peculiarmente escocesa.

Devo ter parecido perturbada com o pensamento, pois Jamie ergueu as sobrancelhas e tocou em meu braço. Estava quente demais para nos abraçarmos, mas pressionei minha face contra seu ombro por um breve instante, reconfortando-me com a solidez de seu corpo sob o linho fino e úmido.

— Eu costurei a garganta de Roger — eu disse. — Ele pode respirar, mas não sei se ele conseguirá falar outra vez. — Muito menos cantar. O pensamento não expressado verbalmente flutuou no ar úmido e quente.

Jamie fez outro ruído, este profundo e furioso.

— Falei com Tryon sobre sua promessa referente a Roger Mac também. Ele me deu o documento da concessão de terras. Cinco mil acres, ao lado das minhas. Seu último ato oficial como governador, ou quase.

— O que quer dizer com isso?

— Eu disse que ele libertou a maioria dos prisioneiros? — Afastou-

se, inquieto. — Todos, menos doze. Ele ainda mantém doze homens na prisão, líderes criminosos dos Reguladores. Ou assim ele diz. — A ironia em sua voz era pesada como o ar empoeirado. — Vai levá-los a julgamento dentro de um mês, sob acusação de rebelião.

— E se forem considerados culpados...

— Ao menos poderão falar antes de serem enforcados.

Ele parara em frente ao retrato, franzindo o cenho, embora eu não tivesse certeza se ele realmente o via ou não.

— Não vou ficar aqui para ver isso. Eu disse a Tryon que temos que partir, cuidar de nossas colheitas e fazendas. Ele liberou a companhia do serviço, por essas razões.

Senti um peso sair do meu coração. Estaria fresco nas montanhas, o ar limpo e verde. Era um bom lugar para se curar.

— Quando partiremos?

— Amanhã. — Ele havia notado o retrato; indicou a cabeça boquiaberta na bandeja com um sombrio ar de aprovação. — Resta apenas um motivo para permanecer aqui e acho que faz pouco sentido agora.

— E o que é?

— O filho de Dougal — ele disse, desviando-se do retrato. — Andei procurando William Buccleigh MacKenzie de uma ponta a outra do condado nos últimos dez dias. Encontrei alguns homens que o conheciam, mas nenhum que o tivesse visto desde Alamance. Alguns disseram que talvez ele tenha ido embora da colônia. Muitos Reguladores fugiram. Husband foi embora, levou a família para Maryland, segundo me disseram. Mas quanto a William MacKenzie, o sujeito desapareceu como uma cobra por um buraco de rato, ele e a família.

Ontem à noite, sonhei que estávamos deitados sob a grande sorveira, Roger e eu. Era um lindo dia de verão e estávamos tendo uma dessas conversas que costumávamos ter o tempo inteiro, sobre as coisas das quais sentíamos falta. Só que as coisas de que falávamos estavam lá, na grama entre nós.

Eu disse que venderia a alma por uma barra de chocolate com amêndoas Hershey, e lá estava ela. Tirei a embalagem externa e pude sentir o cheiro do chocolate. Abri o invólucro interno de papel branco e comecei a comer o chocolate, mas era do papel que estávamos falando, portanto — do invólucro. Roger pegou-o e disse que aquilo de que ele mais sentia falta era de papel higiênico; aquele era liso demais para você se limpar com ele. Eu ri e disse que não havia nada de complicado a respeito de papel higiênico — as pessoas podiam

fabricá-lo agora, se quisessem. Havia um rolo de papel higiênico no chão; aponte para ele e uma abelha grande voou até embaixo, agarrou a ponta do rolo e foi embora, desenrolando o papel higiênico atrás de si. Ela voou de um lado para o outro, entrelaçando-o pelos galhos acima de nossas cabeças.

Então Roger disse que era blasfêmia pensarem em se limpar com papel — e é, aqui. Mamãe escreve em letras minúsculas quando faz seus registros de casos, e quando papai escreve para a Escócia, ele escreve dos dois lados da folha, depois a vira de lado e escreve por cima das linhas, no sentido contrário, de modo que fica parecendo uma treliça.

Então pude ver papai, sentado no chão, escrevendo uma carta para tia Jenny no papel higiênico, e a carta ficava cada vez mais longa e a abelha a carregava pelo ar, voando com ela na direção da Escócia.

Eu uso mais papel do que qualquer pessoa. Tia Jocasta me deu alguns dos seus antigos cadernos de desenho e um caderno completo de papéis de aquarela — mas eu me sinto culpada quando os uso, porque eu sei como são caros. No entanto, eu tenho que desenhar. O bom a respeito de pintar esse retrato para a sra. Sherston é que, como estou ganhando algum dinheiro, sinto que posso usar um pouco de papel.

Então o sonho mudou e eu estava desenhando retratos de Jemmy, com um lápis amarelo 2B. Estava escrito "Ticonderoga" sobre ele em letras pretas, como os que costumávamos usar na escola. Mas eu desenhava em papel higiênico e o lápis sempre o furava, e eu fiquei tão frustrada que amassei um maço na mão.

Então passei a um desses sonhos maçantes e desconfortáveis em que você está andando de um lado para o outro, procurando um lugar para ir ao banheiro, sem conseguir nenhum — e finalmente você acorda o suficiente para perceber que de fato precisa ir ao banheiro.

Eu não consigo me decidir se prefiro a barra de chocolate, o papel higiênico ou o lápis. Acho que prefiro o lápis. Pude sentir o cheiro da madeira recentemente aparada na ponta e senti-lo entre meus dedos, e meus dentes. Eu costumava morder meus lápis quando era pequena. Ainda me lembro da sensação de morder com força e sentir a tinta e a madeira cederem, apenas um pouco, e ir mastigando para baixo e para cima em todo o comprimento do lápis, até parecer que um castor o andara roendo.

Estava pensando sobre isso esta tarde. Entristeceu-me que Jem não terá um lápis amarelo novo, nem uma lancheira com o desenho do Batman, quando for para a escola -se ele um dia for para a escola.

As mãos de Roger ainda não conseguem segurar um lápis.

E agora eu sei que eu não quero lápis ou chocolate, nem mesmo papel higiênico. Só quero que Roger converse comigo outra vez.

FALE MEU NOME

Nossa viagem de volta a Frasers Ridge foi muito mais rápida do que a viagem a Alamance, apesar do retorno ser montanha acima. Era final de maio e os pés de milho estavam altos e verdes nos campos ao redor de Hillsborough, lançando pólen dourado ao vento. Os grãos já teriam brotado, nas montanhas, e os filhotes estariam nascendo, bezerros, potros e cordeiros precisando de proteção contra lobos, ursos e raposas. A companhia de milícia debandara imediatamente após a liberação do governador, seus integrantes dispersando-se, com pressa em voltar para suas fazendas e lavouras.

Em consequência, era um grupo bem menor que estava voltando; apenas duas carroças. Alguns dos homens que viviam perto de Ridge haviam preferido viajar conosco, assim como os dois rapazes Findlay, já que iríamos passar pela casa de sua mãe em nosso caminho.

Lancei um olhar velado aos Findlay, que ajudavam a descarregar a carroça e montar o acampamento para a noite. Bons rapazes, embora quietos. Tinham respeito — e uma certa reverência — por Jamie, mas haviam desenvolvido uma noção peculiar de fidelidade a Roger durante o curso de nossa curta campanha, e essa estranha lealdade continuara, mesmo depois da dispersão da milícia.

Eles foram, os dois, visitar Roger em Hillsborough, contorcendo os dedos descalços envergonhadamente nos tapetes turcos de Phoebe Sherston. Ruborizados e eles mesmos quase sem fala, haviam presenteado Roger com três maçãs ainda verdes, obviamente roubadas de algum pomar no caminho.

Ele sorria amplamente para eles em agradecimento, pegara uma das maçãs e dera uma heroica mordida antes que eu pudesse impedi-lo. Ele não engolia nada além de sopa há uma semana, e quase morreu engasgado. Mesmo assim, conseguiu engolir, arquejando e sufocando, e os três ficaram lá sentados rindo uns para os outros sem dizer nenhuma palavra, os olhos marejados de lágrimas.

Durante a viagem, os Findlay geralmente podiam ser encontrados em algum lugar perto de Roger, sempre atentos, saltando para ajudá-lo com qualquer coisa que ele não conseguisse fazer com suas mãos machucadas.

Jamie me contara sobre o tio deles, Iain Mhor; obviamente eles tinham uma grande experiência em prever necessidades não

declaradas.

Jovem e forte, Roger havia sarado rapidamente e as fraturas não eram muito graves — mas duas semanas não era muito tempo para ossos quebrados se emendarem. Eu teria preferido mantê-lo com ataduras por mais uma semana, mas ele estava obviamente impaciente com as restrições. No dia anterior, eu havia, relutantemente, retirado as talas de seus dedos, advertindo-o para que tomasse cuidado.

— Não se atreva — eu disse agora, agarrando seu braço quando ele estendeu-o para tirar da carroça uma das pesadas sacas de mantimentos. Ele olhou para mim, uma das sobranceiras erguidas, depois deu de ombros bem-humorado e recuou, deixando Hugh Findlay tirar a saca e levá-la. Roger apontou para o anel de pedras que Iain Findlay estava arrumando para a fogueira, depois para o bosque próximo. Ele podia ir pegar lenha?

— Claro que não — declarei com firmeza. Ele fez uma mímica como se estivesse bebendo e ergueu as sobranceiras. Buscar água?

— Não — eu disse. — Um balde pode escorregar e...

Olhei ao redor, tentando pensar em alguma coisa que ele pudesse fazer em segurança, mas todas as tarefas de um acampamento envolviam trabalho pesado. Ao mesmo tempo, eu sabia como ele achava irritante ficar olhando, se sentindo inútil. Estava cansado de ser tratado como um inválido, e eu podia ver o brilho de uma rebelião incipiente em seus olhos. Mais um "não" e ele provavelmente iria tentar levantar a carroça, só para me contrariar.

— Ele consegue escrever, Sassenach? — Jamie parara junto à carroça e notara o impasse em andamento.

— Escrever? Escrever o quê? — perguntei surpresa, mas ele já passava por mim, tirando da carroça a surrada escrivantina portátil que ele carregava quando viajava.

— Cartas de amor? — Jamie sugeriu, rindo para mim. — Ou sonetos, talvez? — Atirou a tábua na direção de Roger, que agarrou-a perfeitamente nos braços, mesmo quando dei um grito de protesto. — Mas talvez antes de você compor um épico em honra a William Tryon, Roger Mac, poderia me presentear com a história de como nosso parente em comum tentou assassiná-lo, hein?

Roger parou, completamente imóvel por um instante, agarrado à tábua, mas em seguida deu um sorriso torto para Jamie e balançou a cabeça devagar.

Ele começou quando o acampamento estava sendo montado, parou para jantar, depois retomou sua tarefa. Era um trabalho cansativo e muito lento; as fraturas estavam quase curadas, mas suas mãos

estavam muito enrijecidas, doloridas e desajeitadas. Ele deixara a pena cair uma dúzia de vezes. Só de olhá-lo eu já sentia as próprias juntas dos meus dedos doerem.

— Ai! Pode parar com isso? — Ergui os olhos da panela que eu areava com um punhado de areia e capim e deparei-me com Brianna atracada num combate mortal com o filho, arqueado para trás como um arco por cima de seu braço, chutando, esperneando e fazendo o tipo de enervante confusão que faz até pais dedicados contemplarem momentaneamente o infanticídio. Vi os ombros de Roger erguerem-se na direção das orelhas com a algazarra, mas ele continuou teimosamente a escrever.

— Qual o seu problema? — Bri perguntou, mal-humorada. Ela ajoelhou-se e conseguiu colocar Jemmy parcialmente sentado, evidentemente tentando fazê-lo deitar-se, para que ela pudesse trocar sua fralda para a noite.

A fralda em questão estava realmente necessitada de atenção, estando molhada, suja e pendurada pelo meio das pernas do menino. Jem, tendo dormido a maior parte da tarde na carroça, acordara aturdido com o sol, rabugento e sem nenhuma disposição para brincadeiras, quanto mais ser trocado e colocado para dormir.

— Talvez ele ainda não esteja cansado — sugeri. — Mas ele já comeu, não é? — Essa era uma pergunta retórica; o rosto de Jemmy estava lambuzado de mingau e ele tinha farelos de torrada com ovo nos cabelos.

— Já. — Bri passou a mão pelos próprios cabelos, que estavam mais limpos, porém não menos desgrehados. Jemmy não era o único rabugento na família MacKenzie. — Talvez ele não esteja cansado, mas eu estou. — Ela estava; caminhara ao lado da carroça a maior parte do dia, para poupar os cavalos nos trechos mais íngremes. Eu também.

— Por que não o deixa aqui e vai se lavar, hein? — eu disse, nobremente reprimindo um bocejo. Peguei uma grande colher de madeira e a sacudi sedutoramente para Jem, que oscilava para frente e para trás, de quatro, choramingando com horríveis ruídos. Vendo a colher, parou de choramingar, mas agachou-se no mesmo lugar, fitando-me com desconfiança.

Acrescentei uma caneca de estanho vazia à isca, colocando os objetos perto dele no chão. Foi o suficiente; ele rolou sobre o traseiro com um barulho molhado, pegou a colher com as duas mãos e começou a bater na caneca como se quisesse enterrá-la na terra.

Bri lançou-me um olhar de profunda gratidão, levantou-se com dificuldade e desapareceu no bosque, descendo o barranco para o

riacho. Uma rápida ablução em água fria, cercada pela floresta escura, não era exatamente a fuga sibarítica que um perfumado banho de espuma à luz de velas poderia ser — mas "fuga" era a palavra importante aqui. Um pouco de solidão fazia milagres para uma mãe, como eu sabia por experiência própria. E se a limpeza não fosse exatamente uma perfeição, ter os pés, rosto e mãos limpos definitivamente melhorava a aparência de uma pessoa no universo, particularmente após um dia de suor, imundície e fraldas Sujas.

Examinei minhas mãos com ar crítico; entre conduzir cavalos, acender fogueiras, cozinhar e arear panelas, minha aparência no universo precisava de uma melhoria também.

Ainda assim, a água não era o único líquido capaz de melhorar o ânimo de alguém. Jamie estendeu o braço por cima do meu ombro, colocou um copo de alguma bebida em minhas mãos e sentou-se ao meu lado, seu próprio copo na mão.

— Slàinte, mo nighean dotin — ele disse brandamente, sorrindo para mim enquanto erguia seu copo numa saudação.

— Hummm. — Fechei os olhos, inalando os vapores fragrantes. — É certo dizer "Slàinte" ainda que não seja uísque que esteja bebendo? — O líquido no copo era vinho, e bastante bom, rústico, mas com um sabor macio e agradável, aromático, lembrando sol e folhas de parreira.

— Não vejo por que não — Jamie disse logicamente. — Afinal, é apenas para lhe desejar saúde.

— É verdade, mas acho que "Saúde" pode ser um brinde mais no sentido prático do que no figurado, ao menos com alguns uísques, que você espera que a pessoa a quem você está brindando sobreviva à experiência de tomar a bebida, quero dizer.

Ele riu, os olhos enrugando-se, divertidos.

— Ainda não matei ninguém com a minha destilação, Sassenach.

— Eu não me referia ao seu uísque — assegurei-lhe, fazendo uma pausa para outro gole. — Ah, isto é bom. Eu estava pensando naqueles três milicianos do regimento do coronel Ashe. — Os três haviam sido encontrados cegos de bebida, em um dos casos, literalmente cego, por uma sentinela, depois de terem esvaziado uma garrafa de um suposto uísque, obtido só Deus sabe de onde.

Como a Companhia de Ashe não tinha cirurgião, e estávamos acampados ao lado deles, eu fora chamada no meio da noite para lidar com o problema, da melhor maneira possível. Os três homens sobreviveram, mas um deles perdera a visão de um dos olhos e outro obviamente tivera um pequeno dano cerebral — embora

particularmente eu tivesse minhas dúvidas sobre o seu grau de inteligência mesmo antes de beber.

Jamie deu de ombros. A embriaguez era um fato simples da vida e má destilação era outro.

— Thig a seo, a chuisle! — ele chamou, vendo Jemmy, que perdera o interesse na colher e caneca, disparando, de gatinhas, na direção do bule de café, que fora deixado entre as pedras do círculo da fogueira para se manter quente. Jemmy ignorou os chamados, mas foi resgatado do perigo por Tom Findlay, que o agarrou primorosamente pela cintura e o entregou, esperneando, a Jamie.

— Sente-se — Jamie disse-lhe com firmeza, e sem esperar por uma resposta, assentou a criança no chão e lhe entregou sua bola de pano. Jemmy agarrou-a, olhando maliciosamente do avô para a fogueira.

— Atire isto no fogo, a chuisle, e lhe dou uma palmada — Jamie informou-o amistosamente. Jemmy franziu a testa e fez beicinho, o lábio inferior tremendo dramaticamente. Mas não atirou a bola no fogo.

— "A chuisle"? — eu disse, experimentando a pronúncia. — Essa é nova. O que significa?

— Oh. — Jamie esfregou um dedo pelo cavalete do nariz, pensando. — Significa "meu sangue".

— Pensei que isso fosse mofuil.

— Sim, é, mas isso é sangue como o que escorre quando você se machuca. A chuisle é mais como... "Oh, tu em cujas veias corre meu próprio sangue". A gente só diz isso a uma criança, na maioria das vezes, de quem se é parente, é claro.

— Que lindo. — Coloquei meu copo vazio no chão e me reclinei contra o ombro de Jamie. Ainda me sentia cansada, mas a mágica do vinho aplainara as bordas ásperas de exaustão, deixando-me agradavelmente zozza.

— Você chamaria Germain assim, ou Joan? Ou é muito literal, a chuisle?

— Eu estaria mais inclinado a chamar Germain de um petit emmerdeur — ele disse, achando graça. — Mas Joan... sim, eu chamaria a pequena Joan a chuisle. É sangue do coração, sabe, não apenas do corpo.

Jemmy deixara sua bola de pano cair no chão e fitava, boquiaberto e fascinado, os vaga-lumes que haviam começado a piscar na grama conforme escurecia. Com o estômago saciado e um fresco repouso ao alcance, todos começavam a sentir os efeitos calmantes do cair da noite.

Os homens esparramavam-se na grama embaixo de um plátano, passando a garrafa de vinho de mão em mão e conversando à maneira tranquila, despreocupada, de homens que se conhecem bem. Os rapazes Findlay estavam na pista das carroças, esse sendo o único espaço realmente livre, atirando algo de um para o outro, errando quase todas as jogadas com a crescente escuridão e trocando insultos cordiais.

Houve um ruidoso farfalhar de arbustos do outro lado da fogueira e Brianna surgiu, parecendo molhada, mas muito mais alegre. Parou junto a Roger, a mão pousada de leve em suas costas, e olhou por cima de seu ombro para o que ele escrevia. Ele ergueu os olhos para ela, encolhendo os ombros com resignação, pegou as páginas terminadas de sua obra e entregou-as a ela. Brianna ajoelhou-se ao lado dele e começou a ler, alisando para trás os fios molhados do cabelo e franzindo a testa para decifrar as letras à luz da fogueira.

Um vaga-lume pousou na camisa de Jamie, brilhando com uma luz verde e fria nas pregas do tecido. Dei um piparote e ele voou para longe, espiralando acima da fogueira como uma fagulha descontrolada.

— Foi uma boa ideia fazer Roger escrever — eu disse, olhando para o outro lado da fogueira com aprovação. — Mal posso esperar para descobrir o que realmente aconteceu a ele.

— Nem eu — Jamie concordou. — Apesar de que, com William Buccleigh MacKenzie desaparecido, o que aconteceu com Roger Mac talvez não seja tão importante quanto o que acontecerá a ele.

Eu não tive que perguntar o que ele queria dizer com aquilo. Mais do que qualquer outra pessoa, ele sabia o que isso significava, ter a sua vida arrancada de você — e a força necessária para reconstruí-la. Estendi a mão para segurar sua mão direita, e ele deixou que eu o fizesse. Sob o manto da escuridão, acariciei seus dedos aleijados, percorrendo as bordas endurecidas das cicatrizes.

— Então não importa a você descobrir se seu primo é ou não um assassino frio? — perguntei descontraidamente, para encobrir a conversa mais séria que se fazia silenciosamente entre nossas mãos.

Ele fez um ruído breve, rouco, que poderia ser uma risada. Seus dedos curvaram-se sobre os meus, lisos de calosidade, pressionando com entendimento.

— Ele é um MacKenzie, Sassenach. Um MacKenzie de Leoch.

— Hum. — Os Fraser eram teimosos como rochas, me disseram. E o próprio Jamie havia descrito os MacKenzie de Leoch como sedutores como cotovias no campo, e ao mesmo tempo astutos como raposas. Isso sem dúvida fora verdadeiro a respeito de seus tios, Colum e

Dougal. Eu não ouvira nada que indicasse que sua mãe, Eilen, tivesse compartilhado essa característica familiar em particular, mas, por outro lado, Jamie tinha apenas oito anos quando ela morreu. Sua tia Jocasta? Não era nenhuma tola, certamente, mas com uma tendência bem menor para tramar e maquinar do que seus irmãos, eu achava.

— Você o quê? — A exclamação de Brianna atraiu minha atenção novamente para o outro lado da fogueira. Ela olhava para Roger, as folhas na mão, uma expressão ao mesmo tempo divertida e consternada no rosto. Eu não podia ver o rosto de Roger; ele estava virado para ela. Uma de suas mãos ergueu-se num gesto para que ela falasse baixo, e ele virou a cabeça para a árvore onde os homens sentavam-se, bebendo, para certificar-se de que ninguém ouvira sua exclamação.

Vi um vislumbre da luz da fogueira brilhar nos ossos de seu rosto e, então, sua expressão mudou instantaneamente, de cautela para horror. Pôs-se de pé num salto, a boca aberta.

— PARE! — ele rugiu.

Foi um grito terrível, alto e rouco, mas com um terrível tom estrangulado, como um grito forçado através de um punho enfiado em sua boca. Paralisou a todos que o ouviram, inclusive Jemmy, que abandonara os vaga—lumes e sorratamente voltara a investigar o bule de café. Ele ergueu os olhos para o pai, a mão a alguns centímetros do metal quente. Então seu rosto se contraiu e ele começou a choramingar, com medo.

Roger esticou-se por cima das chamas e arrebatou-o; o menino gritou, esperneando e contorcendo-se para se livrar daquele estranho assustador. Bri pegou-o apressadamente, apertando-o contra o peito e enterrando seu rostinho em seu ombro. Seu próprio rosto estava lívido do choque.

Roger também parecia em choque. Ele colocou a mão na garganta, cuidadosamente, como se não tivesse certeza de que estava tocando sua própria carne. A elevação da cicatriz da corda ainda estava escura sob seu maxilar; eu podia vê-la, mesmo à luz bruxuleante da fogueira, juntamente com a linha menor, mais nítida, de minha própria incisão.

O choque inicial do seu grito se desfez e os homens aproximaram-se, saindo atabalhoadamente de baixo da árvore, os Findlay correndo da estrada, para se reunirem ao redor de Roger, com exclamações de surpresa e felicitações. Roger balançava a cabeça, deixando que apertassem sua mão e batessem em suas costas, o tempo todo parecendo que ele preferia realmente estar em outro lugar.

— Diga mais alguma coisa — Hugh Findlay instigou-o.

— Sim, o senhor consegue — Iain acrescentou, o rosto redondo

radiante. — Diga... diga "o rato roeu a roupa do rei"!

Essa sugestão foi descartada com gritos de protesto, sendo substituída por uma saraivada de outras propostas animadas. Roger estava começando a parecer desesperado, o maxilar trincado. Jamie e eu nos levantamos; pude ver que Jamie se preparava para intervir de alguma forma.

Então Brianna abriu caminho através da multidão empolgada, com Jemmy empoleirado em seu quadril, observando os acontecimentos com intensa desconfiança. Ela segurou a mão de Roger com a mão livre e sorriu para ele, o sorriso tremendo apenas um pouco nos cantos.

— Você consegue dizer meu nome? — ela perguntou.

O sorriso de Roger correspondeu ao dela. Pude ouvir o ar raspar em sua garganta quando ele inspirou.

Desta vez ele falou suavemente; muito suavemente, mas todos fizeram silêncio, inclinando-se para a frente para ouvir. Foi um sussurro entrecortado, espesso e doloroso, a primeira sílaba forçada através de suas cordas vocais marcadas por cicatrizes, o final quase inaudível. Mas ele disse:

— BRRIIah... nah.

Ela irrompeu em lágrimas.

DINHEIRO MALDITO

Frasers Ridge Junho, 1771

Eu estava sentada na cadeira de visitas do gabinete de Jamie, sociavelmente ralando raízes de sanguinária, enquanto ele se digladiava com as contas do trimestre. Ambas eram tarefas lentas e maçantes, mas podíamos compartilhar a luz de uma única vela e desfrutar a companhia um do outro — e eu achava uma agradável distração ouvir as observações altamente criativas que ele dirigia ao papel sob sua pena.

— Filho de um ouriço chupa-ovo! — murmurou. — Olhe isto, Sassenach. O sujeito não passa de um reles ladrãozinho! Dois xelins e três pennies por duas fôrmãs de açúcar e um bloco de índigo!

Estalei a língua em solidariedade, abstendo-me de observar que dois xelins parecia um preço bem modesto por substâncias produzidas nas Antilhas, transportadas por navio para Charleston e daí carregadas em carroças, pirogas, lombo de cavalo e a pé mais algumas centenas de quilômetros por terra, para serem finalmente trazidas à nossa porta por um mascate itinerante, que não esperava pagamento por três ou quatro meses até a próxima visita — e que de qualquer modo provavelmente não iria receber em dinheiro vivo, mas talvez seis potes de geleia de groselha ou um quarto de carne de cervo defumada.

— Olhe isso! — Jamie exclamou retoricamente, raspando o dedo por uma coluna de números abaixo e chegando ao final da coluna com um maligno golpe. — Um barril de conhaque a doze xelins, dois cortes de musselina a três e dez cada, ferramentas... o que em nome de todos os demônios o pequeno Roger quer com um vendedor de ferragens, será que descobriu um modo de tocar música numa enxada? Ferramentas, dez e seis!

— Acho que foi uma lâmina de arado — eu disse de forma apaziguadora.

— Não é nossa. Roger comprou-a para Geordie Chisholm. Lâminas de arados eram de fato bastante caras. Tendo de ser importadas da Inglaterra, eram raras entre pequenos fazendeiros das colônias, muitos dos quais se arranjavam apenas com furadores de madeira e pás, com um machado e talvez uma enxada de ferro para limpeza do terreno. Jamie estreitou os olhos ameaçadoramente para seus números,

despenteando os cabelos com a mão.

— Sim — ele disse. — Só que Geordie não tem um centavo, não até a safra do próximo ano ser vendida. Então sou eu que estou pagando os dez e seis agora, não é? — Sem esperar por uma resposta, mergulhou de novo em seus cálculos, resmungando baixinho "filho de uma tartaruga voadora comedor de merda", sem nenhuma indicação se isso se aplicava a Roger, Geordie ou à ferramenta.

Terminei de ralar uma raiz e coloquei o toco numa jarra sobre a escrivaninha. Esta raiz tem um nome apropriado; o nome científico é Sanguinária, e o sumo é vermelho, ácido e pegajoso. A tigela em meu colo estava cheia de raspas úmidas, gosmentas, e minhas mãos pareciam que eu andara estripando pequenos animais.

— Tenho seis dúzias de garrafas de licor de cerejas prontas — ofereci, pegando mais uma raiz. Como se ele não soubesse; a casa inteira cheirara a xarope para tosse durante uma semana. — Fergus pode levá-las a Salem e vendê-las.

Jamie balançou a cabeça distraidamente.

— Sim, estou contando com isso para comprar sementes. Temos mais alguma coisa para levar a Salem? Velas? Mel?

Lancei lhe um olhar incisivo, mas deparei-me apenas com os tufos de cabelos enrolados no topo de sua cabeça, inclinada atentamente sobre os números. As velas e o mel eram um assunto delicado.

— Acho que posso ceder dez galões de mel — eu disse, cautelosamente. — Talvez dez... bem, está bem, doze dúzias de velas.

Ele coçou a ponta do nariz com a pena de escrever, deixando ali uma mancha de tinta.

— Pensei que você tivesse tido um bom ano com as colmeias — ele disse pacificamente.

De fato; minha única colmeia original havia se expandido e agora eu tinha nove colmeias adjacentes à minha horta. Eu havia obtido cerca de cinquenta galões de mel e cera de abelha suficiente para umas trinta dúzias de velas. Por outro lado, eu tinha em mente alguns usos para esses produtos.

— Preciso de parte do mel para o consultório — eu disse. — É um bom unguento contra bactérias para ferimentos.

Uma das sobranceiras se ergueu, embora ele mantivesse os olhos na mistura para aves que estava calculando.

— Achei que atrairia moscas — ele disse, — ou até ursos. — Sacudiu a ponta da pena, descartando a ideia. — De quanto você precisa, então? Imagino que não vão aparecer tantos feridos no seu consultório para precisar de quarenta galões de mel a menos que

pretenda untá-los da cabeça aos pés.

Ri, apesar da minha cautela.

— Não, dois ou três galões devem ser suficientes para curativos. Digamos cinco, deixando um extra para fazer fluidos eletrolíticos.

Ele ergueu os olhos para mim, as duas sobranceiras erguidas.

— Elétricos? — Olhou para a vela, a chama bruxuleando na corrente de ar que entrava pela janela, depois novamente para mim. — Brianna não disse que isso tinha algo a ver com luzes? Ou com raios, ao menos?

— Não, eletrólitos — eu disse, estendendo a explicação. — Água com açúcar. Quando uma pessoa está em choque, ou doente demais para comer, ou tem diarreia, um fluido eletrolítico sustenta o corpo repondo os íons essenciais que perderam no sangramento ou diarreia, os sais e açúcares e outras coisas, que por sua vez atraí água para o sangue e restabelece a pressão sanguínea. Você já me viu usar isso.

— Oh, é assim que funciona? — Seu rosto iluminou-se de interesse e parecia prestes a pedir mais explicações. Logo, entretanto, viu a pilha de recibos e correspondência ainda aguardando por ele sobre a escrivaninha, suspirou e pegou a pena outra vez.

— Muito bem, então — concordou. — Fique com o mel. Posso vender o sabão?

Balancei a cabeça, satisfeita. Eu havia finalmente conseguido, com uma boa dose de cautelosa experimentação, produzir um sabão que não cheirasse a um porco morto mergulhado em lixívia e que não arrancasse a camada superior da epiderme. Mas exigia óleo de girassol ou azeite de oliva no lugar de sebo; ambos muito caros.

Eu pretendia trocar meu excesso de mel com as índias cherokee por óleo de girassol, com o qual pudesse fazer tanto mais sabão, quanto xampu. Esses, por sua vez, obteriam excelentes preços em quase todo lugar — Cross Creek, Wilmington, New Bern — até mesmo Charleston, se algum dia nos aventurássemos tão longe. Ou assim eu pensava. Eu não tinha certeza se Jamie concordaria em se arriscar nesta empreitada; levaria meses para se concretizar, ao passo que ele podia negociar o mel com lucro imediato. Mas se ele visse que o sabão daria muito mais dinheiro do que o mel puro, eu não teria dificuldade em fazer o que pretendia.

Antes que eu pudesse explicar o projeto, ouvimos o som de passos leves no corredor e uma suave batida na porta.

— Entre — Jamie disse, endireitando-se. O sr. Wemyss estava vestido informalmente, em calças e camisas, mas alisara os cabelos claros e finos com água, indicando alguma formalidade na situação.

Empurrei minha cadeira para trás, pegando meus utensílios para sair, mas o sr. Wemyss me interrompeu com um breve gesto.

— Oh, não, senhora. Se não se importa, gostaria que ficasse. É a respeito de Lizzie e eu gostaria da opinião de uma mulher sobre o assunto.

— Claro. — Recostei-me na cadeira novamente, as sobrancelhas erguidas com curiosidade.

— Lizzie? Então encontrou um marido para a rapariga, Joseph? — Jamie largou a pena na jarra em sua escrivaninha e inclinou-se para a frente, interessado, indicando um banquinho livre.

O sr. Wemyss assentiu, a luz da vela tornando os ossos de seu rosto magro ainda mais proeminentes. Ele aceitou o lugar oferecido com um certo ar de dignidade, em completo contraste com sua atitude habitual de ligeiro embaraço.

— Creio que sim, sr. Fraser. Robin McGillivray veio me procurar hoje de manhã, para pedir que minha Elizabeth fosse prometida a seu filho, Manfred.

Minhas sobrancelhas ergueram-se mais um pouco. Até onde era do meu conhecimento, Manfred McGillivray vira Lizzie menos de meia dúzia de vezes e não trocara mais do que algumas palavras de cortesia com ela. Não era impossível que tivesse se sentido atraído; Lizzie se transformara numa moça bonita e delicada, e, embora ainda muito tímida, possui maneiras muito educadas. No entanto, isso não parecia base suficiente para um pedido de casamento.

Conforme o sr. Wemyss falava, a questão tornou-se um pouco mais clara. Jamie havia prometido um dote a Lizzie, consistindo em um pedaço de terras de excelente qualidade, e o sr. Wemyss, livre de seu contrato de trabalho forçado, também tinha, como homem livre, a reivindicação de um terreno de cinquenta acres — do qual Lizzie era a herdeira. As terras de Wemyss eram adjacentes às de McGillivray, e as duas juntas se transformariam numa fazenda bastante respeitável. Evidentemente, com suas três filhas agora casadas ou adequadamente noivas, o casamento de Manfred era o próximo passo do plano maior de Rute McGillivray. Considerando todas as jovens disponíveis num raio de trinta quilômetros de Ridge, ela escolhera Lizzie como a melhor possibilidade e enviara Robin para abrir as negociações.

— Bem, os Gillivray são uma família decente — Jamie disse criteriosamente. Ele enfiou um dedo na minha tigela de sanguinária ralada e pontilhou contemplativamente o mata-borrão, deixando uma fileira de marcas de impressão do dedo. — Eles não têm muitas terras, mas Robin consegue tirar um bom dinheiro para ele, e o pequeno Manfred é um rapaz trabalhador, pelo que ouvi dizer. — Robin era um

armeiro, com uma pequena loja em Cross Creek. Manfred fora aprendiz de outro fabricante de armas em Hillsborough, mas agora ele próprio era um artífice qualificado.

— Ele a levaria para viver em Hillsborough? — perguntei. Isso seria um forte golpe em Joseph Wemyss. Embora ele certamente fizesse o que fosse possível para garantir o futuro da filha, ele amava muito Lizzie e eu sabia que a perda de sua companhia atingiria profundamente seu coração.

Ele sacudiu a cabeça. Seus cabelos haviam secado e os tufos louros começavam a ficar arrepiados como de costume.

— Robin diz que não. Ele diz que o rapaz pretende estabelecer seus negócios em Woolams Creek, desde que consiga abrir uma pequena loja. Eles viveriam na fazenda. — Ele lançou um olhar de viés para Jamie, depois desviou os olhos, o sangue subindo à sua pele clara.

Jamie abaixou a cabeça e eu o vi prender o canto da boca. Então era aí que ele entrava na negociação. Woolams Creek era um assentamento pequeno, mas em expansão, ao pé de Frasers Ridge. Enquanto os Woolam, uma família quaker local, possuíam o moinho ali e a terra do outro lado do rio, Jamie possuía todas as terras no lado de Ridge.

Até o momento, ele havia fornecido terra, ferramentas e suprimentos a Ronnie Sinclair, Theo Frye e Bob O'Neill, para a construção de uma tanoaria, uma oficina de ferreiro — ainda em construção — e um pequeno armazém geral, todos em termos que nos proporcionavam uma participação eventual em qualquer lucro, mas nenhuma renda imediata.

Se eu e Jamie tínhamos planos para o futuro, também Rute McGillivray. Ela sabia, é claro, que Jamie tinha uma estima especial por Lizzie e seu pai e que ele com toda certeza faria tudo que pudesse por ela. E isso — é claro — era o que Joseph Wemyss delicadamente perguntava agora; Jamie forneceria uma área para Manfred em Woolams Creek como parte do acordo?

Jamie olhou para mim pelo canto do olho. Ergui um dos ombros levemente, imaginando se a delicadeza física de Lizzie entrara nos cálculos de Rute McGillivray. Havia muitas jovens mais fortes do que Lizzie e com melhores perspectivas para a maternidade. Ainda assim, se Lizzie morresse no parto, os McGillivray se tornariam mais ricos tanto pelas terras do dote quanto pela propriedade de Woolams Creek — e novas esposas não eram tão difíceis de serem encontradas.

— Acredito que algo possa ser feito — Jamie disse cautelosamente. Vi seu olhar recair sobre o livro de contabilidade aberto, com suas deprimentes colunas de números, depois especulativamente sobre

mim. Terra não era problema; sem nenhum dinheiro vivo e muito pouco crédito, ferramentas e material seriam. Firmei os lábios e devolvi o olhar fixo; não, ele não ia colocar as mãos em meu mel!

Ele suspirou e recostou-se na cadeira, tamborilando os dedos tingidos de vermelho, de leve, no mata-borrão.

— Darei um jeito — ele disse. — Mas o que ela diz? Ela aceita Manfred?

O sr. Wemyss pareceu ligeiramente em dúvida.

— Ela diz que sim. Ele é um rapaz bastante simpático, embora sua mãe... uma boa mulher — acrescentou apressadamente muito boa. Só é um pouco... hã. Mas... — Virou-se para mim, a testa estreita enrugada. — Não tenho certeza se Elizabeth sabe o que quer, madame, para dizer a verdade. Ela sabe que seria um bom casamento e que ela ficaria perto de mim... — Sua expressão abrandou-se um pouco, depois se contraiu outra vez. — Mas eu não a deixaria se casar só porque ela acha que eu estou de acordo. — Olhou timidamente para Jamie, depois para mim.

— Eu amava muito sua mãe — ele disse, as palavras proferidas num jato, como se confessasse algum segredo vergonhoso. Ele ficou luminosamente ruborizado e abaixou os olhos para as mãos magras que entrelaçara no colo.

— Compreendo — eu disse, educadamente desviando meu olhar e limpando algumas raspas de sanguinária que haviam caído sobre a mesa. — Gostaria que eu falasse com ela?

— Oh, eu ficaria muito agradecido, madame! — Mais leve de alívio, ele se levantou quase com um salto. Apertou a mão de Jamie fervorosamente, fez repetidas medidas para mim e finalmente saiu, balançando a cabeça repetidamente e murmurando agradecimentos.

A porta se fechou atrás dele e Jamie suspirou, sacudindo a cabeça.

— Deus sabe que já é bem complicado casar as filhas quando elas realmente sabem o que querem — disse sombriamente, obviamente pensando em Brianna e Marsali. — Talvez seja mais fácil se não souberem.

A única vela estava no fim, lançando sombras bruxuleantes no aposento. Levantei-me e dirigi-me à prateleira onde havia algumas novas. Para minha surpresa, Jamie levantou-se e veio se unir a mim. Ele estendeu o braço por cima do sortimento de velas finas, parcialmente queimadas, e de velas novas, retirando a vela-relógio bojuda que estava entre elas, escondida nas sombras.

Colocou-a sobre a escrivaninha e usou uma das velas finas para acendê-la. O pavio já estava enegrecido; a vela já fora usada antes,

embora não estivesse muito gasta. Ele olhou para mim e eu corri para fechar a porta.

— Você acha que chegou a hora? — perguntei suavemente, voltando para o seu lado.

Ele sacudiu a cabeça, mas não respondeu. Recostou-se um pouco para trás em sua cadeira, as mãos entrelaçadas no colo, observando a chama da vela-relógio adquirir força e transformar-se numa luz forte e bruxuleante.

Jamie suspirou e estendeu a mão para virar o livro de contabilidade para mim. Eu podia ver a situação de nossos negócios demonstrada ali em preto-e-branco — deplorável em termos de dinheiro vivo.

Poucos negócios na colônia eram feitos com dinheiro em espécie — praticamente nenhum a oeste de Asheville. Todos os fazendeiros das montanhas faziam escambo e até então estávamos indo muito bem. Tínhamos leite, manteiga e queijo para trocar; batatas e grãos, carne de porco e de cervo, legumes frescos e frutas secas, um pouco de vinho feito com uvas moscatel, nativas da região, do outono anterior. Tínhamos feno e madeira — embora todos tivessem — e meu mel e cera de abelha. E, acima de tudo, tínhamos o uísque de Jamie.

Mas esse era um recurso limitado. Possuíamos quinze acres em cevada nova, a qual — salvo chuva de granizo, incêndios florestais e outros fenômenos da natureza — por fim seria transformada em quase cem barris pequenos de uísque, que podiam ser vendidos ou permutados por um bom valor, ainda que completamente bruto e não envelhecido. Mas a cevada ainda estava verde no campo e o uísque não passava de um fantasma lucrativo.

Nesse ínterim, havíamos vendido ou usado quase todo o uísque pronto que tínhamos. É verdade que ainda restavam catorze pequenos barris da bebida — enterrados numa pequena caverna acima da fonte do uísque, — mas aquele não podia ser usado. De cada destilação, Jamie separava dois barris, a serem religiosamente guardados para envelhecerem. O barril mais velho nesta reserva tinha apenas dois anos de idade; ficaria lá por mais dez anos, se Deus quisesse, para emergir como ouro líquido — e quase tão valioso quanto o tipo sólido.

Entretanto, as necessidades financeiras imediatas não iriam esperar dez anos. Além da possibilidade de uma loja de armas para Manfred McGillivray e um modesto dote para Lizzie, havia as despesas normais da lavoura, criação de animais domésticos e um plano ambicioso de fornecer arados a cada arrendatário — muitos dos quais ainda trabalhavam a terra à mão.

E além de nossas próprias despesas, havia uma obrigação muito

pesada. A maldita Laoghaire MacKenzie que-o-diabo-a-carregue Fraser.

Ela não era exatamente uma ex-mulher — mas também não deixava de ser. Achando que eu fora embora para sempre, se na verdade não estivesse morta, Jamie casara-se com ela, sob a insistência de sua irmã Jenny. Logo o casamento provou ter sido um erro e, com o meu reaparecimento, buscou-se uma anulação, para alívio relativo de todos os envolvidos.

Generoso em demasia, Jamie concordara em pagar uma grande soma em dinheiro para sua manutenção anual, além de um dote para cada uma de suas filhas. O dote de Marsali estava sendo pago gradualmente, em terras e uísque, e não havia nenhuma notícia do casamento iminente de Joan. Mas estava chegando a época de mandar o dinheiro para manter Laoghaire em qualquer estilo que fosse na Escócia — e nós não o tínhamos.

Olhei para Jamie, que meditava, taciturno, os olhos semicerrados acima do nariz comprido e reto. Não me dei ao trabalho de sugerir que deixássemos Laoghaire pedir uma licença para mendigar e saísse pedindo esmolas pela paróquia. Independentemente do que ele pensasse da mulher pessoalmente, ele a considerava sua responsabilidade e ponto final.

Eu imaginava que pagar a dívida em barris de peixe salgado ou sabão de lixívia tampouco fosse uma opção. Isso nos deixava três alternativas: podíamos vender o uísque do esconderijo, embora fosse uma grande perda em longo prazo. Podíamos pedir dinheiro emprestado a Jocasta; possível, mas extremamente desagradável. Ou poderíamos vender outra coisa. Vários cavalos, por exemplo. Um grande número de porcos. Ou uma joia.

A vela queimava intensamente e a cera ao redor do pavio já derreteria. Olhando para baixo, para a poça transparente de cera derretida, eu podia vê-las: três pedras preciosas, escuras contra o pálido cinza-dourado da vela, seus tons vívidos empanados, mas ainda visíveis na cera. Uma esmeralda, um topázio e um diamante negro.

Jamie não os tocou, apenas fitou-os, as espessas sobranceiras castanho— avermelhadas franzidas em concentração.

Vender uma pedra preciosa na colonial Carolina do Norte não seria fácil; provavelmente iria requerer uma viagem a Charleston ou Richmond. Mas podia ser feito, e resultaria em dinheiro suficiente para pagar Laoghaire, além de cobrir as demais despesas crescentes. Mas as pedras preciosas tinham um valor que transcendia o dinheiro — eram a moeda de viagem através das pedras; proteção da vida de um viajante no tempo.

O pouco que sabíamos sobre a perigosa viagem baseava-se amplamente nas anotações que Geillis Duncan fizera ou no que ela me dissera; Geillis alegava que as pedras davam a um viajante não só proteção contra o caos naquele espaço indizível entre as camadas do tempo, mas alguma capacidade de navegar, ou seja, escolher a época em que se deseja emergir.

Movida por um impulso, voltei à prateleira e, na ponta dos pés, tateei em busca do embrulho envolto em couro, escondido ali nas sombras. Estava pesado em minha mão e eu o desembulhei cuidadosamente, colocando a pedra oval na escrivaninha ao lado da vela. Era uma grande opala, seu núcleo incandescente revelado dentro de uma matriz de pedra embotada pelo entalhe que cobria a superfície — uma espiral; um desenho primitivo da serpente que come o próprio rabo.

A opala era propriedade de outro viajante — o misterioso índio chamado Dente de Lontra. Um índio cujo crânio exibia obturações de platina nos dentes; um índio que parece ter falado inglês em outra época. Ele chamara a pedra de "bilhete de volta" — portanto parecia que Geilie Duncan não era a única a acreditar que pedras preciosas possuíam algum poder naquele terrível lugar... entre uma época e outra.

— Cinco, segundo a bruxa — Jamie disse pensativamente. — Ela disse que eram necessárias cinco pedras?

— Ela achava que sim. — Era uma noite quente, mas a penugem no meu maxilar se arrepiou à ideia de Geilie Duncan, das pedras, e do índio que eu encontrara numa encosta escura, o rosto pintado de negro da morte, pouco antes de eu encontrar a opala, e o crânio enterrado com ela. Seria o crânio dele que nós enterramos, com as obturações de platina e tudo o mais?

— Era necessário que as pedras fossem polidas ou lapidadas?

— Não sei. Creio que ela disse que as lapidadas eram melhores, mas não sei por que ela pensava assim, ou se tinha razão. — Esse sempre era o problema; nós sabíamos muito pouco com certeza.

Ele fez um pequeno ruído e esfregou o cavalete do nariz devagar com o nó de um dos dedos.

— Bem, nós temos estas três e o rubi de meu pai. São pedras polidas e lapidadas, e perfazem quatro. Depois, temos esta pedra de pequeno valor — ele olhou para a opala — e a pedra do seu amuleto, que não são. — O que ele queria dizer é que as pedras polidas ou lapidadas renderiam muito mais em dinheiro do que a opala ou a safira bruta na minha caixa de remédios. E no entanto... poderíamos nos arriscar a perder uma pedra que poderia ser necessária, que

poderia um dia significar a diferença entre a vida e a morte para Bri ou Roger?

— Não é provável — eu disse, respondendo ao seu pensamento, em vez de às palavras. — Bri vai ficar aqui, certamente até Jemmy crescer; talvez para sempre. — Afinal, como alguém poderia abandonar um filho, a possibilidade de netos? Entretanto, eu o fizera. Esfreguei um dedo distraidamente no metal liso da minha aliança de ouro.

— Sim. Mas e o rapaz? — Ergueu os olhos para mim, uma das sobrelhas arqueada, a luz da vela brilhante em seus olhos, azuis como safiras polidas e lapidadas.

— Ele não o faria — eu disse. — Ele não deixaria Bri e Jemmy. — Eu falei decididamente, mas havia um fio de incerteza em meu coração, e ela se refletiu em minha voz.

— Ainda não — Jamie disse brandamente.

Respirei fundo, mas não retruquei. Eu sabia muito bem o que ele queria dizer. Envolto em silêncio, Roger parecia se recolher mais a cada dia.

Seus dedos haviam se curado; eu sugerira a Brianna que talvez ele encontrasse consolo em seu bodhran. Ela balançara a cabeça, em dúvida. Não sei se ela mencionara isso para ele ou não, mas o bodhran continuava pendurado na parede da cabana deles, silencioso como seu proprietário.

Ele ainda ria e brincava com Jemmy, e era sempre extremamente atencioso com Brianna — mas as sombras em seus olhos nunca diminuía e, quando não era solicitado em alguma tarefa, era capaz de desaparecer durante horas, às vezes o dia todo, para caminhar pelas montanhas, retornando à noite exausto, sujo de terra — e mudo.

— Ele não tem dormido com ela, não é? Desde o incidente? Suspirei, afastando uma mecha de cabelo da minha testa.

— Algumas vezes. Eu perguntei. Mas meu palpite é que não tem acontecido ultimamente.

Bri estava fazendo o possível para mantê-lo perto dela, para arrancá-lo das profundezas de sua crescente depressão — mas era claro para mim, assim como para Jamie, que ela estava perdendo a batalha, e sabia disso. Também ela estava cada vez mais silenciosa, e com olheiras nos olhos.

— Se ele... voltasse... poderia haver uma cura para sua voz? Lá em sua própria época? — Jamie corria o dedo pela opala enquanto falava, os olhos seguindo a espiral conforme seus dedos a traçavam.

Suspirei novamente, e sentei-me.

— Não sei. Haveria recursos, talvez uma cirurgia, sem dúvida uma terapia da fala. Não sei dizer o quanto isso ajudaria; ninguém sabe. A questão é... ele poderia recuperar uma boa parte de sua voz naturalmente, se ele ao menos a trabalhasse. Mas ele não quer fazer isso. E é claro — a honestidade me compelia a acrescentar, — ele pode não tê-la de volta, por mais que a trabalhe.

Jamie balançou a cabeça, sem dizer nada. Independentemente das possibilidades de ajuda médica, o fato é que, se o casamento de Roger e Brianna fracassasse, não haveria nada para mantê-lo ali. Se ele escolheria voltar então... Jamie sentou-se direito em sua cadeira e apagou a vela com um sopro.

— Ainda não — ele disse no escuro, a voz firme. — Ainda temos algumas semanas antes que eu tenha que enviar dinheiro para a Escócia. Verei o que mais poderemos conseguir. Por enquanto, ficaremos com as pedras.

Ontem à noite sonhei que estava fazendo pão. Ou ao menos estava tentando fazer pão. Eu estava preparando a massa e repentinamente descobria que não tinha nenhuma farinha de trigo. Depois, eu colocava o pão em fôrmas, colocava-o no forno e descobria que ele não havia crescido; então, eu o retirava de lá. Outras vezes, eu o sovava e sovava, e começava a carregá-lo de um lado para o outro numa tigela, coberta por um pano, procurando um lugar quente onde colocá-lo, porque você tem que mantê-lo quente ou o fermento morre, e eu estava ficando nervosa porque não conseguia encontrar um lugar quente; soprava um vento frio e a tigela estava pesada e escorregadia, e eu achava que ia deixá-la cair; minhas mãos e meus pés estavam gelados e ficando entorpecidos.

Então acordei e eu realmente estava fria. Roger havia puxado todas as cobertas e se enrolado nelas, e havia uma terrível corrente de ar soprando por baixo da porta. Cutuquei-o e puxei os cobertores com força, mas não consegui soltá-los e eu não queria fazer muito barulho e acordar Jemmy. Finalmente, levantei-me, peguei minha capa do gancho e voltei a dormir sob ela.

Roger levantou-se antes de mim hoje de manhã e saiu; acho que ele não notou que me deixara no frio.

UM PACOTE DE LONDRES

O pacote chegou em agosto, pelos bons ofícios de Jethro Wainwright, um dos poucos mascates itinerantes com espírito empreendedor suficiente para subir os caminhos íngremes e sinuosos que levavam a Ridge. Com o rosto vermelho e a respiração ofegante da subida e do trabalho de descarregar sua mula, o sr. Wainwright entregou-me o pacote com um sinal com a cabeça e, a meu convite, saiu cambaleando, agradecido, na direção da cozinha, deixando a mula pastando no pátio.

Era um pacote pequeno, uma espécie de caixa, embrulhado em uma lona impermeável cuidadosamente costurada e ainda amarrado com uma corda fina para reforço. Era pesado. Sacudi-o, mas o único barulho era um suave som metálico, como se o que quer que houvesse ali dentro estivesse acolchoado. A etiqueta dizia apenas "Para o sr. James Fraser, Esq., Frasers Ridge, Carolinas".

— Bem, o que você acha que deve ser? — perguntei à mula. Era uma pergunta retórica, mas a mula, uma criatura amável, ergueu os olhos de sua refeição e zurrou em resposta, talos de festuca pendurados do canto da boca.

O som detonou respostas na forma de gritos de curiosidade e de boas— vindas de Clarence e dos cavalos e, em poucos segundos, Jamie e Roger apareceram, vindos da direção do celeiro, Brianna saiu da casinhola de refrigeração em cima da fonte, e o sr. Bug levantou-se de trás de um monte de esterco em mangas de camisa como abutre erguendo-se de uma carcaça, todos atraídos pelo barulho.

— Obrigada — eu disse à mula, que sacudiu uma orelha modestamente para mim e voltou à grama.

— O que foi? — Brianna ficou na ponta dos pés para espreitar por cima do ombro de Jamie quando ele pegou o pacote das minhas mãos. — Não é de Lallybroch, é?

— Não, não é nem a letra de Ian... nem de minha irmã — Jamie respondeu com não mais do que uma breve hesitação, embora eu o tenha visto olhar duas vezes para se certificar. — Mas veio de longe... por navio? — Ele segurou o pacote sob meu nariz, com ar inquiridor. Eu cheirei o pacote e balancei a cabeça, confirmando.

— Sim, há um certo cheiro de alcatrão na lona. Não são

documentos?

Ele virou o pacote de um lado para o outro, depois sacudiu a cabeça.

— Tinha um selo, mas já saiu. — Fragmentos cinzentos de cera agarravam-se à cordinha, mas o selo que poderia dar uma pista quanto ao remetente há muito havia sucumbido às vicissitudes da viagem e do transporte do sr. Wainwright.

— Hum. — O sr. Bug sacudiu a cabeça, apertando os olhos com ar de dúvida para o pacote. — Não é uma picareta.

— Não, não é uma picareta — Jamie concordou, testando o peso do pequeno pacote. — Nem um livro, muito menos um caderno de folhas de papel. Não encomendei mais nada de que consiga me lembrar. Você acha que podem ser sementes, Sassenach? O sr. Stanhope prometeu lhe enviar algumas do jardim de seu amigo, não foi?

— Oh, é possível que seja! — Era uma animadora possibilidade; o amigo de sr. Stanhope, sr. Crossley, possuía um imenso jardim ornamental, com uma grande variedade de espécies exóticas e importadas, e Stanhope se oferecera para ver se Crossley estaria disposto a uma troca; sementes e mudas de algumas das mais raras ervas asiáticas e europeias de sua coleção, em troca de bulbos e sementes do que Stanhope descreveu como meu "reduto nas montanhas".

Roger e Brianna trocaram um rápido olhar. Sementes eram muito menos intrigantes para eles do que papel ou livros seriam. Ainda assim, a novidade de qualquer carta ou pacote era suficiente para que ninguém sugerisse abri-lo até que tivessem extraído dele toda a possibilidade de diversão com a especulação sobre seu conteúdo.

Assim, o pacote acabou não sendo aberto senão depois do jantar, quando todos já tinham tido a chance de avaliar o peso do pacote, revirá-lo e cheirá-lo, e oferecer uma opinião relativa a seu conteúdo. Afastando o prato vazio, Jamie finalmente pegou o pacote com toda a cerimônia devida, sacudiu-o mais uma vez e em seguida entregou-o a mim.

— Este nó é um trabalho para as mãos de um cirurgião, Sassenach — ele disse com um sorriso. E era; quem quer que o tivesse atado não era nenhum marinheiro, mas substituíra o conhecimento pela diligência. Precisei de vários minutos, mas finalmente consegui desatar o nó, e enrolei cuidadosamente a corda fina para uso futuro.

Jamie, então, cortou a costura primorosamente com a ponta de sua adaga e retirou do embrulho uma pequena caixa de madeira, para exclamações gerais de surpresa. Era de desenho simples, mas elegante

na execução, feita de madeira escura polida, equipada com dobradiças e ferrolhos de latão, e com uma pequena placa de latão do mesmo material incrustada na tampa.

— "Da loja dos srs. Halliburton e Halliburton, Portman Square 14, Londres" — Brianna leu em voz alta, inclinando-se por cima da mesa e esticando o pescoço. — Quem são afinal Norman e Greene?

— Não faço a menor ideia — Jamie respondeu. Ele ergueu o ferrolho com um dedo e delicadamente colocou a tampa para trás. Dentro da caixa, havia uma pequena sacola de veludo vermelho-escuro. Ele a pegou, abriu o cordão que fechava a boca da sacola e lentamente retirou... um objeto.

Era um disco plano, de ouro, com cerca de dez centímetros de diâmetro. Com os olhos esbugalhados de assombro, pude ver que a borda era ligeiramente levantada, como a de um prato, e gravada com minúsculos símbolos de algum tipo. Fixo na parte central do disco, havia um estranho círculo feito de um metal prateado. Consistia em um pequeno mostrador aberto, como o de um relógio, mas com três braços ligando a borda externa ao centro do disco maior, dourado.

O pequeno círculo de prata também era decorado com inscrições, quase finas demais para serem vistas, e preso a uma peça em forma de lira, a qual descansava na barriga de uma enguia de prata, comprida e achatada, cujas costas curvavam-se confortavelmente ao redor do aro interno do disco de ouro. Coroando tudo, havia uma barra de ouro, afunilada nas pontas como uma agulha de bússola muito grossa, fixada com um pino que passava pelo centro do disco e permitia que a barra girasse. Gravado em letra manuscrita fluente ao longo do centro da barra estava o nome "James Fraser".

— Ora, o que, em nome de santa Brígida, isso poderia ser? — A sra. Bug, naturalmente, foi a primeira a se recobrar de sua surpresa.

— E um astrolábio planisférico — Jamie respondeu, recuperado de sua surpresa e soando agora quase como se fosse uma constatação trivial.

— Oh, mas é claro — murmurei. — Naturalmente!

Ele virou o objeto, expondo uma superfície plana gravada com diversos círculos concêntricos, estes por sua vez subdivididos em centenas de minúsculas graduações e símbolos. Este lado possuía uma peça giratória, como a que parecia uma agulha de bússola na outra face, mas tinha forma retangular e as pontas curvadas para cima, achatadas e com uma série de marcas entalhadas, de modo que os entalhes formavam um par de visores.

Bri esticou um dedo e tocou reverentemente na superfície brilhante.

— Meu Deus — ela disse. — Isso é mesmo de ouro?

— É, sim. — Jamie colocou o objeto cuidadosamente em sua mão aberta. E o que eu gostaria de saber é por quê.

— Por que de ouro ou por que um astrolábio? — perguntei.

— Por que de ouro — ele respondeu, franzindo a testa para o objeto. — Há tempos que venho querendo um instrumento desses e não consegui encontrar nenhum entre Albany e Charleston. Lorde John Grey prometeu me enviar um de Londres e suponho que seja esse. Mas por quê, em nome de Deus...

A atenção de todos ainda estava concentrada no astrolábio, mas Jamie olhou em outra direção, pegando a caixa em que ele viera. E, de fato, no fundo da caixa havia um bilhete, perfeitamente dobrado e selado com cera azul. A insígnia, entretanto, não era a meia-lua sorridente com as estrelas, de lorde John, com a qual estávamos acostumados, mas um timbre desconhecido, mostrando um peixe com um aro na boca.

Jamie examinou-o com o cenho franzido, depois rompeu o lacre e abriu o bilhete

Sr. James Fraser, Esq.

Em Frasers Ridge

Colônia Real da Carolina do Norte

Prezado senhor

Tenho a honra de enviar-lhe o objeto em anexo, com os cumprimentos de meu pai, lorde John Grey. Em meu embarque para Londres, ele me deu instruções para obter o melhor instrumento possível e, conhecedor da alta estima que ele tem por sua amizade, fez todo o possível para atender o pedido. Espero que receba sua aprovação.

Seu obediente criado,

William Ransome, Lorde Ellesmere,

Capitão, 9º Regimento

— William Ransome? — Brianna levantara-se a fim de ler por cima do ombro de Jamie. Olhou para mim, franzindo a testa. — Ele diz que seu pai é lorde John, mas o filho de lorde John ainda não é um menino?

— Ele tem quinze anos. — A voz de Jamie tinha um tom estranho e eu vi Roger erguer o olhar abruptamente do astrolábio em suas mãos, os olhos verdes repentinamente interessados. Ele voltou-se para mim, com aquele estranho olhar que desenvolvera ultimamente, como se ouvisse algo que ninguém mais conseguia ouvir. Eu desviei os olhos.

—...não Grey — Brianna dizia.

— Não. — Jamie ainda olhava para o bilhete em sua mão, soando um pouco distraído. Ele sacudiu a cabeça ligeiramente, como se dispersasse algum pensamento, e retornou à questão em pauta.

— Não — ele repetiu com mais firmeza, abaixando o bilhete. — O garoto é enteado de John. Seu pai era o conde de Ellesmere; o garoto é o nono desse título. Ransome é o nome de família de Ellesmere.

Eu mantive os olhos fixos diligentemente na mesa e na caixa vazia, com medo de erguer os olhos e deixar que meu rosto transparente revelasse alguma coisa — ainda que apenas o fato de que havia algo a ser revelado.

O pai de William Ransome não era, na realidade, o oitavo conde de Ellesmere. Seu pai era James Fraser, e eu pude sentir a tensão na perna de Jamie quando tocou a minha por baixo da mesa, embora seu rosto agora exibisse uma expressão de leve exasperação.

— Evidentemente, o rapaz recebeu uma comissão — ele disse, dobrando cuidadosamente a carta e guardando-a novamente na caixa. — Então ele partiu para Londres e comprou o instrumento lá, segundo as instruções de John. Mas suponho que, para um garoto de sua posição, "o melhor" deva necessariamente significar folheado a ouro!

Ele estendeu a mão e o sr. Wainwright, que admirava seu reflexo na superfície dourada e brilhante, relutantemente devolveu o astrolábio.

Jamie examinou-o com ar crítico, girando a enguia de prata com o dedo indicador.

— Sim, bem — ele disse, de forma quase relutante. — É realmente um artefato de altíssima qualidade.

— Muito bonito. — O sr. Bug balançou a cabeça com aprovação, estendendo a mão para um dos bolinhos quentes que sua mulher estava oferecendo. — Levantamento topográfico?

— Sim, isso mesmo.

— Levantamento? — Brianna pegou dois dos bolinhos de batata e sentou-se ao lado de Roger, automaticamente passando-lhe um. — É para levantamento topográfico?

— Entre outras coisas. — Jamie virou o astrolábio e delicadamente empurrou a barra plana, fazendo os visores com os entalhes de medição girarem. — Esta peça... é usada como uma passagem. Sabe o que é?

Brianna balançou a cabeça, parecendo interessada.

— Claro. Eu sei fazer diversos tipos de levantamento topográfico,

mas geralmente usamos...

Eu vi Roger fazer uma careta ao engolir, a aspereza do bolinho arranhando sua garganta. Ergui a mão para a jarra de água, mas ele olhou para mim e sacudiu a cabeça, quase imperceptivelmente. Engoliu outra vez, com mais facilidade desta vez, e tossiu.

— Lembro-me de você ter dito que sabia fazer levantamentos. — Jamie olhou para sua filha com aprovação. — Foi por isso que eu queria este instrumento - ele levantou o objeto na mão, — embora eu tivesse algo um pouco menos vistoso em mente. Estanho teria sido um pouco mais prático. Ainda assim, desde que não tive que pagar por ele...

— Deixe-me ver. — Brianna estendeu a mão e pegou o instrumento, franzindo a testa em concentração, enquanto movia o dial interno.

— Você sabe usar um astrolábio? — perguntei a ela, em dúvida.

— Eu sei — Jamie disse, com um certo grau de presunção. — Ensinaaram-me na França. — Levantou-se e empinou o queixo na direção da porta.

— Traga-o aqui fora, menina. Vou lhe mostrar como ver as horas.

—...Sim, bem aí. — Jamie inclinou-se atentamente sobre o ombro de Bri, indicando um ponto no disco externo. Ela moveu o disco interno cuidadosamente para combinar com o externo, ergueu os olhos para o sol e moveu o ponteiro uma fração de polegada.

— Cinco e meia! — ela exclamou, corada de entusiasmo.

— Cinco e trinta e cinco — Jamie corrigiu, com um largo sorriso. — Está vendo ali? — Apontou para um dos minúsculos símbolos na borda, que a essa distância parecia-me não passar de um pontinho deixado por uma mosca.

— Cinco e trinta e cinco — a sra. Bug repetiu, num tom de assombro. — Veja só, Arch! Ora, eu não sei a hora certa desde... desde...

— Edimburgo -seu marido disse, balançando a cabeça.

— Sim, isso mesmo! Minha prima Jane possuía um relógio de parede, lindo, soava como um sino de igreja, e o mostrador com números de latão e um par de pequenos querubins voando, tão...

— Esta é a primeira vez que fiquei sabendo a hora, desde que deixei a casa dos Sherston. — Bri ignorava tanto os êxtases da sra. Bug quanto o instrumento em suas mãos. Eu a vi olhar nos olhos de Roger e sorrir, e após um instante, o próprio sorriso dele, torto, em resposta. Há quanto tempo tinha sido para ele?

Todos apertavam os olhos para o sol poente, abanando nuvens de mosquitinhos dos olhos e discutindo qual a última vez em que souberam a hora. Que estranho, pensei, achando graça. Por que essa preocupação em medir o tempo? E no entanto eu também a tinha.

Tentei lembrar quando fora a última vez para mim. No casamento de Jocasta? Não — no campo perto de Alamance Creek, pouco antes da batalha. O coronel Ashe tinha um relógio de bolso e — parei, lembrando-me. Não. Foi depois da batalha. E essa fora provavelmente a última vez que Roger soubera a hora certa -se estivesse suficientemente consciente para ouvir um dos cirurgiões do exército anunciar que eram quatro horas e dar sua opinião abalizada de que Roger não viveria até as cinco.

— O que mais você pode fazer com ele, pai?

Bri devolveu o astrolábio cuidadosamente para Jamie, que pegou-o e imediatamente começou a limpar as marcas de dedos com a aba de sua camisa.

— Oh, muitas coisas. Você pode descobrir a sua localização, se no mar ou em terra, ver as horas, encontrar uma determinada estrela no céu...

— Muito útil — observei. — Embora talvez não tão prático quanto um relógio. Mas imagino que saber as horas não era seu objetivo principal, não é?

— Realmente, não. — Ele sacudiu a cabeça, guardando o astrolábio delicadamente em sua sacola. — Preciso fazer o levantamento topográfico adequado das duas concessões de terras, e sem demora.

— Por que sem demora? — Bri virara-se para ir embora, mas voltou-se novamente para ele, uma das sobranceiras erguidas.

— Porque o tempo está ficando curto. — Jamie ergueu os olhos para ela, o prazer de sua aquisição dando lugar à seriedade. Ele olhou por cima do ombro, mas não havia mais ninguém no alpendre, a não ser ele mesmo e eu, Brianna e Roger.

O sr. Wainwright, sem interesse em maravilhas científicas, descera para o pátio e carregava seus pacotes para dentro de casa, ajudado pelo sr. Bug e atrapalhado pelos contínuos comentários da sra. Bug. Até amanhã, todos em Ridge ficariam sabendo que ele estava aqui e viriam à casa para comprar, vender e ouvir as últimas notícias.

— Vocês sabem o que vem por aí, vocês dois. — Jamie olhou de Bri para Roger. — O rei pode ser deposto, mas a terra continuará. E se quisermos conservar estas terras depois de toda a confusão, temos que tê-las adequadamente medidas e registradas. Quando há guerra, quando as pessoas têm que deixar suas terras ou talvez quando elas

são confiscadas, é o diabo consegui-las de volta, mas talvez seja possível, desde que você tenha um documento adequado provando o que lhe pertencia antes.

O sol lançou centelhas douradas e cor de fogo da curva de sua cabeça quando ele olhou para cima. Ele balançou a cabeça na direção da linha escura das montanhas, em silhueta contra um magnífico leque de nuvens douradas e cor-de-rosa, mas eu pude ver pela distância que seus olhos abrangiam que ele via algo muito além.

— Lallybroch, nós a salvamos por meio de uma transferência de propriedade. E o Jovem Simon, filho de Lovat, ele lutou por suas terras, depois de Culloden, e por fim conseguiu a maior parte de volta. Mas somente porque ele tinha os documentos para provar o que tinha sido dele.

Abriu a tampa da caixa que havia trazido com ele para fora e cuidadosamente colocou a sacola de veludo dentro.

— Eu terei os documentos. E se for um Jorge ou outro que governe na época, estas terras serão nossas. E de vocês — acrescentou suavemente, erguendo os olhos para Brianna. — E de seus filhos, depois de vocês.

Coloquei a mão sobre a dele, pousada em cima da caixa. Sua pele estava quente do trabalho e do calor do dia, e ele cheirava a suor limpo. Os cabelos de seu antebraço brilhavam ruivos e dourados ao sol, e eu compreendi muito bem naquele momento por que os homens medem o tempo. Eles querem fixar um momento, na vã esperança de que assim o fazendo o impedirão de passar.

ALGO NADA INSIGNIFICANTE

Brianna viera à casa grande para pegar um livro emprestado. Deixou

Jemmy na cozinha com a sra. Bug e desceu o corredor na direção do gabinete de seu pai. Ele não estava, o aposento estava vazio, embora seu cheiro permanecesse no ar — um indefinível cheiro masculino, composto de couro, serragem, suor, uísque, esterco — e tinta.

Ela esfregou o dedo sob o nariz, as narinas torcendo-se, e sorriu diante do pensamento. Roger também cheirava a tudo isso — no entanto, tinha seu próprio cheiro, subjacente. E qual era?, ela se perguntou. Suas mãos costumavam cheirar ligeiramente a verniz e metal, quando ele tinha um violão. Mas isso foi há muito tempo, em um lugar muito distante.

Afastando o pensamento, voltou sua atenção para os livros na prateleira. Fergus trouxera três novos livros de sua última viagem a Wilmington: uma coletânea de ensaios de Michel de Montaigne — eram em francês, não serviam, — um exemplar surrado de Moll Flanders, de Daniel Defoe, e um livro muito fino, de capa de papel, de B. Franklin, *The Means and Manner of Obtaining Virtue*.

Nenhuma dúvida, ela pensou, pegando Moll Flanders. O livro já passara por muitas mãos; a lombada estava rachada e as folhas soltas. Esperava que ao menos estivessem todas ali; nada pior do que alcançar uma parte boa da história e descobrir que as próximas vinte páginas estavam faltando. Folheou o livro cuidadosamente, verificando, mas as páginas pareciam todas lá, ainda que uma ou outra estivessem amassadas ou manchadas de comida. O livro tinha um cheiro peculiar, como se tivesse sido mergulhado em sebo.

Um estrondo repentino, vindo do consultório de sua mãe, arrancou-a de sua contemplação dos livros. Olhou instintivamente para Jem, mas obviamente ele não estava lá. Enfiando apressadamente o livro de volta em seu lugar, saiu correndo do gabinete, deparando-se com sua mãe, correndo pelo corredor, vindo da cozinha.

Ela alcançou a porta do consultório antes de Claire por uma fração de segundo.

— Jem!

A porta do enorme armário estava aberta e o cheiro de mel enchia o ar. Uma garrafa de cerâmica quebrada jazia no chão, numa poça dourada e pegajosa, e Jemmy estava sentado no meio dela todo besuntado, os olhos azuis absolutamente redondos, a boca aberta numa expressão de choque e culpa.

O sangue subiu ao seu rosto. Ignorando a sujeira, ela agarrou-o pelo braço, colocando-o em pé.

— Jeremiah Alexander MacKenzie — Brianna disse, em tons assustadores — você é um menino levado! — Fez uma rápida inspeção, para ver se havia sangue ou algum ferimento, não encontrou nada, e aplicou-lhe uma palmada no traseiro, com força suficiente para fazer a palma de sua mão arder.

O berro resultante deu-lhe de imediato uma pontada de culpa. Em seguida, viu o resto da destruição no consultório e teve que conter o impulso de dar-lhe outra palmada.

— Jeremiah!

Maços de alecrim, tomilho e milefólio secos haviam sido arrancados da estante de secagem e esfarelados. Uma das prateleiras de gaze da própria estante havia sido arrancada, o tecido rasgado, dependurado. Garrafas e botijas dos armários jaziam viradas ou rolavam pelo assoalho; algumas das rolhas haviam se soltado, derramando pós e líquidos multicores. Uma grande saca de linho de sal grosso fora revirada, punhados dos cristais atirados a esmo por toda parte.

Pior de tudo, o amuleto de sua mãe jazia no chão, a pequena bolsa de couro aberta, rasgada e vazia. Fragmentos espalhados de plantas secas, alguns ossos minúsculos e outros componentes se espalhavam ao redor.

— Mamãe, sinto muito... ele fugiu. Eu não estava olhando... deveria ter ficado de olho nele... — Quase tinha que gritar suas desculpas, para ser ouvida acima do berreiro de Jemmy.

Claire, encolhendo-se ligeiramente com o barulho, olhou ao redor do consultório, fazendo um rápido inventário. Depois, parou e pegou Jemmy no colo, sem se preocupar com o mel.

— Shhhh — ela disse, colocando a mão de leve sobre sua boca. Isso tendo se mostrado ineficaz, deu leves pancadinhas sobre o orifício escancarado, produzindo um "uá-uá-uá-uá" que fez Jemmy parar instantaneamente. Ele enfiou o dedo na boca, fungando ruidosamente, e deitou uma bochecha imunda no ombro de Claire.

— Bem, eles realmente mexem em tudo — ela disse a Bri, parecendo mais divertida do que zangada. — Não se preocupe,

querida, é só um pouco de sujeira. Ele não conseguiu alcançar as facas, graças a Deus, e eu também guardo os venenos bem no alto.

Brianna começou a sentir o coração desacelerar. A palma de sua mão estava quente, pulsando com o sangue sob a pele.

— Mas seu amuleto... — Ela apontou, e viu uma sombra atravessar o rosto de sua mãe ao ver a profanação.

— Oh. — Claire respirou fundo, deu uns tapinhas nas costas de Jemmy, e colocou-o no chão. Prendendo o lábio inferior com os dentes, ela abaixou-se e cuidadosamente pegou a bolsinha vazia com suas penas sujas.

— Sinto muito — Brianna repetiu, desolada.

Ela pôde ver o esforço que custou, mas sua mãe fez um gesto descartando a questão, antes de se agachar para recolher os fragmentos do chão. Seus cabelos cacheados estavam soltos e caíram para frente, escondendo seu rosto.

— Eu sempre me perguntei o que haveria dentro dele — Claire disse. Delicadamente, começou a recolher os pequenos ossos, colecionando-os com cuidado na palma da mão. — De que você acha que são? Um musaranho?

— Não sei. — Sem perder Jemmy de vista, Brianna agachou-se e começou a recolher os objetos espalhados. — Achei que deviam ser de um rato ou de um morcego.

Sua mãe ergueu os olhos para ela, surpresa.

— Como você é perceptiva, olhe! — Ela puxou um pequeno objeto marrom, semelhante a papel, do chão e estendeu-o para Brianna. Inclinando-se para olhar mais de perto, Brianna pôde ver que o que parecia uma folha seca e amarrotada era na realidade um fragmento de asa de um minúsculo morcego, o couro frágil ressecado a ponto de ficar translúcido, um osso fino como uma agulha, curvando-se por ela como a nervura central de uma folha.

— "Olho de salamandra e dedo de sapo/ Pelo de morcego e língua de cachorro" — Claire recitou. Espalhou o punhado de ossos sobre a bancada, olhando-os fascinada. — O que será que ela queria dizer com isso?

— Ela?

— Nayawenne, a mulher que me deu a bolsinha. — Agachando-se, Claire juntou os farelos de folha, ao menos Brianna esperava que fossem realmente de folhas, na mão e cheirou-os. Havia tantos odores no ar do consultório que ela própria não conseguia distinguir nada além da preponderante doçura do mel, mas evidentemente o nariz sensível de sua mãe não tinha dificuldade em distinguir os diferentes

cheiros.

— Baga de loureiro, abeto-balsâmico, gengibre selvagem e erva-de-bicho — ela disse, cheirando como um cão caçador de trufas. — Um pouco de sálvia também, eu acho.

— Erva-de-bicho? — Brianna riu do nome, apesar de sua aflição.

— Também conhecida como pimenta-d'água. É uma plantinha que cresce perto de córregos e irrita a pele; provoca bolhas e arde os olhos, e outras coisas, imagino, se você acidentalmente se sentar em cima dela — sua mãe informou, despejando o montículo de fragmentos de plantas secas sobre a mesa, junto com os ossos.

Jemmy, repreensões esquecidas, se apoderara de uma pinça cirúrgica e a revirava de um lado para o outro na mão, evidentemente tentando decidir se era comestível. Brianna perguntou-se se deveria tirá-la dele, mas considerando que sua mãe sempre esterilizava seus instrumentos metálicos fervendo-os, resolveu deixá-lo ficar com ela por um instante, já que não tinha bordas afiadas.

Deixando-o com Claire, ela voltou à cozinha para buscar água quente e alguns panos para limpar o mel. A sra. Bug estava lá, mas dormia profundamente, roncando suavemente no longo banco de madeira, de braços e espaldar alto, as mãos entrelaçadas sobre a barriga roliça, o lenço de cabeça confortavelmente torto, sobre uma das orelhas.

Voltando na ponta dos pés com o balde de água e um punhado de panos, encontrou a maior parte da bagunça já varrida e sua mãe rastejando sobre as mãos e os joelhos, olhando embaixo dos móveis.

— Perdeu alguma coisa? — Ela olhou para a prateleira inferior do armário, mas não viu nada faltando, exceto a jarra de mel. Os outros frascos haviam sido cuidadosamente tampados e substituídos, e tudo parecia em seus devidos lugares.

— Sim. — Claire abaixou-se ainda mais, franzindo as sobrancelhas, enquanto espreitava embaixo do armário. — Uma pedra. Mais ou menos deste tamanho — ela estendeu a mão, o polegar e o dedo indicador formando um círculo, para mostrar uma esfera com o diâmetro de uma moeda pequena — e azul-acinzentada. Transparente em alguns pontos. É uma safira bruta.

— Estava no armário? Talvez a sra. Bug a tenha colocado em outro lugar.

Claire sentou-se sobre os calcanhares, sacudindo a cabeça.

— Não, ela não toca em nada aqui. Além do mais, não estava no armário, estava ali. — Ela fez um sinal com a cabeça, indicando o local onde se via a bolsinha vazia do amuleto, ao lado dos restos de

ervas e ossos.

Uma rápida busca em todo o consultório — e depois outra mais minuciosa — não revelou nem sinal da pedra.

— Sabe — Claire disse, passando a mão pelos cabelos enquanto olhava pensativamente para Jemmy, — detesto sugerir isso, mas você acha...?

— Mer..., quer dizer, droga! — Brianna exclamou, a preocupação elevando-se a um nível de ligeiro alarme. Abaixou-se para olhar para Jemmy, que altivamente a ignorou, concentrando-se na tarefa de inserir a pinça cirúrgica em sua narina esquerda. — De fato, havia farelos de ervas secas presas ao mel em volta da boca de Jemmy, mas certamente era apenas alecrim ou tomilho...

Ofendido com o minucioso escrutínio, ele tentou atingi-la com a pinça, mas ela agarrou seu pulso com mão de ferro, retirando a pinça da mão de Jemmy com a outra.

— Não bata na mamãe — ela disse automaticamente, — isso é muito feio. Jem, você engoliu a pedra da vovó?

— Não — ele disse, também automaticamente, agarrando a pinça. — Meu!

Ela cheirou seu rosto, fazendo-o inclinar-se para trás num ângulo perigoso, mas não conseguiu saber. Mas achava que não era alecrim.

— Venha cheirá-lo — ela disse a sua mãe, levantando-se. — Não sei dizer.

Claire inclinou-se e Jemmy deu uma risadinha estridente, alarmado, preparando-se para um divertido jogo de "Vou te comer". Mas ele ficou decepcionado; sua avó simplesmente inspirou profundamente e declarou em tom definitivo "gengibre selvagem", depois inclinou-se para olhar mais de perto, pegando um pano úmido para limpar as manchas de mel, apesar dos crescentes uivos de protesto.

— Olhe. — Claire apontou para a pele macia ao redor da boca de Jemmy. Uma vez limpa, Brianna pôde ver com clareza: duas ou três minúsculas bolhas, como pérolas em miniatura.

— Jeremiah — ela disse severamente, tentando olhá-lo diretamente nos olhos. — Conte para a mamãe. Você comeu a pedra da vovó?

Jeremiah evitou seu olhar e contorceu-se para se afastar, colocando as duas mãos protetoramente no traseiro.

— Não bate — ele disse. — Feio!

— Não vou lhe dar uma palmada — ela garantiu-lhe, agarrando um pé fugidio. — Só quero saber. Você engoliu uma pedra deste

tamanho? — Ela mostrou o tamanho com o dedo e o polegar em círculo. Ele riu.

— Bom — ele disse. Essa era sua nova palavra favorita, aplicada indistintamente a qualquer objeto que gostasse.

Brianna fechou os olhos, suspirando de exasperação, depois os abriu, fitando sua mãe.

— Receio que sim. Pode machucá-lo?

— Creio que não. — Claire olhou para seu neto pensativamente, batendo o dedo contra os lábios. Depois atravessou o aposento, abrindo um dos armários altos e retirando dali uma grande garrafa de vidro marrom.

— Óleo de rícino — ela explicou, revirando uma gaveta em busca de uma colher. — Não tão gostoso quanto mel — ela acrescentou, olhando para Jemmy com um olhar penetrante, — mas muito eficaz.

O óleo de rícino podia ser eficaz, mas levou algum tempo. Vigianado Jemmy atentamente, sentado, brincando com seu cesto de cubos de madeira depois de tomar uma dose, Brianna e Claire aproveitaram o tempo de espera para limpar e arrumar o consultório; depois, voltaram-se para a tarefa tranquila, mas demorada, de preparar misturas medicinais. Já fazia algum tempo que Claire não se dedicava a isso, e havia uma espantosa profusão de folhas, raízes e sementes a serem trituradas, raladas, socadas, fervidas em água, impregnadas de óleo, extraídas com álcool, coadas em gaze, combinadas a gordura de urso ou cera de abelha derretidas, misturadas a talco em pó ou enroladas em pílulas, depois colocadas em botijas, sacolas ou garrafas para preservação.

Era um dia agradavelmente quente e elas deixaram as janelas abertas para a brisa entrar, embora isso significasse estar constantemente matando moscas, espantando mosquitos e pescando algum entusiástico abelhão de alguma solução borbulhante.

— Cuidado, querido! — Brianna apressou-se a espantar uma abelha que pousara em um dos blocos de Jemmy, a tempo de evitar que ele a agarrasse. — Bichinho ruim. Fora!

— Elas sentem o cheiro do mel nele — Claire disse, abanando a mão para afastar outra abelha. — É melhor eu devolver a elas um pouco de seu mel. — Colocou uma tigela com mel dissolvido em água no peitoril da janela e, em poucos instantes, as abelhas enchiam a borda da tigela, bebendo avidamente a solução.

— Persistentes, não? — Brianna observou, enxugando um fio de suor que escorria entre seus seios.

— Bem, a persistência pode nos levar longe — Claire murmurou

distraidamente, franzindo ligeiramente a testa enquanto mexia uma solução, aquecida sobre um fogareiro a álcool. — Acha que já está pronto?

— Você sabe bem melhor do que eu. — Ainda assim, inclinou-se solicitamente e cheirou. — Acho que sim; o cheiro está bem forte.

Claire enfiou o dedo rapidamente na tigela, depois provou.

— Hum, sim, acho que sim. — Tirando a tigela da chama, despejou o líquido verde-escuro cuidadosamente em uma garrafa, passando-o por um coador de gaze. Várias outras garrafas altas de vidro alinhavam-se sobre a bancada, a luz do sol brilhando através de seus conteúdos como pedras preciosas vermelhas, verdes e amarelas.

— Você sempre soube que iria ser médica? — Brianna perguntou com curiosidade. Sua mãe sacudiu a cabeça, habilmente picando um punhado de casca de corniso com uma faca afiada.

— Nunca pensei nisso quando era jovem. A maioria das jovens não pensava em medicina, na época, é claro. Quando estava crescendo, eu sempre presumia que iria me casar, ter filhos, constituir um lar... Lizzie lhe parece bem? Achei que ela estava um pouco amarela nas extremidades ontem à noite, mas pode ter sido apenas a luz da vela.

— Acho que ela está bem. Acha mesmo que ela está apaixonada por Manfred? — Havia comemorado o noivado de Lizzie com Manfred MacGillivray na noite anterior, com toda a família MacGillivray vindo de sua fazenda para um lauto jantar. A sra. Bug, que gostava de Lizzie, se esmerara; não era de admirar que estivesse dormindo hoje durante o dia.

— Não — Claire disse com franqueza. — Mas desde que não esteja apaixonada por mais ninguém, creio que esteja tudo bem. Ele é um bom rapaz e bem bonito. E Lizzie gosta da mãe dele, o que também é bom, nas circunstâncias. — Sorriu diante da lembrança de Rute MacGillivray, que imediatamente tomara Lizzie sob sua espaçosa asa maternal, pegando bocados particularmente deliciosos e assiduamente enfiando-os pela garganta de Lizzie, como um tordo alimentando um frágil filhote.

— Acho que ela gosta mais da sra. MacGillivray do que de Manfred. Ela era muito pequena quando sua mãe morreu; para ela é como se tivesse outra agora. — Brianna olhou para sua mãe pelo canto do olho. Podia se lembrar muito bem da sensação de não ter mãe, e a absoluta felicidade de ter sua mãe de volta. Num reflexo, olhou para Jemmy, que mantinha uma animada, ainda que ininteligível, conversa com Adso, o gato.

Claire balançou a cabeça, esfregando a casca picada entre as mãos, acima de uma pequena jarra redonda cheia de álcool.

— Sim. Ainda assim, acho aconselhável que esperem um pouco — Lizzie e Manfred, quero dizer — para se conhecerem melhor. — Fora acertado que o casamento seria realizado no verão seguinte, depois que Manfred terminasse de montar a loja em Woolams Creek. — Espero que funcione.

— O quê?

— A casca de corniso. — Claire tampou o recipiente e colocou-o no armário. — O livro de casos do dr. Rawlings diz que pode ser usada em substituição à casca de cinchona, sabe, para se obter quinina. E certamente é mais fácil de conseguir, sem falar que é bem mais barata.

— Ótimo. Espero que funcione. — A malária de Lizzie mantivera-se em suspenso por vários meses, mas sempre havia a ameaça de recorrência, e a casca de cinchona era terrivelmente cara.

O assunto de sua conversa anterior permaneceu em sua mente e ela voltou ao tema, enquanto pegava um novo punhado de folhas de sálvia para o almofariz, amassando-as cuidadosamente antes de colocá-las para macerar.

-Você disse que não planejava ser médica quando era jovem. Mas pareceu bem determinada sobre isso mais tarde. — Possuía lembranças dispersas, mas vívidas, dos estudos de Claire para se formar em medicina; ainda podia sentir o cheiro de hospital nos cabelos e nas roupas de sua mãe, e sentir o toque frio e macio dos aventais verdes que ela às vezes usava, quando ia lhe dar um beijo de boa-noite ao voltar tarde do trabalho.

Claire não respondeu imediatamente, concentrando-se nas barbas de milho secas que estava limpando, arrancando os fios estragados e atirando— os pela janela aberta.

— Bem — ela disse finalmente, sem tirar os olhos de seu trabalho. — As pessoas, e não apenas as mulheres, que sabem quem são e o que estão destinadas a ser... elas encontram uma maneira. Seu pai... Frank, quero dizer... — Juntou as barbas de milho limpas e transferiu-as para um pequeno cesto trançado, pequenos fragmentos espalhando-se pela bancada ao fazê-lo. — Ele era um excelente historiador. Ele gostava do assunto e tinha o dom da disciplina e da concentração, que fez dele um sucesso, mas não era realmente uma... uma vocação para ele. Ele mesmo me disse isso, que poderia ter feito outras coisas igualmente bem e não teria feito grande diferença para ele. Mas, para algumas pessoas, há uma preferência que realmente importa muito. E quando isso acontece... bem, a medicina realmente era muito importante para mim. Eu não sabia, no começo, mas depois compreendi que simplesmente era isso o que eu tinha que fazer. E depois que soube disso... — Deu de ombros, limpando as mãos, e cobriu o cesto com um

pedaço de linho, amarrando o tecido com uma corda fina.

— Sim, mas... nem sempre se pode fazer o que quer, não é? — ela disse, pensando na cicatriz irregular na garganta de Roger.

— Bem, a vida certamente impõe algumas coisas a uma pessoa — sua mãe murmurou. Ergueu os olhos, deparando-se com os de Brianna, e sua boca curvou-se num sorriso amargo. — E para o homem comum, ou mulher, a vida que encontram é a vida que levam. Marsali, por exemplo. Tenho certeza de que nunca lhe passou pela cabeça que poderia estar fazendo outra coisa que não o que faz. Sua mãe cuidava da casa e criava os filhos; ela não vê nenhuma razão para que devesse fazer alguma outra coisa. E no entanto... — Claire encolheu um dos ombros num gesto de dúvida e se esticou por cima da mesa para pegar o outro almofariz. — Marsali tinha uma grande paixão... por Fergus. E isso foi suficiente para arrancá-la da rotina que sua vida teria sido...

— Para outra exatamente igual?

Claire inclinou a cabeça, parcialmente concordando, sem erguer os olhos.

— Praticamente igual, exceto que ela está na América, e não na Escócia. E ela tem Fergus.

— Como você tem Jamie? — Ela raramente usava o primeiro nome do pai e Claire ergueu os olhos, surpresa.

— Sim — ela disse. — Jamie faz parte de mim. Assim como você. — Ela tocou o rosto de Bri, rapidamente, depois se virou, esticando-se para pegar um maço amarrado de manjerona da fileira de ervas penduradas na viga acima da lareira. — Mas eu não sou inteiramente nenhum dos dois — ela acrescentou suavemente, de costas. — Eu sou... o que eu sou. Médica, enfermeira, curandeira, bruxa, como quer que as pessoas chamem, o nome não importa. Eu nasci para ser isso; serei isso até morrer. Se eu perdesse você, ou Jamie, eu não seria mais uma pessoa inteira, mas ainda me restaria minha vocação. Durante algum tempo... — ela continuou, tão brandamente que Brianna teve que se esforçar para ouvi-la — depois que eu... voltei... antes de você vir... isso era tudo que eu tinha. Só a certeza.

Claire esfarelou a manjerona seca dentro do almofariz e pegou o pilão para triturá-la. Ouviu-se o som de botas do lado de fora e, em seguida, a voz de Jamie, com um comentário bem-humorado para a galinha que atravessou seu caminho.

E amar Roger, amar Jamie, não era suficiente para ela? Certamente deveria ser. Tinha a terrível e oca sensação de que talvez não fosse, e falou rápido, antes que o pensamento pudesse encontrar as palavras.

— E quanto ao papai?

— O que tem ele?

— Ele... é alguém que sabe quem é, você acha?

As mãos de Claire pararam de se mover, o barulhento pilão silenciando-se.

— Oh, sim — ela disse. — Ele sabe.

— Um senhor de terras? É assim que você diria?

Sua mãe hesitou, pensando.

— Não — respondeu finalmente. Pegou o pilão novamente e começou a triturar a erva. A fragrância de manjerona seca encheu o aposento como incenso. — Ele é um homem, e isso não é pouca coisa.

SOLITÁRIA

Brianna fechou o livro, com uma sensação mista de alívio e mau presságio. Ela não fizera objeção à ideia de Jamie de que ela ensinasse as primeiras letras a algumas das meninas de Ridge. Isso enchia a cabana de alegres ruídos por algumas horas e Jemmy adorava os cuidados de meia dúzia de mães em miniatura.

Entretanto, ela não era uma professora inata e sempre se sentia aliviada ao final da aula. Mas o mau presságio veio logo atrás. A maioria das meninas vinha sozinha ou sob os cuidados de uma irmã mais velha. Anne e Kate Henderson, que viviam a três quilômetros dali, eram escoltadas por seu irmão mais velho, Obadiah.

Não sabia ao certo quando ou como começara. Talvez desde o primeiro dia, quando ele a olhara diretamente nos olhos, sorrindo levemente, e sustentara o olhar por um tempo talvez um pouco longo demais antes de dar umas palmadinhas na cabeça das irmãs e deixá-las aos seus cuidados. Mas não havia razão para ela sentir aquilo. Nem na ocasião, nem nos dias posteriores. E no entanto...

Colocando em termos francos para si mesma, Obadiah Henderson lhe dava arrepios. Era um rapaz alto de vinte e poucos anos, musculoso e bonito, de cabelos castanhos e olhos azuis. Mas havia alguma coisa nele que não parecia certa; um quê de brutal na boca, alguma coisa selvagem nos olhos fundos. E algo muito perturbador na maneira como olhava para ela.

Ela detestava ir até a porta ao final da aula. As meninas debandavam num alvoroço de vestidos e risadinhas — e Obadiah estaria lá, esperando, encostado em uma árvore, sentado na mureta do poço, ou mesmo esparramado no banco à sua porta.

A constante incerteza, sem nunca saber onde ele estaria — mas sabendo que ele estava lá, em algum lugar, abalava seus nervos quase tanto quanto aquele olhar jocoso e o sorriso afetado, silencioso, quando a deixava, por pouco não piscando os olhos, como se soubesse algum segredinho sujo a respeito dela, mas tivesse resolvido guardá-lo para si mesmo — por enquanto.

Ocorreu-lhe, com um certo senso de ironia, que seu desconforto perto de Obadiah devia-se ao menos em parte a Roger. Ela se acostumara a ouvir o que não era dito em voz alta.

Ele Obadiah não falava. Ele não lhe dizia nada, não tinha nenhuma atitude imprópria em relação a ela. Poderia dizer-lhe para não ficar olhando para ela? Isso era ridículo. Ridículo, também, que algo tão tolo pudesse fazer seu coração saltar à garganta quando abria a porta, e fazê-la sentir o suor nas axilas quando o via.

Preparando-se para enfrentá-lo, abriu a porta para as meninas e deu adeus enquanto elas debandavam, depois ficou parada e olhou ao redor. Ele não estava lá. Nem junto ao poço, à árvore, no banco... em lugar nenhum.

Anne e Kate não estavam olhando; já estavam no meio da clareira com Janie Cameron, as três de mãos dadas.

— Annie! — ela chamou. — Onde está seu irmão?

Annie virou-se parcialmente, as tranças balançando.

— Ele foi a Salem, senhora — ela respondeu. — Nós vamos jantar com Jane hoje! — Sem esperar resposta, as três afastaram-se saltitando, como um trio de bolas de borracha.

A tensão desfez-se devagar de seu pescoço e ombros conforme ela inspirou longa e profundamente. Sentiu-se confusa por um instante, como se não soubesse ao certo o que fazer. Depois, empertigou-se e alisou o avental amarrotado. Jemmy estava dormindo, embalado pela cantoria anasalada das meninas recitando as letras do alfabeto. Ela podia aproveitar seu cochilo e ir buscar leite azedo na casinhola de refrigeração na fonte. Roger gostava de pãezinhos de leite azedo; iria fazê-los para o jantar, com um pouco de presunto.

A casinhola de refrigeração estava fria e escura, repousante com o som da água correndo pelo canal, forrado de pedras, no chão. Adorava entrar ali e esperar seus olhos se adaptarem à escuridão, para que pudesse admirar as folhas compridas e sinuosas das algas verde-escuras que se agarravam às pedras, flutuando na corrente. Jamie mencionara que uma família de morcegos havia se instalado na casa de refrigeração também — sim, lá estavam eles, quatro minúsculas trouxinhas penduradas no canto mais escuro, cada qual com menos de cinco centímetros, tão perfeitamente embrulhados como os charutinhos gregos enrolados em folhas de uva. Sorriu à ideia, embora fosse seguida de uma pontada de tristeza. Ela comera charutinhos com Roger, num restaurante grego em Boston. Ela não gostava tanto de comida grega, mas teria sido uma lembrança de sua própria época para compartilhar com ele, quando lhe contasse sobre os morcegos. Se ela lhe contasse agora, pensou, ele sorriria em resposta — mas o sorriso não atingiria seus olhos, e ela se lembraria sozinha.

Saiu da casa de refrigeração, caminhando devagar, o balde de leite azedo em uma das mãos, equilibrado por um pedaço de queijo na

outra. Uma omelete de queijo seria bom para o almoço; rápida de preparar, e Jemmy adorava omelete. Ele preferia usar a colher para matar a presa, depois usar as duas mãos para devorá-la, fazendo uma grande bagunça, mas finalmente ele conseguia comer sozinho, e isso era um bom progresso.

Ainda sorria, quando ergueu os olhos do caminho e deparou-se com Obadiah Henderson sentado em seu banco.

— O que está fazendo aqui? — Sua voz saiu incisiva, porém mais alta do que pretendia. — As meninas disseram que você tinha ido a Salem.

— E fui. — Ele se levantou e deu um passo à frente, com aquele sorriso astuto nos lábios. — Voltei.

Ela conteve o impulso de recuar um passo. Aquela era a sua casa; ele não iria fazê-la recuar de sua própria porta.

— Bem, as meninas já foram — ela disse, tão friamente quanto conseguiu. — Estão na casa dos Cameron. — Seu coração batia com força, mas ela passou por ele, pretendendo colocar o balde no alpendre.

Ela inclinou-se e ele colocou a mão em suas costas, na base de sua espinha. Ela ficou paralisada por um instante. Ele não retirou a mão, não tentou acariciar ou apertar — mas seu peso ficou em sua espinha como uma cobra morta. Ela endireitou-se num salto e girou nos calcanhares, dando um passo para trás, e para o inferno em não deixar que ele a intimidasse. Ele já havia feito isso.

— Eu lhe trouxe algo — ele disse. — De Salem. — O sorriso continuava em seus lábios, mas parecia completamente desconectado da expressão em seus olhos.

— Eu não quero — ela disse. — Quer dizer... obrigada. Mas não. Não está certo você... meu marido não iria gostar.

— Ele não precisa saber. — Ele deu um passo em sua direção; ela deu outro para trás, e o sorriso ampliou-se.

— Ouvi dizer que seu marido não fica muito em casa ultimamente — ele disse suavemente. — Você parece solitária.

Ele estendeu a mão, pretendendo tocar seu rosto. Então ouviu-se um som baixo e estranho, uma espécie de estalido surdo, e o rosto dele ficou branco, perplexo, os olhos arregalados de surpresa.

Ela fitou-o por um instante, completamente incapaz de compreender o que havia acontecido. Então ele virou os olhos estatelados para a mão estendida e ela viu o canivete enfiado na carne de seu antebraço, e a crescente mancha vermelha na camisa ao redor.

— Saia daqui. — A voz de Jamie era baixa, mas perfeitamente

clara. Ele saiu do meio das árvores, os olhos pouco amistosos fixos em Henderson. Alcançou-os com três passadas largas, estendeu a mão e arrancou o canivete do braço de Henderson. Obadiah emitiu um pequeno ruído, no fundo da garganta, como o de um animal ferido, desorientado e patético.

— Ande — Jamie disse. — Nunca mais volte aqui.

O sangue fluía do braço de Obadiah, pingando de seus dedos. Algumas gotas caíram dentro do leite azedo, flutuando, vermelhas, na superfície gordurosa e amarela. De uma maneira confusa, ela reconheceu a horrível beleza da imagem — como rubis incrustados em ouro.

O rapaz se afastou, a mão livre apertando o braço ferido, andando tropeçadamente, depois correndo para a trilha. Desapareceu no meio das árvores e o pátio ficou em completo silêncio.

— Você tinha que fazer isso? — Foi a primeira coisa que ela conseguiu dizer. Estava abalada, como se ela própria tivesse sido atingida por alguma coisa. As gotas de sangue começavam a se desmanchar, as bordas dissolvendo-se no leite azedo, e ela achou que iria vomitar.

— Eu deveria ter esperado? — Seu pai segurou-a pelo braço, levando-a para sentar-se no alpendre.

— Não. Mas você... não poderia apenas... ter dito alguma coisa a ele? — Sentia os lábios dormentes e havia pequenos pontos de luz na periferia de sua visão. Remotamente, ela percebeu que ia desmaiar e inclinou-se para a frente, a cabeça entre os joelhos, o rosto enterrado no santuário de seu avental.

— Eu fiz isso. Eu disse a ele para ir embora. — O alpendre rangeu quando ele sentou-se ao seu lado.

— Sabe o que quero dizer. — Sua voz soou estranha a seus próprios ouvidos, abafada nas dobras do tecido. Ela endireitou-se devagar; o abeto vermelho junto à casa grande oscilou ligeiramente em sua visão, mas depois se firmou. — O que você estava fazendo? Se exibindo? Como podia contar em esfaquear alguém àquela distância? E, aliás, o que era aquilo? Um canivete?

— Sim. Era tudo o que eu tinha no bolso. E, na realidade, eu não pretendia esfaqueá-lo — Jamie admitiu. — Eu pretendia fincar o canivete na parede da cabana e, quando ele olhasse para ver o que fizera o barulho, golpear-lo por trás. Mas ele se mexeu.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente pelo nariz, tentando acalmar o estômago.

— Você está bem, a muirninn? — ele perguntou em voz baixa.

Colocou a mão delicadamente em suas costas, um pouco mais alto do que Obadiah. Foi uma sensação boa; sua mão era grande, quente e reconfortante.

— Estou bem — ela disse, abrindo os olhos. Ele parecia preocupado e ela fez um esforço, sorrindo para ele. — Estou bem.

Ele relaxou um pouco e seus olhos pareceram menos perturbados, embora continuassem fitando-a atentamente.

— Muito bem, então — ele disse. — Não foi a primeira vez, hein? Há quanto tempo o idiota vem perturbando-a?

Ela respirou fundo outra vez e forçou os punhos cerrados a se abrirem, ela queria minimizar a situação, movida por um sentimento de culpa — certamente ela deveria ter encontrado um meio de fazê-lo parar, não? Entretanto, diante daquele olhar firme e azul, ela não conseguia mentir.

— Desde a primeira semana — ela disse.

Os olhos de Jamie se arregalaram.

— Há tanto tempo assim? E por que não falou com seu marido sobre isso? — ele perguntou, incrédulo.

Ela ficou surpresa e tateou em busca de uma resposta.

— Eu... bem... não achei... quero dizer, não era problema dele. — Ouviu a maneira como ele prendeu repentinamente a respiração, sem dúvida precursora de algum comentário mordaz sobre Roger, e apressou-se a defendê-lo.

— Ele... ele... na verdade não fez nada. Só ficava olhando. E... sorrindo. Como eu poderia dizer a Roger que ele estava olhando para mim? Não quis parecer fraca, ou indefesa. — Embora tivesse agido dos dois modos, e soubesse disso. A constatação queimava sob sua pele como mordidas de formigas.

— Eu não quis... ter que pedir a ele para me defender.

Ele fitou-a, o olhar atônito, sem compreender. Sacudiu a cabeça devagar, sem tirar os olhos dela.

— Para que, em nome de Deus, você acha que um homem serve? — ele perguntou finalmente. Falou com serenidade, mas em tom de completa perplexidade. — Quer mantê-lo como um animal de estimação, é isso? Um cachorrinho? Ou um pássaro na gaiola?

— Você não compreende!

— Oh. Não? — Soltou uma respiração curta, no que parecia um riso sarcástico. — Estou casado há quase trinta anos e você há menos de dois. O que acha que eu não compreendo, menina?

— Não é... não é o mesmo para você e mamãe como é para mim e

Roger! — ela irrompeu.

— Não, não é — ele concordou, sem alterar a voz. — Sua mãe tem consideração pelo meu orgulho, e eu pelo dela. Ou por acaso você a considera covarde, alguém que não consegue travar suas próprias batalhas?

— Eu... não. — Ela engoliu, sentindo-se perigosamente próxima às lágrimas, mas determinada a não deixá-las brotar. — Mas, papai... é diferente. Nós somos de outro lugar, de outra época.

— Sei disso muito bem — ele disse, e ela viu o canto de sua boca curvar-se para cima num sorriso irônico. Sua voz tornou-se ainda mais branda. — Mas não posso pensar que homens e mulheres sejam tão diferentes na sua época.

— Talvez não. — Ela engoliu, forçando a voz a se firmar. — Mas talvez Roger esteja diferente. Depois de Alamance.

Ele inspirou como se fosse falar, mas soltou o ar devagar, sem dizer nada. Ele havia retirado sua mão; ela sentiu falta da sensação reconfortante. Ele inclinou-se um pouco para trás, olhando para o pátio, e seus dedos tamborilaram levemente nas tábuas do alpendre entre eles.

— Sim — ele disse finalmente, à meia-voz. — Talvez.

Ela ouviu uma batida surda na cabana atrás deles, depois outra. Jem estava acordado, atirando os brinquedos para fora do berço. Em um instante, ele começaria a chamá-la para vir pegá-los. Levantou-se repentinamente, ajeitando o vestido.

— Jem acordou, tenho que entrar.

Jamie levantou-se também e, pegando o balde, lançou o leite azedo num jato espesso e amarelo pela grama.

— Vou buscar mais para você — ele disse, desaparecendo antes que ela pudesse lhe dizer para não se dar ao trabalho.

Jem estava em pé, agarrado à borda do berço, ansioso para escapar, e lançou-se em seus braços quando ela abaixou-se para pegá-lo. Ele estava ficando pesado, mas ela apertou-o junto ao peito, pressionando a face contra sua cabeça, úmida de suor do sono. Seu coração batia com força, sentindo-se magoado em seu peito.

Você parece solitária, Obadiah Henderson dissera. Ele tinha razão.

COALHADA CREMOSA

Jamie recostou-se para trás, afastando-se da mesa, suspirando, depois de ter comido à saciedade. Quando fez menção de se levantar, entretanto a sra. Bug levantou-se de seu lugar com um salto, sacudindo um dedo de advertência para ele.

— Ora, senhor, ora, o senhor não vai a lugar nenhum, e me deixar aqui com pão de mel e coalhada fresca para jogar fora!

Brianna tapou a boca com a mão, com o barulho abafado de alguém que acaba de lançar leite pelo nariz acima. Jamie e o sr. Bug olharam para ela com curiosidade, mas não fizeram nenhum comentário.

— Bem, certamente eu vou explodir, sra. Bug, mas creio que vou morrer feliz — Jamie informou-a. — Traga tudo, então. Mas eu tenho uma coisinha para buscar enquanto a senhora serve a sobremesa. — Com uma surpreendente agilidade para um homem que acabara de consumir quase um quilo de linguiça condimentada com maçãs e batatas frias, ele deslizou da cadeira e desapareceu pelo corredor, na direção de seu gabinete.

Respirei fundo, satisfeita por ter sentido o cheiro do pão de mel durante a tarde, quando estava assando, e tive a precaução de remover meus espartilhos antes de me sentar para o jantar.

— Que caiada! — Jem grasnou, para grande consternação de sua mãe. Batia as mãos espalmadas na mesa em êxtase, gritando a plenos pulmões. — Caiada-caiada-caiada-caiada!

Roger olhou para Bri com um leve sorriso e fiquei satisfeita de ver que ela percebeu, retribuindo o sorriso, enquanto segurava as mãos de Jemmy e começava a tarefa de limpar os restos do jantar de seu rosto.

Jamie retornou exatamente quando o pão de mel e a coalhada — esta batida com açúcar em cremosos picos — eram servidos. Ele estendeu o braço por cima do ombro de Roger ao passar e depositou um livro de contabilidade, de capa de pano, na mesa diante dele, encimado pela pequena caixa de madeira que continha o astrolábio.

— O tempo continuará bom pelos próximos dois meses provavelmente — ele disse descontraidamente, sentando-se e enfiando o dedo em um enorme monte de coalhada cremosa em seu prato. Meteu o dedo na boca, fechando os olhos em êxtase.

— Sim? — A palavra saiu engasgada e quase inaudível, mas suficiente para fazer Jemmy parar de balbuciar e olhar fixamente para seu pai, boquiaberto. Imaginei se teria sido a primeira vez que Roger falava neste dia.

Jamie abriu os olhos e pegara a colher, olhando para sua sobremesa com a determinação de um homem que pretende morrer tentando.

— Sim, bem, Fergus vai ao litoral pouco antes da neve chegar. Se ele puder levar os relatórios do levantamento das terras para serem preenchidos em New Bern, será bom, não é? — Ele atacou o pão de mel de maneira sistemática, sem erguer os olhos.

Houve um silêncio, preenchido apenas por respiração pesada e o ruído de colheres em pratos de madeira. Então, Roger, que não pegara sua colher, falou:

— Eu posso... fazer isso. — Pode ter sido apenas o esforço necessário para forçar o ar através de sua garganta marcada por cicatrizes, mas houve uma ênfase na última palavra que fez Brianna se contrair. Apenas ligeiramente, mas eu percebi, e Roger também. Ele olhou para ela, em seguida abaixou os olhos para o prato, as pestanas escuras contra a face. Seu maxilar se retesou e ele pegou sua colher.

— Ótimo, então — Jamie disse, ainda mais descontraidamente. — Eu lhe mostrarei como. Você pode ir em uma semana.

Ontem à noite, eu sonhei que Roger estava indo embora. Tenho sonhado com a sua partida desde que papai a sugeriu. Sugeriu — ah. Como Moisés trouxe as Dez Sugestões do Monte Sinai.

No sonho, Roger arrumava suas coisas numa grande bolsa e eu estava ocupada limpando o chão. Ele ficava sempre no meu caminho e eu sempre tinha que empurrar sua bolsa para o lado para limpar outra parte do assoalho. Estava imundo, com todo tipo de manchas e substâncias pegajosas. Havia pequenos ossos espalhados pelo chão, como se Adso tivesse comido algum animalzinho ali, e os ossos agarravam-se no meu esfregão.

Eu não quero que ele vá, mas ao mesmo tempo eu quero. Ouço tudo o que ele não está dizendo; suas palavras ecoam em minha cabeça. Penso que, quando ele partir, haverá silêncio.

Ela passou bruscamente do sono para o pleno estado de alerta. Acabara de amanhecer, e ela estava sozinha. Pássaros cantavam no bosque. Um deles cantarolava alegremente perto da cabana, as notas agudas e musicais. Seria um melro?

Ela sabia que ele havia partido, mas levantou a cabeça para verificar. A mochila havia desaparecido do lado da porta, assim como

o fardo de comida e a garrafa de cidra que ela preparara para ele na noite anterior. O bodhran continuava pendurado em seu lugar na parede, parecendo flutuar, suspenso, na luz sobrenatural.

Ela tentara fazê-lo tocar outra vez, depois do enforcamento, achando que ele ainda podia ao menos ter a música, se não sua voz. Mas ele resistira e finalmente ela pôde ver que estava irritando-o com sua insistência, e parara. Ele faria as coisas ao seu modo — ou simplesmente não faria.

Olhou na direção do berço, mas tudo estava silencioso, Jemmy ainda dormindo profundamente. Recostou-se no seu travesseiro, levando as mãos aos seios. Estava nua e eles eram macios, redondos e cheios como cabaças. Ela apertou delicadamente um dos seios e minúsculas pérolas de leite despontaram. Uma inchou-se, transbordou e escorreu numa gotícula, fazendo cócegas pelo lado de seu seio.

Eles fizeram amor antes de dormir, na noite anterior. No começo, achou que ele não faria, mas quando ela se aproximou dele e abraçou-o, ele agarrou-a com força contra o peito e beijou-a devagar, durante muito tempo, e finalmente levou-a para a cama.

Ela estava tão ansiosa por ele, querendo reafirmar seu amor por ele com boca, mãos e corpo, dar-lhe um pouco de si mesma para ele levar, que se abandonou completamente, e ficou surpresa quando atingiu o clímax. Deslizou a mão pelo corpo, entre as pernas, lembrando-se da sensação de ser levada repentinamente de roldão por uma grande onda, varrida inexoravelmente para a praia. Esperava que Roger tivesse percebido; ele não dissera nada, nem abria os olhos.

Ele lhe dera um beijo de despedida na escuridão antes do amanhecer, ainda em silêncio. Ou não? Ela colocou a mão sobre a boca, repentinamente em dúvida, mas não havia nenhuma pista na pele fresca e lisa de seus lábios.

Ele teria realmente lhe dado um beijo de despedida? Ou ela apenas sonhara?

MATADOR DE URSO

Agosto, 1771

Os cavalos relinchando na direção do curral anunciavam companhia.

Curiosa, abandonei minha mais recente experiência e fui olhar da janela. Não havia nem cavalo, nem homem em evidência no pátio, mas os cavalos continuavam a resfolegar e relinchar, como costumavam fazer quando viam algum desconhecido. Então a companhia deve estar a pé e deu a volta até a porta da cozinha — o que a maioria das pessoas costumava fazer, sendo considerado boas maneiras.

Essa suposição foi confirmada quase instantaneamente por um grito agudo vindo de trás da casa. Enfieei a cabeça no corredor, bem a tempo de ver a sra. Bug sair correndo da cozinha como se lançada por um canhão, gritando em pânico.

Sem notar minha presença, ela passou por mim como uma flecha e saiu pela porta da frente, que deixou escancarada, permitindo, assim, que a visse atravessar o pátio e desaparecer no mato, ainda berrando a plenos pulmões. Foi praticamente um anticlímax quando olhei para o outro lado e vi um índio de pé na porta da cozinha, parecendo surpreso.

Nos entreolhamos com desconfiança, mas como eu não parecia disposta a gritar e sair correndo, ele relaxou um pouco. Como ele parecia desarmado e sem nenhuma pintura ou qualquer outra evidência de má intenção, eu relaxei um pouco.

— Osiyo — eu disse cautelosamente, tendo observado que ele era um cherokee, e vestido para uma visita. Ele usava três camisas de morim, uma em cima da outra, calças de tecido rústico feito em casa e o estranho gorro inclinado, como um turbante enrolado pela metade, que os homens costumavam usar para ocasiões formais, mais longos brincos de prata e um bonito broche na forma de um sol nascente.

Ele abriu um sorriso radiante em resposta ao meu cumprimento e disse alguma coisa que eu absolutamente não compreendi. Dei de ombros num gesto de impotência, mas devolvi o sorriso, e ficamos ali balançando a cabeça e sorrindo um para o outro durante vários instantes, até que o cavalheiro, atingido por uma inspiração, enfiou a

mão por dentro da gola de sua camisa mais interna — um elegante exemplar estampado com pequenos losangos amarelos num fundo azul — e retirou dali uma tira de couro, onde penduravam-se as garras pretas e curvas de um ou mais ursos.

Ergueu-as, sacudiu-as delicadamente e levantou as sobrelanceiras, olhando de um lado para o outro como se procurasse alguém embaixo da mesa ou em cima do armário.

— Oh! — exclamei, compreendendo imediatamente. — Você quer ver meu marido. — Fiz a mímica de alguém mirando um rifle. — O Matador de Urso?

Um lampejo de belos dentes num largo sorriso recompensou minha inteligência.

— Ele deve chegar a qualquer momento — eu disse, primeiro agitando a mão na direção da janela, indicando o caminho tomado pela sra. Bug em sua fuga, que indubitavelmente fora informar o patrão de que havia selvagens peles-vermelhas na casa, dispostos a matar, mutilar e a profanar seu assoalho limpo, e depois na direção da cozinha. — Entre, venha beber alguma coisa.

Ele me seguiu de bom grado e estávamos sentados à mesa, sociavelmente tomando chá e trocando novos sorrisos e sinais com a cabeça, quando Jamie entrou, acompanhado não só da sra. Bug, agarrada às abas do casaco dele, lançando olhares suspeitos ao nosso hóspede, mas por Peter Bewlie.

Nosso convidado foi prontamente apresentado como Tsatsawi, irmão da mulher índia de Peter. Ele vivia numa pequena aldeia há cerca de cinquenta quilômetros depois da Linha do Tratado, mas viera visitar a irmã e estava hospedado com os Bewlie por algum tempo.

— Nós estávamos fumando um cachimbo depois do jantar ontem à noite — Peter explicou — e Tsatsawi estava contando à minha mulher sobre um problema em sua aldeia, e ela contando para mim, veja bem, já que ele não fala inglês e eu não falo muito bem a língua deles, nada além dos nomes das coisas e uma ou outra palavra de cortesia. Mas, como eu dizia, ele falava de um urso feroz, que há meses aterrorizava a aldeia.

— Imagino que Tsatsawi esteja preparado para lidar com tal criatura, pelo que estou vendo — Jamie disse, indicando o colar de garras de urso do índio e tocando em seu próprio peito. Ele sorriu para Tsatsawi, que evidentemente compreendeu o significado do elogio e abriu um amplo sorriso. Os dois homens inclinaram-se ligeiramente um para o outro por cima das xícaras de chá, em sinal de respeito mútuo.

— Sim — Peter concordou, lambendo gotículas do líquido dos

cantos de sua boca e estalando os lábios com aprovação. — Ele é um ótimo caçador, Tsatsawi, e numa situação normal eu esperaria que ele e seus primos conseguissem resolver o assunto Mas parece um pouco além do esperado. Então eu disse a ele que talvez a gente devesse contar isso ao Mac Dubh e, quem sabe, ele próprio iria lá, caçar a criatura para eles.

Peter ergueu o queixo para seu cunhado e balançou a cabeça na direção de Jamie, com um ar de orgulho. Viu?, dizia o gesto. Eu lhe disse. Ele pode resolver isso.

Reprimi um sorriso diante do gesto. Jamie fitou-me, tossiu modestamente e depositou sua xícara sobre a mesa.

— Sim, bem. Não posso ir agora mesmo, mas talvez quando o feno estiver guardado. Sabe qual a natureza desse urso problemático, Peter?

— Oh, sim — Peter disse alegremente. — E um fantasma.

Engasguei momentaneamente com meu chá. Jamie não pareceu muito espantado, mas esfregou o queixo, em dúvida.

— Mmmhum. Bem, então, o que ele fez?

O urso apareceu pela primeira vez há quase um ano, embora ninguém o tenha visto mais por um bom tempo. Houve os incidentes comuns de depredação — o desaparecimento de fiadas de peixes dispostos para secar ou de fieiras de espigas de milho penduradas do lado de fora das casas, roubo de carne de telheiros, — mas no começo os habitantes da aldeia consideraram aquilo meramente a ação de um urso um pouco mais inteligente do que o normal; o urso comum não se preocupa nem um pouco se está sendo ou não observado no ato.

— Ele só vinha à noite — Peter explicou. — E não fazia muito barulho. As pessoas saíam de casa pela manhã e encontravam seus estoques pilhados, sem sequer um ruído para acordá-los.

Brianna, que vira a fuga desenfreada da sra. Bug e viera investigar a causa, começou a cantarolar baixinho — uma canção à qual a memória prontamente forneceu a letra: "Oh, ele dormirá até o meio-dia, mas antes de escurecer... ele terá se apoderado de todas as cestas de piquenique que estejam em Jellystone Park...". Eu pressionei o guardanapo na boca, ostensivamente enxugando os resquícios do chá.

— Desde o início eles sabiam que era um urso, hein? — Peter explicou. — Pegadas.

Tsatsawi conhecia essa palavra; ele espalmou as duas mãos sobre a mesa, polegar contra polegar, demonstrando o tamanho da pegada, depois tocou a garra mais longa pendurada em seu cordão, balançando a cabeça significativamente.

O povo da aldeia, completamente acostumado com ursos, tomou as precauções usuais, transferindo os suprimentos para locais mais protegidos e soltando seus cachorros à noite. O resultado foi o desaparecimento de vários cachorros — novamente sem nenhum ruído.

Evidentemente, os cachorros ficaram mais cautelosos ou o urso, mais faminto. A primeira vítima foi um homem, morto na floresta. Seis meses depois, uma criança foi levada. Brianna parou de cantarolar abruptamente.

A vítima era um bebê, roubado com seu cesto e tudo da margem do rio onde sua mãe lavava roupas, pouco antes do pôr do sol. Não houve absolutamente nenhum ruído e nenhuma pista. Salvo uma grande pegada com garras na lama.

Mais quatro habitantes da aldeia foram mortos nos meses posteriores. Duas crianças, colhendo morangos silvestres sozinhas no final da tarde. Um corpo foi encontrado, o pescoço quebrado, mas sem nenhum outro ferimento. O outro desapareceu; marcas mostraram o lugar de onde ele «tinha sido arrastado para a floresta. Uma mulher foi morta em sua própria plantação de milho, novamente antes do pôr do sol, e parcialmente devorada no mesmo local. A última vítima, um homem, estava, na verdade, caçando o urso.

— Não encontraram nenhuma parte dele, exceto seu arco e uns pedaços de roupa ensanguentados — Peter disse. Ouvi uma batida surda atrás de mim, quando a sra. Bug sentou-se abruptamente no banco.

— Então eles mesmos foram caçar o urso? — perguntei. — Ou tentaram, eu deveria dizer?

Peter afastou os olhos de Jamie e olhou para mim, balançando a cabeça com seriedade.

— Oh, sim, sra. Claire. Foi assim que finalmente ficaram sabendo o que era.

Um pequeno grupo de caçadores partiu, preparado para pegar o urso, armado com arcos, lanças e com os dois mosquetes que a aldeia possuía. Circundaram a aldeia e foram ampliando o círculo, convencidos de que, como as atenções do urso se concentravam na aldeia, ele não iria se afastar muito. Vasculharam a área durante quatro dias, de vez em quando encontrando rastros antigos, mas nem sinal do urso.

— Tsatsawi estava com eles — Peter disse, apontando para seu cunhado. — Uma noite, ele e um de seus amigos estavam de vigia, enquanto os outros dormiam. Foi logo depois da lua surgir, ele contou, quando ele se levantou para urinar. Ele voltou para a fogueira, bem a

tempo de ver seu amigo ser arrastado, morto, com o pescoço esmagado nas garras da própria besta!

Tsatsawi acompanhava o relato atentamente. Nesse ponto, ele balançou a cabeça e fez um gesto que parecia ser o equivalente cherokee ao sinal da cruz — um gesto rápido e formal para repelir o mal. Ele próprio começou a falar depois, as mãos voando numa pantomima para descrever os acontecimentos seguintes.

Ele, obviamente, gritara, acordando os demais companheiros, e correria para o urso, tentando assustá-lo e fazer com que largasse seu amigo — embora ele pudesse ver que o sujeito já estava morto. Ele inclinou a cabeça para o lado com um movimento brusco, para indicar um pescoço quebrado, deixando a língua pendurada, numa expressão que teria sido muito engraçada em diferentes circunstâncias.

Os caçadores estavam acompanhados de dois cachorros, que também se lançaram sobre o urso, latindo. O urso de fato largou sua presa, mas em vez de fugir, avançou para cima deles. Ele se atirou para o lado e o urso parou tempo suficiente para levantar um dos cachorros no ar, depois desapareceu na escuridão da floresta, perseguido pelo outro cachorro, uma saraivada de flechas e dois tiros de mosquete -sem que nada o tivesse atingido.

Eles perseguiram o urso pela floresta com tochas, mas não o viram mais. O segundo cachorro retornou, parecendo envergonhado — Brianna emitiu um pequeno chiado diante da pantomima de Tsatsawi imitando o cachorro — e os caçadores, completamente abatidos, voltaram para a fogueira e passaram o resto da noite acordados antes de retornarem para a aldeia pela manhã. Foi por isso, Tsatsawi indicou com um gesto gracioso, que ele viera solicitar o auxílio do Matador de Urso.

— Mas por que acham que se trata de um fantasma? — Brianna inclinou-se para a frente, o interesse suplantando o horror inicial pela história.

Peter olhou para ela, uma das sobranceiras erguida.

— Oh, sim, ele não disse, ou melhor, creio que disse, mas não de um modo que vocês pudessem compreender. O animal era muito maior do que um urso comum, segundo ele, e completamente branco. Ele disse que, ao se virar para olhar para ele, os olhos do animal brilharam vermelhos como chamas. Compreenderam imediatamente que devia ser um fantasma e assim não ficaram realmente surpresos por suas flechas não o atingirem.

Tsatsawi interrompeu outra vez, apontando primeiro para Jamie, depois batendo de leve no seu colar de garras de urso e, em seguida, para minha surpresa, apontando para mim.

— Eu? — eu disse. — O que eu tenho a ver com isso?

O cherokee notou meu tom de surpresa, pois se inclinou sobre a mesa, segurou minha mão e acariciou-a — não de uma maneira afetuosa, mas meramente como indicação da minha pele. Jamie fez um pequeno ruído, achando graça.

— Você é muito branca, Sassenach. Talvez o urso pense que você é um espírito como ele. — Riu para mim, mas Tsatsawi evidentemente entendeu o significado, pois balançou a cabeça com seriedade. Ele soltou minha mão e deu um pequeno grasnido, o grito de um corvo.

— Oh! — exclamei, claramente perturbada. Eu não sabia as palavras em cherokee, mas evidentemente as pessoas da aldeia de Tsatsawi tinham ouvido falar não só do Matador de Urso, como também do Corvo Branco. Qualquer animal branco era considerado significativo, e geralmente sinistro. Eu não sabia se a implicação ali era a de que eu pudesse exercer algum poder sobre o urso-fantasma, ou meramente servir de isca, mas evidentemente eu estava de fato incluída no convite.

E foi assim que, uma semana mais tarde, o feno bem guardado e quatro flancos de carne de cervo cuidadosamente pendurados na cabana de defumação, partimos na direção da Linha do Tratado, para fins de exorcismo.

Além de Jamie e eu, o grupo consistia em Brianna e Jemmy, os gêmeos Beardsley e Peter Bewlie, que nos guiaria até a aldeia, sua mulher tendo ido à frente com Tsatsawi. Brianna não queria ir, mais por medo de levar Jemmy para a floresta do que por falta de vontade de participar da caçada, pensei. Mas Jamie insistira para que ela fosse alegando que sua capacidade de atiradora seria inestimável. Sem querer desmamar Jemmy ainda, fora obrigada a trazê-lo — embora ele parecesse estar adorando a viagem, empoleirado na sela, à frente de sua mãe, com os olhos arregalados, ou balbuciando alegremente consigo mesmo sobre tudo o que via ou chupando o dedo numa sonhadora satisfação.

Quanto aos Beardsley, era Josiah que Jamie queria.

— O garoto já matou dois ursos, pelo menos — ele me contou. — Eu vi as peles na Assembleia. E se seu irmão quer vir junto, não vejo mal nisso.

— Nem eu — concordei. — Mas por que insistiu para que Bri viesse? Você e Josiah não podem dar conta do urso?

— Talvez — ele disse, passando um trapo com óleo no cano de sua arma. — Mas se duas cabeças pensam melhor do que uma, então com uma terceira deve ser melhor ainda, não? Especialmente se atira bem como essa menina.

— Ah, é? — eu disse com ceticismo. — E o que mais?

Ele ergueu os olhos para mim e riu.

— Ora, você não acha que eu tenha outros motivos, não é, Sassenach?

— Não, eu não acho... eu tenho certeza.

Ele riu e inclinou a cabeça sobre a arma. Mas após alguns instantes limpando e esfregando, ele disse, sem levantar a cabeça:

— Sim, bem. Achei que não seria má ideia que ela tivesse amigos entre os cherokee. Caso precise de um lugar onde se refugiar, algum dia.

O tom de voz despreocupado não me enganou.

— Algum dia. Quando a Revolução chegar, você quer dizer?

— Sim. Ou... quando morrermos. Seja quando for — ele acrescentou com precisão, levantando a arma e olhando ao longo do cano, os olhos apertados, para verificar a mira.

Ainda era um luminoso dia de verão, mas eu senti lascas de gelo estalarem pelas minhas costas. Na maior parte do tempo, eu conseguia esquecer aquele recorte de jornal — o que noticiava a morte num incêndio de um James Fraser e sua mulher, de Fraser's Ridge. Outras vezes, eu me lembrava, mas afastava a possibilidade para o fundo da minha mente, recusando-me a ficar me mortificando com isso. Mas, de vez em quando, eu acordava à noite, com chamas vivas saltando nos cantos da minha mente, tremendo e aterrorizada.

— A notícia dizia “nenhum filho vivo” — eu disse, determinada a dominar o medo. — Você imagina que isso signifique que Brianna e Roger terão ido embora... para algum lugar... antes disso? — Para os cherokee, talvez. Ou para as pedras.

— Pode ser. — Seu rosto estava grave, os olhos no trabalho. Nenhum de nós dois estava disposto a admitir a outra possibilidade, não era necessário.

Apesar de sua relutância em vir, Brianna também parecia estar apreciando a viagem. Sem Roger e livre das tarefas domésticas, ela parecia bem mais relaxada, rindo e brincando com os gêmeos, caçoando de Jamie e amamentando Jemmy junto à fogueira à noite, antes de se enroscar nele e adormecer tranquilamente.

Os Beardsley também estavam se divertindo. A remoção das adenóides e das amígdalas inflamadas não curara a surdez de Keziah, mas causara uma acentuada melhora. Ele agora conseguia ouvir e entender vozes altas, especialmente se você ficasse de frente para ele e falasse com clareza, embora ele parecesse entender com facilidade qualquer coisa que seu irmão gêmeo dissesse, por mais baixo que ele

falasse. Vendo-o olhar com olhos arregalados conforme cavalgávamos pela floresta densa e fervilhante de insetos, atravessando córregos e descobrindo trilhas fracas de veados pelos bosques cerrados, percebi que ele nunca estivera em nenhum lugar em sua vida, a não ser a área próxima à fazenda Beardsley, e Fraser's Ridge.

Eu me perguntei o que ele pensaria dos cherokee, e o que estes pensariam dele e de seu irmão. Peter dissera a Jamie que os cherokee consideravam os gêmeos pessoas particularmente abençoadas e felizes; a notícia de que os Beardsley se uniriam à caçada encantara Tsatsawi.

Josiah também parecia estar se divertindo — até onde eu podia dizer, sendo ele um tipo de pessoa muito reservada. Mas à medida que nos aproximávamos da aldeia, pude perceber que ele estava ficando ligeiramente nervoso.

Percebi que Jamie também estava um pouco inquieto, embora no seu caso eu suspeitasse da razão para isso. Ele não se importava nem um pouco de ir ajudar em uma caçada e estava contente com a oportunidade de visitar os cherokee. Mas eu achava que ter a reputação de Matador de Urso proclamada à sua frente, por assim dizer, o fazia se sentir desconfortável.

Essa suposição foi confirmada quando acampamos pela terceira noite de nossa jornada. Estávamos a não mais do que quinze quilômetros da aldeia e chegaríamos lá por volta do meio do dia seguinte.

Eu podia ver que ele estava tomando uma decisão sobre alguma coisa enquanto cavalgávamos e, quando todos nós nos sentamos para jantar, ao redor de uma fogueira crepitante, eu o vi endireitar os ombros repentinamente e levantar-se. Ele caminhou até Peter Bewlii, sentado e olhando sonhadoramente para o fogo, e encarou-o com ar decidido.

— Há uma coisa que preciso lhe dizer, Peter. Sobre esse urso-fantasma que pretendemos encontrar.

Peter ergueu os olhos, retirado bruscamente de seu transe. Mas sorriu e afastou-se para o lado, abrindo espaço para Jamie se sentar.

— Oh, sim, Mac Dubh?. Jamie sentou-se e pigarreou.

— Veja bem, o fato é que eu na verdade não sei muita coisa sobre ursos, já que não existe mais nenhum na Escócia há muitos anos.

As sobranceiras de Peter ergueram-se.

— Mas eles dizem que você matou um urso enorme só com sua adaga! Jamie esfregou o nariz, com algo próximo à exasperação.

— Sim, bem... de fato, na ocasião. Mas eu não cacei a criatura. Ela veio atrás de mim, de modo que eu não tive escolha, no final das

contas. Não tenho tanta certeza se eu poderei ser de grande ajuda em descobrir esse urso fantasma. Deve ser um urso muito inteligente, não? Entrando e saindo da aldeia durante meses, quero dizer, e sem que ninguém nunca o tivesse avistado.

— Mais esperto do que a maioria dos ursos — Brianna concordou, a boca torcendo-se ligeiramente. Jamie lançou-lhe um olhar apertado, que ele voltou para mim quando eu engasguei com um gole de cerveja.

— O que foi? — ele perguntou, desafiadoramente.

— Nada — respondi, arquejante. — Absolutamente nada.

Virando as costas para nós com indignação, Jamie repentinamente avistou Josiah Beardsley, o qual, embora não estivesse reprimindo uma risada, disfarçava ele mesmo um sorriso.

— O que foi? — Jamie vociferou para ele. — Elas são duas tontas — sacudiu o polegar indicando Brianna e eu, — mas o que há com você, hein?

Josiah imediatamente apagou o ar de riso do rosto e tentou parecer sério, mas o canto de sua boca continuava a se torcer e um intenso rubor subia às suas faces estreitas, visível mesmo à luz da fogueira. Jamie estreitou os olhos e um ruído sufocado que poderia ter sido uma risadinha escapou de Josiah. Ele tapou a boca com a mão, fitando Jamie com os olhos arregalados.

— O que foi agora? — Jamie perguntou educadamente.

Keziah, obviamente percebendo que algo estava acontecendo, chegou mais para perto de seu irmão, agachando-se ao lado dele para dar apoio. Josiah fez um movimento breve e inconsciente na direção de Kezzie, mas não desviou os olhos de Jamie. Seu rosto ainda estava vermelho, mas parecia ter recobrado o autocontrole.

— Bem, acho melhor eu contar, senhor.

— Acho melhor mesmo. — Jamie lançou-lhe um olhar inquisitivo. Josiah respirou fundo, resignando-se.

— Nem sempre foi um urso. Algumas vezes, fui eu.

Jamie olhou-o estupefato por um instante. Em seguida, os cantos de sua boca começaram a se torcer.

— Oh, é mesmo?

— Não o tempo todo — Josiah explicou. Mas quando suas andanças pelas terras selvagens o levavam até perto de uma das aldeias indígenas. — Mas somente se eu estivesse com fome, senhor — ele se apressou a dizer. Ele se escondia cautelosamente na floresta próxima, entrando furtivamente na aldeia após o anoitecer e furtando

qualquer coisa comestível facilmente alcançável. Permanecia na área por alguns dias, alimentando-se dos suprimentos da aldeia até que suas forças e sua mochila estivessem reabastecidas, depois seguia em frente para caçar, finalmente voltando com suas peles para a caverna que fizera de esconderijo para suas provisões.

A expressão de Kezzie durante todo o recital não se alterara; eu não sabia ao certo o quanto ele ouvira do relato, mas não parecia surpreso. Sua mão pousou no braço do irmão por um instante, depois se afastou, estendendo-se para pegar um espetinho de carne.

O riso de Brianna havia sumido e ela passara a ouvir a confissão de Josiah com a testa franzida.

— Mas você não... quer dizer, tenho certeza de que você não levou o bebê no cesto. E não matou a mulher que foi parcialmente devorada... não é?

Josiah pestanejou, embora ele parecesse mais desconcertado do que chocado com a pergunta.

— Oh, não. Por que eu faria isso? Não acha que eu os comi, não é. sorriu diante disso, uma covinha discrepante surgindo em apenas uma bochecha. -Veja bem, eu já passei tanta fome uma vez ou outra que eu poderia até considerar isso, se eu me deparasse com alguém morto... desde que fosse razoavelmente recente — acrescentou judiciosamente. — Mas não tanta fome que eu pudesse matar alguém por isso.

Brianna pigarreou, com um ruído espantosamente parecido com um dos ruídos escoceses de Jamie.

Não, não achei que você os tivesse comido — ela disse secamente. Eu só pensei que se alguém as tivesse matado, por alguma outra razão, o urso poderia ter aparecido e roído os corpos.

Peter balançou a cabeça pensativamente, parecendo interessado, mas sem se deixar perturbar pelas variadas confissões.

— Sim, um urso faz isso — ele disse. — Não são muito exigentes, os ursos. Eles comem até carniça.

Jamie balançou a cabeça, concordando, mas sua atenção ainda estava fixa em Josiah.

— Sim, também já ouvi isso. Mas TsatsaVi disse que ele viu o urso levar seu amigo. Então ele realmente mata pessoas, não?

— Bem, ele matou aquela — Josiah concordou. No entanto, houve um tom estranho em sua voz e o olhar de Jamie aguçou-se. Ergueu uma sobrancelha para Josiah, que mexia os lábios devagar, decidindo alguma coisa. Olhou para Kezzie, que sorriu para ele. Kezzie tinha uma covinha na bochecha esquerda, enquanto a de Josiah era na bochecha direita.

Josiah suspirou e virou-se para encarar Jamie.

— Eu não ia falar desta parte — ele disse com franqueza. — Mas o senhor é franco com a gente e eu não vou deixar o senhor ir atrás daquele urso sem saber o que mais pode haver por lá.

Senti os cabelos da minha nuca se arrepiarem e resisti ao impulso repentino de virar— Me e olhar para as sombras atrás de mim. A vontade de rir desaparecera.

— O que mais? — Jamie abaixou devagar o pedaço de pão que estivera a ponto de morder. — E exatamente... o que mais pode haver lá, então?

— Veja bem, eu só vi com certeza uma única vez — Josiah avisou. — E era uma noite sem lua, ainda por cima. Mas eu fiquei na floresta a noite inteira e meus olhos estavam bastante acostumados à luz das estrelas, sabe como ela é, senhor.

Jamie balançou a cabeça, parecendo confuso.

— Sim, bastante bem. E onde você estava, na ocasião?

Perto da aldeia para a qual nos dirigíamos. Josiah já estivera lá antes e estava familiarizado com o lugar. Uma casa na extremidade da aldeia era a meta; havia feiras de espigas de milho penduradas para secar embaixo das beiradas do telhado e ele achou que poderia fugir com uma feira com bastante facilidade, desde que não acordasse os cachorros da aldeia.

— Se acordar um, logo terá todos eles latindo nos seus calcanhares — ele disse, sacudindo a cabeça. — E faltavam apenas umas duas horas para amanhecer. Assim, avancei furtivamente, bem devagar, olhando para ver se havia um dos desgraçados dormindo enroscado perto da casa em que eu estava de olho. — Espreitando da floresta, ele vira uma figura sair da casa. Como nenhum cachorro estranhou o fato, a conclusão lógica era que a pessoa pertencia àquela casa. O homem parou para urinar e então, para assombro de Josiah, colocou um arco e uma aljava de flechas no ombro, e marchou diretamente na direção da floresta onde ele estava escondido.

— Não achei que ele pudesse estar atrás de mim, mas subi numa árvore com a rapidez de um gato escaldado e também sem fazer mais ruído do que ele faria — disse, sem se gabar.

O homem provavelmente era um caçador, partindo cedo para um córrego distante, onde racuns e cervos costumavam ir beber água ao raiar do dia. Não vendo necessidade de nenhuma cautela tão perto de sua própria aldeia, o homem não parecia tomar cuidado, caminhando tranquilamente pela floresta, mas sem tentar se esconder.

Josiah agachara-se em sua árvore, pouco acima da cabeça do

homem, prendendo a respiração. O homem seguiu em frente, desaparecendo imediatamente na mata fechada. Josiah estava prestes a descer de seu poleiro quando ouviu uma repentina exclamação de surpresa, seguida de sons de uma rápida escaramuça, que terminou com uma terrível pancada surda.

— Como uma abóbora madura quando a gente a golpeia com uma pedra para abri-la — ele assegurou a Jamie. — Fiquei ali paralisado, com o cu apertado, quando ouvi aquele barulho, ali naquela escuridão.

Mas o medo não foi impedimento para a curiosidade e ele esgueirou-se pela floresta na direção do barulho. Pôde ouvir um ruído farfalhante e, quando espreitou cautelosamente através de uma cortina de galhos de cedro, divisou uma figura humana estendida no chão e outra inclinada sobre ela, evidentemente tentando arrancar algum tipo de vestimenta do corpo do homem caído de barriga para baixo.

— Ele estava morto — Josiah explicou, de maneira prática. — Pude sentir o cheiro de sangue, e de fezes também. Acho que o sujeitinho afundou sua cabeça com uma pedra ou talvez um porrete.

— Sujeitinho? — Peter acompanhava a história com grande atenção. — De que tamanho você está falando? Viu o rosto dele?

Josiah sacudiu a cabeça.

— Não, não vi nada senão sua sombra, movendo-se de um lado para outro. Ainda estava completamente escuro; o céu ainda não começara a clarear. — Ele apertou os olhos, fazendo uma estimativa mental. — Acho que era mais baixo do que eu, talvez desta altura. — Estendeu a mão para ilustrar, medindo uma distância de cerca de um metro e quarenta do solo.

Mas o assassino fora interrompido em sua pilhagem do corpo. Josiah, concentrado em observar, não notara nada, até ouvir um estalo repentino de um galho quebrado e o som inquisitivo de um urso que fora investigar.

Acredite, o sujeitinho correu ao ouvir o urso — ele assegurou a Jamie. Ele passou por mim como uma flecha, tão perto de mim quanto você está agora. Foi a única vez em que eu consegui dar uma boa olhadela nele.

— Bem, não nos mantenha em suspense — eu disse, quando ele parou para tomar um gole de sua cerveja. — Como ele era?

Ele limpou uma linha de espuma do bigode ralo em seu lábio superior, com ar pensativo.

— Bem, madame, eu estava quase certo de que ele era o diabo. Só

que eu achava que o diabo deveria ser maior — ele acrescentou, tomando outro gole.

Essa declaração naturalmente causou alguma confusão. Após novas elucidações, verificou-se que Josiah quis apenas dizer que o misterioso “sujeitinho” era negro.

— Foi somente quando eu fui à Assembleia que eu fiquei sabendo que algumas pessoas comuns simplesmente são negras — ele explicou. — Eu nunca vira ninguém que fosse negro, nem ouvira falar.

Kezzie balançou a cabeça gravemente, confirmando.

— O diabo do livro — ele disse, em sua voz estranha, rouca.

“O livro”, ao que parecia, era uma antiga Bíblia que Aaron Beardsley recebera numa troca em algum lugar e para a qual nunca encontrara um comprador. Nenhum dos dois rapazes aprendera a ler, mas divertiam-se com as ilustrações do livro, que incluíam vários desenhos do diabo, retratado como uma criatura negra, curvada, às voltas com seu malicioso trabalho de sedução e tentação.

— Eu não vi nenhum rabo bifurcado — Josiah disse, sacudindo a cabeça, — mas, por outro lado, ele passou tão rápido que faz sentido que eu não tivesse notado, com a escuridão e tudo o mais.

Sem querer chamar a atenção daquela criatura para si mesmo, Josiah Permaneceu imóvel e, assim, em posição de ouvir o urso dedicar sua atenção ao infeliz habitante da aldeia.

— É como o sr. Peter diz. — Indicou Peter Bewlie com a cabeça. — Os Ursos não são exigentes. Eu não vi esse, de modo que não sei dizer se era branco ou não, mas certamente ele comeu o índio. Eu o ouvi, mastigando e engolindo horivelmente. — Ele não parecia perturbado com a lembrança, mas vi as narinas de Brianna se apertarem diante da ideia.

Jamie trocou olhares com Peter, depois olhou de novo para Josiah. Esfregou o dedo indicador devagar pelo cavalete do nariz, pensando.

— Muito bem, então ele disse finalmente. — Parece que nem todos os males na aldeia de seu cunhado podem ser atribuídos ao urso-fantasma, não é? Josiah roubava comida e diabinhos negros matavam pessoas. O que você me diz, Peter? Um urso pode se acostumar a comer carne humana, depois da primeira vez, e começar a caçar seres humanos por conta própria?

Peter balançou a cabeça, o rosto contraído em concentração.

— Pode ser, Mac Dubh — admitiu. — E se há um negrinho filho da mãe zanzando pela floresta, quem pode dizer quantos o urso matou e quantos foi o diabinho negro, mas a culpa foi lançada no urso?

— Mas quem é o diabinho negro? — Bri perguntou. Os homens

entreolharam-se e deram de ombros, mais ou menos em sincronia.

— Deve ser um escravo fugitivo, não acham? — eu disse, erguendo as sobrancelhas para Jamie. — Não vejo por que um negro livre em perfeito juízo iria fugir para o mato sozinho dessa forma.

— Talvez ele não esteja em seu juízo perfeito — Bri sugeriu. — Escravo ou livre. Se ele anda por aí matando gente, quero dizer. Ela lançou um olhar inquieto para a floresta à nossa volta e colocou a mão em Jemmy que estava enroscado em um cobertor, no chão ao seu lado, dormindo profundamente.

Os homens olharam automaticamente para suas armas e até eu enfiei a mão sob meu avental para tocar a faca que usava na cintura para escavar e cortar.

A floresta repentinamente pareceu tanto sinistra quanto claustrofóbica. Era fácil demais imaginar olhos espreitando das sombras, atribuir o farfalhar constante e suave das folhas a passos furtivos ou ao roçar de um animal peludo em movimento.

Jamie pigarreou.

— Sua mulher não mencionou diabos negros, não é, Peter?

Bewlie sacudiu a cabeça. A preocupação com que ele recebera a história de Josiah ainda estava estampada em seu rosto grisalho, mas um toque de humor brilhou em seus olhos.

— Não. Não posso dizer que mencionou, Mac Dubh. A única coisa de que me lembro a esse respeito é o Homem Negro do Oeste.

— E quem é esse? — Jamie perguntou, interessado. Peter deu de ombros e coçou a barba.

— Sim, bem, não sei se é alguém, por assim dizer. Só que os xamãs dizem que há um espírito que vive em cada uma das quatro direções, e cada espírito possui uma cor; assim, quando cantam suas orações e coisas do tipo, às vezes chamam o Homem Vermelho do Leste para ajudar a pessoa para quem estão cantando, porque o vermelho é a cor do triunfo e do sucesso.

O norte é azul, o Homem Azul, para dar o nome certo ao espírito do norte, e significa derrota e problemas. Então você o invoca para vir dar um pouco de sofrimento a seu inimigo, sabe? Para o sul, esse é o Homem Branco, representa paz e felicidade; cantam para ele pelas mulheres grávidas e coisas assim.

Jamie pareceu ao mesmo tempo surpreso e interessado em ouvir.

— É muito parecido com os quatro “ventos”, Peter, não é?

— Bem, é, sim — Peter concordou, balançando a cabeça. — Estranho, não? Que os cherokee tenham as mesmas noções que nós

das Highlands, não é?

— Oh, nem tanto. — Jamie gesticulou na direção da floresta, além do pequeno círculo da nossa fogueira. — Vivem como nós, não? Caçadores e habitantes das montanhas. Por que não deveriam ver o que nós vemos?

Peter balançou a cabeça devagar, mas Josiah estava impaciente com toda aquela filosofia.

— Bem, então o que é o Homem Negro do Oeste? — perguntou. Tanto Jamie quanto Peter viraram a cabeça ao mesmo tempo para olhar para ele. Os dois homens não se pareciam, Peter era baixo, atarracado e barbudo; Jamie era alto e elegante, mesmo em suas roupas de caçador, e no entanto havia algo idêntico em seus olhos que fazia patinhas de camundongo correrem pela minha espinha. “O que nós vemos”, de fato!, pensei.

— O oeste é a casa dos mortos — Jamie disse suavemente, e Peter concordou, gravemente.

— E o Homem Negro do Oeste é a própria morte — ele acrescentou. Ou assim dizem os cherokee.

Ouviu-se Josiah murmurar que ele não considerava essa ideia muito importante, mas Brianna considerava-a menos ainda.

— Eu não acredito que o espírito do oeste esteja por aí na floresta golpeando as pessoas na cabeça — declarou com firmeza. — O que Josiah viu era uma pessoa. E uma pessoa negra. Daí, ou era um negro livre ou um escravo fugido. E, considerando as probabilidades, voto pelo escravo fugido.

Eu não achava que fosse uma questão de processo democrático, mas estava inclinada a concordar com ela.

— Eis outra ideia — eu disse, olhando ao redor. — E se for esse homenzinho negro o responsável por algumas das pessoas devoradas? Alguns escravos africanos não são canibais?

Os olhos de Peter Bewlie arregalaram-se diante disso; assim como os dos irmãos Beardsley. Kezzie lançou um olhar inquieto por cima do ombro e aproximou-se mais de Josiah.

Mas Jamie pareceu achar a ideia divertida.

— Bem, imagino que haja um ou outro canibal na África — concordou. Embora não tenha ouvido falar de nenhum entre os escravos. Não seriam muito desejáveis como criados domésticos, hein? Você teria medo de virar as costas para eles e levar uma mordida no traseiro.

Esse comentário fez todos rirem e aliviou um pouco a tensão. As pessoas começaram a se preparar para dormir.

Tomamos um cuidado especial em guardar os alimentos em dois dos alforjes, que Jamie pendurou numa árvore, a uma boa distância do acampamento. Ainda que o urso-fantasma tivesse se revelado menos perigoso do que anteriormente se pensava, havia uma concordância tácita de que não fazia sentido correr riscos.

De um modo geral, eu conseguia colocar de lado o conhecimento de que vivíamos num lugar selvagem. De vez em quando, alguma evidência tangível empurrava o fato embaixo do meu nariz: visitas noturnas de raposas, gambás e racuns, ou os eventuais e perturbadores gritos de panteras, com sua semelhança sobrenatural a lamentos de mulheres ou choro de crianças pequenas. Ali onde estávamos, tudo era silêncio agora. Mas não havia como ficar parado no meio daquelas montanhas à noite, submerso no breu absoluto aos seus pés, ouvindo os murmúrios secretos das enormes árvores acima, e fingir estar em qualquer outro lugar que não nas garras da floresta primitiva; ou duvidar de que a natureza selvagem poderia nos engolir de uma só vez, se quisesse, sem deixar para trás nenhum sinal de nossa existência.

Apesar de toda a sua lógica, Brianna não era de forma alguma imune aos murmúrios da floresta — não com uma criança pequena e delicada para tomar conta. Ela não ajudou com os preparativos para passar a noite no acampamento, ficando, em vez disso, sentada ao lado de Jammy, carregando seu rifle.

Jamie, após um rápido olhar para Brianna, anunciou que ele e ela fariam a primeira vigília; Josiah e eu a seguinte; e Peter e Kezzie seriam os últimos a montar guarda durante a noite. Até então, não havíamos mantido sentinelas, mas ninguém reclamou da sugestão.

Um longo dia na sela de um cavalo é um dos melhores soporíferos que existem, e eu me deitei ao lado de Jamie com aquela absoluta gratidão por estar na horizontal que compensa pela mais dura das camas. A mão de Jamie pousou delicadamente em minha cabeça; virei o rosto e beijei a palma de sua mão, sentindo-me segura e protegida.

Peter e os gêmeos Beardsley adormeceram em poucos segundos; eu podia ouvi-los roncar do outro lado da fogueira. Eu própria estava quase adormecida, embalada pela conversa baixa, quase inaudível, entre Jamie e Bri, quando percebi que o teor da conversa havia mudado.

— Está preocupada com seu marido, a nighan — ele perguntou suavemente.

Ela deu uma risadinha angustiada.

— Tenho andado preocupada desde o dia em que o enforcaram. Agora estou com medo também — ela disse, com sotaque escocês,

tentando fazer uma piada.

Jamie fez um ruído baixo na garganta, que imaginei pretendesse tranquilizá-la.

— Ele não corre mais perigo esta noite do que ontem à noite, menina, ou qualquer outra noite desde que partiu.

— É verdade — ela respondeu secamente. — Mas só porque eu não sabia nada sobre ursos-fantasmas e assassinos negros na semana passada não significa que não estivessem por aí.

— Exatamente — ele retrucou. — Ele não vai ficar mais seguro com sua preocupação, vai?

Não. Acha que isso vai me impedir de me preocupar? Ouviu-se uma risada baixa e melancólica em resposta.

— Não, creio que não.

Fez-se um breve silêncio, antes de Brianna voltar a falar.

— Eu só... fico pensando. O que eu farei, se algo realmente acontecer... se ele... não voltar? Fico bem durante o dia, mas à noite não posso deixar de pensar...

— Oh, bem — ele disse brandamente. Eu o vi levantar a cabeça para as estrelas, cintilando no alto. — Quantas noites em vinte anos, a nighean Quantas horas? Pois eu passei todo esse tempo imaginando se minha mulher ainda estava viva e como estava vivendo. Ela e meu filho.

Sua mão deslizou suavemente pela minha cabeça, acariciando meus cabelos delicadamente. Brianna nada disse em resposta, mas fez um ruído pequeno e indistinto na garganta.

— É para isso que Deus serve. A preocupação não ajuda; a prece, sim. Às vezes — acrescentou com honestidade.

— Sim — ela disse, parecendo em dúvida. — Mas se...

— E se ela não tivesse voltado para mim — ele interrompeu-a com firmeza, — se você não tivesse vindo... se eu nunca ficasse sabendo com certeza que vocês duas estavam mortas... — Virou a cabeça para olhar para ela e eu senti a mudança de posição de seu corpo enquanto ele erguia a mão dos meus cabelos e estendia a outra para tocá-la. — Então eu teria continuado a viver, a nighean, e feito o que tinha que ser feito. Você também.

CÉU ESCURO

Roger abriu caminho pela vegetação cerrada de liquidâmbar e carvalho do pântano, suando. Estava perto de água; ainda não conseguia ouvi-la, mas podia sentir o cheiro adocicado da resina de uma planta que crescia na beira d'água. Não sabia como era chamada, nem ao certo qual era a planta, mas reconheceu o cheiro.

A tira de sua mochila agarrou-se num galho e ele puxou-a, liberando um alvoroço de folhas amarelas como uma pequena revoada de borboletas. Gostaria de alcançar a margem do rio e não só pela água, embora precisasse dela. As noites estavam ficando cada vez mais frias, mas os dias ainda eram quentes, e ele esvaziara seu cantil antes do meio-dia.

Mais urgentemente do que água, no entanto, ele precisava de ar livre. Ali nas terras baixas, os bosques de cornisos e loureiros eram tão densos que ele mal conseguia ver o céu, e onde o sol conseguia atravessar, o mato cerrado crescia até os joelhos e as folhas do azevinho-espinhoso espetavam-no ao passar por elas.

Ele levava Clarence, a mula, por ser um animal mais adequado do que cavalos para a difícil travessia de território selvagem, mas alguns lugares eram acidentados demais até para uma mula. Ele deixara Clarence amarrada numa área mais alta, com seu rolo de cobertas e seus alforjes, enquanto ele abria caminho pelo mato até atingir o próximo ponto de leitura para o levantamento topográfico.

Um pato-carolino saltou de um arbusto a seus pés, quase fazendo seu coração parar com a batida de suas asas. Ficou imóvel, paralisado, o coração martelando nos ouvidos, e um bando de pequenos e alegres periquitos surgiu, tagarelando pelo meio das árvores; fizeram um volteio rápido para baixo, para inspecioná-lo, amistosos e curiosos. Então algo invisível os alarmou e eles subiram numa revoada de alvoroço e alarido, partindo como uma flecha através das árvores.

Estava quente; ele tirou o casaco e amarrou as mangas ao redor da cintura, depois enxugou o rosto com a manga da camisa e continuou avançando atabalhoadamente, o peso do astrolábio balançando de uma tira de couro em seu pescoço. Do topo da montanha, ele podia olhar para baixo, para os pequenos vales envoltos em névoa e para as colinas cobertas de florestas, e sentir um certo prazer e admiração com a ideia de que ele era o dono daquele lugar. Aqui embaixo, tendo que

enfrentar trepadeiras selvagens, plantas espinhentas e touceiras de bambu mais altas do que ele, a ideia de propriedade era ridícula. Como algo assim — este maldito pântano primitivo — poderia ser possuído por alguém?

Afora a questão da propriedade, ele queria terminar com esta selva e voltar para o terreno alto. Mesmo diminuído pelas árvores gigantescas da floresta virgem, um homem podia respirar no espaço sob as copas. Os galhos de árvores gigantes como castanheiras e choupos tulipeiros estendiam-se numa ampla copa no alto, lançando sombra no terreno embaixo, de modo que apenas pequeninas plantas cresciam ali — tapetes de delicadas flores silvestres, lírios-do-bosque, sapatinhos-de-dama — e as folhas mortas das árvores precipitavam-se em tal profusão que seus pés afundavam-se vários centímetros no tapete macio.

Era incompreensível que tal lugar pudesse algum dia se modificar — e no entanto isso aconteceu, aconteceria. Ele sabia disso muito bem; sabia, mais do que saber, ele vira isso! Ele dirigira um carro por uma estrada asfaltada, direto através do coração de um lugar que um dia fora igual a este. Ele sabia que podia mudar. E, no entanto, conforme procurava avançar pela vegetação de sumagre e mirtilos vermelhos, sabia melhor ainda que este lugar poderia devorá-lo sem um segundo de hesitação.

Entretanto, havia alguma coisa a respeito da absolutamente terrível escala de dimensões das terras selvagens que o acalmava. Entre as árvores gigantescas e a prolífica fauna selvagem, ele encontrava alguma paz; paz das palavras aprisionadas em sua cabeça, paz da preocupação não declarada nos olhos de Brianna, do julgamento nos olhos de Jamie — Julgamento contido, mas pairando lá como a espada de Damocles. Paz dos olhares de pena ou curiosidade, do esforço doloroso, lento e constante de falar — paz das lembranças de quando cantava.

Sentia falta de tudo — especialmente de Brianna e Jem. Quase nunca sonhava com qualquer coerência; não era como Bri — o que ela andaria escrevendo agora em seu livro de sonhos?, — mas acordara hoje de manhã com uma impressão vívida de Jem, arrastando-se por cima dele como gostava de fazer, cutucando e explorando com curiosidade, depois suavemente dando pancadinhas no rosto de Roger, explorando olhos e orelhas, nariz e boca, como se procurasse as palavras que estavam faltando.

Ele não falara absolutamente nada nos primeiros dias do levantamento, terrivelmente aliviado de não ter que se esforçar. Agora, porém, estava recomeçando a falar — detestando o som rouco, indistinto das palavras, mas não muito incomodado com isso, já que

não havia ninguém para ouvir.

Ouviu o gorgolejar da água por cima das pedras e atravessou uma cortina de galhos pendentes de salgueiros novos, deparando-se com um córrego aos seus pés, o sol refletindo na água. Ajoelhou-se, bebeu e jogou água no rosto, depois escolheu os pontos ao longo da margem de onde deveria tirar suas observações. Pegou o livro de contabilidade, pena e tinta da bolsa de couro que carregava no ombro e retirou o astrolábio de baixo da camisa.

Tinha uma canção na cabeça — outra vez. Elas entravam furtivamente quando ele não estava prestando atenção, melodias cantando em seu ouvido interior como sereias nas rochas, prontas para destruí-lo.

Mas não esta. Sorriu para si mesmo, enquanto empurrava ligeiramente a barra do astrolábio, e mirou numa árvore na margem oposta. Era uma canção infantil, uma das canções de números que Bri costumava cantar para Jemmy. Uma dessas cantigas terríveis que entrava na cabeça e não saía mais. Enquanto fazia suas medições e registrava no livro, cantarolava baixinho, ignorando a dissonante distorção dos sons.

— “As... for— Migas... mar-cham... uma... em uma.”

Cinco mil acres. O que ele iria fazer com isso? O que ele iria fazer?

— “Para bai-xo... dentro... do c-chão... para fu-fugir... da CHUVA... bum, bum, bum...”

Descobri rapidamente por que meu nome parecera ter significado para Tsatsa’wi; o nome da aldeia era Kalanun’yi Raventown, ou Vila do Corvo. Não vi nenhum corvo enquanto entrávamos na aldeia, mas ouvi um, chamando com seus gritos ásperos do meio das árvores.

A aldeia localizava-se num lugar adorável; o vale de um rio estreito ao pé de uma montanha pequenina. A própria aldeia era cercada por uma pequena extensão de lavouras e pomares. Um córrego a cortava, formava uma cascata e prosseguia pelo vale, desaparecendo no que a distância parecia um enorme bambuzal — um matagal de bambus, como era chamado, os bastões gigantes e frondosos brilhando como ouro em pó ao sol do começo da tarde.

Fomos recebidos com um entusiasmo cordial pelos habitantes do lugar, generosamente alimentados e entretidos por um dia e uma noite. Na tarde do segundo dia, fomos convidados a participar do que compreendi como sendo uma súplica a alguma divindade cherokee responsável pela caça, para invocar ajuda e proteção para a expedição contra o urso-fantasma que deveria partir no dia seguinte.

Não havia me ocorrido, antes de conhecer Jackson Jolly que podia

haver tantas variações de talento entre os índios xamãs como havia entre os clérigos do cristianismo. A essa altura, eu já havia conhecido vários de ambas as espécies, mas, escudada atrás dos mistérios da língua, não havia percebido anteriormente que uma vocação para xamã não garantia necessariamente a uma pessoa a posse de magnetismo pessoal, poder espiritual ou o dom de pregar. Observando uma lenta vitrificação espalhar-se pelas feições das pessoas amontoadas na casa do pai da mulher de Peter Bewlie, compreendi que, qualquer que fosse seu fascínio pessoal ou conexões com o mundo espiritual, Jackson Jolly infelizmente não possuía este último talento.

Eu havia observado um certo ar de resignação nos rostos de alguns dos membros da congregação quando o xamã assumiu seu posto diante da lareira, vestindo um cobertor semelhante a um xale, de flanela vermelha, e usando uma máscara esculpida com a fisionomia de um pássaro. Quando ele começou a falar, numa voz arrastada e alta, a mulher ao meu lado remexeu-se e mudou o peso de uma perna para a outra, suspirando.

Os suspiros eram contagiantes, mas não tão ruins quanto os bocejos. Em poucos minutos, metade das pessoas ao meu redor escancarava a boca, os olhos lacrimejando como chafarizes. Os músculos do meu próprio maxilar doíam, contraídos, e eu vi Jamie piscando como uma coruja.

Jolly sem dúvida era um xamã sincero; também parecia ser um xamã bem maçante. A única pessoa que parecia arrebatada por seus apelos era Jemmy, empoleirado nos braços de Brianna, a boca aberta de profunda admiração.

A cantoria para a caça ao urso foi bastante monótona, com infundáveis repetições de “He! Hayuya’haniua, hayuya’haniwa, hayuya’haniwa...”. A seguir, variações sobre o mesmo tema, cada verso terminando com um entusiástico — e um pouco surpreendente — Yoho!”, como se estivéssemos todos prestes a içar velas e zarpar pelo Mar de Espanha com uma garrafa de rum.

Mas a congregação demonstrou mais entusiasmo durante essa canção e eu finalmente percebi que o problema provavelmente não era com o próprio xamã. O urso-fantasma assombrava a aldeia há meses; eles já deviam ter passado por esta mesma cerimônia várias vezes, sem sucesso. Não, não era que Jackson Jolly não fosse um bom pregador; era só que sua congregação sofria de falta de fé.

Após o término do cântico, Jolly bateu ferozmente na lareira como marcação para alguma coisa que estava dizendo, em seguida tirou um bastão de incenso da bolsa, atirou-o no fogo e começou a circular pelo aposento, abanando a fumaça sobre a congregação. A multidão abriu

caminho educadamente conforme ele caminhou para Jamie, deu várias voltas ao redor dele e dos gêmeos, cantando e perfumando-os com sopros de fumaça aromática.

Jemmy achou aquilo extremamente engraçado. Sua mãe também, em pé ao meu lado, sacudindo-se com o riso reprimido. Jamie mantinha-se parado e empertigado, com uma expressão extremamente digna, enquanto Jolly — que era bem baixo — saltitava ao redor dele como um sapo, erguendo a cauda de seu casaco para perfumar seu traseiro. Não ousei olhar para Brianna.

Terminada essa fase da cerimônia, Jolly retomou sua posição junto ao fogo e começou a cantar. A mulher ao meu lado fechou os olhos e fez uma leve careta.

Minhas costas começavam a doer. Finalmente, o xamã encerrou seus procedimentos com um grito. Então retirou-se para os bastidores e removeu a máscara, enxugando o suor da testa pelo honrado trabalho e parecendo satisfeito consigo mesmo. O chefe da aldeia, então, apresentou-se para falar, e as pessoas começaram a se remexer e se movimentar.

Eu me estiquei, o mais discretamente possível, imaginando o que haveria para o jantar. Distraída por esses pensamentos, não notei no começo que a movimentação estava ficando cada vez mais pronunciada. Então a mulher ao meu lado empertigou-se abruptamente e disse algo em voz alta, num tom de comando. Ele inclinou a cabeça para o lado, ouvindo com atenção.

O chefe parou de falar no mesmo instante e todos ao meu redor começaram a olhar para cima. Os corpos enrijeciam-se e os olhos se arregalavam. Eu também ouvi, e um estremecimento repentino fez meus braços se arrepiarem. O ar estava tomado por uma precipitação de asas.

— O que é isso? — Brianna sussurrou para mim, olhando para cima como todo mundo. — A descida do Espírito Santo?

Eu não fazia a menor ideia, mas estava ficando mais alto — bem mais alto. O ar começava a vibrar e o barulho era semelhante ao ronco de um longo e contínuo trovão.

— Tsiskwa! — gritou um homem no meio da multidão, e de repente houve uma debandada em pânico em direção à porta.

Saindo correndo da casa, pensei a princípio que uma tempestade se abatera repentinamente sobre nós. O céu estava escuro, o ar ribombando, e uma luz estranha, turva, tremulando sobre tudo. Mas não havia nenhuma umidade no ar e um cheiro peculiar tomou conta de minhas narinas — não era chuva. Definitivamente, não era chuva.

— Pássaros, meu Deus, são pássaros! — Eu mal ouvi Brianna exclamar atrás de mim, em meio ao coro de estupefação a toda volta. Todos estavam no meio da rua, olhando para cima. Várias crianças, assustadas com o barulho e a escuridão, começaram a chorar.

Era realmente assustador. Eu nunca vira nada igual — nem a maioria dos cherokee, a julgar por sua reação. Parecia que o chão estremecia; o ar certamente tremia, vibrando com o bater das asas como um tambor sendo tocado com mãos frenéticas. Eu podia sentir a pulsação das batidas em minha pele e o tecido do meu lenço puxava, querendo elevar-se no vento.

A paralisia da multidão não demorou muito. Ouviram-se gritos aqui e ali, e repentinamente as pessoas corriam pela rua, arremessando-se para dentro de casa e irrompendo na rua outra vez com arcos. Em poucos segundos, uma chuva de flechas zunia para dentro da nuvem de pássaros, e corpos de penas soltaram-se do céu para aterrissar em montículos flácidos, encharcados de sangue, perfurados de setas.

Não eram apenas corpos que caíam do céu. Fezes úmidas atingiram meu ombro e eu pude ver uma chuva de partículas despencando do alto, uma nociva precipitação do estrondoso bando acima de nossas cabeças, levantando pequenas baforadas de poeira conforme batiam na terra. Minúsculas penas perdidas pelos pássaros em sua trajetória flutuavam no ar como sementes de dente-de-leão, e aqui e ali penas maiores arrancadas de caudas e asas desciam em espiral como lanças em miniatura, flutuando ao vento. Retrocedi apressadamente, abrigando-me sob os beirais do telhado de uma casa com Brianna e Jemmy.

Ficamos observando de nosso refúgio, assombradas, enquanto os habitantes da aldeia acotovelavam-se na rua, os arqueiros atirando o mais longe possível, uma flecha atrás da outra. Jamie, Peter Bewlie e Josiah correram em busca de suas armas e estavam no meio da multidão, disparando sem parar, sem sequer se preocupar em fazer pontaria. Não era necessário; ninguém poderia errar. As crianças, sujas de excremento dos pássaros, desviavam-se e corriam pelo meio da multidão, pegando os pássaros abatidos e empilhando-os nas portas das casas.

Deve ter durado uma meia hora. Nos agachamos sob os beirais, quase surdas com o barulho, hipnotizadas pela corrida incessante no alto. Após o susto inicial, Jemmy parara de chorar, mas encolhia-se nos braços da mãe, a cabeça enterrada na dobra de seu xale.

Era impossível divisar os pássaros individualmente naquela violenta cascata; parecia um rio de penas que enchia o céu de um lado ao outro. Acima do ribombo das asas, eu podia ouvir os gritos dos

pássaros uns para os outros, um rumor permanente, como uma tormenta atravessando a floresta.

Depois de muito tempo, finalmente, o grande bando de aves passou, um ou outro pássaro seguindo atrás, desgarrados da borda irregular do bando conforme ele cruzava as montanhas e desaparecia.

A aldeia soltou um suspiro em uníssono. Vi pessoas esfregando as orelhas, tentando se livrar do ruído e do eco do voo do bando. No meio da multidão, Jackson Jolly ria, exultante, prodigamente emplastrado de minúsculas penas e de excremento dos pássaros, os olhos brilhantes. Ele abriu os braços e disse alguma coisa, e as pessoas próximas murmuraram em resposta.

— Fomos abençoados — a irmã de Tsatsa'wi traduziu para mim, profundamente impressionada. Ela balançou a cabeça indicando Jamie e os gêmeos.

— O Branco Antigo nos enviou um grande sinal. Eles certamente encontrarão o urso diabólico.

Balancei a cabeça, ainda me sentindo ligeiramente atordoada. Ao meu lado, Brianna abaixou-se e pegou um pássaro morto, segurando-o pela flecha fina que o atravessara. Era uma ave gorda, e muito bonita, com uma cabeça delicada, azul-acinzentada, as penas do peito amarelo-claras, a plumagem das asas num tom suave de marrom-avermelhado. A cabeça pendia, inerte, os olhos encobertos por pálpebras cinza-azuladas, frágeis e enrugadas.

— É, não é? — ela disse, brandamente.

— Acho que deve ser — respondi, com a mesma suavidade. Cuidadosamente, estendi um dedo e toquei a plumagem macia. No que dizia respeito a sinais e presságios, eu não sabia se este era bom ou mau. Eu nunca vira um antes, mas tinha certeza de que o pássaro que eu tocava era um pombo passageiro.

Os caçadores partiram antes do amanhecer no dia seguinte. Brianna separou-se com relutância de Jemmy, mas montou em sua sela com uma leveza que me fez pensar que ela não iria sentir saudades dele enquanto estivesse caçando. Quanto ao próprio Jemmy, ele estava absorvido demais em esvaziar os cestos sob a plataforma da cama para notar a partida da mãe.

As mulheres passaram o dia inteiro arrancando penas, assando, defumando e preservando os pombos em cinzas de madeira; o ar estava repleto de peninhas flutuantes e o cheiro de fígados de pombos grelhados era intenso no ar, conforme toda a aldeia se empanturrava com a iguaria. De minha parte, ajudei com os pombos, entremeando o trabalho com conversas e trocas lucrativas, só parando de vez em quando para olhar na direção da montanha para onde os caçadores

havia partido e fazer uma prece breve e silenciosa para o bem-estar deles — e de Roger.

Eu havia trazido vinte e cinco galões de mel comigo, assim como algumas das ervas e sementes europeias importadas de Wilmington. O escambo era rápido e, à noite, eu já havia trocado meus estoques por diferentes quantidades de ginseng selvagem, erva-de-São-cristóvão e — uma verdadeira raridade — capuchinha. Esta última, um cogumelo enorme e recoberto de verrugas que crescem em vidoeiros antigos, tinha a reputação — ou assim me informaram — de curar câncer, tuberculose e úlcera. Um item útil para qualquer médico ter à mão, pensei.

Quanto ao mel, eu o havia trocado diretamente por vinte e cinco galões de óleo de girassol. Este vinha em volumosas bolsas de couro, que estavam empilhadas sob os beirais dos telhados de onde nos havíamos abrigado, como uma pequena pilha de balas de canhão. Eu parava para olhá-las com satisfação sempre que saía de casa, visualizando o sabão macio, perfumado, a ser feito com o óleo — nada mais de mãos fedendo a gordura de porco morto! E, com sorte, eu poderia vender a maior parte por um preço alto o suficiente para juntar a próxima parcela do maldito dinheiro de Laoghaire, a desgraçada.

O dia seguinte foi passado nos pomares com minha anfitriã, outra das irmãs de Tsatsa'wi, chamada Sungi. Uma mulher alta, de rosto meigo, trinta e poucos anos, ela sabia algumas palavras em inglês, mas algumas de suas amigas sabiam um pouco mais do que ela — uma boa coisa, considerando que o meu conhecimento de cherokee limitava-se a “Olá”, “Bom” e “Mais”.

Apesar da crescente fluência das índias, tive alguma dificuldade em entender exatamente o que “Sungi” queria dizer — dependendo de com quem eu estava falando, parecia significar tanto “cebola”, “hortelã” ou “vison”. Depois de uma certa dose de linhas cruzadas e adivinhações, cheguei à conclusão de que a palavra não parecia significar nada disso precisamente, mas indicar algum tipo de cheiro forte.

As macieiras no pomar eram novas, ainda de caules finos, mas bastante carregadas, fornecendo uma pequena fruta verde-amarelada que não teria impressionado Luther Burbank, mas que realmente possuía uma boa textura crocante e um sabor ácido — um excelente antídoto para o sabor gorduroso de fígados de pombos. Tinha sido um ano seco, Sungi disse, franzindo criticamente a testa para as árvores; não tantas frutas como no ano anterior, e o milho também não estava muito bom.

Sungi colocou as duas filhas para tomar conta de Jemmy,

obviamente advertindo-as para tomar cuidado, apontando insistentemente para a floresta.

— É bom Matador de Urso veio — ela disse, voltando-se novamente para mim, o cesto de maçãs no quadril. — Esse urso não urso; não fala nós.

— Oh, ah — eu disse, balançando a cabeça, mostrando compreensão. Uma das outras mulheres prestativamente ampliou a ideia, explicando que um urso razoável prestaria atenção ao chamado do xamã, que invocava o espírito do urso, de modo que os caçadores e os ursos pudessem se encontrar adequadamente. No entanto, considerando a cor desse urso, assim como seu comportamento obcecado e malicioso, era evidente que não se tratava de um verdadeiro urso, mas de algum espírito maligno que resolvera manifestar-se como um urso.

— Ah — eu disse, compreendendo melhor. — Jackson mencionou “o Branco Antigo”... era do urso que ele estava falando? — No entanto, Peter dissera que o branco era uma cor favorita.

Outra índia — que me dera seu nome inglês de Arma, em vez de tentar explicar o que seu nome cherokee significava — riu, chocada, diante do que eu dissera.

— Não, não! Branco Antigo, ele o fogo. — Com outras mulheres juntando-se às risadinhas, finalmente compreendi que o fogo, embora obviamente poderoso e a ser tratado com profundo respeito, era uma entidade benéfica. Daí a atrocidade da conduta do urso; animais brancos normalmente eram merecedores de respeito e considerados portadores de mensagens do outro mundo, aqui uma ou duas das mulheres olharam de viés para mim, mas este urso não estava se comportando de nenhum modo que pudessem compreender.

Sabendo o que eu sabia sobre a ajuda que o urso tivera de Josiah Beardsley e do “diabinho negro”, eu podia compreender isso perfeitamente. Eu não queria implicar Josiah, mas mencionei que eu tinha ouvido histórias cuidadosamente evitando dizer onde eu as ouvira — de um homem negro na floresta que cometia atos malignos. Elas tinham ouvido falar?

Oh, sim, asseguraram-me — mas eu não devia ficar preocupada. Havia um pequeno grupo de negros que viviam “para lá” — balançando a cabeça na direção da outra extremidade da aldeia, e do invisível bambuzal e das terras baixas do outro lado do rio. Era possível que essas pessoas fossem demónios, especialmente porque vinham do oeste.

Era possível que não fossem. Alguns dos caçadores da aldeia os haviam encontrado e os seguiram cuidadosamente durante vários dias,

observando para ver o que faziam. Os caçadores relataram que os negros viviam miseravelmente, vestidos apenas com uns trapos e sem casas decentes. Não parecia a maneira de demónios respeitáveis viverem.

Entretanto, eram bem poucos e pobres demais para valer a pena atacá-los — e os caçadores disseram que havia apenas três mulheres, e muito feias — e deveriam ser demónios, afinal. Assim, os habitantes da aldeia resolveram deixá-los em paz por enquanto. Os negros nunca se aproximavam da aldeia, uma das índias acrescentou, torcendo o nariz. Os cachorros sentiriam seu cheiro. A conversa terminou quando nos espalhamos pelo pomar, colhendo frutas maduras das árvores, enquanto as meninas recolhiam do chão as que o vento derrubara.

Voltamos para casa no meio da tarde, cansadas, queimadas de sol e cheirando a maçãs, e descobrimos que os caçadores tinham voltado.

— Quatro gambás, dezoito coelhos e nove esquilos — Jamie relatou, limpando o rosto e as mãos com um pano úmido. — Encontramos muitos pássaros também, mas, com os pombos, não nos demos ao trabalho de pegá-los, a não ser um belo falcão que George Gist quis por causa das penas. — Ele estava descabelado pelo vento, nariz vermelho do sol, mas muito alegre. — E Brianna, Deus a abençoe, abateu um bonito alce, logo do outro lado do rio. Um tiro no peito, mas ela o derrubou, e ela mesma cortou a garganta, embora isso seja algo arriscado de fazer com o animal ainda se debatendo.

— Oh, que ótimo — eu disse, um pouco debilmente, visualizando um alvoroço de cascos afiados e chifres letais nas proximidades de minha filha.

— Não se preocupe, Sassenach — ele disse, ao ver a expressão do meu rosto. — Eu ensinei a ela a maneira certa de fazer isso. Ela se aproximou por trás.

— Oh, ótimo — eu disse, com um pouco de sarcasmo. — Imagino que os caçadores tenham ficado impressionados.

— Muito — ele disse alegremente. — Sabia, Sassenach, que os cherokee deixam suas mulheres irem à guerra, assim como caçar? Não que o façam sempre, mas de vez em quando uma delas cisma e parte como uma Mulher da Guerra. Os homens a seguem, na verdade.

— Muito interessante — eu disse, tentando ignorar a visão assim evocada de Brianna sendo convidada a liderar um grupo de atacantes cherokee. — O sangue não mente.

— O quê?

— Deixe pra lá. — Por acaso viram algum urso, ou estavam ocupados demais trocando pérolas interessantes de sabedoria

antropológica?

Ele estreitou um olho para mim por cima da toalha com que limpava o rosto, mas respondeu sem se alterar.

— Encontramos alguns sinais de urso. Josiah tem um bom olho para isso. Não apenas as fezes, ele encontrou uma árvore de se coçar, uma com pelos presos na casca. Ele diz que um urso possui uma ou duas árvores favoritas e sempre volta para a mesma, de modo que, se você pretende matar um determinado urso, o melhor é acampar por perto e esperar.

— E essa estratégia não serviu no momento?

— Creio que serviria — ele respondeu, rindo, — salvo que era o urso errado. Os pelos na árvore eram marrom-escuros, não brancos.

A expedição, entretanto, não fora um fracasso. Os caçadores haviam completado um grande semicírculo ao redor da aldeia, começando bem longe, na floresta, depois descendo até o rio. E no solo macio das terras baixas, perto do bambuzal, eles haviam encontrado pegadas.

— Josiah disse que eram diferentes das pegadas do urso cujos pelos encontramos, e Tsatsa'wi achou que eram as mesmas pegadas que ele vira quando o urso branco matou seu amigo.

A conclusão lógica, sobre a qual todos os especialistas em urso concordavam, era que o urso-fantasma tinha muito provavelmente feito seu esconderijo no matagal. Esses lugares são densos, escuros e frios no calor do verão, e fervilhantes de pássaros e animais de pequeno porte. Até cervos podem se esconder ali no tempo quente.

— Você não pode entrar num lugar desses a cavalo, pode? — perguntei. Ele sacudiu a cabeça, penteando os cabelos com os dedos para retirar folhas.

— Não, nem se pode avançar depressa a pé, tão cerrado que é. Mas não pretendemos entrar lá atrás do urso.

Em vez disso, o plano era atear fogo ao bambuzal, obrigando o urso — e qualquer outra caça presente — a sair para as terras baixas do outro lado, onde ele poderia ser facilmente abatido. Evidentemente, essa era uma prática comum em caçadas, em especial no outono, quando os bambuzais ficavam secos e inflamáveis. Entretanto, a queimada provavelmente afugentaria muitos outros animais além do urso. Assim sendo, fora enviado um convite a uma outra aldeia, a uns trinta quilômetros de distância, para que seus caçadores viessem se unir aos de Raventown. Com sorte, haveria caça suficiente para sustentar as duas aldeias durante o inverno e um número maior de caçadores garantiria que o urso-fantasma não

escapasse.

— Muito eficiente — eu disse, achando graça. — Espero que a fumaça não afugente os escravos também.

— O quê? — Ele parou sua arrumação.

— Diabos negros ou algo parecido. — Contei-lhe o que sabia sobre o assentamento, se isso é o que era, de escravos fugidos, se isso é o que eram.

— Bem, não creio que sejam demónios — ele disse secamente, sentando-se à minha frente, de modo que eu pudesse trançar seus cabelos perfeitamente para trás. — Mas não acho que corram perigo. Devem viver longe do bambuzal, na margem oposta do rio. Mas vou perguntar. Há tempo suficiente; só daqui a três ou quatro dias os caçadores voltarão de Kanu'gala'yí.

Oh, ótimo — eu disse, amarrando a tira de couro em um laço. — Isso vai lhe dar o tempo exato de comer todos os fígados de pombo que sobraram.

Os dias seguintes transcorreram de forma agradável, embora com uma sensação crescente de expectativa que culminou com a chegada dos caçadores de Kanu'gala'yi — Briertown, a Vila da Urze-branca, ou assim me disseram. Eu me perguntei se eles teriam sido convidados por causa do conhecimento especial em lidar com território de plantas espinhosas, mas absteve-me de perguntar. Jamie, com sua costureira facilidade de aprender línguas, estava pegando palavras cherokee como se pega piolho, mas eu não queria exigir demais de sua habilidade pedindo-lhe que decifrasse trocadilhos, ainda não. Jemmy parecia ter herdado a facilidade do avô para línguas e na semana seguinte à nossa chegada havia praticamente duplicado seu vocabulário, com metade de suas palavras agora sendo em inglês e a outra metade em cherokee, o que o deixava ininteligível para todos, exceto sua mãe. Meu próprio vocabulário havia se expandido com o acréscimo das palavras para “água”, “fogo” e “socorro!” — para o resto, eu dependia da bondade dos cherokee que falavam inglês.

Após as cerimônias adequadas e um enorme banquete de boas-vindas com fígados defumados de pombos e maçãs fritas, — o numeroso grupo de caçadores partiu ao amanhecer, equipados com tochas de pinho e fogareiros, além de arcos, mosquetes e rifles. Depois de vê-los partir, após um desjejum reforçado — angu de milho misturado com fígados de pombos e maçãs frescas, — aqueles de nós que não estavam no grupo de caça retornaram às casas, para passar o tempo fazendo cestos, costurando e conversando.

O dia estava quente, úmido e parado. Nem uma brisa soprava nos campos, onde os talos secos do milho e dos girassóis colhidos jaziam

espalhados como num jogo de pega-varetas. Nem um sopro de ar levantava poeira na rua de terra. Se alguém pretendia atear fogo em alguma coisa, este era um bom dia para o serviço. Quanto a mim, estava satisfeita em me refugiar no interior fresco e sombreado da cabana de Sungi.

No curso da conversa do dia, pensei em perguntar-lhe sobre os componentes do amuleto que Nayawenne fizera para mim. É verdade que ela fora uma curandeira tuscara, de modo que as crenças básicas podiam não ser as mesmas, mas eu estava curiosa sobre o morcego.

— Há uma história sobre morcegos — Sungi começou, e eu disfarcei um sorriso. Os cherokee eram na verdade muito parecidos com os escoceses das Highlands, especialmente no que se referia a gostar de histórias. Eu já ouvira diversas nos poucos dias que passara na aldeia.

— Os animais e os pássaros resolveram jogar bola — Anna disse, traduzindo devagar conforme Sungi falava. — Nessa época, os morcegos caminhavam sobre quatro patas, como os outros animais. Mas quando foram participar do jogo de bola, os outros animais disseram que não, eles não podiam jogar; eram pequenos demais e seriam esmagados. Os morcegos não gostaram. Sungi franziu a testa, com uma carranca que indicava um morcego zangado.

— Assim, os morcegos procuraram os pássaros e se ofereceram para jogar do lado deles. Os pássaros aceitaram a oferta e, assim, pegaram varinhas e folhas e fizeram asas para os morcegos. Os pássaros ganharam o jogo e os morcegos gostaram tanto de suas asas que...

Sungi parou de falar repentinamente. Sua cabeça ergueu-se e ela farejou o ar. Todas as mulheres ao meu redor pararam de falar. Sungi levantou-se rapidamente e dirigiu-se à porta, a mão agarrada ao batente enquanto olhava para fora.

Eu podia sentir o cheiro da fumaça, vinha sentindo durante a última hora, conforme ela vinha flutuando no vento, mas percebi que o cheiro de queimado era muito mais forte agora. Sungi saiu para a rua; levantei-me e a segui com as outras mulheres, um formigamento de inquietação começando a pinicar atrás dos meus joelhos.

O céu começava a escurecer com nuvens de chuva, mas a nuvem de fumaça era ainda mais escura, uma mancha negra e turbulenta que se erguia acima das árvores distantes. Um vento começara a soprar, vindo à frente da iminente tempestade, e um alvoroço de folhas secas passou girando por nós com um som de pés pequenos e apressados.

A maioria das línguas possui alguns monossílabos para uso em

situações de repentinamente assombro, e a língua cherokee também possui. Sungi disse alguma coisa que eu não entendi, mas o significado era claro. Uma das mulheres mais jovens lambeu um dedo e ergueu-o no ar, mas o gesto não era necessário — eu podia sentir o vento no meu rosto, forte o suficiente para levantar os cabelos dos meus ombros, fresco na minha nuca. Soprava diretamente na direção da aldeia.

Anna respirou longa e profundamente; pude vê-la se inflar, os ombros se endireitando, preparando-se para lidar com a situação. Então, de repente, todas as mulheres entraram em ação, correndo pela rua na direção de suas casas, chamando as crianças, parando para recolher na saia dobrada a carne estendida para secar, ou arrancar uma réstia de cebolas ou abóboras de um beiral de telhado ao passar.

Eu não sabia ao certo onde Jemmy estava; uma das meninas mais velhas o levava para brincar, mas no alvoroço eu não conseguia saber qual delas. Agarrei as saias e corri pela rua abaixo, agachando-me entrando em cada casa sem ser convidada, à procura dele. Havia uma terrível sensação de urgência no ar, mas não de pânico. Mas o som de folhas secas parecia constante, um débil ruído-ruído que me seguia nos calcanhares.

Encontrei-o na quinta casa, profundamente adormecido com diversas outras crianças de idades variadas, todas aconchegadas como cachorrinhos nas dobras de um cobertor de pele de búfalo. Eu jamais o encontraria, se não fosse pelos cabelos flamejantes, brilhando como um farol no meio da suave escuridão. Acordei-as o mais delicadamente possível e peguei Jemmy. No entanto, ele acordou de imediato e ficou olhando ao redor, piscando atordoado.

— Venha com a vovó, querido — eu disse. — Temos que ir agora.

— Ir cavalinho? — ele perguntou, animando-se imediatamente.

— Uma excelente ideia — respondi, acomodando-o no meu quadril. Vamos procurar o cavalinho, está bem?

O cheiro de fumaça estava muito mais forte quando emergimos na rua. Jemmy tossiu e eu podia sentir um gosto ácido e amargo no fundo da minha boca quando respirava. A evacuação estava em pleno andamento; as pessoas — a maioria mulheres — corriam para dentro e para fora das casas, empurrando crianças à sua frente, carregando trouxas feitas às pressas com seus pertences. Ainda assim, não havia nenhuma sensação de pânico ou alarme no êxodo; todos pareciam preocupados, mas agiam de modo bastante prático. Ocorreu-me que uma aldeia de madeira localizada no meio de uma região de florestas devia ficar exposta ao risco de incêndio de vez em quando. Os habitantes sem dúvida já haviam enfrentado antes ao menos a possibilidade de um incêndio na floresta, e estavam preparados para

lidar com isso.

Essa constatação me acalmou um pouco — embora a posterior constatação de que o farfalhar constante de folhas secas que eu estava ouvindo era na verdade o crepitar do fogo se aproximando não fosse nem um pouco tranquilizadora.

A maioria dos cavalos havia ido com os caçadores. Quando cheguei ao cercado de sebe, restavam apenas três. Um dos homens mais velhos da aldeia estava montado em um deles e pronto para ir embora, conduzindo Judas e o outro cavalo amarrados com cordas. Judas estava selado, carregava seus alforjes e usava um cabresto de corda. Quando o velho me viu, riu e gritou alguma coisa, gesticulando para Judas.

— Obrigada! — respondi. O homem inclinou-se, pegou Jemmy habilmente dos meus braços, permitindo que eu montasse Judas e segurasse as rédeas adequadamente, antes de me devolver Jemmy com grande cuidado.

Os cavalos estavam inquietos, pisoteando e remexendo-se. Eles sabiam tanto quanto nós o que era um incêndio — e gostavam menos ainda. Segurei o cabresto firmemente com uma das mãos e com a outra segurei Jemmy ainda com mais firmeza.

— Muito bem, rapaz — eu disse ajudas, tentando demonstrar autoridade. — Nós vamos agora.

Judas era completamente a favor dessa sugestão; dirigiu-se para a abertura que havia na sebe como se fosse a linha de chegada de uma corrida, fazendo minhas saias se agarrarem nos espinhos da cerca viva conforme avançávamos. Consegui refreá-lo um pouco, tempo suficiente para o velho índio e seus dois cavalos emergirem do curral e nos alcançarem.

O homem gritou alguma coisa para mim e apontou na direção da montanha, longe do incêndio. O vento se intensificara; ele açoitava seus longos cabelos grisalhos pelo seu rosto, abafando suas palavras. Sacudiu a cabeça para afastá-los, mas não se deu ao trabalho de repetir o que dissera, meramente fazendo sua montaria girar na direção que ele apontara.

Cutuquei Judas com o joelho, fazendo-o virar para seguir o velho, mas mantive a rédea curta, hesitando. Olhei por cima do ombro na direção da aldeia e vi pequenos rios de pessoas fluindo do meio das casas, todas seguindo na direção geral que o velho indicara. Ninguém corria, embora todos caminhassem decididamente.

Bri viria procurar Jemmy, assim que percebesse que a aldeia corria perigo. Sei que ela confiava em mim para zelar pela segurança dele, mas nenhuma mãe em tais circunstâncias descansaria enquanto não se

reunisse a seu filho outra vez. Não corríamos nenhum perigo imediato, assim eu fiquei para trás, esperando, apesar da crescente agitação de Judas.

O vento açoitava as árvores agora, arrancando vagalhões de folhas verdes, amarelas e vermelhas que se projetavam sobre nós, prendendo-se às minhas saias e à pele de Judas como retalhos de tecido florido. Todo o céu ficara negro-arroxeadado e eu ouvi os primeiros ribombos de trovões sob o assovio do vento e o crepitar do fogo. Eu podia sentir o cheiro penetrante da chuva próxima, mesmo através da fumaça, e senti uma repentina esperança. Um bom aguaceiro parecia ser exatamente o que a situação exigia, e quanto mais cedo, melhor.

Jemmy estava extremamente agitado com as condições atmosféricas e batia as mãozinhas gorduchas no cabeçote da sela, gritando um canto de guerra pessoal para os céus que soava mais ou menos como “Uuguie-uuguie-uuguiei”.

Judas não gostava nem um pouco desse tipo de comportamento. Eu estava cada vez com mais dificuldade de mantê-lo sob qualquer tipo de controle; ele ficava dando safanões para puxar o cabresto enquanto executava uma espécie de manobra de saca-rolhas que nos conduzia em círculos erráticos. A corda enrolada começava a cortar minha mão e os calcanhares descálços de Jemmy martelavam minhas coxas.

Eu acabara de desistir, resolvendo deixar o cavalo seguir sua própria cabeça, quando ele repentinamente virou-se e lançou a dita cabeça para cima, relinchando clamorosamente na direção da aldeia.

E, de fato, havia cavaleiros se aproximando; vi vários cavalos saindo da floresta no outro lado da aldeia, trotando. Judas, feliz em ver outros cavalos, mostrou-se mais do que disposto em voltar para a aldeia, apesar de ser na direção do fogo.

Encontrei-me com Jamie e Brianna no meio da aldeia, ambos olhando ansiosamente ao redor enquanto desciam a rua. Jemmy deu gritinhos de prazer ao ver a mãe e lançou-se em seus braços, de um cavalo para o outro, por pouco não caindo no meio dos cascos nervosos.

— Pegaram o urso? — gritei para Jamie.

— Não! — ele respondeu, também gritando acima do vento cada vez mais forte. — Vamos embora, Sassenach!

Bri já havia partido, na direção da floresta, onde os últimos habitantes da aldeia desapareciam no meio das árvores. Mas, aliviada da minha responsabilidade com Jemmy, eu havia pensado em outra coisa.

— Só um minuto! — gritei. Freei e desmontei, jogando as rédeas de Judas para Jamie. Ele inclinou-se para pegá-las e gritou alguma coisa atrás de mim, mas eu não entendi.

Estávamos do lado de fora da casa de Sungi e eu vira as bolsas de couro de óleo de girassol empilhadas sob o beiral do telhado. Arrisquei um olhar na direção do bambuzal. O fogo definitivamente estava se aproximando; havia filetes visíveis de fumaça serpeando ao meu redor e eu achei que podia ver o brilho de chamas distantes entre as árvores fustigadas. Ainda assim, eu tinha certeza de que poderíamos correr mais do que o fogo, a cavalo — e aquele era o lucro de um ano de mel jogado no chão; eu não ia deixá-lo ali para queimar.

Precipitei-me para dentro de casa, ignorando os berros furiosos de Jamie, e remexi loucamente pelos cestos espalhados, na esperança de que Sungi não tivesse levado... não levara. Agarrei um punhado de tiras de couro e corri novamente para fora.

Ajoelhando-me em meio à fumaça e à poeira em redemoinho, passei tiras de couro pelo gargalo de duas das bolsas de couro e amarrei as longas pontas das duas tiras juntas, puxando o couro com todas as forças. Segurando nos braços o incômodo par de bolsas, cambaleei de volta para os cavalos.

Jamie, ao ver o que eu fazia, pegou os dois conjuntos de rédeas em uma única mão, inclinou-se e agarrou as duas bolsas pela alça improvisada que as ligava, içando a geringonça por cima do pescoço de Gideon, de modo que ficassem uma de cada lado do animal.

— Vamos! — ele gritou.

— Mais uma! — gritei em resposta, já correndo de volta para a casa. Pelo canto do olho, eu podia vê-lo lutando com os cavalos, que relinchavam e arremetiam, ansiosos para sair dali. Ele berrava palavras não elogiosas para mim em gaélico, mas senti uma certa resignação em seu tom de voz e não pude deixar de sorrir comigo mesma, apesar da ansiedade que apertava meu peito e me fazia manusear atabalhoadamente as tiras de couro escorregadias.

Judas relinchava e revirava os olhos, arreganhando os dentes intermitentemente, de medo; mas Jamie puxou-o para perto e segurou sua cabeça com firmeza, enquanto eu lançava o segundo par de bolsas de óleo por cima da sela e montava em seguida.

No instante em que a mão de ferro de Jamie se afrouxou no cabresto, Judas disparou. A corda estava em minhas mãos, mas percebendo sua inutilidade, eu apenas me agarrei à sela com todas as forças, as bolsas de óleo quicando loucamente contra minhas pernas conforme disparávamos para a segurança do terreno mais alto.

A tormenta estava bem mais próxima agora; o vento arrefecera,

mas o estrondo de um trovão fez Judas fincar as patas traseiras e lançar-se pelo terreno aberto como uma lebre. Judas detestava trovões. Lembrando-me da última vez em que eu o montara durante uma tempestade, abaixei-me sobre seu dorso e agarrei-me como carrapicho, ferrenhamente resolvida a não ser atirada para fora ou arrastada da sela em sua corrida tresloucada.

Logo estávamos na floresta e galhos desfolhados me açoitavam como chicotes. Pressionei-me ainda mais contra o pescoço do cavalo, fechando os olhos para evitar que algum fosse arrancado. Judas avançava mais devagar agora, por necessidade, mas obviamente ainda estava em pânico; eu podia sentir a movimentação de suas ancas, levando-nos para cima, e ouvir a respiração assobiando pelas narinas.

Outro trovão estrondou e ele perdeu o equilíbrio nas folhas escorregadias, escorregando de lado e chocando-se contra um amontoado de árvores novas. Mas a vegetação flexível nos salvou de maiores danos e, aos trancos e barrancos, conseguimos nos erguer de novo e continuar a subida. Abrindo um olho cautelosamente, pude ver que Judas de algum modo encontrara uma trilha — era possível divisar a linha fraca, ziguezagueando através da vegetação densa à nossa frente.

Em seguida, as árvores se fecharam sobre nós outra vez e eu não conseguia ver nada além da claustrofóbica rede de galhos e troncos entrelaçados, entremeados com os remanescentes amarelados de madressilvas silvestres e o lampejo de trepadeiras escarlates. A vegetação densa diminuiu ainda mais a marcha do cavalo e eu finalmente pude respirar fundo e perguntar-me onde Jamie estaria.

O trovão estrondou outra vez e, em seu rastro, eu ouvi um relincho agudo, não muito atrás de mim. Claro — Judas detestava trovões, mas Gideon detestava seguir outro cavalo. Ele devia estar logo atrás, tentando alcançar Judas.

Uma grande gota de chuva atingiu-me entre as omoplatas e eu ouvi o ruído do começo da chuva, caindo gota a gota nas folhas, nos galhos e no chão à minha volta. O cheiro de ozônio penetrava nas narinas e a floresta inteira parecia dar um suspiro verde, abrindo-se para a chuva.

Dei um profundo suspiro também, de alívio.

Judas deu mais alguns passos e parou de repente, arquejando e bufando. Sem esperar que novo estrondo de trovão o desembestasse outra vez, deslizei depressa para o chão e, agarrando a corda do cabresto, o amarrei a uma pequena árvore — o que não foi uma tarefa fácil, com as mãos rígidas e trêmulas.

Bem a tempo. Um novo estrondo retumbou, um estrépito tão alto que pude senti-lo na pele. Judas berrou e deu ré, dando safanões em

sua corda, mas eu já a havia amarrado ao redor do tronco da árvore. Recuei atabalhoadamente para fugir de seu pânico e Jamie segurou-me por trás. Ele começou a dizer alguma coisa, mas o trovão ribombou novamente, abafando sua voz.

Virei-me e me agarrei a ele, tremendo com a adrenalina do choque retardado. A chuva começou a cair pesadamente, gotas frias no meu rosto. Ele beijou minha testa, depois me conduziu para baixo de um grande emaranhado de cicuta, cujos leques de folhas interrompiam a chuva, proporcionando uma caverna aromática, quase seca, embaixo.

Conforme a adrenalina que corria pelo meu corpo começou a abrandar, tive um momento para olhar ao redor e percebi que não éramos os primeiros habitantes daquele refúgio.

— Olhe — eu disse, apontando para as sombras. Os vestígios eram poucos, mas óbvios; alguém comera ali, descartando uma pilha bem arrumada de pequenos ossos. Animais não eram tão cuidadosos. Animais também não juntavam folhinhas mortas para formar um confortável travesseiro.

Jamie contraiu-se com novo estrondo de trovão, mas balançou a cabeça.

— Sim, é o posto de um matador, embora eu não ache que tenha sido usado recentemente.

— Um o quê?

— Matador — ele repetiu. O relâmpago cintilou atrás dele, um lençol brilhante que deixou sua silhueta impressa na minha retina. — É como chamam as sentinelas; os guerreiros que ficam fora da aldeia, para montar guarda e parar qualquer um que chegue sem avisar, vê?

— Não consigo ver nada no momento. — Estendi a mão, tateando, e toquei na manga de seu casaco, movendo-mecegamente para o abrigo de seu braço. Fechei os olhos, na esperança de restaurar minha visão, porém, mesmo contra minhas pálpebras cerradas, eu podia ver a explosão de luz e o clarão do raio.

Os trovões pareciam estar se afastando um pouco, ou ao menos se tornando menos frequentes. Pisquei e descobri que conseguia ver outra vez. Jamie moveu-se para o lado, gesticulando, e eu vi que estávamos numa espécie de plataforma, com a face da montanha erguendo-se verticalmente atrás de nós. Escondida da vista de quem estivesse lá embaixo por uma fileira de coníferas, havia uma clareira estreita — obviamente feita pelo homem, já que era o único tipo de clareira que ocorria naquelas montanhas. Entretanto, olhando através dos ramos das coníferas, eu tinha uma vista de tirar o fôlego do pequeno vale onde ficava Raventown.

A chuva abrandara. No entanto, olhando desta localização alta e privilegiada, pude ver que as nuvens não eram de uma única tormenta, mas de várias; cortinas de chuva escura penduravam-se aleatoriamente das nuvens como véus de veludo cinza, e forquilhas recortadas, silenciosas, de relâmpagos rasgavam repentinamente o céu negro acima dos picos distantes, os trovões ribombando em seu rastro.

Ainda havia fumaça brotando do bambuzal, uma coroa baixa e plana cinza-clara, quase branca, contra o céu enegrecido. Mesmo tão alto como estávamos, o cheiro de queimado ardia em nossas narinas, misturando-se estranhamente ao cheiro de chuva. Aqui e ali, eu podia ver línguas de fogo ainda queimando no bambuzal, mas era evidente que a maior parte do incêndio fora debelada; o próximo aguaceiro iria extingui-lo completamente. Eu podia ver, também, as pessoas retornando à aldeia, pequenos grupos saindo da floresta, trouxas e crianças a reboque.

Procurei cavaleiros, mas não vi nenhum, muito menos algum de cabelos ruivos. Certamente, Brianna e Jemmy estariam seguros, não? Estremeci repentinamente; com a instabilidade do tempo nas montanhas, o ar passara de um cobertor sufocante ao frio em menos de uma hora.

— Tudo bem, Sassenach? — A mão de Jamie pousou, quente, em minha nuca, os dedos massageando delicadamente ao longo dos músculos tensos dos meus ombros. Respirei fundo e relaxei, o máximo que pude.

— Sim. Acha seguro descer agora? — Minha única impressão da trilha era a de um caminho estreito e íngreme; estaria lamacento agora, e escorregadio com as folhas mortas molhadas.

— Não — ele disse, — mas não creio... Parou repentinamente, franzindo a testa em concentração enquanto avaliava o céu. Olhou para trás de nós; eu mal podia divisar o contorno dos cavalos, parados, juntos, sob a proteção da árvore onde eu havia amarrado Judas.

— Eu ia dizer que não achava particularmente seguro permanecer aqui ele disse finalmente. Seus dedos tamborilaram delicadamente em meu ombro enquanto ele pensava, tamborilando como pingos de chuva.

— Mas a tempestade está se movendo rapidamente; você pode ver os raios acima da montanha, e o trovão... — Com uma sincronização melodramática, um estrondo ribombou pelo vale. Ouvi um agudo relincho de protesto de um dos cavalos e o farfalhar da folhagem conforme ele tentava soltar o cabresto com safanões. Jamie olhou por cima do ombro, a expressão impassível.

— Seu cavalo detesta trovões, Sassenach.

— Sim, eu notei — eu disse, aconchegando-me mais junto a ele para me aquecer. O vento intensificava-se novamente, conforme a tempestade seguinte se aproximava.

— Sim, ele provavelmente vai quebrar o pescoço, e o seu também, se tiver o azar de estar naquela trilha quando... — Outro estrondo de trovão abafou sua voz, mas eu entendi o significado.

— Esperaremos — ele disse, categoricamente.

Puxou-me diante dele e passou os braços ao meu redor, suspirando, enquanto descansava o queixo no topo da minha cabeça. Ficamos parados ali no abrigo da cicuta, aguardando a tempestade.

Lá embaixo, o bambuzal zumbia e fervia, a fumaça da queimada começando a se erguer e se espalhar com o vento. Para longe da aldeia, desta vez, na direção do rio. Imaginei, de repente, onde Roger estaria — em algum lugar sob o céu tenebroso. Ele teria encontrado um refúgio seguro da tormenta?

— Imagino também onde aquele urso estará — eu disse, externando parte dos meus pensamentos. O peito de Jamie moveu-se numa risada desolada, mas a trovoada abafou sua voz.

Roger remexeu-se sonolentemente, o cheiro de fumaça ardendo em sua garganta. Tossiu e pegou no sono outra vez, imagens fragmentadas de uma lareira cheia de fuligem e salsichas queimadas desaparecendo na névoa. Cansado de uma manhã de difícil caminhada por uma vegetação impenetrável de arbustos e bambus, fizera uma refeição frugal e deitara-se para uma hora de descanso na sombra de um salgueiro-preto na margem do rio.

Embalado pelo barulho de água corrente, deve ter caído em sono profundo, mas um grito agudo, distante, o fez acordar com um sobressalto, piscando. O grito repetiu-se, distante, mas alto. A mula!

Já estava de pé, tropeçando nos próprios passos na direção do som, quando se lembrou da bolsa de couro com suas penas e tinta, a corrente de Gunter e os preciosos registros topográficos. Lançou-se de volta para resgatá-la, depois chapinhou pelos baixios na direção dos zurros histéricos de Clarence, o peso do astrolábio balançando da tira de couro e batendo em seu peito. Enfiou-o por dentro da camisa para impedir que se prendesse nos galhos, procurando desesperadamente o caminho por onde viera.

Fumaça — ele realmente sentira cheiro de fumaça. Tossiu, quase sufocando ao tentar reprimir a tosse. Tossir fazia sua garganta doer, com uma dor dilacerante, conforme o tecido das cicatrizes internas parecia se rasgar.

— Já estou indo — balbuciou num sopro, na direção de Clarence. Não teria feito diferença se ele pudesse ter gritado; mesmo quando ele possuía voz, ela não tinha o alcance dos zurros de Clarence. Ele deixara a mula amarrada numa área de capim na borda do bambuzal, mas não muito para dentro.

— Outra vez — murmurou, lançando seu peso contra uma touceira de bambus novos para forçar sua passagem. — Grite... outra vez... droga. — O céu estava negro. Acordando de repente e partindo atabalhoadamente como fizera, ele não tinha noção de onde se encontrava, a não ser por Clarence.

Droga, o que estava acontecendo? O cheiro de fumaça estava perceptivelmente mais forte; quando sua mente clareou da confusão de sono e pânico, ele percebeu que havia algo drasticamente errado. Os pássaros, normalmente sonolentos no meio do dia, estavam

inquieta, revoando acima de sua cabeça e emitindo gritos agudos e dissonantes. O ar movia-se agitadamente pelo meio dos bambus, sacudindo suas folhas, e ele sentiu uma baforada quente no rosto — não o calor úmido, pegajoso, generalizado, do bambuzal abafado e sufocante, mas um toque quente, seco, que roçou pelo seu rosto e paradoxalmente fez um calafrio percorrer sua espinha. Santo Deus, o lugar estava em chamas.

Respirou fundo, procurando se acalmar. O bambuzal estava vivo ao seu redor; um vento forte se movia, sacudindo os bambus secos, lançando bandos de periquitos e pássaros canoros à sua frente, atirados como punhados de confetes coloridos pelo meio das folhas. A fumaça penetrou em seu peito e atingiu seus pulmões, queimando, impedindo-o de respirar fundo.

— Clarence — disse em voz rouca, o mais alto que conseguiu. De nada adiantou; mal podia ouvir a si mesmo acima da crescente agitação do bambuzal. Não conseguia ouvir a mula de modo algum. Será que o estúpido animal já fora torrado no incêndio? Não, o mais provável é que tivesse arrebentado sua corda e galopado para longe, em segurança.

Algo roçou por sua perna e ele olhou para baixo a tempo de ver o rabo escamoso e pelado de um gambá correndo para dentro do mato. Era uma direção tão boa quanto outra qualquer, ele pensou, e arremessou-se para dentro da vegetação cerrada atrás dele.

Houve um grunhido em algum lugar próximo; um pequeno porco surgiu de uma moita de chá-dos— Apalaches e atravessou seu caminho, dirigindo-se para a esquerda. Porco, gambá — qual dos dois era conhecido por ter bom senso de direção? Hesitou por um instante, depois seguiu o porco; era grande o suficiente para ajudar a abrir caminho.

Ele parecia haver um caminho; pequenas áreas de terra apareciam aqui e ali, pisoteadas entre os tufo de capim. Orquídeas selvagens destacavam-se entre eles, vívidas como pequenas joias, e ele se admirou com a delicadeza das flores — como ele podia notar tais coisas numa hora dessas?

A fumaça estava cada vez mais espessa; teve que parar e tossir, quase se dobrando ao meio e agarrando sua garganta, como se pudesse manter o tecido intacto, impedir, com suas mãos, que ele se rasgasse. Com os olhos lacrimejando, endireitou-se — e descobriu que a trilha havia desaparecido. Uma sensação de pânico pareceu dar um nó em suas entranhas quando ele viu um filete de fumaça flutuando, avançando lentamente através da vegetação rasteira, explorando delicadamente. Cerrou os punhos com força suficiente para as unhas curtas penetrarem nas palmas das mãos, usando a dor para clarear e

focalizar a mente. Virou-se devagar, os olhos fechados para se concentrar, ouvindo, virando a cabeça de um lado para o outro, buscando uma corrente de ar fresco, uma sensação de calor — qualquer coisa que lhe indicasse o caminho a seguir, para longe do fogo.

Nada. Ou melhor, tudo. A fumaça estava por toda parte agora, em nuvens cada vez mais espessas que se arrastavam quase junto ao chão ou saíam do meio das moitas em rolos negros, sufocando-o. Ele já podia ouvir o fogo, um ruído semelhante ao de uma risadinha furtiva, como alguém rindo do fundo de uma garganta estrangulada por cicatrizes.

Salgueiros. Sua mente apegou-se à ideia de salgueiros; podia ver um aglomerado deles a distância, quase invisíveis acima dos bambus. Salgueiros crescem junto à água; era lá que ficava o rio.

Uma cobra pequena, vermelha e preta, deslizou pelo seu pé quando ele alcançou a água, mas ele nem notou. Não havia tempo para nenhum medo além do medo do fogo. Chapinhou para o meio do rio e caiu de joelhos, abaixando-se para aproximar o rosto o máximo possível da água.

Havia ar em movimento ali, fresco por causa da água, e ele sorveu-a em grandes goles, o suficiente para fazê-lo tossir outra vez, sacudindo seu corpo com uma série de espasmos dilacerantes, torturantes. Para que lado, para que lado? O rio ziguezagueava através de acres de bambuzal e mata ciliar. Segui-lo em um dos sentidos iria levá-lo às terras baixas — talvez, para longe do fogo, ou ao menos para terreno aberto, um lugar onde ele poderia enxergar outra vez e fugir do fogo. Seguir no sentido oposto poderia levá-lo diretamente para o núcleo do incêndio. Mas não havia nada acima dele além de uma escuridão turva, e nenhuma maneira de saber.

Pressionou os braços com força contra o corpo, tentando reprimir a tosse, e sentiu o volume da bolsa de couro. Os registros. Droga, ele podia admitir a possibilidade da própria morte, mas não a perda daqueles registros, feitos durante tantos dias de penoso trabalho. Tropeçando e se debatendo, ele conseguiu chegar à margem do rio. Cavou freneticamente com as mãos, raspando a lama macia, rasgando punhados do capim longo e resistente, arrancando cavalinha pela raiz. As ervas se desfaziam em suas mãos e ele atirava os fragmentos atabalhoadamente por cima do ombro, o peito arquejando conforme ele arfava e removia a terra.

O ar estava quente em toda a sua volta, queimando seus pulmões. Enfiou a bolsa de couro dentro do buraco úmido que cavara, estendeu os braços e começou a agarrar a terra, puxando-a para si, a lama era um conforto em sua pele conforme recobria o buraco.

Parou, arquejando. Ele devia estar suando, mas o suor secava antes de atingir a superfície da pele. O fogo estava próximo. Pedras, ele precisava de pedras para marcar o lugar — elas não queimariam. Lançou-se novamente para dentro do córrego, tateou sob a superfície, oh,

Deus, estava fresco, estava molhado, graças a Deus, agarrou uma pedra redonda, escorregadia com o limo verde, e atirou-a para a margem. Outra, um punhado de pedras menores, agarradas no desespero, outra grande, uma pedra chata, outra bastava, tinha que ser suficiente, o fogo estava chegando.

Empilhou suas pedras num apressado monturo e, encomendando a alma a Deus, mergulhou de novo no rio e saiu correndo, tropeçando e tossindo, engasgado, as pedras rolando e escorregando sob seus pés. Correu por tanto tempo quanto suas pernas trôpegas o levaram, antes da fumaça agarrá-lo pela garganta, encher sua cabeça, seu nariz e seu peito, e asfixiá-lo, a faixa da cicatriz na garganta apertando e espremendo o ar e a vida de seu corpo, deixando apenas a escuridão por trás de seus olhos, iluminada pelo vermelho bruxuleante do fogo.

Ele estava lutando. Lutando contra o laço em seu pescoço, contra as cordas que amarravam seus pulsos, lutando acima de tudo contra o vazio negro que esmagava seu peito e lacrava sua garganta, lutando por um último gole do precioso ar. Sacolejou-se, distendendo-se com todas as suas forças, e então ele estava rolando pelo chão, os braços abertos, livres.

Bateu em alguma coisa com a mão descontrolada. Era macio e deu um gritinho de surpresa.

Então havia mãos em seus ombros, pernas, e ele estava se sentando, a visão fraturada e o peito arfando, no esforço de respirar. Algo o atingiu com força no meio das costas. Ele engasgou-se, tossiu, engoliu ar suficiente para que a tosse viesse do âmago calcinado de seu corpo, e ele expeliu uma enorme massa informe, um escarro negro que saiu de dentro do seu peito, quente e viscoso como uma ostra podre em sua língua.

Ele cuspiu, engasgou-se e teve uma ânsia de vômito, conforme a biliar subiu, queimando, pelo canal apertado, em carne viva, de sua garganta. Ele cuspiu outra vez, reprimiu nova tosse e sentou-se, arfando.

Não conseguia prestar atenção a nada, perdido no milagre do ar e da respiração. Havia vozes à sua volta e vagos rostos na escuridão; tudo cheirava a queimado. Nada importava além do oxigênio fluindo pelo seu peito, inflando suas células murchas como passas imersas na água.

Sentiu água tocar sua boca e ele levantou o rosto, os olhos piscando e lacrimejando no esforço para enxergar. Seus globos oculares crestados; luz e sombra se mesclavam, e ele piscou com força, as lágrimas quentes, um bálsamo para a irritação dos olhos, refrescando sua pele conforme escorriam pelas suas faces. Alguém segurava uma xícara junto aos seus lábios; uma mulher, o rosto negro de fuligem. Não, não era fuligem. Ele piscou, apertou os olhos, piscou. Ela era negra mesmo. Escrava?

Tomou um pequeno gole da água, sem querer interromper a respiração nem mesmo pelo prazer do frescor em sua garganta devastada. Mas era boa, muito boa. Suas mãos ergueram-se e envolveram a xícara, surpreendendo-o. Ele esperava a dor de dedos quebrados, a carne dormente... mas suas mãos estavam intactas e funcionando. Estendeu a mão automaticamente para a cavidade em seu pescoço, esperando dor e um assobio de âmbar — e tateou, incrédulo, a carne firme que havia ali. Respirou e o ar sibilou através de seu nariz e desceu pelo fundo da garganta. O mundo se deslocara ao seu redor e se alinhara outra vez.

Estava sentado num tipo de cabana decrépita. Havia várias pessoas na cabana e outras espreitando da porta. A maioria era negra, todos em andrajos, e nenhum dos rostos parecia nem um pouco amistoso.

A mulher que lhe dera água parecia amedrontada. Ele tentou sorrir para ela, e tossiu outra vez. Ela ergueu os olhos para ele, por baixo do trapo amarrado ao redor de suas têmporas, e ele viu que os brancos dos seus olhos estavam escarlates, as bordas das pálpebras vermelhas e inchadas. Os dele deviam estar do mesmo jeito, pela sensação que tinha. O ar ainda estava pesado de fumaça e ele podia ouvir os estalidos distantes dos bambus rachando-se com o calor, o ronco agonizante do fogo. Em algum lugar próximo, um pássaro gritou uma vez, assustado, depois silenciou abruptamente.

Havia uma conversa em andamento perto da porta, conduzida em sussurros sibilantes. Os homens que conversavam — não, discutiam — olhavam para ele de vez em quando, os rostos, máscaras de medo e desconfiança. Começara a chover; ele não conseguia sentir o cheiro da chuva, mas o ar fresco atingiu seu rosto e ele ouviu o tamborilar dos pingos no telhado e nas árvores lá fora.

Tomou todo o restante da água, depois estendeu a xícara de volta para a mulher. Ela encolheu-se e recuou, como se ele pudesse estar contaminado. Ele colocou a xícara no chão, balançando a cabeça para ela, e limpou os olhos com as costas do pulso. Os pelos de seu braço estavam chamuscados; esfarelavam-se ao toque.

Esforçou-se para entender as palavras, mas não ouvia nada além de sons inarticulados. Os homens não estavam falando inglês, nem

francês ou gaélico. Ele ouvira alguns dos novos africanos trazidos de Charleston para venda no mercado de Wilmington conversando entre si exatamente naquele tipo de murmúrio rouco, sigiloso. Alguma língua africana — ou mais de uma.

Sua pele estava empolada, quente e dolorida em vários lugares, e o ar na cabana estava tão quente e sufocante que o suor escorria pelo seu rosto juntamente com a água dos olhos, mas sentiu um calafrio na base da espinha ao compreender onde estava. Ele não estava numa fazenda — não havia nenhuma plantação tão longe nas montanhas. As pequenas fazendas isoladas como as que havia ali em cima eram pobres demais para ter escravos, quanto mais tantos assim. Alguns índios mantinham escravos — mas não negros.

Só havia uma resposta possível, uma resposta confirmada pelo comportamento deles. Seus captores — salvadores? — eram, portanto, escravos fugidos, vivendo ali em sigilo.

Sua liberdade — e talvez suas vidas — dependia desse segredo. E ali estava ele, uma ameaça viva a isso. Suas entranhas se gelificaram ao perceber o quanto sua situação era delicada. Eles o teriam salvado do fogo? Se o fizeram, agora deviam estar arrependidos, a julgar pela expressão dos homens à porta.

Um deles destacou-se do grupo, aproximou-se e agachou-se diante dele, empurrando a mulher para o lado. Olhos negros e apertados percorreram-no, do rosto ao peito, e de volta.

— Quem é você?

Ele não achava que o agressivo interlocutor quisesse seu nome. Em vez disso, ele queria saber o objetivo de Roger. As possibilidades atravessaram a mente de Roger — qual a mais provável de mantê-lo vivo?

Não “caçador” -se achassem que era inglês e estava sozinho, certamente o matariam. Poderia fingir ser francês? Um francês não lhes pareceria tão perigoso. Talvez.

Pestanejou com força para clarear a visão e estava abrindo a boca para falar Je suis français — un voyageur, quando sentiu uma dor aguda no meio do peito que o fez engolir ar com força.

O metal do astrolábio o queimara no incêndio e pequenas bolhas haviam surgido e estourado sob ele, grudando o objeto nele com seu fluido pegajoso. Agora, quando se mexeu, o peso do instrumento o soltou, arrancando as tiras de pele com ele e deixando uma área em carne viva, latejando, no meio de seu peito.

Ele enfiou dois dedos pela gola da camisa e cuidadosamente puxou para cima a tira de couro.

Agri... men... sor — grasnou, forçando as sílabas pelo nó de fuligem e cicatrizes em sua garganta.

— Hau!

O interrogador olhou espantado para o disco de ouro, os olhos esbugalhando-se. Os homens junto à porta empurraram-se e acotovelaram-se, tentando se aproximar para ver.

Um deles estendeu a mão e agarrou o astrolábio, arrancando-o por cima de sua cabeça. Ele não fez nenhum esforço para reter o instrumento, mas recostou-se, aproveitando a preocupação deles com o ostentoso objeto para posicionar-se melhor. Esforçava-se para manter os olhos abertos, contra a vontade irresistível de fechá-los com força; até a suave luz do dia que entrava pela porta era dolorosa.

Um dos homens olhou para ele e disse algo em tom ríspido. Dois deles moveram-se imediatamente entre ele e a porta, os olhos injetados fixos nele como basiliscos. O homem que segurava o astrolábio gritou alguma coisa, um nome, ele achou, e houve um movimento à porta, alguém abrindo caminho entre os espectadores amontoados ali.

A mulher que entrou se parecia muito com as outras; vestida em farrapos, molhados da chuva, com um pedaço de pano amarrado ao redor da cabeça, escondendo seus cabelos. Mas havia uma grande diferença; as pernas e os braços finos que se projetavam do vestido tinham o tom queimado, castigado e com sardas, de uma pessoa branca. Ela olhou fixamente para Roger, mantendo os olhos fixos nele enquanto se movia para o centro da cabana. Somente o peso do astrolábio em sua mão foi capaz de afastar seu olhar.

Um homem alto e descarnado, com um único olho, adiantou-se. Aproximou-se da mulher, cutucou o astrolábio com um dedo e disse alguma coisa que soou como uma pergunta. Ela sacudiu a cabeça devagar, percorrendo as marcações ao redor da borda do disco com um fascínio intrigado. Em seguida, virou o instrumento.

Roger notou seus ombros se enrijecerem quando ela viu as letras gravadas no disco, e uma centelha de esperança acendeu-se em seu peito; ela o conhecia. Ela reconheceu o nome.

Ele andara especulando que, se eles soubessem o que era um agrimensor, poderiam concluir que a palavra significava que havia pessoas esperando os resultados pessoas que viriam procurar por ele, se ele não retornasse. Do ponto de vista deles, não poderia haver nenhuma vantagem em matá-lo, se outros viessem à sua procura. Mas se a mulher conhecia o nome “James Fraser”...

A mulher lançou um olhar duro e repentino para Roger, totalmente em desacordo com sua hesitação anterior. Ela aproximou-se dele,

devagar, mas aparentemente sem medo.

— Vochê não é Jamesh Frager — ela disse, e ele sobressaltou-se, perplexo com o tom de sua voz, clara mas ceceando, um defeito de quem fala apoiando a língua nos dentes. Ele piscou e apertou os olhos, depois levantou-se devagar, protegendo os olhos para vê-la contra a claridade que entrava pela porta.

Ela podia ter qualquer idade entre vinte e sessenta, embora nos cabelos castanho-claros que apareciam em sua testa não tivesse nenhum fio branco. Seu rosto era marcado de rugas, mas de dificuldades e fome, ele pensou, não da idade. Ele sorriu para ela, deliberadamente, e sua boca alargou-se num reflexo, um trejeito hesitante, mas ainda assim suficiente para ele ver de relance seus dentes da frente, quebrados em ângulo. Estreitando os olhos, ele divisou a cicatriz fina de um corte sobre uma das sobrancelhas. Ela era muito mais magra do que Claire havia descrito, mas isso não era de admirar.

— Eu não sou...

James Fraser — ele concordou roucamente, parando para tossir. Clareou a garganta, expelindo mais fuligem e catarro. Cuspiu, virando-se educadamente, depois se voltou novamente para ela. — Mas você é... Fanny Beardsley... não é?

Ele não tinha certeza, apesar dos dentes, mas o olhar de assombro que atravessou seu rosto diante dessas palavras era uma incontestável confirmação. Os homens também conheciam esse nome. O homem cego de um olho deu um rápido passo à frente e segurou a mulher pelo ombro; os outros se aproximaram ameaçadoramente.

— James Fraser é... o pai de minha mulher — ele disse, o mais rápido possível, antes que pusessem as mãos nele. — Quer saber... sobre a criança?

O olhar de desconfiança desapareceu de seu rosto. Ela não se moveu, mas uma expressão tão voraz subiu aos seus olhos que ele teve que se conter para não recuar.

— Faannii? — O homem alto continuava com a mão em seu ombro. Acercou-se ainda mais dela, seu único olho dardejando de um lado para o outro com desconfiança, da mulher para Roger.

Ela disse alguma coisa, quase num sussurro, e levantou a mão, cobrindo a do homem onde ela descansava em seu ombro. Toda a expressão desapareceu repentinamente do rosto do homem, como um quadro-negro onde passaram um apagador. Ela virou-se para ele, erguendo os olhos para seu rosto, falando em um tom de voz baixo, rápido e urgente.

A atmosfera na cabana mudara. Ainda estava carregada, mas um ar de confusão agora se misturava com a sensação geral de ameaça. Os trovões ribombavam no alto, muito mais alto do que o barulho da chuva, mas ninguém prestava a menor atenção a isso. Os homens perto da porta entreolharam-se, depois, franzindo o cenho, olharam para o casal discutindo em sussurros. Um raio cintilou, silencioso, o clarão emoldurando as pessoas na porta em silhuetas escuras. Ouviu-se um murmúrio de vozes lá fora, sons de perplexidade. Outro estrondo de trovão.

Roger permaneceu imóvel, reunindo suas forças. Suas pernas pareciam de borracha e, embora respirar ainda fosse uma alegria, cada respiração ardia e queimava em seus pulmões. Ele não iria longe, nem rápido, se tivesse que correr.

A discussão parou abruptamente. O homem alto virou-se e fez um gesto incisivo na direção da porta, dizendo alguma coisa que fez os outros homens resmungarem de surpresa e desagrado. Ainda assim, debandaram, devagar, e com muitos murmúrios de reprovação. Um sujeito baixo, com os cabelos em nós, olhou furiosamente para Roger, arreganhou os dentes e passou a beira da mão pela sua garganta com um som sibilante. Com um pequeno choque, Roger viu que os dentes do homem eram pontiagudos, lixados em pontas.

Mal a porta desmantelada se fechou atrás deles quando a mulher agarrou-o pela manga.

— Conte— Me — ela disse.

— Não tão... depressa. — Ele tossiu outra vez, limpando o cuspe da boca com as costas da mão. Sua garganta estava queimada; as palavras pareciam cinzas, forçadas, em chamas, de seu peito. — Você... me... tira daqui. Então... eu conto. Tudo que eu sei.

— Conte— Me!

Seus dedos fincaram-se em seu braço. Seus olhos estavam injetados da fumaça e as íris castanhas brilhavam como carvão em brasa. Ele sacudiu a cabeça, tossindo.

O homem alto empurrou a mulher para o lado, agarrando Roger pela camisa. Alguma coisa reluziu com um brilho opaco, perto demais do olho de Roger para que ele pudesse ver com clareza, e em meio ao cheiro de queimado, ele sentiu o fedor de dentes estragados.

— Conte a ela, ou eu rasgo suas entranhas!

Roger estendeu o braço entre eles e, com esforço, empurrou o homem para trás, cambaleando.

— Não — disse obstinadamente. — Você... me tira daqui. Então eu conto. O homem hesitou, agachou-se, a lâmina da faca oscilando num

pequeno arco de incerteza. Seu único olho dardejou para a mulher.

— Tem certeza de que ele sabe?

A mulher não tirara os olhos do rosto de Roger. Balançou a cabeça devagar, sem desviar o olhar.

— Ele sabe.

— Era... uma menina. — Roger olhou para ela sem pestanejar, lutando contra a vontade de piscar. — Isso... você mesma... sabe.

— Ela está viva?

— Me tirem... daqui.

Ela não era uma mulher alta, nem corpulenta, mas sua ânsia parecia preencher todo o espaço da cabana. Ela tremia, os punhos cerrados ao lado do corpo. Ela olhou fixamente para Roger por mais um minuto, depois girou nos calcanhares, dizendo alguma coisa violenta para o homem na estranha língua africana.

Ele tentou argumentar, mas em vão; a torrente de palavras da mulher atingiu-o como a água de uma mangueira de incêndio. Ele ergueu as mãos numa rendição frustrada, depois estendeu os braços e arrancou o trapo da cabeça da mulher. Desfez os nós com dedos rápidos e ágeis, e enrolou-o na forma de uma venda, murmurando baixinho.

A última coisa que Roger viu antes do homem amarrar a venda em seus olhos foi Fanny Beardsley, os cabelos em inúmeras trancinhas sebosas ao redor dos ombros, os olhos ainda fixos nele, queimando como brasas. Seus dentes quebrados estavam à mostra e ele pensou que ela o morderia, se pudesse.

Eles não partiram sem alguma discussão; um coro de vozes enfurecidas cercou-os por alguma distância e mãos puxavam suas roupas e braços. Mas o homem de um só olho ainda tinha a faca. Roger ouviu um berro, uma confusão de pés e corpos junto a ele, e um grito agudo. As vozes calaram-se e as mãos pararam de tentar agarrá-lo.

Continuaram a caminhar, sua mão no ombro de Fanny Beardsley para se guiar. Ele achava que era um pequeno povoado; ao menos, levou bem pouco tempo antes de sentir as árvores o cercarem novamente. Folhas roçavam em seu rosto e o cheiro de resina era intensificado pelo ar quente, enfumaçado. Ainda chovia com bastante intensidade, mas o cheiro de fumaça estava em toda parte. O terreno era cheio de altos e baixos, camadas de folhas mofadas pontuadas de pedras protuberantes, tocos e galhos caídos.

O homem e a mulher trocavam comentários de vez em quando, mas logo se calaram. Suas roupas ficaram encharcadas e grudadas em

seu corpo, as costuras de suas calças esfolando sua pele conforme ele andava. A venda estava apertada demais para que ele pudesse ver alguma coisa, mas a luz penetrava pela borda e, por ela, ele podia avaliar a hora do dia. Achou que haviam deixado a cabana no meio da tarde; quando finalmente pararam, a luz já desaparecera quase por completo.

Ele pestanejou quando a venda foi retirada, a repentina inundação de luz compensando a falta de claridade reinante. Era final do crepúsculo. Estavam num pequeno vale, já parcialmente imerso na penumbra do anoitecer. Olhando para o alto, viu o céu acima das montanhas queimando em vermelho e laranja, a névoa do incêndio iluminada como se o mundo ainda estivesse em chamas. Diretamente acima dele, as nuvens haviam se fragmentado; uma nesga de céu absolutamente azul resplandecia suavemente, iluminado por estrelas vespertinas.

Fanny Beardsley encarou-o, parecendo menor sob a copa de uma gigantesca castanheira, mas cada parte de seu corpo tão determinada quanto na cabana.

Ele tivera tempo de sobra para pensar no assunto. Deveria dizer-lhe onde a criança estava ou deveria alegar não saber? Se ela soubesse, tentaria resgatar a criança? E se assim fosse, quais seriam as consequências para a criança, para os escravos fugidos ou mesmo para Jamie e Claire Fraser?

Nenhum dos dois dissera nada sobre os acontecimentos que haviam transpirado na fazenda dos Beardsley, além do simples fato de que Beardsley morrera de um ataque de apoplexia. Roger, entretanto, estava suficientemente familiarizado com ambos para tirar conclusões silenciosas do rosto transtornado de Claire e do rosto impassível de Jamie. Ele não sabia o que acontecera, mas Fanny Beardsley sabia — e poderia ser alguma coisa que os Fraser preferissem que continuasse não revelada. Se a sra. Beardsley reaparecesse em Brownsville, reclamando a filha de volta, certamente perguntas seriam feitas — e talvez não fosse bom para ninguém que elas fossem respondidas.

No entanto, o céu em chamas inundava de fogo o rosto da mulher e, defrontado com a ânsia naqueles olhos ardentes, ele não poderia falar nada além da verdade.

— Sua filha... está bem — ele começou com firmeza, e ela fez um pequeno ruído estrangulado, no fundo da garganta. Quando ele terminou de contar o que sabia, as lágrimas rolavam pelo seu rosto, desenhando caminhos na fuligem e na poeira que a cobriam, mas seus olhos continuavam arregalados, fixos nele como se piscar significasse perder alguma palavra vital.

O homem deixou-se ficar um pouco para trás, desconfiado, observando. Sua atenção concentrava-se principalmente na mulher, mas lançava um ou outro olhar para Roger quando ele falava. No final, ficou ao lado da mulher, o único olho brilhante como os dela.

— Ela ter o dinheiro? — ele perguntou. Ele falava com a cadência das Antilhas e sua pele era da cor do mel escuro. Ele deveria ter sido um homem bonito, salvo por qualquer que tivesse sido o acidente que o privara de um dos olhos, deixando uma bolsa de carne esbranquiçada sob uma pálpebra caída e retorcida.

— Sim, ela... herdou... todos os bens... de Aaron... Beardsley — Roger assegurou-lhe, a respiração áspera na garganta pelo esforço de tanto falar. O sr. Fraser... providenciou tudo. — Ele e Jamie tinham comparecido à audiência do Tribunal dos Órfãos, para Jamie testemunhar a identidade da criança. Richard Brown e sua mulher ficaram com a guarda da criança e com seus bens. Eles deram o nome de “Alicia” à menina, se das profundezas do afeto ou da indignação, ele não sabia.

— Não importa ela negra? — Ele viu o olhar do escravo voltar-se para Fanny Beardsley, depois se desviar. A sra. Beardsley percebeu o tom de incerteza na voz do homem e virou-se para ele como uma víbora dando o bote.

— Ela é sua! — gritou. — Ela não poderia ser dele, não poderia!

— Sim, é o que você diz — ele retrucou, o rosto sombrio de ressentimento. — Eles dar dinheiro para menina negra?

Ela bateu o pé no chão, sem ruído na terra, e começou a bater nele. Ele endireitou-se e desviou o rosto, mas não fez nenhuma outra tentativa de escapar à sua fúria.

— Vochê acha que eu a teria deixado, jamais a teria deixado, se ela fosse branca, se houvesse qualquer possibilidade de ser branca? — ela vociferou. Ela começou a desfechar-lhe socos, golpeando seus braços e peito. — Foi sua culpa eu ter que deixá-la, sua! Sua e daquele maldito negro, desgrachados!

Foi Roger quem agarrou seus pulsos descontrolados e segurou-os enquanto ela se debatia, deixando-a gritar histericamente até ficar rouca, antes de finalmente desmoronar em lágrimas.

O escravo, que observara tudo isso com uma expressão entre vergonha e raiva, ergueu um pouco as mãos na direção dela. Foi um movimento quase imperceptível, mas suficiente; ela virou-se no mesmo instante e atirou-se nos braços de seu amante, soluçando contra seu peito. Ele envolveu-a desajeitadamente com seus braços e apertou-a contra si, balançando-se para a frente e para trás nos calcanhares descalços. Ele parecia encabulado, porém não mais com

raiva.

Roger limpou a garganta, fazendo uma careta com a dor que sentiu. O escravo ergueu os olhos para ele e balançou a cabeça.

— Vá embora — ele disse suavemente. Então, antes que Roger se virasse para ir, ele disse:

— Espere... verdade, homem, a criança estar bem arranjada?

Roger balançou a cabeça, sentindo-se indescritivelmente cansado. Qualquer adrenalina ou instinto de sobrevivência que o vinha mantendo até ali havia se esgotado. O céu flamejante virara cinzas e tudo no vale desaparecia, esfumando-se na escuridão.

— Ela está... bem. Eles vão... cuidar... bem dela. — Buscou palavras, querendo lhes oferecer mais alguma coisa. — Ela... é bonita — disse finalmente Sua voz já quase desaparecera, não passava de um débil sussurro. — Uma bonita... menina.

O rosto do homem mudou, entre embaraço, consternação e contentamento.

— Oh! — exclamou. — Isso vem mamãe, com certeza. — Deu uns tapinhas nas costas de Fanny Beardsley, delicadamente. Ela parara de soluçar, mas continuava com o rosto pressionado contra o peito dele, imóvel e em silêncio. Já era quase noite; na penumbra escura, todas as cores desbotaram; sua pele parecia da mesma cor da pele do escravo.

O homem não usava nada além de um camisão esfarrapado, encharcado, de modo que a pele escura aparecia em alguns pontos através do tecido. Ele usava um cinto de corda, com uma bolsa de tecido rústico presa a ela. Enfiou uma das mãos na bolsa e retirou dali o astrolábio, que estendeu para Roger.

— Não pretende... ficar com isso? — Roger perguntou. Ele se sentia como se estivesse dentro de uma nuvem; tudo estava começando a parecer distante e indistinto, e as palavras chegavam até ele como se filtradas através de algodão.

O ex-escravo sacudiu a cabeça.

— Não, o que eu fazer com isso? Depois — acrescentou, torcendo o canto da boca ironicamente, — talvez ninguém procurar você, mas o dono deste negócio, talvez ele vem procurar.

Roger pegou o pesado disco e pendurou a tira de couro no pescoço. Teve que fazer três tentativas; seus braços pareciam de chumbo.

— Ninguém... virá procurar — ele disse. Virou-se e foi embora, sem fazer a menor ideia de onde estava ou para onde deveria ir. Após alguns passos, virou-se e olhou para trás, mas a noite já os engolira.

CARBONIZADOS

Os cavalos acalmaram-se um pouco, mas ainda estavam inquietos, batendo as patas e dando puxões nas cordas que os amarravam, conforme os trovões rugiam ao longe. Jamie suspirou, beijou o topo de minha cabeça e abriu caminho de volta através das coníferas até à minúscula clareira onde eles estavam.

— Bem, se vocês não gostam daqui de cima — eu o ouvi dizer a eles, — por que vieram para cá? — Mas falou com tolerância e eu ouvi Gideon relinchar brevemente de prazer ao vê-lo. Eu me virava para ir ajudar com os cavalos quando um lampejo de movimento lá embaixo chamou minha atenção.

Inclinei-me para ver, agarrando com força um dos galhos da cicuta para me apoiar, mas o que quer que fosse saíra do lugar. Um cavalo, pensei, mas vindo de uma direção diferente da que fora tomada pelos refugiados. Fui descendo em zigue-zague pela fileira de coníferas, espreitando através dos galhos, e cheguei a um ponto bem próximo à borda da plataforma estreita de onde eu podia ver com clareza o vale do rio lá embaixo.

Não exatamente um cavalo... era...

— É Clarence! — gritei.

— Quem? — A voz de Jamie veio da outra extremidade da plataforma, parcialmente abafada pelo farfalhar dos galhos no alto. O vento ainda soprava com força, úmido com o retorno da chuva.

— Clarence! A mula de Roger! — Sem esperar uma resposta, agachei-me por baixo de um galho pendente e equilibrei-me precariamente na beira da plataforma, agarrando-me a um sobressalto da rocha que se projetava do penhasco onde se encontrava com a plataforma. Havia fileiras compactas de árvores embaixo, estendendo-se pela encosta, o topo das copas a apenas alguns centímetros abaixo do nível dos meus pés, mas eu não queria me arriscar a cair no meio delas.

Era realmente Clarence, eu tinha certeza. Eu não era nenhuma especialista em reconhecer quadrúpedes pelo seu modo próprio de andar, mas Clarence sofrera uma espécie de sarna ou outra doença de pele quando era nova e os pelos cresceram brancos nos locais onde as feridas cicatrizaram, deixando a mula estranhamente malhada nas

ancas.

Ela marchava lentamente por cima dos tocos do que restara da lavoura de milho, as orelhas apontadas para a frente e obviamente feliz por estar voltando à sociedade. Também estava selada e sem cavaleiro, e eu disse um grande palavrão baixinho quando a vi.

— Ela arrebentou as amarras e fugiu. — Jamie surgira junto ao meu ombro, espreitando a pequena figura da mula lá embaixo. Apontou. — Está vendo?

— Eu não notara, em meu susto, mas havia um pequeno trapo amarrado ao redor de uma das pernas dianteiras, balançando enquanto ela andava.

— Acho que assim é melhor — eu disse. Minhas mãos tinham ficado suadas e eu enxuguei as palmas nos cotovelos das minhas mangas, incapaz de desviar os olhos. — Quero dizer, se ela estava maneada, então Roger não estava montado. Roger não foi atirado para fora da sela, ou derrubado e ferido.

— Ah, não. — Jamie pareceu preocupado, mas não alarmado. — Ele vai ter uma longa caminhada de volta, só isso. — Ainda assim, vi seu olhar desviar-se para o estreito vale do rio, agora quase tomado pela fumaça. Sacudiu a cabeça levemente e disse alguma coisa baixinho, sem dúvida, um parente próximo do meu próprio palavrão.

— Imagino se será assim que Deus se sente — ele disse em voz alta, lançando-me um olhar irônico. — Capaz de ver as bobagens que os seres humanos estão fazendo, mas sem poder fazer nada a respeito.

Antes que eu pudesse responder, um relâmpago cintilou e, logo em seguida, o trovão estrondou, com um estrépito tão alto e repentino que eu dei um salto, quase perdendo o equilíbrio. Jamie segurou meu braço para impedir que eu caísse e puxou-me para trás, afastando-me da borda. Os cavalos começaram a protestar, na outra extremidade da plataforma, e ele virou-se para eles, mas parou repentinamente, a mão ainda em meu braço.

— O que foi? — Olhei para onde ele estava olhando, mas não vi nada além do paredão do penhasco, a uns três metros de distância, ornamentado com pequenas plantas de lugares rochosos.

Ele soltou meu braço e, sem responder, caminhou na direção do penhasco. E eu vi, diretamente para a ponta de um antigo tronco destruído por incêndio que se projetava de perto da rocha. Muito delicadamente, ele puxou alguma coisa da casca da árvore morta. Alcancei-o e espreitei a palma de sua mão, onde ele segurava vários pelos longos e ásperos. Pelos brancos.

A chuva começou a cair, disposta a encharcar tudo à vista. Dois

relinchos penetrantes vieram dos cavalos, que não gostavam nem um pouco de se verem abandonados.

Olhei para o tronco da árvore; havia pelos brancos por toda ela, presos nas fendas da casca quebradiça. Um urso possui uma ou duas árvores favoritas para se coçar, eu podia ouvir Josiah dizendo. E sempre volta para a mesma. Engoli em seco, com força.

— Talvez — Jamie disse pensativamente — não sejam apenas os trovões que estejam perturbando os cavalos.

Talvez não, mas não estavam ajudando. Um raio fulgurou no meio das árvores ao pé da encosta e o trovão ribombou em seguida. Seguiu-se outro raio, depois outro, como se uma bateria de fogo antiaéreo estivesse disparando sob nossos pés. Os cavalos ficaram histéricos e eu me sentia com vontade de fazer o mesmo.

Eu vestira minha capa com capuz ao deixar a aldeia, mas tanto o capuz quanto os cabelos estavam grudados no meu crânio, a chuva martelando na minha cabeça como uma chuarada de pregos. Os cabelos de Jamie também estavam emplastrados na cabeça e ele olhava com uma carranca através da chuva.

Ele fez um gesto dizendo “fique aqui”, mas sacudi a cabeça e o segui. Os cavalos estavam num estado de completa aflição, as crinas saturadas de água caindo por cima dos olhos revirados. Judas conseguira arrancar parcialmente a pequena árvore onde eu o amarrara e Gideon abaixara completamente as orelhas, flexionando o lábio repetidamente sobre os grandes dentes amarelos, procurando alguém ou alguma coisa para morder.

Ao ver aquilo, Jamie contraiu os lábios. Olhou para trás, na direção onde havíamos encontrado a árvore de coçar, invisível de nossa atual posição. Um relâmpago coruscou, o trovão estremeceu através da rocha e ambos os cavalos guincharam e arremeteram-se com todo ímpeto. Jamie sacudiu a cabeça, tomando a decisão, e agarrou as rédeas de Judas, firmando-o no lugar. Evidentemente, nós iríamos sair da montanha, com trilha escorregadia ou não.

Montei na sela com uma agitação de saias molhadas e agarrei-me com firmeza, tentando gritar palavras tranquilizadoras no ouvido de Judas conforme ele saltitava e dançava, ansioso para partir. Estávamos perigosamente perto das coníferas na borda e eu me inclinei com força para dentro, tentando conduzi-lo para o lado do penhasco na plataforma.

Uma extraordinária sensação de formigamento percorreu meu corpo, como se eu estivesse sendo mordida da cabeça aos pés por milhares de minúsculas formigas. Olhei para minhas mãos e as vi brilhando, delineadas em luz azul. Os pelos dos meus antebraços

arrepiaram-se, cada qual brilhando em azul. Meu capuz havia caído para trás e senti todos os cabelos da minha cabeça eriçarem-se ao mesmo tempo, como se alguma mão gigante os estivesse levantando delicadamente.

O ar repentinamente começou a cheirar a enxofre e eu olhei ao redor, alarmada. As árvores, as pedras, o próprio chão estavam banhados em luz azul. Minúsculas cobras de eletricidade branca e brilhante sibilaram pela superfície do rochedo, a poucos metros de distância.

Virei-me, chamando por Jamie, e o vi em cima de Gideon, virando-se para mim, a boca aberta conforme ele gritava, todas as palavras perdendo-se na reverberação do ar ao nosso redor.

A crina de Gideon começou a ficar em pé, como se por mágica. Os cabelos de Jamie levantaram-se de seus ombros e flutuaram para cima, lançando fios de azul crepitante. Cavalo e cavaleiro cintilaram com a luz do inferno, cada músculo do rosto e dos braços delineado. Senti uma corrente de ar sobre a minha pele e em seguida Jamie atirou-se de sua sela em cima de mim, arremessando ambos no vazio.

O raio caiu antes de atingirmos o chão.

Voltei a mim, sentindo cheiro de carne queimada e uma aguilhoadas lancinante de ozônio queimando minha garganta. Parecia que eu tinha sido revirada do avesso; era como se todos os meus órgãos estivessem expostos.

Ainda chovia. Fiquei imóvel por alguns instantes, deixando a chuva escorrer pelo meu rosto e encharcar meus cabelos, enquanto os neurónios do meu sistema nervoso lentamente começavam a funcionar outra vez. Meu dedo se contraiu involuntariamente. Tentei fazê-lo de propósito, e consegui. Flexionei os dedos — não muito bem. Mais alguns minutos, porém, e já havia suficientes circuitos funcionando para que eu pudesse me sentar.

Jamie estava caído perto de mim, esparramado de costas como um boneco de pano, no meio de um tufo de sumagre. Rastejei para cima dele e vi que seus olhos estavam abertos. Ele piscou para mim e um músculo torceu-se no canto de sua boca numa tentativa de esboçar um sorriso.

Eu não via nenhum sangue e, embora suas pernas e braços estivessem jogados de qualquer modo, estavam todos inteiros. A chuva se acumulava em suas órbitas, escorrendo para dentro dos olhos. Ele piscou violentamente, depois virou a cabeça para que a água escorresse do rosto. Coloquei a mão em sua barriga e senti a forte pulsação abdominal sob meus dedos, muito devagar, mas constante.

Não sei quanto tempo ficamos inconscientes, mas essa tempestade

também tinha ido embora. Uma série de relâmpagos cortava o céu distante, além das montanhas, colocando os cumes em nítido relevo.

— “O trovão é bom” — citei, observando-o numa espécie de nebuloso estupor. — “O trovão é impressionante. Mas é o raio que faz todo o trabalho.”

— Fez seu trabalho em mim. Você está bem, Sassenach?

— Esplêndida — eu disse, ainda me sentindo agradavelmente distante. E você?

Ele olhou para mim com curiosidade, mas pareceu concluir que eu estava bem. Agarrou um arbusto de sumagre e, puxando-se com força, conseguiu se levantar.

— Ainda não consigo sentir os dedos dos pés — ele me disse, — mas o resto está bem. Quanto aos cavalos... — Olhou para cima e vi sua garganta mover-se quando engoliu em seco.

Os cavalos estavam silenciosos.

Estávamos a uns seis metros abaixo da plataforma na rocha, entre os abetos e bálsamos. Eu conseguia me mover, mas não parecia capaz de reunir a vontade para isso. Permaneci sentada, imóvel, recuperando as forças, enquanto Jamie sacudia-se, depois começava a escalar a ribanceira de volta para a plataforma da sentinela.

Tudo parecia muito quieto; imaginei se eu teria ficado surda com o estrondo. Meu pé estava frio. Olhei para baixo e descobri que meu sapato esquerdo havia sumido — arrancado pelo raio ou perdido na queda, eu não fazia a menor ideia, mas não o via em nenhum lugar nas proximidades. A meia se fora também; havia uma pequena e escura concentração irradiada de capilares sanguíneos logo abaixo do meu tornozelo — um legado da minha segunda gravidez. Fiquei olhando-a fixamente como se fosse a chave para os segredos do universo.

Os cavalos devem estar mortos, eu sabia. Por que nós não estávamos? Respirei o odor penetrante de carne queimada e um pequeno tremor surgiu em algum lugar no fundo do meu ser. Estaríamos vivos agora só porque estávamos fadados a morrer em quatro anos? Quando chegasse a nossa vez, estaríamos no meio das ruínas calcinadas de nossa casa, invólucros de carne carbonizada e fétida?

Carbonizados, sussurrou a voz da minha lembrança. As lágrimas escorreram pelo meu rosto, misturadas à chuva, mas eram lágrimas distantes pelos cavalos, por minha mãe, não por mim mesma. Ainda não.

Havia veias azuis sob a superfície da minha pele, mais

proeminentes do que antes. No dorso das minhas mãos, elas traçavam um mapa rodoviário... na carne macia atrás do meu joelho, mostravam-se em teias e rendados; ao longo da minha canela, uma veia grossa serpeava, distendida. Pressionei-a com o dedo; era macia e desaparecia, mas voltava no instante em que eu retirava o dedo.

O funcionamento interno do meu corpo tornava-se lentamente mais visível, a pele esticada cada vez mais fina, deixando-me vulnerável, com tudo à mostra, exposta aos elementos, tudo que antes estava seguramente abrigado no estojo confortável do corpo. Ossos e sangue se empurram para fora... havia uma esfoladura sangrando no peito do meu pé.

Jamie estava de volta, encharcado até os ossos e ofegante com a subida. Vi que ele havia perdido os dois sapatos.

— Judas está morto — ele disse, sentando-se ao meu lado. Tomou minha mão fria na sua própria mão fria e apertou-a com força.

— Coitado — eu disse, e as lágrimas escorreram mais copiosamente, filetes quentes misturando-se à chuva fria. — Ele sabia, não é? Ele sempre detestou raios e trovões, sempre.

Jamie passou o braço ao redor de meus ombros e pressionou minha cabeça contra seu peito, fazendo pequenos ruídos tranquilizadores.

— E Gideon? — perguntei finalmente, erguendo a cabeça e fazendo um esforço para assoar o nariz em uma dobra da capa encharcada. Jamie sacudiu a cabeça, com um leve sorriso, incrédulo.

— Ele está vivo — disse. — Está queimado ao longo da espádua direita e da perna dianteira, e sua crina chamuscou e caiu completamente. — Pegou uma dobra de sua própria capa esfarrapada e tentou limpar meu rosto, sem melhores resultados do que eu mesma conseguira. — Espero que com isso melhore seu mau gênio — ele acrescentou, tentando pilheriar.

— Imagino que sim. — Eu estava abalada e exausta demais para rir, mas consegui esboçar um sorriso, e me senti melhor. — Acha que pode trazê-lo para baixo? Eu... eu tenho um pouco de unguento. É bom para queimaduras.

— Sim, creio que sim. — Ele me deu a mão e me ajudou a levantar. Virei-me para alisar minhas saias emboladas e, ao fazê-lo, avistei algo.

— Olhe — eu disse, minha voz não mais do que um sussurro. — Jamie, olhe.

A três metros de distância, na ribanceira acima de nós, havia um enorme abeto, o topo completamente extirpado pelo raio e metade dos galhos restantes queimados e fumegantes. Preso entre um dos galhos e o toco do tronco, via-se uma enorme forma arredondada. Estava

parcialmente enegrecida, os tecidos carbonizados — mas os pelos na outra metade, espigados e encharcados, eram brancos, o branco-creme de lírios-do-bosque.

Jamie ficou parado, olhando o cadáver do urso, boquiaberto. Lentamente, ele a fechou e sacudiu a cabeça. Virou-se para mim, então, e olhou além de mim, na direção das montanhas distantes, onde alguns relâmpagos ainda espocavam silenciosamente.

— Dizem — ele falou suavemente — que uma grande tempestade anuncia a morte de um rei.

Tocou meu rosto, muito delicadamente.

— Espere aqui, Sassenach, enquanto trago o cavalo. Vamos para casa.

O FOGO DA LAREIRA

Fraser's Ridge Outubro, 1871

A estação mudou, de uma hora para outra. Fora dormir no frescor balsâmico de uma noite de verão e acordara no meio da noite com o frio cortante do outono, os pés gelados sob a única coberta. Ainda sonolenta, não conseguia adormecer outra vez, não sem mais cobertas.

Arrastou-se para fora da cama com os olhos semicerrados, andou pelo assoalho gelado para verificar se Jemmy estava bem. Ele estava bem aquecido, afundado em seu minúsculo colchão de penas, a colcha puxada até suas orelhas pequenas e redondas. Ela colocou a mão suavemente em suas costas, aguardando o subir e descer tranquilizador de sua respiração. Uma, duas vezes, de novo.

Tateou em busca de outra colcha e estendeu-a na cama, pegou uma caneca de água para amenizar sua garganta seca e percebeu com um resmungo de contrariedade que ela estava vazia. Pensou em se arrastar de volta para a cama, deixando-se afundar sob as cobertas, num sono profundo e quente mas não morrendo de sede.

Havia um balde de água da fonte no alpendre, junto à porta. Bocejando e torcendo as feições, ela deslizou o ferrolho de seu suporte e abaixou-o delicadamente — embora Jem dormisse tão profundamente à noite que não havia perigo de acordá-lo.

Mesmo assim, abriu a porta com cuidado e saiu, estremecendo ligeiramente quando o ar frio agitou a camisola ao redor de suas pernas. Abaixou-se e tateou na escuridão. Nada de balde. Onde...

Viu um lampejo de movimento pelo canto do olho e virou-se. Por um instante, achou que seria Obadiah Henderson, sentado no banco ao lado da porta, e seu coração apertou-se como um punho cerrado quando ele se levantou. Então ela percebeu, e já estava nos braços de Roger antes que sua mente pudesse conscientemente vê-lo com detalhes.

Pressionada contra ele, sem fala, teve tempo de notar algumas coisas: o arco de sua clavícula contra seu rosto, o cheiro de roupas usadas há tanto tempo, há tanto tempo sem lavar que já nem cheiravam mais a suor, mas às florestas que ele atravessara e à terra onde dormira, e principalmente da fumaça amarga que respirara. O couro frio e rachado de seus sapatos sob seus pés descalços e a forma

dos ossos dos pés deles dentro dos sapatos.

— É você — ela disse, chorando. — Está em casa!

— Sim, estou em casa — ele sussurrou em seu ouvido. — Você está bem? Jem está bem?

Ela relaxou o aperto de suas mãos nas costelas de Roger e ele sorriu para ela, tão estranho ver seu sorriso em meio à espessa barba negra, a curva de seus lábios familiar ao luar.

— Estamos bem. Você está bem? — Ela fungou, os olhos enchendo-se de lágrimas ao olhar para ele. — O que está fazendo aqui, pelo amor de Deus? Por que não bateu?

— Sim. Estou bem. Não queria assustá-la. Pensei em dormir aqui fora, bater pela manhã. Por que está chorando?

Ela percebeu, então, que ele não estava sussurrando para evitar acordar Jem; qualquer voz que lhe restasse era um som rouco e entrecortado, arranhado e ofegante. E no entanto ele falava com clareza, sem esforço, sem a dolorosa hesitação que tivera antes.

Você consegue falar — ela disse, limpando os olhos apressadamente com as costas do pulso. — Quero dizer, melhor. — Antes ela teria hesitado em tocar sua garganta, temerosa de seus sentimentos, mas o instinto lhe dizia para não desperdiçar o momento de repentina intimidade com o choque. A tensão poderia voltar, e eles se tornarem estranhos, mas por enquanto, nesse momento na escuridão, ela podia dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa. E ela colocou os dedos na cicatriz irregular e quente, tocou a incisão que salvara sua vida, uma linha fina e branca através de sua barba.

— Ainda dói para falar?

Dói — ele disse, num grasnido rouco e fraco, e seus olhos encontraram os dela, escuros e ternos ao luar. — Mas eu consigo. Eu falarei... Brianna.

Ela recuou um passo, uma das mãos em seu braço, sem querer soltá-lo.

— Entre — ela disse. — Está frio aqui fora.

Eu tinha uma série de objeções a uma lareira, desde farpas sob as unhas e resina nas mãos, até bolhas, queimaduras e ao absolutamente enfurecedor espírito de contrariedade do fogo. Eu diria, entretanto, duas coisas a seu favor: era inegavelmente quente e lançava o ato de amor numa luz de tão delicada beleza que todas as hesitações de nudez podiam ser tranquilamente esquecidas.

Nossas sombras mescladas flutuavam juntas na parede, aqui um braço, ali a curva das costas ou quadril surgia distinta, alguma parte de uma besta ondulante. A cabeça de Jamie levantou-se perfeitamente

destacada, uma enorme criatura com uma grande cabeleira assomando acima de mim, as costas arqueadas.

Estendi os braços para a pele brilhante e o músculo trémulo, rocei os pelos cintilantes dos braços e do peito, mergulhei as mãos no calor de seus cabelos e o puxei para baixo, ofegante, para a cavidade escura entre meus seios.

Eu mantinha os olhos semicerrados, as pernas também, sem querer largar seu corpo, sem querer abrir mão da ilusão de um só todo -se é que fosse ilusão. Quantas vezes mais eu o abraçaria assim, no encantamento da luz do fogo?

Agarrei-me a ele com todas as forças, e ao pulsar agonizante da minha própria carne. Mas alegria conseguida é alegria perdida, e em poucos instantes voltei a ser apenas eu mesma. A mancha escura e irradiada no meu tornozelo era perfeitamente visível, mesmo à luz da lareira.

Relaxe as mãos em seus ombros e toquei com ternura as espirais ásperas de seus pelos. Ele virou a cabeça e beijou meu seio, depois estremeceu, suspirou e deslizou para o lado.

— E dizem que galinha não tem dentes — ele disse, cuidadosamente tocando uma profunda marca de mordida em um dos seus ombros.

Eu ri, a despeito de mim mesma.

— E que galo não tem pênis. — Ergui-me sobre um cotovelo e espreitei na direção da lareira.

— O que foi, franguinha?

— Só estou me certificando de que minhas roupas não vão pegar fogo. Com uma coisa e outra, eu não notara onde ele havia atirado minhas roupas, mas pareciam a uma distância segura das chamas; a saia estava num montículo junto à cama, o colete e a combinação de algum modo haviam acabado em cantos separados do quarto. A minha faixa-sutiã não se via em nenhuma parte.

A luz bruxuleava nas paredes caiadas e a cama enchia-se de sombras.

— Você é linda — ele sussurrou para mim.

Se você o diz...

— Não acredita? Por acaso eu já menti para você?

— Não é isso o que eu quero dizer. Quero dizer: se você o diz, então é verdade. Você faz com que seja verdade.

Ele suspirou e remexeu-se, nos acomodando mais confortavelmente. Uma tora estalou de repente na lareira, lançando

para cima uma chuva de faíscas douradas, e desmoronou, sibilando conforme o calor atingia um veio úmido oculto. Observei a madeira nova se enegrecer, depois ficar vermelha, queimando numa luz incandescente.

— Você diz isso de mim, Sassenach? — ele perguntou repentinamente. Parecia tímido, e eu virei a cabeça para olhá-lo, surpresa.

— Digo o quê? Que você é lindo? — Minha boca curvou-se involuntariamente e ele sorriu em resposta.

— Bem... não isso. Mas que você pode ao menos suportar minha aparência.

Tracei a fraca linha branca da cicatriz sobre suas costelas. A cicatriz mais longa, mais grossa, da baioneta que rasgara uma coxa de cima a baixo. O braço que me envolvia, queimado e áspero, os pelos descolorados até ficarem dourado-claros, dos longos dias de sol e trabalho. Perto da minha mão, seu pênis curvava-se entre minhas coxas, agora pequeno, macio e delicado, em seu ninho de pelos castanho-avermelhados.

— Você é lindo para mim, Jamie — eu disse suavemente, por fim. — Tão lindo que faz meu coração doer.

Sua mão tocou os nós da minha espinha, um de cada vez.

— Mas eu sou um velho — ele disse, sorrindo. — Ou deveria ser. Tenho cabelos brancos na cabeça; minha barba ficou grisalha.

— Prateada — eu disse, roçando os pelos curtos e macios em seu queixo, em cores diferentes, como uma colcha de retalhos. — Em algumas partes.

— Grisalha — ele disse com firmeza. — E ainda por cima falhada. E no entanto... — Seus olhos se enterneceram ao olhar para mim. — No entanto, eu queimo quando vou para você, Sassenach... e sempre será assim, eu acho, até nós dois sermos consumidos pelas chamas e transformados em cinzas.

— Isso é poesia? — perguntei cautelosamente. — Ou está falando literalmente?

— Oh — ele disse. — Não. Eu não quis dizer... não. — Apertou-me mais em seus braços e inclinou a cabeça para junto da minha.

— Isso eu não sei. Se tiver que ser...

— Não será.

O sopro de uma risada agitou meus cabelos.

— Você parece muito certa disso, Sassenach.

— O futuro pode ser modificado; eu faço isso o tempo todo.

— Ah, é?

Virei-me um pouco, para olhar para ele.

— Faço, sim. Olhe para Mairi MacNeill. Se eu não estivesse lá na semana passada, ela teria morrido, e seus gêmeos com ela. Mas eu estava lá, e eles não morreram.

Coloquei a mão atrás da cabeça, observando o reflexo das chamas se ondularem como água pelas vigas do teto.

— Eu fico pensando... Há muitos que não consigo salvar, mas alguns eu salvo. Se alguém vive por minha causa, e mais tarde tem filhos, e estes têm filhos, e assim por diante... Bem, até chegar a minha época, digamos, haverá provavelmente trinta ou quarenta pessoas no mundo que de outra forma não estariam ali, não é? E enquanto isso elas andaram fazendo muitas coisas, vivendo suas vidas... Você não acha que isso seja mudar o futuro? — Pela primeira vez, ocorreu-me pensar o quanto eu sozinha estava contribuindo para a explosão populacional do século XX.

— Sim — ele disse devagar. Pegou minha mão livre e traçou as linhas da minha palma com o dedo.

— Sim, mas é o futuro delas que você muda, Sassenach, e talvez esteja destinada a isso. — Envolveu minha mão na sua e puxou delicadamente os dedos. Uma das articulações estalou, fazendo um pequeno barulho como o de uma tora cuspidando na lareira. — Os médicos certamente têm salvado muitas pessoas ao longo dos anos.

— Claro que sim. E não só médicos. — Sentei-me na cama, impelida pela força dos meus argumentos. — Mas não importa, não vê? Você — aponte o dedo para ele, — você já salvou uma ou outra vida. Fergus? Ian? E aí estão eles, andando pelo mundo, fazendo coisas, procriando e tudo o mais. Você mudou o futuro para eles, não foi?

— Sim, bem... talvez. Mas eu não poderia ter feito de outra forma, poderia?

Essa simples declaração me emudeceu, e ficamos deitados em silêncio por algum tempo, observando a luz bruxuleante na parede caiada de branco. Por fim, ele se remexeu ao meu lado e falou novamente.

— Não falo isso para que sinta pena de mim — ele disse. — Mas, sabe... de vez em quando meus ossos doem um pouco. — Ele não olhou para mim, mas espalmou a mão aleijada, virando-a à luz, de modo que a sombra dos dedos tortos desenhou uma aranha na parede.

De vez em quando. Eu sei, tudo bem. Conheço os limites do corpo — e seus milagres. Eu já o vira sentar-se ao final de um dia de

trabalho, a exaustão estampada em cada linha de seu corpo. Já o vira se mover devagar, com obstinação contra os protestos da carne e dos ossos ao se levantar numa manhã fria. Eu estaria disposta a apostar que ele não viveu nem um dia depois de Culloden sem sentir dor, os danos físicos da guerra agravados pela umidade e pela vida dura. E também estaria disposta a apostar que ele nunca havia mencionado isso a ninguém. Até agora.

— Eu sei — eu disse ternamente, e toquei sua mão. A cicatriz irregular que percorria sua coxa. A pequena depressão na carne do seu braço, legado de uma bala.

— Mas não com você — ele disse, e cobriu minha mão onde ela estava, pousada em seu braço. — Sabia que o único momento em que eu não sinto dor é quando estou na cama com você, Sassenach? Quando eu a possuo, quando me deito em seus braços... meus ferimentos são curados; minhas cicatrizes, esquecidas.

Suspirei e deitei a cabeça na curva do seu ombro. Minha coxa pressionava a dele, a maciez da minha carne um molde para sua forma mais rígida.

— Os meus também.

Ele ficou em silêncio por algum tempo, acariciando meus cabelos com a mão sã. Estavam descontrolados e emaranhados, libertados de suas amarras pelos nossos esforços anteriores, e ele alisava uma mecha encaracolada de cada vez, penteando cada cacho com os dedos.

— Seus cabelos são como uma grande nuvem de tempestade, Sassenach ele murmurou, parecendo sonolento. — Escura e brilhante ao mesmo tempo. Não há dois fios da mesma cor.

Ele tinha razão; o cacho entre seus dedos tinha fios absolutamente brancos, de prata e louro, fios escuros, quase negros e vários ainda no meu jovial castanho-claro.

Seus dedos afundaram-se na massa de cabelos e eu senti sua mão envolver a base do meu crânio, segurando minha cabeça como um cálice.

— Eu vi minha mãe no caixão — ele disse finalmente. Seu polegar tocou minha orelha, desceu pela curva do rebordo e do lóbulo, e eu estremeci ao toque.

“As mulheres haviam trançado seus cabelos, para ficarem arrumados, mas meu pai não concordou. Eu o ouvi. Mas ele não gritou, falou com muita serenidade. Sua última visão dela tinha que ser como ele a via, ele disse. Ele estava quase louco de dor, disseram, ele devia deixar como estava, ficar quieto. Ele não se deu ao trabalho de lhes dizer mais nada. Ele mesmo se dirigiu ao caixão, desfez as

tranças e espalhou seus cabelos com suas duas mãos pelo travesseiro. Ficaram com medo de impedi-lo.”

Ele parou, o polegar imóvel.

— Eu estava lá, quieto, no canto. Quando todos saíram ao encontro do padre, eu me aproximei. Eu nunca vira um morto antes.

Deixei meus dedos curvarem-se sobre seu antebraço, silenciosamente. Minha mãe me deixara certa manhã, me dera um beijo na testa e prendeu a travessa que havia caído dos meus cabelos cacheados. Eu nunca mais a vi. Seu caixão era fechado.

Era... ela?

— Não — ele disse suavemente. Seus olhos estavam semicerrados enquanto olhava para o fogo. — Não realmente. O rosto se parecia com ela, mas não era mais seu rosto. Como se alguém a tivesse esculpido em madeira. Mas seus cabelos... esses ainda estavam vivos. Ainda eram... ela. Eu o ouvi engolir e clarear a garganta.

— Seus cabelos ficaram para baixo, sobre seu peito, para encobrir a criança que estava com ela. Achei que talvez a criança não iria gostar daquilo, ficar abafada assim. Assim, ergui as mechas ruivas, para liberá-lo. Pude vê-lo, meu irmãozinho, curvado nos braços dela, com a cabeça em seu peito, todo encoberto e aconchegado sob a cortina de seus cabelos.

“Então eu pensei, não, ele estará mais feliz se eu o deixar como estava. Assim, alisei os cabelos dela para baixo outra vez, para cobrir a cabeça dele.” Ele respirou fundo e senti seu peito subir sob minha face. Seus dedos correram devagar pelos meus cabelos.

— Ela não tinha nem um fio de cabelos brancos, Sassenach. Nem um fio. Ellen Fraser morrera no parto, aos trinta e oito anos. Minha mãe morrera aos trinta e dois. E eu... eu tinha a riqueza de todos esses longos anos perdida para eles. E mais.

— Ver os anos tocarem em você me dá alegria, Sassenach — ele sussurrou, — pois significa que você está viva.

Ergueu a mão e deixou meus cabelos deslizarem de seus dedos devagar, acariciando meu rosto, roçando em meus lábios, flutuando macios e pesados no meu pescoço e ombros, depositando-se como penas em cima dos meus seios.

— Mo níghean donn — ele sussurrou, — mo chridhe. Minha morena, meu coração. Venha para mim. Cubra— Me. Proteja— Me, a bhean, cure— Me. Queime comigo, como eu queimo por você.

Deitei-me sobre ele, cobri-o com meu corpo, minha pele, seus ossos, e ainda assim — ainda! — aquele núcleo feroz e brilhante de carne a nos unir. Deixei meus cabelos caírem ao redor de nós dois e,

na caverna de sua escuridão, sussurrei:

— Até nós dois sermos transformados em cinzas.

HÁ UM BURACO NO FUNDO DO MAR

Fraser's Ridge Outubro, 1771

Roger acordou instantaneamente, daquela forma que não permitia nenhuma transição pela sonolência; o corpo inerte, mas a mente alerta, os ouvidos sintonizados ao eco do que o havia acordado. Não tinha nenhuma lembrança consciente do choro de Jemmy, mas ele ecoou em seu ouvido interno, com aquela combinação de esperança e resignação que, no casal, é o destino daquele que acorda mais fácil.

O sono o arrastava, puxando-o de volta para baixo das ondas do repouso como uma pedra de dez toneladas amarrada ao seu pé. Um pequeno ruído farfalhante manteve sua cabeça momentaneamente fora d'água.

“Volte a dormir”, ele pensou com todas as forças, na direção do berço. “Shhhh. Silêncio. Quietinho. Volte... a... dormiiiir. Essa hipnose telepática raramente funcionava, mas adiava por alguns segundos preciosos a necessidade de se mover. E de vez em quando o milagre acontecia, e seu filho realmente voltava a dormir, relaxando no desconforto quente da fralda molhada e em sonhos lambuzados de doce.

Roger prendeu a respiração, agarrando-se à borda evanescente do sono, apoderando-se dos preciosos segundos de imobilidade. Então ouviu outro pequeno som, e imediatamente já estava de pé.

— Bri? Bri, o que foi? — O “r” em seu nome tremeu em sua garganta, quase inaudível, mas ele não se deu ao trabalho de se preocupar com isso. Toda a sua atenção estava voltada para ela.

Ela estava em pé, junto ao berço, uma coluna espectral na escuridão. Ele tocou-a, segurou-a pelos ombros. Os braços de Bri estavam apertados ao redor do menino, e ela tremia de frio e medo.

Ele puxou-a para si por instinto; o frio que ela sentia contagiou-o no mesmo instante. Ele sentiu o gelo em seu coração e forçou-se a segurá-la ainda com mais força, e a não olhar para o berço vazio.

— O que foi? — ele sussurrou. — Jemmy? O que... aconteceu?

Um tremor percorreu o corpo de Brianna e ele sentiu sua pele se arrepiar por baixo do tecido fino da camisola. Apesar do calor do aposento, ele sentiu os pelos dos próprios braços se arrepiarem

também.

— Nada — ela disse. — Ele está bem — Sua voz era rouca, mas estava certa; Jem, acordando, ao se ver desconfortavelmente espremido entre seus pais, soltou um gritinho repentino de indignada surpresa, e começou a agitar pernas e braços como um batedor de ovos.

Aquela vigorosa agitação inundou Roger com uma cálida sensação de alívio, desfazendo as fantasias frias que haviam se apoderado de sua mente. Ao vê-la com um pouco de dificuldade, ele tirou Jemmy dos braços da mãe e ergueu-o contra seu próprio ombro.

Bateu de leve nas costas pequeninas e sólidas para tranquilizá-lo — tranquilizar a si próprio, tanto quanto Jemmy, — fazendo uns ruídos suaves e sibilantes entre os dentes. Jemmy, considerando esse costumeiro procedimento calmante, bocejou amplamente, relaxou e começou a zumbir sonolentemente no ouvido de Roger, como a subida e a descida de uma sirene distante.

— Papá, papá, papá...

Brianna ainda estava parada junto ao berço, os braços vazios agora ao redor de si mesma. Roger estendeu a mão livre e acariciou seus cabelos, os ombros largos, e puxou-a para junto de si.

— Shhh — ele disse para ambos. — Shhh, shhh. Está tudo bem agora, shhh.

Ela passou os braços ao seu redor e ele pôde sentir as lágrimas em seu rosto através do linho de sua camisa. Seu outro ombro já estava úmido do calor suado, sonolento, de Jemmy.

— Vamos para a cama — ele disse suavemente. — Vamos para baixo da coberta, está frio aqui fora. — Não estava, o ar na cabana estava agradavelmente quente. Ela foi, ainda assim.

Brianna estendeu os braços para a criança, levando-a ao seu seio antes mesmo de se deitar. Jemmy, que não era de recusar alimento a nenhuma hora, aceitou com entusiasmo a oferta, enroscando-se como um apóstrofe de contentamento contra o estômago de sua mãe quando ela se acomodou de lado.

Roger entrou na cama ao seu lado e imitou a postura de seu filho, levantando os joelhos e encaixando-os atrás dos joelhos de Brianna, curvando o corpo numa vírgula protetora em volta dela. Assim, pontuada de forma segura, Brianna começou aos poucos a relaxar, embora Roger ainda pudesse sentir a tensão em seu corpo

— Tudo bem agora? — ele perguntou suavemente. A pele de Brianna ainda estava pegajosa ao toque, mas aquecida.

Sim. — Ela respirou fundo e soltou o ar num suspiro estremeado.

Tive um pesadelo. Desculpe— Me por tê-lo acordado.

— Tudo bem. — Acariciou a curva de seu quadril, sem parar, como alguém acalmando um cavalo. — Quer me contar? — Esperava que ela o fizesse, embora o som de Jemmy mamando fosse rítmico e relaxante, e ele sentisse o sono apoderando-se dele conforme os três se aqueciam, derretendo-se juntos como cera de vela.

— Eu estava com frio ela disse à meia-voz. — Acho que a colcha deve ter caído. Mas no sonho, eu estava com frio porque a janela estava aberta.

— Aqui? Uma dessas janelas? — Roger ergueu a mão, indicando o retângulo turvo da janela na parede mais distante. Mesmo no meio da noite mais escura, o couro oleado que cobria a janela ficava ligeiramente mais claro do que a escuridão ao redor.

— Não. — Ela respirou fundo. — Foi na casa em Boston, onde eu cresci. Eu estava na cama, mas sentia frio, e o frio me acordou, no sonho. Levantei-me para ver de onde vinha a corrente de vento.

Havia janelas de sacada no gabinete de seu pai. O vento frio vinha de lá, enfunando as longas cortinas brancas para dentro do aposento. O berço estava junto à escrivaninha antiga, a ponta de um cobertor branco e fino balançando na corrente de vento.

— Ele havia desaparecido. — Sua voz se estabilizara, mas teve um embargo momentâneo à lembrança do terror. — Jemmy havia desaparecido. O berço estava vazio e eu sabia que algo entrara pela janela e o levava.

Ela pressionou-se contra ele, inconscientemente buscando segurança.

— Eu tinha medo daquilo, o que quer que fosse, mas não importava, eu tinha que encontrar Jemmy.

Uma de suas mãos estava fechada com força sob seu queixo. Ele envolveu-a na sua e apertou-a levemente, abraçando-a.

— Eu abri as cortinas e saí correndo... e não havia nada lá. Apenas água.

— Ela tremia à lembrança.

— Água? — Acariciou seu punho cerrado com o polegar, tentando acalmá-la.

— Oceano. O mar. Apenas... água, batendo na beira do terraço. Estava escuro e eu sabia que tudo afundava indefinidamente, e que Jemmy estava lá no fundo, ele se afogara, e eu chegara tarde demais... — Engasgou-se, mas recobrou a voz e continuou, mais controlada. — Mas eu mergulhei assim mesmo, eu tinha que fazer isso. Estava escuro e havia coisas na água comigo. Eu não podia vê-las, mas elas

passavam, roçando por mim; coisas grandes. Eu ficava procurando, procurando, mas não conseguia ver nada, e então, de repente, a água ficou mais clara e eu... eu o vi.

Jemmy?

— Não. Bonnet, Stephen Bonnet.

Roger forçou-se a não se mover, a não se tensionar. Ela sonhava frequentemente; ele sempre imaginava que os sonhos que ela não lhe contava eram com Bonnet.

— Ele segurava Jemmy, e ria. Fui pegá-lo, e Bonnet segurou-o no alto, fora do meu alcance. Ele ficava fazendo isso e eu tentei golpeá-lo, mas ele simplesmente agarrou minha mão e riu. Então ele olhou para cima e seu rosto mudou.

Ela respirou fundo e segurou os dedos de Roger, em busca de consolo.

— Eu nunca vi um olhar assim, Roger, nunca. Havia alguma coisa atrás de mim que ele conseguia ver, algo vindo... e isso o apavorava mais do que eu já vira alguém apavorar-se. Ele me segurava; eu não podia me virar pra olhar, e não podia fugir, não podia deixar Jemmy. Aquilo estava vindo... e.... de repente, acordei.

Ela deu uma risadinha trêmula.

— A avó da minha amiga Gayle sempre dizia que, quando se cai de um penhasco num sonho, se bater no fundo, você morrerá. Quero dizer, morrer de verdade. Será que o mesmo vale em ser engolido por um monstro marinho?

— Não. Além do mais você sempre acorda a tempo em sonhos assim.

— Até aqui eu tenho acordado. — Ela pareceu um pouco em dúvida. Ainda assim, tendo contado o sonho, sentiu-se aliviada do seu terror; seu corpo abandonou a última resistência e ela respirou fundo, com facilidade, contra ele; ele pôde sentir sua caixa torácica subir sob seu braço.

— Sempre acordará. Não se preocupe mais, Jemmy está a salvo. Eu estou aqui, mantereí vocês dois em segurança. — Passou o braço delicadamente sobre ela, abraçando-a, e encaixou a mão ao redor do traseiro gorducho de Jemmy, quente em sua fralda de linho. Jemmy, todas as suas necessidades satisfeitas, deixara-se cair num lânguido torpor, contagiante em seu abandono. Brianna suspirou e colocou a mão sobre a de Roger, apertando-a levemente.

— Havia livros sobre a mesa — ela disse, a sonolência começando a transparecer em sua voz. — Na escrivaninha de papai. Ele estivera trabalhando, eu sabia; havia livros abertos e papéis espalhados por

toda parte. Havia um papel no meio da mesa, uma folha escrita; eu queria lê-la, para ver o que ele andava fazendo, mas não consegui parar.

— Hum-hum.

Brianna estremeceu ligeiramente e o movimento fez a palha de milho farfalhar no colchão, uma minúscula perturbação sísmica em seu pequeno e aconchegante universo. Ela ficou tensa, lutando contra o sono, e depois relaxou, quando a mão dele envolveu seu seio.

Roger permaneceu acordado, observando o retângulo da janela aos poucos ficar mais claro, segurando sua família nos braços, em segurança.

O tempo estava nublado e fresco pela manhã, mas muito úmido. Roger podia sentir uma película de suor cobrir seu corpo como a que se forma no leite fervido. Não se passara ainda uma hora desde o amanhecer, ainda não estavam fora da vista da casa e seu couro cabeludo já estava pinicando, lentas gotículas de suor formando-se sob a trança na base de seu crânio.

Flexionou os ombros com resignação e o primeiro filete de suor rastejou, fazendo cócegas, por sua espinha. Ao menos, o suor ajudava a diminuir a dor; seus braços e ombros estavam tão enrijecidos e doloridos esta manhã que Brianna teve que ajudá-lo a se vestir, enfiando sua camisa pela cabeça e abotoando sua braguilha com dedos hábeis.

Sorriu consigo mesmo, lembrando-se do que mais aqueles dedos longos haviam feito. Isso tirou sua mente temporariamente da rigidez de seu corpo e baniu a perturbadora lembrança de sonhos. Esticou-se com um gemido, sentindo o estiramento dos músculos sobre as articulações doloridas. O linho limpo já estava grudando em seu peito e em suas costas.

Jamie estava à sua frente na trilha, uma mancha molhada crescendo visivelmente entre suas omoplatas onde a tira do cantil cruzava suas costas. Roger notou com algum consolo que seu sogro também se movia com muito menos da sua graça habitual de pantera esta manhã. Ele sabia que o Grande Escocês era apenas humano, mas era reconfortante ver esse fato confirmado de vez em quando.

— Acha que o tempo vai continuar sem chuva? — Roger disse, apenas para dizer alguma coisa; Jamie não era de modo algum falador, mas parecia anormalmente quieto esta manhã, mal falando além de um murmurado “bom dia” em resposta ao cumprimento anterior de Roger. Talvez fosse o dia cinzento, com sua ameaça, ou promessa, de chuva.

O céu curvava-se baixo e embotado como o interior de uma tigela

de estanho. Uma tarde dentro de casa, com a chuva batendo nas peles oleadas das janelas e o pequeno Jemmy enroscado, tranquilamente, como um arganaz, para um cochilo, enquanto sua mãe tirava a combinação e vinha para a cama na suave luz cinzenta... sim, bem, algumas maneiras de começar a suar eram melhores do que outras.

Jamie parou e ergueu os olhos para o céu cada vez mais carregado. Flexionou a mão direita, fechando-a e em seguida abrindo-a devagar. O quarto dedo rígido tornava difícil algumas tarefas delicadas, como escrever, mas fornecia um duvidoso benefício em compensação; as juntas inchadas prenunciavam a chuva com a confiabilidade de um barômetro.

Jamie flexionou os dedos e deu um débil sorriso para Roger.

— Nada além de uma pequena dor aguda — ele disse. — Nenhuma chuva antes do cair da noite. — Esticou-se, relaxando as costas por antecipação, e suspirou. — Vamos pôr mãos à obra, hein?

Roger olhou para trás; a casa e a cabana haviam desaparecido. Franziu o cenho para as costas de Jamie, que já se distanciavam, ponderando. Eram quase oitocentos metros até o novo campo; tempo de sobra para uma conversa. Mas não era o momento certo, ainda não. Era um assunto a ser tratado cara a cara, e durante o tempo livre — mais tarde, portanto, quando parassem para almoçar.

A floresta estava silenciosa, o ar parado e pesado. Até os pássaros estavam quietos, apenas uma outra saraivada de metralhadora de um pica-pau quebrando o silêncio. Ziguezaguearam pela floresta em seu caminho, silenciosos como índios na camada de folhas apodrecidas, e emergiram de um bosque cerrado de carvalhos pequenos e frondosos tão repentinamente que fizeram um bando de corvos levantar voo com seus grasnidos estridentes, abandonando a terra recém-revolvida como demónios fugindo do inferno.

— Santo Deus! — Jamie exclamou, benzendo-se involuntariamente. A garganta de Roger fechou-se e seu estômago contraiu-se. Os corvos estavam se alimentando de alguma coisa deitada no buraco deixado por uma árvore arrancada pela raiz; tudo o que ele podia ver acima dos monturos de torrões de terra revolvida era a curva pálida que parecia perturbadoramente igual à curva nua de um ombro.

Era, de fato, um ombro nu — de um porco. Tocou com repugnância os sulcos profundos no flanco do animal. Roger podia ver a movimentação fervilhante de moscas dentro das cavidades vermelho-escuras, quase negras.

— Urso? — ele perguntou, agachando-se ao lado de Jamie. Seu sogro sacudiu a cabeça.

— Felino. — Ele afastou os pelos ralos, duros, atrás da orelha e apontou para as perfurações azuladas nas dobras de gordura. — Quebrou o pescoço com uma única mordida. E está vendo as marcas das garras? — Roger havia visto, mas não tinha o conhecimento necessário para diferenciar as marcas das garras de um urso das garras de uma pantera. Olhou mais de perto, gravando o padrão na memória.

Jamie levantou-se e limpou o rosto na manga da camisa.

— Um urso teria levado mais da carcaça. Esta mal foi tocada. Mas os felinos fazem isso, matam e abandonam, depois voltam, dia após dia, para comer pequenas porções.

Apesar de pegajoso como estava, os pelos na nuca de Roger eriçaram-se com um calafrio. Era muito fácil imaginar olhos amarelos nas sombras do bosque atrás dele, fixos em fria avaliação no ponto onde o crânio se encontrava com a frágil espinha dorsal.

— Acha que ainda está por perto? — Ele olhou em volta, tentando parecer descontraído. A floresta estava como sempre fora, mas agora o silêncio parecia artificial e sinistro.

Jamie afastou algumas moscas curiosas, franzindo a testa.

— Sim, talvez. Foi abatido recentemente. Ainda não há vermes. — Balançou a cabeça indicando o ferimento aberto no flanco do porco selvagem, depois se abaixou para pegar as pernas rígidas. — Venha, vamos pendurá-lo. É muita carne para desperdiçar.

Arrastaram a carcaça até uma árvore com um galho forte e baixo. Jamie enfiou a mão dentro da manga e puxou um lenço encardido, para amarrar ao redor de sua cabeça e evitar que o suor escorresse para dentro de seus olhos. Roger Tateou à cata de seu próprio lenço — cuidadosamente lavado e passado — e fez o mesmo. Conscientes da dificuldade que era lavar roupas, tiraram as camisas limpas e penduraram-nas num amieiro.

Havia corda no campo, deixada ali depois de usada para deslocar os cepos das árvores derrubadas na limpeza do terreno; Jamie enrolou várias vezes as patas dianteiras do animal com um pedaço da corda, depois atirou a ponta livre por cima do galho no alto. Era uma porca adulta, com uns cem quilos de carne sólida. Jamie fincou os pés no chão e puxou a corda, grunhindo com o esforço repentino.

Roger prendeu a respiração ao se abaixar para ajudar a içar o corpo rígido, mas Jamie tinha razão; estava fresco. Havia o cheiro natural do porco, mais fraco com a morte, e o cheiro mais ácido e penetrante de sangue nada pior.

O pelo áspero raspou a pele de sua barriga quando ele passou os braços ao redor da carcaça e ele trincou os dentes reprimindo uma

careta de nojo. Há poucas coisas mais inanimadas do que um porco selvagem, grande e morto. Então, uma palavra de Jamie e a carcaça estava presa. Ele a soltou e o porco balançou devagar de um lado para o outro, um pêndulo de carne.

Roger estava banhado de suor; mais do que o esforço de erguer o animal poderia explicar. Havia uma grande mancha de sangue marrom em seu peito e sua barriga. Ele esfregou a base da mão no nó em sua barriga, misturando o sangue ao suor. Olhou em volta outra vez. Nada se mexia entre as árvores.

— As mulheres vão gostar — ele disse. Jamie riu, tirando a adaga do cinto.

— Acho que não. Vão ficar acordadas quase a noite toda, limpando e salgando. — Ele sacudiu a cabeça na direção do olhar de Roger.

— Ainda que esteja perto, não virá nos perturbar. Os felinos não caçam presas grandes, a menos que estejam com fome. — Ele olhou ironicamente para o flanco dilacerado do porco dependurado. — Três quilos de bacon de primeira deverão satisfazê-lo por enquanto, eu creio. Embora, se não... Olhou para seu longo rifle apoiado, carregado, no tronco de uma noqueira próxima.

Ele segurou o porco enquanto Jamie o estripava, depois enrolou a fétida massa de intestinos no pano que embrulhava seu almoço, enquanto Jamie pacientemente trabalhava para acender uma fogueira com gravetos verdes que manteriam as moscas longe da carcaça pendurada. Sujo e fedendo a sangue, fezes e suor, Roger atravessou o campo até o riacho que cortava o bosque.

Ele ajoelhou-se e se lavou, braços, rosto e torso, tentando se livrar da sensação de estar sendo observado. Mais de uma vez ele atravessara uma charneca deserta na Escócia e, de repente, um veado adulto irrompia do nada diante dele, surgindo como se por mágica das urzes aos seus pés. Apesar das palavras de Jamie, ele estava plenamente cômico de que uma parte de uma paisagem tranquila podia abruptamente destacar-se e adquirir vida num estrondo de cascos ou no rosnado repentino de dentes.

Enxaguou a boca, cuspiu e bebeu longamente, forçando a água a passar pela garganta que continuava apertada. Ainda podia sentir a rigidez fria da carcaça do porco, ver a terra endurecida nas narinas, as órbitas em carne viva, onde os abutres haviam bicado os olhos. A pele de seus ombros se arrepiou, esfriada tanto pelos seus pensamentos quanto pela água fria do córrego.

Não havia muita diferença entre um porco e um homem. Da carne à carne, do pó ao pó. Um golpe, bastava isso. Devagar, esticou-se, lembrando com prazer por que seus músculos estavam doloridos.

Ouviu-se um grasnido rouco no alto da castanheira. Os corvos, manchas negras nas folhas amarelas, externando seu descontentamento ao roubo de seu banquete.

— Onde... iremos... jantar esta noite? — cantarolou baixinho, a canção escocesa dos corvos, erguendo os olhos para eles. — Aqui não... seus desgraçados. Vão embora! — Tomado de repulsa, pegou uma pedra da margem do córrego e atirou-a no meio da árvore com todas as suas forças. Os corvos debandaram numa revoada de gritos estridentes e ele voltou para o campo, soturnamente satisfeito.

Mas ainda sentia um nó na barriga, e a letra da canção dos corvos ecoou em seus ouvidos: “Você se sentará no osso branco de sua garganta/ e eu bicarei seus belos olhos azuis. Com um cacho de seus cabelos louros/ teceremos nosso ninho quando ele ficar descoberto.”

Jamie olhou para seu rosto quando ele voltou, mas não disse nada. Além do campo, a carcaça do porco pendurava-se acima do fogo, seus contornos ocultos em rolos de fumaça.

Eles já haviam cortado as cercas, feitas dos pinheiros novos que haviam arrancado; as toras de casca áspera jaziam, prontas, junto à borda da floresta. Mas a cerca teria pilares de pedra — pedras encaixadas, sem argamassa unindo as hastes horizontais de madeira; não uma dessas cercas simples em zigue-zague apenas para marcar os limites do terreno ou manter os veados afastados, mas uma cerca sólida o suficiente para aguentar os empurrões de porcos selvagens de cento e cinquenta, duzentos quilos.

Ainda este mês, seria a hora de levar ali para dentro os porcos que haviam sido soltos na floresta para viverem livremente, engordando com os frutos e sementes das castanheiras que forravam o chão numa espessa camada. Alguns teriam sido mortos por animais selvagens ou por acidente, mas provavelmente restariam uns cinquenta ou sessenta para abater ou vender.

Trabalhavam bem juntos, ele e Jamie. Cada qual tinha um instinto para os movimentos do outro. Quando um precisava de ajuda, o outro estava lá. Mas não havia necessidade disso agora — esta parte do trabalho era a pior, pois não havia nada de interessante para amenizar o tédio, nenhuma habilidade para facilitar o trabalho. Apenas pedras, centenas de pedras, a serem içadas do solo de calcário argiloso e carregadas, arrastadas, empurradas para o campo, para serem empilhadas e encaixadas no lugar.

Em geral, conversavam enquanto trabalhavam, mas não esta manhã. Cada qual trabalhava sozinho com seus pensamentos, caminhando pesadamente de um lado para o outro com a carga interminável. A manhã transcorreu em silêncio, quebrado apenas

pelos chamados distantes dos corvos contrariados e pelos sons arranhados ou baques surdos das pedras, conforme eram colocadas na pilha crescente.

Tinha que ser feito. Não havia escolha. Já sabia disso há muito tempo, mas agora que a obscura probabilidade se transformara em realidade concreta... Roger examinou seu sogro veladamente. Mas será que Jamie concordaria?

De longe, as cicatrizes em suas costas mal eram perceptíveis, disfarçadas pelo brilho de suor. O trabalho duro e constante mantinha um homem vigoroso e esbelto, e ninguém que visse os contornos gerais de Fraser — ou o visse bem de perto para notar o sulco fundo de sua espinha dorsal, a barriga plana e musculosa e os músculos longos, firmes e bem delineados dos braços e das coxas — o tomaria por um homem de meia-idade.

Mas Jamie lhe mostrara as cicatrizes no primeiro dia em que foram trabalhar juntos, depois que ele voltara do levantamento topográfico. Paro ao lado da leiteria parcialmente construída, Jamie tirara a camisa e se virara de costas, dizendo displicentemente: “Dê uma olhada. “

De perto, as cicatrizes eram antigas e bem curadas, na maior parte linhas finas e brancas, com uma rede prateada ou uma protuberância brilhante aqui e ali, onde uma chicotada havia esfolado uma área da pele grande demais para as bordas do ferimento se juntarem harmoniosamente outra vez. Havia alguma pele intocada, lisa e imaculada entre os vergões, mas não muita.

E o que ele deveria dizer?, Roger se perguntara. Sinto muito por isso? Obrigado pelo privilégio da visão?

No caso, ele não disse nada. Jamie simplesmente se virou, entregou a Roger um machado com uma atitude completamente prosaica, e eles haviam começado o trabalho, sem camisa. Mas ele notou que Jamie nunca tirava a camisa para trabalhar se os outros homens estivessem com eles.

Tudo bem. De todos os homens, Jamie entenderia a vontade, a necessidade — o fardo dos sonhos de Brianna, que pesavam na barriga de Roger como uma pedra. Certamente ele ajudaria. Mas consentiria que Roger terminasse isso sozinho? Jamie, afinal, também tinha interesse na questão.

Os corvos ainda crocitavam, mas ao longe, seus gritos finos e desesperados como o de almas penadas. Talvez ele fosse tolo até mesmo em pensar em agir sozinho. Lançou uma braçada de pedras na pilha; pedras pequenas chacoalharam e rolaram para longe.

“Filho de pastor” — é como os outros garotos na escola o chamavam, e era isso o que ele era, com toda a ambiguidade que a

expressão sugeria. A ânsia inicial de provar sua masculinidade por meio da força, a consciência posterior da absoluta fraqueza moral da violência. Mas isso foi em outro país...

Reprimiu o resto da citação, inclinando-se com uma expressão amarga para remover uma pedra da terra e do musgo. Órfão de guerra, criado por um homem da paz, como ele podia pensar em matar? Rolou a pedra pela descida abaixo na direção do campo, virando-a devagar, um lado, depois o outro.

— Você nunca matou nada a não ser peixe — murmurou consigo mesmo.

— O que o faz pensar que... — Mas ele sabia muito bem o que o fazia pensar.

No meio da manhã, já havia um número suficiente de pedras coletadas para começar o primeiro pilar; com um sinal com a cabeça e um murmúrio, começaram a trabalhar, arrastando e levantando, empilhando e encaixando, com um grito abafado de vez em quando por um dedo da mão amassado ou um pé machucado.

Jamie levantou uma pedra grande e colocou-a no lugar, depois se endireitou, ofegante.

Roger também respirou fundo. Devia ser agora, provavelmente não haveria oportunidade melhor.

— Tenho um favor a lhe pedir — ele disse abruptamente.

Jamie ergueu os olhos, respirando com força, uma das sobrelanceiras erguidas. Ele balançou a cabeça, esperando o pedido.

— Ensine— Me a lutar.

Jamie passou a manga da camisa pelo rosto suado e soltou a respiração com força.

— Você sabe lutar muito bem — ele disse. Um canto de sua boca torceu-se para cima. — Você quer saber se eu o ensinaria a usar uma espada sem cortar seu pé fora?

Roger chutou uma pedra de volta para a pilha.

— Serve, para começar.

Jamie ficou parado por um instante, examinando-o. Era um exame absolutamente desapassionado, o mesmo que ele daria a um boi que pretendesse comprar. Roger permaneceu imóvel, sentindo o suor escorrer pelo sulco no meio de suas costas e pensou que, mais uma vez, ele estava sendo comparado — para sua desvantagem — ao ausente Ian Murray.

— Veja bem, você é velho para isso — Jamie disse finalmente. — A maioria dos espadachins começam quando garotos. — Fez uma pausa.

— Eu ganhei minha primeira espada aos cinco.

Roger tivera um treinamento quando tinha cinco anos. Com uma locomotiva vermelha que tocava seu apito quando uma cordinha era puxada. Olhou Jamie nos olhos e sorriu de forma amistosa.

— Velho para isso, talvez — ele disse. — Mas não morto.

— Pode ser — Fraser respondeu. — Pouco saber é algo perigoso, um idiota com uma lâmina na bainha está mais seguro do que um idiota que acha que sabe o que fazer com ela.

— Pouco saber é algo perigoso — Roger citou. — Beba muito ou não prove da fonte de Piéria. Você me considera um idiota?

Jamie riu, agradavelmente surpreso.

— Se pequenos goles embriagam o cérebro, os grandes nos deixam sóbrios outra vez. Quanto à idiotice, você não vai se embebedar com a ideia, não é?

Roger sorriu levemente em resposta; ele já não se surpreendia mais com a extensão dos conhecimentos literários de Jamie.

— Beberei o bastante para me manter sóbrio — ele disse. -Vai me ensinar? Jamie estreitou os olhos, depois ergueu ligeiramente um dos ombros.

— Você tem a altura a seu favor, e um bom alcance também. — Olhou Roger de cima a baixo outra vez e balançou a cabeça. — Sim, talvez você sirva.

Ele virou-se e se afastou na direção da próxima pilha de pedras. Roger seguiu-o, sentindo-se estranhamente satisfeito, como se tivesse passado por um teste pequeno, mas importante.

Mas o teste ainda não começara. Somente quando já estavam no meio da construção de novo pilar é que Jamie falou outra vez.

— Por quê? — ele perguntou, os olhos na enorme pedra que lentamente empurrava para o lugar. Era pesada demais para içar, do tamanho de um barril pequeno de uísque. Torrões emaranhados de raízes de capim projetavam-se debaixo da pedra, arrancadas da terra pela passagem lenta e brutal pelo terreno.

Roger abaixou-se para emprestar seu próprio peso à tarefa. Sentia a aspereza dos líquens na superfície da pedra sob as palmas de suas mãos, verdes e cheios de crostas de tão antigos.

— Tenho uma família para proteger — ele disse. A rocha moveu-se relutantemente, deslocando-se alguns centímetros pelo terreno irregular. Jamie balançou a cabeça, uma vez, duas vezes; no terceiro “três” silencioso, empurraram juntos, com um grunhido de ambos do esforço. O monstro ergueu-se parcialmente, parou, levantou-se

completamente e virou, caindo no lugar com um baque que reverberou pelo chão aos seus pés.

— Proteger de quê? — Jamie ergueu-se e passou o pulso pelo maxilar. Olhou para longe, gesticulando com o queixo para o porco pendurado. Eu mesmo não gostaria de enfrentar uma pantera com uma espada.

— Ah, é? — Roger dobrou os joelhos e manobrou outra pedra grande nos braços. — Soube que matou dois ursos, um deles com uma adaga.

— Sim, bem — Jamie disse secamente. — Uma adaga era o que eu tinha. Quanto ao outro, se era uma espada, era a espada de São Miguel, não a minha.

— Sim, e se você soubesse com antecedência que poderia... ugh... defrontar-se com ele... não teria se armado... melhor? — Roger dobrou os joelhos, abaixando a pedra cuidadosamente no lugar. Deixou que ela caísse nos últimos centímetros e limpou as mãos ardendo nas calças.

— Se eu soubesse que iria me deparar com um maldito urso — Jamie disse, grunhindo enquanto erguia outra pedra para o lugar, — teria tomado outro caminho.

Roger resfolegou e meneou a nova pedra, encaixando-a nas outras. Havia uma pequena lacuna de um dos lados que a deixava solta; Jamie avaliou a brecha, andou até a pilha de pedras e pegou um pequeno naco de granito, afunilado em uma das pontas. Ele encaixou-se perfeitamente na brecha e os dois sorriram involuntariamente um para o outro.

— Acha, então, que há um outro caminho a ser tomado? — Roger perguntou.

Fraser passou a mão pela boca, refletindo.

Se está falando da guerra... então, sim, acho. — Olhou fixamente para Roger. — Talvez eu o encontre e talvez não... mas, sim, há um outro caminho.

— Pode ser. — Ele não se referia à guerra iminente, e achava que Jamie também não.

— Quanto a ursos, entretanto... — Jamie ficou imóvel, os olhos fixos. — Há muita diferença entre deparar-se inesperadamente com um urso... e caçá-lo.

O sol ainda não estava visível, mas também não era necessário. A metade do dia chegou com um ronco no estômago, as mãos doloridas; uma consciência repentina de cansaço nas costas e nas pernas tão útil quanto o soar de um relógio de pêndulo. A última pedra grande

encaixou-se no lugar e Jamie endireitou-se, ofegante.

Por consentimento mútuo não declarado, sentaram-se com o farnel, as camisas limpas dobradas sobre os ombros nus, contra o frio do suor secando.

Jamie mastigou laboriosamente, engolindo uma boa mordida com um gole de cerveja. Fez uma careta involuntária, contraiu os lábios para cuspir, depois mudou de ideia e engoliu.

— Aarh! A srta. Lizzie andou mexendo na mistura da cerveja outra vez.

— Ele fez uma careta e deu uma mordida terapêutica num biscoito para remediar o gosto.

Roger riu com a expressão de seu sogro.

— O que ela colocou na cerveja desta vez? — Lizzie andava experimentando fazer cerveja com sabores diferentes, com pouco sucesso.

Jamie cheirou com desconfiança a boca da garrafa de cerâmica.

— Anis? — ele sugeriu, passando a garrafa a Roger.

Roger cheirou, torcendo o nariz involuntariamente para o bafo alcoólico.

— Anis e gengibre — ele disse. Ainda assim, tomou um gole cuidadoso. Fez a mesma careta que Jamie fizera e esvaziou a garrafa sobre uma complacente amoreira silvestre.

— “Se não desperdiçar, não vai faltar”, mas...

— Não é desperdício evitar que sejamos envenenados. — Jamie levantou-se, pegou a garrafa vazia e partiu na direção do córrego do outro lado do campo.

Ele voltou, sentou-se e entregou a garrafa de água a Roger.

— Eu tive notícia de Stephen Bonnet.

Foi dito tão naturalmente que Roger não registrou o significado das palavras de imediato.

— É mesmo? — disse finalmente. — O molho condimentado dos pickles escorreu pela sua mão. Roger limpou o pulso com um dedo e colocou-o na boca, mas não deu outra mordida no sanduíche; seu apetite havia desaparecido.

— Sim. Não sei onde ele está agora, mas sei onde estará em abril... ou melhor, onde eu posso fazer com que ele esteja. Seis meses, e então nós o matamos. Isso lhe dá tempo suficiente?

Ele olhava para Roger, calmo como se tivesse sugerido uma reunião com um banqueiro, em vez de um encontro marcado com a

morte.

Roger podia acreditar no inferno — e em demónios, também. Ele não sonhara na noite anterior, mas a face do demónio sempre flutuava em sua mente, fora do alcance da vista. Hora de convocá-lo, talvez, e trazê-lo para o campo de visão. Era preciso evocar um demónio primeiro, não era?, antes de exorcizá-lo.

Mas havia preparativos a serem feitos, antes que isso pudesse acontecer. Ele flexionou os ombros e os braços outra vez, agora com expectativa. A dor dos músculos já havia praticamente desaparecido.

Muitos vão chorar por ele

Mas ninguém saberá para onde ele foi.

Sobre seus ossos brancos, quando estiverem expostos,

O vento soprará para sempre, O...

O vento soprará para sempre.

Sim — ele disse. — Está bom para mim.

EN GARDE

Por um instante, ele achou que não iria conseguir levantar a mão para a corda de abrir a porta pelo lado de fora. Os dois braços pendiam como se tivessem pesos de chumbo e os pequenos músculos do antebraço saltavam e tremiam de exaustão. Foram necessárias duas tentativas e, mesmo assim, não conseguiu mais do que segurar a corda desajeitadamente entre dois dedos médios; seu polegar recusava-se a dobrar.

Brianna ouviu-o remexendo na tranca; a porta abriu-se repentinamente e sua mão caiu, inerte, da tranca. Ele não teve mais do que um vislumbre de cabelos soltos e um rosto radiante com uma mancha de fuligem em uma das faces, e logo os braços dela estavam ao seu redor, a boca na dele, e ele estava em casa.

— Você está de volta! — ela disse, soltando-o.

— Estou. — E contente por isso. A cabana cheirava a comida quente e sabão de lixívia, com um toque leve e refrescante de zimbro acima da fumaça de velas de junco e os aromas mais almiscarados de ocupação humana. Sorriu para ela, repentinamente um pouco menos cansado.

— Papá, papá! — Jemmy balançava-se para cima e para baixo de empolgação, agarrando-se a um banquinho para manter o equilíbrio. Pa-pá!

Olá, olá — Roger disse, estendendo o braço para alisar a cabecinha coberta de penugem macia do menino. — Então, quem é um bom menino? — Ele errou o alvo e, em vez disso, sua mão roçou no rostinho macio, mas Jemmy não se importou.

— Eu! Eu! — ele gritou, e riu com uma enorme extensão de gengiva rosada, exibindo todos os seus pequeninos dentes brancos. Brianna imitou o riso com muito mais esmalte branco, mas não menos alegria.

— Temos uma surpresa para você. Veja isto! — Ela correu para a mesa e abaixou-se sobre um dos joelhos, a um passo de Jemmy. Ela estendeu os braços, as mãos a apenas alguns centímetros dele. — Venha para a mamãe, querido. Venha, neném, venha para a mamãe.

Jemmy cambaleou precariamente, soltou uma das mãos, estendeu-a para a mãe, depois soltou a outra mão, deu um passo trôpego,

depois dois e caiu em seus braços com gritinhos de alegria. Ela agarrou-o, apertando-o contra si, rindo de prazer, depois o virou para Roger.

— Vá para o papai — Brianna encorajou-o. — Ande, vá para o papai. Jemmy contraiu o rosto em incerta concentração, parecendo um paraquedista novato diante da porta aberta de um avião voando em círculos. Oscilou perigosamente de um lado para o outro.

Roger agachou-se, estendeu as mãos, o cansaço esquecido por um instante.

— Venha, rapaz, venha, você consegue!

Jemmy agarrou-se por um instante, inclinando-se, inclinando-se, em seguida soltou a mão da mãe e cambaleou, vacilante, na direção de Roger, em três passos cada vez mais rápidos, até cair em cheio nas mãos salvadoras de Roger.

Ele abraçou Jemmy com força, apertando-o contra si, o bebê contorcendo-se e dando gritinhos de triunfo.

— Muito bem! Agora vai se meter em todo canto, não é?

— Como se já não o fizesse! — Brianna disse, revirando os olhos em resignação. Como para ilustrar, Jemmy desvencilhou-se das mãos de Roger e partiu, engatinhando, a toda velocidade, na direção de seu cesto de brinquedos.

— E o que mais você andou fazendo hoje? — Roger perguntou, sentando-se à mesa.

— O que mais? — Os olhos dela se arregalaram, depois se estreitaram. Não acha que aprender a andar é suficiente para um dia?

— Claro que é. É maravilhoso, incrível! — apressou-se a lhe assegurar. Eu só estava puxando assunto.

Ela relaxou, apaziguada.

Bem, então. Esfregamos o chão, não que alguém possa ver a diferença... — Olhou com certo desgosto para as tábuas rústicas e descoloridas do assoalho. — Fizemos pão, e o colocamos para crescer, mas ele não cresceu, e é por isso que você tem esse pão solado para acompanhar seu jantar.

— Adoro pão solado — ele assegurou-lhe apressadamente, vendo o brilho afiado dos olhos dela.

— Claro que sim — ela disse, erguendo uma grossa sobancelha ruiva. Pelo menos você sabe qual o lado que tem manteiga.

Ele riu. Ali no calor de sua casa, o frio se desfazia e suas mãos estavam começando a latejar, mas ele se sentia bem mesmo assim. Suficientemente cansado para cair do seu banco, mas bem. Bem e

faminto. Seu estômago roncou de expectativa.

— Pão solado e manteiga já é um começo — ele disse. — O que mais? Estou sentindo o cheiro de alguma coisa gostosa. — Olhou para o caldeirão borbulhante e farejou o ar esperançosamente. — Ensopado?

— Não, roupa lavada. — Bri olhou furiosamente para a panela. — O terceiro lote de hoje. Não consigo enfiar muita coisa nesta panela pequena, mas não pude levar a roupa lavada para o caldeirão da casa grande, por causa da limpeza do chão e da fiação. Quando se lava roupa lá fora, você tem que ficar lá, para tomar conta do fogo e mexer a roupa, então não consegue fazer mais nada ao mesmo tempo. — Seus lábios cerraram-se numa linha fina.

— Muito ineficiente.

— Uma lástima. — Roger dispensou a logística da lavagem de roupas, em favor de assuntos mais prementes. Ergueu o queixo na direção da lareira.

— Mas sinto cheiro de carne. Será que um rato não caiu dentro da panela? Jemmy, ouvindo isso, largou uma bola de pano e engatinhou ansiosamente na direção do fogo.

— Ratinho? Ratinho?

Brianna agarrou Jemmy pela gola da bata e lançou um olhar furioso para Roger.

— Claro que não. Não, neném, nenhum ratinho. Papai está dizendo bobagem. Vamos, Jemmy, venha papar. — Soltando a gola, ela agarrou o menino pela cintura e ergueu-o, chutando e debatendo-se, para a sua cadeirinha alta.

— Papar, já disse! Fique quieto aí. — Jemmy arqueou as costas, resmungando e guinchando em protesto, depois relaxou repentinamente, escorregando para fora da cadeira e desaparecendo nas pregas da saia de sua mãe.

Brianna lutou com ele tentando agarrá-lo, o rosto vermelho de risos e exasperação.

— Então está bem! — ela disse, puxando-o e colocando-o de pé. — Não coma. Não me importo. — Remexeu na bagunça de brinquedos, espalhados para fora do cesto, e pegou um surrado boneco de palha de milho. — Tome, está vendo o boneco? Bonito boneco.

Jemmy apertou o boneco contra o peito, sentou-se abruptamente no traseiro e começou a falar com o boneco em tons ásperos, sacudindo-o de vez em quando para dar mais ênfase.

— Papá! — ele disse severamente, cutucando o boneco na barriga. Colocou o boneco no chão, pegou o cesto e cuidadosamente virou-o

sobre o boneco.

— Quietos aí!

Brianna passou a mão no rosto e suspirou. Lançou um olhar a Roger.

— E você quer saber o que eu faço o dia inteiro.

O olhar estreitou-se e ela realmente olhou para ele pela primeira vez.

— E o que você andou fazendo, sr. MacKenzie? Parece que veio da guerra. — Tocou seu rosto delicadamente; havia um calombo se formando em sua testa; ele podia sentir a pele esticando-se naquele ponto e a pequena pontada de dor quando ela o tocou.

— Algo parecido. Jamie andou me mostrando os rudimentos do uso da espada.

As sobancelhas de Brianna levantaram-se e ele riu, embaraçado, mantendo as mãos no colo.

— Espadas de madeira, hein?

Várias espadas de madeira. Havia quebrado três até agora, apesar de as armas improvisadas serem grandes, feitas de pesados pedaços de madeira.

— Ele golpeou você na cabeça? — A voz de Brianna tinha uma leve contundência, mas Roger não sabia se era dirigida a ele ou ao pai.

— Ah... não. Não, exatamente.

Com nebulosas lembranças de filmes de capa e espada e competições universitárias de esgrima, ele estava despreparado para a pura força bruta envolvida num combate corpo a corpo com espadas. O primeiro golpe de Jamie arrancara a espada de Roger de sua mão, enviando-a pelos ares; outro, mais tarde, lascara a madeira e lançou um pedaço zunindo pela sua orelha.

— O que “não exatamente” significa?

— Bem, ele estava me mostrando algo chamado corps a corps, que é o correspondente em francês para “segure a arma do adversário na sua, depois aplique uma joelhada no saco dele e dê um soco em sua cabeça enquanto ele está tentando se soltar”.

Brianna deu uma risada curta, chocada.

— Você quer dizer que ele...

— Não, mas foi por pouco — ele disse, encolhendo-se diante da lembrança. — Tenho uma mancha roxa na coxa do tamanho da minha mão.

— Está ferido em algum outro lugar? — Brianna olhou-o

preocupada, a testa franzida.

— Não. — Sorrii para ela, mantendo as mãos no colo. — Cansado. Dolorido. Faminto.

A testa relaxou e seu sorriso brilhou novamente, embora uma pequena ruga permanecesse entre as sobrancelhas. Ela pegou o prato de madeira no armário, virou-se e abaixou-se junto à lareira.

— Codornas — ela disse com satisfação, arrastando para fora vários embrulhinhos escuros das brasas com o atizador da lareira. — Papai trouxe hoje de manhã. Disse para não tirar as penas; apenas envolvê-las em barro e assá-las. Espero que ele saiba o que está falando. — Ela balançou a cabeça na direção do caldeirão fervente. — Jemmy me ajudou com o barro; foi por isso que tivemos que lavar outra trouxa de roupas. Ai! — Ela retirou a mão abruptamente e colocou na boca um dedo queimado, depois pegou o prato e levou-o para a mesa.

— Deixe esfriar um pouco — ela instruiu. — Vou pegar aqueles legumes em conserva que você gosta.

As codornas não pareciam nada além de pedras carbonizadas. No entanto, um cheiro tentador emanava das rachaduras em alguns dos torrões enegrecidos. Roger teve vontade de pegar uma delas e comer inteira na mesma hora, com barro queimado e tudo. Em vez disso, tateou embaixo do prato coberto com um pano em cima da mesa, descobrindo o maldito pão solado embaixo. Com os dedos rígidos, ele conseguiu arrancar um bom pedaço e enfiou-o silenciosamente na boca.

Jemmy abandonara sua bola de pano embaixo da cama e foi ver o que seu pai estava fazendo. Ficando de pé junto à perna da mesa, ele viu o pão e estendeu a mão, fazendo ruídos urgentes de exigência. Roger cuidadosamente arrancou mais um pedaço de pão e entregou-o ao filho, quase o deixando cair no processo. Suas mãos estavam cortadas e machucadas; os nós dos dedos da mão direita esfolados, inchados e negros com novos machucados. Metade da unha do polegar direito fora arrancada e a parte sem unha sangrava, em carne viva.

— Do-dói. — Segurando seu pedaço de pão, Jemmy olhou para as mãos de Roger, depois para seu rosto. — Papá do-dói?

— Papai está bem — Roger tranquilizou-o. — Apenas cansado. Jemmy ficou olhando fixamente para o dedo machucado, depois, devagar levou a mão à boca e inseriu nela o próprio polegar, sugando-o ruidosamente.

Na verdade, pareceu uma boa ideia a Roger. Seu polegar ardia e doía, onde a unha fora arrancada, e todos os seus dedos estavam enregelados e rígidos. Com um rápido olhar para as costas de Brianna,

ele ergueu a mão e enfiou o polegar na boca.

Pareceu-lhe estranho, grosso e duro e com gosto metálico e frio de sangue e sujeira. Então, repentinamente, ele se encaixou, e língua e palato fecharam-se ao redor do dedo ferido numa pressão quente e reconfortante.

Jemmy deu uma cabeçada em sua coxa, seu sinal costumeiro para “colo”, e ele agarrou o menino pela parte de trás da fralda com a mão livre, içando-o para o seu joelho. Jemmy acomodou-se confortavelmente, escavando e contorcendo-se, depois relaxou numa paz repentina, o pão espremido na mão, chupando o dedo tranquilamente.

Aos poucos, Roger relaxou, um dos cotovelos apoiado na mesa, o outro braço ao redor de seu filho. O calor e a respiração pesada de Jemmy contra suas costelas eram um acompanhamento calmante para os ruídos caseiros que Brianna fazia conforme servia o jantar. Para sua surpresa, seu dedo parou de doer, mas ele deixou-o onde estava, cansado demais para questionar a estranha sensação de conforto.

Seus músculos também gradualmente relaxavam, abandonando o estado de tensa prontidão em que ele os mantivera durante horas a fio.

Seu ouvido interno ainda retinia com as enérgicas instruções: Use o antebraço, rapaz — o pulso, o pulso! Não vire sua mão para fora desse jeito, mantenha-a junto ao corpo. Isso é uma espada, hein? Não é um maldito porrete. Use a ponta!

Ele atirara Jamie pesadamente contra uma árvore, em certo momento. E Fraser havia tropeçado numa pedra e caído uma vez, Roger por cima. Quanto a qualquer dano real infligido com uma espada, seria o mesmo se ele estivesse lutando contra uma nuvem.

Luta suja é o único tipo de luta que existe, Fraser lhe dissera, ofegante, quando eles se ajoelharam junto ao córrego, jogando água fria nos rostos suados. Qualquer outra coisa não passa de exibição.

Sua cabeça sacudiu-se sobre o pescoço com um safanão e ele piscou, retornando abruptamente dos embates e atritos de espadas de madeira para o turvo aconchego da cabana. O prato havia desaparecido; Brianna xingava baixinho junto ao aparador, batendo com o cabo da adaga dele nos torrões enegrecidos de codornas assadas no barro para quebrar os invólucros.

Atenção aos pés. Para trás, para trás — sim, agora, volte para cima de mim! Não, não tão longe... não baixe a guarda!

E a dolorosa batida da “lâmina” flexível nos braços, nas coxas e nos ombros, o baque sólido e surdo da madeira entre as costelas, ou

afundando em sua barriga, deixando-o sem ar. Se fosse de aço, ele estaria morto em questão de minutos, cortado em fatias ensanguentadas.

Não apare a lâmina na sua, bata na espada. Venha, dê uma estocada, ataque! Mantenha perto, mantenha perto... sim, bom... há!

Seu cotovelo escorregou e sua mão caiu. Ele endireitou-se com um safanão, mal segurando a criança adormecida, e piscou, a visão flutuando com a luz do fogo.

Brianna sobressaltou-se com ar de culpa e fechou seu caderno de anotações. Levantando-se, guardou-o atrás de uma travessa de estanho, em pé, no fundo do aparador.

— Está pronto — ela disse apressadamente. — Eu só... vou pegar o leite. Desapareceu para dentro da despensa num farfalhar de saias.

Roger mudou Jemmy de posição, segurou-o no colo e levantou o sólido corpinho, colocando-o no ombro, embora seus braços parecessem macarrão cozido. O menino estava profundamente adormecido, mas continuava com o polegar firmemente enfiado na boca.

O próprio polegar de Roger estava molhado de saliva e ele sentiu uma onda de rubor. Santo Deus, ela estivera desenhando-o daquele jeito? Sem dúvida; ela deve tê-lo visto chupando o dedo e achou “bonitinho”; não seria a primeira vez em que ela o desenhava numa posição que ele considerava comprometedor. Ou ela estaria registrando seus sonhos outra vez?

Colocou Jemmy cuidadosamente no berço, limpou farelos de pão úmidos de sua cobertura e ficou esfregando as juntas feridas com os dedos da outra mão. Ruídos de líquidos vinham da despensa. Movendo-se silenciosamente, ele aproximou-se do aparador e tirou o caderno de seu esconderijo. Esboços, não sonhos.

Não passavam de alguns traços rápidos, a essência de um esboço. Um homem absolutamente exausto, mas ainda alerta; a cabeça em uma das mãos, o pescoço virado de cansaço — o braço livre protetoramente segurando algo precioso e indefeso.

Ela colocara um título. Engarde, dizia, em sua letra inclinada, pontiaguda.

Ele fechou o caderno e recolocou-o atrás da travessa. Ela estava parada na porta da despensa, a jarra de leite na mão.

— Venha comer — ela disse suavemente, fitando-o nos olhos. — Precisa recuperar as forças.

ROGER COMPRA UMA ESPADA

Cross Creek — Novembro, 1871

Ele já havia manuseado espadas de lâmina larga do século XVIII; nem o peso nem o comprimento o surpreenderam. O copo ao redor do punho era ligeiramente inclinado, mas não o suficiente para interferir com o encaixe da mão. Ele havia feito isso antes também. Mas havia uma considerável diferença entre colocar reverentemente um artefato antigo em exposição num museu e pegar uma espada afiada com a intenção consciente de enfiá-la num corpo humano.

— Está um pouco surrada — Fraser lhe dissera, estreitando os olhos com ar crítico por toda a extensão da espada, antes de entregá-la a ele, — mas a lâmina está bem balanceada. Experimente-a, veja se lhe agrada.

Sentindo-se um perfeito idiota, ele enfiou a mão no copo e adotou uma posição de espadachim, baseado em suas lembranças dos filmes de Errol Flynn. Eles estavam na movimentada rua da loja de armas em Cross Creek, e alguns transeuntes pararam para observar e oferecer comentários.

— Quanto Moore está pedindo por esse pedaço de lata? — alguém perguntou depreciativamente. — Qualquer coisa além de dois xelins seria exorbitante.

— É uma boa espada — Moore disse, inclinando-se sobre a porta holandesa de sua forja com ar furioso. — Eu a consegui do meu tio, que serviu em Fort Stanwyck. Ora, essa lâmina matou muitos franceses e não se vê mais do que uma minúscula ranhura nela.

— Uma ranhura! — gritou o detrator. — Ora, o negócio está tão torto que se você der uma estocada em alguém, vai acabar cortando a orelha dele!

Houve uma gargalhada geral dos espectadores, abafando a resposta do ferreiro. Roger abaixou a ponta da espada, levantou-a devagar. Como alguém podia testar uma espada? Deveria brandi-la de um lado para o outro? Fincá-la em alguma coisa? Havia uma carroça um pouco abaixo, na rua, carregada de sacas de aniagem de alguma coisa — lá não tratada, pelo cheiro.

Procurou o proprietário das sacas, mas não conseguiu identificá-lo no grupo crescente de espectadores; o enorme cavalo atrelado à

carroça estava ali sem nenhuma supervisão, as orelhas torcendo-se sonolentemente sobre as rédeas soltas.

— Ah, se uma espada é o que o jovem quer, certamente Malachy McCabe tem uma melhor do que essa, do tempo em que serviu. Creio que ele a venderia por menos de três xelins. — O sapateiro do outro lado da rua contraiu os lábios, balançando a cabeça para a espada com ar de entendido no assunto.

— Não é uma peça elegante — um ex— Soldado de meia-idade concordou, a cabeça inclinada para o lado. — Mas é resistente, tenho que admitir.

Roger estendeu o braço, arremeteu na direção da porta do ferreiro e por pouco não atingiu Moore, que saía para defender a qualidade do seu produto. O ferreiro deu um salto para o lado com um grito de susto e a multidão caiu na gargalhada.

O pedido de desculpas de Roger foi interrompido por uma voz alta e anasalada atrás dele.

Vamos, senhor! Deixe— Me lhe oferecer um inimigo mais digno do aço de sua lâmina do que um ferreiro desarmado!

Girando nos calcanhares, Roger viu-se diante do dr. Fentiman, que puxava uma lâmina longa e fina do cabo de sua bengala ornamental. O médico, que devia ter a metade do tamanho de Roger, brandiu seu florete com uma ferocidade cordial. Obviamente abastecido por um lauto almoço, a ponta do seu nariz brilhava como uma lâmpada de Natal.

Um teste de habilidade, senhor? — O médico chicoteou o florete de um lado para o outro, de modo que a lâmina estreita zumbia ao cortar o ar.

— O primeiro a furar o adversário, o primeiro a tirar sangue é o vencedor. O que diz?

— Oh, uma vantagem injusta para o doutor! Tirar sangue não é seu trabalho, então?

— Há, há! E se você cortá-lo em vez de furá-lo, vai emendar o buraco sem cobrar nada? — gritou outro espectador. — Ou está tentando arranjar serviço, sanguessuga?

— Tome cuidado, rapaz! Vire as costas para ele e ele é capaz de lhe administrar um enema!

— Melhor um enema do que uma espada enfiada no cu!

O médico ignorou essas e outras observações vulgares semelhantes, segurando a espada ereta, pronto para entrar em ação. Roger lançou um olhar para Jamie, encostado na parede, parecendo achar graça da situação. Jamie ergueu uma das sobranceiras e deu ligeiramente de

ombros.

“Experimente-a, veja se lhe agrada”, Jamie dissera. Bem, e ele achava que um duelo com um anão bêbado era um teste tão bom quanto qualquer outro.

Roger ergueu a espada e fixou um olhar ameaçador no médico.

— En garde — ele disse, e a plateia rugiu com aprovação.

— Gardez vous — retrucou o médico prontamente, arremetendo. Roger girou num dos calcanhares e o médico passou direto, arma em riste. Moore, o ferreiro, saltou para o lado bem a tempo de evitar ser espetado pela segunda vez.

— O que eu sou, um maldito alvo? — ele gritou e depois xingou, brandindo o punho cerrado.

Indiferente ao malogro, o médico recuperou o equilíbrio e arremeteu novamente contra Roger, com gritos agudos de auto encorajamento.

Era mais ou menos como ser atacado por uma vespa, Roger pensou. Se você não entrasse em pânico, veria que era possível seguir o inseto e derrubá-lo. Talvez o médico fosse um bom espadachim quando sóbrio; em seu estado atual, suas investidas frenéticas e floreios malucos eram facilmente rechaçados — desde que Roger prestasse atenção.

Ocorreu-lhe logo no início que ele poderia terminar a competição a qualquer momento, simplesmente aparando a espada fina e estreita do médico direto no gume com a sua própria arma, muito mais pesada. Mas ele estava começando a se divertir e tomava cuidado para aparar os golpes com a parte chata da lâmina larga.

Gradualmente, tudo desapareceu da vista de Roger, salvo a ponta sibilante do florete; os gritos da multidão reduziram-se a um zumbido, a poeira da rua e a parede da ferraria mal eram visíveis. Ele raspou o cotovelo na parede, afastou-se, moveu-se em círculo para ganhar mais espaço, tudo sem um pensamento consciente.

O florete bateu em sua lâmina larga, engatou-se e soltou-se com um guincho agudo de metal. Clangores, estalidos, o som sibilante de ar vazio e a batida ressonante que reverberava nos ossos de seus pulsos a cada golpe da espada do médico.

Observe a estocada, siga-a, rechace-a. Ele não tinha a menor ideia do que estava fazendo, mas fazia de qualquer modo. O suor escorria para dentro de seus olhos; ele sacudiu a cabeça para livrar-se dele, por pouco não viu uma investida baixa na direção de sua coxa, aparou-a a tempo e lançou o florete de volta.

O médico cambaleou, perdeu o equilíbrio e gritos ferozes de

“Agora! Pegue-o! Fure ele agora!” ressoaram no ar cheio de poeira. Ele viu toda a área do colete bordado do médico, vulnerável, desprotegida, repleta de borboletas de seda, e conteve a vontade visceral de cravar ali a ponta da espada.

Abalado pela intensidade da ânsia de golpeá-lo, Roger deu um passo para trás. O médico, percebendo fraqueza, saltou para frente, berrando, a lâmina apontada. Roger deu um pequeno passo para o lado e o médico passou por ele como um dardo, atingindo de raspão o jarrete do cavalo em sua trajetória.

O cavalo berrou indignado e prontamente enviou espadachim e espada pelos ares, para se chocarem contra a frente da loja do sapateiro. O médico caiu no chão como uma mosca esmagada, cercado por formas e sapatos espalhados.

Roger permaneceu imóvel, arfando. Todo o seu corpo pulsava a cada batimento cardíaco, acalorado da luta. Ele queria continuar, queria rir, queria bater em alguma coisa. Queria imprensar Brianna contra a parede mais próxima, e agora.

Jamie delicadamente ergueu sua mão e abriu seus dedos, soltando-os do punho da espada. Ele não se lembrava de estar segurando-a. Sentiu o braço leve demais sem ela, como se ele pudesse voar na direção do céu, por conta própria. Seus dedos estavam rígidos por ter segurado com tanta força e ele os flexionou automaticamente, sentindo o formigamento conforme o sangue voltou a circular.

Seu sangue latejava por todo o corpo. Ele mal ouvia as risadas, as ofertas de bebida ou sentia os tapas de felicitações que recebia nas costas.

— Um enema, um enema, dê-lhe um enema! — uma gangue de aprendizes entoava, acompanhando o médico que era levado para um tratamento de primeiros socorros na taberna mais próxima. O dono do cavalo fazia tempestade em copo d’água, solícito com o grande baio, que parecia mais confuso do que ferido.

— Acho que ele venceu. Afinal, foi o primeiro a tirar sangue.

Roger não percebeu que havia falado até ouvir a própria voz, estranhamente calma em seus ouvidos.

— Esta vai servir? — Jamie olhava para ele com ar interrogativo, segurando a espada nas palmas das mãos.

Roger balançou a cabeça. A ruela estava ofuscante e cheia de poeira branca; ela arranhava seus olhos por baixo das pálpebras, entre os dentes quando fechava a boca.

— Sim — ele disse. — Serve, sim.

— Ótimo — Jamie disse. -Você também — acrescentou

displicentemente, virando-se para pagar o ferreiro.

PARTE VIII

Vamos à Caça



AS LUAS DE JÚPITER

Fim de novembro, 1871

Pela quarta vez no mesmo número de minutos, Roger garantiu a si mesmo que não era possível, do ponto de vista médico, morrer de frustração sexual. Duvidava até que pudesse causar danos permanentes. Por outro lado, também não estava lhe fazendo nenhum bem, apesar dos seus esforços para considerar isso um exercício de fortalecimento do caráter.

Deitou-se de costas, com cuidado por causa do colchão barulhento, e fitou o teto. Não adiantou; por uma fresta na ponta do couro oleado que cobria a janela, um fecho de luz da aurora lançava-se sobre a cama e, pelo canto do olho, ele ainda podia ver as ancas de puro ouro de sua mulher, iluminadas como se estivessem sob refletores.

Ela estava deitada de barriga para baixo, o rosto enterrado no travesseiro, e o lençol de linho escorregara da curva de suas nádegas, deixando-a nua da nuca à fenda do traseiro. Ela estava tão perto dele na cama estreita que sua perna tocava a dela e o calor de sua respiração roçava em seu ombro nu. Sua boca estava seca.

Ele fechou os olhos. Isso não ajudou; prontamente começou a ver imagens da noite anterior: Brianna à luz turva do fogo abafado, as chamas dos seus cabelos cintilando nas sombras, a luz brilhando repentinamente pela curva de um seio nu quando ela deslizou o linho macio de seus ombros.

Apesar de ser tarde, apesar de estar cansado, ele a desejava desesperadamente. Porém outra pessoa a desejava mais. Abriu um pouco os olhos e ergueu-se apenas ligeiramente, o suficiente para ver além das mechas ruivas, soltas, dos cabelos de Brianna, até onde estava o berço contra a parede, ainda no escuro. Nenhum sinal de movimento.

Tinham um acordo antigo. Ele acordava instantaneamente quando perturbado, ela ficava zozna e desatinada. Assim, quando uma sirene estridente vinda do berço despertava-o com um sobressalto, o coração disparado, era Roger quem se levantava, pegava a trouxinha molhada, berrando, e lidava com as necessidades imediatas de higiene. Quando finalmente levava Jemmy para sua mãe, esperneando e contorcendo-se em busca de alimento, Brianna já teria acordado o suficiente para

se livrar de sua camisola, e ela estendia os braços para a criança, levando-o para o refúgio sussurrante, escuro e quente de seu corpo.

Agora que Jem estava mais crescido, raramente acordava à noite, mas quando o fazia, com dor de barriga ou um pesadelo, levava muito mais tempo para fazê-lo voltar a dormir do que quando ele era um bebezinho. Roger voltara a dormir enquanto Bri ainda consolava Jem, mas acordou quando ela se virou na cama estreita, as nádegas roçando em sua coxa. A palha de milho sob eles crepitou alto, com o ruído de mil bombinhas de fogos de artifício ao longe, todas detonando ao longo de sua espinha dorsal, acordando-o completamente para a plena consciência de uma urgente, quase dolorosa, excitação.

Ele havia sentido a pressão do traseiro dela contra ele e quase não se conteve em rolar sobre ela e atacá-la por trás. Pequenos ruídos de amamentação do outro lado de seu corpo o impediram. Jem ainda estava na cama com eles.

Ele ficara deitado, imóvel, ouvindo, rezando para que ela ficasse acordada o suficiente para levar o pequeno importunador para seu berço; às vezes, eles adormeciam juntos, mãe e filho, e Roger acordava de manhã com os cheiros confusamente mesclados de uma mulher desejável e de xixi de criança. Depois, por fim, ele próprio adormecera, apesar do desconforto, exausto de um dia derrubando árvores na encosta da montanha.

Inspirou devagar. Não, ela o levava de volta para o berço. Nenhum cheiro em sua cama agora, a não ser o de Brianna, o cheiro terreno de corpo de mulher, um leve ar adocicado de suor e desejo escorregadio.

Ela suspirou em seu sono, murmurando algo incompreensível, e virou a cabeça no travesseiro. Havia olheiras sob seus olhos; ela ficara acordada até tarde fazendo geleia, acordara mais duas vezes por causa do pequeno imp... do bebê. Como ele podia acordá-la, só para satisfazer suas próprias necessidades básicas?

Como ele não poderia?

Trincou os dentes, dilacerado entre tentação, compaixão e a absoluta convicção de que, se ele cedesse à própria vontade, iria chegar exatamente até o pior momento possível antes que uma interrupção vinda do berço o forcesse a parar.

A experiência fora um mestre severo, mas os desejos da carne falavam mais alto do que a voz da razão. Estendeu a mão furtivamente e delicadamente segurou a nádega mais próxima. Estava fresca e macia, e redonda como uma cabaça.

Ela fez um pequeno ruído no fundo da garganta e esticou-se voluptuosamente. Arqueou as costas, erguendo seu traseiro de uma forma que convenceu Roger que o próximo passo era atirar a colcha

para trás, rolar para cima dela e atingir seu objetivo exatamente nos dez segundos que provavelmente levaria.

Ele chegou até o ponto de atirar a colcha para trás. Quando ergueu a cabeça do travesseiro, um objeto pálido e redondo levantou-se devagar, surgindo no seu campo de visão, acima da borda do berço, como uma das luas de Júpiter. Um par de olhos azuis olhou-o com uma imparcialidade clínica.

— Oh, merda! — ele exclamou.

— Oh, meda! — Jemmy disse, numa alegre imitação. Ele foi escalando o berço até ficar de pé, balançando-se para baixo e para cima, agarrado à borda do berço que ele rapidamente estava ultrapassando, entoando Méda— Médaméda— Méda!”, no que ele evidentemente achava que era uma canção.

Brianna sacudiu-se com um movimento espasmódico, acordando assustada, piscando através dos cabelos desgrehados.

— O que foi? O que aconteceu?

— Ah... algo me picou. — Roger jogou a ponta da coberta discretamente de volta no lugar. — Deve haver uma vespa aqui.

Ela esticou-se em seu travesseiro, gemendo e alisando os cabelos para trás com uma das mãos, depois pegou a caneca da mesinha e tomou um gole de água; ela sempre acordava com sede.

Os olhos de Brianna viajaram pelo corpo de Roger, e um lento sorriso espalhou-se por sua boca larga e macia.

— É mesmo? Levou uma picada feia? Quer que eu esfregue o lugar? Ela colocou a xícara de volta na mesinha, rolou graciosamente sobre um dos cotovelos e estendeu a mão.

— Você é sádica — Roger disse, trincando os dentes. — Não resta a menor dúvida. Deve ter herdado de seu pai.

Ela riu, tirou a mão da coberta e levantou-se, vestindo sua camisola.

— MAMÃE! Meda, mamãe! — Jemmy informou-a, radiante, quando ela o tirou do berço com um grunhido de esforço.

— Pestinha — ela disse, afetuosamente. — Você não está muito popular com papai esta manhã. Seu timing não está nada bom. — Ela farejou o ar e torceu o nariz. — E não só o seu timing.

— Depende de quem vê, eu acho. — Roger rolou de lado, observando. Imagino que do ponto de vista dele, o timing foi perfeito.

— É. — Brianna lançou lhe um olhar com a sobrelha erguida. — Daí a palavra nova, hein?

— Ele já a ouviu antes — Roger disse secamente. — Muitas vezes.

— Sentou-se, lançando as pernas para fora da cama, e esfregou a mão pelo rosto e pelos cabelos.

— Bem, tudo o que temos que fazer agora é descobrir como passar do abstrato para o concreto, não é? — Ela colocou Jemmy de pé e ajoelhou-se diante dele, beijando-o no nariz, depois tirando o prendedor da fralda. Oh, ugh! Será que dezoito meses é cedo demais para treinar com o urinol?

— Está perguntando a mim ou a ele?

— Arrgh! Não importa, qualquer um dos dois que tiver uma opinião a respeito.

Jemmy obviamente não tinha. Alegrementemente estoico, ele ignorava o ataque determinado de sua mãe às suas partes íntimas com um pano úmido e frio, absorto numa nova canção de sua própria autoria, que dizia mais ou menos: “Arrgh, arrgh, meda, meda, ARRGH, ARRGH...”

Brianna pôs um ponto final à cantoria levantando-o nos braços e sentando-se com ele na cadeira de amamentar junto à lareira.

— Quer um lanchinho? — ela disse, arriando a gola de sua camisola de modo convidativo.

— Oh, Deus, sim — Roger disse, entusiasticamente. Bri riu, não sem compaixão, e ajeitou Jemmy no colo, onde ele rapidamente se acomodou para mamar.

— Sua vez, em seguida — ela assegurou a Roger. — Quer mingau de aveia ou angu frito no café da manhã?

— Mais alguma coisa no menu? — Droga, ele já estava quase pronto para se levantar. De volta à estaca zero.

— Oh, claro. Torrada com geleia de morango. Queijo. Ovos, mas terá que ir buscá-los no galinheiro; não tenho nenhum na despensa.

Roger achava difícil se concentrar na discussão, diante da visão de Brianna na penumbra enevoadada da cabana, as coxas longas abertas embaixo da combinação, os calcanhares enfiados embaixo da cadeira. Ela pareceu detectar sua falta de interesse em questões alimentícias, pois ergueu os olhos e sorriu para ele, os olhos absorvendo a própria nudez de Roger.

— Você está muito bem, Roger — ela disse suavemente. Sua mão livre deslizou para baixo, descansando de leve na curva interna da coxa. Os dedos longos, de unhas curtas, desenharam círculos vagarosamente, mal se movendo.

— Você também. — A voz dele era rouca. — Mais ainda.

Sua mão ergueu-se e deu uns tapinhas delicadamente nas costas de Jemmy.

— Quer ir ver tia Lizzie depois do café da manhã, querido? — ela perguntou, sem olhar para ele. Seus olhos estavam fixos nos de Roger e sua boca larga curvou-se num lento sorriso.

Ele achava que não conseguiria esperar até depois do café da manhã para tocá-la. Seu xale estava atirado ao pé da cama; agarrou-o e enrolou-o ao redor dos quadris por questões de decência ao sair da cama e atravessar o aposento para se ajoelhar ao lado de sua cadeira.

Seus cabelos se agitaram com uma corrente de ar que veio da janela e ele viu os pelos de seus braços se arrepiarem repentinamente. Ele envolveu os dois com seus braços. A corrente de ar era fria em suas costas nuas, mas ele não se importava.

— Eu a amo — ele sussurrou em seu ouvido. Colocou a mão sobre a dela, pousada em sua coxa.

Ela virou a cabeça e beijou-o, um rápido contato de lábios macios.

— Eu também o amo — ela disse.

Ela lavara a boca com água e vinho e tinha o gosto de uvas de outono e córregos frios. Ele começava a se dedicar a questões mais sérias, quando batidas fortes fizeram estremecer os batentes da porta, acompanhadas da voz de seu sogro.

— Roger! Está aí, rapaz? Levante-se agora mesmo!

— O que ele quer dizer com se eu estou aqui? — Roger sussurrou para Brianna. — Onde mais eu estaria?

— Shhh. — Ela beliscou seu pescoço e soltou-o relutantemente, os olhos percorrendo seu corpo com evidente apreciação.

— Ele já está de pé, papai! — ela gritou.

— Sim, e pelo jeito vai ser uma condição permanente — Roger murmurou. — Já estou indo! — berrou. — Onde estão minhas roupas?

— Embaixo da cama, onde você as deixou ontem à noite. — Brianna colocou Jemmy no chão, e ele correu para bater na porta trancada, soltando gritinhos eufóricos ao som da voz do avô. Tendo finalmente se aventurado a andar, ele não perdera tempo com o estágio seguinte, passando rapidamente, e definitivamente, a correr, em questão de dias.

— Depressa! — O sol inundou a cabana quando o couro sobre a janela foi afastado, revelando o rosto largo e forte de Jamie Fraser, corado de animação e do sol da manhã. Ele ergueu uma das sobranceiras à visão de Roger assim revelada, agachado no chão com a camisa protetoramente agarrada no meio do corpo.

— Ande depressa, rapaz — ele disse, de maneira conciliatória. — Não é hora de ficar andando por aí com a bunda de fora. MacLeod

disse que tem animais grandes do outro lado do morro. — Jogou um beijo para Jemmy. Aghille ruaidh, a charaid! Ciamar a tha thu?

Roger esqueceu do sexo e do constrangimento. Enfiou a camisa pela cabeça e levantou-se.

— Que tipo? Veados, alces?

— Não sei, só sei que é carne! — O couro da janela voltou ao lugar de repente, e o aposento ficou na penumbra.

A intrusão deixara entrar uma rajada de ar frio, quebrando a atmosfera cálida, carregada de fumaça, e trazendo com ela o sopro da estação de caça, de vento revigorante e folhas vermelho-escuras, de lama e estrume fresco, de lã molhada e couro liso, tudo apimentado com o cheiro imaginário de pólvora.

Com um último e nostálgico olhar para o corpo de sua mulher, Roger agarrou suas meias.

PERIGO NA MATA

Grunhindo e bufando, ao meio-dia os homens finalmente conseguiram entrar na zona verde-escura de coníferas. No topo dos cumes mais altos, aglomerados de abeto balsâmico e cicuta amontoavam-se com pinheiros e outras espécies de abetos sobre as rochas tombadas. Ali, eles estavam seguros em sua imortalidade sazonal, as agulhas murmurando lamentos pela brilhante fragilidade das folhas mortas lá embaixo.

Roger estremeceu na sombra fria das coníferas e ficou contente de estar usando sua camisa de caçar, de lã grossa, por cima da camisa de linho. Não havia conversa; mesmo quando paravam rapidamente para recuperar o fôlego, havia um silêncio na floresta que impedia a fala desnecessária.

A região selvagem ao redor parecia calma — e vazia. Talvez fosse tarde demais e a caça já tivesse seguido para outro lugar; talvez MacLeod tivesse se enganado. Roger ainda não dominava a técnica de caçar, mas passara muito tempo sozinho no sol, no vento e no silêncio; adquirira alguns dos instintos de um caçador.

Os homens saíram para a plena luz do sol ao emergirem na outra extremidade do cume. O ar estava fino e frio, mas Roger sentiu o calor percorrer seu corpo gelado e fechou os olhos num prazer momentâneo. Todos os homens fizeram uma pausa ao mesmo tempo, com uma satisfação muda, aquecendo-se ao sol num lugar protegido, momentaneamente a salvo do vento.

Jamie aproximou-se da beira de um ressalto rochoso, o sol cintilando de sua trança cor de cobre. Ele virou-se de um lado para o outro, estreitando os olhos para baixo, pelo meio das árvores. Roger viu suas narinas inflarem e sorriu consigo mesmo. Bem, então, talvez ele realmente sentisse o cheiro da caça. Não ficaria surpreso. Roger cheirou o ar experimentalmente, mas não sentiu nada além da fermentação das folhas apodrecidas e um forte bafo de suor rançoso do corpo de Kenny Lindsay.

Fraser sacudiu a cabeça, depois virou-se para Fergus, e, com uma palavra serena, escalou a borda do ressalto e desapareceu.

— Esperamos aqui — Fergus disse laconicamente aos outros e sentou-se. Retirou um par de pedras redondas de sua bolsa e ficou girando-as de um lado para outro na palma da mão, concentrando-se

intensamente, rolando uma esfera entre os dedos ágeis.

Um brilhante sol de outono enfiou os longos dedos pelo meio dos galhos desfolhados, administrando os últimos sacramentos de consolo sazonal, abençoando a terra moribunda com um toque final de calor. Os homens conversavam tranquilamente, sentados, fedendo ao sol. Ele não havia notado na floresta fria, mas ao sol o cheiro ácido de suor fresco era perceptível, sobrepondo-se às camadas mais profundas de sujeira e odores corporais.

Roger refletiu que talvez não fosse pela acuidade olfativa extraordinária dos animais, mas pelos odores extremamente fortes dos seres humanos o que tornava tão difícil se aproximar da caça a pé. Ele às vezes vira os mohawk se esfregarem com ervas para disfarçar seu odor natural quando iam caçar, mas nem mesmo óleo de menta seria capaz de melhorar o fedor de Kenny Lindsay.

Ele não fedia assim, não é? Curioso, inclinou a cabeça para a gola aberta de sua camisa e inspirou. Sentiu um filete de suor escorrer pela sua nuca, por baixo do cabelo. Enxugou-o com a gola e resolveu tomar banho antes de voltar à cabana, não importa que o riacho esteja com crostas de gelo.

Banhos e desodorantes tinham uma importância maior do que puramente estética, refletiu. Afinal, as pessoas se acostumavam rapidamente a quase todo mau cheiro habitual. O que ele não havia percebido, seguro em seu ambiente moderno relativamente inodoro, eram as implicações mais íntimas do cheiro. Às vezes, ele se sentia como um maldito babuíno, suas reações mais primitivas desatreladas sem aviso prévio por algum ataque aleatório de odor.

Lembrou-se do que acontecera na semana anterior e sentiu um forte rubor apoderar-se dele diante da lembrança.

Ele havia entrado na leiteria, procurando Claire. Encontrou-a — e Jamie também. Ambos estavam completamente vestidos, longe um do outro, e o ar estava tão denso do odor almiscarado de desejo e do cheiro penetrante de sêmen masculino que Roger sentira o sangue ferver em seu rosto, os pelos de seu corpo ficarem eretos.

Seu primeiro instinto fora se virar e ir embora, mas não haveria explicação para isso. Ele dera seu recado a Claire, percebendo os olhos de Jamie sobre ele, afáveis e inquisitivos. Percebendo também a comunicação muda entre os dois, uma vibração invisível no ar, como se eles fossem duas contas enfiadas num arame retesado.

Jamie esperara Roger sair, antes de ele mesmo sair. Pelo canto do olho, Roger percebera um ligeiro movimento, vira um breve toque da mão com que ele a deixara, e mesmo agora sentia um estranho aperto em suas entranhas diante da lembrança.

Soltou o ar com um sopro para amenizar a tensão em seu peito, depois se esticou nas folhas, deixando o sol incidir sobre suas pálpebras cerradas. Ouviu um gemido abafado de Fergus, depois o farfalhar de passos quando o francês fez outra retirada apressada. Fergus comera sauerkraut pouco curado na noite anterior — um fato óbvio a qualquer um que se sentasse perto dele por muito tempo.

Seus pensamentos divagaram novamente para aquele embaraçoso momento na leiteria.

Não era lascívia, nem mesmo simples curiosidade, e no entanto ele frequentemente se pegava observando-os. Via-os da janela da cabana, caminhando juntos à noite, a cabeça de Jamie inclinada para ela, as mãos entrelaçadas às costas. As mãos de Claire moviam-se quando ela falava, erguendo-se longas e brancas no ar, como se ela fosse capturar o futuro e dar-lhe forma, como se entregasse seus pensamentos a Jamie enquanto os externava, objetos lisos e lustrosos, pedaços de ar esculpidos.

Quando percebia o que estava fazendo, observando-os intencionalmente, Roger afastava qualquer sentimento de vergonha por tal intrusão, apesar de pequena. Ele possuía uma razão premente para sua curiosidade; havia algo que ele precisava saber, uma necessidade tão forte que desculpava qualquer falta de educação.

Como era o casamento, afinal?

Ele fora criado na casa de um solteirão. Tendo recebido tudo o que precisava como menino em termos de afeto pelo seu tio-avô e a velha governanta do reverendo, viu que lhe faltava algo como adulto, que ignorava a teia de toques e palavras que mantêm um casal unido. Instinto, por exemplo.

Mas se um amor assim pudesse ser aprendido...

Um toque em seu cotovelo o assustou e ele virou-se bruscamente, lançando um braço adiante do corpo num rápido movimento de defesa. Jamie desviou-se habilmente, evitando o golpe, e sorriu para ele.

Fraser sinalizou na direção da saliência do rochedo.

— Eu os encontrei — ele disse.

Jamie ergueu uma das mãos e Fergus postou-se imediatamente ao seu lado. O francês mal chegava ao ombro do enorme escocês, mas não parecia ridículo. Cobriu os olhos com sua única mão, espreitando na direção para onde Fraser apontara.

Roger aproximou-se deles por trás, olhando para baixo da ribanceira. Um lampejo dardejou por uma clareira lá embaixo, assinalado pela investida violenta de sua fuga. Seu companheiro

chamou de dentro da floresta, um som como o de uma risada estridente. Ele não via mais nada de excepcional embaixo; era o mesmo emaranhado denso de loureiros, nogueiras e carvalhos que existia na encosta da montanha de onde tinham vindo; bem mais abaixo, uma linha densa de árvores altas e desfolhadas marcava o curso do rio.

Fraser o viu e gesticulou para baixo com uma inclinação da cabeça, apontando com o queixo.

— Perto do rio. Está vendo? — ele disse.

A princípio, Roger não viu nada. O próprio rio não era visível, mas ele podia mapear seu curso pela vegetação formada de salgueiros e plátanos desfolhados. Então ele viu; um arbusto se moveu bem abaixo, na encosta, de uma forma diferente dos galhos próximos, agitados pelo vento. Uma guinada brusca e repentina que sacudiu o arbusto como se algo o puxasse, alimentando-se.

— Santo Deus, o que é?

O vislumbre repentino de um corpanzil escuro fora suficiente apenas para lhe dizer que o animal era grande — muito grande.

— Não sei. Maior do que um veado. Um uapiti, talvez. — Fraser olhava intensamente, os olhos estreitados contra o vento. Ele parecia descontraído, o mosquete na mão, mas Roger podia ver sua empolgação.

— Ou quem sabe um alce grande? — Fergus franziu as sobrancelhas sob a mão que sombreava os olhos. — Nunca vi um desses, mas são muito grandes, não é?

— Não. — Roger sacudiu a cabeça. — Quero dizer, sim, mas este não é um deles. Já cacei alce, com os mohawk. Eles não se movem assim. — Tarde demais, ele viu a boca de Fraser contrair-se rapidamente, depois relaxar; por tácito consenso, eles evitavam a menção do cativeiro de Roger entre os mohawk. Fraser, entretanto, não disse nada, apenas balançou a cabeça indicando o emaranhado da floresta embaixo.

Sim, não é veado, nem alce, mas há mais de um. Estão vendo?

Roger estreitou ainda mais os olhos, depois viu o que Fraser estava fazendo, e fez o mesmo — oscilando de um pé para o outro, deliberadamente deixando os olhos vagarem pela paisagem.

Sem nenhuma tentativa de focalizar um único ponto no panorama embaixo, ele podia ver a encosta inteira como uma indistinta colcha de retalhos de cor e movimento — como uma pintura de Van Gogh, ele pensou, e sorriu diante da ideia. Então ele viu o que Jamie vira, e se retesou, todos os pensamentos de arte moderna abandonados.

Aqui e ali, entre os cinza e marrons desbotados e as áreas de vegetação sempre verde, havia uma disjunção, um nó na trama do padrão da natureza — estranhos movimentos, não causados pela precipitação do vento. Cada animal era invisível por si só, mas tornava sua presença conhecida pelo balançar dos arbustos próximos. Santo Deus, de que tamanho seriam? Lá... e lá... ele deixou os olhos vagarem de um lado para o outro, e sentiu um aperto de empolgação no peito e na barriga. Santo Deus, devia haver meia dúzia, pelo menos!

— Eu tinha razão! Eu tinha razão, não tinha, Mac Dubh — MacLeod exclamou, exultante. Seu rosto redondo olhava, radiante, de um para o outro, afogeuado de triunfo. — Eu disse que tinha visto animais, hein?

— Santo Deus, há um rebanho inteiro deles — Evan Lindsay disse, soltando a respiração ruidosamente, fazendo eco ao seu próprio pensamento. O rosto do escocês resplandecia, feroz em sua expectativa. Ele olhou para Jamie.

— Como vai ser, Mac Dubh? Jamie ergueu ligeiramente um dos ombros, ainda espreitando o vale.

— Difícil dizer. Eles estão em terreno aberto. Não podemos encurralá-los em lugar nenhum. — Lambeu um dedo e levantou-o na brisa, depois apontou.

— O vento está vindo do oeste; vamos descer aquele arroio até o sopé da encosta. Então o pequeno Roger e eu passaremos para o lado, perto daquele grande afloramento de rocha, está vendo?

Lindsay balançou a cabeça devagar, um dente da frente torto pressionando a carne macia de seu lábio.

— Eles estão perto do rio. Vocês dão a volta, mantendo uma boa distância até chegarem àquele grande cedro, estão vendo? Sim, então se espalhem, dois para cada margem do rio. Evan é o melhor atirador, ele deve ficar preparado. Roger Mac e eu chegaremos por trás da manada, para conduzi-los na direção de vocês.

Fergus balançou a cabeça, examinando o terreno lá embaixo.

— Entendido. E se eles nos virem, entrarão naquele pequeno desfiladeiro e ficarão encurralados. Ótimo. Allonsy!

Gesticulou imperiosamente para os outros, o gancho brilhando ao sol. Depois fez uma careta, a mão na barriga, enquanto um longo e sonoro peido perturbava o silêncio da floresta. Jamie lançou lhe um olhar pensativo.

— Mantenha-se a favor do vento, hein? — ele disse.

Era impossível avançar silenciosamente pelas camadas de folhas secas, mas Roger pisava com a maior leveza possível. Vendo Jamie

carregar e preparar a própria arma, Roger fizera o mesmo, sentindo uma mistura de empolgação e temor diante do cheiro ácido de pólvora. Pela impressão que tivera do tamanho dos animais que estavam seguindo, talvez até ele tivesse a chance de abater um deles.

Deixando de lado suas dúvidas, parou por um instante, virando a cabeça de um lado para o outro para ouvi-los. Nada além da leve precipitação do vento através dos galhos desfolhados acima e o murmúrio distante da água. Um pequeno estalo soou no mato à frente e ele viu de relance uma cabeleira ruiva. Segurou a coronha na mão, a madeira quente e sólida na palma, o cano voltado para cima sobre seu ombro, e prosseguiu.

Rodeando uma moita de sumagre furtiva e cuidadosamente, Roger sentiu algo ceder repentinamente sob seu pé, e deu um salto para trás para manter o equilíbrio. Olhou para onde pisara e, apesar da imediata decepção, sentiu uma grande vontade de rir.

— Jamie! chamou, sem se importar mais com silêncio ou discrição. Os cabelos brilhantes de Jamie despontaram através de uma cortina de loureiros, e ele apareceu. Ele não disse nada, mas levantou uma grossa sobrancelha inquisitivamente.

— Não sou um grande rastreador — Roger disse, apontando para baixo, — mas sei no que acabo de pisar. — Raspou a lateral do sapato num tronco caído e apontou com o pé. — O que você acha que andamos perseguindo esse tempo todo?

Jamie parou de repente, estreitando os olhos, depois deu um passo à frente e agachou-se ao lado do borão marrom. Cutucou-o com o dedo indicador, depois ergueu os olhos para Roger com uma expressão ao mesmo tempo divertida e consternada.

— Incrível! — ele exclamou. Ainda agachado, virou a cabeça, franzindo o cenho enquanto inspecionava a mata virgem ao redor. — Mas o que estarão fazendo aqui? — murmurou.

Levantou-se, protegendo os olhos com a mão enquanto olhava para o arroio, onde o sol, baixo no horizonte, ofuscava através dos galhos.

— Não faz sentido — ele disse, investigando as sombras. — Existem apenas três vacas em Ridge e eu vi duas delas sendo ordenhadas hoje de manhã. A terceira pertence a Bobby MacLeod e eu imagino que ele saberia se fosse a própria vaca que ele tivesse visto. Além disso... — Virou-se lentamente no próprio calcanhar, olhando para cima da íngreme encosta que haviam acabado de descer.

Não precisava falar. Só uma vaca de paraquedas poderia ter descido por ali.

— Há mais de uma... muito mais — Roger disse. — Você viu.

— Sim, é verdade. Mas de onde vieram? — Jamie olhou para ele, franzindo o cenho, perplexo. — Os índios não criam gado, especialmente não nesta estação do ano; já teriam abatido qualquer animal que tivessem e defumado a carne. E não há nenhuma fazenda em cinquenta quilômetros de onde pudessem ter vindo.

— Talvez um rebanho selvagem? — Roger sugeriu. — Fugido há muito tempo e vagando por aí? — A especulação surgiu nos olhos de Jamie, fazendo eco ao esperançoso ronco do estômago de Roger

— Se for assim, serão presa fácil — Jamie disse. O ceticismo transpareceu em sua voz, mesmo quando sorriu. Inclinou-se e tirou uma pequena amostra do monturo de excremento, esmigalhou-a com o polegar e lançou-a fora.

— Muito fresco — disse — Estão próximos. Vamos

Em meia hora de caminhada, emergiram na margem do rio que viram do alto. Era largo e raso naquele ponto, com salgueiros arrastando seus galhos pendentes e sem folhas na água. Nada se movia, a não ser um reflexo do sol nos rifles, mas era óbvio que as vacas haviam estado ali; a lama na margem do rio estava revirada, as marcas dos cascos começando a secar, e em determinado lugar as plantas murchas tinham sido pisoteadas, formando uma longa e suja poça, onde algo grande havia se espojado.

— Por que não pensei em trazer corda — Jamie murmurou, abrindo caminho em meio aos salgueiros novos da margem, conforme davam volta à poça. — Carne é uma coisa, mas leite e queijo seriam — O murmúrio desapareceu gradualmente quando ele começou a se afastar do rio, seguindo uma trilha de folhagem destruída que levava de volta para dentro da floresta

Sem falar, os dois homens se espalharam, caminhando cuidadosamente. Roger ouvia com toda atenção o silêncio da floresta. Tinham que estar por perto; mesmo um olho inexperiente como o de Roger percebera os sinais recentes. E no entanto a floresta tinha a quietude do outono, o silêncio quebrado apenas por um corvo, crocitando a distância. O sol estava baixo no horizonte, enchendo o ar da floresta com uma névoa dourada. Estava ficando perceptivelmente mais frio; Roger atravessou uma área sombreada e estremeceu, apesar do seu casaco. Logo teriam que achar os outros e acampar; o crepúsculo se aproximava. Uma fogueira seria bom. Especialmente se tivessem alguma coisa para assar sobre ela.

Estavam descendo agora, na direção de um pequeno vale onde filetes de neblina de outono erguiam-se da terra à medida que ela esfriava. Jamie estava alguma distância à frente, caminhando com tanta determinação quanto o terreno acidentado permitia; a trilha

ainda era visível para ele, apesar da vegetação cerrada.

Um rebanho bovino não podia simplesmente desaparecer, pensou, mesmo numa neblina densa como essa. A não ser que pertencesse às fadas da floresta. E nisso ele não estava preparado para acreditar, apesar do silêncio sobrenatural da mata naquele ponto

— Roger — Jamie chamou baixinho, mas Roger estava ouvindo com tanta atenção que localizou seu sogro imediatamente, a uma certa distância à sua direita. Jamie sacudiu a cabeça indicando algo próximo. — Veja.

Ele afastou um arbusto grande e espinhoso, expondo o tronco de um enorme plátano. Parte da casca havia sido raspada, deixando uma área esbranquiçada, exsudando seiva, na casca cinzenta.

— As vacas se esfregam deste jeito? — Roger olhou em dúvida para o lugar esfolado no tronco, em seguida pegou uma mecha de pelos escuros e lanosos, arrancados pela casca áspera.

— Sim, às vezes — Jamie respondeu. Aproximou-se, sacudindo a cabeça enquanto examinava o emaranho marrom-escuro na mão de Roger. — Mas nunca vi uma vaca com pelos assim. Ora, parece...

Algo se moveu ao lado de Roger e ele se virou, deparando-se com uma monstruosa cabeça escura espreitando por cima de seu ombro. Um olho minúsculo e vermelho-escuro fitou os seus e ele soltou um grito, dando uma guinada para trás. Ouviu-se um estrondo quando sua arma disparou, seguido de uma investida e um baque surdo, e ele estava caído, abraçando o tronco de uma árvore, completamente sem ar e com uma vaga noção de um vulto escuro e peludo, e de uma força que o enviara pelos ares como uma folha ao vento.

Sentou-se, arfando, e viu Jamie de joelhos, remexendo freneticamente nas folhas à cata da arma de Roger.

— Levante-se! — ele gritou. — Levante-se, Roger! Meu Deus, é um búfalo! Logo ele já estava de pé, seguindo Jamie. Ainda sem ar, mas correndo, a arma na mão sem nenhuma lembrança clara de como fora parar ali, o chifre de pólvora batendo contra seu quadril.

Jamie saltava como um cervo pelo meio dos arbustos, a capa enrolada, balançando contra suas costas. A floresta não estava mais silenciosa; à frente, ouviam-se estalidos e pancadas, e bramidos, surdos e resfolegantes.

Ele alcançou Jamie na subida da encosta; começaram a escalar com dificuldade, os pés escorregando nas folhas úmidas, os pulmões queimando do esforço; ao chegarem ao topo da subida, depararam-se com um longo declive, salpicado de mudas de pinheiros e nogueiras, altas e esguias.

Lá estavam eles; oito ou nove das bestas enormes, felpudas, agrupando-se, conforme estrondavam pela colina abaixo, separando-se para se desviar de moitas e árvores. Jamie deixou-se cair sobre um dos joelhos, suspirou e atirou, sem nenhum efeito visível.

Não havia tempo para parar e recarregar; tinham que manter a manada à vista. Uma curva do rio brilhou através das árvores, embaixo, à direita. Roger precipitou-se ladeira abaixo, numa descarga de adrenalina, o cantil e a caixa de balas voando, o coração estrondando como os cascos da manada de búfalos. Podia ouvir Jamie berrando atrás dele, gritando exortações em gaélico.

Uma exclamação em tom diferente fez Roger olhar para trás. Jamie parara, o rosto paralisado de choque. Antes que Roger pudesse gritar para ele, a expressão de choque transformou-se em fúria. Com os dentes arreganhados, ele agarrou a arma pelo cano e golpeou a coronha com uma terrível pancada surda. Praticamente sem parar, ergueu a arma e deu novo golpe — e outra vez, os ombros girando com o esforço.

Relutantemente abandonando a caça, Roger virou-se e começou a subir a encosta na direção de Jamie.

— O quê...? Então ele viu, e sentiu os pelos de seu corpo se eriçarem numa onda de repugnância. Rolos marrons contorciam-se entre os tufos de capim, grossos e escamosos. Uma das pontas da cobra fora golpeada até se transformar numa polpa, e seu sangue manchava a coronha do mosquete de Jamie, mas o corpo continuava a se contorcer, como um verme e acéfalo.

— Pare! Está morta. Está me ouvindo? Pare, eu disse para parar! — Agarrou o braço de Fraser, mas seu sogro livrou-se com um safanão e desceu a coronha da arma mais uma vez sobre o animal. Então, realmente parou, e ficou de pé, tremendo violentamente, parcialmente apoiado em sua arma.

— Meu Deus! O que aconteceu? Ela o mordeu?

— Sim, na perna. Eu pisei nela. — O rosto de Jamie estava lívido. Ele olhou para o corpo ainda se torcendo e um profundo estremecimento percorreu seu corpo outra vez.

Roger reprimiu seu próprio tremor e segurou o braço de Fraser.

— Venha. Sente-se, vamos dar uma olhada.

Tropeçando, Jamie andou e deixou-se desabar sobre um tronco caído. Tateou, procurando a boca da meia, os dedos trémulos. Roger afastou a mão de Jamie e tirou a bota e a meia do pé direito. As marcas das presas da serpente eram nítidas, duas perfurações vermelho-escuras na panturrilha de Fraser. A carne ao redor dos furos

tinham um tom azulado, visível mesmo à luz dourada do sol poente.

— É venenosa. Tenho que cortar. — Roger sentiu a boca seca, mas estranhamente calmo, sem nenhuma sensação de pânico. Tirou a faca da cintura, pensou rapidamente em esterilização e descartou a ideia. Perderia minutos preciosos acendendo um fogo e não havia absolutamente nenhum tempo a perder.

— Espere. — Fraser ainda estava pálido, mas parara de tremer. Pegou o pequeno frasco de uísque da cintura e despejou um pouco do líquido sobre a lâmina da faca, depois entornou algumas gotas nos dedos e esfregou a bebida sobre o ferimento. Torceu ligeiramente o canto da boca para Roger, pretendendo esboçar um sorriso.

— Claire faz isso, quando vai cortar alguém. — Ele inclinou-se para trás, as mãos apoiadas no tronco coberto de musgo, e fez um sinal com a cabeça. Pode ir em frente.

Mordendo o lábio em concentração, Roger pressionou a ponta da faca na pele, logo acima de uma das marcas. A pele era surpreendentemente resistente e flexível; a faca fez um pequeno corte, mas não penetrou. Fraser inclinou-se para a frente e segurou a mão de Roger; ele empurrou, com um gemido rouco e doloroso, e a faca afundou-se de repente, dois centímetros ou mais. O sangue brotou ao redor da lâmina; a mão que envolvia a de Roger deixou-se cair.

— De novo. Com força e rápido, rapaz, pelo amor de Deus. — A voz de Jamie era firme, mas Roger sentiu límpidas gotas de suor caírem do rosto de Fraser em sua mão, quentes e depois frias em sua pele.

Preparou-se para a força necessária, enfiou a ponta da faca com força e cortou rapidamente — duas marcas em X sobre as picadas, exatamente como os guias de primeiros socorros haviam dito. Os cortes sangravam profusamente, o sangue escorrendo copiosamente. Mas isso era bom, ele pensou. Ele precisava cortar fundo; o suficiente para ir além do veneno. Deixou cair a faca e abaixou-se, a boca nos ferimentos.

Não havia pânico, mas sua sensação de urgência aumentava. Com que rapidez o veneno se espalhava? Ele não dispunha de mais do que alguns minutos, talvez menos. Roger sugou com todas as forças, o sangue enchendo sua boca com o gosto de metal quente. Sugava e cuspiu, num frenesi silencioso, o sangue respingando nas folhas amarelas, os pelos da perna de Fraser ásperos contra seus lábios. Com a peculiar difusão da mente que ocorre numa emergência, uma dúzia de pensamentos fugidios passaram pela sua mente ao mesmo tempo, mesmo quando ele dedicava toda a sua atenção ao que estava fazendo.

A maldita cobra estaria mesmo morta?

Seria muito venenosa?

O búfalo teria escapado?

Santo Deus, ele estaria fazendo aquilo de modo certo?

Brianna o mataria se ele deixasse seu pai morrer. Claire também.

Sentia uma terrível cãibra na coxa direita.

Onde estariam os outros? Fraser deveria chamá-los — não, ele estava chamando, berrava em algum lugar fora do alcance de Roger. A carne da perna que Roger segurava ficara dura como uma rocha, os músculos rígidos sob os dedos pressionados.

Algo agarrou seus cabelos na nuca e torceu, forçando-o a parar. Ele ergueu os olhos, arfando.

— Já basta, hein? — Jamie disse docilmente. — Assim você vai drenar todo o meu sangue. — Ele remexeu cuidadosamente o pé descalço, olhando para a perna com a expressão contorcida. Os cortes eram vívidos, ainda exsudando sangue, e a carne ao redor estava inchada com a sucção, manchada e contundida.

Roger sentou-se sobre os calcanhares, tentando recuperar o fôlego.

— Fiz... um estrago maior... do que a cobra.

Sua boca encheu-se de saliva; ele tossiu e cuspiu. Silenciosamente, Fraser ofereceu-lhe o frasco de uísque; ele bochechou com um gole e cuspiu outra vez, depois bebeu sofregamente.

— Tudo bem? — Limpou o queixo com as costas da mão, ainda sentindo gosto de ferro, e fez um sinal com a cabeça, indicando a perna macerada.

— Estou bem. — Jamie ainda estava pálido, mas um dos cantos de sua boca torceu-se para cima. — Vá ver se os outros estão à vista.

Não estavam; a visão de cima do ressalto da rocha não mostrava nada além de um oceano de galhos desfolhados, balançando-se de um lado para o outro. O vento ficara mais forte. Se a manada ainda se movesse ao longo do rio, não havia vestígio visível, nem dela, nem dos caçadores.

Rouco de gritar ao vento, Roger retornou pela descida. Jamie movera-se um pouco, encontrando um lugar protegido entre as rochas ao pé de um enorme abeto balsâmico. Ele estava sentado, as costas contra uma rocha e as pernas esticadas para a frente, um lenço amarrado ao redor da perna ferida.

— Nem sinal de ninguém. Consegue andar? — Roger inclinou-se sobre seu sogro e ficou alarmado de vê-lo afogueado e suando copiosamente, apesar do frio crescente.

Jamie sacudiu a cabeça e gesticulou na direção da perna.

— Posso, mas não por muito tempo. — A perna estava visivelmente inchada perto da mordida e o tom azulado havia se espalhado; via-se um leve tom azulado de cada lado do lenço amarrado.

Roger sentiu a primeira pontada de angústia. Ele fizera tudo que sabia fazer; os guias de primeiros socorros sempre apresentavam como próximo passo no tratamento de mordida de cobra: “Imobilize o membro e leve o paciente para o hospital o mais rápido possível.” O corte e a sucção destinavam-se a retirar o veneno da ferida, mas obviamente ainda restara muito veneno, espalhando-se lentamente pelo corpo de Jamie Fraser. Ele não fora rápido o bastante para tirar tudo — é que havia tirado algum. E o mais próximo de um hospital — Claire e suas ervas — estavam a um dia de caminhada dali.

Roger abaixou-se lentamente sobre as ancas, perguntando-se o que fazer em seguida. Imobilize o membro — bem, isso fora eficientemente providenciado, qualquer que fosse o benefício.

— Dói muito? — ele perguntou, embaraçado.

— Dói.

Com essa resposta nada proveitosa, Jamie recostou-se na pedra e fechou os olhos. Roger ajeitou-se sobre um feixe de agulhas secas de pinheiros, tentando pensar.

Estava escurecendo rapidamente; o pouco calor do dia havia desaparecido e as sombras sob as árvores haviam adquirido a aparência azul-escura da noite, embora não pudesse ser muito mais de quatro horas. Obviamente, eles não iriam a lugar algum esta noite; a orientação nas montanhas era quase impossível no escuro, ainda que Fraser pudesse andar. Se os outros estivessem ali, podiam se revezar carregando-o — mas isso seria melhor do que deixá-lo onde estava? Embora ele desejasse ardentemente que Claire estivesse ali, o bom senso lhe dizia que nem mesmo ela poderia fazer muita coisa — exceto, talvez, confortar Jamie se ele fosse morrer...

O pensamento deu um nó em suas entranhas. Afastando-o com determinação, enfiou a mão em sua bolsa, verificando os suprimentos. Ainda tinha uma pequena quantidade de panquecas em sua bolsa; água nunca era uma dificuldade nestas montanhas — através do barulho das árvores, podia ouvir o gorgolejar de um córrego nas proximidades. Mas era melhor ele começar a juntar lenha enquanto ainda estava claro.

— É melhor fazermos uma fogueira. — Jamie falou repentinamente, surpreendendo Roger com o eco de seu próprio pensamento. Jamie abriu os olhos e olhou para uma das mãos, virando-a para cima e para baixo, como se nunca a tivesse visto antes.

— Sinto alfinetadas nos meus dedos — ele observou com interesse. Tocou o rosto com uma das mãos. — Aqui também. Meus lábios ficaram dormentes. Sabe se isso é comum?

Não sei. Creio que sim, se você andou bebendo o uísque. — Era uma fraca tentativa de pilheriar, mas ficou aliviado de vê-la recebida com uma ligeira risada.

— Não. — Jamie tocou o frasco ao seu lado. — Achei que poderia precisar dele mais tarde.

Roger respirou fundo e se levantou.

— Certo. Fique aqui, não deve se mexer. Vou buscar lenha. Os outros provavelmente verão a luz da fogueira. — Os outros homens não seriam de nenhuma ajuda em particular, ao menos não até de manhã, mas seria um conforto não ficar sozinho.

— Traga a cobra também — Jamie gritou atrás dele. — Elas por elas; comeremos um pedaço dela no jantar!

Exibindo um largo sorriso apesar da preocupação atual, Roger deu um aceno tranquilizador e virou-se para a descida da encosta.

Quais seriam as chances?, ele se perguntara, abaixando-se para extrair um grosso nó de pinho da madeira macia de uma tora apodrecida. Fraser era um homem robusto, vigoroso, com perfeita saúde. Certamente, ele iria sobreviver.

No entanto, as pessoas realmente morriam de mordida de cobra, e não era raro; na semana anterior ele soubera do caso de uma mulher alemã, perto de High Point; quando se abaixou para pegar um galho de sua pilha de lenha, foi atacada direto na garganta por uma cobra que estava escondida ali, e morrera em questão de minutos. Ao enfiar a mão embaixo de um arbusto para pegar um galho seco, esse pensamento lhe ocorreu e ele apressadamente retirou a mão desprotegida, o braço arrepiando-se de imediato. Censurando-se por sua estupidez, pegou uma vara e cuidadosamente remexeu o monte de folhas secas, antes de cautelosamente enfiar a mão ali outra vez.

Não conseguia deixar de olhar para a encosta de vez em quando, sentindo uma pontada de alarme sempre que Fraser ficava fora de vista. E se ele desmaiasse antes de Roger voltar?

Então relaxou um pouco quando se lembrou. Não, estava tudo bem. Jamie não iria morrer esta noite, nem de mordida de cobra, nem de frio. Não era possível; ele estava destinado a morrer dali a alguns anos, num incêndio. Ao menos uma vez, o agouro do futuro significava maior tranquilidade no presente. Respirou fundo e soltou o ar com alívio, depois se preparou para ir pegar a cobra.

Ela estava imóvel agora, obviamente morta. Ainda assim, precisou

de certa força de vontade para recolher o animal. Tinha o mesmo diâmetro de sua cintura e cerca de um metro e vinte de comprimento. Ela começara a enrijecer; por fim, ele foi obrigado a estendê-la sobre a braçada de lenha, como um galo escamoso. Vendo-a assim, ele não teve dificuldade em imaginar como a cobra que mordera a alemã passara despercebida; os marrons e cinzas sutis de seus desenhos tornavam-na quase invisível contra o fundo.

Jamie removeu a pele do animal enquanto ele acendia a fogueira. Observando pelo canto do olho, pôde ver que seu sogro estava fazendo um trabalho excepcionalmente malfeito; a dormência em suas mãos devia estar piorando. Mesmo assim, ele continuou obstinadamente, retalhando o corpo da cobra, enfiando pedaços da carne branca e crua num galho pequeno, parcialmente descascado, com dedos trêmulos.

Terminado o trabalho, Jamie estendeu a vareta na direção do fogo incipiente e quase a deixou cair. Roger agarrou-a e sentiu, através da pequena vara, o tremor que sacudia a mão e o braço de Jamie.

— Você está bem? — ele perguntou, e automaticamente estendeu a mão para a testa de Jamie. Fraser deu um puxão para trás, surpreso e ligeiramente indignado.

— Sim — ele disse, mas depois parou. — Sim, bem... eu realmente me sinto um pouco estranho — admitiu.

Era difícil dizer na luz incerta, mas Roger achou que ele parecia bem mais do que um pouco estranho.

— Por que não se deita um pouco? — sugeriu, tentando soar despreocupado. — Durma, se conseguir; eu o acordarei quando a carne estiver pronta.

Jamie não argumentou, o que assustou Roger mais do que qualquer outra coisa até então. Ele enroscou-se num monte de folhas, movendo a perna ferida com um cuidado que mostrou a Roger exatamente o quanto deveria estar doendo.

A carne de cobra gotejava e chiava, e apesar de uma certa repugnância de comer cobra, Roger sentiu o estômago roncar de expectativa; na verdade, cheirava a galinha assada! Não pela primeira vez, ele refletiu sobre a linha fina que separava o apetite da fome; dê ao mais refinado gourmet um ou dois dias sem comida e ele comeria lesmas e lagartos sem a menor hesitação; Roger o fizera, em sua jornada de volta da viagem de levantamento topográfico das terras.

Ele mantinha um olho em Jamie; ele não se movia, mas Roger podia vê-lo estremecer de vez em quando, apesar das chamas agora fortes da fogueira. Seus olhos estavam cerrados, o rosto parecia vermelho, mas isso podia ser apenas a luz do fogo — não dava para saber sua verdadeira cor.

Quando a carne finalmente ficou cozida, a noite já caíra. Roger buscou água, depois empilhou braçadas de capim seco e lenha na fogueira, fazendo as chamas saltarem e tremularem, mais altas do que sua cabeça; se os outros homens estivessem em algum ponto a um ou dois quilômetros, deveriam vê-las.

Fraser ergueu-se com dificuldade para comer. Era evidente que ele não tinha nenhum apetite, mas forçava-se a mastigar e engolir, cada mordida um esforço tenaz. O que seria?, Roger se perguntou. Simples teimosia? Uma ideia de vingança contra a cobra? Ou quem sabe alguma superstição das Highlands, a ideia de que consumir a carne do réptil pudesse ser uma cura para sua mordida?

— Os índios sabiam o que fazer para mordida de cobra? — Jamie perguntou abruptamente, emprestando algum crédito à última suposição.

— Sim — Roger respondeu cautelosamente. — Tinham raízes e ervas que misturavam com excremento ou fubá quente, para fazer um emplastro.

— E funcionava? — Fraser segurava um pequeno pedaço de carne na mão, o pulso caído, como se ele estivesse cansado demais para levar a carne à boca.

— Eu só vi isso ser feito duas vezes. Uma vez, pareceu funcionar perfeitamente, nenhum inchaço, nenhuma dor. A menina ficou completamente recuperada na noite do mesmo dia. Da outra vez... não funcionou. — Ele só vira o corpo enrolado numa pele de animal sendo levado da casa principal, não testemunhou os terríveis detalhes da morte. No entanto, ele iria ter outra chance de ver de perto os efeitos de uma mordida de cobra. Fraser resmungou

— E o que fariam em sua própria época?

— Dar-lhe uma injeção de algo chamado antídoto.

— Uma injeção, hein? — Jamie não pareceu entusiasmado. — Claire fez isso comigo, uma vez. Não gostei nem um pouco.

— E funcionou?

Jamie apenas grunhiu em resposta, depois arrancou outro pequeno pedaço de carne entre os dentes

Apesar de sua preocupação, Roger comeu avidamente sua parte da carne, e também a parte da refeição de Jamie que ele não comera. O céu estendia-se negro e estrelado no alto, e um vento frio movia-se entre as árvores, enregelando mãos e rosto

Ele enterrou os restos da cobra — tudo de que não precisavam agora era que algum animal carnívoro aparecesse, atraído pelo cheiro de sangue — e alimentou o fogo, o tempo inteiro prestando atenção a

algum grito do escuro. Não se ouviu nenhum som, além do gemido do vento e os estalidos dos galhos; estavam sozinhos.

Fraser tirara sua camisa de caçar, apesar do frio, e estava sentado com os olhos fechados, oscilando ligeiramente. Roger agachou-se ao lado dele e tocou em seu braço. Santo Deus O sujeito estava ardendo em febre.

Entretanto, Jamie abriu os olhos e sorriu debilmente. Roger ergueu uma caneca de água, Jamie balançou a cabeça e pegou a caneca desajeitadamente. A perna estava grotescamente inchada abaixo do joelho, quase o dobro do tamanho normal. A pele exibia manchas vermelho-escuras irregulares, como se algum súcubo tivesse vindo colocar sua boca faminta sobre a carne e depois partido, insatisfeito.

Roger imaginou desconfortavelmente se ele poderia, talvez, estar errado. Até então, estivera convicto de que o passado não podia ser mudado; por conseguinte, a hora e as circunstâncias da morte de Fraser estavam determinadas — daí a uns quatro anos no futuro. Se não fosse por essa certeza, entretanto, ele pensou, ele estaria extremamente preocupado com o aspecto de Jamie. Até que ponto ele poderia ter certeza, afinal?

— Você poderia estar enganado — Jamie abaixara a caneca e o fitava com um olhar firme e azul.

— Sobre o quê? — ele perguntou, assombrado de ver seu pensamento dito em voz alta. Ele teria murmurado consigo mesmo, sem perceber?

— Sobre a mudança. Você disse que achava impossível mudar a história. Mas e se você estiver errado?

Roger inclinou-se para atizar o fogo.

— Não estou errado — ele disse com firmeza, tanto para si mesmo quanto para Fraser. — Pense bem. Você e Claire. Vocês tentaram impedir Carlos Stuart, mudar o que ele fez, e não conseguiram. Não pode ser feito.

— Não é bem assim — Fraser objetou. Reclinou-se para trás, os olhos semicerrados contra a claridade do fogo.

— O que não é bem assim?

— É verdade que fracassamos em impedir o Levante, mas isso não dependia apenas de nós e dele, havia muitas outras pessoas envolvidas. Os chefes de clã que o seguiram, os desgraçados irlandeses que o bajulavam. Até mesmo Luís. Ele e o seu ouro.

Ele abanou a mão, descartando o argumento.

— Mas isso não faz diferença. Você disse que Claire e eu não conseguimos impedi-lo... e é verdade, não pudemos impedir o começo.

Mas talvez pudéssemos impedir o final.

— Culloden, você quer dizer? — Roger fitou o fogo, lembrando-se vagamente daquele dia distante quando Claire contou a ele e Brianna pela primeira vez a história das pedras, e de Jamie Fraser. Sim, ela falara de uma última oportunidade, a chance de evitar o massacre final dos clãs...

Ergueu os olhos para Fraser.

— Matando Carlos Stuart?

Sim. Se tivéssemos feito isso... mas nem ela nem eu conseguimos nos obrigar a isso. — Seus olhos estavam quase fechados, mas ele virava a cabeça agitadamente, obviamente desconfortável. — Tenho pensado muitas vezes nisso, se foi por decência... ou covardia.

— Ou talvez por outra coisa — Roger disse abruptamente. — Você não sabe. Se Claire tivesse tentado envenená-lo, tenho certeza de que algo teria acontecido; o prato teria entornado, um cachorro o teria comido, uma outra pessoa teria morrido, não teria feito nenhuma diferença!

Os olhos de Fraser abriram-se devagar.

— Então você acha que tudo já está determinado, não é? Um homem não tem nenhuma liberdade de escolha? — Esfregou a boca com as costas da mão. — E quando você resolveu voltar, por Brianna, e depois outra vez, por ela e pela criança... não foi absolutamente escolha sua, hein? Você estava destinado a fazer isso?

— Eu... — Roger interrompeu, as mãos crispadas nas coxas. O fedor dos porões do Gloriana repentinamente pareceu se sobrepor ao cheiro de madeira queimada. Então ele relaxou e deu uma risada. — Que maldita hora para filosofar, hein?

— Sim, bem — Fraser falou, muito suavemente. — É que talvez eu não tenha outra hora. — Antes que Roger pudesse protestar, ele continuou: — Se não há livre escolha... então, não há pecado nem redenção, não é?

— Santo Deus — Roger murmurou, afastando para trás os cabelos na testa. — Comece com Hawkeye e termine embaixo de uma árvore com o maldito Agostinho de Hipona!

Jamie ignorou-o, concentrado em seu argumento.

— Nós escolhemos... Claire e eu. Não cometeríamos assassinato. Não derramaríamos o sangue de um homem; mas o sangue de Culloden então recai sobre nós? Não cometeríamos o pecado... mas, ainda assim, o pecado vem ao nosso encontro?

— Claro que não. — Roger levantou-se, inquieto, e ficou atijando o fogo.

— O que aconteceu em Cullogen não foi culpa sua, como poderia ser? Todos os homens que participaram disso... Murray, Cumberland, todos os chefes de clãs... não foi uma façanha de um único homem!

— Então, você acha que tudo está determinado? Estamos condenados ou salvos desde o nascimento, e nada pode mudar isso? E você, que é filho de um reverendo! — Fraser emitiu uma espécie de risadinha seca.

— Sim — Roger disse, sentindo-se ao mesmo tempo embaraçado e incontrolavelmente furioso. — Quer dizer, não. Eu não acho isso. É somente que... bem, se alguma coisa já aconteceu de um jeito, como pode acontecer de modo diferente?

— É só você que pensa que aconteceu — Fraser ressaltou.

— Eu não penso, eu sei!

Mmmhmm. Sim, porque você veio do outro lado; está atrás de você. Então, talvez, você não possa mudar alguma coisa, mas eu poderia, porque ainda está à minha frente?

Roger passou a mão com força pelo rosto.

— Isso não — ele começou, mas parou. Como ele podia dizer que aquilo não fazia sentido? Às vezes, ele achava que mais nada no mundo fazia sentido.

— Talvez — disse, exausto. — Só Deus sabe; eu, não.

Sim. Bem, imagino que logo iremos descobrir.

Roger olhou incisivamente para ele, ouvindo um tom estranho em sua voz.

O que quer dizer com isso?

— Você acha que sabe que eu morro daqui a três anos — Fraser disse calmamente. — Se eu morrer hoje, então você estará errado, não é? O que acha que aconteceu não terá acontecido... e então o passado pode ser mudado, certo?

— Você não vai morrer! — Roger retrucou com veemência. Olhou furiosamente para Fraser, desafiando-o a contradizê-lo.

— Fico feliz em ouvir isso — Fraser disse. — Mas acho que vou tomar um pouco do uísque agora. Tire a rolha para mim, sim? Meus dedos se recusam.

As próprias mãos de Roger estavam longe de estar firmes. Talvez fosse apenas o calor da febre de Fraser que fazia sua própria pele parecer fria quando ele segurou o frasco para que seu sogro bebesse. Duvidava que uísque fosse recomendável para mordida de cobra, mas não era provável que fizesse muita diferença agora.

— Deite-se — ele disse, irritadamente, depois que Jamie terminou.

-Vou buscar um pouco mais de madeira.

Ele não conseguia se manter parado, havia madeira suficiente à mão, mas mesmo assim ele vagou pela escuridão, apenas mantendo a fogueira à vista.

Ele tivera muitas noites assim; sozinho sob uma amplidão tão grande do céu que ficava tonto só de olhar para cima, enregelado até os ossos, movendo-se para se manter aquecido. As noites em que ele se debatera com a escolha, agitado demais para se deitar numa confortável cavidade de folhas, atormentado demais para dormir.

A escolha fora clara na ocasião, mas difícil de ser feita: Brianna de um lado e tudo o que vinha com ela; amor e perigo, dúvida e medo. E, do outro, a garantia. O conhecimento de quem e do que ele era — uma certeza que ele havia renegado, pela mulher que era dele... e pela criança que poderia ser.

Ele havia escolhido. Droga, ele havia escolhido! Nada o obrigara, ele próprio fizera a escolha. E se isso significasse reconstruir a si mesmo do início, ele havia também escolhido isso! E ele escolhera beijar Morag, também. Sua boca contorceu-se diante do pensamento, ele tinha até menos noção das consequências desse pequeno ato isolado.

Um pequeno eco reverberou em sua mente, uma voz suave, distante, nas sombras de sua memória.

“... o que eu nasci não importa, somente aquilo em que me tornarei, somente aquilo que virei a ser.”

Quem havia escrito isso?, ele se perguntou. Montaigne? Locke? Um dos malditos iluministas, eles e suas ideias de destino e do indivíduo. Gostaria de ver o que eles teriam a dizer sobre viagem no tempo! Então ele se lembrou onde ele havia lido isso, e um calafrio percorreu sua medula espinhal.

Este é o grimoire da bruxa, Geillis. É um nome de bruxa e eu o adoto para mim; o que eu nasci não importa, somente aquilo em que me tornarei, somente aquilo que virei a ser.

— Certo! — ele disse em voz alta, em tom desafiador. — Certo, você também não conseguiu mudar nada, não é, vovó?

Um ruído veio da floresta atrás dele e os cabelos de sua nuca se eriçaram antes mesmo de reconhecer o som; não era uma risada, como ele pensara no começo — apenas o grito distante de uma pantera.

Mas ela conseguira mudar, ele pensou repentinamente. É verdade, ela não conseguira fazer de Carlos Stuart um rei, mas fizera muitas outras coisas. E agora que pensava no assunto... Ela e Claire, ambas haviam feito alguma coisa que certamente causou mudanças, tiveram

filhos de homens de outra época. Brianna... Wilham Buccleigh — e quando ele pensava no efeito que esses dois nascimentos haviam tido em sua própria vida, sem falar de mais nada...

Isso teve que mudar as coisas, não? Sentou-se devagar num tronco caído, sentindo a casca fria e úmida sob ele. Sim, mudou. Para citar uma pequena consequência, sua própria existência era o resultado de Geilie Duncan ter se incumbido de seu próprio destino. Se Geilie não tivesse dado à luz um filho de Dougal MacKenzie... claro, ela não escolhera fazer isso.

Mas será que a intenção fazia alguma diferença? Ou era esse exatamente o ponto que ele discutira com Jamie Fraser?

Levantou-se e deu a volta na fogueira, silenciosamente, espreitando as trevas. Fraser estava deitado, uma forma enroscada no escuro, absolutamente imóvel.

Caminhou devagar, mas seus pés trituravam as agulhas dos pinheiros. Fraser não se moveu. Seus olhos estavam cerrados. As manchas haviam se espalhado para seu rosto. Roger viu que suas feições tinham uma aparência espessa, congestionada, os lábios e as pálpebras ligeiramente inchados. A luz bruxuleante do fogo, era impossível saber se ele ainda estava respirando.

Roger ajoelhou-se e sacudiu-o com força.

— Ei! Ainda está vivo? — Pretendera dizer isso de forma brincalhona, mas o medo em sua voz ficou evidente aos seus próprios ouvidos

Fraser não se mexeu. Então um único olho abriu-se parcialmente.

— Sim — ele murmurou. — Mas não estou gostando nada.

Roger não saiu mais de perto. Limpou o rosto de Jamie com um pano úmido, ofereceu-lhe mais uísque — que foi recusado — e sentou-se ao lado da forma deitada, atento a cada respiração áspera e ruidosa.

Contra sua vontade, viu-se fazendo planos, prosseguindo de uma indesejável suposição a outra. E se o pior acontecesse? Contra sua vontade, achou possível; vira várias pessoas morrerem que nem sequer pareciam tão mal quanto Fraser agora.

Se o pior realmente acontecesse, e os outros não tivessem retornado, ele teria que enterrar Jamie. Não podia nem carregar o corpo, nem deixá-lo exposto; não com panteras e outros animais por perto.

Seu olhar vagou apreensivamente pelas cercanias. Pedras, árvores, moitas — tudo lhe parecia estranho, as formas parcialmente camufladas pela escuridão, os contornos parecendo ondular e mudar na claridade bruxuleante, o vento gemendo como uma fera andando a

esmo à procura de uma presa.

Lá, talvez; a ponta de uma árvore tombada assomava, pontiaguda, inclinada em ângulo, na escuridão. Ele cavaria uma trincheira rasa, talvez, depois alavancaria a árvore e a deixaria cair sobre a cova, cobrindo a sepultura provisória...

Pressionou a cabeça com força contra os joelhos.

— Não! — ele sussurrou. — Por favor, não!

A ideia de contar a Bri, a Claire, era uma dor física, esfaqueando-o no peito e na garganta. E não só a elas — e Jem? E quanto a Fergus e Marsali, Lizzie e seu pai, os Bug, os Lindsay, as outras famílias de Ridge? Todos se voltavam para Fraser em busca de confiança e orientação; o que fariam sem ele?

Fraser remexeu-se e gemeu com o movimento. Roger colocou a mão em seu ombro e ele se aquietou.

“Não se vá”, ele pensou, as palavras não proferidas formando um nó em sua garganta. “Fique conosco. Fique comigo.”

Ficou ali sentado por um longo tempo, a mão pousada no ombro de Fraser. Teve o pensamento absurdo de que ele, de alguma forma, estava segurando Fraser, mantendo-o ancorado à terra. Se ele continuasse segurando-o até o amanhecer, tudo ficaria bem. Se ele tirasse a mão, seria o fim.

A fogueira estava bem fraca agora, mas ele adiava a todo momento a necessidade de aticá-la, não querendo soltar Jamie.

— MacKenzie? — Não passava de um murmúrio, mas ele inclinou-se no mesmo instante.

Sim, estou aqui. Quer água? Um gole de uísque? — Já pegava a caneca antes mesmo de falar, derramando água em sua ansiedade. Fraser tomou dois goles de água, depois abanou a mão, afastando a caneca.

— Ainda não sei se você está certo ou errado — Fraser disse. Sua voz era suave e rouca, mas clara. — Mas se você estiver errado, pequeno Roger, e eu estiver morrendo, há algumas coisas que eu preciso lhe dizer. Não quero deixar até ser tarde demais.

— Estou aqui — Roger repetiu, sem saber o que mais dizer.

Fraser fechou os olhos, reunindo forças, depois enfiou as mãos embaixo do corpo e rolou, pesado e desajeitado, ficando de lado. Fez uma careta de dor e parou um momento para recuperar o fôlego.

— Bonnet. Preciso lhe dizer o que coloquei em andamento.

— Sim? — Pela primeira vez, Roger sentiu alguma coisa que não a simples preocupação pelo bem-estar de Fraser.

— Há um sujeito chamado Lyon. Duncan Innes saberá melhor onde encontrá-lo. Ele trabalha no litoral, comprando dos contrabandistas que percorrem a costa em Outer Banks. Ele me procurou no casamento, para saber se eu queria negociar com ele a produção de uísque.

O plano esboçado era bastante simples; Jamie pretendia mandar dizer por qual caminho, Roger não fazia a menor ideia — a esse Lyon que ele estava disposto a fazer negócio, desde que Lyon levasse Stephen Bonnet a um encontro, para provar que ele tinha um homem com a reputação e a habilidade necessárias para lidar com o transporte para cima e para baixo da costa.

— A reputação necessária — Roger repetiu num sussurro — Sim, só ele tem.

Fraser fez um som que poderia ser uma risada.

Ele não vai concordar facilmente com isso... vai barganhar e impor condições, mas por fim concordará. Diga-lhe que você tem uísque suficiente para fazer valer a pena. Dê um barril de dois anos a ele para experimentar, se necessário. Quando ele vir o que as pessoas pagarão pela mercadoria, estará ansioso para fechar negócio. O lugar. — Ele parou, franzindo a testa, e respirou pesadamente, antes de continuar. — Pensei em fazer isso em Wyhe's Landing, mas se for você, escolha um local de sua preferência. Leve os Lindsay com você para guardarem sua retaguarda, se eles quiserem ir. Se não, encontre outra pessoa, não vá sozinho. E vá preparado para matá-lo no primeiro tiro.

Roger balançou a cabeça, engolindo com dificuldade. As pálpebras de Jamie estavam inchadas, mas ergueu o olhar por baixo delas, os olhos cintilando, penetrantes, à luz da fogueira.

— Não o deixe se aproximar o suficiente para atacar você com a espada — ele disse. — Você se preparou bem, mas não está bom o suficiente para enfrentar um homem como Bonnet.

— E você está? — Roger não pôde deixar de dizer. Ele achou que Fraser sorria, mas era difícil saber.

— Oh, sim — ele disse suavemente. — Se eu viver — Tossiu, então, e ergueu uma das mãos, descartando Bonnet por enquanto.

— Quanto ao resto. Fique de olho em Sinclair. Ele é um homem a ser usado, ele sabe de tudo o que se passa no distrito, mas não é um homem a quem você possa dar as costas, nunca.

Parou, a testa enrugada, pensando.

— Pode confiar em Duncan Innes e Farquard Campbell — ele disse. — E em Fergus Ele o ajudará, se puder. Quanto ao resto... — Remexeu-se outra vez e contraiu-se de dor. — Fique de olho em

Obadiah Henderson, ele o testará. Muitos o farão, e você não deve se preocupar, mas não descuide de Henderson. Pegue-o na primeira chance, você não terá outra.

Devagar, com pausas frequentes para descansar, ele percorreu a lista de nomes dos homens de Bridge, os habitantes de Cross Creek, os homens proeminentes do vale de Cape Fear. Personagens, tendências, segredos, obrigações.

Roger tentou reprimir o pânico, lutando para ouvir atentamente, gravar tudo na memória, querendo tranquilizar Fraser, dizer-lhe para parar, descansar, que nada daquilo era necessário — ao mesmo tempo sabendo que era mais do que necessário. A guerra estava a caminho; não era preciso ser um viajante do tempo para saber disso. Se o bem-estar de Ridge — de Brianna e Jemmy, de Claire — tivesse que ser deixado nas mãos inexperientes de Roger, ele devia prestar atenção a qualquer informação que Fraser pudesse lhe dar.

A voz de Fraser esvaiu-se na rouquidão. Ele teria perdido a consciência? O ombro sob a mão de Roger estava flácido, inerte. Roger ficou sentado em silêncio, sem ousar se mover.

Não seria suficiente, ele pensou, e um medo cego instalou-se na boca de seu estômago, um terror doloroso, subjacente às pontadas mais agudas de pesar. Ele não conseguiria. Santo Deus, ele não conseguia nem atirar em alguma coisa do tamanho de uma casa! E agora ele deveria assumir o lugar de Jamie Fraser? Manter a ordem com punhos e cérebro, alimentar uma família com arma de fogo e faca, andar na corda bamba da política sobre um barril de pólvora aceso, arrendatários e famílias, todos equilibrados em seus ombros? Substituir o homem que chamavam de Senhor? Não era nem provável, pensou desoladamente.

A mão de Fraser contorceu-se repentinamente. Os dedos estavam inchados como salsichas, a pele esticada, vermelha e brilhante. Roger colocou sua mão livre sobre a dele e sentiu os dedos se mexerem, tentando se fechar sobre os seus.

— Diga a Brianna que eu tenho orgulho dela — Fraser sussurrou.
— Dê minha espada ao garoto.

Roger balançou a cabeça, incapaz de falar. Então, percebendo que Fraser não podia vê-lo, clareou a garganta.

— Sim — disse, a voz rouca. — Eu direi a ela. — Esperou, mas Fraser não disse mais nada. O fogo consumira-se até quase se extinguir, mas a mão na sua queimava como brasas. Uma rajada cortante de vento passou por eles, açoitando mechas dos seus cabelos contra seu rosto, lançando para o alto uma chuva repentina de faíscas da fogueira.

Esperou até onde lhe foi possível aguentar, a noite fria arrastando-se em minutos solitários. Então inclinou-se mais para perto, para que Fraser pudesse ouvi-lo.

— Claire? — ele perguntou serenamente. — Há alguma coisa que quer que eu diga a ela?

Achou que havia esperado demais; Fraser manteve-se imóvel por vários minutos. Então a mão enorme moveu-se, quase cerrando os dedos inchados; o fantasma de um movimento, tentando agarrar o tempo que se esvaía entre os dedos.

— Diga a ela... que eu falei de todo o coração.

ADMINISTRAÇÃO DOMÉSTICA

Nunca vi nada como isso em toda a minha vida. — Aproximei-me, espreitando. — É absolutamente bizarro.

— E você sendo uma curandeira metade de sua vida — Jamie murmurou mal-humorado. — Não vai me dizer que não tem cobras na sua época.

— Não muitas no centro de Boston. Além do mais, não chamariam um cirurgião para lidar com um caso de mordida de cobra. O mais perto que eu cheguei foi quando o zelador de um zoológico foi mordido por uma naja. Um amigo meu fez a autópsia e me convidou para ir ver.

Abstive— Me de dizer que Jamie parecia bem pior no momento do que o objeto da autópsia.

Coloquei a mão cuidadosamente em seu tornozelo. Senti a pele inchada, quente e seca sob minha mão. Também estava vermelha. Vermelho-viva. A cor intensa estendia-se de seus pés até quase as costelas; ele parecia ter sido mergulhado em água fervente.

O rosto, orelhas e pescoço também estavam da cor de um tomate maduro; apenas a pele clara de seu peito havia escapado, e mesmo essa estava salpicada de pontinhos vermelhos. Fora a cor de lagosta, a pele dos pés e das mãos descamava-se, pendurada em filamentos tênues, como barba-de-velho.

Examinei atentamente seu quadril. Ali eu podia ver que a vermelhidão era causada por uma versão mais densa da erupção no peito; o pontilhado purpúreo era claramente visível na pele esticada sobre o ilíaco.

— Você parece ter sido tostado em fogo brando — eu disse, esfregando o dedo sobre a erupção, fascinada. — Nunca vi nada tão vermelho em toda a minha vida. — Não eram salientes; eu não conseguia sentir cada ponto, mas podia vê-los de perto. Não era uma erupção propriamente dita; achei que poderia ser petéquia, hemorragia pontilhada intradérmica. Mas eram tantos...

— Acho que você não pode reclamar muito, Sassenach — ele disse. Fraco demais para balançar a cabeça, focalizou os olhos em meus dedos — tingidos com grandes manchas amarelas e azuis.

— Oh, droga — Fiquei de pé num salto, atirei as cobertas

apressadamente sobre ele e corri para a porta. Distraída pela chegada dramática de Jamie, eu abandonara um tonel de tingimento no quintal ao lado da casa — e a água já estava baixa. Santo Deus, se a água secasse completamente e queimasse as roupas...

O odor quente de urina e índigo atingiu-me em cheio quando me precipitei pela porta. Apesar disso, respirei fundo de alívio ao ver Marsali, o rosto vermelho com o esforço de levantar uma massa gotejante do caldeirão com o enorme garfo de madeira. Corri para ajudá-la, pegando as roupas fumegantes uma a uma da pilha encharcada e atirando-as sobre os arbustos de amora silvestre para secar.

— Graças a Deus — eu disse, sacudindo meus dedos escaldados no ar para esfriá-los. — Tive medo de ter arruinado toda a leva.

— Bem, vão ficar um pouco escuras, provavelmente. — Marsali passou a mão no rosto, emplastando para trás os brilhantes fios louros que escapavam de seu lenço de cabeça. — Mas se o tempo continuar bom, pode-se deixá-las ao sol para desbotarem um pouco. Venha, vamos tirar o caldeirão do fogo antes que ele queime!

Crostras de índigo já haviam começado a rachar e enegrecer no fundo do caldeirão quando o viramos para fora do fogo, e nuvens de fumaça ácida ergueram-se ao nosso redor.

— Não tem problema — Marsali disse, tossindo e abanando a fumaça do rosto. — Pode deixar, mamãe. Eu pegarei água para deixar o caldeirão de molho. Você precisa cuidar de papai, não é? Vim assim que soube. Ele está muito mal?

— Oh, muito obrigada, querida. — Fiquei profundamente grata; a última coisa de que eu precisava agora era carregar vários baldes de água da fonte para deixar o caldeirão de molho. Soprei meus dedos escaldados para esfriá-los; a pele sob as manchas de tintura estava quase tão vermelha quanto a de Jamie.

— Acho que ele vai ficar bom — tranquilizei-a, reprimindo meus próprios temores. — Ele se sente muito mal e está com uma aparência pior ainda, nunca vi ninguém assim em toda a minha vida, mas se o ferimento não infeccionar... — Cruzei os dedos doloridos numa profilaxia supersticiosa.

— Sim, ele vai se recuperar — Marsali disse com confiança. — Fergus disse que acharam que estava morto quando encontraram ele e Roger Mac, mas quando já tinham atravessado o segundo pico, ele fazia piadas horríveis sobre a cobra, então eles não se preocuparam mais.

Eu mesma não estava tão otimista, tendo visto o estado da perna ferida, mas sorri de modo tranquilizador.

Sim, acho que ele ficará bem. Vou fazer um emplastro de cebola e limpar um pouco o ferimento. Por que não vai vê-lo enquanto eu pego as cebolas?

Felizmente, havia muita cebola; eu as havia colhido duas semanas antes, com a chegada da primeira geada, e dúzias de réstias penduravam-se na despensa, fragrantas e crocantes quando eu esbarrava nelas. Arranquei seis cebolas grandes e levei-as para a cozinha para fatiar. Meus dedos formigavam, meio queimados e rígidos do manuseio das roupas ferventes, e eu trabalhei devagar, não querendo cortar um dedo acidentalmente.

— Deixe, eu faço isso, a leannan. — A sra. Bug pegou a faca da minha mão e lidou energicamente com as cebolas. — É um emplastro? Sim, isso será o melhor. Um bom emplastro de cebola conserta qualquer coisa. — Ainda assim, uma ruga de preocupação marcava sua testa quando ela olhou na direção do consultório.

— Posso ajudá-la, mamãe? — Bri veio do corredor, também parecendo preocupada. — Papai está com um aspecto horrível. Ele está bem?

— Vô rível? — Jemmy surgiu na cozinha logo atrás de sua mãe, menos preocupado com o avô do que interessado na faca que a sra. Bug estava usando. Ele puxou seu banquinho para perto dela, o rosto determinado sob a franja cor de cobre. — Eu faz!

Afastei os cabelos do rosto com as costas da mão, os olhos lacrimejando intensamente por causa das cebolas.

— Acho que sim. — Funguei e enxuguei os olhos. — Como Roger está?

— Roger está bem. — Pude ouvir o leve tom de orgulho em sua voz; Jamie lhe dissera que Roger salvara sua vida. Provavelmente ele o fizera. Eu só esperava que permanecesse salva.

— Ele está dormindo — ela acrescentou. Sua boca curvou-se ligeiramente quando nossos olhos se encontraram, com completo entendimento. Se um homem estava na cama, ao menos você sabia onde ele estava. E que ele estava a salvo, por enquanto.

— Jem! Deixe a sra. Bug em paz! — Ela pegou-o do banquinho e girou-o na direção oposta à tábua de cortar, os pés batendo em protesto. — Precisa de alguma coisa, mamãe?

Esfreguei um dedo entre as sobrancelhas, considerando.

— Sim, pode tentar achar alguns vermes para mim? Vou precisar deles para a perna de Jamie. — Franzi a testa, olhando pela janela para o luminoso dia de outono. — Receio que a geada tenha matado todas as moscas, há dias que eu não vejo nenhuma. Mas tente o curral,

elas põem ovos no excremento morno.

Ela fez uma rápida careta de nojo, mas assentiu, colocando Jemmy no chão.

— Vamos, rapaz, vamos procurar bichinhos nojentos para vovó.

— Ugh-Ugh-Ugh-Ugh! — Jemmy saiu correndo atrás dela, encantado com a perspectiva.

Coloquei as cebolas fatiadas em uma tigela feita de cabaça e acrescentei um pouco de água fervendo. Depois deixei as cebolas cozinhando no calor e voltei ao consultório. No centro da sala havia uma robusta mesa de pinho, que servia de mesa de exames, cadeira de dentista, superfície de preparação de remédios ou mesa de jantar auxiliar, dependendo das necessidades médicas e do número de convidados para jantar. No momento, suportava a forma de Jamie, deitado de barriga para cima, quase invisível sob o monte de colchas e cobertores. Marsali estava ao lado da mesa, a cabeça inclinada para ele enquanto segurava uma caneca de água para ele beber.

— Tem certeza de que está bem, papai? — ela disse. Levantou uma das mãos na direção de Jamie, mas parou, obviamente com receio de tocá-lo em sua atual condição.

— Oh, sim, vou ficar bem. — Eu podia notar o profundo cansaço em sua voz, mas ele tirou a mão devagar de baixo das cobertas para tocar o rosto de Marsali.

— Fergus fez um belo trabalho — ele disse. — Manteve os homens juntos durante a noite, encontrou a mim e Roger de manhã, trouxe todos de volta para casa em segurança pela montanha. Ele tem um excelente senso de direção.

A cabeça de Marsali ainda estava abaixada, mas eu vi seu rosto iluminar-se com um sorriso.

— Eu disse isso a ele. Mas ele não para de se culpar por deixar os animais fugirem. Ele disse que apenas um daria para alimentar a Ridge inteira durante o inverno.

Jamie descartou a ideia com um pequeno grunhido.

— Oh, nós daremos um jeito.

Evidentemente, falar era um esforço para ele, mas não tentei mandar Marsali sair. Roger me disse que Jamie andara vomitando sangue quando o traziam de volta; eu não podia lhe dar conhaque ou uísque para aliviar a dor, e eu não tinha nenhum láudano. A presença de Marsali podia ajudá-lo a distrair-se de seus males.

Abri o armário silenciosamente e retirei a grande tigela com tampa onde eu guardava as sanguessugas. A tigela de cerâmica estava fria, calmante para as minhas mãos esquentadas. Eu tinha cerca de uma

dúzia das grandes; sonolentas bolhas negras, flutuando em sua turva mistura de água e raízes de taboa. Retirei três e passei para uma tigela menor, cheia de água limpa, e coloquei perto do braseiro para aquecer.

— Acordem, meninos — eu disse. — Hora de ganhar a vida.

Arrumei tudo que eu iria precisar, ouvindo a conversa murmurada atrás de mim — Germain, Joan, um porco-espinho nas árvores perto da cabana de Marsali e Fergus.

Gaze grosseira para o emplastro de cebolas, a garrafa tampada com sua mistura de álcool e água esterilizada, as jarras de cerâmica de confrei, margarida-amarela e acariçoba secos. E a garrafa de caldo de penicilina. Praguejei silenciosamente, olhando o rótulo. O prazo de validade já expirara há quase um mês; envolvida na caçada do urso e nas tarefas do outono depois de nossa volta, há semanas que eu não preparava um novo lote.

Aquele mesmo teria que servir. Pressionando os lábios, esfreguei as ervas entre as mãos, esfarelando-as na caneca de infusão, de madeira de faia. Quase inconscientemente, rezei a prece de santa Brígida para abençoar o remédio. Eu estava aceitando toda ajuda que pudesse obter.

— Os galinhos de pinheiro cortados que você achou no chão são bem recentes? — Jamie perguntou, parecendo ligeiramente mais interessado no porco-espinho do que no novo dente de Joan.

— Sim, verde e fresco. Sei muito bem que ele está lá em cima, o desgraçado, mas é uma árvore enorme e não consigo vê-lo de baixo, quanto mais atirar nele. — Marsali não passava de uma atiradora medíocre, mas como Fergus não podia disparar um mosquete com uma única mão, ela fazia a caça da família.

— Mmmmmhum. — Jamie limpou a garganta com grande esforço e ela apressadamente deu-lhe mais água. — Pegue um pedaço de carne de porco salgada da despensa e esfregue-a numa vareta. Coloque-a no chão, não muito longe do tronco da árvore, e deixe Fergus ficar tomando conta. O porco-espinho gosta muito de sal e de gordura; ele sentirá o cheiro e irá se aventurar depois que escurecer. Quando ele estiver no solo, não é preciso desperdiçar munição. Basta dar uma paulada em sua cabeça. Fergus pode fazer isso.

Abri a caixa de remédios e franzi o cenho para a travessa onde ficavam as serras e bisturis. Peguei o bisturi pequeno, de lâmina curva, o cabo fresco sob meus dedos. Eu teria que desbridar o ferimento — remover o tecido morto, os fragmentos de pele, pedacinhos de folhas, tecido e poeira; os homens haviam colocado um emplastro de lama em sua perna e usado um lenço imundo como

atadura. Depois, eu podia borrifar a solução de penicilina sobre as superfícies expostas; esperava que surtisse o efeito desejado.

— Seria ótimo — Marsali disse, esperançosa. — Nunca comi esse animal, mas Ian disse que é bom; muito gorduroso, e os espinhos são bons para costurar e várias outras coisas.

Mordi o lábio, olhando para as outras lâminas. A maior era uma serra dobrável, destinada a amputação em campo, com uma lâmina de quase vinte centímetros de comprimento; eu não a usava desde Alamance. A ideia de usá-la agora fazia um suor frio brotar embaixo dos meus braços e escorrer pelos lados do corpo — mas eu vira sua perna.

— A carne é gordurosa — Jamie disse, — mas isso é bom... — Ele parou bruscamente ao mudar de posição, com um gemido abafado ao mover a perna.

Eu podia sentir os passos do processo de amputação, ecoando nos músculos de minhas mãos e braços; o corte tensional da pele e do músculo, o ranger do osso, a ruptura do tendão, e os vasos escorregadios, borrachentos, jorrando sangue, resvalando para dentro da carne cortada como... cobras.

Engoli em seco. Não. Não chegaríamos a este ponto. Certamente não.

-Você precisa de carne gordurosa. Está muito magra, a muirinn — Jamie disse suavemente, atrás de mim. — Magra demais para uma mulher que está procriando.

Virei-me, praguejando silenciosamente comigo mesma outra vez. Eu tinha pensado nisso, mas esperara estar errada. Três filhos em quatro anos! E um marido com uma única mão, que não conseguia fazer o trabalho do homem numa fazenda e não faria o “trabalho de mulher” de cuidar do bebê e fermentar o mosto.

Marsali fez um pequeno som, parte uma risada, parte um soluço.

— Como você soube? Eu nem contei a Fergus ainda.

— Devia contar... embora ele já saiba.

— Ele lhe disse?

— Não, mas eu não achei que o problema dele fosse apenas indigestão, quando estávamos caçando. Agora que estou vendo você, compreendo o que o estava perturbando.

Eu mordida minha língua com força suficiente para sentir o gosto de sangue. Será que o óleo de tanaceto e a mistura de vinagre que eu lhe dei não funcionaram? Nem as sementes de dauco? Ou, como eu suspeitava, ela não se dera ao trabalho de usar nenhum dos dois regularmente? Bem, tarde demais para perguntas ou recriminações.

Fitei-a nos olhos quando ela ergueu a cabeça e consegui — espero — mostrar um ar animador.

— Oh — ela disse, com um sorriso sem graça. — Nós daremos um jeito. As sanguessugas remexiam-se, os corpos esticando-se devagar como elásticos animados. Afastei a colcha da perna de Jamie e pressionei as sanguessugas delicadamente na carne inchada próxima ao ferimento.

— Parece pior do que está — eu disse, de maneira tranquilizadora, ao ouvir a exclamação de espanto de Marsali, pega de surpresa. Era verdade, mas a realidade era bastante ruim. As marcas dos cortes apresentavam uma crosta negra nas bordas, mas os talhos ainda estavam abertos. Em vez do fechamento e granulação da cicatrização normal, começavam a se desfazer, os tecidos expostos exsudando pus. A carne ao redor dos ferimentos estava terrivelmente inchada, enegrecida e manchada com sinistros veios vermelhos.

Mordi o lábio, franzindo a testa enquanto considerava a situação. Eu não sabia que tipo de cobra o mordera — não que isso fizesse muita diferença, sem nenhum antídoto para o tratamento, — mas obviamente possuía uma poderosa toxina hemolítica. Minúsculos vasos sanguíneos haviam se rompido e sangrado por todo o seu corpo — tanto interna quanto externamente e outros maiores, próximos ao local do ferimento.

O pé e o tornozelo do lado ferido ainda estavam quentes e rosados — ou melhor, vermelhos. Isso era um bom sinal, uma vez que significava que a circulação mais interna estava intacta. O problema era melhorar a circulação perto do ferimento, o suficiente para evitar uma necrose maciça e perda de tecido. Mas os veios vermelhos me incomodavam muito, podiam ser parte do processo hemorrágico, mas o mais provável é que fossem os primeiros sinais de septicemia — envenenamento do sangue.

Roger não me contara muito da noite que passaram na montanha, mas não fora preciso, eu já vira homens que passaram a noite com a morte ao lado. Se Jamie sobrevivera uma noite e um dia desde então, a probabilidade é que continuasse a viver -se eu pudesse controlar a infecção. Mas em que condições?

Eu nunca havia tratado mordidas de cobra, mas já vira muitas ilustrações nos livros didáticos. O tecido envenenado morreria e apodreceria, Jamie poderia facilmente perder grande parte do músculo da panturrilha, o que o deixaria permanentemente aleijado — ou pior, o ferimento poderia gangrenar.

Olhei de soslaio para ele, por baixo das pestanas. Estava coberto com colchas e tão doente que mal conseguia se mover — e no entanto

os contornos de seu corpo eram graciosos e havia neles uma promessa de força. Eu não suportava a ideia de mutilá-lo — e no entanto eu o faria se necessário. Aleijar Jamie, deixá-lo manco, com a perna parcialmente inútil. Senti um aperto no estômago e o suor porejar nas palmas das minhas mãos manchadas de azul.

Como ele reagiria a essa possibilidade?

Peguei a caneca de água junto à cabeceira de Jamie e eu mesma a esvaziei. Não iria perguntar a ele. Por direito, a escolha era dele — mas ele era meu, e eu havia feito minha escolha. Não pretendia desistir dele, independentemente do que tivesse que fazer para mantê-lo vivo.

— Tem certeza de que está bem, papai? — Marsali estivera observando meu rosto. Seus olhos dardejaram de mim para Jamie e de volta, parecendo assustada. Tentei apressadamente recompor minhas feições numa expressão de tranquila competência.

Jamie também estivera me observando. Um dos cantos de sua boca se torceu.

— Sim, bem, eu achava que sim. Mas agora já não tenho tanta certeza.

Qual o problema? Está se sentindo pior? — perguntei ansiosamente.

Não, eu me sinto bem — ele me garantiu, mentindo descaradamente. — É só que, todas as vezes em que eu me machuquei, você sempre me repreendeu como uma matraca, mas se eu estou terrivelmente mal, você é doce como mel. Bem, você não me xingou nem disse uma palavra de censura desde que cheguei em casa, Sassenach. Isso significa que estou morrendo?

Uma das sobrancelhas ergueu-se ironicamente, mas pude notar um verdadeiro temor em seus olhos. Não havia víboras na Escócia; ele não sabia o que estava acontecendo na sua perna.

Respirei fundo e coloquei as mãos de leve sobre seus ombros.

Desgraçado! Pisar numa cobra! Não podia tomar cuidado onde pisa?

— Não enquanto estivesse perseguindo uma tonelada de carne pela encosta abaixo — ele disse, sorrindo. Senti um leve relaxamento nos músculos sob minhas mãos e reprimi a vontade premente de retribuir o sorriso. Em vez disso, olhei-o furiosamente.

— Você quase me matou de susto! — Isso, ao menos, era sincero. A sobrancelha ergueu-se outra vez.

— Acha que eu também não estava com medo?

— Você não tem permissão para isso — eu disse com firmeza. — Somente um de nós dois de cada vez pode ficar assustado, e agora é a minha vez.

Isso o fez rir, embora a risada tenha sido imediatamente sucedida por tosse e uma tremedeira de frio.

— Pegue uma pedra quente para os pés dele — eu disse a Marsali, rapidamente abaixando as cobertas sobre ele outra vez. — E encha o bule de chá com água quente e me traga também.

Ela saiu apressadamente em direção à cozinha. Olhei para a janela, imaginando se Brianna estava tendo sorte em encontrar larvas. Eram inigualáveis para limpar pústulas sem danificar a carne saudável ao redor. Se eu quisesse salvar sua perna, e sua vida, eu precisava de mais ajuda do que a de santa Brígida.

Imaginando vagamente se haveria um santo padroeiro das larvas, ergui a ponta da colcha e dei uma rápida olhada nos meus outros assistentes invertebrados. Ótimo; deixei escapar um pequeno suspiro de alívio. As sanguessugas trabalhavam rapidamente; já estavam estufando, sugando o sangue que inundava os tecidos de sua perna dos capilares rompidos. Sem essa pressão, a circulação saudável poderia ser restaurada a tempo de manter a pele e o músculo vivos.

Eu podia ver sua mão agarrada à borda da mesa e podia sentir os tremores de calafrio através das minhas coxas, pressionadas contra a madeira.

Segurei sua cabeça entre as mãos; a pele de suas faces ardia em febre.

— Você não vai morrer! — sibilei entre dentes. — Não vai! Eu não vou permitir!

— As pessoas estão sempre me dizendo isso — ele murmurou, os olhos fechados e fundos de exaustão. — Não posso ter minha própria opinião?

— Não — eu disse. — Não pode. Tome, beba isto.

Levei o caldo de penicilina aos seus lábios, segurando-a enquanto ele bebia. Ele fez uma careta, apertando os olhos com força, mas engoliu obedientemente.

Marsali trouxera o bule de chá, cheio até a borda de água quente. Despejei a maior parte sobre as folhas à espera e deixei-as em infusão, enquanto lhe servia uma xícara de água fria para enxaguar o gosto de penicilina.

Ele bebeu a água, os olhos ainda fechados, e em seguida recostou-se novamente no travesseiro.

— O que é isso? — ele perguntou. — Tem gosto de ferro.

— Água — respondi. — Tudo tem gosto de ferro porque suas gengivas estão sangrando. — Entreguei a jarra de água vazia a Marsali e pedi-lhe que trouxesse mais. — Coloque um pouco de mel na água — eu disse. — Uma parte de mel para quatro partes de água.

— Caldo de carne é o que ele precisa — ela disse, parando para olhar para ele, a testa franzida de preocupação. — Era o que minha mãe dizia, e a mãe dela antes dela. Quando um corpo perdeu muito sangue, não há nada igual a caldo de carne.

Achei que Marsali devia estar seriamente preocupada; ela raramente mencionava a mãe na minha presença, por uma noção natural de tato. Desta vez, entretanto, a maldita Laoghaire tinha razão; caldo de carne seria excelente -se tivéssemos carne fresca, o que não tínhamos.

— Água com mel — eu disse laconicamente, despachando-a para fora da sala. Fui buscar reforços no departamento de sanguessugas, parando para verificar o progresso de Brianna pela janela da frente.

Ela estava no curral, descalça, as saias amarradas como um kilt, acima do joelho, sacudindo fragmentos de esterco de cavalo de um dos pés. Portanto, até agora, nenhuma sorte. Ela me viu à janela e acenou, depois apontou para o machado que estava próximo, depois para a floresta. Eu balancei a cabeça e acenei também; um tronco apodrecido poderia ser uma possibilidade.

Jemmy estava no chão, perto de Brianna, suas andadeiras bem amarradas à cerca do curral. Ele certamente não precisava delas para se manter em pé, mas elas o impediam de escapar enquanto a mãe estava ocupada. Ele estava diligentemente empenhado em arrancar os remanescentes de uma trepadeira seca de cabaça que havia crescido sobre a cerca, gritando exultante quando pedacinhos de folhas esmigalhadas e restos secos de cabaça caíam como uma chuva sobre seus cabelos flamejantes. Seu rosto redondo exibia um ar de concentrada determinação enquanto ele se dedicava à tarefa de colocar na boca uma cabaça do tamanho de sua cabeça.

Um movimento no canto dos olhos chamou minha atenção; Marsali, trazendo água da fonte, para encher o caldeirão de tintura. Não, ainda não dava para ver Jamie tinha razão, ela estava magra demais, — mas agora que eu sabia, podia ver a palidez em seu rosto e as olheiras sob seus olhos.

Droga. Outro vislumbre de movimento; as longas pernas claras de Bri, brilhando sob as saias presas acima dos joelhos, à sombra de um grande abeto azul. E ela, estaria usando o óleo de tanaceto? Ela ainda estava amamentando Jemmy mas isso não era nenhuma garantia, não nessa idade...

Girei nos calcanhares ao ouvir um som atrás de mim, vendo Jamie subindo devagar de volta ao seu ninho de cobertas, parecendo um enorme bicho preguiça vermelho, minha serra de amputação na mão.

— O que diabos você está fazendo?

Ele deitou-se com dificuldade, contraindo as feições, e deixou a cabeça cair sobre o travesseiro, respirando em longas e profundas arfadas. A serra dobrada estava agarrada junto ao peito.

— Vou repetir — eu disse, assomando, ameaçadora, acima dele, as mãos nos quadris, — o que diabos...

Ele abriu os olhos e levantou a serra alguns centímetros.

— Não — disse com convicção. — Sei o que está pensando, Sassenach, e não vou permitir.

Respirei fundo, para impedir que minha voz tremesse.

— Sabe que eu não o faria, não até que não houvesse outra saída.

— Não — ele repetiu, lançando-me um conhecido olhar de obstinação. Não era nenhuma surpresa que ele nunca imaginasse com quem Jemmy se parecia, pensei com humor azedo.

— Você não sabe o que pode acontecer...

— Sei o que está acontecendo com minha perna melhor do que você, Sassenach — ele interrompeu, parando outra vez para respirar. — Eu não me importo.

— Talvez você não, mas eu me importo!

— Eu não vou morrer — ele disse com firmeza — e não quero viver com metade da perna. Tenho horror a isso.

— Bem, eu mesma não gosto de nada disso. Mas e se for uma escolha entre sua perna e sua vida?

— Não é.

— Pode muito bem vir a ser!

— Não será. — A idade não fazia a menor diferença, pensei. Dois anos ou Cinquenta, um Fraser era um Fraser, e nenhuma rocha seria mais teimosa. Passei a mão pelos cabelos.

— Está bem! — exclamei, entre dentes. — Me dê essa maldita coisa e eu a guardarei.

— Sua palavra.

— Minha o quê? — Fitei-o, espantada.

— Sua palavra — ele repetiu, devolvendo o meu olhar com interesse. — A febre pode aumentar e eu posso perder a consciência. Não quero que você corte a minha perna se eu não estiver em condições de impedi-la.

— Se você estiver nesse estado, eu não terei escolha!

— Talvez você não — ele disse sem se alterar, — mas eu, sim. Já tomei minha decisão. Sua palavra, Sassenach.

— Seu maldito, desgraçado, enervante...

Seu sorriso era surpreendente, largo e branco no rosto avermelhado.

— Se você me chamar de escocês, Sassenach, terei certeza de que sobreviverei.

Um grito agudo do lado de fora me impediu de responder. Girei bruscamente para a janela, a tempo de ver Marsali largar dois baldes de água no chão. A água espirrou como um gêiser, encharcando sua saia e seus sapatos, mas ela não prestou atenção. Olhei apressadamente na direção em que ela estava olhando e sufoquei um grito.

Ele havia atravessado tranquilamente a cerca do curral, quebrando os trilhos de madeira como se fossem palitos de fósforo, e parara no meio do canteiro de abóboras perto da casa, as trepadeiras sacudindo-se em sua boca enquanto ele mastigava. Ficou parado, enorme, escuro e peludo, a três metros de Jemmy, que olhava fixamente para ele com os olhos arregalados e a boca aberta, a cabaça esquecida nas mãos.

Marsali emitiu outro grito agudo e Jemmy, percebendo seu terror, começou a gritar por sua mãe. Virei-me e -sentindo como se estivesse me movendo em câmera lenta, embora tivesse certeza de que não — arranquei a serra da mão de Jamie, lancei-me na direção da porta e parti para o quintal numa corrida desabalada, pensando enquanto corria que os búfalos pareciam muito menores no jardim zoológico.

Quando deixei o alpendre para trás — devo ter saltado; não me lembro dos passos, — Brianna saía da floresta. Ela corria silenciosamente, o machado na mão, e seu rosto estava impassível, concentrado e decidido. Não tive tempo de gritar para ela antes que ela o alcançasse.

Ela levantara o machado para trás, ainda correndo, girou-o num arco ao dar o último passo e desfechou o golpe com todas as suas forças, logo atrás das orelhas do enorme animal. Um fino borrimo de sangue esguichou e espalhou-se sobre as abóboras. O animal urrou e abaixou a cabeça, preparando-se para investir e atacar.

Bri desviou-se para o lado, lançou-se sobre Jemmy e já estava de joelhos, tentando desatar as tiras que o prendiam à cerca. Pelo canto do olho, pude ver Marsali, gritando preces e imprecações em gaélico enquanto pegava uma anágua recém-tingida dos arbustos de amoras-pretas.

De algum modo, eu havia aberto a serra enquanto corria; cortei as tiras de Jemmy com dois golpes, em seguida já estava de pé e correndo de volta pelo pátio. Marsali lançara a anágua sobre a cabeça do búfalo; ele ficou parado, confuso, sacudindo a cabeça e oscilando de um lado para o outro, o sangue surgindo negro no verde-amarelado da tintura recente.

Ele chegava à altura dos meus ombros, e tinha um cheiro estranho; empoeirado e quente, selvagem, mas estranhamente familiar, com um cheiro de celeiro, como uma vaca. Ele deu um passo, depois outro, e eu enfiei os dedos em seu pelo, agarrando com força. Eu podia sentir os tremores percorrendo o corpo do animal; sacudiam— Me como um terremoto.

Eu nunca fizera isso, mas senti como se já tivesse feito milhares de vezes. Como num sonho, mas com firmeza, passei a mão sob lábios babados, senti o bafo quente soprar pela manga do meu vestido. A pulsação forte latejava em ângulo com a minha serra; eu podia vê-lo mentalmente, o enorme coração carnudo bombeando o sangue, quente em minha mão, frio contra minha face, onde ela se pressionava contra a anágua encharcada.

Passei a serra pela garganta, cortei com força, e senti nas mãos e nos braços o corte tensional da pele e do músculo, o ranger do osso, a ruptura do tendão, e os vasos escorregadios, borrachentos, jorrando sangue, resvalando para dentro da carne cortada.

O mundo estremeceu. Ele moveu-se, deslizou e caiu com um baque surdo. Quando me recobrei, estava sentada no meio do pátio, uma das mãos ainda agarrada aos seus pelos, uma das pernas dormentes sob o peso da cabeça do búfalo, as saias grudadas nas minhas coxas, quentes e fétidas, encharcadas de sangue.

Alguém disse alguma coisa e eu levantei a cabeça. Jamie estava de quatro no alpendre — a boca aberta, completamente nu. Marsali caíra sentada no chão, as pernas esparramadas à sua frente, silenciosamente abrindo e fechando a boca.

Brianna estava acima de mim, Jemmy junto ao ombro. O terror esquecido, ele inclinou-se sobre o ombro dela, olhando com curiosidade para o búfalo embaixo.

— Uuuuh! — ele exclamou.

— Sim — eu disse. — Muito bem colocado.

-Você está bem, mamãe? — Bri perguntou, e eu percebi que ela já fizera a Pergunta várias vezes antes. Ela estendeu a mão e colocou-a gentilmente sobre minha cabeça.

— Não sei — eu disse. — Acho que sim.

Tomei sua mão e devagar e cuidadosamente libertei minha perna, apoiando-me nela enquanto me levantava. Os mesmos tremores que haviam percorrido o búfalo agora corriam pelo seu corpo — e pelo meu, — mas desapareciam gradualmente. Ela respirou fundo, olhando para o sólido corpanzil. Deitado de lado, ele quase chegava à sua cintura. Marsali veio se postar ao nosso lado, sacudindo a cabeça, admirada com o tamanho do animal.

— Santa Mãe de Deus, como é que nós vamos limpar isso? — ela perguntou.

— Oh — eu disse, passando as mãos trêmulas pelos cabelos. — Acho que daremos um jeito.

EU CONSIGO, COM UMA PEQUENA AJUDA DOS MEUS
AMIGOS

Encostei a testa contra o vidro frio da janela do meu consultório, piscando para a cena lá fora. A exaustão emprestava à cena no pátio um tom extra de surrealismo — não que fosse necessário.

O sol quase já desaparecera, flamejando, dourado, nas últimas folhas ressecadas das castanheiras. Os abetos erguiam-se, negros, contra o clarão agonizante, assim como a força no centro do pátio e os espantosos restos mortais que se balançavam ali. Uma fogueira fora acesa perto dos arbustos de amoras-pretas e vultos iam e vinham de toda parte, entrando e saindo das chamas e das sombras. Alguns atacavam a carcaça pendurada, armados de facas e machadinhas; outros se arrastavam penosamente, carregando tábuas de carne e baldes de gordura. Perto do fogo, viam-se as figuras das mulheres, com suas saias em forma de sino, abaixando-se e esticando-se num silencioso balé.

Apesar de escuro, eu podia distinguir a figura alta e pálida de Brianna em meio à horda de demónios que retalhava o búfalo — mantendo a ordem, pensei. Antes de ser enviado à força de volta para o consultório, Jamie estimara o peso do búfalo em algo entre oitocentos quilos e uma tonelada. Brianna fez um sinal afirmativo com a cabeça, entregou Jemmy a Lizzie, depois andou devagar ao redor da carcaça, os olhos apertados, em profunda concentração.

— Certo — ela dissera, e assim que os homens começaram a aparecer de suas fazendas, parcialmente vestidos, sem se barbear, os olhos arregalados de entusiasmo, dera instruções objetivas para o corte de troncos de árvores e a construção de uma estrutura com roldanas, capaz de içar e aguentar uma tonelada de carne.

Os homens, aborrecidos por não terem participado do abate, no começo não pareceram inclinados a lhe dar atenção. Brianna, no entanto, era corpulenta, enérgica e sabia dar ordens — além de ser teimosa.

— De quem é este golpe? — ela perguntou, lançando um olhar a Geordie Chisholm e seus filhos que os fez parar, quando já se adiantavam na direção da carcaça, as facas na mão. Ela apontou para o profundo talho no pescoço, depois limpou a mão devagar pela manga do vestido, chamando atenção para o sangue espirrado ali. —

Ou isso? — Um pé longo e descalço apontou delicadamente para a garganta cortada e para a poça de sangue que encharcava o chão do pátio. Minhas meias estavam jogadas perto da poça que se coagulava onde eu as tirara, tapos vermelhos, mas sem dúvida femininos.

Observando da janela, eu vira mais de um rosto olhar para a casa, franzindo o cenho ao recordar que Brianna era filha do patrão — um fato do qual os mais sensatos nunca se esqueciam.

Mas fora Roger quem virara os ventos a favor dela, com um olhar frio que fez os irmãos Lindsay se posicionarem atrás dele, machados na mão.

— O abate foi dela — ele disse, com seu grasnido rouco. — Façam o que ela disser. — Ele endireitou os ombros e lançou aos outros homens um olhar que deixava claro que não deveria haver mais controvérsias.

Vendo isso, Fergus deu de ombros e inclinou-se para segurar o animal — com sua única mão — pela cauda longa e fina.

— Onde quer que o penduremos, madame? — ele perguntou educadamente. Os homens riram e, em seguida, com olhares acanhados e gestos de resignação, relutantemente se atiraram ao trabalho, seguindo as instruções de Brianna.

Ela lançou um olhar de surpresa a Roger, depois de gratidão, e em seguida — com autoridade e firmeza assumiu o comando de toda a operação, com resultados notáveis. Mal começava a anoitecer e a descarnadura do animal já estava quase terminada, a carne distribuída a todas as fazendas de Ridge. Ela conhecia todos os arrendatários, sabia quantas bocas havia em cada domicílio, e repartiu a carne e o pâncreas à medida que iam sendo retirados. Nem mesmo Jamie teria feito melhor, pensei, sentindo o coração se aquecer de orgulho.

Olhei para a mesa, onde Jamie estava enrolado em cobertas. Quis removê-lo para cima, para sua cama, mas ele insistira em permanecer ali embaixo, de onde podia ouvir — ainda que não pudesse ver — o que estava acontecendo.

Estão quase terminando a descarnadura — eu disse, aproximando-me e colocando a mão em sua cabeça. Ainda afogado e ardendo em febre. Brianna fez um trabalho incrível — acrescentei, para nos distrair.

— É mesmo? — Seus olhos estavam semiabertos, mas com o olhar fixo de quem está com febre; aquele atordoamento repleto de sonhos, onde as sombras contorcem-se no ar quente e bruxuleante acima de uma fogueira. Entretanto, enquanto eu falava, ele voltou lentamente de onde quer que estivera, e seus olhos encontraram os meus, de pálpebras pesadas, mas límpidos, e ele sorriu debilmente. — Que bom.

O couro fora estendido para secar, o enorme fígado fora fatiado para secagem rápida, os intestinos colocados de molho para limpeza, os quartos levados para o barracão onde serão defumados, tiras de carne cortadas para secarem ao sol e transformadas em charque, a gordura levada para ser convertida em sebo e sabão. Uma vez completamente descarnados, os ossos seriam fervidos para sopa e aproveitados na confecção de botões.

Os apreciados cascos e chifres descansavam, discretamente ensanguentados, em minha bancada, trazidos por Murdo Lindsay. Troféus tácitos, imaginei; o equivalente do século XVIII a duas orelhas e um rabo. Eu também ficara com a vesícula biliar, embora isso fosse simplesmente automático; ninguém a queria, mas de um modo geral acreditava-se que eu devia ter alguma utilidade medicinal para praticamente qualquer objeto natural. Uma coisa esverdeada, do tamanho do meu punho, estava ali num pires, suando, parecendo um pouco sinistra ao lado do conjunto de cascos abertos e enlameados.

Todas as pessoas de Ridge vieram ao saber da notícia — até Ronnie Sinclair, da tanoaria, ao pé da encosta — e pouco restava do búfalo agora, salvo um monte de ossos descartados. Senti o leve cheiro de carne assando, de nogueira queimando e de café, e abri completamente as janelas para deixar entrar os apetitosos aromas.

Risadas e estalidos de fogueira entraram numa rajada de vento frio. Estava quente no consultório agora e o ar frio que entrava pela janela foi um bálsamo nas minhas faces afogeadas.

— Está com fome, Jamie? — perguntei. Eu mesma estava faminta; embora só tivesse percebido ao sentir o cheiro de comida. Fechei os olhos e inalei, animada pelo cheiro revigorante de fígado e cebolas.

— Não — ele disse, sonolento. — Não tenho vontade de nada.

— Devia tomar um pouco de sopa, se puder, antes de dormir. — Virei-me e afastei os cabelos de seu rosto, franzindo um pouco o cenho ao olhar para ele. O rubor diminuía um pouco, pensei — difícil saber com certeza na luz incerta da lareira e de velas. Havíamos conseguido fazê-lo beber bastante chá e água com mel, de modo que seus olhos já não estavam encovados pela desidratação, mas os ossos da face e do maxilar ainda estavam proeminentes; ele não comia há mais de quarenta e oito horas, e a febre estava consumindo uma imensa quantidade de energia, devorando os tecidos.

— A senhora quer mais água quente? — Lizzie apareceu na entrada, parecendo mais desgrenhada do que o normal, Jemmy nos braços. Ela havia Perdido o lenço da cabeça e seus cabelos finos e louros haviam se soltado do coque; Jemmy segurava um punhado deles na mão gorducha e puxava-os, impaciente e irritado, fazendo-a

apertar os olhos a cada puxão.

— Mamã— Mamã— Mamã — ele choramingou, lamuriando-se num tom estridente e cada vez mais alto. Era óbvio que ele vinha repetindo a mesma ladainha há bastante tempo. — Mamã— Mamã— MAMA!

— Não, tenho o suficiente. Obrigada, Lizzie. Pare com isso, rapazinho eu disse, segurando a mão de Jemmy e forçando-o a abrir os dedos gorduchos. — Não se puxa cabelo. — Ouviu-se uma risadinha da pilha de cobertas na mesa atrás de mim.

— Olhando para você, ninguém acreditaria, Sassenach.

— Hum? — Virei a cabeça e olhei perplexa para ele por um instante, depois seguia com a mão a direção de seu olhar. De fato, minha touca havia de algum modo desaparecido e meus cabelos pareciam um matagal. Atraído pela palavra “cabelo”, Jemmy abandonou as delicadas mechas de Lizzie, inclinou-se para frente e agarrou um punhado dos meus cachos.

— Mamã— Mamã— Mamã— Mamã...

— Larga — eu disse, irritada, tentando desembaraçar sua mão. — Solte, diabinho. E, aliás, por que você não está na cama?

— MAMÃ— MAMÃ— MAMÃ...

— Ele quer a mãe dele — Lizzie explicou, com certa redundância. — Eu o coloquei na cama uma dúzia de vezes, mas ele sai assim que eu viro as costas. Não consegui...

A porta da frente se abriu, deixando entrar uma forte corrente de ar que fez o carvão no braseiro brilhar e soltar fumaça, e eu ouvi o ruído de pés descalços nas tábuas de carvalho no corredor.

Eu já ouvira antes a expressão “com sangue até as sobrelhas”, mas não vira a cena com muita frequência, ao menos não fora de um campo de batalha. As sobrelhas de Brianna estavam invisíveis, vermelhas o suficiente para terem se mesclado à máscara de sangue em seu rosto. Jemmy olhou-a atentamente e fez beicinho numa expressão de duvidosa aflição, à beira do choro total.

— Sou eu, neném — ela tranquilizou-o. Ela estendeu a mão para ele, mas parou pouco antes de tocá-lo. Ele não chorou, mas enterrou o rosto no ombro de Lizzie, rejeitando a ideia de que esta visão apocalíptica tivesse alguma coisa a ver com a mãe que ele estava exigindo há poucos minutos.

Brianna ignorou tanto a rejeição de seu filho quanto o fato de que ela estava deixando pegadas compostas em partes iguais de lama e sangue por todo o assoalho.

— Olhe — ela disse, segurando um punho fechado para mim. Suas

mãos estavam cobertas de sangue seco e rachado, as unhas negras. Ela reverentemente abriu os dedos para me mostrar seu tesouro; um punhado de minúsculos vermes brancos, contorcendo-se, que fez meu coração dar um salto de entusiasmo.

— São do tipo certo? — ela perguntou ansiosamente.

— Creio que sim, deixe— Me verificar. — Apressadamente, despejei as folhas molhadas do chá em um pires, para dar às larvas um refúgio temporário.

Brianna delicadamente depositou-as na folhagem lacerada e levou o pires para o balcão onde ficava o meu microscópio, como se o pires contivesse ouro em pó, em vez de vermes.

Peguei um verme com a ponta da unha e depusitei-o numa lâmina de vidro, onde ele contorceu-se, contrariado, numa busca infrutífera por alimento. Fiz sinal para Bri me trazer outra vela.

— Nada além de uma boca e uma tripa — murmurei, inclinando o espelho para captar a luz. Estava escuro demais para trabalho com microscópio, mas podia ser suficiente para isto. — Bichinhos vorazes.

Prendi a respiração, espreitando através da frágil ocular, esforçando-me para enxergar. As larvas comuns das moscas-varejeiras têm uma única linha visível ao longo do corpo; as larvas das moscas de verme-parafuso têm duas. As linhas eram muito tênues, invisíveis a olho nu, mas muito importantes. Os vermes das moscas-varejeiras comem carniça — carne morta, em decomposição. As larvas das moscas de verme-parafuso penetram na carne viva e consomem o músculo vivo e o sangue de seu hospedeiro. Nada que eu quisesse inserir em um ferimento!

Fechei um dos olhos, para deixar o outro se adaptar às sombras móveis na ocular. O cilindro escuro do corpo do verme contorceu-se, dobrando-se em todas as direções ao mesmo tempo. Uma linha era claramente visível. Aquilo seria outra? Apertei o olho até que ele começou a lacrimejar, mas não consegui ver mais nada. Soltando a respiração que vinha prendendo, relaxei.

— Parabéns, papai — Brianna disse, aproximando-se de Jamie. Ele abriu um olho, que percorreu a figura de Brianna com perceptível falta de entusiasmo. Vestida apenas com uma combinação até o joelho para a descarnadura, estava manchada da cabeça aos pés de sangue escuro, e a musselina havia grudado em seu corpo em alguns pontos.

— Ah, é? — ele disse. — Por quê?

— As larvas. Você conseguiu — ela explicou. Abriu a outra mão, revelando uma bola deformada de metal — uma bala de rifle esmagada. — As larvas estavam num ferimento na anca do animal. Eu

tirei as larvas do buraco da bala.

Eu ri, achando graça e aliviada.

— Jamie! Você acertou-o no traseiro? A boca de Jamie torceu-se um pouco.

— Achei que não o tivesse acertado em lugar nenhum — ele disse. — Eu só estava tentando fazer a manada virar na direção de Fergus. — Ergueu uma das mãos lentamente e pegou a bala, rolando-a delicadamente entre os dedos.

— Talvez deva guardá-la para dar sorte — Brianna disse. Ela falou descontraidamente, mas pude ver a ruga entre suas sobrancelhas invisíveis. Ou para morder enquanto mamãe estiver trabalhando em sua perna.

— Tarde demais — ele disse, com um mero esboço de sorriso.

Foi então que ela viu a pequena tira de couro que estava sobre a mesa à sua cabeceira, marcada com meias-luas superpostas — as profundas marcas dos dentes de Jamie. Ela olhou para mim, estarrecida. Levantei ligeiramente um dos ombros. Eu passara mais de uma hora limpando a ferida em sua perna, e não fora fácil para nenhum de nós dois.

Limpei a garganta e virei-me de novo para as larvas. Pelo canto do olho, vi Bri colocar as costas da mão ternamente no rosto de Jamie. Ele virou a cabeça e beijou os nós de seus dedos, indiferente ao sangue.

— Não se preocupe, menina — ele disse. Sua voz era fraca, mas firme. Estou bem.

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas vi o rosto de Bri e, em vez disso, apenas mordi a língua. Ela estivera trabalhando duro, e ainda tinha Jemmy e Roger para cuidar; não precisava se preocupar com Jamie também — ainda não.

Coloquei as larvas numa pequena tigela de água esterilizada e lavei-as rapidamente, depois as despejei de volta na cama de folhas molhadas.

— Não vai doer — eu disse a Jamie, tentando tranquilizar tanto a ele quanto a mim.

— Oh, sim — ele disse, com um cinismo inconveniente. — Já ouvi isso antes.

— Na verdade, ela tem razão — disse uma voz suave, arranhada, atrás de mim. Roger já se lavara rapidamente; seus cabelos escuros caíam úmidos sobre a gola da camisa e suas roupas eram limpas. Jemmy, sonolento, estava deitado no ombro do pai, sonhadoramente chupando o dedo. Roger aproximou-se da mesa para olhar para Jamie.

— Como vai? — perguntou serenamente.

Jamie moveu a cabeça no travesseiro, sem se preocupar com o desconforto do movimento.

— Vou ficar bem.

— Ótimo. — Para minha surpresa, Roger segurou o ombro de Jamie num pequeno gesto reconfortante. Eu nunca o vira fazer isso antes e novamente eu me perguntei exatamente o que teria se passado entre eles na montanha.

— Marsali está trazendo um caldo de carne para ele, carne de búfalo! Roger disse, franzindo ligeiramente a testa ao olhar para mim. Talvez seja melhor você tomar um pouco também.

— Boa ideia — eu disse. Fechei os olhos por um instante e respirei fundo. Somente quando me sentei é que percebi que estava de pé desde as primeiras horas da manhã. Todos os ossos dos meus pés e das minhas pernas doíam, e eu podia sentir a dor no local onde eu quebrara a tibia esquerda, há alguns anos. Mas o dever me chamava.

— Bem, o tempo e a maré não esperam por nenhuma larva — eu disse, lembrando o provérbio e levantando-me com grande dificuldade. — É melhor andar logo com isso.

Jamie resfolegou e esticou-se, depois relaxou, o longo corpo preparando-se relutantemente. Observou com resignação enquanto eu buscava o pires de larvas e meu fórceps, depois pegou a tira de couro à sua cabeceira.

— Não vai precisar disso — Roger disse. Ele pegou outro banquinho e sentou-se. — É verdade o que ela disse, essas desgraçadas não machucam.

Jamie bufou outra vez e Roger riu para ele.

— Veja bem — ele disse, — elas pinicam com força. Mas só se você ficar pensando nisso. Se puder manter a mente longe delas, não vai ser nada demais.

Jamie examinou-o.

— Você é um grande consolo, MacKenzie — ele disse.

— Obrigado — Roger disse, com uma risada rouca. — Tome, eu lhe trouxe uma coisa. — Inclinou-se para frente e depositou um Jemmy sonolento nos braços de Jamie. O menino emitiu um pequeno guincho de surpresa, depois relaxou, quando os braços de Jamie abraçaram-no num reflexo. A mãozinha gorducha se libertou, procurando apoio, depois o encontrou.

— Quente — ele balbuciou, sorrindo como um anjo. Com o punho enrolado nos cabelos ruivos de Jamie, ele suspirou profundamente e

mergulhou num sono profundo sobre o peito febril de seu avô.

Jamie estreitou os olhos para mim quando peguei o fórceps. Em seguida, encolheu ligeiramente o ombro, encostou a face áspera, sem barbear, delicadamente contra os cabelos sedosos e brilhantes de Jemmy, e fechou os próprios olhos, embora a tensão em suas feições fosse um marcante contraste com a paz do rostinho redondo de Jemmy.

Não poderia ter sido mais fácil; eu simplesmente levantei o novo emplastro de cebolas e enfiei as larvas uma a uma nos cortes ulcerados na panturrilha de Jamie. Roger deu a volta e se colocou atrás de mim para observar.

— Já está quase parecendo uma perna outra vez — ele disse, surpreso. Achei que nunca mais ficaria assim.

Sorri, sem me virar para olhá-lo, atenta ao meu delicado trabalho.

— As sanguessugas são muito eficientes — eu disse. — Embora seu trabalho meio grosseiro com a faca também tenha ajudado. Você deixou buracos grandes o suficiente para drenar o pus e o fluido; isso ajudou.

Era verdade; embora a perna ainda estivesse quente e horrivelmente descorada, o inchaço havia diminuído consideravelmente. O longo osso da canela e os arcos delicados do pé e do tornozelo já eram visíveis outra vez.

Eu não tinha nenhuma ilusão quanto aos perigos que ainda havia — infecção, gangrena, desprendimento da pele, — mas meu coração ficou mais leve. Já se podia reconhecer a perna como sendo de Jamie.

Pincei outra larva logo atrás da cabeça com meu fórceps, com cuidado para não esmagá-la. Levantei a beirada da pele com a delgada sonda que segurava na outra mão e habilmente inseri o minúsculo verme no pequeno bolso assim formado — tentando ignorar a terrível sensação esponjosa da pele sob meus dedos, e a lembrança do pé de Aaron Beardsley.

— Pronto — eu disse, instantes depois, e delicadamente recoloquei o emplastro. Cebola e alho cozidos, envoltos em musselina e embebidos em caldo de penicilina, manteriam os ferimentos úmidos e drenando. Renovados a intervalos de aproximadamente uma hora, eu esperava que o calor dos emplastros também incentivasse a circulação na perna. Depois, um curativo de mel, para evitar quaisquer outras invasões bacterianas.

Somente a força da concentração havia impedido minhas mãos de tremerem. Agora já estava terminado, e não havia mais nada a fazer, a não ser esperar. O pires de folhas úmidas tamborilou na bancada

quando o coloquei ali.

Creio que nunca me senti tão cansada.

ESCOLHAS

Roger e o sr. Bug carregaram Jamie para nosso quarto, em cima. Eu não queria movimentar sua perna retirando-o do consultório, mas ele insistiu.

— Não quero que você fique dormindo aqui no chão, Sassenach — ele disse, quando protestei. Ele sorriu para mim. — Você deveria estar na cama, mas sei que não vai me deixar sozinho, e então isso significa que eu devo ir ficar lá também, certo?

Eu teria continuado a argumentar, mas na realidade estava tão cansada que não me queixaria muito se ele insistisse em que nós dois dormíssemos no celeiro.

Depois que ele já estava acomodado em nossa cama, no entanto, minhas dúvidas retornaram.

— Se eu dormir aí, vou esbarrar em sua perna — eu disse, pendurando meu vestido em um dos ganchos. — Vou improvisar uma cama junto ao fogo aqui e...

— Não vai, não — ele disse, categoricamente. — Vai dormir aqui comigo. — Recostou-se sobre os travesseiros, os olhos fechados, os cabelos ruivos espalhados sobre o linho. Sua pele começara a perder a vermelhidão; já não estava tão afogueada. No entanto, estava assustadoramente pálida onde as minúsculas hemorragias não a tingiam.

— Você seria capaz de discutir em seu leito de morte — eu disse, contrariada. — Você não precisa estar sempre no comando, sabe? Você poderia deitar-se quieto e deixar que outras pessoas cuidassem das coisas, ao menos uma vez. O que acha que aconteceria se...

Ele abriu os olhos e lançou-me um olhar azul-escuro.

— Sassenach — ele disse suavemente.

— O quê?

— Eu queria que você tocasse em mim... sem me machucar. Só um pouco antes de eu dormir. Poderia fazer isso?

Parei e respirei fundo, terrivelmente desconcertada ao perceber que ele tinha razão. Apanhada de surpresa na situação de emergência e preocupada com seu estado, tudo que eu fizera para ele durante o dia fora doloroso, invasivo, ou ambos. Marsali, Brianna, Roger, Jemmy —

todos eles o haviam tocado com ternura, oferecendo-lhe solidariedade e conforto.

E eu... eu estava tão aterrorizada com a possibilidade do que poderia acontecer, com o que eu poderia ser forçada a fazer, que não deixará nenhum tempo, nenhum espaço, para a ternura. Desviei o olhar por um instante, piscando até as lágrimas recuarem. Depois, levantei-me e me aproximei da cama, inclinei-me e beijei-o, muito delicadamente.

Alisei seus cabelos para trás, afastando-os da testa, alisei suas sobrancelhas com o polegar. Arch Bug o barbeara; a pele de seu rosto estava lisa e quente sob a minha mão. Seus ossos delineavam-se contra a pele, emoldurando sua força — e no entanto ele repentinamente parecia frágil. Eu também me sentia frágil.

— Quero que durma ao meu lado, Sassenach — ele sussurrou.

— Está bem. — Sorri para ele, meus lábios um pouco trêmulos. — Deixe-me escovar os cabelos.

Sentei-me em minha combinação, soltei os cabelos e peguei a escova. Ele me observava, em silêncio, mas com um leve sorriso nos lábios, enquanto eu trabalhava. Ele gostava de me ver escovar os cabelos; esperava que fosse tão calmante para ele quanto o era para mim.

Havia ruídos lá embaixo, mas eram abafados, distantes. As persianas estavam completamente abertas; a luz da fogueira agonizante no pátio tremeluzia contra as vidraças da janela. Olhei para a janela, imaginando se eu deveria fechar as persianas.

— Deixe-as, Sassenach — ele murmurou da cama. — Gosto de ouvir a conversa. — O som de vozes do lado de fora era realmente reconfortante, aumentando e diminuindo, com pequenas explosões de gargalhadas.

O ruído da escova era suave e regular, como pequenas ondas na areia, e eu senti o estresse do dia ir diminuindo devagar, como se eu pudesse escovar todas as ansiedades e temores dos meus cabelos com a mesma facilidade com que me livrava dos emaranhados e dos fragmentos da trepadeira de abóbora. Quando finalmente larguei a escova e me levantei, os olhos de Jamie estavam fechados.

Ajoelhei-me para extinguir o fogo, levantei-me para apagar a vela e finalmente fui para a cama.

Deslizei suavemente ao seu lado na cama, para não perturbá-lo. Ele estava de lado, virado para o outro lado, e eu me virei para ele, ajustando meu corpo à curva do seu, com cuidado para não tocá-lo.

Fiquei muito quieta, ouvindo. Todos os sons da casa haviam

entrado em seu ritmo noturno; o silvo do fogo e o ruído surdo do vento na chaminé, o estalido repentino e surpreendente das escadas, como se algum pé descuidado tivesse pisado no espelho de um degrau. O ronco anasalado do sr.

Wemyss chegava até mim, reduzido a um zumbido relaxante pela espessura das portas que nos separavam.

Ainda havia vozes lá fora, abafadas pela distância, desarticuladas por causa da bebida e da hora tarde da noite. No entanto, todas joviais; nenhum som de hostilidade ou violência incipiente. Mas, na verdade, eu não me importava. Os habitantes de Ridge podiam se atracar até perderem os sentidos e ainda dançar sobre os despojos, no que me dizia respeito. Toda a minha atenção estava concentrada em Jamie. Sua respiração era superficial, mas regular, os ombros estavam relaxados. Eu não queria perturbá-lo; ele precisava de repouso acima de tudo. Ao mesmo tempo, sentia uma vontade irresistível de tocá-lo. Queria me certificar de que ele estava ali, vivo, ao meu lado — mas também precisava muito saber como as coisas estavam indo para ele.

Estaria febril? A infecção incipiente em sua perna teria se espalhado apesar da penicilina, envenenando seu sangue?

Movi a cabeça devagar, levando o rosto a um centímetro das suas costas cobertas pelo camisão de dormir, mas não consegui saber através do linho o quanto ele realmente estava quente.

Ele cheirava levemente a floresta, mais fortemente a sangue. As cebolas do emplastro exalavam um cheiro forte e penetrante; seu suor também.

Inspirei outra vez, examinando o ar. Nenhum cheiro de pus. Cedo demais para cheiro de gangrena, ainda que a decomposição estivesse começando, invisível sob as ataduras. Mas eu achava que havia um cheiro estranho em sua pele; algo cujo cheiro eu não sentira antes. Necrose do tecido? Algum componente do veneno da cobra? Expirei com força pelo nariz e inspirei novamente, longa e profundamente.

— Estou cheirando muito mal? — ele perguntou.

— Hein? — exclamei, assustando-me a ponto de morder a língua, e ele estremeceu levemente, no que eu entendi ser uma risadinha reprimida.

— Você parece um porquinho caçador de trufas, Sassenach, fungando desse jeito aí atrás.

— Oh, é mesmo? — eu disse, um pouco irritada. Toquei o ponto dolorido em minha língua. — Bem, ao menos você está acordado. Como se sente?

— Como uma pilha de tripas bolorentas.

— Muito pitoresco — eu disse. — Poderia ser um pouco mais específico? — Coloquei a mão de leve em seu quadril e ele soltou a respiração com um som semelhante a um gemido.

— Como uma pilha de tripas bolorentas... — ele disse, e parando para respirar pesadamente, acrescentou: —...com larvas.

-Você seria capaz de pilheriar em seu leito de morte, não? — No instante mesmo em que disse isso, senti um tremor de inquietude. — Ele seria, e eu esperava que não fosse esse o caso.

— Bem, tentarei, Sassenach — ele murmurou, parecendo sonolento. Mas não estou mesmo em meu melhor momento, nas circunstâncias atuais.

— Sente muita dor?

— Não. Só estou... cansado. — Ele soava como se estivesse realmente exausto demais para procurar a palavra certa, e resolvera usar aquela mesma como padrão.

— Não é de admirar que esteja. Vou dormir em outro lugar, para você poder descansar. — Fiz menção de atirar as cobertas para trás e me levantar, mas ele me impediu, levantando ligeiramente uma das mãos.

— Não. Não, não me deixe. — Seu ombro caiu para trás, na minha direção, e ele tentou levantar a cabeça do travesseiro. Senti-me ainda mais inquieta quando percebi que ele estava fraco demais sequer para se virar sozinho.

— Não vou deixá-lo. Mas acho melhor eu dormir na cadeira. Não quero...

— Estou com frio — ele disse baixinho. — Estou com muito frio. Pressionei meus dedos de leve logo abaixo do seu esterno, procurando o grande pulso abdominal. As batidas de seu coração estavam rápidas, mais superficiais do que deveriam. Ele não estava febril. Ele não apenas sentia frio, ele estava frio ao toque, a pele e os dedos gelados. Achei isso alarmante.

Já sem reservas, aconcheguei-me bem junto a ele, meus seios amassando-se suavemente contra suas costas, o rosto descansando em sua omoplata. Concentrei-me o mais que pude em gerar calor corporal, tentando irradiar calor através da minha pele para a pele dele. Tantas vezes ele me envolvera na curva de seu corpo, protegendo — Me, dando-me o calor de seu corpo. Desejei ardentemente que eu fosse mais corpulenta e pudesse fazer o mesmo por ele agora; no caso, eu não podia fazer mais do que agarrar — Me a ele como um emplastro de mostarda, pequeno e forte, e esperar que eu surtisse o mesmo efeito.

Muito delicadamente, encontrei a bainha de sua camisa e puxei-a para cima, depois ajustei minhas mãos nas curvas de suas nádegas. Elas enrijeceram-se ligeiramente de surpresa, depois relaxaram.

Fiquei imaginando por que eu achava que devia colocar as mãos nele, mas não preocupei minha mente com isso; eu já tivera a sensação muitas vezes antes e há muito deixara de me preocupar por não ser um procedimento científico.

Eu podia sentir a textura ligeiramente áspera da erupção cutânea, e me sobreveio o pensamento da lâmia. Uma criatura escorregadia e fria ao toque, capaz de se metamorfosear, peçonhenta, de natureza infecciosa. Uma rápida mordida e o veneno da serpente se espalhava, diminuindo as batidas de seu coração, esfriando seu sangue; eu podia imaginar minúsculas escamas penetrando em sua pele no escuro.

Obriguei-me a afastar o pensamento, mas não o tremor que veio com ele.

— Claire — ele disse baixinho. — Toque em mim.

Eu não conseguia ouvir seu coração. Podia ouvir o meu; um som surdo, abafado, no ouvido pressionado contra o travesseiro.

Deslizei a mão pela curva de sua barriga e mais lentamente para baixo, os dedos afastando o emaranhado de pelos ásperos e encaracolados, mergulhando mais fundo para segurar suas formas redondas. O pouco calor que ele tivesse estava ali.

Acariciei-o com o polegar e o senti estremecer. Ele soltou o ar num longo suspiro e seu corpo pareceu se tornar mais pesado, afundando no colchão conforme ele relaxava. Sua carne era como cera de vela em minha mão, lisa e sedosa, à medida que se aquecia.

Eu me senti muito estranha; não mais assustada, mas com todos os meus sentidos ao mesmo tempo agudos de uma forma sobrenatural e entretanto... em paz. Eu não tinha mais consciência de nenhum som, a não ser a respiração de Jamie e as batidas de seu coração; a escuridão estava repleta desses sons. Eu não tinha nenhum pensamento consciente, mas parecia agir puramente por instinto, acariciando-o, buscando o âmago de seu calor no centro de seu ser.

Logo eu estava me movendo — ou estávamos nos movendo juntos. Minha mão estendeu-se entre nós, subiu pelo meio de suas pernas, as pontas dos meus dedos no ponto bem atrás de seus testículos. Minha outra mão estendeu-se por cima dele, movendo-se com o mesmo ritmo que flexionava minhas coxas e erguia meus quadris, arremetendo-me contra ele por trás.

Eu podia continuar a fazer isso para sempre, e achei que talvez o tivesse feito. Não tinha nenhuma noção da passagem do tempo,

apenas de uma paz enleada e daquele ritmo firme, lento, conforme nos movíamos juntos na escuridão. Em algum lugar, em algum momento, senti uma pulsação firme, primeiro em uma das mãos, depois nas duas. Mesclou-se às batidas do seu coração.

Ele suspirou, longa e profundamente, e eu senti o ar precipitar-se dos meus próprios pulmões. Ficamos deitados em silêncio e suavemente passamos à inconsciência, juntos.

Acordei sentindo-me completamente tranquila. Fiquei deitada sem me mover, sem pensar, ouvindo o som do sangue através das minhas veias, observando as partículas de poeira iluminadas pelo sol vagarem no feixe de luz que penetrava pelas persianas semiabertas. Então lembrei-me e virei-me abruptamente na cama, fitando-o.

Seus olhos estavam fechados e sua pele tinha a cor de marfim antigo. Sua cabeça estava ligeiramente virada para o outro lado, de modo que os tendões de seu pescoço se sobressaíam, mas eu não via nenhuma pulsação em sua garganta. Ele ainda estava quente, ou ao menos as roupas de cama ainda estavam quentes. Cheirei o ar, ansiosamente. O quarto fedia a cebolas, mel e suor de febre, mas nenhum cheiro de morte iminente.

Espalmei a mão no centro de seu peito e ele sobressaltou-se, surpreso, e abriu os olhos

— Seu filho da mãe — eu disse, tão aliviada de sentir seu peito se erguer quando ele inspirou que minha voz tremeu. — Tentou morrer aqui do meu lado, não foi?

Seu peito subiu e desceu, subiu e desceu, sob a minha mão, e meu próprio coração sacudiu-se e estremeceu, como se eu tivesse sido puxada de volta, no último instante, de um precipício inesperado

Ele piscou várias vezes para mim. Seus olhos estavam pesados, ainda enevoados de febre.

— Não foi preciso muito esforço, Sassenach — ele disse, a voz suave e rouca de sono — Não morrer foi mais difícil.

Ele não fingiu não me compreender. A luz do dia, eu vi claramente o que a exaustão e as consequências do choque haviam me impedido de ver na noite anterior. Sua insistência em ir para sua própria cama As persianas abertas, para que ele pudesse ouvir as vozes de sua família embaixo, de seus arrendatários lá fora. E eu ao lado dele. Ele havia, com muito cuidado, e sem dizer nem uma palavra para mim, decidido como e onde queria morrer.

-Você achou que estava morrendo quando o trouxemos aqui para cima, não foi? — perguntei. Minha voz soava mais aturdida do que acusadora.

Ele levou algum tempo para responder, embora não parecesse hesitante. Era mais como se buscasse as palavras certas.

— Bem, não sei ao certo, não — ele disse devagar. — Embora eu me sentisse muito doente. — Seus olhos se fecharam, devagar, como se estivesse cansado demais para mantê-los abertos. — Ainda me sinto — acrescentou, com uma espécie de voz distante. — Mas não precisa se preocupar. Já fiz minha escolha.

— O que quer dizer com isso?

Tateei sob as cobertas e senti seu pulso. Ele estava quente; na verdade, estava com febre outra vez e com um pulso rápido demais, superficial demais. Ainda assim, era tão diferente do frio que eu sentira em seu corpo na noite anterior que minha primeira reação foi de alívio

Ele respirou fundo umas duas vezes, depois virou a cabeça e abriu os olhos para olhar para mim.

— Quero dizer que eu poderia ter morrido ontem à noite.

Poderia, sem dúvida — e no entanto não era disso que ele estava falando. Ele fazia parecer um consciente...

— O que quer dizer com ter feito sua escolha? Você resolveu não morrer, afinal? — Eu tentava falar descontraidamente, mas não estava funcionando muito bem. Eu me lembrava muito bem daquela estranha sensação de quietude atemporal que nos cercara.

— Foi muito estranho — ele disse. — E no entanto não tinha nada de estranho. — Ele parecia ligeiramente surpreso.

— Eu acho melhor — eu disse cuidadosamente, mantendo o polegar em seu pulso — você me contar exatamente o que aconteceu.

Ele sorriu diante disso, embora o sorriso estivesse mais em seus olhos do que em seus lábios. Estes estavam secos e dolorosamente rachados nos cantos. Toquei seus lábios com o dedo, pensando em ir buscar alguma pomada calmante para ele, água, chá — mas descartei o impulso, forçando-me a permanecer e ouvir.

— Não sei ao certo, Sassenach... ou melhor, eu sei, mas não sei como explicar. — Ele ainda parecia cansado, mas seus olhos permaneceram abertos. Demoraram-se em meu rosto, um azul vívido à luz da manhã, com uma expressão quase de curiosidade, como se ele não tivesse me visto antes.

— Você é tão linda — ele disse, brandamente. — Tão, tão linda, mo chridhe. Minhas mãos estavam cobertas de nódoas azuis desbotadas e manchas de sangue de búfalo que passaram despercebidas, eu podia sentir meus cabelos emaranhados, grudando no meu pescoço, precisando ser lavados, e eu podia sentir o cheiro de

tudo, do odor de urina velha da tintura até o fedor do suor do medo em meu corpo. No entanto, o que quer que ele visse iluminava seu rosto como se ele estivesse olhando para a lua cheia numa noite de verão, límpida e encantadora.

Seus olhos permaneceram fixos no meu rosto enquanto ele falava, absorto, movendo-se ligeiramente conforme pareciam percorrer minhas feições.

— Eu me sentia realmente muito mal quando Arch e Roger Mac me trouxeram para cima ele disse. — Terrivelmente doente, e minha perna e minha cabeça latejavam a cada batida do coração, tanto que comecei a temer a próxima. Então eu prestava atenção aos espaços entre uma batida e outra. Ninguém diria — continuou, parecendo vagamente surpreso, — mas há muito tempo entre as batidas de um coração.

Ele começou, disse, a desejar, naqueles espaços, que a próxima batida não viesse. E aos poucos ele percebeu que seu coração estava realmente diminuindo os batimentos — e que a dor estava ficando remota, algo à parte de si mesmo.

Sua pele ficara fria, a febre esvaindo-se tanto do corpo quanto da mente, deixando a última estranhamente lúcida.

— E é nesse ponto que eu realmente não sei explicar, Sassenach. — Libertou o pulso da minha mão na intensidade do relato e curvou os dedos sobre os meus. — Mas eu... vi.

— Viu o quê? — E no entanto eu já sabia que ele não poderia me dizer. Como qualquer médico, eu vira doentes resolverem morrer, e conhecia aquele olhar que às vezes têm; olhos fixos e arregalados em alguma coisa ao longe.

Ele hesitou, lutando para encontrar as palavras. Pensei em algo e me apressei a tentar ajudar.

— Houve uma senhora idosa — eu disse. — Ela morreu no hospital onde eu trabalhava. Todos os seus filhos adultos estavam com ela, foi muito pacífico. — Olhei para baixo, meus olhos fixos em seus dedos, ainda vermelhos e ligeiramente inchados, entrelaçados com meus dedos manchados de tintura e sangue.

— Ela morreu, ela estava morta, eu verifiquei que seu pulso havia parado, ela não respirava mais. Todos os filhos dela estavam ao lado da cama, chorando. E então, de repente, seus olhos se abriram. Ela não olhava para nenhum deles, mas via alguma coisa. E ela disse, com toda clareza: “Oooh!” Assim, arrebatada, como uma menina que acaba de ver algo maravilhoso. Depois fechou os olhos novamente. — Ergui os olhos para ele, piscando para conter as lágrimas. — Foi... assim?

Ele balançou a cabeça, sem fala, e sua mão apertou a minha.

— Algo assim — ele disse, muito brandamente.

Ele se sentira estranhamente suspenso, num lugar que não conseguia descrever de modo algum, sentindo-se completamente em paz — e vendo com muita clareza.

— Era como se houvesse... não era uma porta exatamente, mas uma passagem de algum tipo... à minha frente. E eu podia atravessá-la, se quisesse. E eu realmente queria — ele disse, lançando-me um olhar de esguelha e um sorriso tímido.

Ele soubera, também, o que estava atrás dele, e compreendeu que naquele momento ele podia escolher. Ir em frente — ou voltar.

— Foi então que você me pediu para tocá-lo?

— Eu sabia que você era a única coisa que poderia me trazer de volta ele disse simplesmente. — Eu mesmo não tinha forças.

Senti um enorme bolo na garganta; não conseguia falar, mas apertei sua mão com força.

— Por quê? — perguntei finalmente. — Por que você... escolheu ficar? Minha garganta ainda estava obstruída, e minha voz era rouca. Ele ouviu e sua mão apertou a minha; um fantasma do aperto usual de sua mão e, no entanto, com a memória da própria força.

— Porque você precisava de mim — ele disse, muito brandamente.

— Não porque você me ama?

Ele ergueu os olhos, com a sombra de um sorriso.

— Sassenach... eu a amo agora e sempre a amarei. Quer eu esteja morto, ou você, quer estejamos juntos ou separados. Você sabe que é verdade — ele disse serenamente, e tocou meu rosto. — Eu sei disso a seu respeito, e você sabe disso a meu respeito.

Ele inclinou a cabeça, os cabelos brilhantes balançando-se em seu rosto.

— Não falo apenas de você, Sassenach. Ainda tenho trabalho a fazer. Pensei, por um instante, que talvez não fosse assim; que vocês todos conseguiriam sobreviver, com Roger Mac e o velho Arch, Joseph e os Beardey. Mas a guerra se aproxima e, pelos meus pecados... — esboçou um sorriso — eu sou um comandante.

Sacudiu a cabeça ligeiramente, resignado.

— Deus me fez quem eu sou. Ele me deu o dever... e eu tenho que realizá-lo, a qualquer custo.

— O custo — eu repeti, inquieta, ouvindo algo mais grave do que resignação em sua voz. Ele olhou para mim, depois olhou, quase sem pensar, para o pé da cama.

— Minha perna não está muito pior — ele disse, de maneira desapaixonada, — mas não tem importância. Acho que você vai ter que cortá-la.

Fiquei sentada no meu consultório, olhando pela janela, tentando pensar em outro modo. Tinha que haver mais alguma coisa que eu pudesse fazer. Tinha que haver.

Ele estava certo; os veios vermelhos continuavam lá. Não haviam piorado, mas continuavam lá, feios e ameaçadores. A penicilina oral e tópica evidentemente fizera algum efeito na infecção, mas não o suficiente. As larvas estavam lidando muito bem com os pequenos abscessos, mas não podiam afetar a bacteriemia subjacente que estava envenenando seu sangue.

Olhei para a garrafa de vidro marrom; cheia até um terço apenas. Isso o ajudaria a controlar a infecção por mais algum tempo, mas não havia o suficiente — e não era provável que tivesse o efeito necessário quando administrado por via oral — para erradicar a bactéria mortal que se multiplicava em seu sangue.

— Dez mil a dez milhões de miligramas — murmurei comigo mesma. A dosagem de penicilina recomendada para bacteriemia ou sepsia, segundo o Manual Merck, a referência básica do médico. Olhei para o caderno de anotações médicas de Daniel Rawlings, depois de novo para a garrafa. Sem nenhum modo de saber qual a concentração de penicilina que eu tinha, a administração provavelmente era ainda mais eficaz do que a combinação de serpentária e alho recomendada por Rawlings — mas não o suficiente para resolver o problema, eu temia.

A serra de amputação ainda estava sobre a bancada onde ele a deixara na noite anterior. Eu lhe dera a minha palavra — e ele a devolvera.

Cerrei os punhos, dominada por uma indescritível sensação de frustração, tão forte a ponto de sobrepujar meu desespero. Por que, por que, por que eu não tinha começado a preparar mais penicilina imediatamente? Como pude ser tão inepta, tão descuidada — tão desgraçadamente estúpida?

Por que eu não insistira em ir a Charleston, ou ao menos a Wilmington, na esperança de encontrar um soprador de vidro que pudesse fazer para mim o tubo e o êmbolo de uma seringa hipodérmica? Certamente eu poderia ter improvisado alguma coisa como agulha. Toda essa dificuldade, toda essa experimentação, conseguir obter a preciosa substância... e agora que eu precisava dela desesperadamente...

Um movimento perto da porta aberta me fez virar e tentei manter

minha expressão sob controle. Eu teria que dizer ao pessoal da casa o que estava acontecendo, e sem demora. Mas seria melhor escolher o momento e contar a todos de uma só vez.

Era um dos Beardsley. Com os cabelos crescidos e cuidadosamente aparados na mesma altura por Lizzie, era cada vez mais difícil distinguir um do outro — a menos que estivessem suficientemente perto para que se pudesse ver seus polegares. Quando falavam, é claro, era simples.

— Senhora? Era Kezzie.

— Sim? — Sem dúvida eu falei secamente, mas não importava, Kezzie não conseguia distinguir nuances da fala.

Ele carregava uma sacola de pano. Quando ele entrou na sala, vi a sacola mexer-se e mudar de forma, e um pequeno estremecimento de repugnância percorreu meu corpo. Ele viu e sorriu um pouco.

— É para o patrão — ele disse, em sua voz alta, ligeiramente uniforme, erguendo a sacola. — Ele, o velho Aaron, disse que isso funciona muito bem. Uma cobra grande o morde, pegue uma arma, corte sua cabeça, beba seu sangue. — Estendeu a sacola para mim, que aceitei cautelosamente, mantendo-a o mais afastado possível de mim. O conteúdo da sacola remexeu-se outra vez, fazendo minha pele se arrepiar, e um leve zumbido atravessou o pano.

— Obrigada — eu disse, com voz fraca. — Eu... hã... farei alguma coisa com isso. Obrigada.

Keziah exibiu um sorriso radiante e, inclinando-se, saiu, deixando-me na custódia pessoal de uma sacola contendo o que parecia ser uma pequena, mas altamente irritada cascavel. Olhei freneticamente ao redor, à procura de um lugar para colocá-la. Não ousava atirá-la pela janela; Jemmy em geral brincava no pátio perto da casa.

Finalmente arrastei um grande jarro de vidro incolor de sal para a borda da bancada e, segurando a sacola com o braço esticado, usei a outra mão para entornar o sal sobre a bancada. Enfiei a sacola dentro do vidro e fechei rapidamente a tampa, depois corri para o outro lado do aposento e deixei-me cair num banco, a parte de trás dos meus joelhos molhadas de suor.

Em tese, eu não me importava muito com cobras, mas na prática...

Brianna enfiou a cabeça pela porta.

— Mamãe? Como o papai está hoje de manhã?

— Nada bem. — Evidentemente meu rosto lhe disse o quanto a situação era grave, porque ela entrou e ficou parada ao meu lado, a testa franzida.

— Muito grave? — ela perguntou suavemente, e eu balancei a

cabeça, incapaz de falar. Ela soltou o ar num profundo suspiro.

— Posso fazer alguma coisa?

Soltei um suspiro idêntico e fiz um gesto de desamparo. Eu tinha uma vaga ideia — ou melhor, o retorno de uma ideia que estava no fundo da minha mente há algum tempo. A única coisa que eu posso pensar em fazer é abrir a perna — cortar bem fundo no músculo — e despejar o pouco de penicilina que resta diretamente nas feridas. É muito mais eficaz contra infecções bacterianas se você puder injetar a penicilina, em vez de administrá-la por via oral. Penicilina bruta como essa é muito instável na presença de ácido. Não é provável que o suficiente chegasse ao estômago para fazer algum efeito.

— Foi mais ou menos isso que tia Jenny fez, não? Foi o que causou aquela grande cicatriz em sua coxa.

Balancei a cabeça, enxugando as palmas das minhas mãos disfarçadamente sobre os joelhos. Normalmente eu não sofria de suor nas mãos, mas a sensação da serra de amputação estava muito clara em minha lembrança.

— Eu teria que fazer dois ou três cortes profundos. Provavelmente irá aleijá-lo para sempre... mas pode funcionar. — Tentei dar um sorriso. — Imagino que o MIT não tenha lhe ensinado a criar uma seringa hipodérmica, não é?

— Por que não disse isso antes? — ela falou calmamente. — Não sei se consigo fazer uma seringa, mas ficaria muito surpresa se não pudesse inventar alguma coisa que funcionasse do mesmo jeito. Quanto tempo temos?

Fitei-a, a boca semiaberta, depois a fechei com um estalo.

— Algumas horas, pelo menos. Eu achava que se não obtivéssemos nenhuma melhora com emplastros quentes, eu teria que cortar ou amputar até a noite.

— Amputar! — Todo o sangue fugiu de seu rosto. — Não pode fazer isso!

— Posso... mas, meu Deus, eu não quero! — Minhas mãos fecharam-se com força, negando sua capacidade.

— Deixe— Me pensar, então. — Seu rosto ainda estava pálido, mas o choque estava passando, conforme sua mente começava a se concentrar. — Oh... onde está a sra. Bug? Eu ia deixar Jemmy com ela, mas...

— Ela desapareceu? Tem certeza de que não está no galinheiro?

— Não, parei lá quando vim para a casa. Não a vi em lugar algum, e o fogo da cozinha está apagado.

Isso era muito estranho; a sra. Bug viera para casa como fazia todos os dias para preparar o café da manhã. O que a teria levado a sair outra vez? Eu esperava que Arch não tivesse ficado doente repentinamente; era só o que me faltava.

— Então onde está Jemmy? — perguntei, olhando ao redor, à sua procura. Normalmente ele não se afastava da mãe, embora estivesse começando a se aventurar um pouco, como as crianças costumam fazer.

— Lizzie levou-o para cima, para ver o avô. Vou pedir a ela para tomar conta dele por enquanto.

— Está bem. Oh!

Minha exclamação a fez virar-se da porta, as sobrancelhas erguidas numa pergunta.

— Acha que poderia levar isso — gesticulei com nojo para o grande jarro de vidro — lá para fora, querida? Jogar isso fora de alguma forma?

— Claro. O que é? — Curiosa, caminhou até o jarro. A pequena cascavel havia se arrastado para fora da sacola e estava enroscada num suspeito nó escuro; quando estendeu a mão na direção do jarro, ela deu um bote, batendo no vidro, e Brianna deu um salto para trás com um grito.

— Credo! — exclamou, e eu ri, apesar do estresse e da tensão geral.

— Onde a conseguiu, e para que serve? — ela perguntou. Recuperando-se do choque inicial, ela inclinou-se para frente cautelosamente e bateu levemente no vidro. A cobra, que parecia extremamente irascível, bateu na lateral do jarro com um baque surdo, e ela retirou a mão com um puxão outra vez.

— Foi Kezzie quem trouxe. Jamie deveria beber o sangue dela para curar-se — expliquei.

Ela estendeu o dedo indicador, cautelosamente, e traçou o caminho de uma pequena gota de líquido amarelado, que escorria pelo vidro. Duas gotas, na verdade.

— Olhe só para isso! Ela tentou me morder através do vidro! É uma cobra realmente perigosa! Acho que ela não gostou muito da ideia.

De fato. Ela estava enroscada outra vez, o minúsculo chocalho vibrando num absoluto frenesi de animosidade.

— Tudo bem — eu disse, aproximando-me e ficando ao seu lado. — Tenho certeza de que Jamie também não iria gostar muito da ideia. No momento, ele está completamente avesso a cobras.

— Mmmhum. — Ela ainda fitava a pequena cobra, as grossas sobrancelhas ruivas ligeiramente franzidas. — Kezzie falou onde a conseguiu?

— Não perguntei. Por quê?

— Está esfriando... as cobras hibernam, não é? Em cavernas?

— Bem, o dr. Brickell diz que sim — respondi, um pouco em dúvida. A História Natural da Carolina do Norte, do bom doutor, era uma leitura interessante, mas me permitia duvidar de algumas observações, particularmente daquelas referentes a cobras e crocodilos, de cuja valentia ele parecia ter uma opinião um pouco exagerada.

Ela balançou a cabeça, sem tirar os olhos da cobra.

— Veja bem, a questão é — ela disse, parecendo um pouco sonhadora, — as cobras venenosas têm uma bela engenharia. Suas mandíbulas são desarticuladas, para poderem engolir animais maiores do que elas; e suas presas se dobram para trás, contra o céu da boca, quando não as estão usando.

— É mesmo? — eu disse, lançando lhe um ligeiro olhar de dúvida, que ela ignorou.

— As presas são ocas — ela disse, e tocou o vidro com a ponta de um dedo, assinalando o lugar onde o veneno havia embebido o pano de linho, deixando uma pequena mancha amarela. — Estão ligadas a uma bolsa de veneno na bochecha da cobra, e assim, quando mordem, os músculos da bochecha espremem o veneno para fora do saco... e descem pela presa, para dentro da caça. Exatamente como uma...

— Meu Deus! — exclamei.

Ela balançou a cabeça, finalmente tirando os olhos da cobra e olhando para mim.

— Eu estava pensando em tentar fazer alguma coisa com uma pena de escrever bem afiada, mas isso funcionaria muito melhor; já foi projetada para a função.

— Compreendo — eu disse, sentindo uma pequena onda de esperança. Mas você vai precisar de um reservatório, de algum tipo...

— Primeiro, eu preciso de uma cobra maior — ela disse, de modo prático, virando-se para a porta. — Vou procurar Jo ou Kezzie e ver se essa realmente veio de uma caverna. E se assim for, se há mais dessas lá.

Ela partiu imediatamente nessa missão, levando o jarro de vidro com ela, deixando-me de volta à contemplação da situação do antibiótico com esperança renovada. Se eu iria poder injetar a solução, ela teria que ser coada e purificada ao máximo.

Eu gostaria de poder ferver a solução, mas não ousava; eu não sabia se temperaturas altas poderiam destruir ou desativar penicilina bruta -se, na verdade, ainda houvesse penicilina ativa ali. A onda de esperança que eu experimentara com a ideia de Brianna turvou-se um pouco. Ter um aparato hipodérmico não ajudaria se eu não tivesse nada útil para injetar.

Agitadamente eu andava pelo consultório, pegando objetos e recolocando-os no lugar.

Revestindo-me de coragem, coloquei a mão na serra outra vez e fechei os olhos, deliberadamente relembando os movimentos e sensações, tentando também captar novamente o senso sobrenatural de distanciamento com que eu havia matado o búfalo.

Claro, fora Jamie quem andara falando com o outro mundo desta vez. Bondade sua ter lhe dado a escolha, pensei sarcasticamente.

— Mas estou vendo que você não vai mais ser gentil com ele.

Mas ele não pediria isso. Abri os olhos, espantada. Eu não sabia se essa resposta viera do meu próprio subconsciente ou de algum outro lugar — mas lá estava ela em minha mente, e eu reconheci a verdade do que ela dizia.

Jamie estava acostumado a fazer sua escolha e manter-se fiel a ela. Ele viu que viver provavelmente significaria a perda de sua perna e tudo o que isso implicava — e aceitara isso como o preço natural de sua decisão.

— Bem, pois eu não aceito isso! — eu disse em voz alta, o queixo erguido na direção da janela. Um pássaro balançando na ponta do galho de uma árvore lançou-me um olhar penetrante através de sua máscara preta de ladrão, decidiu que eu era louca, mas inofensiva, e continuou a fazer o que estava fazendo.

Escancarei a porta do armário, abri a tampa da caixa de remédios com um safanão e fui buscar folha de papel, pena de escrever e tinta no gabinete de Jamie.

Um recipiente de frutinhas vermelhas secas de gualtéria. Extrato de pírola. Casca de olmeiro escorregadio. Casca de salgueiro, de cerejeira, poejo, aquileia. A penicilina era de longe o mais eficaz dos antibióticos disponíveis, mas não era o único. As pessoas vinham travando uma guerra contra os germes há milhares de anos, sem qualquer noção do que estavam combatendo. Eu sabia; já era uma pequena vantagem.

Comecei a fazer uma lista das ervas que tinha à mão e, sob cada nome, todas as indicações que eu conhecia para aquela erva — quer eu já tivesse feito uso dela ou não. Qualquer erva usada para tratar

uma condição séptica era uma possibilidade — limpar lacerações, tratar males bucais, diarreia, disenteria... Ouvi passos na cozinha e chamei a sra. Bug, querendo que ela me trouxesse uma chaleira de água fervendo, para que eu pudesse começar as infusões imediatamente.

Ela apareceu à porta, as faces coradas do frio e os cabelos saindo de seu lenço em fiapos desgarrados, um cesto grande nos braços. Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela veio e colocou o cesto na bancada à minha frente. Logo atrás, veio seu marido, com outro cesto e um pequeno barril aberto, de onde saía um penetrante cheiro alcoólico. O ar ao redor deles tinha um leve cheiro adocicado, como o odor distante de um depósito de lixo.

— Eu ouvi a senhora dizer que não tinha mofo suficiente à mão — ela começou, ansiosa e com os olhos brilhando, — então eu disse para o Arch que tínhamos que dar uma passada pelas casas vizinhas e ver o que poderíamos trazer para a sra. Fraser, pois afinal de contas o pão realmente estraga muito rápido quando está úmido e o bom Deus sabe que a sra. Chisholm é desleixada, embora eu saiba que ela possui um bom coração, e o que possa acontecer em sua casa tenho certeza de que não gostaria nem de pensar, mas nós...

Eu não estava prestando atenção, mas olhando fixamente para o resultado da incursão dos Bug nas despensas e montes de lixos de Ridge. Crostas de pão, biscoito estragado, abóbora meio apodrecida, pedaços de torta com as marcas de dentes ainda visíveis na massa... uma miscelânea de restos pegajosos e em decomposição — todos germinando mofo em manchas aveludadas azuis e verdes— Musgo, entremeadas de nódoas semelhantes a verrugas, rosas e amarelas, e salpicos de pontos brancos. O barril estava cheio até a metade com milho em decomposição, o líquido turvo resultante com uma borda de ilhas flutuantes de mofo azul.

— Os porcos de Evan Lindsay — a sra. Bug explicou, numa rara explosão de loquacidade. Os dois Bug sorriam radiantes para mim, imundos dos seus esforços.

— Obrigada — eu disse, sentindo-me sufocada, e não só por causa do cheiro. Pisquei, os olhos lacrimejando ligeiramente do miasma do líquido de milho. — Oh, muito obrigada.

Subi logo depois do anoitecer, carregando minha bandeja de poções e implementos, sentindo um misto de agitação e temor.

Jamie estava recostado nos travesseiros, cercado de visitas. Durante todo o dia, as pessoas vieram vê-lo e desejar melhoras; muitos deles simplesmente ficaram e uma horda de rostos ansiosos virou-se para mim quando eu entrei, tremeluzindo à luz das velas.

Ele parecia muito doente, afogueado e abatido, e eu me perguntei se eu deveria ter mandado as visitas embora. Mas vi Murdo Lindsay pegar sua mão e apertá-la com força, e compreendi que a distração e o apoio de seus companheiros durante todo o dia foram provavelmente muito mais benéficos para ele do que o resto que ele não teria aceitado de qualquer forma.

— Bem, então — Jamie disse, com uma boa dose de fingida descontração, — estamos prontos, imagino — Ele esticou as pernas, flexionando os dedos dos pés com força embaixo do cobertor. Considerando o estado de sua perna, deve ter doído terrivelmente, mas compreendi que ele estava aproveitando o que achava que seria a última oportunidade de mover aquela perna, e mordeu a parte interna do meu lábio.

— Bem, estamos prontos para tentar alguma coisa — eu disse, sorrindo para ele numa tentativa de inculcar-lhe confiança — E quem quiser rezar em intenção a isso, por favor, faça-o.

Um sussurro de surpresa substituiu o ar de temor que surgira com a minha entrada, e eu vi Marsali, que segurava Joan, adormecida, com uma só mão, tatear apressadamente seu bolso com a outra para tirar dali seu rosário.

Houve uma corrida para desimpedir a mesinha de cabeceira, que estava atulhada de livros, papéis, tocos de velas, várias guloseimas trazidas para tentar o apetite de Jamie — tudo intocado — e, por alguma razão inimaginável, a parte da frente de um dulcimer e a pele de uma marmota parcialmente curtida. Coloquei a bandeja na mesinha e Brianna, que subira comigo, deu um passo à frente, segurando sua invenção cuidadosamente com as duas mãos, como um coroinha apresentando a hóstia ao padre.

— O que é isso, em nome de Deus — Jamie franziu o cenho para o objeto, depois para mim.

— E uma espécie de cobra cascavel feita em casa — Brianna explicou. Houve um murmúrio geral de interesse, todos esticando o pescoço para ver melhor — embora o interesse tenha sido imediatamente desviado quando eu virei a coberta para trás e comecei a desenfaixar sua perna, para um coro de sussurros chocados e exclamações de solidariedade à visão do ferimento.

Lizzie e Marsali haviam dedicadamente passado o dia inteiro aplicando novos e quentes emplastros de cebolas e de sementes de linho, e filetes de vapor levantaram-se das ataduras quando eu as deixei de lado. Sua perna estava em carne viva até o joelho, pelo menos naquelas partes que não estavam negras ou exsudando pus. Nós havíamos removido as larvas temporariamente, com medo de que o

calor as matasse, no momento, encontravam-se lá embaixo, em um prato, no meu consultório, alegremente ocupadas com alguns dos restos mais repugnantes da coleção dos Bug. Se eu conseguisse salvar a perna, elas poderiam ajudar na limpeza posterior.

Eu vasculhara cuidadosamente os detritos, pedacinho por pedacinho, examinando o mofo azul com meu microscópio e separando tudo que pudesse ser identificado como tendo Pemallium em uma tigela grande. Sobre essa miscelânea, eu despejara o líquido de milho fermentado, deixando tudo para macerar durante o dia — e, com sorte, dissolver qualquer penicilina bruta real do lixo no líquido alcoólico.

Enquanto isso, eu fizera uma seleção daquelas ervas conhecidas para o tratamento interno de estados supurativos, e fiz uma forte decocção delas, deixadas em água fervendo por várias horas. Despejei uma xícara dessa solução extremamente aromática e entreguei-a a Roger, cuidadosamente desviando meu nariz.

— Faça-o beber isso — eu disse. — Até o fim — acrescentei incisivamente, fixando um olhar feroz em Jamie.

Jamie cheirou a xícara que lhe foi entregue e me devolveu o olhar fixo — mas bebeu pequenos goles obedientemente, fazendo caretas exageradas para divertimento da plateia, que não continha as risadinhas. Com o ambiente assim mais leve, prossegui ao evento principal, virando-me para pegar a seringa hipodérmica das mãos de Bri.

Os gêmeos Beardsley ombro a ombro no canto do quarto, avançaram para ver, inflados de orgulho. Eles haviam saído imediatamente, a pedido de Bri, voltando no meio da tarde com uma grande cascavel, com quase um metro de comprimento — e felizmente morta, tendo sido cortada praticamente ao meio com um machado, de modo a preservar a preciosa cabeça.

Eu dissequei as bolsas de veneno com grande cuidado, separando as presas, e depois colocara a sra. Bug para lavar as presas repetidamente com álcool, para erradicar quaisquer vestígios de veneno.

Bri pegara a seda oleada que fora usada para embrulhar o astrolábio e costurou uma pequena parte formando um tubo, juntando uma das pontas com um ponto de puxar, como uma bolsa fechada com cordão. Ela havia cortado um grosso segmento de uma pena de asa de peru, amolecida com água quente, e a usara para ligar a boca fechada do tubo de seda à presa. Cera de abelha derretida selara os encaixes do tubo, pena e presa, e fora cuidadosamente espalhada ao longo da costura, para evitar vazamento. Era um belo trabalho,

perfeitamente executado, mas de fato parecia uma cobra pequena e gorda, com uma enorme presa curva, e suscitou não poucos comentários dos espectadores.

Murdo Lindsay ainda segurava uma das mãos de Jamie. Quando fiz sinal para Fergus segurar a vela para mim, vi Jamie estender a outra para Roger. Roger pareceu momentaneamente surpreso, mas agarrou a mão e ajoelhou-se junto à cama, segurando com força.

Passei os dedos de leve pela perna, selecionei um bom lugar, livre de vasos sanguíneos importantes, limpei-o com álcool e inseri a presa, o mais fundo que consegui. Ouviu-se uma arfada dos espectadores e uma inalação de ar brusca de Jamie, mas ele não se moveu.

— Tudo bem. — Balancei a cabeça para Brianna, que estava ao lado, com a garrafa de álcool de milho coado. Com os dentes afundados em seu lábio inferior, ela despejou cuidadosamente, enchendo o tubo de seda enquanto eu o segurava. Fechei a boca do tubo cuidadosamente com uma dobra e, com o polegar e o indicador, pressionei firmemente para baixo, forçando o líquido a sair pela presa e entrar nos tecidos da perna.

Jamie emitiu um pequeno ruído, sem fôlego, e tanto Murdo quando Roger inclinaram-se para dentro instintivamente, os ombros pressionando os de Jamie, mantendo-o imóvel.

Eu não ousava ir depressa, por medo de quebrar a cera que selava as aberturas ao exercer pressão demais, embora tivéssemos uma segunda seringa, feita com a outra presa, só por precaução. Trabalhei para cima e para baixo na perna, com Bri enchendo novamente a seringa a cada injeção, e o sangue brotava, brilhante, dos orifícios quando eu retirava a presa, escorrendo em filetes pelo lado de sua perna. Sem que lhe pedissem, Lizzie pegou um pano e enxugou-os, os olhos atentos ao trabalho.

O quarto ficou em silêncio, mas eu sentia todos os espectadores prenderem a respiração toda vez que eu escolhia um novo ponto, soltarem um suspiro quando o golpe era dado — e depois a inclinação conjunta e inconsciente na direção da cama enquanto eu inoculava o álcool ardente bem fundo nos tecidos infeccionados. Os músculos dos braços de Jamie sobressaíam-se, congestionados, e o suor escorria pelo seu rosto como chuva, mas nem ele, nem Murdo, nem Roger fizeram sequer um ruído ou se moveram.

Pelo canto do olho, vi Joseph Wemyss afastar os cabelos de Jamie da testa e enxugar o suor do seu rosto e do pescoço com uma toalha.

“Porque você precisa de mim”, ele dissera. E eu percebi que não era apenas eu que precisava dele.

Não levou muito tempo. Depois de terminado, espalhei mel

cuidadosamente sobre todos os ferimentos abertos e esfreguei óleo de gualténa na pele do pé e da perna.

— Um belo trabalho de preparar a carne para assar, Sassenach. Acha que já está pronto para o forno? — Jamie perguntou e meneou os dedos dos pés, fazendo a tensão no aposento se desfazer em risadas.

Em seguida, todos foram embora, dando tapinhas no ombro de Jamie ou beijando seu rosto em despedida, com votos roucos de boa sorte. Ele sorria e balançava a cabeça, acenando, trocando palavras de despedida, pilheriando.

Quando a porta se fechou atrás do último deles, ele recostou-se no travesseiro e fechou os olhos, soltando todo o ar num longo e profundo suspiro. Comecei a arrumar minha bandeja, colocando a seringa de molho no álcool, fechando frascos, dobrando ataduras. Depois sentei-me ao seu lado e ele estendeu a mão para mim, sem abrir os olhos.

Sua pele estava quente e seca, a mão vermelha do aperto feroz de Murdo. Corri o polegar de leve pelas juntas de seus dedos, ouvindo os ruídos e a agitação da casa embaixo, amortecidos, mas cheios de vida.

— Vai funcionar — eu disse baixinho, após um minuto. — Sei que vai.

— Eu sei — ele disse. Ele respirou fundo e, finalmente, começou a chorar.

SANGUE NOVO

Roger acordou abruptamente, de um sono profundo e sem sonhos. Sentiu-se como um peixe fogado, ofegante, arremessado em um elemento estranho e desconhecido. Ele via, mas não apreendia o ambiente ao seu redor; luz estranha e rostos achatados. Então sua mente reconheceu o toque da mão de Brianna em seu braço, e ele estava novamente em sua pele, e na cama.

— Hein? — Sentou-se repentinamente, com um ruído rouco de indagação.

— Desculpe— Me acordá-lo. — Brianna sorriu, mas uma ruga de preocupação franziu suas sobrancelhas, enquanto os olhos dela investigavam seu rosto. Ela afastou seus cabelos desgrehados da testa e ele estendeu os braços para ela em reflexo, caindo de costas sobre o travesseiro com ela pesada em seus braços.

— Huum. — Segurá-la era uma âncora à realidade — carne sólida e pele quente, os cabelos macios como sonhos contra seu rosto.

— OK? — ela perguntou suavemente. Dedos longos tocaram seu peito e seu mamilo enrugou-se, os cabelos encaracolados ao redor eriçando-se.

— OK — ele disse, e suspirou profundamente. Ele beijou sua testa rapidamente e relaxou, piscando os olhos. Sua garganta estava seca como areia e sentia a boca pegajosa, mas começava a pensar com coerência outra vez. Que horas são? — Estava em sua própria cama e estava bastante escuro na cabana para ser noite, mas isso porque a porta estava fechada e as janelas cobertas. Parecia haver alguma coisa errada com a luz, com o ar.

Ela saiu de cima dele, jogando para trás a cabeleira ruiva com uma das mãos.

— Já passa um pouco do meio-dia. Eu não o teria acordado, mas há um homem lá fora e eu não sei o que fazer com ele. — Ela olhou na direção da casa grande e abaixou a voz, embora certamente não houvesse ninguém por perto para ouvi-la.

— Papai está profundamente adormecido, mamãe também — ela disse, confirmando essa impressão. — Não quero acordá-los, ainda que pudesse. Sorriu levemente, um canto de sua boca larga curvando-se para cima com a ironia de seu pai. — Seria preciso um tiro, eu acho.

Estão mortos para o mundo.

Ela virou-se e pegou a jarra de água da mesa. O barulho de água caiu nos ouvidos de Roger como chuva em terra árida, e ele bebeu a caneca oferecida em três goles, estendendo-a para ela novamente em seguida.

— Mais. Por favor. Homem? — Era um bom sinal; já estava articulando palavras inteiras outra vez e sua capacidade de pensar com coerência estava voltando.

— Ele diz que seu nome é Thomas Christie. Veio ver papai; ele diz que esteve em Ardsmuir.

— É mesmo? — Roger tomou a segunda caneca mais devagar, reunindo seus pensamentos. A seguir, colocou a caneca na mesinha e atirou as pernas para fora da cama, pegando a camisa pendurada no gancho. — OK. Diga a ele que estarei lá em um minuto.

Ela beijou-o rapidamente e saiu, parando o tempo suficiente para desprender o couro da janela e deixar entrar um brilhante raio de luz e o ar frio.

Ele vestiu-se devagar, a mente ainda agradavelmente apática. Mas, ao inclinar-se para desencavar as meias de baixo da cama, algo nas cobertas desfeitas chamou sua atenção, logo embaixo da ponta do travesseiro. Estendeu a mão devagar e pegou-o. O minúsculo amuleto da fertilidade, sua antiga pedra cor-de-rosa, lisa ao sol, surpreendentemente pesada em sua mão.

— Inacreditável! — ele disse, em voz alta. Ficou parado, fitando-a por algum tempo, em seguida se inclinou e enfiou-a de volta, delicadamente, sob o travesseiro.

Brianna havia acomodado o visitante no gabinete de Jamie — que a maioria dos arrendatários ainda chamava de “sala de dar uma palavrinha”. Roger parou por um instante no corredor para se certificar de que todas as partes do seu corpo estavam no lugar. Não teve tempo de se barbear, mas penteou os cabelos; havia um limite para o que esse Christie poderia esperar, nas atuais circunstâncias.

Três rostos viraram-se para a porta quando ele entrou, surpreendendo-o. Bri não pensara em avisá-lo que Christie tinha escolta. Ainda assim, o homem mais velho, um cavalheiro de ombros retos e largos, com cabelos cuidadosamente aparados, negros com mechas grisalhas, era obviamente Thomas Christie; o homem mais novo, de cabelos escuros, não tinha mais de vinte anos, e também obviamente filho de Christie.

— Sr. Christie? — Estendeu a mão para o homem mais velho. — Sou Roger MacKenzie; sou casado com a filha de James Fraser. Creio

que conheceu minha mulher.

Christie pareceu levemente surpreso e olhou por cima do ombro de Roger, como se esperasse que Jamie se materializasse atrás dele. Roger limpou a garganta, sua voz ainda estava espessa de sono e, assim, ainda mais rouca do que normalmente.

— Receio que meu sogro não esteja... disponível no momento. Eu poderia lhe ser útil?

Christie olhou para ele com o cenho franzido, avaliando seu potencial, depois balançou a cabeça devagar. Depois pegou a mão de Roger e sacudiu-a com firmeza. Para seu espanto, Roger sentiu algo ao mesmo tempo familiar e extremamente inesperado; a pressão inconfundível contra o nó do seu dedo de um cumprimento maçônico. Há anos ele não experimentava isso, e foi mais o reflexo do que a razão que o fez corresponder com o que ele esperava ser o sinal de resposta apropriado. Evidentemente, foi satisfatório, a severa expressão de Christie relaxou um pouco, e ele soltou sua mão

— Talvez possa, sr. MacKenzie, talvez possa — Christie disse. Fixou um olhar penetrante em Roger. — Eu quero encontrar terras para me assentar com minha família, e me disseram que o sr. Fraser talvez pudesse me arranjar alguma coisa adequada

— Talvez seja possível — Roger respondeu cautelosamente. Que diabos era aquilo?, pensou. Christie só estaria experimentando ao acaso ou ele teria razão para esperar que aquele sinal fosse reconhecido? Se assim fosse isso provavelmente significaria que ele sabia que James Fraser o reconheceria, e achou que seu genro também o faria. Jamie Fraser, um maçom? Essa ideia nunca passara pela mente de Roger, e o próprio Jamie sem dúvida nunca tocara no assunto

— Por favor, sentem-se — ele disse abruptamente, gesticulando para as visitas. A família de Christie — o filho e a jovem que poderia tanto ser a filha de Christie quanto a mulher do filho — também havia se levantado quando Roger entrou, permanecendo atrás do chefe da família como assessores atrás de algum potentado em visita.

Sentindo-se mais do que um pouco embaraçado, Roger gesticulou para que voltassem aos seus assentos e ele próprio sentou-se atrás da escrivaninha de Jamie. Tirou uma pena de escrever da jarra azul vitrificada, na esperança de que isso lhe desse uma aparência mais séria. Santo Deus, que perguntas ele deveria fazer a um arrendatário em potencial?

— Bem, sr. Christie — Sorriu para eles, consciente de suas faces não barbeadas. — Minha mulher disse que o senhor conheceu meu sogro na Escócia?

— Na prisão de Ardsmuir — Christie respondeu, lançando um

olhar penetrante a Roger, como se o desafiasse a tirar conclusões desse fato.

Roger clareou a garganta outra vez; apesar de curada, tendia ainda assim a ficar obstruída e a arranhar algum tempo depois de acordar.

Christie, entretanto, pareceu tomar isso como um comentário adverso e encrespou-se um pouco. Ele possuía sobrancelhas grossas e olhos proeminentes de uma cor clara, castanho-amarelada, e isso, associado aos cabelos emplumados, cortados bem curtos, e a ausência de qualquer pescoço visível lhe davam uma aparência de uma coruja grande e irascível.

— Jamie Fraser também foi prisioneiro lá — ele disse. — Sem dúvida, o senhor sabe disso?

— Oh, claro — Roger disse suavemente. — Pelo que sei, vários dos arrendatários assentados aqui em Ridge estiveram em Ardsmuir.

— Quem? — Christie perguntou, aumentando a impressão de coruja.

— Ah... os Lindsay: Kenny, Murdo e Evan — Roger disse, esfregando a mão na testa para ajudar a memória. — Georgie Chisholm e Robert MacLeod. Eu acho... sim, tenho quase certeza de que Alex MacNeill também estivera em Ardsmuir.

Christie acompanhara essa listagem com grande atenção, como uma coruja de celeiro acompanhando um ruído farfalhante no feno. Então ele relaxou, abaixando as penas, como Roger pensou.

— Eu os conheço — ele disse, com um ar de satisfação. — MacNeill pode atestar quanto ao meu caráter, se necessário. — Seu tom de voz sugeria enfaticamente que não seria necessário.

Roger nunca vira Jamie entrevistar um arrendatário em potencial, mas ele ouvira Jamie conversar com Claire sobre os que ele escolhera. De forma semelhante, ele fez algumas perguntas sobre o passado mais recente de Christie, tentando equilibrar cortesia com uma atitude de autoridade e, segundo ele, conseguindo se sair razoavelmente bem.

Christie fora exilado com os outros prisioneiros, ele disse, mas tivera a sorte de ter seu contrato de trabalho nas colônias comprado por um dono de plantação na Carolina do Sul, o qual, ao descobrir que Christie tinha uma certa instrução, colocara-o como professor de seus seis filhos, cobrando uma taxa das famílias próximas pelo privilégio de enviarem seus filhos para também terem aulas com Christie. Depois que o contrato de trabalho de Christie terminou, ele concordara em continuar, recebendo um salário.

— É mesmo? — Roger disse, seu interesse em Christie crescendo acentuadamente. Um professor, hem? Isso agradaria muito a Bri, seria

capaz de abdicar de seu cargo involuntário que ela depreciativamente chamava de Bopeep. E Christie parecia mais do que capaz de lidar com alunos intransigentes. — E o que o traz aqui, então, sr. Christie? É bem longe da Carolina do Sul.

O sujeito encolheu os ombros largos. Estava enxovalhado da viagem e bastante empoeirado, mas seu casaco era de um bom tecido e ele possuía sapatos fortes.

— Minha mulher morreu — ele disse, a voz rouca. — De gripe. Assim como o sr. Everett, o proprietário da fazenda. Seu herdeiro não requisitou meus serviços e eu não quis continuar lá sem emprego. — Lançou um olhar penetrante a Roger por baixo das sobrelanceiras desordenadas. — Você disse que o sr. Fraser não está disponível. Quando ele vai retornar?

— Não sei dizer. — Roger tamborilou a ponta da pena de escrever contra os dentes, hesitando. Na verdade, ele não sabia quanto tempo Jamie permaneceria incapacitado; ontem à noite, mal parecia vivo. Ainda que se recuperasse sem nenhum incidente, poderia continuar doente por mais algum tempo. E ele detestaria mandar Christie embora, ou fazê-lo esperar; estavam quase no final do ano e não havia muito tempo a perder, se ele e sua família quisessem se preparar para o inverno.

Ele olhou de Christie para seu filho. Ambos eram homens grandes, e fortes, ao que parecia. Nenhum dos dois tinha a aparência de bêbado ou estúpido, e ambos possuíam as palmas das mãos calosas, o que revelava ao menos familiaridade com o trabalho braçal. Tinham uma mulher para cuidar de suas necessidades domésticas. E, afinal, fraternidade maçônica à parte, Christie fora um dos homens de Jamie em Ardsmuir. Ele sabia que Jamie sempre fazia um esforço especial para encontrar um lugar para esses homens.

Tomando uma decisão, Roger pegou uma folha limpa de papel e destampou o tinteiro. Limpou a garganta outra vez.

— Muito bem, sr. Christie. Creio que poderemos chegar a alguma... acomodação.

Para sua agradável surpresa, a porta do gabinete se abriu e Brianna entrou, trazendo uma bandeja de biscoitos e cerveja. Ela abaixou os olhos castamente ao colocar a bandeja sobre a escrivaninha, mas ele percebeu o lampejo de humor que ela lhe lançou por baixo das pestanas. Ele inclinou a cabeça, sorrindo, e tocou seu pulso de leve em agradecimento quando ela colocou as canecas à sua frente. O gesto o fez lembrar do aperto de mão de Christie e ele se perguntou se Brianna saberia alguma coisa de Jamie nesse sentido. Achava que não; ela certamente teria mencionado alguma coisa.

— Brianna, cumprimente nossos novos arrendatários — ele disse, com um sinal com a cabeça para os Christie.

— O sr. Thomas Christie e...

— Meu filho, Alan — Christie disse, com um movimento brusco com a cabeça, — e minha filha Malva.

O filho não tinha nada do aspecto de coruja do pai, sendo muito mais claro, com um rosto largo, quadrado, muito bem barbeado, embora tivesse os mesmos cabelos escuros e felpudos, em tufo. Ele balançou a cabeça num mudo cumprimento, os olhos fixos no lanche que Brianna trouxera.

A jovem — Malva — mal erguia os olhos, as mãos cruzadas recatadamente no colo. Roger tinha a vaga impressão de uma jovem alta, talvez de dezessete ou dezoito anos, bem arrumada num vestido azul-escuro e lenço de cabelos branco, com uma franja macia de cachos escuros apenas visível ao redor do pálido oval de seu rosto. Outro ponto a favor de Christie, Roger pensou distraidamente, jovens em idade de casar eram raras, bonitas eram mais raras ainda. Malva Christie provavelmente receberia várias propostas antes do plantio da primavera.

Bri balançou a cabeça para cada um deles, olhando para a jovem com particular interesse. Então um grito estridente veio da cozinha e ela saiu apressada, balbuciando um pedido de licença.

— Meu filho — Roger disse, desculpando-se. Ergueu uma caneca de cerveja, oferecendo-a. — Aceita um pequeno lanche, sr Christie?

Todos os contratos de arrendamento eram mantidos na gaveta esquerda da escrivaninha. Ele os vira e conhecia as linhas gerais. Cinquenta acres seriam concedidos de imediato, mais terra alugada conforme as necessidades, com as condições de pagamento feitas de acordo com as situações individuais. Uma pequena discussão enquanto tomavam cerveja e comiam biscoitos, e chegaram ao que parecia um acordo adequado.

Terminando o contrato com um floreio, Roger assinou o próprio nome, como agente de James Fraser, e empurrou o papel por cima da mesa para Christie assinar. Sentiu uma agradável e profunda sensação de trabalho realizado. Um bom arrendatário e disposto a pagar metade de sua taxa de liberação trabalhando como professor durante cinco meses do ano. O próprio Jamie, Roger pensou complacientemente, não teria feito melhor.

Então parou. Não, Jamie teria dado mais um passo e oferecido aos Christie não só hospitalidade, mas alojamento, um lugar para ficarem até que tivessem conseguido sua própria moradia. Mas não ah, não com Jamie doente e Claire cuidando dele. Pensou por um instante,

depois foi até a porta e chamou Lizzie.

— Temos um novo arrendatário, e sua família, a mutminn — ele disse, sorrindo para seu rosto de ratinho, ansiosa e prestativa. — Este é o sr Thomas Christie, seu filho e sua filha. Por favor, pergunte ao seu pai se ele pode levá-los à cabana de Evan Lindsay. Fica perto de onde terão suas próprias terras e estou pensando que talvez Evan e sua mulher tenham espaço para hospedá-los por algum tempo, até poderem se mudar para seu próprio lugar.

— Oh, sim, sr Roger — Lizzie balançou a cabeça com uma rápida medida na direção de Christie, que respondeu com uma pequena inclinação. Em seguida, ela olhou para Roger, as sobrancelhas finas levantadas. — Então o patrão sabe disso

Roger sentiu um leve rubor subir às suas faces, mas não deu nenhum sinal de constrangimento.

— Está tudo bem — ele disse. — Eu lhe direi, assim que ele estiver se sentindo melhor.

— O sr. Fraser está doente? Sinto muito. — A voz suave e desconhecida veio de trás dele, surpreendendo-o, e ele virou-se, deparando-se com Malva Christie com os olhos erguidos para ele. Ele não a observara com atenção, mas agora ficou impressionado com a beleza de seus olhos — de um estranho cinza-claro, amendoados e luminosos, e espessamente orlados com longas pestanas negras. Talvez antes mesmo do plantio da primavera, ele pensou, e tossiu.

— Mordido por uma cobra — ele disse, abruptamente. — Mas não se preocupe, ele está se curando.

Estendeu a mão para Christie, desta vez pronto para o sinal secreto.

— Bem-vindo a Fraser's Ridge — ele disse. — Espero que o senhor e sua família sejam felizes aqui.

Jamie estava sentado na cama, com mulheres dedicadas cuidando dele de todas as maneiras possíveis e, em consequência, parecendo desesperado. Seu rosto relaxou um pouco ao ver outro homem e ele despachou todas as criadas. Lizzie, Marsali e a sra. Bug saíram relutantemente, mas Claire permaneceu, ocupada com seus frascos e lâminas.

Roger dirigiu-se ao pé da cama para se sentar, mas foi afugentado por Claire, que o direcionou com firmeza para um banco, antes de levantar o lençol para verificar se o gesto desavisado não havia causado algum dano.

— Tudo bem — ela disse, finalmente, apalpando o curativo com um ar de satisfação. As larvas estavam de volta, evidentemente ganhando seu sustento. Ela endireitou-se e balançou a cabeça para

Roger — como o grão-vizir concedendo uma audiência com o califa de Bagdá, Roger pensou, achando graça. Olhou para Jamie, que revirou os olhos para cima, depois lhe deu um sorrisinho irónico de cumprimento.

— Como vai? — ambos disseram ao mesmo tempo. Roger sorriu e o canto da boca de Jamie torceu-se para cima. Ele deu de ombros.

— Estou vivo — ele disse. — Veja bem, isso não prova que você tinha razão. Não tem.

— Razão sobre o quê? — Claire perguntou, erguendo os olhos com curiosidade da tigela em suas mãos.

— Oh, uma pequena discussão filosófica — Jamie disse-lhe. — Sobre a escolha e o acaso.

Ela bufou desdenhosamente.

— Não quero ouvir nem uma palavra sobre isso.

— Está bem. Não estou inclinado a discutir esse tipo de questão com uma dieta só de pão e leite. — Jamie olhou com certo desgosto para uma tigela dessa nutritiva, mas empapada substância, comida apenas pela metade e deixada na mesinha ao seu lado. — Então deu uma olhada na ferida na perna da mula, Roger Mac?

— Eu dei — Claire disse. — Está sarando bem. Roger tem andado ocupado, entrevistando novos arrendatários.

— Ah, é? — As sobrancelhas de Fraser levantaram-se, com interesse.

— Sim, um homem chamado Tom Christie e sua família. Ele disse que esteve em Ardsmuir com você.

Por uma fração de segundo, Roger sentiu como se todo o ar do quarto tivesse sido removido por um vácuo, congelando tudo. Fraser fitou-o, o rosto impassível. Depois balançou a cabeça, a expressão de agradável interesse restaurada, como por mágica, e o tempo normal foi retomado.

— Sim, lembro-me bem de Tom Christie. Onde ele esteve nos últimos vinte anos?

Roger explicou tanto as andanças de Tom Christie quanto o acordo a que tinham chegado para o arrendamento.

— Está muito bem assim — Jamie disse com aprovação, ao ouvir a disposição de Christie de ser professor. — Diga-lhe que pode usar qualquer livro daqui. E peça-lhe para fazer uma lista de outros de que possa precisar. Direi a Fergus para dar uma olhada, da próxima vez que for a Cross Creek ou Wilmington.

A conversa passou a assuntos mais corriqueiros e, após alguns

minutos, Roger levantou-se para sair.

Tudo parecia perfeitamente bem e no entanto ele se sentia estranhamente inquieto. É claro que ele não havia imaginado aquele momento, não é? Virando-se para fechar a porta atrás de si, ele viu que Jamie cruzara as mãos perfeitamente sobre o peito e fechara os olhos, se ainda não adormecido, na prática proibindo qualquer conversa. Claire olhava para seu marido, os olhos amarelos de falcão apertados, especulativos. Não, ela também percebera.

Então não fora imaginação sua. Qual seria o problema de Tom Christie?

NOITE DE VERÃO

No dia seguinte, Roger fechou a porta atrás de si e ficou parado no alpendre por um instante, respirando o ar límpido e frio do meio da manhã — meio, Santo Deus, não devia ser mais de sete e meia, mas era bem mais tarde do que ele estava acostumado a começar o dia. O sol já se infiltrara entre as castanheiras nos cumes mais altos, a curva de seu disco flamejante visível em silhueta através das últimas folhas amarelas.

O ar ainda tinha um cheiro penetrante de sangue, mas não restava nenhum vestígio do búfalo, além de uma mancha escura nas trepadeiras de abóbora derrubadas. Olhou ao redor, fazendo uma lista mental de tarefas do dia. Galinhas ciscavam no árido pátio, empobrecido pelo outono, e ele podia ouvir um pequeno grupo de porcos fuçando no bosque de castanheiras à cata de alimento.

Ele tinha a sensação de ter deixado seu trabalho há meses, até anos, não dias antes. A sensação de deslocamento — tão forte no começo — o havia deixado há muito tempo, mas agora voltara, mais forte do que antes. Se fechasse os olhos por um momento e depois os abrisse outra vez, certamente ele se veria na Broad Street em Oxford, o cheiro de descarga de automóveis em suas narinas e a perspectiva de uma tranquila manhã de trabalho entre os livros empoeirados da biblioteca.

Bateu a mão aberta contra a coxa, para dissipar a sensação. Hoje não. Ali era Ridge, não Oxford, e o trabalho poderia ser tranquilo, mas deveria ser feito com as mãos, não com a cabeça. Havia árvores a cingir e feno a recolher, não o capim plantado, mas diversos tipos de gramíneas selvagens de pequenas áreas espalhadas pelas montanhas que forneceriam uma braçada aqui, outra ali — o suficiente para manter mais uma vaca durante o inverno.

Um buraco no telhado da cabana de defumação, feito pela queda de um galho de árvore. O telhado teria que ser consertado e as telhas recolocadas, o próprio galho deveria ser cortado para lenha. Um novo buraco de latrina a ser escavado, antes que o chão congelasse e virasse lama. Linho a ser picado. Mourões a serem cortados. A roda de fiar de Lizzie a ser consertada...

Sentia-se grogue e estúpido, incapaz de uma simples escolha, quanto mais pensamento complexo. Dormira bastante — mais do que

suficiente - para estar fisicamente recuperado da exaustão dos últimos dias, mas a chegada de Thomas Christie e sua família, logo após o esforço desesperado de trazer Jamie para casa com vida, havia esgotado todas as suas energias.

Ele olhou para o céu; filetes de nuvens baixas e vaporosas alongavam-se e desfaziam-se, desenhados contra o céu. Não haveria chuva por enquanto, o telhado podia esperar. Encolheu os ombros e coçou o couro cabeludo. Feno, então, e as árvores. Enfiou um jarro de cerveja e os sanduíches que Bri fizera para ele dentro da mochila e foi pegar a gadanha manual e a machadinha.

A caminhada começou a despertá-lo. Fazia frio nas sombras sob os pinheiros, mas o sol agora já estava alto o suficiente para se fazer sentir toda vez que ele atravessava uma área aberta. Seus músculos se aqueceram e relaxaram com o exercício, e quando já havia subido até o primeiro dos prados altos, começara a se sentir bem outra vez, solidamente encaixado no mundo físico de montanha e floresta. O futuro voltara ao mundo dos sonhos e da lembrança, e ele mais uma vez estava presente e responsável por seus atos.

— Ainda bem — murmurou consigo mesmo. — Não vai querer decepar o pé. — Largou o machado embaixo de uma árvore e inclinou-se para cortar feno. Não era o trabalho monótono e calmante do corte regular de feno, em que a foice grande, de dois cabos, ceifava o capim seco e abundante em agradáveis movimentos oscilatórios por um campo. Este era um trabalho ao mesmo tempo mais duro e mais fácil, que envolvia agarrar uma touceira de capim com uma das mãos, ceifar os talos junto à raiz e enfiar o punhado de feno selvagem na saca de aniagem que levava consigo.

Não era necessária muita força, mas requeria atenção, em vez do esforço muscular automático da colheita de feno na plantação. As moitas de capim cresciam densamente por toda aquela clareira no meio das árvores, mas eram entremeadas de afloramentos de rocha, pequenos arbustos, tocos de árvores mortas e sarças.

Era um trabalho relaxante e, embora exigisse alguma atenção, logo sua mente começou a vagar em outras direções. As coisas que Jamie lhe dissera, na encosta escura da montanha, sob as estrelas.

Algumas ele já sabia; e havia rancor entre Alex MacNeill e Nelson McIver, e a causa; que um dos filhos de Patrick Neary provavelmente era um ladrão e o que deveria ser feito a respeito disso. Que terras vender, quanto e para quem. De outras, ele não tinha o menor conhecimento. Pressionou os lábios com força, pensando em Stephen Bonnet.

E o que deveria ser feito a respeito de Claire.

— Se eu morrer, ela deve partir — Jamie disse, acordando de repente de um estupor febril. Ele agarrara o braço de Roger com uma força extraordinária, os olhos ardendo no escuro. — Envie Claire de volta. Faça-a ir. Vocês todos deverão ir, se a criança puder passar. Mas ela deve partir. Faça-a ir às pedras.

— Por quê? — Roger perguntara serenamente. — Por que ela deveria ir? Era possível que Jamie estivesse delirando de febre, não estivesse pensando com clareza. — É perigoso atravessar as pedras.

— É perigoso para ela aqui, sem mim. — Os olhos de Fraser haviam momentaneamente perdido o foco; as rugas em seu rosto relaxaram de exaustão. Seus olhos se fecharam parcialmente e ele deixou-se cair para trás outra vez. Então, de repente, abriram-se novamente.

— Ela é uma “Mulher Antiga” — ele disse. — Eles a matarão, se souberem. — Então seus olhos fecharam-se outra vez e ele só voltou a falar quando os outros os encontraram na manhã seguinte.

Visto agora, à luz clara de uma manhã de outono, a salvo e distante do vento uivante e das chamas oscilantes daquela noite perdida na montanha, Roger sentia-se razoavelmente seguro de que Fraser estivera apenas vagando nas névoas de sua febre, a preocupação com sua mulher turvada por fantasmas que tinham origem no veneno em seu sangue. Ainda assim, Roger não pôde deixar de prestar atenção.

Ela é uma “Mulher Antiga”. Fraser falara em inglês, infelizmente. Se tivesse sido em gaélico, o sentido teria sido mais claro. Se ele tivesse dito “Ela é uma bansidhe, Roger saberia se Jamie realmente achava que sua mulher pertencia ao povo das fadas ou era apenas uma curandeira completamente humana.

Certamente ele não poderia... mas, talvez, sim. Mesmo na própria época de Roger, a crença nos espíritos era forte, ainda que menos admitida, no sangue dos escoceses das Highlands. Agora? Fraser acreditava abertamente em fantasmas -sem falar em santos e anjos. Para a cética mente presbiteriana de Roger, não havia muita diferença entre acender velas a santa Genoveva e colocar uma panela de leite para as fadas.

Por outro lado, ele reconhecia com certa inquietação que ele próprio jamais mexeria no leite destinado aos espíritos, nem tocaria num amuleto pendurado acima de um curral ou do lintel de uma porta — e não apenas em respeito à pessoa que o colocara lá.

O trabalho o aquecera completamente; sua camisa começava a grudar nos ombros e o suor escorria pelo seu pescoço. Ele parou por um instante para beber água de sua cabaça e amarrar uma tira de pano ao redor da testa para protegê-lo do suor.

Talvez Fraser tivesse alguma razão, pensou. Embora a ideia de Brianna ou dele mesmo — até mesmo de Claire — de ser sldheanach fosse ridícula à primeira vista... havia mais de uma maneira de interpretar os fatos, não é? Eles eram diferentes; nem todo mundo podia viajar através das pedras, quanto mais ter realmente viajado.

E havia outros. Geillis Duncan. O viajante desconhecido que ela mencionara para Claire. O homem cuja cabeça decepada Claire encontrara na floresta, as obturações de platina intactas. A lembrança deste homem em particular fez os pelos de seus braços se arrepiarem, independentemente do suor.

Jamie enterrara a cabeça, com o devido respeito e uma breve prece, em uma colina perto da casa — o primeiro habitante da pequena clareira ensolarada destinada ao futuro cemitério de Fraser's Ridge. Por insistência de Claire, ele assinalara o local da pequena sepultura com um bloco bruto de granito, sem inscrição — pois o que haveria a dizer?, — mas marmoreado com sinuosos veios verdes.

Fraser teria razão? Vocês todos deverão ir, se a criança puder passar.

E se eles não voltassem... então, um dia todos deveriam fazer lá na clareira ensolarada, juntos: ele próprio, Brianna, Jemmy, cada qual sob um bloco de granito. A única diferença era que cada lápide teria um nome. E quanto às datas? O que iriam gravar?, pensou repentinamente, limpando o suor do rosto. Jemmy não seria problema, mas quanto ao resto deles...

Havia o problema, é claro — ou um deles. Se a criança puder passar. Se a teoria de Claire estivesse correta e a capacidade de atravessar as pedras fosse uma característica genética, como a cor dos olhos ou o tipo sanguíneo — então haveria cinquenta por cento de chance, se Jemmy fosse filho de Bonnet; três chances em quatro, ou talvez certeza, se ele fosse filho de Roger.

Cortou selvagememente uma touceira de capim, sem se dar ao trabalho de agarrá-la, as pontas das hastes voando como estilhaços. Lembrou-se, então, da pequena figura cor-de-rosa embaixo do travesseiro e respirou fundo. E se desse certo, se viessem a ter outro filho, um que fosse dele com absoluta certeza? As chances seriam de três em quatro — ou talvez outra lápide, um dia, no cemitério da família.

A saca estava quase cheia e não havia mais feno ali que valesse a pena cortar. Pegando a machadinha de volta, atirou a saca sobre o ombro e começou a descer a encosta, até a borda do campo de milho mais alto.

Não tinha mais semelhança com os milharais ingleses que ele

conhecia do que os prados altos com um campo de feno. Antes uma área de floresta virgem, as árvores ainda estavam de pé, negras e mortas contra o pálido céu azul. Elas haviam sido cingidas — um sulco fora cortado ao redor dos seus troncos — e deixadas lá para morrer, o milho plantado nos espaços abertos entre elas.

Era o método mais rápido de limpar terreno para plantar. Com as árvores mortas, o sol que passava pelos galhos sem folhas era suficiente para o milho embaixo.

Um, dois ou três anos mais tarde, as raízes mortas das árvores teriam apodrecido o suficiente para que eles pudessem derrubar os troncos, os quais eram gradualmente cortados para lenha e rebocados dali. Por enquanto, entretanto, estavam de pé, um grupo assustador de espantalhos negros, abrindo os braços vazios pelo milharal.

O milho já havia sido colhido; bandos de pombos selvagens ciscavam à cata de insetos em meio ao entulho de talos secos, e um grupo de codornizes bateu em retirada à aproximação de Roger, dispersando-se como um punhado de bolas de gude lançadas pelo chão. Um pica-pau, em segurança acima de Roger, emitiu um grito estridente de susto e parou de martelar para inspecioná-lo, antes de retornar às suas barulhentas escavações.

— Você deve estar satisfeito — ele disse à ave, colocando a saca no chão e tirando a machadinha da cintura. — Mais insetos para você, não é? — As árvores mortas ficavam infestadas de minúsculos insetos; vários pica-paus podiam ser encontrados em qualquer campo de árvores cingidas, as cabeças inclinadas para ouvir o arranhar subterrâneo de sua presa entocada.

— Desculpe— Me — ele murmurou para a árvore que havia escolhido. Era ridículo sentir pena de uma árvore; ainda mais naquela vastidão selvagem, onde mudas brotavam da terra descongelada com tal vigor primaveril que era capaz de rachar pedras maciças, e as montanhas cobriam-se tão densamente de árvores que o próprio ar era de um azul esfumaçado com suas exalações. Por sinal, a emoção não durava mais do que o necessário para iniciar o trabalho; quando chegou à terceira árvore, já estava suando copiosamente e praguejando contra a inconveniência do trabalho.

Ainda assim, ele sempre abordava a tarefa com certa relutância, detestando mais o modo como era feito do que o resultado. Derrubar uma árvore para obter a madeira era mais direto; escavar uma cinta ao seu redor parecia de certa forma um trabalho mesquinho, ainda que prático, deixando a árvore para morrer à mingua, incapaz de levar água de suas raízes acima do anel de madeira nua, exposta. Ao menos, não era tão desagradável no outono, quando as árvores já estavam adormecidas e sem folhas; devia ser como morrer durante o sono,

pensou. Ou torceu para que fosse assim.

Cavacos de madeira aromática passavam voando por sua cabeça, conforme ele abria o sulco energicamente ao redor do enorme tronco e prosseguia sem pausa para a próxima vítima.

Obviamente, ele tomava cuidado para nunca deixar ninguém ouvi-lo desculpar-se com uma árvore. Jamie sempre rezava uma prece para os animais que abatia, mas Roger duvidava que ele considerasse uma árvore como qualquer coisa além de combustível, material de construção ou simplesmente uma maldita obstrução. O pica-pau emitiu um grito estridente acima de sua cabeça. Roger girou nos calcanhares para ver o que causara o alarme, mas relaxou imediatamente, vendo a figura pequena, musculosa de Kenny Lindsay aproximar-se pelo meio das árvores. Ao que parecia, Lindsay viera com a mesma incumbência; meneou o próprio facão de cingir as árvores numa saudação cordial.

— Madain mhath, a Smeòraich! — ele gritou. — Ouvi dizer que temos um recém-chegado?

Nem mais um pouco surpreso com a velocidade com que as notícias atravessavam a montanha, Roger ofereceu seu jarro de cerveja a Lindsay e deu-lhe os detalhes da nova família.

— O nome deles é Christie, não é? — Kenny perguntou.

— Sim. Thomas Christie, e o filho e a filha. Você os conhece, ele esteve em Ardsmuir.

— É mesmo? Oh.

Lá estava outra vez, aquele leve tremor de reação ao nome de Christie.

— Christie — Kenny Lindsay repetiu. A ponta de sua língua surgiu brevemente, testando o nome. — Hum. Sim, bem.

— Qual é o problema de Christie? Roger perguntou, sentindo-se cada vez mais inquieto.

— Problema? — Kenny pareceu surpreso. — Não há nenhum problema... há?

Não. Quero dizer... você pareceu meio desconcertado ao ouvir o nome dele. Fiquei imaginando se ele seria um ladrão, um bêbado, ou coisa pior.

A iluminação espalhou-se pelo rosto barbado de Kenny como o sol numa campina pela manhã.

— Oh, sim, agora entendo o que quer dizer. Não, não, Christie é um tipo bastante honrado, até onde eu saiba.

— Até onde saiba? Mas vocês não estiveram juntos em Ardsmuir?

Foi o que ele disse.

— Oh, sim, ele estava lá, sim — Kenny concordou, ainda parecendo um pouco hesitante. Mas novos estímulos por parte de Roger não produziram nada, a não ser um breve gesto de Kenny, encolhendo os ombros. Após alguns instantes, eles retomaram os cortes nas árvores, parando apenas para um ou outro gole de água ou cerveja. O tempo estava frio, graças a Deus, mas aquele trabalho fazia o suor escorrer livremente e, ao final, Roger tomou um último gole e depois despejou o resto de sua água sobre a cabeça, arfando com o bem-vindo frio em sua pele aquecida.

— Vamos entrar um pouco, a Smeòraich — Kenny largou o machado e esticou as costas com um gemido. Sacudiu a cabeça na direção dos pinheiros do outro lado da campina. — Minha casinha é bem ali. Minha mulher saiu para vender sua carne de porco, mas temos leite coalhado na fonte.

Roger balançou a cabeça, sorrindo.

— Vou, sim, Kenny, obrigado.

Acompanhou Kenny para cuidar de seus animais; Lindsay tinha duas cabras leiteiras e uma porca confinada. Kenny buscou água para eles de um pequeno córrego próximo, enquanto Roger empilhava o feno e atirava uma garfada na manjedoura das cabras.

— Bela porca — Roger disse educadamente, esperando enquanto Kenny despejava milho triturado no cocho para a porca, uma enorme criatura malhada com uma orelha rasgada e um olhar maligno nos olhos.

— Má como uma víbora e quase tão rápida — Kenny disse, lançando um olhar severo para a porca. — Quase arrancou minha mão pelo pulso ontem. Pretendia levá-la para o varrão de Mac Dubh, para procriar, mas ela não pareceu disposta a ir.

— Não há muito que se possa fazer com uma fêmea quando ela não está disposta — Roger concordou.

Kenny balançou a cabeça de um lado para o outro, refletindo.

— Oh, bem, pode ser. Mas há maneiras de amansá-las, não? É um truque que meu irmão Evan me ensinou. — Deu um sorriso banguela a Roger e balançou a cabeça, indicando um barril no canto do barracão, que exalava o cheiro adocicado e penetrante de milho fermentado.

— É mesmo? — Roger disse, rindo. — Bem, espero que funcione. — Teve uma visão involuntária de Kenny e sua mulher mandona, Rosamund, juntos na cama, e perguntou-se se por acaso o álcool desempenhava um papel significativo em seu improvável casamento.

— Oh, vai funcionar — Kenny disse com confiança. — Ela é louca pela mistura azeda. O problema é que, se lhe damos o suficiente para melhorar sua disposição, ela não consegue andar direito. A solução é trazer o reprodutor aqui, quando Mac Dubh estiver de pé outra vez.

— Ela está na época? Trarei o porco amanhã — Roger disse, sentindo-se impulsivo. Kenny pareceu surpreso, mas depois balançou a cabeça, satisfeito.

— Sim, muito obrigado, a Smeòraich. Parou por um instante, depois acrescentou, descontraidamente: — Espero que Mac Dubh logo esteja de pé, então. Ele está bastante bem para ter se encontrado com Tom Christie?

— Ele não se encontrou com ele, não... mas eu lhe contei.

— Oh? Oh. Bem, tudo bem, então, não é?

Roger estreitou os olhos, mas Kenny desviou o olhar.

Sua sensação de desconforto com Christie persistia e, tomado por um impulso repentino, Roger inclinou-se por cima do feno e agarrou Kenny pela mão, surpreendendo bastante o homem mais velho. Ele apertou, bateu na junta do dedo e depois soltou a mão.

Kenny fitou-o, aparvalhado, piscando no feixe de luz que entrava pela porta. Finalmente, largou o balde vazio, limpou as mãos cuidadosamente em seu kilt esfarrapado e ofereceu-a formalmente a Roger.

Quando a soltou, ainda eram bastante cordiais, mas a situação entre eles havia se alterado, muito sutilmente.

— Christie também — Roger observou, e Kenny balançou a cabeça, confirmando.

— Oh, sim. Todos nós.

— Todos vocês em Ardsmuir? E... Jamie? — Sentiu uma sensação de perplexidade à ideia.

Kenny balançou a cabeça outra vez, abaixando-se para pegar seu balde.

— Oh, sim, foi Mac Dubh quem começou isso. Não sabia?

Não adiantava fingir. Ele sacudiu a cabeça, descartando a questão. Ele mencionaria isso a Jamie quando o visse — presumindo-se que estivesse em condições de ser confrontado com a pergunta. Fixou um olhar direto em Kenny.

— E então. Sobre Christie. Alguma coisa errada com o sujeito?

A reserva anterior de Kenny havia desaparecido, agora que não se tratava mais de discutir um irmão maçónico com um estranho. Sacudiu a cabeça.

— Oh, não. É que eu fiquei um pouco surpreso de vê-lo aqui. Ele não se dava tão bem com Mac Dubh, só isso. Se ele tivesse outro lugar para ir, eu não imaginaria que ele viesse procurar Fraser's Ridge.

Roger ficou momentaneamente surpreso com a revelação de que havia alguém de Ardsmuir que não achava que o sol brilhava do traseiro de Jamie Fraser, embora, pensando bem, não houvesse razão para que assim não fosse; Deus sabia que o sujeito era tão capaz de fazer amigos quanto inimigos.

— Por quê?

O que ele estava perguntando era óbvio. Kenny olhou ao redor do barracão das cabras, como se quisesse fugir, mas Roger colocou-se entre ele e a porta.

— Nada importante — ele disse, finalmente, os ombros arriando-se em capitulação. — É apenas que Christie é protestante, sabe?

— Sim, compreendo — Roger disse, secamente. — Mas ele foi colocado junto com os prisioneiros jacobitas. Então houve problemas em Ardsmuir por causa disso, é isso que você está me dizendo?

Bastante provável, refletiu. Em sua própria época, os católicos e os severos escoceses filhos de John Knox e sua gente não morriam de amores uns pelos outros. Não havia nada que os escoceses gostassem mais do que uma pequena briga religiosa — e se fôssemos olhar até o fundo da questão, toda a causa jacobita não passara disso.

Pegue alguns calvinistas ferrenhos, convencidos de que, se não andarem na linha, o papa descerá pelas chaminés e virá puxar o pé deles, e jogue-os numa prisão cara a cara com homens que rezam em voz alta para a Virgem Maria... sim, ele podia entender. Brigas de futebol não seriam nada perto disso, dadas as mesmas condições.

— Como ele foi parar em Ardsmuir, então? Christie, quero dizer. Kenny pareceu surpreso.

— Oh, ele era um jacobita, preso com os demais em Culloden, julgado e preso

— Um jacobita protestante? — Não era impossível, nem mesmo improvável. A política formava alianças mais estranhas do que essa, e sempre fora assim. Mas não era comum.

Kenny deu um suspiro, olhando para o horizonte, onde o sol descia lentamente atrás dos pinheiros.

— Vamos entrar, então, Mackenzie. Se Tom Christie veio para a Ridge, acho melhor alguém lhe contar tudo sobre isso. Se eu andar depressa, você estará de volta à sua casa a tempo do jantar.

Rosamund não estava em casa, mas o leite coalhado estava frio na fonte, como anunciado. Trazidos os bancos e o leite coalhado servido,

Kenny Lindsay manteve a palavra e começou seu relato de maneira séria e objetiva. Christie era das Lowlands, Kenny disse, MacKenzie já devia ter imaginado De Edimburgo. Na época da Revolução, Christie era um comerciante na cidade, com um bom negócio, recentemente herdado de um pai trabalhador. O próprio Tom Christie não era nenhum preguiçoso e estava resolvido a subir na vida.

Com isso em mente, e o exército do príncipe Tearlach ocupando a cidade, Christie colocou suas melhores roupas e foi visitar O'Sullivan, o irlandês responsável pelo abastecimento do exército.

— Ninguém sabe o que se passou entre eles, além de boatos, mas quando Christie saiu ele tinha um contrato para abastecer de provisões o exército das Highlands e um convite para dançar em Holyrood. Naquela noite Kenny tomou um grande gole do leite coalhado e abaixou a caneca, o bigode com uma faixa branca. Balançou a cabeça significativamente para Roger.

— Ouvimos falar de como eram esses bailes no palácio. Mac Dubh nos falou deles, muitas e muitas vezes. A Grande Galeria, com os retratos de todos os reis da Escócia, e a lareira de azulejos azuis holandeses, suficientemente grande para assar um boi inteiro. Lá dentro O príncipe, e todas as pessoas importantes que tinham ido vê-lo, vestidos em sedas e rendas. E a comida! Santo Deus, o que ele nos contava! — Os olhos de Kenny tornaram-se arregalados e sonhadores, lembrando-se das descrições nos estômagos vazios. Sua língua projetou-se para fora e distraidamente ele lambeu o leite coalhado do lábio superior.

Em seguida, sacudiu-se, voltando ao tempo presente.

— Bem, então — disse pragmaticamente — Quando o exército deixou Edimburgo, Christie foi junto. Quer fosse para tomar conta do seu investimento ou se pretendia continuar à vista do príncipe, não sei dizer.

Roger observou consigo mesmo que a ideia de Christie ter agido por razões patrióticas não fazia parte da lista de possibilidades de Kenny Lindsay.

Quer por prudência ou ambição, quaisquer que fossem suas razões, Christie permanecera — e permanecera por tempo longo demais. Ele deixara o exército em Nairn, no dia anterior a Culloden, e iniciou o caminho de volta a Edimburgo, conduzindo uma das carroças de abastecimento do exército.

— Se ele tivesse deixado a carroça e cavalgado um de seus cavalos, talvez tivesse conseguido escapar — Kenny disse sarcasticamente. — Mas não; ele deu de cara com um punhado dos Campbell. Tropas do governo, sabe?

Roger balançou a cabeça.

— Ouvi dizer que ele tentou se passar por um vendedor ambulante, mas ele pegara uma carga de milho de uma fazenda naquela estrada e o fazendeiro jurou de pé junto que Christie havia estado em seu quintal há menos de três dias antes com o emblema da roseta branca no peito. Assim, eles o levaram, e foi isso.

Christie fora primeiro para a prisão de Berwick e depois — por razões que só a Coroa sabe — para Ardsmuir, onde chegara um ano antes de Jamie Fraser.

— Eu cheguei na mesma época. — Kenny espreitou dentro da caneca vazia, depois estendeu a mão para o jarro. — Era uma prisão antiga, praticamente se desmoronando, mas não a usavam há muitos anos. Quando a Coroa resolveu reabri-la, levaram homens de vários lugares; talvez uns cento e cinquenta homens, no total. A maioria jacobitas condenados, um ou outro ladrão, um ou dois assassinos. — Kenny riu de repente e Roger não pôde deixar de rir também.

Kenny não era um grande contador de histórias, mas falava com uma simplicidade tão vívida que Roger não tinha dificuldade em ver a cena que ele descrevia: as pedras escuras de fuligem e os homens esfarrapados. Homens de toda a Escócia, arrancados de suas casas, privados de parentes e amigos, atirados como lixo num monte de compostagem, onde a sujeira, a fome e ambientes fechados geravam um calor de podridão capaz de destruir tanto a sensibilidade quanto a civilidade.

Pequenos grupos se formaram, tanto para se protegerem quanto pelo conforto da associação, e havia conflitos constantes entre os grupos. Eles se espancavam violentamente, como seixos batidos pelas ondas na praia, machucando-se e de vez em quando esmagando algum sujeito azarado que se metesse no meio.

— A questão é comida e calor, sabe? — Kenny disse, sem paixão. — Não há nada mais com que se preocupar, num lugar assim.

Entre os grupos, havia um pequeno e obstinado punhado de calvinistas, comandados por Thomas Christie. Cuidando dos seus, eles compartilhavam alimentos e cobertores, defendiam uns aos outros — e se comportavam com um obstinado senso de superioridade moral que enfurecia os católicos.

— Se um de nós pegasse fogo, e de vez em quando isso acontecia, quando alguém era empurrado para dentro da lareira enquanto dormia, eles não urinavam sobre ele para apagar o fogo — Kenny disse, sacudindo a cabeça. Eles não roubavam comida, é verdade, mas ficavam em um canto, rezando alto, naquela lenga-lenga sobre prostitutas e agiotas e idólatras, e fazendo questão que soubéssemos a

quem estavam se referindo!

— E então Mac Dubh chegou. — O sol da tarde de outono estava se pondo; o rosto barbado de Kenny estava imerso em sombras, mas Roger podia ver o leve enternecimento que o atravessou, relaxando a expressão colérica que acompanhava as lembranças de Lindsay.

— Algo como o Segundo Advento, hem? — Roger disse. Falou à meia voz e ficou surpreso quando Kenny riu.

— Só se estiver querendo dizer que alguns de nós já conheciam Sheumais ruaidh. Não, rapaz, eles o trouxeram de barco. Você sabe que Jamie Roy não gosta de barcos, não é?

— Eu já tinha ouvido falar — Roger respondeu secamente.

— O que quer que tenha ouvido, é verdade — Kenny garantiu-lhe, rindo.

— Ele cambaleou para dentro da cela verde como uma moça, vomitou no canto, depois se arrastou para baixo de um banco e ficou lá um ou dois dias.

Depois que chegou, Fraser manteve-se quieto por algum tempo, observando para ver quem era quem e o que era o quê. Mas ele era um cavalheiro de nascença e fora tanto um senhor de terras quanto um guerreiro feroz; um homem muito respeitado entre os escoceses das Highlands. Os homens o acatavam naturalmente, buscando sua opinião, pedindo conselho e os mais fracos abrigando-se em sua presença.

— E isso incomodou o traseiro de Tom Christie como uma esfoladura de sela — Kenny disse, balançando a cabeça. — Veja bem, ele já se considerava o maior sapo do lago, sabe? — Kenny abaixou o queixo e enfunou a garganta, esbugalhando os olhos a título de ilustração, e Roger caiu na gargalhada.

— Sim, sei. E ele não gostou da concorrência, não é? Kenny balançou a cabeça, sem pestanejar.

— Não teria sido tão ruim, talvez, exceto que metade de seu grupinho de salvadores começou a fugir sorrateiramente de suas preces para ouvir Mac Dubh contar histórias. Mas o principal foi o novo diretor do presídio.

Bogle, o primeiro diretor do presídio, fora embora, substituído pelo coronel Harry Quarry. Ele era relativamente jovem, mas um soldado experiente, que lutara em Falkirk e em Culloden. Ao contrário de seu antecessor, via os prisioneiros sob seu comando com certo respeito — e ele conhecia a reputação de Jamie Fraser, considerando-o um inimigo honroso, ainda que derrotado.

— Quarry ordenou que Mac Dubh fosse levado até ele, logo depois

de assumir o comando em Ardsmuir. Não sei dizer o que aconteceu entre eles, mas logo se tornou rotina; uma vez por semana, os guardas vinham e levavam Mac Dubh para se barbear e tomar banho, e ele ia jantar com Quarry e conversar com ele sobre o que fosse necessário.

— E Tom Christie não gostou disso tampouco — Roger imaginou. Ele estava formando uma imagem abrangente de Christie; ambicioso, inteligente — e invejoso. Ele próprio competente, mas não sendo bem-nascido como Fraser, nem possuindo sua habilidade na guerra — vantagens das quais um comerciante, que subiu por mérito próprio e com aspirações sociais, devia se ressentir, mesmo antes da catástrofe de Culloden. Roger sentiu uma incipiente solidariedade por Christie. Competir com Jamie Fraser era duro para um mero mortal.

Kenny sacudiu a cabeça, depois a inclinou para trás para esvaziar sua caneca. Colocou-a sobre a mesa com um ar satisfeito, erguendo as sobrancelhas com um gesto na direção da jarra. Roger abanou a mão, recusando.

— Não, obrigado. Mas os maçons... como isso aconteceu? Você disse que teve a ver com Christie? — A luz do crepúsculo quase já desaparecera. Teria que voltar para casa no escuro, mas isso não era problema; sua curiosidade não o deixaria ir embora sem saber o que acontecera.

Kenny resmungou, ajeitando o kilt sobre as coxas. A hospitalidade era necessária, mas ele ainda tinha tarefas a realizar. No entanto, cortesia era cortesia, e ele gostava do Melro por ele mesmo, não só por ser genro de Mac Dubh.

— Sim, bem. — Deu de ombros, resignando-se. — Não, Christie não gostou nem um pouco que Mac Dubh fosse o mandachuva, quando ele achava que esse era seu lugar por direito. — Lançou um olhar sagaz para Roger, avaliando. — Acho que ele não sabia o que deveria custar ser o chefe num lugar como aquele, não até bem depois. Mas isso não tem nada a ver. Abanou a mão, afastando a irrelevância. — O problema era que o próprio Christie era um chefe; apenas não tão bom como o próprio Mac Dubh. Mas havia os que o escutavam, e não apenas os fanáticos de Deus.

Se Roger ficou um pouco desconcertado ao ouvir essa caracterização de seus correligionários, desconsiderou-a em sua ansiedade de ouvir mais.

— É mesmo?

— Houve problemas outra vez. — Kenny deu de ombros novamente. Pequenas coisas, sabe, mas podia-se ver o que estava acontecendo.

Deslocamentos e fissuras, as pequenas falhas e fraturas que

resultam quando duas massas de terra se encontram, empurrando e esticando até que montanhas se erguem entre elas ou uma é subjugada pela outra, numa ruptura de terra ou fragmentação de rocha.

— Nós podíamos ver Mac Dubh pensando — Kenny disse. — Mas ele não é homem de dizer a ninguém o que está se passando em sua cabeça, não é?

Quase ninguém, Roger pensou repentinamente, com a lembrança da voz de Fraser, tão baixa que mal podia ser ouvida sob o lamuriante vento de outono. Ele disse a mim. O pensamento foi um pequeno e repentino conforto em seu peito, mas ele afastou-o, para não ser distraído.

— Assim, uma noite Mac Dubh voltou para nós, bem tarde da noite Kenny disse. — Mas em vez de deitar-se para dormir, ele chegou e nos convocou; eu, meus irmãos, Gavm Hayes, Ronme Sinclair... e Thomas Christie.

Fraser acordou silenciosamente os seis homens de seu sono e levou-os para junto de uma das poucas janelas da cela, onde a luz do céu noturno pudesse recair sobre seu rosto. Os homens reuniram-se ao seu redor, os olhos pesados e doloridos do dia de trabalho pesado, perguntando-se o que aquilo poderia significar. Desde o último confronto — uma luta entre dois homens sobre um insulto insignificante, — Christie e Fraser não haviam trocado nem uma palavra.

Era uma amena noite de primavera, o ar ainda revigorante, mas cheirando a plantas verdes e novas que brotavam na charneca e ao sal do mar distante; uma noite para fazer um homem desejar correr livre pela terra e sentir o sangue latejando com força em suas veias. Cansados ou não, os homens despertaram, atentos e alertas.

Christie estava alerta; cauteloso e vigilante. Ali estava ele, chamado cara a cara com Fraser e cinco dos seus maiores aliados — o que pretendiam? Claro, estavam numa cela com cinquenta outros homens dormindo ao redor e alguns deles iriam em socorro de Christie se ele chamasse; mas um homem poderia ser espancado ou assassinado antes que alguém sequer soubesse que ele estava ameaçado.

No começo, Fraser não disse nada, mas sorriu e estendeu a mão para Tom Christie. O outro hesitou por um instante, desconfiado — mas não havia escolha, afinal de contas.

-Você teria imaginado que Mac Dubh tinha um raio na mão, pela maneira que o choque percorreu o corpo de Christie. — A própria mão de Kenny abriu-se sobre a mesa entre eles, a palma calosa e dura como chifre. Os dedos curtos e grossos curvaram-se, fechando-se devagar, e

Kenny sacudiu a cabeça, um largo sorriso enrugando seu rosto.

— Não sei como Mac Dubh descobriu que Christie era maçom, mas ele sabia. Você devia ter visto a expressão do rosto de Tom quando ele compreendeu que Jamie Roy era mais um deles!

— Foi Quarry quem fez isso — Kenny explicou, vendo a pergunta ainda no rosto de Roger. — Ele próprio era um mestre.

Ele era um mestre maçom e chefe de uma pequena loja militar, composta de oficiais da guarnição. Mas um de seus membros havia morrido recentemente, deixando-os com menos um dos sete necessários. Quarry considerou a situação e, após alguma cautelosa conversa especulativa sobre a questão, convidou Fraser para se unir a eles. Um cavalheiro era um cavalheiro, afinal, jacobita ou não.

Não era exatamente uma situação ortodoxa, Roger pensou, mas esse Quarry parecia o tipo que adapta as normas à sua conveniência. Quanto a isso, Fraser também.

— Então Quarry fez dele um membro da loja e ele passou de aprendiz a companheiro no período de um mês, e ele próprio já era um mestre um mês depois disso — e foi então que ele resolveu nos contar a respeito. E assim nós fundamos uma nova loja naquela noite, os sete — Loja de Ardsmuir Número 2.

Roger resfolegou com um sorriso irônico, ao entender o que se passara.

— Sim. Vocês seis... e Christie. — Tom Christie, o protestante. E Christie, arrogante, mas honrado, já tendo prestado os juramentos do maçom, não teve escolha, vendo-se obrigado a aceitar Fraser e seus católicos como irmãos.

— Para começar. Em três meses, entretanto, todos os homens na cela transformaram-se em aprendizes. E depois disso já quase não havia mais problemas.

Era de se esperar que não houvesse. Os maçons tinham como princípios básicos as noções de igualdade — cavalheiro, arrendatário, pescador, senhor de terras; essas distinções não eram levadas em consideração em uma loja e tolerância. Nenhuma discussão política ou religiosa entre irmãos, esta era a regra.

— Imagino que também não tenha feito nenhum mal a Jamie pertencer à loja dos oficiais — Roger disse.

— Oh — Kenny disse, um pouco vagamente. — Não, creio que não. Empurrou seu banquinho para trás e fez menção de se levantar; a história acabara; a noite caíra e era hora de acender uma vela. Ele não fez nenhum movimento na direção do castiçal de barro que estava sobre a lareira, mas Roger olhou na direção da claridade do fogo

abafado e notou pela primeira vez que não havia nenhum cheiro de comida cozinhando.

— É hora de eu ir embora para jantar — ele disse, levantando-se também. Venha comigo, hein?

Kenny animou-se visivelmente.

— Eu vou, sim, então, a Smeòraich, e obrigado. Só um instante para eu ordenhar as cabras e já estarei a caminho.

Quando voltei para cima na manhã seguinte após um delicioso café da manhã com omeletes, feitas de carne de búfalo moída, cebolas e cogumelos, encontrei Jamie acordado, embora não exatamente desperto.

— Como está se sentindo esta manhã? — perguntei, depositando a bandeja que eu lhe trouxera em cima da mesa e colocando a mão em sua testa. Ainda febril, porém não mais ardendo em febre; sua temperatura já estava quase normal.

— Gostaria de estar morto para as pessoas pararem de perguntar como estou — retrucou, irritado. Considerei seu mau humor um indicativo de recuperação de sua saúde e tirei a mão.

— Já usou o urinol hoje de manhã?

Ele ergueu uma das sobrancelhas, furioso.

E você?

Você fica impossível quando está doente — observei, levantando-me para espiar eu mesma dentro da vasilha rudemente esmaltada. Nada.

— Não lhe ocorre, Sassenach, que talvez seja você quem fica impossível quando eu estou doente? Quando não está me dando remédios asquerosos feitos de insetos esmagados e raspas de cascos, está cutucando minha barriga e fazendo perguntas íntimas sobre os meus intestinos. Ahh!

Eu havia de fato abaixado o lençol e examinado a parte de baixo de seu abdômen. Nenhuma distensão de uma bexiga inchada; sua exclamação pareceu dever-se apenas a cócegas. Apalpei rapidamente o fígado, mas não encontrei nenhuma resistência — o que era um alívio.

— Sente dor nas costas?

— Sinto um talo na garganta — ele disse, estreitando um dos olhos para mim e dobrando os braços protetoramente na cintura. — E está piorando cada vez mais.

— Estou tentando determinar se o veneno da cobra afetou seus rins expliquei pacientemente, resolvendo ignorar sua última observação. — Se não consegue urinar...

— Posso fazer isso muito bem — garantiu-me, puxando o lençol até o peito, com receio que eu exigisse prova. — Agora deixe— Me com meu café da manhã e eu...

— Como você sabe? Você não...

— Já, sim. — Vendo meu olhar cético para o urinol, ele me lançou um olhar furioso por baixo das sobrancelhas e murmurou alguma coisa terminando em "...janela". Virei-me para a janela aberta, as persianas abertas e a vidraça levantada, apesar do ar frio da manhã.

— Você fez o quê?

— Bem — ele se defendeu, — eu estava de pé e achei melhor assim, só isso.

— Por que estava de pé?

— Ah, fiquei com vontade. — Piscou para mim, inocente como um bebê recém-nascido. Abandonei a pergunta, indo direto a questões mais importantes.

— Havia sangue...

— O que você trouxe de café da manhã? — Ignorando minhas indagações clínicas, ele virou-se de lado e levantou o guardanapo estendido sobre a bandeja. Olhou para a tigela de leite com pão assim revelada, depois virou a cabeça, lançando-me um olhar da mais profunda traição.

Antes que ele pudesse começar com outras reclamações, eu me antecipei a ele sentando-me num banquinho ao seu lado e perguntando sem rodeio

— O que há de errado com Tom Christie? Ele piscou, pego de surpresa.

— Alguma coisa errada com o sujeito?

— Não sei, não o vi.

— Bem, eu mesmo não o vejo há mais de vinte anos — ele disse, pegando a colher e remexendo o pão com leite com ar de desconfiança. — Se cresceu mais uma cabeça nele nesse meio tempo, é novidade para mim.

— Ho — eu disse, tolerantemente. — Você pode ter enganado Roger, mas eu o conheço.

Ele ergueu os olhos para mim diante disso e me lançou um sorriso de esguelha.

— Ah, é? E você sabe que eu não gosto muito de pão com leite?

Meu coração estremeceu à visão daquele sorriso, mas mantive a dignidade.

— Se está pensando em me chantagear para que eu lhe traga um bife, pode esquecer — avisei. — Posso esperar para descobrir a respeito de Tom Christie, se for necessário. — Levantei-me, alisando minhas saias como se fosse sair, e virei-me para a porta.

— Se fizer mingau com mel, eu lhe conto. Virei-me e o vi rindo abertamente para mim.

— Combinado — eu disse, e voltei para o banco.

Ele pensou por um instante, mas pude ver que ele só estava tentando decidir como e onde começar.

— Roger me falou da loja maçónica em Ardsmuir — eu disse, para ajudá-lo a começar. — Ontem à noite.

Jamie lançou-me um olhar surpreso.

— E onde Roger Mac descobriu isso? Christie lhe contou?

— Não, foi Kenny Lindsay. Mas evidentemente Christie deu algum tipo de sinal maçónico a Roger quando chegou. Na verdade, eu achava que católicos não podiam ser maçons.

Ele ergueu uma das sobrelanceiras.

— Sim, bem. O papa não estava na prisão de Ardsmuir e eu estava. Além do mais, não tinha ouvido falar que fosse proibido. Então, o pequeno Roger também é maçom?

— Parece que sim. E talvez não seja proibido agora. Mas será, mais tarde.

— Abanei a mão, descartando a questão.

— Porém há mais alguma coisa a respeito de Christie, não é?

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Sim, há — disse serenamente. — Lembra-se de um sargento Murchison, Sassenach?

— Perfeitamente. — Eu só me encontrara com o sargento uma vez, há mais de dois anos, em Cross Creek. Entretanto, o nome me pareceu familiar em algum outro contexto mais recente. Então lembrei onde eu o tinha ouvido.

— Archie Hayes o mencionou, ou mencionou ambos. É isso; havia dois deles, gêmeos. Um deles era o homem que atirou em Archie em Culloden, não?

Jamie balançou a cabeça, confirmando. Seus olhos estavam velados e eu pude ver que ele olhava para o passado, para a época que passou em Ardsmuir.

— Sim. E atirar numa pessoa a sangue-frio não era mais do que se poderia esperar de qualquer um dos dois. Espero nunca encontrar uma

dupla mais cruel. — O canto de sua boca curvou-se para cima, mas sem humor. A única coisa que sei para crédito de Stephen Bonnet é que ele matou um desses desgraçados.

— E o outro? — perguntei.

— Eu matei o outro.

O quarto pareceu repentinamente muito quieto, como se nós dois estivéssemos muito longe de Fraser's Ridge, só nós dois, aquela declaração sem rodeios flutuando no ar entre nós. Ele me olhava diretamente, os olhos azuis prudentes, esperando para ver o que eu diria. Engoli em seco.

— Por quê? — perguntei, vagamente surpresa com a calma da minha própria voz.

Então ele desviou o olhar, sacudindo a cabeça.

— Uma centena de razões — disse serenamente — e nenhuma. — Esfregou distraidamente o pulso, como se sentisse o peso de correntes de ferro.

— Eu poderia lhe contar histórias de suas crueldades, Sassenach, e seriam verdadeiras. Eles caíam como aves de rapina sobre os fracos, roubando e batendo, e eram do tipo que se comprazem com a maldade por si mesma. Não há defesa contra esse tipo de homem, não na prisão. Mas não digo isso como desculpa, pois não há nenhuma.

Os prisioneiros de Ardsmuir eram usados para trabalhar, cortando turfa, quebrando e carregando pedras. Trabalhavam em pequenos grupos, cada grupo vigiado por um soldado inglês, armado com cassetete e mosquete. O mosquete para impedir a fuga — o cassetete para reforçar ordens e garantir a submissão.

— Era verão. Você conhece o verão nas Highlands, Sassenach, o ar mortífero das noites de verão?

Balancei a cabeça. A claridade turva do verão a que ele se referia era a luz da noite nas Highlands, em pleno verão. Tão longe ao norte, o sol mal se punha na véspera do Solstício de Verão; ele desaparecia atrás da linha do horizonte, mas mesmo à meia-noite o céu ficava pálido e com uma claridade branco-leitosa, e o ar não ficava escuro, mas parecia denso de uma névoa sobrenatural.

O diretor da prisão aproveitava a luz, de vez em quando, para fazer os prisioneiros trabalharem até altas horas da noite.

— A gente não se importava muito — Jamie disse. Seus olhos estavam abertos, mas fixos no que quer que estivesse vendo na claridade de verão da lembrança. — Era melhor ficar ao ar livre do que dentro da cela. No entanto, à noite, estávamos tão exaustos que mal conseguíamos colocar um pé na frente do outro. Era como andar

num sonho.

Quando o trabalho do dia terminava, tanto os guardas quanto os prisioneiros estavam entorpecidos de cansaço. Os grupos de prisioneiros eram reunidos, formavam uma coluna e marchavam de volta para as celas, arrastando os pés pela charneca, tropeçando e cochilando, bêbados da necessidade de desmoronar e dormir.

— Ainda estávamos junto à pedreira quando eles partiram; nós deveríamos carregar a carroça com as ferramentas de quebrar pedras e com os últimos blocos, e segui-los. Eu me lembro, ergui um grande bloco para o chão da carroça e afastei-me, arquejando com o esforço. Ouvi um barulho atrás de mim, virei-me e vi o sargento Murchison; era Billy, embora eu só tenha descoberto isso mais tarde.

O sargento não passava de uma figura escura, atarracada, na luz turva, o rosto invisível contra um céu da cor da concha de uma ostra.

— Eu às vezes me pergunto se não o teria feito se tivesse visto seu rosto.

— Os dedos da mão esquerda de Jamie percorreram de leve o seu pulso, distraidamente, e eu compreendi que ele ainda sentia o peso das algemas que usava.

O sargento erguera o cassetete, cutucou Jamie com força nas costelas, depois usou-o para apontar para um martelo deixado no chão. Então o sargento se virou.

— Eu não pensei nem por um instante — Jamie disse suavemente. — Em dois passos, eu já estava sobre ele, com a corrente dos meus ferros pressionada com força em sua garganta. Ele não teve tempo de emitir um som.

A carroça estava a não mais do que dez passos da beira do lago da pedreira; havia uma queda íngreme de uns doze metros direto para baixo, e a água, com trinta metros de profundidade, negra e parada sob o céu esbranquiçado.

— Amarrei-o a um dos blocos de pedra e o atirei lá de cima, depois voltei para a carroça. Os dois homens do meu grupo estavam lá, parados como estátuas na semiobscuridade, observando. Não disseram nada, nem eu. Subi na boleia e peguei as rédeas, eles subiram na parte de trás da carroça, e eu dirigi de volta à prisão. Alcançamos a coluna logo depois e todos nós voltamos juntos, sem pronunciar uma palavra. Ninguém deu por falta do sargento Murchison até a noite seguinte, pois pensavam que ele estava na cidade, de folga. Acho que nunca o encontraram.

Ele pareceu perceber o que estava fazendo e tirou a mão do pulso.

— E os dois homens? — perguntei suavemente. Ele balançou a

cabeça.

— Tom Christie e Duncan Innes.

Suspirou profundamente e esticou os braços, remexendo os ombros, como se ajeitasse uma camisa apertada — embora usasse um largo camisão de dormir. Então ele ergueu uma das mãos e virou-a de um lado para o outro, franzindo para o seu pulso na luz.

— Que estranho — ele disse, parecendo ligeiramente surpreso.

— O quê?

— As marcas... elas desapareceram.

— Marcas... das algemas de ferro? — Ele balançou a cabeça, examinando ambos os pulsos, perplexo. A pele estava lisa e clara, levemente bronzeada, mas sem nenhuma marca.

— Elas ficaram aqui durante anos... do atrito, sabe? Eu não tinha notado que haviam desaparecido.

Coloquei a mão em seu pulso, esfregando o polegar delicadamente sobre o ponto onde sua artéria radial atravessava o osso.

— Você não as tinha mais quando o encontrei em Edimburgo, Jamie. Elas já desapareceram há muito tempo.

Ele abaixou os olhos para os braços e sacudiu a cabeça, como se não pudesse acreditar.

— Sim — disse suavemente. — E assim também Tom Christie.

PARTE IX

Um Negócio Perigoso



AURUM

A casa estava em silêncio. O sr. Wemyss tinha ido ao moinho de farinha, levando Lizzie e a sra. Bug com ele, e já era tarde demais no dia para algum visitante chegar — todos já estariam ocupados com suas obrigações providenciando para que os animais fossem alimentados e guardados para a noite, água e lenha estocados e as lareiras das cozinhas preparadas para o jantar.

Meu próprio animal já estava alimentado e pronto para dormir; Adso se enroscara numa bola sonolenta no peitoril da janela, num lugar iluminado pelo sol da tarde, as patas enfiadas embaixo do corpo e os olhos fechados num êxtase de saciedade. Minha contribuição para o jantar — um prato a que Fergus se referia elegantemente como lapin aux chanterelles (conhecido como ensopado de coelho para os simples mortais como nós) — borbulhava alegremente no caldeirão desde o começo da manhã e não requeria nenhuma atenção de minha parte. Quanto a varrer o chão, limpar as janelas, espanar e outras tarefas desse tipo... bem, se o trabalho das mulheres nunca terminava, por que se preocupar com quanto não fora realizado em determinado momento?

Peguei pena e tinta do armário e o livro de anotações médicas, depois me instalei compartilhando o sol de Adso. Redigi uma descrição detalhada do tumor na orelha do pequeno Geordie Chisholm, que precisava ser acompanhado, e acrescentei as medidas mais recentes que eu tomara em relação à mão esquerda de Tom Christie.

Christie realmente sofria de artrite nas duas mãos e tinha um ligeiro grau de deformidade nos dedos. No entanto, tendo observado suas mãos com cuidado durante o jantar, eu tinha quase certeza de que o que eu observava na mão esquerda não era artrite, mas contratura de Dupuytren — um estranho encurvamento do dedo anelar e do dedo mínimo para dentro, na direção da palma da mão, como um gancho, causado pelo encurtamento da aponeurose palmar.

Normalmente, eu não teria nenhuma dúvida, mas as mãos de Christie eram tão calosas dos anos de trabalho pesado que eu não podia sentir o nódulo característico na base do dedo anelar. Mas o dedo me parecera errado quando examinei sua mão pela primeira vez — ao costurar um corte na base da palma — e eu continuava

verificando-o, sempre que via Tom Christie e conseguia convencê-lo a me deixar examinar sua mão — o que não era com frequência.

Apesar das apreensões de Jamie, os Christie mostravam-se arrendatários excelentes até agora, vivendo sossegadamente e com discrição, exceto no que dizia respeito às aulas de Thomas Christie, em relação às quais ele parecia ser exigente, mas eficaz.

Tomei consciência de uma presença assomando logo atrás da minha cabeça. O raio de luz solar havia mudado de lugar, e Adso com ele.

— Nem pense nisso, gato — eu disse. Um ronronado de expectativa iniciou-se na vizinhança da minha orelha esquerda e uma pata larga esticou-se e delicadamente deu umas pancadinhas no topo de minha cabeça.

— Oh, tudo bem — eu disse, resignada. Na verdade, eu não tinha escolha, a menos que quisesse me levantar e ir escrever em outro lugar. — Faça como quiser.

Adso não resistia a cabelos. Cabelos de qualquer pessoa, quer presos a uma cabeça ou não. Felizmente, o major MacDonald fora a única pessoa suficientemente descuidada para sentar-se ao alcance de Adso usando uma peruca e, afinal, eu tive que recuperá-la, o que significara me arrastar até onde Adso se instalara com sua presa; ninguém mais ousava tirá-la de suas garras. O major ficara um pouco aborrecido com o incidente e, embora isso não o tivesse impedido de vir visitar Jamie de vez em quando, ele já não tirava o chapéu durante essas visitas; sentava-se à mesa da cozinha, bebendo café de chicória, o tricórnio firmemente assentado na cabeça e os olhos firmemente assentados em Adso, monitorando as andanças do gato.

Relaxe um pouco, embora não chegasse a ronronar, mas sentindo-me bastante inebriada. Era extremamente relaxante ter o gato embaralhando e arrepiando meus cabelos com as garras quase recolhidas, parando de vez em quando em seus delicados cuidados para esfregar a cara amorosamente na minha cabeça. Ele só era realmente perigoso se tivesse acesso à erva-dos-gatos, mas esta estava trancada em segurança no armário. Com os olhos semicerrados, considerei o pequeno contratempo de descrever a contratura de Depuytren sem dar-lhe esse nome, uma vez que o barão Depuytren ainda não havia nascido.

Bem, uma imagem valia por mil palavras e eu achava que poderia produzir ao menos um desenho com competência. Fiz o melhor possível, enquanto imaginava como poderia induzir Thomas Christie a me deixar operar sua mão.

Era um procedimento bastante rápido e simples, mas considerando

a falta de anestesia e o fato de que Christie era um presbiteriano rigoroso e completamente abstinente... talvez Jamie pudesse sentar-se em seu peito e Roger em suas pernas. Se Brianna segurasse seu pulso com força...

Desisti do problema por enquanto, bocejando sonolentemente. A sonolência desapareceu abruptamente quando uma borboleta amarela de dez centímetros entrou zumbindo pela janela aberta, com um barulho de um pequeno helicóptero. Adso atirou-se no ar atrás dela, deixando meus cabelos numa terrível desordem e minha fita — que ele parecia ter andado mastigando silenciosamente — pendurada, molhada e destruída, atrás da minha orelha esquerda. Removi-a com ligeira repugnância, deixei-a sobre o peitoril da janela para secar e voltei algumas páginas do livro de anotações, admirando o desenho perfeito que eu fizera da mordida de cobra de Jamie e da seringa hipodérmica que Brianna improvisara com a presa da cascavel.

A perna, para minha admiração, curara-se de maneira limpa e rápida, e embora tivesse havido bastante perda de tecido, as larvas haviam lidado com isso com tanta eficácia que os únicos vestígios permanentes eram duas pequenas depressões na pele, das presas da serpente original, e uma cicatriz reta e fina de um lado ao outro da panturrilha onde eu fizera uma incisão para desbridamento e colocação das larvas. Jamie ainda mancava um pouco, mas eu achava que isso se curaria com o tempo.

Cantarolando alegremente, folheei preguiçosamente as últimas páginas de anotações de Daniel Rawlings.

Josephus Howard... principal queixa sendo uma fístula no reto, tão antiga a ponto de ter se infeccionado gravemente, além de um caso avançado de hemorroidas. Tratada com uma decocção de hera-terrestre, misturada a alúmen queimado e uma pequena quantidade de mel, tudo fervido com sumo de calêndula.

Uma observação posterior na mesma página, datada de um mês depois, registrava a eficácia desse composto, com ilustrações do estado do paciente antes e depois da administração do remédio. Ergui uma das sobancelhas para os desenhos; Rawlings não era melhor artista do que eu, mas conseguira captar, com admirável precisão, o desconforto intrínseco do problema.

Bati de leve a pena na boca, pensando, em seguida acrescentei uma anotação cuidadosa à margem, explicando que uma dieta rica em fibras deveria ser recomendada como um auxiliar no tratamento, útil para evitar prisão de ventre e as complicações mais graves daí decorrentes — nada como uma pequena lição prática!

Limpei a pena, coloquei-a na mesa e virei a página, imaginando

que planta seria essa hera-terrestre. Eu podia ouvir Jamie fazendo ruídos sussurrantes em seu gabinete; iria perguntar-lhe dentro de um instante.

Quase me passou despercebido. Fora anotado nas costas da página com o desenho da fístula do sr. Howard, evidentemente acrescentado como um pensamento ocorrido posteriormente às atividades do dia.

Falei com o sr. Hector Cameron de River Run, que me pede que vá examinar os olhos de sua mulher, sua visão estando tristemente afetada. É uma longa distância até essa fazenda, mas ele enviará um cavalo.

Essa anotação venceu imediatamente a atmosfera soporífera da tarde. Fascinada, endireitei-me na cadeira e virei a página, procurando ver se o médico de fato examinara Jocasta. Certa vez, eu consegui — com alguma dificuldade — convencer Jocasta a me deixar examinar seus olhos e estava curiosa quanto às conclusões de Rawlings. Sem um oftalmoscópio, não havia como saber ao certo a causa de sua cegueira, mas eu tinha fortes suspeitas — e podia ao menos eliminar coisas como cataratas e diabetes com razoável grau de certeza. Perguntei-me se Rawlings teria visto alguma coisa que eu deixara passar ou se seu problema se agravara muito desde que ele a examinara.

Sangrei o ferreiro em meio litro, administrei um purgante a sua mulher, 10 gotas de óleo de sena, e administrei 3 gotas do mesmo ao gato (grátis), tendo observado uma infestação de vermes nas fezes do animal.

Sorri diante dessa anotação; apesar de seus métodos grosseiros, Daniel Rawlings era um bom médico. Perguntei-me novamente o que teria acontecido a ele e se algum dia eu teria a chance de conhecê-lo. Eu tinha a sensação um tanto triste de que não teria; eu não podia imaginar um médico que de algum modo não retornasse para reclamar instrumentos tão bons como os dele, se estivesse em condições de fazê-lo.

Sob a insistência de minha curiosidade, Jamie andara gentilmente fazendo algumas indagações, mas sem nenhum resultado. Daniel Rawlings partira para a Virgínia — deixando para trás sua caixa de instrumentos e prontamente desaparecera no ar.

Outra página, outro paciente; sangria, purgação, abertura de abscessos, remoção de unha infectada, extirpação de dente com abscesso, cauterização de ferida persistente na perna de uma mulher... Rawlings encontrara muito trabalho em Cross Creek. Mas ele teria alguma vez ido a River Run?

— Sim, lá estava, uma semana mais tarde e várias páginas depois.

Cheguei a River Run após uma terrível jornada, vento e chuva

suficientes para afundar um navio e a estrada completamente inundada em alguns trechos, de modo que fui obrigado a cavalgar pelos campos, açoitado por chuva de granizo, lama até as sobranceiras. Parti ao alvorecer com o criado negro do sr. Cameron, que trouxe um cavalo para mim — só atingimos o santuário muito depois do anoitecer, exaustos e famintos. Fui recebido pelo sr. Cameron, que me serviu conhaque.

Tendo se dado ao trabalho de mandar buscar um médico, Hector Cameron havia evidentemente decidido tirar o máximo proveito da oportunidade e fez Rawlings examinar todos os escravos e criados, assim como o próprio dono da casa.

Aos setenta e três anos, de altura mediana, ombros largos, mas um pouco encurvado — Rawlings escrevera a respeito de Hector, — com as mãos tão nodosas e retorcidas de reumatismo a ponto de tornar impossível o manuseio de qualquer instrumento mais delicado do que uma colher. Fora isso, é bem conservado, muito vigoroso para a idade. Queixa-se de levantar à noite, micção dolorosa. Estou inclinado a suspeitar de destemperamento da bexiga com prurido, em vez de pedra nos rins ou doença crônica das partes masculinas internas, uma vez que a queixa é recorrente, mas não de longa duração em qualquer ocasião de sua evidência — duas semanas sendo a duração média de cada crise e acompanhada de queimação no órgão masculino. Uma febre baixa, sensibilidade na parte baixa do abdômen e urina escura, com forte odor, me convencem ainda mais dessa suposição.

Como a casa possui uma grande quantidade de amoras secas, prescrevi uma decocção, o suco espessado a ser bebido três vezes ao dia, uma xícara por vez. Também recomendei infusão de amor-de-hortelão, bebido pela manhã e à noite, por seu efeito calmante, e no caso de haver pequenas pedras presentes na bexiga, o que pode agravar sua condição.

Eu me vi balançando a cabeça em aprovação. Eu nem sempre concordava com Rawlings, quer em termos de diagnóstico ou de tratamento, mas achei que provavelmente ele acertou na mosca nesse caso. Mas e quanto a Jocasta?

Lá estava ela, na página seguinte.

Jocasta Cameron, sessenta e quatro anos, três vezes grávida, bem-nutrida e em boa saúde geral, muito jovem de aspecto.

Três vezes grávida. Parei por um instante diante desta observação trivial. Uma anotação tão simples, tão franca, para designar a gestação -sem falar da perda — de três filhos. Criar três filhos pelos perigos da infância, apenas para perder todos eles de uma vez, e de maneira tão cruel. O sol estava quente, mas senti um frio no coração ao pensar

nisso.

E se fosse Brianna? Ou o pequeno Jemmy? Como uma mulher poderia suportar essa perda? Eu mesma passara por isso e ainda não fazia a menor ideia. Já fazia muito tempo e, ainda assim, de vez em quando, eu acordava à noite, sentindo o peso cálido de uma criança adormecida em meu peito, sua respiração quente no meu pescoço. Minha mão se ergueu e tocou o ombro, curvada como se a cabeça da criança estivesse ali.

Imagino que deva ser mais fácil perder um filho no nascimento, sem os anos de convivência que deixariam um buraco no tecido da vida diária. No entanto, eu conheci Faith até o último átomo do seu ser; havia um buraco no meu coração onde sua forma se encaixava perfeitamente. Pelo menos foi uma morte natural; dava— Me a sensação de que ela ainda estava comigo de alguma forma, estava hem-cuidada, e não sozinha. Mas ter filhos assassinados, estando em perfeita saúde, sacrificados na guerra?

Tantas coisas podiam acontecer a crianças nesta época. Voltei à leitura atenta de seu histórico médico com a mente transtornada.

Nenhum sinal de doença orgânica, nem danos externos aos olhos. O branco do olho está límpido, as pestanas livres de qualquer substância, nenhum tumor visível. As pupilas respondem normalmente à luz passada diante delas e à diminuição da luz. Uma vela mantida perto de um dos lados ilumina o humor vítreo do olho, mas não mostra nenhum defeito. Noto uma leve nebulosidade, indicando catarata incipiente na lente do olho direito, mas isso é insuficiente para explicar a perda gradual da visão.

— Hum — eu disse em voz alta. As duas observações de Rawlings e suas conclusões combinavam com as minhas. Ele anotara rapidamente o período durante o qual a visão se perdera — aproximadamente dois anos — e o processo da perda — nada brusco, mas uma diminuição gradual do campo de visão.

Achei provável que tenha levado mais tempo; às vezes, a perda era tão gradual que as pessoas não notavam as minúsculas reduções, até a visão estar seriamente ameaçada.

...fragmentos da visão se desbastam gradualmente como lascas de queijo. Mesmo o pouco remanescente da visão que resta só é útil à luz turva, já que a paciente demonstra grande irritação e dor quando o olho é exposto à luz forte do sol.

Eu já vi essa condição duas vezes antes, sempre em pessoas de certa idade, embora não muito avançada. Dei minha opinião de que a visão logo seria completamente obliterada, sem nenhuma melhoria possível. Felizmente, o sr. Cameron possui um criado negro capaz de

ler, que ele deu a sua esposa para acompanhá-la e avisá-la de obstáculos, bem como ler e descrever o ambiente para ela.

Já fora além disso agora; a luz desaparecera e Jocasta estava inteiramente cega. Portanto, uma condição progressiva — o que não dizia muito, a maioria o era. Quando Rawlings a examinara?

Poderia ser uma série de males — degeneração macular, tumor do nervo ótico, parasitismo, retinite pigmentosa, arterite temporal, — provavelmente não deslocamento da retina, que teria acontecido abruptamente — mas minha própria suspeita inicial era glaucoma. Lembrei-me de Phaedre, a criada pessoal de Jocasta, torcendo panos em chá frio, observando que sua patroa estava sofrendo de dor de cabeça outra vez”, em um tom de voz que sugeria que essa era uma ocorrência comum — e Duncan me pedindo para fazer um travesseiro de lavanda, para aliviar as “enxaquecas” de sua mulher.

Mas as dores de cabeça podiam não ter nada a ver com a visão de Jocasta

— E eu não perguntei na ocasião a natureza das dores de cabeça; podiam ser simples dores de cabeça de tensão ou enxaquecas, em vez daquela pressão na cabeça que acompanha — ou não — o glaucoma. A arterite, afinal, também causaria dores de cabeça frequentes. O frustrante no caso é que o glaucoma por si mesmo não possui nenhum sintoma previsível — exceto, no fim, a cegueira. Era causado pela falha na drenagem adequada do fluido dentro do globo ocular, de modo que a pressão dentro do olho aumentava a ponto de causar danos, sem nenhum aviso prévio ao paciente ou seu médico. Mas outros tipos de cegueira também eram em grande parte livres de sintomas...

Eu ainda considerava as possibilidades quando percebi que Rawlings continuará suas anotações no verso da folha — em latim.

Pestanejei, um pouco surpresa. Eu sabia que ele escrevera aquela parte como continuação do trecho anterior; a escrita com pena mostra um escurecimento e um desbotamento das palavras bastante característico, conforme a tinta é renovada a cada mergulho da pena, e as nuances de cada trecho tendiam a ser diferentes, já que tintas diferentes haviam sido usadas. Não, aquilo fora escrito na mesma ocasião do trecho da página anterior.

Mas por que passar de repente ao latim? Rawlings tinha noções de latim, obviamente — o que evidenciava um certo grau de educação formal, ainda que não formação médica oficial, — mas ele não o usava normalmente em suas anotações clínicas, além de uma ou outra frase ocasional, necessária à descrição formal de alguma condição. Mas ali estava uma página e meia em latim, e escrupulosamente

escrita em letras menores do que sua caligrafia habitual, como se ele tivesse pensado cuidadosamente sobre o conteúdo daquele trecho — ou talvez exigisse de si sigilo sobre o assunto, como o próprio latim parecia indicar.

Folheei de novo o livro de anotações, confirmando minha impressão. Não, ele havia escrito em latim aqui e ali — mas não com frequência, e sempre como fizera ali: para continuar um registro iniciado em inglês. Estranho. Voltei ao trecho referente a River Run e comecei a tentar descobrir o que estava escrito.

Depois de uma ou duas frases, desisti e fui procurar Jamie. Ele estava em seu próprio gabinete, do outro lado do corredor, escrevendo cartas. Ou não.

O tinteiro — feito de uma pequena cabaça com uma rolha de cortiça para impedir que a tinta secasse — estava à mão, completamente cheio; eu podia sentir o cheiro de raspas de carvalho fervidas com limalha de ferro. Sobre a mesa, uma pena de peru nova, a ponta tão afiada que parecia mais apropriada para furar do que para escrever, e sobre o mata-borrão uma folha de papel em branco, com apenas três palavras solitárias no alto. Não foi preciso mais do que um olhar para seu rosto para saber o que elas diziam.

Minha querida irmã.

Ergueu os olhos para mim, sorriu ironicamente e deu de ombros.

— O que devo dizer?

— Não sei. — Ao vê-lo, eu fechara o livro de anotações médicas, prendendo-o embaixo do braço. Entrei e fiquei ao seu lado, a mão pousada em seu ombro. Apertei-o delicadamente e ele colocou a própria mão sobre a minha por um instante, depois pegou a pena de escrever.

— Não posso continuar pedindo perdão. — Girou a pena de um lado para o outro entre o polegar e o dedo médio. — Tenho repetido isso em cada carta. Se ela estivesse disposta a me perdoar...

Se estivesse, Jenny já teria respondido ao menos a uma das cartas que ele enviava infalivelmente a Lallybroch todo mês.

— Ian lhe perdoou. E as crianças. — Cartas do cunhado de Jamie chegavam esporadicamente, mas chegavam, juntamente com alguns recados de seu xará, o Jovem Jamie, e de vez em quando uma ou outra linha de Maggie, Kitty Michael ou Janet. Mas o silêncio de Jenny era tão ensurdecedor a ponto de abafar todas as outras comunicações.

— Sim, seria pior se... — deixou a frase esvair-se, fitando o papel em branco. Na verdade, nada podia ser pior do que essa distância.

Jenny era mais próxima dele, mais importante para ele do que qualquer pessoa no mundo — com a possível exceção de mim mesma.

Eu compartilhava sua cama, sua vida, seu amor, seus pensamentos. Ela compartilhara seu coração e sua alma, desde o dia em que ele nasceu — até o dia em que ele perdera o filho mais novo de Jenny. Ou era assim que ela via a questão.

Doía— Me vê-lo continuar a carregar a culpa pelo desaparecimento de Ian — e eu sentia um certo ressentimento em relação a Jenny. Eu compreendia a profundidade de sua perda e sentia compaixão de sua dor, mas, ainda assim, Ian não estava morto — até onde nós sabíamos. Somente ela poderia absolver Jamie e ela certamente devia saber disso.

Puxei um banco e sentei-me ao lado de Jamie, deixando o livro de lado. Havia uma pequena pilha de papéis de um lado, cobertos com a escrita difícil de Jamie. Era penoso para ele escrever, com a mão errada, e essa mão aleijada — no entanto ele continuava a escrever obstinadamente, quase toda noite, registrando os acontecimentos do dia. Visitantes a Ridge, a saúde dos animais, o andamento das obras, os novos arrendatários, notícias dos condados a leste... ele anotava tudo, uma palavra de cada vez, e as cartas eram enviadas quando chegava algum visitante que pudesse levar as páginas acumuladas, na primeira etapa de sua precária viagem à Escócia. Nem todas as cartas deviam chegar ao destino, mas algumas chegavam. Da mesma forma, a maioria das cartas da Escócia também chegava a nós -se fossem enviadas.

Durante algum tempo, esperei que as cartas de Jenny simplesmente tivessem se extraviado, se perdido no caminho. Mas já fazia muito tempo e eu parara de ter esperança. Jamie não.

— Achei que talvez eu devesse lhe enviar isto. — Remexeu na pilha de papéis ao lado na escrivaninha e retirou uma pequena folha, manchada e suja, esfarrapada de um lado ao longo da borda, onde fora arrancada de um livro

Era um bilhete de Ian; a única evidência concreta que tínhamos de que o rapaz ainda estava vivo e bem. Chegara até nós durante a Assembleia, em novembro, por intermédio de Quincy Myers, um montanhês que vagava pelas terras selvagens, tão à vontade entre os índios quanto entre os colonos, e mais à vontade ainda entre cervos e gambás do que com qualquer pessoa que vivesse numa casa.

Escrito por pilhéria em um latim tosco, o bilhete nos assegurava que Ian estava bem e feliz. Casado com uma jovem “à maneira dos mohawk (significando, eu pensei, que ele decidira compartilhar sua casa, sua cama e sua fogueira, e que ela resolvera permitir), ele

esperava se tornar pai “na primavera” E isso era tudo. A primavera viera e se fora, sem mais nenhuma notícia. Ian não estava morto, mas era quase como se estivesse. As chances de nós voltarmos a vê-lo eram remotas, e Jamie sabia disso; a vastidão da natureza o havia tragado.

Jamie tocou o papel amassado delicadamente, traçando as letras arredondadas, ainda infantis. Ele contara a Jenny o que o bilhete dizia, eu sabia, mas eu também sabia por que ele não enviara o original até então. Era seu único elo físico com Ian; abrir mão dele seria entregá-lo aos mohawk de uma forma definitiva.

“Ave!”, dizia o bilhete, na caligrafia pouco definida de Ian. Ian salutabat avunculus Jacobus.” Ian saúda seu tio James.

Ian significava mais para Jamie do que um sobrinho. Apesar de amar todos os filhos de Jenny Ian era especial — um filho adotivo, como Fergus; mas, ao contrário de Fergus, era um filho do sangue de Jamie, uma substituição, de certa forma, para o filho que perdera. Esse filho também não estava morto, mas jamais poderia ser reclamado. O mundo parecia repentinamente cheio de filhos perdidos.

— Sim — eu disse, a garganta apertada. — Acho que deveria enviá-lo. Jenny deveria ficar com ele, ainda que... — Tossi, lembrando-me de repente da anotação no livro de registros médicos. Peguei-o, na esperança de que distraísse Jamie.

— Hum. Por falar em latim... há uma coisa estranha aqui. Poderia dar uma olhada?

— Sim, claro. — Ele deixou o bilhete de Ian de lado e pegou o livro das minhas mãos, movendo-o de modo que a última luz da tarde incidisse sobre a página. Ele franziu ligeiramente a testa, um dedo percorrendo as linhas escritas.

— Santo Deus, o sujeito sabe tanto de gramática do latim quanto você, Sassenach.

— Oh, muito obrigada. Não podemos todos ser eruditos, não é? — Aproximei-me, espreitando por cima do seu ombro enquanto lia. Então eu tinha razão; Rawlings não passara a escrever em latim por diversão, ou meramente para exibir sua erudição.

— Que estranho... — Jamie disse, traduzindo devagar enquanto seu dedo se movia pela página. — Estou acordado, não, ele quis dizer “Fui acordado”, eu acho, por barulhos no quarto adjacente ao meu. Achei que meu paciente tinha ido urinar e decidi segui-lo... Por que ele faria isso?

— O paciente era Hector Cameron, ele tinha um problema de bexiga. Rawlings certamente queria vê-lo urinar, para ver que tipo de dificuldade ele tinha, se sentia dor, se tinha sangue na urina, esse tipo

de coisa.

Jamie lançou-me um olhar enviesado, uma das sobrelanceiras erguidas, depois sacudiu a cabeça e retornou ao livro, murmurando algo sobre os gostos peculiares dos médicos.

— Homo proceãiente... o homem prossegue... Por que ele o chama de “o homem”, em vez de chamá-lo pelo nome?

— Ele escreveu em latim para ser sigiloso — eu disse, impaciente para ouvir o que vinha em seguida. — Se Cameron visse seu nome no livro, ficaria curioso, eu acho. O que aconteceu?

— O homem sai... ele quis dizer de casa ou apenas do quarto?... de casa, deve ser... o homem sai e eu o sigo. Ele caminha com passos firmes e rápidos... E por que não? Oh, aqui... Estou perplexo. Eu dei ao homem doze gotas de láudano...

— Doze gotas? Tem certeza de que é isso o que ele diz? — Inclinei-me sobre o braço de Jamie, espreitando, mas era verdade; ele indicou a anotação em nítido preto e branco. — Mas isso é láudano suficiente para derrubar um cavalo!

— Sim, doze gotas de láudano para ajudar a dormir, ele diz. Não era de admirar que o médico estivesse perplexo de ver Cameron saltitando pelo gramado no meio da noite.

Cutuquei-o com o cotovelo.

— Continue!

— Mmmhum. Bem, ele diz que foi à latrina, certamente pensando em encontrar Cameron, mas não havia ninguém lá e não havia nenhum cheiro de... hã... ele achava que ninguém havia ido lá recentemente.

— Não precisa ser delicado por minha causa — eu disse.

— Eu sei — ele disse, rindo. — Mas os meus próprios pudores ainda não estão totalmente embotados, apesar da minha longa convivência com você, Sassenach. Ai! — Afastou-se com um safanão, esfregando o braço onde eu o havia beliscado. Fitei-o com a cara amarrada, embora satisfeita no íntimo por ter alegrado o ambiente para nós dois.

— Esqueça os seus pudores, por favor — eu disse, batendo o pé. — Aliás, você não tem nenhum, para começar, ou não teria se casado comigo. E então, onde estava Cameron?

Ele continuou a leitura, os lábios silenciosamente formando as palavras.

— Ele não sabe. Ele andou de um lado para o outro até que o mordomo saltou de um canto, achando que ele era um saqueador de

algum tipo, e ameaçou-o com uma garrafa de uísque.

Uma arma fantástica, essa aí— observei, sorrindo ao imaginar Ulysses, de touca de dormir, brandindo sua arma de destruição. — Como se diz “garrafa de uísque” em latim?

Jamie deu uma olhada na página.

— Ele diz *aqua vitae*”, que sem dúvida foi o mais próximo que ele conseguiu chegar. Mas devia ser uísque; ele diz que o mordomo lhe deu um gole para curar o choque.

— Então ele acabou não encontrando Cameron?

— Sim, encontrou, depois de deixar Ulysses. Confortavelmente enfiado na cama, roncando. Na manhã seguinte, ele perguntou, mas Cameron não se recordava de ter levantado à noite. — Ele virou a página com um dedo e olhou para mim. — O láudano o impediria de se lembrar?

— Pode ser — eu disse, franzindo a testa. — Facilmente. Mas é simplesmente incrível que uma pessoa com tanto láudano no corpo pudesse estar de pé andando por aí... a menos que... — Ergui uma das sobrelhas para ele, lembrando-me das observações de Jocasta durante nossa conversa em River Run. — O seu tio Hector era viciado em ópio ou algo assim? Alguém que usasse grandes quantidades de láudano regularmente desenvolveria uma tolerância a ele e poderia não ser realmente afetado pela dose de Rawlings.

Sem nunca se chocar com qualquer insinuação de depravação entre seus parentes, Jamie considerou a sugestão, mas por fim sacudiu a cabeça.

Se era, nunca ouvi nada a respeito. Mas, por outro lado, não há nenhuma razão para que alguém me contasse isso.

Era verdade. Se Hector Cameron tinha os meios de se deixar viciar em narcóticos importados — e ele certamente os tinha, River Run sendo uma das mais prósperas fazendas da região, — isso não seria da conta de mais ninguém além dele próprio. Ainda assim, imagino que alguém teria mencionado o fato.

A mente de Jamie corria em outra direção.

— Por que um homem sairia de casa no meio da noite para urinar, Sassenach? — ele perguntou. — Eu sei que Hector Cameron tinha um urinol, eu mesmo o usei. Tinha seu nome e o brasão dos Cameron pintados no fundo.

— Excelente pergunta. — Olhei fixamente para a página de rabiscos enigmáticos. — Se Hector Cameron estivesse sofrendo dor ou dificuldade, expelindo uma pedra do rim, por exemplo, imagino que ele sáísse, para não acordar a casa inteira.

— Nunca ouvi dizer que meu tio fosse viciado em ópio, mas também não ouvi dizer que ele fosse muito atencioso com sua mulher ou seus criados — Jamie observou, com certo cinismo. — Pelo que dizem, Hector Cameron era um canalha.

Eu ri.

— Sem dúvida é por isso que sua tia acha Duncan tão agradável. Adso veio entrando como quem não quer nada, os restos da borboleta na boca, e sentou-se aos meus pés para que eu pudesse admirar seu prêmio.

— Muito bem — eu lhe disse, com um afago apressado. — Mas não estrague seu apetite; há muitas baratas na despensa que quero que você extermine.

— Ecce homo — Jamie murmurou pensativamente, tamborilando o dedo no livro de casos. — Um homo francês, você acha?

— Um o quê? — Fitei-o, espantada.

— Não lhe ocorre, Sassenach, que talvez não fosse Cameron que o médico seguiu até lá fora?

— Não, até este minuto, não. — Inclinei-me para frente e espreitei a página. — Mas por que deveria ser outra pessoa, quanto mais um francês?

Jamie apontou para a margem da folha, onde havia alguns pequeninos desenhos; rabiscos, eu pensara. O que estava sob sua unha era uma flor-de-lis.

— Ecce homo — ele repetiu, tamborilando o dedo outra vez. — O médico não estava certo em relação ao homem que seguia; foi por isso que não o chamou pelo nome. Se Cameron estava drogado, então foi outra pessoa que deixou a casa à noite; no entanto, ele não fala de nenhuma outra pessoa presente.

— Mas ele poderia não mencioná-la, a menos que a tivesse examinado — argumentei. — Ele de fato registra observações pessoais, porém a maior parte é estritamente o histórico de seus casos médicos; registros sobre pacientes e os tratamentos que estava administrando. No entanto... — Franzi o cenho. Uma flor-de-lis desenhada na margem não significa necessariamente alguma coisa, quanto mais que havia um francês lá. — A não ser por Fergus, franceses não eram de modo algum comuns na Carolina do Norte. Havia alguns povoados franceses ao sul de Savannah, eu sabia, mas isso ficava a centenas de quilômetros de distância.

A flor-de-lis podia não ser nada além do que um rabisco aleatório, no entanto Rawlings não fizera rabiscos semelhantes em nenhuma outra parte do livro que eu me lembrasse. Quando acrescentava

desenhos, eram cuidadosos e objetivos, para servir de lembrete a si mesmo, ou como um guia para qualquer médico que viesse depois dele.

Acima da flor-de-lis havia uma figura que se parecia um pouco com um triângulo com um pequeno círculo no ápice e uma base curva; abaixo, havia uma sequência de letras. Au etAq.

— A... u — eu disse devagar, examinando-a. — Aurum.

— Ouro? — Jamie ergueu os olhos para mim, surpreso. Eu balancei a cabeça.

— É a abreviação científica para ouro, sim. “Aurum et aqua.” Ouro e água. Imagino que ele esteja se referindo à cinsoterapia. Usar compostos de ouro como remédio para artrite. Apesar de estranho, em geral funciona, embora ninguém saiba por quê.

— E caro — Jamie observou. — Embora eu suponha que Cameron podia se dar ao luxo. Talvez ele tenha guardado um pouco de suas barras de ouro, hein?

— Ele realmente diz que Cameron sofria de artrite. — Franzí a testa olhando para a página e suas anotações à margem. — Talvez ele pretendesse recomendar o uso de ouro para essa condição. Mas não sei nada sobre a flor-de-lis ou esse outro desenho. — Apontei para ele. — Não é o símbolo de nenhum tratamento médico que eu conheça. Para minha surpresa, Jamie riu.

— Imagino que não, Sassenach. É um compasso maçom.

— É? — Pisquei para ele, depois olhei para Jamie. — Cameron era um maçom?

Ele deu de ombros, passando a mão pelo cabelo. Jamie nunca falava de sua própria associação com os maçons. Ele fora “iniciado”, como se costumava dizer, em Ardsmuir, e além de qualquer sigilo imposto pela sociedade, ele raramente falava de qualquer coisa que tivesse acontecido entre aquelas úmidas paredes de pedra.

— Rawlings deve ter sido um maçom também — ele disse, claramente relutante de conversar sobre maçonaria, mas incapaz de deixar de fazer associações lógicas. — Caso contrário, ele não saberia o que isso significa. — Um dedo longo tamborilou no sinal do compasso.

Eu não sabia muito bem o que dizer em seguida, mas fui salva da indecisão por Adso, que cuspiu um par de asas cor de âmbar e saltou para cima da escrivaninha, em busca de mais hors d'oeuvres. Com um movimento rápido, Jamie agarrou o tinteiro com uma das mãos e segurou protetoramente sua nova pena com a outra. Privado de sua presa, Adso andou preguiçosamente até a ponta da escrivaninha e

sentou-se sobre a pilha de cartas de Jamie, o rabo oscilando suavemente enquanto ele fingia apreciar a paisagem.

Os olhos de Jamie estreitaram-se diante de tanta insolência.

— Tire o traseiro peludo da minha correspondência — ele disse, cutucando Adso com a parte pontuda da pena de escrever. Os grandes olhos verdes de Adso se arregalaram quando se fixaram na ponta da pena oscilante, e suas omoplatas se retesaram, na expectativa. Jamie girou a pena tentadoramente e Adso deu uma patada infrutífera tentando agarrá-la.

Agarrei o gato rapidamente antes de algum estrago maior, tirando-o de cima dos papéis com uma exclamação surpresa e indignada de protesto.

— Não, este é o brinquedo dele — eu disse ao gato, lançando um olhar de reprovação a Jamie. — Venha comigo agora. Você tem que caçar baratas.

Estendi a mão para pegar o livro de anotações, mas, para minha surpresa, Jamie a deteve.

— Deixe-o comigo mais um pouco, Sassenach — ele disse. — Há alguma coisa bastante estranha nessa ideia de um francês maçom vagando por River Run à noite. Eu gostaria de ver o que mais o dr. Rawlings tem a dizer quando escreve em latim.

— Tudo bem. — Coloquei Adso em meu ombro, agora ronronando audivelmente à expectativa de baratas, e olhei pela janela. O sol transformara-se num clarão flamejante além das castanheiras e eu podia ouvir o barulho das mulheres e crianças na cozinha; a sra. Bug estava começando a colocar o jantar, ajudada por Brianna e Marsali.

— Jantar daqui a pouco — eu disse, inclinando-me para beijar o topo da cabeça de Jamie, onde a última luz do sol incendiava seus cabelos. Ele sorriu e levou os dedos aos lábios e depois a mim, mas quando cheguei à porta ele já havia voltado à leitura atenta das páginas cobertas com letra miúda. A folha em branco, com apenas três palavras escritas no alto, ficara esquecida na beira da escrivaninha — por enquanto.

CONDIÇÕES DO SANGUE

Vi um lampejo marrom do lado de fora da porta e Adso lançou-se da bancada como se alguém tivesse gritado “Peixe!”. Evidentemente, a melhor opção; era Lizzie, voltando da leiteria, uma tigela de creme de leite em uma das mãos, uma vasilha de manteiga na outra e uma grande jarra de leite pressionada contra o peito, precariamente mantida no lugar pelos pulsos cruzados. Adso se enrolava ao redor dos seus tornozelos como uma corda peluda, na evidente esperança de fazê-la tropeçar e derrubar o butim.

— Nem pensar, gato — eu disse a ele, estendendo o braço para resgatar a jarra de leite.

— Oh, obrigada, senhora. — Lizzie relaxou, soltando os ombros com um leve suspiro. — É que eu não quis fazer duas viagens. — Ela fungou e tentou limpar o nariz com o braço, colocando a manteiga em risco.

Tirei um lenço do bolso e apliquei-o ao seu nariz, contendo o impulso maternal de dizer “Agora, asse”.

— Obrigada, senhora — ela repetiu, balançando a cabeça.

— Você está bem, Lizzie? — Sem esperar resposta, segurei-a pelo braço e fui puxando-a para o consultório, onde as amplas janelas me davam luz suficiente para vê-la melhor.

— Estou bem, senhora. Verdade, estou bem! — ela protestou, agarrando o creme de leite e a manteiga como se quisesse se proteger com eles.

Ela estava pálida — mas Lizzie estava sempre pálida, parecendo não ter sequer um glóbulo vermelho de reserva. Entretanto, sua pele tinha uma aparência estranhamente pálida que me deu uma sensação desconfortável. Fazia quase um ano desde sua última crise de malária e, de um modo geral, ela parecia bem, mas...

— Venha cá — eu disse, conduzindo-a na direção de um par de bancos altos. — Sente-se só por um instante.

Visivelmente contra a vontade, mas sem ousar protestar, ela sentou-se, equilibrando as vasilhas sobre os joelhos. Peguei-as de suas mãos e após um olhar para os olhos verdes, imóveis e predatórios de Adso — resolvi colocá-las dentro do armário.

Pulso normal — normal para Lizzie, quero dizer; sempre um pouco mais rápida e superficial. Respiração... tudo bem, nenhuma alteração ou assobio. As glândulas linfáticas sob o maxilar estavam palpáveis, mas isso não era incomum; a malária as deixara permanentemente aumentadas, como a curva de um ovo de codorna sob a pele fina. As do pescoço agora também estavam aumentadas — e essas em geral eu não conseguia apalpar.

Levantei sua pálpebra, espreitando atentamente o globo ocular — pálido que me devolveu um olhar ansioso. Superficialmente, tudo bem, embora um pouco injetado. No entanto... havia alguma coisa que não estava muito... certa... em relação aos seus olhos, embora eu não conseguisse colocar o dedo no que poderia ser. Haveria um toque de amarelo no branco? Franzi o cenho, virando sua cabeça de lado com uma das mãos sob o queixo submisso.

— Olá! Tudo bem? — Roger parou na entrada, carregando uma ave enorme e morta, descuidadamente em uma das mãos.

— Um peru! — exclamei, num tom caloroso de admiração. Eu gostava de perus, sem dúvida, mas Jamie e Bri haviam matado cinco das enormes aves na semana anterior, introduzindo uma nota de monotonia nos últimos jantares. Três delas estavam penduradas na casa de defumação no momento. Por outro lado, perus selvagens eram capciosos e difíceis de matar, e até onde eu soubesse, Roger nunca conseguira abater um antes.

— Você mesmo atirou nele? — perguntei, aproximando-me obedientemente para admirar a ave. Ele segurava-a pelos pés e as enormes asas sacudiam-se semiabertas, as penas do peito refletindo o sol em padrões indeiscentes de verde enegrecido.

— Não. — O rosto de Roger estava afogueado, de sol, empolgação, ou ambos, um tom quente espalhando-se sob a pele bronzeada. — Eu o cacei ele disse orgulhosamente. — Atingi-o na asa com uma pedra, depois o persegui e quebrei seu pescoço.

— Maravilhoso — eu disse, com um pouco mais de genuíno entusiasmo. Não iríamos ter que tirar chumbinhos da carne ao limpá-la ou nos arriscarmos a quebrar um dente ao comer.

— E uma bela ave, sr. Mac. — Lizzie deslizara do banco e também viera admirá-la. — Que gorda! Quer que eu a limpe para o senhor?

— O quê? Oh, obrigado, Lizzie, não. Eu mesmo vou cuidar disso. — A cor intensificou-se um pouco mais sob sua pele e eu reprimi um sorriso. Ele queria dizer que pretendia exhibir sua presa a Brianna, em toda a sua glória. Ele passou a ave para a mão esquerda e estendeu a direita para mim, enrolada num pano manchado de sangue.

— Tive um pequeno acidente, lutando com a ave. Acha que

talvez...? Desenrolei o pano, contraindo os lábios ao que vi embaixo. O peru, lutando pela própria vida, abriu três talhos nas costas da mão de Roger com suas garras. O sangue já havia praticamente coagulado, mas novas gotas marejaram da perfuração mais funda, rolando pelo seu dedo e pingando no chão.

— Oh, espere um instante — eu disse, olhando para ele com as sobrancelhas erguidas. — Sim, acho que sim. Entre e sente-se. Vou limpar e... Lizzie! Espere um instante!

Lizzie, aproveitando a oportunidade para escapar, afastava-se sorrateiramente na direção da porta. Ela parou como se tivesse levado um tiro nas costas.

— É verdade, senhora, estou perfeitamente bem — ela suplicou. — Não há nada de errado, realmente, nada.

Na verdade eu a havia chamado apenas para lembrá-la de pegar a manteiga e o creme de leite no armário. Tarde demais para o leite; Adso estava em pé nas patas traseiras, a cabeça e os ombros completamente enfiados dentro do jarro, de onde vinham ruídos de pequenas lambidas. O som repetia-se nas gotas do sangue de Roger espatifando-se no chão, o que fez um súbito pensamento me ocorrer.

— Tive uma ideia — eu disse. — Sente-se outra vez, Lizzie. Só quero um pouquinho do seu sangue.

Lizzie parecia uma ratinha que repentinamente ergueu os olhos de seu farelo de pão e descobriu-se no meio de uma reunião de corujas, mas ela não era do tipo de desafiar uma ordem de ninguém. Com grande relutância, ela subiu de novo no banco ao lado de Roger, que colocara o peru no chão ao seu lado.

— Para que você quer sangue? — ele perguntou, interessado. — Pode ter quanto quiser do meu, de graça. — Rindo, ele levantou a mão ferida.

— Uma oferta generosa — eu disse, estendendo uma toalha de linho e um punhado de retângulos de vidro limpos. — Mas você não teve malária, não é? — Tirei Adso da jarra de leite pela nuca e larguei-o no chão, antes de abrir o armário.

— Não que eu saiba. — Roger observava meus preparativos, profundamente interessado.

Lizzie emitiu o som de uma risadinha desamparada.

— O senhor saberia muito bem se já tivesse tido.

— Imagino que sim. — Ele lhe deu um olhar de compaixão. — Terrível, pelo que ouvi dizer.

— É verdade. Os ossos da gente doem tanto que você pensa que estão todos quebrados e seus olhos queimam como os de um demônio.

Depois, o suor escorre de sua pele como um rio e vêm os calafrios, seus dentes parecem que vão quebrar de tanto baterem... — Ela encolheu-se, estremecendo diante da lembrança. — Mas eu pensei que já tivesse passado — ela disse, olhando nervosamente para o bisturi que eu esterilizava na chama de minha lamparina a álcool.

— Espero que sim — eu disse, franzindo a testa para a minúscula lâmina. Peguei um pequeno pano e a garrafa de vidro azul que continha meu álcool destilado, e limpei cuidadosamente a ponta de seu dedo médio. — Algumas pessoas nunca mais têm outra crise depois da primeira, e eu espero que você seja uma delas, Lizzie. Mas para a maioria das pessoas, ela volta de vez em quando. Estou tentando descobrir se a sua pode estar voltando. Pronta?

Sem esperar pela resposta, enfiei a lanceta rapidamente através da pele, depois a deixei sobre a bancada e peguei uma lâmina de vidro. Apertei a ponta do dedo, pingando generosas gotas de sangue em cada uma de três lâminas, depois enrolei o pano ao redor de seu dedo e soltei-o.

Trabalhando rapidamente, peguei uma lâmina limpa e coloquei-a sobre outra com a gota de sangue, em seguida deslizei-a rapidamente, espalhando o sangue numa fina camada sobre a lâmina original. Novamente e uma terceira, depois as alinhei na bancada, deixando-as secar.

— É só isso, então, Lizzie — eu lhe disse com um sorriso. — Vai ser necessário um pouco de preparação antes que estejam prontas para serem examinadas. Quando estiverem, eu a chamo, está bem?

— Oh... não, está tudo bem, senhora — ela murmurou, deslizando de cima do banco com um olhar temeroso para as lâminas sujas de sangue. Não preciso ver. — Largou o pano do dedo, alisou o avental e saiu rapidamente da sala, esquecendo-se até da manteiga e do creme.

— Desculpe deixá-lo esperar — eu disse a Roger. — Eu só pensei... — Abri o armário, peguei três potes pequenos de cerâmica e destampeei-os.

— Sem problema — ele assegurou-me. Ele observou fascinado enquanto eu verificava cada lâmina para ver se estava seca, depois enfiava-a em um dos potes.

— Muito bem, então. — Agora eu podia voltar minha atenção para a limpeza e o curativo de sua mão, um processo bastante simples. — Não é tão grave quanto pensei — murmurei, limpando o sangue seco de seus dedos. — Sangrou bastante, o que é bom.

— Sim, já que você diz. — Ele não se contraiu nem um pouco, mas manteve o rosto cuidadosamente virado para o outro lado, a atenção focalizada do lado de fora da janela.

— Lava os ferimentos — expliquei, tocando-o ligeiramente com o álcool. Não preciso esfregar fundo para limpá-los.

Ele inspirou com um assovio, depois, para se distrair, balançou a cabeça para os potes onde as lâminas estavam de molho.

— Por falar em sangue, o que está fazendo com o sangue da sra. Ratinha?

— Uma experiência. Não sei se vai funcionar, mas fiz alguns banhos de cor experimentais, usando extratos de algumas das plantas de tingimento. Se alguma delas funcionar no sangue, poderei ver os glóbulos vermelhos com clareza sob o microscópio, e o que há neles. — Falei com uma mistura de esperança e animação.

Tentar duplicar manchas celulares com os materiais que eu tinha à mão era um tiro no escuro, mas não era impossível. Eu possuía os solventes comuns — álcool, água, terebintina e seus destilados — e tinha um amplo leque de pigmentos para experimentar, de índigo a rosa— Mosqueta, além de um bom conhecimento de suas propriedades corantes.

Eu não tinha nenhum cristal violeta ou carbofuchsin, mas fui capaz de produzir uma coloração avermelhada que tornou as células epiteliais altamente visíveis, ainda que temporariamente. Restava saber se o mesmo corante funcionaria em glóbulos vermelhos e suas inclusões, ou se eu precisaria tentar outro.

— O que há nelas? — Roger virou-se para mim, interessado.

— *Plasmodium vivax* — eu disse. — O protozoário causador da malária.

— Você pode vê-lo? Pensei que germes eram pequenos demais para serem vistos, mesmo num microscópio!

— Você é tão ruim quanto Jamie — eu disse com tolerância. — Por mais que eu realmente adore ouvir um escocês dizer gerrmes”. Uma palavra tão sinistra, dita com uma voz grave com esse “r” rolado, você sabe.

Roger riu. O enforcamento havia destruído grande parte da potência de sua voz, mas os registros mais graves, mais ásperos, permaneceram.

— Quase tão bom quanto “matarr” — ele disse, rolando o “r” como um misturador de cimento.

— Ah, nada é tão bom quanto “matarr” para um escocês — assegurei-lhe. — Vocês todos não passam de malditos sanguinários.

— O que, todos nós? — Ele riu, obviamente não se importando nem um pouco com a grosseira generalização.

— Os homens — afirmei. — Muito bonzinhos quando se vê, mas insulte um escocês ou mexa com sua família e é caso para os boinas de Bonnie Dundee. Todos os boinas azuis atravessam a fronteira e, quando você percebe, são lanças e espadas por toda parte em Haughs of Croindale.

— Notável — ele murmurou, olhando-me atentamente. — E você está casada com um há...

— Bastante tempo. — Terminei a limpeza e a ablução, e enxuguei as costas de sua mão, pequenas manchas vermelhas embebendo a gaze limpa. — Por falar em sanguínários — acrescentei descontraidamente, — você por acaso sabe seu tipo sanguíneo?

Uma sobrancelha escura levantou-se com a pergunta. Bem, eu não pretendia enganá-lo, afinal; eu só quis uma forma de levantar a questão.

— Sim — ele disse devagar, — sei. É O positivo.

Os olhos verde-escuros estavam fixos nos meus, sem piscar.

Muito interessante — eu disse. Substituí a gaze por outra limpa e comecei a enrolar uma atadura em volta da mão.

— Interessante como? — ele perguntou. Olhei para ele e nossos olhos se encontraram.

— Moderadamente. — Tirei as lâminas, pingando os corantes rosa e azul. Uma das lâminas eu coloquei em pé, apoiada na jarra de leite, para secar, as outras duas eu troquei, colocando a lâmina cor-de-rosa no corante azul e vice-versa.

— Existem três grupos sanguíneos principais — eu disse, soprando levemente a lâmina apoiada na jarra. — Na verdade, existem mais, mas esses três são os mais conhecidos. Chama-se grupo A B O, e todos têm sangue do tipo A, tipo B ou tipo O. A questão é que, como todos os outros traços pessoais, este é determinado geneticamente, e — os seres humanos sendo heterossexuais, de um modo geral — você tem metade de seus genes para qualquer traço doada por um dos pais e a outra metade doada pelo outro.

— Recordo-me vagamente de alguma coisa assim na escola — Roger disse secamente. — Todas aquelas malditas tabelas sobre hemofilia na família real, e coisas do tipo. Presumo que tenha uma certa dose de significado pessoal agora, não?

— Não sei — eu disse. — Pode ter. — A lâmina cor-de-rosa parecia seca; coloquei-a delicadamente sob o microscópio e inclinei-me para ajustar o espelho.

— A questão é — eu disse, estreitando os olhos através da ocular enquanto girava o botão de focalização — que esses grupos

sanguíneos têm a ver com anticorpos, pequenas formas estranhas na superfície dos glóbulos sanguíneos. Ou seja, pessoas que são do tipo A têm uma espécie de anticorpo em suas células, pessoas com tipo B têm uma espécie diferente, e pessoas com tipo O não têm nenhum.

Os glóbulos sanguíneos apareceram repentinamente, levemente coloridos, como sombras redondas e rosadas. Aqui e ali uma mancha rosa mais forte indicava o que poderia ser um pouco de resíduos de células, ou talvez um dos glóbulos brancos maiores. Porém, quase nada mais.

— Assim — continuei, retirando as outras duas lâminas de seu banho, — se um dos pais tem um filho com o gene para o tipo O e o outro lhe doou um para tipo A, o sangue da criança será do tipo A, porque são os anticorpos que são testados. Mas a criança ainda possui o gene para o tipo O.

Abanei uma das lâminas no ar, para secá-la.

— Meu tipo sanguíneo é A. Bem, por acaso eu sei que o tipo sanguíneo do meu pai era O. Para aparecer como tipo O, isso significa que seus dois genes têm que ter sido tipo O. Portanto, qualquer dos dois genes que ele me deu tem que ter sido para tipo O. O gene A, portanto, veio da minha mãe.

Vendo uma expressão vidrada surgir em seu rosto, suspirei e larguei a lâmina. Bri andara desenhando figuras de esporos de penicilina para mim e deixara seu bloco e lápis de grafite ao lado do microscópio. Eu os peguei e virei para uma página em branco.

— Olhe — eu disse, desenhando um diagrama rapidamente.

Henry Júlia

OO = Tipo O A? = AouB

Claire

OA = Tipo A

— Está vendo? — apontei com a ponta do grafite. — Eu não sei ao certo o tipo sanguíneo de minha mãe, mas não importa; para que eu tenha sangue do tipo A, ela tem que ter me dado esse gene, porque meu pai não o possuía.

A outra lâmina estava quase seca; larguei o grafite, coloquei a lâmina no lugar e inclinei-me para olhar pela ocular.

— Você pode ver tipos sanguíneos, esses anticorpos, através de um microscópio? — Roger estava logo atrás de mim.

— Não — eu disse, sem levantar a cabeça. — A resolução está longe de ser suficiente. Mas pode-se ver outras coisas, espero. — Girei o botão uma fração de centímetro e as células tornaram-se nítidas.

Soltei a respiração que andara prendendo e um pequeno estremecimento de emoção percorreu meu corpo. Lá estavam eles; as bolhas rosadas em forma de discos dos glóbulos sanguíneos — e aqui e ali, dentro de alguns dos glóbulos, uma bolha mais escura, algumas arredondadas, algumas parecendo pinos de boliche em miniatura. Meu coração bateu com força e eu soltei uma pequena exclamação de alegria.

— Venha ver — eu disse, ficando de lado. Roger inclinou-se, parecendo confuso.

— O que estou olhando? — ele perguntou, estreitando os olhos.

— *Plasmodium vivax* — eu disse, orgulhosa. — Malária. As pequenas bolhas escuras dentro das células. — As bolhas arredondadas eram os protozoários, as criaturas unicelulares transferidas para o sangue pela picada de um mosquito. As poucas que pareciam pinos de boliche — essas eram protozoários no ato de germinar, preparando-se para se reproduzir.

— Quando germinam — expliquei, inclinando-me para dar outra olhada, — eles se multiplicam até explodirem o glóbulo sanguíneo e então se movem para novos glóbulos sanguíneos, multiplicam-se e explodem essas também. É quando os pacientes sofrem uma crise de malária, com a febre e os calafrios. Quando o *Plasmodium* está inativo, quando não está se multiplicando, o paciente fica bem.

— E o que os faz se multiplicarem? — Roger estava fascinado.

— Ninguém sabe exatamente. — Respirei fundo e tampei minhas garrafas de corantes novamente. — Mas você pode verificar, ver o que está acontecendo, se eles estão se multiplicando. Ninguém pode viver tomando quinino, ou sequer tomá-lo por um longo período. A casca da árvore da quina é muito cara e eu não sei quais podem ser os efeitos de longo prazo no corpo. E infelizmente a penicilina é inócua para a maior parte dos protozoários.

— Mas examinarei o sangue de Lizzie de vez em quando. Se eu vir o *Plasmodium* aumentando rapidamente, começarei a lhe dar quinino imediatamente. Com sorte, isso poderá evitar uma crise. Vale a pena tentar, sem dúvida.

Ele balançou a cabeça, olhando para o microscópio e para a lâmina colorida de rosa e azul.

— Vale muito a pena — disse à meia-voz.

Ficou me observando andar de um lado para o outro, arrumando os pequenos restos de minhas atividades. Quando me abaixei para pegar o pano em que ele havia enrolado a mão, ele perguntou:

— É claro que você sabe o tipo sanguíneo de Bri, não é?

— Tipo B — eu disse, os olhos na caixa de ataduras. — Muito raro, especialmente para alguém da raça branca. Você o vê principalmente em populações pequenas, mais ou menos isoladas — algumas tribos indígenas no sudoeste americano, algumas populações negras; provavelmente vieram de alguma região específica da África, mas obviamente quando os grupos sanguíneos foram descobertos essa conexão já se perdera há muito tempo.

— Populações pequenas, isoladas. Os escoceses das Highlands, talvez? Ergui os olhos.

— Talvez.

Ele balançou a cabeça silenciosamente, obviamente pensando consigo mesmo. Então pegou o lápis e lentamente desenhou um pequeno diagrama no bloco.

Claire Jamie

AO = TIPO O B? = B ou AB

Brianna

OB = Tipo B

— Isso mesmo — eu disse, balançando a cabeça quando ele ergueu os olhos com ar inquisitivo. — Exatamente.

Ele esboçou sorriso amargo em resposta, depois abaixou os olhos, examinando os diagramas.

— Você pode saber, então? — ele perguntou finalmente, sem erguer os olhos. — Com certeza?

— Não — eu disse, jogando o pano no cesto de panos para lavar com um pequeno suspiro. — Ou melhor, não posso dizer ao certo se Jemmy é seu filho. Talvez eu pudesse dizer com certeza se ele não é.

O rubor se esvaía de seu rosto.

— Como assim?

— Bri é tipo B, mas eu sou tipo A. Isso significa que ela terá um gene para B e meu gene para O; qualquer dos dois ela pode ter dado a Jemmy. Você só poderia ter dado a ele um gene para o tipo O, porque é o único que você tem.

Indiquei uma pequena fileira de tubos perto da janela, o soro dentro deles brilhando em tons dourados e marrons à luz do final de tarde.

— Assim, se Bri deu a ele o gene O e você — o pai — lhe deu um gene O, ele apresentaria tipo O -seu sangue não terá anticorpos e não reagirá ao soro do meu sangue, nem de Jamie, nem de Bri. Se Bri lhe deu seu gene B, e você lhe deu o O, ele apresentaria tipo B -seu sangue reagiria com o meu soro, mas não com o de Bri. Em qualquer caso,

você pode ser o pai, como também qualquer pessoa com o sangue tipo O. Se, entretanto...

Respirei fundo e peguei o lápis do lugar onde Roger o deixara. Desenhei devagar enquanto falava, ilustrando as possibilidades.

Brianna Roger

OB = Tipo B OO = Tipo O

Jemmy

OB ou OO = Tipo B ou Tipo O

— Mas — Dei umas pancadinhas com o lápis no papel -se Jemmy apresentasse tipo A ou tipo AB, então seu pai não era homozigoto para tipo O. Homozigoto significa que os dois genes são iguais, e você é. — Anotei as alternativas, à esquerda da minha anotação anterior.

X Brianna • Roger

AO/AAABBBBO/OO BO = Tipo B OO = Tipo O

Jemmy Jemmy

AB = Tipo AB BO = Tipo B

AO = Tipo A OO = Tipo O

OBBO = Tipo B

BB = Tipo B

OO = Tipo O

Vi os olhos de Roger moverem-se rapidamente para aquele X” e me perguntei o que me teria feito escrever dessa forma. Afinal, o candidato à paternidade de Jemmy não poderia ser qualquer um. Ainda assim, não consegui escrever “Bonnet”. Talvez fosse apenas por superstição; talvez apenas um desejo de manter a lembrança do sujeito a uma distância segura.

— Não se esqueça — eu disse, quase em tom de desculpas — que o tipo O é muito comum em toda a população.

Roger deu um grunhido e permaneceu sentado observando o diagrama, os olhos velados, concentrados.

— Bem — disse finalmente. — Se ele for tipo O ou tipo B, ele pode ser meu, mas não com certeza. Se for tipo A ou tipo AB, não é meu... com certeza.

Ele passou o dedo devagar, para cima e para baixo, sobre a atadura em sua mão.

— E um teste muito grosseiro — eu disse, engolindo em seco. — Eu não posso... quero dizer, sempre há a possibilidade de um erro no próprio teste.

Ele balançou a cabeça, sem erguer os olhos.

— Você disse isso a Bri? — ele perguntou brandamente.

— Claro. Ela disse que não quer saber, mas se você quisesse, eu deveria fazer o teste.

Eu o vi engolir em seco e levar a mão momentaneamente à cicatriz em sua garganta. Seus olhos estavam fixos no piso limpo do assoalho, quase sem piscar.

Virei-me, para lhe dar um momento de privacidade, e me inclinei sobre o microscópio. Eu teria que fazer uma grade, pensei — uma grade de contagem que eu pudesse colocar sobre uma lâmina, para me ajudar a calcular a densidade relativa das células infectadas com o Plasmodium. Mas, por enquanto, uma contagem grosseira, no olho, teria que servir.

Ocorreu-me que, agora que eu tinha um corante viável, eu poderia examinar o sangue de outras pessoas em Ridge — as de casa, para começar. Mosquitos eram muito mais raros nas montanhas do que no litoral, mas ainda assim havia muitos, e embora a própria Lizzie pudesse estar bem, ela era ainda assim um poço de infecção em potencial.

—...quatro, cinco, seis... — Eu contava células infectadas baixinho, tentando ignorar tanto Roger em seu banco atrás de mim, quanto a súbita lembrança que me ocorrera, espontaneamente, quando eu lhe disse o tipo sanguíneo de Brianna.

Ela teve as amígdalas removidas aos sete anos. Eu ainda me lembro do médico, franzindo o cenho para o diagrama que tinha em mãos — o diagrama que listava seu tipo de sangue e de seus pais. Frank era tipo A, como eu. E os dois pais sendo tipo A não poderiam, em nenhuma circunstância, gerar uma criança tipo B.

O médico erguera os olhos, olhando de mim para Frank e de novo para mim, o rosto contraído de constrangimento — e os olhos cheios de fria especulação ao olhar para mim. Parecia que eu estava usando uma letra “A” escarlate bordada no peito, pensei — ou, neste caso, um “B” escarlate.

Frank, Deus o abençoe, vira o olhar e dissera, descontraidamente: “Minha mulher era viúva. Adotei Bri quando era um bebê.” O rosto do médico relaxou no mesmo instante, com um ar de desculpas, e Frank segurara minha mão com força, por baixo das pregas da minha saia. Minha mão se fechou, retribuindo o gesto, em um agradecimento relembrado — e a lâmina virou de repente, deixando-me diante de um vidro vazio e embaçado.

Houve um ruído atrás de mim, quando Roger se levantou. Virei-me

e ele sorriu para mim, os olhos escuros e brandos como musgo.

— O sangue não importa — ele disse serenamente. — Ele é meu filho.

— Sim — eu disse, sentindo a minha própria garganta obstruída.
— Eu sei.

Um sonoro estalo quebrou o silêncio momentâneo e eu olhei para baixo, surpresa. Um punhado de penas de peru passou pelo meu pé e Adso, descoberto em flagrante delito, saiu correndo do consultório, o enorme leque de uma junta de asa arrancada agarrado na boca.

— Gato maldito — gritei.

GAROTO ESPERTO

Um vento frio soprava do leste esta noite; Roger podia ouvir o lamento constante passar pela parede de taipa perto de sua cabeça e os estalos e açoites dos galhos agitados das árvores além da casa. Uma súbita rajada atingiu o couro oleado preso sobre a abertura da janela; ele enfunou-se para dentro com um estalido e soltou-se de um lado, a corrente de ar fazendo os papéis voarem da mesa e inclinando a chama da vela para o lado em um ângulo alarmante.

Roger tirou a vela rapidamente do caminho da corrente e pressionou o couro da janela para baixo com a palma da mão, olhando por cima do ombro para ver se sua mulher e filho haviam sido acordados pelo barulho. Um pano de pratos sacudiu-se em seu prego junto à lareira e a pele do seu bodhran tamborilou ligeiramente quando a corrente passou. Uma repentina língua de fogo saltou do fogo abafado da lareira e ele viu Brianna remexer-se quando o ar frio roçou em seu rosto.

Entretanto, ela apenas aconchegou-se melhor embaixo das cobertas, alguns fios de cabelos ruivos brilhando ao esvoaçarem no vento. A cama de rodinhas onde Jemmy agora dormia estava protegida pela cama maior e mais alta; não se ouvia nenhum som vindo daquele canto do quarto.

Roger soltou a respiração que estivera prendendo e remexeu rapidamente na vasilha de chifre que continha pequenas quinquilharias úteis, encontrando uma tachinha sobressalente. Bateu-a no lugar com a base da mão, reduzindo a corrente de ar a uma pequena e fria infiltração, depois se abaixou para recolher as folhas de papel espalhadas.

“Oh, você vai deixar o gado de Telfer voltar?

Ou você fará qualquer coisa por consideração a mim?”

Ele repetiu as palavras mentalmente enquanto limpava a tinta parcialmente seca da pena, ouvindo a letra da balada na voz dissonante de Kimmie Clellan.

Era uma canção chamada “Jamie Telfer of the Fair Dodhead” — uma das antigas baladas de saques e pilhagem que se estendiam por dezenas de estrofes e possuíam dezenas de variações regionais, todas envolvendo as tentativas de Telfer, um residente da fronteira, de

vingar um ataque à sua casa convocando a ajuda de amigos e parentes. Roger conhecia três variações, mas Clellan tinha uma outra — com uma história completamente nova de intrigas dentro da história principal, envolvendo o primo de Telfer, Willie.

“Ou por tudo que me é sagrado, disse Willie Scott, Usarei o chicote de minha mãe em você.”

Kimie cantava para passar o tempo de uma noite sozinho, ele dissera a Roger, ou para entreter os anfitriões cuja fogueira ele compartilhava. Ele se lembrava de todas as canções de sua juventude na Escócia e tinha prazer em cantá-las quantas vezes quisessem ouvi-lo, desde que mantivesse sua garganta molhada o suficiente para entoar uma canção.

O resto do pessoal da casa grande havia apreciado duas ou três apresentações do repertório de Clellan, começaram a bocejar e piscar durante a quarta e finalmente murmuraram desculpas e partiram, cambaleando, os olhos embaciados, direto para a cama — em massa, — deixando a Roger a incumbência de cumular o sujeito de uísque e instá-lo a outra repetição, até as palavras estarem gravadas em sua memória.

No entanto, a memória era algo arriscado, sujeita a perdas aleatórias e conjecturas inconscientes que substituíam o fato. Era muito mais seguro guardar coisas importantes no papel.

“Não vou deixar o gado voltar,

Nem por amor, nem por medo de você...”

A pena rangia suavemente, capturando as palavras uma a uma, pregadas como vaga-lumes à página. Já era bem tarde e Roger sentia câibras nos músculos do frio e do longo tempo sentado, mas estava decidido a registrar todos os versos novos agora, enquanto estavam frescos em sua mente. Clellan poderia sair uma manhã e ser devorado por um urso ou morto por um deslizamento de pedras, mas o primo Willie de Telfer continuaria a viver.

“Mas eu levarei o gado de Jamie Telfer, Apesar de cada escocês que...”

A vela fez um breve ruído cuspidor quando a chama atingiu uma falha no pavio. A luz que recaía sobre o papel oscilou e tremeluziu, e as palavras desapareceram bruscamente nas sombras quando a chama da vela reduziu-se de um dedo de luz a um fiapo azul brilhante, como a súbita morte de um sol em miniatura.

Roger largou a pena e pegou o castiçal de cerâmica murmurando uma imprecação. Soprou o pavio, delicadamente, na esperança de reavivar a chama.

— Mas Williefoi atingido na cabeça” — murmurou consigo mesmo, repetindo as palavras entre um sopro e outro, para mantê-las vivas. Mas Williefoi atingido na cabeça/E a espada atravessou o elmo/E Harden gritou de fúria/Ao ver Wúlie estendido no chão... Ao ver Willie estendido no chão...”

Uma radiação irregular cor de laranja ergueu-se por um breve instante, alimentando-se de seu sopro, mas depois foi definhando de forma constante, apesar dos continuados sopros, reduzindo-se a um ponto cintilante de vermelho incandescente que pareceu zombar dele por um ou dois segundos, antes de desaparecer completamente; não deixou mais do que um filete de fumaça branca no aposento quase escuro e o cheiro de cera de abelha quente em suas narinas.

Ele repetiu a imprecação, um pouco mais alto. Brianna remexeu-se na cama e ele ouviu a palha de milho ranger quando ela ergueu a cabeça com um ruído de sonolenta indagação.

— Está tudo bem — ele disse com um sussurro rouco e um olhar inquieto para a cama portátil no canto. — A vela apagou. Volte a dormir. Mas Willie foi atingido na cabeça...

— Huum. — Uma queda e um suspiro, quando sua cabeça atingiu o travesseiro de penas de ganso outra vez.

Como o mecanismo de um relógio, a cabeça de Jemmy se ergueu de seu próprio ninho de cobertores, a auréola de penugem fofa e cor de fogo em silhueta contra a claridade amortecida da lareira. Ele emitiu um ruído de confusa urgência, não exatamente um grito, e antes que Roger pudesse se mexer, Brianna já havia saltado da cama como um míssil teleguiado, tirando o menino de seus cobertores e tateando suas roupas com uma das mãos.

— Urinol! — ela gritou para Roger, cutucando cegamente para trás com um pé descalço, enquanto se atracava com as roupas de Jemmy. — Ache o urinol! Só um minuto, querido — disse ternamente a Jemmy, numa brusca mudança de tom. — Espere sooooó um minutinho...

Impelido à obediência instantânea pelo seu tom de urgência, Roger caiu de joelhos, varrendo o buraco negro embaixo da cama com o braço.

Mas Williefoi atingido na cabeça... E a espada atravessou... o elmo? O capacete? Atordoado com a situação, algum remoto bastião de memória agarrava-se ferrenhamente à canção, cantando-a em seu ouvido interior. Mas só a melodia... a letra estava desaparecendo rapidamente.

— Tome! — Ele encontrou o urinol de cerâmica, acidentalmente bateu com ele no pé da cama — Graças a Deus, não se quebrou! — e

lançou-o pelo assoalho para Bri.

Ela assentou Jemmy, agora nu, energicamente no urinol com uma exclamação de satisfação, e Roger ficou tateando na semiescuridão, em busca da vela derrubada, enquanto ela murmurava palavras de encorajamento.

— OK, querido, sim, isso mesmo... Williefoi atingido... não golpeado...

Encontrou a vela, felizmente intacta, e desviou-se cuidadosamente do drama agora em curso para se ajoelhar e reacender o pavio chamuscado nas brasas do fogo. Enquanto fazia isso, ele atçou as brasas e acrescentou mais lenha. O fogo reanimou-se, iluminando Jemmy, que estava fazendo o que parecia um bem-sucedido esforço de voltar a dormir, apesar da posição e dos incentivos da mãe.

-Você não está precisando pedir penico? — ela dizia, sacudindo o ombro dele suavemente.

— Pedir penico? — Roger disse, essa curiosa expressão afastando o resto da balada de sua mente. — O que quer dizer com pedir penico? — Era sua opinião pessoal, com base na atual experiência como pai, que crianças pequenas já nasciam pedindo penico, depois iam melhorando gradativamente. Ele disse isso, fazendo Brianna lançar lhe um olhar extraordinariamente maligno.

— O quê? — ela disse, num tom irritado. — O que quer dizer com isso? Uma de suas mãos segurava o ombro de Jemmy, equilibrando-o, enquanto a outra envolvia sua barriguinha redonda, um dedo indicador desaparecendo nas sombras abaixo para direcionar a mira dele.

— Pedir penico — Roger explicou, com um breve gesto vago. Você sabe, pedir arrego, render-se.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa em resposta, mas Jemmy oscilou assustadoramente, a cabeça caindo para frente.

— Não, não! — ela disse, agarrando-o outra vez. — Acorde, querido! Acorde, você está no penico!

O insidioso termo de algum modo fixou residência no pensamento de Roger e alegremente substituíra metade das palavras do verso que ele tentava recuperar.

Willie sentou em seu penico/Willie pediu penico...

Sacudiu a cabeça, como se quisesse desalojá-la do pescoço, mas era tarde demais — as verdadeiras palavras haviam desaparecido. Resignado, desistiu e agachou-se ao lado de Brianna para ajudá-la.

— Acorde, companheiro. Há trabalho a ser feito. — Passou o dedo delicadamente sob o queixo de Jemmy, depois soprou em seu ouvido,

agitando os sedosos fios ruivos que se agarravam às têmporas da criança, ainda úmidos de suor do sono.

As pálpebras de Jemmy abriram uma fenda na carranca de olhos apertados. Ele parecia uma pequena toupeira rosada, cruelmente desencavada de sua confortável toca e espreitando ameaçadoramente o inóspito mundo superior.

Brianna bocejou enormemente e sacudiu a cabeça, piscando e franzindo a testa à luz da vela.

— Bem, se você não gosta de “penico”, o que você diz na Escócia, então, para uma criança? — ela perguntou, mal-humorada.

Roger moveu o dedo de fazer cócegas para o umbigo de Jemmy.

Ah... Lembro-me de um amigo perguntando ao seu filho pequeno se ele precisava fazer cocô — sugeriu. Brianna fez um ruído grosseiro, mas as pálpebras de Jemmy apenas tremularam.

— Cocô — ele disse sonambulamente, apreciando o som da palavra.

— Certo, essa é a ideia — Roger disse, encorajando-o. Seu dedo remexeu-se um pouco na leve depressão do umbigo e Jemmy deu um esboço de risadinha, começando a acordar.

— Coocooooô — ele disse. — Coocooô.

— Bem, o que quer que funcione — Brianna disse, ainda irritada, mas resignada. — Penico, cocô... apenas acabe com isso, sim? Mamãe quer dormir.

— Talvez você deva tirar seu dedo do... mmmhum? — Roger balançou a cabeça, indicando o objeto em questão. — Vai dar ao pobre garoto um complexo ou algo assim.

— Está bem. — Bri tirou a mão com alegria e o pequeno objeto saltou para cima, apontando diretamente para Roger por cima da borda do urinol.

— Ei! Ora, espere um... — ele começou a dizer, erguendo a mão como escudo bem a tempo.

— Cocô — Jemmy disse, com um sorriso radiante de prazer sonolento.

— Merda!

— Meda! — Jemmy obedientemente repetiu.

— Bem, não era bem isso... podia parar de rir? — Roger disse irritado, limpando a mão cuidadosamente num trapo da cozinha.

Brianna resfolegou e gargalhou, sacudindo tanto a cabeça que mechas de cabelo extraviadas de sua trança caíram ao redor de seu rosto.

— Muito bem, Jemmy! — ela conseguiu dizer.

Assim encorajado, Jemmy assumiu um ar de concentração interior, comprimiu o queixo sobre o peito e, sem maiores complicações, passou ao Segundo Ato do drama da noite.

— Garoto esperto! — Roger disse sinceramente.

Brianna olhou para ele, a surpresa momentânea interrompendo suas próprias aclamações.

Ele também ficou surpreso. Falara por reflexo e, ao ouvir as palavras, só por um instante, a voz não pareceu a sua própria. Muito familiar — mas não a sua. Era como escrever a letra da canção de Clellan, ouvindo a voz dele no instante mesmo em que seus próprios lábios pronunciavam as palavras.

— Sim, muito esperto — ele disse, mais suavemente, delicadamente dando uns tapinhas na cabeça sedosa do menino.

Ele levou o urinol para esvaziar lá fora, enquanto Brianna colocava Jemmy de volta para dormir com beijos e murmúrios de admiração. A higiene básica terminada, foi ao poço lavar as mãos antes de voltar para dentro para dormir.

— Terminou de trabalhar? — Brianna perguntou sonolentemente, ao deitar-se na cama ao seu lado. Ela virou-se e empurrou o traseiro sem cerimônia contra a barriga dele, que ele tomou como um gesto de afeto, considerando-se o fato de que ela estava vários graus mais quente do que ele após ter saído na noite.

— Sim, por hoje. — Passou o braço ao seu redor e beijou a parte de trás de sua orelha, o calor de seu corpo era um conforto e um prazer. Ela tomou a mão fria dele na sua sem comentários, fechou-a e enfiou-a aconchegantemente sob seu queixo, com um pequeno beijo na articulação. Ele esticou-se um pouco, depois relaxou, deixando os músculos se afrouxarem e sentindo os minúsculos movimentos de seus corpos ajustando-se um ao outro. Um ronco leve, como um zumbido, subiu da cama portátil, onde Jemmy dormia o sono dos justos e secos.

Brianna acabara de abafar o fogo; ele ardia com um calor baixo, regular, e o cheiro adocicado de noqueira, dando pequenos estalos de vez em quando, conforme a chama abafada atingia um bolso de resina ou um lugar úmido. Gradativamente, o calor tomou conta do seu corpo e o sono aproximou-se em seu rastro, estendendo um cobertor de sonolência até suas orelhas, abrindo os bem-arrumados armários de sua mente e deixando que todos os pensamentos e impressões do dia se derramassem em montes vivamente coloridos.

Resistindo à inconsciência por mais alguns instantes, ele apalpou de maneira desconexa entre as riquezas espalhadas, assim reveladas,

na débil esperança de encontrar uma ponta da canção de Telfer despontando; algum pedaço da letra ou da música que lhe permitisse se apoderar dos versos desaparecidos e arrastá-los de volta à luz da consciência. Mas não foi a história do desafortunado Willie que emergiu dos escombros, mas uma voz. Não a sua própria, nem a do velho Kimmie Clellan tampouco.

Garoto esperto!, dizia a voz, em um contralto nítido e cálido, tingido de humor. Roger fez um movimento brusco.

— O que disse? — Brianna balbuciou, perturbada pelo movimento.

— Vá em frente, seja esperto — ele disse devagar, repetindo as palavras conforme elas se formavam em sua lembrança. — Foi o que ela disse.

— Quem? — Brianna virou a cabeça, com um farfalhar de cabelos no travesseiro.

— Minha mãe. — Ele colocou a mão livre em sua cintura, reajustando ambos. — Você perguntou o que diziam na Escócia. Eu havia esquecido, mas era isso que ela costumava me dizer. “Vá em frente, seja esperto!” ou “Você precisa ser esperto?”

Bri deu um pequeno grunhido de humor sonolento.

— Bem, é melhor do que cocô — ela disse.

Ficaram em silêncio por um instante. Então ela disse, ainda falando suavemente, mas sem qualquer vestígio de sono na voz:

— Você fala sobre seu pai de vez em quando, mas nunca o ouvi mencionar sua mãe antes.

Ele encolheu um único ombro, erguendo os joelhos contra as receptivas costas de suas coxas.

— Não me lembro de muita coisa sobre ela.

— Que idade você tinha quando ela morreu? — A mão de Brianna flutuou para cima para repousar sobre a dele.

— Oh, quatro, eu acho, quase cinco.

— Huumm. — Ela emitiu um pequeno som de solidariedade e apertou a mão dele. Ela ficou em silêncio por alguns instantes, sozinha com seus pensamentos, mas ele a ouviu engolir em seco e sentiu uma ligeira tensão em seus ombros.

— O que foi?

— Oh... nada.

— É mesmo? — Ele soltou sua mão e usou-a para afastar a pesada trança para o lado e delicadamente massageou sua nuca. Ela virou a cabeça para facilitar, enterrando o rosto no travesseiro.

— É só que... eu estava pensando... se eu morrer agora, Jemmy é tão pequeno... ele não se lembraria nem um pouco de mim — ela sussurrou, as Palavras semiabafadas.

— Sim, lembraria. — Falou com uma contradição automática, querendo tranquilizá-la, mesmo sabendo que ela provavelmente tinha razão.

— Você não se lembra e era bem mais velho quando perdeu sua mãe.

— Oh... eu me lembro dela, sim — ele disse devagar, pressionando a Ponta do seu polegar no local onde seu pescoço se unia ao ombro. — Só que e em fragmentos de lembranças. Às vezes, quando estou sonhando, ou pensando em outra coisa, eu a vislumbro ou ouço um eco de sua voz. Algumas coisas eu me lembro com clareza, como o medalhão que ela usava no pescoço, com suas iniciais em pequenas pedras vermelhas. Eram granadas.

Aquele medalhão havia provavelmente salvo sua vida, durante sua primeira tentativa frustrada de atravessar as pedras. Ele sentia a perda daquele objeto de vez em quando, como um pequeno espinho enterrado sob a superfície da pele, mas afastava o sentimento, dizendo a si mesmo que, afinal, não passava de um pouco de metal.

Mas ao mesmo tempo, sentia sua falta.

— Isso é um objeto, Roger — Sua voz tinha um tom incisivo. — Você se lembra dela? Quero dizer... o que Jemmy saberia de mim... de você, também se tudo que lhe restasse de nós fosse... — ela procurou algum objeto adequado — fosse seu bodhran e meu canivete?

— Ele saberia que seu pai tinha uma veia musical e sua mãe era sanguinária — Roger disse sucintamente. — Ai— Contraiu-se ligeiramente quando o punho de Brianna abateu-se sobre sua coxa, depois colocou as mãos apaziguadoramente sobre seus ombros. — Não, não é assim. Ele saberia muito sobre nós e não apenas através de miudezas que tivéssemos deixado para trás, embora isso ajudasse.

— Como?

— Bem... — Os ombros dela haviam relaxado outra vez, ele podia sentir a borda delgada de sua omoplata, dura contra sua pele — ela estava magra demais, ele pensou — Você estudou história durante algum tempo, não foi? Sabe o quanto as pessoas podem descobrir através de objetos comuns como travessas e brinquedos.

— Huum. — Ela parecia em dúvida, mas ele achou que ela simplesmente queria ser convencida

— E Jem saberia muito mais do que isso a seu respeito através de seus desenhos — ele ressaltou. E muito mais do que um filho deveria

saber, se um dia ele lesse seu livro dos sonhos, ele pensou. O repentino impulso de dizer isso, confessar que ele próprio o lera, tremeu em sua língua, mas ele se conteve. Além do simples temor de como ela poderia reagir se descobrisse sua intrusão, havia o medo maior de que ela parasse de registrar seus sonhos e aqueles pequenos vislumbres secretos de sua mente se perderiam para sempre.

— Acho que é verdade — ela disse devagar. — Eu me pergunto se Jam saberá desenhar ou se terá uma veia musical.

Se Stephen Bonnet tocar flauta, Roger pensou cinicamente, mas abafou essa ideia subversiva, recusando-se a contemplá-la.

— É assim que ele saberá mais de nós — ele disse, em vez, retomando sua delicada massagem. Ele olhará para si mesmo, não é?

— Huumm?

— Bem, olhe para você — ele ressaltou. — Todos que a veem dizem “Você tem que ser filha de Jamie Fraser!” E os cabelos ruivos não são tudo. E quanto à capacidade de atirar? E do jeito que você e sua mãe lidam com tomates.

Ela estalou os lábios pensativamente e deu uma risadinha quando ele riu.

— Sim, está bem, compreendo — ela disse. — Huum. Por que teve que mencionar tomates? Usei os últimos tomates secos na semana passada e faltam seis meses para nascerem de novo.

— Sinto muito — ele disse, beijando sua nuca para se desculpar.

— Eu realmente me perguntei — ele disse, instantes depois. Quando você descobriu a respeito de Jamie, quando começamos a procurá-lo, você deve ter se perguntado como ele seria. — Ele sabia que ela o fizera; ele certamente o fizera. — Quando o encontrou... como ele lhe pareceu em relação às suas suposições? Ele era como você pensou que fosse, do que você já sabia sobre ele? Ou... do que você sabia a respeito de si mesma?

Isso a fez rir novamente, com certa ironia.

— Não sei — ela disse. — Eu não sabia na ocasião e ainda não sei.

— O que quer dizer com isso?

— Bem, quando você ouve falar de alguém antes de conhecê-lo, naturalmente a pessoa real não é exatamente como você ouviu falar ou como você imaginou. Mas você não esquece o que imaginou, tampouco; isso fica em sua mente e de certa forma funde-se com o que você descobre quando a conhece. E depois... — ela inclinou a cabeça para frente, pensando. — Mesmo que você conheça uma pessoa primeiro, e ouça a seu respeito mais tarde... isso de certa forma afeta a maneira como você a vê, não é?

— Ah, é? Hummm, imagino que sim. Você quer dizer... seu outro pai? Frank?

— Acho que sim. — Ela remexeu-se sob suas mãos, afastando a ideia. Ela não queria falar de Frank Randall, não agora.

— E quanto a seus pais, Roger? Acha que foi por isso que o reverendo guardou todas aquelas coisas velhas nas caixas? Para que mais tarde você pudesse examiná-las para saber mais a respeito de seus pais, e de certa forma acrescentar às suas verdadeiras lembranças sobre eles?

— Eu... sim, imagino que sim — ele disse, sem muita certeza. — Não que eu tenha qualquer lembrança real de meu verdadeiro pai, de qualquer modo; ele só me viu uma vez e eu tinha menos de um ano na época.

— Mas você se lembra de sua mãe, não é? Ao menos um pouquinho? Ela soou um pouco ansiosa; ela queria que ele lembrasse. Ele hesitou e um pensamento atingiu-o com um pequeno choque. A verdade é, ele percebeu, que ele nunca conscientemente tentara se lembrar de sua mãe. A compreensão desse fato deu-lhe uma repentina e estranha sensação de vergonha.

— Ela morreu na guerra, não foi? — A mão de Bri assumiu a massagem suspensa de Roger, estendendo-se e delicadamente massageando o músculo contraído de sua coxa.

— Sim. Ela... durante o bombardeio aéreo. Uma bomba.

— Na Escócia? Mas eu pensei...

— Não. Em Londres.

Ele não queria falar sobre isso. Ele nunca falara sobre isso. Nas raras ocasiões em que a lembrança levava naquela direção, ele havia se desviado. Esse território ficava atrás de uma porta fechada, com um grande aviso de “Proibida a entrada”, que ele nunca pensou em ultrapassar. E, no entanto, esta noite... ele sentiu o eco da breve angústia de Bri à ideia de que seu filho pudesse não se lembrar dela. E sentiu o mesmo eco, como uma voz fraca chamando-o, a voz da mulher por trás da porta em sua mente. Mas ela estaria trancada, afinal de contas?

Com uma sensação de vazio por trás de seu esterno que poderia ser pavor, estendeu a mão e segurou a maçaneta dessa porta fechada. De quanto ele realmente se lembrava?

— Minha avó, a mãe de minha mãe, era inglesa — ele disse devagar. Uma viúva. Nós fomos viver com ela em Londres, quando meu pai foi morto.

Ele não pensava na avó, como também não pensava na mãe, há

anos. Mas, ao falar, pôde sentir o cheiro de loção de glicerina e água de rosas que sua avó usava nas mãos, o cheiro levemente mofado de seu apartamento no andar de cima, em Tottenham Court Road; era apinhado de móveis estofados com tecido de erma de cavalo, grandes demais para o apartamento, remanescentes de uma vida anterior quando tinha uma casa, marido e filhos.

Ele respirou fundo. Bri percebeu e pressionou as costas largas e firmes contra seu peito, para encorajá-lo. Ele beijou sua nuca. Então a porta realmente abriu — só uma fenda, talvez, mas a luz de uma tarde de inverno londrino brilhou através dela, iluminando uma pilha de surrados blocos de madeira empilhados num tapete surrado. A mão de uma mulher construía uma torre com eles, o sol fraco lançando arco-íris de um diamante em sua mão. Seus próprios dedos fecharam-se em reflexo, vendo a mão delgada.

— Mamãe... minha mãe... ela era pequena, como minha avó. Quer dizer, ambas pareciam grandes para mim, mas eu me lembro... eu me lembro de vê-la na ponta dos pés, tentando alcançar as coisas na prateleira.

Coisas. A caixa de chá, com seu açucareiro de vidro lapidado. A chaleira velha, três canecas que não combinavam. A dele tinha a figura de um panda. Um pacote de biscoitos, vermelho-vivo, com a figura de um papagaio... Meu Deus, ele nunca mais vira um desses desde então... será que ainda eram fabricados? Não, claro que não, não agora...

Trouxe sua mente com firmeza de volta de tais divagações.

— Lembro de suas feições, porém mais de fotografias, não propriamente de minhas lembranças. — No entanto, ele realmente tinha lembranças, ele percebeu, com uma perturbadora sensação na boca do estômago. Ele pensou “mãe”, e de repente não viu mais as fotos; viu a corrente de seus óculos, um cordão de minúsculas bolinhas de metal contra a curva suave de um seio e uma maciez cálida e agradável, cheirando a sabonete contra a pele do rosto dele; o tecido de algodão de um vestido estampado. Flores azuis. Na forma de trombetas, com vinhas enroscadas; podia vê-las com absoluta nitidez.

— Como ela era? Você se parece de algum modo com ela?

Ele deu de ombros e Bri remexeu-se, virando-se para olhar para ele, a cabeça apoiada no braço esticado. Seus olhos brilhavam na semiescuridão, o sono sobrepujado pelo interesse.

— Um pouco — ele disse devagar. — Seus cabelos eram escuros, como os meus. — Brilhantes, ondulados. Erguendo-se ao vento, salpicado de grãos de areia branca. Ele havia jogado areia em sua cabeça e ela sacudia os cabelos para tirá-la, rindo. Uma praia em

algum lugar?

— O reverendo guardava algumas fotos dela em seu gabinete. Uma mostrava-a me segurando no colo. Não sei o que estávamos olhando, mas parecia que nós dois estávamos fazendo força para não rir. Estávamos muito parecidos nessa foto. Tenho a sua boca, eu acho... e... talvez... a forma de suas sobrancelhas.

Durante muito tempo, ele sentira um aperto no coração toda vez que via as fotos de sua mãe. Mas depois disso passou, as fotos perderam o significado e se tornaram apenas objetos no amontoado de coisas da casa do reverendo. Agora, ele as via com clareza outra vez, e o aperto em seu coração voltou. Limpou a garganta com força, esperando amenizá-lo.

— Precisa de água? — Ela fez menção de se levantar, estendendo a mão para a jarra e a caneca que ela mantinha sobre o banco ao lado da cabeceira da cama para ele, mas ele sacudiu a cabeça, a mão em seu ombro para impedi-la.

— Não, não precisa — ele disse, um pouco rispidamente, e clareou a garganta outra vez. Estava tão apertada e dolorida como nas semanas seguintes ao enforcamento, e sua mão involuntariamente procurou a cicatriz, alisando a linha irregular sob seu maxilar com a ponta do dedo.

— Sabe — ele disse, buscando ao menos uma distração momentânea, — você deveria fazer um autorretrato, da próxima vez que for ver sua tia em River Run.

— O quê, eu? — Ela pareceu espantada, ele pensou, talvez um pouco feliz com a ideia.

— Claro. Você poderia, tenho certeza. E depois haveria... bem, um registro permanente, quero dizer. Para Jem se lembrar, para o caso de alguma coisa acontecer a você. As palavras flutuaram acima deles na escuridão, silenciando-os momentaneamente. Droga, e ele estava tentando tranquilizá-la.

— Eu gostaria de ter um retrato seu — ele disse suavemente, estendendo um dedo para traçar o contorno de sua face e têmpora. — Para que possamos olhar para ele quando formos bem velhos e eu possa lhe dizer que você não mudou nem um pouco.

Ela fez um pequeno muxoxo, mas virou a cabeça e beijou seus dedos de leve, antes de virar-se e ficar deitada de costas. Espreguiçou-se, apontando os dedos dos pés até suas articulações estalarem, depois relaxou com um suspiro.

— Pensarei nisso — ela disse.

O aposento estava silencioso, a não ser pelo murmúrio do fogo e o

estalido suave da madeira se acomodando. A noite estava fria, mas tranquila; a manhã seria enevoadada — ele sentira a umidade condensando-se no chão quando saíra lá fora, respirando das árvores. Mas ali dentro estava quente e seco. Brianna suspirou outra vez; pôde senti-la caindo no sono outra vez ao seu lado, pôde sentir o sono chegando para ele também.

A tentação de se render e deixar que ele o carregasse de forma indolor era grande. Mas, enquanto os temores de Brianna estavam aplacados por enquanto, ele ainda ouvia aquele murmúrio — “Ele não se lembraria nem um pouco de mim.” Mas agora vinha do outro lado da porta em sua mente.

Sim, eu me lembro, mamãe, ele pensou, abrindo-a de par em par.

— Eu estava com ela — ele disse suavemente. Ele estava de costas, fitando o teto de vigas de pinho, as juntas dos caibros quase invisíveis mesmo aos seus olhos adaptados à escuridão.

— O quê? Com quem? — Ele podia sentir o embalo do sono em sua voz, mas a curiosidade a acordou momentaneamente.

— Com minha mãe. E minha avó. Quando... a bomba.

Ele ouviu sua cabeça virar-se bruscamente para ele, ao ouvir a tensão em sua voz, mas ele continuou olhando diretamente para as vigas do teto, sem piscar.

— Quer me contar? — A mão de Brianna encontrara a sua, envolvera-a, apertando-a. Ele não sabia se queria, mas balançou levemente a cabeça, também apertando sua mão.

— Sim. Acho que devo — ele disse suavemente. Suspirou profundamente, sentindo os cheiros persistentes de fritadas de farinha de milho e cebolas que permanecia nos cantos da cabana. Em algum lugar no fundo de seu nariz, as reminiscências de cheiros de aquecedores e mingau de café da manhã, roupas de lã úmidas e vapores de gasolina dos caminhões despertaram guias silenciosos pelo labirinto da memória.

— Foi à noite. As sirenas de bombardeio aéreo soaram. Eu sabia o que eram, mas me apavoravam toda vez. Não havia tempo para se vestir; mamãe me tirou da cama e vestiu o casaco em mim, por cima do pijama. Então saímos correndo pelas escadas abaixo — eram trinta e seis degraus, eu os contara naquele dia, ao voltar para casa das lojas — e corremos para o abrigo mais próximo.

O abrigo mais próximo para eles era a estação de metrô do outro lado da rua; ladrilhos brancos imundos e trêmulas luzes fluorescentes, a estimulante corrente de ar lá embaixo, como a respiração de dragões em cavernas próximas.

— Foi emocionante. — Ele podia ver o amontoado de pessoas, ouvir os gritos dos guardas acima do barulho da multidão. — Tudo vibrava; o chão, as paredes, o próprio ar.

Pés estrondavam nas bitolas de madeira conforme rios de refugiados despejavam-se nas entranhas da terra, um nível abaixo até uma plataforma, mais um abaixo, e mais outro, penetrando na toca em busca de segurança. Era o pânico — mas um pânico ordenado. — As bombas podiam penetrar a quinze metros de profundidade, mas os níveis mais fundos eram seguros.

Haviam alcançado a base do primeiro lance de escadas, correram com uma multidão, acotovelando-se umas às outras, através de um túnel curto, de ladrilhos brancos, até o alto de outra escadaria. Havia um espaço amplo no topo da próxima escada e a multidão foi se aglomerando e girando ali para dentro, crescendo com a pressão dos refugiados que chegavam aos borbotoes do túnel atrás, drenando apenas aos poucos pela estreita escada que conduzia ao patamar inferior.

Havia um muro no topo da escada; pude ouvir vovó preocupada de que eu seria esmagado contra ela — as pessoas chegavam em ondas da rua, pressionando de trás.

Ele podia ver logo acima do muro, ficando na ponta dos pés, o peito pressionado contra o concreto. Lá embaixo, luzes de emergência brilhavam em linhas interrompidas ao longo das paredes, lançando listras na multidão aglomerada lá embaixo. Era tarde da noite; a maioria das pessoas estava vestida no que tinham conseguido agarrar quando a sirene disparou, e a luz brilhava em lampejos inesperados de pele nua e roupas extraordinárias. Uma mulher exibia um chapéu extravagante, decorado com penas e frutas, usado acima de um sobretudo esfarrapado.

Ele ficara observando a multidão embaixo fascinado, tentando ver se era realmente um faisão inteiro que ela trazia no chapéu. Houve uma gritaria; um guarda de capacete branco agitava os braços loucamente, tentando acelerar a população já apressada para a outra extremidade da plataforma, abrindo espaço para aqueles que vinham da escada. — Crianças choravam, mas não eu. Eu realmente não sentia nenhum medo. — Ele não sentia medo porque sua mãe segurava sua mão. Se ela estava lá, nada de ruim poderia acontecer.

— Houve um estrondo nas proximidades. Pude ver as luzes estremecerem. Então ouviu-se um barulho, como se algo se rasgasse acima de nossas cabeças. Todos olharam para cima e começaram a gritar.

A rachadura pelo teto inclinado não parecera particularmente

assustadora; apenas uma linha fina e escura que ziguezagueou para frente e para trás como uma cobra de montar, seguindo as linhas dos ladrilhos. Mas de repente ela se ampliou, uma goela aberta como a boca de um dragão, e terra e ladrilhos começaram a desmoronar.

Ele já havia se aquecido há bastante tempo e, no entanto, cada pelo em seu corpo vibrou agora, arrepiando-se. Seu coração bateu com força contra a parede de sua caixa torácica e ele sentiu como se o laço da força estivesse apertando seu pescoço outra vez.

— Ela soltou — ele disse, num sussurro estrangulado. — Ela soltou minha mão.

Brianna agarrou a mão dele entre as suas, com força, tentando salvar a criança que ele fora.

— Ela teve que fazer isso — ela disse, num sussurro ansioso. — Roger, ela não teria soltado, a menos que precisasse.

— Não. — Ele sacudiu a cabeça veementemente. — Não foi isso, quero dizer, espere. Espere um minuto, OK?

Piscou com força, tentando reduzir a respiração acelerada, remontando as peças estilhaçadas daquela noite. Confusão, frenesi, dor... mas o que havia realmente acontecido? Ele não guardara nada, a não ser uma impressão de caos. Mas ele sobrevivera; devia saber o que aconteceu -se conseguisse forçar a si mesmo a reviver tudo aquilo outra vez.

A mão de Brianna apertou a dele, os dedos ainda apertando com força suficiente para interromper o fluxo de sangue. Ele deu umas pancadinhas de leve na mão dela, e ela relaxou um pouco.

Ele cerrou os olhos e deixou acontecer.

No começo, eu não conseguia me lembrar — ele disse finalmente, a voz num sussurro. — Ou melhor, eu me lembrava, mas eu me lembrava do que as pessoas me disseram que havia acontecido. — Ele não se lembrava de ter sido carregado, inconsciente, através do túnel e, uma vez resgatado, passara várias semanas sendo transferido para uma sucessão de abrigos de assistência e lares de adoção com outros órfãos, mudo de aterrorizada perplexidade.

— Eu sabia meu nome, é claro, e meu endereço, mas isso não ajudava muito nas circunstâncias. Meu pai já havia sido abatido; de qualquer modo, quando as equipes de assistência localizaram o irmão de minha avó, o reverendo, e ele veio me buscar, eles já haviam juntado as peças da história do que acontecera no abrigo.

— Foi um milagre que eu não tenha morrido com todos que estavam na escada, segundo me disseram. Disseram que minha mãe deve de algum modo ter sido arrancada de mim durante o pânico;

devo ter sido separado dela e carregado escada abaixo pela multidão; foi assim que acabei no andar de baixo, onde o teto não havia cedido.

A mão de Brianna ainda estava curvada sobre a sua, protetoramente, porém não mais apertando.

— Mas agora você se lembra do que aconteceu? — ela perguntou serenamente.

— Eu me lembrei de quando ela soltou minha mão — ele disse. — E assim eu pensei que o resto da história também estava certo. Mas não estava

— Ela soltou minha mão — ele disse. As palavras agora vinham com mais facilidade; o aperto na garganta e no peito havia desaparecido. — Ela soltou minha mão... e então me pegou no colo. Aquela mulher pequena, ela me pegou no colo e me atirou por cima do muro. Para baixo, para a multidão na plataforma embaixo. Acho que desmaiei com a queda, mas me lembro do estrondo quando o teto desmoronou. Ninguém na escada sobreviveu.

Ela pressionou o rosto contra seu peito e ele sentiu quando ela respirou fundo, estremecendo. Acariciou seus cabelos e seu coração começou finalmente a serenar.

— Está tudo bem — ele sussurrou para ela, embora sua voz estivesse espessa e dissonante, e a luz do fogo explodisse em manchas estreladas através das lágrimas em seus olhos. — Nós não vamos esquecer. Nem Jem, nem eu. Não importa o que aconteça. Nós não vamos esquecer.

Ele podia ver o rosto de sua mãe, brilhando, nítido, entre as estrelas. Garoto esperto, ela disse, e sorriu.

A neve começou a derreter. Eu estava dividida entre o prazer com o descongelamento do mundo e a pulsação da primavera no solo — e a perturbação com a perda da barreira congelada que nos protegia, ainda que temporariamente, do mundo lá fora.

Jamie não mudara de ideia. Passou a noite escrevendo uma carta cuidadosa a Milford Lyon. Ele agora estava pronto, conforme escreveu, a considerar a venda de sua mercadoria — leia-se “uísque ilegal” — como o sr. Lyon havia sugerido e tinha o prazer de dizer que uma quantidade considerável estava agora disponível. Ele estava, no entanto, preocupado que seus produtos pudessem sofrer algum contratempo na entrega — isto é, interceptação por autoridades alfandegárias ou roubo no trajeto — e queria alguma garantia de que sua mercadoria seria manuseada por um cavalheiro de reconhecida competência em tais assuntos — em outras palavras, um contrabandista que conhecia os meandros do negócio ao longo da costa.

Ele recebera garantias de seu bom amigo, o sr. Priestly de Edenton (que ele obviamente não conhecia), ele escreveu, e do sr. Samuel Cornell, com quem ele tivera a honra de servir no Conselho de Guerra do governador, de que um tal de Stephen Bonnet era de longe o melhor em empreendimentos desse tipo, famoso por sua inigualável capacidade. Se o sr. Lyon arranjasse um encontro com o sr. Bonnet, para que Jamie pudesse formar sua própria impressão e assegurar-se da segurança do acordo planejado, então...

— Acha que ele fará isso? — perguntei.

— Se ele conhece Stephen Bonnet ou pode encontrá-lo, sim. — Jamie pressionou o anel de cabochão de seu pai no selo de cera. — Priestly e Cornell são nomes a invocar, sem dúvida.

— E se ele de fato encontrar Bonnet...

— Então irei encontrar— Me com ele. — Arrancou o anel da cera endurecida, deixando uma marca lisa, cercada por minúsculas folhas de morango da insígnia dos Fraser. Significavam constância. Em determinados estados de espírito, eu tinha certeza de que não passava de outra palavra para teimosia.

A carta para Lyon foi despachada por Fergus e eu tentei tirar o

assunto da mente. Ainda era inverno; com um pouco de sorte, o navio de Bonnet se depararia com uma tempestade e afundaria, poupando muito trabalho a todos nós.

Ainda assim, a questão espreitava do fundo a minha mente, e quando voltei para a casa após atender a um parto e encontrei uma pilha de cartas sobre a escrivaninha no gabinete de Jamie, meu coração subiu à garganta.

Não havia — graças a Deus! — nenhuma resposta de Milford Lyon. No entanto, ainda que tal resposta tivesse chegado, teria sido prontamente eclipsada e esquecida, pois entre o maço de correspondência havia uma carta com o nome de Jamie, escrita na caligrafia forte de sua irmã.

Mal pude me conter de abri-la imediatamente — e se fosse alguma repreensão virulenta, lançá-la diretamente no fogo antes que Jamie a visse. A honra, entretanto, prevaleceu e eu consegui me conter até Jamie chegar de uma missão a Salém, emplastrado de lama das trilhas intransitáveis. Ao ser informado da carta que o aguardava, ele lavou o rosto e as mãos rapidamente e dirigiu-se ao gabinete, fechando a porta cuidadosamente antes de romper o selo da carta.

Seu rosto não demonstrava nada, mas eu o vi respirar fundo antes de abri-la, como se estivesse se preparando para o pior. Dei a volta rapidamente, posicionando-me atrás dele, e coloquei a mão em seu ombro para encorajá-lo.

Jenny Fraser Murray escreveu numa caligrafia elegante, as letras redondas e graciosas, as linhas retas e perfeitamente legíveis na página.

16 de setembro de 1871

Irmão

Bem. Tendo pegado a pena e escrito a única palavra acima, agora sento-me diante dela, fitando-a, até a vela ter queimado quase três centímetros, sem que eu tenha sequer uma ideia do que dizer. Seria um triste desperdício de boa cera de abelha continuar desta forma e, no entanto, se eu apagasse a vela e voltasse para a cama, teria estragado uma folha de papel sem nenhum propósito — assim sendo, acho que devo continuar, em nome da economia.

Eu poderia repreendê-lo. Isso ocuparia bastante espaço no papel e preservaria o que meu marido gosta de considerar como os mais imundos e hediondos palavões que ele já teve o privilégio de ouvir em sua longa vida. Isso parece económico, já que tive um grande trabalho em sua composição na época, e não gostaria de ver o esforço desperdiçado. Ainda assim, acho que não tenho papel suficiente para conter todos eles.

Acho também que talvez, afinal, eu não queira censurá-lo ou condená-lo, pois você pode considerar isso uma punição merecida e assim aliviar sua consciência numa expiação percebida, de modo que você encerra a punição de si mesmo. É uma penitência simples demais; quero que, se você teceu uma camisa de silício para si mesmo, que continue a usá-la e que ela esfole sua alma como a perda de meu filho esfolia a minha.

Apesar disso, creio que estou escrevendo para perdoá-lo — eu tinha essa intenção ao pegar a pena, eu sei, e embora o perdão pareça uma iniciativa duvidosa para mim no presente, espero que a ideia se torne mais confortável com a prática.

As sobrelanceiras de Jamie ergueram-se quase até a raiz dos cabelos com isso, mas ele continuou a ler em voz alta, fascinado.

Imagino que você deva estar curioso para saber o que me levou a agir desse modo, portanto vou lhe contar.

Fui visitar Maggie na última segunda-feira, pela manhã. Ela teve outro bebê, de modo que você é tio outra vez; uma linda menininha chamada Angélica, que é um nome bobo, eu acho, mas ela é muito clara e nasceu com a marca de um morango no peito, que é um talismã para toda a vida. Eu os deixei à noite e voltava para casa, já a meio caminho, quando minha mula pisou no buraco de uma toupeira e caiu. Tanto a mula quanto eu levantamo-nos um pouco mancadas do acidente, e ficou claro que eu não poderia montar a criatura, nem mesmo me arranjar da melhor maneira possível e viajar aquela grande distância a pé.

Eu estava na estrada Auldearn logo acima da colina, vindo de Balriggan. Normalmente, eu não procuraria nenhuma associação com Laoghaire Mackenzie — ela retomou esse nome depois que deixei claro no distrito que não gostava que ela usasse “Fraser”, já que ela não pode ter nenhum direito válido sobre esse nome, — mas era o único lugar onde eu poderia obter abrigo e comida, pois a noite já chegava, com ameaça de chuva.

Assim, retirei a sela da mula e deixei-a junto à estrada para encontrar seu próprio jantar, enquanto eu saía mancando à procura do meu.

Aproximei-me pelos fundos da casa, depois da horta, e assim dei no pequeno caramanchão que você construiu. As videiras estão bem crescidas nele agora, por isso eu não podia ver nada, mas podia saber que havia gente ali dentro, pois ouvi vozes.

A essa altura, a chuva já começara. Não passava de um chuvisco, mas o barulho dos pingos nas folhas deve ter abafado minha voz, pois ninguém respondeu quando chamei. Aproximei-me —

sorrateiramente, como uma lesma manca, sem dúvida, pois eu estava abalada com a queda e meu tornozelo direito doía intensamente — e já estava prestes a gritar outra vez, quando ouvi sons de surpreendentes hochmagandy de dentro do caramanchão.

— Hochmagandy? — Olhei para Jamie, as sobrelhas erguidas inquisitivamente.

— Fornicação — ele disse laconicamente.

— Oh — eu disse, voltando a olhar para a carta por cima de seu ombro.

Fiquei imóvel, é claro, pensando o que seria melhor fazer. Eu podia ouvir que se tratava de Laoghaire abrindo as pernas, mas não fazia a menor ideia de quem seria seu parceiro. Meu tornozelo estava inchado como uma bexiga, logo eu não conseguiria andar muito mais longe, e assim me vi obrigada a ficar ali na chuva, ouvindo toda aquela sem-vergonhice.

Eu ficaria sabendo se ela estivesse sendo cortejada por um homem do distrito, mas não ouvira falar que ela tivesse dado atenção a algum, apesar de vários terem tentado; ela tem Balriggan, afinal de contas, e vive como uma rica proprietária de terras com o dinheiro que você lhe paga.

Fiquei indignada com o que ouvi, porém um pouco mais surpresa ao descobrir a causa. Era uma sensação de fúria por você — irracional como tal fúria possa parecer, nas circunstâncias. Ainda assim, tendo descoberto tal emoção brotando com toda a força em meu peito, fui obrigada, com relutância, a admitir que meus sentimentos por você não devem na realidade ter fenecido completamente.

Nesse ponto, o texto se interrompeu, como se Jenny tivesse sido chamada para resolver alguma questão doméstica. Foi retomado, com nova data, na página seguinte.

18 de setembro de 1771

Sonho com Ian de vez em quando...

— O quê? — exclamei. — Dane-se o Jovem Ian. Quem estava com Laoghaire?

— Eu também gostaria de saber — Jamie murmurou. As pontas de suas orelhas estavam roxas, mas ele não ergueu os olhos da carta.

Sonho com Ian de vez em quando. Esses sonhos com muita frequência assumem a forma da vida diária e eu o vejo aqui em Lallybroch, mas de vez em quando eu sonho com ele em sua vida entre os selvagens se é que de fato ele ainda vive (e eu convenço meu

coração de que eu de alguma forma saberia caso ele não vivesse mais).

Assim, vejo que, no final das contas, tudo se resume à mesma palavra com que comecei esta carta — aquela única palavra, “Irmão”. Você é meu irmão, assim como o jovem Ian é meu filho, ambos minha carne e meu espírito, e sempre serão. Se a perda de Ian assombra meus sonhos, a sua perda assombra meus dias, Jamie.

Ele parou de ler por um instante, engolindo em seco, depois continuou, a voz firme.

Andei escrevendo cartas a manhã inteira, debatendo comigo mesma se devia ou não terminar esta ou atirá-la no fogo. Mas agora a contabilidade está feita, já escrevi a todos de quem possa me lembrar, e as nuvens se dissiparam, de modo que o sol brilha através da janela, sobre minha escrivaninha, e as sombras da roseira de mamãe recaem sobre mim.

Tenho pensado comigo mesma muitas vezes que eu ouço minha mãe falar comigo, durante todos esses anos. Mas não preciso ouvi-la agora para saber muito bem o que ela diria. E assim não atirarei esta ao fogo.

Você se lembra do dia em que eu quebrei a boa jarra de creme de leite, atirando-a na sua cabeça porque você me infernizou? Tenho certeza de que se lembra da ocasião, pois certa vez você mencionou o caso a Claire. Eu hesitei em admitir o crime e você assumiu a culpa, mas papai sabia a verdade e castigou ambos.

Agora eu sou muitas vezes avó, de cabelos grisalhos, e ainda sinto minhas faces pegarem fogo de vergonha e minha barriga se contrair como um punho cerrado ao lembrar de papai nos fazendo ajoelhar lado a lado e nos inclinarmos sobre o banco para levarmos chibatadas.

Você gritou e grunhiu como um cachorrinho quando ele o fustigou e eu mal conseguia respirar e não ousava olhar para você. Depois foi a minha vez, mas eu estava tão devastada pelas emoções que mal senti os golpes. Sem dúvida, você está lendo essas linhas e dizendo indignadamente que papai foi muito mais delicado comigo porque eu era uma menina. Bem, talvez sim, e talvez não; eu diria que Ian é gentil com suas filhas.

Jamie deu um muxoxo.

— Sim, disse muito bem — murmurou. Esfregou o nariz com um dedo e retomou a leitura, tamborilando os dedos na mesa enquanto lia.

Mas depois papai disse que você receberia outro castigo, desta vez por mentir — pois a verdade era a verdade, afinal. Eu teria me levantado e saído correndo dali naquele momento, mas ele me

obrigou a ficar onde eu estava, e me disse, serenamente, que embora você fosse pagar o preço da minha covardia, não achava direito que eu escapasse completamente.

Você sabe que não emitii nenhum som da segunda vez? Espero que não tenha sentido os golpes do chicote em suas costas, porque eu senti cada um deles.

Jurei naquele dia que eu jamais seria covarde outra vez.

E vejo que na verdade é covardia que eu continue a culpá-lo pelo jovem Ian. Eu sempre soube o que é amar um homem — seja marido ou irmão, amante ou filho. Algo perigoso; isso é o que é.

Os homens vão onde querem, fazem o que têm que fazer; não cabe à mulher pedir que fiquem, nem censurá-los por serem quem são — ou por não voltarem.

Eu sabia disso quando enviei Ian para a França com uma cruz de madeira e uma mecha de meus cabelos como prova de amor, rezando para que ele voltasse para mim, corpo e alma. Eu sabia disso quando lhe dei um rosário e o vi partir para Leoch, esperando que não esquecesse Lallybroch ou a mim. Eu sabia disso quando o jovem Jamie nadou para a ilha da foca, quando Michael pegou o navio para Paris, e eu também devia saber disso quando o pequeno Ian partiu com você.

Mas eu tenho sido abençoada em minha vida; meus homens sempre voltaram para mim. Aleijados, talvez; um pouco gastos nas bordas de vez em quando; mutilados, desalinhados, esfarrapados e dilacerados — mas eu sempre os tive de volta. Passei a acreditar que era um direito meu, e estava errada quanto a isso.

Tenho visto tantas viúvas desde o Levante. Não sei dizer por que eu achei que devia ser eximida de seu sofrimento, por que somente eu não deveria perder nenhum dos meus homens, e apenas um dos meus bebês, minha filhinha. E como eu perdi Caitlin, eu passei a me apegar ainda mais a Ian, pois sabia que ele era o último bebê que eu teria.

Pensei que ele ainda fosse meu bebê; eu devia ter reconhecido que ele já era um homem. E sendo assim, sei muito bem que, ainda que você pudesse tê-lo impedido, você não o faria — porque também é uma das malditas criaturas.

Agora eu já cheguei quase ao fim desta folha e acho um exagero iniciar outra.

Mamãe sempre o amou, Jamie, e quando soube que estava morrendo, ela me chamou e me pediu para cuidar de você. Como se algum dia eu pudesse deixar de fazê-lo.

Sua afetuosa e amorosa irmã Janet Flora Arabella Fraser Murray

Jamie ficou segurando o papel por um instante, depois o colocou

sobre a escrivadinha, muito delicadamente. Permaneceu quieto, com a cabeça inclinada, apoiada na mão, para que eu não pudesse ver seu rosto. Seus dedos estavam abertos dentro dos cabelos, e não paravam de se mover, massageando as têmporas enquanto ele lentamente sacudia a cabeça, para frente e para trás. Eu podia ouvi-lo respirar com uma leve contração de vez em quando.

Finalmente, deixou cair a mão e ergueu os olhos para mim, pestanejando. Seu rosto estava profundamente ruborizado, havia lágrimas em seus olhos e a expressão de seu rosto era notável, onde se misturavam perplexidade, raiva e humor, este sendo apenas levemente dominante.

— Oh, meu Deus! — exclamou. Fungou e enxugou os olhos com as costas da mão. — Oh, Santo Deus. Como é que ela consegue fazer isso?

— Fazer o quê? — Tirei um lenço limpo do meu corpete e entreguei-o a ele.

— Fazer com que eu me sinta como se tivesse oito anos de idade — ele disse melancolicamente. — E um idiota, ainda por cima.

Assoou o nariz, depois estendeu a mão para tocar delicadamente as rosas silvestres achatadas.

Fiquei exultante com a carta de Jenny e sabia que o coração de Jamie também estava muito mais leve agora que recebera a carta. Ao mesmo tempo, eu continuava extremamente curiosa sobre o incidente que ela começara a descrever — e sabia que Jamie estava ainda mais interessado, embora ele cuidadosamente se abstinhasse de dizê-lo.

Uma carta chegou mais ou menos uma semana depois, enviada pelo seu cunhado Ian, mas embora contivesse as notícias habituais de Lallybroch e Broch Mordha, não fazia nenhuma menção à aventura de Jenny perto de Barriggan, sem sua subsequente descoberta no caramanchão de videiras.

— Você não poderia perguntar a um deles? — sugeri delicadamente, empoleirada na cerca enquanto o observava fazer os preparativos para castrar uma ninhada de porquinhos. — Ian ou Jenny?

— Não poderia — ele respondeu com firmeza. — E, afinal, não é da minha conta, não é? Se essa mulher já foi minha esposa, certamente não é mais agora. Se ela decide arranjar um amante, o problema é dela. Sem dúvida. Ele pisou com força nos foles de pé, aumentando o fogo em que o ferro de cauterização esquentava, e tirou a tesoura de castrar da cintura. — Qual a ponta que você prefere, Sassenach?

Era a escolha entre uma forte possibilidade de ser mordida enquanto prendia os dentes e a certeza de se sujar com as fezes da vítima se ficasse na outra ponta. A verdade é que Jamie era muito mais forte do que eu e, embora ele pudesse sem dúvida castrar um animal sem absolutamente nenhuma dificuldade, eu tinha algum conhecimento profissional. Portanto, foi a praticidade e não o heroísmo que ditou minha escolha, e eu me preparei para essa atividade protegendo-me com meu grosso avental de lona, tamancos de madeira e uma camisa velha e esfarrapada que um dia pertencera a Fergus e que sairia do chiqueiro diretamente para a fogueira.

— Você segura, eu corto. — Desci da cerca e peguei a tesoura.

Seguiu-se um breve, mas ruidoso interlúdio, após o qual os cinco porquinhos foram enviados para uma refeição de consolação, com sobras da cozinha, as partes traseiras pesadamente emplastadas com uma mistura de alcatrão e terebintina para evitar infecção.

— O que acha? — perguntei, vendo-os se acomodarem com sua ração em aparente estado de contentamento — Quero dizer, se você fosse um porco. Você iria preferir cavar em busca de alimento, mas manter suas bolas, ou desistir delas e espojar-se numa luxuriante lavagem? — Estes seriam mantidos no chiqueiro, criados cuidadosamente com restos de carne macia, enquanto a maioria dos porcos era normalmente solta na floresta para se arranjar sozinha.

Jamie sacudiu a cabeça.

— Imagino que não possam sentir falta do que nunca tiveram — ele disse

— E, afinal, eles têm comida. — Ele inclinou-se sobre a cerca por alguns instantes, observando os rabinhos enrolados começarem a se contorcer de prazer, os minúsculos ferimentos por baixo aparentemente esquecidos — Além do mais — acrescentou cinicamente, — um par de bolas pode trazer mais tristeza do que alegria a um homem, embora eu não tenha conhecido muitos que preferissem extirpá-las, apesar de tudo.

— Bem, os padres devem considerá-las um fardo, imagino — Afastei a camisa suja cuidadosamente do meu corpo antes de tirá-la pela cabeça. Cruzes. Nada fede mais do que excremento de porco, nada.

— O quê? Nem o porão de um navio de escravos ou um corpo em decomposição? — ele perguntou, rindo. — Fendas purulentas? Um bode?

— Merda de porco — eu disse com firmeza — Sem dúvida.

Jamie pegou a camisa embolada da minha mão e rasgou-a em tiras,

guardando as partes mais limpas para serviços como limpar ferramentas e calçar fendas O resto ele consignou ao fogo, recuando um passo quando uma brisa inesperada soprou uma pluma de fumaça fedorenta em nossa direção.

— Sim, bem, houve Narses Foi um grande general, ou assim dizem, apesar de ser um eunuco

— Bem, talvez a mente masculina funcione melhor sem a distração — eu sugeri, rindo.

Ele apenas fez um muxoxo em resposta, mas com um toque de humor Arrastou terra para as cinzas da fogueira, enquanto eu recuperava meu ferro de cauterização e pote de alcatrão, e voltamos para casa, conversando sobre outros assuntos.

Minha mente, entretanto, demorou-se naquela observação — “um par de bolas pode trazer mais tristeza do que alegria a um homem”. Ele estaria falando apenas de um modo geral, eu me perguntei. Ou haveria alguma alusão pessoal por trás?

Em tudo o que ele já me dissera sobre seu breve casamento com Laoghaire MacKenzie — apesar de muito pouco, por comum acordo, — não houve nenhuma sugestão de que ele tivesse se sentido fisicamente atraído por ela.

Casara-se com ela por solidão e uma sensação de dever, desejando alguma pequena âncora no vazio em que sua vida se transformara após seu retorno da Inglaterra. Ou assim ele dissera.

E eu acreditei no que ele havia dito. Ele era um homem honrado e cumpridor dos deveres, e eu sabia o que fora sua solidão — pois eu tive a minha própria. Por outro lado, eu conhecia seu corpo, quase tão bem quanto o meu. Se tinha uma grande capacidade de suportar os reveses, tinha igual capacidade de experimentar grandes alegrias. Jamie podia ser ascético por necessidade — nunca por temperamento natural.

Durante a maior parte do tempo eu conseguia esquecer que ele havia compartilhado a cama de Laoghaire, apesar de breve e -segundo ele — insatisfatoriamente. Eu não me esquecia de que ela fora, e ainda era, uma mulher muito atraente.

O que me deixou desejando que Jenny Murray tivesse encontrado alguma outra inspiração para a conversão de seus sentimentos em relação ao irmão.

Jamie ficou quieto e distraído o resto do dia, embora tivesse se esforçado para ser sociável quando Fergus e Marsali chegaram com os filhos para uma visita após o jantar. Ele ensinou Germain a jogar damas, enquanto Fergus recordava para Roger a letra de uma balada

que ele aprendera nas vielas de Paris quando era um batedor de carteiras. As mulheres retiraram-se para perto da lareira, para costurar roupas de bebê, tricotar sapatinhos e — em honra à gravidez de Marsali e ao noivado de Lizzie — se divertir com anedotas apavorantes de trabalho de parto e o momento de dar à luz.

— O bebê estava de lado e era do tamanho de um porquinho de seis meses...

— Ah, Germain tinha uma cabeça que parecia uma bala de canhão, segundo a parteira, e ele estava virado para trás, o diabinho...

— Jemmy tinha uma cabeça enorme, mas o problema foram seus ombros...

— ...le bourse... a “bolsa” da mulher, é claro, é sua...

— Seu modo de ganhar a vida, sim, sei. Depois a parte seguinte, onde seu cliente coloca os dedos dentro de sua bolsa...

— Não, você não pode jogar agora, ainda é a minha vez, porque eu saltei sua peça ali, e portanto posso vir para cá...

— Merde!

— Germain! — Marsali gritou. Olhou furiosamente para seu rebento, que deu de ombros, olhando para o tabuleiro com cara feia e fazendo beicinho.

— Não se preocupe, rapaz. Está vendo? Agora é sua vez, você pode ir para lá, e lá e lá...

— ...Avez-vous ête a la selle aujourd’hui?... e o que ele está perguntando à prostituta, é claro...

— “Você... esteve na sela hoje?” Ou seria: “Você cavalgou hoje?” Fergus riu, achando graça, a ponta do nariz aristocrático avermelhando-se.

— Bem, essa é uma tradução, sem dúvida.

Roger ergueu uma das sobrancelhas para ele, esboçando um sorriso.

— É mesmo?

— Essa expressão em particular é também o que um médico francês diz — acrescentei, vendo sua incompreensão. — Falando coloquialmente, significa: “Já teve um movimento intestinal hoje?”

— A senhora em questão sendo talvez une specialiste — Fergus explicou alegremente. — Eu conheci uma que...

— Fergus! — O rosto inteiro de Marsali estava vermelho, embora parecesse mais sorridente do que indignada.

— Compreendo — Roger murmurou, as sobrancelhas ainda

levantadas, conforme ele lutava com as nuances daquela pequena sofisticada tradução. Eu me perguntei como alguém colocaria aquilo em música.

— Comment sont vos selles, grandpère? — Germain perguntou com intimidade, evidentemente acostumado com essa linha de indagação social. E como vão suas fezes, vovô?

— Sem problemas -seu avô assegurou-lhe. — Coma seu mingau de aveia toda manhã e nunca terá hemorroidas.

— Papai!

— Ora, é verdade — Jamie protestou.

Brianna estava completamente vermelha e emitindo pequenos ruídos sibilantes. Jemmy remexeu-se em seu colo.

Le petit rouge come mingau — Germain observou, franzindo a testa para Jemmy, que mamava com satisfação, os olhos cerrados. — Ele caga pedras.

— Germain! — todas as mulheres gritaram em uníssono.

— Ora, é verdade — ele disse, numa perfeita imitação de seu avô. Com ar digno, deu as costas para as mulheres e começou a construir torres com as peças do jogo de damas.

— Parece que ele não quer largar a teta — Marsali observou, balançando a cabeça na direção de Jemmy. — Nem Germain, mas ele não teve escolha... nem a pobre Joanie. — Olhou desamparadamente para sua barriga, que começava a se avolumar com o Número Três.

Percebi um rápido olhar entre Roger e Bri, seguido de um sorriso à Mona Lisa no rosto de Brianna. Ela ajeitou-se mais confortavelmente e acariciou a cabecinha de Jemmy. Aproveite enquanto pode, querido, seus atos diziam, mais vividamente do que palavras.

Senti minhas sobrancelhas se erguerem e olhei para Jamie. Ele também tinha visto esse jogo paralelo e lançou-me o equivalente masculino ao sorriso de Brianna, antes de se voltar novamente para o tabuleiro.

— Eu gosto de mingau — Lizzie interpôs timidamente, numa débil tentativa de mudar de assunto. — Especialmente com leite e mel.

— Ah — Fergus exclamou, lembrando-se de sua tarefa original. Voltou-se outra vez para Roger, erguendo um dedo. — Potes de mel. O refrão, sabe, onde les abeilks vêm zumbindo...

— Sim, sim, isso mesmo — a sra. Bug retomou habilmente a conversa, quando ele parou para respirar, — mingau com mel é a melhor coisa para os intestinos, embora às vezes até isso não resolva. Ora, conheci um homem certa vez que não conseguia aliviar seus

intestinos há mais de um mês!

— É mesmo? Ele tentou uma bolinha de cera passada em gordura de ganso? Ou um chá de folhas de uva? — Fergus se deixou desviar instantaneamente. Francês até o âmago, ele era um grande conhecedor de laxantes, purgantes e supositórios.

— Tudo — a sra. Bug assegurou-lhe. — Mingau, maçãs secas, vinho misturado com bÍlis de boi, beber água à meia-noite na lua nova... nada adiantava. Era o assunto do vilarejo, com as pessoas fazendo apostas e o pobre homem cada vez mais pálido. Espasmos nervosos, era isso, e seus intestinos amarrados como cordões de liga, de modo que...

— Ele explodiu? — Germain perguntou, interessado. A sra. Bug sacudiu-se de leve com uma risadinha.

— Não, isso não, rapaz. Embora eu tenha ouvido dizer que foi por pouco.

— O que foi então que finalmente resolveu o problema? — Jamie perguntou.

Ela finalmente disse que se casaria comigo e não com o outro sujeito.

— O sr. Bug, que andara cochilando no canto da lareira durante todo o tempo, levantou-se e espreguiçou-se, depois colocou a mão no ombro da mulher, sorrindo ternamente para seu rosto erguido para ele. — Foi um grande alívio, sem dúvida.

Já era tarde quando fomos para a cama, após uma noite agradável que terminou com Fergus cantando a balada da prostituta em versão integral para aplauso geral, Jamie e Germain marcando o compasso na mesa com as mãos. Jamie recostou-se no travesseiro, as mãos cruzadas atrás da cabeça, rindo furtivamente consigo mesmo de vez em quando conforme fragmentos da canção voltavam à sua mente. Fazia frio suficiente para as vidraças estarem embaçadas com nossa respiração, mas ele não usava camisa de dormir e eu o admirei, enquanto estava sentada, escovando os cabelos.

Ele se recuperara bem da picada de cobra, mas ainda estava mais magro do que o normal, de modo que o gracioso arco de sua clavícula era visível, e os longos músculos de seus braços se ligavam de um osso ao outro, bem definidos sob a pele. Seu peito estava bronzeado onde a camisa ficava aberta, mas a pele macia embaixo dos braços era branca como leite, com traços de veias azuis à mostra. A luz sombreava os ossos proeminentes de seu rosto e se refletia em seus pelos, cor de canela e âmbar onde se espalhavam sobre os ombros, ruivo-escuro e vermelho-dourado onde salpicavam seu corpo nu.

— A luz de vela lhe cai bem, Sassenach — ele disse, sorrindo, e eu vi que ele me observava, os olhos azuis da cor do oceano infinito.

— Eu estava pensando o mesmo de você — eu disse, levantando-me e largando a escova. Meus cabelos flutuaram numa nuvem ao redor dos meus ombros, limpos, macios e brilhantes. Cheiravam a calêndula e girassol, assim como minha pele. Tomar banho e lavar os cabelos no inverno eram um grande empreendimento, mas eu estava determinada a não ir para a cama cheirando a excremento de porco.

— Deixe-a queimar, então — ele disse, erguendo a mão para me impedir de apagá-la. Sua mão fechou-se ao redor do meu pulso, puxando-me para ele.

— Venha para a cama e deixe— Me observá-la. Gosto da maneira como a luz se move em seus olhos; como uísque, quando você o entorna sobre um haggis e depois o flamba.

— Que poético — murmurei, mas não me fiz de rogada quando ele abriu espaço para mim, soltou os cordões da minha combinação e me despiu. O ar no aposento estava bastante frio para fazer meus mamilos se contraírem imediatamente, mas a pele de seu peito estava deliciosamente quente em meus seios quando ele me abraçou, suspirando de prazer.

— Acho que é a canção de Fergus que está me inspirando — ele disse, envolvendo um dos meus seios em sua mão, avaliando-o com admiração. Meu Deus, você tem seios lindos. Lembra-se daquele verso, em que ele diz que os seios da mulher eram tão grandes que ela podia envolver sua cabeça neles? Os seus não são tão grandes assim, é claro, mas você acha que talvez pudesse envolver...

— Não acho que precisem ser enormes para fazerem isso — garanti-lhe. Venha aqui para cima. Além do mais, não creio que seja realmente uma questão de envolver, mas de espremer entre os seios, e os meus certamente são grandes o suficiente para... viu?

— Oh — ele disse, parecendo profundamente satisfeito e um pouco ofegante. — Sim, tem razão. Isso... oh, isso parece muito bonito, Sassenach... ao menos daqui.

— Parece bem interessante daqui também — assegurei-lhe, tentando nem rir, nem ficar vesga. — Qual de nós dois se mexe? O que acha?

— Eu, por enquanto. Não estou esfolando-a, Sassenach — perguntou.

— Bem, um pouco. Mas, espere... — Estendi a mão, tateando cegamente sobre a mesinha junto à cama. Peguei o pequeno pote da pomada de amêndoas que eu usava como creme para as mãos,

destampe-o com uma pancadinha e enfiei um dedo no unguento.

— Sim, assim é bem melhor — eu disse. — Não é?

— Oh. Oh. Sim.

— E depois há aquele outro verso, não? — eu disse, pensativamente, soltando-o por um instante e passando o dedo untado devagar pela curva de sua nádega. — Sobre o que a prostituta fez ao garoto do coro?

— Oh, Santo Deus!

— Sim, foi isso que ele disse. Segundo a música.

Bem mais tarde, no escuro, acordei do meu sono sentindo suas mãos sobre mim outra vez. Ainda agradavelmente pairando à deriva em meus sonhos, eu não me mexi, mas fiquei quieta, alerta, deixando-o fazer o que quisesse.

Minha mente prendia-se frouxamente à realidade e foi preciso algum tempo para eu perceber que alguma coisa não estava certa. Levou mais tempo ainda para focalizar minha mente e lutar para subir à superfície da consciência, mas finalmente consegui abrir os olhos, piscando para afastar as nuvens do sono.

Ele estava semiagachado sobre mim, o rosto parcialmente iluminado pela claridade turva do fogo abafado da lareira. Seus olhos estavam fechados e ele tinha a testa ligeiramente franzida, respirando através dos lábios semiabertos. Ele se movia quase mecanicamente e eu me perguntei, vagamente espantada, se ele poderia estar fazendo aquilo enquanto dormia.

Uma fina película de suor brilhava nas maçãs do rosto altas, no longo e reto cavalete do nariz, nas curvas e ondulações de seu corpo nu.

Ele me acariciava de uma maneira estranha, monótona, como um homem executando uma tarefa repetitiva. O toque era mais do que íntimo, mas estranhamente impessoal; eu poderia ser qualquer pessoa — ou qualquer coisa — pensei.

Então ele se moveu, os olhos ainda fechados, atirou para trás a colcha que me cobria e moveu-se para o meio de minhas pernas, afastando-as de uma maneira brusca, totalmente em desacordo com seu jeito habitual. Suas sobranceiras estavam franzidas, unidas numa expressão concentrada. Movi-me instintivamente para fechar minhas pernas, contorcendo-me para me afastar. Então suas mãos cravaram-se em meus ombros, seu joelho separou minhas pernas e ele me penetrou brutalmente.

Soltei um som agudo de protesto e susto e seus olhos se arregalaram. Ele me fitou, os olhos a dois centímetros dos meus,

desfocados, depois bruscamente conscientes. Ele ficou paralisado.

— Quem você pensa que eu sou? — eu disse, a voz baixa e furiosa.

Ele se recolheu bruscamente e se atirou para fora da cama, deixando as cobertas caírem no chão, emboladas. Pegou suas roupas do gancho, alcançou a porta em duas grandes passadas, abriu-a e desapareceu, batendo-a ao sair.

Sentei-me na cama, sentindo-me completamente abalada. Puxei desajeitadamente as colchas de volta ao meu redor, sentindo-me zozza, com raiva — e de certo modo sem poder acreditar. Passei as mãos pelo rosto, tentando acordar totalmente. Será que eu andara sonhando?

Não. Ele, sim. Ele estava quase adormecido — ou completamente adormecido — e o desgraçado pensou que eu fosse a desgraçada da Laoghaire! Nada mais poderia explicar a maneira como ele me tocava, com uma sensação de dolorosa impaciência, com um quê de raiva; ele nunca me tocara dessa forma em toda a sua vida.

Deitei-me novamente, de costas, mas evidentemente seria impossível voltar a dormir. Fiquei olhando para as vigas sombreadas por alguns instantes, depois me levantei decididamente e me vesti.

O pátio estava vazio e frio sob uma lua alta e brilhante. Saí, fechando a porta da cozinha suavemente atrás de mim, e apertei minha capa ao redor do corpo, ouvindo. Nada se movia no frio, e o vento não passava de um sussurro entre os pinheiros. No entanto, a uma certa distância, ouvi um ruído fraco, regular, e me volvei para ele, andando cautelosamente na escuridão.

A porta do celeiro estava aberta.

Apoiei-me contra o umbral da porta e cruzei os braços, observando enquanto ele andava de um lado para o outro, empilhando feno à luz da lua, extravasando seus sentimentos. Os meus ainda pulsavam em minhas têmporas, mas começaram a se acalmar enquanto o observava.

O problema é que eu realmente compreendia, e muito bem. Eu não conhecera muitas das mulheres de Frank — ele era discreto. Mas de vez em quando eu surpreendia um olhar trocado numa festa da faculdade ou no supermercado local — e uma sensação de absoluta fúria se avolumava em mim, apenas para ser seguida por uma perplexidade quanto ao que, precisamente, eu iria fazer a respeito.

Ciúme nada tinha a ver com lógica.

Laoghaire MacKenzie estava a milhares de quilômetros de distância; Provavelmente nenhum de nós dois jamais a veria novamente. Frank estava mais longe ainda e era certo que nenhum de nós dois jamais o veria outra vez, deste lado da sepultura.

Não, ciúme não tinha absolutamente nada a ver com lógica.

Comecei a sentir frio, mas continuei ali de pé. Ele sabia que eu estava ali; eu podia ver isso no modo como ele mantinha a cabeça virada para o trabalho. Ele suava, apesar do frio; o tecido fino de sua camisa agarrava-se à sua pele, formando uma mancha escura nas suas costas. Finalmente ele fincou o garfo no monte de feno, largou-o e sentou-se num banco feito da metade de um tronco. Colocou a cabeça nas mãos, passando os dedos violentamente pelos cabelos.

Finalmente ergueu os olhos para mim, com uma expressão entre consternação e perplexidade.

— Eu não compreendo.

— O quê? — Aproximei-me dele e sentei-me ao seu lado, puxando os pés para baixo do corpo. Eu podia sentir o suor em sua pele, juntamente com o unguento de amêndoas e a sombra de seu desejo anterior.

Ele me deu um olhar de esguelha e respondeu secamente:

— Tudo, Sassenach.

— Não pode ser tão ruim assim, pode? — Estendi o braço pensativamente e corri a mão de leve pela curva de suas costas.

Ele suspirou fundo, soprando o ar pelos lábios contraídos.

— Quando eu tinha vinte e três anos, eu não sei por que o simples fato de olhar para uma mulher podia fazer meus ossos derreterem, e ainda me fazer sentir que poderia entortar aço com as mãos. Aos vinte e cinco, eu não sabia como eu podia ao mesmo tempo querer tratar uma mulher com carinho e ao mesmo tempo violentá-la.

— Uma mulher? — perguntei, e recebi o que queria — a sua boca curvando-se e um olhar que perfurou meu coração.

— Uma única mulher — ele disse. Segurou a mão que pousei em seu joelho e apertou-a com força, como se temesse que eu tentasse puxá-la. Apenas uma — ele repetiu, a voz rouca.

O celeiro estava em silêncio, mas as tábuas estalavam e assentavam-se no frio. Movi-me um pouco no banco, aproximando-me mais dele. Apenas um pouco. O luar infiltrava-se pela porta aberta, brilhando turvamente sobre o monte de feno.

— E é isso — ele disse, apertando meus dedos ainda com mais força — o que eu não sei agora. Eu amo você, a nighean donn. Eu a amo desde o instante em que a vi, eu amarei até o final dos tempos, e enquanto você estiver ao meu lado, estarei feliz com o mundo.

Uma onda de calor me percorreu, mas antes que eu pudesse fazer mais do que apertar sua mão em resposta, ele continuou, virando-se

para olhar para mim com uma expressão tão transtornada e tão desesperada a ponto de ser quase cômica.

— E sendo assim, Claire... por que, em nome de Deus e todos os seus santos, por que eu quero pegar um navio para a Escócia, caçar um homem cujo nome e cujo rosto eu absolutamente não conheço, e matá-lo, por manter relações com uma mulher sobre a qual não tenho nenhum direito e com quem eu não suportaria ficar na mesma sala por mais de três minutos?

Bateu o punho cerrado contra o tronco, fazendo a madeira vibrar sob as minhas nádegas.

— Eu não compreendo!

Contive a vontade de dizer: “E você acha que eu compreendo?” Em vez disso, meramente permaneci sentada em silêncio e, após um instante, acariciei as juntas de seus dedos muito levemente com o polegar. Era menos um carinho do que um simples gesto de consolo, e ele compreendeu.

Após um instante, suspirou profundamente, apertou minha mão e levantou-se.

— Sou um idiota — ele disse.

Continuei imóvel por um instante, mas ele parecia esperar alguma espécie de confirmação, então eu balancei a cabeça obsequiosamente.

— Bem, talvez — eu disse. — Mas você não vai para a Escócia, vai?

Em vez de responder, ele levantou-se e começou a andar pensativamente de um lado para o outro, chutando torrões de lama seca, que explodiam como pequenas bombas. Certamente, ele não estava considerando... não podia ser. Com alguma dificuldade, mantive a boca fechada e esperei pacientemente, até ele voltar e parar à minha frente.

— Está bem — ele disse, no tom de alguém que faz uma declaração de princípios. — Eu não sei por que me atormenta o fato de Laoghaire buscar a companhia de outro homem. Não, isso não é verdade, é? Eu sei muito bem. E não é ciúme. Ou... bem, é, então, mas não é o principal. — Lançou-me um olhar penetrante, como se me desafiasse a contradizer sua afirmação, mas fiquei calada. Ele bufou energicamente pelo nariz e depois respirou fundo, olhando para baixo.

— Bem, então. Se eu quiser ser honesto em relação a isso. — Comprimi os lábios com força por um instante. — Por quê? — perguntou intempestivamente, erguendo os olhos para mim. — O que é isso a respeito dele?

— O que é o que sobre quem? O homem que ela...

— Ela detestava sexo! — ele me interrompeu, pulverizando um torrão com o pé. — Talvez eu seja presunçoso, ou você me faça ser com seus elogios... Lançou-me um olhar que deveria ser um olhar furioso, mas terminou em atordoamento. — Eu sou... Eu sou...?

Eu não sabia ao certo se ele queria que eu dissesse “Sim, você é!” ou “Não, você não é!”, mas me contentei com um sorriso que dizia as duas coisas.

— Sim. Bem — ele disse relutantemente. — Eu não achava que o problema era comigo. E antes de nos casarmos, até mesmo Laoghaire gostava bastante de mim. — Devo ter resfolegado de desdém diante disso, porque ele olhou para mim, mas sacudi a cabeça, afastando a questão.

— Achei que fosse uma aversão a todos os homens em geral, ou apenas ao ato em si. E se assim fosse... bem, não era tão ruim assim, se não era culpa minha, embora eu de certo modo sentisse que deveria ser capaz de melhorar isso... — Sua voz desapareceu em seus pensamentos, a testa franzida, depois retomou o discurso com um suspiro.

— Mas talvez eu estivesse errado a respeito disso. Talvez o problema fosse eu. E essa é uma ideia que não sai da minha cabeça.

Eu não fazia realmente a menor ideia do que dizer a ele, mas obviamente eu devia dizer alguma coisa.

— Acho que o problema era dela — eu disse, com firmeza. — Não era seu. Embora, é claro, eu possa estar sendo parcial. Afinal, ela realmente tentou me matar.

— Ela o quê? — Ele girou nos calcanhares, perplexo.

— Não sabia disso? Oh. — Tentei pensar; eu não havia dito a ele? Não, imaginei que não. Entre uma coisa e outra, não me pareceu importante na época; eu esperava não vê-la nunca mais. E mais tarde... bem, então realmente não era importante. Expliquei rapidamente sobre Laoghaire ter me mandado ir procurar Geillie Duncan naquele dia em Cranesmuir, sabendo perfeitamente que Geillie estava prestes a ser presa por bruxaria e esperando que eu fosse levada com ela — como de fato aconteceu.

— A desgraçada! — ele exclamou, parecendo mais admirado do que qualquer outra coisa. — Não, eu não sabia disso. Santo Deus, Sassenach, você acha que eu teria me casado com a mulher, sabendo que ela fez isso com você?

— Bem, ela só tinha dezesseis anos na época — eu disse, capaz, nas circunstâncias atuais, de ser complacente. — E ela podia não saber que iríamos ser julgadas ou que a corte de bruxaria tentaria nos matar

na fogueira. Ela talvez tenha feito apenas uma travessura, achando que se eu fosse acusada de bruxaria, você perderia o interesse em mim. — A revelação de sua trama parecia finalmente ter distraído a mente de Jamie, o que foi bom.

Sua única reação a isso foi um muxoxo. Ele andou agitadamente de um lado para o outro por algum tempo, os pés produzindo um ruído farfalhante na palha derramada. Ele não havia calçado seus sapatos ou meias, mas o frio não parecia incomodá-lo.

Finalmente, ele parou, deu um profundo suspiro e inclinou-se para frente, apoiando a mão no banco, a cabeça no meu ombro.

— Perdoe — Me — sussurrou.

Passei os braços ao redor de seus ombros e puxei-o para perto, abraçando-o com força, até que ele finalmente suspirou outra vez e a tensão em seus ombros relaxou. Soltei-o e ele se endireitou, dando-me a mão para eu me levantar.

Fechamos a porta do celeiro e caminhamos de volta para casa em silêncio, de mãos dadas.

— Claire — ele disse repentinamente, parecendo um pouco tímido.

— Sim?

— Eu não pretendo me justificar, não é isso, mas eu estava imaginando... você alguma vez... pensa em Frank? Quando nós... — Ele parou e pigarreou.

— A sombra do inglês de vez em quando atravessa meu rosto?

E o que eu poderia dizer a isso? Não podia mentir, certamente, mas como poderia dizer a verdade de uma maneira que ele compreendesse, de uma maneira que não o ferisse?

Respirei fundo e soltei o ar lentamente, observando a névoa da respiração desfazer-se lentamente.

— Eu não quero fazer amor com um fantasma — eu disse finalmente, com firmeza. — E também não acho que você queira. Mas imagino que de vez em quando um fantasma possa ter outras ideias.

Ele fez um pequeno ruído que parecia uma risada.

— Sim — ele disse. — Imagino que possam. Será que Laoghaire gosta mais da cama do inglês do que da minha?

— Que faça bom proveito, se gostar — eu disse. — Mas se você gostar da minha, sugiro que voltemos para ela. Está terrivelmente frio aqui fora.

BALEIA MORTA

No final de março, as trilhas que desciam a montanha já estavam transitáveis. Não tivemos mais nenhuma notícia de Milford Lyon e, após algum debate sobre a questão, ficou decidido que Jamie e eu, com Brianna, Roger e Marsali, viajaríamos a Wilmington, enquanto Fergus levaria os relatórios do levantamento topográfico a New Bern para serem formalmente arquivados e registrados.

As meninas e eu iríamos comprar suprimentos que se acabaram durante o inverno, como sal, açúcar, café, chá e ópio, enquanto Roger e Jamie iriam fazer investigações discretas sobre Milford Lyon — e Stephen Bonnet. Fergus iria se juntar a nós assim que terminasse de cuidar dos registros das terras, fazendo suas próprias indagações ao longo da costa conforme surgisse a oportunidade.

Depois disso, provavelmente, Jamie e Roger, tendo localizado o sr. Bonnet, iriam ao seu local de trabalho e se revezariam ou matando-o com um tiro ou atravessando-o com uma espada, antes de voltarem para as montanhas, felicitando-se por um trabalho bem feito. Ou assim eu entendi o plano.

— Os melhores planos de ratos e homens quase sempre dão errado citei para Jamie, no meio de uma discussão sobre o assunto. Ele ergueu uma das sobancelhas, lançando-me um olhar penetrante.

— Que tipo de planos os ratos têm?

— Bem, agora você me pegou — admiti. — Mas o princípio vale. Você não tem a menor ideia do que pode acontecer.

— Isso é verdade — ele concordou. — Mas o que quer que de fato aconteça, estarei preparado. — Deu umas pancadinhas na adaga que estava no canto de sua escrivaninha e voltou às suas listas de suprimentos agrícolas.

O tempo esquentava perceptivelmente conforme descíamos as montanhas e, quando nos aproximamos do litoral, legiões de gaivotas e corvos rodopiavam e se aglomeravam nos campos recém-lavrados, gritando entusiasticamente sob o brilhante sol de primavera.

As folhas mal começavam a despontar nas árvores das montanhas, mas em Wilmington os jardins já estavam floridos e galhos compridos de aquilégias amarelas e delfíneos azuis balançavam-se por cima de cerquinhas bem arrumadas na Beaufort Street. Encontramos

hospedagem numa estalagem pequena e limpa, um pouco afastada do cais. Era relativamente barata e razoavelmente confortável, ainda que um pouco apertada e escura.

— Por que não têm mais janelas? — Brianna resmungou, massageando o dedo do pé dolorido depois de tropeçar em Germain no patamar escuro. Alguém vai acabar incendiando este lugar, tendo que acender velas para ver onde pisa. Vidro não pode ser tão caro assim.

— Imposto sobre janelas — Roger informou-a, pegando Germain no colo e pendurando-o de cabeça para baixo por cima do parapeito, para intensa satisfação de Germain.

— O quê? A coroa cobra imposto sobre janelas?

— Cobra. Seria de imaginar que as pessoas se importassem mais com isso do que com selos ou chá, mas aparentemente já estão acostumados com o imposto sobre janelas.

— Não é de admirar que estejam prestes a fazer uma revolu... Oh, bom dia, sra. Burns! O café da manhã está com um cheiro delicioso.

As meninas, as crianças e eu passamos vários dias em cuidadosas compras, enquanto Roger e Jamie misturavam negócios com prazer em diversas tavernas e estalagens. A maior parte de suas tarefas estava cumprida e Jamie conseguiu uma renda complementar, pequena, mas bastante útil, jogando cartas e apostando em cavalos, mas tudo o que conseguiram ouvir sobre Stephen Bonnet foi que não era visto em Wilmington há alguns meses. Fiquei particularmente aliviada ao saber disso.

Choveu mais para o final da semana, o suficiente para manter todos dentro da hospedaria por dois dias. Foi mais do que uma simples chuva; foi uma verdadeira tempestade, com ventos fortes o suficiente para envergar pequenas palmeiras e cobrir as ruas enlameadas de galhos caídos e folhas arrancadas. Marsali ficou acordada até tarde da noite, ouvindo o vento, alternando entre rezar o rosário e jogar cartas com Jamie para se distrair.

— Fergus disse mesmo que ele viria de New Bern num navio grande? O Octopus Parece de bom tamanho, não, papai?

— Oh, sim. Embora eu ache que os pacotes também são muito seguros. Não, não jogue essa fora, menina, descarte o três de espadas em vez disso.

— Como sabe que eu tenho o três de espadas? — ela perguntou, franzindo a testa para ele, desconfiada. — E não é verdade sobre os pacotes. Sabe disso tão bem quanto eu; vimos os destroços do naufrágio de um deles no final da Elm Street, anteontem.

— Sei que você tem o três de espadas porque eu não tenho — Jamie disse a ela, alojando sua mão de cartas perfeitamente contra o peito — e todas as outras espadas já apareceram na mesa. Além do mais,

Fergus deve vir por terra de New Bern; ele pode não estar em nenhum barco.

Uma rajada de vento sacudiu a casa, fazendo as persianas chacoalhar.

— Outra razão para não ter janelas — Roger observou, olhando por cima do ombro de Marsali para sua mão de cartas. — Não, ele tem razão, descarte o três de espadas.

— Tome, você faz isso. Tenho que ir ver Joanie. — Levantou-se abruptamente e, enfiando as cartas na mão de Roger, saiu farfalhando as saias para o pequeno quarto ao lado que ela dividia com os filhos. Eu não ouvira Joanie chorar.

Ouviu-se um baque surdo e um ruído arrastado acima de nossas cabeças, quando um galho de árvore arrancado deslizou pelo telhado. Todos olharam para cima. Abaixo do lamento agudo do vento, podíamos ouvir o ronco grave das ondas, fervilhando pelos baixios submersos, arrebatando na praia.

— “Os que descem ao mar em navios” — Roger citou suavemente, — “os que fazem comércio nas grandes águas, esses veem as obras do Senhor, e as suas maravilhas no abismo. Pois ele manda, e faz levantar o vento tempestuoso, que eleva as ondas do mar.”

— Ah, você está ajudando muito — Brianna disse, mal-humorada. Já irritada, seu temperamento não melhorara com o isolamento forçado. Jemmy, aterrorizado com toda aquela confusão, grudara nela como um emplastro durante a maior parte dos dois dias; ambos estavam com calor, suados e extremamente irritados.

Roger não pareceu abalado com seu destemperado. Sorriu e, inclinando-se, tirou Jemmy do colo dela, com certa dificuldade. Ele colocou o garotinho no chão, segurando-o pelas mãos.

— “Eles sobem aos céus, descem ao abismo” — ele disse teatralmente, puxando Jemmy pelas mãos, de modo que ele cambaleou, sem equilíbrio. “Balançam e cambaleiam como ébrios, e perdem todo o tino.”

Jemmy dava risadinhas e até Brianna começava a sorrir, com relutância.

— “Então clamam ao Senhor na sua tribulação, e ele os livra das suas angústias.” — Em livra, ele balançou Jemmy repentinamente no alto, pegou-o por baixo dos braços e girou-o no ar, fazendo-o dar

gritinhos de prazer.

— “Faz cessar a tormenta, para que se acalmem as ondas. Então eles se alegram com a bonança.” — Ele puxou Jemmy para perto e beijou-o na cabeça. — “E assim os leva ao porto desejado.”

Bri aplaudiu a performance sarcasticamente, mas sorriu mesmo assim. Jamie juntara as cartas, embaralhando-as agilmente e juntando-as num perfeito maço. Parou, olhando para cima. Atraída pelo seu súbito silêncio, virei a cabeça para olhar para ele. Ele olhou para mim e sorriu.

— O vento diminuiu — ele disse. — Está ouvindo? Amanhã, poderemos sair.

De manhã, o tempo já havia clareado e uma brisa fresca vinha do mar, trazendo com ela um cheiro penetrante da praia, uma mistura de lavanda-do-mar, pinheiros e um forte odor de alguma coisa marítima apodrecendo ao sol. O cais ainda exibia uma deprimente ausência de mastros; não havia nenhum navio de grande porte ancorado, nem mesmo um paquete ou um brigue, apesar da água no porto de Wilmington fervilhar com pequenos barcos a vela, balsas, canoas e pirettas, os pequenos botes de quatro remos que esvoaçavam pela água como libélulas, gotas d’água cintilando de seus remos voadores.

Um desses avistou nosso pequeno grupo parado desconsoladamente no cais e partiu veloz em nossa direção, os remadores gritando para saber se precisávamos de transporte. Quando Roger se inclinou para gritar uma recusa educada, a brisa que vinha do porto arrancou seu chapéu, que girou vertiginosamente para as águas marrons e pousou na espuma, girando como uma folha.

A embarcação remou imediatamente na direção do chapéu flutuante e um dos remadores espetou-o com destreza, levantando-o triunfalmente, escorrendo, na ponta de seu remo. No entanto, quando a piretta aproximou-se da lateral do cais, o ar de júbilo do barqueiro transformou-se em um ar de espanto.

— MacKenzie! — ele gritou. — Quero ser atingido por um raio se não for ele!

— Duff! Duff, velho camarada! — Roger abaixou-se e pegou o chapéu, depois estendeu a mão para ajudar seu velho conhecido a subir para o cais. Duff, um escocês pequeno, grisalho, com um nariz realmente longo, uma barbicha rala no queixo e uma germinação de bigode grisalho que o fazia parecer generosamente polvilhado de açúcar, saltou agilmente para o cais e enlaçou Roger num abraço viril, com fervorosos tapas nas costas e exclamações de surpresa, tudo calorosamente correspondido por Roger. O resto de nós permaneceu observando educadamente esse reencontro, enquanto Marsali impedia

Germain de pular do cais para dentro da água.

— Você o conhece? — perguntei a Brianna, que examinava com ar de dúvida o velho amigo de seu marido.

— Eu acho que ele pode ter viajado no mesmo navio de Roger — ela respondeu, segurando Jemmy com mais firmeza, o qual ficara loucamente empolgado ao ver as gaivotas, achando-as muito mais interessantes do que o sr. Duff.

— Ora, olhem só para ele! — Duff exclamou, finalmente recuando um Passo e passando a manga da camisa alegremente embaixo do nariz. — Um casaco como o de um grande fazendeiro e botões combinando. E o chapéu! Santo Deus, rapaz, está tão elegante que mal o reconheço!

Roger riu e abaixou-se para pegar seu chapéu encharcado. Bateu-o contra a coxa para se desfazer de uma fita de alga e entregou-o distraidamente a Bri que ainda olhava para o sr. Duff com desconfiança.

— Minha mulher — Roger apresentou-a e agitou a mão na direção do resto de nós. — E a família dela. Sr. James Fraser, sra. Fraser... e a cunhada de minha mulher, também sra. MacKenzie.

— Seu criado, senhor, senhoras. — Duff fez uma medida para Jamie e levou um dedo ao infame objeto que cobria sua cabeça num breve sinal de respeito. Ele olhou para Brianna e um largo sorriso surgiu em seus lábios.

— Oh, então você se casou com ela. Estou vendo que a tirou daquelas calças. — Cutucou Roger com intimidade nas costelas, abaixando a voz a um sussurro rouco. — Você pagou ao pai dela por ela ou ele pagou a você para ficar com ela? — Emitiu um rangido que tomei como risada.

Jamie e Bri lançaram ao sr. Duff olhares frios idênticos pelos cavaletes de seus narizes longos e retos, mas antes que Roger pudesse responder, o outro remador gritou algo incompreensível do barco embaixo.

Oh, sim, sim, pare de fazer água, homem. — O sr. Duff abanou a mão para que seu parceiro se acalmasse. — Isso é uma brincadeira — explicou-me confidencialmente. — Como nós somos marinheiros, sabe... “Parar de fazer água”, hein? Porque se você “faz água”, você vai para o fundo, certo? Sacudiu-se, emitindo sua risadinha rangida outra vez.

— Muito engraçado — garanti-lhe. — Ele falou alguma coisa sobre uma baleia?

— Oh, certamente! E não foi por isso que vieram para a praia hoje

de manhã?

Todos olharam para ele sem entender.

— Não — Marsali disse, muito ocupada em sua missão para prestar atenção a qualquer outra coisa, inclusive baleias. — Germain, volte aqui! Não, senhor, viemos saber se chegou alguma notícia do Octopus. O senhor não ouviu dizer nada?

Duff sacudiu a cabeça.

— Não, dona. Mas o tempo tem estado traiçoeiro assim ao largo dos Banks durante todo este mês... — Ele viu o rosto de Marsali ficar pálido e apressou-se a acrescentar: — Muitos navios mudam de rota, sabe? Foi para outro porto, talvez, ou está ao largo da costa, esperando o tempo melhorar para entrar no porto. Lembra-se, MacKenzie, nós mesmos fizemos isso, quando viemos no Gloriana.

— Sim, é verdade. — Roger balançou a cabeça, embora seus olhos ficassem cautelosos à menção do Gloriana. Ele olhou rapidamente para Brianna, depois novamente para Duff, e baixou ligeiramente a voz. — Então você se separou da tripulação do capitão Bonnet?

Um pequeno choque elétrico penetrou pela sola dos meus pés, como se o cais estivesse eletrificado. Tanto Jamie quanto Bri também reagiram, embora de maneiras diferentes. Ele imediatamente deu um passo na direção de Duff, ela deu um passo para trás.

— Stephen Bonnet? — Jamie disse, examinando Duff com interesse. Conhece o sujeito, então?

— Sim, eu o conheci, senhor — Duff disse, e se benzeu. Jamie balançou a cabeça devagar, ao vê-lo.

— Sim, compreendo. E você sabe por acaso por onde o sr. Bonnet andaria atualmente?

— Oh, bem, quanto a isso...

Duff olhou para ele especulativamente, examinando os detalhes de suas roupas e de sua aparência, e obviamente imaginando exatamente quanto valeria a resposta a essa pergunta. Mas seu companheiro lá embaixo estava ficando cada vez mais nervoso e gritou com impaciência.

Marsali também estava inquieta.

— Para onde eles podem ter ido, então? Se foram para outro porto? Germain, pare! Você vai cair lá embaixo! — Ela inclinou-se para agarrar seu rebento, que se pendurava na borda do cais, explorando tranquilamente a parte de baixo, e içou-o sobre seu quadril.

— Bonnet? — Jamie ergueu as sobrancelhas, conseguindo parecer ao mesmo tempo encorajador e ameaçador.

— Eles vão ver a baleia ou não? — gritou o homem no barco, impaciente para se lançar em empreendimentos mais lucrativos.

Duff pareceu confuso sobre a quem deveria responder primeiro. Seus olhos pequeninos piscaram, saltando entre Jamie, Marsali e seu sócio cada vez mais barulhento lá embaixo. Dei um passo à frente para quebrar o impasse.

— Que tumulto é esse a respeito de uma baleia?

Obrigado a se concentrar nesta pergunta direta, Duff pareceu aliviado.

— Ora, a baleia morta, dona. Uma grande, que encalhou na ilha. Eu Pensei que vocês todos estivessem indo lá para ver.

Olhei para o outro lado da água e pela primeira vez percebi que o tráfego de barcos não era inteiramente aleatório. Enquanto algumas balsas e canoas grandes dirigiam-se para a boca de Cape Fear, a maioria das embarcações menores trilhava o mesmo percurso de ida e volta, desaparecendo na névoa distante ou retornando dela, carregando pequenos grupos de passageiros.

Guarda-sóis de linho floresciam como cogumelos nos barcos e havia um salpico aqui e ali no cais do que evidentemente eram pessoas da cidade, Paradas ali como nós, olhando com expectativa para a entrada do porto.

— Dois xelins por barco — Duff sugeriu obsequiosamente. — Ida e volta. Roger, Brianna e Marsali pareceram interessados. Jamie pareceu inquieto.

— Nisso aí? — ele perguntou, com um olhar cético a piretta, balançando-se suavemente lá embaixo. O sócio de Duff— um sujeito de raça e língua indeterminadas — pareceu inclinado a se ofender com essa crítica implícita à sua embarcação, mas Duff procurou nos tranquilizar.

— Oh, está absolutamente calmo hoje, senhor, absolutamente calmo. É como estar sentado num banco de taverna. Agradável, hein? Perfeitamente adequado para uma conversa. — Pestanejou, inocentemente afável.

Jamie respirou fundo e eu o vi dar outra olhada a piretta. Jamie detestava barcos. Por outro lado, ele faria coisas muito mais desesperadas do que entrar num barco em sua perseguição a Stephen Bonnet. A única pergunta era se o sr. Duff realmente tinha alguma informação sobre seu paradeiro ou estava apenas persuadindo possíveis passageiros. Jamie engoliu com força e endireitou os ombros, preparando-se para a travessia.

Sem esperar mais, Duff reforçou sua posição virando-se

astuciosamente para Marsali.

— Há um farol na ilha, dona. Pode-se ver muito longe mar adentro lá de cima. Dá para ver se há algum navio ao largo.

Marsali enfiou a mão no bolso imediatamente, tateando com o cordão. Observei Germaín sollicitamente enfiando um marisco morto, por cima do ombro dela, dentro da boca ansiosamente aberta de Jemmy, como um passarinho alimentando os filhotes com uma suculenta minhoca, e habilmente intervi, pegando Jemmy nos meus braços.

— Não, querido — eu disse, jogando o marisco na água. — Você não vai querer essa coisa horrível. Em vez disso, que tal ir ver uma enorme baleia morta?

Jamie suspirou, resignado, e enfiou a mão em seu sporran.

— É melhor você chamar outro barco, então, para que não naufraguemos todos de uma vez.

Estava extremamente agradável na água, com o sol coberto por uma camada de névoa e uma brisa fresca, que me fez tirar o chapéu pelo prazer de sentir o vento nos meus cabelos. Embora não inteiramente parado, o leve subir e descer das ondas era agradavelmente calmante — para aqueles não afligidos por enjoo no mar.

Olhei para as costas de Jamie, mas sua cabeça estava abaixada, os ombros movendo-se num ritmo forte e harmonioso, enquanto ele remava.

Resignado ao inevitável, ele assumira o controle da situação, chamando um outro barco e arrebanhando Bri, Marsali e os garotos a bordo. Em seguida, desabotoou seu broche e anunciou que ele e Roger remariam a piretta restante, de modo que Duff pudesse ficar à vontade e assim aumentar suas chances de recolher informações interessantes relativas a Stephen Bonnet.

— Menos probabilidade de eu vomitar se estiver ocupado com alguma coisa — murmurou para mim, despiando o casaco e o xale.

Roger deu uma pequena arfada de humor, mas assentiu afavelmente e tirou seu próprio casaco e camisa. Com Duff e Peter instalados em uma das pontas da embarcação em estado de completa hilaridade sobre a reviravolta de serem pagos para serem transportados em seu próprio barco, fui mandada para a outra ponta do barco, de frente para eles.

— Só para ficar de olho nas coisas, Sassenach. — Por baixo das roupas emboladas, Jamie colocou minha mão ao redor da coronha de sua pistola e apertou-a de leve. Ajudou-me a descer para dentro do

barco, depois ele mesmo desceu cuidadosamente, ficando apenas ligeiramente pálido quando a embarcação oscilou e se mexeu sob seu peso.

Era de fato um dia calmo, felizmente. Uma névoa rarefeita pairava acima da água, obscurecendo a forma indistinta da ilha de Smith ao longe. Gaivotas pequenas, brancas, com as pontas das asas pretas, e andorinhas voavam em círculo no alto, e uma gaivota comum, grande e pesada, parecia pendurar-se imóvel no ar próximo, deixando-se levar no vento, conforme nós remávamos devagar para a entrada do porto.

Sentado bem à minha frente, Roger remava com facilidade, os ombros largos e nus flexionando-se ritmicamente, obviamente acostumado ao exercício. Jamie, no banco em frente a Roger, manejava os remos com bastante graciosidade, porém com um pouco menos de segurança. Ele não era nenhum marinheiro e jamais seria. Ainda assim, a distração de remar realmente parecia estar mantendo seu pensamento longe do estômago. Por enquanto.

— Oh, eu podia me acostumar com isso, o que você diz, hein, Peter? Duff levantou um nariz comprido na brisa, semicerrando os olhos enquanto desfrutava a novidade de ser levado enquanto outros remavam.

Peter, que parecia uma mistura exótica de índio e africano, grunhiu em resposta, mas se reclinou confortavelmente no banco ao lado de Duff, igualmente satisfeito. Ele usava apenas calças de tecido rústico, manchadas, amarradas na cintura com um pedaço de corda alcatroada e estava tão queimado de sol que parecia um negro, salvo pelo feixe de longos cabelos negros que caía sobre um dos ombros, decorado com pedaços de conchas e minúsculas estrelas-do— Mar secas.

— Stephen Bonnet? — Jamie perguntou amavelmente, puxando os remos com força.

— Oh, ele. — Duff fez uma expressão de quem teria preferido adiar esse assunto indefinidamente, mas um olhar para o rosto de Jamie resignou-o ao inevitável.

— O que deseja saber, então? — O homenzinho arqueou os ombros cauteloso.

— Para começar, onde ele está — Jamie disse, grunhindo um pouco com a força que fazia nos remos.

— Não faço a menor ideia — Duff respondeu prontamente, parecendo mais feliz.

— Bem, onde você viu o patife pela última vez? — Jamie perguntou pacientemente.

Duff e Peter entreolharam-se.

— Bem... — Duff começou cautelosamente — com “ver”, você quer dizer quando foi a última vez que bati os olhos no capitão?

— O que mais ele iria querer dizer, idiota? — Roger disse, grunhindo com uma remada para trás.

Peter balançou a cabeça pensativamente, obviamente concedendo um ponto para nós, e cutucou Duff nas costelas.

— Ele estava em uma taverna em Roanoke, comendo torta de peixe — Duff disse, rendendo-se. — Assada com ostras e farinha de rosca em cima, e um canecão de cerveja preta para ajudar a engolir. Pudim de melado também.

— Você tem um agudo senso de observação, sr. Duff — Jamie disse. Como anda o seu senso de tempo, hein?

— Hã? Oh, sim, compreendi, senhor. Quando foi isso... dois meses atrás, mais ou menos.

— E se você estava suficientemente perto para ver o que o sujeito estava comendo — Jamie observou com a voz mansa, — então imagino que estava à mesa com ele, certo? De que ele falou?

Duff pareceu ligeiramente embaraçado. Olhou para mim, depois para uma das gaivotas voando em círculos.

— Sim, bem. Do formato do traseiro da garçonete, na maior parte do tempo.

— Não creio que esse seja um tema de conversa que possa ocupar o curso de uma refeição, ainda que a garota fosse particularmente bem-dotada

— Roger interpôs.

— Ah, você ficaria surpreso do quanto se tem para falar do traseiro de uma mulher, rapaz — Duff assegurou-lhe. — Esse era redondo como uma maçã e pesado como um pudim de frutas. Estava frio de doer no local e a ideia de ter aquela gorda e quente tortinha em suas mãos... sem querer ofendê-la, madame, certamente — acrescentou apressadamente, tocando a ponta do chapéu em minha direção.

— Não me ofendi — tranquilizei-o cordialmente.

— Sabe nadar, sr. Duff? — Jamie perguntou, o tom de voz ainda de mansa curiosidade.

— O quê? — Duff piscou, desconcertado. — Eu... ah... bem...

— Não, ele não sabe — Roger disse alegremente. — Ele me contou. Duff lançou lhe um olhar indignado de traição por cima da cabeça de Jamie.

— Bem, isso é que é lealdade! — ele disse, escandalizado. — Grande companheiro de navio você é! Me entregando dessa maneira...

devia se envergonhar!

Jamie levantou os remos, gotejantes, para fora da água, e Roger imitou-o. Devíamos estar talvez a uns quatrocentos metros da praia e a água sob nosso casco era de um verde suave e profundo, anunciando várias braças de profundidade até o fundo. O barco oscilou suavemente, erguendo-se no seio de uma grande vaga, longa e vagarosa.

— Bonnet — Jamie disse, ainda educadamente, mas com um tom incisivo inconfundível. Peter cruzou os braços e fechou os olhos, deixando claro que o assunto nada tinha a ver com ele. Duff suspirou e olhou para Jamie com os olhos apertados.

Sim, bem. É verdade, não faço a menor ideia de onde o sujeito está. Quando o vi em Roanoke, ele tomava providências para trazer determinadas... mercadorias. Se essa informação lhe for útil — acrescentou, de forma um pouco descortês.

— Que mercadorias? Trazer para onde? E indo para onde? — Jamie apoiava-se em seus remos parados, aparentemente descontraído. Entretanto, eu podia ver uma certa tensão nas linhas de seu corpo e ocorreu-me que, embora sua atenção pudesse estar fixa no rosto de Duff, ele também estava, por necessidade, observando o horizonte atrás de Duff— que subia e descia hipnoticamente conforme as ondas erguiam a piretta e a deixavam cair. Repetidamente...

— Arcas de chá foi o que eu trouxe para ele — Duff respondeu cautelosamente. — O resto, eu não sei.

— O resto?

— Santo Deus, homem, todo barco nestas águas traz para a costa alguma muamba! Certamente vocês sabem disso, não?

Os olhos de Peter abriram-se em duas pequenas fendas; eu os vi pousarem no rosto de Jamie com uma certa expressão de interesse. O vento mudara um pouco de direção e o cheiro de baleia morta decisivamente estava mais forte. Jamie respirou fundo, devagar, e soltou o ar outra vez, um pouco mais rápido.

— Então você trouxe chá. De onde? Um navio?

— Sim. — Duff observava Jamie também, com crescente fascínio. Remexime nervosamente no banco estreito. Eu não sabia dizer pela sua nuca, mas achei mais do que provável que ele estivesse ficando verde.

— O Sparrow — Duff continuou, os olhos fixos em Jamie. — Ele ancorou ao largo dos Banks e os barcos foram até lá. Carregamos o barco e entramos novamente pela Joad's Inlet. Atracamos em Wylie's Landing e passamos a mercadoria para um sujeito lá.

— Que... sujeito? — O vento estava frio, mas eu podia ver o suor escorrendo pela nuca de Jamie, molhando o colarinho de sua camisa e o linho entre seus ombros.

Duff não respondeu imediatamente. Um olhar especulativo lampejou em seus olhos miúdos e fundos.

— Não fique pensando, Duff— Roger disse, serenamente, mas com grande firmeza. — Posso atingi-lo daqui de onde estou com o remo, hein?

— É mesmo? — Duff olhou pensativamente de Jamie para Roger e depois para mim. — Sim, acho que pode. Mas considerando, a bem da argumentação, que você saiba nadar, MacKenzie, e mesmo que o sr. Fraser possa se manter à tona... não creio que isso seja verdade para a senhora, não é? Saias e anáguas... — Ele sacudiu a cabeça, contraindo os lábios finos em especulação, enquanto olhava para mim. — Iria para o fundo como uma pedra.

Peter moveu-se quase imperceptivelmente, puxando os pés para baixo do corpo.

— Claire? — Jamie disse. Vi seus dedos se fecharem com força ao redor dos remos e ouvi o tom de tensão em sua voz. Suspirei e retirei a pistola de baixo do casaco no meu colo.

— Certo — eu disse. — Em qual deles devo atirar?

Os olhos de Peter arregalaram-se instantaneamente, tão arregalados que eu vi o branco de seus olhos aparecer em toda a volta das pupilas negras. Ele olhou para a pistola, depois para Duff, depois diretamente para Jamie.

— Demos o chá para um homem chamado Butlah — ele disse. Trabalha para o sr. Lyon. — Apontou para mim, depois para Duff. — Atire nele — sugeriu.

O gelo assim quebrado, foi preciso bem pouco tempo para nossos dois passageiros confessarem o resto do que sabiam, parando apenas momentaneamente para Jamie vomitar por cima da borda do barco entre uma pergunta e outra.

Era contrabando, como Duff havia sugerido, tão comum na região a ponto de se tornar uma prática comum de negócios; a maioria dos comerciantes — e todos os pequenos barqueiros — em Wilmington estavam envolvidos, assim como muitos outros na costa das Carolinas, a fim de evitar os escorchantes impostos sobre mercadorias oficialmente importadas. Stephen Bonnet, entretanto, não era apenas um dos mais bem-sucedidos contrabandistas, mas também uma espécie de especialista.

— Parece que traz mercadorias sob encomenda — Duff disse,

entortando o pescoço para conseguir coçar melhor entre as omoplatas. — E no que se pode chamar de grandes quantidades.

— Qual quantidade? — Os cotovelos de Jamie apoiavam-se sobre seus joelhos, a cabeça afundada nas mãos. Parecia estar ajudando; sua voz soava firme.

Duff franziu os lábios e estreitou os olhos, calculando.

— Éramos seis na taverna em Roanoke. Seis com barcos pequenos, quero dizer, que podiam trafegar pelas enseadas. Se cada um de nós fosse buscar o máximo que poderíamos trazer... digamos, cinquenta arcas de chá ao todo, então...

— E ele traz uma carga dessa com que frequência, a cada dois meses? Roger relaxara um pouco, apoiando-se em seus remos. Eu não, e lancei um olhar duro a Duff por cima da pistola, para deixar isso bem claro.

— Oh, com maior frequência do que isso — Duff respondeu, examinando-me com cautela. — Não sei dizer exatamente, mas a gente ouve falar, não é? Pelo que os outros barqueiros dizem, acho que ele tem uma carga chegando a cada duas semanas na estação, em algum lugar da costa entre Virgínia e Charleston. — Roger deu um breve resmungo de surpresa diante disso e Jamie ergueu os olhos rapidamente das mãos.

— E quanto à Marinha? — ele perguntou. — A quem ele está pagando? Essa era uma boa pergunta. Enquanto barcos pequenos podiam escapar aos olhos da Marinha, a operação de Bonnet evidentemente envolvia grandes quantidades de contrabando, entrando em grandes navios. Seria difícil esconder algo nessa escala — e a resposta óbvia era que ele não estava se dando ao trabalho de esconder.

Duff sacudiu a cabeça e deu de ombros.

— Não sei dizer, rapaz.

— Mas você não trabalha para Bonnet desde fevereiro? — perguntei. Por que não?

Duff e Peter trocaram um olhar.

— Você só come escorpião do mar se estiver faminto — Peter me disse. Não vai comer se tiver coisa melhor.

— O quê?

— O homem é perigoso, Sassenach — Jamie traduziu secamente. — Eles não gostam de lidar com ele, só se for necessário.

— Bem, veja, Bonnet — Duff disse, animando-se com o assunto. — Não é ruim lidar com ele, desde que seus interesses sejam os mesmos.

Só que, se de repente não forem os mesmos...

Peter passou solenemente o dedo pelo pescoço musculoso, balançando a cabeça em confirmação.

— E ele nem sequer avisa — Duff acrescentou, balançando a cabeça também. — Num minuto, são charutos e uísque, no seguinte, você está caído na serragem, respirando sangue, e ainda feliz de estar respirando.

— Maus bofes, hein? — Jamie passou a mão pelo rosto, depois limpou a palma da mão suada na camisa. — O linho grudava-se, úmido, em seus ombros, mas eu sabia que ele não iria tirá-la.

Duff, Peter e Roger, todos os três sacudiram a cabeça ao mesmo tempo diante da pergunta.

— Frio como gelo — Roger disse e eu percebi uma leve tensão em sua voz.

— Mata qualquer um sem piscar o olho — Duff assegurou a Jamie.

— Retalha-o como uma maldita baleia — Peter acrescentou prestativamente, com um gesto com a mão na direção da ilha. A corrente nos carregara para perto da terra e eu podia tanto ver a baleia quanto sentir o seu cheiro. Aves marinhas giravam e gritavam numa grande nuvem sobre a carcaça, em voos rasantes para arrancar bocados da carne, e uma pequena multidão de pessoas aglomerava-se ali perto, as mãos no nariz, obviamente segurando lenços e sachês.

Nesse exato momento, o vento mudou de direção e uma rajada fétida de decomposição nos atingiu como uma onda. Tapei o nariz com a camisa de Roger e até Peter pareceu empalidecer.

— Santa Mãe de Deus, tenha piedade de nós — Jamie disse, num sussurro.

— Eu... oh, Santo Deus! — Inclinou-se sobre a borda e vomitou várias vezes.

Cutuquei Roger na nádega com a ponta do sapato.

— Reme — sugeri.

Roger obedeceu alegremente, com todo empenho, e em poucos minutos a quilha dapiretta tocou a areia. Duff e Peter saltaram para puxar a embarcação até a praia, depois educadamente me ajudaram a sair do barco, evidentemente eu não segurava mais a pistola.

Jamie pagou-os, depois cambaleou por uma pequena distância pela praia e sentou-se repentinamente na areia, sob um pinheiro selvagem. Ele estava quase do mesmo tom da baleia morta, um cinza pálido com manchas brancas.

— Quer que esperemos pelo senhor para levá-los de volta? — Duff,

a bolsa agora saudavelmente gorda, pairava prestativamente acima de Jamie.

— Não — Jamie disse. — Leve-os. — Ele acenou fracamente para mim e Roger, depois fechou os olhos e engoliu com força. Quanto a mim, eu acho... acho que vou... nadar de volta.

MONSTROS E HERÓIS

Os meninos estavam loucos para ver a baleia e puxavam as mães relutantes como pipas. Eu os acompanhei, mantendo uma distância um pouco mais discreta da imensa carcaça, deixando Jamie na praia para se recuperar. Roger levou Duff para um lado para uma breve conversa, enquanto Peter entregava-se a uma sonolência no fundo do barco.

A carcaça dera na praia recentemente, embora a baleia já devesse estar morta há algum tempo; um estado tão impressionante de decomposição devia ter levado dias para se desenvolver. Apesar do mau cheiro, vários curiosos mais intrépidos estavam de pé em cima da carcaça, acenando alegremente para seus companheiros na praia, e um cavaleiro armado com uma machadinha empenhava-se em arrancar pedaços de carne da lateral do animal, jogando-os dentro de dois grandes baldes. Eu o reconheci como o proprietário de uma taverna que servia refeições em Hawthorn Street e fiz uma anotação mental de riscar esse estabelecimento de nossa lista de possíveis lugares onde comer.

Incontáveis crustáceos pequenos, não tão exigentes em seus hábitos, apinhavam-se alegremente sobre a carcaça, e eu vi várias pessoas, também armadas com baldes, pegando os lagostins e caranguejos maiores como quem colhe frutas maduras. Dez milhões de moscas da praia haviam se unido ao circo também e eu me retirei para uma distância segura, esfregando meus tornozelos.

Olhei de novo para a praia, vendo que Jamie já se levantara e se juntara à conversa — Duff parecia cada vez mais inquieto, olhando de um lado para o outro, da baleia para seu barco. Certamente estava ansioso para voltar aos negócios, antes de que a atração desaparecesse por completo.

Por fim ele conseguiu escapar e saiu apressado na direção da piretta, Parecendo assustado. Jamie e Roger vieram até onde eu estava, mas os garotos obviamente ainda não estavam prontos para abandonar a baleia. Brianna, de maneira magnânima, se ofereceu para tomar conta dos dois, para que Marsali Pudesse subir até o farol próximo, para ver se havia algum sinal do Octopus.

— O que andaram dizendo ao pobre sr. Duff? — perguntei a Jamie.
— Ele parecia um tanto preocupado.

— É mesmo? Não tem com que se preocupar — ele disse, olhando para a água, onde apiretta de Duff afastava-se rapidamente para o cais. — Só lhe dei um pequeno encargo.

— Ele sabe onde Lyon está — Roger interpôs. Parecia perturbado, mas empolgado.

— E o sr. Lyon sabe onde Bonnet está, ou se não exatamente onde, ao menos como mandar um recado para ele. Vamos subir mais um pouco, hein? — Jamie ainda estava pálido; indicou as escadas para a torre com o queixo, limpando o suor do pescoço.

O ar estava realmente mais fresco no alto da torre, mas eu não estava muito interessada na vista do oceano.

— E então...? — eu disse, sem ter certeza de que queria ouvir a resposta.

— Assim, incumbi Duff de levar um recado ao sr. Lyon. Tudo dando certo, nos encontraremos com o sr. Bonnet em Wylie's Landing daqui a uma semana.

Engoli em seco, sentindo uma onda de tontura que nada tinha a ver com a altura. Fechei os olhos, agarrando o corrimão de madeira que cercava a minúscula plataforma onde estávamos. O vento soprava forte e as tábuas da torre estalavam e gemiam, parecendo assustadoramente frágeis.

Ouvi Jamie mover-se na direção de Roger.

— Ele é apenas um homem, sabe? — ele disse serenamente. — Não é um monstro.

Seria mesmo? Era um monstro, eu pensei, que assombrava Brianna — e talvez seu pai. Matá-lo o reduziria às suas proporções normais, o tornaria um homem outra vez?

— Eu sei. — A voz de Roger era firme, mas sem convicção.

Abri os olhos, para ver o oceano estendendo-se à minha frente num banco de neblina flutuante. Era vasto e lindo — e vazio. Podia-se muito bem cair do fim do mundo, pensei.

— Você navegou com nosso Stephen, não foi? Por quanto tempo, dois, três meses?

— Quase três — Roger respondeu.

Nosso Stephen? O que Jamie queria dizer com esse tratamento familiar?

Jamie balançou a cabeça, sem virá-la. Olhou para longe, para o marulho das ondas, a brisa agitando os fios soltos de cabelos, fazendo-os dançar como labaredas à luz do dia.

— Então conhece bem o sujeito.

Roger apoiou todo o seu peso sobre o corrimão. Era sólido, mas molhado e pegajoso com os borrifos de espuma das ondas que se arrebetavam nas pedras embaixo.

— Bastante bem — respondeu. — Sim. Bastante bem para o quê? Jamie virou-se para olhá-lo no rosto. Seus olhos estavam estreitados contra o vento, mas cortantes e brilhantes como lâminas.

— Bastante bem para saber que ele é um homem... nada mais.

— O que mais ele seria? — Roger sentiu a aresta afiada em sua própria voz. Jamie virou-se novamente para o mar, encobrindo os olhos com a mão enquanto olhava o sol poente.

— Um monstro — disse suavemente. — Algo menor do que um homem... ou maior.

Roger abriu a boca para responder, mas descobriu que não podia, pois era um monstro que sombreava seu próprio coração de medo.

— Como os marujos o viam? — A voz de Claire veio do outro lado de Jamie; ela inclinou-se sobre o corrimão para olhar para ele e o vento agitou seus cabelos, sacudindo-os numa nuvem esvoaçante, tempestuosa como o céu distante.

— No Gloriana? — Roger respirou fundo, um sopro de baleia morta misturando-se ao cheiro fecundo do pântano salgado atrás de nós. — Eles... o respeitavam. Alguns o temiam. — Como eu, pensou. — Tinha a reputação de ser um capitão severo, mas bom. Competente. Os homens gostavam de trabalhar a bordo com ele, porque ele sempre chegava a salvo no porto, suas viagens eram sempre lucrativas.

— Ele era cruel? — Claire perguntou. Uma ligeira ruga entre as sobrancelhas.

— Todos os capitães são cruéis às vezes, Sassenach — Jamie disse, com um leve tom de impaciência. — Têm que ser.

Ela ergueu os olhos para ele e Roger viu a expressão do rosto de Claire mudar, a lembrança enternecendo seus olhos, um pensamento melancólico curvando o canto de sua boca. Ela colocou a mão no braço de Jamie e ele viu os nós dos seus dedos embranquecerem quando ela os apertou.

— Você nunca fez nada diferente do que o necessário — ela disse, tão serenamente que Roger mal pôde ouvi-la. Não importava; as palavras obviamente não se destinavam a ele. Ela então ergueu a voz um pouco. — Há uma diferença entre crueldade e necessidade.

— Sim — Jamie disse, à meia-voz. E uma linha muito fina, talvez, entre um monstro e um herói.

A BATALHA DE WYLIE'S LANDING

O Sound estava calmo e liso, a superfície apenas ligeiramente agitada por minúsculas marolas provocadas pelo vento. Ainda bem, Roger pensou, olhando para seu sogro. Jamie estava finalmente com os olhos abertos e fixos na praia com uma espécie de desesperada intensidade, como se a visão de terra firme, ainda que fora de alcance, pudesse mesmo assim lhe dar algum conforto. Gotículas de suor brilhavam em seu lábio superior e seu rosto tinha a mesma cor nacarada do céu da alvorada, mas ele ainda não vomitara.

Roger não tinha enjoo, mas parecia tão enjoado quanto Jamie. Nenhum dos dois comera nada no café da manhã, mas ele sentia como se tivesse engolido uma grande quantidade de mingau generosamente salpicado de pregos.

— Chegamos. — Duff endireitou-se com seus remos, apontando a cabeça para o ancoradouro à frente. Estava fresco na água — quase frio a esta hora, — mas o ar estava carregado de umidade e o suor escorria de seu rosto com o esforço. Peter permanecia sentado em silêncio em seus próprios remos, o rosto escuro com uma expressão que indicava que ele preferia não ter nada a ver com a transação e quanto antes a carga fosse desembarcada, melhor.

Wylie's Landing parecia uma miragem, flutuando numa camada de névoa acima da água, em meio a juncos e gramíneas de água salgada. Pântanos, aglomerados de vegetação costeira mirrada e amplas extensões de água cercavam o lugar, sob um arco opressivo de céu cinza-pálido. Em comparação com lugares mais fechados e verdes das montanhas, parecia desconfortavelmente exposto. Ao mesmo tempo, era completamente isolado, parecendo a quilômetros de qualquer outro sinal de habitação humana.

Isso em parte era uma ilusão; Roger sabia que a casa da fazenda não ficava há mais do que um quilômetro e pouco do ancoradouro, mas ficava escondida por uma densa vegetação raquítica que brotava do terreno pantanoso como uma Sherwood disforme e nanica, tomada por trepadeiras e mato.

O ancoradouro propriamente dito consistia em um pequeno cais de madeira sobre pilastras e uma série de casebres caindo aos pedaços, surrados pelo tempo até adquirirem um tom cinza-prateado que parecia se fundir e desaparecer no céu baixo. Um pequeno barco

estava na areia, emborcado. Uma cerca de mourões, em zigue-zague, fechava um pequeno curral atrás das cabanas; Wylie devia enviar animais domésticos por navio de vez em quando.

Jamie tocou a caixa de cartuchos pendurada em sua cintura, para se tranquilizar ou talvez apenas para se assegurar de que ainda estava seca. Ele voltou os olhos para o céu, avaliando, e Roger compreendeu com uma repentina sensação de náusea que, se chovesse, não poderiam confiar nas armas. A pólvora embolava na umidade; um pouco mais úmida e não disparava de maneira alguma. E a última coisa que ele iria querer era defrontar-se com Stephen Bonnet com uma arma inútil.

Ele é apenas um homem, nada mais — repetiu silenciosamente para si mesmo. Se deixasse Bonnet assumir proporções sobrenaturais em sua mente, estaria acabado. Buscou uma imagem que lhe renovasse a confiança e apegou-se a uma lembrança de Stephen Bonnet, sentado na proa do Gloriana, as calças amontoadas ao redor dos pés descalços, o rosto espetado com a barba loura, descontraído à luz da manhã, os olhos semicerrados no prazer de defecar tranquilamente.

Droga, pensou. Pense em Bonnet como um monstro e se torna impossível; pense nele como um homem, e era pior. No entanto, tinha que ser feito.

As palmas de suas mãos estavam suadas; esfregou-as nas calças, sem sequer se importar em tentar disfarçar. Trazia uma adaga no cinto, juntamente com um par de pistolas; a espada estava no chão do barco, sólida em sua bainha. Pensou na carta de John Grey e nos olhos do capitão Marsden, e sentiu algo amargo e metálico no fundo da garganta.

Sob ordens de Jamie, a piretta aproximou-se lentamente do ancoradouro, todos a bordo alertas a qualquer sinal de vida.

— Ninguém mora aqui? — Jamie perguntou, a voz baixa, inclinando-se sobre o ombro de Duff para examinar as cabanas. — Nenhum escravo?

— Não — Duff disse, grunhindo com o esforço de remar. — Atualmente, Wylie quase não usava o ancoradouro, porque construiu uma estrada nova de sua casa para o interior, que se juntava à estrada principal em direção a Edenton.

Jamie lançou um olhar cínico a Duff

— E se Wylie não o usa, outras pessoas o fazem, não é?

Roger podia ver que o ancoradouro estava bem situado para um contrabando ocasional; fora de vista do lado da terra, mas podendo

ser facilmente acessado por quem viesse pelo canal. O que ele inicialmente presumira ser uma ilha à sua direita era na verdade um labirinto de bancos de areia separando o canal que levava a Wylie's Landing vindo do estreito principal. Ele podia ver pelo menos quatro canais menores que levavam aos bancos de areia, dois deles suficientemente largos para acomodar um brigue de bom tamanho.

Duff deu uma risadinha baixa.

— Há uma pequena estrada de conchas que leva até a casa — ele disse. Se alguém vier por ali, você fica sabendo.

Peter remexeu-se, inquieto, apontando a cabeça na direção dos bancos de areia.

— Maré — ele murmurou.

— Oh, sim. Não vai ter que esperar muito ou vai, dependendo — Duff riu, evidentemente achando graça no que dissera.

— Por quê — Jamie disse rispidamente, sem achar graça nenhuma. Estava com um ar melhor, agora que estava prestes a pisar em terra firme, mas obviamente ainda não estava com disposição para pilhérias.

— A maré está subindo — Duff parou de remar e apoiou-se sobre os remos o tempo suficiente para retirar seu gorro e enxugar a testa calva. Abanou o gorro na direção dos bancos de areia, onde um bando de pequenas aves marinhas corria erratically em todas as direções.

— Quando a maré está baixa, o canal fica raso demais para entrar com um brigue Em duas horas — estreitou os olhos para o clarão a leste que assinalava o nascer do sol e balançou a cabeça para si mesmo — ou um pouco mais, eles já podem entrar. Se estiverem esperando lá fora agora, entrarão imediatamente, para terminar logo o trabalho e partir outra vez antes que a maré mude outra vez. Mas se ainda não vieram, talvez tenham que esperar a maré da tarde. É perigoso arriscar-se pelos canais à noite, mas Bonnet não é homem de se deixar assustar com um pouco de escuridão. Ainda assim, se ele não estiver com pressa, ele pode muito bem esperar até a manhã seguinte. Sim, talvez vocês tenham que esperar um pouco.

Roger percebeu que ele andara prendendo a respiração. Soltou-a e inspirou devagar e profundamente, sentindo o cheiro do sal e dos pinheiros, com um leve odor de mariscos mortos. Então seria logo — ou talvez não até o cair da noite, ou não até o amanhecer do dia seguinte. Ele esperava que fosse logo — e ao mesmo tempo esperava que não fosse.

A piretta deslizou ao longo do ancoradouro e Duff lançou um dos remos contra uma das pilastras incrustadas de craca, balançando o

pequeno barco agilmente até encostar. Jamie içou-se para cima da doca com evidente alívio, ansioso para pisar em terra firme. Roger entregou-lhe as espadas e a pequena trouxa que continha seus cantis e pólvora sobressalente, depois subiu também. Ajoelhou-se na doca, todos os seus sentidos alertas para o mais leve som de movimento humano, mas não ouviu nada além do cantarolar fluido de melros-pretos no pântano e os gritos das gaivotas no Sound.

Jamie remexeu em sua bolsa e retirou dali um saquinho, que jogou para Duff, embaixo, com um sinal com a cabeça. Não havia mais nada a ser dito; era uma parcela do pagamento. O resto seria pago quando Duff viesse buscá-los, dentro de dois dias.

Jamie esperara até o último instante para fazer todos os preparativos, assegurando-se de que Bonnet ao menos estivesse inacessível até depois do encontro — a emboscada — ter ocorrido. Se fosse bem-sucedida, Jamie pagaria o resto do dinheiro combinado; se não... Claire pagaria.

Teve uma visão do rosto de Claire, pálido e abatido, balançando a cabeça em concordância, os lábios contraídos, enquanto Jamie explicava os planos a Duff. Seus olhos haviam saltado para Duff, então, com aquela impiedade amarela e feroz de um falcão prestes a eviscerar um rato, e ele viu Duff encolher-se diante da ameaça implícita. Disfarçou um sorriso à lembrança. Se amizade e dinheiro fossem insuficientes para manter a boca de Duff fechada, talvez o medo da Dama Branca fosse o bastante.

Permaneceram em silêncio na doca, observando a piretta afastar-se lentamente. O nó no estômago de Roger se apertou. Ele teria rezado, mas não podia. Não podia pedir ajuda para o que pretendia fazer agora — nem de Deus, nem do arcanjo Miguel; nem do reverendo, nem de seus pais. Somente de Jamie Fraser.

Ele se perguntava de vez em quando quantos homens Fraser havia matado -se ele contava. Se ele sabia. Era diferente, é claro, matar um homem numa batalha ou em defesa própria, do que armar uma cilada para ele, planejando o assassinato a sangue-frio. Ainda assim, certamente devia ser mais fácil para Fraser.

Olhou para Fraser e viu-o observando o barco se afastar. Ficou parado imóvel como uma pedra e Roger viu que seus olhos estavam fixos em algum lugar muito distante do barco, além do céu e da água — olhando para alguma coisa maligna, sem piscar. Fraser respirou fundo e engoliu com força. Não, não iria ser fácil para ele.

De algum modo isso serviu de consolo.

Examinaram todas as choupanas rapidamente, não encontrando nada além de lixo espalhado: engradados quebrados, montes de palha

mofada, alguns ossos roídos, deixados por cachorros ou escravos. Uma ou duas das cabanas havia evidentemente sido usada um dia como moradia, mas não recentemente; algum animal havia construído um ninho grande, desarrumado, junto à parede de uma das cabanas; quando Jamie cutucou-o com uma vara, uma espécie de roedor, gordo e cinzento, saltou, passou correndo pelos pés de Roger, zarpou pela doca e atirou-se na água com uma formidável pancada. Resolveram ocupar a choupana maior, construída sobre o próprio ancoradouro, e acomodaram-se para esperar. Mais ou menos.

O plano era simples: atirar em Bonnet assim que ele surgisse. A menos que chovesse, quando então seria necessário empregar espadas e facas. Assim explicado, o procedimento soava bastante direto. A imaginação de Roger, entretanto, não conseguia se contentar com isso.

— Vá dar uma volta, se achar melhor — Jamie disse, após um quarto de hora observando o nervosismo de Roger. — Nós o ouviremos chegar. — Ele próprio sentou-se tranquilamente como um sapo numa ninfeia, metodicamente verificando a variedade de armas dispostas à sua frente.

— Mmmmmhum. E se ele não vier sozinho?

Jamie deu de ombros, os olhos fixos na pederneira da pistola em sua mão. Sacudiu-a para ver se estava firme no lugar, depois colocou a arma no chão.

— Ele virá. Se houver homens com ele, temos que separá-lo deles. Eu o levarei a uma das cabanas menores, a pretexto de uma conversa particular, e o despacharei lá mesmo. Você impede que alguém nos siga. Não vou precisar de mais do que um minuto.

— Ah, é? E então você sai andando calmamente e informa aos homens dele que acaba de matar seu capitão, e depois? — Roger perguntou.

Jamie esfregou a mão pelo cavalete do nariz e deu de ombros outra vez.

— Ele estará morto. Acha que ele é um homem capaz de inspirar tanta lealdade a ponto de seus homens tentarem vingá-lo?

— Bem... não — Roger disse devagar. Talvez não. — Bonnet era do tipo capaz de inspirar seus homens a trabalhar muito, mas era um trabalho baseado no medo e na esperança de lucro, não em amor.

— Descobri muita coisa a respeito do sr. Bonnet — Jamie observou. Ele tem sócios regulares, sim, mas não tem amigos. Ele não viaja sempre com o mesmo parceiro, a mesma tripulação, o que os capitães geralmente fazem, quando encontram alguns homens que possam servir. Bonnet escolhe seus homens ao acaso, e os escolhe pela

habilidade e força, não porque gosta deles. Assim sendo, eu não esperaria encontrar grande estima por ele entre seus homens.

Roger balançou a cabeça, reconhecendo a verdade dessa observação. Bonnet comandara o Gloriana com mão de ferro, mas não havia nenhum senso de camaradagem, mesmo entre seus companheiros e contramestre. E também era verdade que tudo que souberam sugeria que Bonnet escolhia assistentes conforme a necessidade. Se ele trouxesse homens a este encontro, era improvável que fossem um dedicado tenente e tripulação, provavelmente seriam marinheiros escolhidos aleatoriamente nas docas.

— Certo. Mas se, quando... nós o matarmos, um homem que estiver com ele...

— Vai estar precisando de emprego — Jamie interrompeu. — Não, desde que tomemos cuidado para não abrir fogo contra eles ou lhes dar motivo para pensar que somos uma ameaça para eles, não creio que vão se incomodar com o destino de Bonnet. Ainda assim... — Pegou sua espada, franzindo ligeiramente a testa, e deslizou-a para fora e para dentro da bainha, para se certificar de que ela se movia com facilidade.

— Acho que se for essa a situação, eu levarei Bonnet para um canto, como eu disse. Dê— Me um minuto com ele, depois dê alguma desculpa e venha como se viesse me buscar. Mas não pare. Passe direto pelas choupanas e dirija-se para o meio das árvores. Eu irei encontrar— Me com você lá. Roger olhou para Jamie com ceticismo. Santo Deus, o homem parecia estar falando de um passeio no domingo — uma volta pelo rio e nos encontramos no parque, levarei sanduíches de presunto e você leva o chá.

Ele pigarreou e pegou uma de suas próprias pistolas. A sensação era fria e sólida em sua mão, um peso reconfortante.

— Sim, mas só uma coisa. Eu pego o Bonnet.

Fraser olhou incisivamente para ele. Ele manteve os próprios olhos firmes, ouvindo a pulsação que começara a martelar com força dentro de seus ouvidos.

Viu Fraser começar a falar, depois parar. Seu sogro olhou pensativamente para ele e ele podia ouvir seus argumentos, martelando em seu ouvido interno junto com seu pulso, tão claramente como se tivessem sido ditos em voz alta.

Você nunca matou um homem, nem lutou numa batalha. Não é um atirador e é apenas razoável com uma espada. Pior, você tem medo do sujeito. E se você tentar e falhar...

— Eu sei — ele disse em voz alta, para os olhos azuis espantados

de Fraser.

— Ele é meu. Eu o pegarei. Sim, Brianna é sua filha... mas ela é minha mulher.

Fraser piscou e desviou o olhar. Tamborilou os dedos no joelho por um instante, depois parou, dando um profundo suspiro. Endireitou-se devagar e virou-se novamente para Roger, os olhos francos.

— É seu direito — ele disse, formalmente. — Que seja assim. Não hesite, não o desafie. Mate-o assim que tiver a oportunidade. — Parou por um instante, depois falou outra vez, os olhos fixos nos de Roger. — Mas se você cair... saiba que eu o vingarei.

O bolo cheio de pregos em seu estômago pareceu mover-se para cima, obstruindo sua garganta. Tossiu, para deslocá-lo, e engoliu.

— Ótimo — ele disse. — E se você cair, eu o vingarei. Um trato, hein? Fraser não riu e, naquele momento, Roger compreendeu por que os homens o seguiriam onde quer que fosse, para fazer qualquer coisa. Ele apenas olhou para Roger por um longo instante, depois balançou a cabeça.

— Um trato e tanto — ele disse suavemente. — Obrigado. — Tirando a adaga do cinto, começou a polir a lâmina.

Eles não tinham como saber a hora, mas não precisavam. Mesmo com o céu encoberto de nuvens baixas e o sol invisível, era possível sentir o passar dos minutos, a mudança gradual da Terra conforme os ritmos do dia mudavam. Pássaros que cantavam ao amanhecer pararam a cantoria e aqueles que caçavam de manhã começaram. O som da água batendo nas pilastras do cais mudou de tom, conforme a maré alta ecoava no espaço embaixo do ancoradouro.

A maré cheia veio e se foi; o eco embaixo do ancoradouro começou a ficar oco, quando a água começou a descer. A pulsação nos ouvidos de Roger começou a arrefecer, juntamente com os nós em suas entranhas.

Então algo bateu no ancoradouro e a vibração repercutiu no chão da choupana.

Jamie levantou-se no mesmo instante, duas pistolas no cinto, outra na mão. Inclinou a cabeça para Roger, depois desapareceu pela porta.

Roger enfiou suas pistolas no cinto, tocou o cabo de sua adaga para se certificar e seguiu-o. Avistou um vislumbre do barco, a madeira escura de seu parapeito logo acima da linha do ancoradouro e logo ele estava dentro da cabana menor à direita. Jamie não estava em nenhum lugar à vista; ele fora para seu próprio posto, à esquerda.

Encostou-se na parede, espreitando através da fresta entre a dobradiça e a porta. O barco deslizava devagar ao longo da borda do

cais, ainda não amarrado. Ele só podia ver uma pequena parte da popa; o resto estava fora de vista. Não importava; ele não poderia atirar enquanto Bonnet não aparecesse no cais.

Limpou a palma da mão nas calças e tirou a melhor de suas duas pistolas, verificando pela milésima vez se a arma estava em ordem. O metal da pistola tinha um cheiro forte de óleo em sua mão.

O ar estava úmido; suas roupas grudavam no corpo. Será que a pólvora dispararia? Tocou a adaga, pela milionésima vez, repassando as instruções de Fraser para matar com uma adaga. A mão no ombro dele, esfaqueie embaixo do osso do peito, com força. Por trás, o rim, de baixo para cima. Deus, poderia fazer isso cara a cara? Sim. Esperava que fosse cara a cara. Ele queria ver...

Um rolo de corda atingiu o cais; ele ouviu o baque surdo e depois o som arrastado e a batida de alguém saltando por cima do parapeito para amarrar o barco. Um farfalhar e um grunhido de esforço, uma pausa... Ele fechou os olhos, tentando ouvir através do estrondo de seu coração. Passos. Lentos, mas não furtivos. Vindo em sua direção.

A porta estava semiaberta. Ele deu um passo silencioso na direção da abertura, ouvindo. Esperando. Uma sombra, turva na luz embaçada, atravessou a porta. O sujeito entrou.

Ele atacou de trás da porta, lançando todo o peso do corpo sobre o homem, batendo-o contra a parede com um baque surdo. O sujeito gritou com a surpresa do impacto e o barulho do grito o fez parar quando ele colocou as mãos em volta de um pescoço notoriamente feminino.

— Merda! — ele disse. — Quer dizer, eu... eu... eu sinto muito, senhora. Ela estava prensada contra a parede, todo o peso dele em cima dela, e ele teve plena consciência de que o resto de seu corpo também não era masculino. Com o sangue quente no rosto, ele soltou-a e deu um passo atrás, respirando pesadamente.

Ela se sacudiu como um cachorro, ajeitando suas roupas, e delicadamente tocando a parte de trás de sua cabeça onde havia batido contra a parede.

— Sinto muito — ele disse, sentindo-se tanto chocado quanto um completo idiota. — Não tive a intenção... Está machucada?

A jovem era tão alta quanto Brianna, porém de constituição mais sólida, com cabelos castanho-escuros e um rosto bonito, de ossos largos e olhos fundos. Ela riu para Roger e disse algo incompreensível, cheirando fortemente a cebolas. Ela examinou-o de cima a baixo de uma maneira insolente, evidentemente com aprovação, colocou as mãos sob os seios num gesto de inconfundível convite, sacudindo a cabeça na direção do canto da cabana, onde montes de feno úmido

exalavam um cheiro fecundo e nada desagradável de apodrecimento.

— Ahhh... — Roger disse. — Não. Receio que esteja enganada. Não, não toque nisso. Não. Non! Nein! — Ele se atrapalhava com as mãos dela, que pareciam determinadas a abrir seu cinto. Ela disse mais alguma coisa em sua língua desconhecida. Ele não entendeu uma palavra, mas compreendeu perfeitamente o sentido.

Não, sou casado. Poderia parar?

Ela riu, lançou lhe um olhar chispante por baixo das pestanas negras e retomou a investida.

Ele teria se convencido de que estava alucinando, se não fosse pelo cheiro. Presos num lugar fechado, ele compreendeu que cebolas eram o menor dos males. Ela não era suja na aparência, mas possuía a catinga entranhada de alguém que acabara de sair de uma longa viagem de navio; ele reconheceu o cheiro imediatamente. Além disso, o inconfundível cheiro de porcos desprendia-se de suas saias.

Excusez— Moi, mademoiselle. — A voz de Jamie veio de algum lugar atrás dele, parecendo surpresa. A jovem também se assustou, embora não parecesse atemorizada. No entanto, ela soltou suas bolas, permitindo que ele recuasse um passo.

Jamie tinha a pistola na mão, embora a segurasse ao lado do corpo. Ergueu uma das sobrancelhas para Roger.

— Quem é essa, então?

— Como é que eu vou saber? — Esforçando-se para se recompor, Roger sacudiu-se, procurando endireitar-se. — Achei que ela fosse Bonnet ou um dos seus homens, mas evidentemente não era.

— Evidentemente. — Fraser parecia inclinado a achar a situação engraçada; um músculo perto de sua boca contorcia-se visivelmente. — Qui êtes-vous, mademoiselle? — perguntou à jovem.

Ela franziu a testa para ele, claramente sem compreender, e disse alguma coisa na estranha língua outra vez. As duas sobrancelhas de Jamie ergueram-se diante disso.

— O que ela está dizendo? — Roger perguntou.

— Não faço a menor ideia. — Com o senso de humor mesclado a cautela, Jamie virou-se para a porta, erguendo a pistola. -Vigie a mulher, hein? Ela não deve estar sozinha.

Isso era óbvio; havia vozes no cais. Uma voz de homem e outra de mulher. Roger trocou olhares de perplexidade com Jamie. Não, a voz não era nem de Bonnet, nem de Lyon — e em nome de Deus o que todas aquelas mulheres estavam fazendo ali?

Entretanto, as vozes se aproximavam e a jovem de repente gritou

alguma coisa em sua própria língua. Não pareceu um aviso, mas Jamie rapidamente se pregou à parede junto à porta, a pistola engatilhada e a outra mão na adaga.

O vão estreito da porta se escureceu quase inteiramente quando uma cabeça escura, descabelada, meteu-se na cabana. Jamie deu um passo à frente e enfiou a pistola sob o queixo de um homem muito grande, completamente surpreso. Segurando o sujeito pela gola, Jamie recuou, puxando-o para dentro da choupana.

O homem foi seguido quase imediatamente por uma mulher cuja compleição forte e alta, e um rosto bonito, identificava-a imediatamente como a mãe da jovem. A mulher, entretanto, era loura, enquanto o homem — o pai da jovem? — era tão escuro quanto o urso com o qual tanto se parecia. Ele era quase tão alto quanto Jamie, mas tinha quase o dobro da largura, de peito e ombros maciços, e com uma barba espessa.

Nenhum deles parecia absolutamente atemorizado. O homem parecia surpreso, a mulher afrontada. A jovem riu animadamente, apontando para Jamie, depois para Roger.

— Estou começando a me sentir um idiota Jamie disse a Roger. Retirando a pistola, ele recuou cautelosamente. — Wer seid Ihr? — ele perguntou.

— Não creio que sejam alemães — Roger disse. — Ela — balançou o polegar indicando a jovem, que agora examinava Jamie de uma maneira avaliadora, como se medisse seu potencial para esporte na palha — não pareceu entender nem francês, nem alemão, embora pudesse estar fingindo.

O homem franzira a testa, olhando de Jamie para Roger numa tentativa de entender o que diziam. Diante da palavra “francês”, entretanto, ele pareceu se animar.

— Comment ça va? — ele disse, no sotaque mais execrável que Roger já ouvira.

— Parlez-vous Français? — Jamie perguntou, ainda olhando para o sujeito cautelosamente.

O gigante sorriu e mostrou um dedo indicador e um polegar calçados com dois centímetros de distância.

— Un peu.

Um peu muito pouco mesmo, como logo descobriram. O sujeito não possuía mais do que uma dúzia de palavras em francês, o suficiente para se apresentar como Mikhail Chemodurow, sua mulher, Iva, e sua filha, Karina.

— Roosshki — Chemodurow disse, batendo a mão no peito

volumoso.

— Russos? — Roger fitou-os, estupefato, embora Jamie parecesse fascinado.

— Nunca conheci um russo antes — ele disse. — Mas, em nome de Deus, o que estarão fazendo aqui?

Com alguma dificuldade, essa pergunta foi transmitida ao sr. Chemodurow, que abriu um sorriso radiante e ergueu o braço roliço, apontando para o cais.

— Les cochons — ele disse — Pour le Monsieur Wyhe — Olhou esperançosamente para Jamie. — Monsieur Wyhe?

Considerando o aroma lacrimogéneo que se desprendia dos três russos, a menção de porcos não veio como grande surpresa. A conexão entre criadores de porcos russos e Phillip Wyli era um pouco menos evidente. Entretanto, antes que a questão pudesse ser aprofundada, ouviu-se uma sonora batida lá fora e um ruído raspado, como se um grande objeto de madeira tivesse atingido o ancoradouro. Imediatamente, sucedeu-se um coro agudo de gritos e berros a maior parte suína, mas alguns humanos — e femininos

Chemodurow movia-se com incrível rapidez para seu tamanho, embora Jamie e Roger estivessem em seus calcanhares assim que ele disparou pela Porta da choupana.

Roger mal teve tempo de ver que havia dois barcos agora amarrados no cais; o pequeno barco do russo e um menor, aberto. Vários homens, cobertos de facas e pistolas, saíam do barco menor para o ancoradouro.

Vendo isso, Jamie desviou-se para o lado, desaparecendo de vista pela quina de uma das choupanas menores. Roger agarrou sua pistola, mas hesitou, sem saber ao certo se devia atirar ou correr. Hesitou demais. Um mosquete foi enfiado embaixo de suas costelas, tirando o ar de seus pulmões, e mãos agarraram-no pelo cinto, arrancando suas pistolas e adaga.

— Não se mova, camarada — o homem que segurava o mosquete disse. Mexa-se e seu fígado vai sair pelas costas.

Ele falou sem nenhum ânimo em especial, mas com suficiente sinceridade para que Roger não se sentisse inclinado a testar. Ficou parado, imóvel, as mãos parcialmente erguidas, observando.

Chemodurow lançara-se sobre os invasores sem hesitação, atacando-os com mãos que mais pareciam presuntos. Um homem já estava na água, evidentemente tendo sido lançado para fora do ancoradouro, e o russo tinha outro nas mãos, esganando-o com brutal eficiência. Ele ignorava todos os gritos, ameaças e socos, a

concentração fixa no homem que estava matando.

Gritos cortaram o ar; Iva e Karina haviam corrido para seu barco, onde dois dos invasores haviam aparecido no convés, cada qual segurando uma versão um pouco menor de Karina. Um dos homens apontou uma pistola para as mulheres russas. Ele pareceu puxar o gatilho; Roger viu uma centelha e uma baforada de fumaça, mas a arma falhou. As mulheres não hesitaram, mas atacaram-no, gritando. Em pânico, ele largou a arma e a jovem que segurava, depois pulou na água.

Uma pancada surda, nauseante, arrancou a atenção de Roger de sua situação paralela. Um dos homens, uma figura baixa e atarracada, golpeara Chemodurow na cabeça com a coronha de uma arma. O russo piscou, balançou a cabeça e afrouxou um pouco as mãos na garganta de sua vítima. Seu atacante, com o rosto contorcido, segurou a arma com mais firmeza e desfechou outro golpe. Os olhos do russo reviraram-se para dentro de sua cabeça e ele caiu no ancoradouro, fazendo as tábuas sacudir com o impacto.

Roger olhava de um homem para outro, buscando ansiosamente Stephen Bonnet na confusão. Por mais que procurasse, entretanto, não havia sinal do antigo capitão do Gloriana.

O que estava errado? Bonnet não era nenhum covarde e era um lutador inato. Era inadmissível que ele enviasse homens na frente e se deixasse ficar para trás. Roger olhou outra vez, contando as cabeças, tentando fazer um levantamento dos homens, mas a conclusão foi ainda mais forte, à medida que o caos rapidamente se desfez. Stephen Bonnet não estava ali.

Roger não teve tempo de decidir se estava decepcionado ou aliviado por essa descoberta. O homem que golpeara Chemodurow virou-se para ele nesse momento e ele reconheceu David Anstruther, o xerife do condado de Orange. Anstruther o reconheceu também — ele viu os olhos do sujeito se estreitarem, — mas não pareceu surpreso em vê-lo.

A luta tal como foi — resolvia-se rapidamente. As quatro mulheres russas tinham sido reunidas e empurradas para dentro da choupana maior, entre muitos gritos e imprecações, e o desmaiado Chemodurow também foi arrastado para dentro, deixando em seu rastro uma inquietante mancha de sangue pelas tábuas.

Nesse ponto, um par de mãos bem-cuidadas apareceram na borda do cais e um homem alto, elegantemente esbelto, içou-se do barco. Roger não teve nenhuma dificuldade em reconhecer o sr. Lillywhite, um dos magistrados de Orange, mesmo sem sua peruca ou casaco verde-garrafa.

Lillywhite se vestira para a ocasião num tecido simples, preto, embora sua camisa de linho fosse como sempre de excelente qualidade e ele levasse uma espada ao lado. Ele atravessou o cais, sem nenhuma pressa, observando a situação enquanto avançava. Roger viu sua boca contrair-se com repugnância ao ver o rastro de sangue.

Lillywhite gesticulou para o homem que segurava Roger e, finalmente, a dolorosa pressão da boca da arma diminuiu, permitindo que ele respirasse fundo.

— Sr. MacKenzie, não? — Lillywhite perguntou amavelmente. — E onde está o sr. Fraser?

Ele já esperava essa pergunta e teve tempo de pensar na resposta.

— Em Wilmington — ele disse, no mesmo tom agradável de Lillywhite. — O senhor mesmo está um pouco longe de casa, não é?

As narinas de Lillywhite contraíram-se momentaneamente, como se tivesse sentido um cheiro ruim — o que ele certamente estava, embora Roger duvidasse que o fedor de porcos estivesse causando seu desagrado.

— Não brinque comigo, senhor — o magistrado disse sumariamente.

— Nem sonharia com isso — Roger garantiu-lhe, de olho no sujeito com o mosquete, que parecia disposto a retomar a contundência. — Mas, já que estamos fazendo esse tipo de pergunta, onde está Stephen Bonnet?

Lillywhite deu uma risada breve, uma espécie de humor frio subindo aos seus olhos cinza-pálidos.

— Em Wilmington.

Anstruther apareceu ao lado do magistrado, atarracado e suado. Com um esgar maligno, balançou a cabeça indicando Roger.

— MacKenzie. Prazer em revê-lo. Onde está seu sogro e, mais importante, onde está o uísque?

Lillywhite franziu a testa para o xerife.

— Não o encontrou? Já revistou as choupanas?

— Sim, já olhamos. Nada lá além de alguns destroços. — Balançou-se sobre a ponta dos pés, ameaçadoramente. — Então, MacKenzie, onde o escondeu?

— Não escondi nada — Roger respondeu sem se alterar. — Não há uísque nenhum. — Ele começava a relaxar um pouco. Onde quer que Stephen Bonnet estivesse, não estava ali. Não esperava que ficassem contentes em descobrir que o uísque era um ardil, mas...

O xerife atingiu-o na boca do estômago. Ele dobrou-se ao meio, sua

vista escureceu e ele esforçou-se para respirar, lutando contra um lampejo de pânico ao lembrar-se do enforcamento, da escuridão, da falta de ar...

Pontos luminosos flutuantes apareceram nas bordas de sua visão e ele respirou fundo, arquejante. Estava sentado no cais, as pernas estendidas à sua frente, o xerife agarrando um punhado de seus cabelos.

— Tente outra vez — Anstruther avisou-o, sacudindo-o brutalmente pelos cabelos. A dor era irritante, mais do que desconfortável, e ele desfechou um soco no xerife, atingindo-o na coxa. O homem gritou e soltou-o, saltitando para trás num pé só.

— Olhou no outro barco? — Lillywhite perguntou, ignorando o desconforto do xerife. Anstruther olhou furiosamente para Roger, esfregando a coxa, mas sacudiu a cabeça em resposta.

— Não há nada lá, além de porcos e garotas. E de que maldito lugar eles apareceram? — ele perguntou.

— Rússia. — Roger tossiu, trincou os dentes contra a consequente explosão de dor e se pôs de pé lentamente, mantendo o braço apertado contra o estômago para impedir que suas entranhas saíssem. O xerife preparou o punho em antecipação, mas Lillywhite fez um gesto para que ele se acalmasse. Ele olhou, incrédulo, para Roger.

— Rússia? O que têm a ver com este negócio?

— Nada, até onde eu saiba. Chegaram logo depois de mim.

O magistrado resmungou, parecendo contrariado. Franziu a testa por um instante, pensando, depois decidiu tentar outra tática.

— Fraser tinha um acordo com Milford Lyon. Eu agora assumi a parte do sr. Lyon no acordo. Você agora deve entregar o uísque a mim — ele disse, tentando infundir um tom educado de negócios em sua voz.

— O sr. Fraser fez outros acordos — Roger disse, com igual educação. Ele me enviou para dizer isso ao sr. Lyon.

Isso pareceu desconcertar Lillywhite. Ele contraiu os lábios, empurrando-os para fora e para dentro, fitando Roger implacavelmente, como se quisesse avaliar a verdade do que ele dizia. Roger devolveu o olhar tranquilamente, esperando que Jamie não aparecesse inoportunamente e pusesse um fim à sua história.

— Como você chegou aqui? — Lillywhite perguntou abruptamente. — Se não veio naquele barco?

— Vim por terra de Edenton. — Abençoando Duff pela informação, acenou descontraidamente por cima do ombro. — Há um caminho de conchas lá atrás.

Os dois homens fitaram-no, mas ele sustentou o olhar, sem se alterar.

— Algo não cheira bem e não é o pântano. Anstruther farejou o ar ruidosamente para ilustrar, depois tossiu e resfolegou. — Credo! Que fedor!

Lillywhite não deu atenção a ele, continuando a fitar Roger com os olhos estreitados.

— Creio que terei que perturbá-lo um pouco mais, sr. MacKenzie — ele disse, virando-se para o xerife. — Prenda-o com os russos, se é isso o que eles são.

Anstruther aceitou a incumbência com regozijo, cutucando Roger nas nádegas com a boca do mosquete, obrigando-o a andar na direção da choupana onde os russos estavam presos. Roger trincou os dentes e ignorou-o, imaginando a que altura o xerife ricochetearia se fosse levantado e jogado com força nas tábuas do cais.

Os russos estavam todos amontoados no canto da cabana, as mulheres cuidando solícitamente de seu marido e pai ferido, mas todos ergueram o olhar quando Roger entrou, com uma tagarelice de saudações e perguntas incompreensíveis. Deu-lhes o melhor sorriso que conseguiu esboçar e abanou a mão, indicando a eles que recuassem, pressionando o ouvido à parede da choupana a fim de ouvir o que Lillywhite e seu grupo pretendiam fazer agora.

Esperava que simplesmente aceitassem sua história e fossem embora e talvez fizessem isso, quando se convencessem de que realmente não havia nenhum uísque escondido em nenhum lugar perto do ancoradouro. Mas outra possibilidade lhe ocorrera; uma que o estava deixando cada vez mais nervoso.

Era bastante claro pelo comportamento dos homens que pretendiam levar o uísque à força -se houvesse algum. E da forma como Lillywhite demorara a aparecer, mantendo-se escondido... não iria ficar bem, obviamente, para um magistrado do condado que se soubesse que tinha ligações com contrabandistas e piratas.

Do jeito que foi, já que não havia nenhum uísque, Roger não podia delatar nenhum crime da parte de Lillywhite era ilegal lidar com contrabando, é claro, mas tais arranjos eram tão comuns na costa que o simples boato provavelmente não causaria danos à reputação de Lillywhite no interior de seu próprio condado. Por outro lado, Roger estava sozinho — ou Lillywhite achava que ele estava.

Obviamente, havia alguma ligação entre Lillywhite e Stephen Bonnet e se Roger e Jamie Fraser comesçassem a fazer perguntas, as chances eram de que isso viria à luz. Seria o suposto negócio em que Lillywhite estivesse envolvido suficientemente perigoso para que ele

achasse que valia a pena matar Roger para impedir que ele falasse? Ele tinha a inquietante sensação de que Lillywhite e Anstruther poderiam muito bem chegar a essa conclusão.

Eles poderiam simplesmente levá-lo para o pântano, matá-lo e afundar seu corpo, depois retornar para seus companheiros, anunciando que ele voltara para Edenton. Ainda que alguém por fim seguisse as pistas até os membros da quadrilha de Lillywhite e se pudessem ser persuadidos a falar — ambas possibilidades remotas, — nada poderia ser provado.

Ouviu muitas batidas e pancadas lá fora, gradualmente sucedidas por chamados mais distantes, conforme as cabanas eram vasculhadas outra vez e a busca então se espalhava para o pântano próximo.

Ocorreu a Roger que Lillywhite e Anstruther deviam muito bem ter planejado matar Jamie e a ele após se apoderar do uísque. Nesse caso, havia ainda menos motivo para que não o fizessem agora; já estariam preparados para isso. Quanto aos russos — eles lhes causariam algum mal? Esperava que não, mas não havia como saber.

Um leve tamborilar soou no teto de zinco do casebre; começava a chover. Ótimo, se a pólvora deles ficasse úmida, não iriam atirar nele; teriam que cortar sua garganta. Ele passava da esperança de que Jamie não aparecesse cedo demais à esperança fervorosa de que não aparecesse tarde demais. Quanto ao que ele faria se de fato aparecesse...

As espadas. As espadas ainda estariam onde as haviam deixado, no canto da cabana? A chuva ficara barulhenta demais para que ele ouvisse qualquer coisa lá fora. Então abandonou seu posto de escuta e foi olhar.

Todos os russos olhavam para ele com expressões mistas de cautela e preocupação. Ele sorriu e balançou a cabeça, fazendo pequenos gestos para que saíssem do caminho. Sim, as espadas ainda estavam lá — isso era alguma coisa e ele sentiu uma pequena onda de esperança.

Chemadurov estava consciente; disse alguma coisa numa voz arrastada e Karina levantou-se imediatamente e foi se colocar ao lado de Roger. Ela cutucou delicadamente o seu braço, depois pegou uma das espadas. Tirou-a da bainha com um som sibilante que fez todos se sobressaltarem, depois riu nervosamente. Ela fechou a mão ao redor do cabo e segurou-a acima do ombro, como um taco de beisebol. Ela marchou para a porta e assumiu seu posto ali, com uma carranca feroz.

— Ótimo — Roger disse, dando-lhe um largo sorriso de aprovação. — Se alguém enfiar a cabeça por ali, arranque-a fora, entendeu? — Fez uma mímica para indicar o movimento do golpe e todos os russos

grunhiram, sinalizando seu apoio entusiástico. Uma das jovens estendeu a mão para a outra espada, mas ele sorriu e indicou que ele ficaria com aquela, mas agradeceu mesmo assim.

Para sua surpresa, ela sacudiu a cabeça, dizendo alguma coisa em russo. Ele ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça, desalentado. Ela puxou-o pelo braço e o fez acompanhá-la, de volta ao canto da cabana.

Eles andaram ocupados durante o breve período de seu cativeiro. Havia afastado o entulho e improvisado uma cama confortável para o homem ferido — e descobriram um grande alçapão no chão, destinado aos barcos que entravam embaixo do ancoradouro na maré baixa para descarregar diretamente na cabana, em vez de descarregarem no cais.

A maré estava baixando agora; era uma queda de quase dois metros até a superfície escura da água. Despiu-se até a cintura e pendurou-se na beira do alçapão antes de cair, em pé, não querendo arriscar um mergulho no que poderiam ser baixios perigosos.

No entanto, a água cobria sua cabeça; ele afundou numa chuva de bolhas prateadas, depois seus pés tocaram a areia do fundo e ele se lançou para cima, vindo à tona para respirar. Acenou para tranquilizar o círculo de rostos russos que o espreitavam na beira do alçapão, depois seguiu para a outra extremidade do ancoradouro.

Lillywhite virou-se, a mão nervosamente alisando o cabo de sua espada. De seu posto, empoleirado no telhado da cabana, Jamie avaliou os movimentos do magistrado e o modo como ele empunhava a arma. Um longo alcance e uma boa postura; rápido também, embora um pouco brusco. Essas características sugeriam familiaridade com a arma e uma preferência por ela.

Ele não podia ver Anstruther, que estava colado na parede da cabana, sob a borda do telhado, mas não se preocupava tanto com o xerife. Um brigão, e de braço curto.

— Acho que devemos matar todos eles. É a única maneira de ficarmos seguros.

Houve um resmungo de duvidosa concordância de Lillywhite.

— Pode ser... mas e os homens? Não vamos querer colocar nossa sorte nas mãos de testemunhas que podem dar com a língua nos dentes. Poderíamos ter lidado com Fraser e MacKenzie fora da vista deles... mas tantos... talvez devamos deixar esses russos irem embora; são estrangeiros e parecem não falar nada de inglês...

— Sim, e como chegaram aqui? Eu gostaria de saber. Garanto que não foram apanhados numa tromba-d'água e vieram parar aqui por

acaso. Alguém sabe deles, alguém virá procurá-los... e quem quer que seja tem como se comunicar com eles, posso garantir. Eles já viram demais... e se pretende continuar a usar este lugar...

A chuva ainda era fraca, mas constante. Jamie virou a cabeça para limpar as gotas de seus olhos no ombro. Ele estava deitado, braços e pernas posicionados como os de um sapo, para não escorregar pelo telhado de zinco inclinado. Não ousava se mexer, ainda não. Mas a chuva rumorejava no Sound, franzindo a superfície da água e estalando no metal a sua volta. Bastaria chover um pouco mais forte e qualquer ruído que ele fizesse seria encoberto.

Mudou um pouco de posição, sentindo a pressão da adaga no osso de seu quadril. As pistolas estavam ao seu lado no telhado, provavelmente inúteis na chuva. A adaga era sua única arma de verdade no momento e muito melhor para um ataque-surpresa do que para um ataque frontal.

—...mande os homens de volta com o barco. Podemos ir por terra, depois...

Ainda conversavam, em voz baixa, mas ele pôde entender que a decisão fora tomada. Lillywhite só precisava se convencer de que era uma questão de necessidade e que não levaria muito tempo. Mas antes mandariam os homens embora; o magistrado tinha razão em temer testemunhas.

Ele piscou várias vezes para tirar a água dos olhos e olhou na direção da cabana maior, onde estavam Roger Mac e os russos. As cabanas ficavam próximas umas das outras, os espaços entre os telhados de zinco não passavam de um metro ou um metro e vinte. Havia uma única cabana entre ele e a cabana maior. Muito bem.

Ele aproveitaria a partida dos homens para passar pelos telhados e confiaria na sorte e na chuva para impedir que Lillywhite ou Anstruther olhassem para cima. Ficaria agachado acima da porta da cabana e, quando eles viessem matar os prisioneiros, esperaria até que abrissem a porta, em seguida cairia sobre o magistrado, e esperava quebrar seu pescoço ou ao menos neutralizá-lo imediatamente. Depois poderia contar com Roger Mac para ajudá-lo a lidar com o xerife.

Era o melhor plano que ele conseguia divisar naquela circunstância, e não era ruim, ele pensou. Se ele não escorregasse e quebrasse o próprio pescoço, é claro Ou uma perna. Ele flexionou a perna esquerda, sentindo a leve rigidez dos músculos em sua panturrilha. Estava curada, mas não havia como negar a leve fraqueza remanescente. Ele conseguia andar, mas pular de telhado em telhado...

— Sim, bem, a necessidade não conhece leis — ele murmurou. Se

ele machucasse a perna outra vez, seria melhor esperar que o xerife o matasse, porque Claire certamente o faria.

O pensamento o fez sorrir, mas não podia pensar nela agora. Mais tarde, quando tudo estivesse terminado. Sua camisa estava ensopada, agarrada aos ombros, e a chuva tilintava nos tetos de zinco como um coro de sininhos de fada. Virando-se cautelosamente, conseguiu colocar os joelhos sob o corpo e ergueu-se, ficando agachado, pronto para deitar no telhado outra vez se alguém olhasse para cima.

Não havia ninguém no cais. Havia quatro homens além de Lillywhite e o xerife; todos estavam no terreno macio ao sul do ancoradouro, seguindo pelo capim que chegava à cintura. Ele respirou fundo e deslocou-se lentamente. Mas quando deu meia-volta, percebeu um leve movimento pelo canto do olho e ficou paralisado.

Santo Deus, havia homens saindo da mata. Por um instante, pensou que fosse mais gente de Lillywhite, mas então percebeu que os homens eram negros. Todos, exceto um.

Les cochons, os russos haviam dito. Pour le Monsieur Wylie. E ali estava Monsieur Wylie, vindo com seus escravos para pegar os porcos!

Deitou-se sobre a barriga outra vez e esgueirou-se por cima do zinco molhado, seguindo até a parte de trás do telhado da cabana. Restava saber, ele pensou, se Wylie estaria mais disposto a ajudá-lo ou a matá-lo ele mesmo — mas ele imaginava que o sujeito tinha certo interesse em preservar os russos.

A água estava fria, mas não chegava a entorpecer os músculos, e a força da corrente da maré vazante ainda não era muito forte. Ainda assim, o ferimento em sua garganta e a queimação do incêndio do bambuzal o haviam deixado com o fôlego muito mais curto do que antes, e Roger viu-se obrigado a subir à superfície, ofegante, a cada três ou quatro braçadas.

Lábios de rubi, acima da água, cantarolou ironicamente consigo mesmo, soltando lindas bolhinhas... Inspirou fundo e ficou parado, com a cabeça fora d'água, ouvindo. Ele se dirigira primeiro para o lado sul do ancoradouro, mas ouvira vozes acima e assim mudou de direção. Estava exatamente embaixo da ponta norte agora, escondido à sombra do barco dos russos.

O cheiro de porcos era insuportável e ele podia ouvir batidas e grunhidos abafados vindos do porão, atravessando a madeira ao seu lado. Santo Deus, eles teriam vindo naquela minúscula embarcação desde a Rússia? Parecia que sim; a madeira do casco estava cheia de marcas.

Nenhum som de vozes nas proximidades. Chovia fortemente, abafando os sons no Sound; isso ajudaria a encobrir qualquer barulho

que ele fizesse. Preparar, inspirar e ir. Encheu de ar os pulmões e lançou-se na luz chuvosa depois do ancoradouro.

Nadou desesperadamente, tentando não levantar água, esperando uma bala de mosquete entre as omoplatas a qualquer momento. Imiscuiu-se entre as plantas aquáticas dos banhados, sentiu o açoite do capim-navalha no braço e na perna, rolou na água, arquejante, o sal queimando os cortes; logo estava sobre as mãos e os joelhos, engatinhando pelo emaranhado de ervas-do-brejo e juncos ondulando acima de sua cabeça, a chuva martelando em suas costas, a água batendo logo abaixo do seu queixo.

Finalmente parou, o peito subindo e descendo com falta de ar, e se perguntou o que deveria fazer em seguida. Era bom estar longe da cabana, mas não tinha um plano para o que fazer agora. Encontrar Jamie, imaginava -se pudesse, sem ser encontrado outra vez.

Como se o pensamento tivesse chamado atenção para ele, ouviu o barulho de alguém andando devagar pelo pântano próximo. Procurando. Ficou paralisado, esperando que a chuva encobrisse o ruído de sua respiração, alta e rascante em seus ouvidos.

Mais perto. Droga, estavam se aproximando. Tateou em seu cinto, mas perdera a adaga em algum lugar enquanto nadava. Colocou um joelho sob o queixo e se preparou para saltar e correr.

O junco acima dele abriu-se repentinamente e ele ficou de pé num salto, bem a tempo de evitar a lança que cortou a água onde ele estivera.

A lança tremeu à sua frente, a quinze centímetros do seu rosto. Do outro lado, um homem negro fitava-o com os olhos esbugalhados, boquiaberto. O negro fechou a boca, pestanejou e falou em um tom de profunda acusação.

— Você não é nenhum gambá!

— Não — Roger disse, serenamente. — Não sou. — Passou a mão trêmula pelo peito para conferir se seu coração ainda estava lá dentro. — Desculpe— Me.

Phillip Wylie parecia bem diferente em casa, Roger pensou, do que em sociedade. Vestido para caçar porco selvagem com calças largas e uma camisa de camponês, molhada da chuva, e sem qualquer vestígio de peruca, pintura, talco ou adereços, ele ainda era elegantemente esbelto, mas parecia bastante normal e razoavelmente competente. Ele também parecia um pouco mais inteligente, embora ainda tivesse o hábito de ficar boquiaberto, insistindo em interromper o relato de Jamie com perguntas e protestos.

— Lillywhite? Randall Lillywhite? Mas o que ele...

— Preste atenção, homem — Jamie disse impacientemente. — Estou lhe dizendo agora e lhe contarei mais depois, mas ele e o xerife estão prestes a retalhar seus russos como presunto de Natal, se não formos cuidar desse assunto imediatamente.

Wylie olhou furiosamente para Jamie, depois olhou com desconfiança para Roger, que estava parado, oculto pelo mato, seminu, encharcado e coberto de lama suja de sangue.

— Ele tem razão — Roger disse com a voz rouca e entrecortada, pigarreando e repetindo com mais firmeza. — Ele tem razão, não há tempo a perder.

Os lábios de Wylie comprimiram-se numa linha fina e ele exalou ruidosamente pelo nariz. Olhou para seus escravos ao redor, como se os contasse; meia dúzia de homens, todos carregando grossos porretes. Um ou dois tinha um facão de cortar cana na cintura. Wylie assentiu, tomando uma decisão.

— Então vamos. Evitando o ruidoso caminho de conchas, avançaram devagar, mas com firmeza através do pântano.

— Por que porcos? — Roger ouviu Jamie perguntar com curiosidade, enquanto ele e Wylie iam à frente do grupo.

— Porcos, não — Wylie retrucou. — Porcos-do— Mato russos. Por esporte.

— Falou com certo orgulho, zunindo seu próprio porrete pelo capim denso.

— Todos dizem que, de todos os animais de caça, o porco-do—Mato russo é o adversário mais feroz e mais astuto. Pretendo soltá-los nas florestas de minha propriedade e deixar que procriem.

— Pretende caçá-los, então? — Jamie soou ligeiramente incrédulo. — Já caçou um porco selvagem?

Roger viu os ombros de Wylie se enrijecerem sob a camisa molhada diante da pergunta. A chuva amainara, mas continuava a cair.

Não — ele disse. — Ainda não. Você já?

— Sim — Jamie disse, mas sabiamente não estendeu a resposta. Quando se aproximaram do ancoradouro, Roger vislumbrou um movimento mais além. O barco menor estava se afastando.

— Eles desistiram de procurar por mim ou pelo uísque e mandaram seus homens embora.

Jamie passou a mão pelo rosto, tirando a água da chuva.

— O que acha, Wylie? Não há tempo a perder. Os russos estão na cabana principal, no cais.

Uma vez decidido, Wylie mantinha-se calmo.

— Invadir o lugar — ele disse sucintamente.

Agitou a mão, chamando os escravos para segui-lo, e dirigiu-se para o ancoradouro a passos largos. O grupo inteiro entrou na trilha de conchas, com o estrépito de uma avalanche. Isso deveria fazer Lillywhite e Anstruther suspenderem seus planos assassinos, Roger pensou. Eles soavam como um exército a caminho.

Descalço, Roger mantinha-se no terreno pantanoso e, em consequência, avançava mais devagar do que o resto. Viu um rosto espantado espreitar entre as cabanas e rapidamente recuar.

Jamie também viu e deu um de seus selvagens gritos das Highlands. Wyle sobressaltou-se, surpreso, mas logo aderiu, gritando.

— Saíam daí, seus desgraçados!

Assim encorajados, os negros todos começaram a gritar e berrar, brandindo os porretes com entusiasmo, enquanto se lançavam sobre o ancoradouro.

Foi uma espécie de anticlímax chegar ao cais e não encontrar ninguém, a não ser os russos presos, que por pouco não decapitaram Philip Wyle quando ele imprudentemente abriu a porta de sua prisão inopinadamente, sem se anunciar.

Uma breve busca no barco russo e no pântano ao redor não mostrou nenhum vestígio de Lillywhite ou Anstruther.

— O mais provável é que tenham fugido a nado — um dos negros disse, voltando da busca. Apontou para o outro lado do canal, na direção do labirinto de bancos de areia, e tocou em sua lança. — Vamos caçá-los? — Era o homem que descobrira Roger, evidentemente ainda ansioso para tentar a sorte.

— Eles não fugiram a nado — Wyle disse sucintamente. Gesticulou, indicando a minúscula praia perto do ancoradouro, uma extensão vazia de conchas. — Partiram no meu barco, os filhos da mãe.

Virou-se, frustrado, e começou a dar ordens para descarregar e guardar os porcos-do— Mato no cercado. Chemodurow e sua família já tinham sido levados para a casa da fazenda, com as jovens alternando surpresa com os escravos negros e olhares coquetes para Roger, que recuperara sua camisa e seus sapatos, mas cujas calças ainda estavam coladas ao corpo.

Um dos escravos saiu da cabana com uma braçada de armas descartadas, fazendo Wyle se lembrar dos deveres de um anfitrião.

— Eu lhe sou agradecido por sua ajuda em preservar minha propriedade, senhor ele disse a Jamie. Fez uma mesura, um pouco rígida. — Permita-me oferecer minha hospitalidade ao senhor e ao sr. MacKenzie. — Ele não parecia muito entusiasmado com isso, Roger

notou, mas, ainda assim, havia oferecido.

— Eu é que lhe sou agradecido por sua ajuda em preservar nossas vidas — Jamie disse com igual rigidez, retribuindo a reverência — E eu lhe agradeço, mas...

— Seria um prazer — Roger interrompeu. — Obrigado. — Deu um forte aperto de mão em Wyle, surpreendendo-o bastante, e agarrou o braço de Jamie, conduzindo-o para o caminho de conchas antes que ele pudesse protestar. Havia lugares e ocasiões para ser esnobe, ele imaginava, mas esta não era uma delas.

— Olhe, você não precisa puxar o saco do homem — ele disse, em resposta aos murmúrios de Jamie, conforme avançavam pesadamente pela água, em direção à mata. — Vamos deixar o mordomo dele nos dar uma toalha seca e um pouco de comida, e partiremos enquanto ele ainda estiver ocupado com seus porcos. Não tomei café da manhã e nem você. E se vamos andar até Edenton, não vou fazer isso de barriga vazia.

A menção de comida pareceu surtir algum efeito para restaurar a tranquilidade de Jamie e, quando alcançaram o abrigo da floresta, um estado de espírito quase de eufórica alegria havia surgido entre eles. Roger imaginou se esse era o tipo de sentimento que se experimentava depois de uma batalha; o puro alívio de estar vivo e sem ferimentos lhe dava vontade de rir e dançar, só para provar que ainda se podia fazer isso.

Por consentimento mudo, deixaram a discussão dos acontecimentos recentes — e as especulações quanto às atuais andanças de Stephen Bonnet para mais tarde.

— Porcos-do— Mato russos, pelo amor de Deus — Jamie disse, sacudindo-se como um cão quando pararam sob o abrigo da floresta. — E eu duvido que o sujeito tenha visto um porco-do— Mato na vida! Ele poderia se matar sem se dar a tanto trabalho e despesa!

— Sim, quanto você acha que deve ter custado? Mais dinheiro do que veremos em dez anos, provavelmente, só para trazer um lote de porcos... o que, seis mil milhas? — Sacudiu a cabeça, assombrado diante da ideia.

— Bem, para ser justo a respeito disso, são mais do que simplesmente porcos — Jamie disse com tolerância. — Você não os viu?

Roger os vira, embora apenas rapidamente. Os escravos estavam conduzindo um dos animais pelo cais quando ele emergiu da cabana com suas roupas. Era alto e peludo, com grandes presas amarelas que pareciam bastante malignas.

Mas estava emaciado da longa viagem de navio, as costelas aparecendo e metade das cerdas arrancadas pelo atrito. Obviamente, ele ainda estava zonzinho do balanço do mar, cambaleando e andando de lado embriagadamente em seus ridículos cascos pequenos, os olhos se revirando, grunhindo de pânico conforme os escravos gritavam e cutucavam-no com seus porretes. Roger teve pena do animal.

— Oh, sim, são bastante grandes — ele disse. — E imagino que, quando verem se recuperado, serão extraordinários. Mas imagino se vão se adaptar aqui, depois da Rússia. — Agitou a mão, indicando a floresta úmida ao redor. O ar estava carregado de umidade da chuva, mas as árvores bloqueavam a maior parte da água, deixando-a escura e cheirando a resina sob as copas baixas de carvalhos-anões e pinheiros raquíticos. Galinhos e sementes dos carvalhos trituravam-se agradavelmente sob suas botas no solo arenoso.

— Bem, há abundância de bolotas de carvalho e raízes Jamie observou — e um ou outro negro de vez em quando como iguaria. Acho que vão se dar muito bem aqui.

Roger riu e Jamie deu um resmungo de humor.

— Acha que estou pilheriando, hein? Você também nunca caçou porco-do— Mato, imagino.

— Mmmhum. Bem, talvez o sr. Wylie nos convide para vir e... A parte de trás de sua cabeça explodiu e tudo desapareceu.

Em algum momento, ele recuperou os sentidos. Consciente principalmente de uma dor tão forte que a inconsciência parecia imensamente preferível. Mas consciente também de cascalhos e folhas pressionando-se contra seu rosto e de ruídos próximos. As batidas, golpes e grunhidos de homens lutando.

Forçou-se a recobrar a consciência e levantou a cabeça, embora o esforço fizesse fogos de artifício coloridos explodirem dentro de sua cabeça e provocasse uma forte vontade de vomitar. Procurou reprimir a náusea com os braços cruzados, os dentes trincados e, após alguns instantes, sua visão clareou, embora tudo ainda parecesse nebuloso.

Levou alguns instantes para descobrir o que estava acontecendo; estavam a uns três metros do local onde ele estava deitado, com algumas árvores e arbustos obscurecendo a luta. Mas captou um "A Dhia!" murmurado entre grunhidos e arfadas, e sentiu uma aguda pontada de alívio. Jamie estava vivo, então.

Ficou de joelhos, hesitante, e ficou ali parado por um instante, a visão entrando e saindo de foco. Quando ela se estabilizou, sua cabeça havia caído para frente e ele estava fitando o chão. Sua espada estava a alguns passos de distância, semiencoberta por folhas e areia revolvida. Uma de suas pistolas estava junto à espada, mas ele não se

preocupou com isso; não conseguiria segurá-la com firmeza, ainda que a pólvora estivesse suficientemente seca para detonar.

Arrastou-se e tateou pelo chão, mas quando enfiou a mão na guarda do cabo da espada, sentiu-se um pouco melhor; não a deixaria cair agora. Algo úmido escorria pela sua nuca — sangue, chuva? Não importava. Cambaleou, agarrou-se a uma árvore com a mão livre, pestanejou para clarear a visão turva, deu mais um passo.

Sentia-se como um porco selvagem, o terreno desconhecido móvel e traiçoeiro sob seus pés. Pisou em algo que rolou e cedeu, e ele caiu, aterrissando pesadamente sobre o cotovelo.

Virou-se desajeitadamente, atrapalhado pela espada, e viu que tinha pisado na perna de Anstruther. O xerife jazia de costas, a boca aberta, parecendo surpreso. Havia um grande talho em sua garganta, e uma grande quantidade de sangue havia empapado a areia ao redor dele, ferruginoso e fétido.

Contraíu-se e o choque o colocou de pé, sem nenhuma lembrança de ter se levantado. As costas de Lillywhite estavam viradas para ele, o linho de sua camisa molhado e grudado à pele. Ele lançou-se para frente, grunhindo, depois saltou para trás, golpeou, contra-atacou...

Roger sacudiu a cabeça, tentando eliminar os termos idiotas da luta de espadas, depois parou, arfando de dor. O rosto de Jamie estava paralisado num esgar maníaco, os dentes à mostra no esforço, enquanto ele seguia a arma do adversário. Mas ele vira Roger.

— Roger! — ele gritou, arfando por causa da luta. — Roger, a charaid! Lillywhite não se virou, mas se lançou para frente, simulando um ataque, afastando-se, arremetendo-se para trás in tierce.

— Não... estúpido... — disse, arquejando.

Roger percebeu vagamente que Lillywhite achava que Jamie estava blefando, tentando fazê-lo se virar. Sua visão tremia outra vez e ele agarrou-se a uma árvore, esforçando-se para se manter em pé. A folhagem estava molhada; sua mão escorregava.

— Ei... — ele falou com voz rouca, incapaz de pensar em palavras. Ergueu a espada, a ponta tremendo. — Ei!

Lillywhite recuou um passo e girou nos calcanhares, os olhos arregalados de choque. Roger arremeteu-se para frente cegamente, sem nenhum alvo, mas com todas as forças que ainda existiam em seu corpo.

A espada penetrou no olho de Lillywhite e uma sensação escorregadia de trituração subiu pelo braço de Roger quando o metal raspou o osso e atravessou algo mais macio, onde se alojou. Ele tentou soltar a lâmina, mas sua mão ficou presa na guarda. Lillywhite

enrijeceu-se e Roger pôde sentir a vida do sujeito descer direto pela espada, atravessar sua mão e subir pelo seu braço, rápida como uma corrente elétrica.

Em pânico, ele contorceu-se e sacudiu-se, tentando soltar a espada. Lillywhite sacudiu-se com espasmos, ficou mole e caiu por cima dele, como um enorme peixe morto, enquanto Roger puxava e arrancava com toda força, tentando em vão se livrar da espada.

Então Jamie segurou-o pelo pulso e soltou-o, passou o braço ao redor de seu ombro e o levou dali, tropeçando às cegas de pânico e dor. Segurou sua cabeça e esfregou suas costas, murmurando palavras sem sentido em gaélico, enquanto ele arfava e vomitava. Limpou seu rosto e seu pescoço com um punhado de folhas molhadas, limpou o muco de seu nariz com a manga molhada de sua camisa.

— Você está bem? — Roger balbuciou, em algum momento no meio de tudo isso.

— Sim, estou bem — Jamie disse, dando uns tapinhas em suas costas. Você também está, não é?

Por fim, conseguiu ficar em pé outra vez. Sua cabeça já fora além do estágio da dor; ainda doía, mas a dor parecia algo separado de si mesmo, pairando em algum lugar por perto, mas sem realmente tocá-lo.

Lillywhite jazia de rosto para cima, no meio das folhas. Roger fechou seus olhos e engoliu em seco. Ouviu Jamie dizer alguma coisa à meia-voz e, em seguida, um grunhido, um farfalhar de folhas e uma pequena pancada surda. Quando Roger abriu os olhos, Lillywhite jazia de rosto para baixo, as costas de sua camisa suja de areia e cascas de frutos do carvalho.

— Vamos. — Jamie segurou-o por baixo do braço, passou seu braço por cima do ombro dele. Roger ergueu a mão livre, abanou-a vagamente na direção dos corpos.

— Eles. O que devemos fazer com... eles?

— Deixei-os aos porcos.

Roger já conseguia caminhar sem ajuda quando saíram da floresta, embora tivesse a tendência de pender para um lado ou para o outro, ainda incapaz de andar em linha reta. A casa de Wylie estava à frente deles, uma bonita construção de tijolos vermelhos. Eles atravessaram o gramado, ignorando os olhares espantados de vários criados, que se aglomeravam nas janelas do andar superior, apontando para eles e cochichando entre si.

— Por quê? Roger perguntou, parando por um instante para sacudir algumas folhas de sua camisa. — Eles disseram?

— Não. — Jamie puxou da manga um pedaço de pano encharcado e imundo que um dia fora um lenço e lavou-o na fonte ornamental. Usou-o para limpar o rosto, olhou criticamente para a resultante imundície no lenço e lavou-o na fonte outra vez.

— Só percebi quando ouvi a pancada surda do golpe que Anstruther deu em você com um pedaço de pau... aqui, sua cabeça ainda está sangrando. Virei-me e vi você estendido no chão e, no instante seguinte, surgiu uma espada do nada e me atacou, bem nas costelas. Olhe só isso aqui. — Enfiou os dedos por um grande talho em sua camisa, meneando-os. — Agachei— Me atrás de uma árvore e mal pude sacar minha espada a tempo. Mas nenhum dos dois disse sequer uma palavra.

Roger pressionou o lenço que lhe foi oferecido cuidadosamente na parte de trás de sua cabeça. Com um som sibilante, inalou o ar através dos dentes cerrados quando a água fria tocou o ferimento.

— Droga. Será porque minha cabeça está quebrada ou isso realmente não faz nenhum sentido? Por que em nome de Deus tanto empenho em nos matar?

— Porque eles nos queriam ver mortos — Jamie disse logicamente, enrolando as mangas da camisa para lavar as mãos na fonte. — Ou outra pessoa quer.

A dor resolvera se instalar na cabeça de Roger outra vez. Estava começando a sentir enjoo novamente.

— Stephen Bonnet?

— Se eu fosse um jogador, apostaria nisso.

Roger fechou um dos olhos para ver se parava de ver dois Jamies.

— Você é um jogador. Já o vi em ação.

— Bem, então é isso.

Jamie passou a mão distraidamente pelos cabelos desgrehados e virou-se para a casa. Karina e suas irmãs haviam aparecido à janela e acenavam em êxtase.

— O que eu gostaria muito de saber agora é onde Stephen Bonnet está.

— Wilmington.

Jamie girou nos calcanhares, franzindo a testa.

— O quê?

— Wilmington — Roger repetiu. Cautelosamente, abriu o outro olho, mas tudo parecia bem. Somente um Jamie. — Foi o que Lillywhite disse... mas achei que ele estava de brincadeira.

Jamie fitou-o por um instante.

— Espero em Deus que estivesse — ele disse.

NO MEIO DAS MURTAS

Wilmington

Em comparação a Fraser's Ridge, Wilmington era uma metrópole vertiginosa e, em circunstâncias normais, as meninas e eu teríamos aproveitado seus encantos. No entanto, considerando a ausência de Roger e Jamie, e a natureza da missão em que estavam empenhados, pouco conseguíamos nos distrair.

Não que não tentássemos. Vivíamos os minutos arrepiantes de noites interrompidas por choro de crianças e assombradas por imaginações piores do que pesadelos. Eu lamentava que Brianna tivesse visto o que viu, após a batalha de Alamance, imaginações vagas baseadas no medo já eram bastante ruins, as baseadas em estreito contato com a carne mutilada, ossos esmagados e olhos fixos e sem vida eram piores.

Levantando-me com os olhos pesados em meio a um amontoado de roupas descartadas e roupas de cama enxovalhadas, alimentamos e vestimos as crianças e saímos para procurar qualquer descanso mental que pudesse ser encontrado durante o dia em distrações como corridas de cavalo, compras ou saraus concorrentes, realizados semanalmente — em noites consecutivas — pela sra Crawford e pela sra Dunning, as duas anfitriãs mais proeminentes da cidade.

A noitada musical da sra Dunning acontecera um dia após a partida de Roger e Jamie. Apresentações de harpa, violino, cravo e flauta eram intercaladas com recitais de poesia — ao menos, eram tidas como poesia — e “Canções cômicas e trágicas”, cantadas pelo sr Angus McCaskill, o popular e educado proprietário do maior restaurante de Wilmington.

As canções trágicas eram, na verdade, muito mais engraçadas do que as cômicas, por causa do hábito do sr McCaskill de revirar os olhos durante as passagens mais lúgubres, como se tivesse as letras das músicas escritas dentro do crânio. Entretanto, adotei uma expressão adequadamente solene de apreciação mordendo a parte interna da minha bochecha o tempo inteiro.

Brianna não precisava de tal ajuda à cortesia. Ela permanecia sentada durante todas as apresentações com uma expressão tão intensa e taciturna que parecia desconcertar alguns dos músicos, que

olhavam para ela nervosamente e esgueiravam-se para o outro lado do salão, colocando o cravo entre eles e Brianna, por segurança. Sua atitude nada tinha a ver com o espetáculo, eu sabia, mas com a insistência de ficar repassando a discussão que havia precedido a partida dos homens.

Foram discussões prolongadas, acaloradas e conduzidas em voz baixa, enquanto nós quatro andávamos para cima e para baixo nas docas ao pôr do sol. Brianna fora eloquente, desapaixorada e feroz. Jamie fora paciente, frio e inabalável. Eu fiquei de boca fechada, ao menos dessa vez mais teimosa do que qualquer um dos dois. Eu não podia, em sã consciência, tomar o partido de Bri; eu sabia quem Stephen Bonnet era. Eu me recusava a tomar o partido de Jamie; eu sabia quem Stephen Bonnet era.

Eu também sabia quem Jamie era, e apesar de a ideia de vê-lo partir para cuidar de Stephen Bonnet fosse suficiente para me fazer sentir como se eu estivesse pendurada por uma corda puída sobre um poço sem fundo, eu sabia que havia poucos homens mais bem preparados para a tarefa. Pois além da questão de habilidade extrema, que ele certamente possuía, havia a questão da consciência.

Jamie era um escocês das Highlands. Embora Deus insista que a vingança é assunto Dele, nenhum homem das Highlands que eu conheça jamais achou direito que se deixassem essas questões entregues somente a Deus. Deus fizera o homem por uma razão e no alto da lista dessas razões estava a proteção da família e a defesa de sua honra — a qualquer preço.

O que Bonnet fizera a Brianna não era um crime que Jamie pudesse perdoar, muito menos esquecer. E além da mera vingança e da permanente ameaça que Bonnet poderia constituir para Brianna e Jammy, havia o fato de que Jamie se sentia responsável, ao menos em parte, pelos males que Bonnet pudesse causar no mundo — à nossa família ou a outras. Ele ajudara Bonnet a escapar do cadafalso antes; não teria paz enquanto não reparasse esse erro — e ele disse isso.

— Ótimo! — Brianna dissera entre dentes, os punhos cerrados ao lado do corpo. — Então você terá paz. Muito bem! E que paz você acha que mamãe e eu teremos se você ou Roger forem mortos?

— Preferia que eu fosse um covarde? Ou seu marido?

— Sim!

— Não, não preferia — ele disse com firmeza. — Você só pensa isso agora, Porque está com medo.

— Claro que estou com medo! Mamãe também está, só que ela não diz, porque ela acha que você vai de qualquer modo!

— Se ela pensa assim, ela está certa — Jamie disse, lançando-me um olhar de esguelha, com o esboço de um sorriso. — Ela me conhece há muito tempo, hein?

Olhei para ele, mas sacudi a cabeça e desviei o olhar, selando meus lábios e fitando os mastros dos navios ancorados no porto enquanto a discussão prosseguia.

Roger finalmente colocou um ponto final na questão.

— Brianna — ele disse suavemente, quando ela parou para respirar. Ela virou-se para ele, o rosto angustiado, e ele tocou em seu ombro. — Não vou deixar esse homem viver no mesmo mundo dos meus filhos — ele disse, ainda serenamente — ou da minha mulher. Nós vamos então com a sua bênção... ou sem ela?

Ela prendera a respiração, mordera o lábio e se virara de costas. Vi as lágrimas marejarem em seus olhos e o movimento de sua garganta enquanto as engolia. Ela não disse mais nada.

Qualquer palavra ou bênção que ela dera a ele fora dita durante a noite, na quietude de sua cama. Eu dera minha bênção e me despedira de Jamie nessa mesma escuridão — ainda sem dizer nada. Eu não podia. Ele iria de qualquer modo, independentemente do que eu dissesse.

Nenhum de nós dois dormiu naquela noite; ficamos deitados, nos braços um do outro, silenciosamente conscientes de cada respiração e de cada movimento do corpo, e quando as persianas mostraram fendas de luz cinzenta, nos levantamos — ele para fazer os preparativos, eu porque não conseguia ficar deitada e vê-lo partir.

Quando ele partiu, fiquei na ponta dos pés para beijá-lo e sussurrei a única coisa que realmente importava.

-Volte — eu disse. Ele sorriu para mim, ajeitando uma mecha de cabelos atrás da minha orelha.

— Sabe o que eu disse em Alamance? Bem, não vai ser desta vez também, Sassenach. Nós dois voltaremos.

A reunião da sra. Crawford, realizada na noite seguinte, apresentou os mesmos músicos, em sua maioria, do sarau da sra. Dunning, mas teve uma novidade; foi lá que pela primeira vez senti o cheiro de velas de murta.

— Que cheiro delicioso é este? — perguntei à sra. Crawford durante o intervalo, cheirando o ar na direção dos candelabros que decoravam o cravo. As velas eram de cera de abelha, mas o perfume era algo ao mesmo tempo delicado e condimentado — um pouco como pimenta-da-Jamaica, porém mais suave.

— Árvore-da-cera — ela informou, satisfeita. — Eu não a uso para

as velas propriamente, embora possa ser usada, mas iria exigir uma quantidade imensa de bagas, quase quatro quilos para se obter apenas meio quilo de cera, imagine! Minha criada passou uma semana colhendo as bagas e mal me trouxe o suficiente para fazer doze velas. Assim, eu tirei a cera, mas a misturei com a cera de abelha comum quando fiz as velas, e devo dizer que fiquei satisfeita. Realmente exala um perfume agradável, não é mesmo?

Aproximou-se de mim, abaixando a voz num tom confidencial.

— Alguém me disse que a casa da sra. Dunning ontem à noite cheirava como se a cozinheira tivesse queimado as batatas do jantar!

E assim, no terceiro dia, diante da alternativa de nos confinarmos com três crianças pequenas em nossas apertadas instalações ou de revisitarmos os restos bastante reduzidos da baleia morta, pedi vários baldes emprestados à nossa senhoria, sra. Burns, encomendei uma cesta de piquenique e levei minha tropa para uma expedição exploratória.

Brianna e Marsali concordaram alegremente com a ideia, ainda que sem muito entusiasmo.

— Qualquer coisa é melhor do que ficar sentada se preocupando — Brianna disse. — Qualquer coisa!

— Sim, e qualquer coisa é melhor do que o cheiro de fralda suja e de leite azedo — Marsali acrescentou. Abanava-se com um livro, parecendo pálida. — Estou precisando de um pouco de ar fresco.

Eu me preocupava um pouco com a capacidade de Marsali de andar tão longe, considerando seu estado — ela estava no sétimo mês, — mas ela insistiu que o exercício iria beneficiá-la, e Brianna e eu poderíamos ajudar a carregar Joanie.

Como sempre acontece em excursões com crianças pequenas, nossa partida foi um pouco demorada. Joanie cuspiu o puré de batata doce na roupa, Jemmy cometeu uma indiscrição sanitária de grandes proporções e Germain desapareceu durante a confusão ocasionada por tais contratempos. Foi descoberto, ao término de meia hora de busca envolvendo todos na rua, atrás do estábulo público, empenhado alegremente em atirar bosta de cavalo nas carroças e carruagens que passavam.

Todos forçosamente limpos, vestidos novamente e — no caso de Germain — ameaçado de morte e esquarteramento, descemos as escadas outra vez, descobrindo que a senhoria, a sra. Burns, prestativamente havia desencavado uma velha carrocinha puxada a bode, que bondosamente nos ofereceu. O bode, entretanto, estava empenhado em comer agulhas de pinheiros no quintal do vizinho e se recusava a ser apanhado. Após um quarto de hora de ferrenha

perseguição, Brianna declarou que preferia ela mesma puxar a carrocinha, em vez de continuar brincando de pique com um bode.

— Sra. Fraser, sra. Fraser! — Estávamos a meio caminho rua abaixo, as crianças, os baldes e a cesta de piquenique na carrocinha de bode, quando a sra. Burns saiu correndo de sua estalagem atrás de nós, com uma jarra de cerveja em uma das mãos e uma antiga pistola de pederneira na outra.

— Cobras — ela explicou, entregando-me a última. — Minha Anme disse que viu pelo menos uma dúzia de víboras da última vez que andou para aqueles lados

— Cobras — eu disse, aceitando o objeto e sua parafernália de acessórios com relutância. — Claro.

Considerando que “víbora” poderia significar qualquer coisa desde pessoas de má índole a lagartixas, e considerando também o acentuado talento de Anme Burns para melodramas, não fiquei preocupada sem necessidade. Pensei em largar a arma dentro da cesta de piquenique, mas um olhar para Germmain e Jemmy, as imagens de anjinhos inocentes, me fez ver a insensatez de deixar até mesmo uma arma descarregada perto deles. Em vez disso, larguei a arma dentro do meu balde de colheita e enfiei-o no braço.

O dia estava nublado e feio, com uma leve brisa vinda do oceano. O ar estava úmido e eu achava que havia uma boa chance de chover dentro de pouco tempo, mas por enquanto estava muito agradável ao ar livre, com o terreno arenoso bastante compactado de chuvas anteriores facilitando a caminhada.

Seguindo as indicações da sra. Crawford, descemos aproximadamente um quilómetro e meio pela praia, e nos vimos na borda de uma densa vegetação costeira, onde alguns pinheiros misturavam-se a plantas de mangue e palmeiras pequenas num emaranhado denso, permeado de sol e entrelaçado de trepadeiras. Fechei os olhos e respirei fundo, as narinas alargando-se com a mistura inebriante de odores areia molhada e pântanos, resina de pinheiros e maresia, os últimos bafos de baleia morta e aquilo que eu estava procurando — o aroma fresco e pungente de árvore-da-cera.

— Por ali — eu disse, apontando para a vegetação cerrada. Naquele terreno, a carrocinha não podia passar, assim nós a abandonamos, deixando as crianças correrem livremente, perseguindo minúsculos caranguejos e pássaros coloridos, enquanto avançávamos com dificuldade para dentro da floresta anã. Marsali carregava Joan, que se enroscou como um ratinho do campo nos braços de sua mãe e adormeceu, embalada pelo som do mar e do vento.

Apesar da vegetação cerrada, a caminhada era mais agradável ali

do que na praia aberta, as árvores atrofiadas pelo vento eram altas o suficiente para dar uma agradável sensação de refúgio, e era melhor para pisar, com uma fina camada de agulhas e folhas em decomposição sob os pés.

Jemmy cansou-se de andar e puxou minha saia, erguendo os dois braços para ser carregado no colo.

— Está bem. — Eu pendurei um balde de bagas em um dos pulsos e icei-o, com um estalo de vértebras; ele era um garotinho muito maciço. Ele enrolou os pés cheios de areia confortavelmente ao redor de minha cintura e descansou o rosto no meu ombro com um suspiro de alívio.

— Está muito bom para você, não é? — eu disse, batendo delicadamente em suas costas. — Quem vai carregar a vovó no colo, hein?

— Vovô — ele disse, com uma risadinha. Ergueu a cabeça, olhando ao redor. — Onde tá vovô?

— Vovô está ocupado — eu lhe disse, tomando cuidado para manter a voz descontraída e alegre. — Logo vamos ver o vovô e o papai.

— Quero papai!

— Sim, mamãe também — murmurei. — Olhe, querido. Está vendo isso? Vê as frutinhas? Nós vamos colher algumas, não vai ser divertido? Não, não pode comê-las! Jemmy, eu disse não, não as coloque na boca, vão fazer você ficar doente!

Havíamos encontrado um exuberante aglomerado de árvores-da-cera e logo nos dispersamos, nos perdendo de vista umas das outras entre os arbustos conforme colhíamos as bagas, mas chamando de vez em quando, para não nos perdermos inteiramente.

Eu havia colocado Jemmy no chão outra vez e preguiçosamente considerava se haveria alguma utilidade para a polpa da baga, depois que tivessem sido fervidas para obtenção da cera, quando ouvi um ruído suave de folhas trituradas pelos passos de alguém do outro lado do arbusto de onde eu colhia as bagas.

— É você, querida? — chamei, pensando que fosse Brianna. — Talvez fosse melhor almoçarmos. Acho que vai chover.

— Bem, é um convite gentil, sem dúvida — disse uma voz masculina, parecendo achar graça. — Agradeço-lhe, senhora, mas tomei um bom café da manhã não faz muito tempo.

Ele saiu de trás do arbusto e eu fiquei paralisada, completamente incapaz de falar. Minha mente, estranhamente, não ficou nem um pouco paralisada; meus pensamentos voavam à velocidade da luz.

Se Stephen Bonnet está aqui, Jamie e Roger estão a salvo, graças a Deus.

Onde estão as crianças?

Onde está Bri?

Onde está aquela arma, droga?

— Quem é esse, grandmère? — Germain, aparecendo de trás de um arbusto com o que parecia ser um rato morto pendurado de uma das mãos, aproximou-se cautelosamente, os olhos azuis estreitados para o intruso.

— Germain — eu disse com um grasnido, sem tirar os olhos de Bonnet. — Vá procurar sua mãe e fique com ela.

— Grandmère, hem? E quem será a mãe dele, então? — Bonnet olhou de mim para Germain e novamente para mim, interessado. Inclinou para trás o chapéu que usava e coçou o lado do maxilar.

— Isso não interessa — eu disse, com toda firmeza que consegui reunir. — Germain, vá— Lancei um olhar para baixo, mas a pistola não estava no meu balde. Havia seis baldes e havíamos deixado três na carrocinha; sem dúvida, a arma estava em um deles, por azar.

— Oh, não vá ainda, rapazinho. — Bonnet fez um movimento na direção de Germain, mas o menino se assustou com o gesto e recuou apressadamente, jogando o rato em Bonnet. O bicho atingiu-o no joelho, surpreendendo-o e fazendo-o hesitar pela fração de segundo necessária para Germain desaparecer no meio do mato. Eu podia ouvir seus pés batendo na areia conforme ele corria e torci para que ele soubesse onde Marsali estava. A última coisa que precisávamos é que ele se perdesse.

Bem, possivelmente não a última coisa, me corrigi. A última coisa que realmente precisávamos era que Stephen Bonnet pusesse os olhos em Jemmy, o que prontamente ocorreu, quando este veio saindo do meio dos arbustos um instante depois, sua roupa curta enlameada, mais lama saindo do meio dos dedos de seus punhos fechados.

Não havia sol, mas os cabelos de Jemmy pareciam em chamas com o brilho de uma surpreendente semelhança. A paralisia desaparecendo com uma batida do coração, agarrei-o no colo e recuei vários passos, derrubando o balde parcialmente cheio de bagas de murta.

Os olhos de Bonnet eram verde-claros como os de um gato e iluminaram-se nesse momento com a intensidade de um gato que localiza um rato rastejante.

— E quem será esse lindo rapazinho? — ele perguntou, dando um passo em minha direção

— Meu filho — eu disse instantaneamente, pressionando Jemmy

com força contra meu ombro, ignorando seus esforços. Com a perversidade das crianças pequenas, ele parecia fascinado pela cadência irlandesa de Bonnet e ficava virando a cabeça para fitar o estranho.

— Se parece com o pai, posso ver. — Gotas de suor brilhavam nas grossas sobrancelhas louras. Ele alisou primeiro uma, depois a outra, com a ponta do dedo, de modo que o suor escorreu pelos lados de seu rosto, mas os olhos verde-claros nunca vacilaram. — E também com a... irmã. E a sua linda filha está aqui por perto, querida? Gostaria de renovar meus votos de amizade. Uma jovem encantadora, Brianna. — Sorriu

— Sem dúvida você gostaria — eu disse, não fazendo nenhum esforço para disfarçar a raiva em minha voz. — Não, ela não está. Está em casa... com o marido. — Enfatizei a palavra marido, esperando que Brianna estivesse bastante perto para me ouvir e entender o aviso, mas ele não deu nenhuma atenção a isso.

— Em casa, então. E onde fica sua casa, senhora? — Ele tirou o chapéu e limpou o rosto com a manga.

— Oh... no interior. Uma fazenda. — Acenei vagamente na direção que eu achava ser mais ou menos para oeste. O que era aquilo, uma conversinha social? No entanto, as possibilidades pareciam bastante limitadas. Eu podia me virar e sair correndo — quando então ele me pegaria facilmente, pois eu carregava Jemmy. Ou eu podia ficar ali parada até que ele dissesse o que queria. Eu não achava que ele estava ali no meio das murtas para um piquenique.

— Uma fazenda — ele repetiu, um músculo contorcendo-se na face. — O que a traz tão longe de casa, se posso perguntar?

— Não pode — respondi. — Ou melhor, pode perguntar ao meu marido. Logo ele estará aqui.

Dei mais um passo para trás ao dizer isso e ele deu um passo em minha direção ao mesmo tempo. Um lampejo de pânico deve ter atravessado meu rosto, porque ele pareceu achar graça, e deu mais um passo.

— Oh, duvido, minha cara sra. Fraser. Pois, veja bem, o homem está morto a essa altura.

Apertei Jemmy com tanta força que ele soltou um gritinho estrangulado.

— O que quer dizer? — perguntei com voz rouca. O sangue fugia da minha cabeça, coagulando-se numa bola glacial ao redor do meu coração.

— Bem, veja, foi um acordo — ele disse, a expressão divertida

crescendo em seu rosto. — Uma divisão de tarefas, poderíamos dizer. Meu amigo Lillywhite e o bom xerife foram ao encontro do sr. Fraser e do sr. MacKenzie, e o tenente Wolff ficou de cuidar da sra. Cameron. Isso me deixou com a agradável incumbência de me encontrar com meu filho e sua mãe. — Seus olhos se estreitaram, focalizando-se em Jemmy.

— Não sei do que está falando — eu disse, com os lábios cerrados, segurando Jemmy com mais força, o qual observava Bonnet com olhos de coruja.

Ele deu uma risadinha.

— Claro, e a senhora não sabe mentir. Perdoe— Me por minha observação, mas jamais poderia jogar pôquer. Sabe muito bem o que eu quero dizer. Você me viu em River Run. Embora eu confesse que gostaria de saber exatamente o que você e o sr. Fraser estavam fazendo, retalhando aquela negra que Wolff matou. Eu realmente ouvi dizer que a imagem de um assassino fica gravada nos olhos da vítima, mas você não parecia estar examinando os olhos dela, pelo que pude ver. Era algum tipo de magia que estava fazendo?

— Wolff, então foi ele? — Naquele exato momento, eu não me importava realmente se o tenente Wolff havia assassinado dezenas de mulheres, mas estava disposta a perseguir qualquer linha de conversa que oferecesse a possibilidade de distraí-lo.

— Sim. Ele é um incompetente, Wolff — ele disse, imparcialmente. Mas foi ele quem descobriu a respeito do ouro, para começar. Então ele reclamou uma parte nos procedimentos.

A que distância estariam Marsali e Brianna? Germain as teria encontrado? Eu não conseguia ouvir nada acima do zumbido de insetos e do barulho distante das marolas quebrando-se na praia. Mas certamente elas podiam ouvir vozes.

— Ouro — eu disse, erguendo um pouco a voz. — O que quer dizer com ouro? Não há nenhum ouro em River Run. Jocasta Cameron nos disse isso.

Ele soprou o ar através dos lábios em sinal de descrença.

— Eu diria que a sra. Cameron sabe mentir melhor do que você, minha cara, mas na verdade eu também não acreditei nela. O médico viu o ouro, sabe?

— Que médico? — Um gritinho agudo de criança atravessou debilmente os arbustos — Joan. Tossi, esperando abafá-lo, e repeti, mais alto: — De que médico está falando?

— Rawlings, acho que era seu nome, ou Rawlings. — Bonnet franziu ligeiramente a testa, a cabeça voltada na direção do som. —

Mas não tive o prazer de conhecê-lo; posso estar errado.

— Sinto muito, ainda não faço a menor ideia do que você está falando. Eu tentava simultaneamente prender seu olhar e varrer a área próxima à cata de alguma coisa que pudesse servir de arma. Bonnet tinha uma pistola na cintura, e uma faca, mas não demonstrava nenhuma disposição de sacar uma ou outra. E por que o faria? Uma mulher com um fardo de uma criança de dois anos não era nenhuma ameaça.

Uma grossa sobrancelha loura arqueou-se, mas ele não parecia com muita pressa para o que pretendesse fazer.

— Não? Bem, foi Wolff, como eu estava dizendo. Ele precisou arrancar um dente ou algo assim, daí conheceu esse médico em Cross Creek. Pagou um drinque para o sujeito como recompensa e acabou passando o resto da noite bebendo com ele. Deve conhecer a fraqueza do tenente pela bebida. O médico era outro beerrão, pelo que ouvi dizer, e os dois estavam íntimos como ladrões antes do amanhecer. Rawlings deixou escapar que ele havia visto uma grande quantidade de ouro em River Run, pois ele tinha acabado de vir de lá, entendeu?

Rawlings perdera a consciência ou ficara sóbrio de repente, o suficiente para não dizer mais nada, mas a revelação fora o bastante para renovar a determinação do tenente de obter a mão — e a propriedade — de Jocasta Cameron.

— Mas a senhora Cameron não queria nem ouvir falar nele e então ela declara que vai se casar com o sujeito de um braço só. Foi um duro golpe no orgulho do tenente. — Riu, exibindo a falta de um molar de um dos lados.

O tenente Wolff, furioso e perplexo, recorreu ao seu amigo particular, Randall Lillywhite, em busca de conselho.

— Ora, veja só! Foi por isso que ele prendeu o padre na Assembleia. Para impedir que ele casasse a sra Cameron com Duncan Innes.

Bonnet balançou a cabeça, confirmando.

— Essa foi a intenção. Uma maneira de adiar o casamento, pode-se dizer, para ter a oportunidade de examinar melhor a questão.

A dita oportunidade ocorreu no casamento. Como havíamos suposto, alguém — tenente Wolff — havia de fato tentado drogar Duncan Innes com uma xícara de ponche com láudano. O plano era deixá-lo inconsciente e jogá-lo no rio. Durante o tumulto causado pelo desaparecimento e morte supostamente accidental de Duncan, Wolff teria a chance de vasculhar minuciosamente as dependências em busca do ouro — e por fim renovar sua proposta de casamento a Jocasta.

— Mas a bruxa negra tomou a bebida ela mesma — ele disse sem se alterar. — Pior ainda, não morreu. Mas ela poderia dizer quem lhe deu a xícara, é claro, e assim Wolff esgueirou-se e misturou vidro moído no mingau que resolveram lhe dar.

— O que eu quero saber — eu disse — é exatamente como você se envolveu nisso. Por que você estava lá em River Run?

— E o tenente não tem sido um amigo do peito todos esses anos, minha cara. Ele veio a mim pedir ajuda para dispor do sujeito de um braço só, de modo que ele pudesse ser visto no meio da festa, divertindo-se com toda a inocência, enquanto um acidente se abatia sobre seu rival. — Franziu ligeiramente a testa, batendo um dedo no cabo de sua pistola.

— Eu devia ter golpeado o tal Innes na cabeça e atirado o sujeito no rio, quando vi que o láudano fora desperdiçado com outra pessoa. Mas não pude botar as mãos nele, ele passou metade do dia na latrina e sempre tinha alguém lá com ele, para azar deles.

Não havia nada no chão perto de mim que pudesse ser usado como arma. Pequenos galhos, folhas, fragmentos espalhados de conchas, um rato morto — bem, funcionara para Germain, mas eu não achava que pudesse surpreender Bonnet duas vezes desse modo. Jemmy estava perdendo o medo do estranho conforme conversávamos e começava a se debater para descer do colo.

Afastei-me um pouco para trás, Bonnet viu e sorriu. Não se importou. Obviamente, não achava que eu poderia escapar, e igualmente óbvio, estava à espera de alguma coisa. Claro — ele mesmo me dissera. Estava à espera de Brianna. Percebi tardiamente que ele nos seguira até ali desde a cidade; ele sabia que Marsali e Brianna estavam por perto, seria muito mais fácil simplesmente esperar que elas se revelassem.

Minha maior esperança é de que alguma outra pessoa aparecesse; o tempo estava úmido e pegajoso, mas ainda não estava chovendo, e ali era um lugar popular para piqueniques, segundo a sra. Burns. Se alguém de fato aparecesse, como eu poderia me aproveitar disso? Eu sabia que Bonnet não teria o menor remorso em atirar em quem quer que se intrometesse em seu caminho — ele se vangloriava de seus planos sanguinários.

— A sra. Cameron, ou sra. Innes agora, parecia disposta a falar, quando sugeri que seu marido poderia logo perder algumas de suas partes mais preciosas, embora, como se viu, ela estivesse mentindo também, a velha trapaceira. Mas me ocorreu, ponderando a questão mais tarde, que ela seria mais solícita se o seu herdeiro estivesse envolvido. — Apontou a cabeça na direção de Jemmy e estalou a

língua para o menino. — Então, rapaz, vamos ver sua tia-avó?

Jemmy olhou desconfiadamente para Bonnet, aconchegando-se de novo em mim.

— Quem é— ele perguntou.

— Ah, uma criança inteligente conhece o pai, não? Sou seu pai, garoto, sua mãe não lhe contou isso?

— Papai? — Jemmy olhou para Bonnet, depois para mim. — Não é papai!

— Não, ele não é seu pai — afirmei a Jemmy, mudando-o de posição. Meus braços começavam a doer com o esforço de segurá-lo. — Ele é um homem mau, nós não gostamos dele.

Bonnet riu.

— Não tem vergonha, minha cara? Claro que ele é meu, foi sua filha quem disse, na minha cara.

— Bobagem — eu disse. Eu havia conseguido me introduzir numa brecha estreita entre duas moitas de murta. Eu iria tentar distraí-lo de novo com a conversa, depois aproveitar um momento para girar nos calcanhares, colocar Jemmy no chão e mandá-lo sair correndo. Com sorte, eu poderia bloquear a brecha tempo suficiente para impedir Bonnet de agarrá-lo antes que ele pudesse escapar -se ele realmente corresse.

— Lillywhite — eu disse, retomando a conversa. — O que você quis dizer, que Lillywhite e o xerife iam... cuidar do meu marido e do sr. Mackenzie? — Só a menção da possibilidade me deixou nauseada; o suor escorria pelos lados do meu corpo, mas meu corpo parecia frio e pegajoso.

— Oh, isso? Foi o que eu disse, sra. Fraser. Seu marido está morto. — Ele começara a olhar para além de mim, os olhos verde-claros percorrendo a vegetação. Ele claramente esperava que Brianna aparecesse a qualquer momento.

— O que aconteceu no casamento nos mostrou com muita clareza que não iria adiantar deixar a sra. Cameron com tanta proteção. Não, se quiséssemos tentar outra vez, o que tínhamos a fazer era providenciar para que ela não tivesse nenhum homem a quem recorrer, nem para pedir proteção, nem para vingá-la. Assim, quando o seu marido sugeriu ao sr. Lyon que me levasse a um encontro particular, achei que seria uma boa oportunidade para acabar com ele e com o sr. MacKenzie: dois pássaros com um só barril de uísque, como se poderia dizer. Mas depois eu pensei que seria melhor que Lillywhite cuidasse dessa parte, ele e seu obediente xerife. — Sorri. Achei melhor vir buscar meu filho e sua mãe, para não se arriscar a

que alguma coisa desse errado, sabe? Nós...

Mudei o peso do corpo, girei nos calcanhares e coloquei Jemmy no chão, do outro lado dos arbustos.

— Corra! — eu disse ansiosamente para ele. — Corra, Jem! Vá! — Vi um lampejo de vermelho, conforme ele saiu correndo, choramingando de medo, e logo Bonnet colidiu diretamente contra mim.

Ele tentou me empurrar para o lado, mas eu estava preparada para isso e agarrei a pistola em sua cintura. Ele sentiu quando a arranquei e deu um salto para trás, mas eu já tinha a mão na coronha. Soltei-a e atirei-a para trás, enquanto caía no chão com ele por cima de mim.

Ele rolou de cima de mim e ficou de joelhos, então parou.

— Fique aí onde está, ou pela Virgem Maria, vou explodir sua cabeça! Arquejando da queda, sentei-me devagar, deparando-me com Marsali, pálida como um lençol, mirando a antiga arma para ele por cima do volume de sua barriga.

— Atire nele, maman! — Germain estava atrás dela, o rosto pequenino aceso de ansiedade. — Atire nele como num porco-espinho!

Joan estava um pouco para trás, no meio dos arbustos; ela começou a chorar ao ouvir a voz da mãe, mas Marsali não tirou os olhos de Bonnet. Santo Deus, ela teria carregado e preparado a arma? Achei que sim; eu conseguia sentir um leve cheiro de pólvora.

Bem, então — Bonnet disse devagar. Pude ver seus olhos medirem a distância entre ele e Marsali — uns cinco metros, longe demais para alcançá-la com um mergulho para frente. Ele colocou um pé no chão, começando a se levantar. Poderia alcançá-la com três largas passadas.

— Não deixe que ele se levante! — Levantei-me atabalhoadamente, empurrando o ombro dele. Ele caiu de lado, apoiando-se em uma das mãos, depois se arremessou de volta, mais rápido do que eu poderia imaginar, agarrando-me pela cintura e puxando-me de novo para baixo, desta vez em cima dele.

Ouvi gritos atrás de mim, mas não tinha tempo para prestar atenção. Enfiei os dedos em seu olho, errando por pouco quando ele me puxou bruscamente para o lado; minhas unhas deslizaram pelo seu rosto, deixando arranhões fundos em sua pele. Rolamos numa confusão de anáguas e imprecações irlandesas, eu tentando agarrar suas partes íntimas, ele tentando ao mesmo tempo me esganar e se proteger.

Então ele se contorceu e virou-se como um peixe, e acabamos com seu braço travado ao redor do meu pescoço, segurando-me contra o peito. Ouvi um silvo de metal em couro e senti algo frio pressionando

minha garganta. Parei de resistir e respirei fundo.

Os olhos de Marsali estavam do tamanho de dois pires, a boca trincada. Seu olhar, graças a Deus, ainda estava fixo em Bonnet, assim como a arma.

— Marsali — eu disse, com muita calma, — atire nele. Agora mesmo.

— Abaixe a arma, garota — Bonnet disse, com igual calma, — ou corto a garganta dela ao contar até três. Um...

— Atire nele! — eu disse, com todas as minhas forças, com meu último grande gole de ar.

— Dois.

— Espere!

A pressão da lâmina em minha garganta diminuiu e eu senti a agulhada de sangue quando respirei, o que eu já não esperava fazer outra vez. Mas não tive tempo de apreciar a sensação; Brianna estava no meio das murtas, Jemmy agarrado às suas saias.

— Solte-a ela disse.

Marsali andara prendendo a respiração; soltou-o com uma arfada e inspirou com força.

— Ele não pretende me soltar e isso não importa — eu disse com firmeza para as duas. — Marsali, atire nele. Agora!

Sua mão apertou-se na arma, mas ela não conseguia dispará-la. Olhou para Brianna, lívida, depois de novo para Bonnet, a mão trêmula.

— Atire nele, mamã — Germain sussurrou, mas a ânsia desaparecera de seu rosto. Ele também estava pálido e agarrado à sua mãe.

— Você vai comigo, querida, você e o garoto. — Eu podia sentir a vibração através do peito de Bonnet enquanto ele falava e senti o sorriso em seu rosto, embora não pudesse vê-lo. — Os outros podem ir embora.

— Não façam isso — eu disse, tentando fazer Bri olhar para mim. — Ele não vai nos deixar ir, vocês sabem que não. Ele vai me matar e matar Marsali, não importa o que diga. A única coisa a fazer é atirar nele. Se Marsali não consegue fazer isso, Bri, você vai ter que fazer.

Isso chamou a atenção dela. Seus olhos saltaram para mim, chocados, e Bonnet grunhiu, em parte contrariado, em parte achando graça.

— Condenar sua mãe? Ela não é o tipo de garota que faria isso, sra. Fraser.

— Marsali, ele vai matar você e as crianças — eu disse, esticando cada músculo para fazê-la entender, para forçá-la a atirar. — Germain e Joan vão morrer aqui sozinhos. O que acontecer a mim não importa, acredite — Me. Pelo amor de Deus, atire nele agora.

Ela atirou.

Viu-se uma centelha e um sopro de fumaça branca, e Bonnet deu um salto. Então Marsali deixou cair a mão, a boca da arma voltada para baixo e a bucha e a bala caíram na areia com um minúsculo plop. Falha no disparo.

Marsali gemeu, horrorizada, e Brianna moveu-se como um relâmpago, pegando o balde caído e atirando-o na cabeça de Bonnet. Ele deu um pequeno grito e arremessou-se para o lado, soltando — Me. O balde atingiu-me no peito e eu o peguei, estupidamente olhando para dentro dele. Estava molhado, com várias bagas de cera azul-esbranquiçadas grudadas à madeira.

Germain e Jemmy começaram a chorar, Joan berrava no meio da floresta e eu larguei o balde e me arrastei desesperadamente para me abrigar atrás de um arbusto de chá-dos-apalaches.

Bonnet estava de pé outra vez, o rosto vermelho, a faca na mão. Estava obviamente furioso, mas fez um esforço para sorrir para Brianna.

— Ah, agora, querida — ele disse, tendo que erguer a voz para ser ouvido acima da algazarra. — É só você e o meu filho que eu quero. Não vou ferir nenhum de vocês dois.

— Ele não é seu filho — Brianna disse, a voz baixa e ferina — Ele jamais será seu.

Ele resmungou desdenhosamente

— Ah, é? Não foi o que ouvi naquela masmorra em Cross Creek, querida. E agora que o vejo... — Olhou para Jemmy outra vez, balançando a cabeça devagar. — Ele é meu, querida. Ele é a minha cara, não é, garoto?

Jemmy enterrou a cabeça nas saias de Brianna, berrando a plenos pulmões. Bonnet suspirou, deu de ombros e desistiu de qualquer pretensão de persuasão.

— Vamos, então — ele disse, começando a avançar, obviamente pretendendo pegar Jemmy

A mão de Brianna ergueu-se do meio das saias e apontou a pistola que eu havia arrancado do cinto dele. Bonnet parou no meio do passo, a boca aberta.

— Que tal isso? — ela sibilou, os olhos fixos nele, sem piscar. — Você mantém sua pólvora seca, Stephen?

Ela segurou a pistola com as duas mãos, mirou no meio das pernas dele e atirou.

Ele foi rápido, devo admitir. Não teve tempo de virar-se e correr, mas apressou-se a cobrir suas bolas ameaçadas com as duas mãos, no mesmo instante em que ela puxou o gatilho. O sangue explodiu num jorro espesso através de seus dedos, mas eu não sabia dizer o que ela havia atingido.

Ele cambaleou para trás, as mãos agarradas ao corpo. Olhou ensandecidamente ao redor, como se não conseguisse acreditar no que estava acontecendo, depois caiu sobre um dos joelhos. Eu pude ouvi-lo respirar, rapidamente e com dificuldade.

Nós todos ficamos paralisados, observando. Uma de suas mãos raspou a areia, deixando sulcos ensanguentados. Então ele se levantou, devagar, dobrou-se sobre si mesmo, a outra mão pressionada entre as pernas. Seu rosto estava mortalmente pálido, os olhos verdes como água turva.

Ele tropeçou, arfando, e fugiu como um inseto pisoteado, gotejando e avançando aos trambolhões. Ouviram-se estalos, conforme ele se arremetia pelo meio dos arbustos, e ele desapareceu. Além de uma pequena palmeira, pude ver uma linha de pelicanos voando, desajeitados, mas graciosos de uma maneira que parecia impossível, contra o céu baixo.

Eu ainda estava agachada no chão, enregelada com o choque. Senti algo morno escorrer pelo meu rosto e vi que era uma gota de chuva.

— Ele está bem? — Brianna estava agachada ao meu lado, ajudando-me a sentar. — Acha que ele está bem? Estão mortos? — Seus lábios estavam lívidos, mas ela não estava histérica. Com um dos braços, ela segurava Jemmy, que se agarrava ao seu pescoço.

— Não — eu disse. Tudo parecia distante, como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Levantei-me devagar, equilibrando-me precariamente, como se não soubesse exatamente como fazê-lo.

— Não — repeti, e não senti nenhum medo, nenhum pânico à lembrança do que Bonnet dissera; nada além de uma certeza em meu peito, como um peso pequeno, reconfortante — Não, não estão. — Jamie me dissera, este não era o dia em que ele e eu iríamos nos separar.

Marsali desaparecera na floresta para encontrar Joanie. Germain estava inclinado sobre as manchas de sangue na areia, examinando-as com verdadeiro fascínio. Ocorreu-me, vagamente, perguntar— Me de que tipo seria, mas depois descartei o pensamento de minha mente.

“Ele nunca será seu”, ela dissera.

— Vamos — eu disse, delicadamente dando uns tapinhas tranquilizadores em Jemmy. — Acho que podemos passar sem velas perfumadas, por enquanto.

Roger e Jamie apareceram ao amanhecer, dois dias mais tarde, acordando todos na estalagem ao baterem com alarde na porta e fazendo com que também os vizinhos abrissem suas persianas e espreitassem a rua ainda com toucas de dormir, assustados com os gritos. Eu estava quase certa de que Roger tinha uma pequena concussão, mas ele recusou-se a ser colocado na cama — apesar de ter deixado Bri segurar sua cabeça no colo e arrulhar palavras de chocada solidariedade com o impressionante galo em seu crânio, enquanto Jamie nos fazia um curto relato da batalha em Wylie's Landing, e nós dávamos uma explicação um tanto confusa de nossas aventuras no bosque de murta.

— Então Bonnet não está morto? — Roger perguntou, abrindo um olho.

— Bem, não sabemos — expliquei. — Ele fugiu, mas não sei se o ferimento foi grave. Não havia uma quantidade impressionante de sangue, mas se foi atingido na parte inferior do abdômen, seria um terrível ferimento, e quase certamente fatal. Peritonite é uma maneira muito lenta e detestável de morrer.

— Ótimo — Marsali disse, vingativamente.

— Ótimo! — Germain repetiu, olhando orgulhosamente para ela. — Mamãe atirou no bandido, grandpère — ele disse a Jamie. — E titia também. Ele estava cheio de buracos, havia sangue por todo lado!

— Buracos — Jemmy disse alegremente. — Buracos, buracos, muitos buracos!

— Bem, talvez um furo — Brianna murmurou. Ela não levantou os olhos do pano molhado com que delicadamente limpava o sangue seco no couro cabeludo e nos cabelos de Roger.

— Ah, é? Bem, se você apenas arrancou um de seus dedos ou uma de suas bolas, menina, ele pode sobreviver — Jamie observou, rindo para ela. — Mas creio que isso não iria melhorar em nada o humor dele.

Fergus chegou no paquete do meio-dia, trazendo triunfalmente os documentos registrados, assinados e oficialmente selados para duas concessões de terras, assim culminando o dia de alegrias. As comemorações, entretanto, foram limitadas, devido ao preocupante conhecimento de que ainda havia uma importante ponta solta na história.

Após uma vigorosa discussão, ficou decidido — significando que

Jamie tomou sua decisão e teimosamente se recusou a considerar qualquer opinião diferente — que ele e eu seguiríamos imediatamente para oeste, para River Run. As jovens famílias permaneceriam em Wilmington por alguns dias, para finalizar os negócios, e para ficarem atentas a qualquer notícia de um homem à morte ou ferido. Depois então voltariam a Fraser's Ridge, mantendo-se estritamente longe de Cross Creek e River Run.

— O tenente Wolff não poderá ameaçar você ou o menino para influenciar minha tia, se você não estiver perto dele — Jamie ressaltou para Brianna.

— E quanto a vocês, mo charadeatt — ele disse a Roger e Fergus — não podem deixar as mulheres e crianças cuidando de si mesmas. Só Deus sabe em quem elas podem atirar daqui para frente!

Foi somente quando ele fechou a porta depois dos risos que ele se virou para mim, passou a ponta do dedo no arranhão em minha garganta e depois me puxou com tanta força contra si que eu pensei que minhas costelas iriam se quebrar. Agarrei-me a ele com força no patamar da escada, sem me importar com o fato de que não estava conseguindo respirar, nem que alguém pudesse nos ver; feliz apenas em tocá-lo — e em tê-lo ali para tocar.

— Você agiu muito bem, Claire — ele murmurou por fim, a boca em meus cabelos. — Mas, pelo amor de Deus, nunca mais faça isso outra vez!

E foi assim que ele e eu partimos na manhã do dia seguinte, sozinhos.

ASTUTOS COMO RAPOSAS

Chegamos a River Run quase ao pôr do sol três dias mais tarde, os cavalos exaustos e imundos, e nós mesmos em condições nada melhores. O lugar parecia bastante tranquilo, o fim da luz da primavera brilhando nos gramados verdes e cintilando das estátuas de mármore branco e do mausoléu de Hector entre seus teixos escuros.

— O que você acha? — perguntei a Jamie. Havíamos parado ao pé do gramado, estudando a situação com cautela antes de nos aproximarmos da casa.

— Bem, ninguém incendiou a casa — ele retrucou, ficando de pé em seus estribos para examinar o cenário. — E não vejo rios de sangue descendo em cascata pelas escadas da frente. Ainda assim... — Sentou-se, enfiou a mão no alforje e retirou uma pistola, que ele carregou e preparou por precaução. Com a arma enfiada no cós de suas calças e escondida pelas abas do casaco, subimos o caminho de entrada devagar, até a porta da frente.

Quando chegamos à porta, eu já sabia que havia alguma coisa errada. Havia um sinistro ar de quietude em torno da casa; nenhum ruído de criados andando de um lado para o outro, nenhuma música da sala de estar, nenhum cheiro de jantar sendo trazido da cozinha externa. Mais peculiar do que tudo, Ulysses não estava lá para nos receber; nossas batidas à porta permaneceram sem resposta por vários minutos e quando a porta finalmente foi aberta, foi Phaedre, a criada particular de Jocasta, quem apareceu.

Ela estava com um aspecto horrível da última vez que a vi, há quase um ano, após a morte de sua mãe. Não parecia muito melhor agora; havia olheiras sob seus olhos e sua pele parecia machucada e sem viço, como uma fruta que começa a apodrecer.

Ao nos ver, entretanto, seus olhos se iluminaram e sua boca relaxou com visível alívio.

— Ah, sr. Jamie! — ela exclamou. — Tenho rezado para alguém vir ajudar, desde ontem, mas tinha quase certeza de que seria o sr. Farquard, e então talvez tivéssemos mais problemas ainda, por ser ele um homem da lei, ainda que seja amigo de sua tia.

Jamie ergueu uma sobrancelha a essa declaração um pouco confusa mas balançou a cabeça de maneira tranquilizadora e apertou

sua mão.

— Sim, menina. Acho que nunca fui resposta a uma prece antes, mas não faço nenhuma objeção. Minha tia está... bem

— Oh, sim, senhor ela está bastante bem.

Recuando antes que pudéssemos fazer mais perguntas, ela fez sinal para que subíssemos a escada.

Jocasta estava em seu boudoir, tricotando. Ela ergueu a cabeça ao som de passos, alerta, e antes que alguém pudesse dizer alguma coisa, perguntou com voz trêmula, levantando-se:

— Jamie?

Mesmo a distância, pude ver que havia erros no tricô, carreiras abertas e falhas nos pontos; muito diferente de seus meticolosos trabalhos de agulha

— Sim, sou eu, tia E Claire. O que há de errado? — Atravessando o aposento em duas passadas largas, ele alcançou-a e segurou seu braço, dando um tapinha carinhoso em sua mão para tranquilizá-la.

Seu rosto passou pela mesma transformação de alívio que tínhamos visto em Phaedre e eu pensei que seus joelhos fossem fraquejar. Mas ela retesou a espinha dorsal e virou-se para mim.

— Claire Graças à abençoada santa Brígida você veio, embora como. Bem, não importa agora. Podem vir comigo? Duncan foi ferido.

Duncan estava deitado no quarto contíguo, inerte sob uma pilha de cobertas. A princípio, receei que estivesse morto, mas ele se mexeu imediatamente ao som da voz de Jocasta.

— Mac Dubh — ele disse, intrigado. Ele colocou a cabeça acima do monte de cobertores, estreitando os olhos para ver à luz turva do quarto — O que em nome de Deus os traz aqui?

— Tenente Wolff — Jamie disse, um pouco causticamente — O nome talvez lhe seja familiar

— Sim, pode dizer que sim. — Havia um tom ligeiramente estranho na voz de Duncan, mas eu não dei atenção, ocupada em acender velas e em desencavá-lo o suficiente de baixo das cobertas para descobrir qual era o problema

Eu esperava encontrar um ferimento de faca ou arma de fogo. Ao primeiro exame, não havia nada semelhante visível e foram necessários alguns momentos de concentração para descobrir que ele estava com uma perna quebrada. Era uma fratura simples na parte inferior da tíbia, felizmente, e, embora indiscutivelmente dolorosa, não parecia uma grande ameaça a sua saúde.

Enviei Phaedre para encontrar algumas talas, enquanto Jamie,

informado de que Duncan não se encontrava em risco, sentou-se para chegar ao âmago dos acontecimentos.

— Ele esteve aqui? O tenente Wolff? — ele perguntou.

— Sim, esteve. — Novamente a leve hesitação.

— Já se foi, então?

— Oh, sim. — Duncan estremeceu um pouco, involuntariamente.

— Eu estou machucando-o? — perguntei.

— Oh, não, sra. Claire — assegurou-me. — Eu estava apenas... bem...

— É melhor você me contar logo com franqueza, Duncan — Jamie disse, num tom de leve exasperação. — Imagino que não seja uma história que melhora com o tempo, hein? E se for o tipo de história que eu imagino, então eu também tenho uma historinha para lhe contar.

Duncan olhou-o com os olhos estreitados, mas depois suspirou, capitulando, e deitou-se no travesseiro.

O tenente chegara a River Run há dois dias, mas, ao contrário de sua atitude habitual, não veio à porta da frente para ser anunciado. Em vez disso, deixara o cavalo amarrado num campo a um quilómetro e pouco da casa, e aproximara-se furtivamente a pé.

— Só percebemos isso porque encontramos o cavalo depois, compreende? — Duncan explicou-me, enquanto eu amarrava sua perna. — Eu não sabia que ele estava aqui, até sair para ir à latrina após o jantar, quando ele saltou em cima de mim, saindo da escuridão. Quase morri de susto e depois quase morri com um tiro, pois ele atirou em mim, e se eu tivesse um braço deste lado, creio que teria sido baleado. Mas como eu não tinha, ele errou.

Apesar de sua deficiência, Duncan lutara ferozmente, golpeando o tenente no rosto, arremetendo-se para cima dele, lançando-o para trás.

Ele cambaleou e tropeçou no caminho de tijolos, e caiu para trás, batendo a cabeça de uma forma terrível. — Estremeceu outra vez à lembrança do som. — Como um melão golpeado com um machado.

— Oh, sim. Então ele morreu na mesma hora? — Jamie perguntou, interessado.

— Bem, não. — Duncan ficara mais à vontade, contando a história, mas nesse momento começou a ficar inquieto outra vez. — Agora, veja, MacDubh, aí é que está o problema. Pois eu também saí cambaleando aos trambolhões quando o derrubei, e eu pisei no canal de pedra que sai da latrina e quebrei a Perna, e lá fiquei eu, gemendo, ao lado do caminho. Ulysses finalmente e ouviu chamar e desceu, e Jo

atrás dele.

Duncan contara a Jocasta o que havia acontecido, enquanto Ulysses foi buscar dois cavaleiros para ajudar a carregar Duncan para dentro de casa. E então, com a dor da perna quebrada e seu costume de deixar as dificuldades para o mordomo resolver, ele também deixou o tenente.

— Foi minha culpa, Mac Dubh, e eu sei disso muito bem — ele disse, o rosto abatido e pálido. — Eu devia ter dado algum tipo de ordem; embora na verdade eu não consiga pensar nem agora o que eu deveria ter dito, e tenho tido tempo de sobra para pensar.

O resto da história, arrancada dele com alguma relutância, foi que Jocasta e Ulysses haviam evidentemente conversado sobre o assunto e concluído que o tenente havia ido muito além de ser apenas inoportuno e se tornara uma completa ameaça. E sendo assim...

— Ulysses o matou — Duncan disse sem rodeios, depois parou, como se estivesse novamente perplexo. Ele engoliu, parecendo profundamente infeliz. — Jo diz que ela mandou que ele fizesse isso, e Deus sabe, Mac Dubh, ela pode ter feito isso. Ela não é uma mulher fraca, quanto mais deixar que matem seus criados, que ela própria seja ameaçada e seu marido atacado.

Entretanto, percebi pela sua hesitação que alguma pequena dúvida sobre o papel de Jocasta na história ainda pairava em sua mente.

Mas Jamie havia compreendido o que mais afligia Duncan.

— Santo Deus — ele disse. — Ulysses vai ser enforcado na hora, ou pior, se alguém souber disso. Quer minha tia tenha ordenado ou não.

Duncan parecia um pouco mais calmo, agora que a verdade fora revelada. Ele balançou a cabeça.

— Sim, é isso — ele concordou. — Não posso deixá-lo ir para a forca, mas o que devo fazer a respeito do tenente? Há a Marinha a ser considerada, sem falar nos xerifes e magistrados. — Esse era o nó da questão. Grande parte da prosperidade de River Run dependia dos contratos com a Marinha para o fornecimento de madeira e alcatrão; o tenente Wolff era, na verdade, o elo responsável por tais contratos. A Marinha de Sua Majestade poderia muito bem não ver com bons olhos um proprietário que matara seu representante local, qualquer que fosse a desculpa. A lei, na pessoa do xerife ou magistrados, poderia até ter uma visão mais tolerante da situação, mas não do perpetrador.

Um escravo que derramasse o sangue de um branco estava automaticamente condenado, independentemente da provocação. O que tivesse acontecido não faria nenhuma diferença — ainda que houvesse doze testemunhas para comprovar o ataque de Wolff a

Duncan, Ulysses estava condenado. Se alguém descobrisse o que acontecera. Comecei a compreender o ar de desespero que pairava em River Run; os demais escravos estavam plenamente conscientes do que poderia acontecer.

Jamie esfregou o nó do dedo sobre o queixo.

Ah... exatamente como... quero dizer, não seria possível dizer que você próprio fez isso, Duncan? Foi legítima defesa, afinal de contas, e tenho provas de que o sujeito realmente invadiu a casa com o intuito de matá-lo para se casar com minha tia à força ou ao menos mantê-la como refém para amedrontá-la e obrigá-la a contar a respeito do ouro.

— Ouro? — Duncan pareceu não compreender. — Mas não há nenhum ouro aqui. Acho que isso ficou bem claro no ano passado.

— O tenente e seus sócios pensavam que havia — eu disse a ele. — Mas logo Jamie poderá lhe contar tudo a respeito disso. O que realmente aconteceu ao tenente?

— Ulysses cortou sua garganta — Duncan disse, e engoliu em seco. O pomo de adão subindo e descendo. — Eu teria muito prazer em dizer que eu fiz isso, sim, é só que...

Além da simples dificuldade de cortar a garganta de alguém com uma única mão, era evidente que a garganta do tenente fora cortada por uma pessoa canhota — e Duncan, é claro, simplesmente não tinha a mão esquerda.

Eu sabia que Jocasta Cameron — como seu sobrinho — era canhota, mas parecia mais diplomático não mencionar isso no momento. Olhei para Jamie, que ergueu as duas sobrancelhas para mim.

— Ela faria isso, perguntei silenciosamente.

Uma MacKenzie de Leoch?, seu olhar cínico respondera.

— E onde está Ulysses? — perguntei.

— No estábulo, provavelmente, se já não partiu para o oeste. — Sabendo que, se alguém soubesse da verdade sobre a morte do tenente, Ulysses seria condenado imediatamente, Jocasta mandara seu mordomo selar um cavalo, com instruções para fugir para as montanhas, se aparecesse alguém.

Jamie respirou fundo e passou a mão no rosto, pensando.

— Muito bem, então. Eu diria que o melhor, talvez, seja o tenente desaparecer. Onde vocês o colocaram por enquanto, Duncan?

Um músculo perto da boca de Duncan se contorceu, numa tentativa nervosa de sorrir.

— Acho que ele está no poço de churrasco, Mac Dubh. Coberto

com aruagem e uma pilha de madeira de nogueira, disfarçado como uma carcaça de porco.

As sobranceiras de Jamie ergueram-se novamente, mas ele apenas balançou a cabeça.

— Sim, bem. Deixe isso comigo, Duncan.

Deixei instruções para que dessem água com mel e uma infusão de Casca de cerejeira e eufatório, e saí com Jamie para considerar os métodos de desaparecimento.

— O mais simples seria apenas enterrá-lo em algum lugar, imagino — eu disse.

— Mmmhum — Jamie disse. Levantou a tocha de pinho que carregava franzindo a testa pensativamente para o volume enrolado em anagem dentro do buraco. Eu não gostava nem um pouco do tenente, mas me pareceu lastimável.

— Talvez. Mas eu estou pensando... todos os escravos sabem o que aconteceu. Se o enterrarmos aqui, eles vão saber disso também. Eles não contariam a ninguém, é claro, mas ele vai assombrar o lugar, hem?

Um calafrio percorreu minha espinha, provocado não só pelo caráter prático de seu tom de voz quanto por suas palavras, e eu enrolei mais meu xale à minha volta.

— Assombrar o lugar?

— Sim, é claro. Uma vítima de assassinato, realizado aqui, e escondido, sem ser vingado?

-Você quer dizer... realmente assombrar o lugar — perguntei cautelosamente — ou você só quer dizer que os escravos pensariam assim? Ele deu de ombros, contorcendo-se desconfortavelmente.

— Acho que não tem tanta importância, não é? Eles evitarão o local onde ele estiver enterrado, uma das mulheres verá o fantasma à noite, os boatos começarão a circular, como sempre acontece, e logo um escravo em Greenver dirá alguma coisa, alguém da família de Farquard ouvirá e, antes que a gente se dê conta, alguém aparecerá aqui fazendo perguntas. Considerando que de qualquer modo a Marinha provavelmente logo estará procurando pelo tenente... o que acha de colocar um peso no corpo e jogá-lo no rio? Afinal, é o que ele tinha em mente para Duncan.

— Não é má ideia — eu disse, pensativa. — Mas ele queria que Duncan fosse encontrado. Há muito tráfego de barcos no rio e até aqui ele não é muito fundo. Ainda que puséssemos um bom peso, é possível que viesse à tona, ou algum barqueiro prendesse a vara no corpo. Mas acha que faria alguma diferença se alguém o encontrasse? O corpo

não seria ligado a River Run.

Ele balançou a cabeça devagar, movendo a tocha para o lado para impedir que as fagulhas caíssem sobre sua manga. Havia um vento leve e os olmos próximos ao buraco do churrasco sussurravam agitadamente acima de nossas cabeças.

— Sim, é verdade. Só que, se alguém realmente o encontrar, haverá um inquérito. A Marinha enviará alguém para tentar descobrir a verdade, e eles virão aqui, fazendo perguntas. O que acha que acontecerá se eles importunarem os escravos, perguntando se viram o tenente, e assim por diante?

— Humm, é mesmo. — Levando em conta o nervosismo dos escravos, imagino que qualquer investigação os deixaria em pânico, quando então tudo poderia vir à tona.

Jamie estava parado, imóvel, olhando fixamente para a figura enrolada em aniagem com uma expressão de profunda abstração. Respirei fundo, captei um leve cheiro de sangue em decomposição e soltei o ar depressa.

— Imagino que possamos queimá-lo — eu disse, e engoli um repentino gosto de bile. — Afinal, ele já está no buraco.

— É uma ideia — Jamie disse, e um dos cantos de sua boca torceu-se num leve sorriso. — Mas acho que tenho outra melhor, Sassenach. — Virou-se, olhando pensativamente para a casa. Algumas janelas estavam turvamente iluminadas, mas todos estavam dentro de casa, encolhidos de medo.

-Vamos, então — ele disse, com súbita decisão. — Deve haver uma marreta no estábulo, eu imagino.

A frente do mausoléu era coberta por uma grade ornamental de ferro fundido preto, elaboradamente trabalhado, com uma enorme fechadura, o metal decorado com rosas jacobitas de dezesseis pétalas. Eu sempre achei aquilo mais um dos caprichos de Jocasta Cameron, já que eu duvidava que ladrões de sepulturas fossem uma grande ameaça num cenário tão rural. As dobradiças mal rangeram quando Jamie destrancou a porta de grade e abriu-a, como tudo o mais em River Run, era mantido em condições impecáveis.

— Você realmente acha que isso é melhor do que enterrá-lo ou queimá-lo — perguntei. Não havia ninguém por perto, mas eu falei quase num sussurro.

— Oh, sim. O velho Hector tomará conta dele e impedirá que cause algum mal — Jamie respondeu de forma pragmática. — E é solo sagrado, de certa forma. Assim, a alma dele não vai ficar vagando por aí, arranjando confusão, hem.

Balancei a cabeça, um pouco em dúvida. Ele provavelmente tinha razão, em termos de crenças, Jamie compreendia os escravos bem melhor do que eu. Quanto a isso, eu não tinha certeza se ele falava apenas sobre qual seria o efeito psicológico sobre eles — ou se ele próprio estava convencido de que Hector Cameron seria capaz de lidar com essa ameaça ex post facto a sua mulher e fazenda.

Levantei a tocha para que Jamie pudesse ver o que estava fazendo e Pressionei os dentes no lábio inferior.

Ele havia enrolado a marreta em trapos, para não lascar os blocos de mármore. Os pequenos blocos da parede da frente, dentro da grade, haviam sido habilmente cortados para se encaixarem e apenas levemente cimentados no lugar. O primeiro golpe deslocou dois dos blocos apenas alguns centímetros. Mais alguns golpes e surgiu um espaço escuro, onde os blocos haviam sido suficientemente afastados para exibir a escuridão dentro do mausoléu.

Jamie parou para limpar o suor da testa e murmurou algo baixinho.

— O que você disse?

— Eu disse que fede — ele respondeu, parecendo intrigado.

— É surpreendente, não? — perguntei, um pouco impaciente. Há quanto tempo Hector Cameron está morto? Quatro anos

— Bem, sim, mas não.

— O que está fazendo? — A voz de Jocasta Cameron soou atrás de mim, aguda de nervosismo, e eu dei um salto, deixando cair a tocha.

Ela bruxuleou, mas não apagou, e eu a peguei outra vez, balançando-a para avivar a chama. Ela cresceu e se estabilizou, lançando uma claridade avermelhada sobre Jocasta, que estava no caminho atrás de nós, parecendo um fantasma em sua camisola branca. Phaedre encolhia-se atrás de sua patroa, não se vendo mais do seu rosto do que o breve brilho de olhos na escuridão. Os olhos pareciam amedrontados, saltando de Jamie e de mim para o buraco escuro na fachada do mausoléu.

— O que estou fazendo? Dando um fim ao tenente Wolff, o que mais? — Jamie, que ficara tão surpreso quanto eu pelo repentino aparecimento de sua tia, soou um pouco irritado — Deixe isso comigo, tia. Não precisa se preocupar

— Você não... não, você não deve abrir o túmulo de Hector! — O longo nariz de Jocasta torceu-se, obviamente captando o cheiro de decomposição — que era leve, mas distinto.

— Não se preocupe, tia — Jamie disse. Volte para casa. Eu resolvo isso. Tudo dará certo.

Ela ignorou seus pedidos tranquilizadores, avançando cegamente pelo caminho, as mãos tateando no ar vazio.

— Não, Jamie! Não faça isso! Feche-o outra vez. Feche-o pelo amor de Deus!

O pânico em sua voz era inconfundível e eu vi Jamie franzir a testa, confuso. Olhou em dúvida de sua tia para o buraco no mausoléu. O vento havia amainado, mas agora aumentou numa pequena rajada, lançando um cheiro de morte bem mais forte à nossa volta. O rosto de Jamie mudou e, ignorando os gritos de protesto de sua tia, ele soltou mais alguns blocos com vários golpes rápidos da marreta.

— Traga a tocha, Sassenach — ele disse, largando a marreta. Com uma sensação arrepiante de horror, fiz o que ele pediu.

Ficamos ombro a ombro, espreitando pela brecha estreita nos blocos. Havia dois caixões de madeira polida ali dentro, cada qual num pedestal de mármore. E no chão entre eles...

— Quem é ele, tia? — A voz de Jamie era serena quando se virou para falar com ela.

Ela parecia paralisada, a musselina de sua camisola esvoaçando ao redor de suas pernas com o vento, soltando fios de cabelos brancos de baixo de sua touca. Seu rosto estava congelado, os olhos cegos saltavam de um lado para o outro, buscando uma fuga impossível.

Jamie deu um passo à frente e agarrou-a firmemente pelo braço, fazendo-a sair do transe.

— Co a th'ann? — ele rosnou. — Quem é ele? Quem?

Sua boca mexeu-se, tentando formular as palavras. Ela parou, engoliu, tentou novamente, os olhos ainda saltando de um lado para o outro acima do ombro de Jamie, olhando só Deus sabe para o quê. Ela ainda podia ver quando o colocaram lá?, eu me perguntei. Ela veria isso agora, na lembrança?

— Seu nome... seu nome era Rawlings — ela disse debilmente, e algo dentro do meu peito caiu como um peso de ferro.

Eu devo ter me movido ou feito algum ruído, porque os olhos de Jamie voltaram-se para mim. Ele estendeu a mão para a minha, segurando-a com força, embora seus olhos tenham se voltado para Jocasta.

— Como? — ele perguntou, calmamente, mas com um tom de voz que deixava claro que não iria aceitar nenhuma evasiva.

Ela cerrou os olhos e suspirou, os ombros largos ariando-se repentinamente.

Hector o matou — ela disse.

— Ah, é? — Jamie lançou um olhar cínico aos caixões dentro do mausoléu e à massa embolada que jazia no chão entre os dois. — Um bom truque, esse. Eu não havia percebido que meu tio era tão capaz.

— Antes. — Seus olhos abriram-se outra vez, mas ela falou arrastadamente, sem energia, como se nada mais importasse. — Ele era um médico, Rawlings. Ele já viera uma vez antes examinar meus olhos. Quando Hector ficou doente, ele chamou o sujeito de volta. Não sei exatamente o que aconteceu, mas Hector flagrou-o bisbilhotando onde não devia e esmigalhou sua cabeça. Hector era um homem temperamental.

— Eu diria que sim — Jamie disse, com outro olhar para o corpo do dr. Rawlings. — Como ele entrou aqui?

— Nós... ele... escondeu o corpo, pretendendo levá-lo e deixá-lo na floresta. Mas então... Hector piorou e não pôde mais sair de sua cama. Um dia depois ele também estava morto. E assim... — Ela levantou a mão longa e branca, gesticulando na direção da corrente de ar frio e úmido que fluía da tumba aberta.

— Grandes mentes pensam igual — murmurei, e Jamie lançou-me um olhar duro, soltando minha mão. Ele ficou contemplando a quietude dentro do mausoléu profanado, as sobrancelhas grossas unidas numa ruga de concentração.

— Ah, é? — ele disse outra vez. — De quem é o segundo caixão?

— Meu. — Jocasta estava recobrando seu sangue-frio, seus ombros endireitaram-se e seu queixo se ergueu.

Jamie deu um pequeno muxoxo e olhou para mim. Eu podia acreditar que Jocasta seria insensível o bastante para deixar um morto exposto no chão, em vez de colocá-lo em seu próprio e imaculado caixão... e no entanto... fazer isso aumentaria drasticamente as chances de ser descoberta, por mais tênues que fossem.

Ninguém iria abrir o caixão de Jocasta até que fosse a hora de receber seu corpo, o cadáver do dr. Rawlings poderia ter ficado deitado lá em completa segurança, ainda que o mausoléu fosse aberto por alguma razão. Jocasta Cameron era egoísta, mas não era burra.

— Coloque Wolff aí dentro, se achar melhor — ela disse — Pode ficar no chão junto com o outro.

— Por que não colocá-lo em seu caixão, tia? — Jamie perguntou e eu vi que ele a olhava intensamente

— Não! — Ela começara a se virar para ir embora, mas diante disso voltou-se novamente para nós, o rosto cego feroz à luz da tocha. — Ele é um verme. Deixe que fique aí e apodreça no chão!

Jamie estreitou os olhos à resposta dela, mas não respondeu. Em vez disso, virou-se para o túmulo e começou a afastar os blocos soltos

— O que está fazendo? — Jocasta podia ouvir o som do mármore sendo deslocado e ficou nervosa outra vez. Virou-se no caminho, mas ficou desorientada, olhando na direção do rio. Percebi que ela agora devia estar completamente cega, incapaz de ver a luz da tocha.

Mas eu não podia lhe dar atenção naquele momento. Jamie esgueirou-se pela abertura nos blocos e entrou.

— Ilumine aqui, Sassenach — ele disse suavemente, e sua voz ecoou na pequena câmara de pedra. Respirando muito superficialmente, eu o segui. Phaedre começara a gemer na escuridão lá fora, ela soava como a banSidhe que uiva quando a morte se aproxima — mas essa morte já acontecera há muito tempo.

Os caixões exibiam placas de bronze, ligeiramente verdes com a umidade, mas ainda assim facilmente legíveis. “Hector Alexander Robert Cameron”, dizia uma delas, e “Jocasta Isobel MacKenzie Cameron”, a outra. Sem hesitação, Jamie segurou as bordas da tampa do caixão de Jocasta e levantou-a.

Não estava pregada; a tampa era pesada, mas cedeu imediatamente.

— Oh — Jamie exclamou baixinho, olhando para baixo.

Ouro nunca mancha, por mais umidade e mofo que haja no ambiente. Pode ficar no fundo do mar por séculos, para um dia emergir na rede de algum pescador qualquer, brilhante como no dia em que foi fundido. Ele cintila da matriz rochosa, um canto de sereia que seduz os homens há milhares de anos.

Os lingotes estavam em uma camada rasa no fundo do caixão. O suficiente para encher duas pequenas arcas, cada qual suficientemente pesada para requerer dois homens — ou um homem e uma mulher forte — para carregá-la. Cada lingote gravado com uma flor-de-lis. Um terço do ouro do francês.

Pestanejei diante do brilho e olhei para o lado, meus olhos velados com a luz fraturada. Estava escuro no chão, mas eu ainda podia divisar o monturo contra o mármore claro. “Bisbilhotando onde não devia.” É o que Daniel Rawlings teria visto que o fizera desenhar a flor-de-lis na margem de seu livro de anotações médicas, com aquela discreta anotação “Aurum”?

Hector Cameron ainda estava vivo na época. O mausoléu ainda não fora trancado. Talvez quando o dr. Rawlings se levantou para seguir seu errante paciente, Hector o tivesse inadvertidamente levado até ali, ao descer durante a noite para ver seu tesouro? Talvez. Nem Hector

Cameron nem Daniel Rawlings poderiam dizer agora como tudo aconteceu.

Senti um aperto na garganta pelo homem cujos ossos agora jaziam aos meus pés, o amigo e colega de profissão cujos instrumentos eu herdara, cuja sombra permanecia ao meu lado, emprestando-me tanto coragem quanto consolo, quando eu colocava as mãos no doente e procurava curá-lo.

— Que desperdício — eu disse suavemente, olhando para baixo. Jamie abaixou a tampa do caixão delicadamente, como se o caixão tivesse um ocupante cujo repouso havia sido perturbado.

Lá fora, Jocasta permanecia imóvel. Ela passara o braço em volta de Phaedre, que parara de choramingar, mas não estava claro qual delas amparava a outra. Pelo barulho, Jocasta devia saber agora onde nós estávamos, mas ela continuava a fitar o rio, os olhos fixos, sem piscar à luz da tocha.

Pigarreei, apertando mais o xale junto ao corpo com minha mão livre.

— O que devemos fazer, então? — perguntei a Jamie.

Ele virou-se e olhou para o túmulo por um instante, depois deu ligeiramente de ombros.

— Deixaremos o tenente a cargo de Hector, como havíamos planejado. Quanto ao médico... — Inspirou lentamente, o olhar perturbado fixo nos ossos finos que jaziam num gracioso leque, pálidos e imóveis à luz da tocha. A mão de um cirurgião — um dia.

— Eu acho — ele disse — que o levaremos para casa conosco, para Ridge. Que ele descanse entre amigos.

Passou pelas duas mulheres sem tomar conhecimento ou pedir licença, e foi buscar o tenente Wolff.

O SONHO DE UM MEIRO

Fraser's Ridge Maio, 1772

O ar da noite estava límpido e fresco. Tão cedo no ano, as moscas e os mosquitos sedentos de sangue ainda não haviam aparecido; apenas uma ou outra mariposa entrava pela janela aberta de vez em quando, para adejar por perto da lareira abafada, como pedacinhos de papel queimado, roçando pelas suas pernas esticadas numa leve carícia.

Ela permaneceu onde tinha caído, parcialmente em cima dele, o coração batendo alto e devagar em seus ouvidos. Dali, ela podia ver pela janela; a silhueta negra e recortada das árvores no outro lado do terreno, e mais além delas um pedaço de céu, iluminado de estrelas, tão perto e tão luminoso que parecia possível sair e andar pelo meio delas, de uma para a outra, cada vez mais alto, até o gancho da lua crescente.

— Não está com raiva de mim? — ele sussurrou. Falava com mais facilidade agora, mas deitada com o ouvido perto do seu peito, ela podia ouvir o leve tranco em sua voz, o ponto onde ele forçava o ar com força através de sua garganta cicatrizada para formar as palavras.

— Não. — A mão dele estava em seus cabelos, acariciando. — Eu nunca lhe disse para não lê-lo.

Seus dedos tocaram o ombro dela, de leve, e os dedos dos pés de Brianna curvaram-se de prazer com a sensação. Ela se importava? Não. Ela achava que devia se sentir exposta de alguma forma, a privacidade de seus pensamentos e sonhos escancarada para ele — mas ela confiava nele. Ele jamais usaria isso contra ela.

Além do mais, uma vez colocados no papel, os sonhos tornavam-se algo separado de si mesma. Como os desenhos que fazia; um reflexo de uma faceta de sua mente, um breve lampejo de algo visto um dia, pensado um dia, sentido um dia — mas não a mesma mente, o mesmo coração que os fez. Não inteiramente.

— O que é justo é justo. — Seu queixo descansava na cavidade de seu ombro. Ele tinha um cheiro bom, amargo e almiscarado, com o cheiro de desejo satisfeito. — Conte— Me um dos seus sonhos, então.

Uma risada vibrou pelo seu peito, quase sem som, mas ela a sentiu.

— Só um?

— Sim, mas tem que ser um sonho importante. Não qualquer um ou aqueles em que está sendo perseguido por um monstro ou em que você vai para a escola sem roupas. Não os que todo mundo tem, um que só você tenha.

Uma de suas mãos estava no peito dele, delicadamente dando voltas, fazendo os pelos encaracolados e escuros torcerem-se e ficarem em pé. A outra estava embaixo do travesseiro; se ela movesse os dedos ligeiramente, poderia sentir a pequena forma lisa da antiga mulher, como a chamava. Podia sentir seu próprio útero inchando, redondo e rígido. Ela podia sentir o aperto e o suave espasmo na parte inferior de sua barriga; tremores secundários do ato do amor. Seria desta vez?

Ele virou a cabeça no travesseiro, pensando. As longas pestanas repousavam em sua face, negras como as linhas das árvores lá fora. Virou novamente a cabeça, levantando-as, e seus olhos eram da cor de musgo, ternos e vívidos na luz mortiça.

— Eu poderia ser romântico — ele sussurrou, e seus dedos desceram pelas suas costas, e ela sentiu a pele se arrepiar em seu rastro. — Eu poderia dizer que este é meu sonho; você e eu, aqui sozinhos... nós e nossos filhos. — Ele virou um pouco a cabeça, verificando a caminha de armar no canto, mas Jemmy dormia profundamente, invisível.

— Poderia — ela repetiu, abaixando a cabeça de modo que sua testa se pressionasse contra o ombro dele. — Mas este é um sonho acordado, não um verdadeiro sonho. Sabe o que quero dizer.

— Sim, sei.

Ele ficou em silêncio por um instante, a mão imóvel, grande e quente na base de sua espinha dorsal.

— Às vezes — ele sussurrou finalmente, — às vezes, eu sonho que estou cantando e acordo com a garganta doendo.

Ele não podia ver seu rosto, nem as lágrimas que brotaram no canto de seus olhos.

— O que você canta? — ela sussurrou em resposta. Ela ouviu o ruído do travesseiro de linho quando ele sacudiu a cabeça.

— Nenhuma canção que eu já tenha ouvido ou que conheça — ele disse suavemente. — Mas eu sei que estou cantando para você.

O LIVRO DO CIRURGIÃO II

21 de julho de 1772

“Fui chamada da batedeira de manteiga para atender Rosamund Lindsay, que chegou no final da tarde com uma grave laceração da mão esquerda, causada por um machado quando cingia árvores. O ferimento era extenso, tendo quase decepado o polegar esquerdo; a laceração estendia-se da base do dedo indicador a cinco centímetros acima do processo estilóide do rádio, que foi superficialmente danificado. O ferimento fora sofrido há aproximadamente três dias, tratado com gordura de porco e uma bandagem grosseira. Extensa sepsia aparente, com supuração, grande inchaço da mão e do antebraço. Polegar enegrecido; gangrena aparente; odor pungente característico. Manchas vermelhas subcutâneas aparentes, indicativas de envenenamento do sangue, estendendo-se do local do ferimento até quase a fossa antecubital.

Paciente apresentando febre alta (estimada em 40°, à mão), sintomas de desidratação, leve desorientação. Taquicardia evidente.

Em vista da gravidade da condição da paciente, foi recomendada a imediata amputação do membro na altura do cotovelo. A paciente recusou-se a considerar a orientação, insistindo que, em vez disso, fosse aplicado emplastro de pombo, consistindo no corpo aberto de um pombo fresco, aplicado ao ferimento (o marido da paciente havia trazido o pombo, o pescoço recentemente torcido). Removi o polegar na base do metacarpo, liguei os remanescentes da artéria radial (esmagada no ferimento original) e da superficialis volae. Desbridei e drenei o ferimento, apliquei aproximadamente 15 gramas de pó de penicilina bruta fonte: casca apodrecida de melão casaba, lote 23, prep. 15/4/12), topicamente, seguido de alho cru amassado (três dentes), pomada de bérberis — e emplastro de pombo, por insistência do marido, aplicado sobre o curativo. Administrei fluidos pela boca; mistura febrífuga de centáurea vermelha, erva-impígem e lúpulo; água ad lib. Injetei mistura de penicilina líquida (lote 23), IV, dosagem 7 gramas em suspensão em água esterilizada.

O estado da paciente se deteriorou rapidamente, com crescentes sintomas de desorientação e delírio, febre alta. Extensa urticária apareceu no braço e na parte superior do torso. Tentei aliviar a febre com aplicações sucessivas de água fria, em vão. A paciente tornou-se

incoerente, pediu-se ao marido permissão para amputar; permissão negada com o argumento de que a morte parecia iminente e a paciente “não iria querer ser enterrada em pedaços”.

Repetida a aplicação de penicilina. Paciente entrou em coma logo depois e faleceu pouco antes do amanhecer.

Molhei a pena outra vez, mas depois hesitei, deixando as gotas de tinta escorrer pela ponta afiada. O que mais eu deveria dizer?

A disposição profundamente arraigada para a precisão científica brigava com a cautela. Era importante descrever o que acontecera, da maneira mais completa possível. Ao mesmo tempo, eu hesitava em colocar por escrito o que poderia vir a ser uma admissão de homicídio culposo — não foi assassinato, assegurei a mim mesma, embora meu sentimento de culpa não fizesse tais distinções.

— Os sentimentos não são a verdade — murmurei. Do outro lado da sala, Brianna ergueu os olhos do pão que estava fatiando, mas eu abaixei a cabeça sobre o papel e ela retornou à sua conversa sussurrada com Marsali junto ao fogo. Ainda era o meio da tarde, mas estava escuro e chuvoso lá fora. Eu havia acendido uma vela para poder escrever, mas mãos de meninas dardejavam por cima da mesa escura como mariposas, pousando aqui e ali entre pratos e travessas.

A verdade era que eu não achava que Rosamund Lindsay morrera de septicemia. Eu estava quase certa de que ela havia morrido de uma reação aguda a uma mistura impura de penicilina — do remédio que eu lhe dei, em resumo. Claro, a verdade também era que o envenenamento do sangue certamente a teria matado, se deixado sem tratamento.

A verdade era também que eu não tinha como saber quais seriam os efeitos da penicilina — mas essa era a questão, não era? Certificar-se de que outra pessoa pudesse saber?

Fiquei brincando com a pena, rolando-a entre o polegar e o indicador. Eu fazia um relato preciso de minhas experiências com penicilina — a manutenção das culturas em meios que iam do pão a mamão mastigado e casca de melão podre, minuciosas descrições do microscópio e identificação bruta dos mofos de *Penicillium*, os efeitos — até aqui — de aplicações muito limitadas.

Sim, certamente eu devo incluir uma descrição dos efeitos. A verdadeira questão, entretanto, era — para quem eu estava fazendo este minucioso registro?

Mordi o lábio, pensando. Se fosse apenas para minha própria referência, seria mais simples; eu poderia registrar apenas os sintomas, momentos e efeitos, sem anotar explicitamente a causa da morte; era improvável que eu esquecesse as circunstâncias, afinal. Mas se este

registro devesse algum dia ser útil para alguém... alguém que não tivesse nenhuma noção dos benefícios e riscos de um antibiótico...

A tinta secava na pena. Abaixei a ponta sobre o papel.

Idade — 44, escrevi devagar. Nesta época, os livros de registros médicos como este geralmente terminavam com uma piedosa descrição dos últimos momentos do falecido, marcados — presumivelmente — pela resignação cristã por parte do santo, arrependimento por parte do pecador. Nenhuma das duas atitudes havia assinalado a passagem de Rosamund Lindsay.

Olhei para o caixão, em seu suporte sob a janela molhada pela chuva. A cabana dos Lindsay era muito pequena, nem um pouco adequada para um funeral com uma chuva torrencial, onde se esperava um grande número de comparecimentos. O caixão estava aberto, esperando o velório à noite, mas a mortalha de musselina fora puxada sobre seu rosto.

Rosamund fora prostituta em Boston. Depois de engordar e ficar velha demais para continuar em seu ramo com algum lucro, ela começou a viajar para o sul, à procura de um marido. “Eu não suportava mais um daqueles invernos”, ela me confidenciara, pouco depois de sua chegada a Ridge. “Nem aqueles pescadores fedidos.”

Ela havia encontrado o refúgio necessário em Kenneth Lindsay, que procurava uma mulher para compartilhar o trabalho de uma fazenda. Não foi uma união nascida da atração física — os dois Lindsay juntos deveriam ter talvez seis dentes bons — ou da compatibilidade de gênios, mas ainda assim parecia um relacionamento amistoso.

Mais chocado do que pesaroso, Kenny fora levado por Jamie para se medicar com uísque — um tratamento um pouco mais eficaz do que o meu próprio. Ao menos, eu não achava que seria letal.

Causa imediata da morte — escrevi, e parei outra vez. Eu duvidava que a reação de Rosamund à morte iminente teria encontrado saída na prece ou na filosofia, mas ela não tivera a oportunidade nem para uma, nem para a outra. Ela morrera com o rosto azul, congestionado, e os olhos esbugalhados, incapaz de falar ou respirar pelos tecidos inchados de sua garganta.

Minha própria garganta apertou-se com a lembrança, como se eu estivesse sendo estrangulada. Peguei a xícara de chá de erva-de-gato que estava esfriando e tomei um gole, sentindo o líquido pungente descer com uma agradável sensação. Não era consolo saber que a septicemia a teria matado mais lentamente. O sufocamento foi mais rápido, mas não muito mais agradável.

Bati a ponta da pena delicadamente no mata-borrão, deixando pontinhos de tinta espalhados pelas fibras ásperas do papel, formando

uma galáxia de minúsculas estrelas. Quanto a isso — havia outra possibilidade. Era concebível que a morte se devesse a embolia pulmonar — um coágulo no pulmão. Não seria uma complicação impossível da septicemia e explicaria os sintomas.

Era um pensamento otimista, mas no qual eu não acreditava muito. Foi a voz da experiência, tanto quanto a voz da consciência, que me fez mergulhar a pena e escrever “choque anafilático”, antes que pudesse pensar duas vezes.

“Choque anafilático” já seria um termo médico conhecido? Eu não o vira em nenhuma das anotações de Rawlings — mas, por outro lado, eu não lera todas elas. Ainda assim, embora a morte por reação alérgica não fosse desconhecida em nenhuma época, não era comum, e podia não ser conhecida pelo nome. Melhor descrevê-la detalhadamente. Para quem quer que viesse a ler estas anotações depois.

E essa era a dificuldade, é claro. Quem iria ler? Achava improvável, mas e se um estranho lesse estas anotações e tomasse meu relato por uma confissão de assassinato? Era uma possibilidade longínqua — mas podia acontecer. Eu chegara muito perto de ser executada como bruxa, em parte por causa das minhas atividades de cura. Gato escaldado tem medo de água fria, pensei ironicamente.

Grande inchaço no membro afetado, escrevi, e ergui a pena, a última palavra desaparecendo, conforme a pena secava. Mergulhei-a outra vez na tinta e continuei escrevendo obstinadamente. Inchaço estendido à parte superior do torso, rosto e pescoço. Pele pálida, marcada por manchas vermelhas. Respiração cada vez mais rápida e superficial, batimentos cardíacos muito rápidos e fracos, tendendo à incapacidade de serem ouvidos. Palpitações evidentes. Lábios e orelhas cianóticos. Pronunciada exoftalmia.

Engoli em seco outra vez, à lembrança dos olhos de Rosamund, esbugalhados sob as pálpebras, rolando de um lado para o outro num estupefato terror. Nós havíamos tentado fechá-los, quando lavamos o corpo e o preparamos para o enterro. Era costume descobrir o rosto do defunto para o velório; achei imprudente, neste caso.

Eu não queria olhar dentro do caixão outra vez, mas o fiz, com um pequeno balanço com a cabeça, em sinal de reconhecimento e desculpas. A cabeça de Brianna voltou-se para mim, depois se desviou abruptamente. O cheiro da comida disposta na mesa para o velório enchia o aposento, misturando-se aos cheiros de lenha de carvalho queimando na lareira e tinta de fel de carvalho — e ao cheiro das tábuas de carvalho recentemente aplainadas para o caixão. Tomei outro gole apressado de chá, para impedir a náusea.

Eu sabia muito bem por que a primeira linha do juramento de Hipócrates era “Primeiro, não causarás nenhum mal”. Era fácil demais causar um mal a alguém. Que orgulho arrogante era necessário para colocar as mãos em alguém, interferir. Como os corpos eram delicados e complexos, como as intrusões de um médico eram grosseiras. Eu poderia ter buscado refúgio no consultório ou no gabinete para escrever essas anotações. Eu sabia por que não o fizera. A mortalha rústica de musselina brilhava suave e branca à luz opaca que entrava pela janela. Apertei com força a pena entre o polegar e o dedo indicador, tentando esquecer o estalo da cartilagem cricoide quando enfiei um canivete na garganta de Rosamund numa tentativa vã e derradeira de deixar o ar penetrar em seus pulmões tensos. No entanto... não havia um único médico no exercício de sua profissão, eu pensei, que nunca se deparara com essa situação. Isso já acontecera comigo algumas vezes antes mesmo em um hospital moderno, equipado com todo aparelho de salvar vidas conhecido do homem — na época. Algum médico futuro, aqui nesta mesma época, iria enfrentar o mesmo dilema; tentar um tratamento possivelmente arriscado ou deixar o paciente que poderia ter sido salvo morrer. E esse era meu próprio dilema — avaliar a possibilidade improvável de ser processada por homicídio culposo contra o valor desconhecido de meus registros para alguém que pudesse buscar conhecimento neles. Quem poderia ser? Limpei a pena, pensando. Ainda havia bem poucas escolas de medicina, e, dessas poucas, a maioria ficava na Europa. A maior parte dos médicos adquiria seu conhecimento como aprendiz e com a experiência. Passei o dedo pelo livro, folheando cegamente as páginas iniciais, mantidas pelo proprietário original do livro. Rawlings não frequentara uma escola de medicina. Embora, mesmo que tivesse, muitas de suas técnicas ainda seriam chocantes para os meus padrões. Minha boca torceu-se à ideia de alguns dos tratamentos que eu vira descritos naquelas páginas densamente escritas — infusões de mercúrio líquido para curar sífilis; sangria com ventosas para ataques epiléticos; lancetadas e sangrias para todo tipo de distúrbio, da indigestão à impotência. E, ainda assim, Daniel Rawlings fora um médico. Lendo seus registros de casos, eu podia sentir seu cuidado com os pacientes, sua curiosidade com relação aos mistérios do corpo. Movida por um impulso, voltei para as páginas que continham anotações de Rawlings. Talvez eu estivesse apenas querendo adiar, para deixar que meu subconsciente chegasse a uma decisão — ou talvez eu sentisse a necessidade de comunicação, por mais remota que fosse, com outro médico, alguém como eu. Alguém como eu. Olhei fixamente para a página, em sua caligrafia nítida e pequena, suas ilustrações cuidadosas, sem ver nenhum dos detalhes. Quem havia, como eu?

Ninguém. Eu pensara nisso antes, mas apenas vagamente, na forma de um problema reconhecido, mas tão distante que não requeria nenhuma urgência. Na colônia da Carolina do Norte, até onde eu sabia, havia apenas um “médico” formalmente designado — Fentiman Fiz um muxoxo e tomei outro gole de chá. Melhor Murray MacLeod e sua panaceia — pelo menos a maioria era inofensiva.

Continuei tomando meu chá, olhando para Rosamund A simples verdade era que eu também não iria durar para sempre Com sorte, ainda teria um bom tempo — mas ainda assim, não para sempre. Eu precisava encontrar alguém a quem eu pudesse transmitir ao menos os rudimentos do que eu sabia.

Uma risadinha contida vinda da mesa, as meninas sussurrando sobre as travessas de linguças, as tigelas de sauerkraut e batatas cozidas. Não, pensei, com certo pesar. Não Brianna.

Ela seria a escolha lógica; ela conhecia a medicina moderna, ao menos. Não haveria nenhum predomínio de ignorância ou superstição, nenhuma necessidade de convencê-la sobre as virtudes da assepsia, os perigos dos germes. Mas ela não tinha nenhuma inclinação natural, nenhum instinto para a cura. Ela não era melindrosa, nem tinha medo de sangue — já me ajudara com inúmeros partos e pequenos procedimentos cirúrgicos — e no entanto faltava-lhe aquela peculiar combinação de empatia e brutalidade que um médico precisa ter.

Ela talvez fosse mais filha de Jamie do que minha, refleti, observando a luz do fogo ondular nos seus cabelos quando ela se movia. Ela possuía a coragem dele, sua imensa ternura — mas era a coragem de um guerreiro, a ternura de uma força que poderia esmagar, se quisesse. Eu não conseguira lhe dar meu dom; o conhecimento do sangue e dos ossos, os funcionamentos secretos das câmaras do coração

A cabeça de Brianna ergueu-se abruptamente, virando-se para a porta. Marsali, mais lenta, também se virou, ouvindo.

Quase não era audível através do tamborilar da chuva, mas sabendo que estava lá, eu podia ouvi-la — uma voz masculina, alta, cantando. Uma pausa e em seguida um leve rumor em resposta que poderia passar por trovoadas distantes, mas não era. Os homens estavam descendo do abrigo na montanha.

Kenny Lindsay pedira a Roger para cantar o caithris por Rosamund; o lamento formal gaélico para os mortos.

— Ela não era escocesa — Kenny dissera, limpando os olhos embaçados pelas lágrimas e pela longa noite de vigília. — Nem mesmo temente a Deus. Mas ela gostava de música e admirava muito sua maneira de cantar, MacKenzie.

Roger nunca fizera um caithris antes; tenho certeza de que jamais ouvira um.

— Não se preocupe — Jamie murmurara para ele, a mão em seu braço, — tudo o que precisa é falar alto.

Roger inclinara a cabeça em aquiescência e seguira Jamie e Kenneth, para beber uísque junto à área de maltagem e aprender o que pudesse sobre a vida de Rosamund, a fim de melhor lamentar sua morte.

A cantoria rouca desapareceu; o vento mudara de direção. Era um capricho da tempestade que os tivéssemos ouvido tão cedo — deviam estar descendo a Ridge agora, reunindo os moradores das cabanas mais remotas para prantear a morta e, em seguida, levá-los em procissão de volta até a casa; para a reunião com cânticos e histórias que se prolongaria pela noite toda.

Bocejei involuntariamente, meu maxilar estalando ao pensar nisso. Eu não aguentaria até o fim, pensei consternada. Eu só tivera algumas horas de sono pela manhã, mas não o suficiente para me sustentar durante todo um velório e funeral gaélicos completos. Os assoalhos estariam apinhados de gente pela manhã, todos cheirando a uísque e roupas molhadas.

Bocejei outra vez, depois pisquei, meus olhos lacrimejando quando sacudi a cabeça para clareá-la. Cada osso do meu corpo doía de fadiga e eu só queria ir para a cama e ficar lá dias.

Imersa em meus pensamentos, não notei que Brianna aproximou-se de mim por trás. Suas mãos desceram sobre meus ombros e ela aproximou-se mais, de modo que senti o calor de seu corpo tocar— Me. Marsali saíra; estávamos sozinhas. Ela começou a massagear meus ombros, os polegares longos subindo devagar pelos tendões do meu pescoço.

— Cansada? — ela perguntou.

— Humm. Vou sobreviver — eu disse. Fechei o livro e reclinei-me para trás, relaxando momentaneamente sob o puro alívio do toque de suas mãos. Eu não havia percebido que estava tão tensa.

A enorme sala estava silenciosa e arrumada, pronta para o velório. A sra. Bug cuidava do churrasco. As meninas haviam acendido um par de velas, uma em cada ponta da mesa, e sombras tremeluziam nas paredes de cal e no silencioso caixão, conforme as chamas das velas inclinavam-se em uma corrente de ar repentina.

— Eu acho que a matei — eu disse de repente, sem absolutamente nenhuma intenção de dizer isso. — Foi a penicilina que a matou.

Os dedos longos não interromperam seus movimentos relaxantes.

— Foi mesmo? — ela murmurou. — Você não poderia ter feito nada diferente, não é?

-Não.

Um pequeno tremor de alívio percorreu meu corpo, tanto pela franca confissão quanto pela liberação gradual da dolorosa tensão no pescoço e ombros.

— Está tudo bem — ela disse suavemente, massageando, esfregando. Ela iria morrer de qualquer forma, não é? É triste, mas você não agiu errado. Você sabe disso.

— Eu sei disso. — Para minha surpresa, uma única lágrima escorreu pela minha face e caiu sobre a página, enrugando o papel. Pisquei com força, lutando para reprimir as lágrimas. Não queria perturbar Brianna.

Ela não estava perturbada. Suas mãos deixaram meus ombros e eu ouvi o arrastar das pernas de um banquinho. Então seus braços me envolveram e eu deixei que ela me puxasse para trás, minha cabeça pousada logo abaixo de seu queixo. Ela ficou simplesmente me segurando ali, deixando que a subida e descida de sua respiração me acalmasse.

— Fui jantar na casa de tio Joe uma vez, logo depois que ele tinha perdido um paciente — ela disse finalmente. — Ele me falou sobre isso.

— É mesmo? — Fiquei um pouco surpresa; não imaginei que Joe conversaria sobre coisas assim com ela.

— Ele não pretendia. Mas eu podia ver que alguma coisa o estava perturbando, então eu perguntei. E... ele precisava falar, e eu estava lá. Mais tarde, ele disse que foi quase como se você estivesse lá com ele. Eu não sabia que ele a chamava de Ladyjane.

— Sim — eu disse. — Por causa do meu jeito de falar, ele disse. — Senti o sopro de uma risada em minha orelha e sorri ligeiramente em resposta. Fechei os olhos e pude ver meu amigo, gesticulando numa conversa empolgada, o rosto iluminado com o desejo de provocar.

— Ele disse que, quando alguma coisa assim acontecia, às vezes havia uma espécie de inquérito formal no hospital. Não como um julgamento, isso não, mas uma reunião com os outros médicos para se saber exatamente o que havia acontecido, o que dera errado. Ele disse que era uma espécie de confissão, contar aos outros médicos, que podiam compreender... e que isso ajudava.

— Mmhum. — Ela se balançava ligeiramente, embalando-me enquanto se movia, como embalava Jemmy, acalmando.

— É isso o que a está incomodando? — ela perguntou

serenamente. Não apenas Rosamund, mas o fato de você estar sozinha? Por não ter ninguém que possa realmente entender?

Ela passou os braços ao redor dos meus ombros, as mãos cruzadas, levemente pousada em meu peito. Mãos jovens, grandes, capazes, a pele fresca e clara, cheirando a pão quente e geleia de morango. Levantei uma delas e coloquei a palma quente contra minha face.

— Pelo visto eu tenho — eu disse.

A mão se curvou, acariciou minha face e soltou-se. A mão jovem e grande moveu-se devagar, alisando meus cabelos para trás da orelha com terna afeição.

— Vai ficar tudo bem — ela disse. — Tudo vai ficar bem.

— Sim — eu disse, e sorri, apesar das lágrimas que turvavam meus olhos. Eu não podia ensinar Brianna a ser médica. Mas evidentemente, sem perceber, de certa forma eu a havia ensinado a ser mãe.

— Você devia ir se deitar — ela disse, retirando as mãos com relutância. Ainda falta mais de uma hora até eles chegarem aqui.

Soltei a respiração com um suspiro, sentindo a paz da casa ao meu redor. Ainda que Fraser's Ridge tenha sido um paraíso muito breve para Rosamund Lindsay, mesmo assim havia sido um verdadeiro lar. Nós a sepultaríamos adequadamente e a honraríamos em sua morte.

— Num minuto — eu disse, assoando o nariz. — Preciso terminar uma coisa primeiro.

Sentei-me direito e abri meu livro. Molhei a pena e comecei a escrever as linhas que deveriam ficar ali, para o médico desconhecido que viria depois de mim.

Setembro, 1772

Acordei encharcada de suor. A camisola fina com que eu dormia estava grudada em meu corpo, molhada e transparente; a cor da minha pele aparecia em manchas através do tecido, mesmo à luz turva que vinha da janela com as persianas abertas. Eu havia chutado o lençol e colcha em meu sono agitado e jazia esparramada com a camisola de linho embolada acima das minhas coxas — mas ainda assim minha pele pulsava de calor, ondas quentes que fluíam por cima de mim como cera de vela derretida.

Lancei as pernas para fora da cama e me levantei, sentindo-me tonta e desligada do corpo. Meus cabelos estavam ensopados e meu pescoço escorregadio com a perspiração; um fio de suor escorreu entre meus seios e desapareceu.

Jamie ainda dormia; eu podia ver a forma curvada de seu ombro virado para cima e seus cabelos derramados, escuros, pelo travesseiro. Ele remexeu-se ligeiramente e murmurou alguma coisa, mas depois resvalou novamente para a respiração profunda e regular do sono. Eu precisava de ar, mas não queria acordá-lo. Afastei o mosquitoireiro de gaze, atravessei o quarto cuidadosamente até a porta e entrei no pequeno quarto de depósito do outro lado do corredor.

Era um cômodo pequeno, mas tinha uma janela grande, para contrabalançar com a do nosso quarto. Esta ainda não tinha vidraça; era fechada apenas com persianas de madeira, e eu podia sentir correntes do ar da noite atravessando as frestas, girando pelo assoalho, acariciando minhas pernas nuas. Ansiosa pelo frescor da noite, tirei minha camisola molhada e suspirei de alívio quando a corrente de ar subiu pelos meus quadris, seios e braços.

No entanto, o calor continuava lá, ondas quentes pulsando pela minha pele a cada batida do coração. Tateando no escuro, destranquei as persianas e abri inteiramente a janela, absorvendo grandes goles do ar frio da noite que jorrava sobre mim.

Dali, eu podia ver acima das árvores que encobriam a casa, a descida da montanha, quase até a fraca linha preta do rio ao longe. O vento agitava as copas das árvores e soprava sobre mim com um abençoado frescor e o pungente cheiro de folhas e seivas de verão.

Fechei os olhos e permaneci imóvel; em um ou dois minutos, o calor desapareceu como um carvão em brasa sufocado, deixando-me úmida, mas tranquila.

Eu ainda não queria voltar para a cama; meus cabelos estavam úmidos e os lençóis onde eu estivera deitada ainda estariam pegajosos. Apoiei-me nua no parapeito, a penugem do meu corpo pinicando agradavelmente conforme minha pele esfriava. O tranquilizante sussurro das árvores foi interrompido pelo som agudo do choro de uma criança, e eu olhei na direção da cabana.

Ficava a uns cem metros da casa; o vento deve estar na minha direção, para ter trazido o som até ali. De fato, o vento mudou quando eu me debrucei na janela e o choro se perdeu no farfalhar das folhagens. Mas a brisa continuou e eu podia ouvir os guinchos agudos, mais fortes agora, no silêncio.

O choro estava mais forte porque estava se aproximando. Houve um estalido e um gemido de madeira quando a porta da cabana se abriu e alguém saiu. Não havia nenhum lampião ou vela acesa na cabana e o rápido vislumbre que tive do vulto que saía não mostrava nada além de uma figura alta contra a turva claridade da lareira lá dentro. Parecia ter cabelos longos, mas tanto Roger quanto Brianna dormiam com os cabelos soltos e sem touca. Era agradável imaginar as lustrosas mechas pretas de Roger misturadas às mechas cor de fogo de Brianna sobre o travesseiro — eles dividiriam um travesseiro?, imaginei de repente.

O berreiro não havia acalmado. Nervoso e irritado, mas não agoniado. Não era dor de barriga. Um pesadelo? Esperei um instante, observando, para ver se alguém traria a criança para a casa, à minha procura, e peguei minha camisola amarrotada, por precaução. Não — o vulto havia desaparecido no bosque de abetos; eu podia ouvir o choro cada vez mais distante. Não era febre, então.

Percebi que meus seios tinham começado a pinicar e enrijecer em resposta ao choro, e sorri, um pouco melancolicamente. Estranho que o instinto fosse tão arraigado e durasse por tanto tempo -será que um dia eu deixaria de reagir ao som de uma criança chorando, ao cheiro de um homem excitado, ao roçar dos meus próprios cabelos compridos na pele nua das minhas costas? E se eu de fato chegasse a esse ponto — lamentaria a perda, me perguntei, ou me sentiria em paz, podendo contemplar a existência sem a intrusão de tais sensações animais?

Não eram apenas as glórias da carne que eram as dádivas do mundo, afinal de contas; um médico também vê a plenitude de sofrimentos a que a carne está sujeita — no entanto... parada no ar fresco do final do verão que fluía da janela, as tábuas lisas sob meus pés descalços e o toque do vento na pele nua... eu não podia desejar

ser puramente espírito — ainda não.

O choro ficou mais forte e eu ouvi o murmúrio baixo da voz de um adulto abaixo do berreiro, tentando inutilmente aplacá-lo. Roger, então.

Segurei meus seios delicadamente, erguendo seu peso macio e cheio. Lembrei-me de como eram quando eu era muito jovem; pequenos e rijos, tão sensíveis ao toque da mão de um rapaz que meus joelhos ficavam fracos. Até com o toque da minha própria mão. Eram diferentes agora — e no entanto peculiarmente iguais.

Não se tratava da descoberta de algo novo e não imaginado, mas apenas de uma nova consciência, o reconhecimento de algo que surgira enquanto eu estava de costas, como uma sombra lançada na parede, sua presença insuspeita, vista somente quando me virasse para olhar para ela — mas lá o tempo inteiro.

Oh, eu tenho uma pequena sombra que só faz me acompanhar,
E para que ela serve é mais do que posso imaginar.

E se eu me virasse de costas outra vez, a sombra não me deixaria. Estava irremediavelmente ligada a mim, quer eu notasse sua presença ou não, agachada, sempre etérea, intangível, mas presente, bastante pequena para desaparecer sob meus pés quando a luz de outras preocupações me iluminava, inflada a proporções gigantescas ao clarão de alguma ânsia repentina.

Demónio ou anjo da guarda? Ou apenas a sombra da besta, lembrete constante do caráter inescapável do corpo e seus desejos?

Outro barulho mesclado à cantoria embaixo; tosse, pensei, mas ela não parou e o ritmo parecia errado. Coloquei a cabeça para fora, cautelosa como um caracol após uma tempestade, e entendi algumas palavras no gorgolejo dissonante.

—...escavando uma mina... mineiro... filha, Clementine. Roger estava cantando.

Senti as lágrimas assomarem aos meus olhos e retirei a cabeça para dentro apressadamente, para não ser vista. Não havia nenhuma melodia, o tom não variava mais do que o assobio do vento através da boca de uma garrafa vazia — e no entanto era música. Uma canção obstinada, áspera, e entretanto o choro de Jemmy se aplacou para pequenos soluços fungados, como se ele tentasse entender a letra, tão dolorosamente forçada através da garganta dilacerada de seu pai.

— Alimentava os patinhos... à beira d'água... — Ele tinha que parar para recuperar o fôlego a cada frase sussurrada, o som como o de linho rasgando-se. Cerrei os punhos, como se pela pura força de vontade eu pudesse ajudá-lo a pronunciar as palavras da canção.

— Caixas de arenque... sem tampa sandálias eram para... Clementine.

A brisa se intensificava outra vez, agitando as copas das árvores. O verso seguinte se perdeu no farfalhar das folhas e não ouvi mais nada por um ou dois minutos, por mais que me esforçasse.

Então vi Jamie, parado.

Ele não fizera nenhum ruído, mas eu senti sua presença imediatamente; o ar fresco do quarto tornara-se mais denso, mais cálido.

— Você está bem, Sassenach? — ele perguntou suavemente da porta.

— Sim, estou bem. — Falei num sussurro, para não acordar Lizzie e seu pai que dormiam no quarto de trás. — Só precisava de um pouco de ar; não queria acordá-lo.

Ele se aproximou, um fantasma alto e nu, com cheiro de sono.

— Sempre acordo quando você acorda, Sassenach, não durmo bem sem você ao meu lado. — Ele tocou rapidamente a minha testa. — Achei que talvez você estivesse com febre; a cama estava úmida onde você estava deitada. Tem certeza de que está bem?

— Eu estava com calor, não conseguia dormir. Mas, sim, estou bem E você? — Toquei em seu rosto; sua pele estava quente de sono.

Ele veio se postar ao meu lado na janela, olhando para fora, para a noite de final de verão. Era lua cheia e os pássaros estavam inquietos; bem perto, ouvi o trinado fraco de um rouxinol de uma ninhada tardia, e mais ao longe o pio de uma coruja caçando.

— Lembra-se de Laurence Sterne? — Jamie perguntou, evidentemente lembrando-se do naturalista por causa dos sons.

— Duvido que alguém que o tivesse conhecido pudesse esquecê-lo — eu disse secamente. — A sacola de aranhas secas causa uma forte impressão. Sem falar do cheiro. Stern possuía um aroma distinto, composto de partes iguais de odor natural do corpo, uma cara colônia de que ele gostava — suficientemente forte para competir, embora não para sobrepujar, os odores de vários conservantes como cânfora e álcool — e um leve fedor de decomposição dos espécimes que ele coletava.

Ele riu baixinho.

— É verdade. Ele fede mais do que você.

— Eu não cheiro mal! — eu disse indignada.

— Mmmhum. — Ele pegou minha mão e levou-a ao nariz, cheirando-a delicadamente. Cebolas... e alho. Algo apimentado... grãos

de pimenta. Sim, e cravo-da-índia. Sangue de esquilo e caldo de carne. — Sua língua estendeu-se para fora como a de uma cobra, tocando rapidamente as juntas dos meus dedos. — Goma, batatas e algo silvestre. Cogumelos chapéu-de-sapo.

— Isso não é justo — eu disse, tentando puxar minha mão. — Sabe perfeitamente o que tivemos para o jantar. E não eram chapéus-de-sapo, eram orelhas-de-Judeu.

— Hum? — Ele virou minha mão e cheirou a palma, depois meu pulso e foi subindo para meu antebraço. — Vinagre e endro; andou fazendo pickles de pepino, não é? Ótimo, eu gosto muito. Hum, oh, e leite azedo aqui nos cabelinhos do seu braço. O que salpicou aqui? Foi quando estava batendo manteiga ou desnatando leite?

— Adivinhe, já que é tão bom nisso.

— Manteiga.

— Droga. — Eu ainda tentava puxar, me libertar, mas apenas porque os pelos curtos de sua barba faziam cócegas na pele sensível do meu braço. Ele foi cheirando meu braço acima, até minha clavícula, fazendo-me guinchar conforme os fios soltos dos seus cabelos roçavam a minha pele.

Ele levantou meu braço, tocou os pelos sedosos e úmidos ali, e passou o dedo sob o nariz.

— Eau defemme — ele murmurou, e eu ouvi o riso em sua voz. — Ma petitfleur.

— E eu também tomei banho — eu disse melancolicamente.

— Sim, com sabonete de girassol — ele disse, um leve tom de surpresa na voz ao cheirar a base do meu pescoço. Eu dei um gritinho agudo e ele colocou a mão grande e quente sobre a minha boca. Ele cheirava a pólvora, feno e esterco, mas eu não podia dizer isso com a boca tapada.

Ele endireitou-se um pouco, inclinou-se mais para perto e a aspereza de sua barba roçou minha face. Soltou a mão e eu senti a maciez dos seus lábios na minha têmpora, o toque de borboleta de sua língua na minha pele.

— E sal — ele disse, baixinho, seu hálito quente em meu rosto. — Há sal no seu rosto e suas pestanas estão úmidas. Você chorou, Sassenach

Não — eu disse, embora sentisse uma ânsia repentina e irracional de fazer exatamente isso. — Não, eu suei. Eu estava... com calor.

Não estava mais; minha pele estava fresca; fria onde a corrente de ar da noite que entrava pela janela esfriava meu traseiro.

— Ah, mas aqui... hum. — Ele estava de joelhos agora, um braço ao redor de minha cintura para me manter quieta, o nariz enterrado entre meus seios.

— Oh — exclamou, e sua voz mudou outra vez.

Normalmente eu não usava perfume, mas eu tinha um óleo especial, enviado das Antilhas, feito de flores de laranjeira, jasmim, baunilha e canela. Eu tinha apenas um minúsculo frasco e só usava um pequeno toque em raras ocasiões — quando achava que deveriam talvez ser especiais.

— Você me queria — ele disse desoladamente. — E eu adormeci sem sequer tocar em você. Sinto muito, Sassenach. Você deveria ter dito.

Você estava cansado. — Sua mão deixara minha boca. Acaricieie seus cabelos, alisando os longos fios para trás da orelha. Ele riu e senti o calor de seu hálito no meu estômago nu.

— Para isso você podia me levantar dos mortos, Sassenach. Eu não me importaria.

Ele levantou-se, então, de frente para mim, e mesmo à luz turva eu pude ver que não seria necessária nenhuma medida desesperada de minha parte.

— Está calor — eu disse. — Estou suando.

— Acha que não estou?

Suas mãos fecharam-se em minha cintura e ele me ergueu de repente, sentando-me no largo parapeito da janela. Arfei ao contato com a madeira fria, agarrando os batentes de cada lado, num reflexo.

— O que você está fazendo?

Ele não se deu ao trabalho de responder. De qualquer modo era uma pergunta puramente retórica.

— Eau defennme — ele murmurou, seus cabelos macios roçando pelas minhas coxas quando se ajoelhou. As tábuas do assoalho estalaram com seu peso. — Parfum d'amour, hum?

A brisa fresca ergueu meus cabelos, agitou-os pelas minhas costas como o mais leve dos toques de um amante. As mãos de Jamie continuavam firmes na curva dos meus quadris; não havia risco de eu cair e, no entanto, senti a queda estonteante atrás de mim, a noite límpida e infinita, com o céu vazio, crivado de estrelas, no qual eu poderia cair e continuar caindo, apenas uma minúscula partícula ficando cada vez mais quente com o atrito de minha passagem, explodindo finalmente na incandescência de uma... estrela cadente.

— Sssh — Jamie murmurou, ao longe. Ele estava de pé agora, as

mãos na minha cintura, e o som de um gemido pode ter sido do vento, ou de mim. Seus dedos roçaram meus lábios. Podiam ser fósforos, acendendo chamas na minha pele. O calor dançava pelo meu corpo, barriga e seios, pescoço e rosto, queimando na frente, fresco atrás, como são Lourenço ardendo em sua grelha de ferro.

Eu o envolvi com minhas pernas, um dos calcanhares pousado no rego de suas nádegas, a sólida força de seus quadris entre minhas pernas como minha única âncora.

— Solte-se — ele disse em meu ouvido. — Eu seguro você. — Soltei as mãos e inclinei-me para trás, no ar, segura em suas mãos.

— Você começou a me dizer alguma coisa sobre Lawrence Stern — murmurei sonolentemente mais tarde.

— É verdade. — Jamie espreguiçou-se e se acomodou, uma das mãos curvada possessivamente sobre minha nádega. As juntas dos meus dedos roçavam nos pelos de sua coxa. Estava quente demais para ficarmos abraçados, mas não queríamos nos desligar inteiramente.

— Falávamos de pássaros; ele gostava muito deles. Eu perguntei a ele por que no final do verão os pássaros cantam à noite; as noites são mais curtas nessa época, você imaginaria que eles iriam querer descansar, mas não. Há murmúrios e gorjeios e toda sorte de ruídos, a noite toda nas cercas-vivas e nas árvores.

— É mesmo? Eu não havia notado.

— Você não tem o hábito de dormir na floresta, Sassenach — ele disse de forma tolerante. — Eu, sim, e Stern também. Ele havia notado a mesma coisa, ele disse, e se perguntou por quê.

— E ele tinha uma resposta?

— Não uma resposta... mas uma teoria, ao menos.

— Oh, melhor ainda — eu disse, com sonolento humor.

Ele deu um leve grunhido de concordância e virou-se ligeiramente de lado, soprando um pouco de ar bem-vindo entre nossas peles suadas. Eu podia ver o brilho do suor na curva de seu ombro e as gotículas de suor entre os cabelos escuros e encaracolados de seu peito. Arranhei delicadamente seu peito, com um som áspero, suave e agradável.

— O que ele fez foi capturar vários pássaros e trancá-los em gaiolas forradas com papel de mata-borrão.

— O quê? — Isso me despertou um pouco, ainda que só para rir. — Para quê?

— Bem, não completamente forradas, somente no chão — ele

explicou. Ele colocou um pratinho no chão cheio de tinta e uma vasilha no meio com sementes, de modo que eles não conseguiriam comer sem molhar os pés na tinta. Então, quando saltassem de um lado para o outro, as marcas de seus pés apareceriam no mata-borrão.

— Huuum. E o que, precisamente, isso mostrava, além de pegadas pretas? Os insetos estavam começando a nos achar, atraídos pelo almíscar de nossos corpos quentes. Um minúsculo zumbido junto ao meu ouvido me fez dar um tapa no mosquito invisível, depois puxar a gaze do mosquiteiro que Jamie havia afastado quando se levantou para me procurar. Ela estava presa a um engenhoso mecanismo — invenção de Brianna — fixo na viga acima da cama. Quando desenrolado, o tecido caía sobre todos os lados, protegendo-nos das hordas sanguínárias das noites de verão.

Puxei-o de volta ao lugar com certa lástima, pois embora excluísse os mosquitos e as enervantes mariposas, também inevitavelmente bloqueava um pouco do ar e toda a vista do luminoso céu noturno além da janela. Deitei-me novamente na cama, a uma certa distância; embora a fornalha natural de Jamie fosse um grande conforto nas noites de inverno, tinha suas desvantagens no verão. Eu não me importava de derreter em um inferno de desejo incandescente, se necessário, mas eu já não tinha mais camisolas limpas.

— Havia muitas pegadas, Sassenach, mas a maioria ficava em um único lado da gaiola. Em todas as gaiolas.

— Oh, é mesmo? E o que Stern achava que isso significava?

— Bem, ele teve a brilhante ideia de colocar uma bússola nas gaiolas. E parece que durante toda a noite, os pássaros saltavam e corriam para sudeste, que é a direção para onde migram, no outono.

— Isso é muito interessante. — Puxei meus cabelos para trás em um rabo de cavalo, levantando-os do pescoço para refrescá-lo. — Mas ainda não é hora de migrar, no final do verão, é? E eles não voam à noite, mesmo quando migram, voam?

— Não. É como se sentissem a iminência do voo e a atração que ele exerce, e isso perturbava o sono deles. O mais estranho é que a maioria dos pássaros que ele tinha eram novos, que nunca haviam feito a viagem ainda; não tinham visto o lugar para onde se destinavam e no entanto o sentiam lá, chamando-os, talvez, despertando-os.

Mexi-me um pouco e Jamie tirou a mão de minha perna.

— Zugunruhe — ele disse baixinho, percorrendo com a ponta do dedo a marca úmida que deixara em minha pele.

— O que é isso?

— Foi como Stern chamou isso, a prontidão dos pequenos pássaros, preparando-se para partir em seu longo voo.

— Isso tem algum significado em particular?

— Sim. “Ruhe” é quietude, descanso. E zug” é uma espécie de viagem. Então “zugunruhe” é uma inquietude, um nervosismo antes de uma longa jornada.

Virei-me para ele, pousando a cabeça afetuosamente em seu ombro. Inspirei, como alguém apreciando o aroma delicado de um bom charuto.

Eau de homme?

Ele ergueu a cabeça e cheirou o ar em dúvida, torcendo o nariz.

— Eau de chèvre, eu acho — ele disse. — Embora possa ser algo pior. Acha que existe uma palavra em francês para gambá?

— Le peu. — Sugeri, com uma risadinha. Os pássaros cantaram a noite inteira.

Outubro, 1772

Jamie balançou a cabeça para alguma coisa atrás dele, sorrindo.

— Estou vendo que temos ajuda hoje.

Roger olhou para trás e viu Jemmy caminhando pesadamente atrás deles, a pequenina testa franzida em feroz concentração, uma pedra do tamanho de um punho fechado agarrada ao peito com as duas mãozinhas. Roger teve vontade de rir diante da cena, mas em vez disso virou-se e agachou-se, esperando o menino alcançá-los.

— Isso é para o novo cercado de porcos, ghille ruadh? — ele disse. Jemmy balançou a cabeça solenemente. A manhã ainda estava fria, mas as faces do menino queimavam do esforço.

— Obrigado — Roger disse com seriedade. Estendeu a mão. — Posso levá-la, então?

Jemmy sacudiu a cabeça violentamente, a pesada franja sacudindo-se.

— Eu levo!

— É uma longa caminhada, ghille ruadh — Jamie disse. — E sua mãe vai sentir falta de você, não é?

-Não!

— Vovô tem razão, a bhalaich, mamãe precisa de você — Roger disse, estendendo a mão para pegar a pedra. — Vamos, deixe— Me...

— Não! — Jemmy agarrou a rocha protetoramente contra o peito, a boca cerrada numa linha obstinada.

— Mas você não pode... — Jamie começou.

— Vamos!

— Não, eu disse que você precisa... — Roger começou.

— VAMOS!

— Olhe, rapaz os dois homens começaram a dizer, depois pararam, olharam um para o outro e riram.

— E onde está mamãe? — Roger disse, tentando outra tática. — Mamãe vai ficar preocupada com você, hein?

A cabecinha ruiva sacudiu-se em veemente negação.

— Claire disse que as mulheres pretendiam fazer colchas de retalhos hoje — Jamie disse a Roger. — Marsali trouxe um tecido. Talvez tenham começado a costurar. — Agachou-se ao lado de Roger, olhando diretamente nos olhos de seu neto.

— Você fugiu da mamãe, então?

A boquinha rosada, até aqui pressionada com força, torceu-se, deixando escapar uma risadinha.

— Foi o que pensei — Roger disse, resignado. — Vamos, então. De volta para casa. — Levantou-se e pegou Jemmy nos braços, com pedra e tudo.

— Não, não! NÃO! — Jemmy enrijeceu-se, resistindo, os pés chutando a barriga de Roger, enquanto arqueava o corpo para trás como um arco. — Eu ajuda! Eu AJUDA!

Tentando fazer os próprios argumentos serem ouvidos acima dos berros de Jemmy sem gritar, enquanto ao mesmo tempo segurava o garoto para que não caísse de cabeça para trás, Roger a princípio não ouviu os gritos vindos da direção da casa. Quando ele finalmente recorreu ao expediente de colocar a mão sobre a boca escancarada de seu filho, gritos femininos de “Jeeeeemmmiiiiiii!” eram claramente audíveis através das árvores.

— Viu, a srta. Lizzie está procurando por você — Jamie disse ao seu neto, sacudindo o polegar na direção do som.

— E não só Lizzie — Roger disse. Mais vozes femininas ecoavam em coro, em tons crescentes de irritação. — Mamãe e vovó Claire e vovó Bug e tia Marsali, também, pelo que estou ouvindo. Não parecem muito satisfeitas com você, rapaz.

— É melhor nós o levarmos de volta — Jamie disse. Olhou para seu neto, não sem compaixão. — Veja bem, é capaz de você levar uma palmada, rapaz. As mulheres não gostam quando fugimos delas.

Essa perspectiva ameaçadora fez Jemmy largar a pedra e enrolar as pernas e os braços com força ao redor de Roger.

— Vou com VOCÊ, papai — ele disse, adulando-o.

— Mas mamãe...

— MAMÃE, NÃO! Quero papai!

Roger deu um tapinha nas costas de Jemmy, pequenas, mas robustas e sólidas sob a bata suja. Sentia-se dividido. Aquela era a primeira vez que Jem definitivamente preferira ele a Brí, e tinha que admitir que sentiu um certo prazer nisso. Ainda que a atual preferência de seu filho nascesse tanto da ânsia de evitar punição quanto do desejo de companhia, Jem quis ir com ele.

— Acho que poderíamos levá-lo com a gente — disse a Jamie, por cima da cabeça de Jem, agora aninhada com confiança contra seu ombro. — Só pela manhã; eu posso trazê-lo de volta ao meio-dia.

— Oh, sim — Jamie disse. Sorriu para seu neto, pegou a pedra caída e devolveu-a a ele. — Construir cercados de porcos é trabalho de homem, não? Nada desses enfeites e comidas que as senhoras tanto gostam.

— Por falar em comida... — Roger ergueu o queixo na direção da casa, onde os gritos de “JEEMIIIII!” agora assumiam um tom distintamente enfurecido, com um toque de pânico. — É melhor dizermos a elas que estamos com ele.

— Eu vou. — Jamie largou a mochila do ombro com um suspiro e ergueu uma das sobranceiras para seu neto. — Está me devendo uma, hein, rapaz. Quando as mulheres ficam irritadas, descontam no primeiro homem que aparece, quer ele tenha culpa ou não. É bem provável que eu ganhe uma palmada. — Revirou os olhos para cima, mas riu para Jemmy, depois se virou e partiu a passos largos para a casa.

Jemmy deu uma risadinha.

— Palmada, vovô! — ele disse.

— Quietos, capetinha. — Roger deu-lhe um tapinha no traseiro e percebeu que Jem estava usando calças curtas embaixo da bata, mas nenhuma fralda por baixo. Ele colocou o menino no chão.

— Precisa do penico? — ele perguntou automaticamente, caindo no linguajar peculiar de Brianna.

— Não — Jem disse, da mesma forma automática, mas colocando a mão entre as pernas num reflexo, o que fez seu pai pegá-lo pelo braço, girando-o firmemente para fora do caminho e para trás de um arbusto conveniente.

— Venha. Vamos tentar, enquanto esperamos o vovô.

Pareceu um longo tempo até Jamie reaparecer, embora os gritos indignados das mulheres tivessem silenciado rapidamente. Se Jamie levava uma palmada, Roger pensou cinicamente, parecia ter gostado. Suas faces estavam coradas e exibiam um leve, mas inequívoco ar de satisfação.

Mas isso foi logo explicado quando Jamie tirou um pequeno embrulho de dentro da camisa e desembulhou uma toalha de linho, revelando meia dúzia de biscoitos frescos, ainda mornos, e pingando manteiga derretida e mel.

— Acho que a sra. Bug pretendia destiná-los ao grupo de costura — ele disse, distribuindo o espólio. — Mas ainda havia muita massa na

tigela; acho que nem vão dar pela falta.

— Se derem, vou jogar a culpa em você — Roger garantiu-lhe, pegando uma gota de mel morno que escorrera pelo seu pulso. Limpou-o e lambeu o dedo, os olhos fechando-se momentaneamente em êxtase.

— Vai me delatar para a Inquisição? — Os olhos de Jamie estreitaram-se em triângulos azuis de humor conforme limpava os farelos da boca. — E mesmo depois de eu ter compartilhado com você o produto da minha pilhagem! Que gratidão!

— Sua reputação pode aguentar — Roger disse ironicamente. — Jem e eu somos persona non grata depois do que aconteceu com seu bolo de especiarias na semana passada, mas o patrão nunca está errado, no que diz respeito à vovó Bug. Ela não se importaria se você comesse sozinho todo o conteúdo da despensa.

Jamie lambeu um pouco de mel do canto da boca, com a presunçosa complacência de um homem permanentemente nas boas graças da sra. Bug

— Bem, pode ser — ele admitiu. — Ainda assim, se espera me culpar, é melhor limpar um pouco da evidência do menino antes de voltarmos.

Jemmy cuidava de sua guloseima com obstinada concentração, todo o seu rosto brilhando de manteiga, bocados de mel escorrendo em trilhas cor de âmbar pela sua bata e o que pareciam ser vários pedacinhos de massa mastigada presos nos cabelos.

— Como é que você fez isso tão depressa? — Roger perguntou, espantado.

— Veja o que fez com a sua camisa! Sua mãe vai nos matar. — Pegou a toalha e fez uma tentativa infrutífera de limpar um pouco da lambança, mas só conseguiu espalhar ainda mais a sujeira.

— Não se preocupe — Jamie disse, com tolerância. — Ele vai estar tão imundo ao final do dia que sua mãe jamais vai notar alguns farelos extras. Cuidado, rapaz! — Um gesto rápido salvou metade do biscoito que se quebrara quando o menino tentou enfiar o último inteiro na boca.

— Pensando bem — Jamie disse, mordendo pensativamente a metade de biscoito resgatada enquanto olhava para seu neto, — acho melhor a gente sacudi-lo um pouco no riacho. Não vamos querer que os porcos sintam o cheiro de mel nele.

Uma leve onda de inquietação inundou Roger, ao perceber que Jamie de fato não estava brincando a respeito dos porcos. Era comum ver ou ouvir porcos na floresta próxima, fuçando nas folhas mortas

sob os carvalhos e álamos, ou grunhindo pacificamente sobre um tesouro de castanhas. Havia alimento de sobra nesta época do ano e os porcos não constituíam uma ameaça para um adulto. Um garotinho, entretanto, cheirando a mel... geralmente se pensa que porcos comem apenas raízes e castanhas, mas Roger tinha uma lembrança vívida da enorme porca branca, vista há alguns dias, com o rabo, pelado e sujo de sangue, de um gambá sacudindo-se de sua mandíbula conforme ela o mastigava placidamente.

Parecia que um pedaço do biscoito se agarrara em sua garganta. Pegou Jemmy no colo, apesar de lambuzado, e enfiou-o debaixo do braço, os braços e pernas do menino balançando no ar.

— Vamos, então — Roger disse, resignado. — Mamãe não vai gostar nem um pouco se você for comido por um porco.

Os mourões para a cerca estavam empilhados perto da pilastra de pedra. Roger vasculhou por ali até encontrar uma peça lascada, bastante curta para usar como alavanca e levantar um grande pedaço de granito o suficiente para enfiar as duas mãos por baixo. Agachando-se, ele colocou-a sobre as coxas e, muito devagar, começou a se levantar, as costas endireitando-se uma vértebra de cada vez, os dedos cravando-se na superfície coberta de musgo com o esforço. O pano amarrado ao redor de sua cabeça estava encharcado e o suor escorria pelo seu rosto. Sacudiu a cabeça para tirar o suor incômodo de perto de seus olhos.

— Papai, papai!

Roger sentiu um puxão repentino em suas calças, pestanejou para afastar o suor dos olhos e plantou os pés bem separados para manter o equilíbrio sem deixar cair a pedra pesada.

— O que foi, rapaz?

Jemmy agarrava-se ao tecido com as duas mãos. Ele olhava para a floresta.

— Porco, papai — sussurrou. — Porco grande.

Roger olhou na direção do olhar do menino e ficou paralisado.

Era um enorme javali preto, talvez a uns dois metros e meio de distância. O animal tinha mais de um metro e meio de altura e devia pesar cem quilos ou mais, com presas curvas e amarelas do tamanho do antebraço de Jemmy. Estava parado com a cabeça erguida, o focinho úmido movimentando-se conforme farejava o ar em busca de alimento ou como forma de ameaça.

— Merda — Roger disse sem querer.

Jemmy, que normalmente captava qualquer palavrão inadvertido e o alardeava alegremente, agora apenas agarrou-se com mais força à

perna de seu pai.

Os pensamentos voavam pela mente de Roger como vagões de trem colidindo. O animal atacaria se ele se movesse? Ele tinha que se mover; os músculos de seus braços tremiam sob o esforço. Ele havia lavado as mãos e o rosto de Jem; o menino ainda cheiraria ou pareceria uma iguaria de porcos selvagens?

Extraiu um pensamento coerente dos destroços.

— Jem — ele disse, a voz muito calma, — fique atrás de mim. Faça isso agora — ele acrescentou com ênfase, quando o javali virou a cabeça na direção deles.

Ele os viu; Roger pôde ver os pequeninos olhos escuros mudarem de foco. O animal deu alguns passos à frente, os cascos absurdamente pequenos e delicados para o volume ameaçador.

— Está vendo o vovô, Jem? — ele perguntou, mantendo a voz calma. Línguas de fogo queimavam pelos seus braços e seus cotovelos pareciam ter sido esmagados num torno.

— Não — Jemmy sussurrou. Roger podia sentir o menino encolher-se atrás dele, pressionado contra suas pernas.

— Bem, olhe ao redor. Ele foi ao rio; vai voltar daquela direção. Vire-se e olhe.

O javali mostrava-se cauteloso, mas não com medo. Era isso que dava não caçar o suficiente desses animais, ele pensou. Deviam estripar alguns na floresta uma vez por semana, como uma lição prática para os demais.

— Vovô! — A voz de Jemmy soou atrás dele, aguda de medo.

Com o grito, os pelos no pescoço do javali eriçaram-se subitamente, formando uma aresta de pelos ásperos ao longo de sua espinha, e ele abaixou a cabeça, os músculos se contraindo.

— Corra, Jem! — Roger gritou. — Corra para o vovô! — Uma descarga de adrenalina inundou-o e de repente a pedra não pesava nada. Ele a lançou sobre o porco que partia para o ataque, atingindo-o no ombro. Ele soltou um ruído surdo de surpresa, vacilou, depois abriu a boca com um rugido e se lançou sobre ele, as presas retalhando o ar conforme ele sacudia a cabeça.

Ele não podia desviar-se para o lado e deixá-lo passar; Jem ainda estava logo atrás dele. Chutou-o na mandíbula com toda força, em seguida atirou-se sobre ele, tentando desesperadamente agarrar-se ao seu pescoço.

Seus dedos deslizavam e escorregavam, incapazes de se agarrar com firmeza nas cerdas hirsutas, apertando e escapando dos rolos rígidos de carne sólida. Santo Deus, era como lutar com um saco de

concreto animado! Sentiu algo quente e úmido na mão e retirou-a com um puxão brusco; ele o teria cortado? Não sentia nenhuma dor. Talvez fosse apenas saliva de suas mandíbulas rangentes — talvez sangue de algum ferimento muito profundo para sentir. Não havia tempo para procurar. Lançou a mão para baixo outra vez, tateando cegamente, agarrou uma perna peluda e puxou com toda força.

O javali caiu de lado com um guincho de surpresa, atirando-o para fora de suas costas. Ele caiu no chão sobre as duas mãos e um dos joelhos, e seu joelho atingiu uma pedra. Uma dor lancinante disparou do tornozelo à virilha e ele se curvou involuntariamente, momentaneamente paralisado com o choque.

O javali se levantara, sacudindo-se com um grunhido e um estremecimento das cerdas, mas olhando para o outro lado. A poeira ergueu-se de sua pele e ele pôde ver o rabo enroscado, uma espiral colada ao traseiro.

Mais um segundo e o porco se viraria, o rasgaria da barriga à garganta, e pisotearia nos pedaços. Agarrou uma pedra, mas ela se desfez em sua mão, nada mais era do que um torrão de terra.

A respiração arfada e o barulho das passadas de um homem correndo veio de sua esquerda, e ele ouviu um grito ofegante.

— Tulach ArdTulach Ard!

O javali ouviu o grito de Jamie e virou-se para enfrentar seu novo inimigo, a boca aberta e os olhos vermelhos de fúria.

Jamie tinha sua adaga na mão, Roger viu o brilho do metal quando Jamie abaixou-se e girou-a num movimento amplo, rasgando o javali, depois se lançou para o lado quando ele atacou. Uma faca. Lutar contra aquela besta com uma faca?

Você é completamente louco, Roger pensou com clareza.

— Não, não sou — Jamie disse, arquejando, e Roger percebeu que devia ter pensado em voz alta. Jamie agachou-se, equilibrou-se nos calcanhares e estendeu a mão livre para Roger, os olhos ainda presos ao animal, que fizera uma pausa, amassando o chão com os cascos e batendo os dentes, girando a cabeça de um lado para o outro entre os dois homens, avaliando suas chances.

— Bioran! Jamie disse, acenando com urgência. — Pau, espeto, me dê Espeto! O mourão lascado! — Sua perna dormente ainda recusava-se a funcionar, mas ele podia se mover. Atirou-se para o lado, agarrou o pedaço de madeira lascada e caiu de volta sobre os quadris, segurando-o à sua frente como uma lança própria de caçar javali, a ponta aguda voltada para o inimigo.

— Tulach Ard! — ele berrou. — Venha cá, seu gordo desgraçado!

Distraído por um instante, o porco virou-se para ele. Jamie lançou-se sobre ele, esfaqueando-o, mirando entre as omoplatas. Ouviu-se um guincho estridente e o porco rodou, o sangue voando de um profundo corte no ombro. Jamie lançou-se para o lado, tropeçou em alguma coisa, caiu e deslizou com força pela lama e capim, a faca girando de sua mão espalmada.

Lançando-se para frente, Roger enfiou sua lança improvisada com todas as suas forças logo abaixo do rabo do javali. O animal emitiu um grito agudo e pareceu erguer-se no ar. A lança deu uma guinada em suas mãos, a madeira áspera arrancando a pele das palmas de suas mãos. Agarrou-a com força e conseguiu continuar agarrado a ela quando o javali caiu de lado com um estrondo numa confusão de fúria, contorcendo-se, rangendo os dentes, urrando e jorrando sangue e lama preta em todas as direções.

Jamie já estava de pé, sujo de lama e gritando. Ele se apoderara de outro mourão, com o qual desfechou um poderoso golpe no animal que se levantava, a madeira chocando-se contra sua cabeça com um estalo, como uma tacada certa de beisebol no momento exato em que o animal colocava-se de pé. O javali, levemente tonto, deu um grunhido e sentou-se.

Um grito estridente vindo de trás fez Roger virar-se sobre os quadris. Jemmy, brandindo a adaga do avô acima da cabeça com as duas mãos e bamboleando precariamente, corria em zigue-zague na direção do javali, o rosto vermelho como beterraba em sua feroz intenção.

— Jem! — ele gritou — Para trás!

O javali resfolegou alto atrás dele e Jamie gritou alguma coisa. Roger não pôde prestar atenção, correu na direção de seu filho, mas percebeu um vislumbre de movimento na mata atrás de Jemmy que o fez erguer os olhos. Uma faixa cinzenta, rente ao chão e movendo-se tão rápido que ele não teve mais do que uma impressão de sua natureza.

Era suficiente.

— Lobos! — ele gritou para Jamie e, sentindo que ser atacado por lobos além de javalis era obviamente injusto, pegou Jemmy, agarrou a faca e atirou-se em cima do menino.

Pressionou-se contra o chão, sentindo Jemmy debater-se freneticamente sob ele, e esperou, estranhamente calmo. Seriam presas ou dentes?, ele se perguntou.

— Está tudo bem, Jem. Fique quieto. Está tudo bem, papai já pegou você. — Sua testa estava colada na terra, a cabeça de Jem enfiada na cavidade de seu ombro. Ele protegia o menino com um dos

braços, a faca agarrada na outra mão. Encolheu os ombros, sentindo a nuca exposta e vulnerável, mas não podia se mexer para protegê-la.

Podia ouvir o lobo agora, uivando para seus companheiros. O javali fazia um ruído infernal, uma espécie de grito longo, contínuo, e Jamie, sem fôlego para continuar gritando, parecia estar praguejando em explosões breves e incoerentes de gaélico.

Ouviu um zumbido peculiar passando acima de sua cabeça e um ruído surdo e oco, seguido por um silêncio repentino e absoluto.

Espantado, Roger levantou a cabeça alguns centímetros e viu o porco de pé a alguns passos à sua frente, a mandíbula aberta no que parecia absoluta perplexidade. Jamie estava de pé atrás dele, imundo da testa ao joelho de lama e sangue, e com a mesma expressão de perplexidade.

Então, as patas dianteiras do javali cederam e ele caiu sobre os joelhos. Cambaleou, os olhos embaciados, e desmoronou de lado, a haste de uma flecha projetando-se do lombo, parecendo frágil e inconsequente em comparação ao volume do animal.

Jemmy contorcia-se e chorava embaixo de Roger. Ele sentou-se devagar e tomou o menino nos braços. Notou, vagamente, que suas mãos estavam tremendo, mas sentia-se curiosamente vazio. A pele dilacerada das palmas de sua mão ardia e o joelho latejava. Dando uns tapinhas nas costas de Jemmy para confortá-lo, virou a cabeça para a floresta e viu o índio parado na frente das árvores, o arco na mão.

Ocorreu-lhe vagamente procurar pelo lobo. Estava fuçando a carcaça do javali, a poucos passos de Jamie, mas seu sogro não estava prestando nenhuma atenção a isso. Ele também olhava fixamente para o índio.

— Ian ele disse baixinho, e um olhar de incrível felicidade surgiu devagar através das manchas de lama, capim e sangue. — Oh, meu Deus. É Ian.

A VOZ DO TEMPO

Como Lizzie não tinha mãe para ajudá-la a preparar o enxoval para o casamento, as mulheres de Ridge se uniram para providenciar coisas como anáguas, camisolas e meias tricotadas, com algumas das mais prendadas confeccionando as colchas de retalhos. Quando a parte de cima da colcha, o tampo, ficasse pronta, todas iriam à “Casa Grande” para a finalização — o laborioso trabalho de costurar o tampo e o forro, com o que houvesse de disponível para o enchimento: cobertores velhos, panos remendados ou fios de lã, tudo colocado entre a parte de cima e a de baixo para tornar a coberta quente.

Eu não tinha nem muito tempo, nem muita paciência para a costura de um modo geral, mas tinha a destreza manual para pontos pequenos e bem feitos. Mais importante ainda, eu tinha uma cozinha grande, com boa luz e bastante espaço para montar uma colcha, além dos serviços da sra. Bug, que mantinha as costureiras bem providas de canecas de chá e infindáveis pratos de pãezinhos de maçã.

Estávamos costurando um tecido que a sra. Evan Lindsay havia montado com retalhos em tons cremes e azuis, quando Jamie apareceu repentinamente na porta do corredor. Apanhadas numa absorvente conversa sobre o ronco de maridos em geral e delas em particular, a maioria das mulheres não notou a presença dele, mas eu estava de frente para a porta. Ele parecia não querer interromper, ou atrair atenção, pois não entrou no aposento — mas quando obtive minha atenção, fez um sinal urgente com a cabeça e desapareceu na direção de seu gabinete.

Olhei para Bri, que estava sentada ao meu lado. Ela o vira; ergueu uma das sobrancelhas e deu de ombros. Dei um nó — enfiando a ponta da linha com o nó entre as camadas de tecido, para que não aparecesse, — preendi minha agulha na parte de cima da colcha e me levantei, murmurando uma desculpa.

— Dê cerveja para ele no jantar — a sra. Chisholm aconselhava a sra. Aberfeldy. — Muita cerveja, e bem aguada. Assim, ele vai ter que se levantar para urinar a cada meia hora e não começa aquela roncaria que sacode até o telhado e solta as telhas.

— Oh, sim — objetou a sra. Aberfeldy. — Já tentei isso. Mas depois, quando volta para a cama, ele quer... mmmhum. — Ficou vermelha quando todas as mulheres desataram a rir. — Durmo menos

do que com os roncoss!

Jamie esperava por mim no corredor. Assim que apareci, agarrou-me pelo braço e conduziu-me às pressas pela porta da frente.

— O que... — comecei a dizer, confusa. Então vi o índio alto, sentado na beira do alpendre.

— O que... — eu disse outra vez, e então ele se levantou, virou-se e sorriu para mim.

— Ian! — gritei, atirando-me em seus braços.

Ele estava magro e rígido como uma peça de couro cru secada ao sol, e suas roupas cheiravam a terra e umidade da floresta, com um leve resquício de fumaça e odores de corpos de uma casa indígena comunitária. Recuei um passo, enxugando os olhos, para olhar para ele, e um focinho frio cutucou minha mão, fazendo com que eu emitisse outro gritinho.

— Você! — exclamei para Rollo. — Achei que nunca mais o veria! — Dominada pela emoção, esfreguei alucinadamente suas orelhas. Ele deu um latido curto e deixou-se cair sobre as patas dianteiras, balançando o rabo da mesma forma alucinada.

— Cachorro! Au-au! Aqui, cachorro! — Jemmy saiu em disparada pela porta de sua própria casa, correndo o mais rápido que suas pernas curtas lhe permitiam, os cabelos molhados arrepiados e o rosto radiante. Rollo partiu em sua direção, atingindo-o na barriga e derrubando-o numa algazarra de gritinhos.

A princípio, temi que Rollo — que era, afinal, metade lobo — visse Jemmy como uma presa, mas ficou imediatamente claro que os dois estavam apenas envolvidos numa brincadeira esfuziante. Entretanto, o sonar maternal de Brianna captara a gritaria e ela veio correndo pela porta.

— O que... — começou a dizer, os olhos voltando-se para a confusão que acontecia no gramado. Então Ian deu um passo à frente, abraçou-a e beijou-a. Seu grito, por sua vez, fez o grupo de costura surgir de repente no alpendre, num alvoroço de perguntas, exclamações e novos gritinhos, em acompanhamento à empolgação geral.

No meio do pandemônio resultante, notei repentinamente que Roger, que aparecera de algum lugar, exibia uma nova esfoladura na testa, um olho roxo e uma camisa limpa. Olhei para Jamie, em pé ao meu lado observando os acontecimentos, o rosto iluminado num riso permanente. Sua camisa, ao contrário, não estava apenas imunda, mas rasgada na frente e com um enorme rasgão em uma das mangas. Havia grandes manchas de lama e sangue seco no tecido também,

embora eu não visse nenhum sangue fresco.

Considerando os cabelos molhados e a roupa limpa de Jemmy — não que ainda estivesse limpa, — tudo era muito suspeito.

— O que vocês andaram fazendo? — perguntei. Ele sacudiu a cabeça, ainda sorrindo.

— Nada importante, Sassenach. Embora eu tenha um porco selvagem fresco para você limpar... quando tiver tempo.

Empurrei para trás uma mecha de cabelos, exasperada.

— Isso é o equivalente a matar um bezerro gordo em homenagem ao retorno do filho pródigo? — perguntei, balançando a cabeça para Ian, que a essa altura estava completamente submerso numa onda de mulheres. Lizzie, eu vi, estava agarrada ao braço de Ian, o rosto pálido absolutamente afogueado de emoção. Senti uma ligeira fraqueza ao ver a cena, mas afastei o pensamento por enquanto.

— Ian trouxe amigos? Ou... sua família, talvez? — Ele dissera que sua mulher estava grávida, e isso fora há quase dois anos. A criança - se tudo tivesse corrido bem — Já deveria ter idade para andar.

O sorriso de Jamie ensombreceu-se um pouco.

— Não — ele disse. — Ele está sozinho. Exceto pelo cachorro, é claro acrescentou, indicando Rollo com um movimento com a cabeça. Rollo estava deitado de costas, as patas no ar, contorcendo-se alegremente sob o ataque de Jemmy.

— Oh. Bem. — Alisei meus cabelos e amarrei a fita novamente, começando a pensar o que deveria ser feito com relação às costureiras, o porco abatido e uma espécie de jantar de boas-vindas — embora eu imaginasse que a sra. Bug cuidaria disso.

— Quanto tempo ele vai ficar, ele disse?

Jamie respirou fundo, colocando a mão em minhas costas.

— Para sempre — ele disse, e sua voz estava repleta de júbilo, mas com um estranho toque de tristeza que me fez erguer os olhos para ele, confusa. — Ele voltou para casa.

Já era realmente muito tarde quando o porco, a colcha e o jantar terminaram, e as visitas finalmente foram embora, carregadas de mexericos. Embora nem tantos mexericos; Ian fora simpático com todos, mas reticente, contando muito pouco sobre sua jornada para o sul — e absolutamente nada sobre os motivos de sua volta.

— Ian lhe contou alguma coisa? — perguntei a Jamie, vendo-o temporariamente sozinho em seu estúdio antes do jantar. Ele sacudiu a cabeça.

— Muito pouco. Apenas que voltara para ficar.

— Acha que aconteceu alguma coisa horrível a sua mulher? E ao bebê? Senti uma profunda pontada de inquietação, tanto por Ian, quanto pela bela jovem mohawk chamada Wakyo'teyehsnonhsa, A Que Trabalha com as Mãos. Ian a chamava de Emily. A morte no parto não era incomum, mesmo entre os indígenas.

Jamie sacudiu a cabeça outra vez, parecendo sério.

— Não sei, mas acho que deve ser algo assim. Ele não mencionou nada a respeito deles, e os olhos do rapaz parecem bem mais velhos do que a idade dele.

Lizzie apareceu à porta nesse momento, com uma mensagem urgente da sra. Bug sobre as providências para o jantar, e eu tive que ir. No entanto, ao seguir Lizzie na direção da cozinha, não pude deixar de imaginar exatamente o que o retorno de Ian poderia significar para ela — particularmente se estivéssemos corretos em nossas suposições sobre a esposa mohawk de Ian.

Lizzie estava mais ou menos enamorada de Ian antes de ele partir, e havia se consumido durante meses depois de sua decisão de permanecer com os Kahnnyen'kehaka. Mas isso fora há mais de dois anos, e dois anos era um tempo muito longo, especialmente na vida de uma pessoa jovem.

Eu sabia o que Jamie queria dizer sobre os olhos de Ian e sabia com certeza que ele já não era o mesmo rapaz alegre e impulsivo que havíamos deixado com os mohawk. Lizzie também já não era a ratinha timidamente apaixonada que fora na época.

Mas o que ela era, no entanto, era a noiva de Manfred McGillivray. Eu só podia ficar aliviada com o fato de que nem Rute McGillivray nem nenhuma de suas filhas estavam presentes no círculo de costura dessa tarde. Com sorte, o encanto com a volta de Ian duraria pouco.

— Você vai ficar bem aqui embaixo? — perguntei a Ian, em dúvida. Eu colocara várias colchas e um travesseiro de penas na mesa do consultório para ele, ele tendo educadamente rejeitado a oferta do sr. Wemyss de sua própria cama e o desejo da sra. Bug de improvisar uma cama de armar bem confortável para ele em frente à lareira da cozinha.

— Oh, sim, tia — ele disse, e riu para mim. — Não acreditaria nos lugares que Rollo e eu temos dormido. — Espreguiçou-se, bocejando e piscando. Santo Deus, há mais de um mês que não fico acordado após o pôr do sol.

— E de pé com o nascer do sol, imagino. Por isso que achei que você estaria melhor aqui; ninguém irá perturbá-lo, se quiser dormir até tarde de manhã.

Ele riu.

— Só se eu deixar a janela aberta para que Rollo possa ir e vir quando quiser. Apesar de que ele parece achar a caçada aqui dentro bastante boa.

Rollo estava sentado no meio do chão, o focinho erguido em expectativa, os olhos amarelos de lobo fixos sem piscar na porta de cima do armário. Um ronco baixo e surdo, como água fervendo numa chaleira, veio de trás da porta.

— Eu aposto no gato, Ian — Jamie observou, entrando no consultório. Ele tem a si mesmo em alta conta, o pequeno Adso. Eu o vi perseguir uma raposa, na semana passada.

— O fato de que você estava atrás dele com uma arma nada teve a ver com a fuga da raposa, é claro — eu disse.

— Bem, não no que diz respeito ao cheetie — Jamie concordou rindo.

— Cheetie — Ian repetiu suavemente. — É... muito bom falar escocês outra vez, tio Jamie.

A mão de Jamie roçou o braço de Ian de leve.

— Imagino que seja, a mhic apheathar — ele disse, com a mesma suavidade.

— Será que já esqueceu todo o seu gaélico?

— S beagthajhios aigfear a bhaile mar thafear na mara bio — Ian retrucou, sem hesitação. Era um ditado conhecido: Pouco sabe o homem que vive na terra sobre a vida do homem do mar.

Jamie riu, agradavelmente surpreso, e Ian retribuiu com um largo sorriso. Seu rosto estava castigado pelo sol, com um bronzeado escuro e as linhas pontilhadas de suas tatuagens mohawk desenhavam-se em bárbaras meias-luas do nariz às maçãs do rosto — mas, por um instante, vi seus olhos cor de avelã dançarem com um ar travesso, e vi novamente o rapaz que conhecêramos.

— Eu costumava repetir os nomes das coisas mentalmente — ele disse, o sorriso esvaindo-se um pouco. — Eu olhava para as coisas e dizia as palavras mentalmente — Avbhar, Coire, Skirlie — para não esquecer. — Olhou timidamente para Jamie. — Você me disse para não esquecer, tio.

Jamie piscou e clareou a garganta.

— É verdade, rapaz — ele murmurou. — Fico contente. — Apertou o ombro de Ian com força — e logo estavam se abraçando intensamente, batendo nas costas um do outro com uma emoção sem palavras.

Quando eu havia enxugado meus próprios olhos e assoado o nariz, eles haviam se separado e retomado um ar de elaborada descontração, fingindo ignorar meu deslize em emoções femininas.

— Mantive o escocês e o gaélico, tio — Ian disse, limpando a garganta. Mas o latim estava um pouco além de minha capacidade.

— Não posso imaginar que você tivesse muitas oportunidades de praticar o seu latim — Jamie disse. Passou a manga da camisa sob o nariz, sorrindo. — A não ser que algum jesuíta errante tenha aparecido por lá.

Ian pareceu um pouco estranho diante disso. Olhou de Jamie para mim, depois para a porta do consultório, para ter certeza de que ninguém estava chegando.

— Bem, não foi exatamente isso, tio — ele disse.

Caminhou silenciosamente até a porta, espreitou o corredor, depois fechou a porta devagar, voltando para a mesa. Ele viera com uma pequena bolsa de couro amarrada à cintura, a qual — além da faca, do arco e do coldre das flechas — parecia conter todos os seus bens materiais. Ele a havia guardado mais cedo, mas agora a pegou outra vez e remexeu rapidamente dentro dela, retirando dali um pequeno livro, encadernado em couro preto. Entregou-o a Jamie, que o pegou, parecendo intrigado.

— Quando eu... quer dizer, pouco antes de eu partir de Snaketown, a velha índia, Tewaktennyonh, me deu esse livrinho. Eu já o vira antes. Emily... — ele parou, limpando a garganta com força, depois continuou com firmeza

— Emily suplicou por uma página dele para mim, para mandar a vocês um bilhete dizendo que tudo ia bem. Vocês receberam?

— Sim, recebemos — assegurei-lhe. — Jamie enviou-o para sua mãe, mais tarde.

— É mesmo? — A expressão de Ian iluminou-se ao pensar em sua mãe. Que bom. Ela vai ficar contente em saber que eu voltei, espero.

— Aposto o que você quiser nisso — Jamie assegurou-lhe. — Mas o que é isto? — Ele levantou o livro, erguendo uma sobrançelha inquisitivamente. Parece o breviário de um padre.

— Parece, sim. — Ian balançou a cabeça, coçando uma mordida de mosquito no pescoço. — Mas não é. Dê uma olhada.

Aproximei-me de Jamie, olhando por cima de seu cotovelo enquanto ele abria o livro. Havia uma beirada irregular de papel, onde a folha de rosto fora arrancada. Mas não havia título, nem data de impressão. O livro parecia ser uma espécie de diário; as páginas estavam repletas de texto manuscrito, em tinta preta.

Duas palavras destacavam-se sozinhas no alto da primeira página, rabiscadas em letras grandes e trêmulas.

Ego sum, diziam. Eu sou.

— Você é, então? — Jamie disse, à meia-voz. — Sim, e quem será você? Mais abaixo na página, o texto continuava. Ali, a caligrafia era menor, mais controlada, embora parecesse haver algo de estranho nela.

Prima cogitatio est...

— Esta é a primeira coisa que me vem à cabeça — Jamie leu em voz baixa, traduzindo.

“Eu sou. Eu ainda existo. Eu existia naquele lugar no meio? Creio que sim, pois eu me lembro. Mais tarde tentarei descrevê-lo. Agora não tenho palavras. Sinto-me muito doente.”

As letras eram pequenas e redondas, cada qual escrita em separado. O trabalho de alguém cuidadoso e preciso, mas hesitante, as palavras subindo tropegamente pela página. Ele realmente se sentia doente, a julgar pela caligrafia.

Quando a redação foi retomada na página seguinte, a caligrafia miúda estava mais firme, assim como o ânimo de quem escreveu.

I Ibi denum locus...

É o lugar. É claro que seria. Mas a época também está certa, eu sei. As árvores, os arbustos são diferentes. Havia uma clareira para oeste e agora está completamente tomada por loureiros. Eu estava olhando para uma grande magnólia quando entrei no círculo e agora ela desapareceu; há uma muda de carvalho no local agora. O som é diferente. Não há barulho de autoestrada e veículos a distância. Apenas pássaros, cantando muito alto. Vento.

Ainda estou zozzo. Minhas pernas estão fracas. Ainda não consigo ficar em pé. Acordei sob a muralha onde a cobra engole a própria cauda, mas a alguma distância da cavidade onde colocamos o círculo. Eu devo ter rastejado, há terra e arranhões em minhas mãos e roupas. Fiquei deitado algum tempo depois de acordar, fraco demais para me levantar. Estou melhor agora. Ainda fraco e nauseado, mas mesmo assim exultante. Deu certo. Nós conseguimos.

— Nós? — eu disse, olhando para Jamie com as sobrancelhas erguidas. Ele deu de ombros e virou a página.

“A pedra desapareceu. Apenas um pouco de fuligem no meu bolso. Raymond estava certo, portanto. Era uma pequena safira bruta. Devo me lembrar de anotar tudo, para os outros que possam vir depois de mim.”

Um pequeno e frio tremor de premonição subiu pelas minhas

costas e tomou conta de mim, fazendo meu couro cabeludo pinicar quando os cabelos da minha cabeça arrepiaram. Outros que possam vir depois de mim. Sem intenção, estendi a mão e toquei o livro; um impulso irresistível. Eu tinha que tocá-lo de alguma forma, fazer algum contato com o desaparecido autor daquelas palavras.

Jamie olhou para mim com curiosidade. Com algum esforço, retirei minha mão, cerrando o punho. Ele hesitou por um instante, mas depois olhou de novo para o livro, como se a escrita preta e nítida atraísse seu olhar como os meus próprios.

Eu compreendi o que havia me chamado atenção naquelas palavras. Não foram escritas com uma pena. A escrita a pena, mesmo a melhor, era irregular na cor, escura onde a pena ainda estava bem molhada, desbotando devagar até o final de uma linha. Todas as palavras ali eram iguais — escritas numa linha fina, dura, de tinta preta, que marcavam muito de leve as fibras do papel. As penas de escrever nunca faziam isso.

— Caneta esferográfica — eu disse. — Ele escreveu isso com uma caneta esferográfica. Meu Deus!

Jamie olhou de novo para mim. Eu devia estar pálida, pois ele fez menção de fechar o livro, mas eu sacudi a cabeça, fazendo sinal para que ele continuasse a leitura. Ele franziu a testa, em dúvida, mas com um dos olhos ainda sobre mim, retornou à página. Então sua atenção se voltou completamente para o livro — e suas sobranceiras se levantaram quando olhou para a escrita na página seguinte.

— Olhe! — ele disse suavemente, virando o livro para mim e apontando para uma linha Escrita em latim como as outras, mas havia palavras desconhecidas mescladas no texto — palavras longas, estranhas.

— Mohawk. — Jamie disse. Ergueu os olhos, para o rosto de Ian. — Esta é uma palavra numa língua indígena, sem dúvida Uma das línguas algonquianas, não?

— Chove Forte — Ian disse serenamente. — E Kahnyen'kehaka, a língua mohawk, tio, Chove Forte é o nome de alguém E as outras palavras escritas aí também. Caminhante Forte, Seis Tartarugas e Fala com Espíritos.

— Pensei que os mohawk não tivessem língua escrita — Jamie disse, uma sobranceira ruiva erguida. Ian sacudiu a cabeça.

— E não têm mesmo, tio Jamie. Mas alguém escreveu isso — ele indicou a página. — e se você trabalha o som das palavras. — Deu de ombros. — São nomes mohawk. Tenho certeza.

Jamie olhou para ele por um longo instante, depois, sem

comentários, abaixou a cabeça e retomou a tradução.

“Eu tinha uma das safiras. Chove Forte a outra. Fala com Espíritos tinha um rubi, Caminhante Forte ficou com o diamante e Seis Tartarugas tinha a esmeralda. Não tínhamos certeza sobre o diagrama -se deveria ter quatro pontas, para os pontos cardeais, ou cinco, num pentáculo. Mas nós éramos cinco, jurados por sangue para essa façanha, assim montamos o círculo com cinco pontas.”

Havia uma pequena lacuna entre essa frase e a seguinte, e a caligrafia mudou, tornando-se agora firme e regular, como se o autor tivesse feito uma pausa, retomando a história num momento posterior.

“Voltei para olhar. Não há sinal do círculo, mas não vejo razão para que houvesse, afinal de contas. Creio que devo ter ficado inconsciente durante algum tempo; nós formamos o círculo logo na entrada da fenda, mas não há marcas na terra ali para mostrar como eu me arrastei ou rolei para o lugar onde acordei, e no entanto há marcas na terra, feitas pela chuva. Minhas roupas estão molhadas, mas não sei dizer se é da chuva, do sereno da manhã ou de suor por ter deitado ao sol. Era quase meio-dia quando acordei, pois o sol já ia bem alto e fazia calor. Tenho sede. Eu teria me arrastado para longe da fenda e depois perdido os sentidos? Ou fui lançado a alguma distância pela força da transição?”

Eu tinha a mais curiosa sensação, ouvindo aquilo, que as palavras ecoavam em algum lugar dentro da minha cabeça. Não era como se eu já as tivesse ouvido antes, e no entanto as palavras tinham uma assustadora familiaridade. Sacudi a cabeça, para clareá-la, e ergui os olhos, deparando-me com o olhar de Ian fixo em mim, meigos e castanhos, e cheios de especulação.

— Sim — eu disse francamente, em resposta ao seu olhar. — Eu sou. Brianna e Roger também. — Jamie, que parara para decifrar uma expressão, ergueu os olhos. Ele viu o rosto de Ian e o meu, e estendeu a mão, colocando-a sobre a minha.

— Quanto você conseguiu entender, rapaz? — ele perguntou serenamente.

— Bastante, tio — Ian respondeu, mas seus olhos não abandonavam meu rosto. — Não tudo — esboçou um breve sorriso, — e tenho certeza de que não entendi a gramática direito, mas acho que compreendi o sentido. E você?

Não ficou claro se ele dirigia a pergunta a mim ou a Jamie; nós dois hesitamos, trocamos um olhar — então eu me virei para Ian e balancei a cabeça, e Jamie fez o mesmo. A mão de Jamie apertou a minha com mais força.

— Mmmhum — Ian disse, e seu rosto se iluminou com uma

expressão de profunda satisfação. — Eu sabia que você não era uma fada, tia Claire!

Incapaz de continuar acordado por muito mais tempo, Ian finalmente se recolheu, bocejando, embora parando em seu caminho para a cama para agarrar Rollo pela nuca e imobilizá-lo, enquanto eu retirava Adso do armário, com os pelos eriçados lhe dando o dobro do seu tamanho normal e sibilando como uma cobra. Segurando o gato também pela nuca para evitar que fosse estripado, eu o tirei do caminho e o levei para o nosso quarto, onde o larguei sem a menor cerimônia em cima da cama, virando-me imediatamente para Jamie.

— O que aconteceu em seguida? — perguntei.

Ele já acendia uma nova vela. Desamarrando a camisa com uma das mãos e folheando o livro com a outra, afundou-se na cama, ainda absorvido na leitura.

— Ele não conseguiu encontrar nenhum de seus amigos. Vasculhou a região durante dois dias, chamando, mas não havia sinal deles. Ele ficou muito transtornado, mas finalmente achou que devia ir em frente; ele precisava de comida e não tinha nada além de uma faca e um pouco de sal. Tinha que caçar ou encontrar pessoas.

Ian dissera que Tewaktenyonh lhe dera o livro, insistindo com ele para que o trouxesse para mim. Pertencera a um homem chamado Dente de Lontra, ela dissera — um membro da minha família.

Um dedo gélido tocara minha espinha dorsal nesse momento — e não fora mais embora. Pequenas ondas de inquietação continuavam dançando pela minha pele como o toque de dedos fantasmagóricos. Minha família, de fato.

Eu havia dito a ela que Dente de Lontra talvez fosse alguém da “minha família”, incapaz de descrever o parentesco entre viajantes do tempo de outra forma. Eu nunca me encontrara com Dente de Lontra ao menos não em carne e osso, — mas se ele fosse o homem que eu pensava que era, então era a cabeça dele que estava enterrada em nosso pequeno cemitério com todas as suas obturações de platina.

Talvez eu fosse finalmente saber quem ele realmente fora — e como ele chegara ao seu surpreendente fim.

— Ele não era um grande caçador — Jamie disse criticamente, franzindo a testa para a página. — Não conseguia pegar nem um esquilo com uma armadilha, e em pleno verão, ainda por cima!

Felizmente para Dente de Lontra -se era realmente ele — ele estava familiarizado com inúmeras plantas comestíveis e parecia extremamente satisfeito consigo mesmo por reconhecer papaia e caqui.

— Reconhecer um caqui não é nenhum grande feito, pelo amor de Deus — eu disse. — Parecem bolas de beisebol cor de laranja!

— E têm gosto de fundo de urinol — Jamie acrescentou, uma vez que não gostava nem um pouco de caquis. — Ainda assim, ele devia estar faminto a essa altura e se você está com muita fome... — Deixou a frase morrer, os lábios movendo-se silenciosamente enquanto continuava sua tradução.

O sujeito havia vagado pelo mato por algum tempo — embora “vagado” não parecesse muito correto; ele escolhera uma direção específica, guiado pelo sol e pelas estrelas. Isso parecia estranho o que ele estaria procurando?

O que quer que fosse, ele por fim encontrara uma aldeia. Ele não falava a língua dos habitantes. Por que ele achava que deveria?, Jamie perguntou-se em voz alta. Mas ficara extraordinariamente perturbado, segundo seu relato, com a descoberta de que as mulheres usavam panelas de ferro para cozinhar.

— Tewaktenyongh disse isso! — interrompi. — Quando estava me falando dele... se for o mesmo homem — acrescentei, pro forma. — Ela disse que ele ficava falando o tempo todo sobre as panelas, as facas e as armas. Disse que os índios eram... Como foi que ela colocou isso? Eles precisavam “retornar aos hábitos de seus ancestrais”, ou o homem branco iria comê-los vivos.

— Um sujeito muito temperamental — Jamie murmurou, ainda pregado ao livro. — E com um desperdício de retórica, também.

Uma ou duas páginas depois, a fonte das estranhas preocupações de Dente de Lontra com as panelas tornou-se mais clara.

— Eu falhei — Jamie disse. — Cheguei tarde demais. — Endireitou as costas e olhou para mim, depois continuou.

“Não sei exatamente em que época estou, nem consigo descobrir — estas pessoas não registram os anos por nenhuma escala que eu conheça, mesmo que eu soubesse a língua deles o suficiente para perguntar. Mas sei que cheguei tarde demais.

Se eu tivesse chegado quando pretendia, antes de 1650, não haveria ferro numa aldeia do interior. Encontrá-lo sendo usado de forma tão comum significa que cheguei pelo menos cinquenta anos depois — talvez mais!”

Dente de Lontra foi lançado em profunda melancolia diante dessa constatação e passou vários dias em absoluto desespero. Depois, entretanto, se recompôs, concluindo que não havia nada a fazer senão seguir em frente. E assim ele partira sozinho, com o presente de alguma comida dos habitantes da aldeia — rumo ao norte.

— Não faço a menor ideia do que o sujeito achava que estava fazendo Jamie observou. — Mas eu diria que ele demonstra coragem. Seus amigos estão mortos ou desaparecidos e ele não tem nada consigo, não faz ideia de onde está... e mesmo assim ele continua.

— Sim... embora, com toda sinceridade, não creio que ele pudesse fazer algo diferente — eu disse. Toquei o livro outra vez, delicadamente, lembrando-me dos primeiros dias depois de minha passagem pelas pedras.

A diferença, é claro, era que esse homem escolhera atravessar as pedras propositalmente. Exatamente por que ele o fizera — e como — ainda não fora revelado.

Viajando sozinho pela região selvagem, sem nada além daquele livrinho como companhia, Dente de Lontra havia -segundo ele — decidido que iria ocupar sua mente em relatar sua jornada, com seus motivos e intenções.

“Talvez eu não seja bem-sucedido em minhas intenções — nossas intenções.

Na realidade, parece provável, no momento, que eu simplesmente morrerei aqui nessa imensidão deserta. Mas se assim for, a ideia de que algum registro de nosso nobre empreendimento permanece será um consolo — e é todo o legado que posso fornecer para aqueles que foram meus irmãos; meus companheiros nesta aventura.”

Jamie parou e esfregou os olhos.

Avela havia queimado quase até o fim; meus olhos estavam lacrimejando tanto dos bocejos que eu mal conseguia ver a página à luz bruxuleante, e me sentia zozza de fadiga.

— Vamos parar — eu disse, colocando a cabeça no ombro de Jamie, confortando-me em sua cálida solidez. — Não consigo mais ficar acordada, realmente não consigo. E depois, não parece direito ler a história dele correndo. Além do mais — parei, interrompida por um bocejo de estalar os maxilares que me deixou piscando e oscilando, — talvez Bri e Roger também devam ouvi-la.

Jamie viu meu bocejo e também abriu uma boca enorme, depois sacudiu a cabeça violentamente, piscando como uma grande coruja vermelha bruscamente sacudida de sua árvore.

— Sim, tem razão, Sassenach. — Fechou o livro e colocou-o delicadamente sobre a mesa junto à cama.

Não me preocupei com nenhum tipo de toalete da hora de dormir, apenas removendo minhas roupas externas, escovando os dentes e entrando na cama em minha combinação. Adso, que andara cochilando no travesseiro com grande satisfação, ficou desapontado

com nossa apropriação do seu lugar, mas irritadamente moveu-se por insistência de Jamie, dirigindo-se ao pé da cama, onde se deixou cair nos meus pés como um tapete grande e felpudo.

Após alguns instantes, entretanto, abandonou sua raiva, amassou as roupas de cama — e meus pés — delicadamente com as patas e começou a ronronar de uma maneira sonolenta.

Achei sua presença quase tão relaxante quanto o ronco baixo e regular de Jamie. De um modo geral, eu me sentia à vontade, segura no lugar que eu fizera para mim mesma neste mundo, feliz de estar com Jamie, quaisquer que fossem as circunstâncias. Mas de vez em quando, eu via repentinamente a magnitude do abismo que eu atravessara — a estonteante perda do mundo onde eu havia nascido — e me sentia muito sozinha. E com medo.

Ouvir as palavras desse homem, o seu pânico, o seu desespero, trouxe-me de volta a lembrança de todo o terror e dúvidas de minhas viagens através das pedras.

Aconcheguei-me junto ao meu marido adormecido, aquecida e ancorada, e ouvi as palavras de Dente de Lontra, como se fossem pronunciadas no meu ouvido interior — um grito de desconsolo que ecoava através das barreiras de tempo e idioma.

Mais para o pé dessa página em particular, a minúscula escrita em latim tornava-se cada vez mais apressada, algumas das letras não mais do que pontos de tinta, o final das palavras engolido na dança frenética de uma aranha. E então, as últimas linhas, em inglês, o latim do autor dissolvido em desespero.

Oh Deus, oh Deus... Onde eles estão?

Somente na tarde do dia seguinte é que conseguimos reunir Brianna, Roger e Ian e nos retirarmos para o gabinete de Jamie sem atrair uma atenção indesejada. Na noite anterior, a bruma da fadiga, vinda no rastro da chegada repentina de Ian, havia concorrido para quase tudo parecer razoável. Mas enquanto fazia minhas tarefas diárias na luz clara da manhã, achei cada vez mais difícil acreditar que o diário realmente existisse e não fosse apenas algo com que eu tivesse sonhado.

Entretanto, lá estava ele, pequeno, mas negro e sólido na escrivaninha de Jamie. Ele e Ian haviam passado a manhã no estúdio, imersos na tradução; quando me juntei a ele, pude ver pela maneira como os cabelos de Jamie estavam em pé que ele achara o relato do diário ou profundamente fascinante, terrivelmente perturbador — ou possivelmente ambos.

— Disse a eles o que é — ele disse sem preâmbulos, indicando Bri e Roger com um sinal com a cabeça. Os dois sentavam-se um ao lado do

outro em banquinhos, com ar solene. Jemmy, tendo se recusado a se separar de sua mãe, estava embaixo da mesa, brincando com uma fileira de contas de madeira.

— Você leu o livro todo? — perguntei, acomodando-me na poltrona extra. Jamie balançou a cabeça, com um olhar para o Jovem Ian, que estava parado junto à janela, agitado demais para permanecer sentado. Seus cabelos estavam cortados curtos, mas quase tão despenteados quanto os de Jamie.

Sim, li. — Não vou ler o texto todo em voz alta, mas acho melhor começar com a parte em que ele decidiu contar tudo desde o início.

Ele havia assinalado a página com o pedaço de couro curtido que costumava usar como marcador de livro. Abrindo o diário, encontrou o lugar marcado e começou a ler.

“Meu nome de batismo é Robert Springer. Eu rejeito esse nome e tudo o que ele implica, pois é o fruto amargo de séculos de assassinato e injustiça, um símbolo de roubo, escravidão e opressão...”

Jamie olhou por cima da borda do livro, observando:

— É por isso que eu não quero ler cada palavra. O sujeito se repete e fica tedioso com isso. — Correndo o dedo pela página, ele resumiu:

— No ano de Nosso Senhor, do senhor deles, aquele Cristo em cujo nome estupram e saqueiam e... bem, o texto continua neste tom, mas ele fica mais objetivo quando fala do ano de 1968. Portanto, suponho que vocês estejam familiarizados com todos esses assassinios e pilhagens de que ele fala, não? — Ergueu as sobrancelhas para Bri e Roger.

Bri endireitou-se abruptamente, agarrando o braço de Roger.

— Eu conheço este nome — ela disse, parecendo sem ar. — Robert Springer. Eu o conheço!

-Você conheceu este homem? — perguntei, sentindo a emoção de alguma coisa — ansiedade, medo ou simplesmente curiosidade -me percorrer. Ela sacudiu a cabeça.

— Não, eu não o conheci pessoalmente, mas conheço o nome. Vi nos jornais. Você...? — Virou-se para Roger, mas ele sacudiu a cabeça, franzindo o cenho.

— Bem, talvez não no Reino Unido, mas era famoso em Boston. Eu acho que Robert Springer era um dos Cinco de Montauk.

Jamie beliscou o cavalete do seu nariz.

— Os cinco do quê?

— Era apenas uma... uma coisa que as pessoas faziam para chamar atenção. — Brianna abanou a mão, descartando a explicação. — Não

importa. Eram ativistas do AIM, um movimento em defesa dos indígenas, ou ao menos começaram assim, só que não batiam bem da bola e então...

— Bola? Tem bola? — Jemmy captando a única palavra de interesse pessoal naquele relato, emergiu de baixo da mesa.

— Não esse tipo de bola, querido, sinto muito. — Olhando à volta em busca de algum objeto de interesse para distraí-lo, Bri tirou seu bracelete de prata e deu-o a ele. Vendo os olhares perplexos nos rostos do pai e do primo, ela respirou fundo e recomeçou, tentando — com um ou outro esclarecimento de Roger e de mim — definir os acontecimentos da época e fazer um relato curto, ainda que confuso, das tristes condições dos índios americanos no século XX.

— Então esse Robert Springer é, ou era, uma espécie de índio, em sua própria época? — Jamie tamborilou os dedos sobre a mesa, franzindo o cenho, concentrado. — Bem, isso bate com o próprio relato dele; ele e os amigos, ao que parece, não faziam nenhuma concessão ao comportamento dos que chamavam de “brancos”. Eu imagino que esses seriam ingleses? Ou europeus, ao menos?

— Bem, sim... só que em 1968 eles já não eram mais europeus, eram americanos, mas os índios já eram americanos antes deles e foi por isso que começaram a se chamar de americanos nativos e...

Roger deu uns tapinhas no joelho de Bri, fazendo-a parar no meio da frase.

— Talvez a gente possa contar um pouco de história mais tarde — ele sugeriu. — O que foi que você leu sobre Robert Springer nos jornais?

— Oh. — Desconcertada, ela franziu a testa em concentração. — Ele desapareceu. Eles desapareceram, os Cinco de Montauk, quero dizer. Eram todos procurados pelo governo, por usarem de violência em suas manifestações, algo assim, não me lembro. E eles foram presos, mas saíram mediante fiança e, quando se viu, eles haviam desaparecido.

— Evidentemente — o Jovem Ian murmurou, olhando para o diário.

— Foi manchete dos jornais por mais ou menos uma semana — Brianna continuou. — Os outros ativistas acusaram o governo de ter dado sumiço neles, temendo que surgissem durante o julgamento relações que deixariam o governo em maus lençóis. Obviamente o governo negou. Assim, houve uma grande busca e acho que me lembro de ler que encontraram o corpo de um dos desaparecidos em uma floresta de New Hampshire ou Vermont... Mas não sabiam dizer como ele havia morrido e ninguém conseguiu achar uma pista dos

outros.

— Onde eles estão? — citei baixinho, os cabelos da minha nuca arrepiando-se. — Meu Deus, onde eles estão?

Jamie balançou a cabeça com ar grave.

— Sim. Bem, acho que esse Springer pode muito bem ser esse sujeito. Tocou a página diante dele, com uma espécie de respeito.

— Ele e seus quatro companheiros renunciaram a qualquer associação com o mundo dos brancos, adotando novos nomes de sua verdadeira herança, ou assim eles dizem.

— Seria a atitude certa a tomar — Ian disse, baixinho. Havia nele uma nova e estranha calma, e eu não pude deixar de me lembrar que ele fora um mohawk pelos últimos dois anos, livre de seu sangue branco, com o novo nome de Irmão do Lobo. Ele fora um dos Kahnyen'kehaka, os Guardiões do Portão Ocidental.

Achei que Jamie também havia percebido essa calma, mas ele manteve os olhos no diário, folheando as páginas devagar conforme resumia o conteúdo.

Robert Springer — ou Ta'wineonawira — ou Dente de Lontra, como ele escolheu se chamar daí em diante, possuía numerosas associações no mundo sombrio dos políticos extremistas e nas sombras ainda mais profundas do que ele chamava de xamanismo nativo americano. Eu não tinha nenhuma ideia da semelhança existente entre o que ele fazia e as crenças originais dos iroqueses, mas Dente de Lontra acreditava ser descendente dos mohawk e abraçou os remanescentes da tradição como pôde encontrá-los ou inventá-los.

Foi numa cerimónia de batismo que eu conheci Raymond. Sentei-me abruptamente, ao ouvir isso. Ele havia mencionado Raymond no começo, mas eu não dera nenhuma atenção ao nome na ocasião.

— Ele descreve esse Raymond? — perguntei ansiosamente. Jamie sacudiu a cabeça.

Ele não descreve a aparência, não. Só diz que Raymond era um grande xamã, que podia se transformar em pássaros ou animais, e que podia viajar no tempo — ele acrescentou delicadamente. Olhou para mim, uma das sobrelhas erguidas.

— Não sei — eu disse. — Eu cheguei a pensar, certa vez... mas agora não sei.

— O que foi? — Brianna olhava de mim para Jamie e de novo para mim, perplexa. Sacudi a cabeça, alisando meus cabelos para trás.

— Não importa. Eu conheci alguém em Paris chamado Raymond e pensei... Mas o que, em nome de qualquer coisa, ele estaria fazendo nos Estados Unidos em 1968? — perguntei, espantada.

— Bem, você estava lá, não é? — Jamie ressaltou. — Mas deixando isso de lado por enquanto... — Ele retornou ao texto, traduzindo tudo num inglês bombástico: Intrigado com Raymond, Dente de Lontra encontrou-se diversas vezes com o sujeito e levou vários de seus amigos mais íntimos até ele também. Gradualmente, o projeto, um plano espetacular e audacioso, surpreendente em sua concepção, modesto, hem?, Roger murmurou, foi engendrado.

“Houve um teste. Muitos fracassaram, mas eu não. Houve cinco de nós que passaram no teste, que ouviram a voz do tempo, cinco que juraram com nosso sangue e pelo nosso sangue que iríamos empreender essa grande aventura, resgatar nosso povo da catástrofe. Reescrever sua história e compensá-lo pelas injustiças...”

Roger deu um fraco gemido.

— Oh, meu Deus — ele disse. — O que pretendiam fazer? Matar Cristóvão Colombo?

— Não exatamente — eu disse. — Ele disse que pretendia chegar antes de 1600. O que aconteceu então, você sabe?

— Eu não sei o que aconteceu — Jamie disse — Me, passando a mão pelos cabelos, — mas sei muito bem o que ele achava que estava fazendo. Seu plano era ir à Liga Iroquesa e incitá-los contra os colonos brancos. Ele achava que ainda havia poucos colonos na época, que os índios poderiam facilmente acabar com eles, se os iroqueses os liderassem.

— Talvez ele tivesse razão — Ian disse suavemente. — Ouvi os anciãos contarem histórias. De como os primeiros O'seronni vieram, como eles foram bem recebidos, como trouxeram mercadorias para trocar. Há cem anos, os O'seronni eram poucos... e os Kahnynen'kehaka eram os chefes, os líderes das nações indígenas. Sim, eles podiam ter feito isso, se quisessem.

— Bem, mas ele certamente não poderia impedir os europeus — Brianna objetou. — Eles eram muitos. Ele não pretendia fazer os mohawk invadirem a Europa, não é?

Um largo sorriso atravessou o rosto de Jamie diante da ideia.

— Eu gostaria de ter visto isso — ele disse. — Os mohawk dariam aos sassenachs algo em que pensar. Mas não — lançou-me um olhar sarcástico, — nosso amigo Robert Springer não era tão ambicioso.

Mas o que Dente de Lontra e seus companheiros tinham em mente era bastante ambicioso — e talvez... apenas talvez... possível. A intenção deles não era impedir inteiramente o assentamento dos brancos; eles eram bastante lúcidos para compreender a impossibilidade disso. O que pretendiam era colocar os índios em

guarda contra os brancos, estabelecer o comércio nos termos deles, negociar de uma posição de poder.

— Em vez de permitir que se estabelecessem em grande número, poderiam manter os brancos restritos a pequenas cidades. Em vez de permitir que construíssem fortificações, exigir armas desde o começo. Permitir que estabelecessem o comércio em condições favoráveis aos indígenas. Mantê-los sempre em menor número e com menos armas, e forçar os brancos europeus a ensinar-lhes a lidar com o metal.

— Prometheus redux — eu disse, e Jamie fez um muxoxo. Roger sacudiu a cabeça, admirado.

— E um plano mirabolante — ele disse, — mas temos que admirar a coragem deles. Até poderia funcionar... se ele pudesse convencer os iroqueses e se agissem na hora certa, antes que o equilíbrio de forças favorecesse os europeus. Mas tudo deu errado, não foi? Primeiro, ele vem para a época errada, tarde demais, e depois percebe que nenhum de seus amigos veio com ele.

Eu vi os braços de Brianna se arrepiarem e percebi o olhar que ela me lançou — um olhar de súbita compreensão. Ela de repente imaginara exatamente o que seria chegar de repente de sua própria época... sozinha.

Dei um leve sorriso para ela e coloquei a mão no braço de Jamie. Distraidamente, ele colocou a própria mão sobre a minha e apertou-a levemente.

— Sim. Ele quase se desesperou, como ele diz, quando viu que tudo dera errado. Pensou em voltar, mas já não tinha uma pedra preciosa e esse Raymond dissera que era preciso ter uma, para proteção.

— Mas por fim ele encontrou uma — eu disse. Levantando— Me, estendi a mão para a prateleira de cima e peguei a grande opala bruta, o fogo interior tremeluzindo através da espiral esculpida em sua superfície. — Isto é, estou supondo que não possa haver vários índios chamados Dente de Lontra, associados a Snaketown. — Tewaktenyonh, uma velha índia mohawk, e líder do Conselho das Mães, me dera a pedra quando fomos à aldeia de Snaketown resgatar Roger do cativeiro. Ela também me contou a história de Dente de Lontra e de como ele encontrou sua morte — e eu estremeci, embora estivesse quente no aposento.

A enorme pedra lisa tinha uma sensação quente em minha mão; esfreguei o polegar cuidadosamente sobre a espiral. A cobra que engole a própria cauda, ele dissera.

— Sim. Mas ele não menciona isso. — Jamie recostou-se para trás, passando as duas mãos pelos cabelos soltos, depois esfregando a mão pelo rosto.

— A história termina com ele decidindo que não havia jeito; qualquer que fosse o ano — e ele não fazia a menor ideia — e quer ele estivesse sozinho ou não, ele levaria o plano adiante.

Todos fizeram silêncio por um instante, considerando a enormidade e a inutilidade — de tal plano.

— Não é possível que ele tivesse imaginado que iria funcionar — Roger disse, a voz grave e rouca dando às palavras um caráter definitivo.

Jamie sacudiu a cabeça, abaixando a cabeça para o livro, embora seus olhos estivessem obviamente olhando através dele, azul-escuros e distantes.

— E de fato não imaginou — ele disse suavemente. — O que ele disse, aqui no final -seus dedos tocaram a página, muito delicadamente — foi que milhares de pessoas morreram por sua liberdade, outras milhares morreriam nos anos seguintes. Ele iria percorrer o caminho que eles percorreram, pela honra de seu sangue, e morrer lutando não era mais do que um guerreiro mohawk deveria pedir.

Ouvi Ian suspirar ruidosamente atrás de mim e Brianna abaixou a cabeça, os brilhantes cabelos escondendo seu rosto. O próprio rosto de Roger virou-se para ela, o perfil grave e sério — mas não era nenhum deles que eu via. Eu via um homem com o rosto pintado de preto para a morte, caminhando por uma floresta encharcada à noite, segurando uma tocha que queimava com um fogo frio.

Um puxão na minha saia arrancou-me dessa visão e eu olhei para baixo, encontrando Jemmy de pé ao meu lado, puxando minha mão.

— O que é isso?

— O que... oh! É uma pedra, querido. Uma linda pedra, não é? — Estendi a opala para ele e ele a segurou com as duas mãos, caindo sentado sobre o traseiro para examiná-la.

Brianna passou a mão embaixo do nariz e Roger pigarreou com um ruído de tecido rasgado.

— O que eu quero saber — ele disse com a voz áspera, gesticulando na direção do diário — é por que ele escreveu isso em latim?

— Oh. Ele explica por quê. Ele aprendeu latim na escola, talvez tenha sido isso que o virou contra os europeus. — Jamie riu para o Jovem Ian, que fez uma careta de desgosto. — Ele achou que se escrevesse em latim, quem o lesse acharia que se tratava apenas do breviário de algum padre, e não daria atenção.

— Realmente eles pensaram assim, os Kahnyen'kehaka — Ian

interpôs. Mas a velha Tewaktenyonh guardou o livro. E quando eu... parti, ela me deu o livrinho e disse que eu deveria trazê-lo comigo e entregá-lo a você, tia Claire.

— A mim? — Senti uma certa hesitação em tocar o livro, mas mesmo assim estendi a mão e toquei as páginas abertas. A tinta, eu vi, começara a secar mais para o final, letras eram saltadas ou falhavam, e algumas palavras não passavam de marcas no papel. Ele teria jogado a caneta vazia fora, eu me perguntei, ou guardado como um lembrete inútil de seu futuro desaparecido?

— Acha que ela sabia o que estava escrito no livro? — perguntei. O rosto de Ian manteve-se impassível, mas seus meigos olhos cor de avelã pareciam um pouco perturbados. Quando ele era escocês, não costumava esconder seus sentimentos.

— Não sei — ele disse. — Ela sabia alguma coisa, mas não sei dizer o quê. Ela não me disse, apenas que eu devia trazer o livro para você. — Hesitou, olhando de mim para Brianna e Roger, depois novamente para mim. — É verdade? — ele perguntou. — O que você disse, prima, sobre o que acontecerá aos índios?

Ela ergueu os olhos, fitando-o diretamente, e balançou a cabeça.

— Receio que sim — disse suavemente. — Sinto muito, Ian.

Ele apenas balançou a cabeça, esfregando ajunta de um dedo pelo cavalete do nariz, mas eu fiquei pensando.

Ele não havia esquecido seu próprio povo, eu sabia, mas os Kahnyn'kehaka também eram seu povo. Não importa o que o fizera vir embora.

Eu estava abrindo a boca para perguntar a Ian sobre sua mulher, quando ouvi Jemmy. Ele havia se retirado de volta para baixo da mesa com seu prêmio e vinha mantendo com ele uma conversa amigável — ainda que ininteligível - por vários minutos. Mas sua voz mudou repentinamente, para um tom assustado.

— Quente — ele disse, — mamãe, QUENTE!

Brianna já se levantava de seu banco, um olhar de preocupação no rosto, quando ouvi o barulho. Era um zumbido agudo e ressonante, como o assovio estranho de um copo de cristal quando se corre um dedo molhado repetidamente pela borda. Roger empertigou-se, espantado.

Brianna abaixou-se e arrancou Jemmy de baixo da mesa e, quando se levantou com ele, ouviu-se um estouro repentino, como o barulho de um tiro, e o zumbido parou abruptamente.

— Santo Deus — Jamie disse, um tanto calmamente para as circunstâncias. Estilhaços de fogo cintilante projetaram-se da

prateleira, dos livros, das paredes e das grossas pregas das saias de Brianna. Um deles passou zunindo pela cabeça de Roger, raspando de leve em sua orelha; um fio fino de sangue escorria pelo seu pescoço, embora ele não parecesse ter notado ainda.

Uma camada de pontos brilhantes cintilava sobre a mesa uma chuva das lascas afiadas que haviam sido lançadas para cima através da madeira de mais de dois centímetros de espessura. Ouvi uma exclamação aguda de Ian e o vi abaixar-se para retirar um fragmento da carne de sua panturrilha. Jemmy começou a chorar. Lá fora, Rollo latia furiosamente.

A opala havia explodido.

Ainda era plena a luz do dia; a chama da vela era quase invisível, não mais do que uma ondulação de calor na luz do final da tarde que entrava pela janela. Jamie soprou e apagou a vela fina que usara para acender a vela maior e sentou-se atrás de sua escrivaninha.

— Você não sentiu nada de estranho na pedra quando a deu para o menino, Sassenach

— Não. — Eu ainda estava abalada com a explosão, os ecos do barulho misterioso ainda tilintando no meu ouvido. — Parecia morna, mas tudo no aposento estava meio morno, e certamente não estava fazendo aquele barulho.

— Barulho? — Ele olhou para mim com estranheza. — Quando explodiu, você quer dizer?

Agora foi a minha vez de olhar para ele desconfiada.

— Não, antes disso. Você não ouviu? — Ele sacudiu a cabeça, uma pequena ruga entre os olhos, e eu olhei para os outros ao redor do aposento. Bri e Roger balançaram a cabeça — ambos pareciam pálidos e doentes, — mas Ian sacudiu a cabeça, parecendo interessado, embora perplexo.

— Eu não ouvi nada ele disse. — Como era o som?

Brianna abriu a boca para responder, mas Jamie ergueu a mão para impedi-la.

— Um momento, a nighean. Jem, a ruradh, você ouviu um ruído antes da explosão?

Jemmy parecia mais calmo, mas ainda estava enroscado no colo da mãe, o polegar na boca. Olhou para o avô com os olhos azuis arregalados que já começavam a se mostrar rasgados também, e balançou a cabeça devagar, sem retirar o dedo da boca.

— E a pedra que vovó lhe deu... estava quente?

Jemmy lançou um olhar de intensa acusação em minha direção e

balançou a cabeça outra vez. Senti uma pequena onda de remorso - seguida de outra bem maior, quando pensei no que poderia ter acontecido, se Bri não o tivesse agarrado imediatamente.

Nós havíamos retirado a maior parte dos estilhaços da madeira; estavam sobre a mesa numa pequena pilha de fogo quebradiço. Um deles havia cortado uma minúscula aba de pele do nó do meu dedo; eu o coloquei na boca, sentindo o gosto de prata do sangue.

— Santo Deus, essas farpas são afiadas como estilhaços de vidro.

— Elas são estilhaços de vidro. — Brianna apertou Jem ainda mais contra si.

— Vidro? Você quer dizer que não era uma opala de verdade? — Roger ergueu as sobrancelhas, inclinando-se para frente para pegar uma das farpas semelhante a uma agulha.

— Claro que era, mas opalas são vidro. Na verdade, vidro vulcânico duro. Pedras preciosas são pedras preciosas porque possuem uma estrutura cristalina que as torna bonitas; opalas têm apenas uma estrutura realmente quebradiça, comparada à maioria das gemas. — A cor começava a voltar às faces de Brianna, embora mantivesse os braços apertados ao redor do filho.

— Eu sabia que era possível quebrar uma delas se a golpeasse com um martelo ou algo assim, mas nunca ouvi falar numa que fizesse isso. — Fez um sinal com a cabeça, indicando a pilha de fragmentos brilhantes.

Jamie pegou um fragmento maior da pilha com o indicador e o polegar e entregou-o a mim.

Coloque-o na mão, Sassenach. Parece quente a você?

Aceitei o pedaço denteado da pedra com cautela. Era fino, quase sem peso, e translúcido, lançando faíscas vívidas, azuis e cor de laranja.

— Sim — eu disse, movendo-o cautelosamente na palma da mão.

— Não excepcionalmente quente, mas na temperatura da pele.

— Eu o senti frio — Jamie disse. — Dê esse pedaço a Ian.

Transferi o pedaço de opala a Ian, que o colocou na palma da mão e alisou-o cautelosamente com a ponta de um dedo, como se fosse um pequeno animal que poderia mordê-lo se incomodado.

— Parece — Me frio — ele informou. — Como um pedaço de vidro, como a prima Brianna diz.

Um pouco mais de experimentação estabeleceu que a pedra parecia quente — embora não muito quente — para mim, Brianna e Roger — mas não para Jamie e Ian. A essa altura, a cera no topo da grande

vela-relógio havia derretido, permitindo que Jamie retirasse as pedras preciosas ali escondidas. Ele pegou-as, limpou o resto da cera quente com seu lenço e colocou-as em fila na beira da escrivaninha para esfriarem.

Jemmy observou-as com grande interesse, sua aventura malsucedida aparentemente esquecida.

— Gosta destas, anghille ruaidh — Jamie perguntou-lhe e ele balançou a cabeça enfaticamente, inclinando-se para fora do colo de sua mãe, tentando pegar as pedras.

— Quente — ele disse então lembrando-se, e retraiu-se um pouco um ar de incerteza atravessando as feições pequenas. — Quente?

— Bem, espero que não -seu avô disse. Ele respirou fundo e pegou a esmeralda, uma pedra grosseiramente facetada do tamanho de sua unha do polegar. — Estenda a mão, a bailach.

Brianna pareceu querer protestar, mas mordeu o lábio inferior e encorajou Jemmy a fazer o que seu avô pediu. Ele pegou a pedra, ainda parecendo desconfiado, mas logo o ar de cautela desfez-se num sorriso quando olhou para a pedra.

— Pedra bonita!

— Está quente? — Brianna perguntou, preparada para arrancá-la de sua mão.

— Sim, quente — ele disse, com satisfação, segurando-a contra a barriga.

— Deixe mamãe ver. — Com um pouco de dificuldade, Brianna conseguiu colocar os dedos na pedra, embora Jemmy se recusasse a largá-la. — Está morna — ela disse, erguendo a cabeça. — Como o pedaço de opala, mas não muito quente. Se ficar muito quente, você larga a pedra depressa, tá bom? ela disse a Jemmy.

Roger observava tudo com intenso fascínio.

— Ele tem isso, não tem? — ele disse suavemente. — Cinquenta por cento, você disse, ou três chances em quatro, dependendo... mas ele tem esse traço, não tem?

— O quê? — Jamie olhou para Roger, depois para mim, uma sobrancelha ruiva erguida inquisitivamente.

— Acho que ele pode... viajar — eu disse, sentindo um aperto no peito à ideia. — Você sabe o que Dente de Lontra disse — fiz um sinal com a cabeça, indicando o diário, que estava esquecido sobre a escrivaninha. — Ele disse que precisavam fazer um teste... para ver se podiam ouvir “a voz do tempo”.

Sabemos que nem toda pessoa pode... fazer isso. — Eu me senti

indescritivelmente acanhada falando disso diante de Ian. — Mas alguns podem. Pelo que Dente de Lontra disse, havia uma maneira de descobrir quem podia e quem não podia, com antecedência, sem ter que realmente experimentar. Jemmy não prestava nenhuma atenção a conversa dos adultos, apenas balançando-se para frente e para trás, cantarolando para a pedra agarrada na mão gorducha.

— Você acha que a “voz do tempo”... Jem, você pode ouvir a pedra? Roger inclinou-se para frente, segurando o braço de Jemmy para tirar sua atenção da esmeralda. — Jem, a pedra está cantando para você?

Jemmy ergueu os olhos, surpreso.

— Não — ele disse, em dúvida. Em seguida: Está. — Levou a pedra até o ouvido, franzindo a testa, depois a atirou para Roger. — Você canta, papai!

Roger aceitou a esmeralda cautelosamente, sorrindo para Jemmy.

— Não sei nenhuma canção de pedras — ele disse, com sua voz grave e rouca. — A menos que você conte com os Beatles. — Levou a pedra ao próprio ouvido, embaraçado. Ouviu atentamente, franzindo a testa, depois abaixou a mão, sacudindo a cabeça.

— Não... não posso, eu não poderia realmente dizer que ouço alguma coisa. E no entanto... tome, tente você. — Passou a pedra a Brianna e ela por sua vez passou-a a mim. Nenhum de nós ouviu nada em particular e no entanto eu achei que podia perceber alguma coisa, se ouvisse com muito cuidado. Não exatamente um som, mais uma sensação de uma vibração muito, muito fraca.

— O que é? — Ian perguntou. Ele vinha seguindo nossas ações com grande interesse. — Vocês não são sidheanach, vocês três, mas por que vocês conseguem fazer... o que fazem e tio Jamie e eu não conseguimos? Você não consegue, não é, tio? — ele perguntou em dúvida.

— Não, graças a Deus -seu tio respondeu.

— É genético, não é? — Brianna perguntou, erguendo os olhos. — Tem que ser.

Jamie e Ian pareceram desconfiados com o termo desconhecido.

— Genético? — Ian perguntou. Suas sobrelhas arrepiadas uniram-se num ar de perplexidade.

— Por que não seria? — eu disse. — Tudo o mais é: tipo de sangue, cor dos olhos.

— Mas todos têm olhos e sangue, Sassenach — Jamie contrapôs. — Qualquer que seja a cor dos olhos de uma pessoa, todo mundo pode ver. Mas isto... Apontou a mão para a pequena coleção de pedras.

Suspirei de impaciência.

— Sim, mas há outras coisas que são genéticas. Tudo, na verdade! Olhe... — Virei-me para ele e coloquei a língua para fora. Jamie piscou e Brianna deu uma risadinha diante da expressão dele.

Sem dar atenção a isso, fechei a boca e mostrei a língua de novo, desta vez com as bordas viradas para cima, formando um cilindro.

— E agora — perguntei, fechando a boca outra vez. — Consegue fazer isso

Jamie pareceu achar graça.

— Claro que posso — Botou para fora a língua enrolada e sacudiu-a demonstrando, depois a colocou para dentro de novo. — Todo mundo pode fazer isso, não? Ian?

— Oh, sim, claro. — Ian demonstrou obsequiosamente. — Qualquer um pode.

— Eu não posso — Brianna disse Jamie olhou-a, desconcertado.

— O que quer dizer com isso?

— Blah. — Ela esticou a língua plana e sacudiu-a de um lado ao outro. Não consigo.

— Claro que consegue. — Jamie franziu a testa. -Veja, é simples, menina. Qualquer um pode fazer isso! — Ele colocou a língua para fora outra vez, enrolando-a e desenrolando-a como um tamanduá paternal, ansiosamente encorajando seu filhote na direção de um apetitoso aglomerado de insetos. Ele olhou para Roger, as sobrancelhas erguidas.

— Você acharia que sim, não? — Roger disse melancolicamente. Ele esticou a própria língua, sem conseguir enrolá-la.

Viu? — eu disse triunfalmente — Algumas pessoas conseguem enrolar a língua e outras simplesmente não conseguem. Não pode ser aprendido. Você nasce com isso, ou não.

Jamie olhou de Bri para Roger e novamente para Bri, franzindo o cenho, depois se virou para mim.

— Admitindo por enquanto que você tenha razão, por que a menina não consegue fazer isso, se você e eu podemos? Você me assegurou que ela é minha filha, não?

— Ela certamente é sua filha — eu disse. — Como qualquer um com olhos na cabeça poderia atestar. — Ele olhou para Brianna, observando sua altura esbelta e sua cabeleira ruiva. Ela sorriu para ele, os olhos azuis fechando-se em triângulos. Ele devolveu o sorriso e virou-se para mim, dando de ombros em sinal de bem-humorada capitulação.

— Bem, vou aceitar sua palavra, Sassenach, como uma mulher honrada. Mas e a língua — Ele enrolou a dele outra vez, com um ar de dúvida, ainda sem conseguir acreditar que alguém não pudesse fazer isso se realmente tentasse.

— Bem, você sabe de onde vêm os bebês — comecei. — O óvulo e o...

— Eu sei — ele disse, com uma perceptível aresta na voz. As pontas de suas orelhas ficaram ligeiramente rosadas.

— Quer dizer, é preciso algo da mãe e algo do pai. — Eu podia sentir minhas próprias faces enrubescerem ligeiramente, mas continuei heroicamente. — Às vezes, a influência do pai é mais visível do que a da mãe. Às vezes, é o contrário. Mas... hã... ambas as influências continuam lá. Nós as chamamos de genes: aquilo que os bebês recebem dos pais que determinam a aparência e as habilidades do filho.

Jamie olhou para Jemmy, que cantarolava outra vez, empenhado em tentar equilibrar uma pedra preciosa em cima da outra, a luz do sol refletindo de seus cabelos cor de cobre. Seus olhos encontraram-se com os de Roger e ele rapidamente desviou sua atenção novamente para mim.

— Sim, e daí?

— Bem, os genes afetam mais do que simplesmente a cor dos cabelos ou dos olhos. Agora — eu disse, animando-me com minha aula, — cada pessoa tem dois genes para cada traço — um do pai, outro da mãe. E quando os... hã... gametas são formados nos ovários e testículos...

— Talvez você deva me contar tudo sobre isso mais tarde, Sassenach Jamie interrompeu, com um olhar de esguelha para Brianna. Evidentemente, ele não achava a palavra “testículos” adequada para os ouvidos de sua filha; suas próprias orelhas estavam ardendo.

— Tudo bem, papai. Eu sei de onde vêm os bebês — Bri assegurou-lhe, rindo.

— Muito bem, então — eu disse, reassumindo o comando da conversa. Você tem um par de genes para cada traço, um gene de sua mãe e um gene de seu pai; mas quando chega a hora de passá-los aos seus filhos, você só pode passar um do par. Porque a criança obterá outro gene do outro membro do casal, compreendem? — Ergui uma das sobranceiras para Jamie e Roger, que balançaram a cabeça ao mesmo tempo, como se hipnotizados.

— Certo. Bem, então. Alguns genes são considerados dominantes e

outros, recessivos. Se uma pessoa tem um gene dominante, então é esse que será passado, que será visível. Eles podem ter outro gene que é recessivo e então você não o vê, mas ainda assim pode ser repassado para o filho.

Minha plateia parecia desconfiada.

— Certamente você aprendeu isso na escola, não é, Roger? — Bri perguntou, achando graça.

— Bem, sim — ele murmurou, — mas acho que eu não estava prestando muita atenção na época. Afinal, eu não esperava que isso pudesse realmente ser importante.

— Certo — eu disse secamente. — Muito bem, então. Você e eu, Jamie, evidentemente cada um de nós tem um dos genes dominantes que nos permite enrolar nossas línguas. Mas — continuei, erguendo um dedo — nós devemos ter também um gene recessivo, que não permite enrolar a língua. E evidentemente cada um de nós deu o gene recessivo a Bri. Portanto, ela não consegue enrolar a língua. Da mesma forma, Roger deve ter duas cópias de genes recessivos que não o permitem enrolar a língua. Já que se ele tivesse ao menos um dos genes dominantes, ele poderia fazê-lo, e ele não pode. C.Q.D. — Fiz uma mesura.

— O que é “tetico”? — perguntou uma vozinha fina. Jemmy abandonara suas pedras e olhava para mim com profundo interesse.

— Hã... — eu disse. Olhei ao redor da sala, em busca de ajuda.

— É latim para as suas bolas, rapaz — Roger disse com ar sério, reprimindo um sorriso.

Jemmy pareceu muito interessado.

— Bolas? Onde tenho bolas?

— Hã... — Roger disse, e olhou para Jamie.

— Mmmhmm — Jamie disse, e olhou para o teto.

— Bem, você está vestindo um kilt, tio Jamie — Ian disse, rindo. Jamie lançou ao sobrinho um olhar de quem se sente totalmente traído, mas antes que pudesse se mover, Roger inclinara-se para frente e colocara a mão delicadamente entre as pernas de Jemmy.

— Bem aí, a bhalaich — ele disse.

Jemmy passou a mão rapidamente entre as pernas, depois olhou para Roger, as pequenas sobranceiras vermelhas franzidas, sem compreender.

— Não é bola. É pintinho!

Jamie suspirou profundamente e levantou-se. Fez sinal com a cabeça para Roger, depois se inclinou e segurou Jemmy pela mão.

Sim, tudo bem. Vamos lá fora comigo e com seu pai e nós lhe mostraremos.

O rosto de Bri estava da mesma cor dos cabelos e seus ombros sacudiram-se levemente. Roger, também rosado nas faces de forma suspeita, abriu a porta e ficou de lado para Jamie e Jem passarem.

Acho que Jamie não parou para pensar; tomado por um impulso, virou-se para Jemmy, rolando a língua num cilindro e colocando-a para fora.

— Você consegue fazer isso, a ruaâhl — ele perguntou, colocando-a para dentro outra vez.

Brianna inspirou com força, com um som de um pato assustado, e ficou paralisada. Roger também ficou paralisado, os olhos fixos em Jemmy como se o menino fosse um aparato explosivo, engatilhado para ir pelos ares como a opala.

Um segundo tarde demais, Jamie percebeu o que fizera, e empalideceu.

— Merda — ele disse, devagar, quase num sussurro. Os olhos de Jemmy arregalaram-se de reprovação.

— Palavra feia, vovô! Não é, mamãe?

— Sim — Brianna disse, os olhos estreitados, fixos em Jamie. — Vamos ter que lavar a boca do vovô com sabão, não é?

Ele parecia muito bem já ter engolido um bocado de sabão, e sabão de lixívia, ainda por cima.

— Sim — ele disse, e pigarreou. O rubor desaparecera completamente de seu rosto. — Sim, foi muito feio o que eu fiz, Jeremiah. Peço desculpas às senhoras. — Fez uma mesura, muito formalmente, para mim e Brianna. — Je suis navré, madames. Et monsieur acrescentou suavemente para Roger. Roger balançou a cabeça com um movimento quase imperceptível. Seus olhos ainda estavam fixos em Jemmy, mas suas pestanas estavam abaixadas e o rosto cuidadosamente impassível.

O próprio rostinho redondo de Jemmy assumiu a expressão de absoluto encantamento que apresentava toda vez que alguém falava francês perto dele e — como Jemmy obviamente pretendia — irrompeu imediatamente em sua própria e pequena contribuição à língua da arte e do cavalheirismo.

— FrèreJacques, Frèrejacques...

Roger ergueu os olhos para Bri e algo pareceu atravessar o ar entre eles. Ele inclinou-se e tomou a outra mão de Jemmy, momentaneamente interrompendo sua canção.

— Então, a bhalaich, afinal, você consegue fazer isso?

— FRÈRE... fazer o quê?

— Olhe para o vovô. — Roger balançou a cabeça indicando Jamie, que respirou fundo e rapidamente colocou a língua para fora, enrolada.

— Pode fazer isso? — Roger perguntou.

— Ca-ro. — Jemmy pareceu radiante e colocou a língua para fora. Não estava enrolada.

Um suspiro coletivo percorreu a sala. Jemmy, completamente alheio, balançou as pernas para cima, momentaneamente suspenso pelas mãos de Jamie e Roger, depois bateu os pés no chão outra vez, lembrando-se de sua pergunta original.

— Vovô tem bolas? — ele perguntou, puxando as mãos dos homens e inclinando a cabeça bem para trás para olhar para Jamie.

— Sim, rapaz, tenho — Jamie disse secamente. — Mas as do seu pai são maiores. Vamos, então.

E ao som da cantoria desafinada de Jemmy, os homens o levaram para fora, pendurado como um gibão entre eles, os joelhos erguidos até o queixo.

HOMEM DE GUERRA

Esfarelei folhas secas de sálvia nas mãos, deixando os flocos verde-acinzentados cair sobre as brasas. O sol já estava baixo no céu, logo acima das castanheiras, mas o pequeno cemitério já estava imerso em sombras e o fogo estava brilhante.

Nós cinco formamos um círculo ao redor do pedaço de granito com que Jamie marcara a sepultura do estranho. Nós éramos cinco, assim montamos o círculo com cinco pontas. Por consenso geral, isso não era apenas para o homem com as obturações de platina, mas para seus quatro companheiros desconhecidos — e para Daniel Rawlings, cuja recente e definitiva sepultura ficava sob um freixo da montanha, ali perto.

A fumaça elevava-se do pequeno pote de ferro, clara e aromática. Eu também trouxera outras ervas, mas eu sabia que para os tuscadoras, os cherokee e os mohawk, a sálvia era sagrada, sua fumaça purificadora.

Esfreguei agulhas de zimbro entre as mãos também deixando cair os farelos sobre o fogo, seguido de arruda, chamada erva-da-graça, e alecrim — esta para lembrança, afinal.

As folhas das árvores próximas farfalhavam suavemente na brisa da tarde e o crepúsculo iluminava a fumaça que se desprendia das brasas, transformando-a de cinzenta em dourada, conforme se erguia para a abóbada do céu, onde as estrelas ainda quase invisíveis a aguardavam.

Jamie levantou a cabeça, incendiado pelo pôr do sol e quase tão brilhante quanto as brasas aos seus pés, e olhou para oeste, para onde voam as almas dos mortos. Falou suavemente, em gaélico, mas todos nós já sabíamos o suficiente agora para acompanhá-lo.

Tu vais para casa esta noite, para tua casa de inverno,
Para tua casa de outono, de primavera e de verão;
Tu vais para casa esta noite, para tua casa perpétua,
Para tua cama eterna, para teu repouso eterno.

Que o sono das sete luzes seja teu, Ó irmão, Que o sono das sete alegrias seja teu, Ó irmão,

Que o sono dos sete repousos seja teu, ó irmão,
Nos braços de Jesus das Bênçãos, do Cristo das Graças.

A sombra da morte recaí sobre teu rosto, amado, Mas a mão de Jesus das Graças te envolve; Próximo à Trindade não há mais sofrimentos, Cristo está diante de ti e. A paz está com Ele.

Ian permaneceu ao lado dele, mas sem tocá-lo. A luz pálida iluminava seu rosto, feroz em suas cicatrizes. Ele primeiro fez a prece na língua mohawk, mas depois em inglês, para que entendêssemos.

Que a caça seja bem-sucedida,

Que seus inimigos sejam destruídos diante de seus olhos,

Que seu coração seja para sempre alegre na morada de seus irmãos.

— Costuma-se repetir essa prece inúmeras vezes — ele acrescentou, abaixando a cabeça, como se pedisse desculpas. — Com os tambores, sabem? Mas acho que uma vez é suficiente agora.

— Está bem assim, Ian — Jamie assegurou-lhe e, em seguida, olhou para Roger.

Roger tossiu e limpou a garganta, depois falou, a rouquidão de sua voz tão transparente e tão penetrante quanto a fumaça.

Fazei-me conhecer, ó Senhor, o meu fim,

E qual a medida dos meus dias,

Para que eu saiba quão frágil sou.

Eis que medistes os meus dias em palmos;

O tempo da minha vida é como nada diante de Vós.

Ouvi, Senhor, a minha oração, e dai ouvidos a minha súplica;

Não calai perante minhas lágrimas,

Porque sou para Convosco como um estranho,

Um peregrino como todos os meus pais.

Permanecemos em silêncio, enquanto a noite nos envolvia silenciosamente. Quando a última claridade do dia desapareceu e as folhas no alto perderam seu brilho, Brianna pegou a jarra de água e despejou-a sobre o pote de brasas. Fumaça e vapor elevaram-se numa nuvem fantasmagórica e o cheiro da lembrança espalhou-se pelo meio das árvores.

Já estava escuro quando descemos a estreita trilha de volta para casa. Mas eu podia ver Brianna à minha frente, liderando o grupo; os homens vinham um pouco atrás de nós. Os vaga-lumes revoavam em grande profusão, imiscuindo-se entre as árvores e iluminando o capim junto aos meus pés. Um dos vaga-lumes iluminou-se rapidamente nos cabelos de Brianna e ficou agarrado ali por alguns segundos, piscando.

Um bosque ao crepúsculo é dominado por um profundo silêncio,

que induz o coração a ficar calmo, os pés a pisarem de leve na terra.

— Você já pensou, então, a cUamhuinn — Jamie disse, atrás de mim. Sua voz era baixa, o tom bastante amistoso — mas o modo formal deixava claro que a pergunta era séria.

— Em quê? — A voz de Roger era calma, silenciada pela cerimônia, sua rouquidão quase inaudível.

— No que pretendem fazer, você e sua família. Agora que ambos sabem que o menino pode viajar, e o que pode significar, se ficarem.

O que poderia significar para todos eles. Respirei fundo, inquieta. Guerra. Batalha. Incerteza, salvo pela certeza do perigo. O perigo de doença ou acidente, para Brianna e Jem. O perigo de morte no trabalho de parto, se ela engravidasse outra vez. E quanto a Roger, perigo tanto de corpo quanto de alma. Sua cabeça se curara, mas eu via a quietude no fundo de seus olhos quando ele pensava em Randall Lillywhite.

— Oh, sim — Roger disse, suavemente, invisível atrás de mim. — Já pensei... e ainda estou pensando... m'athair-cèile.

Sorri debilmente, ouvindo-o chamar Jamie de “sogro”, mas o tom de sua voz era inteiramente sério.

— Devo lhe dizer o que penso? E você me dirá?

— Sim, faça isso. Ainda há tempo para pensar.

— Tenho pensado, ultimamente, em Hermon Husband.

— O quaker — Jamie pareceu surpreso. Husband deixara a colônia com a família, após a batalha de Alamance. Creio ter ouvido dizer que ele fora para Maryland.

— Sim, ele mesmo. O que acha que poderia ter acontecido se ele não fosse um quaker? Ele teria ido em frente e deixado os Reguladores fazerem sua guerra?

Jamie resmungou baixinho, pensando.

— Não sei — ele disse, embora parecesse interessado. — Quer dizer que eles poderiam ter sido bem-sucedidos com um líder adequado?

— Sim. Ou talvez não, eles não tinham armas, afinal, mas teriam se saído melhor. E se assim fosse...

Agora já avistávamos a casa. Havia luz nas janelas de trás conforme a lareira era acesa para a noite e as velas acendidas para o jantar.

— O que vai acontecer aqui, eu penso, se os Reguladores tivessem sido bem liderados, talvez tivesse começado agora mesmo; não daqui a três anos, em Massachusetts.

— Sim? E se assim fosse?

Roger resfolegou, o equivalente verbal ao gesto de dar de ombros.

— Quem sabe? Eu sei o que está acontecendo na Inglaterra agora. Eles não estão prontos, não fazem a menor ideia do que estão arriscando aqui. Se a guerra eclodisse de repente, sem aviso prévio, se tivesse eclodido, em Alamance, poderia se espalhar rapidamente. Poderia estar terminada antes que os ingleses tivessem sequer uma ideia do que estava acontecendo. Poderia ter impedido anos de guerra, salvo milhares de vidas.

— Ou não — Jamie disse secamente, e Roger riu.

— Ou não — ele concordou. — Mas o problema é o seguinte: acho que há momentos para homens de paz e outros para homens de guerra também.

Brianna chegara à casa, mas virou-se e esperou pelo resto de nós. Ela também andara ouvindo a conversa.

Roger parou ao seu lado, olhando para cima. Fagulhas brilhantes voavam da chaminé numa chuva de fogos de artifício, iluminando seu rosto com a claridade.

— Você me chamou — ele disse finalmente, ainda olhando para cima, para a escuridão em chamas. — Na Assembleia, junto à fogueira.

— Seas vi mo lâmh, Roger an foranaiche, macjeremiah mac Choinneich — Jamie disse serenamente. — Sim, é verdade. Fique ao meu lado, Roger, o cantor, filho de Jeremiah.

— Seas vi mo lâmh, a mhic mo thaighe — Roger disse. — Fique ao meu lado, filho da minha casa. Você falou de coração?

— Você sabe que sim.

— Então eu também falo. — Ele estendeu o braço e colocou a mão no ombro de Jamie, e eu vi os nós dos seus dedos embranquecerem quando os apertou.

— Eu ficarei ao seu lado. Nós ficaremos aqui.

Ao meu lado, Brianna soltou a respiração que andara prendendo, num suspiro como o vento do crepúsculo.

E AINDA ASSIM PARTEM AO SEU ENCONTRO

A grande vela-relógio havia queimado um pouco, mas ainda havia muitos dos aros pretos que marcavam as horas. Jamie recolocou as pedras na poça de cera derretida ao redor da chama: uma, duas, três — e apagou-a. A quarta pedra, o grande topázio, foi escondida numa pequena caixa de madeira, que eu havia costurado em tecido oleado. Iria ser enviada a Edimburgo, consignada ao marido da prima da sra. Bug, o qual, com suas conexões com bancos, negociaria a venda da pedra e — com a dedução de uma comissão adequada à sua ajuda — faria a transferência do dinheiro para Ned Gowan.

A carta que a acompanhava, selada e guardada dentro da caixa com a pedra, incumbia Ned de determinar se Laoghaire MacKenzie estava vivendo com um homem em estado equivalente a casamento — e, se assim fosse, o incumbia ainda de declarar o contrato entre Laoghaire MacKenzie e James Fraser cumprido, quando então os fundos da venda da pedra deveriam ser depositados em um banco, para ser usado como dote para Joan MacKenzie Fraser, filha da citada Laoghaire, quando ela se casasse.

— Tem certeza de que não quer perguntar a Ned particularmente para lhe dizer quem é o sujeito? — perguntei.

Ele sacudiu a cabeça com firmeza.

— Se ele quiser me dizer, tudo bem. Se não disser, está bem, também. Olhou para mim com um ar irônico. A curiosidade não satisfeita seria sua penitência, evidentemente.

No final do corredor, eu podia ouvir Brianna ao mesmo tempo conversando com a sra. Bug e repreendendo Jemmy, depois a voz de Roger, interrompendo, e o grito entusiástico de Jemmy quando Roger o lançou no ar.

— Acha que Roger fez uma boa escolha? — perguntei serenamente. Eu ficara muito feliz com a decisão de Roger — e sabia que Jamie também. Mas apesar da perspectiva peculiar que Brianna, Roger e eu tínhamos sobre os acontecimentos vindouros, eu sabia que Jamie fazia uma ideia muito melhor do que estava realmente por vir. E se a passagem pelas pedras apresentava seus perigos, a guerra também.

Ele parou, pensando, depois passou por mim, pegando um pequeno volume no final da estante de livros. Tinha uma encadernação simples,

em pano, e estava bastante surrado; uma edição de Tucídides que ele adquirira na esperança terrivelmente otimista de que Germain e Jemmy pudessem um dia aprender o suficiente de grego para lê-lo.

Abriu o livro devagar, para que as folhas não caíssem. O alfabeto grego me parecia os acessos de raiva de uma minhoca encharcada de tinta, mas ele encontrou o que procurava sem nenhuma dificuldade.

“Os mais corajosos certamente são aqueles que têm a visão mais clara do que está diante deles, tanto glória quanto perigo, e ainda assim partem ao seu encontro.”

As palavras estavam à sua frente e no entanto parecia— Me que ele não as lia do papel, mas das páginas da memória, do livro aberto de seu coração.

A porta bateu com força e eu ouvi Roger gritando lá fora agora, a voz entrecortada erguida num aviso, chamando Jemmy, e depois sua risada, grave e meio sufocada, quando Bri lhe disse alguma coisa, um som mais leve longe demais para que eu ouvisse as palavras.

Então eles se afastaram e fez-se silêncio, a não ser pelo murmúrio do vento nas árvores.

— Os mais corajosos são aqueles que têm a visão mais clara. Bem, você sabe disso melhor do que ninguém, não é? — eu disse suavemente. Coloquei a mão em seu ombro, no ponto onde se unia ao pescoço. Percorri os tendões vigorosos de seu pescoço com o polegar, olhando as letras contorcidas na página. Ele sabia, e eu também; pois a visão que ele possuía fora a que eu lhe mostrara.

Ele continuou segurando o livro, mas inclinou a cabeça para que sua face roçasse minha mão, e seus cabelos cheios tocaram em meu pulso, macios e quentes.

— Ah, não — ele disse. — Eu, não. Só se é corajoso se houver uma escolha envolvida, não?

Eu ri, funguei e passei o pulso de minha mão livre pelos olhos.

— E você acha que não tem escolha?

Ele parou por um instante, depois fechou o livro, embora continuasse a segurá-lo nas mãos.

— Não — disse por fim, com um tom estranho na voz. — Agora não. Virou-se em sua cadeira, olhando pela janela. Tudo que se via era o grande abeto vermelho ao lado da clareira e a profunda sombra do bosque de carvalhos mais atrás, além dos arbustos de amoras silvestres que se alastraram pelo pátio. A mancha escura onde a cruz de fogo estivera agora estava coberta de mato, o lugar densamente tomado pela cevada silvestre.

O ar se moveu e eu percebi que não era silêncio absoluto afinal. Os

sons da montanha nos cercavam, pássaros cantando, água correndo a distância — e vozes também, murmurando nas andanças diárias, uma palavra junto ao chiqueiro, um chamado da latrina. E, acima de tudo, o som de crianças, gritinhos e risadinhas carregados pelo ar em movimento.

— Creio que você tenha razão — eu disse, após um instante. Ele tinha; não havia nenhuma escolha agora e essa constatação me deu uma espécie de paz. O que tivesse que vir, viria. Nós o enfrentaríamos da melhor maneira que pudéssemos, e esperaríamos sobreviver; isso era tudo. Se não sobrevivêssemos, talvez eles conseguissem. Segurei o rabo de cavalo de seus cabelos na mão e enrolei nele meus dedos, segurando com força, como a corda de uma âncora.

— Mas e quanto às outras escolhas? — perguntei-lhe, olhando pela janela com ele, para o pátio vazio e as sombras da floresta mais além. — Todas as que você fez e que nos trouxeram aqui? Essas foram reais, e muito corajosas, se quer saber.

Sob a ponta do meu dedo indicador, eu podia sentir a linha da espessura de um fio de cabelo de sua antiga cicatriz, enterrada no fundo de suas ondas ruivas. Ele inclinou-se para trás e ergueu os olhos para mim, de modo que minha mão agora segurava seu maxilar.

— Oh. Bem... — ele disse, sorrindo levemente. Sua mão tocou a minha e ele entrelaçou os dedos nos meus. — Você sabe muito bem como foi, não é, Sassenach. — Sentei-me ao seu lado, bem junto a ele, minha mão em sua perna e sua mão sobre a minha. Ficamos assim por algum tempo, lado a lado, observando as nuvens de chuva se aproximarem, vindas do rio, como a ameaça de uma guerra distante. E eu pensei que se houvesse escolha ou não, era provável que, por fim, não fizesse diferença.

A mão de Jamie continuou sobre a minha. Apertou-a um pouco e eu olhei para ele, mas seus olhos ainda estavam fixos em algum lugar além das montanhas e das nuvens distantes. Sua mão apertou a minha com mais força e eu senti as bordas de minha aliança penetrarem em minha carne.

— Quando realmente chegar o dia em que tenhamos que nos separar ele disse ternamente, virando-se para olhar para mim, — se minhas últimas palavras não forem “Eu a amo”, você vai saber que foi porque eu não tive tempo.

AGRADECIMENTOS

Os mais profundos agradecimentos da autora a...

...meu editor, Jackie Cantor, sempre o maior defensor do livro acima de tudo.

...meu agente, Russ Galen, sempre ao meu lado, com lança e escudo.

...Stacey Sakal, Tom Leddy e todo o maravilhoso pessoal da produção, que sacrificaram seu tempo, talento e saúde mental na produção deste livro.

...Kathy Lord, a mais rara e encantadora das criaturas, uma excelente editora de texto.

...Virginia Norey, a programadora visual do livro (ou Deusa do Livro), que conseguiu fazer com que a coisa toda coubesse entre duas capas com excelente resultado.

...Irwyn Applebaum e Nita Taublib, editor e subeditora, que se uniram ao grupo e trouxeram sua contribuição.

...Rob Hunter e Rosemary Tolman, pelas informações inéditas sobre a Guerra da Regulamentação e seus muito interessantes e pitorescos ancestrais, James Hunter e Hermon Husband. (Não, eu não invento todas essas pessoas, só algumas.)

...Beth e Matthew Shope, bem como Liz Gaspar, pelas informações sobre a história e as crenças dos quakers da Carolina do Norte. (E observamos aqui, em nome da precisão, que Hermon Husband não era tecnicamente um quaker na época desta história, tendo sido expulso da Assembleia local por ser muito exaltado.)

...Bev LaFlamme, Carol Krenz e seus (respectivos) maridos francês e franco-canadense (que sem dúvida se perguntam que tipo de amigos suas mulheres têm, afinal), pelas opiniões abalizadas sobre as sutilezas dos movimentos intestinais franceses e pela ajuda com expressões idiomáticas francesas muito pitorescas.

...Julie Giroux, pela música de Roger e pela maravilhosa "Sinfonia de Culloden". E a Roy Williamson, pela "Flor da Escócia".

...Roger H. R. Coleman, R. W. Odlin, Ron Parker, Ann Chapman, Dick Lodge, Olan Watkins e vários membros do Compuserve Masonic Fórum pelas informações sobre Maçonaria e Lojas Irregulares, de cerca de 1755 (o que foi bem antes da instituição do Rito Escocês e, portanto, não se deem ao trabalho de me escrever sobre isso, está bem?).

...Karen Watson e Ron Parker, pela assistência em relação às estações de metrô de Londres durante a Segunda Guerra Mundial — a partir da qual tomei algumas insignificantes liberdades técnicas.

...Steven Lopata, Hall Elhott, Arnold Wagner, R. G. Schmidt e Mike Jones, todos honoráveis guerreiros, pelas valiosas discussões sobre como os homens pensam e agem antes, durante e após a batalha.

...R. G. Schmidt e várias outras pessoas adoráveis, cujos nomes eu infelizmente me esqueci de anotar, que contribuíram com diversas informações valiosas sobre os costumes, a língua e as crenças dos cherokee. (O canto da caça ao urso que termina com "Yoho!" é um registro histórico. Há inúmeras coisas que eu não conseguiria inventar ainda que quisesse.)

...família Chemodurov, por generosamente permitir que eu tomasse liberdades com seus personagens, retratando-os como russos criadores de porcos. (Porcos selvagens russos foram realmente importados para a Carolina do Norte, para a caça, no século XVIII. Isso pode ter algo a ver com a popularidade do churrasco no sul.)

...Laura Bailey, por inestimáveis recomendações e comentários sobre trajes e costumes do século XVIII — à maior parte dos quais prestei cuidadosa atenção.

...Susan Martin, Beth Shope e Margaret Campbell, pelas opiniões abalizadas sobre flora, fauna, geografia, clima e mentalidade da Carolina do Norte (e todas as quais desejam ressaltar que só um bárbaro colocaria tomates num molho de churrasco). Aberrações nesses aspectos da história resultam da inadvertência, licença literária e/ou cabeça-dura da parte da autora.

...Janet McConnaughey, Varda Amir-Qrell, Kim Laird, Elise Skidmore, Bill Williams, Arlene MacRae, Lynne Sears Williams, Babs Whelton, Joyce McGowan e dezenas de outras pessoas gentis e prestativas do Compuserve Writers Fórum, que respondem a qualquer pergunta boba sem pestanejar, especialmente se tiver alguma coisa a ver com mutilação, assassinato, doença, a arte de fazer colchas de retalhos ou sexo.

...Dr. Eilen Mandell, pelo aconselhamento técnico sobre como enforcar alguém, depois cortar sua garganta, sem matá-lo no processo. Quaisquer erros na execução dessas instruções são meus.

...Piper Fahrney, pelas excelentes descrições do que é aprender a lutar com espada.

...David Cheifetz, pelo extermínio do dragão.

...Iain MacKinnon Taylor, por sua ajuda inestimável com as traduções do gaélico e suas adoráveis sugestões para o discurso de

Jamie junto à fogueira da Assembleia.

...Karl Hagen, pelos esclarecimentos sobre gramática latina, e Barbara Schnell, pelas palavras em alemão e latim, sem falar de suas extraordinárias traduções dos romances da série para o alemão.

...Julie Weathers, meu falecido sogro, Max Watkins e Lucas, pela ajuda com os cavalos.

...Ladies of Lallybroch, por seu entusiasmo e permanente apoio moral, inclusive o atencioso sortimento internacional de papel higiênico.

...centenas de pessoas que gentil e voluntariamente me enviaram informações interessantes sobre tudo, do desenvolvimento e aplicações da penicilina à maneira de tocar o bodhran, à distribuição do abeto vermelho e ao gosto dos gambás (disseram-me que é gorduroso, caso queiram saber).

...e a meu marido, Doug Watkins, pela última frase do livro.

Diana Gabaldon www.dianagabaldon.com

Eu sobrevivi à guerra e perdi muito. Sei pelo que vale a pena lutar e pelo que não vale.

Honra e coragem são questões viscerais, e, se um homem é capaz de matar por alguma coisa, ele às vezes também é capaz de morrer.

E é por isso, irmão, que uma mulher tem quadris largos; aquela bacia óssea abrigará tanto um homem quanto seu filho. A vida de um homem brota dos ossos de sua mulher, e em seu sangue a honra de um homem é batizada.

Somente por amor eu atravessaria o fogo outra vez.

SOBRE A AUTORA



DIANA GABALDON cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicana-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, tem mestrado em biologia marinha e é Ph.D. em ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. *Outlander*, a *Viajante do Tempo* é o primeiro volume da sua série de enorme sucesso mundial, adaptada para a TV em 2014. Vive atualmente em Scottsdale, no Arizona, com o marido e três filhos.

Star Books Digital

Star Books Digital

